

As novas aventuras de

SHERLOCK HOLMES

TEXTOS DE

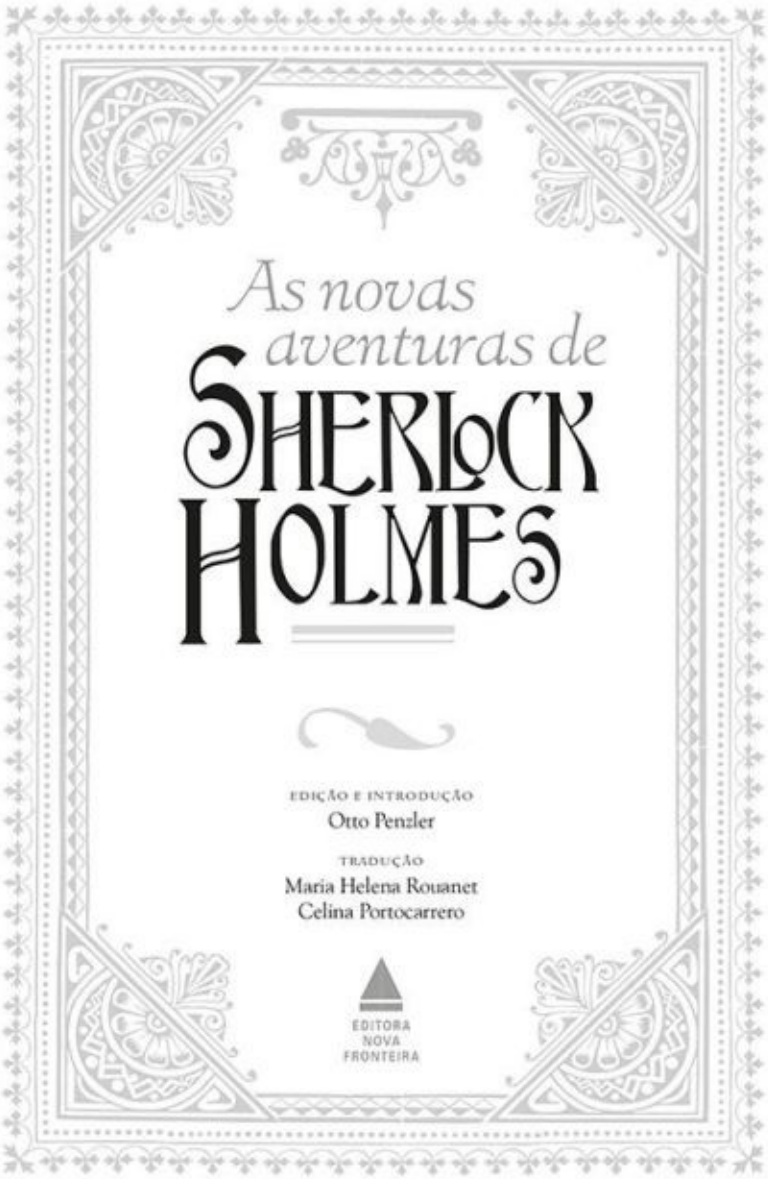
Neil Gaiman, Stephen King, Anthony Burgess, O. Henry, P.G. Wodehouse

E MUITOS OUTROS

EDITORA NOVA FRONTEIRA

As novas aventuras de SHERLOCK HOLMES





Título original: *The Big Book of Sherlock Holmes: Stories*

Introdução e organização Copyright © 2015 by Otto Penzler

Publicado mediante acordo com Sobel Weber Associates Inc

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES

S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada

e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.

Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020

Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

Imagem de capa

John Atkinson Grimshaw, *Reflections on the Thames, Westminster*. Óleo sobre tela, 1880

Citação de *Hamlet* na página 39 traduzida por Millôr Fernandes em *Shakespeare traduzido por Millôr Fernandes*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2014.

Citação de Gerard Manley Hopkins na página 287 traduzida por Augusto de Campos em *Hopkins: a beleza difícil*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

CIP-Brasil. Catalogação na fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

N824

v. 1

As novas aventuras de Sherlock Holmes, volume 1 / organização

Otto Penzler ; tradução Maria Helena Rouanet , Celina

Portocarrero. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2018.

648p. ; 23cm

Tradução de: The Big Book of Sherlock Holmes : Stories

ISBN 9788520942574

1. Ficção americana. I. Penzler, Otto. II. Rouanet, Maria Helena. III.

Portocarrero, Celina.

18-47634

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, por Otto Penzler

Visando a fornecer algumas indicações para a leitura desta volumosa

publicação, dividi as histórias em diversas categorias. Desde já, porém, admito que tal esforço tem uma validade discutível, uma vez que muitas das narrativas

se encaixam em mais de uma dessas subdivisões. (A.A. Milne e P.G.

Wodehouse, por exemplo, foram incluídos na parte “Autores literários”, mas, como escreveram paródias, poderiam muito bem fazer parte desta seção.) Não é

uma tarefa muito diferente da de fazer uma lista de comidas deliciosas e comidas

que engordam: em ambos os casos, necessariamente vai haver uma área de

interseção. As duas opções mais sensatas são ignorar completamente as

categorizações ou sugerir que o leitor não a leve muito a sério e apenas desfrute

das narrativas.

TÃO FAMILIAR QUANTO UMA ROSA NA

PRIMAVERA

Estas são as histórias de Sherlock Holmes mais populares de todos os tempos

e já tiveram inúmeras reedições.

A LITERATURA DO CRIME

Por mero capricho ou verdadeira paixão, vários grandes nomes da literatura decidiram se lançar em alguma aventura de Holmes. Algumas vezes, redigindo simples pastiches, reproduzindo o tom de Doyle; outras vezes, a noção de paródia é irresistível.

NO PRINCÍPIO

Holmes tornou-se uma presença literária tão avassaladora pouco tempo depois de seu aparecimento que paródias começaram a ser publicadas em jornais e revistas com uma velocidade alarmante. A maioria era de péssima qualidade, parecendo peças de teatro burlesco que se baseiam numa única piada nem tão engraçada assim. Alguns dos primeiros textos (todos do século XIX), e os melhores, estão incluídos nesta seção, em ordem cronológica — uma forma tão boa quanto qualquer outra para serem apresentados.

SEM HOLMES

Mesmo sem a presença física da personagem, a sua personalidade e a sua aura não podem ser ignoradas, enchendo o cômodo inteiro com o seu espírito.

DE OUTRO LUGAR

Associamos Holmes a certo tempo e lugar, particularmente Londres “onde é sempre 1895”, como escreveu Vincent Starrett de forma tão simples quanto eloquente. A personagem, porém, aparece de diversas maneiras, em diversos locais, épocas e até níveis espirituais em boa parte das histórias. Além disso, enquanto a essência da genialidade de Holmes se baseia em suas observações e deduções, todas fundamentadas numa lógica afiada, há coisas que não podem ser

explicadas racionalmente.

MANTENDO A LEMBRANÇA VIVA

A lista de homens e mulheres de destaque que demonstraram grande afeição pelo “melhor e mais sábio dos homens que jamais conhec[eram]” (para citar o dr. Watson) é interminável. Embora tenham conquistado carreiras de sucesso em outras áreas, geralmente mantinham Holmes por perto, e aqueles dotados de algum talento expuseram esse afeto por escrito.

VOCÊ ACHA ISSO ENGRAÇADO?

Escrever um pastiche de um detetive famoso, que seja convincente no estilo e contenha um mistério desconcertante, é extremamente difícil. Escrever uma paródia é algo bem mais fácil — já que o foco pode ser dirigido para um único elemento da personagem em vez de abarcar uma gama de características. Mas, escrever um texto que seja efetivamente engraçado deve ser a façanha literária mais difícil. Infelizmente, como o leitor vai ver, nem todos os autores desta seção estavam à altura do desafio, mas foram incluídos aqui porque várias dessas narrativas têm importância histórica. Por sorte, a pior das paródias é generosamente curta.

VITORIANOS CONTEMPORÂNEOS

Hoje em dia, muitos dos mais bem-sucedidos escritores de história de mistério, que, em sua maioria, possuem a própria série de detetives, se afastaram, em algum momento, da sua obra de maior sucesso para escrever uma nova aventura de Sherlock Holmes. O lado bom disso é que eles deram conta da tarefa com mais brilhantismo do que se poderia esperar.

AS PEGADAS DE UM ESCRITOR GIGANTESCO

Não foram apenas escritores atuais que dedicaram sua criatividade à produção

de histórias de Sherlock Holmes. Muitos autores clássicos de outras épocas também aceitaram o desafio de acrescentar uma aventura à lista de casos do maior de todos os detetives.

Capa

Folha de rosto

Ficha catalográfica

Introdução, por Otto Penzler

Tão familiar quanto uma rosa na primavera

O “Hamlet” único – Vincent Starrett

O estojo de charutos roubado – Bret Harte

O caso do homem procurado – Arthur Whitaker

A aventura dos dois colaboradores – James M. Barrie

Os investigadores – O. Henry

Holmes e a mulher incrivelmente sedutora – A.B. Cox

Uma história policial irredutível – Stephen Leacock

A maleta do doutor – Stephen King

A literatura do crime

O mistério de Darkwater Hall – Kingsley Amis

O caso do amador bem-dotado – J.C. Masterman

O falecido Sherlock Holmes – James M. Barrie

Sherlock Holmes e o mistério Drood – Edmund Pearson

Penetrando em Sherlock – A.A. Milne

Extraído da caderneta de um detetive – P.G. Wodehouse

O rubi de Khitmandu – Hugh Kingsmill

A aventura do inseto notável – August Derleth

Um estudo de caligrafia – Ring W. Lardner

O caso de morte e mel – Neil Gaiman

Assassinato em ré maior – Anthony Burgess

No princípio

Uma noite com Sherlock Holmes – James M. Barrie

Histórias que deram errado: as aventuras de Sherlaw Kombs – Robert

Barr

Sherlock Holmes vs. Conan Doyle – Anônimo

A pluma do duque – R.C. Lehmann

O signo dos “400” – Roy L. Mccardell

Sem Holmes

Codeína (7%) – Christopher Morley

O caso da Sra. Hudson – Laurie R. King

O problema final – Bliss Austin

De outro lugar

A aventura do lobo fantasma – Anthony Boucher

As joias da coroa de Marte – Poul Anderson

Sherlock entre os espíritos – Anônimo

O caso dos patriarcas desaparecidos – Logan Clendening

O diabo e Sherlock Holmes – Loren D. Estleman

Mantendo a lembrança viva

O estranho caso dos roubos no Megatério – S.C. Roberts

Uma noite com Sherlock Holmes – William O. Fuller

A aventura da caixa de madeira – Leslie S. Klinger

O bergantim abandonado – Sam Benady

A aventura do canário curioso – Barry Day

A aventura do editor de arte assassinado – Frederic Dorr Steele

O escândalo da substituição de Darlington – David Stuart Davies

O problema das nódoas roxas – James C. Iraldi

Folha de rosto

Você acha isso engraçado?

A aventura da segunda bolsa – Robert Barr

Pura sorte de novo – Stanley Rubinstein

Um enigma pragmático – John Kendrick Bangs

Herlock Shomes de novo em ação – Anônimo

O assassinato da Reigate Road – Anthony Armstrong

A beldade resgatada – William B. Kahn

O casamento de Sherlock Holmes – Gregory Breitman

O retorno de Sherlock Holmes – E.F. Benson e Eustace H. Miles

O desmascaramento de Sherlock Holmes – Arthur Chapman

A aventura do colar de brilhante – George F. Forrest

A aventura do empate de Ascot – Robert L. Fish

Vitorianos contemporâneos

Um caso de identidade equivocada – Colin Dexter

Acontecimentos estarrecedores na cidade eletrificada – Thomas Perry

O caso da loucura do coronel Warburton – Lyndsay Faye

O espectro da abadia de Tullyfane – Peter Tremayne

A aventura do estalajadeiro da Dorset Street – Michael Moorcock

A aventura do lagarto venenoso – Bill Crider

Refém do destino – Anne Perry

A aventura de Zolnay, o trapezista – Rick Boyer

As pegadas de um escritor gigantesco

Terá Sherlock Holmes conhecido Hercule…? – Julian Symons

Um caso insignificante – H.R.F. Keating

Raffles: o enigma do chapéu do almirante e Raffles na pista do cão de caça – Barry Perowne

Raffles na pista do cão de caça – Barry Perowne

A aventura da mensagem cifrada na areia – Edward D. Hoch

Fábrica de Sopa South Sea – Kenneth Millar

A aventura do varal – Carolyn Wells

Sherlock Holmes e o muffin – Dorothy B. Hughes

O homem da Cidade do Cabo – Stuart M. Kaminsky

Mas nosso herói não estava morto – Manly Wade Wellman

A aventura do homem marcado – Stuart Palmer

Agradecimentos por permissões

Colofão

INTRODUÇÃO

Otto Penzler

Há cerca de cem anos, Sherlock Holmes era descrito como uma das três pessoas mais famosas que já tinham existido. As outras duas eram Jesus Cristo e Houdini. Há quem diga que ele é uma personagem ficcional, mas é óbvio que isso é absurdo. Qualquer estudante sabe qual é a sua aparência, a sua profissão e conhece várias das suas características peculiares.

A figura alta, magra, de nariz adunco, usando um chapéu de feltro e uma pelerine, é imediatamente reconhecida nos quatro cantos do mundo. Além das magníficas histórias descrevendo suas aventuras que foram escritas pelo seu amigo dr. John H. Watson (com o auxílio de seu agente literário, sir Arthur Conan Doyle), Holmes foi encarnado no teatro, na televisão, no rádio e em inúmeros filmes. Mais de 25 mil livros, contos e artigos foram escritos a seu respeito, tanto por autores famosos quanto por escritores amadores e intelectuais.

Esta coletânea de paródias e pastiches de Sherlock Holmes é a mais vasta já reunida. Contém histórias sérias produzidas por figuras literárias de destaque, e

histórias igualmente boas escritas por sherlockianos menos conhecidos e algumas paródias de péssima qualidade que foram incluídas aqui mais pelo interesse histórico do que pelo prazer da leitura. Graças a Deus, estas são bem curtas.

Claro que lancei mão de trabalhos alheios, o que é inevitável. A primeira e mais importante antologia do gênero é *As desventuras de Sherlock Holmes* (1944), editada por Ellery Queen, um brilhante pioneiro desse tipo de coletânea cujas melhores realizações — *101 Anos de entretenimento: as melhores histórias policiais 1841-1941* (1941); sua sequência, *To the Queen's Taste* (1946); *A fêmea da espécie* (1943), entre outras — são a verdadeira pedra fundamental da ficção policial.

Outros intelectuais e aficionados que descobriram um vasto material e cujos livros nos deram acesso a textos raros e obscuros são Robert Adey, Richard Lancelyn Green, Charles Press, Marvin Kaye e Mike Ashley.

Meu profundo afeto por Holmes, que já completou cinquenta anos de leituras, me levou a acrescentar histórias a estes volumes dedicados ao célebre detetive que nunca haviam sido reunidas em livro. Embora possa não concordar inteiramente com a afirmação de Watson, de que Holmes é "o melhor e mais sábio dos homens que jamais conheci" — privilégio reservado poucos amigos muito queridos —, ele vem sendo um leal e valoroso companheiro durante a maior parte da minha vida.

Sherlock (que quase se chamou Sherrinford) nasceu no dia 6 de janeiro de 1854, na fazenda de Mycroft (nome do seu irmão mais velho), na região norte de Yorkshire. Solucionou o seu primeiro caso (que acabou sendo intitulado "O Gloria Scott") aos 20 anos, quando ainda era estudante em Oxford. Depois de se formar, tornou-se o primeiro detetive particular do mundo, vocação que jamais

abandonou por 23 anos.

Em janeiro de 1881, ele estava procurando alguém com quem dividir a sua nova moradia localizada na Baker Street, nº 221B, e um amigo lhe apresentou o

dr. John H. Watson. Antes de entrarem em acordo, os dois homens expuseram seus defeitos. “Às vezes, fico meio deprimido e não abro a boca por dias”, confessou Holmes. Ele também fuma o chamado tabaco de marinheiro e faz

experiências com produtos químicos de cheiro forte. No entanto, deixou de mencionar que tem certa inclinação para a cocaína. Embora tenha dito em tom de lamento que gosta de arranhar o violino em momentos de contemplação,

acabou se revelando um virtuose capaz de acalmar os nervos abalados do seu colocatário com sons melodiosos. Entre os defeitos declarados por Watson estão

o fato de ele ter um filhote de cão fila, fazer sérias objeções a qualquer discussão porque os seus nervos não suportam, uma tendência a se levantar da cama “nas

horas mais absurdas” e uma forte inclinação para a preguiça. “Tenho outra série

de vícios quando estou bem de saúde”, acrescentou ele, “mas, no momento, esses são os principais”. Tornaram-se amigos e Watson registrou as façanhas do

seu ilustre colocatário, quase sempre para desgosto de Holmes, que ficava indignado com aquelas narrativas melodramáticas e sensacionalistas. Acreditava

que, no caso de se tornar público, o seu trabalho devia ser relatado como exercícios de pura lógica e raciocínio dedutivo.

Holmes não só tem uma excelente capacidade de dedução, mas também um

intelecto privilegiado. Anatomia, química, matemática, direito britânico e

literatura folhetinesca são apenas uma pequena amostra das áreas que compõem

a sua vasta esfera de conhecimentos, embora não esconda ser pouquíssimo versado em astronomia, filosofia e política. Publicou várias obras notáveis sobre

temas eruditos: *Sobre a distinção entre as cinzas dos diversos tabacos; Um*

estudo da influência de um comércio sobre o formato da mão; Sobre os motetos polifônicos de Lasso; Estudo das raízes caldeias da língua arcaica da Cornualha e *Manual prático de apicultura com algumas observações sobre a segregação da rainha*, sua obra-prima. O seu trabalho em quatro volumes, intitulado *A arte da investigação*, ainda não foi publicado. Quando precisa de alguma informação que o seu cérebro não registra, ele recorre a uma pequena e seleta biblioteca composta por obras de referência e vários cadernos com anotações. Já que só se preocupa com fatos que possam ajudá-lo no trabalho, Holmes ignora o que considera supérfluo. Explica a sua teoria da educação da seguinte forma:

Considero o cérebro humano como sendo inicialmente um sótão vazio que se deve mobiliar da forma que se escolher. Um tolo vai entulhá-lo com todo tipo de traste que encontrar pela frente, de tal forma que os conhecimentos que poderiam lhe ser de alguma utilidade ficam soterrados ou, na melhor das hipóteses, tão misturados com milhares de outras coisas que é difícil encontrá-los… É um erro achar que esse pequeno cômodo tem paredes elásticas e pode atingir qualquer dimensão. Pode ter certeza de que sempre haverá um momento em que, para cada novo conhecimento adquirido, esquecemos algo que já sabíamos.

Um físico atlético complementa a inteligência excepcional de Holmes. Por ser extremamente magro, parece ter bem mais do que sua altura: 1,82m. O nariz adunco e afilado e os olhos penetrantes lhe dão a aparência de uma águia. Por diversas vezes, surpreendeu Watson com demonstrações de força e agilidade; é um excelente boxeador, esgrimista e espadachim. Precisou de toda a sua força à beira das Cataratas de Reichenbach, na Suíça, quando enfrentou seu arqui-inimigo, o professor James Moriarty. Os dois adversários travaram um combate totalmente equilibrado e acabaram caindo do penhasco. Ambos foram dados

como mortos. A Inglaterra inteira chorou a perda do seu maior defensor da lei; em 1894, porém, depois de um sumiço de três anos, Holmes reapareceu. Na verdade, não tinha morrido na queda, mas viu aí uma boa oportunidade para enganar seus diversos inimigos do mundo do crime. Assumiu a identidade de um explorador dinamarquês, Sigerson, e viajou pelo mundo, estando inclusive em Nova Jersey, onde acreditam que teve um romance com Irene Adler (que sempre será *a* mulher de Holmes), e no Tibete, onde aprendeu o segredo da longevidade com o Dalai Lama.

Depois que a srta. Adler (célebre e bela cantora lírica que conhece Holmes em *Um escândalo na Boêmia*) morre, em 1903, ele se aposenta e passa a se dedicar à apicultura nas encostas de Sussex Downs com sua antiga governanta, a sra. Martha Hudson. Deixa o seu retiro logo antes do início da Primeira Guerra Mundial, mas, desde então, pouco se sabe sobre a sua vida.

Holmes sobreviveu àqueles que participaram de vários momentos das suas aventuras. Além de Mycroft, Watson, Moriarty, Irene Adler e da sra. Hudson, entre as personagens secundárias mais conhecidas de suas histórias estão Billy, o mensageiro, que, vez por outra, anuncia a chegada de visitantes ao número 221B da Baker Street; Mary Morstan, que acaba se tornando a sra. Watson; os Baker Street Irregulars, meninos de rua liderados por Wiggins, que saem à procura de informações para Holmes a fim de ganhar alguns trocados; Lestrade, um inspetor da Scotland Yard bastante incompetente; Stanley Hopkins, colega do precedente, só que dotado de grande habilidade; Gregson, o “mais inteligente” de todos os membros dessa corporação, segundo Holmes; e o coronel Sebastian Moran, “o segundo homem mais perigoso de Londres”.

A primeira história escrita sobre Sherlock Holmes, *Um estudo em vermelho*, saiu

originalmente no exemplar de 1887 da revista *Beeton's Christmas Annual* e, no ano seguinte, foi publicada em livro pela Ward, Lock & Company, de Londres. A primeira edição dos Estados Unidos, publicada por J.B. Lippincott & Company, veio a público em 1890. Holmes é chamado para auxiliar a Scotland Yard no que o inspetor Tobias Gregson chama de "um fato grave" ocorrido em Lauriston Gardens, nº 3. Um norte-americano, Enoch J. Drebber, foi assassinado e os policiais só possuem uma única pista: a palavra "Rache" escrita com sangue na parede. Acham que é parte do nome de uma mulher, Rachel, mas Holmes sugere que é "vingança" em alemão. Pouco depois, o secretário particular da vítima, Stangerson, também é encontrado morto e, próximo ao corpo, há a mesma palavra escrita com sangue. Um longo trecho desse romance, que trata dos mórmons, é um *flashback* nada comum.

O signo dos quatro saiu simultaneamente na Inglaterra e nos Estados Unidos no exemplar de fevereiro de 1890 da *Lippincott's Magazine*. Spencer Blackett publicou a primeira edição inglesa em livro ainda no mesmo ano; P.F. Collier fez o mesmo nos Estados Unidos em 1891. Mary Morstan, uma jovem atraente por quem Watson está encantado (e com quem acaba se casando), aparece no apartamento da Baker Street 221B em busca de auxílio. Ela é filha de um capitão do Exército da Índia que está desaparecido há dez anos e de quem nunca mais se ouviu falar. Quatro anos após o seu desaparecimento, a srta. Morstan ganhou um presente anônimo, uma gigantesca pérola brilhante, e, desde então, vem recebendo outras idênticas a cada ano. Holmes e Watson a acompanham em visita ao excêntrico Thaddeus Sholto, irmão gêmeo de Bartholomew Sholto e filho do major que havia sido o único amigo do capitão Morstan em Londres. Holmes se dispõe a encontrar o fabuloso tesouro e logo se vê às voltas com os

estranhos personagens Jonathan Small e Tonga.

“Um escândalo na Boêmia” saiu no exemplar de julho de 1891 da *The Strand Magazine*; sua primeira publicação em livro foi no ano seguinte, em *As aventuras de Sherlock Holmes*. Trata-se do primeiro conto em que a personagem aparece envolvida num inusitado combate com uma dama e não há nenhum crime a ser solucionado. O rei da Boêmia tivera um caso não tão discreto com a bela Irene Adler, que ameaçou fazer um escândalo internacional quando o monarca tentou deixá-la para se casar com uma dama da nobreza. Holmes foi contratado para se apoderar de uma foto lamentável antes que ela fosse enviada à futura noiva de um membro da família real. O detetive acaba vencido e nunca deixa de amar aquela mulher que conseguiu enganá-lo.

Em *O cão dos Baskerville* (1902), sir Charles Baskerville, de Baskerville Hall, em Dartmoor, Devon, é encontrado morto. Não há indícios de violência na cena do crime, mas o rosto do cadáver está exageradamente distorcido numa expressão de terror. O dr. James Mortimer convoca os serviços de Holmes para proteger o jovem herdeiro do patrimônio, sir Henry Baskerville. Watson vai para a sombria mansão ficar de olho em sir Henry; no entanto, é alertado para retornar a Londres por uma vizinha, Beryl Stapleton, a bela irmã de um naturalista local, que escuta um uivo assustador nas proximidades da região rochosa de Grimpen Mire e o identifica como sendo do legendário cão dos Baskerville à procura de sua presa.

Existem sessenta narrativas originais sobre Holmes; mas de uma centena de vezes, porém, tais histórias foram escritas por outros autores. Até o próprio Conan Doyle escreveu uma paródia das suas personagens.

Atualmente, é claro, Holmes continua sendo uma celebridade multimídia, aparecendo em dois filmes de sucesso internacional estrelados por Robert

Downey Jr. Há ainda a série *Sherlock*, produzida para a televisão pela BBC e com Benedict Cumberbatch no papel do detetive, e *Elementary*, série muito popular da CBS com Jonny Lee Miller como Holmes e Lucy Liu como a dra.

Watson.

Apesar dessa paixão universal, poucos não se encantaram com o grande

detetive, e os seus detratores eram liderados por ninguém menos que o próprio Doyle. Cansado da personagem, acreditando que tinha obras de qualidade bem superior para escrever, o autor o jogou das Cataratas de Reichenbach, na Suíça,

juntamente com o traiçoeiro professor Moriarty. Por sorte, como se sabe, o

escritor acabou cedendo à pressão do público e ressuscitou sua personagem escrevendo mais dois romances e 36 contos.



O “Hamlet” único

VINCENT STARRETT

Uma aventura não registrada do sr. Sherlock Holmes

Parece-me que Charles Vincent Emerson Starrett (1886-1974) conseguiu tornar-se um dos maiores apaixonados por livros que os Estados Unidos já conheceram e a sua filha mais nova produziu um dos melhores epitáfios que um "Dofob" — como Starrett admitia ser — poderia desejar. Este termo bastante útil foi forjado por Eugene Field e designa um "damned old fool over books", ou seja, alguém completamente maluco por livros. Quando um amigo ia visitá-lo, a moça abria a porta e dizia que o pai estava "lá em cima, brincando com os livros".

Starrett escreveu inúmeros ensaios, biografias, textos críticos e trabalhos bibliográficos sobre diversos autores. Tudo isso enquanto assinava a coluna "Books Alive" no jornal *Chicago Tribune*, o que fez durante anos. A sua autobiografia, *Born in a Bookshop* (1965), deveria ser leitura obrigatória para todos os bibliófilos.

Escreveu também vários contos de mistério e romances policiais, entre os quais *Murder on "B" Deck* (1929), *Dead Man Inside* (1931) e *The End of Mr. Garment* (1932). O seu conto "Receita para um assassinato", de 1934, foi ampliado e se tornou o romance *O crime do grande hotel* (1935), no qual se baseou o filme de mesmo nome, lançado naquele ano e estrelado por Edmund Lowe e Victor McLaglen.

Há quem diga que seus melhores trabalhos foram os que ele escreveu sobre Sherlock Holmes, especialmente *A vida privada de Sherlock Holmes* (1933) e "O 'Hamlet' único", apontado pelos sherlockianos, durante décadas a fio, como o melhor pastiche já realizado. O texto teve uma edição particular em 1920, feita por Walter M. Hill, amigo do autor, num volume de capa dura e tiragem limitada, mas não se sabe ao certo a quantidade exata de exemplares. Parece que

dez cópias foram entregues ao autor e continham o nome dele na folha de rosto.

Já disseram que a quantidade de exemplares com o nome de Hill na folha de rosto foi de 33, de 100, de 110 e 200. O texto foi escolhido para integrar o *Queen's Quorum* (1951), coletânea dos 100 mais importantes relatos policiais já produzidos.

O "HAMLET" ÚNICO

Vincent Starrett

Uma aventura não registrada do sr. Sherlock Holmes

1

— Holmes — disse eu certa manhã, quando estava diante da nossa janela saliente, olhando à toa para a rua —, sem dúvida alguma o homem que está passando é maluco. Por descuido, alguém deixou a porta aberta e o pobre coitado saiu. Que lástima!

Era uma belíssima manhã de primavera, com uma brisa fresca e um sol convidativo, mas, como ainda era cedo, poucas pessoas circulavam pela rua. Pássaros cantavam sob os beirais dos telhados da vizinhança e, a distância, vindo lá da outra ponta da rua, ouvia-se o ruído monótono do sujeito consertando guarda-chuvas. Um gato magricela se esgueirou pelas pedras do pavimento e desapareceu num pátio. No entanto, a maior parte da rua estava deserta, exceto pela presença do indivíduo excêntrico que havia provocado em mim aquela reação.

Sherlock Holmes levantou-se sem pressa da cadeira onde estava sentado e se postou ao meu lado, parando com as pernas compridas bem afastadas e as mãos enfiadas nos bolsos do seu *robe-de-chambre*. Sorriu ao ver a estranha personagem que se aproximava — e de fato parecia uma personagem, apesar dos

atos curiosos, pois era alto e corpulento, com as suíças já grisalhas aparadas no estilo *muttonchops* e um ar eminentemente respeitável. Andava meio saltitante, feito um cão de caça cansado, erguendo bem os joelhos a cada passo e usava uma corrente de relógio dupla e pesada, que sacolejava e batia na protuberância do seu colete justo. Com uma das mãos segurava desesperadamente a cartola de seda, enquanto com a outra fazia uns gestos estranhos no ar, numa agitação emocional que beirava a comoção. Podíamos praticamente ver os movimentos espasmódicos do seu semblante.

— O que pode estar deixando-o tão transtornado assim? — questionei. — Repare como ele olha para as casas quando passa.

— Ele está olhando para os números — corrigiu Sherlock Holmes com os olhos inquietos —, e imagino que é o nosso que vai deixá-lo mais feliz. A profissão desse homem é bem óbvia.

— Imagino que ele seja banqueiro, ou, pelo menos, alguém de posses — arrisquei, perguntando-me qual detalhe curioso denunciou a profissão do sujeito ao meu notável amigo a partir de um único olhar.

— De posses, sem dúvida — disse Holmes, dando uma piscadela maliciosa —, mas ele não é banqueiro, Watson. Veja como os seus bolsos estão pendendo, apesar do excelente talhe dos seus trajes, e seu olhar um tanto enlouquecido. Ou muito me engano, ou ele vive de coletar…

— Caro amigo! — exclamei. — Nessa idade e com essa postura! E por que estaria nos procurando? Quando quitamos aquela última conta…

— Livros — interrompeu meu amigo em tom severo. — Esse homem é um

colecionador de livros. Sua área de atuação são os Caxton, os Elzevir e as Bíblias de Gutemberg, e não tem nada a ver com esses sujeitos sórdidos encarregados de nos lembrar que não pagamos a conta do mercado. Veja, ele está se virando nesta direção, como eu imaginava, e logo mais vai surgir na soleira da nossa porta para contar a trágica história de uma edição rara que desapareceu de forma extraordinária.

Seus olhos brilharam e ele esfregou as mãos, satisfeito. Só me restava torcer para que suas conjecturas estivessem certas, pois nos últimos tempos Holmes vinha ocupando bem pouco a sua mente e eu vivia com medo de que ele fosse procurar o estímulo de que o seu cérebro precisava num daqueles frascos de cocaína que lhe faziam tão mal.

Assim que Holmes acabou de falar, a sineta da porta ecoou pela casa. Depois, ouvimos passos rápidos na escada e a voz lamentosa da sra. Hudson se elevou num protesto que só pode ter sido provocado pela frustração do seu tão cobiçado privilégio de nos trazer o cartão do visitante. A porta se abriu então de súbito e o objeto de nossa análise se embrenhou, cambaleante, pela sala e desabou em nosso tapete. Ficou ali deitado, feito uma ruína imponente, a cabeça apoiada nas franjas da borda e os pés no balde de carvão. Escondida por detrás dos seus lábios imóveis estava a incrível história que ele tinha vindo contar — afinal, só de ver o estranhíssimo comportamento do nosso cliente, dava para saber que se tratava de algo incrível.

Sherlock Holmes apressou-se para buscar um conhaque enquanto eu me ajoelhei ao lado do homem caído e afrouxei o colarinho da sua camisa. Ele não estava morto e, quando forcei o frasco por entre os seus dentes, sentou-se, ainda meio grogue, esfregando a mão nos olhos. Depois, mesmo com dificuldade,

conseguiu ficar de pé, desculpando-se, constrangido, por sua fraqueza e deixou-se cair na poltrona que Holmes lhe indicou com um gesto convidativo.

— Está tudo bem, sr. Harrington Edwards — disse o meu amigo, tranquilizando-o. — Trate de se acalmar, meu caro senhor, e, quando já estiver recuperado, estaremos à sua inteira disposição para ouvi-lo.

— Então, o senhor me conhece? — exclamou o nosso visitante. Havia orgulho em sua voz e ele ergueu as sobrancelhas com ar de surpresa.

— Nunca tinha ouvido falar do senhor até agora, mas, se preferir ocultar a sua identidade — disse Sherlock Holmes —, seria bom deixar os seus ex-líbris em casa. — Enquanto falava, Holmes virou um pacotinho de papéis dobrados que havia pegado no chão. — Eles caíram da sua cartola quando o senhor teve a infelicidade de desmaiar — acrescentou em tom bem-humorado.

— Claro, claro — retrucou o colecionador, ficando com o rosto exageradamente ruborizado. — Agora estou lembrando. Como a minha cartola estava um pouco larga, dobrei algumas das folhas para enfiá-las por trás da faixa. E acabei esquecendo.

— Um uso lamentável para uma estampa tão bem gravada — disse o meu companheiro, sorrindo. — Isto, porém, é problema seu. E agora, senhor, se estiver efetivamente à vontade, conte-nos o que trouxe até aqui um colecionador de livros, vindo lá de Poke Stogis Manor — o nome está impresso na estampa — atrás de Sherlock Holmes, um consultor especialista em crimes. Certamente só mesmo algo como o roubo do exemplar do Corão do próprio Mohamed poderia afetá-lo desse jeito…

O sr. Harrington Edwards esboçou um sorriso diante da piada, depois suspirou.

— Quem dera fosse apenas isso! — murmurou. — Mas devo começar do começo.

“Devem saber, então, que sou o maior especialista em Shakespeare do mundo. A minha coleção de ‘ *anas*’ é incomparável e a maior parte das coleções que existem (e, consequentemente, o conhecimento do verdadeiro Shakespeare) se originou da minha pena. Havia apenas um livro que eu não tinha; era único, no sentido mais estrito da palavra já tão banalizada: a maior raridade em se tratando de Shakespeare no mundo inteiro. Poucos sabiam da sua existência, pois isto era mantido em segredo por um grupo pequeno e seleto. Se a notícia de que esse livro estava na Inglaterra — ou, na verdade, em qualquer outro lugar — tivesse se espalhado, o proprietário seria caçado até a morte por norte-americanos ricos.

“O livro em questão estava com meu amigo, e digo-lhes isto de forma estritamente confidencial, sir Nathaniel Brooke-Bannerman, que mora em Walton-on-Walton, ao lado da minha casa. Menos de duzentos metros separam os nossos terrenos e a nossa amizade se estreitou tanto alguns anos atrás que mandamos remover as cercas que separavam as duas propriedades, de forma que agora circulamos livremente pelos dois quintais.

“Já faz alguns anos que comecei a trabalhar no meu livro mais importante, a minha obra-prima. Deveria ser minha última publicação abrangendo os resultados de uma vida inteira de estudos e pesquisas. Conheço a Londres elisabetana, senhor, melhor do que qualquer homem vivo; melhor do que qualquer outro homem que já tenha existido; e acho que…”

De repente, ele irrompeu em prantos.

— Calma, calma — disse Sherlock Holmes com gentileza. — Não fique tão aflito. Por favor, prossiga com o seu relato interessante. O que era esse livro que, presumo, desapareceu de uma forma ou de outra? O senhor o pegou emprestado com seu amigo?

— É exatamente aonde pretendo chegar — disse o sr. Harrington Edwards, enxugando os olhos. — Quanto à sua ajuda, sr. Holmes, temo que seja uma tarefa impossível até mesmo para o senhor. Como deduziu, eu precisava daquele livro. Conhecendo o seu valor, absolutamente inestimável, pois é impossível atribuir um preço ao livro, e sabendo como sir Nathaniel o idolatrava, pensei muito antes de pedi-lo emprestado. Mas eu precisava ter aquela obra em mãos, caso contrário não poderia concluir meu livro. Acabei, portanto, fazendo o tal pedido. Propus ir à sua casa e examinar o volume na sua frente, com ele sentado ao meu lado durante todo o tempo que passasse trabalhando e os criados postados diante de cada porta e de cada janela, empunhando armas.

“Pode imaginar minha surpresa quando sir Nathaniel riu das minhas precauções. ‘Meu caro Edwards’, disse ele, ‘tudo isso faria sentido se você fosse Arthur Rambidge ou sir Homer Nantes (referindo-se a duas pessoas proeminentes do Museu Britânico), ou o sr. Henry Hutterson, o magnata norte-americano das ferrovias. Mas você é meu amigo, Harrington Edwards. Pode levar o livro para casa e ficar com ele pelo tempo que quiser’. Protestei veementemente, posso lhe garantir, mas ele se manteve firme e fiquei tão comovido com sua demonstração de estima que acabei concordando que as coisas acontecessem como ele desejava. Meu Deus! Se eu tivesse insistido… Se

pelo menos eu…”

Calou-se e, por um instante, ficou olhando fixamente para o nada. Seus olhos estavam voltados para a chinela persa na parede, em cuja ponta Holmes guardava o seu tabaco, mas dava para perceber que seus pensamentos estavam bem longe dali.

— Vamos, sr. Edwards — disse Sherlock Holmes em tom firme. — O senhor está se afligindo sem motivo. E está prolongando de forma insensata a nossa curiosidade. Ainda nem nos disse que livro é esse…

O sr. Harrington Edwards agarrou com firmeza os braços da poltrona em que estava sentado. Quando falou, foi num tom de voz baixo e animado:

— Trata-se de um *Hamlet* in-quarto, datado de 1602, apresentado por Shakespeare ao seu amigo Drayton, com uma inscrição de quatro linhas, escrita e assinada pelo próprio mestre!

— Meu caro senhor! — exclamei.

De tão surpreso, Holmes soltou um longo assobio.

— É verdade! — exclamou o colecionador. — Foi esse livro que peguei emprestado e que perdi! O tão cobiçado in-quarto de 1602, com uma anotação autêntica do próprio Shakespeare! O maior dos seus dramas, numa edição datada de um ano antes de qualquer outra que se conheça. Um exemplar perfeito e com quatro linhas escritas com a sua própria letra! Único! Extraordinário! Impressionante! Magnífico! Colossal! Incrível! In…

Pelo visto, o sr. Edwards estava disposto a prosseguir indefinidamente.

Holmes, porém, que a princípio estava sentado, imóvel, chocado com a importância de tal perda, interrompeu a sequência de adjetivos:

— Aprecio sua emoção, sr. Edwards — disse ele —, e o livro é, sem dúvida, tudo que o senhor disse que era. Na verdade, é tão importante que devemos começar agora mesmo a enfrentar o problema de tentar recuperá-lo. Suponho que tal exemplar seja facilmente identificável, não?

— Sr. Holmes — começou nosso cliente com toda a franqueza —, seria impossível escondê-lo. É um livro tão importante que, assim que se tornou seu proprietário, sir Nathaniel Brooke-Bannerman solicitou uma consulta com os maiores encadernadores do Império. Dela participaram o sr. Riviere, *messieurs* Sangorski e Sutcliffe, o sr. Zaehnsdorf, entre outros. Apenas eles, eu mesmo e mais duas pessoas tínhamos conhecimento da existência desse livro. É encadernado em marroquino marrom, com a lombada e as laterais com o mesmo couro, guardas e contra-guardas gravadas a ouro. E tem na capa um detalhe feito com 750 retalhos de couro em cores variadas e enriquecido com a inserção de 87 pedras preciosas. Dito isto não preciso acrescentar que é um desenho que jamais poderia ser reproduzido e olhe que estou mencionando apenas algumas das suas preciosidades. A encadernação foi feita pessoalmente por Riviere, Sangorski, Sutcliffe e Zaehnsdorf, trabalhando alternadamente, e o resultado é uma obra tão magnífica que qualquer homem ficaria feliz em morrer mil vezes só para tê-la por vinte minutos.

— Ó céus! — exclamou Holmes. — Deve ser mesmo um livro belíssimo e, pela sua descrição, juntamente com a percepção da sua importância em função de ele ser o que é, deduzo que se trata de algo muito além do que se poderia chamar de um livro valioso.

— Inestimável! — exclamou o sr. Harrington Edwards. — Mesmo que juntássemos toda a riqueza da Índia, do México e de Wall Street, seria uma quantia pequena demais para pagar por ele.

— O senhor está ansioso para recuperar o livro? — perguntou Sherlock Holmes, fitando-o com um olhar penetrante.

— Meu Deus! — gritou o colecionador, revirando os olhos e escavando o ar com as mãos em garras. — O senhor está supondo…?

— Ora, ora… — interrompeu Holmes. — Só estava brincando. Trata-se de um livro que pode transformar até mesmo o senhor, sr. Harrington Edwards, num ladrão. Mas vamos deixar essa ideia de lado. Sua comoção é muito sincera e, além disso, o senhor sabe muito bem como seria difícil esconder um livro como o que descreveu. Na verdade, só alguém muito ousado o roubaria e conseguiria escondê-lo por um bom tempo. Conte-nos, por favor, como foi que o senhor o perdeu.

O sr. Harrington Edwards pegou o frasco de conhaque que estava próximo ao seu cotovelo e o esvaziou de um só gole. Com a força renovada, graças à bebida, prosseguiu com o seu relato:

— Como eu já lhes disse, sir Nathaniel me obrigou a aceitar o livro emprestado, contra a minha vontade. Na noite em que fui à sua casa, ele me disse que dois dos seus criados, fortemente armados, me acompanhariam no caminho do jardim até a minha casa. “Não há perigo”, disse, “mas vai se sentir mais seguro assim”. Agradeci do fundo do coração. Como posso contar o que aconteceu? Sr. Holmes, foram exatamente esses dois criados que me atacaram e

roubaram o precioso volume que eu carregava!

Sherlock Holmes esfregou as mãos magras, satisfeito.

— Esplêndido! — murmurou. — Este é o tipo de caso que me interessa.

Estamos nos aventurando em águas profundas, Watson. Mas o senhor está se demorando demais na história, sr. Edwards. Talvez ajude mais se eu lhe fizer algumas perguntas. Que caminho tomou para voltar para casa?

— A via principal. É uma boa estrada que passa na frente das nossas

propriedades. Achei melhor seguir por aquele caminho em vez de atravessar o bosque às escuras.

— E menos de duzentos metros separam as duas portas. A que altura ocorreu

o assalto?

— Mais ou menos no meio do caminho entre os portões das duas casas, eu

diria.

— Não havia nenhuma luz?

— Só a da lua.

— O senhor conhecia os criados que o acompanharam?

— Um deles, superficialmente. O outro, nunca tinha visto.

— Pode descrevê-los para mim, por favor?

— O que eu conheço chama-se Miles. Não tem barba, é baixo e forte apesar

de ser um homem mais velho. Se não me engano, era considerado um dos

criados de maior confiança de sir Nathaniel, pois trabalhava para ele havia vários

anos. Claro que não sou capaz de descrevê-lo minuciosamente, pois nunca

prestei muita atenção. O outro era alto, corpulento, e bem barbudo. Era caladão. Acho que não disse uma única palavra durante todo o trajeto.

— Miles era mais comunicativo?

— Ah, sim… Talvez até um pouco tagarela demais. Falou sobre o clima, a lua e nem sei mais o quê…

— Mas não de livros?

— Ninguém tocou nesse assunto.

— Como foi o ataque?

— Foi tudo muito de repente. Como eu disse, tínhamos chegado mais ou menos à metade do caminho quando o homem mais alto agarrou meu pescoço, acredito que para me impedir de gritar. Nesse exato momento, Miles arrancou o livro dos meus braços e foi embora. Logo depois, seu companheiro o seguiu. Eu, que tinha sido estrangulado, não consegui gritar de imediato, mas, assim que consegui fazê-lo, tenho certeza de que os meus gritos ecoaram por toda a região. Tentei persegui-los, mas não vi sinal deles. Os dois tinham desaparecido.

— Vocês saíram da casa juntos?

— Miles e eu, sim. O outro homem se juntou a nós diante da casa do porteiro, porque estava ocupado terminando algumas de suas tarefas.

— E sir Nathaniel? Onde ele estava?

— Ele se despediu de mim na soleira da porta.

— E o que ele disse sobre essa história toda?

— Não contei nada a ele.

— O senhor não lhe contou nada? — questionou Sherlock Holmes, espantadíssimo.

— Não tive coragem — confessou o nosso cliente, arrasado. — Isso vai matá-lo. Aquele livro era a razão da sua vida.

— Quando aconteceu esse incidente? — indaguei, lançando um olhar para Holmes.

— Excelente, Watson — disse o meu amigo em resposta ao meu olhar. — Eu ia fazer exatamente a mesma pergunta.

— Ontem à noite — respondeu o sr. Harrington Edwards. — Passei a maior parte do tempo enlouquecendo e não consegui pregar os olhos. A primeira coisa que fiz quando amanheceu foi procurá-lo. Na verdade, tentei entrar em contato com o senhor por telefone ainda ontem, mas ninguém atendeu.

— De fato — replicou Holmes, parecendo se lembrar de algo. — Fomos à estreia de madame Trentini e, depois, jantamos no Albani.

— Ah, sr. Holmes, acha que pode me ajudar? — exclamou o pobre coitado.

— Creio que sim — respondeu o meu amigo, animado. — Na verdade, tenho certeza de que sim. Tal livro, como o senhor mesmo observou, não é fácil de esconder. O que me diz de darmos um pulo a Walton-on-Walton, Watson?

— Há um trem saindo daqui a meia hora — disse o sr. Harrington Edwards, olhando o relógio. — Vocês vão comigo?

— Não, não — replicou Holmes, rindo. — Isso nunca daria certo. Ainda não devemos ser vistos juntos, sr. Edwards. É importante que o senhor volte sozinho nesse primeiro trem, a menos que tenha outros assuntos a tratar em Londres. Meu amigo e eu viajaremos juntos. Há outro trem ainda esta manhã?

— Uma hora mais tarde.

— Excelente. Então, até lá!

2

Como prometido, pegamos o trem na Estação Paddington uma hora mais tarde e começamos a nossa viagem para Walton-on-Walton, um pequeno vilarejo agradável e aristocrático onde havia acontecido a cena do curioso acidente sofrido por nosso amigo de Poke Stogis Manor. Recostado na poltrona, Sherlock Holmes soprava argolas de fumaça na direção do teto do nosso compartimento, que, felizmente, estava vazio. Já eu me dedicava à leitura do jornal matutino. Depois de um tempo, cansado de ler, voltei-me para Holmes e o flagrei olhando pela janela, todo sorridente e citando Horácio bem baixinho.

— Tem uma teoria? — perguntei, espantado.

— É um erro gravíssimo pôr a teoria à frente da evidência — respondeu ele.

— Apesar disso, andei pensando no problema interessante do nosso amigo sr. Harrington Edwards e, nessa história, há diversos indícios que só podem apontar para uma única conclusão.

— Quem acredita que seja o ladrão?

— Meu caro — retrucou Sherlock Holmes —, já esqueceu que sabemos quem é o ladrão? Edwards declarou sem sombra de dúvidas que foi Miles quem se apoderou do livro.

— Claro — admiti, encabulado. — Tinha esquecido. Tudo o que precisamos

fazer, então, é encontrar Miles.

— E um motivo — acrescentou meu amigo, rindo. — A seu ver, Watson, qual

teria sido o motivo neste caso?

— Inveja — repliquei.

— Você me surpreende!

— Miles foi subornado por um colecionador rival que, de uma forma ou de outra, ficou sabendo da existência desse livro notável. Você lembra que Edwards

nos disse que um segundo homem veio ao encontro deles próximo ao portão?

Essa seria uma excelente oportunidade para uma substituição: alguém tomaria o

lugar do criado escolhido por sir Nathaniel. Não é um bom raciocínio?

— Você está se superando, meu caro Watson — murmurou Holmes. — O

raciocínio é excelente e, como acabou de observar muito acertadamente, era a oportunidade perfeita para uma substituição.

— Não concorda comigo?

— Seria difícil, Watson. Para aplicar um golpe tão engenhoso, um

colecionador rival precisaria, antes de tudo, saber da existência do livro, como você sugeriu, mas também precisaria saber em qual noite exatamente o sr.

Harrington Edwards iria buscá-lo na casa de sir Nathaniel, o que denunciaria a colaboração do nosso cliente. No entanto, devemos considerar que a decisão dele

em aceitar o empréstimo foi repentina e não teve qualquer determinação prévia.

— Não me lembro de ouvi-lo dizer isso.

— Ele não disse, mas é uma dedução bem simples. Para começo de conversa,

Watson, um colecionador de livros já é alguém bem maluco, mas tentá-lo com uma isca como esse Shakespeare in-quarto significa privá-lo de qualquer

resquício de sanidade. O sr. Edwards não teria conseguido esperar. Foi

anteontem à noite que sir Nathaniel lhe ofereceu o livro e ontem à noite ele correu para aceitar a oferta, e, incidentalmente, correu também para a catástrofe.

Acho um milagre que ele tenha conseguido esperar um dia inteiro para fazer isso…

— Fabuloso! — exclamei.

— Elementar — retrucou Holmes. — Se estiver interessado, gostará de ler

Emoção transcendental, de Harley Graham; e eu mesmo sou culpado de ter produzido uma pequena brochura em que cataloguei cerca de 1.200 profissões e

o efeito emocional que novidades extraordinárias podem provocar nos seus

membros, tanto para o bem quanto para o mal.

Fomos os únicos passageiros a desembarcar em Walton-on-Walton, mas algumas indagações aqui e ali nos revelaram que o sr. Harrington Edwards havia

voltado no trem anterior. Holmes, que tinha se disfarçado antes de descer do vagão, se encarregou de todas as conversas. Estava usando o boné virado para trás, com um lápis enfiado atrás da orelha e a bainha da calça arregaçada. De um

dos seus bolsos, pendia a ponta de uma trena. Era o protótipo do fiscal de obras

municipal e tudo que me passou pela cabeça foi que, se eu não o conhecesse, pensaria exatamente isso se cruzasse com ele na rua. Acatando sua sugestão, afundei um pouco meu chapéu na cabeça e vesti o paletó pelo avesso. Depois, ele me entregou uma das pontas da trena e continuou segurando a outra enquanto

andávamos pelas ruas. Vestidos assim, parando de vez em quando para nos

ajoelhar na poeira e medir ostensivamente alguns trechos da via, seguimos até Poke Stogis Manor. Os habitantes do lugar que ocasionalmente passavam por nós ao dirigir-se para a estação ferroviária nos davam tanta atenção quanto dariam a um cachorro.

Demoramos a ver a propriedade do nosso amigo, uma casa pitoresca e

labiríntica, que ficava bem no fundo do quintal, cercada por carvalhos que formavam um quadrado. Um caminho de cascalho ligava a estrada à porta da casa e, ao caminhar por ali, um raio de sol atingiu em cheio uma antiga aldraba

na porta, fazendo-a reluzir. O cenário como um todo, com os campos

ensolarados servindo de pano de fundo, tinha a calma e o conforto típicos das áreas rurais. Mal podíamos acreditar que aquela era a cena do curioso problema

que tínhamos vindo investigar.

— Não vamos entrar ainda — disse Sherlock Holmes ao passar diante do

portão que se abria para a propriedade do nosso cliente. — Mas devemos

considerar a possibilidade de voltar na hora do almoço.

A partir deste ponto, havia um ligeiro declive na estrada e a vegetação nas suas margens era mais fechada. Sherlock Holmes mantinha os olhos fixos no caminho à nossa frente e, depois de percorrermos pouco menos de cem metros,

ele parou.

— Foi aqui — disse, apontando para o local — que aconteceu o assalto.

Observei atentamente o chão de terra sem conseguir perceber qualquer sinal de luta.

— Lembra-se de que tudo ocorreu na metade do caminho entre as duas casas?

— prosseguiu ele. — Não, há pouquíssimos indícios. Não houve confronto

violento. Por sorte, porém, com a proverbial chuvinha de ontem à noite o solo gravou nitidamente as pegadas — acrescentou, apontando para a marca de um

pé, e mais outra e ainda uma terceira.

Ajoelhando-me consegui ver que, na verdade, muitos pés haviam percorrido aquela estrada.

Holmes se estirou no chão de terra e começou a se remexer, com o nariz grudado no solo, resmungando depressa alguma coisa em francês. Depois, limpou a lente de uma lupa para examinar melhor algo que havia chamado sua atenção. Logo depois, porém, balançou a cabeça, desapontado, e prosseguiu com a sua exploração. Não deixei de pensar em um nobre cão de caça que se enganou e ficou farejando em círculos na tentativa de recuperar o cheiro perdido. No entanto, poucos instantes depois, ele conseguiu, exclamando de prazer, e voltou a ficar de pé, ziguezagueando de um jeito curioso pela estrada e parando diante de uma ponte, apontando o dedo magro para uma falha nos arbustos.

— Não é de espantar que eles tenham desaparecido — disse, sorrindo, quando me aproximei. — Edwards achou que tivessem seguido pela estrada, mas foi por aqui que os dois passaram. Depois, recuando um pouco, ele deu uma corridinha e pulou para passar pela moita. — Siga-me com cuidado — alertou-me ele —, pois não podemos deixar que as nossas pegadas acabem nos confundindo. — Com menos destreza que o meu companheiro, caí, mas ele logo me ajudou a me levantar e a recuperar o equilíbrio. — Olhe! — exclamou Holmes, examinando o solo; e bem nítidas, no mato e na lama, vi as pegadas de dois pares de pés. — O sujeito mais baixo passou pela moita — disse Sherlock Holmes, exultante —, mas o bandido mais alto pulou por cima dela. Veja como suas pegadas estão fundas. Ele aterrissou pesadamente na lama macia. É bem significativo que

tenham seguido por este caminho, Watson. Isso não lhe sugere nada?

— Que esses homens conheciam tão bem a propriedade de Edwards quanto as

terras de Brooke-Bannerman — respondi.

Fiquei feliz em ver meu amigo acenar com a cabeça em sinal de aprovação.

Sem dizer mais nada, ele se jogou no chão e, por alguns instantes, nós dois fomos nos arrastando penosamente pelo mato. De repente, tive uma ideia

assustadora.

— Holmes — sussurrei, chocado —, você reparou para qual direção as

pegadas estão indo? Direto para a casa do nosso cliente, o sr. Harrington Edwards!

Ele assentiu devagar, com os lábios cerrados. As duas trilhas de pegadas terminavam abruptamente diante da porta dos fundos da Mansão Poke Stogis!

Sherlock Holmes se pôs de pé e olhou o relógio.

— Chegamos bem na hora do almoço — anunciou, limpando seus trajes.

Então, deliberadamente, bateu à porta. Pouco depois, estávamos diante do nosso

cliente. — Como circulamos um pouco pelos arredores — disse o detetive,

desculpando-se —, tomei a liberdade de vir pela porta dos fundos.

— Tem alguma pista? — perguntou o sr. Harrington Edwards, ansioso.

Holmes exibiu um estranho sorriso de triunfo.

— Para dizer a verdade — respondeu ele, baixinho —, acho que resolvi o seu

pequeno problema, sr. Harrington Edwards.

— Meu caro Holmes! — exclamei.

— Meu caro senhor! — exclamou o nosso cliente.

— Ainda preciso descobrir o motivo — admitiu o meu amigo —, mas, com relação aos fatos principais, não resta qualquer dúvida.

O sr. Harrington Edwards se deixou cair numa poltrona; estava pálido e trêmulo.

— O livro — disse ele, com a voz rouca. — Conte-me o que houve.

— Tenha paciência, meu bom homem — aconselhou Holmes, gentilmente. — Não comemos nada desde o nascer do sol e estamos famintos. Tudo em seu tempo. Permita-nos almoçar primeiro e, então, as coisas vão se esclarecer. Nesse meio-tempo, eu gostaria de telefonar para sir Nathaniel Brooke-Bannerman, pois desejo que ele também esteja presente para ouvir o que tenho a dizer.

As súplicas do nosso cliente foram em vão. Holmes ia poder se divertir e almoçar. No fim das contas, o sr. Harrington Edwards dirigiu-se à cozinha para pedir que preparassem uma refeição enquanto Sherlock Holmes foi fazer a ligação. Falou rapidamente, de forma ininteligível, e voltou sorrindo. Eu, porém, não perguntei nada. Na hora certa, esse homem extraordinário nos contaria a história do seu jeito. Eu tinha ouvido tudo o que ele tinha ouvido, e visto tudo o que ele tinha visto. No entanto, estava totalmente perdido. Mas, apesar disto, o sorriso sombrio do nosso anfitrião não saía da minha cabeça, e, independentemente do que houvesse acontecido, senti pena dele. Logo depois, estávamos sentados à mesa. O nosso cliente, arredio e nervoso, comia devagar, constrangido. Os seus olhos praticamente não desviavam do rosto inescrutável de Holmes. Eu também não estava lá muito confortável, mas Sherlock Holmes

comeu com gosto, contando algumas das suas aventuras anteriores — que, algum dia, devo tornar públicas, se conseguir decifrar as notas ilegíveis que fiz naquelas ocasiões.

Quando terminamos a refeição enfadonha, fomos até a biblioteca, onde Sherlock Holmes ocupou a poltrona mais confortável com um ar de proprietário que, em outras circunstâncias, teria sido até engraçado. Preparou o cachimbo e o acendeu, numa demonstração quase maliciosa de falta de cortesia, enquanto o sr. Harrington Edwards suava, agoniado, apoiado no console da lareira.

— Por que nos fazer esperar, sr. Holmes? — murmurou ele. — Diga-nos de uma vez quem… quem… — Sua voz se desvaneceu num lamento.

— O criminoso — começou Sherlock Holmes, sem pressa alguma — é…

— Sir Nathaniel Brooke-Bannerman! — disse uma criada, enfiando subitamente a cabeça pelo vão da porta.

O anúncio foi seguido pela entrada do belo baronete cujo livro tão valioso havia causado toda essa comoção e infelicidade.

Sir Nathaniel estava pálido, parecendo doente. Mal entrou e começou a falar.

— Fiquei muito aborrecido com o seu telefonema — disse ele, olhando para o nosso cliente. — O senhor falou que tem algo a me dizer sobre o volume in-quarto. Não me diga… que… aconteceu… algo… com ele!

Nervoso, apoiou-se à parede para manter o equilíbrio, e fiquei com muita pena do pobre homem.

O sr. Harrington Edwards voltou-se para Sherlock Holmes.

— Ah, sr. Holmes! — exclamou em tom patético. — Por que mandou chamá-lo?

— Porque — replicou o meu amigo — quero que ele ouça a verdade a respeito do Shakespeare in-quarto. Acredito, sir Nathaniel, que não lhe contaram que o sr. Edwards foi assaltado ontem à noite. E o seu precioso livro foi roubado… Roubado pelos criados de confiança que o senhor mandou que o acompanhassem para protegê-lo.

— O quê?! — exclamou o nobre colecionador. Cambaleou, levou a mão ao coração e, por fim, desabou numa poltrona. — Meu Deus! — balbuciou ele, e repetiu: — Meu Deus!

— Imagino que tenha ficado desconfiado quando seus criados não voltaram — prosseguiu o detetive.

— Eu não os vi — respondeu sir Nathaniel num sussurro. — Não me misturo com a criadagem. Nem sequer sabia que os dois não tinham voltado. Mas diga-me… Conte-me tudo!

— Por favor, sr. Edwards — disse Sherlock Holmes, voltando-se para o nosso cliente —, pode repetir a sua história?

Diante da solicitação, o sr. Harrington Edwards relatou novamente o infeliz episódio, concluindo com uma exclamação sofrida:

— Ah, Nathaniel, será que algum dia poderá me perdoar?

— Pelo que sei, a culpa não foi toda sua — observou Holmes, em tom animado. — Os culpados são os próprios criados de sir Nathaniel e foi ele mesmo que os mandou acompanhá-lo.

— Mas o senhor disse que tinha resolvido o caso, sr. Holmes! — exclamou o nosso cliente, totalmente desesperado.

— E resolvi mesmo — concordou Holmes. — A pista estava em suas mãos desde o momento do incidente, mas o senhor não soube usá-la. Tudo gira em torno das atitudes curiosas do criado mais alto antes do assalto.

— Atitudes do…? — balbuciou o sr. Harrington Edwards. — Como assim? Ele não fez nada… Não disse nada!

— Isso é que é curioso — observou Sherlock Holmes.

Sir Nathaniel ficou de pé com certa dificuldade.

— Sr. Holmes — disse ele —, isso está me aborrecendo mais do que pode imaginar. Não poupe esforços para recuperar o livro e levar à justiça os patifes que o roubaram. Mas preciso ir embora e pensar… pensar…

— Fique — retrucou o meu amigo. — Já consegui pegar um deles.

— O quê! Onde? — exclamaram os dois colecionadores em uníssono.

— Aqui mesmo — disse Sherlock Holmes e, dando um passo à frente, pôs uma das mãos no ombro do baronete. — O senhor era o criado mais alto, sir Nathaniel. O senhor era um dos ladrões que atacaram o sr. Harrington Edwards e roubaram dele o seu próprio livro. Agora, senhor, diga-nos por que fez isso?

Sir Nathaniel Brooke-Bannerman cambaleou e teria caído se eu não houvesse corrido para segurá-lo. Fiz com que se sentasse numa poltrona. Quando o encaramos, notamos a confissão em seus olhos; a culpa estava estampada em seu rosto.

— Ora, ora — disse Holmes, impaciente. — Será que é mais fácil para o senhor se eu contar a história como efetivamente aconteceu? Então, está bem. O

senhor se despediu do sr. Harrington Edwards na soleira da porta, sir Nathaniel,

desejando-lhe boa noite com um sorriso nos lábios e a maldade no coração. E, assim que passou pela porta, enfiou-se num casacão, ergueu o colarinho e seguiu

por um caminho mais curto até a casa do porteiro onde se encontrou com o seu

amigo e Miles, fingindo ser um dos seus próprios criados. Não disse uma única

palavra em momento algum porque ficou com medo. Temia que o sr. Edwards reconhecesse a sua voz. E, com uma barba arranjada às pressas para cobrir o rosto, passaria despercebido na escuridão da noite.

“Depois de estrangular e roubar o livro das mãos do seu melhor amigo, o senhor e seu comparsa saíram correndo pelo terreno do sr. Edwards até a porta

dos fundos de sua casa, achando que, caso houvesse uma investigação, eu seria

chamado, seguiria as pegadas e acusaria o sr. Harrington Edwards pelo crime.

Tudo faria parte de um plano tramado entre os patifes dos seus criados que, supostamente, teriam sido subornados pelo seu vizinho que seria, então,

considerado o mandante desse falso assalto cometido contra ele mesmo. O seu erro, senhor, foi terminar abruptamente os rastros diante da porta dos fundos do

sr. Harrington. Se tivesse deixado outra trilha levando de volta à sua própria residência, eu não teria hesitado em prender o sr. Harrington Edwards por esse roubo.

“Certamente sabe que nos casos policiais que eu investigo a solução mais óbvia nunca é a correta. O simples fato de o dedo da suspeita ser apontado para

certo indivíduo é o bastante para absolvê-lo de qualquer culpa. Se tivesse lido as histórias narradas por meu amigo e colega, dr. Watson, não teria cometido um erro desse. E ainda ousa se intitular bibliófilo!”

A única resposta do infeliz baronete foi um longo gemido.

— Prosseguindo… Ali, na porta dos fundos da casa do sr. Edwards, a sua trilha terminou. O senhor entrou na casa do seu vizinho e passou a noite debaixo

do teto dele, ouvindo-o lamentar a perda, e aqueles gemidos que encheram a noite alegraram sua alma abominável. Pela manhã, quando ele saiu para me procurar, o senhor, juntamente com Miles, saiu de forma sorrateira e voltou para

a sua casa pela estrada movimentada.

— Tenha piedade! — exclamou o nobre arrasado, encolhendo-se na poltrona.

— Se essa história vier a público, estarei arruinado. Eu não tive escolha. Não podia permitir que o sr. Edwards examinasse o livro pelo que isso acabaria revelando. Por outro lado, eu não podia dizer não ao meu melhor amigo que veio

pedi-lo emprestado.

— As suas palavras acabaram de me dizer tudo o que eu ainda não sabia —

observou Sherlock Holmes com ar severo. — Agora, o motivo não poderia estar

mais claro. A tal obra, meu senhor, é uma fraude e, sabendo que o seu amigo erudito ia descobrir isso, preferiu sujar o nome dele para salvar o seu. O livro estava coberto pelo seguro?

— Estava segurado no valor de cem mil libras, segundo ele me disse —

respondeu o sr. Harrington Edwards, muito agitado.

— E, então, ele planejou não apenas se livrar daquele livro dúbio e perigoso,

como ainda embolsar a bela recompensa — comentou Holmes. — Vamos, meu

senhor, conte-nos tudo. Até que ponto a obra era falsa? Era apenas a inscrição?

— Vou lhe contar — disse de súbito o baronete — e me pôr à mercê de meu

amigo, o sr. Edwards. Na verdade, o livro inteiro era uma fraude. Foi composto a

partir de duas cópias imperfeitas da edição in-quarto de 1604. Juntando as duas, criei um volume perfeito, e um indivíduo extremamente habilidoso, que já morreu, trocou a data com tamanha perícia que só um especialista de destaque detectaria a falsificação. Acontece que o sr. Harrington Edwards é um especialista desse calibre, o único homem no mundo que poderia me desmascarar.

— Muito obrigado, Nathaniel — disse o sr. Harrington Edwards.

— É claro que a inscrição também era falsa — prosseguiu o baronete —, assim como todo o resto.

— E o livro? — indagou Holmes. — Onde foi que o destruiu?

Um sorriso sombrio surgiu no rosto de sir Nathaniel.

— Ainda deve estar queimando na fornalha da casa do sr. Edwards.

— Então ainda não deve ter sido destruído! — exclamou Holmes e correu para o porão, de onde voltou, alguns momentos mais tarde, com uma folha de papel chamuscada. — Que pena! Que pena! Apesar da autenticidade questionável, era um belíssimo exemplar. Só foi parcialmente destruído, mas vamos deixá-lo queimar por inteiro. Peguei uma das folhas como lembrança dessa ocasião. — Dobrou-a com cuidado e a enfiou na carteira. — Imagino que o senhor é que dará o veredicto neste caso, sr. Harrington Edwards. E é claro que sir Nathaniel não deve tomar nenhuma providência quanto a receber o dinheiro do seguro.

— Então, vamos esquecer essa história — disse o sr. Harrington Edwards, suspirando. — Este será um capítulo encerrado da história da bibliomania. —

Fitou sir Nathaniel Brooke-Bannerman por bastante tempo, e, depois, estendeu a mão. — Eu o perdoo, Nathaniel. — Foi tudo o que disse.

Os dois trocaram um aperto de mãos e havia lágrimas nos olhos do baronete. Profundamente emocionados, Holmes e eu nos afastamos daquela cena tocante e saímos pela porta sem que ninguém percebesse. Logo, logo o ar fresco soprava em nossas têmporas e expulsamos dos pulmões a poeira daquela biblioteca.

3

— Esses colecionadores de livros são uns sujeitos bem estranhos… — resmungou Sherlock Holmes durante a viagem de volta à cidade.

— Só lamento não poder publicar as anotações que fiz sobre esse caso tão interessante — retruquei.

— Espere um pouco, meu caro doutor — observou Holmes —, e poderá fazê-lo. Com o tempo, ambos acabarão encarando essa história como um episódio bem divertido e eles próprios contarão o caso para outras pessoas. Assim, as suas anotações poderão ser publicadas e mais um relato dos probleminhas do sr. Sherlock Holmes será divulgado para o mundo inteiro.

— Mas o episódio sempre refletirá sobre sir Nathaniel — repliquei.

— Ele vai se vangloriar disso — profetizou Sherlock Holmes. — Estará presente nos círculos livrescos com Chatterton, Ireland e Payne Collier. Guarde o que estou dizendo: ele já consegue perceber a oportunidade que tudo isso representa no que diz respeito a lhe proporcionar uma imortalidade sinistra. Sir Nathaniel vai ser o primeiro a contar essa história.

— E por que você pegou uma folha de *Hamlet*? — indaguei. — Por que não uma das pedras preciosas da encadernação?

Sherlock Holmes deu uma boa risada. Depois, desdobrou a tal folha bem devagar e, achando graça, apontou para uma mancha que havia na página.

— Puro capricho — respondeu ele. — Para preservar uma caracterização bem acurada dos nossos amigos. Este trecho é uma verdadeira joia. Veja só, o bom Polônio diz: "Que Hamlet está louco é verdade. É verdade lamentável. E lamentável ser verdade; uma louca retórica." Há muito mais sentido em Mestre William do que em Hafez ou em Confúcio, e muito mais felicidade na expressão… Cá estamos em Londres e, agora, meu caro Watson, se nos apressarmos, chegaremos a tempo para a matinê de Zabriski.

O estojo de charutos roubado

BRET HARTE

Vários especialistas que já organizaram coletâneas, incluindo Ellery Queen, descrevem esse texto tantas vezes publicado como a melhor paródia de Sherlock Holmes (embora, confesso, eu seja fã de diversos textos escritos por Robert L. Fish). Contudo, há muito mais conexões entre os dois autores mais populares do período vitoriano do que o simples fato de ambos terem escrito sobre Holmes.

Bret Harte (1836-1902) ficou conhecido como um dos primeiros e maiores cronistas da vida no Oeste norte-americano, especificamente durante os anos da corrida do ouro na Califórnia, escrevendo histórias como *The Outcasts of Poker Flat* (1869), que serviu de base para diversos filmes, e *A sorte de Roaring Camp*

(1868), que lhe trouxe fortuna e fama em todo o país. O seu sucesso, porém, não durou muito, embora ele tenha continuado a ser regularmente publicado: as suas histórias não foram tão bem recebidas nos Estados Unidos, sendo geralmente consideradas nada originais e muito sentimentais. Harte mudou-se para a Inglaterra em 1885, onde sua obra conquistou um público grande e entusiasta. Foi ali que passou o resto da vida — o que é bem estranho, já que ele era considerado “a quintessência do escritor norte-americano”.

Em sua biografia, Arthur Conan Doyle admitiu que vários dos seus contos iniciais, tais como “O mistério de Sasassa Valley” (1879) e “A história do americano” (1880), tinham “ecos de Bret Harte”. Além disso, o enredo de sua obra “O nobre solteiro” (1892) apresenta semelhanças impressionantes com o poema narrativo de Harte intitulado “Her Letter”.

“O estojo de charutos roubado” foi publicado inicialmente na edição de dezembro de 1900 da *Pearson’s Magazine*; sua primeira edição em livro aconteceu em *Condensed Novels: New Burlesques* (Boston & Nova York, Houghton Mifflin, 1902).

O ESTOJO DE CHARUTOS ROUBADO

Bret Harte

Encontrei Hemlock Jones no velho apartamento da Brook Street, pensativo diante da lareira. Com a liberdade de um velho amigo, assumi aquela atitude tão familiar e fui me sentar aos seus pés, passando delicadamente a mão pela sua botina. Dois motivos me levaram a fazer isso: primeiro porque, assim, poderia ver bem o seu rosto baixo e concentrado, e também porque isso comprovava minha reverência diante da sua perspicácia sobre-humana. Mas, apesar de tudo, ele estava tão absorto em perseguir alguma pista misteriosa que pareceu nem notar minha presença. Mas eu estava enganado, como sempre acontecia quando

eu tentava compreender seu poderoso intelecto.

— Está chovendo — disse ele, sem erguer a cabeça.

— Você saiu? — perguntei de imediato.

— Não. Mas estou vendo que o seu guarda-chuva está molhado e que há gotas de água no casaco que tirou ao entrar.

Tamanha acuidade me deixava perplexo. Depois de alguns instantes, ele disse, em tom displicente, como que minimizando o impacto do ocorrido:

— E, além disso, ouço a chuva batendo na janela. Escute só…

Prestei atenção e mal acreditei nos meus ouvidos que percebiam o leve toque das gotas na vidraça. Claro que era impossível enganar aquele homem!

— Tem andado ocupado? — perguntei, mudando de assunto. — Que novo problema, considerado insolúvel pela Scotland Yard, vem ocupando seu grande intelecto?

Ele recuou o pé um pouquinho e pareceu hesitar em voltá-lo ou não à posição anterior. Respondeu, então, em tom cansado:

— Só ninharias… Nada que mereça ser comentado. O príncipe Kapoli veio aqui pedir a minha opinião sobre o desaparecimento de alguns rubis do Kremlin; o rajá de Pootibad, depois de mandar decapitar toda a sua guarda pessoal totalmente em vão, viu-se obrigado a pedir a minha ajuda para recuperar uma espada incrustada de joias. A grã-duquesa de Pretzel-Brauntswig quer saber onde estava o seu marido na noite de 14 de fevereiro e, ontem à noite — ele baixou ligeiramente o tom de voz —, um morador deste mesmo prédio, ao me encontrar

na escada, quis saber “por que eles não atendem à campainha?”

Não consegui conter o sorriso, mas depois percebi as rugas de preocupação que tinham se formado na sua testa impenetrável.

— Não esqueça — disse ele, friamente — que foi a partir de uma pergunta como essa, aparentemente banal, que descobri “por que Paul Ferroll havia

matado a esposa” e “o que tinha acontecido com Jones”!

Eu fiquei sem fala. Ele ficou calado por um instante e, de repente, retomando

o seu estilo impiedoso e analítico de costume, acrescentou:

— Quando digo que se trata de ninharias é só em comparação com o caso que

tenho à minha frente. Cometeram um crime e, por estranho que pareça, contra mim. Você ficou espantado — prosseguiu. — Decerto está se perguntando como

alguém teve tanta ousadia! Pensei a mesma coisa. No entanto, o fato é que o crime ocorreu. *Fui roubado*!

— Roubado! *Você*! Logo você, Hemlock Jones, o terror dos bandidos!

Quase engasguei de tão espantado. Levantei-me, segurando-me à mesa e

olhando para ele.

— Exatamente. Ouça. Não confessaria isso a mais ninguém. Mas *você*, que acompanhou a minha carreira, que conhece os meus métodos; você, para quem

ergui em parte o véu que encobre meus planos com relação aos homens comuns;

que, por anos a fio, acolheu de bom grado as minhas confidências, admirou apaixonadamente as minhas induções e inferências, se pôs à minha disposição, tornou-se meu escravo, ajoelhou-se aos meus pés, abriu mão da própria carreira

a não ser por aqueles poucos pacientes que não lhe pagavam nada e a quem, nos

momentos em que estava absorvido pelos *meus* problemas, administrou

estricnina, em vez de quinino, e arsênico, em vez de sal de Epsom; você que sacrificou tudo e todos por mim… Em *você* eu confio!

Levantei-me e lhe dei um abraço caloroso, mas ele já estava tão imerso nos próprios pensamentos que, no mesmo instante, levou a mão ao relógio de bolso

como se fosse olhar a hora.

— Sente-se — disse ele. — Pegue um charuto.

— Parei de fumar charutos — repliquei.

— Por quê? — indagou ele.

Hesitei e talvez tenha até enrubescido. Na verdade, eu tinha parado de fumar

porque, praticamente sem clientes, esse hábito tornara-se muito caro. Eu só podia me dar ao luxo do cachimbo.

— Prefiro um cachimbo — falei, risonho. — Mas conte-me sobre esse roubo.

O que foi que levaram?

Ele se levantou e, postando-se diante da lareira com as mãos escondidas sob a

pelerine, baixou os olhos na minha direção e ficou assim por um instante, refletindo.

— Lembra-se do estojo de charutos que ganhei de presente do embaixador da

Turquia por ter descoberto que a favorita do grão-vizir que havia desaparecido estava trabalhando como uma das cinquenta coristas do Hilarity Theatre? Pois foi isso. Era todo incrustado de diamantes.

— E o maior de todos havia sido substituído por uma resina — falei.

— Ah! — exclamou Jones, sorrindo e com um ar pensativo. — Sabe disso?

— Você mesmo me contou. Lembro-me de considerar esse detalhe uma

demonstração da sua percepção extraordinária. Mas, por Deus, não está me

dizendo que o perdeu?

Ele ficou um tempo em silêncio.

— Não. Foi roubado. É verdade. Mas ainda vou encontrá-lo. E sozinho! Na sua área, meu caro amigo, quando um profissional fica seriamente doente não deve prescrever medicação para si mesmo, mas chamar um colega. Neste ponto,

há uma diferença entre nós. Devo assumir esse caso sozinho.

— E quem melhor para fazer isso? — respondi, entusiasmado. — Eu diria que

a caixa de charutos praticamente já foi encontrada…

— Vou provar que está certo — retrucou ele, em tom brando. — E, agora, para demonstrar a confiança que tenho na sua avaliação, a despeito da minha determinação em cuidar sozinho do caso, estou disposto a ouvir qualquer

sugestão que possa me dar.

Tirou um caderninho do bolso e, com um sorriso contido, pegou o lápis.

Eu mal podia acreditar no que estava acontecendo. Ele, o grande Hemlock

Jones, aceitando sugestões de um sujeito humilde como eu! Beijei sua mão, em

reverência, e comecei, em tom animado:

— Antes de mais nada, eu divulgaria o roubo, oferecendo uma recompensa.

Colocaria algumas informações em folhetos a serem distribuídos em *pubs* e casas de chá. Depois, visitaria as diversas casas de penhores e também

informaria a polícia. Observaria os criados. Procuraria pela casa toda e nos meus

próprios bolsos. Claro que estou falando de forma genérica — acrescentei, rindo.

— Na verdade, estou me referindo aos *seus* próprios bolsos.

Ele anotou os detalhes.

— Talvez — acrescentei — você já tenha feito tudo isso…

— Talvez — replicou ele em tom enigmático. — Agora, meu caro amigo —

prosseguiu, enfiando o caderninho no bolso e se levantando —, pode me dar licença por uns instantes? Fique à vontade até eu voltar. Pode ser que algumas coisas — acrescentou, fazendo um gesto amplo em direção às estantes de

conteúdo bastante heterogêneo — lhe interessem e o ajudem a passar o tempo.

Ali no canto tem cachimbos e tabaco, e uísque em cima da mesa.

E, com um aceno de cabeça e o mesmo rosto inescrutável, saiu da sala. Eu estava tão acostumado com os seus métodos que nem dei muita importância à saída tão sem cerimônia. Com certeza ele tinha ido investigar alguma pista que

houvesse ocorrido de súbito àquele cérebro tão ativo.

Sozinho, passei os olhos pelas estantes. Havia ali alguns frasquinhos de vidro

com substâncias terrosas, todas etiquetadas “Resultado da varredura de ruas e calçadas”, oriundas das principais vias públicas da cidade e dos subúrbios de Londres. E nas etiquetas havia também um subtítulo: “Para identificar pegadas.”

Nas etiquetas de outros frascos estava escrito “Estofado de assentos de ônibus e

outros meios de transporte”, “Fibra de coco e de cordas de tapetes encontradas em locais públicos”, “Guimbas de cigarros e fósforos do chão do Palace Theatre,

Fila A, 1 a 50”. Por todo lado havia evidências do sistema e da perspicácia daquele homem fabuloso.

Eu estava entretido com tudo aquilo quando ouvi o leve ruído de uma porta se

abrindo. Ergui os olhos e deparei com um estranho entrando. Era um homem de

aparência rude, usando um sobretudo bastante surrado, um cachecol ainda mais

velho e um boné. Muito aborrecido com aquela invasão, virei-me abruptamente

para o homem, mas, murmurando um pedido de desculpas por ter se enganado

de apartamento, ele saiu de mansinho e fechou a porta. Fui depressa atrás dele até o patamar e o vi desaparecer escada abaixo.

Com a cabeça tomada pela questão do roubo, o incidente me causou uma estranha impressão. Eu sabia que o meu amigo tinha o hábito de sair às pressas nos momentos de grande inspiração. Era bem provável que, com o poderoso intelecto e o magnífico gênio perceptivo concentrados num tema qualquer, ele se descuidasse dos próprios pertences e, sem dúvida, tivesse se esquecido de tomar a precaução habitual de trancar as gavetas. Experimentei uma ou duas e descobri que tinha razão: mas, por algum motivo, não consegui abrir totalmente uma delas. Os puxadores estavam escorregadios, como se alguém tivesse tocado neles com as mãos sujas. Conhecendo a mania de limpeza de Hemlock, decidi avisá-lo de tal circunstância, mas, infelizmente, acabei esquecendo até que… Estou pulando partes da história.

Sua ausência foi estranhamente prolongada. Por fim, acabei me sentando junto à lareira e, embalado pelo calor e pelo barulho da chuva caindo na janela, peguei no sono. Devo ter sonhado, pois, enquanto dormia, tive a sensação, num estado de semiconsciência, de que algumas mãos apalpavam de leve os meus bolsos.

Certamente, fui induzido pela história do roubo. Quando acordei, vi Hemlock Jones sentado do outro lado da lareira, concentrado e com os olhos fixos no fogo.

— Você estava dormindo tão confortavelmente que não quis acordá-lo — disse ele, sorrindo.

Esfreguei os olhos.

— E aí? — perguntei. — Como se saiu?

— Melhor do que esperava — respondeu ele —, e acho — acrescentou dando uns tapinhas do caderno de notas — que devo muito disso a *você*.

Profundamente satisfeito, fiquei esperando ouvir mais. Mas foi em vão. Devia ter me lembrado de que, quando ficava naquele estado de espírito, Hemlock Jones era a reticência em pessoa… Limitei-me a lhe contar o episódio do intruso, mas ele apenas riu.

Mais tarde, quando me levantei para ir embora, ele me olhou com um ar divertido.

— Se você fosse casado — disse —, eu diria para não voltar para casa sem antes escovar sua manga. Na parte interna do braço, tem uns pelinhos de foca, curtos e marrons. Exatamente na área em que teriam grudado se você tivesse abraçado com força uma estola de pele de foca.

— Pois, desta vez, você está enganado — retruquei, triunfante. — Como pode notar, é o meu próprio cabelo. Acabei de ir ao barbeiro e, com toda certeza, o avental não cobriu bem este braço.

Ele franziu ligeiramente a testa. No entanto, quando me virei para sair, me deu um abraço caloroso, uma rara demonstração de afeto naquele homem de gelo. Chegou até a me ajudar a vestir o casaco e ajeitou as abas dos meus bolsos. Outro gesto inusitado foi ajeitar o meu braço na manga do sobretudo, puxando as mangas para baixo com os dedos afilados.

— Volte logo — disse ele, dando-me uns tapinhas nas costas.

— Sempre — repliquei, entusiasmado. — Só lhe peço dez minutos duas vezes

por dia para comer alguma coisa no consultório e quatro horas de sono por noite. O restante do meu tempo sempre será dedicado a você, como sabe.

— Verdade. É mesmo — observou ele, com o sorriso impenetrável.

Entretanto, ele não estava em casa quando voltei lá. Certa tarde, ao me aproximar da minha residência, eu o encontrei usando um dos seus disfarces favoritos: um casaco azul, trespassado e bem comprido, calça listrada de algodão, colarinho alto, rosto escurecido, chapéu branco e carregando nas mãos um pandeiro. Claro que, para os outros, aquele disfarce era perfeito e, embora eu o conhecesse, passei por ele direto (seguindo um velho acordo tratado entre nós) sem dar sinal de reconhecê-lo, confiando que, mais tarde, viria uma explicação.

Em outra ocasião, fui fazer uma visita profissional à esposa do dono de um *pub* no East End e o vi, disfarçado de artesão bem alquebrado, olhando a vitrine de uma loja de penhores ali perto. Fiquei encantado ao perceber que era evidente que ele estava seguindo as minhas sugestões e, num ímpeto de alegria, me arrisquei a lhe dar uma piscadela. Mas ele se virou como se nada houvesse acontecido.

Dois dias depois, recebi um bilhete marcando um encontro em sua casa naquela noite. Infelizmente, o encontro foi o evento mais memorável da minha vida e o último que tive com Hemlock Jones! Tentarei relatá-lo com calma, embora minha pulsação ainda se acelere só de me lembrar da ocasião.

Encontrei Jones diante da lareira, olhando para o fogo com aquela expressão que eu só tinha visto uma ou duas vezes desde que nos conhecemos — um olhar que eu chamaria de absoluta concatenação entre raciocínio indutivo e dedutivo — e que era desprovida de qualquer vestígio de humanidade, ternura ou empatia.

Ele era simplesmente um símbolo algébrico de gelo! Na verdade, todo o seu ser estava concentrado, a tal ponto que as roupas pareciam frouxas em seu corpo e sua cabeça estava tão reduzida pela compressão mental que o boné escorregava da sua testa e, literalmente, pendia das suas orelhas grandes.

Depois que entrei, ele trancou as portas, fechou as janelas e até colocou uma poltrona diante da chaminé. Enquanto eu observava aquelas precauções tão significativas com enorme interesse, ele pegou subitamente um revólver e, encostando-o na minha têmpora, disse com a voz baixa e glacial:

— Devolva o estojo de charutos!

Apesar do meu espanto, dei uma resposta verdadeira, espontânea e involuntária:

— Não está comigo!

Com um sorriso amargo, ele largou o revólver.

— Não esperava resposta diferente! Então, deixe-me mostrar algo mais terrível, mais mortal, mais impiedoso e convincente do que essa simples arma letal: as malditas provas indutivas e dedutivas da sua culpa!

Tirou do bolso um rolo de papel e um caderninho.

— Você só pode estar brincando… — falei, arquejando. — Não é possível que tenha acreditado, por um momento que fosse…

— Silêncio! — esbravejou ele. — Sente-se!

Obedeci.

— Você mesmo se condenou — prosseguiu ele sem piedade. — Condenou-se segundo os meus processos, esses processos que conhece tão bem, que aplaudiu e aceitou por anos a fio! Vamos voltar ao momento em que você viu o estojo de charutos pela primeira vez. As suas palavras foram — disse ele, num tom deliberadamente frio e consultando os papéis: — "Que lindo! *Quem dera* se fosse meu." Este foi o seu primeiro passo no caminho do crime e a minha primeira pista. Entre "*Quem dera* se fosse meu" para "*Vai* ser meu", e o simples detalhe "Como *fazer* com que seja meu" o progresso é óbvio. Silêncio! Como nos meus métodos, porém, foi preciso encontrar um poderoso estímulo para o crime; a tremenda admiração que você sentia pelo objeto não bastava. Você fuma charutos.

— Mas — respondi em tom veemente — eu lhe disse que parei de fumar charutos!

— Seu tolo! — retrucou ele, com frieza — Esta foi a *segunda* vez que você se incriminou. Claro que me *disse* isso! Quer atitude mais natural do que me transmitir com antecedência essa informação preparada e não solicitada para *evitar* a acusação? No entanto, como eu já disse, mesmo essa inútil tentativa de encobrir os seus rastros não foi suficiente. Eu ainda precisava descobrir o motivo avassalador e compulsivo para afetar um homem como você. E encontrei esse motivo na *paixão*, o mais forte de todos os impulsos. Suponho que você chamaria isso de amor — acrescentou, com amargura — naquela noite em que veio aqui! Você trouxe as malditas provas nas mangas do seu traje…

— Mas… — falei, quase gritando.

— Silêncio! — esbravejou ele. — Sei o que vai dizer. Vai dizer que, mesmo que tivesse abraçado uma jovem usando uma estola de pele de foca, o que isso teria a ver com o roubo? Pois deixe-me falar, então, que essa tal estola denunciou a qualidade e o caráter da sua ligação fatal! Se estivesse minimamente

familiarizado com a literatura relacionada aos jogos de azar, saberia que uma estola de pele de foca indica um amor provocado por sórdidos interesses

mercenários. Você comprometeu a sua honra em nome disso: o estojo de

charutos roubado foi o que lhe permitiu comprar tal objeto! Sem dinheiro em função da prática cada vez mais reduzida da sua profissão, esse era o único jeito

que você tinha para garantir que a sua paixão fosse correspondida por essa jovem que, por consideração a você, nem tentei perseguir. Silêncio! Depois de desvendar o seu motivo, passo agora ao crime propriamente dito. Pessoas

comuns começariam por aí, tentando descobrir o paradeiro do objeto roubado.

Mas os meus métodos não são assim.

A sua perspicácia era tão intensa que, embora eu soubesse que era inocente, passei a língua nos lábios, ávido por mais detalhes da brilhante exposição do meu crime.

— O furto foi cometido na noite em que lhe mostrei o estojo e, depois, com

displicência, o joguei na gaveta. Você estava sentado naquela poltrona e eu tinha me levantado para pegar alguma coisa na estante. Naquele momento, você se apoderou do objeto sem ter que se levantar. Silêncio! Lembra-se de quando eu o

ajudei a vestir o sobretudo na última noite em que veio aqui? Tentei ajeitar o seu

braço na manga com todo cuidado. Aproveitei, então, para medi-lo, do ombro ao

pulso, usando uma fita métrica. Mais tarde, confirmei a medida ao visitar o seu

alfaiate. Resultado: *era exatamente a distância entre a sua poltrona e a gaveta*!

Fiquei sentado ali, atônito.

— Todo o resto não passa de simples detalhes corroborativos! Eu o flagrei mexendo novamente naquela gaveta. Não diga nada! O estranho que entrou aqui

usando o velho cachecol era eu. E tem mais. Passei um pouco de sabão nos puxadores das gavetas quando deixei você aqui sozinho de propósito e, quando

nos despedimos na hora em que estava indo embora, havia sabão na sua mão.

Apalpei os seus bolsos bem de mansinho enquanto você dormia para conseguir mais indícios. Também o abracei para sentir se o estojo de charutos ou qualquer outro objeto estava escondido no seu corpo. Isso serviu para confirmar que você já havia se livrado do objeto do roubo, usando-o para o propósito que revelei.

Como eu ainda acreditava que você fosse capaz de sentir remorso e confessar, por duas vezes deixei que visse que eu o estava seguindo: uma delas disfarçado de menestrel negro; a outra, de operário olhando a vitrine da loja de penhores onde você empenhou o estojo roubado.

— Mas — comecei —, se tivesse interrogado o dono da loja, ficaria sabendo como é injusta…

— Idiota! — disse ele entre os dentes. — Ir a essas lojas foi sugestão *sua*!

Acha que segui alguma das sugestões do próprio ladrão? Pelo contrário, elas me alertaram para o que devia ser evitado.

— E suponho — repliquei, com amargura — que tampouco procurou na sua gaveta.

— Claro que não — disse ele com calma.

Pela primeira vez, fiquei realmente irritado. Fui até a gaveta mais próxima e a puxei com um movimento brusco. Como antes, ela travou, abrindo-se apenas em parte. Mas, com jeitinho, descobri que havia ali algum obstáculo mais alto do que a borda da gaveta e o segurei com firmeza. Enfiando a mão ali dentro, consegui puxá-lo. Era o estojo de charutos. Virei-me para ele com uma exclamação de alegria.

No entanto, fiquei pasmo ao ver sua expressão. Agora, um ar de satisfação tinha vindo se somar àquele olhar agudo e penetrante.

— Eu me enganei — disse ele, lentamente. — Não levei em consideração a sua fraqueza e a sua covardia. Até mesmo em relação à culpa, eu o tive em alta

conta. Mas agora entendo por que estava mexendo na gaveta naquela outra noite.

Sabe-se lá de que jeito, provavelmente graças a outro roubo, você recuperou o estojo de charutos que havia penhorado e, com o rabo entre as pernas, tratou de

devolvê-lo a mim desta maneira covarde e desajeitada. Achou que pudesse me enganar, a mim, Hemlock Jones! Pior ainda: achou que pudesse destruir minha

infalibilidade. Pode ir! Vou deixá-lo livre. Não vou chamar os três policiais que

estão esperando aí na sala ao lado… Porém nunca mais apareça na minha frente!

Mais uma vez, fiquei atordoado e petrificado. Então, ele me agarrou com

firmeza pela orelha, levando-me até o saguão, e fechou a porta às minhas costas.

Depois, voltou a abri-la apenas o suficiente para jogar o meu chapéu, o meu sobretudo, o meu guarda-chuva e as minhas galochas e, por fim, a trancou definitivamente para mim.

Nunca mais voltei a vê-lo. Devo dizer, porém, que, depois disso, a minha situação melhorou: recuperei boa parte da clientela e alguns dos meus pacientes

também se curaram. Fiquei rico. Tenho uma carruagem e uma casa no West End.

Mas, refletindo sobre a perspicácia e a acuidade daquele homem fantástico, muitas vezes me pergunto se, em algum momento de lapso de consciência, não

roubei seu estojo de charutos…

O caso do homem procurado

ARTHUR WHITAKER

Pouco se sabe sobre o esquivo Arthur Whitaker (1882-?), a não ser que ele era

arquiteto e escreveu entre os anos 1892 e 1910, fazendo depois uma breve reaparição em 1949. A única relação entre Whitaker e o universo sherlockiano é o pastiche intitulado “O caso do homem procurado”, por si só cercado de muito mistério quando foi publicado pela primeira vez, em 1948, na *Cosmopolitan Magazine*.

Em 1942, a Associated Press noticiou a existência de uma história inédita de Sherlock Holmes, havia muito perdida, e que teria sido escrita de próprio punho por Arthur Conan Doyle. Dizia-se que Adrian Conan Doyle havia encontrado o manuscrito num baú com documentos da família. Mais tarde, porém, descobriu-se que o texto não era escrito à mão, mas datilografado como todos os outros relatos sherlockianos do autor.

Por vários anos, Adrian se recusou a autorizar que a história fosse publicada, enquanto Jean, filha do escritor, afirmava que aquele texto não havia sido escrito por seu pai. Os Baker Street Irregulars fizeram um apelo para que a obra viesse a público e tal apelo saiu nas páginas da *Saturday Review of Literature*. Em agosto de 1948, a *Cosmopolitan Magazine* recebeu o manuscrito e o publicou como sendo de autoria de Arthur Conan Doyle, fazendo grande alarde em torno do fato de que a última aventura do célebre detetive estava sendo publicada pela primeira vez. O texto voltou a ser publicado no jornal londrino *Sunday Dispatch*, em janeiro de 1949.

Pouco depois, Hesketh Pearson, biógrafo de Doyle, recebeu uma carta de Whitaker explicando que ele era o verdadeiro autor de “O caso do homem procurado” e que havia enviado o manuscrito a Doyle em 1911 na esperança de que fosse publicado como uma colaboração entre ele próprio e o famoso escritor.

Claro que Doyle recusou a proposta, mas mandou para Whitaker um cheque no valor de dez guinéus. Para provar a autenticidade de sua alegação, Whitaker forneceu uma cópia em carbono do manuscrito e, depois de uma breve ameaça de ação judicial, a família de Conan Doyle finalmente aceitou que Whitaker era o verdadeiro autor do pastiche.

O CASO DO HOMEM PROCURADO

Arthur Whitaker

No outono de 1895, ano passado, um golpe de sorte me levou a participar de mais um dos fascinantes casos do meu amigo Sherlock Holmes.

Como minha esposa não andava bem havia algum tempo, acabei conseguindo convencê-la a passar um período na Suíça com uma velha amiga do colégio, Kate Whitney, de cujo nome devem se lembrar por causa do estranho caso que já relatei em “O homem da boca torta”. A minha clientela tinha aumentado muito e fazia meses que eu vinha trabalhando bastante. Nunca quis tanto um descanso e umas férias. Infelizmente, eu não ousava me ausentar por muito tempo e me permitir uma visita aos Alpes. No entanto, prometi à minha esposa que daria um jeito de tirar uma semana ou dez dias de folga e só com essa condição ela aceitou a viagem à Suíça que eu tanto queria que ela fizesse. Naquela época, um dos meus melhores pacientes encontrava-se em estado crítico e foi só em agosto que a crise passou e ele começou a se recuperar. Percebendo que poderia deixar o consultório com a consciência tranquila nas mãos de um substituto, comecei a imaginar onde e como poderia descansar e mudar de ares como eu tanto precisava.

Quase imediatamente pensei em procurar meu velho amigo Sherlock Holmes,

pois fazia vários meses que não nos víamos. Se ele não estivesse às voltas com alguma investigação importante, eu faria o possível para convencê-lo a viajar comigo.

Meia hora depois de tomar essa decisão, eu estava diante da porta do apartamento da Baker Street que me era tão familiar.

Holmes estava deitado no sofá, de costas para mim, usando o *robe-de-chambre* que eu conhecia muito bem e segurava um cachimbo de raiz de roseira, objeto tão comum quanto antiquado.

— Entre, Watson! — exclamou ele, sem se virar. — Entre e me diga que bons ventos o trazem aqui.

— Que ouvido você tem, Holmes! — comentei. — Acho que eu não teria reconhecido os seus passos tão rápido assim…

— Nem eu teria reconhecido os seus — replicou ele —, se você não tivesse subido essa escada tão mal-iluminada de dois em dois degraus, com a familiaridade de um velho morador. Mesmo assim, talvez eu não tivesse certeza de quem se tratava, mas, quando você tropeçou no tapete novo diante da porta, que já está ali há quase três meses, não precisou de mais nada para ser anunciado. — Ele tirou duas ou três almofadas da pilha em que estava recostado e as jogou na poltrona. — Sente-se, Watson, e fique à vontade. Tem cigarros numa caixa atrás do relógio.

Mal comecei a fazer o que ele tinha sugerido, e Holmes me olhou, achando graça.

— Lamento, mas vou desapontá-lo, meu rapaz — disse ele. — Recebi um

telegrama há apenas meia hora e isso vai me impedir de acompanhá-lo em qualquer viagem curta que tenha vindo me propor.

— Sinceramente, Holmes — retruquei. — Não acha que já está exagerando *um pouco*? Estou começando a achar que talvez você seja uma fraude e finja descobrir coisas por meio de simples observação quando, na verdade, sempre faz isso por pura clarividência!

Holmes deu uma risada.

— Conhecendo-o como o conheço, é algo bem simples — disse ele. — Suas cirurgias são realizadas das cinco às sete, e, de repente, às seis horas, você entra todo sorridente na minha casa. Portanto, deve ter um substituto trabalhando no seu consultório. Apesar de cansado, está com boa aparência; então, o motivo mais óbvio é que já está ou vai sair de férias. O termômetro, aparecendo aí no seu bolso, demonstra que andou fazendo visitas diárias hoje, então é evidente que suas férias começam efetivamente amanhã. Se, em tais circunstâncias, você corre até minha casa, onde, aliás, não aparece há quase três meses, Watson, e traz um guia de viagens Bradshaw novinho em folha e uma tabela de excursões no bolso do casaco, é mais do que provável que tenha vindo aqui com a ideia de me propor uma viagem qualquer.

— Tudo isto é a mais pura verdade — falei, e, em poucas palavras, relatei meu plano. — Nem tenho palavras para lhe dizer como estou desapontado por você não poder se juntar a mim nos meus projetos — concluí.

Holmes pegou o telegrama em cima da mesa e o fitou com ar pensativo.

— Se pelo menos a questão aqui referida prometesse ser interessante como algumas investigações que fizemos juntos, nada me encantaria mais do que convencê-lo a se juntar a mim por um tempo. No entanto, não me animo a fazer

isso, pois, pelo que parece, trata-se de um caso bastante banal.

E, embolando a folha de papel, jogou-a em mim.

Desamassei o papel e li: “Para Holmes, Baker Street, nº 221B, Londres, S.W.

Favor vir a Sheffield imediatamente investigar um caso de falsificação. Jervis, gerente do British Consolidated Bank.”

— Respondi avisando que vou para Sheffield no expresso que sai de Saint Pancras à uma e meia da manhã — disse Holmes. — Não posso ir antes porque

esta noite tenho um encontro bem interessante no East End, onde devo obter a última informação de que preciso para fazer a ligação entre um roubo audacioso

no Museu Britânico e quem o instigou. Trata-se de um sujeito com um dos títulos mais antigos e uma das mais belas mansões do país, aliados a uma ganância insaciável, que chega à obsessão, por colecionar documentos antigos.

Antes, porém, de falarmos mais sobre o caso de Sheffield, talvez fosse melhor vermos o que os jornais vespertinos dizem sobre o assunto — prosseguiu ele, enquanto o criado trazia o *Evening News*, o *Standard*, o *Globe* e o *Star*. — Ah, deve ser isto aqui! — exclamou, apontando para o parágrafo com o título “Os notáveis feitos de um falsificador audacioso em Sheffield”.

Já quase no fechamento desta edição, fomos informados de que uma série de

cheques muito bem falsificados foi utilizada com sucesso para sacar dos bancos

de Sheffield uma quantia superior a seis mil libras. O montante total da fraude ainda não foi calculado e os gerentes dos diversos bancos envolvidos foram extremamente reticentes ao serem entrevistados pelo nosso correspondente no local.

Aparentemente, um cavalheiro chamado Jabez Booth, residente de Broomhill,

Sheffield, e que trabalha no British Consolidated Bank desde janeiro de 1881, descontou ontem um número considerável de cheques habilmente falsificados em

doze dos principais bancos da cidade e escapou com o dinheiro.

Ao que parece, o crime foi deliberado e muito bem planejado. É claro que, com a posição que ocupava no principal banco de Sheffield, o sr. Booth tinha excelentes oportunidades de analisar as diversas assinaturas que acabou falsificando e ele ampliou ainda mais as suas chances de ser bem-sucedido ao sacar tais cheques porque abriu, no ano passado, contas nos doze bancos da cidade nos quais apresentou os referidos cheques e se tornou, assim,

pessoalmente conhecido em cada um deles.

E ele foi além: para amenizar qualquer suspeita cruzou cada cheque

falsificado e o depositou na própria conta enquanto, simultaneamente,

preenchia e descontava desta conta cheques correspondentes a cerca de metade do valor que havia sido depositado.

Foi só hoje, quinta-feira, bem cedo pela manhã, que a fraude foi descoberta,

o que significa que o falsário teve praticamente 24 horas para escapar. Apesar

disso, não temos dúvida de que logo haverá alguém atrás dele, pois fomos informados de que os melhores detetives da Scotland Yard já estão à sua procura e há boatos de que o sr. Sherlock Holmes, o conhecido e renomado especialista

da Baker Street, foi convidado para participar da perseguição ao ousado vigarista.

— Em seguida, o jornal faz uma longa descrição do sujeito. Não preciso lê-la,

mas vou guardá-la para usar no futuro, se necessário — disse Holmes, dobrando

o jornal e olhando para mim. — Parece um caso e tanto. Esse tal de Booth não

vai ser pego com tanta facilidade, porque, apesar de não ter tido tanto tempo assim para fugir, não devemos deixar de considerar que ele dispôs de doze meses

para planejar uma forma de desaparecer quando chegasse a hora. Bem… O que

me diz, Watson? Alguns dos probleminhas que enfrentamos no passado devem

ao menos ter nos ensinado que os casos mais interessantes nem sempre surgem

como os mais extravagantes…

— Muito pelo contrário, como diria Sam Weller — repliquei. —

Pessoalmente, nada me agradaria mais do que me juntar a você nesse caso.

— Então, estamos combinados — disse o meu amigo. — Agora preciso sair

para cuidar daquela outra questão de que lhe falei. Lembre-se — acrescentou quando estávamos nos despedindo —, o embarque é em St. Pancras, à uma e meia da manhã.

Cheguei à plataforma bem a tempo, mas só quando os ponteiros do grande

relógio da estação indicaram a hora exata do embarque e os carregadores

começavam a fazer um barulhão ao bater as portas dos vagões é que vi a figura

alta e tão familiar de Holmes.

— Ah, aqui está você, Watson! — exclamou ele, animado. — Tive medo de

que achasse que eu ia perder a hora. Tive uma noite bem ocupada e não havia tempo a perder. No entanto, consegui pôr em prática a teoria de Phileas Fogg, segundo a qual “o mínimo bem empregado é suficiente para tudo”. E aqui estou.

— Acho que a última atitude que eu esperaria de você — falei, enquanto nos

instalávamos, um diante do outro, num vagão de primeira classe onde não havia

mais ninguém — é que fizesse algo tão pouco metódico quanto perder um trem.

Na verdade, só uma coisa me surpreenderia mais: vê-lo na estação dez minutos

antes da hora marcada.

— Para mim, esta última é, sem dúvida, a pior — observou Holmes em tom judicioso. — Agora, porém, precisamos dormir. Teremos um dia cheio pela

frente.

Esta era uma das características de Holmes: comandar o sono de acordo com sua vontade. Infelizmente, ele também conseguia fazer o oposto e quase sempre precisava repetir como prejudicava a si mesmo com isto, pois, nos momentos em que estava profundamente absorto em um dos seus casos estranhos ou desconcertantes, passava dias e noites inteiros sem pregar os olhos.

Diminuiu a luz, recostou-se no seu canto e, em menos de dois minutos, sua respiração regular denunciava que ele já estava dormindo. Como eu não havia sido abençoado com semelhante dom, passei um tempo recostado no meu canto, a cabeça balançando com o movimento ritmado do trem avançando em meio à escuridão. De vez em quando, ao passarmos por uma estação bem-iluminada ou por uma fileira de fornalhas em chamas, eu via o vulto de Holmes encurvado no outro canto, a cabeça pendendo sobre o peito.

Só depois de passarmos por Nottingham consegui efetivamente pegar no sono e, quando um movimento mais brusco do trem passando por um obstáculo no caminho me acordou, já era dia claro. Holmes estava sentado, ocupado com a leitura do guia Bradshaw e dos horários dos barcos. Assim que me remexi, ele olhou para mim.

— Se não me engano, Watson, acabamos de passar pelo túnel Dore and Totley, e, portanto, devemos chegar a Sheffield em alguns minutos. Como pode ver, não fiquei à toa. Aproveitei o tempo para estudar o meu Bradshaw, que, aliás, é o livro mais útil já publicado para qualquer pessoa da minha área de atuação, sem exceção.

— Mas como ele pode ajudá-lo agora? — perguntei, bastante surpreso.

— Bom, pode ajudar ou não — respondeu Holmes, pensativo. — Seja como for, é sempre bom ter todo conhecimento que possa nos servir ao alcance das

mãos. É bem provável que esse tal de Jabez Booth tenha resolvido deixar o país e, se a minha suposição estiver correta, ele terá decerto preparado a sua fuga de acordo com as informações contidas neste livro tão útil. Fiquei sabendo, por meio do *Sheffield Telegraph*, que, aliás, arranjei em Leicester enquanto você dormia profundamente, que o sr. Booth descontou o último dos cheques falsificados no North British Bank, na Saville Street, exatamente às 3h15 da tarde de quarta-feira passada. Usou um coche para percorrer os diversos bancos que visitou e não deve ter demorado mais do que três minutos para ir do último deles à estação ferroviária. A partir disso, posso deduzir em qual ordem percorreu os bancos: ele fez um circuito, terminando no ponto mais próximo à estação onde devemos chegar por volta das 2h18. Acabei de descobrir que, às 2h22, parte uma balsa com chegada a Liverpool prevista para as 4h20 e haverá uma conexão com o *Empress Queen*, da empresa de navegação White Star, que sai do porto de Liverpool às seis e meia com destino a Nova York. Mas há outra opção. Às 2h45 sai uma balsa de Sheffield com destino a Hull e deve chegar lá às quatro e meia, a tempo de se fazer a conexão com o vapor holandês Comet que zarpa às seis e meia para Amsterdã.

“Temos, então, duas opções de fuga bastante plausíveis, sendo que a primeira é mais provável. Ambas, porém, merecem ser levadas em conta.”

Holmes mal tinha acabado de falar quando o trem parou.

— Quase 4h05 — observei.

— Verdade — disse Holmes. — Chegamos exatamente um minuto e meio adiantados. E, agora, proponho um bom café da manhã, com uma xícara de café bem forte, pois temos pelo menos duas horas livres pela frente.

Depois do café, fomos direto à delegacia, onde ficamos sabendo que não havia nenhuma novidade no caso que tínhamos vindo investigar. O sr. Lestrade, da Scotland Yard, havia chegado na véspera, à noite, e assumido oficialmente o caso.

Conseguimos o endereço do sr. Jervis, o gerente do banco em que Booth havia trabalhado, e também o da senhoria do investigado, em Broomhill.

Às sete e meia, um coche nos deixou diante da casa do sr. Jervis, em Fulwood.

Holmes insistiu que eu o acompanhasse e fomos conduzidos a uma ampla sala de estar onde nos pediram que esperássemos até o banqueiro nos receber.

O sr. Jervis, um cavalheiro corado e corpulento, que devia ter uns 50 anos, não tardou a entrar no aposento, esbaforido. Um clima de prosperidade parecia envolvê-lo, ou até mesmo emanar dele.

— Desculpem-me por fazê-los esperar, cavalheiros — disse ele. — Mas é um pouco cedo.

— Sem dúvida, sr. Jervis — replicou Holmes. — Não há de que se desculpar. Se alguém tem que fazê-lo, somos nós. No entanto, preciso lhe fazer algumas perguntas com relação ao caso do sr. Booth antes de prosseguir com a investigação e esta é a nossa desculpa para essa visita em hora tão inoportuna.

— Terei o maior prazer em responder às suas perguntas, se estiver dentro das minhas possibilidades — respondeu o banqueiro que, com os dedos roliços, brincava com alguns berloques pendurados na corrente de ouro maciço do relógio de bolso.

— Quando foi que o sr. Booth começou a trabalhar no seu banco? —

perguntou Holmes.

— Em janeiro de 1881.

— Sabe me dizer onde ele foi morar assim que chegou a Sheffield?

— Ele alugou uns aposentos em Ashgate Road e acho que morava lá desde então.

— Tem alguma informação sobre a vida dele antes de vir trabalhar aqui?

— Poucas, infelizmente. Tudo que sei é que seus pais morreram e que ele veio com as melhores recomendações de uma das nossas filiais em Leads.

— O senhor o considerava competente e confiável?

— Foi um dos melhores e mais inteligentes sujeitos que já trabalharam para mim.

— Sabe se ele falava outra língua além do inglês?

— Com certeza não. Temos um funcionário encarregado de toda a correspondência estrangeira que porventura chegue ao banco e sei que, em diversas ocasiões, Booth lhe entregou cartas e documentos.

— Com a sua experiência em questões bancárias, sr. Jervis, que espaço de tempo razoável, na avaliação de Booth, transcorreria entre a apresentação dos cheques e a descoberta da falsificação?

— Bom, isso depende muito das circunstâncias — respondeu Jervis. — No caso de um único cheque, pode levar uma ou duas semanas, a menos que a quantia seja tão alta que peça uma investigação especial. Quando isso acontece, o tal cheque provavelmente não é descontado até que a investigação chegue ao fim. No caso atual, quando há uma dúzia de cheques falsificados, é bem

improvável que um deles não seja detectado num prazo de 24 horas e a fraude descoberta. Ninguém em sã consciência presumiria que o crime pudesse passar despercebido por um período maior do que esse.

— Obrigado — disse Holmes, levantando-se. — Estes eram os pontos mais importantes que eu queria discutir com o senhor. Entro em contato assim que tiver alguma novidade.

— Fico-lhe profundamente grato, sr. Holmes. Naturalmente, este caso está nos deixando muito aflitos. Fique à vontade para tomar a providência que considerar melhor. Ah, por falar nisso, mandei instruções para a senhoria de Booth, dizendo-lhe para não mexer em nada nos aposentos dele antes que o senhor fosse examiná-los.

— Excelente ideia — disse Holmes. — E talvez seja uma forma efetiva de nos ajudar.

— Também recebi instruções da empresa — disse o banqueiro, nos levando até a porta — para lhe pedir que anote toda e qualquer despesa que tenha, pois, é claro, o senhor será imediatamente reembolsado.

Momentos mais tarde, estávamos tocando a campainha da casa na Ashgate Road, em Broomhill, onde o sr. Booth havia morado por uns sete anos. Quem atendeu foi uma criada que nos informou que a sra. Purnell estava ocupada com um cavalheiro no andar de cima. Quando lhe dissemos o motivo de nossa visita, ela nos levou imediatamente até os aposentos do sr. Booth, no segundo andar. Lá encontramos a sra. Purnell, uma mulher baixinha, gorducha e muito falante, de

uns 40 anos, conversando com o sr. Lestrade, que, pelo visto, estava terminando de examinar o local.

— Bom dia, Holmes — disse o detetive com um tom superior. — Chegou um pouco tarde demais. Creio que já consegui todas as informações necessárias para pegar o nosso homem!

— Fico feliz em ouvir isso — replicou Holmes secamente —, e devo lhe dar os parabéns, se este for mesmo o caso. Quem sabe não comparamos nossas anotações depois que eu fizer uma pequena inspeção aqui?

— Como quiser — disse Lestrade, com o ar de quem pode se permitir ser generoso. — Honestamente, acho que estará perdendo o seu tempo e o senhor concordaria comigo se soubesse o que descobri.

— Mesmo assim, devo lhe pedir que satisfaça esse meu pequeno capricho — retrucou Holmes, recostando-se no console da lareira e assobiando baixinho enquanto dava uma olhada no cômodo. Pouco depois, voltou-se para a sra. Purnell. — Claro que os móveis deste aposento pertencem à senhora…

Ela assentiu.

— O quadro que foi retirado do console da lareira na manhã de quarta-feira passada — prosseguiu ele — presumo que pertencia ao sr. Booth.

Acompanhei o olhar de Holmes até o ponto em que um pedaço desbotado do papel de parede indicava claramente que, até pouco tempo atrás, havia um quadro pendurado ali. No entanto, por mais que eu conheça os métodos de raciocínio do meu amigo, não notei que os restos de teias de aranha que estavam atrás do quadro e continuavam presos à parede eram provas de que o quadro só podia ter sido retirado dali pouco antes da sra. Purnell receber ordens para não

mexer em nada naquele cômodo; caso contrário, o seu espanador, visivelmente ativo em todos os cantos da casa, não teria poupado aquelas teias.

A boa senhora olhou para Holmes, boquiaberta.

— O próprio sr. Booth o retirou na quarta-feira de manhã — disse ela. — Era um quadro que ele mesmo tinha pintado e do qual gostava muito. Embrulhou a pintura e a levou consigo, dizendo que ia dá-la de presente a um amigo. Na hora, fiquei espantada, porque sabia o quanto ele apreciava o tal quadro. Na verdade, certa vez até me disse que não se desfaria daquilo por nada no mundo. Claro que agora fica fácil perceber por que resolveu se livrar da tela.

— Verdade — disse Holmes. — Pelo que vejo, não era um quadro grande. Era uma aquarela?

— Era, sim. Um trecho de uma campina com três ou quatro rochedos dispostos como se formassem uma mesa no topo de uma elevação. O sr. Booth dizia que eram elementos druídicos ou algo assim…

— Quer dizer que o sr. Booth pintava com frequência? — indagou Holmes.

— Não enquanto morou aqui, meu senhor. Pelo que me disse, ele pintava muito quando era mais jovem, e depois abandonou o hábito.

Os olhos de Holmes haviam voltado a percorrer o aposento e ele soltou uma exclamação de surpresa quando viu uma foto em cima do piano.

— Decerto esta foto é do sr. Booth — disse ele. — Corresponde exatamente à descrição que me fizeram dele.

— É — concordou a sra. Purnell. — Uma foto muito boa…

— Há quanto tempo foi tirada? — perguntou Holmes pegando o retrato.

— Ah, poucas semanas atrás, senhor. Eu estava aqui quando o funcionário do estúdio fotográfico veio trazê-las. O sr. Booth abriu o envelope enquanto eu ainda estava no quarto. Havia só duas fotos: esta aí e uma outra que ele me deu.

— Tudo isso é muito interessante — comentou Holmes. — Esse terno listrado que ele está usando era o mesmo que vestia quando foi embora na quarta de manhã?

— Era, sim. Pelo que lembro, ele estava vestido exatamente assim.

— Consegue se lembrar de algo importante que o sr. Booth tenha lhe dito nesse dia, antes de partir?

— Temo que não, meu senhor. Quando eu lhe entreguei a xícara de chocolate, ele disse…

— Espere um pouco — interrompeu Holmes. — O sr. Booth tomava sempre uma xícara de chocolate pela manhã?

— Ah, sim. Tanto no inverno quanto no verão. Ele fazia muita questão disso e tocava a sineta assim que acordava. Acho que preferia sair sem tomar café da manhã a ficar sem o seu chocolate. Bom, como eu estava dizendo, meu senhor, trouxe a xícara de chocolate na quarta-feira de manhã e ele fez um comentário qualquer sobre o tempo. De repente, na hora em que eu ia saindo, ele disse: “Aliás, sra. Purnell, vou embora hoje à noite e ficarei algumas semanas fora. Já fiz a mala e vou passar para buscá-la à tarde.”

— A senhora certamente ficou muito espantada com um aviso assim tão

súbito, não? — perguntou Holmes.

— Nem tanto, meu senhor. Desde que começou a fazer o trabalho de auditoria nas filiais nunca se sabia quando ele ia viajar. Claro que nunca ficava mais de duas semanas fora, a não ser no período das festas de fim de ano. Mas ele se ausentava por alguns dias com tanta frequência que acabei me acostumando a só saber disso em cima da hora.

— Deixe ver se entendi. Há quanto tempo ele vinha fazendo esse trabalho extra no banco? Há vários meses, não é mesmo?

— Mais. Acho que foi na época do Natal que lhe deram essas tarefas.

— Ah, claro — disse Holmes com certo descaso. — E com certeza ele passava bastante tempo fora de casa por causa desse trabalho…

— Na verdade, era algo que parecia deixá-lo bem cansado. Imagine, meu senhor, trabalhar até tarde da noite… Foi o bastante para virar a cabeça do sr. Booth, pois ele sempre foi um cavalheiro bem tranquilo, caseiro e, antes disso, raramente saía à noite.

— Ele deixou muita coisa aqui? — perguntou Holmes.

— Quase nada, para dizer a verdade. E a maioria das coisas que tinha era velharia, sem valor. Mas ele é um ladrão honestíssimo, meu senhor — disse a sra. Purnell sem se dar conta do paradoxo — e, antes de ir embora na quarta-feira, deixou o aluguel pago até o próximo sábado, já que ainda não teria voltado.

— Belo gesto — observou Holmes, sorrindo e com um ar pensativo. — Aliás, sabe por acaso se ele se desfez de outros tesouros antes de partir?

— Não *exatamente* antes, mas ao longo dos últimos dois ou três meses ele levou a maioria dos livros e acho que os vendeu. Pouco a pouco. O sr. Booth adorava

livros velhos e me disse que algumas edições que tinha valiam um bom

dinheiro.

Durante

toda

a

conversa,

Lestrade

ficou

sentado

tamborilando

impacientemente os dedos na mesa. Então, levantou-se e disse:

— Pois acho que devo deixá-los com as fofocas. Preciso ir andando e dar instruções para a prisão do sr. Booth. Se ao menos tivesse olhado para o velho

mata-borrão que encontrei no lixo, teria se poupado de todo esse trabalho desnecessário, sr. Holmes.

E, com ar triunfante, jogou um mata-borrão usado em cima da mesa.

Holmes o pegou e o segurou diante do espelho que ficava acima do aparador.

Espiando por cima dos ombros dele, li nitidamente as marcas de um bilhete escrito de próprio punho pelo sr. Booth, que reconheci porque Holmes havia arranjado algumas amostras da letra dele.

Era dirigido a uma agência de viagens de Liverpool, dando instruções para reservarem uma cabine privada e uma passagem de embarque no *Empress Queen*

com destino a Nova York. Partes do bilhete desapareceram sob outras marcas, mas dizia ainda que, anexo, seguia um cheque para o pagamento da passagem

etc… e estava assinado “J. Booth”.

Holmes ficou calado, analisando o papel por um bom tempo.

Era um mata-borrão bem gasto, mas, por sorte, as marcas do bilhete estavam bem no meio e poucos trechos eram obliterados por outras marcas e por manchas que cobriam toda a circunferência externa do papel. Num dos cantos, dava para decifrar nitidamente o endereço da agência de viagens de Liverpool, o que demonstrava que o papel também havia sido usado para sobrescritar o envelope.

— Meu caro Lestrade, você teve muito mais sorte do que eu imaginava — disse Holmes, afinal, devolvendo-lhe o mata-borrão. — Posso lhe perguntar quais providências pretende tomar agora?

— Vou telegrafar imediatamente para Nova York pedindo que a polícia local prenda o sujeito assim que ele desembarcar — disse o detetive. — Antes, porém, preciso me certificar de que o navio não fará nenhuma parada em Queenstown ou em qualquer outro porto por onde ele possa escapar.

— Não fará, não — replicou Holmes baixinho. — Já verifiquei, pois achei que era provável que o sr. Booth pretendesse embarcar no *Empress Queen*.

Lestrade me deu uma piscadela e eu adoraria ter acertado um soco nele, já que ficou claro que não estava acreditando no meu amigo. Senti uma pontada de decepção ao perceber que a perspicácia de Holmes havia sido ofuscada por algo que, afinal de contas, não passara de um simples golpe de sorte de Lestrade.

Holmes tinha se virado para a sra. Purnell e estava lhe agradecendo.

— Não precisa disso, meu senhor — disse ela. — O sr. Booth merece ser preso, mas devo dizer que comigo ele sempre foi um perfeito cavalheiro. Só gostaria de ter podido lhe dar informações mais úteis.

— Pelo contrário — retrucou Holmes. — Posso lhe assegurar que o que a

senhora nos disse foi da maior importância e vai nos ajudar de forma muito efetiva. Aliás, acabou de me ocorrer que talvez possa nos acomodar, a mim e ao

meu amigo dr. Watson, por alguns dias, enquanto estivermos investigando o caso.

— Claro, meu senhor. Com o maior prazer.

— Ótimo — disse Holmes. — Então pode nos esperar para jantar por volta das sete.

Assim que saímos, Lestrade anunciou a sua intenção de ir à delegacia e tomar as

providências necessárias para que a ordem de prisão de Booth fosse enviada à polícia de Nova York. Holmes se manteve num silêncio enigmático diante

daquela declaração, mas deixou claro que estava determinado a permanecer em

Broomhill e prosseguir com as investigações. Insistiu, porém, em fazer isso sozinho.

— Lembre, Watson, você está aqui de férias, para descansar, e posso lhe garantir que se resolver ficar comigo vai achar tudo muito entediante. Portanto,

insisto em que encontre uma forma mais divertida de passar o restante do dia.

As experiências do passado haviam me ensinado que seria totalmente inútil tentar discutir com Holmes ou contestá-lo quando ele já tinha se decidido, então,

concordei com a maior boa vontade que consegui demonstrar e fui embora de coche, pois ele me garantiu que não precisaria mais do veículo.

Passei algumas horas na galeria de arte e no museu e, depois do almoço, dei

uma volta pela Manchester Road, desfrutando do ar fresco e da paisagem

campestre. Às sete, retornei para Ashgate Road com um grande apetite, o que não me acontecia havia meses.

Holmes ainda não tinha voltado e já eram quase sete e meia quando ele

chegou. Logo percebi que o meu amigo estava com aquela atitude reticente e todas as minhas tentativas de saber como ele havia passado o tempo ou o que estava achando do caso foram em vão.

Passou a noite inteira encolhido numa poltrona, fumando cachimbo e

praticamente não consegui arrancar dele nenhuma palavra.

Sua postura impenetrável e o silêncio persistente não me davam qualquer pista

a respeito do que ele estaria pensando da investigação que tinha em mãos, embora fosse óbvio para mim que a sua mente estava totalmente concentrada no

caso.

Na manhã seguinte, assim que terminamos de tomar o café da manhã, a criada entrou trazendo um bilhete.

— É do sr. Jervis. Não ficaram esperando por uma resposta — disse ela.

Holmes rasgou o envelope e passou os olhos rapidamente pelo texto.

Enquanto ele fazia isso, notei um rubor de aborrecimento se espalhar pelo seu rosto normalmente pálido.

— Impressionante a ousadia dele — resmungou. — Leia isso, Watson. Não

me lembro de ter sido tão destratado em outro caso anterior.

O bilhete era breve:

The Cedars, Fulwood.

6 de setembro

Sr. Jervis, em nome da diretoria do British Consolidated Bank, agradecemos

ao sr. Sherlock Holmes por atender prontamente à nossa solicitação e pelos valiosos serviços prestados no caso relativo à falsificação e ao desaparecimento

do ex-funcionário, sr. Jabez Booth.

O sr. Lestrade, da Scotland Yard, nos informou que conseguiu localizar o indivíduo em questão, que será preso em breve. Diante de tais circunstâncias, a diretoria julga não ser necessário ocupar mais o valioso tempo do sr. Holmes.

— Quanta delicadeza, não é mesmo, Watson? Ou muito me engano ou eles vão se arrepender dessa decisão quando já for tarde demais. Depois disso, vou, sem dúvida, me recusar a atuar nessa investigação, mesmo que me peçam para fazê-lo. Lamento muito, pois o caso vinha apresentando alguns detalhes bem interessantes e não é de simples solução como pensa o nosso amigo Lestrade.

— Por quê? Acha que ele não está seguindo a pista certa? — questionei.

— Espere e verá, Watson — disse Holmes, misterioso. — Lembre-se de que o sr. Booth ainda não foi pego.

E isso foi tudo que consegui obter dele.

Uma das consequências de o banqueiro ter dispensado sumariamente os serviços do meu amigo foi que Holmes e eu passamos uma semana magnífica, descansando e nos divertindo na cidadezinha de Hathersage, na orla das campinas de Derbyshire, e voltamos para Londres nos sentindo muito melhor depois dos passeios pela região.

Como Holmes estava com pouco trabalho e a minha esposa ainda não tinha voltado das férias na Suíça, consegui convencê-lo, não sem uma dificuldade considerável, a passar as semanas seguintes comigo em vez de voltar para o seu apartamento na Baker Street.

Claro que continuamos acompanhando com o maior interesse o

desenvolvimento do caso das falsificações em Sheffield. Sabe-se lá como, a descoberta de Lestrade chegou à imprensa e, no dia seguinte à nossa partida da cidade, os jornais estavam repletos de notícias sobre a empolgante perseguição ao sr. Booth, o homem procurado pelas fraudes sofridas pelos bancos locais.

Diziam que “o culpado caminhava incessantemente pelo convés do *Empress Queen* enquanto a embarcação singrava majestosa as vastidões isoladas do Atlântico, ignorando que a inexorável mão da justiça podia se estender até o outro lado do oceano e já estava pronta para segurá-lo em sua chegada ao Novo Mundo”. E, depois de ler os parágrafos sensacionalistas, Holmes sempre deixava o jornal de lado e dava um daqueles seus sorrisos enigmáticos.

Finalmente chegou o dia em que o *Empress Queen* aportaria em Nova York e não deixei de notar que até o rosto geralmente impenetrável de Holmes exibia uma empolgação contida no momento em que ele abriu o jornal vespertino. Mas nossa surpresa estava condenada a se prolongar ainda mais. Havia apenas um breve parágrafo anunciando que o navio chegara a Long Island às seis da manhã, depois de uma boa viagem. No entanto, havia um caso de cólera a bordo e, por conseguinte, as autoridades de Nova York foram obrigadas a deixar o navio em quarentena. Sendo assim, nenhum passageiro ou membro da tripulação tinha permissão para desembarcar durante doze dias.

Dois dias depois, uma coluna inteira nos jornais informava que haviam confirmado que o sr. Booth estava efetivamente a bordo do *Empress Queen*. Ele tinha sido identificado e denunciado por um dos agentes sanitários que haviam inspecionado o navio. Estava sendo mantido sob rigorosa vigilância e não teria a menor possibilidade de escapar. O sr. Lestrade, da Scotland Yard, que, de forma tão hábil, havia seguido as pistas do criminoso e impedido sua fuga, tinha

embarcado no *Oceania* — que devia chegar a Nova York no dia 10 — e se responsabilizaria pessoalmente pela sua prisão assim que ele tivesse autorização para desembarcar.

Eu nunca tinha visto o meu amigo Holmes tão espantado como no momento em que acabou de ler essa notícia. Percebi que ele estava profundamente desnorteado, embora eu não fizesse ideia do motivo. Ele passou o dia inteiro encolhido numa poltrona, com a testa franzida formando duas linhas de ruga e os olhos semicerrados, fumando seu velho cachimbo, calado.

Em determinado momento, ele me olhou e disse:

— Talvez tenha sido bom me pedirem para abandonar esse caso de Sheffield, Watson. Pelo rumo que as coisas estão tomando, imagino que eu faria apenas papel de tolo.

— Por quê? — perguntei.

— Porque comecei assumindo que outra pessoa… E agora parece que eu estava enganado.

Nos dias que se seguiram, Holmes parecia bem deprimido, pois nada o deixava mais aborrecido do que a sensação de ter cometido um erro nas suas deduções ou de ter se embrenhado por uma falsa linha de raciocínio.

Finalmente chegou o dia 10 de setembro, a data fatal em que Booth devia ser preso. Em vão, procuramos ansiosos por qualquer notícia nos jornais vespertinos. Na manhã do dia 11, ainda não havia nada sobre a tal prisão, mas os jornais vespertinos traziam um breve parágrafo noticiando que o criminoso conseguira escapar mais uma vez.

Por dias a fio, os jornais se encheram dos mais conflitantes boatos e conjecturas em relação ao que efetivamente teria acontecido. Todos, porém, concordavam que o sr. Lestrade estava voltando sozinho e chegaria a Liverpool no dia 17 ou 18.

Na noite do referido dia, Holmes e eu estávamos sentados, fumando, no apartamento dele na Baker Street, quando o criado entrou anunciando que o sr. Lestrade, da Scotland Yard, estava lá embaixo e pedia o obséquio de conversar por uns minutinhos.

— Mande-o subir, mande-o subir — disse Holmes, esfregando as mãos com uma animação incomum.

Bastante frustrado, Lestrade entrou na sala e se sentou na cadeira que Holmes lhe indicou.

— Não é sempre que me engano, sr. Holmes — começou ele —, mas, no caso de Sheffield, fui um completo fiasco.

— Não diga! — exclamou Holmes, achando graça. — Por acaso está querendo me dizer que ainda não capturou o seu homem?

— Estou, sim — replicou Lestrade. — E o pior: acho que ele nunca vai ser capturado!

— Ainda é cedo para se desesperar — disse Holmes em tom encorajador. — Depois que nos contar tudo o que aconteceu até agora, quem sabe não haverá a possibilidade de eu ter como ajudá-lo com algumas sugestões?

Animado com essas palavras, Lestrade começou a contar a sua estranha

história. Nós dois ouvimos com o maior interesse.

— Não há a mínima necessidade de me deter nos incidentes já conhecidos — disse ele. — Já sabem que a descoberta que fiz em Sheffield me convenceu de que o homem que eu procurava tinha embarcado para Nova York a bordo do *Empress Queen*. Eu mal podia conter a impaciência para detê-lo e, quando fiquei sabendo que o navio em que ele estava havia sido posto em quarentena, logo tratei de dar ordens para garantir que eu o prenderia pessoalmente. Nunca cinco dias custaram tanto a passar.

"Chegamos a Nova York no dia 9, à noite, e corri imediatamente para a delegacia, onde me informaram que não havia dúvida que o sr. Jabez Booth estava a bordo do *Empress Queen*. Um dos agentes sanitários que tinha ido inspecionar a embarcação não só o reconhecera, como também falara com ele. O homem correspondia exatamente à descrição de Booth que saíra nos jornais.

Então um dos detetives da polícia local tinha sido mandado a bordo para fazer algumas investigações e informar ao capitão, em caráter privado, sobre a detenção iminente. Ele descobriu que o sr. Jabez Booth havia efetivamente tido a audácia de comprar a passagem no próprio nome e nem sequer tentara se disfarçar de qualquer maneira que fosse. Ocupava uma cabine privada na primeira classe e o comissário declarou que desconfiou daquele homem desde o início. Ele permanecia trancado na cabine praticamente o tempo todo, fazendo-se passar por um excêntrico semi-inválido que não devia ser perturbado sob nenhum pretexto. A maior parte das suas refeições era levada à cabine. Raras vezes foi visto no convés e quase nunca jantou com os demais passageiros. Era óbvio que aquele homem estava tentando passar despercebido e chamar o

mínimo de atenção possível. Os membros da tripulação e alguns dos passageiros com quem se falou sobre o assunto foram unânimes em concordar que foi assim mesmo que as coisas aconteceram.

“Ficou decidido que, enquanto o navio permanecesse em quarentena, não se diria nada que pudesse deixar Booth desconfiado, mas o comissário, o camareiro e o capitão, os únicos que sabiam da verdade, deviam mantê-lo sob vigilância até o dia 10, quando os passageiros teriam permissão para desembarcar. Nesse dia, ele seria preso.”

Nesse momento fomos interrompidos pelo criado, que trouxe um telegrama. Holmes olhou para a mensagem e abriu um sorriso discreto.

— Nenhuma resposta — disse ele, enfiando o papel no bolso do colete. — Por favor, prossiga com a sua história tão interessante, Lestrade.

— Bem, na tarde do dia 10, acompanhado pelo inspetor-chefe da polícia de Nova York e pelo detetive Forsyth — recomeçou Lestrade —, subi a bordo do *Empress Queen* meia hora antes de o navio atracar e montarem a passarela pela qual os passageiros deveriam desembarcar.

“O comissário nos informou que o sr. Booth tinha estado no convés e que os dois haviam conversado por uns quinze minutos antes da nossa chegada. Depois, Booth voltou para a cabine. Arranjando uma desculpa qualquer, o comissário o acompanhou e o viu entrar ali. Ficou, então, parado junto à portinhola da escada para garantir que o nosso homem não voltaria a subir para o convés.

“Até que enfim!, murmurei comigo mesmo enquanto descíamos, seguindo o comissário que nos levou direto para a cabine de Booth. Batemos, mas, como

ninguém respondeu, tentamos abrir a porta e descobrimos que estava trancada. O comissário nos assegurou que isso não era nada incomum: muitas vezes o sr. Booth mantinha aquela porta trancada e, quase sempre, suas refeições eram deixadas numa bandeja no chão. Discutimos a questão por um instante e, como não tínhamos muito tempo, decidimos arrombar a porta. Com duas boas marteladas, ela se soltou e todos nós entramos depressa. Pode imaginar nossa surpresa ao encontrar a cabine vazia. Procuramos por todo lado, mas não havia sinal de Booth."

— Um momento — atalhou Holmes. — E a chave da porta? Estava na fechadura ou não?

— Ninguém a viu — respondeu Lestrade. — Eu estava ficando agoniado, pois, a essa altura, dava para sentir a vibração das máquinas e ouvir o primeiro ruído da hélice indicando que a grande embarcação começava a se mover rumo ao atracadouro.

"Já não sabíamos mais o que fazer. O sr. Booth devia estar escondido em algum canto do navio, porém não tínhamos mais tempo para fazer uma revista adequada e, em pouquíssimos minutos, os passageiros estariam desembarcando. Pelo menos o capitão nos prometeu que, dadas as circunstâncias, só haveria uma passarela para o desembarque e, juntamente com o comissário e outros membros da tripulação, eu ficaria lá, com uma lista completa de todos os passageiros para ir assinalando quem se apresentasse. Assim, seria impossível que Booth nos escapasse, mesmo usando algum disfarce, porque ninguém teria permissão para pisar na passarela sem ser identificado pelo comissário ou os outros membros da tripulação.

“Fiquei encantado com essa proposta, já que não haveria como Booth escapar.

“Um a um, os passageiros passavam pela porta para se juntar à multidão que se acumulava no convés e, quando alguém era identificado, eu riscava seu nome da lista. Havia 193 passageiros de primeira classe a bordo do *Empress Queen*, entre os quais, Booth, e, depois que 192 desembarcaram, o nome dele foi o único que restou!

“Não faz ideia de como estávamos impacientes — exclamou Lestrade enxugando a testa só de se lembrar da situação. — Nem imagina como pareceu interminável o tempo que passamos riscando cada um dos nomes dos 324 passageiros da segunda classe e dos 310 do nível inferior. Todos os passageiros, com exceção do sr. Booth, atravessaram a passarela. Quanto a isso, não havia sombra de dúvida…

“Todos concordamos, portanto, que ele continuava no navio, mas eu estava começando a entrar em pânico, imaginando se não teria havido a possibilidade de ele desembarcar escondido em alguma das bagagens que, naquele instante, começavam a ser colocadas no píer por guindastes enormes.

“Revelei meu medo ao detetive Forsyth, que logo tomou providências para que cada baú ou caixa que tivesse a mínima chance de ocultar um homem fosse aberto e examinado pelos oficiais da alfândega.

“Apesar de ser uma tarefa entediante, nenhum deles se esquivou e, depois de duas horas, nos garantiram que não havia como Booth ter deixado a embarcação usando aquele estratagema.

“Isto nos deixava com apenas uma possível solução para o mistério: ele *tinha*

que estar escondido em algum lugar dentro do navio. A embarcação ficou sob severa vigilância desde que atracou e, então, o superintendente da polícia pôs à nossa disposição um contingente de vinte homens. Com o consentimento do capitão e o auxílio dos comissários e demais membros da tripulação, o *Empress Queen* foi revirado e revistado de ponta a ponta. Examinamos até locais onde um gato poderia se esconder, mas o fugitivo não estava em parte alguma. Tenho absoluta certeza disso. E, pronto, sr. Holmes, aqui está um resumo do mistério. O sr. Booth *estava* a bordo do *Empress Queen* até às onze horas da manhã do dia 10 e, embora não tenha tido qualquer oportunidade de sair do navio, temos que admitir o fato de que às cinco da tarde ele não estava mais lá."

Quando Lestrade concluiu o seu relato curioso e intrigante, seu rosto exibia uma expressão de tamanho espanto e desconsolo que eu nunca vira e acho que a minha própria devia estar bem semelhante à dele. Holmes, porém, se recostou na poltrona, com as pernas compridas esticadas à frente, enquanto o corpo inteiro se sacudia com um riso silencioso.

— A que conclusão chegou? — perguntou ele, por fim, meio sem fôlego. — Que providências pretende tomar a partir de agora?

— Não faço a mínima ideia. Como saber o que fazer? Essa história toda é impossível; totalmente impossível. É um mistério insolúvel. Vim procurá-lo para saber se haveria alguma chance de o senhor me sugerir uma nova linha de raciocínio para que eu possa começar a trabalhar.

— Bom — disse Holmes, dando uma piscadela maliciosa para o atônito Lestrade —, posso lhe dar o endereço atual de Booth se isto lhe for útil.

— O quê!?

— O endereço atual de Booth — repetiu Holmes baixinho. — Antes, porém, meu caro Lestrade, preciso impor uma condição. O sr. Jervis foi muito grosseiro comigo durante este caso e, desde então, não quero mais ver meu nome associado ao dele. Faça o que fizer, não deve em hipótese alguma revelar a fonte de qualquer informação que tenha recebido. Promete?

— Prometo — murmurou Lestrade, que se encontrava num estado de empolgação e encantamento.

Holmes arrancou uma folha do caderninho que levava no bolso e rabiscou as palavras: Sr. A. Winter, a/c de sra. Thackary, Glossop Road, Broomhill, Sheffield.

— Aí vai encontrar o nome e o endereço atuais do homem que está procurando — disse ele, estendendo o papel ao detetive. — Ouça o meu conselho: não perca tempo se pretende pegá-lo, pois, apesar de o telegrama que recebi ainda agora (e que, infelizmente, interrompeu o seu relato tão interessante) informar que o sr. Winter acaba de voltar para casa depois de ter passado algum tempo fora; apesar disso, repito, continua sendo mais do que provável que ele pretende deixar o local definitivamente e em breve. Não sei lhe dizer quando, mas suponho que demore apenas alguns dias.

Lestrade se levantou.

— O senhor é uma preciosidade, sr. Holmes — disse o detetive com uma sinceridade que nunca havia demonstrado. — Salvou minha reputação neste caso, justo na hora em que eu estava começando a parecer um perfeito idiota, e

agora ainda quer me obrigar a levar todo o crédito, um crédito que não mereço de forma alguma… Saber como descobriu isso é, para mim, um mistério tão grande quanto o sumiço de Booth.

— Bem, quanto a isso — observou Holmes em tom descontraído —, não posso ter certeza de todos os fatos, já que, é claro, não fiz uma investigação adequada do caso. Mas as conjecturas são bem simples e ficarei feliz em lhe contar o que acho que aconteceu na viagem de Booth para Nova York. Isto, porém, fica para outra ocasião, quando o senhor tiver mais tempo. Aliás — exclamou Holmes quando Lestrade já estava de saída —, eu não ficaria nem um pouco surpreso se descobrisse que o sr. Jabez Booth, ou melhor, o sr. Archibald Winter não lhe é desconhecido, pois, sem dúvida alguma, vocês voltaram juntos de viagem dos Estados Unidos. Ele chegou a Sheffield poucas horas antes de o senhor chegar a Londres e, já que ele estava vindo de Nova York, assim como o senhor, é evidente que devem ter viajado no mesmo navio. Ele devia estar usando óculos escuros e tem um bigode bem preto.

— Ah! — disse Lestrade. — De fato havia no navio um homem chamado Winter que corresponde a essa descrição. Creio que devia ser ele. E não vou perder mais tempo.

Ao dizer isto, Lestrade saiu apressado.

— Bem, Watson, meu rapaz, você está tão desconcertado quanto o nosso amigo Lestrade — observou Holmes voltando a se recostar na poltrona e me lançando um olhar malicioso enquanto acendia o cachimbo.

— Devo admitir que, para mim, nenhum dos problemas que você precisou solucionar no passado parecia mais inexplicável do que o relato que Lestrade fez

do sumiço de Booth no *Empress Queen*.

— Bom… Essa parte da história é muito simples — replicou Holmes com uma risadinha. — Vou lhe contar como cheguei à solução do mistério. Vejo que já está pronto para ouvir.

— A primeira coisa que se deve fazer em qualquer caso é avaliar a inteligência e a esperteza do criminoso. Ora, sem dúvida alguma o sr. Booth era um sujeito inteligente. O próprio sr. Jervis, como você deve lembrar, nos garantiu isto. O fato de ele ter aberto contas bancárias ao se preparar para o crime com doze meses de antecedência comprova que foi um ato longamente

premeditado. Comecei, portanto, a cuidar do caso já sabendo que precisava capturar um homem esperto que levara um ano inteiro planejando sua fuga.

“As minhas primeiras pistas efetivas vieram da sra. Purnell. O mais

importante foram as suas observações sobre o trabalho de auditoria que fazia com que o sr. Booth se ausentasse de casa por vários dias e noites, muitas vezes

em períodos consecutivos. De imediato tive certeza de que o sr. Booth não fazia

nenhum trabalho extraordinário, o que se confirmou após algumas investigações.

Por que então mentir para justificar tais ausências à sua senhoria? Provavelmente

porque, de uma maneira ou de outra, elas estavam relacionadas ou ao crime que pretendia cometer ou aos seus planos para escapar. Era inconcebível que tantas

atividades fora de casa pudessem estar diretamente ligadas às falsificações e logo deduzi que o nosso homem passava todo esse tempo preparando a rota de

fuga.

“Quase imediatamente me ocorreu que ele podia estar levando uma vida

dupla, e tinha a intenção de abandonar discretamente uma delas depois de cometer o crime para assumir a outra em definitivo. Trata-se de uma saída muito

mais segura e garantida do que a atitude mais comum que é a de assumir um disfarce no momento em que todos estão achando que você fará exatamente isso.

“Em seguida, vieram os dados interessantes com relação ao quadro e aos

livros. Tentei me colocar no lugar dele. Booth tinha imenso apreço por esses objetos; todos eram leves e podiam ser carregados, e não havia qualquer motivo

real para ele se separar daquilo. Portanto, certamente estava levando esses objetos aos poucos para colocá-los num outro local onde pudesse mantê-los consigo. Se eu conseguisse descobrir que local era esse, com certeza poderia apanhá-lo quando ele tentasse recuperar suas preciosidades.

“O quadro não poderia estar muito longe, afinal Booth o levara no mesmo dia do crime… Não preciso aborrecê-lo com mais detalhes… Passei duas horas investigando até que encontrei a casa para onde ele tinha ido deixar a pintura. Esta casa era a da sra. Thackary, em Glossop Road.

“Sob o pretexto de precisar fazer uma ligação, descobri que a sra. T. era a pessoa mais aberta do mundo. Em menos de meia hora, fiquei sabendo que ela tinha um inquilino chamado Winter. Ele era um representante comercial e passava a maior parte do tempo ausente. A descrição que ela fez correspondia à de Booth, a não ser pelo fato de ter bigode e usar óculos.

“Como tentei convencê-lo antes, Watson, os detalhes são o que há de mais importante. Portanto, fiquei entusiasmadíssimo quando soube que o sr. Winter pedia sempre para que lhe levassem uma xícara de chocolate no quarto logo cedo. Na quarta-feira de manhã, apareceu um cavalheiro com um embrulho. Disse que era um quadro que havia prometido ao sr. Winter e pediu a sra. Thackary que lhe entregasse a encomenda assim que ele voltasse. O sr. Winter alugou os aposentos em dezembro passado. Detinha vários livros que trazia de vez em quando. Todos esses fatos relacionados me deram a certeza de estar na pista certa. Winter e Booth eram a mesmíssima pessoa e, assim que ele tivesse despistado seus perseguidores, voltaria como Winter para recuperar seus tesouros.

“A foto recém-tirada e o velho mata-borrão com aquele bilhete forjado eram obviamente recursos intencionais para colocar a polícia no encalço de Booth.

Quase de imediato, percebi que o tal mata-borrão era falso, pois não apenas seria impossível usar um deles sem que a parte central ficasse indecifrável, como também deu para ver onde havia sido retocado.

“Concluí, portanto, que Booth, ou melhor, Winter, nunca pretendeu embarcar

no *Empress Queen*, mas foi aí que subestimei sua esperteza. Claro que ele reservou *duas* cabines no navio: uma delas no seu nome verdadeiro, e a outra no seu novo nome. E, de forma muito engenhosa, conseguiu encarnar as duas

personagens durante a viagem, aparecendo primeiro como uma e, depois, como a

outra. Passava a maior parte do tempo como Winter, sendo assim Booth se tornou um sujeito excêntrico e semi-inválido que passava a maior parte do tempo

trancado na cabine. E isso também se adequava aos seus propósitos, pois essa excentricidade só chamaria atenção para ele, tornando-o um dos passageiros mais conhecidos a bordo, embora praticamente não aparecesse em público.

“Deixei instruções com a sra. Thackary para que me mandasse um telegrama

assim que Winter voltasse. Depois de atrair os seus perseguidores até Nova York

e despistá-los, tudo que Booth tinha que fazer era pegar o primeiro navio de volta para cá. Naturalmente, foi a mesma embarcação que trouxe nosso amigo Lestrade e foi assim que o telegrama da sra. Thackary chegou em momento tão

oportuno.” [1]

A aventura dos dois colaboradores

JAMES M. BARRIE

Se o autor escocês James Matthew Barrie (1860-1937) continua universalmente

amado por ter criado *Peter Pan*, ele também realizou outros magníficos feitos literários nas áreas do drama, do romance e do conto. Tendo começado a carreira

literária como jornalista, trabalhando primeiro para o *Nottingham Journal* e, depois, como colaborador de revistas tão populares quanto *The Pall Mall Gazette*, publicou o seu primeiro romance em 1888, *Better Dead*, uma história de mistério que teve pouco sucesso. O lançamento de *Auld Licht Idylls* (1888), com encantadores relatos da vida na Escócia, lhe trouxe reconhecimento e

elogios por parte da crítica, mas foi três anos depois, com o surgimento de um romance sentimental intitulado *The Little Minister* (1891), que Barrie conquistou

enorme sucesso. Quando transformou a obra em peça teatral, a popularidade do espetáculo foi tamanha que ele passou a se dedicar quase exclusivamente à dramaturgia e começou a escrever peças que atraíram um público grande e fiel.

Entre as que são encenadas até hoje estão *The Admirable Crichton* (1902), sobre um mordomo que salva a família para quem trabalhava quando todos vão parar numa ilha em decorrência de um naufrágio, e *Quality Street* (1901), sobre duas irmãs que abrem uma escola para estudantes de nível avançado.

No seu romance para adultos, *The Little White Bird* (1902), surge Peter Pan, a personagem que o inspirou a escrever a peça de mesmo nome e que estreou em Londres em 1904. O trecho do romance sobre o menino que, aos 7 anos, deixou de ser humano para se tornar uma criatura mágica, foi publicado separadamente com o título *Peter Pan in Kensington Garden* (1906). Barrie escreveu depois um livro inteiro com a mesma personagem: *Peter and Wendy* (1911). A sua peça foi encenada inúmeras vezes e serviu de base para diversos filmes, entre os quais se destaca a tão amada personagem do desenho animado produzido por Walt Disney em 1953.

Barrie e Arthur Conan Doyle colaboraram para o libreto de uma opereta, *Jane Annie* (1893), que foi um completo fracasso sob todos os aspectos. Depois de encerrada sua brevíssima temporada, Barrie ofereceu a Conan Doyle um exemplar do seu livro *A Window in Thrums* (1889) com uma dedicatória e essa pequena paródia escrita nas páginas em branco da edição. Doyle declarou que era a melhor paródia de Holmes que alguém já havia escrito (declaração generosa) e a incluiu na sua autobiografia.

“As aventuras dos dois colaboradores” foi originalmente publicada em *Memórias e aventuras* de Arthur Conan Doyle (Londres: Hodder & Stoughton, 1924).

A AVENTURA DOS DOIS COLABORADORES

James M. Barrie

Ao dar um fim às aventuras do meu amigo Sherlock Holmes, convém assinalar que ele nunca — a não ser na ocasião, como o leitor vai descobrir, que marcou o encerramento de sua carreira tão singular — concordou em trabalhar em qualquer caso que envolvesse pessoas que vivem de escrever. “Não faço distinção entre as pessoas com as quais preciso lidar por motivos profissionais”, dizia ele, “mas tenho lá as minhas reservas com relação aos homens de letras.”

Certa noite, estávamos no nosso apartamento da Baker Street. Eu estava (lembro bem) diante da mesinha de centro, escrevendo “A aventura do homem sem uma perna de cortiça” (que tanto desnorteou a Royal Society e todas as outras corporações científicas da Europa) e Holmes se divertia treinando a pontaria com um revólver.

Nas noites de verão, ele gostava de disparar ao redor da minha cabeça, as balas passando de raspão pelo meu rosto, até desenhar meu contorno na parede do outro lado. Uma pequena prova da sua perícia é que muitos desses retratos feitos a bala são considerados admiravelmente fiéis ao modelo.

De repente, olhei pela janela e, reparando que dois cavalheiros andavam a passos rápidos pela nossa rua, perguntei a Holmes quem eram eles. O meu amigo logo acendeu o cachimbo e, encolhendo-se numa cadeira, formando um 8 com o corpo, respondeu:

— São dois autores de libretos de ópera-cômica, e a peça que escreveram não foi exatamente um sucesso.

Tomei tamanho susto que pulei da cadeira até bater no teto. Ele, então,

declarou:

— Meu caro Watson, é óbvio que esses dois têm uma profissão insignificante.

Dá para perceber isso só de olhar para o rosto deles. E esses pedacinhos de papel

azul que estão jogando fora com tanta raiva são páginas rasgadas do *Durrant's Press*. Pelo visto, há centenas de notícias sobre eles. Veja como estão com os bolsos cheios. E não estariam pisando nelas se fossem elogiosas.

Mais uma vez, pulei de susto (o teto já estava cheio de marcas) e exclamei:

— Incrível! Mas eles podem ser simples escritores…

— Não — retrucou Holmes —, pois simples escritores aparecem nos jornais

apenas uma vez por semana. Só saem centenas de notícias sobre criminosos, dramaturgos e atores.

— Então talvez sejam atores.

— Não. Atores estariam num coche.

— Poderia me dizer mais alguma coisa sobre os dois?

— Muitas. A julgar pela lama nas botas, o mais alto vem de South Norwood.

O outro é obviamente um autor escocês.

— Como sabe?

— Ele carrega no bolso um livro intitulado *Auld Licht sei lá o quê,* como dá para ver claramente. Quem além do próprio autor carregaria um livro com um título desses?

Tive que admitir que seria mesmo bem improvável.

Agora estava evidente que os dois homens (se é que podemos chamá-los

assim) estavam procurando o nosso endereço. Já disse (inúmeras vezes) que Holmes raramente demonstra qualquer emoção, mas, nesse dia, ele empalideceu

de tanto entusiasmo. E, logo em seguida, essa reação deu lugar a um estranho olhar de triunfo.

— Watson — disse ele —, por anos a fio aquele sujeito mais alto vem

colhendo os louros dos meus feitos mais notáveis, mas finalmente eu o peguei…

Finalmente!

Mais uma vez, pulei até o teto e, quando me recuperei, os dois desconhecidos

já estavam ali na sala.

— Posso perceber, cavalheiros — disse o sr. Sherlock Holmes —, que estão transtornados por alguma novidade extraordinária.

Espantado, o mais bonito dos nossos visitantes perguntou como ele sabia

disso, porém o mais alto só fez franzir o cenho.

— Está se esquecendo de que usa um anel no quarto dedo? — replicou o sr.

Holmes com calma.

Já estava prestes a pular até o teto novamente quando o grandalhão interveio:

— Toda essa baboseira é ótima para o público, Holmes, mas não precisa disso

na minha frente. E, Watson, se estiver disposto a pular até o teto mais uma vez, vou ser obrigado a mantê-lo longe.

Nesse momento, notei um estranho fenômeno. O meu amigo Sherlock Holmes

encolheu. Diminuiu de tamanho bem diante dos meus olhos. Olhei para o teto, morrendo de vontade de repetir meu gesto, mas não tive coragem.

— Vamos eliminar as quatro primeiras páginas — prosseguiu o sujeito mais alto — e passar diretamente aos negócios. Quero saber por quê…

— Pois bem — disse o sr. Holmes, usando um pouco da sua velha coragem.

— Querem saber por que o público não tem comparecido à sua ópera.

— Exatamente — replicou o outro em tom irônico. — Como pôde perceber

pelo abotoamento da minha camisa. — E, mais sério, acrescentou: — E, como só há um jeito de descobrir isso, insisto para que assista a uma apresentação completa da obra.

Para mim, aquele foi um momento de ansiedade. Estremeci porque sabia que,

se Holmes fosse ao teatro, eu teria que ir com ele. Mas o meu amigo tinha um

coração de ouro…

— Nunca! — esbravejou ele. — Faço qualquer coisa pelo senhor, mas isso, não!

— A preservação da sua vida depende disso — falou o grandalhão em tom

ameaçador.

— Prefiro desaparecer no ar — replicou Holmes, orgulhoso e indo sentar-se em outra cadeira. — Mas posso lhe dizer por que o público não comparece à sua

peça sem me envolver nessa história.

— Por quê?

— Porque — respondeu Holmes com toda a calma — as pessoas preferem se

manter a distância.

A essa declaração extraordinária seguiu-se um silêncio absoluto. Por um

instante, os dois intrusos encaravam, espantados, o homem que havia

solucionado o seu mistério de forma tão magnífica. Depois, sacando as suas facas…

Holmes foi ficando cada vez menor até não restar nada além de um anel de

fumaça que subiu até o teto.

As últimas palavras dos grandes homens são geralmente desconsideradas. E estas foram as últimas palavras de Sherlock Holmes:

— Seu tolo! Seu tolo! Por anos a fio eu o mantive numa vida de luxo. Com a minha ajuda, andava por aí de cabriolé, coisa que nenhum autor jamais havia feito. *De agora em diante, vai ter que andar de ônibus!*

O grandalhão tombou numa cadeira, chocado. O outro autor ficou ali parado, sem reação.

Os investigadores

O. HENRY

É improvável que tenha existido nos Estados Unidos um contista mais amado que William Sydney Porter (1862-1910), mais conhecido como O. Henry. Ele nunca escreveu um romance, mas suas obras-primas em miniatura englobam a vida inteira de pessoas comuns, seu tema favorito.

Depois de ter sido condenado por desvio de dinheiro, ele passou algum tempo na prisão e dizem que adotou como pseudônimo o nome de um carcereiro mais gentil para escrever inúmeras histórias sobre os mais variados crimes: roubos, sequestros (“The Ransom of Red Chief”, em 1910), extorsões, arrombamentos de cofres (“ A Retrieved Reformation”, em 1903, que acabou ficando famoso como “Mais conhecido como Jimmy Valentine”, depois de um estrondoso sucesso na Broadway e de várias versões no cinema), entre outras tantas. O seu livro *The Gentle Grafter* (1908) fez tanto sucesso, que Ellery Queen o escolheu para integrar a sua *Queen’s Quorum*, com as 106 melhores coletâneas de contos

de mistério de todos os tempos.

O. Henry escreveu três narrativas com a personagem Shamrock Jolnes. A primeira delas, intitulada “As aventuras de Shamrock Jolnes”, foi publicada em 7 de fevereiro de 1904 e traz observações e deduções de Jolnes, mas não contém nenhum crime. A última, intitulada “O detetive detector”, foi publicada em 26 de março de 1905 e, apesar da presença de Jolnes, o protagonista é, na verdade, o Criminoso Mestre.

“Os investigadores” foi inicialmente publicado na edição de 23 de outubro de 1904 do jornal *New York Sunday World*; depois, integrou a coletânea *Sixes and Sevens* do próprio autor (Nova York: Doubleday, Page, 1911).

OS INVESTIGADORES

O. Henry

Na grande metrópole, um homem vai desaparecer de forma súbita e completa, feito a chama de uma vela que alguém soprou. Todas as agências de investigação — os cães farejadores, os caçadores dos labirintos da cidade, os detetives que não saem, mas ficam presos a teorias e induções — serão convocados para procurar por ele. No geral, tal homem nunca mais será visto. De vez em quando vai ressurgir em Sheboygan ou nos ermos de Terre Haute, conhecido por Smith, ou por qualquer outro nome comum, e sem qualquer lembrança do que aconteceu em certa época, incluindo suas contas no mercado. Outras vezes, vão encontrá-lo depois de haverem dragado rios ou procurado em todos os restaurantes para ver se o sujeito não estaria esperando por um bife bem passado,

descobrindo que ele se mudou para a casa vizinha.

Esse desaparecimento de um ser humano, como se houvessem apagado um desenho feito a giz num quadro-negro, é um dos temas mais impressionantes na dramaturgia.

O caso de Mary Snyder, por exemplo, não deixa de ser interessante.

Um homem de meia-idade chamado Meeks veio do Oeste para Nova York à procura da irmã, a sra. Mary Snyder, uma viúva de 52 anos que dois anos antes havia se mudado para um prédio residencial num bairro bem movimentado.

Ao chegar ao local, ele foi informado de que Mary Snyder tinha saído do apartamento havia mais de um mês. Ninguém sabia informar seu novo endereço.

Ao sair do prédio, o sr. Meeks se dirigiu a um policial que estava parado na esquina e lhe contou seu dilema.

— A minha irmã é muito pobre — disse ele — e estou aflito para encontrá-la. Recentemente, ganhei um bom dinheiro numa mina de chumbo e quero compartilhar com ela a minha prosperidade. Não adianta pôr anúncios em jornais porque ela não sabe ler.

O guarda ajeitou os bigodes e assumiu um ar tão preocupado e imponente que Meeks quase sentiu as lágrimas de alegria da irmã Mary pingando na sua gravata azul-clara.

— Vá até a região de Canal Street — disse o policial — e arranje trabalho como cocheiro da maior carroça que conseguir encontrar. Por lá, há sempre idosas sendo atropeladas por elas. Talvez o senhor a encontre por lá. Se não quiser fazer isso, seria melhor ir à delegacia e pedir que ponham um detetive à

paisana procurando por ela.

Na delegacia, Meeks foi prontamente atendido. Despacharam um alerta geral e distribuíram cópias de fotos de Mary Snyder e de seu irmão em todos os postos policiais. Em Mulberry Street, o comandante designou o detetive Mullins para cuidar do caso.

Ele chamou Meeks em um canto e lhe disse:

— Este não é um caso muito difícil de ser solucionado. Raspe as costeletas, encha os bolsos com charutos de qualidade e me encontre no café do hotel Waldorf às três da tarde.

Meeks obedeceu. E encontrou Mullins no local combinado. Tomaram uma garrafa de vinho enquanto o detetive fazia perguntas sobre a mulher desaparecida.

— Olhe — disse ele —, Nova York é uma cidade grande, mas temos um sistema de investigação muito bem articulado. Existem duas maneiras de encontrarmos a sua irmã. Primeiro, vamos tentar uma delas. O senhor disse que ela tem 52 anos?

— Um pouco mais — respondeu Meeks.

O detetive levou o forasteiro até a agência de publicidade de um dos maiores jornais diários. Ali, escreveu o seguinte texto que submeteu à aprovação de Meeks:

“Procura-se com urgência cem coristas atraentes para uma nova comédia musical. Comparecer a qualquer hora do dia ao nº… da Broadway.”

Meeks ficou indignado.

— A minha irmã é uma senhora idosa, pobre e trabalhadora! — exclamou. — Não vejo como um anúncio desse poderia nos ajudar a encontrá-la.

— Muito bem — replicou o detetive. — Pelo visto não conhece Nova York. Mas, se esse método o aborrece, vamos tentar outro. É garantido. Só que vai ser um pouco mais caro.

— As despesas não importam — disse Meeks. — Vamos tentar o outro.

O investigador o levou de volta ao hotel Waldorf.

— Peça dois quartos com uma sala de estar — disse ele —, e vamos subir.

Feito isto, os dois foram conduzidos até uma belíssima suíte no quarto andar. Meeks estava atônito. O detetive se acomodou numa poltrona de veludo e tirou do bolso o estojo de charutos.

— Eu me esqueci de lhe dizer, meu velho — prosseguiu ele —, que era melhor ter reservado estes aposentos pelo mês. Eles teriam cobrado mais barato.

— Pelo mês! — exclamou Meeks. — O que quer dizer com isso?

— Ah, vamos demorar para resolver o caso desse jeito. Eu avisei que sairia mais caro. Vamos ter que esperar até a primavera. É quando sai o novo catálogo telefônico da cidade e é bem provável que o nome e o endereço da sua irmã estejam lá.

Meeks se livrou imediatamente do tal detetive. No dia seguinte, alguém sugeriu que ele consultasse Shamrock Jolnes, o célebre detetive particular de Nova York que cobrava uma fortuna, mas realizava verdadeiros milagres em termos de solucionar mistérios e crimes.

Depois de passar duas horas esperando na antessala do apartamento do famoso detetive, Meeks foi levado à sua presença. Jolnes estava usando um penhoar roxo, sentado diante de uma mesa de xadrez entalhada com marfim e tinha, à sua frente, uma revista, pois tentava resolver o mistério “Deles”. O rosto magro, o ar intelectual, os olhos penetrantes e o preço cobrado por palavra são tão conhecidos que não há necessidade de descrevê-los.

Meeks contou seu caso.

— Se tiver sucesso — disse Shamrock Jolnes —, meus honorários serão de quinhentos dólares.

Meeks concordou com o preço.

— Então vou aceitar o seu caso, sr. Meeks — disse Jolnes, afinal. — O desaparecimento de pessoas nesta cidade sempre foi assunto do meu interesse. Lembro-me de um caso que solucionei um ano atrás. Uma tal família Clark sumiu de repente do pequeno apartamento onde morava. Passei dois meses observando o edifício à procura de uma pista. Certo dia, percebi que um leiteiro e um entregador de mercearia sempre subiam de costas com seus produtos. Por indução, seguindo a ideia que tive a partir dessa observação, localizei imediatamente a família desaparecida. Eles tinham se mudado para o apartamento em frente e trocado o seu nome para Kralc.

Shamrock Jolnes e seu cliente foram até o prédio onde Mary Snyder tinha morado e o detetive pediu para ser levado ao seu antigo quarto. Desde o desaparecimento da mulher, nenhum inquilino tinha vindo se instalar ali.

Era um cômodo pequeno, sujo e com pouquíssima mobília. Desanimado, Meeks se sentou numa cadeira quebrada enquanto o grande detetive vasculhava

as paredes, o chão e os poucos móveis velhos e caindo aos pedaços à procura de uma pista.

Depois de meia hora, Jolnes havia coletado alguns objetos que pareciam totalmente disparatados: um alfinete de chapéu preto e vagabundo, um pedaço rasgado de uma programação de teatro e a pontinha de um cartão rasgado onde se lia “esquerda” e “C 12”.

Shamrock Jolnes passou uns dez minutos apoiado no console da lareira, com a cabeça apoiada na mão, e exibia um ar de profunda concentração. Depois, exclamou em tom animado:

— Venha, sr. Meeks, problema resolvido. Posso levá-lo à casa onde sua irmã está morando. E o senhor não precisa se preocupar com a situação dela, pois está em ótimas condições financeiras, ao menos por enquanto.

Meeks ficou feliz e impressionado ao mesmo tempo.

— Como descobriu isso? — perguntou, com admiração em sua voz.

Talvez a única fraqueza de Jolnes fosse o orgulho profissional que sentia dos seus feitos fabulosos de indução. Ele estava sempre pronto para surpreender e encantar os seus ouvintes ao descrever os seus métodos.

— Por eliminação — disse Jolnes, espalhando em cima de uma mesinha as pistas que havia recolhido. — Descartei algumas áreas da cidade para onde a sra. Snyder podia ter se mudado. Está vendo esse alfinete de chapéu? Ele eliminou o Brooklyn. Nenhuma mulher tenta pegar um ônibus na Brooklyn Bridge sem estar munida de um alfinete de chapéu para brigar por um lugar. E, agora, vou demonstrar por que ela não poderia ter ido para o Harlem. Atrás dessa porta, há

dois ganchos na parede. Num deles, a sra. Snyder pendurava o gorro; no outro, o xale. Como pode ver, as pontas do xale pendurado acabaram manchando a parede, deixando ali uma tonalidade mais escura. A marca é reta, provando que o xale dela não tem franjas. Ora, já aconteceu alguma vez de uma mulher de meia-idade embarcar num trem do Harlem sem prender as franjas do xale na porta e atrasar todos os passageiros que vinham atrás dela? Com isso, eliminamos o Harlem.

"Concluí, portanto, que a sra. Snyder não tinha se mudado para muito longe. Neste pedacinho de cartão rasgado, podemos ler a palavra 'esquerda', a letra 'C' e o número '12'. Ora, sei que o número 12 da avenida C é o endereço de uma pensão de alta categoria que está muito além das condições da sua irmã, como nós dois supomos. Mas, então, encontrei de um jeito estranho esse pedaço amassado de uma programação de teatro. O que isso significa? Para o senhor, sr. Meeks, provavelmente nada, mas diz muito para alguém com hábito e experiência para obter informações a partir das coisas mais insignificantes.

"O senhor me disse que a sua irmã era faxineira. Ela limpava o chão de escritórios e corredores de prédios. Vamos supor que ela tenha arranjado um emprego de faxineira no teatro. Onde é que se perdem joias com mais frequência, sr. Meeks? Nos teatros, é claro! Veja essa programação rasgada, sr. Meeks. Observe a marca arredondada. Foi usada para embrulhar um anel. Talvez um anel muito valioso. A sra. Snyder achou o anel enquanto limpava o chão do teatro. Sem demora, rasgou um pedaço de papel, embrulhou a joia com cuidado e a escondeu entre os seios. No dia seguinte, tratou de vendê-lo e, com uma

melhoria da condição financeira, foi em busca de um lugar mais confortável para morar. Quando cheguei a esse ponto do raciocínio, pareceu-me muito evidente a história da avenida C, nº 12. É lá que vamos encontrar a sua irmã, sr. Meeks."

Shamrock Jolnes concluiu seu discurso convincente com o sorriso de um artista de sucesso. Meeks estava tão impressionado que ficou sem palavras.

Juntos, os dois foram até o nº 12 da avenida C. Era uma daquelas antigas casas de tijolos num bairro próspero e respeitável.

Tocaram a campainha e quem atendeu lhes disse que ali não havia nenhuma sra. Snyder. Além disso, fazia uns seis meses que ninguém novo se mudara para a casa.

De volta à calçada, Meeks examinou as pistas que tinha trazido lá do antigo quarto da irmã.

— Não sou detetive — disse ele, dirigindo-se a Jolnes e erguendo o pedaço de papel rasgado bem diante dos seus olhos —, mas tenho a impressão de que, em vez de um anel, o que pode ter sido embrulhado foi uma daquelas balas redondas de hortelã. E esse outro pedaço com o endereço me parece o canhoto de um ingresso: Nº 12, fila C, lado esquerdo.

O olhar de Shamrock Jolnes ficou distante.

— Acho que seria bom consultarmos Juggins — disse ele.

— Quem é Juggins? — perguntou Meeks.

— O líder — respondeu — de uma nova escola moderna de detetives. Seus métodos são diferentes dos nossos, mas, pelo que dizem, Juggins solucionou casos extremamente desconcertantes. Vou levá-lo até ele.

Encontraram o excepcional Juggins em seu escritório. Era um homenzinho de cabelo claro que estava inteiramente absorto na leitura de uma das obras burguesas de Nathaniel Hawthorne.

Os dois grandes detetives de escolas diferentes trocaram um aperto de mãos cerimonioso e Jolnes apresentou Meeks.

— Relate os fatos — pediu Juggins, retomando a sua leitura.

Quando Meeks terminou, o mais fabuloso dos dois detetives fechou o livro e disse:

— Pelo que entendi, a sua irmã tem 52 anos, uma verruga bem grande na lateral do nariz, é uma viúva muito pobre que mal consegue sobreviver trabalhando como faxineira e tem um rosto e um corpo sem nada de especial.

— Exatamente — confirmou Meeks.

Juggins se levantou e pôs o chapéu.

— Daqui a quinze minutos — declarou —, volto com o endereço atual dela.

Shamrock Jolnes empalideceu, mas deu um sorriso amarelo.

Ao fim do tempo determinado, Juggins voltou e consultou um pedacinho de papel que trazia na mão.

— A sua irmã, Mary Snyder — anunciou com toda a calma —, pode ser encontrada na Chilton Street, nº 162. Está morando no quartinho no fundo do corredor, no quinto andar. A casa fica a apenas quatro quarteirões daqui — prosseguiu ele, dirigindo-se a Meeks. — Que tal ir até lá para confirmar o que estou dizendo e, depois, voltar para cá? Imagino que o sr. Jolnes ficará à sua espera.

Meeks saiu apressado. Vinte minutos depois, estava de volta com um sorriso radiante.

— Ela está lá e passa bem! — exclamou ele. — Quanto lhe devo?

— Dois dólares — respondeu Juggins.

Depois que Meeks lhe pagou e foi embora, Shamrock Jolnes ficou parado diante de Juggins, com o chapéu na mão.

— Se não for pedir muito… — balbuciou. — Se puder fazer a gentileza… Será que se importaria de…

— Claro que não — replicou Juggins, achando graça. — Vou lhe contar como resolvi isso. Lembra-se da descrição da sra. Snyder? Já conheceu alguma mulher assim que não pagasse, em suaves prestações semanais, pela ampliação de um retrato de si mesma feito a *crayon*? O maior ateliê desse tipo no país fica logo ali na esquina. Fui até lá e peguei o endereço dela no livro de registros. Pronto.

Holmes e a mulher incrivelmente sedutora

A.B. COX

Um dos mais criativos e influentes autores da época áurea da ficção policial (as duas décadas entre a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais), Anthony Berkeley Cox (1893-1971) foi lamentavelmente menosprezado, sendo conhecido apenas pelos maiores aficionados do gênero. Ele fundou o renomado *Detection Club*, em Londres, reservado para os melhores autores do gênero.

A sua vida como escritor profissional começou com histórias de humor, artigos e livros. Sob a assinatura A.B. Cox, produziu esquetes para a revista

semanal *Punch*, muitos dos quais foram mais tarde reunidos sob o título *Jugged Journalism* (1925), e romances menores como *Brenda Entertains* (1925) e *The Professor on Paws* (1926). Seu primeiro romance policial, *O mistério de Layton Court* (1925), publicado anonimamente, trazia a personagem Roger Sheringham, um dos mais originais e falíveis detetives amadores de todos os tempos.

Em *The Second Shot* (1930), Sheringham lança mão de uma lógica irrefutável

para identificar o criminoso só para que o assassino explicasse por que havia cometido o crime. Enredo semelhante aparece em seu livro mais famoso, *The Poisoned Chocolate Case* (1929). O principal feito de Berkeley nesses engenhosos *tours-de-force* foi estabelecer a importância da avaliação psicológica tanto do criminoso, quanto do detetive, e até mesmo da vítima.

Este foi um passo fundamental para o surgimento das modernas histórias

policiais sempre mais preocupadas com o *porquê* de um crime do que com o *quem* ou o *como*. Isso foi elevado ao nível máximo nos primeiros dois livros que Cox escreveu sob o pseudônimo de Francis Iles. *Malice Aforethought* (1931) é baseado numa história real, o caso Armstrong, em que um médico covarde mata

a esposa detestável. Desde o princípio, o leitor sabe do crime, bem no estilo de

um episódio da série de TV *Columbo*. No entanto, o leitor continua interessado em saber como o crime foi planejado e se o criminoso sairá impune. Como escreveu Julian Symons: “Se existe um livro que, mais do que qualquer outro, pode ser considerado pioneiro em termos de romance policial realista do pós-guerra, é este aqui.”

Ainda mais significativo é *Before the Fact* (1932), o estudo psicológico de um assassino em potencial visto pelos olhos de quem pode se tornar sua vítima. O

romance serviu de base para o roteiro de *Suspeita* (1941), excelente filme de Alfred Hitchcock, embora o final tenha sido modificado para proteger a boa imagem de Cary Grant no meio cinematográfico.

“Holmes e a mulher incrivelmente sedutora” foi originalmente publicado em

Jugged Journalism (Londres: Herbert Jenkins, 1925).

HOLMES E A MULHER

INCRIVELMENTE SEDUTORA

A.B. Cox

Era um dia bem sem graça de março. Lembro que o bom e velho Holmes e eu estávamos sentados no antigo apartamento da Baker Street, calados, numa espécie de meditação. Na verdade, Holmes estava pondo sua boa e velha massa cinzenta para trabalhar por causa de uma carta que tinha acabado de receber, enquanto eu relaxava tranquilamente numa poltrona.

— Ei, Watson, meu caro — disse ele, enfim, jogando a carta na minha direção. — O que essa massa de depósitos aluviais que você chama de cérebro tem a dizer sobre isso aqui?

Se bem me lembro, a carta dizia mais ou menos isso (posso não ter registrado as palavras exatas, mas o conteúdo era basicamente este, podem acreditar):

Prezado sr. Holmes,

Passarei aí por volta das três da tarde para tratar de um assunto bem desagradável com o senhor. Trata-se do seguinte: Freddie Devereux me pediu em casamento ontem à noite, e tenho testemunhas que podem comprovar o que digo. Contudo, esta manhã veio me dizer que havia se excedido um pouco (estava muito bêbado, se é que me entende) e que um pedido de casamento não tinha qualquer valor aos olhos das velhas leis quando era realizado sob a influência do rum, aquele companheiro diabólico, como foi o caso. Bom, o que estou querendo dizer é: o que fazer? Em outras palavras: caberá ao senhor tomar as providências necessárias para que Freddie e eu subamos ao altar num futuro bem próximo. Entendeu?

Cordialmente,

Cissie Crossgarters

— E então, Watson? — indagou Holmes, despejando um pouco de refrigerante no seu frasco de cocaína. — Como diz o bom e velho poeta: hein, hein, hein?

— Bom, me parece — comecei de forma evasiva por uma questão de segurança — a carta de uma moça chamada Cissie Crossgarters, que quer colocar uma coleira num sujeito chamado Devereux. Este, porém, está tentando tirar o corpo fora recorrendo às velhas leis. Pelo menos, em suma é isto.

— Impressionante como você consegue chegar ao cerne das questões, Watson! — exclamou Holmes com seu jeito incrivelmente debochado. — Mas já são três horas e olha só a campainha tocando. Ou muito me engano ou é a nossa cliente, Cissie Crossgarters! — acrescentou como se falasse consigo mesmo. — Ouça o que lhe digo, Watson: a tal senhorita é uma mulher incrivelmente sedutora. E das boas…

Apesar dos seus defeitos, devo dizer que Holmes de fato é um homem com um cérebro e tanto; o sujeito transpira intuição. A tal senhorita era mesmo de primeira. O jeito como entrou flutuando na nossa pequena sala de visitas me fez pensar num raio de sol batendo num bom e velho queijo gorgonzola. Quero dizer, poesia, trejeitos radiantes e tudo o mais.

— Srta. Crossgarters? — indagou Holmes, bancando o educado.

— Pode me chamar de Cissie — disse ela, desmanchando-se em sorrisos.

Ah, era mesmo incrivelmente sedutora.

— Permita que eu lhe apresente o meu amigo, colega etc. e tal, Bertie Watson — disse Holmes, e ela direcionou o sorriso para mim.

Posso garantir que senti o coração se acelerar feito uma motocicleta quando apertei a mãozinha que ela me estendeu. A mão era incrivelmente pequena. Na verdade, minúscula, se entendem o que estou querendo dizer. Era uma mãozinha tão incrivelmente miúda…

— Pois então? — exclamou Holmes quando nós três já estávamos sentados. E, ao falar, exibiu a expressão mais inquiridora em seu rosto comprido. — O que aconteceu exatamente? O quê, o quê?

— Recebeu a minha carta? — balbuciou a moça, fitando Holmes como se ele fosse o único homem do mundo. Daquele jeito que elas nos olham quando querem algo de nós, sabe?

— Pode apostar que sim — replicou Holmes, recostando-se no espaldar da poltrona e unindo as pontas dos dedos das mãos, como sempre fazia quando começava a lidar com um novo caso.

— E o que acha disso?

— Ah! — exclamou Holmes, deixando no ar um tom de mistério. — É o que precisamos considerar. Devo dizer, porém, que a situação me parece incrivelmente complexa e bastante desagradável. Na verdade, eu diria que é incrivelmente desagradável e bastante complexa, se é que me entende. O que estou querendo dizer — acrescentou ele com cautela —, se acompanha o meu raciocínio, é um caso ao mesmo tempo incrivelmente complexo e desagradável.

— O senhor se expressa tão bem… — disse a moça com admiração. — É

exatamente assim que me sinto sobre essa situação. E, na sua opinião, qual a melhor atitude a tomar?

— Ah! — repetiu Holmes, esbravejando como um louco. — É só nesse quesito específico que precisamos pensar, não é? Quero dizer, antes de passarmos à ação, precisamos nos dedicar um pouco para meditar e tal… Pelo menos, é assim que as coisas me chamam a atenção…

— Como o senhor é esperto, sr. Holmes! — murmurou a moça.

Holmes se levantou.

— E digo mais: a melhor maneira de sacudir aquele sujeito e fazê-lo cumprir com suas obrigações é recuperar as condições ideais comendo alguma coisinha delicada. Em outras palavras, o que acha de tomarmos um chá e comer algumas delícias antes de mais nada?

— Ah, claro! — exclamou a moça. — Que ótima ideia!

— Maravilha! — falei, todo entusiasmado. Quer dizer, fiquei animado com a ideia.

Holmes me lançou um olhar incrivelmente frio.

— Você não está incluído nessa parte da história, meu caro — observou ele, naquele tom que os escritores chamariam de peremptório.

E lá se foram os dois, juntos.

Já passava da meia-noite quando Holmes voltou.

— E aí? — indaguei, sem muita convicção, pois ainda estava um tanto magoado, se é que me entendem.

— E aí? — replicou Holmes, desabotoando a pelerine.

— E aí? E aí?

— E aí? E aí? O quê? — O que aconteceu com Freddie Devereux? —

perguntei para mudar de assunto.

— Aquele pedaço de mediocridade com cara de lua-cheia? O que tem ele?

— Bom, o que aconteceu? Com ele e com a srta. Crossgarters! Quero dizer, como foram as coisas?

— Ah, as coisas entre os dois? Bom, acho que ele não vai mais aborrecê-la,

sabe? Cissie e eu ficamos noivos e vamos nos casar, ora!

Uma história policial irredutível

STEPHEN LEACOCK

O maior humorista canadense, Stephen Butler Leacock (1869-1944) nasceu na

Inglaterra, porém, sete anos mais tarde, sua família se mudou para o Canadá e

“decidi ir com eles”, escreveu Leacock tempos depois. No início do século XX,

ele era o humorista mais famoso no mundo anglófono, segundo a *The Canadian*

Encyclopedia (embora isso possa surpreender os inúmeros fãs de Mark Twain).

Aparentemente, este título é a credencial perfeita para os cargos que ele ocupou:

professor de Economia Política e, por muitos anos, chefe do Departamento de Economia e Ciência Política da Universidade McGill.

Leacock foi um autor prolífico de não ficção, escrevendo principalmente

histórias do Canadá e da Inglaterra e biografias, inclusive as de Mark Twain e Charles Dickens. Hoje, porém, todas essas obras foram esquecidas e, se ele ainda

é lembrado, é por suas narrativas e poemas humorísticos. Foi o herói de Robert

Benchley, da *New Yorker*, e um dos autores favoritos dos comediantes Groucho Marx e Jack Benny.

No campo da paródia, Leacock abordou mais de uma vez Sherlock Holmes

(que nunca é mencionado, aparecendo apenas como o grande detetive). Outras de suas histórias são “Maddened by Mistery, or The Defective Detective”

(1911), “The Great Detective” (1928) e “What Happened Next?” (1937).

“Uma história policial irredutível” foi publicada inicialmente no livro *Further Foolishness: Sketches and Satires of the Follies of the Day* (Nova York & Londres: John Lane; Toronto: Gundy, 1916).

UMA HISTÓRIA POLICIAL

IRREDUTÍVEL

Stephen Leacock

O mistério tinha chegado ao clímax. Em primeiro lugar, o homem havia sido

assassinado, sem dúvida alguma. Em segundo lugar, tinham certeza absoluta de

que nenhuma pessoa imaginável tinha feito aquilo.

Estava, portanto, na hora de convocar o grande detetive.

Ele deu uma olhada inquiridora no cadáver. A certa altura, passou a mão no microscópio.

— Arrá! — exclamou, pegando um fio de cabelo na lapela do paletó do

morto. — Agora o mistério está resolvido. — Ergueu o tal fio de cabelo. —

Ouçam — continuou. — Basta encontrarmos o homem que perdeu esse fio de

cabelo e teremos o criminoso nas mãos.

A inexorável cadeia do raciocínio lógico estava completa.

O próprio detetive saiu em busca do tal indivíduo.

Passou quatro dias e quatro noites circulando disfarçadamente pelas ruas de Nova York, observando cada detalhe do rosto de quem passava, procurando pelo

homem que havia perdido um fio de cabelo.

No quinto dia, encontrou um sujeito disfarçado de turista que tinha a cabeça totalmente oculta por um boné que lhe cobria até as orelhas.

O tal homem ia embarcar no *Gloritania*.

O detetive o seguiu a bordo do navio.

— Prendam-no! — disse o grande detetive. — Isto aqui é a prova da sua culpa.

— Tirem o chapéu dele — ordenou o capitão em tom severo.

Foi o que fizeram.

O homem era completamente careca.

— Arrá! — exclamou o grande detetive sem a menor hesitação. — Ele não

cometeu apenas *um* crime, mas um milhão deles.

A maleta do doutor

STEPHEN KING

Na história da literatura norte-americana, poucos escritores mantiveram por tanto tempo a popularidade, e também o reconhecimento da crítica, como

Stephen Edwin King (1947-). Nascido em Portland, no Maine, ele se graduou em inglês pela universidade do seu estado. Vendeu histórias para inúmeros periódicos, inclusive para a revista *Playboy*. Fortemente influenciado por H.P.

Lovecraft e pelas histórias macabras publicadas pela EC Comics, acabou se especializando em narrativas de terror e de cunho sobrenatural, mas também

lançou outras obras, tanto do gênero policial, quanto aventuras do Velho Oeste ou de ficção científica.

O manuscrito do seu primeiro livro, *Carrie, a estranha* (1973), sobre uma moça dotada de poderes psíquicos, foi jogado no lixo e, num episódio que se tornou célebre, recuperado por sua esposa, Tabitha, que o incentivou a aprimorar

um pouco o texto e enviá-lo para alguma editora. Acabou sendo lançado numa edição encadernada, de tiragem modesta, mas, depois, ao sair em brochura, obteve um sucesso estrondoso, impulsionando de tal forma a carreira de King que ele se tornou uma celebridade tão famosa quanto um astro de cinema ou do

esporte, o que é bem incomum para escritores.

Além de vários romances e contos, King escreveu roteiros para o cinema e obras de não ficção, demonstrando ser um especialista em história e filmes macabros. Mais de uma centena de filmes e programas de televisão foram

produzidos com base em sua obra, entre os quais se destacam *Carrie, a estranha*

(1976), *O iluminado* (1980), *Conta comigo* (1986, baseado no conto "O corpo"), *Um sonho de liberdade* (1994, baseado no conto "Rita Hayworth e a redenção de Shawshank") e *À espera de um milagre* (1999). *Sob a redoma* (2009), um dos

seus romances mais extensos, serviu de base para uma série de TV bastante popular que estreou em junho de 2013 e foi exibida no Brasil em TV aberta com

o título *Prisão invisível*.

"A maleta do doutor" foi originalmente publicado em *As novas aventuras de*

Sherlock Holmes, livro editado por Martin H. Greenberg e Carol-Lynn Rössel Waugh (Nova York: Carroll & Graf, 1987).

A MALETA DO DOUTOR

Stephen King

O tempo estava chuvoso e melancólico e o relógio acabava de marcar uma e

meia da tarde. Sentado junto à janela, Holmes segurava o violino, sem tocá-lo, e, em silêncio, observava a chuva cair. De vez em quando, especialmente depois que parou de usar cocaína, Holmes ficava muito taciturno, beirando um estado depressivo, quando o céu teimava em permanecer cinzento por uma semana ou mais. Nesse dia, ficara duplamente desapontado, pois a neblina havia começado a se dissipar na noite anterior e, pelas suas previsões, no máximo até as dez da manhã o céu iria clarear. Mas, pelo contrário, o dia amanheceu nublado e, quando acordei, já estava chovendo forte. Se havia algo que deixava Holmes ainda mais melancólico do que longos períodos de chuva, era descobrir que estava errado.

De repente, ele se aprumou, tocou uma das cordas do violino com a unha e abriu um sorriso sardônico.

— Watson! Vale a pena olhar! O cão de caça mais molhado que já viu na vida!

Era Lestrade, é claro, sentado no banco de trás de um veículo sem capota, surgindo diante dos seus olhos perspicazes e inquiridores. A carruagem ainda nem havia parado e ele já estava descendo, empurrando o cocheiro para o canto e dirigindo-se a passos largos ao nº 221B da Baker Street. Estava com tanta pressa que achei que fosse entrar correndo pela nossa porta.

Ouvi a sra. Hudson reclamando do estado em que ele se encontrava, literalmente pingando, o que, segundo ela, estragaria os tapetes lá de baixo e os daqui de cima. Então vi Holmes, com uma agilidade que faria Lestrade parecer uma tartaruga, correr até a porta e gritar:

— Pode deixá-lo subir, sra. H. Se for se demorar muito aqui, ponho um jornal debaixo dos seus pés, mas, tenho a impressão…

E Lestrade subiu correndo a escada, deixando a sra. Hudson resmungando lá

embaixo. Estava bastante corado, tinha os olhos ardentes e os dentes, decididamente amarelados devido ao tabaco, estavam todos à mostra num sorriso feroz.

— Inspetor Lestrade! — exclamou Holmes com animação. — O que o traz aqui com um tempo…

Mas não conseguiu concluir a frase. Ainda ofegante por causa da subida, Lestrade o interrompeu:

— Ouvi dizer que, segundo os ciganos, o diabo realiza desejos. Agora eu acredito. Se quiser tentar a sorte, Holmes, venha imediatamente. O cadáver ainda não esfriou e há uma fila de suspeitos.

— O que aconteceu?

— Ora, aquilo que o seu orgulho já desejou uma centena de vezes, ou até mais, que eu saiba, meu caro amigo. O mistério perfeito do cômodo trancado!

Ao ouvir isso, os olhos de Holmes brilharam.

— Verdade? Está falando sério?

— Acha que eu teria me arriscado a pegar uma pneumonia vindo até aqui numa charrete sem capota se não fosse sério? — retrucou Lestrade.

Então, pela primeira vez (até onde sei, apesar das inúmeras vezes que essa frase foi atribuída a ele), Holmes se virou para mim e exclamou:

— Depressa, Watson! O jogo já começou!

Enquanto seguíamos para a residência de lorde Hull, Lestrade fez um comentário amargurado, dizendo que Holmes também tinha a *sorte* do diabo.

Embora Lestrade tivesse pedido ao cocheiro que esperasse, mal saímos de casa e aquela raridade primorosa desceu a rua com o ruído dos cascos dos cavalos atingindo as pedras do calçamento: um veículo vazio sob a chuva que agora dançava conforme o vento. Subimos e, num piscar de olhos, partimos. Como sempre, Holmes se sentou do lado esquerdo, com os olhos inquietos vasculhando todos os lados, catalogando tudo, apesar de não haver praticamente nada para ver num dia como *aquele*… Ou, pelo menos para as pessoas como eu, era o que parecia. Não duvido que cada esquina vazia ou cada vitrine molhada de chuva dizia muitas coisas a Holmes.

Lestrade direcionou o cocheiro para o que parecia ser um endereço de luxo em Saville Row, depois perguntou se Holmes conhecia lorde Hull.

— De nome — respondeu Holmes. — Mas nunca tive a sorte de conhecê-lo pessoalmente. E, pelo visto, acho que nunca terei. Ele trabalhava com importação e exportação, não é?

— Exatamente — replicou Lestrade. — Mas teve muita sorte, sim. Pelo que todos dizem (inclusive seus parentes mais próximos e os seus entes… humm… queridos), lorde Hull era um sujeito maldoso e excêntrico como o monstro de uma história infantil. Acabou, no entanto, levando tanto a maldade quanto a excentricidade ao extremo. Por volta das onze da manhã de hoje, ou seja — abriu a tampa de um relógio de bolso e olhou o mostrador —, há exatamente duas horas e quarenta minutos, alguém lhe enfiou uma faca nas costas enquanto ele estava sentado no escritório com o testamento no mata-borrão à sua frente.

— Quer dizer — retomou Holmes, pensativo, acendendo o cachimbo — que você acredita que o escritório desse desagradável lorde Hull é o cômodo trancado que venho procurando a vida toda?

Em seus olhos dava para ver um brilho cético por trás da fumaça azulada que se erguia.

— Acredito que sim — respondeu Lestrade baixinho.

— Watson e eu já cavamos muitos poços e, até hoje, não conseguimos encontrar água — disse Holmes e me olhou antes de se voltar para a incessante quantidade de ruas pelas quais passávamos. — Lembra-se da "Faixa Malhada", Watson?

Eu nem precisava responder à sua pergunta. É verdade que houvera um cômodo trancado nesse caso, mas também tinha havido um duto de ventilação, uma cobra extremamente venenosa e um assassino cruel o bastante para enfiá-la no duto. Fora um plano diabólico, mas Holmes percebera o "xis" da questão quase imediatamente.

— Quais são os fatos, inspetor? — indagou Holmes.

Lestrade começou a expor tudo com o jeito apressado de um policial treinado. Lorde Albert Hull fora um tirano nos negócios e um déspota na própria casa. Sua esposa era uma pobre criatura apavorada. Pelo visto, o fato de ter lhe dado três filhos homens não abrandou em nada a forma como ele a tratava. Ela foi bem relutante com relação a falar das suas relações sociais, mas os filhos não tiveram a mesma reserva. O pai, disseram, nunca perdeu uma oportunidade de ameaçá-la, criticá-la ou se divertir à sua custa… E tudo isso quando tinham visitas. Sozinhos, ele praticamente a ignorava. Ou, acrescentou o inspetor, às vezes até batia nela.

— William, o mais velho, me disse que ela sempre contava a mesma história quando aparecia para tomar café da manhã com um olho inchado ou um machucado no rosto. Dizia que havia se esquecido de pôr os óculos e tinha batido de cara na porta. “Ela batia de cara na porta uma ou duas vezes por semana”, comentou William. “Não sabia que tínhamos tantas portas assim em casa.”

— Humm! — exclamou Holmes. — Sujeitinho agradável, esse! Os filhos nunca deram um basta nisso?

— Ela nunca permitiria — respondeu Lestrade.

— Que loucura — comentei.

Um homem que bate na mulher é uma abominação; uma mulher que permite essa abominação causa perplexidade.

— Mas havia um método na sua loucura — disse Lestrade. — Embora não se perceba isso ao olhar para ela, era vinte anos mais jovem que Hull. Ele sempre bebeu muito e era um entusiasta da boa mesa. Cinco anos atrás, quando fez 60 anos, já sofria de gota e angina.

— Espere a tempestade passar e, então, desfrute do sol — sentenciou Holmes.

— Exatamente — disse Lestrade. — Lorde Hull fez questão de que todos soubessem tudo que ele possuía e quais eram as provisões em seu testamento. Aqueles quatro eram pouco mais do que escravos…

— …e o testamento era a carta de alforria — murmurou Holmes.

— Exatamente. Na ocasião da sua morte, sua fortuna era de trezentas mil libras. E nunca pediu à família que aceitasse apenas a sua palavra como prova: a

cada três meses, o seu contador-chefe ia à mansão para explicar em detalhes o balanço da empresa… Embora lorde Hull mantivesse o dinheiro nas próprias mãos e bem fechada.

— Que sujeito diabólico! — exclamei.

Pensei, então, nos garotos cruéis que às vezes vemos em Eastcheap ou em Picadilly, mostrando um doce para um cachorro faminto só para fazê-lo dançar… E, depois, eles mesmos comem a guloseima. Não demorei a descobrir que essa comparação era ainda mais adequada do que eu havia imaginado.

— Com a morte do marido, lady Rebecca Hull deveria receber 150 mil libras. William, o mais velho, receberia cinquenta mil; Jory, o filho do meio, quarenta, e Stephen, o caçula, trinta.

— E as outras trinta mil? — perguntei.

— Sete mil seriam distribuídas entre seus parentes: quinhentas para cada um dos seus irmãos no País de Gales e também para uma tia na Bretanha (nem um centavo ficaria para os parentes da esposa). Cinco mil seriam destinadas aos criados da casa na cidade e da propriedade que a família tem no campo e (vai gostar disso, Holmes) dez mil libras iriam para O Lar para Gatos Abandonados, mantido pela sra. Hemphill.

— Só pode estar de *brincadeira*! — exclamei. Mas, se Lestrade estivesse esperando uma reação semelhante de Holmes, certamente ficou decepcionado. O meu amigo se limitou a reacender o cachimbo e assentir com a cabeça, como se contasse com isso ou com algo parecido. — Com tantos bebês morrendo de fome no East End e órfãos desabrigados que, aos 10 anos, estão perdendo todos os dentes nas fábricas de enxofre, esse sujeito deixou dez mil libras para um…

um abrigo de *gatos*?

— Foi isso mesmo que eu disse — replicou Lestrade, achando graça. — Além disso, ele teria deixado *27 vezes* essa quantia para os gatos abandonados da sra. Hemphill se não fosse pelo que aconteceu hoje de manhã… se não fosse pela pessoa que cometeu crime.

Fiquei boquiaberto ao ouvir isso, tentando fazer as contas mentalmente.

Enquanto eu chegava à conclusão de que lorde Hull planejava deserdar tanto a esposa quanto os filhos em benefício de um orfanato para felinos, Holmes olhava emburrado para Lestrade e dizia algo que, para mim, soou como total absurdo.

— Vou espirrar, não vou?

Lestrade deu um sorriso de uma doçura excepcional.

— Ah, vai, sim, meu caro Holmes. Imagino que vá espirrar muitas vezes e intensamente.

Holmes largou o cachimbo, que acabava de chegar ao ponto que lhe agradava (deu para perceber isso pelo jeito como ele se reclinou ligeiramente no banco), ficou por alguns instantes olhando para o objeto e, então, o esticou para fora do veículo. Eu o vi despejar o tabaco úmido e ainda soltando fumaça e fiquei mais espantado do que nunca. Se, naquele momento, alguém me dissesse que eu solucionaria o caso, acho que eu teria sido grosseiro o bastante para cair na gargalhada. Àquela altura, nem sequer fazia ideia *do que se tratava*. Só sabia que alguém (que a cada instante me parecia mais o tipo de pessoa que merecia se apresentar no pátio do Palácio de Buckingham para receber uma medalha do que no Tribunal de Old Bailey para ser condenado) havia matado aquele abominável lorde Hull antes que ele trocasse a família de sangue por um bando de gatos vira-

latas.

— Quantas?

— Dez — respondeu Lestrade.

— Bem que eu desconfiei que foi mais do que esse seu famoso cômodo

trancado que o fez subir numa charrete sem capota debaixo de uma chuva dessas

— observou Holmes, aborrecido.

— Pode desconfiar o quanto quiser — retrucou Lestrade, animado. —

Lamento, mas tenho que seguir em frente. Se preferir, posso deixá-lo aqui mesmo, junto com o bom doutor.

— Esqueça — replicou Holmes. — Quando foi que ele começou a ter certeza

de que ia morrer?

— Morrer? — exclamei. — Como pode saber que…?

— É óbvio, Watson — respondeu Holmes. — Ele se divertia dominando a família com os termos do seu testamento. — Olhou para Lestrade. — Nenhuma

cláusula restritiva, se entendi bem?

O inspetor balançou a cabeça.

— Nem qualquer condição?

— Nenhuma.

— Extraordinário! — exclamei.

— Queria que a família soubesse muito bem que tudo seria deles quando ele

fizesse a gentileza de morrer, Watson — disse Holmes, — mas, na verdade, nunca teve a intenção de que recebessem a herança. Percebeu que estava

morrendo. Esperou… E, então, chamou todos hoje de manhã… Foi hoje de manhã, não foi, inspetor?

Lestrade confirmou com a cabeça.

— Pois é… Ele reuniu a família inteira hoje de manhã e comunicou que tinha feito um novo testamento que deserdava a todos… Menos os criados e os parentes distantes, suponho.

Abri a boca para falar, mas descobri que estava tão indignado que não conseguia dizer nada. A imagem que não saía da minha cabeça era a daqueles meninos malvados fazendo os pobres vira-latas famintos do East End pular para pegar um naco de carne de porco ou uma migalha de torta de carne. Devo admitir que nunca me passou pela cabeça perguntar se um testamento como aquele não poderia ser questionado no tribunal. Hoje em dia, um homem teria muita dor de cabeça para fazer um testamento deserdando os parentes mais próximos em benefício de um asilo para gatos; em 1899, porém, a vontade de um homem era a vontade de um homem e, a menos que pudessem fornecer inúmeras provas de insanidade (não de excentricidade, mas de *insanidade* efetiva), os desígnios de um homem, como os de Deus, seriam cumpridos.

— Esse novo testamento foi devidamente assinado por testemunhas? — perguntou Holmes, achando uma possível brecha legal nesse esquema tão elaborado.

— Na verdade, foi, sim — respondeu Lestrade. — Ontem, o advogado de lorde Hull e um dos seus assistentes apareceram na mansão e foram levados ao seu escritório. Permaneceram lá por uns quinze minutos. Stephen Hull disse que, em determinado momento, o advogado ergueu a voz protestando contra alguma

coisa (mas não sabia o quê) e que Hull mandou que se calasse. Jory, o filho do meio, estava pintando no andar de cima, e lady Hull tinha ido visitar uma amiga.

Mas tanto Stephen quanto William os viram entrar e sair. William disse que quando os dois foram embora, estavam cabisbaixos e, embora o rapaz tenha lhes dirigido a palavra, perguntando se o sr. Barnes, o advogado, estava bem e fazendo algum comentário qualquer sobre a chuva que não parava, Barnes não respondeu e o assistente pareceu efetivamente se encolher. Era como se estivessem envergonhados, segundo William.

Bom, havia testemunhas. E lá se foi *a tal* brecha, pensei.

— Já que tocamos no assunto, me conte sobre os rapazes — pediu Holmes, unindo as pontas dos dedos magros.

— Como quiser. Acho que não é necessário dizer que o ódio que sentiam pelo pai só não era maior do que o imenso desprezo que o pai sentia por eles… Mas como ele poderia desprezar Stephen?… Bom, pouco importa… Não vou atropelar a ordem das coisas.

— Quanta gentileza, inspetor Lestrade — disse Holmes secamente.

— William tem 36 anos. Se o pai lhe desse alguma mesada, suponho que ele seria um salafrário. Como tinha pouco ou nenhum dinheiro, dava longos passeios durante o dia, ia a cafés à noite ou, se porventura tivesse um dinheirinho no bolso, ia a um cassino e em pouco tempo perdia tudo. Não é um sujeito agradável, Holmes. Um homem sem qualquer objetivo, sem qualquer habilidade, sem nenhum hobby ou ambição (a não ser a de viver mais do que o pai) não tem muita chance de ser uma pessoa agradável. Enquanto falava com ele, tive a nítida impressão de estar interrogando um pote vazio com uma leve estampa do

rosto de lorde Hull.

— Um pote à espera do dinheiro do pai para encher — comentou Holmes.

— Jory, contudo, é outra história. Hull reservou uma boa parte do seu desprezo para ele, chamando-o, desde que era bem pequeno, por apelidos carinhosos como “cara de peixe”, “pernas de barrica” e “barriga de furão”. Infelizmente, não é difícil entender esses apelidos. Jory Hull não tem mais de um metro e meio de altura, se tanto. Suas pernas são arqueadas, os ombros curvados para a frente e é evidentemente feio. Parece um pouco com aquele poeta, o que era maricas.

— Oscar Wilde? — perguntei.

Holmes me deu uma olhadela rápida e divertida.

— Acho que Lestrade está se referindo a Algernon Swinburne — disse ele. — Mas acho que ele não é mais maricas do que você, Watson.

— Jory Hull nasceu morto — continuou Lestrade. — Depois de passar um minuto inteiro azulado e rígido, o médico o declarou morto e cobriu seu corpinho deformado com um pano. Lady Hull, em seu único momento de heroísmo, se sentou, tirou o pano e enfiou as pernas do bebê na água quente que havia sido trazida para o parto. Logo ele começou a se remexer e a choramingar. Lestrade sorriu e acendeu uma cigarrilha com um fósforo sem dúvida confiscado de um daqueles moleques em quem eu estava justamente pensando.

— O próprio Hull, sempre generoso, culpava essa imersão em água quente pelas pernas arqueadas.

A única reação de Holmes a essa história extraordinária (e, para a minha cabeça de médico, bastante suspeita) foi comentar que Lestrade havia obtido uma grande quantidade de informação dos suspeitos em pouquíssimo tempo.

— É um dos aspectos do caso que imaginei que fosse interessá-lo, meu caro

Holmes — disse o inspetor quando entramos na Rotten Row fazendo uma curva

e espirrando água para todo lado. — Eles não precisam ser pressionados para falar; ficam quietos se são intimidados. Tiveram que se manter calados por muito

tempo. E ainda há um detalhe: o novo testamento desapareceu. Acho que o alívio deixa as línguas soltas ao extremo.

— Desapareceu! — exclamei, mas Holmes pareceu nem se importar com isso.

Apenas fez algumas perguntas a Lestrade sobre as deformações do filho do meio.

— Sendo feio como é, acredito que o pai vivia lhe jogando várias coisas ofensivas na cara porque…

— Porque Jory era o único filho que não dependia do dinheiro do pai para viver — completou Holmes em tom complacente.

Lestrade levou um susto.

— Caramba! Como descobriu isso?

— Importunar um homem por causa de defeitos que qualquer um pode ver é a

atitude de um homem amedrontado e vingativo — disse Holmes. — E essa

história de ele ter a chave do porão?

— Como já lhe disse, ele pinta — respondeu Lestrade.

— Ah!

Como comprovamos mais tarde vendo as telas que havia nos cômodos do

subsolo da mansão familiar, Jory Hull era mesmo um bom pintor. Nada excepcional; não pretendo lhe fazer um elogio. Mas os retratos que fez da mãe e dos irmãos eram bem fiéis, tanto que, anos mais tarde, quando vi pela primeira vez fotografias coloridas, logo me lembrei daquela tarde chuvosa de novembro de 1899. E o do seu pai, que ele nos mostrou depois… Talvez Jory se parecesse *mesmo* com Algernon Swinburne, mas sua semelhança com o pai (pelo menos o pai visto através dos olhos da mãe e do filho) me fez pensar numa personagem de Oscar Wilde: aquele libertino quase imortal, Dorian Gray.

Suas telas eram o resultado de um trabalho longo e demorado, mas ele fazia esboços com tanta rapidez que seria bem capaz de voltar para casa, depois de passar a tarde de sábado no Hyde Park, com cerca de vinte libras no bolso.

— Duvido que o pai gostasse *disso* — disse Holmes. Num gesto automático, levou a mão ao bolso para pegar o cachimbo, mas acabou deixando-o lá. — O filho de um lorde fazendo retratos de turistas norte-americanos ricos e suas namoradas como se fosse um boêmio francês…

— Ele ficava furioso — replicou Lestrade —, mas Jory não abriu mão do seu estande de vendas no Hyde Park… Pelo menos não até o pai concordar em lhe conceder a quantia semanal de 35 libras, o que, segundo lorde Hull, não passou de uma reles chantagem.

— Isso parte meu coração! — comentei.

— O meu também, Watson — observou Holmes. — E o terceiro filho, Lestrade… Acho que já estamos quase chegando à mansão.

Como o inspetor já tinha dito, Stephen Hull era quem tinha mais motivos para detestar o pai. À medida que a gota foi piorando e sua cabeça foi se tornando mais confusa, lorde Hull foi transferindo cada vez mais os negócios da empresa para Stephen, que tinha apenas 28 anos quando o pai morreu. Inúmeras responsabilidades lhe foram impingidas; inúmeras acusações lhe eram feitas sempre que qualquer decisão que tomasse se revelasse errada e, ainda por cima, nunca recebeu a menor recompensa financeira no caso de tomar uma decisão acertada.

Como Stephen era o único dos três filhos com algum interesse na empresa que ele havia fundado, lorde Hull deveria ter lhe dado apoio. Já que Stephen era não só quem assegurava a prosperidade dos negócios do pai, que poderia muito bem estar sofrendo uma redução dos lucros em função dos problemas físicos e mentais do seu fundador (e fazia tudo isso apesar da pouca idade), o pai deveria tratá-lo com amor e também com gratidão. Contudo, Stephen era recompensado com a desconfiança, a inveja e a convicção, várias vezes repetida por lorde Hull, de que o filho “ia roubar até mesmo as moedas” que pusessem nos seus olhos depois da sua morte.

— Filho da p…! — exclamei, sem conseguir me conter.

— Ele salvou a empresa e a fortuna — disse Holmes, voltando a unir as pontas dos dedos das mãos — e, mesmo assim, sendo o caçula, ia receber a menor parte do espólio. Aliás, com quem ficaria a empresa de acordo com o novo testamento?

— Seria tudo entregue ao Comitê Diretor. A firma passaria a se chamar Hull Shipping Ltd., sem qualquer cota destinada ao filho — informou Lestrade e

jogou fora a cigarrilha quando o cavalo entrou na alameda sinuosa de uma casa que, na minha opinião, parecia extremamente feia sob a chuva e cercada por gramados sem vida. — Mas, com a morte do pai e o sumiço do novo testamento, Stephen Hull vai herdar trinta mil libras. O sujeito não terá problema algum. Está “alavancado”, como dizem os norte-americanos. Vai se tornar o diretor-geral da empresa. Talvez isso acontecesse de qualquer forma, mas agora será segundo as condições de Stephen Hull.

— É — disse Holmes. — Alavancado. Boa palavra — Pôs a cabeça para fora, sob a chuva. — Pare imediatamente, cocheiro! — gritou. — Ainda não terminamos.

— Como quiser, patrão — replicou o cocheiro. — Mas com essa água dos diabos!

— Vai encher bastante o bolso para deixar seu corpo tão molhado e diabólico por dentro quanto por fora! — exclamou Holmes. A promessa pareceu agradar o sujeito, que parou a cerca de 25 metros da porta da casa. Dava para ouvir a chuva batendo na capota enquanto Holmes pensava. Por fim, ele disse: — O outro testamento, aquele que o velho usava para atormentar a família… *Esse* não desapareceu, certo?

— Não. Estava na escrivaninha, ao lado do corpo.

— Quatro excelentes suspeitos! Não precisamos nem considerar a criadagem… Pelo menos, é o que parece. Acabe logo com isso, Lestrade… As circunstâncias finais e o cômodo trancado.

Lestrade concluiu seu relato em menos de dez minutos, consultando suas

anotações de vez em quando. No mês anterior, lorde Hull havia notado um pontinho preto na perna direita, logo atrás do joelho. Chamaram o médico da família. O diagnóstico foi gangrena, uma consequência pouco comum, mas nem por isso rara, da gota e dos problemas circulatórios. O médico lhe disse que sua perna teria que ser amputada bem acima do local infeccionado.

Lorde Hull chegou a chorar de tanto rir. O médico, que esperava uma reação totalmente diferente, ficou desnorteado, sem saber o que dizer.

— Fique sabendo, seu cortador de ossos — esbravejou Hull —, que, quando me enfiarem no caixão, as duas pernas estarão bem presas ao meu corpo.

O médico disse que compreendia perfeitamente o desejo de lorde Hull de não ter a perna amputada, mas reafirmou que, sem a cirurgia, ele morreria em seis meses… Além de passar os dois últimos sofrendo com dores terríveis. O homem perguntou, então, quais seriam suas chances de sobrevivência caso se submetesse à operação. E continuava rindo, acrescentou Lestrade, como se tivessem lhe contado a melhor piada que já ouvira na vida. Depois de balbuciar algumas coisas incompreensíveis, o médico respondeu que as chances eram de cerca de cinquenta por cento.

— Uma ova! — exclamei.

— Foi exatamente o que lorde Hull disse — observou Lestrade. — Só que ele usou um termo um pouco mais vulgar.

Disse ao médico que, segundo seus próprios cálculos, suas chances eram de no máximo uma em cinco.

— Quanto à dor — prosseguiu —, não acredito que chegue a esse ponto, já que o láudano e a colher podem acabar com ela rapidinho.

No dia seguinte, Hull finalmente contou a todos sua abominável surpresa: estava pensando em alterar o testamento. Só que não disse como.

— Ah! — exclamou Holmes, erguendo para Lestrade aqueles frios olhos cinzentos que enxergavam longe. — E, diga-me, quem ficou surpreso com isso?

— Acho que nenhum deles. Mas o senhor conhece a natureza humana, Holmes; sabe como as pessoas insistem em ter esperança.

— E como outras fazem planos para impedir um desastre — acrescentou Holmes em um tom meio sonhador.

Naquela manhã, lorde Hull tinha chamado a família para a sala de visitas e, quando todos estavam acomodados lá, procedera à encenação que poucos testadores são capazes de realizar, já que geralmente compete às línguas dos seus advogados depois que a sua própria foi silenciada para sempre. Em poucas palavras, leu o testamento que deixava grande parte de suas posses para o abrigo de gatos da sra. Hemphill. Em meio ao silêncio que se seguiu, ele se levantou, não sem dificuldade, e presenteou a todos com um sorriso maligno. Depois, apoiando-se na bengala, fez a seguinte declaração que considero tão ignóbil agora quanto no momento em que Lestrade a reproduziu naquela charrete:

— Então, está tudo certo, não é mesmo? Sim, tudo certo! Vocês, mulher e filhos, me serviram fielmente durante uns bons quarenta anos. Agora pretendo, com a consciência mais tranquila e serena imaginável, recompensá-los por isso.

Mas animem-se! As coisas poderiam ser piores! Em outros tempos, os faraós mandavam matar seus animais de estimação favoritos, na maioria gatos, antes que eles próprios morressem. Assim, os animaizinhos estariam lá para recebê-los na outra vida, para ser acariciados ou chutados lá, conforme o capricho dos seus

donos, para sempre… para sempre… para sempre.

Em seguida, começou a rir deles. Apoiado na bengala, ria, com o rosto emaciado de um moribundo, segurando com firmeza na mão o novo testamento que todos tinham visto, devidamente assinado por ele mesmo e pelas testemunhas.

William se levantou e disse:

— O senhor pode ser meu pai e autor da minha existência, mas também é a criatura mais cruel que já rastejou pela face da Terra desde que a serpente tentou Eva no Jardim do Éden.

— De jeito nenhum! — replicou o velho monstro, ainda rindo. — Conheço quatro criaturas muito mais cruéis. Agora, se me dão licença, preciso guardar alguns papéis importantes no cofre… e queimar outros sem importância no fogareiro.

— Ele ainda tinha o testamento antigo durante esse confronto? — perguntou Holmes, parecendo mais interessado do que chocado.

— Tinha, sim.

— Poderia tê-lo queimado assim que o novo estivesse pronto e assinado — observou Holmes. — Teve uma tarde e uma noite inteiras para fazer isso. Mas não seria suficiente, não é? O que acha, Lestrade?

— Ele queria provocá-los. Provocá-los com uma possibilidade que, a seu ver, todos iam recusar.

— Existe outra hipótese — disse Holmes. — Ele falou em suicídio. Não seria possível que um homem como ele tivesse controlado a tentação por saber que

um dos membros da sua família (Stephen parece o mais provável, pelo que o senhor disse) podia perfeitamente fazer isso por ele, ser preso… e ser condenado à forca pelo crime cometido?

Olhei para Holmes, aterrorizado, sem dizer uma palavra.

— Pouco importa… — acrescentou ele. — Prossiga.

Os quatro haviam ficado sentados ali em silêncio, paralisados, enquanto o velho se afastava pelo corredor a passos lentos em direção ao seu escritório. Não havia qualquer outro som a não ser as pancadas da bengala, o ruído da sua respiração custosa, o miado melancólico do gato na cozinha e o ruído ritmado do pêndulo do relógio na sala. Depois, todos ouviram o rangido das dobradiças quando Hull abriu a porta do escritório e entrou.

— Espere aí! — exclamou Holmes, chegando mais para a borda do assento.

— Na verdade, ninguém efetivamente o viu entrar ali, não foi?

— Acho que não foi bem assim, meu caro — replicou Lestrade. — O sr. Oliver Stanley, criado pessoal de lorde Hull, chegou a ouvir os passos dele pelo corredor. Saiu do quarto de vestir, foi até a balaustrada da escada e gritou, perguntando ao patrão se ele estava bem. Hull ergueu os olhos (Stanley o viu tão nitidamente quanto eu o vejo agora, meu amigo) e disse que estava se sentindo às mil maravilhas. Depois passou a mão na nuca, entrou no escritório e trancou a porta. Quando ele alcançou a porta do aposento (o corredor é bem comprido e ele deve ter levado uns dois minutos para chegar lá sem qualquer auxílio), Stephen saiu do estado de estupor e foi até a porta da sala de visitas. Viu a conversa entre o pai e o seu criado. Claro que o pai estava de costas, mas ouviu sua voz e descreveu o mesmo gesto referido por Stanley: Hull passando a mão na nuca.

— Será que Stephen Hull e esse tal de Stanley podem ter conversado antes da chegada da polícia? — perguntei, achando-me muito astuto.

— Claro que sim, e é bem provável que tenham feito isso — respondeu Lestrade, desanimado. — Mas não houve qualquer combinação entre os dois.

— Tem certeza? — perguntou Holmes, mas, pelo seu tom de voz, não parecia lá muito interessado.

— Tenho. Stephen Hull poderia mentir muito bem, eu acho, mas Stanley não. Aceite a minha opinião profissional, ou não, Holmes. Como quiser.

— Pois aceito.

Então, lorde Hull entrou no escritório, o célebre cômodo trancado, e todos ouviram o clique da chave girando na fechadura: a única que existia para aquele sagradíssimo sacrário. Em seguida, ouviu-se um som bem menos comum: o ferrolho sendo passado na porta.

Depois, silêncio.

Os quatro, lady Hull e os filhos, todos prestes a se tornarem pobretões de sangue azul, se entreolharam em silêncio. Lá na cozinha, o gato voltou a miar e, com um tom de voz distraído, lady Hull disse que, se a governanta não tinha dado uma tigela de leite ao bichano, ela mesma precisaria fazê-lo. Disse ainda que, se continuasse ouvindo aquele barulho por mais tempo, ia enlouquecer. E saiu da sala. Minutos depois, sem trocarem uma palavra, os três filhos também deixaram o aposento. William foi para o seu quarto, no andar de cima; Stephen ficou circulando pela sala de música; e Jory foi se sentar num banco que ficava no vão da escada, para onde ia desde criança, segundo disse a Lestrade, sempre

que estava triste ou precisava resolver uma questão complicada.

Menos de cinco minutos depois, ouviu-se um grito terrível vindo do escritório.

Em um pulo, Stephen saiu da sala de música, onde estivera tocando notas isoladas no piano. Jory o encontrou diante da porta. William já estava no meio da escada e viu os dois aparecerem ali. Nesse momento, Stanley saiu do quarto de vestir e se aproximou pela segunda vez da balaustrada do andar de cima. Viu Stephen Hull arrombar a porta do escritório; viu William chegar ao pé da escada e quase cair no chão de mármore; viu lady Hull surgir na porta da sala de jantar com uma jarra de leite na mão. Pouco depois, o resto da criadagem já havia se reunido ali. Lorde Hull estava caído sobre a sua escrivaninha e os três rapazes se encontravam parados à sua volta. Seus olhos estavam abertos. Os lábios, contraídos, e os seus olhos exibiam uma surpresa indescritível. Segurava firme numa das mãos o seu testamento… o antigo. Não havia sinal do novo. E havia um punhal cravado em suas costas.

Dizendo isso, Lestrade ordenou ao cocheiro que prosseguisse.

Entramos escoltados por dois policiais tão impassíveis quanto as sentinelas do Palácio de Buckingham. Havia um longo corredor com piso de mármore preto e branco, formando um desenho que parecia um tabuleiro de xadrez. Eles nos levaram até a porta aberta que ficava no final do corredor e onde estavam postados mais dois guardas. O infame escritório. À esquerda, ficava a escada; à direita, duas portas: a da sala de visitas e a da sala de música, pelo que supus.

— A família está reunida na sala de visitas — disse Lestrade.

— Ótimo — observou Holmes, satisfeito. — Antes, porém, talvez seja melhor

Watson e eu darmos uma olhada nesse cômodo trancado.

— Querem que eu vá junto?

— Acho que não — respondeu Holmes. — O corpo já foi removido?

— Ainda não tinha sido quando saí para ir até a sua casa, mas agora já devem tê-lo levado.

— Ótimo.

Holmes saiu andando e eu fui atrás dele.

— Holmes! — chamou Lestrade.

O meu amigo se virou, com as sobrancelhas erguidas.

— Nenhum fundo falso, nenhuma passagem secreta. Acredite ou não em mim.

Como preferir.

— Acho que vou esperar até… — começou Holmes, mas sua respiração começou a ficar entrecortada.

Remexeu no bolso, achou um guardanapo talvez trazido por acaso do restaurante onde havíamos jantado na véspera e assoou o nariz com força. Olhei para baixo e deparei com um gato vira-lata bem grande e cheio de cicatrizes circulando pelas pernas do meu amigo. O bicho parecia tão deslocado naquele corredor imponente quanto um dos meninos de rua que trabalham nas fábricas de enxofre. Uma das suas orelhas baixava sobre a cabeça marcada; a outra já não existia, provavelmente perdida numa briga muito antiga.

Holmes espirrou inúmeras vezes e acabou chutando o gato. O animal se afastou, limitando-se a olhar para trás com um ar de repreensão, mas não reagiu

com aquele chiado raivoso que seria esperado no caso de um veterano. Por cima do guardanapo, Holmes voltou para Lestrade seus olhos úmidos e injuriados. Lestrade nem ao menos tentou disfarçar o riso.

— Dez, Holmes — disse ele. — *Dez*. Esta casa é cheia de gatos. Hull adorava esses animais.

E, dizendo isso, se afastou.

— Desde quando, amigo? — perguntei.

— Desde sempre — respondeu ele e espirrou mais uma vez.

Devo dizer que até hoje acredito que a solução do mistério do cômodo trancado teria sido tão evidente para Holmes quanto foi para mim se não fosse por aquela infeliz agonia. Naquela época, a palavra *alergia* era praticamente desconhecida, mas é evidente que era esse o problema dele.

— Quer ir embora?

Eu estava um pouco assustado. Já tinha visto o caso de alguém que quase morreu asfixiado por causa de semelhante aversão a ovelhas.

— Ele adoraria que eu fizesse isso — replicou Holmes.

Nem precisava me dizer a quem estava se referindo. Espirrou mais uma vez (um grande inchaço vermelho surgia na sua testa normalmente pálida) e, então, passamos pelos dois policiais e entramos no escritório. Holmes fechou a porta.

O aposento era comprido e relativamente estreito. Correspondia à extremidade de algo como uma ala da estrutura principal da casa que se estendia para ambos os lados cobrindo uma área de uns 3/4 da extensão do corredor. Havia, portanto,

janelas dos dois lados do cômodo, que era bem iluminado apesar do dia cinzento e chuvoso. A maior parte das paredes era coberta de mapas marítimos, mas, numa delas, havia um belo conjunto de instrumentos meteorológicos, dentro de um estojo de latão: um anemômetro (suponho que Hull tenha mandado montar as pás metálicas numa das vigas do teto), dois termômetros (um registrando a temperatura externa e o outro, a do interior do aposento) e um barômetro, que se parecia muito com aquele que havia enganado Holmes, levando-o a acreditar que finalmente haveria uma melhora no tempo. Percebi que o mercúrio continuava elevado dentro do tubo de vidro, então olhei para fora. A chuva estava mais forte do que nunca, com o mercúrio se elevando ou não. Nós achamos que sabemos muita coisa, com nossos instrumentos e apetrechos, mas não sabemos nem a metade do que julgamos saber.

Holmes e eu nos viramos para a porta. O ferrolho estava solto, mas caído para dentro, como era de se esperar. A chave continuava virada na fechadura.

Mesmo cheios de água, os olhos de Holmes percorriam tudo ao mesmo tempo, observando, catalogando, estocando.

— Está um pouco melhor — comentei.

— Verdade — replicou ele, afastando o guardanapo do rosto e enfiando-o de volta no bolso do paletó. — Ele podia adorar gatos, mas, pelo visto, não os deixava aqui. Pelo menos não regularmente. O que acha disso, Watson?

Embora meus olhos fossem mais lerdos que os dele, eu também observava tudo ao redor. Todas as janelas duplas estavam fechadas com trincos e pequenas trancas laterais. Nenhuma vidraça havia sido quebrada. Os mapas emoldurados e os instrumentos meteorológicos ficavam entre essas janelas. As outras duas

paredes, localizadas atrás e na frente da escrivaninha que dominava o aposento, eram repletas de livros. Num canto, havia um pequeno fogareiro a carvão, mas nenhuma lareira… O assassino não tinha entrado pela chaminé como Papai Noel, a menos que fosse magro o bastante para passar pelo tubo de ventilação e estivesse usando uma roupa especial, pois o fogareiro ainda estava muito quente. Na outra ponta, havia uma pequena biblioteca com duas poltronas estofadas e de espaldar alto e no meio ficava uma mesinha de centro. Em cima dela, encontrava-se uma pilha de livros aleatórios. O teto era recoberto de gesso. No piso, estendia-se um grande tapete turco. Se o assassino tivesse entrado por algum alçapão, eu não fazia ideia de como ele poderia ter saído de baixo do tapete sem desarrumá-lo. Afinal, estava impecável: bem esticadinho e com a sombra dos pés da mesinha de centro desenhando-se ali sem qualquer ondulação.

— Acreditou nisso, Watson? — perguntou Holmes, me tirando de um transe hipnótico. Tinha alguma coisa… alguma coisa com relação àquela mesinha…

— Acreditou em quê, Holmes?

— Que os quatro simplesmente saíram da sala, indo para quatro direções diferentes, quatro minutos antes do assassinato?

— Não sei — respondi baixinho.

— Pois *eu* não; nem por um mi… — Estancou. — Watson! Você está bem?

— Não — falei com uma voz que eu mesmo quase não ouvi. Caí numa das poltronas da biblioteca. Meu coração batia acelerado. Eu não conseguia respirar direito. Minha cabeça latejava. De repente, meus olhos pareciam ter ficado grandes demais para caber nas órbitas. Não conseguia despregá-los das sombras

dos pés da mesinha de centro em cima daquele tapete. — Estou…

Definitivamente não estou… Nada bem.

Nesse momento, Lestrade apareceu na porta do escritório.

— Se já olhou o suficiente, Ho… — Mas parou no meio da frase. — Que

diabo está acontecendo com Watson?

— Acredito — disse Holmes com um tom de voz calmo e pausado — que

Watson resolveu o caso. Não é verdade, Watson?

Fiz que sim com a cabeça. Talvez não tudo, mas boa parte dele. Eu sabia quem e como.

— É assim que acontece com você, Holmes? — perguntei. — Quando você…

vê?

— Exatamente — respondeu ele.

— *Watson* resolveu o caso? — indagou Lestrade com impaciência. — Ora!

Watson já propôs milhares de soluções para centenas de casos, Holmes, como bem sabe… E todas estavam erradas. Basta lembrar que no último verão…

— Sei muito mais sobre Watson do que você jamais saberá — disse Holmes.

— E, desta vez, ele acertou na mosca. Conheço esse olhar.

E recomeçou a espirrar. O gato de uma orelha só havia entrado no aposento pela porta que Lestrade deixara aberta. Dirigiu-se diretamente para Holmes com

uma expressão afetuosa naquela carinha feia.

— Se é isso que acontece com você — falei —, nunca mais vou sentir inveja,

Holmes. Meu coração podia ter explodido.

— A gente acaba se acostumando com essas percepções — replicou Holmes e não havia qualquer vestígio de orgulho em sua voz. — Então, fale logo… Ou devemos trazer os suspeitos para cá, como no último capítulo de um romance policial?

— Não! — exclamei, horrorizado. Eu ainda não vira nenhum deles e não tinha pressa alguma em fazê-lo. — Acho que eu deveria lhe *mostrar* como as coisas aconteceram. Se você e o inspetor Lestrade puderem ir um minutinho para o corredor…

O gato alcançou Holmes e pulou no seu colo, ronronando como se fosse a criatura mais feliz da Terra.

Holmes explodiu numa incrível rajada de espirros. As manchas vermelhas no seu rosto, que já tinham começado a desaparecer, ressurgiram com toda intensidade. Ele empurrou o gato e se levantou.

— Ande logo com isso, Watson, para podermos ir embora deste maldito lugar — disse ele com a voz abafada.

E saiu do seu perfeito exemplar de cômodo trancado com os ombros curvados, o que não era nada comum, a cabeça baixa e sem olhar para trás uma única vez. Podem acreditar: um pedacinho do meu coração saiu dali junto com ele.

Lestrade se recostou na porta, com o paletó molhado soltando um pouquinho de vapor, e exibia nos lábios um risinho detestável.

— Devo levar embora o novo admirador de Holmes, Watson?

— Não, deixe-o aqui — respondi. — Mas feche a porta.

— Aposto que está nos fazendo perder tempo, meu velho — disse Lestrade, mas

notei algo diferente em seus olhos: se eu tivesse aceitado a aposta, garanto que ele teria tirado o corpo fora.

— Feche a porta — repeti. — Não vou demorar.

Ele obedeceu. Fiquei sozinho ali no escritório de Hull… Eu e o gato, é claro. Ele estava sentado bem no meio do tapete, com a cauda enrolada nas patas e os olhos verdes fixos em mim.

Enfiei a mão nos bolsos e encontrei meu suvenir do jantar da noite anterior. Acho que homens solteiros são bem descuidados, mas, se aquele pedaço de pão estava ali, não era só por falta de higiene. Quase sempre levo algo do tipo num dos bolsos porque me divirto alimentando os pombos que pousam na janela diante da qual Holmes estava sentado quando Lestrade apareceu.

— Pss, pss, pss… — chamei, colocando o pão debaixo da mesinha de centro, para a qual lorde Hull virou as costas quando se sentou com seus dois testamentos, o antigo, que era abominável, e o novo, ainda mais abominável. — Pss, pss, pss…

O gato se levantou e, bem devagar, foi se aproximando da mesinha para sondar o que havia ali.

Corri até a porta e a abri.

— Holmes! Lestrade! Depressa!

Os dois entraram.

— Venham até aqui — falei, me aproximando da mesinha.

Lestrade olhou para o local e começou a franzir a testa, sem entender. Holmes,

é claro, voltou a espirrar.

— Dá para tirar essa criatura horrível daqui? — perguntou, apesar de estar com o rosto enfiado no guardanapo que, a essa altura, estava encharcado.

— Claro — repliquei. — *Mas onde é que ele está, Holmes*?

Por cima da borda do guardanapo, seus olhos exibiram uma expressão de

espanto. Lestrade se virou, foi até a escrivaninha de Hull e olhou ali atrás.

Holmes sabia que sua reação não seria tão violenta se o gato estivesse do outro

lado do aposento. Ele se abaixou, olhou embaixo da mesinha de centro e não encontrou nada além de um espaço vazio e das prateleiras inferiores das duas estantes daquela parede. Então, se levantou. Se os seus olhos não estivessem lacrimejando como fontes, teria decerto percebido a ilusão: ele estava

exatamente em cima dela. Mas temos que convir: aquilo era incrivelmente bem-

feito. O espaço vazio debaixo da mesinha de centro era a obra-prima de Jory Hull.

— Não… — começou Holmes.

Mas, nesse momento, o gato, que havia achado Holmes muito mais tentador

do que o pedaço de pão, saiu de baixo da mesinha e voltou a se esfregar todo feliz em seus tornozelos. Lestrade, que tinha voltado, arregalou tanto os olhos que achei que fossem efetivamente saltar das órbitas. Mesmo tendo percebido tudo, eu mesmo estava atônito. O vira-lata cheio de cicatrizes pareceu se materializar do nada: cabeça, corpo, e, finalmente, a cauda com a pontinha branca.

Mais uma vez, se esfregou nas pernas de Holmes e ronronou enquanto meu

amigo espirrava.

— Chega — falei. — Você já terminou o trabalho, então pode ir.

Peguei o animal no colo, carreguei-o até a porta (levando um belo arranhão para cúmulo dos meus males) e o joguei no corredor sem qualquer cerimônia.

Holmes estava sentado.

— Meu Deus! — disse com a voz fanhosa e embargada.

Lestrade não tinha condições de dizer uma palavra que fosse. Não desviava os olhos da mesinha, do tapete turco desbotado debaixo dos seus pés e do espaço vazio que, sabe-se lá como, fez brotar um gato.

— Eu devia ter percebido — resmungou Holmes. — É… Mas… Como foi que você reparou tão *depressa*?

Notei uma pontinha de orgulho ferido e de mágoa em sua voz, mas o perdoei.

— Foi *isso aqui* — respondi, apontando para as sombras projetadas pelos pés da mesa.

— Claro! — exclamou Holmes, quase gemendo. Depois deu um tapa na testa inchada. — Idiota! Sou um tremendo *idiota*!

— Bobagem — retruquei em tom amargo. — Com dez gatos na casa e considerando-se que um deles resolveu considerá-lo um amigo especial, imagino que estivesse vendo tudo multiplicado por dez.

— O que têm essas sombras? — perguntou Lestrade, recobrando finalmente a voz.

— Mostre a ele, Watson — disse Holmes, cansado, botando o guardanapo no colo.

Então me agachei e tirei uma das sombras do chão.

Lestrade desabou com força na outra poltrona, como se tivesse acabado de levar um soco inesperado.

— Fiquei olhando para elas, sabe… — falei num tom de voz que

involuntariamente soou como um pedido de desculpas.

Tudo parecia errado. Era Holmes que tinha a função de esclarecer os “quem” e

“como”. No entanto, como percebi que ele tinha entendido tudo, sabia que se recusaria a tomar a palavra naquele caso. E suponho que parte de mim, aquela parte que tinha certeza de que eu provavelmente nunca teria outra chance de fazer algo assim, *queria* ser a pessoa que esclarecia as coisas. E o gato foi um golpe de mestre, devo admitir. Um mágico não teria feito melhor com um coelho

e uma cartola.

— Eu sabia que tinha alguma coisa errada, mas demorei um pouco para

perceber o que era. O cômodo é extremamente bem-iluminado; hoje, porém, está

chovendo muito. Olhem ao redor e vão ver que nenhum objeto aqui dentro está

projetando sombras no chão… *a não ser os pés dessa mesinha*.

Lestrade soltou um palavrão.

— Faz quase uma semana que a chuva não para — prossegui —, mas tanto o

barômetro de Holmes quanto o do finado lorde Hull — acrescentei, apontando para o objeto na parede — informavam que hoje deveria fazer sol. Na verdade,

dava para acreditar nisso. Então, ele acrescentou as sombras como toque final da

encenação.

— Ele quem?

— Jory Hull — respondeu Holmes no mesmo tom cansado. — Quem mais

poderia ser?

Eu me agachei e enfiei a mão debaixo do lado direito da mesinha: ela sumiu, exatamente como o gato havia surgido. Atônito, Lestrade disse outro palavrão. Dei uns tapinhas na tela bem esticada entre os pés da parte da frente do móvel. Os livros e o tapete se moveram e balançaram. Com isso, a ilusão quase perfeita se desfez.

Jory Hull havia pintado o nada embaixo da mesinha de centro do pai; escondeu-se ali atrás quando lorde Hull entrou, trancou a porta e se sentou à sua escrivaninha com os dois testamentos nas mãos, o antigo e o novo. E, quando o velho começou a se levantar da cadeira, o rapaz saiu de trás dali armado com o punhal.

— Só ele conseguiria fazer uma pintura tão realista assim— falei, passando a mão na superfície da tela. Nós três ouvimos o ruído meio áspero que até parecia o ronronar de um gato velho. — Só ele seria capaz de executá-la e de se esconder atrás dela. Jory Hull não media mais que um metro e meio de altura e tinha as pernas arqueadas e os ombros caídos.

“Como Holmes disse, o novo testamento não foi surpresa para ninguém. Mesmo que o velho tenha tentado manter em segredo a possibilidade de excluir a família do novo documento, coisa que ele não fez, só um imbecil não entenderia a importância da visita do advogado e, ainda mais importante, a presença do seu assistente. São necessárias duas testemunhas para que um testamento seja considerado válido aos olhos da justiça. Holmes tinha toda a razão quando disse que algumas pessoas se preparam para as catástrofes. Uma tela tão perfeita quanto esta não foi feita da noite para o dia, nem mesmo em um

mês. Dá para supor que ela já estava pronta, caso fosse necessário usá-la, há cerca de um ano…

— Ou de cinco — atalhou Holmes.

— Acho que sim. Seja como for, quando Hull anunciou que queria a família inteira reunida na sala de visitas pela manhã, Jory certamente percebeu que tinha chegado a hora. Depois que o pai foi se deitar ontem à noite, ele deve ter descido até aqui e montado a pintura. E suponho que tenha instalado também as sombras falsas. No entanto, se eu fosse ele, voltaria aqui pela manhã, na ponta dos pés, para conferir de novo o mercúrio só para garantir que continuava subindo. Se a porta estivesse trancada, é provável que ele tenha surrupiado a chave do bolso do pai e voltado mais tarde para cá.

— Ela não estava trancada — disse Lestrade secamente. — Em geral, lorde Hull a mantinha fechada para impedir que os gatos entrassem, mas raramente a trancava.

— Quanto às sombras, são simples tiras de feltro, como podem ver. Ele tem um olho bom, pois estavam praticamente como deveriam estar às onze da manhã de hoje… Se o barômetro estivesse correto.

— Se ele estava contado que faria sol, por que diabo colocou essas sombras aí? — resmungou Lestrade. — O sol se encarregaria disso, como sempre acontece, Watson. Ou será que nunca reparou?

Diante dessa pergunta, fiquei meio perdido. Olhei para Holmes, que pareceu feliz em poder *participar* da explicação.

— Não percebe? Essa é a maior ironia! Se tivesse feito sol, como o barômetro

indicava, a tela *bloquearia* as sombras. Como se sabe, pés de móveis pintados não fazem sombra. Foi justamente porque ele teve medo de ser descoberto pela

inexistência de sombras (num dia em que, segundo o barômetro do pai, elas estariam espalhadas por toda parte) que acabou sendo pego.

— Ainda não entendo como Jory entrou aqui sem que Hull o visse — disse Lestrade.

— Isso também me deixou intrigado — retrucou Holmes. Ah, meu querido

amigo Holmes! Duvido que isso o tenha realmente intrigado, mas foi o que ele

disse. — Watson?

— A sala de visitas, onde os quatro estavam, tem uma porta que dá para a sala

de música, não é mesmo?

— É — disse Lestrade —, e a sala de música tem uma porta que dá para a saleta de lady Hull, o aposento que vem em seguida quando seguimos para os fundos da casa. Mas, dessa saleta, só dá para voltar ao corredor, doutor Watson.

Se houvesse *duas* portas dando para o escritório de Hull, com toda a certeza eu não teria saído correndo para chamar Holmes.

Essa última frase foi dita em tom de justificativa.

— Ah, ele voltou para o corredor — comentei. — Tudo bem, mas o pai não o

viu.

— Impossível!

— Vou demonstrar — falei e me dirigi à escrivaninha onde a bengala do

morto permanecia. Passei a mão nela e apontei na direção dos dois. — No exato

momento em que lorde Hull deixou a sala de visitas, Jory se levantou e saiu depressa.

Lestrade olhou, espantado, para Holmes, que retribuiu com um olhar frio e irônico. Devo admitir que ainda não tinha entendido as efetivas implicações do cenário que estava traçando; afinal, acho que eu estava envolvido demais me divertindo.

— Ele se esgueirou pela primeira porta, atravessou correndo a sala de música e, dali, passou para a saleta de lady Hull. Chegou até a porta que dá para o corredor e espiou. Se a gota de lorde Hull tinha se agravado a ponto de provocar gangrena, ele não teria percorrido mais do que 1/4 do corredor àquela altura, e isso na melhor das hipóteses. Agora, preste atenção, inspetor Lestrade, e vou lhe mostrar como um homem que passou a vida inteira comendo coisas nada saudáveis e bebendo muito acaba pagando um alto preço por isso. Se duvidar, posso lhe apresentar dezenas de pacientes com gota e eles vão fazer exatamente o que vou lhe mostrar agora.

Dito isso, saí mancando bem devagar em direção ao cômodo diante deles, segurando firme, com ambas as mãos, a bengala. Eu erguia um dos pés bem alto, levava-o de volta ao chão, fazia uma pausa, e então arrastava a outra perna. Em momento algum ergui os olhos: eles se fixaram ora na bengala, ora no pé que estava à frente.

— Exatamente — disse Holmes baixinho. — O bom doutor tem toda a razão, inspetor Lestrade. Primeiro, vem a gota; depois (se o doente viver o bastante, é claro), vem a postura curvada decorrente da necessidade de olhar sempre para baixo.

— Ele também sabia disso — observei. — Lorde Hull vinha sofrendo com o agravamento da doença há cinco anos. Jory deve ter percebido o jeito como ele andava, olhando sempre para a bengala e para o próprio pé. Da porta da saleta,

ele viu que estava seguro e simplesmente seguiu para o escritório. Se fosse rápido, não levaria mais que três segundos. — Fiz uma pausa. — O chão desse corredor é de mármore, certo? Então, ele deve ter tirado os sapatos.

— Estava de chinelo — observou Lestrade secamente.

— Ah, entendo. Jory chegou ao escritório e se escondeu atrás do painel que havia montado. Depois, pegou o punhal e ficou esperando. Seu pai chegou ao fim do corredor. Ouviu quando Stanley o chamou. Deve ter sido um momento difícil para ele. Então, lorde Hull respondeu que estava bem, entrou no cômodo e fechou a porta.

Os dois me olhavam atentamente, então entendi o poder quase divino que Holmes deve ter sentido em momentos como aquele, quando contava aos outros algo que só ele sabia. Mesmo assim, repito, é um sentimento que eu não gostaria de experimentar com frequência. Imagino que a necessidade de se sentir assim já tenha corrompido muitos homens. Claro que esses homens tinham uma alma muito menos insensível do que a do meu amigo Sherlock Holmes…

— Jory, o velho “Pernas de barrica”, o velho “Barriga de furão”, se encolheu ao máximo antes de ouvir a porta se trancar, porque sabia que o pai daria uma boa olhada ali antes de virar a chave e passar o ferrolho. Lorde Hull podia estar sofrendo de gota e ficando meio senil, mas isso não significava que estivesse cego.

— Seu criado pessoal disse que ele enxergava muito bem — observou Lestrade. — Foi uma das primeiras coisas que perguntei.

— Parabéns, inspetor — disse Holmes baixinho e Lestrade o presenteou com

um olhar invejoso.

— Portanto, ele olhou ao redor… — prossegui. De repente, *vi* a cena e suponho que o mesmo tenha acontecido com Holmes; essa reconstrução, que,

embora baseada apenas em fatos e deduções, parecia em parte uma visão — …e

tudo que viu foi o escritório exatamente como sempre estava: vazio, a não ser por sua própria presença. É um cômodo muito aberto: não existe nenhuma porta

de armário e, graças às janelas localizadas em ambos os lados, também não há cantos sombrios nem mesmo num dia como hoje.

“Satisfeito, lorde Hull trancou a porta e passou o ferrolho. Jory deve tê-lo ouvido mancar até a escrivaninha. Deve ter ouvido o ruído do seu corpo pesado

se sentando na poltrona de couro (um homem com gota em estado avançado não

se senta na ponta da cadeira e depois se ajeita; ele simplesmente desaba no assento). E, então, Jory finalmente pôde correr o risco de espiar para fora do seu

esconderijo.

Lancei meu olhar para Holmes.

— Continue, meu velho — disse ele em tom caloroso. — Você está indo

muito bem. Absolutamente perfeito.

Percebi que estava sendo sincero. Milhares de pessoas diriam que ele é um homem frio, e, na verdade, não estariam enganadas. Mas Holmes também tinha

um grande coração. Só que disfarçava isso melhor do que a maioria dos homens.

— Obrigado. Jory viu o pai deixar a bengala de lado e pôr os papéis, as duas

pilhas de papel, no mata-borrão. Não o matou imediatamente, embora pudesse tê-lo feito. Isso é que é assustadoramente patético em toda essa história e por esse motivo eu não entraria na sala onde eles estão nem que me dessem mil libras. Só entraria lá se o senhor e seus homens me arrastassem.

— Como sabe que ele não o matou imediatamente? — perguntou Lestrade.

— O grito foi ouvido pelo menos dois minutos depois do barulho da chave na fechadura e do ferrolho se fechando. Estou partindo do princípio de que o senhor tem testemunhos suficientes para acreditarmos nisso. Mas apenas sete passos separam a porta e a escrivaninha. Mesmo um homem no estado de saúde de lorde Hull teria levado meio minuto, quarenta segundos no máximo, para percorrer essa distância e se sentar. Some a isso uns quinze segundos para ele pendurar a bengala onde o senhor a encontrou e botar os testamentos no mata-borrão.

“O que aconteceu, então? O que aconteceu durante aquele último minuto, ou naqueles dois últimos minutos, que devem ter parecido, ao menos para Jory Hull, intermináveis? Creio que lorde Hull ficou simplesmente sentado na cadeira, olhando de um testamento para o outro. Jory não teria dificuldade em distinguir um e outro, afinal o papel do mais antigo devia ser mais escuro.

“Ele sabia que o pai pretendia jogar um dos documentos no fogareiro. Acredito que tenha ficado esperando para ver qual dos dois seria. Afinal de contas, havia a possibilidade de o pai ter feito apenas mais uma das suas brincadeiras cruéis para rir à custa da família. Talvez ele queimasse o mais novo e guardasse o antigo no cofre. Então, sairia do escritório e diria à família que o novo testamento havia sido destruído. Sabe onde fica, Lestrade? O cofre?”

— Cinco dos livros daquela estante se movem — respondeu o inspetor secamente, apontando para uma das prateleiras no recanto que servia de biblioteca.

— Tanto a família quanto lorde Hull ficariam satisfeitos; a esposa e os filhos saberiam que a herança estava a salvo e o velho teria ido para o túmulo

convencido de ter cometido uma das brincadeiras mais cruéis de todos os tempos… Mas teria ido como vítima de Deus ou de si mesmo, e não do filho Jory.

Mais uma vez, Holmes e Lestrade se entreolharam de um jeito que eu não entendia.

— Pessoalmente, acredito que o velho estava apenas saboreando o momento, como alguém, ainda no meio da tarde, saboreia a perspectiva de uma bebida após o jantar ou de um doce depois de um longo período de abstinência. Seja como for, o minuto se passou e lorde Hull se levantou com os papéis mais amarelados. Parecia se dirigir ao fogareiro, e não ao cofre. Quaisquer que tenham sido suas esperanças, Jory não hesitou quando chegou a hora. Saiu do esconderijo, percorreu a distância entre a mesa e a escrivaninha numa fração de segundo e cravou a faca nas costas do pai antes que ele tivesse conseguido ficar totalmente de pé.

“Desconfio que a autópsia vai revelar que a arma perfurou o ventrículo superior do coração e atingiu o pulmão, o que explicaria a quantidade de sangue que lorde Hull expeliu pela boca. Isso também explicaria por que o velho conseguiu gritar antes de morrer e o que isso representou para o sr. Jory Hull.

— Explique-se — disse Lestrade.

— O mistério de um cômodo trancado é um mau negócio se você pretende simular um suicídio — falei, olhando para Holmes. Ao ouvir sua própria máxima, ele sorriu e assentiu. — A última coisa que Jory queria era que as coisas parecessem o que efetivamente foram… Cômodo trancado, janelas trancadas, o homem com uma faca cravada num ponto em que ele próprio nunca alcançaria. Creio que ele nunca imaginou que o pai fosse dar um grito daqueles

ao morrer. Seu plano era esfaqueá-lo, queimar o testamento novo, destrancar uma das janelas e escapar por ali. Entraria na casa por outra porta, se sentaria novamente no tal banco debaixo da escada e, depois, quando o corpo fosse descoberto, tudo daria a impressão de um assalto.

— Não para o advogado de Hull — observou Lestrade.

— Ele poderia muito bem não dizer nada — atalhou Holmes e, então, acrescentou em tom animado: — Aposto que Jory pretendia abrir uma das janelas e acrescentar também algumas pegadas. Acho que todos nós concordamos que, em circunstâncias semelhantes, um crime tão conveniente pareceria suspeito. Mas, mesmo que o advogado resolvesse falar, não se poderia *provar* nada.

— Ao gritar, lorde Hull estragou tudo — prossegui —, assim como tinha estragado tudo a vida inteira. A casa toda acorreu. Jory, provavelmente em pânico, deve ter ficado parado, sem saber o que fazer.

“Foi Stephen Hull quem veio em seu socorro, é claro, ou pelo menos o álibi de Jory que alegou que ele estava sentado no banco debaixo da escada na hora em que o pai foi assassinado. Ele saiu correndo da sala de música, arrombou a porta do escritório e deve ter sussurrado, mandando que o irmão se aproximasse da escrivaninha junto com ele imediatamente, pois assim todos iam achar que os dois haviam arromb…”

Parei, atordoado. Finalmente compreendi os olhares que Holmes e Lestrade vinham trocando. Entendi o que ambos devem ter visto assim que lhes mostrei o

truque do esconderijo: Jory não poderia ter feito aquilo sozinho. O assassinato, sim, mas o resto…

— Stephen contou que ele e Jory haviam se encontrado na porta do escritório — falei, bem devagar. — Disse que ele próprio arrombou a porta e os dois entraram juntos e encontraram o corpo. Ele mentiu. Deve ter feito isso para proteger o irmão, mas mentir tão bem assim quando não se sabe o que aconteceu parece… parece…

— Impossível — completou Holmes. — Esta é a palavra que você está procurando, Watson.

— Então, Jory e Stephen estavam juntos nisso — concluí. — Planejaram isso juntos… E, aos olhos da lei, ambos são culpados pelo assassinato do pai! Meu Deus!

— Ambos, não, meu caro Watson — retrucou Holmes com uma delicadeza curiosa. — *Todos* eles!

Tudo o que consegui fazer foi ficar boquiaberto.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Você demonstrou uma notável capacidade de percepção esta manhã, Watson. Pela primeira vez na vida, ardeu com um fogo dedutivo que aposto que não vai voltar mais. Tiro o chapéu para você, meu amigo, pois transcender sua natureza normal, mesmo que por um breve instante, não é para qualquer homem.

De certa forma, porém, você continuou sendo o mesmo sujeito querido que sempre foi: se entende perfeitamente como as pessoas podem ser boas, não compreende como *podem* ser cruéis.

Olhei para ele em silêncio, numa postura quase humilde.

— Não que já não houvesse muita crueldade por aqui, se metade das coisas que nos disseram sobre lorde Hull era verdade — acrescentou Holmes. Ele se levantou e começou a andar de um lado para outro no escritório, de um jeito irritante. — Quem pode testemunhar que Jory estava com Stephen quando ele arrombou a porta? Jory, é claro. Stephen, é claro. Mas havia outras duas pessoas.

Uma delas era William, o outro irmão. Estou certo, Lestrade?

— Está. Ele disse que estava no meio da escada quando viu os dois juntos, sendo que Jory ia um pouco à frente.

— Interessante… — disse Holmes com os olhos brilhando. — Stephen

arromba a porta, afinal pode fazer isso por ser mais jovem e mais forte, e então

seria de se esperar que o simples impulso tornaria ele a primeira pessoa a entrar

no aposento. No entanto, William, lá do meio da escada, viu *Jory* entrar primeiro. Por que será, Watson?

Apenas balancei a cabeça, entorpecido.

— Pergunte a si mesmo que testemunho, *que único testemunho,* podemos considerar confiável. A resposta é: a declaração da quarta pessoa na cena, Oliver

Stanley, o criado de lorde Hull. Ele chegou à balaustrada da escada a tempo de

ver Stephen entrar no escritório, e isso está absolutamente correto, já que ele estava sozinho quando arrombou a porta. Foi *William,* que tinha um ângulo de visão bem melhor, que disse ter visto Jory entrar ali primeiro. William fez essa

declaração porque viu Stanley e sabia o que ele ia dizer. O que nos leva à seguinte conclusão, Watson: sabemos que Jory estava dentro do escritório. Ora,

se seus dois irmãos afirmam que ele estava *do lado de fora*, há aí, para dizer o mínimo, uma cumplicidade. Mas, como você diz, a ausência de confusão, a

forma como todos se alinham tão perfeitamente sugere algo mais.

— Conspiração — afirmei, em tom apático.

— Isso mesmo. Mas, infelizmente para os Hull, as coisas não param por aí.

Lembra que lhe perguntei se acreditava que os quatro tinham saído da sala, sem

dizer uma única palavra, e ido cada qual para um lado no exato instante em que

ouviram a porta ser trancada, Watson?

— Lembro, sim. Agora me lembro.

— Todos os *quatro*. — Olhou para Lestrade. — Todos declararam que eles eram quatro, não foi?

— Foi, sim.

— O que inclui lady Hull. Ora, sabemos que Jory tinha se levantado e saído

quando o pai deixou o aposento; sabemos que ele estava no escritório quando a porta foi trancada. Mesmo assim, *os quatro, inclusive lady Hull*, declararam que todos eles estavam na sala de visitas quando ouviram o ruído da chave e do ferrolho. Isso equivaleria a ter quatro mãos segurando o punhal, Watson. O

assassinato de lorde Hull foi efetivamente uma questão de família.

Eu estava desnorteado demais para dizer qualquer coisa. Olhei para Lestrade e

encontrei em seu rosto uma expressão que nunca vira e que jamais voltei a ver:

uma espécie de gravidade cansada e enojada.

— Quais são as perspectivas? — perguntou Holmes em tom quase amável.

— Com toda a certeza, Jory será enforcado — respondeu Lestrade. —

Stephen passará o resto da vida na cadeia. William Hull também pode pegar prisão perpétua. É mais provável, porém, que pegue vinte anos em Broadmoor e

lá um covarde como ele certamente vai ser torturado até a morte pelos outros presidiários. A única diferença entre o destino de Jory e o de William é que o fim

do primeiro será mais rápido e mais misericordioso.

Holmes se inclinou e passou a mão na tela esticada entre os pés da mesinha de centro. Mais uma vez o tecido fez aquele som estranho e meio rouco.

— Lady Hull — prosseguiu Lestrade — deve ir para Beechwood Manor, mais conhecido entre as prisioneiras como Palácio das Batedoras de Carteiras. Pegará uns cinco anos. Mas, conhecendo a dama, desconfio que ela vai dar um jeito de escapar da condenação. Aposto que vai apelar para o láudano do marido.

— E tudo porque Jory Hull errou na precisão da punhalada — disse Holmes, suspirando. — Se o velho tivesse tido a decência de morrer calado, tudo teria corrido bem. Como disse Watson, o rapaz teria saído pela janela levando a tela, é claro… Sem falar nas sombras falsas. Mas, não, ele acabou chamando a atenção da casa toda. A criadagem inteira acorreu, assustada com a morte do patrão. A família ficou desnorteada. Que falta de sorte essa gente teve, Lestrade! A que distância estava o guarda quando Stanley o chamou? Menos de cinquenta metros, suponho.

— Na verdade, já estava no terreno da casa — respondeu Lestrade. — Falta de sorte *mesmo*. O policial estava passando, ouviu o grito e entrou.

— Como sabia que havia um guarda por perto, Holmes? — indaguei, sentindo-me bem mais à vontade no meu papel de sempre.

— Nada mais simples, Watson. Se não fosse por isso, a família teria mantido os criados a distância por tempo suficiente para que pudessem esconder a tela e as “sombras”.

— E também para destrancar uma das janelas, acho — acrescentou Lestrade com uma voz inusitadamente baixa.

— Eles *podiam* ter retirado a tela e as sombras — falei de repente.

— Verdade — disse Holmes, voltando-se para mim.

Lestrade ergueu as sobrancelhas.

— Foi uma questão de escolha — respondi. — Dava tempo de queimar o testamento novo ou de desmontar a encenação… Só Stephen e Jory poderiam fazer isso, claro, logo depois do arrombamento da porta. Eles, ou se avaliarmos bem as personalidades, coisa que suponho que vocês sejam capazes de fazer, *Stephen* decidiu queimar o testamento e torcer para dar tudo certo. Acho que só deu tempo mesmo de jogar o documento no fogareiro.

Lestrade se virou, olhou para o fogareiro e voltou para nós.

— Só um homem tão cruel quanto Hull teria encontrado forças para gritar na hora da morte — disse ele.

— Só um homem tão cruel quanto Hull teria levado um filho a matá-lo — retrucou Holmes.

Os dois se entreolharam e, mais uma vez, algo aconteceu entre eles, uma comunicação perfeitamente estabelecida que eu mesmo não entendi.

— Já fez isso? — perguntou Holmes, como se retomasse a conversa.

Lestrade negou com a cabeça.

— Uma vez estive prestes a fazer — disse ele. — Tinha uma garota envolvida. Não por culpa dela. Não mesmo. Quase fiz. Mas… era uma só.

— E agora são quatro — replicou Holmes. — Quatro pessoas maltratadas por um idiota que ia morrer de qualquer jeito em uns seis meses.

Então entendi.

Holmes me encarou com seus olhos acinzentados.

— O que me diz, Lestrade? Watson resolveu o caso, embora não tenha percebido todas as suas ramificações. Que tal deixar que ele decida?

— Tudo bem — disse Lestrade em tom ríspido. — Mas seja rápido. Estou louco para sair deste maldito escritório.

Em vez de responder, eu me abaixei, peguei as sombras de feltro, fiz uma bolinha com elas e as enfiei no bolso do casaco. Foi estranho fazer aquilo: parecia até a sensação que tive quando estava sob o efeito da febre que quase me matou na Índia.

— Você é mesmo um sujeito especial, Watson! — disse Holmes. — No mesmo dia, e antes da hora do chá, resolveu seu primeiro caso e se tornou cúmplice de um homicídio! E isto aqui vai ser a minha lembrancinha: um original de Jory Hull. Duvido que esteja assinado, mas devemos ser gratos por qualquer coisa que os deuses nos concedem em dias chuvosos.

Com o canivete, soltou a cola que prendia a tela aos pés da mesinha de centro. Não foi nem um pouco difícil: menos de um minuto depois, estava enfiando um cilindro estreito no bolso interno da sua volumosa pelerine.

— Trabalhinho sujo esse… — comentou Lestrade, mas dirigiu-se a uma das janelas e, depois de um instante de hesitação, destrancou os ferrolhos e ergueu alguns centímetros da vidraça.

— Às vezes, é melhor fazer do que não fazer — observou Holmes. — Vamos?

Saímos pela porta que Lestrade abriu. Um dos policiais perguntou se havia alguma novidade.

Numa ocasião diferente, o inspetor teria soltado os cachorros. Desta vez, porém, limitou-se a dizer:

— Parece uma tentativa de assalto que acabou mal. Logo percebi, claro.

Holmes demorou um pouco mais…

— Que pena! — arriscou-se a comentar o outro guarda.

— É mesmo — retrucou Lestrade. — Mas o grito do velho espantou o ladrão antes que ele pudesse roubar o que quer que fosse. Vamos indo.

E saímos. A porta da sala de visitas estava aberta, mas nem olhei para dentro quando passamos por ali. Claro que Holmes olhou, como era de se esperar. Ele é assim. Já eu, não cheguei a ver nenhum dos membros da família. Nunca quis vê-los.

Holmes tinha voltado a espirrar. Mais uma vez seu amigo se esfregava em suas pernas e miava todo satisfeito.

— Vou tratar de sair logo daqui — disse ele.

E foi o que fez.

Uma hora mais tarde, estávamos de volta ao nº 221B da Baker Street, praticamente nas mesmas posições que ocupávamos quando Lestrade apareceu: Holmes no banco junto à janela; eu no sofá.

— Bom, Watson — disse ele —, como acha que vai dormir hoje à noite?

— Como um bebê — respondi. — E você?

— Igualmente — disse ele. — Fico feliz por estar longe daqueles malditos gatos.

— E como acha que Lestrade vai dormir?

Holmes olhou para mim e sorriu.

— Muito mal. Talvez durma mal por uma semana. Mas depois tudo vai ficar bem. Lestrade é ótimo quando se trata de esquecimento criativo. Este é um dos seus muitos talentos.

Comecei a rir muito.

— Olhe só, Watson! — exclamou Holmes. — Vale a pena ver!

Eu me levantei e fui até a janela, certo de que veria Lestrade numa charrete de novo. Mas, não. O que vi foi o sol surgindo em meio às nuvens, envolvendo Londres numa fabulosa luminosidade de fim de tarde.

— Finalmente ele apareceu — disse Holmes. — Perfeito!

Pegou o violino e começou a tocar, o sol batendo forte em seu rosto. Olhei para o barômetro e notei que o mercúrio estava baixando. Ri tanto com isso que tive que me sentar. Quando Holmes me olhou e perguntou o que estava acontecendo, limitei-me a balançar a cabeça. Sujeito estranho, esse Holmes: duvido que tenha entendido.



O mistério de Darkwater Hall

KINGSLEY AMIS

Entre os vários elementos que tornaram sir Kingsley William Amis (1922-

1995) célebre por levar uma vida plena, a bebida certamente deve encabeçar a lista, embora a fama de mulherengo esteja logo atrás. No entanto, não podemos

deixar de lado o fato de que talvez ele seja o mais conhecido dos humoristas britânicos da segunda metade do século XX, nem tampouco a posição que ocupa

(segundo classificação do jornal londrino *Times*) como o nono maior escritor do país depois da Segunda Guerra Mundial.

Amis foi um romancista bem-sucedido que publicou cerca de duas dúzias de

livros, e isso já desde o seu romance de estreia, *A sorte de Jim* (1954), que causou grande impacto tanto em termos de crítica quando pela quantidade

respeitável de exemplares vendidos no exterior. Embora integre o panteão dos grandes homens de letras da Grã-Bretanha e tenha ficado famoso como o maior

autor satírico do século XX, ele também era um fã ardoroso de obras mais populares, especialmente de James Bond. Sob o pseudônimo de Robert

Markham, escreveu o romance *007 contra Pequim: a volta de James Bond* (1968) e produziu ainda duas obras de não ficção sobre 007: *The James Bond Dossier* (1965) e *The Book of Bond, or Every Man His Own 007* (1965), sob o pseudônimo de Tenente-coronel William (“Bill”) Tanner. Amis escreveu outros romances de suspense assinando com seu próprio nome: *The Anti-Death League*

(1966), *The Riverside Villas Murder* (1973), *Russian Hide-and-Seek* (1980) e *The Crime of the Century* (1987).

“O mistério de Darkwater Hall” foi inicialmente publicado no exemplar de

maio de 1978 da revista *Playboy* e, no mesmo ano, saiu em edição de bolso (Edimburgo: Tragara Press). Mais tarde, foi incluído em *Collected Short Stories*

(Londres: Hutchinson, 1980).

O MISTÉRIO DE DARKWATER HALL

Kingsley Amis

Consultando minhas anotações, já amareladas e com a tinta meio marrom em função dos quase quarenta anos que se passaram, encontrei referências, nos últimos dias de julho de 1885, de que, talvez mais do que em qualquer outro período, o meu amigo Sherlock Holmes mergulhou na melancolia inata ao seu temperamento. As circunstâncias não eram nada propícias. Fazia um calor abafado em Londres, sem uma única gota de chuva para assentar a poeira que, de vez em quando, o vento úmido levantava na Baker Street. O esforço que o caso do dossiê da Wallace-Bardwell tinha exigido dele e a subsequente armadilha do esquivo conde Varga o fizeram pagar um alto preço. Seus olhos cinzentos, sempre astutos e penetrantes, adquiriram um brilho decididamente agitado, e as linhas estreitas do seu nariz aquilino pareciam mais acentuadas. Ele estava fumando sem parar, consumindo uns bons trinta gramas (talvez mais) de tabaco bem forte por dia.

À medida que sua depressão foi se intensificando, ele ficava sentado, vestindo o penhoar roxo, com o violino apoiado nos joelhos. Tocava suas cordas, tirando delas estranhas harmonias, por vezes sonoras, outras vezes desconcertantes e, quase sempre, uns sons rígidos e desagradáveis. Igualmente estranho e desagradável era o cheiro de suas experiências químicas. Nunca perguntei o propósito delas. Quando ele pegou a pistola de gatilho fio de cabelo e começou a acrescentar uns filetes elaborados em torno do patriótico V.R. (as letras do selo da nossa rainha) que havia traçado com furos de bala na parede adiante da sua poltrona, a impaciência e a preocupação que eu sentia me levaram a tomar uma atitude. Só mesmo um período de repouso absoluto, em condições de conforto e

tranquilidade que eu certamente não podia lhe oferecer, faria meu amigo recuperar a saúde. Tratei de agir depressa. Depois de uma troca de telegramas, em pouco mais de doze horas Sherlock Holmes estava a caminho de Hurlstone, em Sussex, propriedade de Reginald Musgrave, cujos tesouros de família ele havia recuperado de forma brilhante cerca de cinco anos atrás. Foi assim que os acontecimentos conspiraram para me envolver no que devo descrever como uma aventura efetivamente singular.

Tudo começou da seguinte forma: naquela mesma tarde, eu estava voltando de uma visita a um paciente quando a governanta anunciou a chegada de lady Fairfax. Aquele nome logo me fez lembrar de algo, mas não tive tempo de tentar descobrir o que era, pois a visitante já estava passando pela soleira da porta e entrando na sala de visitas. Era uma jovem loura de uma beleza incomum e traços distintos. Logo percebi nela certa agitação que não se devia ao clima opressivo diante do qual, aliás, sua postura demonstrava uma grande indiferença.

Encorajei essa linda, porém perturbada, criatura a se sentar e dizer o que pretendia.

— Foi o sr. Sherlock Holmes que vim procurar, mas fiquei sabendo que ele viajou e só deve voltar daqui a uns quinze dias — disse ela.

— Exatamente.

— Não há como trazê-lo de volta?

— De jeito nenhum — respondi, balançando a cabeça.

— Mas trata-se de um caso urgente. Uma vida corre perigo.

— Lady Fairfax — retruquei —, Holmes andou trabalhando demais e precisa de repouso e de uma mudança de ares. Falo não só como amigo, mas como seu médico e sinto muito, mas não posso levar em conta qualquer outra

consideração.

A jovem suspirou e olhou para baixo, fitando o próprio colo.

— Posso ao menos relatar os fatos principais do assunto em questão?

— Claro que pode, se acha que isso vai ajudá-la de alguma forma.

— Pois bem… Meu marido é sir Harry Fairfax, sexto baronete de Darkwater Hall, em Wiltshire. Em sua função de magistrado, trouxe à sua presença, no ano passado, um homem conhecido na região como Black Ralph. A acusação era prática ilegal de caça. Não havia qualquer dúvida quanto à sua culpa: ele já tinha incorrido nesse crime e em outros e a sentença do meu marido, de doze meses de prisão, foi até certo ponto benévola. Agora, Black Ralph está novamente em liberdade e nossos criados ouviram boatos de que ele pretende se vingar do meu marido… matando-o.

— Matando-o! — exclamei.

— Nem mais, nem menos, dr. Watson — disse lady Fairfax, abrindo e fechando as mãos com luvas brancas enquanto falava. — Meu marido está desconsiderando as ameaças, alegando que Black Ralph é um marginal inofensivo que fala demais. Mas o sujeito não é só um desses bêbados arruaceiros que encontramos em todos os vilarejos. Eu o analisei e, acredite, ele é uma criatura maligna, que aparentemente sofre de algum distúrbio mental.

Eu não sabia o que fazer. A essa altura, a visitante estava extremamente agitada. Seus lábios tremiam; seus lindos olhos azuis faiscavam.

— Ele parece mesmo ameaçador — falei — e compreendo que esteja

querendo ajuda. Por sorte, conheço um inspetor da Scotland Yard, Lestrade, que ficará feliz em lhe prestar todo o auxílio que puder.

— Obrigada, mas meu marido se recusa a procurar a polícia e me proibiu de fazer isso.

— Entendo.

— Mas em Londres deve haver outros detetives particulares que eu possa procurar. Por acaso conhece algum?

— Bom — comecei, depois de uma breve pausa —, é verdade que, no ano passado ou nos últimos dois anos, surgiram alguns, como eu poderia chamá-los, rivais de Sherlock Holmes. Mas são indivíduos fracos e não muito competentes. Honestamente, não recomendaria nenhum deles.

Fez-se silêncio. A jovem suspirou novamente e, então, virou-se para mim.

— Será que *o senhor* me ajudaria, dr. Watson?

De certa forma, eu meio que esperava essa sugestão insensata; nem por isso, porém, não me assustei ao ouvi-la.

— Eu? Não sou a pessoa certa. Sou um simples médico, lady Fairfax, não um detetive.

— Mas trabalhou com o sr. Holmes nos casos anteriores. É seu melhor amigo e sócio. Deve ter aprendido muito com ele.

— Creio poder afirmar que conheço seus métodos, mas alguns aspectos das suas atividades eu ignoro completamente.

— O que não o impediria de ir falar com o meu marido para fazê-lo perceber o perigo que está correndo. Nem de procurar Black Ralph, avisá-lo, oferecer-lhe algum dinheiro. Sei que está me achando uma mulher apavorada, muito imaginativa, talvez até redondamente enganada, dr. Watson. Não é verdade que está pensando assim?

Tanto como capacidade de observação quanto como mudança de tática, aquela afirmação era de uma precisão rara e desconfortável. Fiz um gesto qualquer, tentando ser evasivo.

— Obrigada por ser tão honesto — disse ela, sorrindo. — Ora, posso ser tudo que está supondo, mas não estou lhe impondo nenhuma obrigação. Apenas dois ou três dias de conforto, longe desse tempo insuportável de Londres, seria um fardo tão pesado assim?

Certa vez, Sherlock Holmes observou que o sexo frágil era meu departamento. Nunca entendi completamente o que ele quis dizer, mas se estava se referindo ao efeito que qualquer supremacia nessa área provocava em mim, sem dúvida seu julgamento foi até modesto. Se esse não fosse o caso, eu dificilmente estaria, na tarde seguinte ao encontro que descrevi, desembarcando numa remota estação ferroviária a alguns quilômetros de Westbury.

De imediato, um homem alto e de ombros largos, todo vestido de preto, se aproximou e disse meu nome com um sotaque estrangeiro. Era evidentemente espanhol (chamava-se Carlos, como descobri mais tarde), com a nobre postura daquele povo e uma atitude que conseguia ser ao mesmo tempo amável e orgulhosa. A amabilidade dominou a cena quando ele se apresentou como

mordomo de sir Harry Fairfax e instalou, a mim e à minha bagagem, na pequena charrete que aguardava no pátio da estação. Apesar de tudo, porém, seu ar soturno denotava um temperamento para o qual manter sua palavra e revidar ofensas tinham um peso considerável. Não que eu já tivesse percebido isso; estava muito impressionado com a delicadeza do baronete que havia mandado o criado de alto nível me buscar na estação ferroviária e deliciado com aquela viagem tranquila por entre alamedas arborizadas onde havia uma brisa fresca sempre que as sombras se intensificavam. Eu também estava ansioso para continuar meu contato com a encantadora lady Fairfax e muito curioso para descobrir qual poderia ser a natureza da ameaça que pairava sobre o seu marido.

A carruagem começou a subir pelo aclive da estrada e as sensações agradáveis logo desapareceram. Chegamos à orla do planalto de calcário que forma a maior parte da região e entramos num mundo de argila e pedras. A uns oitocentos metros, erguia-se uma casa alta de pedras cinzentas recoberta de hera e com uma aparência que, de longe, parecia mal concebida. De um dos lados da construção, havia um bosque com folhagens de tom escuro, quase azulado, nada comum na Inglaterra; do outro, corria um riacho ou um pequeno rio. Não demorei a perceber que aquela casa era o nosso destino e, assim que uma curva do tal riacho revelou as águas lamacentas e repletas de mato, entendi a força do nome que a propriedade levava. Um instante depois, quase fui cuspido do assento pelo brusco sobressalto dos pequenos cavalos que puxavam a charrete. A causa do susto não tardou a se revelar: uma figura humana indescritivelmente ameaçadora na beira da estrada. A primeira coisa que vi foi um punho peludo erguido no ar, dentes podres revelados por uma careta, e nada mais que isso, mas eu poderia jurar que tinha acabado de ver Black Ralph mesmo se os olhos escuros do espanhol não houvessem me fitado com bastante eloquência.

Mais de perto, Darkwater Hall não se tornava atraente. O desgaste mostrava que não se tratava de uma construção recente, mas as janelas proeminentes e as chaminés atarracadas não caracterizavam qualquer estilo ou período que eu conhecesse. Por outro lado, o interior da casa era mais convencional. Carlos me levou até um quarto mais do que adequado e me arranjou bastante água quente. Com isso, pude cuidar da minha higiene e me trocar para encontrar meus anfitriões com o ânimo renovado.

Com uma boa pele, olhos firmes e uma atitude franca, sem qualquer afetação, sir Harry Fairfax era um belo exemplar da nobreza rural britânica. Eu diria que ele tinha uns 30 anos. O irmão Miles parecia ter mais ou menos a mesma idade, mas esta era a única semelhança entre os dois, já que o outro era um jovem pálido, com um ar de superioridade e provavelmente dado ao fumo e às bebidas fortes. De nenhum dos dois obtive o que esperava daquele encontro: alguma pista ou indicação; algo que trouxesse das profundezas da minha memória fosse lá o que tivesse acontecido quando ouvi o nome Fairfax. Consultar obras de referência foi em vão. Por enquanto, a lembrança continuava enterrada…

Como antes, não tive tempo de refletir sobre essa questão, pois a minha anfitriã, usando um vestido de veludo celeste que destacava o brilho dos seus olhos, me levou até o quinto convidado presente. Eu o identifiquei como militar (pela postura dos ombros), que havia servido por algum tempo nos trópicos (com base no tom bronzeado da sua pele), mas a carreira não havia prosperado (pelo seu ar desanimado) e fiquei meio surpreso ao ouvi-lo se apresentar como capitão Bradshaw do Regimento Assam Valley Light Horse. Ninguém que chegou aos 45 anos (idade que, a meu ver, ele devia ter) sem alcançar o posto de major pode

ser considerado um soldado bem-sucedido. Contive um sorriso só de pensar na frase “Excelente, Watson!” que aquela voz tão conhecida teria cochichado ao meu ouvido se o seu dono estivesse presente, e continuei conversando com o capitão.

— Eu mesmo fui de certa forma um soldado quando era mais jovem — disse.

— Ah, é? E onde serviu?

— No Afeganistão.

— Imagino que tenha presenciado algumas batalhas por lá.

— Não daquelas que os soldados geralmente presenciam, mas vi o bastante. Fui ferido e dispensado por invalidez.

— Que falta de sorte!

— O senhor está de licença, sem dúvida.

— Aguardando a publicação da reforma — respondeu Bradshaw num tom tão desanimado quanto a sua aparência.

Nesse momento, Miles Fairfax inclinou a cabeça despenteada na minha direção.

— Seja bem-vindo a Darkwater Hall, dr. Watson. A vida por aqui pode até lhe parecer monótona e rústica, afinal o senhor está habituado ao movimento e à etiqueta de Londres. Mas, acredite, também tem uns aspectos interessantes.

— Sem dúvida.

— Suponho que seja médico e não um jurista ou um religioso, certo?

— Sim. A medicina é a minha área de atuação.

— Então, o detalhe que meu irmão omitiu quando nos apresentou pode

diverti-lo. Embora não pareça, ele e eu somos gêmeos.

— Não me surpreende — falei. — Vários gêmeos não se parecem mais entre si do que irmãos e irmãs comuns, que sabemos como podem ser diferentes…

— Com certeza — retrucou ele num tom extremamente sarcástico. — É verdade, doutor, que gêmeos podem nascer com horas de diferença?

— É, sim.

— No nosso caso não foi bem assim, não é, Harry? Apenas vinte minutos separaram nossa chegada ao mundo. Mas foi o bastante.

Com um gesto delicado, sua cunhada pôs a mão no seu braço, tentando contê-lo, mas o rapaz se desvencilhou de forma tão brusca que, se eu estivesse no lugar dela, não deixaria de repreendê-lo. Agora eu não tinha mais dúvida alguma de que ele estava embriagado.

— Isso mesmo — prosseguiu ele com um grunhido. — Vinte minutos determinaram quem ficaria com o título, a casa, os bens, o dinheiro. Desígnio divino, ora!

— Pelo menos, sr. Fairfax — observei —, percebe-se que o senhor é um bom perdedor.

O tiro foi certeiro e o calou por um instante, mas fiquei aliviado quando Carlos anunciou que o jantar estava servido, provocando, assim, uma mudança de ambiente e de clima. Porém, a mudança acabou se revelando não ser exatamente para melhor naquele cômodo amplo dominado por um entalhe ou um relevo dos mais exóticos ocupando toda a parede acima da lareira. Era feito de uma madeira escura e não distingui exatamente o que representava, a não ser

que, num dos cantos, havia uma figura humana seminua sendo amarrada a um poste por outras que usavam mantos encapuzados diante de algo mais ao fundo

que julguei ser um cadafalso. Em suma, aquilo provocou em mim uma

impressão obviamente desagradável. No entanto, o jantar não foi nada mau e o

serviço, eficaz e agradável, comandado por Carlos e uma jovem que descobri ser

sua esposa Dolores. Com o cabelo preto, a pele sedosa e os olhos castanho-escuros, ela fazia um contraste gritante com a patroa, mas a beleza feminina assume muitas formas.

Eu estava no meio do relato, feito a pedido do baronete, dos fatos do estranho

caso ocorrido em Stoke Moran quando lady Fairfax soltou uma exclamação abafada e levou as mãos ao pescoço. Acompanhei seu olhar apavorado e, por uma brecha nas cortinas, notei um rosto que tinha visto um pouco mais cedo naquele mesmo dia; um rosto que, mais uma vez, estava contraído pela maldade.

— Black Ralph! Ali na janela! — gritei, levantando-me em um pulo.

Bradshaw já estava de pé, postado entre a nossa anfitriã e o local onde o intruso havia aparecido. Sir Harry e eu levamos alguns segundos para sair da casa, mas, embora tenhamos procurado por praticamente todo o quintal,

voltamos de mãos abanando, o que provocou um sorriso debochado em Miles.

Pouco tempo depois, meu anfitrião me separou dos demais convidados, alegando

que queria me mostrar o que havia na sua sala de armas. Teve uma reação divertida, até amistosa, quando o alertei para ficar longe das janelas até que eu

tivesse fechado todas as cortinas.

— Está achando que Black Ralph vai voltar com uma metralhadora? —

perguntou, sorrindo.

— Não estou achando nada, sir Harry. Eu me guio apenas pelo que vejo e ouço.

Então lhe contei o encontro que tivera mais cedo com aquela criatura perversa.

Aquilo não o comoveu e ele se limitou a atribuir a presença do sujeito à simples curiosidade de um ignorante.

— Não corro perigo algum, doutor — concluiu ele com firmeza.

— Lady Fairfax tem uma opinião diferente.

— Ela é assim mesmo. Toma conta de mim com um cuidado que, às vezes, mais parece de uma mãe do que de uma esposa. Tudo isso vai se resolver com a chegada do nosso primeiro filho.

— Esse acontecimento feliz é uma perspectiva concreta?

— Ainda não.

Meio bruscamente, colocou nas minhas mãos um par de antigas pistolas de duelo que ficavam guardadas num estojo envidraçado e perguntou a minha opinião sobre as armas. Tentei lhe dar a melhor resposta que pude e fiz a mesma coisa quando ele me entregou um revólver da época de Waterloo. Logo depois, o baronete começou a falar do irmão.

— Visitas sempre despertam o pior que há nele. Imagino que se veja através dos olhos dessas pessoas e não goste nada do que vê. Um homem sem ocupação, sem qualquer interesse nas atividades campestres (a não ser tiro, no que é perito) e, ainda por cima, indolente demais para tomar qualquer atitude. Pobre Miles! Prisioneiro da própria natureza, como todos nós, aliás. E pobre Bradshaw

também.

— Como assim?

— Bom, para ser sincero, Watson (e, nas atuais circunstâncias, parece

bobagem não ser franco com o senhor), Jack vive em boa parte com a minha caridade. Faço isso de muito bom grado, já que ele serviu meu pai, mas é algo

que o aborrece. E saiba que, por trás dessa aparência tranquila, existe um caldeirão de sentimentos. Não tem um temperamento estável, o que depôs contra

ele no regimento, pelo que meu pai disse.

Na pausa que se seguiu a essas observações, vi uma arma que eu reconhecia,

um daqueles rifles Rossi-Charles com alça de mira. Embora não fossem muito melhores do que outras similares em termos de precisão, essas armas foram muito apreciadas tempos atrás por não darem coice e também pela leveza e pelo

preço acessível. Comentei que tinha visto aqueles rifles no Afeganistão e sir Harry me contou que o seu pai havia pego aquele ao sair de Jalalabad. Faz quarenta anos ou mais, lembro que pensei com meus botões, e continuo perdido,

sem saber por quê… Quarenta anos atrás; antes de eu nascer.

O resto da noite transcorreu de forma agradável e sem qualquer novidade e, no

momento oportuno, o grupo se dispersou. Meu quarto ficava no segundo andar,

e, na minha cabeça, acima dele ficavam cômodos e mansardas vazios ou coisa do gênero. Mas fiquei bastante surpreso ao ouvir, enquanto me preparava para me deitar, o nítido barulho de uma porta se fechando em algum lugar acima da

minha cabeça e comecei a entreouvir uma conversa. A princípio, não discerni nada além do fato de serem poucas pessoas falando, sendo que uma ou mais vozes eram masculinas e uma ou mais vozes eram femininas. Passei a prestar mais atenção quando as vozes ficaram mais altas e mais intensas, e logo ficou claro que, no andar de cima, uma mulher decidida enfrentava um homem que a

importunava. Tentei captar cada palavra, mas não distingui nenhuma em

particular, a não ser a interjeição “Não!” repetida três vezes por uma voz feminina e acompanhada pelo que era, sem dúvida alguma, o som do pé da mulher batendo desafiadoramente no chão. Claro que essa atitude encerrou a questão: o colóquio se abrandou de imediato e logo cessou; a porta se abriu e voltou a se fechar e, momentos mais tarde, tudo estava em silêncio.

O tal incidente não durou mais do que um minuto, e eu estava longe de entender seu significado e sua importância. Apesar de tudo, tive certa

dificuldade em aquietar a mente para dormir. Não identifiquei a voz masculina,

mas a feminina era certamente de lady Fairfax. O que será que a teria levado àquela hora a uma parte da casa tão afastada de onde deviam ficar os seus aposentos?

Quando afinal adormeci, caí num sono profundo e sem sonhos. Na manhã

seguinte, inteiramente refeito, eu estava terminando de tomar meu café quando

houve um súbito clamor por toda a casa. Pelo visto, a sala de armas havia sido invadida por uma janela e o rifle Rossi-Charles, juntamente com uma boa

quantidade de munição, tinha sido levado. Nada mais estava faltando, segundo Carlos, que, deduzi, era encarregado de cuidar da modesta coleção do seu patrão.

Tendo em mente a máxima de Sherlock Holmes, segundo a qual não existe nada mais importante na ciência da investigação do que pegadas, fui atrás de uma lupa bem grande, que eu tivera o cuidado de trazer, e comecei o trabalho perto da tal janela. Mas as circunstâncias não estavam ao meu favor nesse aspecto que tantas vezes ajudou o meu amigo: o solo, ressecado pelo verão quente, não exibia as marcas que eu procurava. Voltei para a sala de armas onde estava ocorrendo uma discussão.

— É muito suspeito… — dizia sir Harry.

— Suspeito?! — exclamou sua esposa. — Será que uma bala no seu coração poderia trazer alguma certeza?

— De acordo com a lei, isso é apenas suspeito e nem mesmo um magistrado pode mandar prender um homem com base num episódio como esse. Não tenho como prestar queixa.

Bradshaw, do outro lado da mulher, parecia disposto a concordar, alegando que não havia nenhuma testemunha do assalto.

— Então — reagiu imediatamente lady Fairfax —, Harry deve ficar sob vigilância, protegido dia e noite.

— Eu me recuso a virar um prisioneiro dentro da minha própria casa e fora dela também. Esse plano seria absolutamente impraticável, não é mesmo, Jack?

— Eu não me arriscaria a fazer isso a não ser que fosse acompanhado de um

pelotão inteiro — declarou o soldado. — Então é melhor o senhor deixar esta casa e ir para algum lugar secreto e seguro até que…

— O quê?! E dar a um vagabundo como Black Ralph o prazer de me botar para correr feito um coelho? Prefiro morrer.

Não havia como duvidar da sua sinceridade e todos ali, inclusive seu irmão, ficaram impressionados. Este último nem pensou em debochar, embora isso

tenha lhe ocorrido assim que entrei na conversa.

Primeiro, relatei a ausência de qualquer pegada do lado de fora e, então, acrescentei:

— Mas encontrei alguns cacos de vidro no chão, exatamente como achamos

aqui deste lado da janela.

— Isso é tão surpreendente assim? — perguntou o baronete.

E eu respondi com outra pergunta:

— Esta porta normalmente fica trancada?

— Ora, claro que fica.

— Quantas chaves existem?

— Duas. Uma fica comigo; a outra, com Carlos.

— Ele sempre a carrega consigo?

— Não. A chave passa a maior parte do tempo pendurada num gancho lá na

despensa.

— E todos na casa sabem disso?

— É possível. Acho que sim.

Com um muxoxo, o mais jovem dos gêmeos observou:

— Seu raciocínio é transparente como água, dr. Watson. Qualquer um de nós, e Carlos também, aliás, poderia ter entrado aqui, quebrado a janela pelo lado de dentro para sugerir a presença de um intruso lá fora, e fugido com o rifle. Que engenhosidade magnífica!

— Sr. Fairfax — retruquei, procurando reunir toda a minha sensatez —, só estou tentando explorar todas as possibilidades, por mais remotas que possam parecer e por mais absurdas que possam se revelar mais tarde.

— Como o grande Sherlock Holmes procuraria fazer se estivesse aqui.

— Não sou tão orgulhoso a ponto de não aprender com quem é melhor do que eu — observei com certa rispidez, afastando sir Harry do grupo.

Antes que eu pudesse continuar, ele disse, um tanto furioso:

— Não pode ser que esteja supondo que Carlos, Jack Bradshaw ou o meu próprio irmão tenham roubado a arma, Watson! Que motivo eles teriam para fazer isso?

— Claro que não estou supondo nada disso — repliquei. — É óbvio que o culpado é o maldito Black Ralph. Eu estava simplesmente…

— Exibindo os seus poderes de observação? — completou ele, e era evidente que havia recuperado o bom humor.

— É provável. Mas precisa me dizer onde encontro esse sujeito. Não há tempo a perder.

— Por favor, tome cuidado, Watson.

— O *senhor* é que precisa tomar cuidado, sir Harry. Fique em casa o máximo de tempo possível. E, se precisar sair, vá com Bradshaw. Alerte toda a

criadagem.

Ele prometeu que seguiria meus conselhos e as informações que me deu levaram-me diretamente para o casebre malcheiroso onde Black Ralph morava. Mas a viagem foi inútil. A mulher mal-ajambrada que abriu a porta me disse que ele tinha viajado na véspera para visitar a irmã em Warminster e só deveria voltar no final da semana. Não fiquei lá para verificar essa mentira óbvia. Depois de interrogar em vão diversas pessoas na taberna local, voltei para Darkwater Hall e tratei de interrogar os criados, especialmente por partirem deles os inquietantes boatos que chegaram aos ouvidos de lady Fairfax.

A informante que mais me intrigou foi a moça chamada Dolores, que, por sorte, falava bem inglês, embora tivesse um sotaque mais forte que o do marido. A princípio, alegou não ter muito a dizer, respondendo às minhas perguntas com monossílabos ou limitando-se a erguer seus ombros graciosos à guisa de resposta. De repente, porém, não sei se por sorte ou por instinto, arrisquei-me a perguntar qual era a sua opinião sobre o próprio patrão. Seus olhos escuros imediatamente reluziram e vi seus magníficos dentes brancos.

— Ele é frio! — exclamou a moça. — É um homem bom, esse tal de sir Harry Fairfax. Um perfeito cavalheiro britânico. Mas é frio! Seu sangue é tão frio quanto o de um peixe!

Não tentei detê-la, já que, naquele momento, ninguém na casa poderia nos ouvir; pelo contrário, tratei de encorajá-la a se explicar melhor.

— Não posso! Como poderia fazer isso, falando com outro inglês?

— Ele a maltratou?

— Não! Nunca! Como eu disse, ele é um homem bom. Mas sempre frio, frio!

— Em que sentido?

Mais uma vez, a moça se limitou a dar de ombros. Percebi que esse caminho não me levaria a lugar nenhum e tentei uma nova abordagem, perguntando se Carlos também achava sir Harry um homem bom.

— Claro, claro — respondeu ela, balançando a cabeça. — Acho que sim. Ou talvez eu devesse dizer que espero que sim. Espero mesmo que ele pense assim.

— E por quê?

Mais uma vez percebi que não haveria nenhum progresso. Fiquei remoendo essa conversa, juntamente com outras questões, durante um almoço bem agradável e também por boa parte de uma tarde excepcionalmente quente. Às quatro e meia, eu estava na sala de visitas, tomando chá com a minha anfitriã.

— Não vamos esperar por Harry — disse ela. — Em geral, não aparece para o chá.

— Onde ele está?

— Nos estábulos. Lá ele deve estar em segurança.

— Vejo que há uma quarta xícara.

— É para o caso de Miles resolver se juntar a nós.

— Mas você não estava prevendo a presença do capitão Bradshaw…

— Ah, ele nunca toma chá. Nada pode atrapalhar sua caminhada da tarde. Jack Bradshaw é um homem muito sério.

— A seu respeito, com toda a certeza, lady Fairfax.

— O que quer dizer com isso?

— Que ele está apaixonado pela senhora, como sabe. Notei isso ontem à noite, durante o jantar. A senhora demonstrou estar com muito medo. Bradshaw não viu o que a tinha assustado, mas, pelo seu olhar, sabia de que ponto viera o que a deixara daquele jeito. Imediatamente, antes mesmo que eu me levantasse, e saiba que fui bem rápido, ele já havia se colocado entre a senhora e a fonte do perigo. Uma rapidez dessa vem do instinto baseado numa forte emoção e não da parte consciente do nosso cérebro.

Lady Fairfax não demonstrou indignação, nem fingiu descrença ou surpresa. Sua demonstração de sagacidade me encorajou a perguntar se eu podia continuar conversando francamente.

— Não faremos progresso algum se nos limitarmos por falsas noções de boas maneiras — respondeu ela.

— Pois bem. Lembre-se de que estou apenas apresentando algumas contingências remotas, nada mais. Ora, se eu quisesse provocar a morte de sir Harry, qual seria o melhor momento para tentar?

— Quando a vida dele acaba de ser ameaçada por um criminoso condenado.

— Exatamente. E qual seria o meu motivo?

— Sabemos de uma possibilidade: sua vítima estaria entre o senhor e o objeto da sua paixão. Mas, sem dúvida, existem outras.

— Certamente. Talvez eu esteja dominado por algum tipo de inveja ou pela sensação de que o destino foi injusto comigo.

— Entendo.

— Ou ainda posso achar que minha honra foi afetada de maneira tão grave que só a morte poderia reparar esse dano.

— Chama isso de falar francamente, dr. Watson? — perguntou ela.

Mas a questão ficou sem resposta, pois, nesse exato momento, a xícara de chá

que aquela mãozinha graciosa segurava se estilhaçou no chão e ouviu-se o estampido de um rifle não muito longe. Depois de mandar que lady Fairfax se deitasse no chão, saí às pressas pela porta envidraçada que estava aberta e procurei por todos os arbustos ao redor. Mas não obtive qualquer resultado.

Quando voltei para a casa, encontrei o baronete abraçando a esposa que

decididamente estava menos chocada do que qualquer jovem estaria ao ter

passado por experiência semelhante. Depois de me certificar de que ela não precisava dos meus cuidados profissionais, tratei de procurar a bala que havia passado entre nós dois e consegui encontrá-la no canto onde tinha ricocheteado

depois de atingir a parede. O choque a deixara bastante deformada, mas logo percebi que o projétil havia sido disparado do rifle Rossi-Charles.

A essa altura, Miles Fairfax tinha chegado, vindo da saleta particular que ficava no segundo andar, sem saber de nada, pelo que disse, até que um criado

foi chamá-lo. Não tinha ouvido o tiro? Tinha, sim. Tinha ouvido *um* tiro, mas

centenas deles eram disparados anualmente nos arredores, sempre com propósitos pacíficos. Bradshaw apareceu logo depois, voltando, segundo

declarou, da sua caminhada habitual e, evidentemente, ficou agitadíssimo ao saber que lady Fairfax havia escapado por tão pouco…

— Pelo amor de Deus! — exclamou, pressionando freneticamente a testa. —

Que lunático tentaria fazer mal a alguém tão inocente?

— Ah, creio que o alvo era eu, Jack — disse sir Harry. — Pense onde Watson

estava sentado. A alguma distância, seria perfeitamente possível se enganar e

achar que era eu.

— Harry — disse a sua esposa em tom decidido —, nada de tiros amanhã. Eu os proíbo.

— Que tiros? — perguntei.

— Coisa boba, doutor — respondeu sir Harry. — Pretendíamos simplesmente caçar pombos no bosque do lado leste. Alguns moradores da vizinhança vão nos acompanhar.

— E as pessoas da região estão sabendo disso?

— Bom, é um costume anual. Acho que devem saber, sim.

— Não vá, meu querido — implorou a jovem esposa. — Deixe que os outros vão, se quiserem, mas fique em casa.

Decidi intervir:

— Minha cara lady Fairfax, sir Harry deve ir, sim. É nossa melhor chance. Faremos com que Black Ralph apareça e encerraremos essa ameaça. Eu mesmo ficarei responsável pela segurança do seu marido.

Assim, com o apoio de Bradshaw e, inesperadamente, de Miles Fairfax, a minha proposta foi aceita. Mais tarde, fiz alguns preparativos com os quais não vou fatigar o leitor e, assim como todos os que estavam na casa, fui me deitar cedo. Estava quase pegando no sono quando, como na véspera, ouvi a porta do andar de cima se fechar. Num instante, fiquei completamente desperto. As vozes recomeçaram, mas com uma diferença: não havia dúvida de que era sir Harry Fairfax, falando com uma rispidez calculada que fazia o sangue gelar. Ouvi uma

ou outra frase, aqui e ali: “punição do pecado” e “sofrer um castigo à altura”.

Aquelas palavras bastaram para me fazer lembrar do que a menção ao nome Fairfax e a visão daquela obra abominável na sala de jantar não tinham

conseguido. No século XVIII, existira um baronete, um tal sir Thomas Fairfax,

que realizara ritos indescritíveis naquela mesma casa, sujeitando a esposa a indignidades que não posso mencionar aqui. Naquele momento, ouvi a voz da atual lady Fairfax se erguer numa súplica de dar pena e, então, um ruído que só

poderia ser o selvagem estalar de um chicote ao qual se seguiu um grito abafado.

Não hesitei nem mais um minuto. Acendi uma vela, peguei o revólver

escondido no fundo da minha mala, enfiei um robe de chambre e fui para o andar de cima. Em segundos, estava diante do quarto que procurava e me detive do lado de fora antes de decidir entrar.

Logo depois, ouvi sir Harry com a estranha rispidez ainda mais intensa, dizer

por detrás da porta:

— Agora, você vai fazer um ato de contrição!

Houve outra pausa, até que se ouviu a voz novamente:

— Ah, então continua aí, demônio. Está integrado ao corpo que habita. Você e

ela são uma única carne. Sendo assim, essa carne vai ser castigada!

Com o estalar do chicote ainda ressoando nos ouvidos, entrei no quarto e deparei com duas pessoas com trajes de uns cem anos atrás. Emily Fairfax usava

um vestido preto de bombazina; aquele que devia ser o seu marido estava irreconhecível por causa da máscara de veludo vermelho que lhe cobria o rosto

inteiro, até a altura da boca, tendo apenas dois furos no lugar dos olhos. A boca

estava aberta com uma expressão consternada.

— Chega, Fairfax, chega! — exclamei. — O que significa essa encenação repulsiva? Suponho que sejam as práticas do seu amaldiçoado ancestral.

Fez-se um silêncio absoluto antes que o homem tirasse a máscara. O rosto exibia uma expressão que talvez devesse ser descrita como uma preocupação amistosa.

— Lamento muitíssimo, doutor — disse ele, com seu tom de voz normal. — Perturbamos o seu descanso. Não sei como esqueci que o seu quarto fica exatamente debaixo deste aqui.

— Graças a Deus se esqueceu disso — repliquei. — O que se deve fazer com o senhor, criatura vil? Estou extremamente chocado.

Ao ouvir isso, lady Fairfax começou a rir.

— Muito compreensível — disse ela. — Meu caro dr. Watson, o senhor foi usado de forma escandalosa. Como posso explicar? Talvez seja melhor lhe mostrar isso aqui.

Estendeu-me um volume já surrado em cuja capa li o título “Peças de Terror e o Macabro”. Comecei a folhear o tal livro e a compreensão foi se estabelecendo até se instalar por completo quando encontrei, escritas com todas as letras, as palavras que acabara de ouvir pronunciadas por sir Harry.

— Vocês estão encenando uma peça? — Foi tudo que consegui dizer.

— Exatamente, meu caro — respondeu com um sorriso o terrível inquisidor de alguns minutos antes e chicoteou uma velha escrivaninha. Então percebi que o aposento era cheio de móveis velhos e já sem uso. — Creio que lhe disse que minha pobre esposa sente muita falta do teatro e essas brincadeiras foram a melhor substituição que encontramos.

— Ontem à noite… — falei, baixinho. — Ontem à noite ouvi lady Fairfax protestando com um ímpeto que eu poderia jurar que nada tinha de fingido.

— Está certíssimo — observou a jovem em tom divertido. — Ontem à noite eu estava cansada das viagens; cansada demais para essas brincadeiras.

— Não vou mais interrompê-los — declarei e, dispensando os pedidos de desculpas do casal, saí daquele quarto o mais depressa possível.

Sem dúvida, eu tinha feito papel de bobo, mas fui salvo da vergonha que situações como esta sempre causam pela pena que senti de lady Fairfax.

Qualquer um notaria que, naquela noite, o seu objetivo não era distrair-se, mas afastar da mente os pensamentos relativos ao que o dia seguinte poderia trazer.

O dia começou de forma bem auspiciosa, com um céu azul levemente encoberto pela neblina, o que, em geral, é um prenúncio de que a temperatura vai subir à tarde. Por volta das onze horas, o grupo de caçadores saiu para o bosque. Além de mim, faziam parte dele os irmãos Fairfax e uns cinco ou seis vizinhos, mas o capitão Bradshaw não nos acompanhou. Na verdade, eu o ouvi explicando a um fazendeiro com bastas costeletas que estava impedido de participar daquelas atividades por causa de uma crise de problemas intestinais de que padecia, consequência de um germe que o tinha infectado na Índia.

Enquanto ele dizia isso, nossos olhares se encontraram por acaso e ele desviou o seu; com toda a razão, aliás, porque eu nunca tinha visto ninguém mentir tão mal. O único criado presente era um rapaz corado que carregava um chocalho para espantar as aves.

O sol já estava a pino e fazia bastante calor quando entramos no bosque sombreado onde se ouviam vários ruídos discretos. Quase que imediatamente, Miles Fairfax tropeçou num desnível do terreno e, se não fosse pela presteza do

meu braço, teria caído no chão.

— Está tudo bem? — perguntei.

Ele tentou dar alguns passos.

— Ah, maldito tornozelo. Parece que o torci.

— É melhor eu dar uma olhada.

Pelo visto, essa sugestão tão natural o deixou furioso.

— Que inferno! Não quebrei a perna — esbravejou ele. — Não preciso operar! Logo, logo vou melhorar e alcanço vocês. Podem ir andando, todos vocês. Vão!

Aparentemente, não tínhamos alternativa a não ser fazer o que ele disse. Nesse momento, o chocalho soou, bandos de pombos alçaram voo pelos ares e as armas foram disparadas. Com a minha em punho, mantive os olhos bem abertos e fiquei o mais perto possível de sir Harry, pois, caso contrário, também me tornaria um alvo. O grupo seguiu adiante, se embrenhando pelo bosque. Percebi diversos movimentos por entre a folhagem, mas nenhum deles era causado por seres humanos. Eu estava começando a ter medo não do que pudesse acontecer, mas de que nada acontecesse quando chegamos a uma clareira a menos de cem metros de distância. Quase que imediatamente, ouviu-se o estalido de um rifle. Sir Harry gritou e caiu. Fiquei atônito, mas, depois de dar uma rápida olhada no corpo prostrado do baronete, mandei que todos se deitassem no chão e mantivessem a cabeça baixa. Todo mundo obedeceu no maior alvoroço. Ouviu-se mais um disparo, mas a bala não acertou alvo algum. Virei-me na direção de

onde tinha vindo o tiro e fui andando bem devagar.

— Mire aqui — gritei, indicando o meu peito. — Aqui.

Veio um terceiro disparo. Ouvi o projétil passar zunindo pelo ar uns três metros acima da minha cabeça. O quarto e o quinto tiveram o mesmo destino.

Depois de já ter percorrido uns vinte metros, notei um movimento furtivo em meio aos arbustos. Corri até lá, mas ainda não tinha visto nada quando dois disparos foram ouvidos quase ao mesmo tempo e seguidos por um grito de dor.

Um minuto mais tarde, encontrei o que estava procurando: Bradshaw e Carlos,

cada um armado de um rifle, junto ao corpo prostrado de Black Ralph.

— Excelente, senhores — falei, pegando cada um deles pelo braço.

Voltei minha atenção para o possível assassino. Pela primeira vez, eu o via nitidamente e percebi que tinha uma aparência simiesca e gemia como um

animal por causa do ferimento. Não era nada sério: uma bala tinha perfurado o

seu joelho, incapacitando-o temporariamente, mas não chegara a aleijá-lo pelo resto da vida. O que teria sido o caso se o atingissem de mais perto. Na verdade,

o sujeito tivera muita sorte.

— Quem o acertou? — perguntei.

— Não sei ao certo — respondeu Bradshaw.

— Pois eu sei — replicou o espanhol, fazendo uma mesura galante. — Foi o

senhor, capitão. Um disparo brilhante, em se tratando de um alvo móvel e a essa

distância. Agora podem deixar que eu me encarrego de entregar esse traste às autoridades.

O ferimento de sir Harry era mais superficial: um corte na parte superior do braço que não estava sangrando demais. Quando o alcancei, ele estava sendo carinhosamente reconfortado pelo irmão Miles. Toda a personalidade deste

último parecia diferente, e ele me lançou um olhar tão cheio de remorso pela sua conduta anterior e de decisão quanto ao futuro que eu jamais vou esquecer. Ao voltarmos para Darkwater Hall, a alegria da esposa ao ver o marido a salvo nos tocou a todos, principalmente a Bradshaw. Fui muito elogiado pela suposta coragem com que me expusera aos disparos de Black Ralph, que finalmente fui obrigado a explicar que não os merecia.

— O rifle é a chave de tudo — falei, segurando a arma recuperada. — Como todas as outras do mesmo modelo, não é lá muito precisa. Portanto, quando o rifle foi roubado, logo percebi que o ladrão era alguém bem ignorante em termos de armas de fogo. Então, quando a sua xícara de chá foi despedaçada ontem à tarde, lady Fairfax, tive mais informações. Conseguir que a bala de um rifle como este passasse entre mim e a senhora, atirando de uma distância de cerca de setenta metros, só poderia ser obra de um atirador brilhante com muitos anos de prática (o que era impossível) ou de um atirador péssimo com uma sorte danada. Alguém que também teve uma sorte danada uma hora atrás. Devo dizer que isso me deixou bem aturdido. Então, na medida em que Black Ralph estivesse mirando o meu peito, eu estava a salvo. Se ele tivesse disparado aleatoriamente a arma, poderia muito bem ter me acertado.

Bradshaw não pareceu muito convencido.

— Mas mesmo a arma menos precisa do mundo pode ser perigosa se disparada a curta distância — observou ele.

— Sem dúvida. Por isso me mantive afastado até que a munição acabasse.

Mas é claro que descobri quem era o vilão da história poucos minutos depois de

chegar a esta casa, apesar de todas as perguntas que fiz.

— Por dedução? — indagou Miles Fairfax com um sorriso amistoso.

— Claro que não. Eu sabia que Black Ralph era um criminoso. Só de olhar para ele percebi que era perigoso e todos os outros eram simplesmente incapazes

de cometer um crime monstruoso como o que se tentou hoje. Isso era óbvio. E

agradeço a Deus por isso. Num caso de menor dificuldade, eu teria sido o mais

lamentável substituto de Sherlock Holmes.

Acompanhado por Bradshaw, que me disse já ter vegetado por tempo demais,

embarquei no trem noturno para Londres, onde tivemos um jantar bem agradável

no Savoy.

Se eu estivesse relembrando aqui uma das aventuras de Holmes, deveria largar

a caneta neste ponto, mas, já que preciso garantir que ninguém veja este relato até que tenham transcorrido cinquenta anos da minha morte, vou me arriscar a escrever um pouco mais.

Não fui nada franco com o leitor. Por isso, não pretendo apenas confessar que,

nesta narrativa como em outras tantas, fiz o que o próprio Holmes me acusou certa vez de fazer: ocultei alguns “elos da corrente”. O exemplo mais gritante disso é a trama que montei com Bradshaw e Carlos para capturar Black Ralph, e,

se o fiz, foi para construir uma história melhor, embora espere que o final não tenha sido “um falso brilhante”. Tampouco pretendo discutir a perspectiva

proposta por um colega vienense a quem contei recentemente as linhas gerais desta história: que aquele teatro amador de sir Harry Fairfax tivesse outro

propósito que não o alegado e que, de alguma forma distorcida (que não compreendo muito bem), tivesse relação com sua incapacidade de ter um

herdeiro. Mas o fato é que o baronete ainda não tinha filhos quando, cerca de dez

anos depois do episódio de Black Ralph, veio a falecer numa queda de cavalo, deixando o irmão desolado herdar o título e as propriedades que ele já havia cobiçado tão ardentemente.

Mas já chega disso tudo. O que preciso revelar é de outra natureza. A conversa

com Dolores, tal como a descrevi mais acima, é pura mentira. Ela acusou Carlos

de ter um ciúme injustificado de sir Harry, mas a maneira como o fez e as circunstâncias dessa acusação foram inteiramente diferentes das que narrei.

Estávamos os dois na minha cama. Mesmo nesses dias tolerantes da terceira década do século XX, eu não gostaria de publicar semelhante confissão. Ouso esperar que o leitor dos anos 1970 não ache nada de excepcional: um vigoroso

solteiro de 33 anos, como eu era, e uma oportunidade… Existe algo nisso que possa ferir as susceptibilidades?

O que havia em você, ou em mim, ou em nós dois, Dolores, que me fez

experimentar nos seus braços um prazer tão intenso e maravilhoso como jamais

havia experimentado e que jamais voltei a experimentar? Seria o fato de sermos

tão diferentes ou será que compartilhávamos uma estranha comunhão de

espírito? Seria o calor da estação? Seria, contrariamente a todas as aparências, aquele lugar? Para mim, este é o verdadeiro mistério de Darkwater Hall. Um mistério ainda tão impenetrável e maravilhoso quanto foi quarenta anos atrás.

Dr. John H. Watson

Bournemouth

Abril de 1925

O caso do amador bem-dotado

J.C. MASTERMAN

Entre todas as suas várias realizações, uma carreira de escritor de histórias de

mistério não é o feito de maior destaque de John Cecil Masterman (1891-1977).

Ele foi um intelectual reconhecido, professor de história moderna no Christ Church College, em Oxford, e se aposentou em meados da década de 1920 para se dedicar aos esportes, tornando-se um atleta internacionalmente aclamado.

Masterman era um tenista excelente, foi campeão de hóquei na grama, jogador de golfe e de *squash* e um profissional de críquete tão habilidoso que viajou o mundo com a equipe do prestigiado Marylebone Cricket Club. Foi reconhecido como um desportista digno de figurar no clássico de Stephen Potter, *The Theory and Practice of Gamesmanship or The Art of Winning Games Without Actually Cheating* (1947). Masterman voltou para Oxford depois da Segunda Guerra Mundial, onde se tornou diretor do Worcester College (1946-1961) e vice-chanceler da Universidade de Oxford (1957-1958). Recebeu o título de cavaleiro em 1959.

O maior feito de Masterman foi, sem dúvida, presidir o Comitê dos Vinte no momento da eclosão da Segunda Guerra Mundial. Tratava-se de um grupo secreto de oficiais da inteligência britânica e de amadores bem-dotados designados pelo Sistema XX para transformar espiões alemães em agentes duplos a serviço da Grã-Bretanha e fornecer informações falsas que deviam ser transmitidas às agências da inteligência germânica. Embora presidisse o Comitê, ele atribuía ao MI5 o crédito pela ideia original. Segundo consta, Ian Fleming, que também esteve envolvido nos serviços de inteligência durante esse período, teria adaptado o nome de Masterman para criar a personagem de Jill Masterson, em seu romance *Goldfinger* (1959).

Os dois romances policiais escritos por Masterman são mistérios acadêmicos

protagonizados por Francis Wheatley Winn, um professor de Oxford que desempenha a mesma função de Watson nas histórias de Sherlock Holmes, no caso um investigador amador chamado Ernst Brendel, que é um simpático advogado vienense. O sucesso de *An Oxford Tragedy* (1933) não inspirou o seu autor a escrever uma sequência até 1957, quando surgiu *The Case of the Four Friends*.

"O caso do amador bem-dotado" foi publicado inicialmente no exemplar de dezembro de 1952 da *MacKill's Mystery Magazine*; na Inglaterra, foi publicado na edição de 18 de janeiro de 1954 do jornal *The Evening Standard*, e só veio a sair em livro na coletânea *Bits and Pieces*, de J.C. Masterman (Londres: Hodder & Stoughton, 1961).

O CASO DO AMADOR BEM-DOTADO

J.C. Masterman

Entre todos os talentosos membros da Scotland Yard, o inspetor-chefe Lestrade era não só o mais astuto, como também o mais bem-sucedido. Ao menos era o que ele quase sempre me dava a entender. Muito tempo depois de se aposentar, eu ia visitá-lo com frequência na Casa de Repouso do Surrey, onde ele passou os últimos anos de vida, e bastava um empurrãozinho para ele contar novamente seus triunfos, bem como os de Gregson, de Athelney Jones, do "jovem" Stanley Hopkins e do restante desses heróis que floresceram no período que ele considerava os anos de ouro da Scotland Yard.

Porém, curiosamente, ele quase nunca mencionava Sherlock Holmes, sendo que seu próprio nome era estreitamente ligado ao dele desde quando me lembro. Eu achava isso difícil de entender e, uma vez, cheguei até a suspeitar de que

Lestrade tivesse inveja da fama do detetive da Baker Street. Quando dei um jeito de mencionar o nome de Holmes, o inspetor fez um discreto comentário depreciativo e começou a relatar outra parte da saga da sua própria carreira. Raramente, muito raramente, ele foi um pouco mais comunicativo sobre um homem — ou dois homens, pois um tal de dr. Watson havia trabalhado com Holmes naqueles velhos tempos — cujos feitos despertavam em mim uma curiosidade insaciável. Só uma vez, me contou uma história desses dois.

— O sr. Sherlock Holmes era esperto ao seu modo, mas não tão esperto quanto ele próprio julgava ser. Quanto a Watson…! Lembro que o meu antigo chefe na Scotland Yard chamava Holmes de "O amador bem-dotado", embora eu nunca tenha entendido por quê. Sabe, para ser franco, ele não era nem de longe um amador e, com relação aos seus dotes, bom, alguns de nós na Yard podiam dar de mil nele a qualquer momento.

Lestrade deu uma risadinha de satisfação.

— Mas ele tinha algumas ideias brilhantes, não tinha? Imagino que tenha lhe sido útil em uma ou outra ocasião.

— Se quer saber — replicou Lestrade —, era exatamente o contrário. Lembro-me de um caso em que ajudei Holmes (e, aliás, Watson também) a sair de uma verdadeira arapuca. E os dois nem agradeceram, como seria de se esperar. Vou lhe contar o que aconteceu.

Se não me engano, estávamos em 1889 e, pelas minhas lembranças, o sr. Sherlock Holmes passava por uma fase de vacas magras e Watson tinha

dificuldades em encontrar casos que pudesse relatar na época (você sabe que o doutor contava os trabalhos do amigo com fins que hoje em dia chamaríamos de publicitários). Contudo, quando chegou às minhas mãos o caso do Diamante Negro e me dei conta de que o dr. Watson tinha tudo a ver com ele em função da sua capacidade profissional, pareceu-me que a coisa mais delicada a fazer seria deixar que Holmes participasse da investigação. Como pode ver, eu estava com um pouco de pena dele e, além disso, não tinha tanta certeza assim que conseguiria resolver o caso com a facilidade e a rapidez que queria. Então fui até a Baker Street, lá pela hora do chá, e encontrei os dois fumando na sala.

— Ah, Lestrade — disse Holmes com seu ar superior —, quase sempre sua presença é prenúncio de novidades. O que tem para mim desta vez?

— Suponho que o dr. Watson tenha lhe falado do caso do diamante de Rheinhart Wimpfheimer? — indaguei.

Holmes sorriu.

— O relato de Watson foi meio confuso. Adoraria ouvi-lo contar o que houve para eu ter os fatos claros à minha frente. Quem sabe não posso ajudá-lo?

Os meus relatórios naquele tempo eram bem completos e, por isso, li as anotações que já tinha feito.

O sr. Rheinhart Wimpfheimer é um personagem bem conhecido que fez uma imensa fortuna no comércio com o Oriente, porém é ainda mais conhecido como o maior colecionador de joias célebres e curiosas. Nesta área, só uma pessoa se

comparava a ele: seu irmão mais jovem, o sr. Solomon Wimpfheimer, um solteirão rico que morava em Albany. Entre os dois, sempre houve uma rivalidade grande, mas fraterna; contudo, segundo consta, a coleção do mais velho era sem dúvida alguma a melhor. O sr. Rheinhart Wimpfheimer é viúvo e mora numa casa bastante luxuosa na praça Great Cumberland, nº 123. Além da criadagem e do proprietário, moram ali sua filha solteira, que tem cerca de 25 anos, e o seu secretário particular que o ajuda com os negócios e com a coleção.

Muitas das suas obras já foram doadas ou emprestadas a museus; algumas das suas peças mais preciosas, porém, ficam guardadas na sua casa. Entre elas, o grande destaque é o famoso diamante negro de Dungbura. O sr. Wimpfheimer é tão apegado a essa magnífica pedra, que anda sempre com ela pendurada no pescoço, dentro de uma bolsinha de camurça. À noite, ele a deixa em cima da mesinha de cabeceira junto à própria cama.

— Um momento, Lestrade — disse Holmes, interrompendo-me. — Watson, pode me passar o terceiro livro grosso que está ao seu lado, por favor? Ah, sim… Bem que achei que havia algo aqui. O diamante negro de Dungbura, uma das mais célebres pedras do mundo em função do seu tamanho, da sua cor peculiar e da sua história. Não se sabe como ou quando ele surgiu em Dungbura, que fica nos confins do Tibete, nem tampouco como chegou aqui à Europa.

Desde que isso aconteceu, porém, ele fez parte de várias das mais importantes coleções. Se a maioria das pedras preciosas tem uma reputação sinistra, todos dizem que esta traz felicidade e sorte para quem a tiver. Mas interrompi o seu relato tão bem ordenado, Lestrade. Prossiga, por favor.

— Na quarta-feira bem cedo, o sr. Rheinhart Wimpfheimer acordou doente. Como seu médico estava de férias, o nosso amigo dr. Watson aqui presente estava atuando como substituto. Por volta das nove horas, ele foi chamado à casa

do paciente e diagnosticou o caso como febre cerebral. Corrija-me se eu estiver errado, doutor.

— Está certíssimo. Prescrevi os remédios de costume e prometi voltar no final do dia para vê-lo.

— Dr. Watson voltou à noitinha e, ao chegar, encontrou o sr. Wimpfheimer ainda inconsciente. Durante a visita, porém, o paciente teve um breve instante de clareza mental e, lamento dizer, expressou veementemente o seu desejo de ser atendido por um médico mais qualificado do que o dr. Watson.

— Ah, bom — observou Holmes —, afinal, ele é um homem culto e os serviços de um clínico geral com experiência limitada e capacidade medíocre…

— Que injustiça, Holmes! — protestou Watson. — Você mesmo não conseguiu sucesso imediato em algumas ocasiões.

— As datas? — replicou Holmes em tom ríspido.

Tratei de retomar a leitura do meu relatório com medo de que começasse uma briga entre os dois amigos. O paciente estava delirando e o dr. Watson deu instruções à enfermeira e anotou os nomes e endereços de alguns médicos eminentes. Depois disso, saiu da casa.

— A que horas, Watson? — perguntou Holmes.

— Eram sete da noite — respondeu o outro meio emburrado. — O sr. Wimpfheimer é colecionador dos mais variados móveis e objetos de arte. Passei diante de pelo menos quatro relógios de pé ao longo da escadaria e, como todos marcavam as horas, isso ficou na minha memória.

— Excelente, Watson. Fico feliz que você esteja desenvolvendo o poder da

observação. E depois, o que aconteceu?

— A Scotland Yard recebeu uma chamada às dez da manhã e eu mesmo fui depressa para a praça Great Cumberland, nº 123, onde encontrei a casa em estado de profunda comoção. Quando chegou sir Euston Pancras, o especialista em febre cerebral que havia sido chamado naquela manhã para examinar o paciente, o criado percebeu que o diamante negro de Dungbura, que estava na mesinha de cabeceira na véspera, havia desaparecido.

— E ele estava lá quando você foi ver o paciente, Watson? — perguntou Holmes.

— Estava. Eu o vi no estojo de camurça em cima do criado-mudo.

— Entre aquele momento e a chegada do especialista, cinco pessoas tinham entrado no quarto do enfermo: a enfermeira do turno da noite, a que veio substituí-la de manhã, o seu camareiro, o seu secretário particular e a sua filha.

— Que providências o senhor tomou? — indagou Holmes. — Examinou todas essas pessoas?

— Não deixamos pedra sobre pedra, mas o mistério parece insolúvel. Das cinco pessoas referidas, nenhuma deixou a casa, a não ser a srta. Wimpfheimer, que foi de cabriolé até Albany ver o tio e lhe dar notícias do irmão. Ela saiu por volta das nove da noite e voltou cerca de quinze minutos depois. Além disso, todas essas pessoas estão acima de qualquer suspeita. O camareiro e o secretário trabalham para o sr. Wimpfheimer há mais de dez anos; a primeira enfermeira foi dormir praticamente assim que deixou o quarto e a segunda não saiu de lá desde que assumiu o plantão. A casa foi toda revirada, do sótão ao porão, e o diamante

não está lá. Sou forçado a concluir que algum assaltante deve ter entrado no quarto e roubado a pedra. Só que, mesmo nesse caso, existem dificuldades.

Todos os aposentos têm janelas duplas e um elaborado sistema de alarme. Além do mais, o sr. Wimpfheimer tem um dachshund ao qual é extremamente apegado; o cãozinho nunca se afasta dele e dorme em seu quarto. É inconcebível que ele não tenha latido se um ladrão entrasse ali durante a noite. Mesmo assim, um ladrão pode ter entrado no quarto. A pergunta é: como e quando ele teria entrado, e como teria escapado? O senhor conhece os meus métodos, sr. Holmes. Ponha-os em prática (eu costumava dar ao sr. Sherlock Holmes esse tipo de sugestão e acho que elas sempre lhe foram muito úteis). Por acaso tem alguma ideia de como o crime teria sido cometido?

O sr. Sherlock Holmes me honrou com um dos seus sorrisos arrogantes.

— O caso, meu bom Lestrade, apesar de ser essencialmente simples, tem algumas características que não deixam de ser interessantes. Eu adoraria analisá-las para o senhor.

— E quando vai estar apto a recuperar o diamante? — perguntei com uma discreta dose de sarcasmo.

— Talvez, se nos der a honra, ao dr. Watson e a mim, de tomar o café da manhã conosco amanhã… digamos… às nove e meia… eu tenha alguma informação para o senhor.

Lembro-me daquela sala na Baker Street com tanta clareza que parece até que foi ontem que estive lá. Quando voltei, na manhã seguinte, Holmes, com o seu robe de chambre, estava sentado na sua poltrona e envolto por uma nuvem de fumaça. O dr. Watson estava diante dele, parecendo doente e preocupado. Pensei

que talvez aquele tiro de mosquete Jezail de que ele tanto falava estivesse lhe causando algum incômodo. Seu estetoscópio, um instrumento já bem antiquado, estava ao seu lado como se ele estivesse prestes a fazer a ronda dos pacientes.

Com um gesto, Holmes me mandou sentar.

— Deixe-me elucidar o caso brevemente — começou ele. — Ontem à noite, fui até a praça Great Cumberland. Disfarçado de cirurgião-veterinário, aleguei que o sr. Wimpfheimer havia marcado uma consulta comigo alguns dias antes para examinar o dachshund e fui imediatamente conduzido ao quarto do enfermo. Pelo visto, as janelas não haviam sido abertas havia pelo menos algumas semanas; além disso, a compleição física do animal me permitiu examinar também o tapete.

— O que havia de especial no tapete?

— Nada. O que é bem peculiar. A sua teoria de que um assaltante deve ter entrado no quarto não se sustenta de forma alguma. — Calou-se por um instante e uniu as pontas dos dedos afilados. — Temos, portanto, alguns fatos indiscutíveis. O diamante estava na mesa de cabeceira quando Watson visitou o doente às sete da noite e já tinha desaparecido quando sir Euston chegou, às dez da manhã. Nenhum ladrão pode ter entrado no quarto durante esse período. Cinco pessoas, e apenas elas, estiveram ali durante a noite. Todas têm caráter exemplar e, pelo que se sabe, nenhuma delas tinha qualquer motivo para roubar. Uma das minhas velhas máximas, porém, é que, quando já se excluiu o impossível, o que resta é a verdade, por mais improvável que seja. Portanto, uma dessas cinco pessoas roubou o diamante.

— Incrível, Holmes! — exclamou Watson.

O rosto pálido de Holmes corou um pouco diante do cumprimento, mas ele prosseguiu com a sua explanação:

— Se nos limitarmos aos fatos comprovados, podemos levar adiante a análise do caso. O diamante foi roubado do quarto e por uma das cinco pessoas que entraram ali. Não está na casa, logo foi levado de lá. Pode-se perfeitamente deduzir que o ladrão que o pegou no quarto é também a pessoa que o tirou da casa. Além disso, outras considerações me levam à mesma conclusão. Nenhum assaltante comum escolheria para cometer o assalto a noite em que havia uma enfermeira treinada e sentada junto à cama do sr. Wimpfheimer. Na verdade, nenhum assaltante profissional nem sequer pensaria em roubar o diamante de Dungbura, afinal as peculiaridades da pedra tornariam impossível passá-la adiante. Chego, pois, à conclusão de que não foi um assalto comum. Resta apenas uma única solução. A pedra foi roubada não para que se obtivesse lucro com ela, mas para transferi-la de uma coleção para outra, Lestrade! Não há limites para o que um colecionador é capaz de fazer (o orgulho de ter uma peça supera todo e qualquer escrúpulo) e não se esqueça de que o diamante Dungbura traz felicidade e sorte a quem o possui. — Fez uma pausa dramática. — O sr. Solomon Wimpfheimer é um colecionador e a srta.Wimpfheimer foi visitá-lo naquela noite para lhe dar notícias do irmão doente. Não sabemos o que levou essa mulher infeliz a transferir o diamante da coleção do pai para a do tio, mas sabemos que foi pelas suas mãos que a pedra saiu da casa da praça Great Cumberland. O caso está encerrado. O café da manhã pode esperar. Ponha o chapéu, Watson, e vamos com Lestrade até Albany. É lá que, a menos que eu esteja redondamente enganado, vamos encontrar o diamante.

— Mas… Mas… — começou Watson.

Holmes o fitou, franzindo a testa.

— Acabei de comprovar — observou ele, em tom severo — que o diamante não pode ter saído da residência da praça Great Cumberland de outra maneira.

— Mas… o meu estetoscópio… — balbuciou Watson.

Nós dois nos viramos para o médico que, pressionando um lado do tronco, desabou na poltrona, desmaiando.

Pela primeira vez em todo o tempo que convivi com ele, Holmes foi tomado por uma emoção humana. Correu até o amigo, rasgou a sua camisa e encostou o estetoscópio no seu peito.

— Que pena, coitado! — exclamou. — Ele está morto. Não ouço nada.

— É isso — resmungou Watson — que deve esperar ouvir quando usa o *meu* estetoscópio.

Passei a mão no frasco de seltzogênio em cima da mesa e o coloquei diante do rosto do médico. Aos poucos, ele foi se recuperando, embora continuasse pressionando um lado do corpo como se sentisse muita dor. Então tive um daqueles lampejos de intuição que tanto me ajudaram na minha carreira.

— Sr. Holmes — falei —, creio que o dr. Watson está querendo nos dizer algo.

O médico assentiu.

— Não posso mais ficar em silêncio, Holmes — disse ele. — Fiz parte do exército e, para mim, é impossível permitir que paire qualquer suspeita sobre uma mulher pura e adorável. Por mais que isso prejudique minha reputação.

Quando o sr. Wimpfheimer me dispensou de forma tão arrogante, fiquei bastante ressentido, o que não era nada excepcional. Naquele momento, quando ele

voltou a delirar, deparei com o brilho do diamante na sua bolsa de camurça em cima da mesinha ao lado. Seguindo minhas recomendações, a enfermeira saiu para buscar uma bebida refrescante. Numa fração de segundo, a decisão estava tomada. Na verdade, meu cérebro pareceu funcionar com uma velocidade e uma precisão fora do normal. Um plano inteiro se apresentou diante de mim: eu ia me apoderar do diamante e trazê-lo para a Baker Street; você ia encontrá-lo no seu quarto. Eu não tinha a menor dúvida de que o seu cérebro tão analítico relacionaria a presença do diamante na Baker Street com a minha ida à praça Great Cumberland. E tinha certeza de que nossos sólidos laços de amizade me livrariam de qualquer consequência indesejável. Eu tinha confiança de que quando a Scotland Yard, absolutamente desconcertada, viesse procurá-lo, você daria um jeito de devolver a pedra ao proprietário e provar que ela nunca deixara aquela casa. Como eu bem sabia, você, num ato generoso, deixaria Lestrade levar todo o crédito pela recuperação do diamante. Ora, comigo pensar é agir. Não levei mais que um segundo para pegá-lo. Enrolei-o na bolsinha e enfiei no diafragma do meu estetoscópio. De posse da pedra, saí depressa da casa e peguei o primeiro cabriolé que apareceu. Então senti, pela primeira vez, um espasmo nervoso e tive dúvidas quanto à segurança do esconderijo que eu havia escolhido. Retirei, então, o diamante da bolsinha, voltei a enfiá-la no estetoscópio e pus a pedra na boca, um recurso que aprendi na fronteira afegã. Nesse momento, tive outra dúvida. Para o sucesso do meu plano, era essencial que você encontrasse o diamante. Será que eu devia colocá-lo com o tabaco que você guarda na chinela persa (mas você podia não fumar o bastante para achá-lo a tempo) ou eu devia escondê-lo no seu violino (mas talvez você não notasse a sua presença ali)? Às voltas com esse dilema mental, permiti que os músculos da

minha mandíbula relaxassem e, quando o cabriolé deu um solavanco inesperado, acabei engolindo o diamante negro de Dungbura!

— Impossível! — exclamou Holmes. — Ele é grande demais…

— Já engoli muitas coisas nos velhos tempos — replicou Watson, tentando manter a dignidade.

Foi acometido por uma nova crise de dor e o seu rosto se contorceu, agoniado.

— Como está sofrendo! — comentou Holmes. — É o transtorno de uma mente torturada!

— Não, não. Alimentar, meu caro Holmes, alimentar — disse Watson, arquejando. — Levem-me para um hospital e aposto a minha reputação médica que o diamante negro vai ser rapidamente recuperado.

Holmes me puxou para um canto.

— Watson fez uma besteira vergonhosa — disse ele —, coisa que faz com frequência. No entanto, ainda podemos usar parte do seu estranho plano. Posso muito bem devolver o diamante à casa da praça Great Cumberland.

Então tomei as rédeas da situação.

— Não, sr. Holmes — retruquei. — Isto está fora de cogitação. Quando a Scotland Yard assume um caso desse tipo, não descansa enquanto ele não estiver resolvido. Vinte e quatro horas depois de ter sido encarregado do caso, capturei o criminoso que está se contorcendo aí na sua poltrona. E também localizei o diamante roubado, dentro de limites bem circunscritos. Com a ajuda do hospital, vou recuperá-lo e devolvê-lo ao dono.

Percebi, porém, certa tristeza no rosto de Holmes. Dei-lhe, então, um tapinha no ombro e tentei consolá-lo.

— A Scotland Yard — comecei — não faz a menor questão de saber para quem vão os créditos de um caso solucionado. Afinal, a confissão que obtive do dr. Watson me poupou algumas horas de investigação paciente. Sendo assim, se o sr. Wimpfheimer se recuperar, vou contar que o Amador Bem-Dotado, sr. Sherlock Holmes, nos foi de grande utilidade para a recuperação da pedra.

Um sorriso de felicidade surgiu no rosto enrugado de Lestrade.

— Não estou negando — acrescentou ele — que a rapidez e a eficiência com que resolvi o caso do Diamante Negro não tenha sido um grande passo para eu subir na carreira. Também não esqueci a promessa que fiz ao Amador Bem-Dotado. O sr. Rheinhart Wimpfheimer acabou se recuperando e, quando, três ou quatro meses depois, encontrei o sr. Sherlock Holmes, ele estava usando um belo alfinete de gravata de diamante que não me lembro de ter visto antes.

O falecido Sherlock Holmes

JAMES M. BARRIE

(publicado anonimamente)

James Matthew Barrie (1860-1937), o tão amado dramaturgo escocês que criou uma das personagens icônicas da literatura, Peter Pan, mantinha uma amizade improvável com Arthur Conan Doyle, e esta relação sobreviveu a muitos anos e a uma grande quantidade de diferenças existentes entre os mais populares

escritores do seu tempo.

Doyle era um esportista. Apaixonado por esqui, consta que foi ele quem introduziu essa atividade vigorosa na Suíça. Era fã de pugilismo, sempre muito elogiado pela sua habilidade como boxeador, e escreveu dois livros sobre o tema: *Rodney Stone* (1896), que abordava a luta sem luvas durante o período da Regência, em princípios do século XIX; e *The Croxley Master: A Great Tale of the Prize Ring* (1907), sobre um boxeador que era estudante de medicina. Um episódio célebre foi o convite que Doyle recebeu para arbitrar o combate que envolvia sérias questões raciais entre Jack Johnson e Jim Jeffries no campeonato de pesos pesados de 1910. Johnson, o mais recente campeão, era um negro arrogante e, portanto, Jeffries, o ex-campeão já aposentado, foi convocado pelo bem da supremacia branca. Doyle recusou o convite, declarando que era mais uma forma de reforçar a intolerância do que de combatê-la.

Por outro lado, Barrie parou de crescer muito cedo (media cerca de 1,60m, ou seja, 5’31/2”, segundo seu passaporte), era extremamente introvertido e, embora fosse casado, pelo que se sabe tratava-se de um casamento não consumado.

“Meninos não podem amar”, teria dito ele à esposa.

Apesar de tudo, Barrie e os amigos Jerome K. Jerome, Doyle, P.G. Wodehouse e outros fundaram um clube de críquete chamado Allahakbarries, mas Doyle era o único membro que sabia jogar. Sem dúvida, a amizade entre os dois inspirou Barrie a escrever três paródias de Sherlock Holmes, todas incluídas nesta coletânea.

“O falecido Sherlock Holmes” foi inicialmente lançado de forma anônima na edição de 29 de dezembro de 1893 do jornal *The St. James’s Gazette*; sua primeira publicação em livro foi na antologia *My Evening with Sherlock Holmes*,

editada por John Gibson e Richard Lancelyn Green (Londres: Ferret Fantasy, 1981).

O FALECIDO SHERLOCK HOLMES

James M. Barrie

O FALECIDO SHERLOCK HOLMES,

PRISÃO SENSACIONAL.

Watson acusado do crime

(*Por nossos repórteres extraespeciais)*

12h30 — Hoje bem cedo, o dr. W.W. Watson, médico (Edimburgo), foi detido em sua residência, no nº 12a da Tennison Road, St. John's Wood, sob a acusação

de estar envolvido na morte do sr. Sherlock Holmes, falecido na Baker Street. A

prisão não tardou a ser efetuada. Pelo que ficamos sabendo, o prisioneiro foi encontrado pela polícia enquanto tomava o café da manhã com a esposa. Ao ser

informado do motivo da visita, não expressou qualquer surpresa, apenas pediu para ver o mandado. Depois que lhe foi mostrado, o médico se pôs à disposição

da polícia. Segundo consta, os agentes da lei tinham instruções para lhe dizer que, antes de acompanhá-los até a Bow Street, ele podia tomar as providências

necessárias para que suas atividades médicas não fossem interrompidas durante

sua ausência. O prisioneiro sorriu ao ouvir isso e disse que tais providências não

seriam necessárias, uma vez que seu paciente havia deixado o país. Depois de ser avisado de que o que dissesse poderia ser usado contra ele, o dr. Watson decidiu não fazer mais nenhuma declaração. Foi então imediatamente levado

para a Bow Street, e sua esposa demonstrou muita força ao presenciar sua partida.

O MISTÉRIO DE SHERLOCK HOLMES

O desaparecimento do sr. Holmes foi um evento tão recente e gerou tantos boatos, que é indispensável fazer aqui um breve resumo do caso. O sr. Holmes era um homem de meia-idade e residia na Baker Street, onde exercia a função de detetive particular. Era muito bem-sucedido na sua carreira e alguns dos seus mais notáveis triunfos ainda devem estar frescos na memória do público, especialmente o que ficou conhecido como “A aventura das três cabeças coroadas” e o caso ainda mais curioso denominado “Aventura do homem sem perna de pau”, que chocou todos os grupos científicos da Europa. O dr. Watson, como será provado por suas próprias palavras, era um grande amigo do sr. Holmes (o que, por si só, é uma circunstância suspeita) e tinha o hábito de acompanhá-lo nas suas peregrinações profissionais. A promotoria certamente vai alegar que ele agia assim em benefício próprio, visando o caráter monetário. Há cerca de quinze dias, Londres recebeu a notícia da morte súbita do desafortunado Holmes em circunstâncias que provocaram sérias desconfianças de que se tratava de um crime. O sr. Holmes e um amigo tinham feito uma breve viagem à Suíça e um telegrama comunicou que ele havia desaparecido nas terríveis Cataratas de Reichenbach. Ele teria caído ou sido empurrado. Essa queda-d’água tem aproximadamente trezentos metros de altura, mas, ao longo de sua carreira, o sr. Holmes sobreviveu a tantos perigos e o público estava tão convencido de que no mês seguinte ele voltaria, tão alerta quanto nunca, que ninguém acreditou na sua morte. Essa confiança geral ainda foi reforçada quando se descobriu que o companheiro de viagem era o seu amigo Watson.

O DEPOIMENTO DE WATSON

Para seu infortúnio (talvez sob pressão da polícia suíça), Watson foi convocado a prestar depoimento. Em suma, esses foram os termos da sua declaração: o verdadeiro motivo da viagem à Suíça foi um criminoso chamado Moriarty, de quem Holmes estava fugindo. Segundo Watson, o falecido cavalheiro havia arruinado a rede criminosa de Moriarty, que jurara vingança. Tal ameaça abalou tanto os nervos de Holmes que ele decidiu ir para o velho continente junto com o amigo. Tudo estava correndo bem até que os dois viajantes chegaram às Cataratas de Reichenbach. Naquele local, apareceu um garoto suíço com uma carta para Watson. A correspondência teria vindo da pousada de Meiringen, uma cidadezinha nos arredores, e o texto implorava que o médico fosse depressa até lá para prestar serviços profissionais a uma senhora que havia adoecido.

Deixando Holmes nas cataratas, Watson correu para a pousada, onde descobriu que o proprietário não tinha lhe mandado carta alguma. Lembrando-se então de Moriarty, o médico voltou correndo para as cataratas, porém era tarde demais. Tudo o que encontrou foram indícios de uma luta desesperada e um breve bilhete de Holmes explicando que ele e Moriarty haviam se matado e depois despencado nas cataratas.

FALATÓRIOS POPULARES

A prisão de Watson, ocorrida nesta manhã, não deve surpreender ninguém. Era opinião geral que tal medida devia ser tomada em nome dos interesses da justiça pública. O que provocou uma indignação especial foi a declaração do médico de que Holmes estaria fugindo de Moriarty. Todos sabem que Holmes era um

homem extremamente corajoso, um verdadeiro perito em enfrentar perigos.

Representá-lo de outra forma seria o mesmo que dizer que o Detetive do Povo (como ele era chamado) havia sido

IMPINGIDO AO PÚBLICO

Acreditamos que a declaração do próprio Watson será apresentada no

julgamento como demonstração do descontentamento popular. Deve-se também

observar que o relato de Watson levanta algumas dúvidas. A luta mortal ocorreu

numa trilha estreita de onde, com toda a certeza, o falecido deve ter visto Moriarty chegando. Mesmo assim, os dois só começaram a lutar na beira do penhasco. O que os representantes da Coroa vão perguntar é

ONDE ESTAVAM AS ARMAS DE HOLMES?

Mais uma vez, Watson é a pessoa mais autorizada a declarar que o falecido jamais cruzava a soleira da porta de casa sem levar nos bolsos várias pistolas carregadas. Se o detetive agia assim em Londres, não seria difícil de acreditar que estivesse desarmado nas montanhas suíças relativamente ermas,

especialmente num momento em que, pelo que se disse, estaria com um medo mortal de que Moriarty aparecesse? E, pela descrição que Watson fez do local, fica evidente que Holmes teria tido bastante tempo para atirar no seu inimigo assim que ele surgiu no seu campo de visão. Porém, admitindo-se que Holmes estivesse desarmado, por que Moriarty não atirou? Ele também não tinha

nenhuma pistola? Isso seria o suprassumo do absurdo.

O QUE WATSON VIU

Watson declarou que, enquanto saía da região das cataratas, viu ao longe a figura

de um homem alto. Sugere que seria Moriarty, que (afirma ele) foi quem mandou

a carta falsa. Para confirmar sua teoria, deve-se acrescentar que Peter Steiler, dono da pousada, admite que um estranho esteve no seu estabelecimento por

alguns minutos e escreveu uma carta. Esta pista vem sendo seguida

exaustivamente e, sem dúvida alguma, com a identificação dessa pessoa

misteriosa, o que deve ocorrer nas próximas horas, estaremos mais perto de desatar este nó. Deve-se acrescentar, segundo informação que obtivemos de

fonte confiável, que a polícia não espera descobrir que o tal estranho era Moriarty, mas sim

UM CÚMPLICE DE WATSON,

que vem colaborando há tempos em suas publicações e foi inúmeras vezes

mencionado em relação ao falecido. Em resumo, a mais sensacional detenção do

século está prestes a ocorrer.

A residência da vítima,

O APARTAMENTO DA BAKER STREET,

está em posse da polícia. Nosso correspondente esteve lá de manhã e passou algum tempo examinando o local que, graças às descrições de Watson, já se tornou familiar para o público. A sala está exatamente igual a quando o falecido

morava lá. De um lado, por exemplo, fica sua poltrona favorita onde ele se encolhia sempre que refletia sobre um problema difícil. Há um velho recipiente

de tabaco no console da lareira (isolado), e, pendurado na parede logo acima, encontra-se “A Duquesa”, de Gainsborough, obra que Holmes encontrou tempos

atrás, mas, ao que parece, não descobriu quem era o proprietário legal. Todos devem se lembrar que, sempre que Holmes dizia algo surpreendente, Watson

ficava tão espantado que “pulava até o teto”. Nosso correspondente examinou esse teto e descobriu que estava

CHEIO DE IRREGULARIDADES

O público também não pode ter esquecido que Holmes gostava de se divertir

nesse cômodo praticando a pontaria. Era um exímio atirador e, certa noite,

enquanto Watson estava escrevendo, contornou a cabeça do amigo com projéteis que passaram raspando, a cerca de poucos milímetros de distância. O resultado

foi um retrato de Watson na parede, feito a tiros, que, pelo que dizem, tem uma

incrível semelhança com o modelo. É evidente que, a exemplo do que ocorreu no caso Ardlamont, este retrato será apresentado no tribunal. Considera-se também a possibilidade de trazer as Cataratas de Reichenbach com o mesmo objetivo.

O MOTIVO

Como todas as evidências deste caso são circunstanciais, é óbvio que o motivo

deve ser uma parte importante da argumentação da Coroa. Correm milhares de

boatos sobre o ocorrido e, nessa fase da investigação, devem ser recebidos com

cautela. Segundo um deles, Watson e Holmes haviam se desentendido por uma

questão financeira, pois o último alegava que o primeiro o estava transformando

numa mina de ouro sem lhe dar nenhuma parte da fortuna acumulada. Outro afirma que o desentendimento entre os dois devia-se a uma mudança no

comportamento de Watson. Holmes, pelo que dizem, havia se queixado

amargamente do fato de o seu amigo já não pular até o teto com a mesma frequência do início do relacionamento deles. Contudo, a culpa por esta

mudança se deveria menos ao próprio Watson do que aos locatários do segundo

andar, que teriam reclamado com a proprietária. Acreditamos que a promotoria

está à procura do

ELEMENTO INESPERADO

neste caso para encontrar o motivo que teria levado ao assassinato do sr. Holmes.

Esse elemento inesperado é, evidentemente, a pessoa misteriosa já mencionada que teria sido vista nas proximidades das Cataratas de Reichenbach naquele dia fatídico. Ao que se diz, ele teria fortes razões para querer dar cabo do detetive.

Por muito tempo se deram bem. No início da sua carreira, Holmes admitiu com franqueza que devia tudo a esse cavalheiro, que, por sua vez, não escondia que o detetive lhe prestava valiosos serviços. Mais tarde, porém, os dois já não se davam tão bem porque Holmes teria se queixado inúmeras vezes de que ele podia fazer o que fosse, era sempre o outro que levava os créditos. Por outro lado, ouviu-se o suposto cúmplice dizer, segundo consta, que “Holmes andava se gabando por nada”, que “ele podia se sair bem sem o auxílio de Holmes”, que “já estava farto do detetive”, que “é louco por fama” e até mesmo que “se o público continuasse pedindo mais participação de Holmes, ele o mataria em legítima defesa”. Testemunhas serão convocadas para confirmar tais declarações e acredita-se que ficará provado que a pessoa misteriosa nas Cataratas e esse cavalheiro são a mesmíssima pessoa. O próprio Watson admite que deve a vida a essa personagem inesperada, o que fornece a importante evidência de que o estranho no local do crime também é médico. É claro que a teoria da Coroa é a de que os dois médicos foram cúmplices. Sabe-se que o indivíduo que chamamos de elemento inesperado continua nas imediações das Cataratas.

DR. CONAN DOYLE

O dr. Conan Doyle encontra-se atualmente na Suíça.

UM BOATO EXTRAORDINÁRIO

acabou de chegar até nós, no momento em que estávamos prestes a fechar a edição. Diz-se que o sr. Sherlock Holmes, a pedidos de todo o povo britânico, voltou para a Baker Street e está (enrodilhado como um 8) resolvendo o

problema da Aventura do Romancista e de seu Velho Lobo do Mar.

Sherlock Holmes e o mistério Drood

EDMUND PEARSON

Edmund Lester Pearson (1880-1937) é mais conhecido como bibliotecário, humorista, perito em crimes reais, resenhista e autor de uma coluna semanal de ensaios e histórias intitulada “O Bibliotecário”, que foi publicada no jornal *Boston Evening Transcript* de 1906 a 1920. Natural de Newburyport, Massachusetts, Pearson se formou em Harvard em 1902 e prosseguiu os estudos na New York State Library School em Albany, concluindo o curso em 1904.

Enquanto ainda estudava em Harvard, publicou seus primeiros textos no jornal da universidade, o *Harvard Advocate*. Já formado, foi trabalhar como bibliotecário na Biblioteca Pública de Washington. Trabalhou também na seção de direitos autorais da Biblioteca do Congresso e na divisão de informação militar do Departamento de Guerra. Em 1914, tornou-se editor de publicações da Biblioteca Pública de Nova York.

Sua obra mais famosa é uma coletânea de ensaios sobre crimes reais, *Studies in Murder* (1924), em que narra em detalhes os assassinatos cometidos por Lizzie Borden, entre outros crimes. Sua bibliografia ainda inclui *Muder at Smutty Nose and Other Murders* (1926) e *Five Murders* (1928); vários livros autobiográficos voltados para sua infância e três livros sobre livros: *Books in Black or Red* (1923), *Queer Books* (1928) e *Dime Novels* (1929). Além de “Sherlock Holmes e o mistério Drood”, Pearson também escreveu “Ave atque Vale, Sherlock!”, publicado na edição de 20 de julho de 1927 da revista *The Outlook*, e “*Sherlock Holmes Among the Illustrators”* , que saiu no exemplar de agosto de 1932 da *The Bookman*.

“Sherlock Holmes e o mistério Drood” surgiu inicialmente no *Boston Evening*

Transcript do dia 2 de abril de 1913. No ano seguinte, integrou a coletânea *The Secret Book* (Nova York: Macmillan, 1914) e mais tarde foi publicado sob a forma de panfleto (Boulder, Colorado: Aspen Press, 1973).

SHERLOCK HOLMES E O MISTÉRIO DROOD

Edmund Pearson

— Watson — disse Sherlock Holmes sentado à minha frente diante da mesa do café da manhã e me olhando, radiante —, você consegue decifrar o caráter de alguém a partir da sua letra?

Enquanto falava, entregou-me um envelope. Eu o peguei e dei uma olhada no sobrescrito. O destinatário era Holmes e o endereço, o nosso, na Baker Street. Tentei me lembrar de algo que lera num artigo sobre a letra das pessoas.

— Quem escreveu isso — falei — foi um sujeito modesto, discreto, que possui amplos conhecimentos e uma considerável habilidade. Ele…

— Excelente, Watson! Excelente! Impressionante como você consegue se superar. Sua interpretação é efetivamente watsoniana. Temo, porém, que tenha se enganado um pouco quanto à modéstia, ao conhecimento etc. Na verdade, esta carta é do sr. Thomas Sapsea.

— O famoso prefeito de Cloisterham?

— Exatamente. E, em termos de pedantismo e de uma presunção fabulosa, aliados à sua absoluta ignorância, ele não tem concorrentes na Inglaterra. Portanto, você passou longe do alvo, meu caro amigo.

— Mas o que ele quer com você? — perguntei, doido para mudar de assunto.

— Não está tentando convocá-lo para resolver o mistério de Edwin Drood, está?

— Pois é isso mesmo que ele pretende. Está completamente desnorteado com esse caso. E então? O que me diz de dar um pulinho em Cloisterham? Podemos examinar o caso para agradar o prefeito e visitar a catedral. Pelo que me disseram, lá tem umas gárgulas magníficas…

Uma hora mais tarde, estávamos sentados num trem com destino a Cloisterham. Primeiro, Holmes deu uma olhada nos jornais matutinos; depois, deixou-os de lado e virou-se para mim.

— Tem acompanhado o caso Drood? — perguntou.

Respondi que havia lido várias matérias e algumas especulações sobre o assunto.

— Pois eu não acompanhei com a atenção que gostaria — replicou ele. — O recente caso do coronel Raspopoff e dos rubis da czarina me ocuparam bastante nos últimos tempos. Acho que você pode me ajudar a clarear as ideias se me fizer um resumo dos fatos principais.

— Os fatos são os seguintes — falei. — Edwin Drood, um jovem engenheiro que estava de partida para o Egito, tinha dois motivos que o levavam a Cloisterham. Um deles era sua futura esposa, uma jovem estudante chamada Rosa Bud. O outro era o seu devotado tio e protetor, o sr. John Jasper. Este último era o regente do coro da catedral. Ao que parece, duas nuvens toldavam sua felicidade. Uma delas era o seu noivado com a srta. Bud, um casamento arranjado pelos pais de ambos quando Edwin e Rosa ainda eram crianças. Nem um nem outro dos envolvidos concordava com este compromisso. Na verdade,

poucos dias antes do desaparecimento de Edwin Drood, os dois haviam entrado num acordo para terminar o noivado. Pelo que tudo indica, a separação foi amigável.

“A outra dificuldade era a presença, em Cloisterham, de um tal de Neville Landless, jovem estudante do Ceilão. Segundo consta, o rapaz carrega as marcas do sangue oriental nas veias: pele morena e temperamento forte. Os dois tiveram algumas brigas, com certa violência por parte de Landless. Para que eles fizessem as pazes, o sr. Jasper, tio de Edwin, resolveu oferecer um jantar na sua casa na véspera do Natal, e os dois jovens eram os únicos convidados. O jantar transcorreu tranquilamente e os rapazes foram embora juntos, tarde da noite, até as margens do rio, onde observaram a forte tempestade. Depois, separaram-se, segundo Landless, e Drood nunca mais foi visto. No dia seguinte, o tio relatou o desaparecimento. Landless foi detido e interrogado enquanto uma busca minuciosa pelo corpo de Drood era realizada. Nada foi encontrado, a não ser seu relógio e seu alfinete de gravata na represa. Landless teve que ser liberado por falta de provas, mas a população local ficou tão hostil que ele precisou ir embora de lá. Acredita-se que atualmente esteja em Londres.

— Humm — observou Holmes. — Quem encontrou o relógio e o alfinete?

— Um tal de sr. Crisparkle, diácono da catedral. Landless estava morando na sua casa e estudando com ele. Devo acrescentar que Landless tem uma irmã, a srta. Helena, que também veio para Londres.

— Humm — repetiu Holmes. — Bom, cá estamos em Cloisterham. Agora podemos prosseguir com nossa investigação no local onde tudo aconteceu. Vamos encontrar o sr. Sapsea.

O prefeito demonstrou ser exatamente o sujeitinho conservador e pedante que Holmes havia descrito. Nunca tinha saído de Cloisterham e sua profunda convicção na mais completa inferioridade de qualquer lugar do mundo que não fosse a Inglaterra era tão absolutamente provinciana que cheguei a desconfiar de que tivesse alguma ligação com *The Saturday Review*, a publicação que tentava se opor à influência do jornal *The Times*. Sapsea estava convencido de que o jovem Neville Landless havia assassinado Drood e jogado seu corpo no rio. E o motivo mais forte para tal certeza era a cor da pele de Landless.

— Ele não é inglês, sr. Holmes — declarou. — Não é inglês e, quando vejo um rosto que não é inglês, sei que é preciso desconfiar dele.

— Claro — disse Holmes. — Suponho que tenham sido tomadas todas as providências para encontrar o corpo, certo?

— Fizemos tudo, sr. Holmes, tudo que… hã… o meu conhecimento do mundo sugerisse. O sr. Jasper foi incansável nos seus esforços. Na verdade, sua dedicação foi tamanha que ele se exauriu.

— Sem dúvida, a dor pelo desaparecimento do sobrinho contribuiu para isso também.

— Sem dúvida alguma.

— Pelo que me disseram, Landless está em Londres.

— Foi o que fiquei sabendo também, senhor. Foi a informação que recebi. Mas o sr. Crisparkle, seu antigo professor, me garantiu, nas minhas atribuições de magistrado, que ele pode ser trazido até aqui a qualquer momento.

Atualmente, o rapaz pode ser encontrado recorrendo-se ao sr. Grewgious, em

Staple Inn. O sr. Grewgious é o tutor da jovem de quem Edwin Drood estava noivo.

Holmes anotou o nome e o endereço do sr. Grewgious no punho da camisa.

Depois disso, nós nos levantamos para ir embora.

— Pelo que vejo — disse o prefeito —, o senhor está pensando em ir procurar esse indivíduo não inglês em Londres. Garanto que é lá que vai encontrar a solução desse mistério.

— É provável que eu possa dar um pulo em Londres esta noite — disse Holmes —, antes, porém, creio que o dr. Watson e eu vamos passear por Cloisterham. Quero ver as gárgulas.

Quando já estávamos do lado de fora, a primeira observação de Holmes foi:

— Mas acho que seria melhor termos uma conversinha com o sr. John Jasper.

Ele morava numa daquelas casas de guarda e quem nos mostrou o local foi um garoto bem desagradável que encontramos na rua jogando pedras em quem passava por ali.

— É aqui — disse ele, apontando para a arcada, e depois continuou com o seu maléfico passatempo.

— Obrigado — replicou Holmes secamente, dando-lhe seis pence. — Tome, para você. E isto aqui — prosseguiu, colocando o menino no colo e dando-lhe uma palmada estalada — também é para você.

Pelo que nos disseram, o sr. Jasper estava em casa. Ia nos receber, disse a sua senhoria, mas acrescentou que “o pobre cavalheiro não estava muito bem”.

— Verdade? — indagou Holmes. — Qual é o problema?

— Ele está numa espécie de torpor, acho.

— Bom, este cavalheiro aqui é médico… Talvez possa cuidar dele.

Com isso, fomos levados aos aposentos do sr. Jasper. Aparentemente, o cavalheiro tinha se recuperado do atordoamento, pois o ouvimos cantando músicas de coro enquanto esperávamos diante da porta. Holmes, que tem um grande amor pela música, ficou encantado e insistiu para ficarmos ali parados por bastante tempo, deixando que os tons graves e suaves da voz do regente do coral, acompanhados pelas notas de um piano, nos alcançassem. Finalmente, batemos à porta e o cantor nos convidou a entrar.

O sr. Jasper era um cavalheiro de suíças escuras que morava num quarto bastante sombrio. Ele próprio tinha uma atitude sombria e reservada. Holmes fez as apresentações e informou ao nosso anfitrião que estava em Cloisterham a pedido do prefeito, o sr. Sapsea, para investigar alguns pontos ligados ao desaparecimento de Edwin Drood.

— Ao seu assassinato? — indagou o sr. Jasper.

— A palavra que usei — atalhou Holmes — foi desaparecimento.

— A palavra que usei — replicou o outro — foi assassinato. Mas peço que me perdoem por não comentar sobre a morte do meu querido rapaz. Jurei não tocar no assunto com ninguém até que o assassino seja entregue à justiça.

— Espero — começou Holmes — que, no caso de haver um assassino, eu tenha a sorte de…

— Assim espero. Nesse meio-tempo…

E o cavalheiro foi se aproximando da porta, como se fosse nos expulsar.

Holmes tentou lhe fazer algumas perguntas sobre os acontecimentos da véspera do Natal, antes do desaparecimento do rapaz, mas o sr. Jasper disse que havia prestado depoimento perante o prefeito e não tinha nada a acrescentar.

— Claro — retrucou Holmes. — Já não o vi antes, sr. Jasper?

Este, porém, achava que não.

— Tenho quase certeza — disse o meu amigo. — Em Londres, quem sabe?

Vai a Londres de vez em quando, não é mesmo?

Talvez. Mas nunca tivera o prazer de conhecer o sr. Holmes. Não tinha dúvida quanto a isso. Nenhuma dúvida.

Saímos de lá e, enquanto caminhávamos pela High Street, Holmes me perguntou se eu me importaria de passar a noite em Cloisterham.

— Volto amanhã — acrescentou.

— Mas você vai embora?

— Vou a Londres. Seguindo o conselho do sr. Sapsea — disse ele, sorrindo.

— Achei que quisesse ver as gárgulas — objetei.

— Já vi. E quer saber de uma coisa, meu caro? Acho que vi a mais interessante de todas.

O comentário de Holmes me soou absolutamente enigmático e, enquanto eu ainda quebrava a cabeça tentando entender, ele acenou com a mão e entrou no veículo que o levaria até a estação. Deixado sozinho em Cloisterham, fui até o Crozier, onde reservei um quarto para a noite. Ao passar diante da casa do sr. Jasper, vi um homem de aparência curiosa que, com o chapéu na mão, olhava atentamente para a janela. Percebi que ele tinha um cabelo branco que esvoaçava

ao vento. Horas depois, naquela mesma tarde, resolvi ir até a catedral para o ofício nas vésperas e novamente vi o tal homem. Seus olhos estavam fixos no regente do coro, fitando-o de forma inquiridora. Aquilo me deixou meio

inquieto. Será que havia outro plano, semelhante ao que fora tramado contra o sobrinho, e que desta vez visava o tio? Sentado no bar do Crozier, depois do jantar, vi o tal indivíduo de novo. Ele puxou assunto comigo e se apresentou como sr. Datchery, “um velho desocupado que vivia de renda”. Estava

interessado no caso Drood e adoraria comentar. Fiz o possível para evitá-lo e, depois, me retirei para os meus aposentos para refletir sobre aquela situação.

Eu tinha a nítida impressão de que ele estava disfarçado. Seu cabelo parecia uma peruca. E, se estava disfarçado, quem poderia ser? Pensei em todas as pessoas relacionadas ao caso quando, de repente, o nome da srta. Helena

Landless me veio à cabeça. De imediato, fiquei convencido de que devia ser ela.

O fato de aquela ideia ser tão improvável me fascinava. O que poderia ser mais

inverossímil do que uma jovem do Ceilão se passar por um inglês idoso que se

sentava em bares para tomar velhos drinques britânicos? Lembrei-me de que a improbabilidade é geralmente verdadeira. E, então, ocorreu-me que tinha ouvido

dizer que, quando criança, a srta. Landless se vestia como um menino. Agora eu

tinha certeza de estar no caminho certo.

No dia seguinte, estava a postos para receber Holmes quando ele voltasse.

Chegou com dois homens que me apresentou como sr. Tartar e sr. Neville

Landless. Olhei com interesse para o suspeito, e depois tentei conversar com

Holmes, mas ele não permitiu.

— Esses cavalheiros — disse ele — vão procurar imediatamente o sr.

Crisparkle. Vão ficar lá até hoje à noite, quando espero precisar de ambos. E nós

dois vamos voltar para o seu hotel.

Durante o trajeto, contei sobre o sr. Datchery e minhas suspeitas com relação a ele. Holmes me ouviu com atenção e disse que precisava conversar com o sr. Datchery imediatamente. Quando falei que desconfiava de que o tal sujeito fosse a irmã de Landless disfarçada, ele me deu uns tapinhas nas costas e exclamou:

— Excelente, Watson, excelente! A velha aptidão de sempre!

Cheguei a enrubescer de tanto orgulho ao ouvir um elogio do grande detetive. Ele me deixou no Crozier e foi procurar Datchery e também, segundo disse, ter uma palavrinha com o sr. Jasper. Deduzi que fosse para alertar o regente do coral quanto ao fato de ele estar sendo observado.

Holmes voltou animadíssimo.

— Nosso trabalho vai ser bem difícil hoje à noite, Watson — disse ele. — Talvez seja bom dar mais uma olhada nas gárgulas.

Durante o jantar, só falou sobre apicultura. Na verdade, esse assunto se estendeu até bem depois de termos terminado o jantar, quando fomos fumar no bar. Por volta das onze horas, chegou um idoso, chamado Durdles, que estava procurando o sr. Holmes.

— Sr. Jasper já “tá” chegando. “Tá” lá embaixo, senhor — avisou ele.

— Ótimo! — exclamou Holmes. — Venha, Watson. Precisamos nos apressar. Pode ser um assunto bem sério. Vamos, Durdles!

O sujeito chamado Durdles nos guiou a passos rápidos por vias secundárias, até o cemitério da igreja. Lá nos mostrou onde poderíamos ficar, escondidos atrás de um muro de onde víamos as sepulturas e as lápides. Eu não fazia ideia

do motivo daquela visita norturna. Holmes deu algum dinheiro ao nosso guia, que foi embora. Enquanto eu estava parado ali, olhando tudo ao meu redor com

certo receio, julguei ter visto as silhuetas de dois homens por trás de uma sepultura a alguma distância. Sussurrei para Holmes, mas, com um gesto, ele mandou que eu me calasse.

— Shhh! — murmurou ele. — Olhe lá!

Eu me virei na direção indicada e vi outra silhueta entrar no cemitério. Trazia

um objeto qualquer, mas logo percebi que era uma lanterna com a luz abafada por um pano preto. Quando ele ergueu parte do pano, reconheci os traços sombrios do sr. Jasper. O que ele estaria fazendo ali àquela hora? Começou a remexer nos bolsos, pegou uma chave e se aproximou da porta do sepulcro.

Pouco depois, esta se abriu e o sr. Jasper parecia prestes a entrar no local quando se deteve por um instante e caiu para trás, dando um grito horripilante de terror.

Aquele grito terrível ressoou uma, duas vezes pelo silêncio do cemitério. No momento em que se ouviu a segunda repetição, um homem saiu da sepultura.

Jasper, então, se virou e saiu correndo feito um louco em direção à catedral.

Os dois homens que eu tinha visto atrás de um monumento saíram em seu

encalço.

— Depressa! — disse Holmes. — Atrás dele!

Saímos correndo o mais depressa possível na mesma direção. No entanto,

atrapalhados pela escuridão e por desconhecermos o local, não avançamos

muito. O regente do coro e os dois estranhos que o perseguiam já haviam desaparecido na escuridão do interior da catedral. Quando finalmente entramos no prédio, tudo o que ouvimos foi o ruído de passos apressados acima das nossas

cabeças. Paramos, então, sem saber o que fazer até que ouvimos outro grito terrível e, depois, silêncio.

Alguns homens com lanternas surgiram na catedral e nos guiaram pela escada até a torre. A subida pelas curvas tortuosas foi bem demorada e, pela expressão de Holmes, percebi que ele temia o que poderíamos encontrar lá em cima.

Quando chegamos, o regente do coral, Jasper, jazia no chão, dominado e imobilizado pelo sr. Tartar. Ele, aliás, um dos homens que eu tinha visto escondido atrás de um monumento.

— Onde está Neville? — perguntou Holmes imediatamente.

Tartar balançou a cabeça e apontou para baixo.

— Este sujeito — disse ele, indicando Jasper — lutou com ele e, agora, temo que tenha efetivamente que responder por um crime.

Um dos membros do grupo que tinha subido conosco até o alto da torre deu um passo à frente e olhou para Jasper. Era o homem que tínhamos visto saindo da sepultura. Tomei um susto quando vi que, com exceção da peruca e de algumas pequenas modificações em seus trajes, ele era aquele que dizia se chamar “Datchery”.

Jasper o fitou e seu rosto se contorceu de medo.

— Ned! Ned! — exclamou, escondendo o rosto nas pedras no chão.

— É… Tem mais que esconder a cara mesmo — disse o velho Durdles, tremendo de raiva. — Achou que tivesse matado ele. Matado o sr. Edwin Drood, seu próprio sobrinho. Deu a ele uma bebida envenenada. A mesma que tentou dar a Durdles. E depois quis queimar o corpo com cal lá dentro da sepultura.

Mas Durdles o encontrou. Encontrou, sim.

Avançou um pouco mais e teria esmagado a cabeça do regente caído com o salto

da bota se alguns homens ali não o houvessem impedido.

— Claro — disse Holmes no trem que nos levava de volta a Londres na manhã seguinte. — Ninguém em Cloisterham pensaria em suspeitar do respeitável sr. Jasper. Desde o início, presumiram sua inocência. Mas, para mim, ele sempre foi um possível suspeito, porque foi um dos dois últimos homens a verem Edwin Drood. Quando fomos conversar com ele, com Jasper, quero dizer, eu o reconheci como frequentador de uma casa de ópio de péssima reputação que fica perto das docas. Deve lembrar que já tivemos a chance de observar lugares assim durante outros pequenos problemas que investigamos. Jasper estava, portanto, levando uma vida dupla. Era tudo que eu tinha descoberto quando fui a Londres anteontem à noite. Mas lá conversei com o sr. Grewgious e também com o pobre Landless e sua irmã. Graças a eles, fiquei sabendo que Jasper estava apaixonado pela mulher prometida para o sobrinho e já tinha até assediado a moça, tanto antes quanto depois do desaparecimento de Edward. A julgar pela atitude o sr. Grewgious, me convenci de que ele via Jasper com grande desconfiança. Mas ele é advogado e muito cauteloso; evidentemente não tinha qualquer prova disso. Outras pistas, aqui e ali, me levaram a suspeitar de que ele não estava de luto pela morte do jovem Drood.

“Esse detalhe era muito curioso: o ponto crucial do mistério estava aí. Passei a noite em claro, sentado, e consumi mais de cem gramas de tabaco, Watson. Eu precisava pensar. Se Jasper havia planejado o assassinato, por que não conseguira realizá-lo? O ópio, Watson, o ópio. Você mesmo sabe que um fumante de ópio pode fracassar, na verdade certamente vai fracassar numa

empreitada de peso. Tenta tomar coragem para a tarefa e tem 99% de chances de se entorpecer. Assim, o plano vai por água abaixo. Hoje de manhã, voltei a me encontrar com o sr. Grewgious e o acusei, com toda a veemência, de estar mantendo em segredo o fato de que Drood estava vivo. Ele acabou admitindo e me disse que o rapaz estava em Cloisterham, disfarçado como Datchery."

— Mas por que fazer isso? — perguntei. — Por que deixar que Neville continuasse sendo suspeito de um assassinato?

— Porque ele não tinha nenhuma prova concreta da culpa de Jasper — respondeu Holmes —, e estava tentando reunir evidências contra o tio. Ele próprio estava drogado quando sofreu o atentado. Na ocasião, foi salvo por Durdles e, com a conivência do sr. Grewgious, desapareceu da cidade. Depois, o advogado me falou sobre o anel que Edwin Drood levava consigo e que o assassino procurava quando tirou seu relógio e seu alfinete de gravata. Então, tudo que eu precisava fazer era jogar uma isca para Jasper usando o tal anel. Isso o levou de volta à sepultura na qual supunha encontrar o corpo de Drood consumido pela cal. O que achou, porém, foi Edwin Drood vivo, e não morto, como você mesmo viu. Mas o ópio foi efetivamente a chave de tudo. Fui procurar o velho traste que mantém a casa que ele frequentava e fiquei sabendo que ele sempre balbuciava coisas sobre o assassinato durante seus sonhos. Jasper havia chegado a um ponto em que não distinguia mais suas visões e uma efetiva tentativa de assassinato. Quando tentou cometer o ato, agiu como se estivesse numa de suas alucinações e, por isso, fracassou.

"Quanto à sua teoria sobre o fato srta. Landless ser Datchery, bom, meu caro amigo, fico feliz em lhe dizer que, para a felicidade daquele cavalheiro tão sério, a futura esposa do sr. Crisparkle não andou se disfarçando com calça nos hotéis

de Cloisterham. Pobre Landless… Nunca vou me perdoar pela sua morte. Sem sombra de dúvida, seu assassino vai ter o destino que merece.

“E, agora, Watson, vamos falar de abelhas. Já ouviu dizer que plantam trigo-sarraceno perto das colmeias? Disseram-me que elas se desenvolvem maravilhosamente bem nessa planta.”

Penetrando em Sherlock

A.A. MILNE

A única versão verídica das aventuras de Holmes

Poucas personagens no mundo da literatura infantil são tão queridas quanto Cristóvão e o Ursinho Pooh, criados por Alan Alexander Milne (1882-1956), que escreveu quatro livros icônicos para o próprio filho. Nascido em Londres, Milne foi para Cambridge, onde se tornou jornalista e acabou ocupando o cargo de editor assistente da revista *Punch*.

Embora não tenha sido um escritor prolífico em termos de narrativas de mistério, ele é o autor de uma das mais influentes histórias de detetives já escritas, *O mistério da casa vermelha* (1922), surgida bem no início da Era de Ouro desse gênero ficcional. Nessa obra muito popular, descrita por Alexander Woollcott como “uma das três melhores histórias de mistério de todos os tempos”, Milne aborda de forma divertida — “ah, que engraçado!” — o crime através da personagem de Antony Gillingham, um detetive amador ligeiramente excêntrico, apelidado de “Maluco”. Sua peça *The Fourth Wall* (1928) foi um sucesso. O público via o crime ser cometido e depois testemunhava cada etapa lógica da investigação para descobrir e prender o criminoso.

“Penetrando em Sherlock” foi o primeiro texto ficcional publicado por Milne, como ele próprio relata em seu livro *It’s Too Late Now: the Autobiography of a*

Writer” (1939). Foi submetido à apreciação da revista *Punch*, que a recusou, mas foi aceita pela *Vanity Fair* de Londres. Descrevê-lo como sendo banal é supervalorizá-lo. E foi incluído aqui simplesmente como uma curiosidade, nada

mais.

“Penetrando em Sherlock: a única versão verídica das aventuras de Holmes”

foi publicado originalmente na edição de 15 de outubro de 1903 da revista *Vanity Fair*, em Londres.

PENETRANDO EM SHERLOCK

A.A. Milne

A única versão verídica das aventuras de Holmes

Foi no verão passado, em junho, que voltei inesperadamente ao nosso

apartamento na Baker Street. Naquela tarde, eu tivera uma experiência inusitada

ao visitar um paciente e, por conta do meu nervosismo e da minha animação, deixei o termômetro cair na garganta dele. Tentando me recompor, saí pelas ruas

em direção à minha antiga residência e estava sentado em minha poltrona, pensando no meu velho ferimento quando, de repente, a porta se abriu e Holmes

se enfiou debaixo da mesa. Eu me levantei, tropecei na chinela persa onde ficava

o tabaco e desmaiei. Holmes enfiou seu penhoar e me ajudou a recobrar os sentidos.

— Holmes! — exclamei. — Achei que estivesse morto…

Um espasmo de dor percorreu suas sobrancelhas expressivas.

— Será que não podia confiar um pouco mais em mim? — perguntou ele num

tom triste. — Vou lhe contar tudo. Está com tempo?

— Claro — respondi. — Um amigo aceitará de bom grado me substituir no

trabalho enquanto isso.

Sua reação foi me observar com seus olhos penetrantes.

— Meu caríssimo Watson — disse ele —, você perdeu seu termômetro.

— Meu caro Holmes… — comecei, atônito.

Ele apontou para um nítido inchaço na própria garganta.

— Seu paciente era eu — revelou.

— Está entalado? — perguntei, ansioso.

— Está se movendo bem depressa — respondeu ele com a voz embargada pela emoção.

Uma pontada de dor foi denunciada por suas sobrancelhas expressivas. (A mobilidade de Holmes é notória nos clubes militares.) Em poucos segundos, o inchaço havia desaparecido.

— Mas por quê, meu caro Holmes…

Ele ergueu a mão num gesto para me calar e pegou um velho talão de cheque.

— O que pode tirar disso? — perguntou ele.

— O saldo — sugeri, cheio de esperança.

— Que conclusão pode tirar, foi o que eu quis dizer — replicou ele rispidamente.

Examinei o talão de cheques com todo o cuidado. Era do Banco Lloyd, estava pela metade e era muito, muito antigo. Tentei imaginar o que Holmes deduziria, mas não consegui. Finalmente, decidido a não perder muito dinheiro, arrisquei:

— O proprietário é do País de Gales.

Holmes sorriu, pegou o talão e fez o seguinte diagnóstico do caso:

— Ele é alto, destro e um bom boxeador; um gênio com o violino, tem um conhecimento ímpar do mundo do crime de Londres, poderes extraordinários de percepção, um cérebro afiado e perfeito; e, por fim, passou bastante escondido.

— Onde? — perguntei, tão interessado que nem tentei imaginar como ele tinha deduzido tanto com tão pouco.

— Em Portland.

Ele se sentou, farejou a cinza do meu charuto e observou:

— Ah! É um Flor de Dindigul… Bom, está acompanhando meu raciocínio, Watson? — Então, pegou a *Encyclopaedia Britannica* do escaninho e acrescentou: — O talão de cheque é meu.

— Mas… e Moriarty? — perguntei, quase sem fôlego.

— Esse sujeito não existe — disse ele. — É só o nome de uma sopa.

Extraído da caderneta de um detetive

P.G. WODEHOUSE

Um dos mais populares e queridos humoristas do século XX, sir Pelham "Plum" Grenville Wodehouse (1881-1975) teve uma longa, ilustre e prolífica carreira literária que começou com obras de diversos gêneros, inclusive histórias policiais. "Extraído da caderneta de um detetive" se assemelha a algumas das suas últimas incursões nesse gênero da literatura, que são normalmente sem sentido, tais como *Hot Water* (1932), *Pigs have Wings* (1952) e *Do Butlers Burgle Banks?* (1968).

Quando jovem, foi trabalhar num banco, mas, aos 22 anos, ganhava mais

como escritor, por isso pediu demissão para se dedicar inteiramente a produzir contos, romances e até algumas peças de teatro, e teve bastante sucesso pelas sete décadas seguintes. Seu primeiro romance foi *The Pothunters* (1902), mas suas maiores criações, as personagens do ilustre Bertie Wooster e seu amigo e criado, Jeeves, só surgiram a partir da publicação de “Extricating Young Gussie”

no jornal *The Saturday Evening Post*, em 1915. Wooster é um rapaz de bom coração, mas com algumas dificuldades intelectuais, que vive se metendo em situações difíceis, seja com a tia, com uma garota ou com a lei, e que confia em

Jeeves para tirá-lo das enrascadas.

Wodehouse passou metade da vida nos Estados Unidos e a outra metade na

Inglaterra. Naturalizou-se norte-americano em 1955. A partir de 1930, começou

a escrever roteiros para cinema e televisão e libretos e letras para inúmeros musicais, entre eles *Anything Goes* (1934), em que foi responsável pelo libreto, juntamente com Guy Bolton, enquanto as músicas e as letras são de autoria de Cole Porter.

Pouco antes de sua morte, foi sagrado cavaleiro e recebeu a Comanda da

Ordem do Império Britânico concedida pela Rainha Elizabeth II.

“Extraído da caderneta de um detetive” foi inicialmente publicado na edição de maio de 1959 da revista *Punch* e, mais tarde, integrou a coletânea *The World of Mr. Mulliner* (Londres: Barrie & Jenkins, 1972).

EXTRAÍDO DA CADERNETA

DE UM DETETIVE

P.G. Wodehouse

O velho general Malpus, Driscoll, da Suprema Corte, o jovem Freddie Ffinch-

Ffinch e eu estávamos sentados junto à lareira do clube quando Adrian Mulliner,

um detetive particular, deu um risinho discreto. É claro que ali era a sala para fumantes, onde risinhos discretos são permitidos.

— Será que os amigos estariam interessados em ouvir o relato do que sempre considerei o maior triunfo da minha carreira? — perguntou ele.

Todos dissemos que não, que não estávamos interessados, mas ele começou a contar mesmo assim.

— Relembrando meus anos de trabalho como detetive, me vêm à mente vários problemas cuja solução me deixou modestamente orgulhoso, mas, embora todos tenham, sem dúvida, apresentado aspectos interessantes e testado meus poderes ao extremo, não consigo pensar em nenhum dos meus feitos de raciocínio que tenha me dado mais prazer do que desmascarar o tal do Sherlock Holmes, atualmente mais conhecido como O Viciado da Baker Street.

A essa altura, o general Malpus olhou para o relógio de pulso, exclamou “Ó céus!” e saiu depressa, certamente por causa de algum compromisso que tinha esquecido até então.

— No começo, não tinha quase nada para acontecer — continuou Adrian Mulliner. — Mas, de repente, assim como o simples ato de farejar um lenço ou um sapato bastaria para pôr um dos cães farejadores do sr. Thurber em ação, o mesmo acontecia com a mais remota sugestão de algo que eu achasse interessante a ponto de me fazer seguir uma trilha. E a primeira coisa que chamou minha atenção naquela personagem sinistra foi sua situação financeira peculiar.

“Ali estava um homem que obviamente era obrigado a contar cada centavo,

pois, quando nos é apresentado, de acordo com Stamford, amigo do dr. Watson,

‘estava se queixando por não conseguir achar alguém que pudesse dividir com ele o ótimo apartamento que tinha acabado de encontrar e que era caro demais para o seu bolso’. Watson se oferece, então, para ser essa pessoa e eles se mudam para o tal apartamento que consistia em (estou citando literalmente)

‘dois quartos confortáveis e uma ampla sala de estar’, localizado no nº 221B da

Baker Street.

“Ora, nunca morei nessa rua na virada do século, mas conheci uns cavalheiros

idosos que moravam ali e todos me garantiram que, naquela época, um quarto, uma sala de estar e três refeições por dia custavam uma libra por semana. Um quarto a mais certamente aumentava o preço, mas trinta xelins deviam dar para o

aluguel e nunca se duvidou de que um sujeito tão honesto quanto o dr. Watson

fornecesse seus quinze xelins todo sábado. Deve-se, portanto, considerar que as

despesas com chinelas persas, tabaco, disfarces, munição para os revólveres, cocaína e cordas sobressalentes para um violino deviam custar a Holmes cerca de duas libras por semana. E ele parecia bem satisfeito com essa vidinha modesta. Numa situação em que vocês ou eu não pouparíamos esforços para

melhorar nossas finanças, ele simplesmente não se importava com o lado

financeiro da sua profissão. Vamos considerar alguns exemplos aleatoriamente e

ver o que ele fazia como ‘detetive consultor’. Aonde vai, Driscoll?”

— Sair — respondeu o magistrado, realizando a ação correspondente.

Adrian Mulliner retomou seu relato:

— No início da parceria, Watson diz que constantemente era obrigado a se retirar para o quarto porque Holmes usava a sala para conversar com os

eventuais clientes. “Preciso usar a sala para os negócios”, dizia ele, “e essas pessoas são meus clientes.” Quem eram esses clientes? “Um senhor grisalho, de

aparência lamentável, seguido de perto por uma idosa malvestida.” Depois desses, chegou “um funcionário da ferrovia envergando seu uniforme de belbutina”. Um grupo como esse não renderia muito dinheiro e as coisas não apresentaram qualquer melhora considerável à medida que o tempo avançava, pois ele acaba contratado por uma estenógrafa, um cargo bem mediano no ramo do comércio na Inglaterra, um porteiro, um escriturário que trabalhava na City, um intérprete grego, a proprietária de uma pensão (“O senhor resolveu um caso para um dos meus hóspedes ano passado” e um estudante de Cambridge.

“Ele não ganhava dinheiro como detetive, muito pelo contrário: devia passar a maior parte do tempo numa situação bem precária. Em *Um estudo em vermelho*, o inspetor Gregson diz que tinha ocorrido um fato grave aquela noite em Lauriston Gardens, nº 3, nos arredores de Brixton Road, e que agradeceria muito se Holmes lhe fizesse o favor de contribuir com suas opiniões. Ora, lá foi Holmes, de cabriolé, da Baker Street até Brixton, trajeto que deve custar vários xelins. Ele enviou um longo telegrama (mais dois ou três xelins, no mínimo), convocou “meia dúzia dos meninos de rua mais sujos e esmolambados que já vi” e deu um xelim a cada um deles. Finalmente, ao visitar o policial Bunce, que havia descoberto o corpo, Holmes tirou do bolso meio soberano e, depois “de brincar com a moeda com ar pensativo”, a entregou ao policial. Todo o desenrolar do caso deve ter lhe custado bem mais do que uma semana de aluguel na Baker Street e não havia a mínima hipótese de que esse dinheiro lhe fosse reembolsado pelo inspetor Gregson, já que, segundo o próprio Holmes, ele era um dos funcionários mais espertos da Scotland Yard.

“Inspetor Gregson! Inspetor Lestrade! Esse tipo de cliente! Fiquei refletindo sobre isso e não tardou muito para que a verdade surgisse à minha frente: não passavam de atores baratos, contratados para enganar o dr. Watson. Pois o que

um investigador particular normal diria a si mesmo ao começar a trabalhar?

Diria: ‘Antes de eu aceitar o trabalho proposto por um cliente, preciso ter certeza de que ele tem condições de me pagar. O estímulo diário e o humilde

adiantamento são a essência da profissão’, e teria despachado aquela dona de pensão e aquele intérprete grego antes que tivessem tempo de piscar. No entanto,

Holmes, que não dispunha de uma libra por semana para pagar pela moradia, nunca se importava com isso. Significativo, não?”

Com o que me pareceu mais uma desculpa esfarrapada, Freddie Ffinch-Ffinch

alegou que precisava encontrar um homem a respeito de um cachorro, pediu licença e saiu.

— Mais tarde — prosseguiu Adrian Mulliner —, a coisa se tornou

absolutamente ridícula, pois qualquer possibilidade de se acreditar que ele estava

empenhado em algum trabalho lucrativo foi anulada por ele mesmo e por seus clientes. Citando Watson: Ele jogou uma carta amassada na minha direção. Era

datada da noite passada e vinha de Montague Place.

Caro sr. Holmes,

Estou muito ansiosa para consultá-lo para saber se devo ou não aceitar o trabalho de governanta que me foi oferecido. Passarei aí amanhã, às dez e meia, se não for inconveniente para o senhor.

Cordialmente,

Violet Hunter

“Ora, que tipo de pagamento um investigador esperaria de uma governanta, mesmo uma com um emprego estável? Não muito mais do que poucos xelins.

Mesmo assim, quando, duas semanas depois, a srta. Hunter lhe enviou um

telegrama que dizia: ‘Faça o favor de estar no Hotel Black Swan, em Winchester,

amanhã ao meio-dia’, Holmes largou tudo e pegou o trem das nove e meia da manhã.”

Adrian Mulliner fez uma pausa e deu uma risadinha discreta.

— Está entendendo aonde isso tudo nos leva?

Respondi que não, que não estava entendendo nada. Eu era o único ali e precisava dizer alguma coisa.

— Ora, ora, homem! Você conhece os meus métodos. Trate de usá-los. Por

que um homem é negligente com dinheiro?

— Porque tem uma boa fortuna.

— Exatamente.

— Mas você disse que este não era o caso de Holmes.

— Eu não disse nada disso. Esta era simplesmente a ilusão que ele estava tentando criar.

— Por quê?

— Porque precisava de uma fachada para cobrir suas verdadeiras atividades.

Não havia necessidade de Sherlock Holmes se preocupar com pagamentos.

Ganhava muito dinheiro com outra fonte. Onde se encontra muito dinheiro? No

lugar de sempre! No mundo do crime. Sacos de dinheiro e nada de impostos. Se

alguém quiser guardar alguns milhões para os tempos de vacas magras, não vai

pegar um trem às nove e meia da manhã para se encontrar com uma governanta,

vai é se tornar um mestre do crime e ficar sentado feito uma aranha, bem no meio da sua teia, comandando o grupo de assistentes que vão roubar joias e outros tesouros.

— Está querendo dizer…

— Exatamente. Ele era o professor Moriarty.

— Quem?

— Professor Moriarty.

— O pássaro com cabeça de réptil?

— Isso mesmo.

— Mas Holmes não tinha cabeça de réptil.

— Nem Moriarty.

— Holmes disse que ele tinha.

— Para quem? Para Watson. Assim, essa descrição se tornaria pública.

Watson nunca viu Moriarty. Tudo que sabia sobre ele era o que Holmes lhe dizia.

Bom, essa é a história toda, meu velho.

— A história toda?

— É.

— Não tem mais nada?

— Não.

Dei um risinho discreto.

O rubi de Khitmandu

HUGH KINGSMILL

(escrevendo sob o pseudônimo de

Arth r C n n D yle e E.W. H rn ng)

O escritor inglês Hugh Kingsmill Lunn (1889-1949), também jornalista, parodista, biógrafo, antologista e crítico literário, deixou de usar o último sobrenome, assumindo um pseudônimo parcial por motivos profissionais, segundo alegou. Talvez para não ser confundido com os irmãos, Arnold Lunn e Brian Lunn.

Embora Kingsmill seja descrito em várias obras de referência como autor de histórias de mistério, entre suas realizações literárias, na verdade, ele não escreveu nenhum romance sobre crimes, embora tenha feito alguns contos do gênero, e muitos foram reunidos no livro de paródias *The Table of Truth* (1933), que ele próprio apontava como um dos seus livros favoritos. Inúmeras biografias de sua autoria são notáveis, em especial *The Return of William Shakespeare* (1929), *Frank Harris* (1932), *Samuel Johnson* (1933) e *D.H. Lawrence* (1938).

A dupla autoria dessa história reflete a fama do já esquecido E.W. Hornung, criador da personagem Raffles, o célebre cavalheiro que era ladrão de joias. Embora ele só tenha aparecido em quatro livros entre 1899 e 1900, os contos que narram suas aventuras rivalizavam em popularidade com as de Sherlock Holmes no fim do século XIX e início do XX, e não era nada incomum os parodistas equipararem o detetive praticamente infalível com o arrombador de cofres também bem-sucedido.

"O rubi de Khitmandu" foi inicialmente publicado na edição de abril de 1932 do jornal *The Bookman*. Mais tarde, foi incluído no livro *The Table of Truth*, de seu autor (Londres: Jarrolds, 1933).

O RUBI DE KHITMANDU

Hugh Kingsmill

(Sinopse: O marajá de Khitmandu, que está hospedado no hotel Claridge, teve o

seu famoso rubi de Khitmandu roubado. Sherlock Holmes segue as pistas que ligam o furto a Raffles. Este concorda em entregar a pedra a Holmes com a condição de que nem ele nem o seu comparsa Bunny sejam processados por isso.

Raffles acabou de explicar a situação a Bunny. Os dois estão no quarto de Raffles, no hotel Albany.)

CAPÍTULO XV

(*Relato de Bunny*)

Gelei ao ouvir aquelas palavras impressionantes: Raffles, logo ele, estava jogando a toalha sem lutar, aceitando devolver o mais esplêndido de todos os esplêndidos troféus conquistados por suas habilidades e ousadia àquele detetive

de meia-tigela depois de suplantar os cérebros mais brilhantes da melhor

organização de combate ao crime do mundo! De repente, o gelo se tornou fogo,

e eu estava de pé, falando de uma forma que nunca tinha feito com nenhum ser

humano. Não me lembro do que disse. Mas se lembrasse, não iria registrar aqui.

Acho que chorei. Sei que caí de joelhos. E Raffles ficou ali sentado sem dizer uma palavra! Eu o vejo imóvel, recostado numa poltrona luxuosa, olhando-me impassível por trás das pálpebras semicerradas. Havia um ligeiro sorriso

estampado em seu belo rosto diabólico e suas mãos estavam erguidas, como que

expressando desaprovação. Nem ao menos posso dar aos meus leitores uma ideia

mais completa da aflição que me dominava a não ser registrando aqui que eu estava extremamente absorto na estranheza do espetáculo diante de mim. Raffles

arrependido; Raffles condescendendo em me tranquilizar, enquanto que, em

qualquer outra ocasião, semelhante inversão dos nossos papéis costumeiros teria me deixado com uma animação nem sempre justificada e com vergonha por ele.

Porém, agora, já não me importava mais.

Ainda com as palmas voltadas na minha direção, ele cruzou as mãos. Eu já disse que, enquanto me contava a monstruosa decisão que havia tomado, ele segurava o rubi entre o polegar e o indicador da mão direita. Agora, a esquerda

tinha trocado de lugar com a direita, que segurava o rubi. Acho que eu devia ter

adivinhado desde o começo; acho que eu devia ter notado naquele sorriso o que

precisei que meus próprios olhos me dissessem: também havia um rubi na sua mão direita! Era isso que ele estava tentando mostrar com as mãos erguidas! Juro

que minha primeira sensação foi de imenso alívio ao ver que Raffles não estava

se rebaixando para me tranquilizar; a segunda, porém, foi uma tremenda

vergonha por ter sido idiota a ponto de acreditar, por um instante que fosse, que

ele seria capaz de fazer uma coisa dessas. Então, entendi a importância dos dois

rubis.

— Uma imitação? — perguntei, arquejando e voltando a me sentar na cadeira.

— Uma cópia perfeita.

— Para Holmes?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Mas e se ele…

— É um risco que preciso correr.

— Então vou com você.

Um brilho selvagem iluminou seus olhos azuis frios como aço.

— Não quero que venha junto.

— Holmes pode descobrir. Tenho que dividir o risco com você.

— Seu tolo! Você vai é duplicá-lo!

— Raffles!

O grito sofrido escapou de mim antes mesmo que eu pudesse contê-lo, mas, se houve fraqueza nessa autotraição, não tive do que me queixar quando vi seus magníficos olhos se abrandarem.

— Não foi isso que eu quis dizer, Bunny — replicou ele.

— Então vai me levar junto! — exclamei e prendi a respiração por meio minuto, o que pareceu interminável, até que um aceno de concordância me trouxe de volta à realidade.

A mão que se estendeu para segurar a dele a encontrou no meio do caminho e uma piscadela desmentiu o tom de resignação sofrida que havia na frase que ele disse:

— Ah, que sujeito mais teimoso…

Nosso encontro com Holmes estava marcado às nove horas da noite seguinte. Os relógios de Londres marcavam oito e meia quando entrei no Albany. O meu caro vilão, com traje noturno, envergava aquelas roupas como só ele era capaz de fazer, e estava parado junto à mesa. Mas algo em sua atitude estancou o cumprimento prestes a se formar nos meus lábios. Meus olhos acompanharam o seu olhar e vi os dois rubis, um ao lado do outro, dentro dos estojos abertos.

— O que foi, Raffles? — perguntei. — Aconteceu alguma coisa?

— Isso não está nada bom, Bunny — respondeu ele, erguendo os olhos. — Não posso correr o risco. Com qualquer pessoa, eu me arriscaria e também não daria a mínima para as consequências. Mas Holmes… Não, Bunny! Fui um tolo

em pensar nessa possibilidade…

Fiquei sem palavras. A amargura da decepção que eu sentia e a intensidade da

minha desilusão subiram à minha garganta, quase me sufocando. Ver Raffles sendo derrotado era algo que eu poderia suportar, mas vê-lo abandonar a luta…

A vergonha era tanta que não podia ser expressa em palavras.

— Ele vai perceber, Bunny. Ele vai perceber. — Raffles pegou um dos estojos.

— Está vendo este entalhe aqui? — perguntou com brandura, como se seus

olhos ardentes e um rosto bem vermelho fossem um convite a confidências. —

Marquei este estojo porque é nele que está o verdadeiro e único rubi de Khitmandu, e juro pela minha vida que acho que eu não seria capaz de distinguir

uma pedra da outra se embaralhassem os dois estojos.

— E, mesmo assim — consegui dizer com a voz rouca, sentindo a garganta seca —, acha que Holmes pode fazer o que você não poderia?

— Meu caro Bunny, pedras preciosas são um dos hobbies dele. O sujeito já escreveu até uma monografia sobre o tema, coisa que só descobri hoje. Não estou dizendo que ele vai descobrir minha imitação, mas estou quase certo de que não vou lhe dar essa chance.

Dizendo isto, virou-se e foi até o quarto pegar o sobretudo.

Não preciso lembrar aos pacientes leitores dessas crônicas sem qualquer

mérito que não me destaco pela rapidez, seja de pensamento ou de ação.

Excepcionalmente, porém, naquele momento minha cabeça e minhas mãos

trabalharam com tanta segurança e rapidez como se fossem as do próprio

Raffles, e os rubis foram trocados meio minuto antes de ele retornar e me encontrar de pé, com o chapéu e uma expressão nos olhos que deixou os dele com um ar inquiridor.

— Vou com você — afirmei.

Raffles estancou de imediato, fechando a cara.

— Ainda não entendeu, meu pobre tolo, que vou entregar a pedra verdadeira a Holmes?

— Isto pode ser uma armadilha.

— Eu me recuso a levá-lo comigo.

— Então, vou segui-lo.

Raffles pegou o estojo marcado, fechou-o e o enfiou no bolso do sobretudo. O meu engodo era para seu próprio bem, mas, apesar disso, senti uma pontada de dor ao ver aquilo, e outra quando o cofre se fechou sobre o rubi verdadeiro que estava no estojo do falso. E os olhos que se esforçavam para encarar os dele ficaram ainda mais envergonhados quando ele me perguntou se eu persistia com o intuito de lhe impor a minha companhia. Cerrando os dentes, que eu mal conseguia impedir que batessem, murmurei que aquilo era uma armadilha, que Holmes ia pegar a pedra e, então, chamar a polícia; portanto eu precisava enfrentar o perigo com ele, assim como sempre usufruí dos lucros do seu trabalho. Ele reagiu dando de ombros e girando sobre os calcanhares, e nem uma única palavra quebrou o silêncio que pairou entre nós durante o trajeto noturno para o norte da cidade.

Não se via qualquer tremor na mão esguia e forte que ergueu a aldraba da porta da Baker Street. Ele podia muito bem estar caminhando para um triunfo em vez da amargura da humilhação. Afinal, podia mesmo ser um triunfo! E ele o deveria a mim! Mas havia muito pouco entusiasmo no meu coração que batia acelerado enquanto eu o seguia escada acima, segurando com firmeza a chibata no meu bolso.

— Dois cavalheiros desejam vê-lo, senhor — disse, arquejando, a mulher que nos deixou entrar.

— E um deles — acrescentou uma voz insuportavelmente afetada, assim que entramos — teve a consideração de anunciar que está trazendo uma chibata de porte médio no bolso direito do sobretudo. Meu caro Watson, se tiver uma arma carregada, posso sugerir que faça o mesmo? Muito obrigado. Sem dúvida, ela está mais segura no seu bolso. Bom, sr. Raffles, trouxe a pedra?

Sem dizer uma palavra, Raffles tirou o estojo do bolso e o entregou a Holmes. Assim que o abriu, o sujeito que ele havia chamado de Watson se inclinou, com a respiração ruidosa. Mesmo sendo criminosos, não contive o orgulho ao comparar o belo rosto bronzeado do meu companheiro com a pele de Holmes, que era de um tom cadavérico de amarelo. E pensei também que a minha aparência, infelizmente de uma banalidade indiscutível, podia levar vantagem em comparação com a pele meio manchada, os olhos enevoados e o bigode arrepiado do assecla do detetive.

— Bela pedra, não é mesmo, Watson? — observou Holmes com o mesmo tom detestável, erguendo o rubi em direção à luz. — Bom, sr. Raffles, o senhor me poupou bastante trabalho desnecessário. A presteza com que se curvou ao inevitável demonstra bem que é um homem de inteligência excepcional. Suponho que não fará qualquer objeção ao meu desejo de examinar melhor essa pedra, certo?

— Na minha opinião, o senhor não estaria cumprindo seu dever com o seu cliente se descuidasse de uma precaução tão elementar.

A resposta foi perfeita, mas, afinal, fora uma observação feita por Raffles. E ele disse aquilo parado ali, no meio de um tapete de pele de urso já bem desgastado, com as pernas afastadas e de costas para a lareira. Como sempre, ocupava o centro do palco, totalmente à vontade, e eu poderia ter rido do grunhido desconcertado que Holmes soltou ao se levantar, andando no meio de toda aquela bagunça, indo para o aposento contíguo. Pelo relógio que ficava no console da lareira, passaram-se três minutos, três minutos que pareceram horas, até a porta voltar a se abrir. Com os dentes cerrados e os nervos retesados, mesmo nesse momento supremo eu percebia a tensão de Raffles, o que me deixou intrigado: o que ele teria a temer se acreditava que aquele era o rubi original? O rosto ameaçador do detetive me fez puxar a chibata mais para fora do bolso e o revólver do tal Watson ficou totalmente visível. Então, para o meu alívio, Holmes disse:

— Não preciso ocupar mais seu tempo, sr. Raffles. Mas, antes que se vá, devo lhe dizer uma coisa. Que esta seja sua última visita a esse apartamento.

Havia um tom de ameaça na lentidão com que ele pronunciou cada sílaba, coisa que não entendi e que teria me irritado se no meu coração houvesse espaço para outra emoção que não fosse a mais absoluta animação. Em meio a uma névoa, vi Raffles inclinar a cabeça com um ligeiro sorriso de desprezo. E não me lembro de mais nada até já estarmos na rua e o último som que eu esperava ouvir me trouxe de volta à realidade. Raffles estava rindo.

— Estou decepcionado com esse homem, Bunny — disse ele sem parar de rir.

— Eu tinha certeza de que ele ia perceber, e já estava preparado para isso.

— Perceber? — balbuciei, tentando não admitir uma desconfiança impossível.

— É. Perceber a falsificação que meu amiguinho aqui, tão inocente, não tinha dúvidas de que era o único e verdadeiro rubi de Khitmandu.

— O quê?! — exclamei quase gritando. — Quer dizer que era a pedra falsa no estojo marcado?

Ele se virou e, em tom brutal, respondeu:

— É claro!

— Mas você disse que era o verdadeiro.

— Mais uma vez, repito: é claro!

De repente, entendi tudo. Era aquela história patética mais velha do que tudo. Ele não confiava em ninguém, só em si mesmo. Só ele poderia enganar Holmes com uma pedra falsa. Então, tentou me deixar de fora daquilo mentindo sobre devolver a joia. E a minha mão ignorante acabou transformando a mentira em realidade! Quando cambaleei, ele me segurou pelo braço.

— Seu idiota! Seu idiota dos infernos! — esbravejou, virando-me para que eu encarasse seus olhos ardentes. — O que foi que você fez?

— Troquei os estojos. Azar o seu!

— Você trocou os estojos? — questionou ele bem devagar, com os dentes cerrados.

— Enquanto você estava no quarto. Então, afinal de contas, a pedra que você lhe entregou *era* o único e verdadeiro rubi.

E a mão erguida para me bater tapou a minha boca enquanto eu continha a selvagem gargalhada entalada na minha garganta.

CAPÍTULO XVI

(*Narrativa do dr. Watson*)

Devo confessar que, assim que a porta se fechou às costas de Raffles e do seu lamentável comparsa, eu fiquei totalmente desconcertado diante do rumo inesperado dos acontecimentos. Não havia como interpretar errado a expressão séria de Holmes quando ele se juntou a nós depois de examinar a pedra. Logo percebi que sua suposição havia se comprovado e que Raffles substituíra o rubi original por um falso. A agitação quase risível do seu assecla, que enfiou a mão no bolso para tirar a chibata no momento em que meu amigo entrou, só confirmou o que eu supunha. Ficou evidente que ele estava tão atônito quanto eu no instante em que Holmes mandou Raffles embora em vez de denunciá-lo. Na verdade, seu suspiro de alívio ao sair da sala antes de Raffles foi tão óbvio que provocou em mim um impulso meio indefinido no sentido de corrigir o erro extraordinário que, a meu ver, Holmes havia cometido.

— Sente-se! — disse Holmes em tom mais ríspido do que de costume.

— Mas, Holmes! — exclamei. — Será possível que você não tenha se dado conta…

— Eu me dei conta de que, como sempre, você não se dá conta de nada.

Pegue esta pedra. Guarde-a como se fosse um dos seus olhos. E traga ela de volta aqui amanhã às oito horas.

— Mas, Holmes, não estou entendendo…

— Não tenho tempo para discutir as limitações da sua inteligência.

Sempre me dispus a fazer concessões à impaciência natural do meu amigo por

ter uma inteligência menos brilhante do que a dele. Mesmo assim, não deixei de ficar mortificado quando ele enfiou o estojo nas minhas mãos e foi me levando

para o saguão. Mas o ar noturno e os passos rápidos com que fui descendo a Baker Street logo me ajudaram a recuperar a imparcialidade. Uma longa

experiência com os extraordinários poderes do meu amigo tinham me ensinado

que, na maioria das vezes, ele enxergava claramente quando eu estava na mais absoluta escuridão. Pensei que, sem dúvida, ele teria um excelente motivo para

deixar os bandidos irem embora. Nenhum homem podia atacar mais

prontamente e com consequências mais mortais do que Holmes; assim também

nenhum homem sabia lidar como ele com o tempo e esperar com mais paciência

até surgir uma oportunidade para intervir e obstruir qualquer possibilidade de alguém escapar. Enquanto tais ideias passavam pela minha cabeça, eu estava vagamente consciente dos dois homens andando à minha frente, a uma distância

de cerca de cem metros. De repente, um deles cambaleou e teria caído se o seu

companheiro não o tivesse segurado pelo braço. Minha primeira impressão foi de estar testemunhando o espetáculo, infelizmente tão comum em todas as

cidades grandes, de dois bêbados se ajudando a chegar em casa. Mas, enquanto

observava a dupla com um misto de pena e repulsa, o que havia segurado o braço do outro ergueu a mão como se fosse esbofeteá-lo. Encostei em meu revólver e já estava a ponto de dar um grito de alerta quando percebi que aqueles

dois eram exatamente os indivíduos que estavam nos meus pensamentos. De

imediato surgiu a necessidade de tomar cuidado. Parei, peguei meu cachimbo, enchi a fornalha e risquei um fósforo. Esse simples estratagema me permitiu ordenar as ideias. Era óbvio que aqueles bandidos tinham brigado. Lembrei-me

do velho ditado que diz “quando ladrões brigam entre si, os homens honestos ficam a salvo” e me esforcei ao máximo para imaginar o que Holmes faria se

estivesse no meu lugar. Segui-los a uma distância segura e agir quando fosse necessário me parecia a atitude que ele tomaria. Mas eu não podia negar que sua percepção do que a situação pudesse exigir provavelmente seria muito diferente da minha. Por um instante, fiquei tentado a voltar depressa e contar a Holmes as últimas novidades. Um momento de reflexão, porém, logo me convenceu de que, fazendo isso, sem sombra de dúvida eu me arriscaria a perder as minhas presas.

E tinha mais um motivo (menos desculpável, suponho) para não voltar lá: a forma brusca como Holmes me botou para fora ainda me incomodava um pouco. Seria gratificante se eu conseguisse, ao menos desta vez, mostrar ao meu amigo autoritário que eu era capaz de fazer uma contribuição independente para a solução de um problema. Apressei, então, o passo e logo reduzi a distância que me separava do meu alvo para cerca de cinquenta metros. Era evidente que os dois continuavam brigando. O próprio Raffles estava em silêncio, mas a voz e os gestos exagerados do seu cúmplice demonstravam que a briga, fosse lá por qual motivo, prosseguia com o mesmo fervor.

Eles viraram em Picadilly e eu continuava em seu encalço quando, de repente, entraram no pátio do Albany. Por uma feliz coincidência, eu tinha estado ali durante algumas semanas, por motivos profissionais, atendendo ao chamado do meu velho amigo, o general Macdonagh, que estava à beira da morte. Portanto, eu conhecia o porteiro, que levou a mão ao quepe quando passei por ele às pressas. Assim que me dei conta de que era ali que Raffles morava, ficou claro qual seria o rumo a tomar. Ele estava enfiando a chave na porta quando apareci.

— Ó céus! — exclamou o seu comparsa. — É Watson!

— *Dr.* Watson, por favor, Bunny. — O canalha virou-se para mim com malícia. — Ora, se não é uma grata surpresa, doutor…

Ignorando a insolência dissimulada do sujeito, perguntei, em tom sério, se podíamos ter uma conversinha nos seus aposentos.

— Mas claro que sim, meu caro doutor. Qualquer amigo do sr. Holmes é

nosso amigo também. Permita-me lhe mostrar o caminho.

Levei a mão ao revólver e, assim que a porta se fechou ao entrarmos, eu o saquei ao mesmo tempo em que mostrava o estojo com o falso rubi.

— Aqui está a sua joia falsificada! — exclamei, jogando o estojo em cima da

mesa. — Passe para cá a verdadeira ou vou abatê-lo como a uma lebre.

Por mais que fosse um bandido experiente, Raffles não disfarçou o

aborrecimento; já o seu desprezível assecla desabou no sofá dando um grito de

terror.

— Tudo isso é muito inesperado, doutor — disse Raffles, pegando o estojo e

abrindo-o. — Posso lhe perguntar se está seguindo instruções do sr. Holmes?

Afinal, é com ele que estou lidando.

— Pois agora é comigo. Esta é a única coisa que precisa saber.

— Mas o sr. Holmes ficou plenamente satisfeito com a pedra que lhe

entreguei…

— Não estou aqui para discutir. Vai obedecer às minhas ordens?

— É lamentável que Holmes tenha mandado que nos seguisse sozinho.

— *Sr.* Holmes, seu canalha! E ele não tem ideia do que estou fazendo.

— Jura? Então, tudo o que tenho a dizer é que ele não merece um escudeiro

desses. Bom, Bunny, pelo visto nosso triunfo foi um tanto prematuro…

Um minuto mais tarde, eu estava no corredor carregando no bolso interno do paletó o estojo com a pedra genuína. Do outro lado da porta fechada, ouvi o que julguei ser o riso amargo e atônito de um vigarista derrotado. Em geral, tenho um temperamento contido, mas, admito, foi num estado de espírito que beirava a exultação que voltei para a Baker Street e irrompi pela casa de Holmes.

— Consegui! Consegui! — exclamei, sacudindo o estojo na mão.

— Será uma crise de *delirium tremens*? — perguntou ele friamente da sua poltrona.

Percebi que tinha um revólver nas mãos.

— Consegui o rubi verdadeiro, Holmes!

Com a agilidade de uma pantera, ele pulou da poltrona e arrancou o estojo da minha mão.

— Seu idiota! — esbravejou ele. — O que foi que você fez?

Frustrado e perplexo, contei minha história enquanto Holmes me fitava com o peito arfando e os olhos fuzilantes. Meus leitores já adivinharam a verdade que ele jogou na minha cara por meio de algumas frases soltas entremeadas de observações pessoais extremamente disparatadas. Raffles havia lhe trazido o rubi verdadeiro e Holmes, suspeitando de que ele fosse tentar recuperá-lo, havia me confiado a joia. O alerta que fizera ao ladrão, ao dizer que não voltasse mais àquela casa, estava explicado, assim como estava esclarecida a vigília do meu amigo, empunhando uma arma carregada quando apareci ali.

A prisão de Raffles e de seu cúmplice Bunny, realizada uns quinze dias depois, bem como a devolução do rubi ao proprietário legal, são fatos

conhecidos por todos que leem os jornais. Durante esse período, o estado de saúde extremamente crítico do general Macdonagh ocupou toda a minha

atenção. Ao seu falecimento, seguiram-se quase imediatamente a morte

inesperada de outros dois pacientes e, sob a pressão dessas tristes fatalidades, não tive condições de visitar Holmes para saber, dos seus próprios lábios, os acontecimentos das etapas finais desse caso inesquecível.

A aventura do inseto notável

AUGUST DERLETH

August William Derleth (1909-1971) nasceu em Sauk City, no estado de

Wisconsin, onde passou a vida inteira, boa parte da qual, ao que parece, trabalhando como datilógrafo enquanto escrevia mais de três mil histórias e artigos. Derleth publicou mais de cem livros, incluindo narrativas policiais (estreladas pelo juiz Peck e por Solar Pons, personagem no estilo de Sherlock Holmes), histórias sobrenaturais e o que ele considerava sua ficção mais séria: uma longa série de livros, narrativas, poemas, diários etc. sobre a vida na sua cidadezinha que ele rebatizou de Sac Prairie.

Quando ficou sabendo que Arthur Conan Doyle não pretendia escrever mais

sobre Holmes, Derleth lhe mandou uma carta pedindo permissão para dar

sequência a tais histórias. Com muita delicadeza, Doyle recusou seu pedido.

Apesar disso, Derleth prosseguiu com seu intento inventando um nome que de longe lembrava o do célebre detetive e escreveu seus primeiros pastiches sobre

Solar Pons. No fim das contas, a quantidade de histórias que escreveu sobre essa

personagem acabou sendo maior do que a das que Doyle produziu sobre

Sherlock Holmes.

Pons é praticamente um clone de Holmes. Ambos têm prodigiosos poderes de

observação e de dedução, são capazes de descrever nos mínimos detalhes

pessoas que acabaram de conhecer, deduzindo tudo em alguns segundos de observação. As histórias de Holmes são narradas pelo dr. John H. Watson e as de Pons, pelo dr. Lyndon Parker, com quem divide um apartamento na Praed Street, nº 7B; a senhoria de ambos se chama sra. Johnson. O irmão mais velho de Holmes, Mycroft, tem habilidades ainda mais incríveis que as de Sherlock e o mesmo acontece com o irmão de Solar Pons, Bancroft.

Entre as poucas diferenças existentes entre Holmes e Pons estão a época: as mais memoráveis aventuras do primeiro aconteceram por volta das décadas de 1880 e 1890, enquanto que Pons floresce nos anos 1920 e 1930. Este último também é mais animado que Holmes, com menos tendência à depressão e a períodos em que recorre ao uso de drogas.

Várias das suas histórias têm títulos tirados dos célebres casos não registrados a que Watson tantas vezes faz alusão, como “Ricoletti do pé torto (e sua abominável esposa)”, “A muleta de alumínio”, “O político, o farol e o corvo-marinho treinado”, além da que consta aqui.

“A aventura do inseto notável” foi originalmente publicada em *Three Problems for Solar Pons* (Sauk City, Wisconsin: Mycroft & Moran, 1952).

A AVENTURA DO INSETO NOTÁVEL

August Derleth

— Ah, Parker! — exclamou Solar Pons assim que entrei no nosso apartamento da Praed Street, nº 7B, no final de uma tarde de verão nos primeiros anos da terceira década do século. — Você chegou bem a tempo para mais uma das nossas pequenas incursões pela vida criminosa de Londres que o deixam tão incompreensivelmente encantado.

— Pelo visto, aceitou um caso novo — falei.

— Digamos que concordei em atender um apelo.

Enquanto falava, Pons deixou de lado a pistola com que andara treinando a pontaria, um exercício abominável que deixava a sra. Johnson, nossa

proprietária, bastante transtornada, como seria de se esperar… Procurou algo em

meio aos papéis em cima da mesa e empurrou um cartão que foi parar na beirada, bem à minha frente, com a mensagem virada para cima.

Caro sr. Pons,

O sr. Humphrey sempre disse que o senhor era melhor do que a polícia, então,

se não tiver problema, vou passar aí no final da tarde, depois que Julia chegar, e contar tudo que está acontecendo. O médico disse que está tudo bem com o sr.

P., mas tenho minhas dúvidas.

Com todo respeito,

Sra. Flora White.

Enquanto eu lia o texto, Pons ficou me olhando com um brilho nos olhos.

— Um criptograma? — indaguei.

Ele começou a rir.

— Ora, vamos, Parker. Não é tão difícil assim! Ela só está aflita e talvez até

indignada.

— Confesso que, para mim, nada aqui está claro.

— Não duvido… — replicou Pons secamente. — Mas, com alguma reflexão,

tudo fica muito simples. Ela menciona um tal de sr. Humphrey e deduzo que seja

aquele sujeito, Athos Humphrey, para quem investigamos sobre aquele caso do selo Penny Magenta. A consulta se trata de uma questão sobre a qual ela já tem a opinião de um médico. O médico, porém, não conseguiu tranquilizá-la nem aliviar a sua preocupação. Mas não pode vir imediatamente porque não tem condições de deixar o paciente sozinho. Portanto, pelo menos sabemos que o paciente ainda está vivo. Precisa esperar Julia chegar, o que vai acontecer no final da tarde. Não seria, então, absurdo supor que essa Julia é sua filha ou, ao menos, uma estudante que deve esperar as aulas terminarem para substituir a sra. White, liberando assim nossa possível cliente para nos procurar. A essa altura, isso já deve ter acontecido e é bem provável que ela esteja chegando no táxi que acabou de parar aqui em frente.

Fui até a janela e olhei para baixo. Havia de fato um táxi estacionado diante do nosso prédio e uma mulher de meia-idade, de porte avantajado, já subia os degraus do nº 7. Usava uma roupa simples, de ficar em casa, o que sugeria que tinha vindo direto do trabalho. Como única proteção, além do chapeuzinho de plumas absurdamente pequeno, era um xale fino demais, pois estava frio para agosto.

Em poucos instantes, a sra. Johnson lhe mostrou o caminho e ela ficou ali parada, olhando para nós dois, exibindo, no rosto corado, uma expressão indecisa. Até que sorriu para o meu companheiro sem muita convicção.

— O senhor é o sr. Pons, não é?

— Ao seu dispor, sra. White — respondeu Pons com uma delicadeza nada habitual. Enquanto isso, seus olhos sempre alertas observavam cada detalhe da aparência da nossa visitante. — Por favor, sente-se e conte-nos tudo sobre o probleminha que a tem preocupado.

Ela se sentou, mostrando-se cada vez mais confiante, afrouxou um pouco o xale

no pescoço e começou a relatar as circunstâncias que a tinham trazido à nossa residência. Falava com um tom de voz animado e tinha um sotaque menos carregado do que o de alguém vindo do interior.

Contou-nos como foi “falar com o sr. ‘Umphrey’”; que ele lhe “disse ‘pra’ procurar seu amigo Solar Pons” e que ela fez “o ‘qui’ ele mandou” assim que a sobrinha chegou da escola. Pons ficou ali sentado com toda paciência, ouvindo a introdução, esperando que a paciência fosse recompensada. Não a interrompeu desde que ela começou sua história.

Ela trabalhava como faxineira em várias residências. Hoje era o dia de Idomeno Persano, um solitário que morava em Hampstead Heath, um estrangeiro de origem hispânica que tinha vindo dos Estados Unidos. Ele havia comprado uma casa na orla da charneca onze anos atrás e, desde então, levava uma vida majoritariamente sedentária. Era conhecido por percorrer aqueles ermos em função do seu interesse em entomologia. Como colecionador de insetos e de informações a seu respeito, era conhecido pelas crianças dos arredores como um senhor bonzinho que estava sempre apto a lhes dar alguns pence ou um xelim por algum inseto que pudesse acrescentar à sua coleção.

Sob todos os aspectos, a vida de Persano parecia ser uma espécie de aposentadoria. A julgar pelo que a sra. White mencionou sobre ele viver divagando, devia ser um daqueles entomologistas que costumam enviar e receber espécimes. Sempre deu a impressão de ser um sujeito tranquilo, mas, certo dia, cerca de um mês atrás, recebeu um cartão-postal dos Estados Unidos que o deixou muitíssimo inquieto. Não havia nada escrito, a não ser o seu nome e o seu endereço, e a imagem era simplesmente um desenho engraçado. Mesmo

assim, ele ficou bem agitado ao receber aquilo e desde então não pôs mais os pés para fora de casa.

Hoje, a sra. White havia se atrasado para o trabalho, portanto só chegou à casa do patrão depois do almoço. Ficou horrorizada ao encontrá-lo sentado diante da escrivaninha, num estado assustador. Achou até que ele tinha enlouquecido.

Tentou acordá-lo daquele torpor, mas tudo que conseguiu foi fazê-lo balbuciar algumas palavras que soaram como “o inseto… desconhecido pela ciência”. E também algo sobre “o cachorro”, mas nunca houve nenhum cachorro na casa, e não havia um agora. E isso foi tudo. Ele estava olhando para um espécime que, aparentemente, havia chegado pelo correio. Era um verme dentro de uma caixa de fósforos comum.

— Ah, que bicho horroroso, sr. Pons! Cheguei a ficar toda “arrupiada” — disse ela em tom firme.

Logo tratou de chamar o médico. Era um rapaz substituto e admitiu não fazer ideia do que estava acontecendo com Persano. Nunca tinha deparado com uma doença assim, mas percebeu uma paralisia nos músculos e chegou à conclusão de que Persano havia sofrido um grave ataque cardíaco. A descrição feita pela sra. White sugeria o diagnóstico de problemas coronarianos. Ele lhe administrou um sedativo e recomendou que o paciente não saísse daquele local.

A sra. White, porém, não ficou satisfeita. Assim que o médico foi embora, falou com sr. ‘Umphrey’ e o resultado foi o bilhete que o mensageiro tinha lhe trazido. Agora, aqui estava ela. Será que o sr. Pons aceitaria ir até lá dar uma olhada no seu patrão?

— Por que achou que o médico estava enganado, sra. White? — perguntei, sem conseguir me conter.

— Foi a impressão que eu tive — respondeu ela com toda franqueza. — Pura intuição, meu senhor. Intuição feminina.

— Muito bem, sra. White — disse Pons num tom de voz tolerante, o que me irritou ainda mais. — Meu bom amigo Parker, como acontece com quase todos os médicos, sempre acha que seus colegas estão, de certa forma, acima de qualquer crítica ou questionamentos por parte dos leigos. Vou lá ver o sr. Persano, embora meus conhecimentos em medicina sejam lamentavelmente limitados.

— Este aqui — disse a nossa cliente — é o cartão que ele recebeu.

Ao dizer isso, entregou a Pons um cartão-postal colorido de um tipo muito comum nos Estados Unidos, um daqueles cartões que são enviados por pessoas viajando só para atormentar os amigos que não puderam tirar férias. O desenho era de um homem gordo correndo de um cachorrinho que havia rompido a coleira. Era um trabalho medíocre, com dizeres bastante característicos: “Nos divertindo loucamente em Fox Lake. Seria ótimo se você também estivesse aqui.” E, no verso, não havia nada além do endereço de Persano e um carimbo de Chicago.

— Com toda certeza, é uma das mensagens mais inócuas que já vi — observei.

— Não é mesmo? — indagou Pons, com uma das sobrancelhas erguidas.

— Posso perfeitamente imaginar por que teria irritado Persano.

— Acho que a palavra usada foi “inquieto”, não foi, sra. White?

— Isso mesmo, sr. Pons. Ele ficou tão inquieto que me assustei. Vi o desenho

quando entreguei o cartão a ele e disse: “Seus amigos estão se divertindo muito

nas férias.” Assim que ele olhou “pro” cartão, ficou branco feito uma folha de papel e teve um acesso de tosse. Depois jogou o cartão “pra” longe sem dizer nada. Então peguei o cartão e o guardei. Foi isso.

Pons ficou remexendo no lóbulo da orelha direita sem desviar os olhos da nossa cliente.

— O sr. Persano é gordo, sra. White?

O rosto simplório da mulher se animou com prazer.

— É, sim, sr. Pons. Só não sei como descobriu isso. O sr. ‘Umphrey’ tinha toda razão ao dizer que o senhor é um espanto.

— E quantos anos acha que ele tem?

— Humm, uns sessenta e alguma coisa.

— Quando disse que seu patrão ficou “inquieto”, estava sugerindo que ele tenha ficado com medo?

— Ele ficou inquieto — repetiu a mulher, franzindo a testa.

— Não zangado?

— Não, senhor. Inquieto. Assim, perturbado. Ficou sem cor, resmungou

alguma coisa tão baixinho que não ouvi e jogou o cartão longe, como se não quisesse mais ver aquilo. Aí, peguei o cartão e o guardei comigo.

Pons continuou ali sentado por uns instantes, com os olhos fechados. Depois,

pegou o relógio para ver as horas.

— São quase seis agora. O caso me parece ser um tanto urgente. A senhora mandou o táxi ficar esperando?

A sra. White confirmou com a cabeça.

— Julia vai ficar aflita — disse ela.

— Ótimo! — exclamou Pons ficando de pé num pulo. — Vamos com a senhora. Não há tempo a perder. Talvez até já seja tarde demais.

Tirou o velho robe de chambre roxo, jogou-o de lado e pegou a pelerine e o chapéu.

Durante o trajeto até o local onde nossa cliente havia passado por aquela experiência, Pons se manteve num silêncio meditativo, com a cabeça pendendo sobre o peito, os dedos magros escondidos com as mãos sob o queixo.

A casa na orla da charneca de Hampstead era bem isolada dos vizinhos. Uma cerca viva bem cerrada, alternando com um muro de pedras, contornava toda a construção. Era uma casa térrea e não muito grande. Nossa cliente logo saltou do táxi, seguida por Pons e deixando-me com o encargo de pagar a viagem. Ela nos guiou pela casa e encontramos ali uma jovem pálida que obviamente ficou aliviada ao ver alguém chegar.

— Alguma mudança, Julia? — perguntou a sra. White.

— Não, senhora. Ele está dormindo.

— Apareceu alguém por aqui?

— Não, senhora. Ninguém.

— Isso é bom. Pode ir “pra” casa agora. Ela é uma boa menina — disse, e, virando-se para nós, nossa cliente apontou para uma porta à sua esquerda. — É

aqui, sr. Pons.

A luz de duas luminárias bem antiquadas revelou a cena em toda a sua crueza.

O patrão da sra. White estava sentado numa velha poltrona bergère em estilo Chippendale, diante de uma vasta mesa não menos antiquada do que as

luminárias que garantiam a iluminação fantasmagórica do aposento. Era um

homem corpulento, mas bastava olhar para perceber que ele não estava

dormindo, pois tinha os olhos abertos e fixos no curioso objeto que se

encontrava à sua frente: uma caixa de fósforos aberta com um conteúdo que, para os meus olhos de leigo, mais parecia uma lagarta mais avantajada que as

comuns. Um sorriso terrível, o chamado *risus sardonicus*, retorcia os lábios de Persano.

— Imagino que o sr. Persano seja mais o seu departamento, Parker — disse Pons em voz baixa.

Levei apenas um instante para confirmar suas suspeitas.

— Esse homem está morto, Pons! — exclamei.

— A possibilidade de o encontrarmos com vida era mínima — observou ele.

Depois virou-se para a nossa cliente e acrescentou: — Temo que a senhora precise notificar a polícia, sra. White. Chame o inspetor Taylor, da Scotland Yard. Diga a ele que estou aqui.

A sra. White, cuja única reação diante da notícia da morte do seu patrão foi gemer de tristeza, conseguiu se recompor a ponto de nos dizer que naquela casa

não tinha telefone. Ela precisaria ir à casa do vizinho.

Assim que nossa cliente saiu, Pons iniciou uma atividade febril. Pegou uma das luminárias e começou a examinar o quarto, ajoelhando-se em alguns locais,

observando atentamente as paredes, as estantes de livros, a escrivaninha que

ficava numa das paredes e, finalmente, o próprio cadáver, analisando as mãos e o rosto de Persano com um cuidado que, na minha opinião, parecia absurdo.

— A pele dele não está com uma cor peculiar, Parker? — perguntou ele, enfim. Admiti que estava. — Isso é consistente com uma trombose coronária?

— Não é nada comum…

— Percebeu essa ligeira descoloração em um dos dedos dele? — prosseguiu Pons. — Está meio inchado ali, não está?

— E tem um ferimento superficial. É verdade. Eu já tinha notado.

— Sem dúvida alguma, há inchaços e descolorações em algumas partes expostas do corpo — disse ele.

— Deixe que eu me antecipe às suas suposições, Pons — afirmei. — Se esse homem foi envenenado, não consigo pensar em nenhum veneno comum que corresponda a esses sintomas. Arsênico, antimônio, estricnina, ácido prússico, cianeto, atropina, todos estão descartados. Ainda não posso dizer que esse homem morreu de causas não naturais…

— Você não poderia ter se expressado com mais cautela — observou Pons secamente. — No entanto, posso considerar que os sintomas visíveis são inconsistentes com uma trombose coronária.

— É o que tudo indica.

Com isso, Pons pareceu satisfeito. Voltou sua atenção para a mesa diante do corpo de Persano. O tampo do móvel estava coberto de vários objetos que sugeriam que nosso homem andou tentando identificar o notável inseto quando foi atacado. Havia livros de entomologia e guias sobre vida de insetos abertos

formando um semicírculo em torno da caixa de fósforos também aberta e do seu estranho ocupante. Mais adiante, no trecho na sombra que ficava fora do alcance da luminária, havia um estojo com insetos nos vários estágios de evolução, desde as larvas e passando pelas pupas. Isso também era um indício de que Persano estava procurando alguns pontos comuns entre aqueles insetos e o tal espécime que a ciência desconhecia.

Estendi a mão para pegar a caixa de fósforos, mas Pons segurou meu braço.

— Não, Parker. Não vamos alterar a cena. Por favor, observe a tampa da caixa que foi retirada. Não tem uns furinhos ali?

— A criatura precisaria de ar.

Pons riu.

— Graças aos céus pelos raiozinhos de humor que sua boa-fé nos proporciona! — exclamou ele. — O inseto está morto. Aliás, duvido que já tenha estado vivo. Além disso, o pacote estava embrulhado. Vamos só virar a tampa.

E foi o que fez. Logo ficou evidente que os furinhos formavam uma frase. Me unindo a Pons, me debrucei para decifrá-la.

“O cachorrinho pega o gatão.”

Olhei imediatamente para Pons.

— Se for uma mensagem, está codificada.

— Com toda certeza, uma mensagem bem breve — objetou ele.

— Mas não passa de uma brincadeira de criança — protestei. — Não pode fazer sentido…

— Muito pouco, na verdade — concordou Pons. — Mesmo assim, imagino que possa nos ajudar a reconhecer a identidade do cavalheiro que provocou a morte de Idomeno Persano.

— Ora, vamos, Pons! Está brincando comigo!

— Não, não, trata-se de algo tão elementar que quase chega a ser decepcionante — replicou o meu amigo. — Você conhece os meus métodos, Parker, e dispõe de todos os fatos. Só precisa aplicá-los.

Dizendo isso, Pons se ajoelhou diante do lixo e começou a procurar cuidadosamente ali dentro até que encontrou uma caixa de uns quinze centímetros quadrados com um barbante e um papel de embrulho.

— Essa deve ser a embalagem dentro da qual o inseto foi enviado — disse ele, examinando a caixa. — Pelo visto, tudo foi muito bem pensado para que o espécime ficasse chacoalhando. Isso não lhe diz nada, Parker?

— É a forma habitual de enviar esses espécimes.

— Sem dúvida. — Ele ficou observando o papel de embrulho. — O endereço do remetente está completo: “Fowler. Upper Brook Street, nº 29.” No entanto, foi postado em Wapping, pequeno detalhe que, ouso dizer, Persano não percebeu. Temos indícios de alguns cuidados com detalhes. Sem dúvida, Fowler devia ser um correspondente conhecido em termos de entomologia, mas não foi quem enviou esse inseto notável.

Nesse momento, a sra. White voltou bastante esbaforida. Logo atrás dela, vinha o jovem médico que ela certamente tinha chamado depois de telefonar para a Scotland Yard. E, por fim, surgiu o rosto soturno do inspetor Walter Taylor, um jovem de trinta e poucos anos, que, em diversas ocasiões, havia demonstrado uma habilidade incomum para solucionar os crimes ocorridos na sua jurisdição.

Ao chegar, o inspetor assumiu imediatamente a situação e, pouco depois, Pons e eu estávamos a caminho da Praed Street, nº 7B. Com a permissão do policial, Pons vinha trazendo, com um cuidado quase exagerado, um pacotinho com o inseto extraordinário que havia levado Idomeno Persano à loucura e à morte.

Mais uma vez em casa, ele abriu cautelosamente o pacote e pôs o bicho, ainda dentro da caixa de fósforos, debaixo do abajur da escrivaninha. Visto assim, era de fato imponente: peludo como uma lagarta, mas também chifrudo, como certos estágios de pupa. Ele não tinha só um chifre, mas quatro, dois se erguendo nas costas, perto da cabeça, e os dois outros virados de frente para os primeiros, porém saindo da outra extremidade do corpo. A cabeça do inseto não tinha pelos e exibia uma longa probóscide da qual surgia uma língua esguia que parecia trançada. Aparentemente, tinha umas quatro fileiras de patas, que se estendiam

em duplas por todo o comprimento do corpo, lembrando, tanto pela quantidade quanto pela forma, as patas de uma centopeia. Um par de antenas se erguia da parte traseira da cabeça, tão grandes quanto os chifres, e a cauda era grossa e arredondada. O inseto devia ter uns dez centímetros de comprimento e pelo menos uns cinco de diâmetro.

— Já tinha visto algo assim? — perguntou Pons, encantado, com os olhos brilhando.

— Nunca. Como poderia ter visto se nem mesmo a ciência conhece?

— Ah, Parker, basta alguém lhe dizer alguma coisa e você já acredita como sendo definitiva. Tecnicamente, essa história de inseto desconhecido pela ciência não existe. Qualquer um que seja descoberto por um cientista pode ser logo classificado, mesmo que não seja imediatamente identificado com precisão.

— Pelo contrário — retruquei com certo humor. — Ele está bem ali, na nossa frente.

— Vou tentar dizer de outra maneira, Parker. Se a ciência desconhece o inseto, então o inseto não existe.

— Acho que estamos invertendo os papéis, Pons — falei, em tom áspero. — Não é você que vive me acusando de ser muito didático?

— Admito a minha culpa — retrucou ele. — Mas, neste caso, não vou poupá-lo. Este inseto é desconhecido pela ciência exatamente pelo motivo que eu disse: ele não existe.

— Mas está bem aqui, desmentindo você!

— Olhe novamente, por favor, meu caro amigo. Garanto que a cabeça dessa

criatura tão interessante nada mais é do que a cabeça de uma mariposa beija-flor, também conhecida como mariposa-esfinge, muito provavelmente a do tipo comum, com listras, a *Deilephila lineata*. As patas elaboradas não passam de patas de centopeias habilmente inseridas aí; e eu diria que de umas seis delas. Esse tipo parece ser uma centopeia comumente encontrada no norte da América do Norte, a *Scutigera forceps*. Aparentemente, as antenas se originam de duas fontes: as que têm pelos sugerem que seja a *Actias luna*, ou mariposa da lua; as longas, finas e verdes certamente são de uma *Pterophylla camellifolia*, conhecida como bicho-folha. A pelagem também foi fabricada e os chifres, ah, Parker! Os chifres são uma obra-prima da arte do embuste! Sem dúvida, é um inseto notável! Você examinou bem de perto o machucado no dedo de Persano?

— Examinei com o cuidado de sempre — respondi, irritado.

— Na sua opinião, o que o provocou?

— Parecia um corte pequeno, como se ele tivesse espetado o dedo num prego ou numa farpa, embora o corte estivesse limpo.

— Então, se o pressionassem, você poderia sugerir que Persano morreu por causa de um veneno administrado pela presa de uma cobra?

— Já que a minha imaginação é, por necessidade científica, mais restrita do que a sua, Pons… — comecei, mas ele me interrompeu.

— Desse jeito.

Pegou um par de pinças e, com elas, ergueu o inseto notável de Idomeno Persano. De imediato, dos quatro chifres da criatura surgiram presas e, de duas delas, ainda saía um fluido marrom espesso.

— Só um deles atingiu o alvo — disse Pons secamente. — Pelo visto, foi o suficiente. — Fitou-me com os olhos brilhantes e acrescentou: — Creio que

você tomou a louvável precaução de não incluir veneno de cobra na lista dos que garantia não terem provocado a morte de Persano.

Por um instante, fiquei atônito demais para responder.

— Mas tudo isso é mera especulação — protestei, afinal. — Você mesmo eliminou praticamente todas as outras possibilidades — retrucou Pons. — Não me deixou escolha.

— Mas e o cachorro?! — exclamei.

— Que cachorro? — perguntou Pons, contendo o espanto.

— Se bem me lembro, a sra. White disse que Persano se referiu a um cachorro. O tal corte pode muito bem ter sido causado pelo dente de um cão.

— Ah, Parker, você está tomando o rumo errado — disse Pons com uma tolerância que eu achava bem irritante. — Esse tal cachorro não existe. A própria sra. White confirmou isso.

— Está sugerindo, então, que a sra. White entendeu errado as últimas palavras que o patrão pronunciou antes de morrer?

— De jeito nenhum. Eu diria que ela entendeu direitinho.

— Ah, bem. Persano falou de um cachorro, mas não havia cachorro algum — falei com uma rispidez que não passou despercebida ao meu amigo.

— Ora, vamos, Parker! — replicou Pons, sorrindo. — Não dá para esperar que você seja um mestre na minha profissão, assim como ninguém poderia esperar que eu fosse um mestre na sua. Vamos nos limitar a ver com que habilidade tudo isso foi feito.

Enquanto falava, começou a cortar com o maior cuidado a pelagem e o que havia por baixo. Toda essa cautela era para impedir que o mecanismo voltasse a

ser acionado, um mecanismo que se revelava incrivelmente intricado e muito bem elaborado, pois acionava a armadilha e impulsionava o veneno através de uns saquinhos de borracha ligados às presas por tubos.

— Essas presas não são bem menores do que as comuns? — perguntei.

— Arriscando um palpite, eu diria que elas pertenciam a uma cobra-coral ou a

uma cobra arlequim, *Micrurus fulvius*, bem comuns no sul dos Estados Unidos e no vale do Mississipi. Seu veneno é uma neurotoxina; pode ter sido utilizado, mas com certeza não estava puro. O mais provável é que tenha sido adulterado

pela adição de algum veneno alcaloide para prolongar a morte de Persano e complicar qualquer medicação que ele pudesse tomar. A cobra pertence à espécie

das proteróglifas, ou seja, suas presas ficam na parte anterior do maxilar superior. São o tipo mais comum naquelas latitudes. O "inseto" foi projetado para acionar as presas quando o tocassem e foi muito bem embalado para que não liberasse o veneno com os movimentos do manuseio do pacote durante a viagem. — Pons me lançou um olhar malicioso. — Essa dedução tem a sua

aprovação, Parker?

— É totalmente hipotética.

— Vamos afastar a hipótese de ser improvável, assim como o próprio inseto.

Considera que essa dedução está dentro dos limites da possibilidade?

— Eu não diria que não.

— Perfeito! Estamos fazendo algum progresso.

— Mas continuo achando que é uma maneira bem duvidosa de cometer um

assassinato…

— Sem dúvida alguma. Se não tivesse funcionado, o autor tentaria novamente. Pretendia matar Persano. E conseguiu. Não temos qualquer registro de que já tivesse tentado outra vez. Persano era um homem muito reservado, mas sabia que alguma coisa ia acontecer. Tinha recebido um aviso.

— O cartão-postal?

Pons fez que sim com a cabeça.

— Vamos comparar a letra do postal com a do papel que embrulhava o pacote.

Bastou uma olhadela para nos revelar que a letra do papel que embrulhava o pacote com o inseto letal era completamente diferente da do cartão. No entanto, se Pons ficou desapontado, não o demonstrou; seus olhos se moviam de prazer e seus lábios finos esboçaram um sorriso.

— Vamos simplesmente mostrar para o inspetor Taylor. Nesse meio-tempo, ainda não são nove horas. Preciso encontrar algumas fontes de informação sem tardar. Se eu ainda não tiver voltado quando Taylor aparecer, faça o favor de segurá-lo aqui até eu chegar.

Com um sorriso irritantemente enigmático, Pons foi embora.

Já era quase meia-noite quando meu amigo voltou para o nosso apartamento. Uma neblina cerrada toldava as janelas do nº 7B e os sons de sempre da rua — tais como as badaladas do relógio que ficava a poucas quadras de distância, o ruído do trânsito, o trotar ocasional de um cabriolé — não eram mais audíveis.

O inspetor Taylor já estava esperando havia uma hora. Eu já tinha lhe mostrado o engenhoso instrumento mortal idealizado pelo assassino de Persano e

ele observou atentamente o cartão-postal, mas acabou se confessando tão desnorteado quanto eu sobre o sentido daquilo. Mesmo assim, o inspetor tinha uma fé inabalável nas impressionantes deduções e síntese lógica do meu amigo, e não reclamou do seu atraso.

Pons entrou na sala tão discretamente que parecia querer nos assustar.

— Ah, Taylor, espero que não tenha esperado muito tempo — disse ele.

— Só uma hora — respondeu o inspetor.

— Por favor, queira me desculpar. Achei que, depois de identificar o assassino de Idomeno Persano, valia a pena procurá-lo para o senhor.

— Está brincando, sr. Pons!

— De jeito nenhum! O senhor vai encontrá-lo no “Sailor’s Rest”, em Wapping. É um sujeito baixinho, moreno, de origem italiana ou hispânica. Tem cabelo castanho e cacheado, começando a ficar grisalho nas têmporas. Também tem uma cicatriz bem feia na parte superior da testa que repuxa um pouco seu olho direito. E uma cicatriz menor no pescoço. Chama-se Angelo Perro. Seu motivo foi vingança. Persano o processou nos Estados Unidos doze anos atrás. Não perca tempo, pois assim que ele souber que Persano morreu vai embora de Londres na primeira ocasião. Passe aqui amanhã e eu lhe fornecerei todos os fatos.

O inspetor Taylor saiu quase sem conseguir balbuciar um agradecimento. Nem sequer lhe passou pela cabeça discutir o que Pons dissera.

— Com toda certeza, isso é bem extraordinário, mesmo se tratando de você, Pons — falei, antes que o eco dos passos de Taylor desaparecesse na escada.

— Está superestimando os meus poderes, Parker — retrucou Pons. — Na verdade, garanto que a questão era bem elementar.

— Creio que isso está além das minhas possibilidades… Pense bem… Você não sabia nada sobre esse tal de Persano. Não fez nenhuma investigação…

— Pelo contrário! Eu sabia muita coisa sobre ele — atalhou Pons. — Ele veio dos Estados Unidos e tinha renda própria. Era um amador em termos de entomologia. Morava sozinho. Não tinha telefone. Obviamente estava bem satisfeito com essa vida isolada. Por quê? A não ser que tivesse medo de alguém? Se tinha medo de alguém, deduzo que fosse lógico presumir que a fonte desse medo estivesse nos Estados Unidos.

— Mas de que forma o que ele temia se manifestou no cartão-postal a ponto de deixá-lo inquieto? — perguntei.

— Embora isso possa não lhe dizer nada, Parker — replicou ele, jogando o cartão para mim —, sem dúvida significava alguma coisa para Persano.

— Com certeza não pode ter sido pelo endereço. Só pode ter sido pela imagem, então.

— Excelente! Excelente! — exclamou Pons esfregando as mãos. — Você está fazendo progressos, Parker. Prossiga, por favor.

— Bom, então — continuei, animado com o entusiasmo do meu amigo —, esse desenho não pode dizer muito mais do que um homem grande e gordo fugindo de um cachorrinho que conseguiu romper a coleira.

— Meus parabéns, caro amigo!

Eu o encarei, creio, com a mais absoluta perplexidade.

— Mas, Pons, que outro significado pode ter?

— Nada além disso. Juntando essa informação com a sugestão de férias que aparece aí impressa, o cartão pode ser perfeitamente interpretado assim: “Suas férias terminaram. O cachorro está solto.” Um homem gordo correndo para fugir

de um cachorro. Persano era um sujeito robusto.

— Era mesmo!

— Muito bem, então. O cartão-postal é a primeira aparição de um “cachorro”

no pequeno drama que está chegando ao desfecho pelas mãos hábeis do inspetor

Taylor lá em Wapping. Como você bem lembrou horas atrás, a sra. White nos disse que seu falecido patrão murmurou várias vezes a palavra “cachorro” antes

de cair prostrado em silêncio. Portanto, esta foi a segunda aparição. E, finalmente, a tampa dessa caixa de fósforos anuncia: “O cachorrinho pega o gatão.” Meu caro amigo, as coisas poderiam ser mais evidentes?

— Nem sei o que dizer. Ainda tenho bem fresca na memória a sua enfática declaração de que não havia cachorro nenhum nessa história — repliquei

friamente.

— Creio que as palavras que usei foram “esse tal cachorro”. Você estava evidentemente se referindo a um animal quadrúpede, membro do gênero Canis da ordem dos carnívoros. Pois esse cachorro não existe na história.

— Você está se expressando cada vez mais por enigmas.

— Talvez um desses recortes possa ajudar.

Ao dizer isso, tirou do bolso três recortes do jornal *The Chicago Tribune* de sete semanas antes. Pegou um deles e o estendeu para mim.

— Isso deve elucidar a questão para você, Parker.

Era uma notícia breve que eu li com toda a atenção.

“Chicago, 29 de junho. Entre os prisioneiros de Ft. Leavenworth que tiveram a liberdade condicional decretada ontem estão quatro moradores de Chicago. São eles: Mao Hsuieh-Chang, Angelo Perro, Robert Salliker e Franz Witkenstein. Todos foram condenados em 1914 por transporte e distribuição de narcóticos. Cumpriram onze anos de prisão. As provas contra eles foram fornecidas pelo quinto membro do bando, conhecido como “Grande Id” Persano, que teve a pena suspensa por ter colaborado com a condenação dos comparsas. Não se teve mais notícias dele desde o julgamento. Os quatro ex-presidiários pretendem voltar para Chicago.”

A matéria incluía fotos de dois desses prisioneiros e um deles era Perro. Pons deve ter passado nos hotéis e nas pousadas de Wapping com a foto nas mãos e acabou descobrindo que ele estava no “Sailor’s Rest”.

— Pelo visto, “Grande Id” era o patrão da nossa cliente — falei, devolvendo-lhe o recorte de jornal.

— Exatamente.

— Mas, por favor, diga-me como concluiu que Perro era o assassino.

— Ó céus, Parker… Está claro como água!

Balancei a cabeça.

— Eu teria pensado no chinês. A concepção do mecanismo do inseto é oriental.

— Admirável dedução. É bem provável que estivessem todos juntos nisso e

que o inseto seja obra do chinês. Mas o assassino era Perro. Acho que sua educação na área de humanas foi lamentavelmente deixada em segundo plano.

“O cartão-postal, que trazia um carimbo de apenas dois dias depois da

publicação dessa notícia, era o aviso de algum amigo de Persano, dizendo-lhe que o ‘cachorrinho’ estava solto. O ‘cachorrinho’ certamente tinha informações

sobre o paradeiro de Persano e sabia como encontrá-lo, mesmo que este não fizesse ideia de que a sua vida em Londres era bem conhecida nos Estados Unidos. Persano logo entendeu a mensagem.

“Se Perro não quisesse que Persano soubesse quem pretendia matá-lo, talvez

eu tivesse tido mais dificuldade para solucionar o caso. ‘O cachorrinho paga o gatão.’ Perro é baixinho. Persano era grande. Perro significa ‘cachorro’ em espanhol. Não preciso nem dizer que Persano significa ‘persa’ em espanhol, que

é uma raça de gatos.

“Um quebra-cabeça bem engenhoso, Parker, mas, em última análise,

elementar.”

Um estudo de caligrafia

RING W. LARDNER

Entre as figuras proeminentes da literatura, existem diversos jornalistas

esportivos. Enquanto alguns nomes célebres dessa “literatura sob pressão”, como

Ernest Hemingway e Jack London, ganharam fama depois de se voltarem para outras formas de prosa, alguns, entre os quais Ringgold Wilmer Lardner (1885-1933), jamais se afastaram muito dessa área.

Lardner conseguiu seu primeiro emprego como colunista esportivo ainda na

adolescência e, por vários anos, passou de um jornal a outro até se firmar no

Chicago Tribune, em 1913, jornal que ia publicar a sua coluna “In the Wake of the News”. Embora seus textos se propusessem a ser jornalísticos, muitas vezes resvalavam para a sátira e, com frequência, eram totalmente ficcionais. Lardner acabou se tornando um dos maiores humoristas do país, e vários dos seus contos, especialmente sobre beisebol, tornaram-se verdadeiros clássicos. Seu primeiro livro de sucesso, *You Know Me Al* (1916), foi escrito na forma de cartas enviadas a um amigo por “Jack Keefe”, jogador de beisebol de um time menos importante, usando uma linguagem peculiar e hilária.

O jornalista se decepcionou com seu amado esporte quando ficou sabendo do infame escândalo do “Black Sox”: ele era muito próximo de alguns jogadores do time Chicago White Sox e sentiu-se traído quando eles participaram de um esquema para perder o jogo contra o Cincinnati Reds, no campeonato de 1919.

“Um estudo de caligrafia” foi publicado originalmente em 16 de março de 1915, na coluna “In the Wake of the News” do *Chicago Tribune* e cedido a mais de cem outros jornais.

UM ESTUDO DE CALIGRAFIA

Ring W. Lardner

— Não me agrada nada essa popularidade cada vez maior da datilografia — disse Sherlock Holmes, acomodado na poltrona mais confortável do mobiliário fornecido pela nossa senhoria, e enchendo o cachimbo, pela sexta vez em uma hora, com um tabaco particularmente fedorento. — Isso está estragando uma das melhores formas de se estudar a raça humana.

“É praticamente impossível tirar de uma carta datilografada alguma coisa relativa ao seu autor. No máximo, dá para saber se ele é bom ou não no uso da

máquina. Mas a caligrafia de um homem dirá, a um observador cuidadoso, o que ele gosta ou não, de forma tão clara quanto se ele próprio o dissesse. E isso para não falar da sua ocupação, das suas características, dos seus mais íntimos pensamentos, dos seus…

— Está querendo dizer — interrompi — que pode descrever exatamente a vocação de um homem, suas peculiaridades e opiniões analisando sua caligrafia?

— Isso mesmo — respondeu o meu companheiro com um sorriso —, e, se quiser dar uma olhada no assunto, tenho certeza de que vai achar esse estudo tão interessante quanto a sua medicina e as suas cirurgias.

— Pois garanto que vou achar tudo isso uma bobagem — repliquei secamente.

— Experimente — disse Holmes, e, enfiando os dedos compridos no bolso interno do robe de chambre, tirou dali uma carta. — Dê só uma olhada — acrescentou, estendendo-a na minha direção — e conte-me o que descobriu sobre quem a escreveu.

Abri a carta sobre os joelhos e fiquei olhando por uns bons cinco minutos. Estava escrita no papel de um hotel, com uma letra graciosa e bastante legível. O conteúdo era o seguinte:

Editor: Chicago Tribune

Entre todas as baboseiras e coisas de má qualidade que já vi ou ouvi, o que é publicado sob o título “No rastro das notícias” deixa todas elas no chinelo.

Na minha opinião, se esse tal de R.W.L. fosse arrastado por essas notícias e desaparecesse no seu rastro, eu daria graças a Deus.

Decidi passar a ler um jornal diferente e, conversando com outros colegas caixeiros-viajantes, tive a impressão de que a opinião geral coincide com a minha, ou seja: L. já morreu e não sabe.

Atenciosamente,

XXXX

— Bom — disse Holmes, afinal —, o que descobriu sobre ele?

— Nada — respondi. — A não ser que tem uma letra clara e legível.

— Ah, Watson, Watson! — exclamou o meu companheiro, erguendo as mãos, horrorizado. — Onde está o seu cérebro?

— Na minha cabeça, espero — falei de forma um tanto áspera. — Mas não fico fazendo um alarde ridículo dos meus poderes de clarividência. Aliás, se não me engano, foi você quem puxou esse assunto. E, sem sombra de dúvida, é seu dever se retratar e admitir que estava dizendo bobagens, já que acho que este é o caso.

Holmes deu um sorriso discreto e, estendendo a mão, pegou de volta a carta que havia me entregado. Ficou em silêncio por alguns instantes, refletindo, e só então falou:

— Watson, se há alguma coisa que não é bobagem é isso aqui. Esse poder ou aptidão, ou seja lá que nome queira dar, tem sido de grande serventia para mim em alguns dos meus casos mais importantes. Vejo, porém, que você continua cético e, portanto, cabe a mim tentar convertê-lo. Já fiz um estudo desta carta em

particular e vou expor as conclusões a que cheguei da forma mais sucinta possível.

“Para começo de conversa, sei que o autor da carta esteve recentemente em Sheboygan, no estado do Wisconsin. Está com algum tempo livre, talvez

enquanto esteve hospedado no Grand Hotel (de propriedade de R.J. Warner, um

estabelecimento que tem uma excelente localização, é acolhedor como uma casa,

e protegido por um sistema elétrico de alarme de incêndio), ou talvez pouco depois de sair de lá. Não é um amigo pessoal do editor do *The Tribune*. Usa expressões coloquiais. Não tem paciência com determinada parte do jornal

intitulada ‘No rastro das notícias’. É impiedoso. É religioso. Só toma decisões depois de refletir com toda cautela e de trocar ideia com outras pessoas. É

democrático. Demonstra interesse pela opinião dos colegas de trabalho e não se

cansa de conversar com eles. É um vendedor ambulante. Falta-lhe consideração.

Acho que é tudo. Entendeu?”

— Você é fabuloso, Holmes! — exclamei. — Mas certamente vai me dizer

como chegou a determinadas conclusões. Por exemplo, como foi que deduziu

que o autor da carta não tem consideração?

— Pela caligrafia, é claro — respondeu o meu companheiro. — Veja só a

formação das letras nesta frase: “Decidi passar a ler um jornal diferente.” Se você tivesse consideração pelos sentimentos dos outros, seria tão ríspido com o

destinatário da sua carta? Não seria melhor deixar que o editor descobrisse aos

poucos que ele já não era assinante do jornal?

— Mais claro impossível — admiti. — E quanto tempo você levou para

dominar esse truque?

— Truque!? — exclamou Holmes, coçando a ponte do nariz aquilino com um palito de dentes de cabeça de ouro, num gesto bem nojento.

O caso de morte e mel

NEIL GAIMAN

Apontado como um dos dez escritores pós-modernos mais importantes do mundo, Neil Richard MacKinnon Gaiman (1960-) é também um dos mais queridos e populares. Sua produção literária inclui jornalismo, poesia, contos, romances, livros infantis e infantojuvenis e os quadrinhos e *graphic novels* responsáveis por sua fama inicial e talvez a maior delas.

Enquanto escrevia para a DC Comics, pediram-lhe para reviver uma personagem moribunda, o Sandman, e foi o que ele fez, transformando-o numa das séries de maior sucesso de todos os tempos. *Sandman* narra a história de Sonho, conhecido por vários nomes, inclusive Morfeu. A série teve início em janeiro de 1989 e terminou em março de 1996. O primeiro romance de Gaiman, *Belas maldições* (1990) foi escrito com Terry Pratchett; o primeiro trabalho que assinou sozinho foi uma série para a BBC intitulada *Lugar Nenhum* (1996).

Entre suas várias outras obras, estão o romance fantástico/de terror *Coraline* (2002), destinado ao público infantojuvenil e que teve sua versão cinematográfica lançada em 2009 com o título *Coraline e o mundo secreto*; *Os filhos de Anansi* (2005), que ocupou o primeiro lugar da lista dos mais vendidos do *New York Times*; *Deuses americanos* (2001) e *O oceano no fim do caminho* (2013).

Seria um trabalho insano listar aqui todos os prêmios que o autor ganhou em diversos gêneros, inclusive terror, literatura fantástica, quadrinhos e livros infantis.

“O caso de morte e mel” foi publicado pela primeira vez na coletânea *A Study*

in Sherlock, organizada por Laurie R. King e Leslie S. Klinger (Nova York: Bantam Books, 2011).

O CASO DE MORTE E MEL

Neil Gaiman

Por anos a fio, foi um mistério naquela região o que tinha acontecido com o velho fantasmagórico, aquele bárbaro que carregava uma enorme bolsa nas costas. Alguns supunham que ele havia sido assassinado e, mais tarde, escavaram o piso da cabaninha do Velho Gao, lá na encosta da colina, em busca de tesouros, mas não encontraram nada além de cinzas e algumas bandejinhas metálicas enegrecidas pelo fogo.

Isso foi depois que o Velho Gao desapareceu, entende. Antes que seu filho voltasse de Lijiang para levar as colmeias até o morro.

O problema é este, escreveu Holmes em 1899: tédio. E falta de interesse. Ou melhor, tudo está ficando fácil demais. Quando a alegria de solucionar crimes é o desafio, quando há a possibilidade de não poder fazê-lo, é nessas circunstâncias que os crimes apresentam algo que prendem nossa atenção.

Quando, porém, todos os crimes são passíveis de serem solucionados e de forma tão simples, ora, não há motivo para tentar resolvê-los.

Veja: esse homem foi assassinado. Bom, então quer dizer que alguém o matou. Ele foi morto por um motivo ou por algumas razões: era um empecilho para alguém, tinha algo que outra pessoa desejava ou havia enfurecido qualquer um. Onde está o desafio?

Posso ler em detalhes o relato de um crime que deixou a polícia desnorteada e descobrir que já o solucionei, em boa parte, senão inteiramente, antes mesmo

de ter terminado o artigo. Crimes são solucionados com uma facilidade excessiva. Eles se dissolvem. Por que chamar a polícia e solucionar seus mistérios? Continuo, então, deixando que sejam um desafio para eles, já que não o são para mim.

Só vivo quando encontro um desafio.

As abelhas nas colinas envoltas por uma névoa — colinas tão altas que há quem as chame de montanhas — zumbiam ao sol claro de verão enquanto voavam de flor em flor naquelas elevações. O Velho Gao ouvia aquele som com prazer. Seu primo, lá na aldeia do outro lado do vale, tinha dezenas e dezenas de colmeias, todas já cheinhas de mel, mesmo naquela época do ano, quando ainda era cedo.

Além disso, o mel das suas abelhas era tão claro quanto jade branco. O Velho Gao não acreditava que aquele mel branco fosse mais saboroso que o amarelo ou o marrom-claro que as suas abelhas produziam, embora em pequenas quantidades, mas seu primo vendia o tal mel branco pelo dobro do preço que o Velho Gao conseguia pelo seu melhor produto.

Do lado da colina onde morava o seu primo, as abelhas eram diligentes, laboriosas, operárias de um tom marrom-dourado que traziam para as colmeias grandes quantidades de pólen e néctar. Já as do Velho Gao eram irritadiças e pretas, reluzentes como cartuchos de balas, que produziam o mel suficiente para as suas necessidades durante o inverno e só um pouquinho a mais, o bastante para o Velho Gao sair vendendo de porta em porta pela sua aldeia, e, em determinados períodos, conseguir um pequeno favo. Cobrava um pouco mais pelo favo de cria, cheio de larvas de abelhas, doces pedaços de proteína, mas isso quando tinha favo para vender, o que era raro, pois as abelhas ficavam bravas e irritadas, e só faziam o mínimo possível, mesmo quando se tratava de

produzir mais abelhas. O Velho Gao, portanto, tinha plena consciência de que cada pedaço de favo que vendia correspondia a menos abelhas para fabricar o mel que ele poderia vender mais no final do ano.

O Velho Gao era tão irritadiço e ríspido quanto suas abelhas. Já foi casado, mas sua esposa morreu no parto. O filho que a matou viveu por uma semana e depois também morreu. Não haveria ninguém para recitar os ritos funerários para o Velho Gao, ninguém para limpar sua sepultura na época dos festivais ou para colocar oferendas sobre ela. Ninguém se lembraria dele quando morresse; ele seria tão imperceptível e esquecível quanto suas abelhas.

O velho forasteiro branco chegou às montanhas no fim da primavera daquele ano, assim que as estradas voltaram a ficar transitáveis, trazendo a tiracolo uma enorme bolsa marrom. O Velho Gao já ouvira falar a seu respeito quando o viu pela primeira vez.

— Tem um bárbaro procurando por abelhas — disse-lhe o primo.

O Velho Gao não falou nada. Tinha ido à casa do primo comprar um balde de favos de segunda categoria, danificados ou com paredes faltando, que logo mais teriam de ser descartados. Pagou bem barato para alimentar as próprias abelhas, e se vendesse algumas partes na cidade, ninguém ia dar nada por aquilo. Os dois estavam tomando chá na cabana do primo na encosta da colina. Quando a primavera chegava próximo do fim, época em que o primeiro mel começava a surgir, antes de qualquer geada, o primo de Gao saía da sua casa na aldeia e se mudava para a colina, para viver e dormir em meio às suas colmeias com medo de que aparecesse algum ladrão. Sua esposa e seus filhos levavam os favos e as garrafas de mel branco para vender lá embaixo.

O Velho Gao não tinha medo de ladrões. As abelhas pretas e reluzentes das suas colmeias não teriam piedade de quem as perturbasse. Ele dormia, então, na

aldeia, a menos que já estivesse na época de coletar o mel.

— Vou mandar que ele o procure — disse o primo de Gao. — Responda às suas perguntas, mostre-lhe as suas abelhas e ele vai lhe pagar por isso.

— Ele fala a nossa língua?

— O dialeto dele é terrível. Disse que aprendeu com uns marinheiros e quase

todos eram cantoneses. Mas ele aprende depressa, apesar de ser idoso.

O Velho Gao resmungou, nem um pouco interessado em marinheiros. A

manhã já chegava ao fim e ele ainda tinha que caminhar por quatro horas, sob o

calor daquele dia, para cruzar o vale até a sua aldeia. Terminou o chá. Seu primo

bebia um chá muito melhor do que ele jamais conseguira comprar.

Chegou às suas colmeias antes de escurecer e pôs a maior parte dos favos quebrados nas mais fracas. Tinha onze colmeias. Seu primo tinha mais de cem.

Ao fazer isso, foi picado duas vezes: uma no dorso da mão e outra na nuca. Já

havia sido picado mais de mil vezes. Não saberia dizer quantas. Mal notava as picadas de outras abelhas, mas as das suas pretinhas sempre doíam, mesmo depois que o inchaço e a ardência já tinham passado.

No dia seguinte, um menino foi até a casa do Velho Gao na aldeia para lhe dizer que tinha alguém — um forasteiro gigantesco — procurando por ele. O

Velho Gao limitou-se a resmungar. Com os passos firmes, foi seguindo o menino

pela aldeia até que ele saiu correndo na frente e em pouco tempo tinha desaparecido.

O Velho Gao encontrou o estrangeiro sentado na varanda da casa da viúva Zhang, tomando chá. Tinha conhecido a mãe da viúva Zhang cinquenta anos

atrás, pois ela tinha sido amiga da sua esposa. Mas já fazia anos que estava morta. Achava que nenhum dos conhecidos dela ainda estivesse vivo. A viúva Zhang lhe serviu uma xícara de chá, apresentou-o ao forasteiro idoso que, depois

de tirar a bolsa do ombro, a tinha deixado junto à mesinha.

Ambos bebericaram o chá. Então, o estranho disse:

— Quero conhecer as suas abelhas.

A morte de Mycroft foi o fim do Império e ninguém sabia disso, a não ser nós dois. Ele estava deitado naquele quarto sem graça, coberto apenas por um fino

lençol branco, como se já estivesse se tornando um fantasma da imaginação popular e só precisasse de uns furos nos olhos para completar.

Achei que a doença fosse abatê-lo, mas ele parecia maior do que nunca, com

os dedos inchados feito salsichões brancos.

— Boa noite, Mycroft — falei. — Segundo o dr. Hopkins, você tem duas semanas de vida e declarou que eu não devia lhe dar esta informação sob qualquer circunstância que fosse.

— Esse sujeito é um imbecil — retrucou Mycroft, e dava para ouvir o chiado

da sua respiração entre cada palavra. — Não vou chegar até sexta-feira.

— Pelo menos até sábado — falei.

— Você sempre foi otimista. Não, só até quinta à noite e, depois, não passarei

de um exercício de geometria prática para Hopkins e os organizadores do funeral em Snigsby e Malterson, que, por causa dessas portas e desses corredores estreitos, vão ter dificuldade em tirar minha carcaça deste quarto e deste prédio.

— Andei pensando nisso — admiti. — Principalmente por causa da escada.

Mas vão tirar as molduras da janela e baixá-lo até a rua como se fosse um grande piano.

Mycroft deu um risinho debochado ao ouvir isso.

— Estou com 54 anos, Sherlock. O governo britânico não sai da minha cabeça. Não essas bobagens de comícios e eleições, mas o negócio em si.

Ninguém mais sabe o que as tropas que se movem pelas montanhas do

Afeganistão têm a ver com as costas desoladas de Gales do Norte; ninguém mais tem noção do quadro completo. Imagine só a confusão que essa turma e seus filhos vão fazer com a independência da Índia…

Essa ideia nunca tinha passado pela minha cabeça.

— A Índia vai se tornar independente?

— É inevitável. No máximo, daqui a uns trinta anos. Recentemente, escrevi diversos memorandos sobre o assunto, e também sobre uma série de outros tópicos. Há memorandos sobre a Revolução Russa, que, aposto, deve ocorrer dentro de uma década; sobre a questão alemã e… ah, são tantas coisas… Não

que eu espere que eles sejam lidos e compreendidos… — Mais um chiado. Os pulmões do meu irmão chacoalhavam feito as janelas de uma casa vazia. —

Sabe, se eu fosse continuar vivendo, o Império Britânico poderia durar mais uns mil anos, trazendo paz e desenvolvimento para o mundo.

No passado, principalmente quando eu era criança, sempre que ouvia Mycroft fazer um desses pronunciamentos grandiosos, dizia algo para provocá-lo. Mas,

agora não, não com ele no leito de morte. Além do mais, eu tinha certeza de que ele não estava se referindo ao Império em si, uma construção falível e cheia de defeitos, mas de um Império Britânico que só existia na sua mente, uma força gloriosa para a civilização e a prosperidade universal.

Eu não acredito, nem nunca acreditei, em impérios. Mas eu acreditava em Mycroft.

Mycroft Holmes. De 54 anos. Ele tinha presenciado a virada do século, mas a

rainha ainda viveria alguns meses mais do que ele. Era quase trinta anos mais

velha do que meu irmão, e, sob todos os aspectos, era um velho touro bem forte.

Será que esse triste fim poderia ter sido evitado?

— Claro que você tem razão, Sherlock — disse Mycroft. — Se eu tivesse me esforçado para fazer exercícios. Se eu tivesse vivido à base de alpiste e folhas, em vez de comer aquelas bistecas imensas. Se eu tivesse saído para dançar com uma esposa e um cachorrinho e todas essas coisas tão diferentes da minha natureza. Talvez eu tivesse me presenteado com uns dez anos de vida, ou até um pouco mais. Mas o que isso representa no esquema geral das coisas? Quase nada. E, mais cedo ou mais tarde, minha hora teria chegado. Não. Sou da opinião que seriam necessários duzentos anos para treinar um funcionário para os serviços públicos. Imagine, então, para o serviço secreto…

Fiquei calado.

Aquele quarto esmaecido não tinha qualquer decoração nas paredes.

Nenhuma das condecorações de Mycroft. Nenhuma ilustração, fotografia ou quadro. Comparei seus aposentos austeros com o meu apartamento entulhado da Baker Street e comecei a pensar, não pela primeira vez, na mente de Mycroft.

Ele não precisava de nada no exterior, pois estava tudo ali dentro: tudo que ele tinha visto, tudo que tinha vivenciado, tudo que tinha lido. Se fechasse os olhos, poderia percorrer a National Gallery, esmiuçar a sala de leitura do British Museum, ou, o que era ainda mais provável, comparar relatórios de inteligência dos confins do Império com o preço da lã em Wigan e as estatísticas de desemprego em Hove, depois, a partir disso e apenas disso, determinar que um homem devia ser promovido ou que um traidor devia ser condenado a morte.

Mycroft soltou um chiado bem forte e, então, disse:

— É um crime, Sherlock.

— O que foi que você falou?

— Um crime. É um crime, meu irmão. Tão hediondo e monstruoso quanto os massacres de romances baratos que você investiga. Um crime contra o mundo, contra a natureza, contra a ordem.

— Devo admitir, meu caro, que não estou entendendo direito. O que é um crime?

— A minha morte — respondeu ele —, em termos específicos. E a morte em geral. — Ele me encarou nos olhos. — Estou falando sério — acrescentou. — Ora, não é um crime que merece ser investigado, meu caro Sherlock? Um crime que deveria prender sua atenção por mais tempo do que você levaria para descobrir que aquele pobre coitado que regia a fanfarra no Hyde Park foi assassinado pelo terceiro trompetista com uma preparação de estricnina.

— Arsênico — corrigi quase que automaticamente.

— Acho que vai acabar descobrindo — prosseguiu Mycroft, chiando — que o arsênico, embora presente na mistura, na verdade veio das lasquinhas de tinta verde da pintura do coreto e caiu na comida dele. Os sintomas do arsênico são ótimos para nos levar para o caminho errado. Não. Foi estricnina que matou o pobre coitado.

Mycroft não disse mais nada, nem naquele dia, nem em outro. Seu último suspiro foi na quinta-feira, já no final da tarde, e, na sexta, as personalidades eminentes de Snigsby e Malterson retiraram o caixão pela janela daquele quarto esmaecido e levaram com os restos mortais do meu irmão até a rua, como se fosse um grande piano.

No seu funeral, estávamos eu, meu amigo Watson, nossa prima Harriet e, obedecendo ao desejo expresso de Mycroft, mais ninguém. Os Serviços Públicos, o Ministério das Relações Exteriores e até mesmo o Clube Diógenes: todas essas instituições e seus representantes estavam ausentes. Mycroft tinha sido

recluso em vida e seria igualmente recluso na morte. Portanto, lá estávamos nós três e o pároco que não o tinha conhecido e não fazia ideia de que o homem que

ele estava conduzindo à sepultura era o braço mais onisciente do próprio governo britânico.

Quatro coveiros seguraram com firmeza as cordas e baixaram os restos

mortais do meu irmão ao lugar do seu descanso final, e juro que fizeram o maior esforço para não reclamar do peso daquele caixão. Dei a cada um deles

meia coroa de gorjeta.

Mycroft morreu aos 54 anos, e, enquanto o baixavam à sepultura, eu ainda ouvia, na minha imaginação, aquele chiado e aquela respiração entrecortada como se ele estivesse dizendo: "Ora, existe *um crime que merece ser investigado."*

O sotaque do estrangeiro não era tão ruim assim, embora seu vocabulário

parecesse bastante limitado, mas, aparentemente, ele estava falando o dialeto local ou algo bem semelhante. Era um homem que aprendia depressa. O Velho

Gao pigarreou e cuspiu no chão de terra. Não disse nada. Não queria levar o forasteiro para o alto da colina; não queria perturbar suas abelhas. A julgar por

sua experiência, quanto menos as incomodasse, melhor elas faziam seu trabalho.

E se elas picassem o tal sujeito, o que ele ia fazer?

O cabelo do estrangeiro era de um branco prateado e já bastante ralo; seu nariz, o primeiro nariz de um bárbaro que o Velho Gao já tinha visto, era enorme

e recurvado, lembrando-lhe o bico de uma águia; a pele dele era tão queimada de

sol quanto a do próprio Gao e tinhas rugas profundas. O Velho Gao não sabia ao

certo se conseguiria interpretar sua expressão como fazia com qualquer pessoa,

mas teve a impressão de que o homem era mais sério e, talvez, infeliz.

— Por quê?

— Eu estudo abelhas. Seu irmão me disse que você tem abelhas pretas e grandes. Uma espécie não muito comum.

O Velho Gao deu de ombros. Não corrigiu o outro com relação ao seu parentesco com o primo.

O forasteiro lhe perguntou se já tinha comido, e quando Gao respondeu que não, ele pediu que a viúva Zhang lhes trouxesse sopa, arroz e o que mais ela tivesse de bom na cozinha. O resultado foi um ensopado de fungos negros com legumes e um minúsculo peixe de rio transparente, pouco maior que um girino.

Os dois comeram em silêncio. Quando terminaram, o estrangeiro disse:

— Eu ficaria honrado se me mostrasse suas abelhas.

O Velho Gao não disse nada, mas o outro pagou à viúva Zhang e pôs a bolsa nas costas. Então, ficou esperando. Quando o Velho Gao começou a andar, o estrangeiro foi atrás. Carregava a bolsa como se não pesasse nada. Era forte para um idoso, pensou o Velho Gao, e ficou se perguntando se todos esses bárbaros seriam tão fortes assim.

— De onde você é?

— Da Inglaterra — respondeu o forasteiro.

O Velho Gao se lembrou do pai lhe contando histórias sobre uma guerra com os ingleses, por questões de comércio e de ópio, mas aquilo tinha sido muito tempo atrás.

Começaram a subir a encosta da colina que talvez fosse a encosta de uma montanha. Era íngreme e muito rochosa para entalharem campos de plantio. O

Velho Gao testou o ritmo do seu companheiro, andando mais depressa que de costume, e o outro o acompanhou, carregando a bolsa às costas.

No entanto, ele parou diversas vezes. Parou para observar flores, aquelas flores branquinhas que surgem em todo o vale no início da primavera, mas que,

no final da estação, são encontradas apenas nas encostas. Havia uma abelha numa das flores e o forasteiro se ajoelhou para examiná-la. Depois, enfiou a mão

no bolso, tirou uma lupa bem grande que usou para observar a abelha e fez anotações com uma letra incompreensível no bloquinho de bolso.

O Velho Gao nunca tinha visto uma lupa e se inclinou para observar a abelha

tão preta, forte e diferente das outras que havia naquele vale.

— É uma das suas?

— É — respondeu o Velho Gao. — Ou é igual a elas.

— Então, temos que deixá-la seguir o caminho de casa — disse o estrangeiro,

guardando a lupa sem perturbar a abelha.

The Croft

East Dene, Sussex

11 de agosto de 1922

Meu caro Watson,

Fiquei muito aborrecido com nossa discussão de hoje à tarde e, depois de muito refletir, estou disposto a mudar de opinião.

Admito que publique seu relato dos incidentes de 1903, mais especificamente

do meu último caso antes da aposentadoria, mas com as seguintes condições.

Além das alterações habituais que você faria para proteger pessoas e lugares

que efetivamente existem, sugiro que substitua toda a cena que encontramos (refiro-me ao jardim do professor Presbury, não vou dar mais detalhes aqui) por glândulas de macacos ou extratos para serem testados em símios ou lêmures e

enviados por algum estrangeiro misterioso. Talvez o extrato obtido dos macacos

tenha feito com que o professor Presbury se movesse como um símio — ou quem

sabe como alguma espécie de "criatura rastejante"? — ou possa ter lhe dado a

capacidade de subir pelas paredes de um prédio e em árvores. Sugiro até que ele tenha desenvolvido um rabo, mas isso deve ser excessivamente fantástico até mesmo para você, Watson, muito embora não mais fantasioso do que os floreios

que sempre acrescentou às suas histórias sobre os acontecimentos da minha vida e do meu trabalho que, sem isso, ficariam muito enfadonhos.

Além do mais, escrevi o seguinte discurso que será proferido por mim mesmo

no final da sua narrativa. Por favor, faça o possível para não fugir ao teor deste texto em que critico a longevidade e as necessidades tolas que levam as pessoas tolas a fazer coisas tolas para prolongar suas vidas tolas:

Se fosse possível viver para sempre; se a juventude estivesse

simplesmente aí, à nossa disposição, haveria um perigo real

para a humanidade: tudo o que é material, sensual e

mundano poderia prolongar sua vida inútil. O espiritual não

evitaria o chamado para algo superior. Seria a sobrevivência

do menos forte. Que tipo de cloaca nosso pobre mundo não

se tornaria?

Imagino que algo nesse sentido traria certa paz à minha mente.

Por favor, mostre-me o texto pronto antes de mandá-lo para publicação.

Seu velho amigo e fiel servidor,

Sherlock Holmes

Lá pelo final da tarde, os dois chegaram às colmeias do Velho Gao. Eram umas caixas de madeira acinzentada empilhadas atrás de uma construção tão simples que mal poderia ser chamada de cabana. Quatro estacas, um telhado e uns pedaços de lona pendurados para proteger o local das fortes chuvas da primavera e dos temporais de verão. Um pequeno fogareiro a carvão servia tanto para aquecer (caso se estendesse uma manta sobre ele e se deitasse ali debaixo) quanto para cozinhar. Um estrado de madeira no meio do local, com um daqueles antigos travesseiros de cerâmica, servia de cama nas ocasiões em que o Velho Gao dormia ali na encosta da montanha, junto das suas abelhas, o que acontecia principalmente no outono, quando coletava a maior quantidade de mel. Era quase nada, se comparado à produção das colmeias do seu primo, mas era o bastante para, às vezes, passar dois ou três dias esperando que o favo que havia triturado e transformado numa pasta começasse a gotejar, filtrado por um pano, dentro dos baldes e dos potes que ele tinha levado para a colina. Por fim, misturava o restante, a cera pegajosa, os pedacinhos de pólen e a sujeira numa panela para extrair a cera e devolvia aquela água adocicada às abelhas. Descia, então, com o mel e os blocos de cera para vendê-los na aldeia.

Mostrou ao estrangeiro bárbaro as onze colmeias e, impassível, observou o homem cobrir o rosto com um véu e abrir uma delas, examinando primeiro as abelhas, depois o conteúdo de um alvéolo com larvas e, finalmente, a rainha, sempre usando a lupa. Não demonstrou medo nem qualquer incômodo: em tudo que fazia, os movimentos do forasteiro eram delicados e lentos, de forma que ele não foi picado, nem esmagou ou feriu nenhuma abelha. O Velho Gao ficou

impressionado. Tinha certeza de que os bárbaros eram criaturas misteriosas, inescrutáveis, incapazes de serem compreendidas; aquele homem, porém,

parecia felicíssimo por ter encontrado as abelhas de Gao. Inclusive, seus olhos brilhavam.

O Velho Gao acendeu o fogareiro para ferver um pouco de água. No entanto, muito antes de o carvão aquecer, o estrangeiro tirou da bolsa uma engenhoca de

metal e vidro. Encheu a metade superior com água corrente, acendeu uma chama

e, em pouco tempo, a água estava fumegando e borbulhando. Então, o homem pegou duas canecas de lata que também estavam na bolsa e algumas folhas de chá verde embrulhadas em papel. Jogou as folhas nas canecas e despejou água ali dentro.

Foi o melhor chá que o Velho Gao já tinha tomado: muito mais saboroso do

que o do seu primo. Os dois se sentaram no chão, com as pernas cruzadas, para

tomar a bebida.

— Eu gostaria de passar o verão aqui, nesta casa — disse o estrangeiro.

— Aqui? Mas isso nem é uma casa! — exclamou o Velho Gao. — Fique na

aldeia. A viúva Zhang tem um quarto disponível.

— Quero ficar aqui — replicou o outro. — E também gostaria de alugar uma

das suas colmeias.

Fazia muito tempo que o Velho Gao não ria. Havia gente na aldeia que achava

que isso era impossível. Mesmo assim, ele riu nesse momento, uma risada

espantada e divertida, coisa que ele parecia ter perdido.

— Estou falando sério — disse o estrangeiro.

Pôs quatro moedas de prata no chão, no meio dos dois. O Velho Gao não tinha

percebido de onde ele as havia tirado. Eram três pesos mexicanos de prata, uma moeda que se tornara muito popular na China anos atrás, e um grande yuan também de prata. Era a quantidade de dinheiro que o velho Gao poderia ganhar vendendo mel durante um ano inteiro.

— Por essa quantia — prosseguiu o outro —, gostaria que alguém viesse me trazer comida. De três em três dias deve ser o suficiente.

O Velho Gao não disse nada. Terminou seu chá e se levantou. Afastou a lona que se abria para a clareira bem no topo da encosta. Seguiu para onde ficavam as onze colmeias: cada uma era formada por duas caixas com uma, duas, três ou até, no caso de uma, quatro melgueiras empilhadas. Levou o estrangeiro até a colmeia encimada por quatro melgueiras, cada uma delas repletas de favos.

— Esta aqui é a sua — disse ele.

Eram extratos de plantas. Aquilo era óbvio. Ao seu modo, funcionavam por um tempo limitado, mas também eram extremamente venenosos. Porém, ao observar o professor Presbury naqueles últimos dias — sua pele, seus olhos, seu andar —, me convenci de que ele não havia trilhado um caminho totalmente errado.

Peguei seu estojo com sementes, grãos, raízes e extratos já secos e pensei.

Refleti. Ponderei. Cogitei. Era um problema intelectual e podia ser solucionado por meio do intelecto, como o meu velho professor de matemática sempre tentou demonstrar.

Eram extratos de plantas, e eram letais.

Os métodos que usei para torná-las não letais deixaram-nas praticamente ineficazes.

Não era um problema para três cachimbos. Eu desconfiava de que seriam necessários uns trezentos cachimbos até ter uma ideia inicial, talvez uma noção, de como processar as plantas permita que elas fossem ingeridas por seres humanos.

Não se tratava de uma linha de investigação que pudesse ser facilmente posta

em prática na Baker Street. Foi por isso que, no outono de 1903, me mudei para

Sussex e passei o inverno inteiro lendo todos os livros, folhetos e monografias publicados até então. Fiquei pensando na criação de abelhas e nos cuidados com elas. Então, no início de abril de 1904, contando apenas com

conhecimentos teóricos, recebi de um fazendeiro local meu primeiro lote de abelhas.

Às vezes, acho que Watson não desconfiou de nada. Como sempre, a gloriosa

estupidez de Watson continuava me surpreendendo e, em várias ocasiões, confiei

mesmo nisso. Ainda assim, ele sabia como eu ficava quando não tinha com o que ocupar a mente, quando não tinha caso para solucionar. Ele conhecia o estado de apatia e depressão em que eu mergulhava quando não estava

trabalhando em algum caso.

Como, então, podia acreditar que eu tivesse efetivamente me aposentado? Ele

conhecia os meus métodos…

Na verdade, ele estava presente quando recebi minhas primeiras abelhas.

Ficou olhando, de uma distância segura, enquanto eu despejava as abelhas do

pacote, como se fosse um melaço caindo devagar e zumbindo dentro da colmeia

vazia que esperava por elas.

Viu minha empolgação e não viu nada.

À medida que os anos passaram, fomos vendo o Império ruir, o governo incapaz

de governar, aqueles pobres garotos heroicos serem mandados para morrer nas trincheiras da região de Flandres, todas essas coisas que só confirmaram minha opinião. Eu não estava fazendo a coisa certa. Estava fazendo a única coisa que havia para ser feita.

Enquanto meu rosto ia se tornando desconhecido; as juntas dos meus dedos

começavam a inchar e a doer (menos do que deveriam, porém, o que atribuí às

inúmeras picadas de abelhas que recebi no início do meu trabalho como apicultor); enquanto Watson, meu querido, bravo e obtuso Watson, começava a

desbotar com o tempo, tornando-se pálido, encolhendo-se, ficando com a pele mais acinzentada e o bigode praticamente da mesma cor, minha decisão de concluir as pesquisas não diminuía; pelo contrário, só aumentava.

Dessa forma, minhas hipóteses iniciais foram testadas na região de South Downs, num apiário que eu mesmo planejei, onde todas as colmeias foram moldadas segundo o projeto de Langstroth. Acredito que cometi todos os erros

que um apicultor principiante pode cometer ou já cometeu na vida, e também, em função das minhas investigações, uma colmeia de erros que nenhum

apicultor jamais cometeu ou, tenho fé, voltará a cometer um dia. Acho que Watson teria batizado vários desses episódios como "O caso da colmeia envenenada", embora um título como "O mistério do Instituto de Mulheres Trespassadas" certamente teria chamado mais atenção para as minhas

pesquisas, mesmo que ninguém se interessasse em investigar o caso. (Na verdade, repreendi a sra. Telford por ter simplesmente retirado um pote de mel

da estante sem me consultar e lhe assegurei que, no futuro, ela receberia vários potes das colmeias mais regulares para usar nas receitas. Aquele mel das colmeias experimentais passou a ficar trancado assim que era recolhido. Acho

que isso nunca gerou comentários.)

Fiz experimentos com abelhas holandesas, alemães e italianas, e também com

abelhas vindas das regiões da Carníola e do Cáucaso. Lamentei a perda das

nossas abelhas britânicas por causa de uma praga, e mesmo as que sobreviveram se misturaram a outras raças. Apesar de tudo, consegui trabalhar com uma pequena colmeia que encontrei e comprei, e que se desenvolveu a partir de um alvéolo e de uma célula da rainha originária de uma antiga abadia em Saint Albans: a meu ver, essas tinham uma ascendência britânica original.

Fiz experimentos durante boa parte de duas décadas até concluir que as abelhas que eu vinha procurando, se é que existiam, não eram encontradas na Inglaterra e não sobreviveriam à distância que teriam de percorrer para chegar às minhas mãos por uma remessa internacional. Eu precisava examinar abelhas na Índia.

Talvez precisasse viajar até mais longe.

Eu tinha um conhecimento superficial de línguas.

Tinha as minhas sementes de flores, meus extratos e tinturas em xarope. Não precisava de mais nada.

Então, embalei tudo, tomei providências para que o chalé na região de Downs fosse limpo e arejado uma vez por semana, combinei com Master Wilkins — a quem, para sua óbvia tristeza, eu tinha me acostumado a chamar de "Jovem Villikins" — que ele inspecionasse as colmeias, vendesse o excesso de mel no mercado de Eastbourne e as preparasse para o inverno.

Disse-lhes que não sabia quando ia voltar.

Estou velho. Talvez ninguém espere que eu volte.

E, se for o caso, estarão certíssimos, estritamente falando.

O Velho Gao estava impressionado, para sua surpresa. Tinha passado a vida inteira entre as abelhas. Apesar disso, achava incrível ver como o estrangeiro sacudia as caixas para as abelhas saírem, com um movimento hábil dos pulsos,

um jeito tão justo e preciso que elas ficavam mais espantadas do que furiosas, e simplesmente voavam ou se arrastavam de volta para as suas colmeias. Depois, ele empilhava as caixas repletas de favos em cima de uma das colmeias mais fracas e, assim, o Velho Gao continuava tendo o mel da colmeia que o outro havia alugado.

Foi assim que ele acabou ganhando um hóspede.

O Velho Gao deu algumas moedas à neta da viúva Zhang para que ela levasse comida para o forasteiro três vezes por semana: em geral, era arroz e legumes, juntamente com um pote de barro cheio — pelo menos estava cheio quando ela saía de casa — de sopa.

A cada dez dias, o próprio Gao subia a colina. No começo, ia verificar como estavam as colmeias, mas não tardou a descobrir que, com os cuidados do estrangeiro, todas as onze colmeias floresciam como nunca havia acontecido. Além disso, surgira uma décima segunda colmeia, formada a partir de um enxame de abelhas pretas que ele havia encontrado e capturado durante um passeio pelos arredores.

O Velho Gao voltou à cabana trazendo lenha. Então ele e o forasteiro passaram várias tardes trabalhando juntos sem trocar uma palavra, fazendo caixas extras para enfiar nas colmeias e construindo molduras para encher as caixas.

Certa tarde, o estrangeiro lhe disse que as molduras que estavam construindo tinham sido inventadas por um norte-americano havia apenas setenta anos. Para o Velho Gao, aquilo lhe pareceu uma grande bobagem, pois ele construía aquelas estruturas do jeito que aprendeu com o pai; era assim que todos faziam ali no

vale e ele tinha certeza de que seu avô e o avô do seu avô já trabalhavam daquela forma, mas não disse nada.

Gostava da companhia daquele homem. Fabricavam colmeias juntos e o Velho Gao bem que gostaria que o estrangeiro fosse mais jovem. Assim, ficaria lá por muito tempo e ele teria para quem deixar suas colmeias quando morresse. Mas ambos eram velhos, pregando caixas juntos, com o cabelo ralo e branco, o rosto envelhecido e nenhum deles veria mais uma dúzia de invernos.

O Velho Gao percebeu que o forasteiro havia plantado um jardinzinho muito bem cuidado perto da sua colmeia, que ele tinha afastado das outras e coberto com uma tela. Havia criado também uma “porta dos fundos” para essa colmeia, de forma que só chegavam àquelas plantas as abelhas que saíssem dali. O Velho Gao também notou que, por baixo da tela, havia diversas bandejas cheias de um líquido que parecia uma solução açucarada: uma delas era de um tom vivo de vermelho, outra era verde, uma terceira, de um azul meio cintilante e outra ainda, amarela. Fez menção ao fato, mas o estrangeiro se limitou a balançar a cabeça e sorrir.

Mas as abelhas estavam lambendo os xaropes, amontoando-se nas laterais das bandejinhas de lata, usando a língua, ingerindo o conteúdo até não conseguir mais e, então, voltando para a colmeia.

O estrangeiro havia feito desenhos das abelhas do Velho Gao. Mostrou-lhe esses desenhos, tentando explicar em que elas se distinguiam de outras abelhas melíferas. Falou sobre espécies antigas preservadas em pedras por milhões de anos, mas o seu chinês não era suficiente e, para falar a verdade, o Velho Gao não estava interessado. Eram suas abelhas enquanto ele vivesse e, depois disso,

seriam as abelhas daquelas encostas. Tinha trazido outras espécies para o local,

mas elas adoeceram e morreram ou foram dizimadas por ataques das abelhas pretas que extraíram todo o seu mel e as deixaram morrendo de fome.

A última dessas visitas foi no fim do verão. O Velho Gao desceu a encosta da

montanha e nunca mais voltou a ver o forasteiro.

Consegui.

Está funcionando. Já sinto uma estranha mistura de triunfo e

desapontamento, como uma derrota, ou como se nuvens de tempestade ao longe

estivessem afetando meus sentidos.

É estranho olhar para as minhas mãos e encontrar não as mãos que eu conhecia, mas as que me lembro de ter na minha juventude: articulações desinchadas e, no dorso, pelos escuros em vez de grisalhos.

Quantas pessoas essa busca já não derrotou? Era um problema sem solução

aparente. Trezentos anos atrás, o primeiro imperador da China morreu e quase

destruiu o império por sua causa e o que ele conseguiu com? Uns vinte anos?

Não sei se agi certo ou não (embora qualquer "aposentadoria" sem uma ocupação semelhante tivesse sido, literalmente, enlouquecedora). Assumi a tarefa de Mycroft. Investiguei o problema. E, como era inevitável, cheguei a uma solução.

Será que devo contar para o mundo? Não. Não devo, não.

Mesmo assim, ainda tenho meio pote de mel marrom-escuro na bolsa; meio pote de mel que vale mais do que qualquer nação. (Fiquei tentado a escrever

" que vale mais do que todo o chá da China *", talvez por causa da minha situação*

atual, mas tive medo de que até Watson desprezasse essa frase por ser um

clichê.)

E por falar em Watson…

Ainda preciso fazer uma coisa. É a única meta que me resta e não é nada ambiciosa. Preciso ir até Xangai e, de lá, pegar um navio para Southampton, a

meio mundo de distância.

Quando eu chegar lá, preciso procurar Watson, se é que ele ainda está vivo —

como imagino que esteja. Sei que é irracional, mas, apesar de tudo, tenho certeza de que, de uma forma ou de outra, eu descobriria se Watson tivesse partido desta para melhor.

Preciso comprar maquiagem teatral, disfarçar-me de velho para não assustá-

lo, e convidá-lo para tomar um chá comigo.

E, tal como imagino, nesse chá da tarde as torradas amanteigadas serão servidas com mel.

Circulavam umas histórias sobre um bárbaro que havia passado pela aldeia em

viagem rumo ao leste, mas as pessoas que contaram isso ao Velho Gao não acreditavam que pudesse ser o mesmo homem que tinha morado em sua cabana.

Este outro era jovem e orgulhoso, com cabelo escuro. Não era o velho que circulara por aquela região na primavera, muito embora, segundo disse alguém,

as bolsas dos dois fossem iguaizinhas.

O Velho Gao subiu a encosta da montanha para investigar, apesar de já ter ideia do que ia encontrar antes mesmo de chegar lá.

O forasteiro havia desaparecido, e a sua bolsa também.

Muita coisa, porém, tinha sido queimada. Era evidente. Papéis tinham sido queimados, o Velho Gao reconheceu a borda de um dos desenhos que o

estrangeiro havia feito de uma das abelhas, mas o restante era cinza pura ou

tinha queimado tanto que era impossível identificar o que quer que fosse, mesmo que o Velho Gao conseguisse ler aquela escrita bárbara. Mas não só papéis haviam sido queimados; parte da colmeia que o forasteiro alugara se tornara um monte de cinzas retorcidas e havia também uns pedaços de metal igualmente retorcidos e que deviam ser restos dos recipientes onde ficavam os tais xaropes de cores vibrantes.

Essas cores tinham sido adicionadas aos xaropes, pelo que lhe disse o forasteiro, para que pudesse identificá-los, mas o Velho Gao nunca lhe perguntou qual a finalidade disso.

Ele vasculhou a cabana feito um detetive, procurando por uma pista que lhe indicasse quem era o estranho ou qual seu paradeiro. Quatro moedas de prata haviam sido deixadas em cima do travesseiro de cerâmica — dois yuan e dois pesos —, e o Velho Gao as tirou dali.

Nos fundos da construção, ele encontrou um montinho de uma pasta já usada. As últimas abelhas do dia ainda rastejavam por ali, sugando qualquer doçura que restasse na superfície da cera pegajosa.

Depois de muito pensar, o Velho Gao pegou essa pasta, embrulhou-a num pano com todo cuidado e a guardou num pote que encheu de água. Esquentou a água no fogareiro, sem deixá-la ferver. Não tardou muito para a cera aparecer boiando na superfície, deixando as abelhas mortas, a terra, o pólen e a própolis dentro do pano.

O Velho Gao esperou esfriar.

Depois, foi lá para fora e ficou observando a lua, que já estava quase cheia.

Quantos moradores da aldeia sabiam que seu filho tinha morrido ainda bebê?

Lembrava-se da esposa, mas seu rosto era uma forma distante e ele não tinha nem quadros nem fotografias dela. Pensou que não havia nada na face da Terra

em que ele se enquadrasse tão bem quanto o trabalho de cuidar das abelhas pretas e rápidas como uma bala ali na encosta daquela colina tão alta. Nenhum

outro homem conhecia como ele o temperamento delas.

A água tinha esfriado. Ele tirou do pote a cera que se tornara um bloco sólido

e a deixou na beira da cama enquanto terminava de esfriar. Tirou também o pano

com a terra e as outras impurezas. Como, lá do seu jeito, ele também era um detetive e sabia que, depois que eliminamos o impossível, o que sobra, por mais

improvável que pareça, só pode ser a verdade, ele bebeu a água adocicada que tinha ficado no pote. Havia muito mel na pasta, mesmo depois que a maior parte

já tinha gotejado pelo pano e sido coada. A água tinha gosto de mel, mas não se

parecia com nenhum mel que o Velho Gao já tivesse provado. Tinha gosto de fumaça, de metal, flores estranhas e perfumes variados. Tinha um gosto, pensou

Gao, parecido com o do sexo.

Bebeu tudo e, então, dormiu com a cabeça apoiada no travesseiro de cerâmica.

Quando acordasse, pensou, decidiria o que fazer com o primo que esperava herdar as doze colmeias da encosta.

Talvez aquele jovem que voltaria nos próximos dias fosse um filho ilegítimo.

Ou talvez um filho mesmo. O Jovem Gao. Quem lembraria a essa altura? Mas isso não tinha a menor importância.

Ele iria até a cidade e, depois, voltaria e continuaria cuidando das abelhas pretas na encosta da montanha pelo tempo que os dias e as circunstâncias permitissem.

Assassinato em ré maior

ANTHONY BURGESS

Um dos maiores escritores da segunda metade do século XX, John Anthony

Burgess Wilson (1917-1993) produziu 33 romances, e muitos conquistaram um

enorme sucesso, mas sua obra mais famosa é *Laranja mecânica* (1962), o romance distópico em que se baseou o tão controverso, violento e perturbador filme de 1971, escrito e dirigido por Stanley Kubrick.

Sua obra inclui contos, crítica literária, roteiros, poesia, libretos, ensaios, paródias, literatura de viagem e traduções. Apesar de aclamado como romancista

sofisticado e também autor de best-sellers, Burgess preferia ser considerado, antes de tudo, um compositor, tanto que produziu mais de 250 obras musicais, inclusive três sinfonias.

"Assassinato em ré maior" não foi sua única contribuição para a literatura sobre Sherlock Holmes. Na série produzida para a televisão, em 1979-1980, intitulada *Sherlock Holmes e Doutor Watson*, o nome de Burgess aparece nos créditos como autor e consultor em alguns episódios, sugerindo um nível de interesse e de conhecimento nem sempre reconhecido entre os aficionados pelo

grande detetive. Nessa série, que teve 24 episódios, o papel de Holmes foi interpretado por Geoffrey Whitehead e o de Watson, por Donald Pickering.

Vários desses episódios eram novas versões de outra série, também feita para a

televisão em 1954-1955 e intitulada *Sherlock Holmes*, na qual Ronald Howard era Holmes e Howard Marion-Crawford era Watson.

"Assassinato em ré maior" foi inicialmente publicado no livro *The Devil's Mode*, de Anthony Burgess (Londres: Hutchinson, 1989).

ASSASSINATO EM RÉ MAIOR

Anthony Burgess

Sir Edwin Etheridge, o eminente especialista em doenças tropicais, teve a gentileza de me convidar para acompanhá-lo no exame de um dos seus pacientes

na região de Marylebone. Sir Edwin estava achando que esse paciente, um rapaz que nunca tinha posto os pés fora da Inglaterra, sofria de uma enfermidade conhecida como *latah*, muito comum no arquipélago malaio, mas absolutamente desconhecida — pelo menos de acordo com os registros que, admito, nem sempre são confiáveis — no clima temperado do norte da Europa. Confirmei o diagnóstico inicial de sir Edwin: o jovem estava morbidamente sugestionável, imitando cada ato que visse ou que lhe fosse descrito, e, quando entrei no seu quarto, o encontrei exaurindo-se, convencido de que tinha se metamorfoseado numa bicicleta. Tal doença é incurável, mas intermitente: é de origem física, e não nervosa, e as crises podem ser amenizadas com repouso, solidão, opiáceos e bebidas maltadas bem quentes. Depois da consulta, enquanto eu descia a Marylebone Road, pareceu-me a coisa mais natural do mundo virar na Baker Street para visitar meu velho amigo que, segundo li no *Times*, tinha acabado de voltar de alguma missão não declarada em Marrakesh. A tal missão, como mais tarde acabou sendo revelado, foi o espantoso caso da palmeira venenosa marroquina que o mundo ainda não está preparado para ouvir.

Encontrei Holmes bastante agasalhado para um dia de julho em Londres, usando um robe de chambre, um cachecol e um turbante cravejado de joias que, como ele me diria mais tarde, tinha sido presente do mufti de Fez, oferecido para demonstrar a gratidão por um serviço prestado que meu amigo preferia não especificar. Estava bronzeado e visivelmente castigado por um calor maior que o nosso, mas, com exceção do turbante, não parecia ter ficado mais exótico durante sua temporada na terra dos Maometanos. Estava tentando inalar fumaça de um narguilé, mas acabou desistindo.

— O gosto da água de rosas é terrivelmente enjoativo, Watson — observou

—, e o próprio tabaco, já muito suave, enfraquece ainda mais com o percurso que faz por esses engenhosos mas ridículos tubos.

Com um alívio visível, ele pegou um punhado do seu tabaco costumeiro

dentro da chinela turca acima da lareira apagada, encheu o cachimbo recurvado,

acendeu com um fósforo e então me lançou um olhar amistoso.

— Você esteve com sir Edwin Etheridge — disse ele. — Lá em St. John's Wood Road, imagino.

— Isso é incrível, Holmes! — exclamei. — Como sabe?

— Simples — respondeu o meu amigo, soltando uma baforada do cachimbo.

— St. John's Wood Road é a única rua de Londres com sequoias vermelhas caducifólias e uma folha dessa árvore caiu prematuramente e está grudada na sola da sua bota esquerda. Quanto ao resto, sir Edwin Etheridge costuma chupar

aquelas pastilhas de hortelã fabricadas em Baltimore como uma espécie de

profilaxia. E você também chupou uma. Elas não são vendidas em Londres e não

conheço nenhum outro homem que mande importá-las.

— Você é realmente notável, Holmes — comentei.

— Que nada, meu caro Watson. Andei dando uma olhada no *Times*, como você já deve ter notado, já que está amarfanhado aqui no chão. Este é um hábito

feminino, suponho, mas benditas sejam as mulheres. Enfim, li com o intuito de

me informar sobre os acontecimentos de importância nacional, coisa que, é claro, não desperta qualquer interesse naquele mundo fechado que é o Marrocos.

— Mas não há jornais franceses por lá?

— Há, sim, mas não noticiam nada sobre o império vizinho. Vi que vamos receber uma visita oficial do jovem rei da Espanha.

— Será sua majestade o infante Afonso XIII. — Não sei bem por que, mas tornei as coisas mais pomposas. — Acredito que sua mãe, a regente, a fascinante

Maria Cristina, deverá acompanhá-lo.

— Muita gente simpatiza com o jovem monarca — disse Holmes —,

principalmente aqui. Mas ele tem inimigos republicanos e anarquistas. A

Espanha está numa situação de grande turbulência política, o que se reflete até mesmo na música espanhola contemporânea. — Olhou para o seu violino, que esperava por ele no estojo aberto, e, com todo carinho, começou a passar breu no

arco. — Aquelas musiquinhas irritantes que ouvi dia e noite no Marrocos

precisam sair da minha cabeça e dar lugar a algo mais complexo e civilizado, Watson. Só uma corda e, em geral, uma nota numa única corda. Nada que se assemelhe ao excelente Sarasate. — Começou a tocar uma melodia que, ele me

garantiu, era espanhola. Mas eu podia identificar ali algo da herança mourisca daquele país, como um lamento desolado e remoto. Depois, num sobressalto, Holmes olhou para seu relógio de bolso, presente do duque de Northumberland.

— Céus! — exclamou. — Vamos nos atrasar. Sarasate vai tocar agora à tarde no

St. James’s Hall.

Arrancou o turbante e o robe, foi a toda até o quarto de vestir para pôr um traje mais adequado para um evento em Londres. Como sempre, guardei para mim mesmo o que sentia com relação a Sarasate e, para ser sincero, com a música em geral. Eu não tinha o faro artístico de Holmes. Quanto a Sarasate, não

podia negar que ele tocava maravilhosamente bem para um violinista

estrangeiro, mas havia certa empáfia no seu jeito de tocar que eu achava particularmente desagradável. Holmes ignorava meus sentimentos e, envergando

seu paletó de veludo azul com uma calça de tecido mais leve, num estilo meio

mediterrâneo, uma camisa branca de seda encorpada e uma gravata-borboleta

preta com um nó impecável, agia como se eu sentisse o mesmo prazer que ele.

— Vamos, Watson! — exclamou. — Venho tentando, do meu jeito terrivelmente amadorístico, aprender a tocar a última composição de Sarasate. Agora, o próprio mestre vai me ensinar seu segredo. O segredo do ré maior — acrescentou.

— Será que levo a minha maleta?

— Não, Watson. Não duvido que você carregue algum anestésico brando para ajudá-lo a suportar os momentos mais tediosos do recital.

E sorriu ao dizer isso, mas eu fiquei bastante constrangido ao perceber a visão tão acurada que ele tinha da minha atitude com relação à arte dos sons.

Eu tinha a impressão de que a tarde quente havia sucumbido à umidade do Mediterrâneo, como que por influência de Holmes. Foi difícil conseguir um cabriolé e, quando chegamos ao St. James's Hall, o concerto já tinha começado.

Concederam-nos o privilégio especial de ir para nossos lugares no fundo da sala enquanto uma das peças estava sendo tocada. Logo me preparei para uma *siesta* mediterrânea. O grande Sarasate, do alto de seu virtuosismo, tocava no violino alguma complexa matemática de Bach acompanhado ao piano por um jovem bem-apessoado cujo tom de pele evidenciava que era tão ibérico quanto o mestre. Parecia nervoso, embora não com relação à sua habilidade com o instrumento. De vez em quando, olhava para trás, em direção à cortina que separava o palco das coxias e da área administrativa do local; de repente, porém, como se tranquilizado, voltava a se entregar de corpo e alma à música. Nesse meio-tempo, Holmes, com os olhos semicerrados, tamborilava nos próprios

joelhos, marcando o ritmo da equação insuportavelmente longa que dominava o intelecto daqueles devotos da música, entre os quais vi um jovem irlandês de pele clara e barba ruiva que estava ganhando fama como crítico e polemista.

Então peguei no sono.

Na verdade, dormi profundamente. E não foi a música que me acordou, mas os aplausos diante dos quais Sarasate se curvava com uma extravagância latina.

Discretamente, olhei o relógio e descobri que boa parte do concerto havia escapado ao meu cérebro adormecido; deve até ter havido aplausos anteriores aos quais as minhas células cinzentas entorpecidas permaneceram incólumes.

Aparentemente, Holmes não tinha percebido minha sonolência ou, caso a tenha notado, foi discreto o bastante para não me acordar nem para fazer comentários sobre a minha mais completa indiferença à arte que ele adora.

— A obra em questão — disse ele — vai começar agora, Watson.

E começou. Era uma peça selvagem na qual em momento algum menos de três ou quatro cordas entravam simultaneamente em ação, marcadas pelo ritmo que, por causa de uma breve visita a Granada, eu sabia que se chamava sapateado. Terminava com alguns acordes violentos e com uma única nota aguda que só mesmo um morcego acharia melodiosa.

— Bravo! — exclamou Holmes junto com o restante do público que aplaudia vigorosamente.

Então aquele ruído que, para mim, era uma demonstração excessiva de aprovação foi interrompido pelo som de um revólver. Viu-se a fumaça e sentiu-

se o cheiro forte de alimentos fritos para o café da manhã. O jovem acompanhante gritou. Sua cabeça tombou no teclado do seu instrumento, fazendo um som terrível, e depois sua cabeça com olhos que já não enxergavam e a boca aberta de onde jorrava sangue sem parar, se ergueu, parecendo acusar o público inteiro de ter cometido um crime abominável contra a natureza. Surpreendentemente, os dedos da mão direita do moribundo pressionaram diversas vezes uma nota do teclado e, em seguida, produziu o que parecia uma sequência delirante de algumas notas diferentes que ficou repetindo e não teria parado se o chocalhar da morte não o houvesse dominado. O rapaz desabou no chão do palco. As mulheres na plateia gritaram. Nesse meio-tempo, o mestre Sarasate segurou firme seu tão valioso violino (um Stradivarius, como me diria Holmes mais tarde), como se esse fosse o alvo do tiro.

Como sempre, Holmes não tardou a agir.

— Evacuem a sala! — gritou.

O gerente do estabelecimento apareceu, trêmulo e com uma palidez cadavérica, e repetiu o mesmo comando de forma bem mais fraca. De maneira um tanto brusca, alguns funcionários surgiram para forçar o público horrorizado a ir embora dali. Ao sair, o jovem irlandês de barba ruiva acenou com a cabeça para Holmes, comentando algo sobre os dedos delicados do amador que podiam se antecipar às garras firmes dos profissionais metropolitanos, e acrescentando que era uma pena o que havia ocorrido, já que o jovem pianista espanhol parecia uma grande promessa.

— Venha, Watson — disse Holmes, indo para o palco a passos largos. — Ele

perdeu muito sangue, mas pode estar vivo ainda.

Logo, porém, percebi que era tarde demais para qualquer auxílio que o conteúdo da minha maleta de médico pudesse lhe prestar. A parte de trás do seu crânio estava totalmente esfacelada.

Holmes se dirigiu a Sarasate num castelhano que me pareceu impecável, tratando-o com muita cortesia e muito respeito. Aparentemente, o violinista lhe disse que o rapaz, que se chamava Gonzáles, vinha sendo seu pianista, tanto na Espanha quanto nas turnês pelo exterior, há pouco mais de seis meses; que não sabia muita coisa sobre a sua vida, a não ser que ele ambicionava tornar-se um artista solo e um compositor e que, pelo que o mestre soubesse, não tinha nenhum inimigo pessoal. Mas há um detalhe: correram boatos desagradáveis em Barcelona sobre um caso que o jovem Gonzáles teria com uma mulher casada.

No entanto, era improvável que um marido enfurecido, ou até mesmo mais de um, tivesse seguido o pianista até Londres para uma vingança tão ousada e espetacular. Parecendo distraído, Holmes concordou com a cabeça enquanto afrouxava o colarinho do morto.

— Uma atitude um tanto inútil — comentei.

Holmes não disse nada. Limitou-se a examinar a parte inferior da nuca do cadáver. Franziu o cenho. Ainda agachado, esfregou uma mão na outra como que para se limpar, e voltou a ficar de pé. Perguntou ao gerente que suava em bicas se havia alguma chance de o assassinato ter sido visto, fosse por ele mesmo ou por algum funcionário. Em caso negativo, se algum estranho teria entrado nas coxias e nos locais reservados aos artistas e ao pessoal do teatro e que ficava sob o cuidado de um ex-sargento dos fuzileiros, mas que, agora, estava protegido por um policial. Alguma ideia terrível passou de imediato pela cabeça do gerente, que, seguido por Holmes e por mim, saiu correndo por um

corredor que levava a uma porta que dava para um beco lateral.

A tal porta estava desguarnecida por um motivo bem simples. Um idoso, envergando a calça de um uniforme militar, mas sem o paletó certamente por causa do calor, jazia morto, com a nuca perfurada por um tiro preciso. Pelo visto, o assassino chegara até as cortinas que separavam o palco da área dos escritórios e dos camarins.

— É absolutamente lamentável — disse o gerente, aflito — que não houvesse mais nenhum funcionário aqui nos fundos… Se bem que, por um ponto de vista mais egoísta, talvez isso não seja nada lamentável. É claro que tivemos a visita de um assassino a sangue-frio que não se deteria diante de qualquer obstáculo.

Holmes concordou com a cabeça e disse:

— Pobre Simpson. Eu o conhecia, Watson. Passou a vida conseguindo evitar ser morto por pistolas e espadas dos inimigos de Sua Majestade e acabou encontrando a morte durante uma merecida aposentadoria, enquanto folheava o jornal de esportes. Talvez… — prosseguiu ele, dirigindo-se ao gerente. — Será que o senhor poderia ter a gentileza de explicar por que o assassino só teve que enfrentar o coitado do Simpson? Em poucas palavras, onde estavam os outros funcionários do teatro?

— Essa história toda é bastante curiosa, sr. Holmes — respondeu o gerente enxugando a nuca com um lenço. — Recebi uma mensagem logo depois do início do recital, na verdade logo depois que o senhor e seu amigo sentaram-se na plateia. A mensagem dizia que o príncipe de Gales e alguns amigos estavam vindo assistir ao concerto, mas se atrasariam. Todos sabem que Sua Alteza Real

é um admirador de Sarasate. Nos fundos do salão, há um pequeno camarote geralmente reservado para visitantes ilustres, como deve saber.

— Sem dúvida — disse Holmes. — Certa vez, o marajá de Johore me concedeu a honra de ser seu convidado nesse retiro exclusivo. Mas continue, por favor.

— Naturalmente, meus funcionários e eu — prosseguiu o gerente — nos reunimos na entrada do teatro e ficamos de plantão ali durante todo o recital, presumindo que nosso ilustre visitante só fosse chegar para os números finais.

E o homem continuou dizendo que, embora consideravelmente surpreso, permaneceu no vestíbulo até os aplausos finais, acatando a hipótese de que Sua Alteza Real, com a postura imperiosa, mas cordial que o caracterizava, houvesse ordenado que o violinista espanhol o brindasse com um bis na sala vazia onde só nosso futuro rei imperador estivesse presente. Tudo isso seria bastante compreensível, não fosse pelo problema essencial do crime em si.

— E a tal mensagem? — indagou Holmes. — Imagino que tenha sido por escrito. Posso vê-la?

O gerente tirou do bolso interno do paletó a folha de um bloco de notas encimada pelas armas do príncipe e assinada por um nome que todos sabiam que era o secretário particular de Sua Alteza Real. O texto era claro e polido. A data era de 7 de julho. Ao vê-la, Holmes fez um aceno de cabeça um tanto indiferente e, quando a polícia chegou, enfiou discretamente o papel num bolso lateral. O inspetor Stanley Hopkins respondeu prontamente à convocação que lhe foi

levada, com uma eficiência admirável, por um dos assistentes do gerente num cabriolé bastante veloz.

— Um caso deplorável, inspetor — observou Holmes. — Dois assassinatos. O primeiro é explicado pelo segundo; para este, porém, ainda não encontramos nenhum motivo. Desejo-lhe sorte na investigação.

— O senhor não vai prestar consultoria neste caso, sr. Holmes? — perguntou o jovem inspetor que era muito inteligente.

Holmes negou com a cabeça.

No cabriolé que nos levava de volta a Baker Street, ele me disse:

— Estou demonstrando minha duplicidade habitual, Watson. Este caso me interessa muitíssimo. — Então, acrescentou com certo ar sonhador: — Stanley Hopkins, Stanley Hopkins. Esse nome me lembra o de um antigo professor que tive, Watson. Sempre volto aos meus tempos de juventude no Colégio Stoneyhurst, onde aprendi grego com um jovem padre cuja mente era de uma sensibilidade extrema. O nome dele era Gerard Manley Hopkins. — Deu uma risadinha. — Ele me fustigava com uma vela quando eu era um pocinho de obscurantismo. Mesmo assim, era o melhor entre os corvos mais jovens, sempre disposto a acertar um daqueles bolinhos bem secos com a gente lá na ágora. Nunca tinha a atitude sorrateira de ficar à socapa para aparecer de repente com aquelas sotainas escuras como faziam os outros que eram mais azucrinantes.

— Para mim, você está falando grego, Holmes — comentei.

— Os melhores dias da nossa vida, Watson — disse ele com um tom meio melancólico.

Jantamos cedo: lagosta fria e uma salada de frango regadas a um magnífico Borgonha branco bem gelado. Enquanto comíamos, Holmes se revelou

profundamente preocupado com essa questão do assassinato de um estrangeiro em solo britânico ou, pelo menos, numa sala de concertos em Londres.

Entregou-me a suposta mensagem real e pediu minha opinião. Li o bilhete com

cuidado.

— Ele me parece perfeitamente normal — falei. — O protocolo foi cumprido,

a formulação é a de praxe, ou, pelo menos, presumo que seja. Mas, como o gerente e seus funcionários foram enganados, o papel com o timbre real deve ter

sido obtido através de alguma irregularidade.

— Admirável, Watson. Agora, faça o favor de examinar a data.

— É a data de hoje.

— Sem dúvida, mas o desenho do número sete não é o que seria de se esperar.

— Ah! — exclamei. — Já entendi o que quer dizer. Nós, britânicos, não

cortamos o sete com esse tracinho horizontal. Este número foi escrito por alguém do continente.

— Exatamente. A mensagem foi escrita por um francês, um italiano ou, o que

parece mais provável, um espanhol que tenha acesso ao papel timbrado de Sua

Alteza Real. O inglês e, como você observou, a fórmula estão impecáveis. Mas o

signatário não é britânico. Ele cometeu um ligeiro deslize ali. Quanto ao papel, só deve ficar disponível para alguém conceituado o bastante para ter acesso aos

aposentos de Sua Alteza Real e que seja tão inescrupuloso a ponto de roubar uma folha do bloco. Alguma coisa no traçado da letra *e* nesta mensagem me leva a crer que seu signatário é espanhol. Claro que posso estar redondamente enganado, mas duvido muito que o assassino não seja dessa nacionalidade.

— Um marido espanhol, com a impetuosidade característica da sua raça, realizando um ato sumário de vingança — afirmei.

— Não acredito que o motivo do crime tenha sido alguma questão doméstica. Você me viu afrouxar o colarinho do morto e até comentou, com uma rispidez profissional, que era um gesto inútil. Mas ignorava os meus motivos para fazer aquilo. — Holmes, que havia acendido o cachimbo, pegou um lápis e rabiscou um estranho símbolo na toalha de mesa. — Já viu algo assim, Watson? — perguntou, soltando uma baforada. Franzi a testa, fitando o tal desenho. Parecia a representação tosca de um pássaro de asas abertas, empoleirado sobre diversos traços verticais que podiam ser considerados um ninho. Balancei a cabeça. — Isto aqui, Watson, é a fênix erguendo-se das cinzas das chamas que a consumiram. É o símbolo dos separatistas catalães. Eles são republicanos, anarquistas e detestam o controle centralizador da monarquia castelhana. Este símbolo estava tatuado na nuca do homem assassinado. Ele devia ser um membro ativo de algum grupo conspirador.

— Por que resolveu procurar por isto? — perguntei.

— Totalmente por acaso, conheci um espanhol lá em Tanger que vociferava contra a monarquia que o havia exilado, e, ao enxugar a parte superior do corpo por causa do calor, revelou em seu peito uma tatuagem idêntica a esta.

— Está me dizendo — comecei, incrédulo — que ele estava despido? Ou, como dizem os franceses, que ele estava *en déshabillé*?

— Era uma casa de ópio na Kasbah, Watson — disse Holmes com toda calma. — Nesses locais, ninguém liga para os refinamentos de trajes. O sujeito me disse

que a nuca é o lugar mais comum para se inscrever essa declaração de apoio à república da Catalunha, mas ele preferia o peito, onde, como declarou, podia vê-lo e sempre se lembrar do que significava. Será que, desde que a visita do jovem herdeiro espanhol a Londres foi anunciada, havia assassinos catalães circulando por aqui? Pareceu-me então natural examinar o corpo do pianista assassinado à procura de alguma indicação do seu posicionamento político.

— Então — observei —, é possível que esse jovem espanhol, tão dedicado à arte como parecia ser, se propusesse a matar o inocente e inofensivo Afonso XIII. Os serviços de inteligência da monarquia espanhola teriam, suponho, agido prontamente, embora na ilegalidade. Todas as forças da estabilidade europeia deveriam ficar agradecidas por esse futuro assassino ter sido assassinado.

— E o pobre soldado que fazia a segurança da porta? — replicou Holmes, me fitando com seus olhos penetrantes através da fumaça do seu cachimbo. — Ora, vamos, Watson! Um assassinato é sempre um crime. — E então começou a cantarolar, bem concentrado, o trecho de uma melodia que me parecia vagamente familiar. Sua repetição interminável foi interrompida pelo anúncio da chegada do inspetor Stanley Hopkins. — Eu estava esperando por ele, Watson — disse Holmes e, quando o jovem policial entrou na sala, recitou de forma desconcertante:

“Pedi para ficar

Onde o vento não ouse

Silente, a vaga verde ao porto pouse;

Longe, o clamor do mar.”

Stanley Hopkins ficou boquiaberto, espantado como eu mesmo teria ficado se já não estivesse tão acostumado com o comportamento excêntrico do meu amigo. Antes que o inspetor perplexo dissesse uma palavra que fosse, Holmes declarou:

— Bom, inspetor, acredito tenha vindo até aqui triunfante.

Mas não havia nada de triunfante na atitude de Hopkins. Ele entregou a Holmes uma folha de papel escrita à mão em tinta roxa.

— Isto, sr. Holmes, foi encontrado no corpo do morto. Acho que está em espanhol, língua com a qual nem eu nem meus colegas estamos familiarizados. Suponho que o senhor esteja. Gostaria muito que nos ajudasse com a investigação traduzindo esse texto.

Holmes leu atentamente ambos os lados da folha.

— Ah, Watson — disse, enfim —, isto aqui tanto pode complicar as coisas como simplificá-las. Ainda não sei ao certo. Parece-me uma carta do pai do rapaz, implorando-lhe que pare de se intrometer nas questões dos republicanos e anarquistas e se concentre na prática da sua arte. E, com uma expressão bem batida, também apela para o testamento. Nenhum dos seus filhos que seja desleal para com a concepção de uma Espanha unificada merece herdar seu patrimônio. Pelo visto, o pai está seriamente doente e ameaça amaldiçoar, do seu leito de morte, o filho intransigente. Bem espanhol, creio eu. Altamente dramático. Alguns trechos têm um quê de árias de ópera. Precisamos do francês Bizet para musicá-los.

— Então — comecei —, pode ser que o jovem tenha anunciado que estava

abandonando a causa, mas tinha informações que se propunha tornar públicas ou, no mínimo, revelar a um grupo particularmente interessado em obtê-las e foi, portanto, brutalmente assassinado antes que pudesse fazê-lo.

— Simplesmente brilhante, Watson! — disse Holmes e enrubesci ligeiramente de prazer. Era tão raro ele fazer elogios sem que houvesse algum sarcasmo… — E um indivíduo que matou duas vezes de forma tão impiedosa com toda certeza poderia matar novamente. Que providências foram tomadas pelas autoridades para garantir a segurança dos nossos visitantes reais, inspetor?

— Eles vão chegar hoje à noite, como deve saber, no último paquete vindo de Boulogne. Em Folkestone, serão imediatamente transferidos para um trem especial. Ficarão hospedados na embaixada da Espanha. Amanhã, seguem viagem para Windsor. Depois de amanhã, almoçarão com o primeiro-ministro. Haverá uma apresentação especial da opereta *Os gondoleiros*, do sr. Gilbert e do sr. Sullivan…

— Na qual se zomba da nobreza espanhola — observou Holmes. — Mas pouco importa. O senhor me forneceu o itinerário e a programação. Mas não me disse nada sobre as providências quanto à segurança.

— Eu estava chegando lá. Toda a força metropolitana vai estar ostensivamente presente em cada uma dessas ocasiões, e homens armados, à paisana, vão se espalhar por pontos estratégicos. Creio que não haja algo a temer.

— Espero que tenha razão, inspetor.

— A comitiva real vai deixar o país daqui a quatro dias, pelo barco que faz a

travessia Dover-Calais e parte às 13h35. Mais uma vez, haverá um grande contingente policial tanto no porto quanto na própria embarcação. O secretário de Estado sabe da extrema importância de proteger um monarca visitante, ainda mais depois do lamentável incidente em que o czar foi cruelmente envenenado no Palácio de Cristal.

— Pessoalmente, tenho a convicção — disse Holmes, voltando a acender o cachimbo — de que o czar de todas as Rússias estava embriagado. Mais uma vez, porém, pouco importa. — Um policial uniformizado entrou. Primeiro, cumprimentou Holmes, e depois seu superior. — Esta casa está sempre aberta para os membros da força metropolitana — observou Holmes com um tom sarcástico, mas bem-humorado. — Podem entrar. Entrem todos. Seja muito bem-vindo, sargento. Suponho que traga notícias.

— Desculpe, senhor — disse o sargento e, voltando-se para Hopkins, acrescentou: — De certa forma, pegamos o sujeito, senhor.

— Como assim? Explique-se, homem! — esbravejou Hopkins.

— Bom, senhor, tem uma espécie de hotel espanhol, quer dizer, um local para onde os espanhóis vão quando querem ficar com seus conterrâneos. Fica lá em Elephant & Castle.

— Bem apropriado — observou Holmes de imediato. — Antigamente, era A Infanta de Castela. Mas com o tempo… Desculpem-me. Por favor, prossiga, sargento.

— Fomos até lá e ele deve ter ficado sabendo que estávamos chegando, pois subiu no telhado por meio de uma claraboia. São três andares. Não sabemos se

escorregou ou se se jogou, senhor, mas quebrou a — do pescoço.

As convenções impressas do nosso reino determinam o uso de um travessão para indicar a expressão popular usada pelo sargento.

— Me desculpe, senhor — apressou-se em acrescentar.

— Tem certeza de que era o assassino, sargento? — perguntou Holmes.

— Bom, senhor, encontramos dinheiro espanhol com ele e também uma faca, o que eles chamam de *estilete*, e havia ainda um revólver com duas balas disparadas, senhor.

— Então, inspetor, é preciso comparar as balas retiradas dos dois cadáveres com as que continuam no tambor dessa arma. Acredito que era o nosso homem, sargento. Meus parabéns. Parece que a visita oficial de Sua Majestade, o infante, vai ocorrer sem maiores transtornos para a força metropolitana. E agora, inspetor, imagino que tenha relatórios a preencher. — Foi uma forma educada de mandar os dois visitantes embora. — Deve estar cansado, Watson — disse ele, então. — Quem sabe o sargento não faz a gentileza de apitar para chamar um cabriolé para você. Lá da rua, quero dizer. Vamos nos encontrar no Teatro Savoy às dez, com toda certeza. Imediatamente antes de as cortinas subirem. O sr. D'Oyly Carte sempre tem dois ingressos de cortesia esperando por mim na bilheteria. Vai ser interessante ver como nossos visitantes ibéricos reagem a uma farsa musical britânica.

Disse isso sem nenhuma animação, na verdade havia um tom sombrio em sua voz. E, deste modo, também fui dispensado.

Holmes e eu, envergando trajes noturnos e exibindo nossas condecorações, assistimos, como planejado, à apresentação de *Os gondoleiros*. Minhas medalhas eram bem ortodoxas, como as de qualquer veterano; Holmes, porém, tinha condecorações bem estranhas e, entre as menos ocultas, reconheci as três estrelas do Sião e a cruz retorcida da Bolívia. Tinham nos dado lugares excelentes bem próximos à orquestra. Sir Arthur Sullivan regeu a execução da própria obra. O infante parecia bem mais interessado nas instalações elétricas do que na encenação ou na música que vinham do palco, mas sua mãe reagia com demonstrações de apreciação às tiradas engraçadas que lhe eram explicadas pelo embaixador espanhol. Aquela experiência musical era muito mais condizente com o meu gosto do que o recital de Sarasate. Dei gargalhadas com as piadas mais picantes, enquanto Holmes me dava cotoveladas nas costelas; cantarolei as árias e os coros, talvez de forma bem pouco contida, afinal lady Esther Roscommon, que era uma das minhas pacientes e estava na fileira de trás, me cutucou para se queixar, com toda delicadeza, de que eu não só estava cantarolando alto demais, como também desafinava. Mas, como eu lhe disse no intervalo, nunca almejei qualquer talento musical. Quanto a Holmes, empunhando binóculos de ópera, fixava mais os olhos no público do que no que acontecia no palco.

Durante o intervalo, a comitiva real, num gesto bastante democrático, apareceu no bar do teatro. O jovem rei aceitou de muito bom grado um copo de limonada inglesa, no qual deixou a marca dos próprios lábios como qualquer criança que não fosse abençoada pela linhagem do sangue. Fiquei espantado ao

ver que o grande Sarasate, envergando um traje imaculado e ostentando condecorações de ordens de vários estados estrangeiros, estava tomando uma taça de champanhe com ninguém menos que sir Arthur Sullivan. Comentei com Holmes, que fez uma reverência bem discreta para ambos e declarou que ficava impressionado ao ver um homem tão eminente na esfera da música mais sublime se dignando a se misturar socialmente com um simples promotor de entretenimento, mesmo que este houvesse sido honrado pela rainha com um título.

— Música é música — disse ele, acendendo o que julguei ser um charuto Panatela vindo de Tânger. — Ela tem várias moradas. Sir Arthur desceu ao nível que considera mais lucrativo, Watson, e não só em termos de recompensa financeira, ele também é conhecido por obras lamentáveis. Estão falando italiano. — Os ouvidos de Holmes eram muito mais aguçados que os meus. — Suas lembranças de convívio aristocrático devem soar muito mais impressionantes nessa língua do que na nossa! Mas o segundo sinal já tocou. Que desperdício para folhas tão esplêndidas!

Estava se referindo ao seu charuto que apagou, com tristeza, num dos receptáculos de latão espalhados pelo saguão.

Na segunda metade do espetáculo, Holmes dormiu profundamente. Eu não precisava mais sentir vergonha de ser um grosseirão inculto que sucumbiu ao sono durante um evento musical muito mais elevado. Afinal, como dissera Holmes, blasfemando de certa forma, a música tem várias moradas.

Na manhã seguinte, uma mensagem apressada de sir Edwin Etheridge, que me foi entregue durante o café da manhã, me convocava para outra consulta no quarto do seu paciente em St. John's Wood Road. O rapaz já não apresentava os sintomas da *latah*; parecia sofrer de uma rara doença chinesa que eu havia conhecido em Cingapura e em Hong Kong, chamada *shook jong*. Trata-se de uma enfermidade que provoca um grande sofrimento e tem uma descrição constrangedora fora de uma publicação médica, afinal seu sintoma principal é o medo que o paciente tem de que sua capacidade reprodutora esteja sendo removida por forças malignas conjuradas por uma imaginação exaltada. Para combater tais forças, que julga serem responsáveis pela redução progressiva do aparelho reprodutor, o enfermo tenta prevenir essa redução por meio de uma amputação, usando geralmente a faca mais afiada que encontrar. O único tratamento possível é a sedação profunda e, nos intervalos de consciência, uma dieta leve.

De forma muito natural, virei na Baker Street após a consulta, aproveitando o tempo bom que vinha se prolongando, com uma luminosidade decididamente hispânica. A boa sociedade de Londres parecia totalmente em paz. Holmes, usando o seu robe de chambre e um turbante mourisco, estava passando betume no arco do violino quando entrei na sala de visitas. Ele estava animadíssimo; eu, não. Fiquei um tanto nervoso diante da visão de uma doença que acreditava só existir entre os chineses, exatamente como havia ficado desconcertado quando, mais para o começo da semana, deparei com a *latah* (um pouco menos perniciosa), que considerava exclusiva de malaios histéricos. Ambas as enfermidades estavam agora se manifestando num jovem de sangue

indubitavelmente anglo-saxão. Depois de desabafar, relatando a Holmes as minhas preocupações, disse, talvez com certa sabedoria:

— Provavelmente são mazelas infligidas às nossas ambições imperialistas pelos povos que sujeitamos.

— São o aspecto negativo do progresso — retrucou Holmes de forma bastante vaga, e, parecendo um pouco mais atento, prosseguiu: — Bem, Watson, parece que a visita real transcorreu sem infortúnios. As forças da dissidência ibérica não voltaram a erguer suas mãos ensanguentadas sobre o nosso solo. Apesar de tudo, ainda não estou totalmente tranquilo a este respeito. Talvez deva atribuir esta condição ao poder irracional da música. Não consigo tirar da cabeça a cena daquele rapaz infeliz caindo, enquanto sua vida se esvaía, sobre o instrumento que tocava com tanto talento e, depois, na agonia da morte, executar uma breve rapsódia de adeus que fazia pouco sentido melódico. — Passou o arco nas cordas do violino. — As notas foram estas, Watson. Eu as escrevi. Escrever algo é poder controlá-lo e, às vezes, exorcizá-lo.

Tocava olhando para um pedaço de papel que tinha apoiado no joelho direito. Uma súbita rajada de verão, um breve bafejo de julho entrou pela janela e jogou o tal papel no chão. Eu o peguei e dei uma olhada. Reconheci o traço firme de Holmes nas cinco linhas e nas notas que não significavam nada para mim. Minha atenção estava voltada para a *shook jong*. Revi a dor desesperada de um velho chinês que sofria dessa doença lá em Hong Kong. Eu o curei com o método da contrassugestão e, como prova de sua gratidão, ele me deu o único bem que tinha: uma flauta de bambu e uma pequena coletânea de canções chinesas.

— Uma pequena coletânea de canções chinesas que eu já tive — falei, quase

comigo mesmo — eram simples, mas encantadoras. Achei aquelas partituras incrivelmente simples. Bem diferentes dos amontoados de bolas pretas que, devo admitir, fazem menos sentido para mim do que os letreiros de Kowloon. Eles usam apenas um sistema numérico. A primeira nota da escala é um; a segunda, dois, e assim por diante, até oito, se não me engano.

O que tinha sido um comentário inconsequente produziu um efeito espantoso em Holmes.

— Temos que correr! — exclamou ele, se levantando e arrancando o turbante e o robe. — Já devemos estar bem atrasados! — E começou a remexer nas obras de referência que ficavam na prateleira atrás da poltrona. Pegou um guia de viagem e disse: — Pelo que lembro, é às onze e quinze. Um vagão real está sendo acrescentado à composição regular que vai para Dover. Depressa, Watson! Desça enquanto me visto. Chame um cabriolé como se sua vida dependesse disso. Porque a vida de outras pessoas pode depender mesmo.

O grande relógio da estação ferroviária já marcava onze e dez quando nosso cabriolé parou. O cocheiro teve dificuldades em arranjar o troco do meu soberano.

— Fique com o troco, fique com o troco — gritei, seguindo Holmes que ainda não tinha me dito por que estávamos ali.

O local estava apinhado de gente. Por sorte, encontramos o inspetor Stanley Hopkins. Ele estava de serviço, postado bem alerta diante da grade da plataforma 12, de onde partiria o trem da balsa, e feliz da vida por toda aquela história estar chegando ao fim. A locomotiva soltava fumaça. A comitiva real já tinha

embarcado. Holmes gritou em tom de urgência:

— Eles precisam ser retirados desse vagão imediatamente. Depois explico por quê.

— Impossível — replicou Hopkins, confuso. — Não posso dar uma ordem dessa.

— Então eu mesmo me encarrego de fazê-lo. Espere aqui, junto com o inspetor, Watson. Não deixe ninguém passar.

Então pulou na plataforma, gritando num espanhol fluente e num tom imperativo com os diplomatas e com o próprio embaixador, dizendo-lhes que era imprescindível que o jovem rei deixasse seu compartimento o mais rápido possível, juntamente com a mãe e toda a comitiva. Com uma impetuosidade infantil, o jovem Afonso XIII foi o primeiro a reagir ao único acontecimento empolgante daquela viagem: pulou do vagão, todo satisfeito na expectativa de uma aventura, não de um perigo efetivo. Foi só quando, seguindo as ordens peremptórias de Holmes, a comitiva real já tinha se afastado o bastante do vagão que o perigo que corriam se manifestou. Uma explosão considerável fez jorrar madeira e cacos de vidro por toda parte e, depois, só restaram a fumaça e o eco do estrondo nos confins da grande estação. Holmes correu na minha direção. Eu, obediente, tinha ficado ao lado de Hopkins diante da grade.

— Não deixaram ninguém entrar? Watson? Inspetor?

— Ninguém passou por aqui, sr. Holmes — respondeu Hopkins — a não ser…

— A não ser — falei, concluindo a frase que ele havia começado — seu maestro tão reverenciado, ou seja, o grande Sarasate.

— Sarasate? — Holmes ficou boquiaberto e, logo depois, assentiu. — Sarasate. Entendo.

— Ele estava com a comitiva do embaixador da Espanha — acrescentou Hopkins. — Entrou com eles, mas saiu logo depois, porque, segundo me disse, tinha um ensaio.

— Watson, seu tolo! Devia tê-lo detido. — Claro que a observação visava Hopkins, a quem ele se dirigiu em seguida: — Ele saiu carregando o estojo do violino?

— Não.

— Holmes! — exclamei, aborrecido. — Não vou permitir que me chame de tolo. Não diante de outras pessoas.

— Seu tolo! E vou repetir mil vezes: seu tolo! Mas, inspetor, suponho que ele estivesse com o estojo quando entrou com a comitiva da embaixada de quem veio se despedir?

— É verdade… Agora que mencionou, estava mesmo.

— Entrou com o estojo e saiu sem ele?

— Exatamente.

— Watson, seu tolo! Naquele estojo havia a bomba programada para explodir que ele colocou no compartimento real, provavelmente debaixo de um assento. E você o deixou escapar!

— Seu ídolo, Holmes! Seu deus do violino é um assassino. E não me chame de tolo!

— Para onde ele foi? — perguntou Holmes, dirigindo-se a Hopkins e ignorando minha reclamação.

— Boa pergunta, senhor — replicou o inspetor. — Para *onde* ele foi? Acredito que isso não tenha muita importância. Não deve ser difícil encontrar Sarasate.

— Para você, vai ser, sim — disse Holmes. — Ele não tinha ensaio nenhum. Não tinha mais qualquer concerto marcado neste país. Aposto que pegou um trem para Harwich, para Liverpool ou para qualquer outro porto de onde saiam navios para alguma terra fora da sua jurisdição. Claro que sempre pode telegrafar para a polícia local nas zonas portuárias, mas, a julgar por sua expressão, vejo que não tem a mínima intenção de fazer isso.

— Exatamente, sr. Holmes. Vai ser muito difícil acusá-lo de uma tentativa de massacre. É tudo uma simples suposição.

— Pois eu suponho que esteja certo, inspetor — retrucou Holmes, depois de uma longa pausa, durante a qual ficou olhando de forma sinistra para uma propaganda de sabonete Pears. — Vamos, Watson. Desculpe por tê-lo chamado de tolo.

De volta a Baker Street, Holmes tentou mais uma vez uma reconciliação ao abrir a garrafa de um conhaque bem antigo, presente de despedida de outro membro qualquer da realeza, embora, sendo maometano, seja possível supor que a posse de uma raridade dessa constituísse uma séria infração às leis da sua fé.

Além disso, paira a dúvida de como ele teria incluído na sua adega uma parte dos tesouros de Napoleão que as autoridades britânicas de Santa Helena

reivindicaram depois da morte do seu prisioneiro. Pois, com toda certeza, como indicavam claramente os dizeres do rótulo, aquele magnífico conhaque havia saído de um tonel que deve ter servido de consolo ao prisioneiro imperial.

— Devo confessar, Watson — disse Holmes, encarando com apreciação o líquido dourado na taça abaulada, parte de um conjunto que ganhara de um duque agradecido —, que eu estava fazendo suposições demais, presumindo, por exemplo, que você compartilhasse as minhas suspeitas. Mas você não sabia de nada, muito embora, inocentemente, tenha me fornecido a chave para a solução do mistério. Estou me referindo ao mistério do canto do cisne que o pobre rapaz assassinado dedilhou nas teclas do piano. Era a mensagem de um homem que se afogava no próprio sangue, Watson, portanto não podia falar como qualquer um de nós. Mas falou como pianista, e, como pianista, ele tinha algum conhecimento do sistema exótico de notação musical. O pai que ameaçou deserdá-lo, em vão, como foi demonstrado, havia integrado o serviço diplomático em Hong Kong. Naquela carta, se bem lembro, ele mencionava algo a respeito da educação que dera ao jovem algum conhecimento sobre a perenidade dos sistemas monárquicos, tanto na China, quanto na Rússia, e também na sua amada Espanha.

— E o que o pobre rapaz disse?

Depois de três taças daquele néctar soberbo, eu já estava suficientemente reconciliado com meu amigo.

— Em primeiro lugar, Watson, ele tocou a nota D. Não tenho o dom do ouvido perfeito, mas reconheci simplesmente porque a peça com a qual Sarasate

concluiu seu recital era em D maior. O acorde final continuava nos meus ouvidos quando o rapaz moribundo tocou as teclas do piano. Ora, Watson, o que nós chamamos de D (e, por acaso, os alemães também) é chamado de ré pelos

franceses, italianos e espanhóis. Em italiano, *re* quer dizer “rei”, palavra bem semelhante à castelhana *rey* que significa a mesma coisa. Como fui tolo! Eu devia ter percebido que estávamos sendo alertados para algum incidente com relação ao monarca que viria nos visitar. As notas seguintes continham uma mensagem sucinta. Quebrei a cabeça em busca do possível significado, mas foi a

observação que você fez hoje de manhã sobre o sistema de notação chinês através de números que me deu a resposta. E bem a tempo, devo acrescentar.

Independentemente da clave em que fossem tocadas, as notas formariam a

sequência numérica um-um-um-cinco (dó-dó-dó-sol, ou ré-ré-ré-lá, pouco

importa). A mensagem completa era um-um-um-cinco-um-um-um-sete. A

melodia criada não é lá muito interessante, uma espécie de brado deformado de

uma fanfarra, mas o sentido é claríssimo agora que conhecemos o código: o rei

está em perigo às onze e quinze da manhã do dia onze de julho. Eu é que fui tolo, Watson, por não perceber a importância de algo que poderia não ter passado

do delírio de um moribundo, mas que, na verdade, era uma comunicação vital para quem fosse capaz de decifrá-la.

— O que o levou a suspeitar de Sarasate? — perguntei, servindo-me de mais

uma dose generosa daquele licor delicioso.

— Bom, Watson, basta pensar nas origens dele. Seu nome completo é Pablo

Martin Melitón de Sarasate y Navascuéz e ele é filho de Barcelona. Sendo, portanto, catalão e membro de uma família que se orgulha da uma tradição antimonarquista. Verifiquei esses dados em investigações cuidadosas na

embaixada da Espanha. Na mesma ocasião, descobri o passado chinês do jovem

Gonzáles que, na época, não significou nada para mim. As convicções republicanas da família Sarasate deveriam ter bastado para lançar alguma suspeita sobre ele, mas a gente sempre acha que um grande artista está, de certa forma, acima das intrigas sórdidas da política. Agora vejo que havia um sangue-frio atroz nos planos para que o assassinato do seu acompanhante fosse cometido só no final do recital. Matar o homem quando ele já tivesse desempenhado seu propósito artístico: esta deve ter sido a ordem rígida dada por Sarasate ao assassino. Não duvido que o jovem Gonzáles tenha se aberto com Sarasate, que, como seu colega músico e grande mestre, tinha aparentemente tudo para ser confiável. O rapaz deve ter lhe revelado sua intenção de trair os planos da organização. Não temos como saber o que motivou sua decisão. Talvez uma súbita demonstração de humanidade, uma tomada de consciência provocada pela carta do pai… O assassino cumpriu as ordens de Sarasate com máxima precisão. Fico tonto só de imaginar a aprovação do mestre quanto ao desfecho criminoso daquilo que foi, tenho que admitir, um concerto excepcionalmente brilhante.

— Para mim, esse brilhantismo se confirmou mais pelos aplausos alheios do que por qualquer avaliação minha. E, a meu ver, ele foi responsável por outro desempenho bem menos brilhante: a mensagem enviada pelo secretário de Sua Alteza Real e aquele exótico número sete.

— Sem dúvida, Watson. Lá no Teatro Savoy, você o viu conversando amigavelmente com sir Arthur Sullivan, um dos amigos íntimos do príncipe. *Grazie a Dio*, disse ele, entre outras coisas, que seu longo ciclo de recitais tinha se encerrado com aquela apresentação em Londres e, agora, ele poderia gozar de um merecido descanso. Como qualquer homem inescrupuloso o bastante para

colaborar com um deboche pelas convenções, o sr. William Schwenck Gilbert estaria perfeitamente disposto a pegar uma ou mais folhas do bloco pessoal do príncipe e passá-las adiante sem ao menos perguntar por que alguém teria interesse naquilo.

— Bem, Holmes — falei —, estou achando que você não vai tentar fazer com que Sarasate receba a punição que merece, interrompendo sua carreira de violinista e mandando prendê-lo como o criminoso que ele é, sem dúvida.

— Com que provas, Watson? Como bem observou aquele jovem inspetor inteligente, tudo isso não passa de suposições.

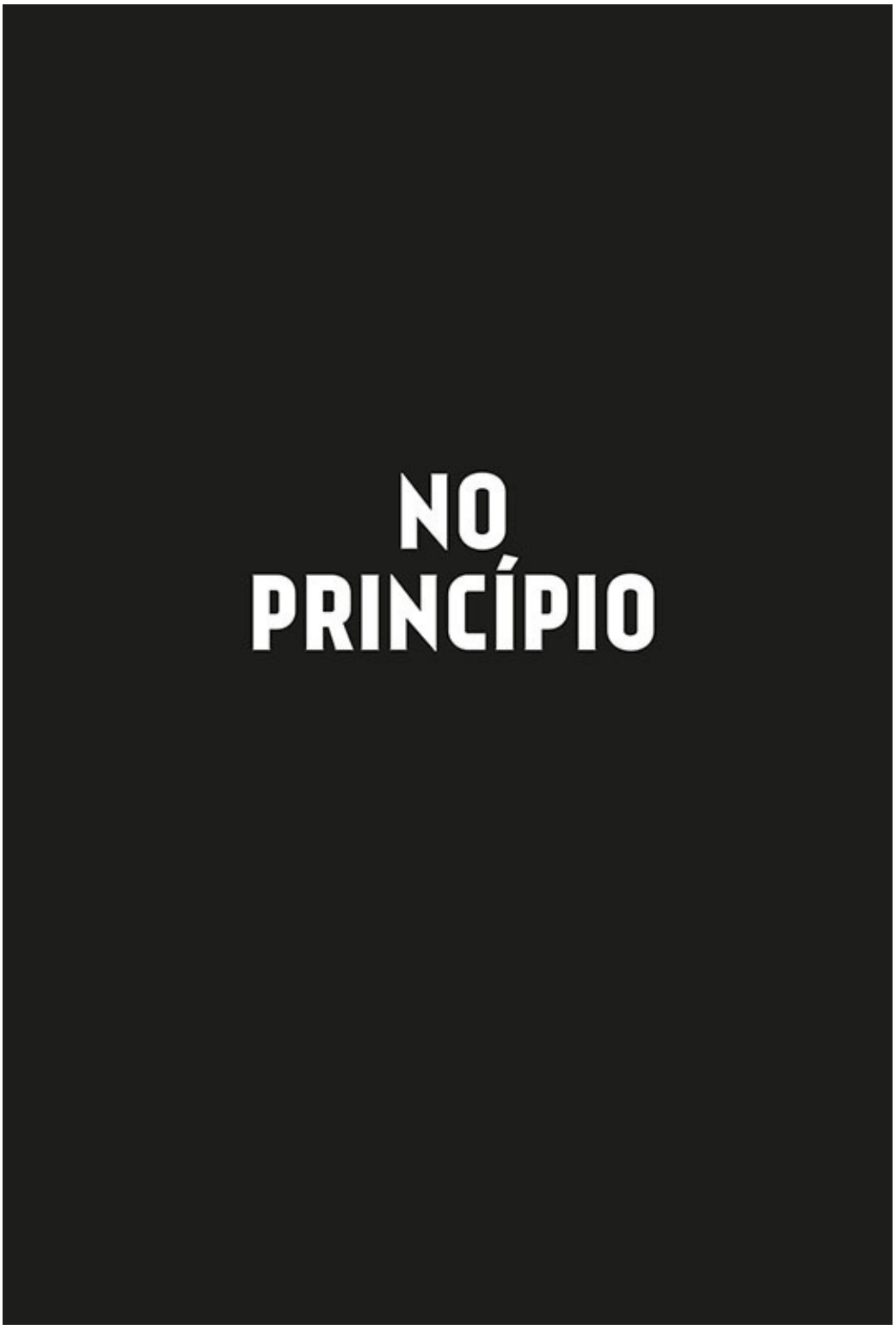
— E se não fosse assim?

Holmes suspirou e pegou o violino e o arco.

— Ele é um artista supremo que o mundo não pode correr o risco de perder. Não repita minhas palavras, Watson, a nenhum dos seus amigos que frequentam a igreja, mas sou forçado a acreditar que a arte está acima da moral. Se, nesta mesma sala e diante dos meus olhos, Sarasate o estrangulasse, Watson, por causa da sua insensibilidade musical, enquanto um cúmplice me impedisse de interferir com uma pistola carregada e, depois, ele escrevesse uma confissão detalhada do crime assinada por Pablo Martin Melitón de Sarasate y Navascuéz, eu seria forçado a fechar os olhos para tal ato, rasgar a confissão, levar seu corpo para a sarjeta da Baker Street e ficar calado enquanto a polícia investigasse. Tudo isto porque o grande artista está acima dos princípios morais que oprimem os homens comuns. E, agora, Watson, sirva-se de um pouco mais desse nobre conhaque e ouça-me tocar essa peça de Sarasate. Garanto que vai achá-la menos

magistral, mas com certeza perceberá o brilho da excelência da intenção.

E, então, ele se pôs de pé, organizou a estante de partitura, ajeitou o violino sob o queixo e começou reverentemente a mover o arco.



Uma noite com Sherlock Holmes

JAMES M. BARRIE

(publicado anonimamente)

Por coincidência, James Matthew Barrie e Arthur Conan Doyle, dois dos mais populares e bem-sucedidos escritores das eras Vitoriana e Eduardiana, estudaram na mesma época na Universidade de Edimburgo. A instituição exerceu grande influência sobre Doyle, pois foi lá que ele conheceu o dr. Joseph Bell, professor cujas habilidades em termos de observação e de dedução racional serviram de modelo para Sherlock Holmes.

Anos depois, Barrie e Doyle tornaram-se amigos, apesar da proximidade dos dois ter esfriado um pouco depois de um tempo, quando Barrie proibiu qualquer conversa sobre espiritualismo, tema ao qual Doyle dedicou a maior parte dos seus pensamentos e da sua energia nos vinte últimos anos de vida.

Tanto um quanto o outro publicaram livros com algum sucesso e ambos conheceram a fama e a fortuna iminente no mesmo ano, em 1891: Barrie com a publicação de *O pequeno ministro*; Doyle com a dos primeiros contos de Sherlock Holmes na *Strand Magazine* (depois dos dois primeiros romances da personagem: *Um estudo em vermelho*, de 1887, e *O signo dos quatro*, de 1890).

A incrível exaltação de Holmes, Watson e Doyle que ocorreu em decorrência da publicação das histórias do detetive nessa revista (a primeira, “Um escândalo na Boêmia”, saiu em julho de 1891, e as demais nos meses subsequentes) tornaram essa personagem um nome absolutamente familiar e, portanto, adequado a paródias. O primeiro autor a aproveitar a oportunidade foi Barrie, que escreveu anonimamente “Uma noite com Sherlock Holmes” apenas quatro meses depois da publicação de “Um escândalo na Boêmia”. Seu texto saiu no exemplar de 28

de novembro de 1891 do *The Speaker: A Review of Politics, Lettres, Science and the Arts*, periódico londrino que teve vida breve e que também publicou obras de Oscar Wilde e de outros destaques da literatura britânica. Esta história se destaca por ser a primeira paródia de Holmes.

UMA NOITE COM SHERLOCK HOLMES

James M. Barrie

Sou um daqueles homens que se divertem fazendo qualquer coisa melhor do que outra pessoa. Daí a minha noite com Sherlock Holmes.

Sherlock Holmes é um detetive particular cujas aventuras o sr. Conan Doyle vem publicando na revista *Strand*. Para meu aborrecimento (porque odeio ouvir alguém ser elogiado, a menos que seja eu), a perspicácia, por exemplo, com que Holmes descobre, só de olhar para você, o que comeu no jantar da quinta-feira passada vem encantando a imprensa e o público, portanto achei que estava na hora de provocá-lo um pouco. Apresentei-me, então, ao sr. Conan Doyle e consegui persuadi-lo a me convidar à sua casa para conhecer Sherlock Holmes.

Para o pobre sr. Holmes, aquela acabou sendo uma noite bem movimentada. Eu estava determinado a atacá-lo com todas as armas e, seguindo meus planos, quando ele começou, cauteloso, mas com a melhor das disposições:

— Percebo, sr. Anon, pela condição do seu cortador de charutos, que o senhor não é aficionado por música.

Repliquei de forma afável:

— Sim, isso é óbvio.

O sr. Holmes, que estava numa poltrona na sua posição favorita (enrodilhado), se empertigou bruscamente e olhou, indignado, para nosso anfitrião, que se encontrava da mesma forma.

— Como é possível saber, só de olhar para o cortador de charutos do sr. Anon, que ele não é aficionado por música? — perguntou o sr. Doyle com um ar de surpresa que até parecia genuíno.

— Muito simples — respondeu o sr. Holmes, ainda me fitando, irritado.

— A coisa mais simples do mundo — concordei.

— Então, não preciso explicar?! — exclamou ele com certo desprezo.

— É totalmente desnecessário — repliquei.

Enchi o cachimbo para dar ao detetive e ao seu biógrafo a oportunidade de se entreolharem disfarçadamente e, depois, apontando para a cartola do sr. Holmes (que tinha ficado em cima da mesa), falei, com toda tranquilidade:

— Quer dizer que esteve no campo recentemente, sr. Holmes?

Ele mordeu o charuto com tanta força que a ponta acesa bateu na sua sobrancelha.

— O senhor me viu por lá? — perguntou em tom quase feroz.

— Não — respondi —, mas bastou olhar para sua cartola para saber que esteve fora da cidade.

— Rá! — exclamou ele, triunfante. — Quer dizer que foi só um palpite. Aliás…

— O senhor não levou a cartola nessa viagem — interrompi.

— Exatamente — disse ele, sorrindo.

— Mas como… — começou o sr. Conan Doyle.

— Ora — falei, na maior calma —, pode parecer impressionante para vocês que não estão acostumados a fazer deduções a partir de circunstâncias triviais —

Holmes estremeceu —, mas isso não é nada para quem está sempre de olhos abertos. Assim que percebi que a cartola do sr. Holmes estava um pouco

amassada na frente, como se tivesse recebido um golpe forte, soube que ele andara no campo recentemente.

— Por um bom tempo ou por uma estada breve? — indagou Holmes com

sarcasmo.

(Suas boas maneiras haviam praticamente desaparecido.)

— No mínimo, uma semana — respondi.

— Verdade — replicou ele, desanimado.

— Sua cartola também me disse — prossegui — que o senhor veio até esta casa num fiacre… Não, num cabriolé.

— … — disse Sherlock Holmes.

— O senhor se importaria de ser mais explícito? — perguntou o nosso

anfitrião.

— De forma alguma — repliquei. — Quando vi o amassado na cartola do sr.

Holmes, soube que ele tinha esbarrado de forma inesperada em algum objeto sólido. Provavelmente o teto de um veículo onde teria esbarrado ao embarcar.

Esse tipo de acidente é bem comum com os chapéus. Então, embora seu meio de

transporte possa ter sido um fiacre, era mais provável que o sr. Holmes andasse

de cabriolé.

— Como soube que eu estive no campo?

— Estou chegando lá. Claro que o senhor costuma usar cartola em Londres, mas, quem tem esse hábito também adquire, sem perceber, o costume de

proteger seu chapéu. Vi, portanto, que esteve usando um chapéu-coco nos

últimos tempos e se esqueceu de guardar a distância necessária para a altura da

cartola Mas o senhor não é o tipo de homem que usaria um chapéu pequeno em

Londres. Ficou óbvio, então, que tinha ido para o interior, onde os chapéus-coco

são a regra, não a exceção.

O sr. Holmes, que, a cada instante, diminuía mais aos olhos do nosso anfitrião,

tentou mudar de assunto.

— Hoje, enquanto eu estava almoçando num restaurante italiano — disse ele,

dirigindo-se ao sr. Conan Doyle —, a forma como o garçom me entregou a conta

me convenceu de que o pai dele já…

— Por falar nisso — interrompi —, lembra-se de que, quando estava saindo do restaurante, o senhor e outra pessoa quase brigaram bem na porta?

— Era o senhor?

— Se acha isso possível — falei calmamente —, tem péssima memória para

rostos.

Ele resmungou qualquer coisa entre dentes.

— Foi assim que aconteceu, sr. Doyle — prossegui. — A porta do restaurante

é dupla; numa está escrito “Empurre” e, na outra, “Puxe”. Ora, o sr. Holmes e o

estranho estavam em lados diferentes da porta e ambos a puxaram.

Consequentemente, a porta não abriu até que um deles cedesse espaço para o outro. Os dois se entreolharam e foram embora.

— O senhor deve ter presenciado a cena — observou o nosso anfitrião.

— Não — repliquei —, soube disso assim que ouvi o sr. Holmes dizer que tinha ido almoçar num desses pequenos restaurantes. Todos têm essas portas com os letreiros “Empurre” e “Puxe”, respectivamente. Ora, em 99 por cento dos

casos, as pessoas empurram quando deveriam puxar e puxam quando deveriam

empurrar. E também é muito comum alguém estar entrando no restaurante no momento em que um de nós está saindo. Daí a cena da porta. E, para concluir, o

simples fato de ter cometido um erro tão tolo deixa as pessoas irritadas, e nos faz encarar o outro freguês como se a culpa fosse toda dele.

— Humm! — murmurou Holmes já furioso. — A folha deste charuto está se

soltando, sr. Doyle.

— Pegue out… — começou nosso anfitrião, mas eu o interrompi.

— Posso afirmar, sr. Holmes, a partir da observação que fez, que está vindo diretamente do barbeiro.

Desta vez, ele ficou boquiaberto.

— E ele encerou seu bigode — prossegui (pois, naquela época, o sr. Holmes

tinha bigode.)

— Quando me dei conta, ele já tinha começado — replicou o detetive.

— Exatamente — acrescentei — e, dentro do cabriolé, o senhor tentou

desfazer esse trabalho com os dedos.

— Então — começou nosso anfitrião, entendendo tudo —, um pouco dessa

cera ficou presa e está rasgando a folha do charuto!

— Isso mesmo — concordei. — Soube que ele estava vindo do barbeiro no

momento em que apertei sua mão.

— Boa noite — disse o sr. Holmes, pegando a cartola (ele não é tão alto quanto me pareceu a princípio). — Tenho um encontro marcado às dez horas com um banqueiro que…

— Também andei observando isso — atalhei. — Eu sabia, pelo jeito como o

senhor…

Mas ele já tinha ido embora.

Histórias que deram errado:

as aventuras de Sherlaw Kombs

ROBERT BARR

(sob o pseudônimo de Luke Sharp)

O escritor, jornalista e contista britânico Robert Barr (1849-1912) é mais conhecido por *Os triunfos de Eugène Valmont* (1906), uma excelente coletânea de histórias sobre o detetive francês. A obra inclui uma das mais famosas e engenhosas narrativas de mistério de todos os tempos: “O círculo dos

distraídos.” Considerado o primeiro volume importante de histórias policiais humorísticas da literatura inglesa, a publicação foi selecionada por Ellery Queen

para integrar seu trabalho pioneiro, *Queen’s Quorum*, que descreve as 106

coletâneas de histórias policiais mais importantes escritas entre 1845 e 1950.

Talvez a maior contribuição de Barr para a ficção dos períodos Vitoriano e Eduardiano tenha sido o trabalho pioneiro *The Idler*, dedicado à literatura popular e que se tornou uma das principais revistas britânicas da época. Barr chamou o célebre humorista Jerome K. Jerome para ser coeditor do periódico e,

em pouco tempo, estavam publicando vários dos mais importantes ilustradores e autores daquele período, tais como Mark Twain, Rudyard Kipling, Arthur Conan Doyle, E.W. Hornung, H.G. Wells e o próprio Barr. *The Idler* circulou na Grã-Bretanha de 1892 a 1911.

Como bom adepto da paródia, por duas vezes Barr escolheu Sherlock Holmes como seu alvo e foi um dos primeiros a ridicularizar o detetive, mas isto não abalou sua amizade com Conan Doyle. Em sua autobiografia, Doyle o descreveu como “um vulcão anglo, ou melhor, escocês-americano, com um comportamento impetuoso, uma imensa riqueza de adjetivos fortes, mas, por baixo disso tudo, um coração bondoso”.

“Histórias que deram errado: as aventuras de Sherlaw Kombs” foi inicialmente publicada sob o pseudônimo de Luke Sharp no exemplar de maio de 1892 da revista *The Idler*, e sua primeira edição em livro foi com o título “*The Great Pegram Mystery*”, na coletânea *The Face and The Mask* organizada pelo próprio Robert Barr (Londres: Hutchinson, 1894), desta vez assinada com o nome do autor.

HISTÓRIAS QUE DERAM ERRADO:

AS AVENTURAS DE SHERLAW

KOMBS

Robert Barr

Fui até a casa do meu amigo Sherlaw Kombs para ouvir o que ele tinha a dizer sobre o mistério Pegram, como o caso vinha sendo chamado pelos jornais. Eu o encontrei tocando violino com uma expressão tranquila e serena, coisa que nunca tinha visto assim de tão perto. Eu sabia que essa expressão de calma

angelical indicava que Kombs andava profundamente aborrecido com alguma coisa e acabei descobrindo que esse era o caso, pois um dos jornais matinais trazia uma matéria elogiando a presteza e a competência geral da Scotland Yard.

O desprezo de Sherlaw Kombs por essa força policial era tão grande que ele nunca ia até lá nas férias e jamais admitiria que algo escocês possa servir para outra coisa além de exportação.

Numa atitude generosa, deixou de lado o violino, por ter uma afeição sincera por mim, e me recebeu com a gentileza de costume.

— Vim — comecei, abordando de imediato o assunto que tinha em mente — para saber o que acha do mistério de Pegram.

— Não ouvi falar — disse ele baixinho, como se Londres inteira não estivesse comentando.

Kombs era curiosamente ignorante a respeito de certos assuntos e anormalmente erudito a respeito de outros. Eu achava impossível, por exemplo, conversar sobre política com ele, já que meu amigo não sabia quem eram o marquês de Salisbury ou Gladstone. Era um detalhe que tornava sua amizade muito benéfica.

— O mistério de Pegram deixou até Gregory, da Scotland Yard, desnorteado.

— Ah, imagino… — replicou meu amigo com toda calma. — Qualquer movimento contínuo ou a quadratura do círculo deixariam Gregory desnorteado.

É uma criança, esse Gregory…

Isso era algo de que sempre gostei em Kombs. Ele não sentia aquela inveja profissional que caracteriza tantos outros homens.

Encheu o cachimbo, afundou na poltrona confortável, pôs os pés no console da lareira e as mãos entrelaçadas na nuca.

— Fale-me sobre o caso. — Foi tudo que disse.

— O velho Barrie Kipson — principiei — era um corretor de ações que trabalhava na City. Morava em Pegram e tinha o costume de…

— Entre! — gritou Kombs, sem mudar de posição, mas com uma presteza que chegou a me assustar. Eu não tinha ouvido nenhuma batida. — Desculpe — disse ele, rindo —, minha reação foi um pouco prematura. Eu estava tão interessado no seu relato que falei antes de pensar, o que um detetive jamais deve fazer. Acontece que, em alguns instantes, vai chegar um sujeito aqui que vai me contar tudo sobre esse crime, portanto posso poupá-lo de gastar suas energias com isso.

— Ah, você tinha marcado com alguém. Neste caso, não quero atrapalhar — falei, me levantando.

— Sente-se. Não marquei com ninguém. Antes de mandá-lo entrar, eu nem sabia que estava vindo.

Eu o fitei, perplexo. Por mais habituado que estivesse com seus talentos extraordinários, aquele homem era, para mim, uma perpétua surpresa. Kombs continuou fumando tranquilamente, mas era óbvio que tinha gostado de me ver perturbado.

— Vejo que ficou surpreso. Mas nada poderia ser mais simples de explicar. Daqui onde estou, diante do espelho, vejo o reflexo de objetos na rua. Um homem parou, olhou para um dos meus cartões de visita e, depois, para o outro lado da rua. Reconheci meu cartão, porque, como você bem sabe, eles têm um

tom vermelho-vivo. Se, como você disse, em Londres não se fala de outra coisa,

é fácil deduzir que *ele* vá tocar nesse assunto e, provavelmente, quer contratar meus serviços. Qualquer um pode perceber isso. Além do mais, sempre existe…

Pode entrar!

Desta vez, deu para ouvir um ruído na porta.

Um estranho entrou. Sherlaw Kombs não abandonou sua posição relaxada.

— Eu gostaria de ver o sr. Kombs, o detetive — disse o homem já no campo

de visão do fumante.

— Este é o sr. Kombs — falei, uma vez que meu amigo continuava fumando tranquilamente e até parecia cochilar.

— Permita-me que eu me apresente — prosseguiu o estranho remexendo nos

bolsos em busca de um cartão de visita.

— Não é necessário. O senhor é jornalista — disse Kombs.

— Ah! — exclamou o outro, surpreso —, quer dizer que o senhor me

conhece?

— Nunca vi nem ouvi falar do senhor.

— Então como pode…

— Nada mais simples. O senhor trabalha para um jornal vespertino. Escreveu

uma matéria criticando o livro de um amigo. Ele se ofendeu e o senhor lhe prestou toda solidariedade. Seu amigo nunca saberá quem o apunhalou, a menos

que eu lhe conte.

— Que diabo! — bradou o jornalista, desabando numa cadeira, com o rosto lívido, e pegando um lenço para enxugar a testa.

— Exatamente — retrucou Kombs. — É o que eu diria diante de uma atitude tão vergonhosa. Mas o que fazer, como dizemos em francês…

Depois de recuperar o fôlego e se recompor até certo ponto, o visitante perguntou:

— O senhor se importaria de me dizer como nota esses detalhes em alguém que nunca viu na vida?

— Raramente faço isso — replicou Kombs, com toda compostura. — Mas, como cultivar o hábito da observação pode ser útil na profissão, e, embora esta seja uma possibilidade remota, possa até me beneficiar tornando seu jornal menos enfadonho, vou lhe dizer: seu polegar e seu indicador estão sujos de tinta, o que mostra que o senhor escreve muito. Essa categoria dos que escrevem muito se divide em duas subcategorias: a dos escriturários ou contadores, e a dos jornalistas. Os primeiros precisam fazer um trabalho muito limpo e, neste caso, pouca tinta se espalha. Seus dedos estão muito manchados e de um jeito bastante descuidado, portanto o senhor é jornalista. Está trazendo no bolso um jornal vespertino. Ninguém deveria carregar nenhum desses periódicos, mas o seu é uma edição especial que só deve ir para as ruas daqui a meia hora. Então, deve ter pegado antes de sair da redação e, para fazer isso, só pode ser um dos funcionários de lá. Uma resenha de livro está assinalada com lápis azul. Um jornalista sempre despreza qualquer artigo do seu jornal que ele não tenha escrito, portanto o senhor escreveu o artigo assinalado e, sem dúvida, está prestes a enviá-lo ao autor do livro a que se refere. Uma das especialidades do seu jornal é depreciar os livros que não são de autoria de um dos membros da redação. O fato de esse autor ser seu amigo foi mera suposição. Como vê, trata-se de um exemplo banal de observação comum…

— De fato, sr. Kombs, o senhor é o homem mais fabuloso do mundo. Sem

dúvida, está no mesmo nível de Gregory… Ah, se está!

Uma ruga profunda surgiu na testa do meu amigo. Ele pôs o cachimbo na mesinha ao lado e pegou a pistola de seis tiros.

— Está pretendendo me insultar, senhor?

— Não, não… Garanto-lhe que não. O senhor poderia assumir a Scotland Yard amanhã mesmo… Estou sendo sincero. De verdade, senhor.

— Então, que Deus o ajude — bradou Kombs erguendo ostensivamente a arma.

— Não atire! — gritei. — Vai estragar o tapete. Além disso, Sherlaw, não percebe que o cavalheiro tem a melhor das intenções? Ele acredita efetivamente que está lhe fazendo um elogio.

— Talvez você tenha razão — replicou o detetive, largando a pistola ao lado do cachimbo, para grande alívio do terceiro indivíduo ali presente. Então, virando-se para este, disse, com a serenidade e a cortesia habituais: — Creio que disse que queria me ver. O que posso fazer, sr. Wilber Scribbings?

O jornalista se sobressaltou.

— Como sabe meu nome? — perguntou quase sem fôlego.

Kombs fez um gesto impaciente com a mão.

— Olhe dentro do seu chapéu se é que tem dúvidas quanto ao próprio nome.

Então percebi que dava para ver perfeitamente o nome Scribbings no chapéu que ele segurava nas mãos com a parte interna virada para a frente.

— Certamente já ouviu falar sobre o mistério de Pegram…

— Ora! — exclamou o detetive — Por favor, não chame esse caso de

mistério. Isso não existe. A vida seria muito mais tolerável se *houvesse* algum mistério. Nada é original. Tudo já foi feito. O que me diz sobre o caso Pegram?

— O… hã… caso Pegram tem deixado todo mundo desconcertado. O *Evening*

Blade gostaria que o senhor investigasse para que o jornal pudesse publicar o resultado. O pagamento vai ser bom. O senhor aceita a proposta?

— Possivelmente. Fale sobre o caso.

— Achei que todos conhecessem os detalhes. O sr. Barrie Kipson morava em

Pegram. Carregava um bilhete especial de primeira classe entre o terminal e a estação. Como de costume, voltava toda tarde para Pegram no trem das cinco e

meia. Algumas semanas atrás, o sr. Kipson pegou uma gripe forte. Na sua primeira visita à City depois de recuperado, sacou cerca de trezentas libras e saiu do escritório na hora de sempre para pegar o trem das cinco e meia. Nunca mais

foi visto com vida, pelo que se sabe. Foi encontrado em Brewster, num

compartimento de primeira classe do Scotch Express, que não faz nenhuma

parada entre Londres e Brewster. Tinha uma bala na cabeça e o dinheiro havia desaparecido, indicando claramente um caso de roubo e assassinato.

— E, se é que posso perguntar, onde está o mistério?

— Existe muita coisa inexplicável nessa história. Em primeiro lugar, por que

ele estava no Scotch Express que sai às seis horas e não para em Pegram? Em segundo lugar, os funcionários encarregados de verificar as passagens o teriam impedido de embarcar quando ele mostrasse seu bilhete especial, e todos os bilhetes vendidos para o Scotch Express no dia 21 foram examinados. Em

terceiro lugar, como o assassino escapou? Em quarto lugar, os passageiros dos dois compartimentos contíguos ao que o corpo foi encontrado não ouviram

qualquer movimentação ou tiro disparado.

— Tem certeza de que o Scotch Express do dia 21 não parou em lugar nenhum entre Londres e Brewster?

— Agora que o senhor mencionou, na verdade parou, sim. Foi parado por um sinal nos arredores de Pegram. A parada durou só alguns minutos e, depois, quando a linha foi declarada desimpedida, prosseguiu viagem. Isso acontece com frequência, por causa do cruzamento que existe logo depois de Pegram.

O sr. Sherlaw Kombs ficou refletindo por uns instantes, fumando o cachimbo em silêncio.

— Suponho que queiram a solução a tempo para a edição de amanhã?

— Ó céus, não! O editor acha que, se o senhor tiver uma teoria em um mês, está perfeito.

— Meu caro senhor, não lido com teorias, mas com fatos. Se lhe for conveniente, passe aqui amanhã às oito. Poderei, então, lhe dar todos os detalhes necessários para a primeira edição. Não faz sentido perder tanto tempo com algo tão simples como esse caso Pegram. Boa tarde, senhor.

O sr. Scribbings ficou perplexo demais para responder ao cumprimento. Saiu sem falar absolutamente nada e o vi andar pela rua ainda com o chapéu na mão.

Sherlaw Kombs voltou à sua posição relaxada, com as mãos entrelaçadas na nuca. No começo, a fumaça saía dos seus lábios em baforadas rápidas, mas, depois, os intervalos ficaram mais espaçados. Notei que ele estava chegando a alguma conclusão, portanto não falei nada.

Por fim, ele falou daquele seu jeito totalmente sonhador.

— Não quero dar a impressão de estar apressando as coisas, Whatson, mas vou embarcar hoje à noite no Scotch Express. Você se importaria de me

acompanhar?

— Pelo amor de Deus! — exclamei, olhando para o relógio. — Não vai dar

tempo! Já passa das cinco!

— Temos muito tempo, Whatson… Muito tempo — murmurou ele, sem se

alterar. — Vou levar um minuto e meio para tirar os chinelos e o robe de chambre, calçar as botas e vestir um casaco; três segundos para pôr o chapéu; 25

segundos para chegar à rua; 42 segundos para conseguir um cabriolé e, depois,

estarei na estação sete minutos antes da partida do trem. Adoraria que viesse comigo.

Eu estava feliz da vida por ter o privilégio de acompanhá-lo. Era

interessantíssimo observar o funcionamento de uma mente tão inescrutável.

Enquanto andávamos sob o imponente teto metálico da estação, percebi sua

expressão aborrecida.

— Chegamos quinze segundos antes — disse ele, olhando para o relógio da estação. — Não gosto quando acontecem esses erros de cálculo…

— O grande trem estava parado ali, pronto para sua longa viagem. O detetive

deu um tapinha no ombro de um dos guardas.

— Suponho que tenha ouvido falar do tal mistério Pegram?

— Claro, senhor. Aconteceu exatamente neste trem.

— É mesmo? E o vagão do caso continua existindo?

— Bom, continua, sim — respondeu o guarda, baixando a voz —, mas é claro

que temos que ser muito discretos a esse respeito, senhor. Caso contrário, as pessoas não iam querer viajar nele.

— Sem dúvida. Por acaso sabe se há alguém no compartimento onde o corpo

foi encontrado?

— Uma senhora e um cavalheiro, senhor. Eu mesmo os levei até lá.

— Poderia me fazer um favor? — perguntou o detetive, enfiando

disfarçadamente meio soberano na mão do guarda. — Pode ir até a janela e dizer

aos dois, com discrição, como quem não quer nada, que a tragédia aconteceu naquele compartimento?

— Claro que sim, senhor.

Seguimos o guarda e, no momento em que ele fez a revelação, ouviu-se um grito contido vindo do vagão. De imediato, uma senhora saiu, e um cavalheiro veio atrás com o rosto bastante corado e olhou para o funcionário com um ar de

repreensão. Entramos no compartimento já vazio e Kombs disse:

— Adoraríamos ficar sozinhos aqui até chegamos a Brewster.

— Vou tomar as providências necessárias, senhor — respondeu o guarda,

fechando a porta.

Assim que o funcionário saiu, perguntei ao meu amigo o que ele esperava encontrar naquele vagão que pudesse lançar alguma luz sobre o caso.

— Nada. — Foi a resposta que ele me deu.

— Então, por que veio até aqui?

— Simplesmente para corroborar as conclusões a que já cheguei.

— E posso saber quais são essas conclusões?

— Claro — respondeu o detetive com um cansaço na voz. — Peço-lhe que preste atenção, antes de mais nada, ao fato de que este trem fica parado entre duas plataformas e, portanto, é possível embarcar nele por ambos os lados. Qualquer pessoa que frequente esta estação há anos saberia disso. O que mostra como o sr. Kipson entrou no trem imediatamente antes da sua partida.

— Mas a porta deste lado fica trancada — objetei, tentando abri-la.

— Claro. Mas cada portador de bilhete especial tem uma chave. Isso explica o fato de o guarda não o ter notado e também a ausência de passagem. Agora, deixe que eu lhe dê algumas explicações sobre a forte gripe. A temperatura do paciente sobe vários graus acima do normal e ele tem febre. Quando a doença passa, a temperatura cai três quartos de grau abaixo do normal. Esses dados não lhe devem ser desconhecidos, imagino, já que você é médico.

Admiti que era verdade.

— Bom, a consequência de tal queda da temperatura é que a mente convalescente começa a ter ideias suicidas. É neste momento que os amigos devem lhe dedicar todos os cuidados possíveis. Mas foi nesse instante que os amigos do sr. Barrie Kipson *não* lhe deram a devida atenção. Certamente se lembra do dia 21, não? Foi um dia muito deprimente. Havia neblina por todo lado e o chão estava coberto de lama. Pois bem, ele decide se matar. Quer evitar que o identifiquem, se possível, mas se esquece do bilhete especial. Minha experiência me diz que um indivíduo prestes a cometer um crime sempre se esquece de alguma coisa.

— Mas como explicaria o desaparecimento do dinheiro?

— O dinheiro não tem nada a ver com a história. Se fosse um homem sensato, e conhecesse a estupidez da Scotland Yard, provavelmente teria enviado aquelas notas a um inimigo. Se não, elas devem ter sido entregues a um amigo. Nada

pode ser mais propício para preparar a mente para a autodestruição do que a perspectiva de passar a noite viajando no Scotch Express, e a vista das janelas do trem quando ele atravessa a zona norte de Londres é particularmente convidativa para pensamentos de aniquilação.

— O que foi feito da arma?

— É justamente quanto a este elemento que preciso confirmar algumas suposições. Com licença.

O sr. Sherlaw Kombs baixou a janela do lado direito e examinou minuciosamente as bordas com o auxílio de uma lupa. De repente, suspirou de alívio e voltou a erguer a vidraça.

— Exatamente como eu esperava — disse ele, se dirigindo mais a si mesmo do que a mim. — Há um ligeiro amassado na parte superior da moldura da janela. E é de tal natureza que só pode ter sido feito pelo gatilho de uma pistola caindo das mãos quase inertes de um suicida. Ele pretendia jogar a arma pela janela, mas não teve forças para isso. Ela poderia ter caído aqui dentro. Aliás, acredito que tenha batido nos trilhos e deve estar no mato, a pouco menos de três metros e meio do trilho externo. As únicas dúvidas que sobram são: onde o ato foi cometido e a exata posição da arma calculada em quilômetros a partir de Londres. Por sorte, isso é tão simples que nem precisa de explicações.

— Meu Deus, Sherlaw! — exclamei. — Como pode dizer que isso é simples? Para mim, parece algo impossível de ser calculado.

A essa altura, estávamos passando pela zona norte de Londres e o grande detetive se recostou no assento, fechando os olhos, dando uma nítida demonstração de *ennui*. Por fim, falou, cansado:

— É efetivamente elementar demais, Whatson, mas estou sempre disposto a satisfazer um amigo. Decerto vou ficar aliviado quando você for capaz de decifrar sozinho o ABC da investigação, muito embora eu nunca vá me negar a lhe ajudar com as palavras de mais de três sílabas. Tendo tomado a decisão de cometer suicídio, Kipson naturalmente pretendia fazê-lo antes de chegar a Brewster, porque lá as passagens voltam a ser controladas. Quando o trem começou a parar por causa do sinal próximo a Pegram, ele chegou à falsa conclusão de que estavam parando em Brewster. O fato de o tiro não ter sido ouvido é explicado por conta do ruído estridente dos freios a ar somado ao próprio barulho do trem. É provável que o apito também estivesse soando naquele momento. Sendo um trem veloz, deve parar o mais perto possível do sinal. O freio a ar garante a parada de um trem a uma distância de duas vezes o seu tamanho. Neste caso, digamos três. Pois bem. A três vezes o tamanho deste trem a partir dos postes de sinalização desde Londres, deduzindo-se metade do comprimento da extensão, já que este vagão está no meio, você vai encontrar a pistola.

— Que maravilha! — exclamei.

— Pura banalidade — murmurou ele.

Nesse instante, o apito soou estridente e sentimos o atrito dos freios a ar.

— Mais uma vez, o sinal de Pegram — afirmou Kombs, quase entusiasmado.

— Isso é que é sorte! Vamos descer aqui, Whatson, e pôr essa história à prova.

Quando o trem parou, descemos pelo lado direito dos trilhos. A locomotiva ficou bufando, impaciente, sob a luz vermelha que se tornou verde na hora em que olhei. À medida que o trem voltou a se mover, numa velocidade cada vez maior, o detetive contou os vagões e anotou a quantidade. Já estava tudo escuro, e a fina linha da lua no seu quarto crescente pendendo do céu a oeste lançava

uma estranha luz mortiça sobre os metais reluzentes. As lanternas traseiras do

trem desapareceram numa curva e o sinal ficou vermelho novamente. A magia negra da solidão noturna naquele lugar estranho me deixou bastante

impressionado, mas o detetive era um homem prático. Encostou as costas no poste do sinal e saiu andando pela via férrea, contando cada passo. Fui andando

ao seu lado sem dizer nada. Por fim, ele parou e tirou uma trena do bolso.

Desenrolou-a para atingir três metros e meio, olhando os números sob a luz clara

da lua. Entregando-me uma das pontas, apoiou as juntas dos dedos nas barras metálicas e, com um gesto, me mandou descer pelo declive. Fui esticando a trena

e, então, enfiei a mão na grama úmida para marcar o ponto certo.

— Meu Deus! — gritei, horrorizado. — O que é isso?

— É a pistola — respondeu Kombs baixinho.

E era mesmo.

A imprensa londrina não vai se esquecer tão cedo do alvoroço provocado pelo registro das investigações de Sherlaw Kombs que o *Evening Blade* publicou na íntegra no dia seguinte. E a minha história terminaria aqui. Quem dera… Num ato de desdém, Kombs entregou a pistola à Scotland Yard. Os policiais

intrometidos agiram, tenho certeza, por inveja e encontraram na arma o nome do vendedor. Trataram de investigar. O vendedor testemunhou que, pelo que sabia, aquela pistola nunca estivera nas mãos do sr. Kipson. Tinha sido vendida a um criminoso que há tempos vinha sendo procurado pela polícia. O sujeito foi preso e testemunharia para a Coroa na esperança de que conseguissem enforcar seu cúmplice. Ao que parece, o sr. Kipson, que era um homem sisudo, taciturno e normalmente voltava para casa sozinho num vagão, fugindo dos olhares alheios, havia sido assassinado no caminho para a sua casa. Depois de roubá-lo, os malfeitores começaram a pensar em como se livrar do corpo, questão que sempre ocupa a mente dos melhores criminosos depois que o crime já foi cometido. Concordaram em deixá-lo na linha do trem para ser mutilado pelo Scotch Express que passaria por lá em pouco tempo. Antes que tivessem conseguido subir o aclive para colocar o corpo, o trem veio e parou. O guarda desceu e foi até o outro lado para falar com o maquinista. Logo os assassinos tiveram a ideia de deixar o corpo num vagão vazio da primeira classe. Abriram a porta com a chave do morto. Supõe-se que a pistola tenha caído quando eles estavam içando o corpo para dentro do vagão.

O estratagema da testemunha não funcionou e, num gesto ignóbil e insultante, a Scotland Yard enviou ao meu amigo Sherlaw Kombs um convite para assistir ao enforcamento de ambos os bandidos.

Sherlock Holmes vs. Conan Doyle

ANÔNIMO

As narrativas de Sherlock Holmes publicadas na revista *Strand*, entre 1891 e 1892, foram um sucesso nacional, portanto não foi surpresa alguma quando as doze primeiras foram reunidas e publicadas com o título *As aventuras de*

Sherlock Holmes e o livro logo se tornou um best-seller. A primeira tiragem de dez mil exemplares saiu em 14 de outubro de 1892, mas a procura foi tanta que

logo fizeram uma segunda e uma terceira tiragens. A obra nunca saiu do

catálogo, seja na Grã-Bretanha ou nos Estados Unidos (onde saiu do prelo um dia depois do lançamento da edição britânica).

Com uma velocidade espantosa, a paródia escrita por um jornalista anônimo apareceu na edição de 29 de outubro de 1892 da revista londrina *The National Observer*. Esse periódico, que iniciou a sua vida como *Scots Observer*, acabou sendo transferido de Edimburgo (por coincidência, a terra natal de Arthur Conan

Doyle) para Londres em 1889, e a partir de então recebeu o novo título de *National Observer*. Um dos editores era o célebre poeta William Ernest Henley.

Entre os autores por eles publicados estavam Rudyard Kipling, George Bernard

Shaw, Thomas Hardy, James M. Barrie, H.G. Wells e o desconhecido humorista

que publicou anonimamente “Sherlock Holmes vs. Conan Doyle”.

Neste breve episódio, uma das primeiríssimas paródias de Sherlock Holmes

de que se tem notícia, o detetive diz o que pensa sobre o homem que parece entender tudo errado quando registra suas aventuras: Arthur Conan Doyle.

SHERLOCK HOLMES VS.

CONAN DOYLE

Anônimo

Diante da recente publicação dos mais célebres casos do sr. Sherlock Holmes

(como escreve o nosso redator), fui procurar o famoso detetive científico buscando elucidar, se possível, alguns dos mais conturbados e eletrizantes episódios presentes entre as suas aventuras.

Encontrei o renomado investigador, cuja fama já se espalhou pela Europa,

sentando diante de uma lareira confortável nos seus aposentos mobiliados de forma aconchegante na Baker Street. Ele estava com o queixo inclinado na direção do peito, e seus olhos de lince estavam fixos no teto com aquela expressão de águia com a qual seus retratos já nos familiarizaram.

— Boa noite — disse ele quando entrei, mas não virou a cabeça nem desviou

o olhar. — Não poderia ter chegado em melhor hora. Eu estava indo me deitar.

Deseja me entrevistar — acrescentou e seus olhos me atravessaram de um lado a

outro, literalmente.

— O senhor usa cartola aos domingos, gosta de torta de creme, o sr. William

Watson é seu autor favorito e há dezessete anos e seis meses um primo seu faleceu.

— É verdade, sr. Holmes — balbuciei, totalmente atônito. — A mais absoluta

verdade, mas como é possível…

— Muito simples — disse ele, sorrindo. — Além do mais, isso me salva do *ennui*. Isso e a cocaína. A vida, meu caro senhor (aliás, seu nome começa com a letra D, como vejo pelo seu lenço), só é interessante porque é misteriosa. As coisas comuns são simplesmente as que não são notáveis, e, se pudesse abrir

todas as janelas e percorrer esta vasta cidade, descobriria estranhos segredos.

Creio que não sou capaz de persuadi-lo da importância do improvável —

acrescentou ele em tom pensativo.

— Vim até aqui, sr. Holmes… — comecei, depressa, pois, graças ao relato do

dr. Conan Doyle sobre o seu fraco por esse tipo de reflexão, eu temia ser arrastado para coisas que estariam além das minhas possibilidades — Vim até aqui para lhe fazer algumas perguntas sobre o livro…

— Está se referindo — interrompeu ele — ao meu tratado sobre as 742

maneiras de dizer a palavra “maldição!”.

— Não. Estou me referindo à coletânea das suas aventuras publicada pelo dr. Doyle.

— Já ouvi falar do sujeito — disse o sr. Holmes. — Faz parte do meu trabalho descobrir as coisas sobre todo tipo de gente. Mas não o conheço pessoalmente. Se olhar no meu catálogo, sob a rubrica “Plagiários”…

— Mas — objetei —, o dr. Doyle é um romancista.

— Sem dúvida, mas também é um plagiário. E da pior espécie, considerando-se que rouba da vida. Por estranho que pareça, já que não há nenhum concerto clássico esta noite, eu estava justamente começando a folhear o livro ao que o senhor se refere.

Fez um gesto em direção à mesa e voltou a se recostar na poltrona, rindo baixinho. Quando o vi juntar as pontas dos dedos das mãos e, fechando os olhos, exibir uma expressão de cansaço, imaginei o que viria pela frente. Tratei então de aproveitar a oportunidade e peguei meu caderno de anotações.

— Talvez seja até bom, meu bom homem — prosseguiu ele —, que as pessoas não se atenham à verdade; caso contrário, meu trabalho, que também é uma forma divertida de passar o tempo, não existiria. Este sujeito, um completo estranho para mim, escreveu um livro que pretende ser o relato das minhas aventuras. Na verdade, trata-se apenas de uma versão distorcida de alguns incidentes ínfimos que ocorreram durante a minha carreira profissional. Mas onde e como ele teve acesso a essas informações é algo que desconheço, embora já tenha chegado a uma conclusão.

“Percebe-se que Watson nunca conseguiria ficar de bico calado e ele era o indivíduo mais lerdo que já vi, como deve ter notado. Se um homem estivesse usando um casaco impermeável, ele perguntaria como eu sabia que não havia

respingos nele. E, além disso, a Scotland Yard sempre teve inveja me mim. É

possível que eles tenham me entregado.

“Mas, seja como for, isso não tem a menor importância. Aliás, o dr. Doyle, pelo que posso afirmar, também escreveu outros oito livros e aquele ali saiu originalmente sob a forma de folhetim numa revista por doze meses. Não é

mesmo?”

— Certo, mas como…

— Trata-se simplesmente da faculdade da observação — replicou ele. — Ao

examinar o livro, descobri isto. Também ficou óbvio que ele é um homem de poucos escrúpulos e não tem nenhum respeito pela verdade. É um indivíduo injusto, empenhado, como todos da sua classe, em fazer “cópias” sempre que der.

“Fui grosseiramente desvirtuado por ele. Acredita mesmo que eu tenha

cometido aquela gafe em ‘Um escândalo na Boêmia’? Imagina que eu tenha

participado tão pouco em ‘O polegar do engenheiro’ ou em ‘As faias acobreadas’

como ele quer que acreditem? E supõe que eu tenha intervindo da forma tão ineficaz que ele apresenta em ‘As cinco sementes de laranja’?”

— Na sua opinião, qual teria sido o objetivo dele, sr. Holmes?

O famoso detetive me encarou.

— Lucro — respondeu simplesmente.

Cheguei a me assustar.

— É — prosseguiu ele. — Tudo fica muito claro quando se descobre a

explicação. Como pode ver, o livro é grande e sua edição deve ter sido cara; além do mais, foi publicado por uma editora que atinge milhões. Fica evidente,

portanto, que já se previa um grande número de vendas. Por quê? Ora, supostamente, o livro contém um elemento popular e esse elemento popular sou eu.

“O que se deduz, portanto, é que esse tal de dr. Doyle deve ter ouvido falar de mim através de Watson ou da polícia. Logo percebeu que eu me encaixava no seu jogo (ou seja: dinheiro) e, depois de inventar histórias falsas a meu respeito, entregou-as a um editor igualmente inescrupuloso. Com meu nome e um relato bastante acurado dos meus casos interessantes, como ‘O carbúnculo azul’ ou ‘A banda malhada’, ele começou bem e, depois disso, qualquer outra coisa venderia também, mesmo banalidades como ‘O polegar do engenheiro’ ou ‘O nobre solteirão’. Trata-se de um caso de degeneração moral.”

— O que mais sabe sobre o dr. Doyle? — perguntei.

— É evidente que ele fuma, pois um fumante sempre atribui seu vício detestável ao seu herói. Não preciso nem dizer que nunca toquei em tabaco. É evidente também que ele não é abstêmio.

— Só mais uma pergunta e terminamos. O senhor sabe me dizer se o dr. Doyle é jovem ou velho?

O sr. Holmes se levantou e se aprumou.

— Basta eu lhe mostrar a cor do livro.

A pluma do duque

R.C. LEHMANN

(sob o pseudônimo de Cunnin Toil)

A vida plena e diversificada de Rudolph Chambers Lehmann (1856-1929) incluiu inúmeras carreiras diferentes. Ele participou da Regata Real de Henley por doze anos consecutivos (1877-1888) e chegou em último lugar em todas. Apesar disto, porém, escreveu *The Complete Oarsman* (1908), livro que, por muitos anos, foi a referência para os remadores, e trabalhou como treinador em Oxford, Cambridge, Trinity (Dublin) e Harvard.

Lehmann era advogado e foi *high sheriff*, o oficial legal responsável pelo condado de Buckinghamshire, onde sua família tinha uma propriedade grande o bastante para receber um nome: Fieldhead. Além disso, também foi eleito para o Parlamento para um mandato de quatro anos (1906-1910) como membro do Partido Liberal. Mas é na área da literatura que ele é mais lembrado atualmente.

Ainda estudante de graduação na Universidade de Cambridge, foi um dos fundadores da *Granta*, revista que surgiu em 1889 e continua existindo até hoje.

Por trinta anos, colaborou regularmente com a revista de humor britânica *Punch*, publicando poemas, paródias e esquetes e logo integrando seu conselho editorial.

As histórias de Picklock Holes, primeira série de paródias de Sherlock Holmes, foram publicadas de agosto a novembro de 1894 e reunidas em livro em 1901, com o título *The Adventures of Picklock Holes*. Existem ainda outras coletâneas de suas contribuições para a *Punch*, que são *A Spark Divine: A Book for Animal-Lovers* (1913) e *The Vagabond and Other Poems from Punch* (1918).

“A pluma do duque” foi inicialmente publicada na edição de 19 de agosto de 1893 dessa revista de humor. Mais tarde, e, desta vez, assinada com o nome do autor, foi parar no livro *The Adventures of Picklock Holes* (Londres: Bradbury, Agnew, 1901).

A PLUMA DO DUQUE

R.C. Lehmann

Haviam-se passado dois meses sem que eu tivesse notícias de Holes. Eu sabia que ele havia sido chamado a Irkutsk pelo czar da Rússia a fim de colaborar com a investigação do extraordinário roubo de uma das minas de prata do governo que certa noite desaparecera completa e misteriosamente. Todos os melhores cérebros da terrível polícia secreta, a terceira seção do governo do Império Russo, haviam se exaurido em vão tentando esclarecer esse mistério insondável.

Seu fracasso provocou uma perigosa comoção nos domínios do czar; surgiram rumores de um vasto complô niilista que estaria prestes a abalar os alicerces da autocracia. Então, como último recurso, o monarca, que havia sido apresentado a Holes por Olga Fiaskoffskaia, a célebre agente secreta russa na corte de Lisboa, apelou para o famoso detetive, lhe pedindo que prestasse seu auxílio na solução de um crime que estava começando a tornar o grande czar branco motivo de piada em todos os bazares da Ásia Central. Holes, cuja mente brilhante andava meio ociosa nos últimos tempos, logo concordou em ajudar e a última vez que o vi foi dois meses antes do momento em que se inicia esta história, quando fui me despedir dele na estação de Charing Cross.

Já eu estava passando uma semana numa fazenda situada nos arredores do vilarejo de Blobley-in-the-Marsh. A cerca de quatro quilômetros dos portões da fazenda ficava Fourcastle Towers, a mansão ancestral do contra-almirante, duque de Dumpshire, o maior e mais estranho proprietário de terras da região. Eu conhecia superficialmente Sua Graça, a quem fui atender, quando ainda era aspirante, por ter pegado escarlatina. Desde então, voltei a vê-lo pouquíssimas vezes e, para falar a verdade, não fiz grandes esforços para conhecê-lo melhor. O

duque, um dos mais arrogantes membros da aristocracia de sangue azul, estivera em praticamente todas as partes habitáveis do planeta no cumprimento das suas funções navais; eu prossegui com meus estudos de medicina e, a não ser pela visita bianual exigida pela etiqueta, praticamente não o via. Minha temporada na fazenda era um período de descanso. Andei trabalhando muito, e o velho ferimento causado por um sabre, minha única lembrança da campanha no Afeganistão, vinha me incomodando e fiquei feliz por poder deixar de lado todas as preocupações e o jaleco médico para descansar por uma semana no ambiente rústico e simples da fazenda Wurzelby.

Certa noite, dois dias depois de ter chegado, eu estava sentado na cozinha, perto do fogo, fumando. Para ficar mais confortável, havia colocado minha velha jaqueta militar. O vento do inverno soprava lá fora, mas, a não ser por isso, o único ruído que podia perturbar minha meditação era o tique-taque do relógio da cozinha. Eu estava pensando numa forma de começar o artigo sobre medicina moderna que ia escrever para a *Fortnightly Review*, quando uma ligeira tosse na altura do meu cotovelo fez com que eu me virasse. Ao meu lado, estava Picklock Holes, envolto numa daquelas peles pesadas usadas pelos mujiques. Foi ele quem rompeu o silêncio:

— Parece surpreso em me ver. Bom, talvez seja natural, mas, na verdade, meu caro amigo, você precisa usar seu tempo para coisas melhores do que tentar adivinhar o número de palavras da matéria principal do *Times* de anteontem.

Eu estava prestes a protestar, mas ele me deteve.

— Sei perfeitamente o que vai dizer, mas é inútil alegar que a vida no campo é monótona e que um homem precisa arranjar um jeito de fazer seu cérebro funcionar. Um trabalho assim é puro devaneio.

Tirou um fiapinho de lã (eu tinha cerzido algumas meias) da perna esquerda da minha calça e o examinou com curiosidade. Minha admiração por aquele

homem não tinha limites…

— Foi assim que descobriu? — perguntei. — Pretende me dizer que só de ver

esse fiapinho de lã na minha calça deduziu que eu estava tentando calcular o número de palavras do editorial do *Times*? Holes, Holes, será que nunca vai parar de me surpreender?

Ele não respondeu, mas exibiu o braço musculoso e injetou ali uma dose bem

forte de morfina com uma seringa delicada de ouro lavrado encimada por um rubi.

— Foi um presente do czar — disse ele, respondendo à pergunta que não

cheguei a formular. — Quando descobri a mina de prata desaparecida a bordo do

iate do grão-duque Ivanoff, Sua Majestade Imperial me ofereceu primeiro o posto de chanceler em suas terras. Porém, me desculpei e lhe pedi esse

brinquedinho. Bah! Os policiais russos são uns trapalhões…

No momento em que ele fez esse comentário, a porta se abriu e o sargento Bluff, da polícia de Dumpshire, entrou depressa.

— Mil perdões, senhor — disse ele, dirigindo-se a mim, visivelmente

perturbado —, mas poderia dar um pulinho aqui fora comigo. Aconteceu algo bem estranho em…

Holes o interrompeu:

— Não diga mais nada. Veio nos falar do terrível incidente de roubo de caça

em Hagley Wood. Estou sabendo de tudo e, apesar de estar cansado, vou ajudá-

los a encontrar os criminosos.

Foi divertido ver a cara do sargento. Costumava ser um homem isento de emoções, mas, quando Holmes lhe disse aquilo, ficou roxo de perplexidade.

— Desculpe-me, senhor — replicou o policial —, não sabia que…

— Meu nome é Holes — declarou o meu amigo com toda calma.

— O quê?! Sr. Picklock Holes? O famoso detetive?

— Exatamente. Ao seu inteiro dispor. Mas estamos perdendo tempo. Vamos logo!

Era uma noite fria e caía uma chuva fina. Enquanto percorríamos a alameda, Holes conseguiu obter do sargento todas as informações que queria sobre a quantidade de faisões existentes na propriedade do duque, o tamanho das suas adegas, a extensão das suas posses e o nome do seu alfaiate em Londres. Bluff recuou um pouco depois do interrogatório e, com uma expressão atônita, sussurrou para mim:

— Que homem maravilhoso, esse tal de sr. Holes! Mas como é que ele sabia de um incidente de roubo de caça? *Eu mesmo não sabia de nada. Vim procurá-lo* para lhe falar do labrador que o senhor perdeu.

— Shhh — repliquei. — Não diga nada. Isso só aborreceria Holes e interferiria nas suas deduções. Ele sabe muito bem o que faz.

O sargento Bluff concordou com um grunhido; pouco depois, passamos diante dos portões de Fourcastle Towers e fomos levados até um grande saguão onde o duque nos esperava.

— A que devo a honra desta visita? — perguntou Sua Graça com toda a

cortesia formal de alguém em cujas veias corre o sangue dos Cruzados. Em seguida, mudando de tom, passou a usar a linguagem feroz dos marinheiros: —

Pelas barbas de Netuno! O que vocês três estão fazendo parados aqui desse jeito? Ora, que diabo, deviam…

Nunca saberemos o que ele ia dizer, pois Holmes se adiantou de repente:

— Cale-se, duque! — disse ele, em tom severo. — Viemos lhe dizer que

houve um terrível incidente de caça: um roubo. O chefe do bando jaz

inconsciente em Hagley Wood. Quer saber quem ele era?

Dizendo isto, ele pôs bem diante dos olhos aterrorizados do duque uma pluma da cauda de um faisão dourado.

— Encontrei isto no bolso do colete dele. — Foi tudo o que disse.

— Meu filho, meu filho! — gritou o nobre desafortunado. — Ah, Alured,

Alured… Tinha que acabar assim!

E desabou no chão, com movimentos convulsivos.

— O conde Mountravers está na encruzilhada de Hagley Wood — prosseguiu

Holes, dirigindo-se ao sargento. — Ele está inconsciente.

O rapaz foi condenado depois do inquérito policial e sentenciado a uma longa

pena na prisão. Seu nobre pai nunca se recuperou de tal desgraça. Como de costume, Holes esclareceu o caso e sua participação nele.

— Encontrei o conde — contou-me mais tarde — no meu trajeto até sua

fazenda. Quando ele ousou duvidar de uma das minhas histórias, eu o derrubei

no chão. O resto foi bem fácil. Larápios? Ó céus, não havia nenhum. Mas é exatamente em casos como este que a engenhosidade entra em ação.

— Holes — falei. — Eu o admiro mais a cada dia.

O signo dos “400”

ROY L. MCCARDELL

Uma continuação de As aventuras de Sherlock Holmes

Roy L. McCardell (1870-1961), que se referia a si mesmo como o “Velho dr.

McCardell”, começou a escrever e a vender suas obras aos doze anos. Foi jornalista, humorista, resenhista e também compôs canções, poesia, esquetes, artigos, a peça de teatro *The Gay Life*, além de milhares de roteiros cinematográficos. *Puck*, a primeira revista humorística a fazer sucesso nos Estados Unidos, publicou seus trabalhos da adolescência. Depois que Arthur Brisbane o recrutou para o *Evening Sun*, ele continuou trabalhando para várias revistas e diversos jornais, inclusive o *New York World*. Durante a vida adulta, integrou a equipe de *Puck* e foi editor de inúmeros periódicos, como o *New Morning Telegraph* e a *Metropolitan Magazine*.

Na década de 1890, propôs a Ballard Smith, do *New York World*, que o jornal publicasse um suplemento semanal em cores aos domingos. Essa ideia logo frutificou sob a forma de *The Yellow Kid*, criado por Richard F. Outcault. O suplemento ficou famoso por ter inspirado o que passou a ser chamado de “jornalismo amarelo”, publicações que usam manchetes ousadas para vender jornais, mas não trazem necessariamente notícias baseadas em fatos confirmados. Porém, *The Yellow Kid* ajudou a aumentar a circulação do *New York World*, que passou de 140.000 para 800.000 exemplares em seis meses.

McCardell geralmente é considerado o primeiro a receber salário de um estúdio cinematográfico. Na virada do século XX, ele foi contratado pela American Mutoscope and Biograph Company para produzir histórias e roteiros

para filmes e escreveu mais de mil scripts, inclusive *A Fool There Was*, de 1915, estrelado por Theda Bara, cujo título em português é *Escravo de uma paixão*.

Sua prolífica carreira de escritor lhe trouxe sucesso em várias frentes,

incluindo prêmios em dinheiro como vencedor de pelo menos duas competições

importantes, recebendo mil dólares por um roteiro que apresentou ao *Morning Telegraph*, e dez mil dólares por *O diamante do céu*, roteiro para um seriado que foi comprado pela American Film Manufacturing Company.

“O signo dos ‘400’: uma continuação de As aventuras de Sherlock Holmes”

por anos foi creditado a R.K. Munkittrick, mas pesquisas recentes descobriram sua verdadeira autoria. O texto foi inicialmente publicado na edição de 24 de outubro de 1894 da revista *Puck*. É a única incursão de McCardell no universo de Holmes e Conan Doyle e, ao que tudo indica, a primeira paródia do detetive

escrita por um norte-americano.

O SIGNO DOS **“**400**”**

Roy L. McCardell

Uma continuação de As aventuras de Sherlock Holmes

Nessa época, Holmes estava reduzindo o uso da cocaína e se injetando

animadamente com morfina a 70%, sua solução favorita. De repente, bateram à

porta. Era a nossa senhoria trazendo um telegrama. Holmes o abriu e o leu sem

lhe dar muita atenção.

— Humm! — exclamou. — O que acha disso, Watson?

Peguei o papel e li: VENHA IMEDIATAMENTE. PRECISAMOS DO

SENHOR. CHINCHBUGGE PLACE 72, S.W.

— Ora, é de Athelney Jones — observei.

— Exatamente — disse Holmes. — Chame um cabriolé.

Em pouco tempo estávamos no referido endereço. O número 72 da Chinchbugge Place era a residência citadina da viúva condessa de Coldslaw. Tratava-se de uma mansão antiquada, um pouco maltratada pelos anos. O velho chapéu enfiado numa falha do lambri de madeira da sala de desenho dava ao lugar um ar de negligência artística espontânea que nós dois percebemos ao mesmo tempo.

Athelney Jones veio nos receber na porta. Seu rosto mostrava perturbação.

— É muito estranho, cavalheiros — disse ele à guisa de saudação. — O boudoir de lady Coldslaw foi arrombado e seus célebres diamantes, roubados.

Sem dizer uma palavra, Holmes pegou sua lupa de bolso e examinou o ambiente.

— A história toda tem um ar de mistério — disse ele, baixinho.

Quando entramos na casa, lady Coldslaw estava absolutamente prostrada e não via ninguém. Fomos direto para a cena do crime. Não havia sinal de algo estranho no boudoir, a não ser as janelas e os móveis quebrados e os quadros retirados das paredes. Pelo visto, o ladrão havia tentado roubar também o papel de parede, mas não conseguiu. Tinha chovido na noite anterior e algumas pegadas enlameadas dirigiam-se à escrivaninha de onde as joias haviam sido roubadas. Por todo aposento, sentia-se um forte cheiro de charuto apagado. Com exceção desses detalhes praticamente imperceptíveis, o ladrão não tinha deixado vestígios da sua presença.

De repente, Sherlock Holmes se ajoelhou para examinar as pegadas com um

estetoscópio.

— Humm! — exclamou ele. — Então, isso não lhe diz nada, Jones?

— Não, senhor — respondeu o detetive. — Mas espero que diga, pois há uma grande recompensa.

— É tudo muito simples, meu bom amigo — disse Holmes. — O roubo foi cometido às três da manhã de hoje, por um homem baixo, robusto, de meia-idade, oprimido e ligeiramente estrábico. Ele se chama Smythe e mora em Toff Terrace, nº 239.

Jones ficou perplexo.

— O quê? O major Smythe? Um dos homens mais respeitados e ricos da cidade? — questionou.

— Ele mesmo.

Em meia hora, estávamos junto à cama de Smythe. Apesar dos seus protestos, ele foi detido e levado para a prisão.

— Pelo amor de Deus, Holmes! — exclamei quando voltamos para casa. — Como resolveu esse caso com tanta facilidade?

— Ah, foi fácil. Extremamente fácil! — replicou ele. — Assim que entramos no aposento, percebi o cheiro de charuto. Era o cheiro de um cigarro que tinha sido dado a um marido pela esposa. Notei esse detalhe, pois fiz um breve estudo daquele odor. Ninguém além de um homem dominado pela esposa joga fora charutos assim. Depois, pelas pegadas, constatei que o tal indivíduo tivera apendicite. Ora, ninguém tem isso, a não ser os membros dos “400”. Qual deles

é dominado pela esposa e teve apendicite recentemente? O major Smythe, é claro! É um homem de meia-idade, corpulento e um pouco estrábico.

Não me contive e admirei o raciocínio do meu amigo, e lhe disse isso.

— Bom — replicou ele —, tudo é muito simples quando se sabe como fazer.

E, pelo que sabemos, foi assim que terminou o caso do assalto à mansão Coldslaw.

Devo acrescentar, porém, que a notória inveja de Jones o levou a recorrer aos

mais vis estratagemas para desacreditar as descobertas do meu amigo tão

habilidoso. Ele permitiu que o major Smythe apresentasse um álibi incontestável e, depois, cometeu a crueldade de deter um assaltante conhecido acusando-o do

roubo sem qualquer prova e conseguiu sua condenação. Esse assaltante foi pego

tentando penhorar alguns diamantes que *pareciam* fazer parte do conjunto roubado da casa em Chinchbugge Place.

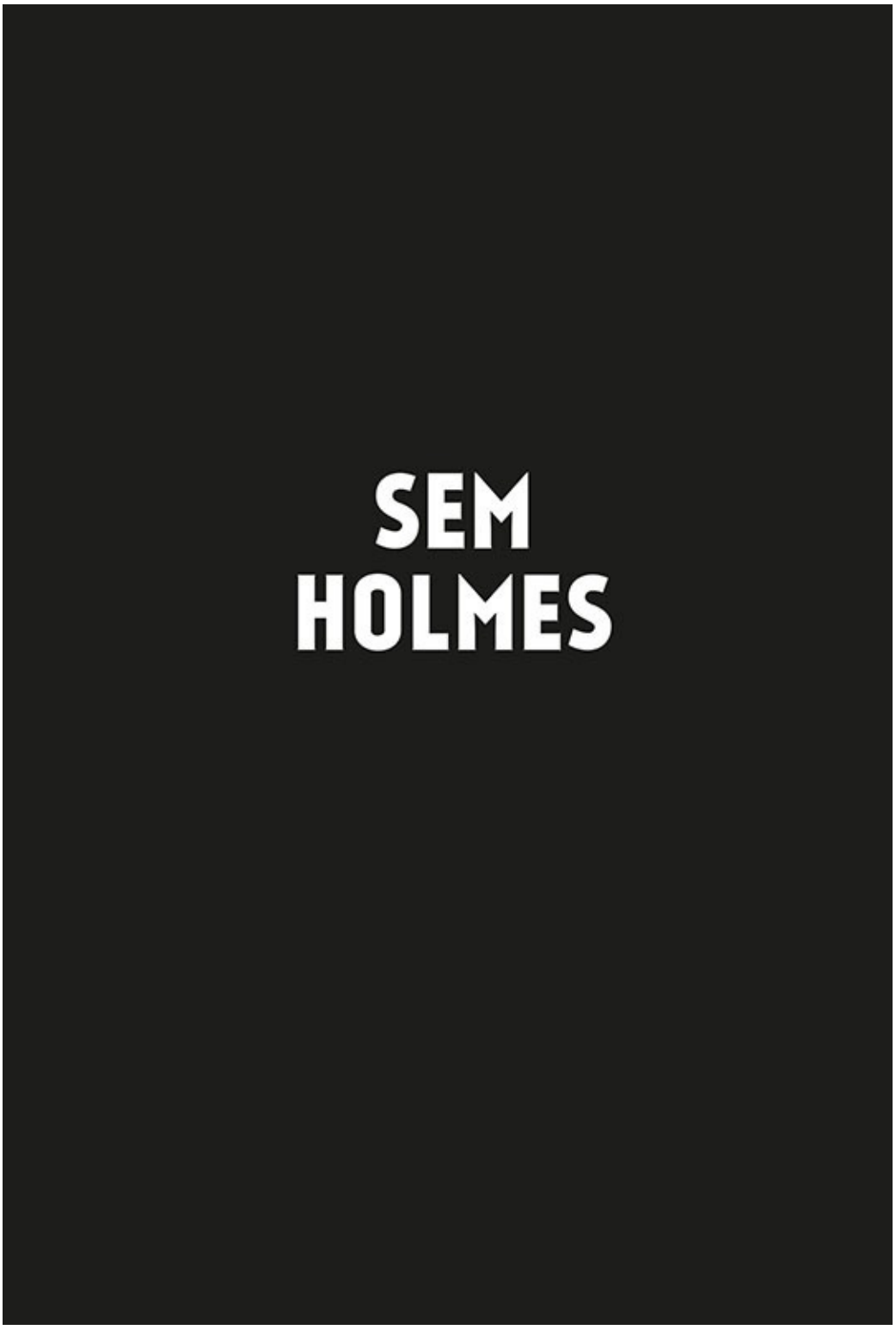
Claro que Jones acabou ficando com todos os louros. Mostrei a Holmes as notícias nos jornais. Ele se limitou a rir e disse:

— Vê como são as coisas, Watson… A Scotland Yard acaba sempre

merecendo a glória.

Ao perceber que ele ia começar a tocar “Sweet Marie” no violino, tratei de me

injetar uma dose de morfina.



Codeína (7%)

CHRISTOPHER MORLEY

Um dos maiores eruditos da história da literatura americana, Christopher

Morley (1890-1957) foi romancista, poeta, contista, jornalista, dramaturgo e crítico literário, e a maioria de suas obras revelava delicadeza de espírito e um arraigado moralismo. No entanto, mais importantes do que qualquer outro

aspecto de seu trabalho foram os livros e a alegria por eles proporcionada.

Morley foi editor das *Familiar Quotations*, de Bartlett, e jurado do Book-of-the-Month Club por quase três décadas.

Seu primeiro romance, *Parnassus on Wheels* (1917), é a delicada história de um vendedor de livros e sua livraria puxada a cavalos com a qual ele viaja por

toda a Nova Inglaterra. Quase uma continuação é *The Haunted Bookshop*

(1919), cuja trama é um pouco mais movimentada e envolve o mesmo gentil e

heroico livreiro e uma tentativa de assassinato do presidente Woodrow Wilson.

Os fãs de Sherlock Holmes estarão para sempre em débito com Morley, em

diversas áreas. Em primeiro lugar, antes da criação do *Baker Street Journal*, o único lar literário dos ensaios e narrativas sherloquianos e outras informações (reais e imaginárias) a respeito de Holmes foi a coluna “The Bowling Green”, assinada por Morley no *New York Evening Post*, no início da década de 1920, e, a partir de 1924, no *The Saturday Review of Literature*.

A editora Doubleday contratou Morley para escrever a introdução da Edição Especial das *Obras completas de Sherlock Holmes* em 1930, ano da morte de Arthur Conan Doyle. “In Memoriam” continua sendo, sem sombra de dúvida, o

maior ensaio jamais escrito a respeito de Holmes e Watson. Alguns anos mais tarde, em 1934, foi ele a força motriz por traz da criação do Baker Street Irregulars, um dos diversos clubes por Morley organizados, dos quais o mais

famoso, por muitos anos, foi o Three Hours for Lunch Club.

“Codeína (7%)” foi originalmente publicado na edição de novembro de 1945

da *Mistério Magazine de Ellery Queen* e, pela primeira vez em livro, no *To the Queen's Taste*, editado por Ellery Queen (Boston, Little, Brown, 1946).

CODEÍNA (7%)

Christopher Morley

Há muito tempo eu não me encontrava com Dove Dulcet, antigo agente literário e detetive amador — não desde que ele fora transferido para o Serviço de Espionagem Naval em 1939. Mas no último inverno o Baker Street Irregulars, aquele famoso clube de admiradores de Sherlock Holmes, convidou-o a participar do seu jantar anual. Dulcet é tímido e teria preferido não discursar, mas é claro que foi chamado a fazê-lo e nos presenteou com um pequeno improviso muito agradável, no qual, supus, as ocupações de Washington lhe tinham dado tempo para pensar.

O que Dulcet fez foi propor um brinde à desconhecida irmã de Sherlock Holmes. Ela seria muito mais moça do que Mycroft ou Sherlock, sugeriu ele. A base de sua alegoria foi a famosa frase de Sherlock para a srta. Hunter quando foi oferecida a ela aquela dúbia colocação como governanta em Copper Beeches.

— Não é um emprego para o qual eu gostaria de ver uma irmã minha se candidatar — disse Sherlock Holmes.

Dulcet afirmou que nenhum homem diria aquilo, a não ser que realmente tivesse uma irmã; e ofereceu engenhosas explicações da razão pela qual Watson nunca a havia mencionado.

Os Irregulars, que àquela altura estavam ficando um pouco barulhentos (era tarde da noite), acusaram Dulcet de "lunático" e caçoaram bastante dele. Há

alguma coisa na aparência inocente de Dove, com seu rosto grande e insípido e a calva de marfim emoldurada por cabelos cor de açafrão, que encoraja zombarias bem-humoradas. Ele foi criticado quanto à suposta ineficiência de nossos Serviços de Espionagem — como o G2, por exemplo, foi pego fazendo a mudança de suas instalações no dia D, com todos os telefones e aparelhos desligados de modo que nem ao menos sabiam o que estava acontecendo. Ele respondeu que talvez aquilo fosse exatamente o que o G2 queria que as pessoas pensassem; talvez tivessem Planejado Daquela Maneira. Sugeriu suavemente (ele fala em voz tão baixa que as pessoas fazem realmente silêncio a fim de ouvi-lo) que, às vezes, o pessoal da Espionagem enxerga muito mais adiante do que imaginamos. Percebi que ele, então, fez uma pausa, como se tivesse algo mais a dizer e mudasse de ideia.

— E agora, senhores — concluiu ele —, vocês vão me perdoar se eu me desculpar e me retirar. Tenho um desses deliciosos quartos *fin-de-siècle* aqui no velho Murray Hill e mal posso esperar para me instalar. Vocês sabem do que estou falando, uma grande cama de bronze, cortinas de renda e uma escrivaninha cor-de-rosa com maravilhosos arabescos.

É claro que isso provocou uma gargalhada da audiência e percebi que, ao se sentar, ele me lançou uma rápida piscadela. Assim, segui-o até seu quarto.

— Foi uma engenhosa conjectura de sua parte — eu disse —, aquilo de Holmes ter uma irmã.

— De modo algum uma conjectura — retrucou ele. — Eu a conheci. Ou melhor, para ser exato, conheço sua filha. Violet Hargreave, ela trabalha para mim.

— Pelos céus! — exclamei. — *Hargreave*? O Departamento de Polícia de Nova York? Como mencionado em *The Dancing Men*?

— É claro! A mãe de Violet se casou com o amigo de Sherlock, Wilson Hargreave. Ela era Sibyl Holmes, uma das Holmes que ficou neste país. Eu não quis citar nomes no seu jantar. No nosso tipo de trabalho, isso não se faz. Quando fui para a Espionagem, levei Violet comigo. Ela é absolutamente indispensável. É excepcionalmente dotada para os idiomas; nós a usamos sobretudo como agente de além-mar.

Se eu tivesse feito mais perguntas, Dove se teria calado; ele sempre afirma que a primeira injeção que se recebe no trabalho para o Governo é uma transfusão de suco de ostra. Mas somos velhos amigos e ele confia em mim. Ele me serviu uma bebida e depois pegou a carteira que estava debaixo do travesseiro.

— Eu tinha isto no bolso, hoje à noite — disse, tirando dali uma carta. — Eu teria adorado comentar a respeito quando um dos seus sócios falou em criptografia, códigos, cifras etc. Os melhores códigos são os mais simples, em nada metódicos, mas baseados em algumas associações absolutamente pessoais. Ela está a salvo em casa, agora, então eu posso lhe mostrar como Violet costumava mandar as coisas de Berlim quando não era fácil. Às vezes, eram só algumas palavras em um postal; os nazistas nunca pareceram suspeitar de coisa tão ingênua quanto essa. Quando precisava dizer mais, ela usava algum papel de carta subtraído do Museu de História Natural para parecer profissional, e acrescentava um novo cabeçalho.

Examinei o papel. No alto da página havia a inscrição Museu Americano de

História Natural e, logo abaixo:

Expedição do Professor Challenger

Ornitologia Oceânica

c/o S.Y. Matilda Briggs

— Ela não podia dizer muita coisa em um postal, não com uma caligrafia como esta — observei, dando uma olhada nas linhas pesadas de tinta.

— Muito diferente da letra pequena e clara do tio.

— Ela tem diversas caligrafias, conforme a ocasião. Vá em frente e leia a carta.

O texto era assim:

Caro amigo:

Tudo muito interessante, e os cientistas alemães muito solícitos. Espero voltar pelo Pacífico, Havaí e ilhas Alleutas, estudando as migrações de gaivotas e albatrozes. Se puder levar Kodiak terei fotos maravilhosas. Albatrozes

(phalacrocorax carbo *, uma espécie de corvo-marinho, perigoso para os guardiães dos faróis) mantêm horários regulares e voam para Midway ou Wake*

em outubro, para as Alleutas em junho. Espero encontrar correspondência em Honolulu antes que você retome os documentos de Conk-Singleton.

Sempre sua,

Violet H. Hargreave

— Ela é realmente ornitóloga, não é? — perguntei.

— Assim acreditou o censor em Berlim, quando deixou passar a carta. Nada

mais lhe chama a atenção?

— Bem, eu não trouxe minhas lentes convexas — respondi. — Há marcas-

d’água secretas no papel? A única coisa que percebo é que com certeza um pesquisador científico deveria saber soletrar corretamente os topônimos. Aleutas não se escreve com um L só?

— Muito bem. Sem dúvida isso faria rir o censor alemão; ele pensaria ser mais um americano ignorante. Você pode ter certeza absoluta de que quaisquer membros da família Holmes conhecem ortografia muito bem. Esse era o nosso código. Sempre que Violet comete um erro de ortografia, eu sei que há um duplo sentido. Então, gaivotas e albatrozes são os japoneses.

— Mas ela é muito boa! E as alusões aos casos de Holmes… Claro que entendi. Cormorant e guardiães de faróis… isso sugere políticos; o conto *A inquilina de rosto coberto*; significa levar este aviso ao governo. Mas, e quanto a Conk-Singleton?

— Você não se lembra do final de *Os seis napoleões*? Holmes diz: antes de se apoderar dos documentos de Conk-Singleton, *guarde a pérola no cofre*. Exatamente o que não fizemos com Pearl Harbor.

— Mas qual é a data desta carta? — questionei, surpreso. — Ora, é primavera de 1941, seis meses antes de Pearl Harbor.

— Eu lhe disse que precisamos trabalhar à frente do tempo — disse Dove. — Violet tinha acabado de receber um aviso, em Berlim, relacionado aos termos secretos da aliança Japão-Alemanha. Hitler disse aos japoneses que estaria em Moscou no Natal e que seria perfeitamente seguro que eles atacassem em dezembro. E você pode conferir aquelas datas das gaivotas, que aliás coincidem com as migrações dos pássaros. Os japoneses desembarcaram em Attu e Kiska em junho, exatamente como ela disse.

— Eu sempre me perguntei o que eles imaginaram poder fazer naqueles rochedos esquecidos por Deus.

— Talvez tenham sido atraídos pelo nome daquele grupo. Nunca o viu no mapa? São as ilhas Rat, ilhas do Rato.

Eu começava a compreender o espírito do código de Baker Street.

— Santo Deus, até o nome do iate, *Matilda Briggs*… em *O vampiro de Sussex*. Porque, sim, aquela era a história do Rato Gigante de Sumatra…

— Para a qual o mundo *não está preparado* — Dove terminou por mim.

— Caramba! O Departamento de Estado deve ter dado saltos de alegria quando você decodificou isto para eles.

Dove se manteve em discreto silêncio.

Examinei mais uma vez a carta.

— Kodiak… eles acharam que ela quis dizer Kodak. Imagino que vocês não poderiam se enganar, era uma clara referência aos japoneses?

— Bem, aí Violet foi realmente adorável. Você comentou sobre a caligrafia.

— Sim, ela deve ter usado uma caneta com a ponta muito grossa.

— Ela se inspirou em uma ideia de seu tio Mycroft. Você se lembra de sua inesquecível observação, em *O intérprete grego*, a respeito da carta escrita com uma J-pen, que é a marca de uma caneta de ponta grossa… por um homem de meia-idade de frágil compleição.

— Acho que é o meu caso — comentei, em voz baixa. — Ainda não entendi.

— J-pen… Japão.

Terminamos o que Dove chamava de nosso bom e velho trago. Eu dava tratos à bola.

— Sempre que você recebe uma carta com erros de ortografia — perguntei, me sentindo culpado —, você suspeita de um significado secreto? Céus, você acredita que, quando os locutores pronunciam errado uma palavra no rádio estão

mesmo falando em código?

— Saia daqui — disse Dove. — Eu quero descansar.

O caso da sra. Hudson

LAURIE R. KING

Autores de paródias e pastiches de Sherlock Holmes tomaram muitas

liberdades com o personagem, mas poucas foram tão controversas quanto a

decisão de Laurie R. King (1952–) de casá-lo, circunstância na qual poucos leitores do cânone esperariam encontrá-lo. Ainda assim, a série de Mary Russell

e Holmes foi tão admirada e amada pelos leitores que se tornou presença frequente nas listas nacionais de mais vendidos.

Quando Mary tinha quinze anos, conheceu um cavalheiro mais velho que logo

soube ser Sherlock Holmes, aposentado e criando abelhas em Sussex. Ele a orientou em seus primeiros anos como investigadora e desenvolveu-se entre os dois forte amizade, que resultou em um acordo de casamento, sete anos depois

do seu primeiro encontro. Mary Russell foi apresentada em *The Beekeeper's Apprentice* (1994), a primeira de mais de uma dúzia de aventuras.

Com Leslie S. Klinger, King coeditou várias obras de não ficção sobre

Sherlock Holmes (os dois volumes de *The Grand Game*, 2011-2012) e duas antologias de contos inspirados no cânone de Holmes: *A Study in Sherlock* (2011) e *In the Company of Sherlock Holmes* (2014).

King produziu também uma segunda bem-sucedida série de romances de

detetive estrelada por Kate Martinelli, uma oficial de polícia lésbica de São Francisco, apresentada em *A Grave Talent* (1993), que recebeu o Prêmio Edgar de melhor primeiro romance do ano e, na Inglaterra, o prêmio John Creasey Dagger de melhor primeiro romance da Associação de Escritores de Crime.

Entre os sete livros de King que não fizeram parte de séries está *Califia's Daughters* (2004), romance de ficção científica assinado sob o pseudônimo de Leigh Richards.

"O caso da sra. Hudson" foi originalmente publicado em *Crime Through Time*, editado por Miriam Grace Monfredo e Sharan Newman (New York, Berkley, 1977).

O CASO DA SRA. HUDSON

Laurie R. King

Conforme já observado por outro biógrafo, a sra. Hudson foi uma das senhorias mais sofredoras. Nos anos em que Sherlock Holmes viveu sob seu teto em Baker Street, ela enfrentou com dignidade suas horas irregulares, seu mau humor, suas fedorentas e às vezes perigosas experiências químicas, suas (também) às vezes fedorentas e até mesmo perigosas visitas e todas as outras exigências feitas à sua moradia e à sua pessoa. E mesmo assim, longe de se regozijar quando Holmes trocou Londres pela amplidão banhada pelo mar em Sussex Downs, em menos de três meses ela entregou a propriedade a um agente imobiliário e o seguiu, para cuidar da casa dele como antes cuidara da sua própria. Quando, uma vez, ousei perguntar-lhe o motivo, em uma noite festiva na qual ela havia bebido mais do que pretendia, ela respondeu que o próprio diabo precisava de alguém que tomasse conta dele e que sentia calafrios só de saber que o sr. Holmes não estava recebendo os cuidados aos quais se havia acostumado. Além disso, acrescentou em um sussurro, menos de uma semana depois de instalados os novos inquilinos,

ela descobriu que enlouqueceria de tédio.

Assim, graças ao desejo dessa boa mulher de continuar a sofrer a serviço do gênio, a vida de Holmes continuou como antes.

Não que ele fosse grato, ou sequer tivesse consciência do seu sacrifício. Ele continuou, como eu disse, exatamente como antes, se irritando quando as arrumações dela removiam algum item vital ou quando sua habitual ausência nos dias de compras significava que ele precisava preparar o próprio café. No fundo de sua alma misógina, ele não estava realmente convencido de que as mulheres tinham pensamentos, direitos ou vidas próprias.

Isso pode ser injusto; ele com certeza estava sempre mais do que pronto para descartar membros do próprio sexo. Não há dúvida, entretanto, que uma mulher, fosse uma senhora ou uma governanta, desencadeava nele uma reação automática de cortês desinteresse mesclado a uma vaga impaciência: para interessá-lo por um caso, era preciso um alto grau de determinação por parte de qualquer cliente potencial que por acaso fosse mulher.

À sra. Hudson, porém, não faltava determinação. Naquele dia de outubro de 1918, ela o perseguiu por toda a casa e escadas acima, conseguindo afinal encurralá-lo no laboratório, onde continuou a pressioná-lo com os detalhes de sua curiosa experiência. Sua inflexível persistência escocesa, contudo, pouco podia contra a carapaça de fleuma inglesa com que ele a enfrentava. Permaneci à soleira da porta, testemunha do encontro da força irresistível com o objeto inabalável.

— Não, sra. Hudson, absolutamente não. Estou ocupado.

Para prová-lo (embora ao chegar à sua casa vinte minutos antes eu o tivesse encontrado folheando os jornais), ele se virou para a bancada manchada de

ácido, em busca de algumas provetas e dois longos tubos de vidro.

— Tudo o que estou lhe pedindo é que monte uma pequena armadilha —

disse ela, o nervosismo intensificando seu sotaque.

Holmes bufou.

— Uma armadilha de ursos na cozinha, talvez? Ah, uma ideia ótima, sra.

Hudson.

— O senhor não está me ouvindo, sr. ‘Olmes. Eu já lhe disse, quero que o senhor monte uma simples câmera, para que eu possa ver quem está entrando sem permissão e se apoderando das minhas coisas.

— Camundongos, sra. Hudson. O campo está cheio deles.

Ele introduziu um conta-gotas em um jarro e transferiu um pouco de líquido

para uma proveta vazia.

— *Camundongos!* — Ela estava chocada. — Na *minha* cozinha? Ora, sr.

Holmes, *faça-me o favor*.

Holmes tinha ido longe demais, e sabia disso.

— Minhas desculpas, sra. Hudson. Talvez tenha sido o gato?

— E o que faria um gato com uma agulha e um carretel? — perguntou ela, preocupada. — Ainda que o bicho pudesse abrir o trinco do meu estojo de costura.

— Talvez Russell…?

— O senhor sabe muito bem que Mary passou as últimas quatro semanas na

Universidade.

— Ah, muito bem. Peça a Will para trocar as fechaduras das portas.

Ele lhe deu as costas, em uma otimista tentativa de encerrar a conversa.

— Eu não quero trocar as fechaduras, quero saber quem é. Coisas têm desaparecido de todos os vizinhos, coisas pequenas, na maioria das vezes, mas isso não é bom.

Eu vinha observando os movimentos de Holmes, primeiro distraidamente,

depois com mais atenção, e então dei um passo para dentro da sala e segurei a

manga do vestido da sra. Hudson.

— Sra. Hudson, vou ajudá-la com isso. Tenho certeza de que posso dar um jeito de ocultar uma câmera com flash. Venha, vamos descer e decidir onde colocá-la.

— Mas eu pensei…

— Venha comigo, sra. Hudson.

— Mary, você tem certeza?

— Agora, sra. Hudson.

Aumentei o aperto em seu braço nada pequeno e puxei-a, exatamente quando

Holmes abriu os dedos na ponta do conta-gotas e deixou que a substância ali dentro pingasse na mistura já em ebulição na proveta. Ele não estava prestando

atenção à experiência; uma nuvem tóxica de gás verde começou no mesmo

instante a sair pela boca do tubo de ensaio. A sra. Hudson e eu descemos apressadas a escada, deixando Holmes se dirigir às cegas para as venezianas e,

furioso, abri-las em um safanão, tossindo e xingando.

Uma vez em sua cozinha, a inata hospitalidade da sra. Hudson voltou a se manifestar e precisei esperar até que ela preparasse uma fornada de bolos de frutas, me interrogasse a respeito de meus progressos e minha dieta em Oxford,

naquele que era meu segundo ano lá. Ela pôs então a chaleira no fogo, lavou as

tigelas e varreu o chão, antes de enfim se sentar à minha frente, do outro lado da mesa de madeira macia e escovada.

— A senhora estava dizendo — comecei — que houve uma série de invasões e pequenos roubos.

— Comida e um pouco de leite, de vez em quando. Em geral coisas velhas, uma ponta de pão e um pedaço de queijo seco. Algumas meias de lã do cesto de costuras, dois cobertores velhos que eu pretendia doar à igreja. E, como eu disse, duas agulhas e um carretel de linha preta do estojo de costura.

Ela indicou com a cabeça a elegante peça de marcenaria com tampo almofadado que ficava em frente à sua cadeira, junto à lareira, e fui obrigada a concordar que nenhum gato poderia abrir aquele trinco.

— Bebidas?

— Nunca. E nunca senti falta do dinheiro para as despesas domésticas que guardo no carrinho de chá nem de qualquer coisa de valor. A sra. Prinnings, lá da estrada, afirma que o ladrão lhe levou um anel, mas ela é terrivelmente esquecida, ora se é.

— Como ele entra?

— Acho que deve ter uma chave. — Vendo minha expressão, ela se apressou em explicar: — Há sempre uma delas no gancho da porta dos fundos e, um dia, na semana passada, quando Will precisou, eu não consegui encontrá-la. Achei que ele talvez a tivesse pego emprestada e se esquecido de devolver, já aconteceu antes, mas pode ter sido o ladrão. Admito que eu nem sempre sou boa para fechar todas as janelas à noite. E é provável que ele tenha entrado assim da

primeira vez.

— Então troque as fechaduras.

— O problema, Mary, é que não consigo deixar de achar que se trata de alguma pobre alma passando necessidades e, embora eu com certeza não o

queira entrando e saindo daqui, quero saber quem é para saber o que fazer. Você

está entendendo?

Eu entendia. Havia um punhado de ex-soldados vivendo nos arredores de

Oxford, com traumas de guerra sérios a ponto de serem incapazes de simples interações sociais, que dormiam nas ruas e sobreviviam com o pouco que lhes restava. Figuras trágicas, e ninguém gostaria de ser responsável pela sua inanição.

— Quantas pessoas, nesta região, tiveram suas casas invadidas?

— Quase todas, desde que isso começou, no final de setembro. Desde então,

os que têm trancas as usam. Os outros parecem pensar tratar-se de duendes ou esquecimentos.

— Duendes?

— Os feéricos são uma turma engraçada — disse ela. Olhei-a com atenção, para ter certeza de que estava brincando, mas não consegui saber.

Algum sinal invisível fez com que ela se levantasse e fosse até o fogão e, é claro, os bolos estavam perfeitos e dourados. Nós os comemos com manteiga fresca e tomamos chá (a sra. Hudson subiu as escadas com uma bandeja e voltou

sem comentários, mas lacrimejando) e depois dedicamos nossa inteligência

conjunta ao problema de fotografar os intrusos.

Voltei na manhã seguinte, sábado, com uma série de equipamentos. Peguei

emprestado um martelo, pregos e toras de madeira com o velho Will, o faz-tudo,

e, com seu neto, um pedaço de linha de pesca. Por tentativa e erro, a sra. Hudson (interrompida regularmente por garotos de entrega, gritos do andar de cima e telefonemas) e eu conseguimos montar uma armadilha na porta da cozinha.

Nos estágios finais dessa delicada operação, quando me empoleirei na escada de madeira para ajustar a câmera, ouvi ao longe a voz de Holmes se elevar para, na biblioteca, desligar o telefone aos gritos. Depois de alguns minutos, fez-se silêncio e logo depois sua cabeça apareceu ao nível da minha cintura.

Ele não fez pouco dos meus esforços. Agiu como se eu não estivesse ali, como se tivesse encontrado a sra. Hudson abrindo uma massa de torta e não segurando um punhado de cunhas que eu usaria em meus ajustes.

— Sra. Hudson, é provável que eu me ausente por alguns dias. A senhora poderia me separar alguns colarinhos limpos e seus complementos?

— Agora, sr. Holmes?

— A qualquer momento nos próximos dez minutos estará bem — respondeu ele, generoso.

E, virando-se, saiu sem me lançar sequer um olhar. Inclinei-me para chamá-lo enquanto ele passava pela porta.

— Volto amanhã para Oxford, Holmes.

— Foi gentileza sua ter vindo, Russell — retrucou ele, e desapareceu, subindo os degraus.

— Pode deixar as cunhas comigo, sra. Hudson — informei-a. — Estou quase terminando.

Pude ver sua hesitação, considerando se rebelar, mas nós duas sabíamos muito bem que, com ou sem roupas limpas, Holmes sairia em dez minutos e, embora eu o tivesse deixado ir de camisas encardidas, sem o menor problema, estava em jogo o orgulho profissional da sra. Hudson. Ela colocou as cunhas no degrau superior da escada de madeira e saiu apressada.

Ela e Holmes chegaram ao mesmo tempo à sala central do velho chalé e no exato momento em que eu acabava de descer da escadinha para examinar meu trabalho. Voltei os olhos para Holmes e o encontrei vestido para ir à cidade, calçando um par de luvas de couro preto.

— Um caso, Holmes?

— Apenas uma consulta, por enquanto. A Scotland Yard andou refletindo sobre nosso sucesso com o sequestro de Jessica Simpson e, em seus esforços para solucionar o último sequestro, decidiu que eu deveria buscar eventuais lacunas em seus procedimentos. Apenas papelada, Russell — acrescentou. — Nada que a entusiasme.

— É o caso Oberdorfer? — perguntei.

Quase um mês transcorrera desde que duas crianças, Sarah, de doze anos, e seu irmão Louis, de sete, haviam desaparecido no Hyde Park, debaixo do nariz de sua ama. Os dois eram órfãos, filhos de um industrial do ramo têxtil com fábricas em três países e sua esposa francesa, possuidora de fortuna própria. O irmão do industrial, que se refugiara em Londres durante a guerra, oferecera de antemão uma alta soma de recompensa pelo resgate. Ainda estava à espera.

— Há novidades?

— Nenhuma. Nenhum pedido de resgate, nenhuma pista, nada. A Scotland Yard está conjecturando tratar-se de um arroubo de sentimento antigermânico que foi longe demais, como foi o caso da destruição das vitrines dos lojistas alemães, tão

comum nos primeiros meses da guerra. Lestrade é de opinião que o

sequestrador seja um amador que entrou em pânico com a própria audácia e matou-os, e acredita que os corpos serão encontrados qualquer dia desses, sem dúvida pelo cão de algum desportista.

Ele fez uma careta, arrumou as pontas do cachecol, abotoou o casaco para se

proteger do frio outonal e tirou a maleta das mãos da sra. Hudson

— Bem, boa sorte, Holmes — desejei.

— A sorte nada tem a ver com isto — declarou ele, austero.

Depois que ele se foi, a sra. Hudson e eu passamos um bom momento nos olhando, silenciadas pela lembrança do que, muito provavelmente, era um vil assassinato e também pela reveladora falta de entusiasmo e otimismo na atitude

do homem que acabara de nos deixar. Não importava o que Holmes dissesse, nosso sucesso no caso Simpson, dois meses antes, fora guiado pela sorte, e eu de

modo algum desejava unir forças em um segundo caso de sequestro, em especial

em um que, ao que tudo indicava, não teria solução.

Suspirei, e voltamos à minha armadinha. Expliquei como funcionava a

câmera, disse a ela para mandar revelar o filme e imprimir as fotos e depois guardei as ferramentas e me preparei para, por minha vez, partir.

— A senhora me informará se obtivermos algum resultado? — pedi. — Eu

poderia tentar voltar no próximo fim de semana, mas…

— Não, não, Mary, você não deve deixar que isto interfira nos seus estudos.

Eu escreverei para contar o que houve.

Passei com cuidado por cima da linha de pesca esticada e parei à porta.

— E a senhora me dirá se Holmes parecer precisar de qualquer assistência nesse

caso dos Oberdorfer?

— Assim farei.

Saí, meditando com tristeza sobre a ironia de um homem que em geral evitava crianças como a peste (à exceção daqueles adultos em miniatura que ele recolhera das ruas para formar seus “Irregulares”, na época de Baker Street) parecer rodeado delas nos últimos tempos.

Voltei a Oxford e aos meus estudos e, verdade seja dita, a primeira vez em que pensei no problema da sra. Hudson foi mais de uma semana depois, em uma quarta-feira, quando me dei conta de que, pela segunda semana consecutiva, sua inevitável carta das terças-feiras não havia chegado. Não esperei a primeira, embora ela muitas vezes escrevesse mesmo que me tivesse visto na véspera, mas não escrever depois de oito dias era sem precedentes.

Telefonei naquela noite para o chalé. Holmes ainda estava fora, acreditava a sra. Hudson que entrevistando o tio Oberdorfer em Paris, e ela mesma soava diferente. Parecia distraída e disse apenas que tinha estado muito ocupada para escrever, desculpou-se e me indagou se eu queria alguma coisa em especial.

Muito surpresa, gaguejei uma pergunta relativa à nossa armadilha da câmera.

— Ah, sim — disse ela. — A câmera. Não, não, não deu em nada. Mesmo assim, foi uma boa ideia, Mary. Obrigada. Bem, preciso desligar agora, querida, cuide-se.

A ligação foi cortada e eu recoloquei o fone no lugar lentamente. Ela nem ao menos perguntara se eu estava comendo direito.

Fui assaltada por um súbito e absurdo desejo de partir no mesmo instante para

Sussex. Consegui resistir, mas no sábado pela manhã lá estava eu no trem para o Sul e, no sábado à tarde minha mão estava na porta da cozinha do chalé de Holmes.

Um momento depois, meu nariz estava encostado à porta, na verdade achatado de encontro a ela, porque a porta não se abriu. Estava trancada.

Aquela porta nunca era trancada, com certeza não durante o dia quando havia alguém em casa, e mesmo assim eu podia jurar que tinha ouvido o som de movimentação lá dentro. Quando tentei olhar pela janela, meus olhos se depararam com um pano de prato alegremente estampado, preso com cuidado por todas as bordas.

— Sra. Hudson? — chamei. Não houve resposta.

Talvez a movimentação fosse do gato. Dei a volta à casa, tentei as portas francesas, encontrei-as também trancadas e continuei até a porta da frente, só para vê-la se entreabrir quando estiquei a mão. A sra. Hudson parou diante da fresta, seu sapato resistente plantado com firmeza de encontro à beirada inferior da porta.

— Sra. Hudson, aí está a senhora! Eu começava a pensar que tivesse saído.

— Olá, Mary. Estou surpresa por vê-la de volta tão cedo. O sr. Holmes ainda não voltou do continente, sinto muito.

— Na verdade, eu vim vê-la.

— Ah, Mary, que pena, mas eu realmente não posso deixá-la entrar. Estou aproveitando a ausência do sr. Holmes para faxinar a casa e as coisas estão em um estado deplorável. Você deveria ter me consultado primeiro, querida.

Um rápido olhar para seu cabelo penteado e sem lenço e sua mão limpa na porta

deixou óbvio que tal faxina pesada não era sua preocupação daquele momento. Mas ela não parecia amedrontada, como se estivesse sendo mantida refém ou algo parecido; parecia apenas determinada. Ainda assim, eu precisava

mantê-la à porta o máximo de tempo possível, enquanto buscava uma pista para

seu estranho comportamento.

Tal era minha intenção; entretanto, cada pergunta era recebida por um leve recuo para dentro da casa e um estreitamento da abertura, até que por fim, com

um clique, a porta se fechou diante de mim. Ouvi o ruído da tranca sendo colocada e, depois, os passos firmes da sra. Hudson recuando até a cozinha.

Fiquei parada, longe da casa, francamente atônita. Não podia sequer espiar, pois as janelas da sala de estar que davam para a cozinha tinham suas cortinas muito bem fechadas. Considerei e descartei a ideia de um confronto direto e concluí que a única maneira de lidar com aquilo seria a dissimulação.

A sra. Hudson me conhecia bem o bastante para esperar aquilo de mim, fato

do qual eu tinha plena consciência, então tomei o cuidado de me afastar naquela

tarde, chegando mesmo a lhe telefonar de minha própria casa, a vários

quilômetros de distância, para que se certificasse de que eu não estava do lado de

fora do chalé, observando suas cortinas. Ela também sabia que eu precisaria pegar o trem de domingo à noite a fim de estar presente às aulas de segunda-feira pela manhã, e começaria então a relaxar. Foi no domingo à noite, porém, que tomei posição do lado de fora da janela da cozinha.

Por muito tempo, tudo o que ouvi foram sons de alguém ocupado na cozinha

— uma faca em uma tábua, uma colher raspando o lado de uma panela, o

barulho de uma tigela indo para o fundo da pia de pedra. Então, sem aviso, por

volta das nove horas, a sra. Hudson falou.

— Olá, meu benzinho. Dormiu bem?

— Sempre acho que eu deveria dizer “bom dia”, mas já é noite — disse uma voz, em resposta.

E fiquei tão perplexa que quase derrubei um vaso de temperos. A voz era de uma criança, cheia de sono, mas aguda: uma criança com um leve sotaque alemão.

Já basta, pensei. Fiquei tentada a jogar o vaso de temperos pela janela e simplesmente entrar por ali, mas não tinha certeza das condições do coração da sra. Hudson. Em vez disso, dei a volta pela casa, em silêncio, senti a resistência à minha chave e acabei encontrando a grande escada ao lado do galpão do jardim e encostando-a à janela de Holmes. Claro que o homem tinha janelas à prova de arrombamentos. Por fim, frustrada, usei uma pedra e, por mais depressa que a sra. Hudson tenha reagido ao ruído de vidros quebrados, eu ainda a encontrei ao pé da escada interna e passei por ela, fingindo ir para a sua esquerda e escorregando pela direita.

A cozinha estava vazia.

Mas a tranca ainda estava na porta, portanto o dono da voz alemã estava ali em algum lugar. Ignorei a furiosa escocesa às minhas costas e passei os olhos pelo cenário: panelas de comida que ela não teria preparado só para ela, mesa posta para três (em um dos lugares havia um garfo bem pequeno e uma caneca de porcelana decorada com porquinhos de chapéus-coco e fraques) e duas novas escovas de cabelo em cima de uma toalha ao lado da pia.

— Diga-lhes que apareçam — pedi.

Ela deu um profundo suspiro.

— Você não sabe o que está fazendo, Mary.

— Claro que não. Como posso saber de alguma coisa se a senhora me mantém no escuro?

— Ah, muito bem. Eu deveria saber que você persistiria até descobrir. Eu pretendia tirá-los daqui, mas… — Ela se interrompeu, e levantou a voz. — Sarah, Louis, venham cá.

Eles surgiram, não, como eu esperava, vindos da copa, mas engatinhando para fora do pequeno armário do canto. Quando estavam de pé na cozinha, me olhando com ar de medo, a sra. Hudson fez as apresentações.

— Sarah e Louis Oberdorfer, srta. Mary Russell. Não se preocupem, ela é amiga. Uma amiga muito intrometida.

Ela fungou e se virou para pegar mais um prato e talheres no aparador e colocá-los à mesa — no extremo oposto dos três lugares que já estavam postos.

— Os Oberdorfer — falei. — Como é possível que tenham chegado até aqui? Holmes os trouxe? A senhora não sabe que a polícia de dois países está à procura deles?

Sarah, de doze anos, me olhou com fúria. Seu irmão de sete anos se escondeu atrás dela, cheio de medo. A sra. Hudson, em um gesto decidido, pôs a chaleira no fogão.

— É claro que sei. E não, o sr. Holmes não sabe que eles estão aqui.

— Mas ele está trabalhando no caso. Como a senhora pôde…

Ela me interrompeu. Queixo empinado, cabelos grisalhos estremecendo, virou-se para mim com uma colher de pau na mão.

— Não comece agora a me acusar de ser uma traidora, Mary Russell, não antes de saber o que eu sei.

Nós nos encaramos, cada uma de um lado da mesa da cozinha, a velha e robusta governanta escocesa e a magricela estudante de Oxford, até que percebi, ao mesmo tempo, que fosse o que fosse que ela estivesse cozinhando tinha um cheiro sublime e que talvez eu devesse mesmo descobrir o que ela sabia.

Fizemos uma trégua e nos sentamos à mesa para partilhar o pão.

Foi preciso algum tempo para que os vários segmentos da história fossem esclarecidos, narrados pela sra. Hudson (contando como, na ausência de Holmes, pôde dormir à tarde a fim de aguardar sentada, noite após noite, que a porta fosse enfim aberta pelo ladrão) e por Sarah Oberdorfer (que descreveu com frieza como planejara e se preparara, com mapas, roupas quentes e dinheiro suficiente para começar e só pareceu se abalar ao narrar como havia sido obrigada a levar uma vida de crime), com eventuais contribuições do pequeno Louis (que considerava a coisa toda uma grande brincadeira, desde a aventura de se esconder entre as bagagens, no trem de Londres, até a emoção de perambular por Downs, sem supervisão, ao luar). Ainda mais tempo foi necessário para que tudo ficasse claro em minha mente. Na verdade, até meia-noite, quando as duas crianças, que desde o começo dormiam de dia e se mantinham ativos à noite, para melhor evitar serem descobertas, fossem esticadas no tapete em frente à lareira da sala ao lado, colorindo figuras.

— Só para ter certeza de que compreendi tudo — eu disse à sra. Hudson, me sentindo um tanto cansada —, deixe-me recapitular. Primeiro, eles disseram que

não foram sequestrados, que fugiram, por conta própria, do seu tio James Oberdorfer, porque acreditavam que ele estava tentando matá-los a fim de herdar a propriedade de seu falecido irmão, o pai de ambos.

— Pode-se ver que Sarah acredita nisso.

Suspirei.

— Ah, admito que sim. Ninguém fugiria de uma casa confortável, se esconderia em um vagão de bagagens e passaria três semanas em um buraco, vivendo de comida roubada, se não acreditasse nisso. E sim, admito que parece ter havido uma série muito estranha de acidentes.

A máquina investigativa da sra. Hudson, embora não tão azeitada quanto a de seu empregador, era tão vigorosa quanto labiríntica: ela havia descoberto, através da irmã da criada de outra senhoria, que tinha um amigo que… e assim por diante.

Havia uma grande soma de dinheiro envolvida, com fábricas não só ali e na França como também na Alemanha, onde a guerra parecia prestes a chegar ao sangrento fim. Aqueles eram dois órfãos muito ricos, sem qualquer parente além de um tio. Um tio que, segundo boatos colhidos por baixo dos panos pela rede de informantes da sra. Hudson, demonstrava um afeto falso e raso pelo seu encargo.

Segurei a cabeça com as mãos.

Tudo se baseava nos relatos de Sarah. Fosse outra criança, eu poderia descartar como sendo propensa a histórias fantasiosas, mas aqueles sérios olhos castanhos, desafiando-me a não acreditar… Eu via por que a sra. Hudson, de modo algum um alvo fácil para uma história triste, os pusera debaixo das asas.

— E a senhora diz que o lacaio presenciou o quase afogamento? — perguntei,

sem levantar os olhos.

— Se ele não tivesse acorrido, os dois estariam perdidos, foi o que ele disse. E

a criada que comeu um pouco do pudim especial que o tio levou para as crianças passou realmente muito mal.

— Mas não há provas.

— Não.

Ela não facilitava as coisas para mim. Nós duas sabíamos que Holmes, com suas atitudes em relação a crianças, e em especial a meninas, teria devolvido aqueles dois ao tio. Ah, ele mandaria um duro recado ao homem, avisando-o de

que ele, Holmes, passaria a ter interesse pessoal quanto à segurança dos herdeiros Oberdorfer, mas, afinal de contas, acidentes eram coisas imprevisíveis,

sobretudo se Oberdorfer escolhesse retornar ao caos da Alemanha devastada pela

guerra. Se ele considerasse que a herança valia o risco e tomasse cuidado para que não houvesse prova alguma…

Não havia prova alguma ali, de qualquer forma, e aquele era um caso que eu

não poderia discutir com Holmes.

— E a senhora está planejando mandá-los para sua prima em Wiltshire?

— É uma bela e saudável fazenda, perto de uma boa escola, e quem

questionaria mais duas crianças deixadas órfãs por bombas de zepelins?

— Mas só até que Sarah complete dezesseis anos?

— Três anos e pouco. E então ela seria uma senhorita… não legalmente, é claro, mas os advogados lhe dariam ouvidos.

Eu mesma só tinha dezoito anos, e podia compreender que as autoridades que

rejeitariam acusações de alguém de doze dariam toda atenção a uma contida

mocinha de dezesseis. Ora, até Holmes…

— Muito bem, sra. Hudson, a senhora venceu. Vou ajudá-la a levá-los para Wiltshire.

Eu não estava lá quando Holmes voltou, uma semana depois, exausto e irritado com seu fracasso em ajudar a Scotland Yard. A sra. Hudson nada disse, apenas lhe serviu o jantar, entregou os jornais e foi cuidar das suas coisas. Nada disse naquele momento e nada disse mais tarde, na mesma noite, quando Holmes, que levara sua coleção de documentos para a poltrona de vime em frente à lareira e se preparava para se instalar, deu um violento salto e se inclinou para revirar por alguns instantes as almofadas e se voltar, acusatório, para a governanta, com o toco roído de um lápis de cor na palma de sua mão estendida.

Ela nunca disse nada, nem mesmo três anos depois, quando o jovem herdeiro e sua irmã mais velha (com o cabelo cuidadosamente arrumado, usando um chapéu de senhora e um vestido um pouco adulto demais para sua jovem e magra estrutura) se materializaram como por milagre no escritório de um advogado em Londres, provocando comoção em três países. Contudo, em diversas ocasiões ao longo dos anos, sempre que Holmes lhe fazia alguma solicitação sobremaneira enervante para sua paciência, observei a mais sofredora das senhorias respirar fundo, concentrar-se em algo distante e fazer um rápido aceno, antes de seguir seu caminho, plácida, com um minúsculo e satisfeito sorriso no rosto.

O problema final

BLISS AUSTIN

Em sua vida de destacado engenheiro químico e metalúrgico, o dr. James Bliss Austin (1904-1988) é hoje celebrado por seus dois excepcionais passatempos: a

preservação de carimbos japoneses históricos e o fato de ser um dos mais eminentes sherloquianos de sua geração. Austin estava no primeiro grupo de quinze a receber uma investidura nos Baker Street Irregulars (1944). Como vários outros primeiros membros dos BSI, tornou-se um notável colecionador das primeiras edições assinadas por Conan Doyle e suas traduções estrangeiras.

Hoje, a própria assinatura de Austin é avidamente procurada por estudantes contemporâneos de Sherlock Holmes. Por mais de quarenta anos, ele foi um frequente colaborador em antologias, revistas e panfletos em edições limitadas a respeito do Grande Detetive. Entre as joias por ele produzidas estão “What Son Was Watson?” (1944), “Thumbing His Way to Fame” (1946), “The Atomic Holmeses” (1947), “On the Writing of Some of the Most Remarkable Books Ever Penned” (1978) e “William Gillette on the Air” (1982). Embora preferisse, como objetos culturais, a crítica literária e textos a respeito de originais, Austin também escreveu poesia sherloquiana e retrospectivas históricas. Só em raras ocasiões aventurou-se no mundo dos contos ficcionais.

Austin preparou o texto aqui apresentado para um concurso de gênero detetivesco da *Mistério Magazine de Ellery Queen*. Mais de oitocentos escritos foram recebidos e os melhores quinze publicados em livro intitulado *The Queen’s Awards*. À guisa de gracejo, os protagonistas de Austin eram também os juízes do concurso e seus comparsas sherloquianos: Christopher Morley e Howard Haycraft, como também Frederic Dannay e Manfred B. Lee, que, juntos, eram Ellery Queen. O quarteto gostou tanto da brincadeira que surpreendeu Austin com uma menção honrosa e incluiu “O problema final” na última parte da antologia, como “dividendos e bônus” para seus leitores.

“O problema final” foi originalmente publicado em *The Queen’s Awards* (Boston, Little, Brown, 1946).

O PROBLEMA FINAL

Bliss Austin

Christopher Morley esticou o braço em um gesto amplo e, com uma mesura, empurrou Howard Haycraft para dentro do escritório de Ellery Queen. Tratava-se de uma grande sala de 4,5 metros quadrados, inteiramente revestida, do piso ao teto, por estantes repletas de livros, na verdade tão repletas que não havia mais espaço nas prateleiras para as centenas de outros volumes que atulhavam a sala. Pilhas de livros, inclinadas como a Torre de Pisa, elevavam-se do chão, de tampos de mesas, até mesmo de cadeiras, a tal ponto que Queen tinha dificuldade para encontrar lugares para acomodar seus convidados. Por fim, conseguiu descobrir duas cadeiras confortáveis, para onde encaminhou os visitantes. Instalou-se então em uma poltrona de couro vermelho, tendo de um lado uma heterogênea coleção de exemplares de *Strand*, *Black Cat* e *Golden Book*, e do outro uma mesinha de fumar que servia como cemitério particular para inúmeros cadáveres de charutos, cigarros e cinzas de cachimbo. O efeito do conjunto parecia montado para dar a aparência de um trono, a ponto de Haycraft não se contar e citar:

— *The King was in the counting house*…

— Não, não — riu Morley. — *The Queen was in the parlor*… [2]

Para surpresa deles, Ellery Queen não se juntou às risadas. Em vez disso, semblante anuviado, levantou-se da poltrona e foi até sua escrivaninha, na qual, de uma gaveta, tirou uma carta de baralho.

— Por falar em reis e rainhas — comentou ele —, o que me dizem disto?

— Sem dúvida — respondeu Haycraft —, é um rei de espadas. Qual é o

problema?

— Apenas este — disse Ellery. — Isto chegou com a correspondência da manhã, em um envelope sem timbre com o endereço datilografado e o carimbo do correio de Nova York. Sinceramente, estou um tanto perturbado, porque não consigo imaginar quem me mandou isto… ou por quê.

— Com certeza algum amigo seu permitiu-se uma brincadeira de mau gosto — sugeriu Morley. — Vejo que a carta é de um baralho da marca Bicycle. Talvez alguém cujo original você rejeitou esteja ameaçando atropelá-lo.

— Ou — acrescentou Haycraft — alguém está tentando derrubar a rainha com um rei. [3]

— O que seria uma bela jogada — retrucou Queen, entrando na brincadeira dos outros.

Ele recolocou a carta na gaveta da escrivaninha e voltava para a poltrona quando reparou na pilha de cinzas na mesinha de fumar.

— Perdão, cavalheiros — disse ele. — Descuidei-me dos meus deveres de anfitrião.

E, empurrando algumas revistas velhas, revelou uma série de caixas e recipientes contendo charutos, cigarros e fumo de cachimbo.

— O que você está fumando, Ellery? — perguntou Haycraft, apanhando um cigarro.

— Isto — respondeu Queen, tirando do bolso um grosso e aromático charuto.

— Um Merlinda! — arquejou Morley, reconhecendo a anilha. — Desde

quando a *MMEQ* sustenta você neste nível?

— Desde as notícias a respeito do Concurso de Contos, para ser exato — revelou Ellery, acendendo o charuto. — Lamento não ter um para cada um de nós, mas vocês acharão bastante bons os Cabañas que há na caixa. Meu charuto tem uma história. E posso contá-la a vocês, já que diz respeito a um dos originais apresentados no concurso.

"Há vários dias, recebi um conto de um jovem chamado Hugh Ashton, um doutorando em Hale. Até onde consegui descobrir, ele nunca havia escrito antes e, para uma primeira tentativa, o resultado é surpreendente. Não quero influenciar seu julgamento, mas não me importo em dizer-lhes que se trata de uma joia; como dizemos em Hollywood, é colossal!

"Infelizmente, o original precisa de alguma edição. O próprio Ashton parece se dar conta disso porque, pouco depois do conto ter chegado, ele me telefonou dizendo que um amigo que dá aula na faculdade se ofereceu para aprimorá-lo. Esse professor deveria estar em Nova York ontem, por isso ele pedia, como um favor especial, que eu o encontrasse no Hale Club e lhe devolvesse o original, com quaisquer sugestões que eu considerasse dever fazer. Concordei em me encontrar com o professor, por duas razões. Primeiro, porque o conto de Ashton é tão bom que não quero perdê-lo e, segundo, porque fiquei intrigado com o nome do professor. Qual vocês imaginam que fosse?"

— Elementar, meu caro Queen — disse Morley. — Era Moriarty. James Moriarty, eu diria.

— Isso mesmo — concordou Queen. — Então, fui ontem pela manhã ao Hale Club e, quando me aproximava da porta, um homem saiu e me abordou: “Sr. Queen? Professor Moriarty.”

— Como ele é? — perguntou Haycraft.

— Aposto que sei — intrometeu-se Morley. E, fechando os olhos como se para ajudar a memória, recitou: — Ele é extremamente alto e magro, sua testa bem grande e saliente e os olhos extremamente fundos. Bem barbeado, pálido e de aparência asséptica, com algo professoral em seus traços. Os ombros, de tanto estudo, são curvados e seu rosto se projeta para a frente e está sempre oscilando de um lado para o outro, em um movimento curiosamente reptiliano. Seus olhos arregalados o examinam com grande curiosidade.

— *Bravo!* — falou Ellery, rindo. — Não é exatamente assim, mas serve. Continuando, eu o observava com atenção quando ele me surpreendeu ao comentar…

— Não me diga — interrompeu outra vez Morley — que ele realmente afirmou que você tinha menos desenvolvimento frontal do que ele esperava?

— Exatamente — concordou Queen. — Eu lhe disse que era evidente que ele era um grande estudioso de Sherlock Holmes, ao que ele sorriu e me respondeu que os Moriarty sempre foram. E me convidou para o Clube, onde tomamos coquetéis de ostra sem molho coquetel, ora bolas! No final, troquei o original do conto por este charuto.

Nesse ponto, Queen se calou e olhou para o charuto com alguma apreensão, como se não estivesse certo de que a troca tivesse sido um bom negócio.

— O professor prometeu fazer de imediato a edição, portanto muito em breve vocês terão a oportunidade de ler o conto, espero. E agora vamos nos dedicar a selecionar os contos ganhadores do primeiro concurso de contos da *MMEQ*. Temos, como sabem, quinze finalistas até agora.

Ele se levantou e se dirigiu à escrivaninha na qual havia uma pilha de quinze originais, mas antes de lá chegar começou a cambalear e tropeçar. Abriu a boca como se fosse dizer alguma coisa, mas pareceu ter dificuldade para respirar. De repente, caiu para a frente e se estatelou no chão, derrubando várias pilhas de livros e revistas e sendo quase soterrado por elas. Haycraft e Morley, perplexos, permaneceram imóveis em suas cadeiras, mas, por fim, despertaram e correram para Ellery. Quando chegaram a seu lado e afastaram os livros, era tarde demais. Ellery Queen estava morto.

Algum tempo depois, o médico de Ellery, dr. Dundy, entrou no escritório acompanhado de dois homens que Morley e Haycraft, postos em triste silêncio, reconheceram como o pai de Ellery, inspetor Richard Queen, e o sargento Thomas Velie.

— Inspetor — disse Morley —, nunca imaginei que o conheceria sob tão perturbadoras circunstâncias. Isto é simplesmente aterrador.

O inspetor, abalado, afundou em uma poltrona e murmurou uma resposta que ninguém ouviu. Seus olhos, em geral tão brilhantes e atentos, estavam enevoados

por um filtro opaco. Pela primeira vez na vida, aparentava a idade que tinha.

Ficou sentado, sem reação, como um homem em profundo estado de choque.

Morley desviou o olhar e logo se voltou para o médico.

— Bem, qual é o veredicto? — perguntou.

— Não temos certeza — respondeu o doutor. — E por isso gostaríamos da sua

ajuda. Podem os senhores nos contar exatamente o que aconteceu?

— Não há muito a contar. Ellery, Haycraft e eu formamos o júri do Concurso

de Contos que a *Mistério Magazine* de Ellery está promovendo. Ellery solicitou nossa presença aqui hoje pela manhã, a fim de discutirmos a seleção final dos ganhadores do prêmio. Estávamos aqui há apenas poucos minutos; na verdade, Ellery dirigia-se à escrivaninha quando caiu no chão…

— Eu gostaria de esclarecer sobretudo os sintomas apresentados por ele —

disse o médico, com um olhar para o inspetor. — Pelo que compreendi, ele tentou dizer alguma coisa, mas não conseguiu, seu rosto ficou lívido e convulso

e os dentes trincaram. Correto?

— Correto — concordou Morley.

Nesse momento, o inspetor se levantou e falou claramente pela primeira vez.

— Ellery parecia de bom humor?

— Bastante — disse Haycraft. — Salvo por estar confuso devido ao fato de alguém lhe ter enviado um rei de espadas pelo correio matinal.

— Quem fez isso? — quis saber o sargento Velie.

— Ele não sabia — respondeu Morley. — Mas, se quiser vê-lo, está guardado

na escrivaninha.

Velie foi depressa à escrivaninha, encontrou a carta e entregou-a ao inspetor, que a examinou com ar distante.

O dr. Dundy retomou suas perguntas.

— Houve alguma outra coisa inusitada?

— Nada demais — disse Morley. — Ele nos falou de um conto extraordinariamente bom, submetido por um estudante de Hale; Ashton, creio que era o nome. Mas que era um tanto mal redigido e precisava de uma edição.

No dia seguinte, Ashton telefonou para Ellery a fim de dizer que um amigo dele, professor da Universidade de Hale, havia se oferecido para reescrever o conto. E pediu a Ellery que encontrasse tal professor ontem, no Hale Club. Ellery assim fez, e isso é tudo.

— Ele lhes ofereceu algo para beber? — perguntou Velie. — Aquele licor cremoso de Bristol de Harvey, do qual tanto gostava?

— Não. Apenas cigarros e charutos — respondeu Morley.

— O que Ellery fumou? — perguntou o médico.

— Um charuto que lhe foi dado pelo professor de Hale — disse Haycraft. — Estava quase na metade quando…

O inspetor se levantou de repente da poltrona, atento e veloz diante da possibilidade de uma pista.

— Um charuto fumado pela metade? Onde está a guimba?

— Agora que falamos nisso, eu não a vi — comentou Morley. — Deve estar no chão, em algum lugar.

O sargento Velie começou a vasculhar por entre os livros e revistas derrubados. Os outros se juntaram a ele quando um grito meio abafado partiu do médico, que surgiu de debaixo da escrivaninha com uma guimba de charuto na mão.

— É isto? — perguntou ele.

Morley deu uma olhada na anilha e fez que sim.

Sem nada acrescentar, o médico entregou a guimba ao inspetor, que a examinou com atenção e depois a cheirou. Entregou-a de volta ao doutor, que também a cheirou e colocou com cuidado sobre a mesa.

— Eu gostaria de ter me enganado — disse ele ao inspetor —, mas acredito que, afinal, se trate de um caso para o senhor.

O inspetor estremeceu, os olhos voltando a se enevoar. E então, a névoa desapareceu tão depressa quanto havia surgido. Ele aprumou os ombros estreitos e virou-se para Morley e Haycraft.

— Senhores — disse ele —, o significado do rei de espadas está agora bem claro. Alguém estava ameaçando a vida de Ellery. Assim suspeitou o dr. Dundy, tão logo ouviu os sintomas. Agora, não há mais dúvidas. O charuto fede a cianeto. Ellery foi assassinado.

— Santo Deus, *não*! — gritou Morley.

O inspetor continuou, a voz soando fraca e tensa:

— Agora, estou duplamente envolvido e, pelos céus, hei de encontrar o homem que fez isso, nem que seja a última coisa que faça! Velie, ligue para a Central e alerte os rapazes enquanto faço algumas perguntas a estes senhores.

Enquanto Velie desaparecia, ele continuou:

— A primeira coisa que quero saber é o nome do professor que deu o charuto

a Ellery.

— James Moriarty — informou Haycraft, hesitante.

— Por favor — retrucou o inspetor. — Não é hora para quaisquer de suas malditas gracinhas dos Baker Street Irregulars.

— Pois acredite, inspetor — interveio Morley —, isso foi exatamente o que Ellery nos disse.

— Tudo bem, tudo bem, esqueçam — disse o inspetor. — O que mais vocês

sabem a respeito dele? Onde mora? O que ensina?

— Tudo o que sabemos é que Ashton disse que ele dava aulas em Hale —

respondeu Haycraft.

— Ele comentou algo sobre sua aparência? — rebateu o inspetor, sem

qualquer esforço para disfarçar sua crescente impaciência.

— Só por alto — disse Morley. — Ao ouvir o nome, citei a descrição do verdadeiro Moriarty dada pelo dr. Watson em *O problema final*. Ellery disse que não era exatamente igual, mas servia.

Ele foi até uma prateleira, tirou um livro, folheou-o e ofereceu o volume aberto ao inspetor.

— Leia o senhor mesmo.

Nesse momento, o sargento Velie voltou. O inspetor ignorou o livro nas mãos

de Morley.

— Não há mais nada a ser obtido aqui — disse o inspetor —, mas eu gostaria

de saber onde posso encontrar ambos os senhores, a qualquer momento.

— Se não se importar — respondeu Morley —, Haycraft e eu gostaríamos de levar estes originais para a minha casa e examiná-los. Eis aqui meu endereço e telefone.

— Tome nota, Velie — disse o inspetor, já saindo da sala.

Enquanto Morley falava com Velie, Haycraft apanhava os originais na escrivaninha.

— Quem imaginaria — comentou Morley depois que Velie se foi — que o Concurso de Contos se transformaria em uma Competição em Homenagem a Ellery Queen?

Naquela mesma tarde, Morley e Haycraft estavam sentados no escritório enfumaçado de Morley. Os originais da *MMEQ* continuavam intocados sobre a escrivaninha de Morley; nenhum dos dois tivera coragem de olhar para eles.

Haviam discutido durante horas o assassinato de Ellery e agora se mantinham em um silêncio enlutado. De repente, o telefone tocou. Morley correu para o aparelho, derrubando a cadeira em sua pressa.

— Alô — atendeu. — Sim… sim… com certeza eu posso. Vou perguntar a Howard… É Velie — disse a Haycraft. — O inspetor quer saber se podemos encontrá-lo na Central às nove da manhã e ir a Old Haven por um dia ou dois.

— Tente me impedir — respondeu Haycraft.

Morley voltou a falar com Velie. Seguiu-se uma longa pausa, durante a qual Morley ouviu com atenção. Por fim, com um simples “Tchau”, desligou.

— Velie diz que não existe um professor Moriarty na Universidade de Hale, nem qualquer pessoa que corresponda à descrição que temos.

— Não posso dizer que estou surpreso — afirmou Haycraft.

— Nem eu — concordou Morley. — O que me surpreende é que hoje pela manhã um corpo tenha sido encontrado esmagado perto de Old Haven, aos pés de um grande penhasco chamado North Rock. Era o corpo de Hugh Ashton.

Na manhã seguinte, no trem para Old Haven, Morley e Haycraft começaram uma enxurrada de perguntas, mas o inspetor os silenciou de imediato.

— Eu ainda não sei muito mais do que os senhores — disse ele —, exceto por ter vagamente confirmado a descrição do professor. Acabamos de ir ao Hale Club e interrogamos o porteiro que estava de serviço quando Ellery e o professor entraram. Ele reconheceu Ellery de uma fotografia recém-publicada em conexão com algum assunto dos Baker Street Irregulars. O outro sujeito, ele não conhecia e sequer lhe deu atenção, salvo por se lembrar que era alto e sombrio, o que, com certeza, não ajuda muito. Como nenhum dos dois era sócio do Clube, ele foi questioná-los quando o camarada alto explicou que ambos tinham um encontro marcado com o professor Gill, do Departamento de Química, e perguntou se ele já havia chegado. O porteiro se virou para examinar o quadro que indica quais sócios estão no prédio e, ao se virar de volta, viu os dois desaparecerem escada acima, em direção ao salão. Algum tempo depois, desceram as escadas e se encaminharam para a porta, onde Ellery se despediu e saiu. O camarada alto voltou a subir as escadas e, depois disso, ninguém mais o viu. O professor Gill, é claro, nunca apareceu. Acabo de falar com ele pelo telefone e ele diz nunca ter marcado tal encontro, não conhecer Moriarty algum e não imaginar quem possa

se encaixar naquela descrição. Gill conhece, conhecia, Hugh Ashton, que frequentou algumas de suas aulas.

— Mas e quanto a Ashton? — perguntou Morley.

— Era um estudante de Química, vivendo com alguns outros alunos em um pequeno dormitório no último andar do laboratório de Química. Parece ter sido bastante inteligente, não muito bem de vida, e querido por alunos e professores. Na antevéspera, ele saiu ao cair da noite, dizendo a um amigo que ia dar uma volta. Nunca voltou e ontem pela manhã seu corpo foi encontrado aos pés de North Rock. Presumiu-se que havia caído do penhasco. Nosso maior problema, porém, é encontrar o tal professor Moriarty.

— Nós, com certeza, ainda não sabemos muito a respeito dele — disse Haycraft.

— A não ser — retrucou o inspetor — que é alto, sombrio, esquelético e tem uma testa proeminente.

— Eu não estaria tão seguro quanto isso — afirmou Morley. — Ademais, o senhor não mencionou os itens realmente importantes.

— Tais como? — perguntou o inspetor.

— Primeiro — respondeu Morley —, ele é sem sombra de dúvida um perspicaz estudioso de Sherlock Holmes. Segundo, tem um exagerado senso de humor, talento para o drama e inclinação para o bizarro. Terceiro, conhecia Hugh Ashton. Quarto, é um homem de recursos consideráveis e tem o instinto de um assassino nato; uma combinação das mais perigosas.

O inspetor não recebeu bem aquela pequena reprimenda.

— Às vezes — rosnou ele — eu gostaria que vocês, homens adultos, se esquecessem de toda essa bobagem de Baker Street Irregulars.

Ao chegarem à estação de Old Haven, um jovem louro, alto e robusto aproximou-se deles e dirigiu-se ao inspetor.

— Inspetor Queen, suponho? Meu nome é Moran. O chefe me pediu para me colocar à sua disposição durante sua visita aqui. Estou feliz por conhecê-lo e estar a seu serviço, embora preferisse que fosse em circunstâncias menos trágicas. O senhor pode contar conosco para fazer todo o possível para ajudá-lo a encontrar o assassino de Ellery.

— Obrigado — respondeu o inspetor. — É um prazer conhecê-lo, coronel; ouvi falar muito a seu respeito.

Morley quase deu um pulo.

— Coronel! Santo Deus, o que mais teremos?

— Não sei quais os seus planos, inspetor — disse Moran —, mas o chefe pensou que o senhor talvez quisesse conversar com o reitor da Universidade e com o professor Gill, portanto marcou uma entrevista com ambos para as onze horas. Como os senhores ainda têm vinte minutos, sugiro que vão para o hotel e se registrem. Meu carro está aqui e será um prazer levá-los.

— Diga-me, coronel — perguntou o inspetor, enquanto rodavam devagar pelas ruas tortuosas da cidade —, como me reconheceu tão depressa?

Moran riu.

— Você conhece meus métodos, Watson! Foi Morley quem me deu a primeira

pista. Eu sabia que viriam em quatro e já havia visto fotos de Morley e Haycraft nos anúncios da *Mystery Magazine* de seu filho. Devo confessar que não reconheceria Haycraft por aquela fotografia, mas a barba de Morley é inconfundível. Uma vez identificado o grupo, o resto foi fácil. O sargento Velie era tão obviamente ele mesmo que eu soube que o senhor deveria ser o inspetor Queen.

Detectando naquela explicação um sabor sherloquiano, o inspetor mudou rapidamente de assunto.

— Alguma novidade a respeito de Ashton?

— Ainda nada — respondeu Moran —, mas o relatório do legista será entregue ainda hoje pela manhã. Aliás, eu conheci Ashton quando cursávamos ambos os primeiros anos da faculdade. Frequentamos algumas aulas de Química e atuamos juntos em algumas produções do Departamento de Arte Dramática. Depois de formados, ele optou por uma pós-graduação e eu me alistei na Força Aérea.

E, olhando para Morley, continuou:

— Cheguei a tenente-coronel antes de acabar levando um tiro e sendo passado para a Reserva. É daí que vem o “coronel”. Quando voltei, ingressei na polícia de Old Haven, onde tinha alguns conhecidos da época de faculdade, quando pregava algumas peças nos colegas. Bem, aqui está o hotel.

Não demorou muito para se instalarem e, pouco tempo depois, chegaram todos à reitoria, onde o reitor e o professor Gill os aguardavam. Estavam ambos muito perturbados pela dupla tragédia e muito ansiosos para ajudar no que

pudessem. Mas, depois de duas horas de perguntas e discussões, não haviam feito quaisquer progressos. O grupo estava prestes a sair para almoçar quando houve um telefonema para Moran.

— É o relatório do legista — informou ele ao desligar. — Receio que não nos ajude muito. A não ser pelo fato de que Ashton não morreu da queda de North Rock. Foi, primeiro, envenenado com cianeto e, depois, jogado lá de cima.

O almoço, no qual os visitantes de Nova York se juntaram a Moran e ao professor Gill, foi deprimente. Quando terminou, o inspetor pediu para ver o quarto de Ashton.

— Sem dúvida — respondeu o professor Gill, ao que Moran acrescentou que os conduziria ao laboratório de Química.

O laboratório provou ser um grande amontoado de tijolos vermelhos e pedras, encimado por torres e ameias decoradas com uma série de pequenos escudos, cada um ostentando a réplica de algum tipo de utensílio químico. Para grande desgosto do professor Gill, Moran insistiu em levá-los até o final do prédio para lhes mostrar um escudo no qual os arquitetos haviam colocado uma caneca espumante de cerveja. Conduziu-os então através de um grande arco gótico e por uma pequena escadaria em caracol que os levou ao andar de cima, para um corredor curto com uma fileira de portas de carvalho em um dos lados. Foi direto para a terceira, que abriu com uma chave etiquetada que tirou do bolso; o quarto era pequeno, com espaço apenas suficiente para a cama, um armário e uma escrivaninha. As paredes de gesso eram decoradas com uma coleção de pinups do tipo geralmente visto em quartos de estudantes. Em uma das paredes havia uma pequena estante repleta de livros de Química e histórias de detetive.

— Examinamos tudo com muito cuidado — disse o coronal Moran —, mas

não encontramos coisa alguma que valesse a pena. Nada foi retirado, então os senhores são bem-vindos para ver o que lhes poderá ser útil.

O inspetor e Velie efetuaram um rápido, mas completo, trabalho de busca no quarto, nada encontrando que lançasse alguma luz sobre o caso.

— Tanto quanto eu posso ver — considerou o inspetor —, isso não nos diz grande coisa, salvo que Ashton era diligente, metódico e apreciador de histórias de detetive.

— Há, porém, algo que me intriga — disse Morley. — Onde está o original escrito por Ashton?

— Suponho que Moriarty, quem quer que seja, o tenha consigo — opinou Moran.

— Mas, em geral, um autor guarda uma cópia — retrucou Morley. — Com certeza deve haver algumas anotações, ou um primeiro esboço. Moran, você disse que nada foi retirado?

— Nada.

— Então vou dar mais uma olhada — afirmou Morley.

Depois de alguns minutos de busca, Morley começou a se interessar por algumas folhas de papel-carbono. De repente, examinou uma folha com muita atenção, depois outra.

— Temos alguma coisa! — exclamou. — Alguns destes carbonos foram usados para escrever o esboço de um conto!

O inspetor se apoderou dos carbonos e estudou-os à contraluz.

— Vou ficar com eles — declarou. — Podem ser a pista que estamos

procurando.

— O senhor não gostaria — sugeriu Moran — de ir a North Rock ver onde foi encontrado o corpo de Ashton?

— É o próximo passo — concordou o inspetor.

Pouco depois, estavam todos de pé na base do alto e perpendicular penhasco de rocha vermelha, olhando para o ponto onde os restos destroçados de Hugh Ashton haviam sido descobertos na manhã da véspera. Pouco havia a ser visto além de algumas pedras manchadas de sangue. Estavam prestes a sair quando ouviram um súbito ruído vindo do alto. Olhando para cima, horrorizaram-se ao ver uma grande pedra rolando na direção eles. Estava quase alcançando-os, quando de repente fez uma curva e, com grande estrondo, passou por eles a um metro de distância.

Morley apontou o punho para o céu.

— Isto é demais… é demasiado demais!

O inspetor começou a escalar a trilha que subia a encosta por trás, os outros seguindo, animados. Chegando ao topo, não viram sinal de ninguém. Morley caiu de joelhos e examinou a grama.

— O que você está procurando, Chris? — perguntou Haycraft, ainda ofegante.

Morley se levantou.

— Veja isto! — disse ele, segurando a anilha de um charuto Merlinda.

— O que há? — questionou Moran.

— Não percebe o que significa? — indagou Morley.

— Suponho que você queira dizer que isto prova que Moriarty esteve aqui —

observou o inspetor Queen, pensativo.

Voltaram todos ao hotel, para jantar. O inspetor continuava pensativo.

Quando, após a refeição, terminaram de fumar, ele pediu licença e se retirou para o quarto, onde apanhou as folhas de papel-carbono e as examinou. Mais tarde, em um estado de ânimo visivelmente melhor, começou a tomar notas. Ainda mais tarde, com um sorriso amargo, juntou as folhas com um prendedor, mudou de roupa e foi para a cama.

Mais ou menos ao mesmo tempo, em um quarto não longe dali, Morley bateu a cinza do cachimbo e murmurou:

— Só pode ser isto!

E foi também para a cama.

Pareceu ao inspetor Queen que mal adormecera quando acordou com a sensação de que havia alguém em seu quarto. Olhando em volta, achou que a escuridão parecia mais densa perto de sua escrivaninha. Sentou-se, mas, ao fazer isso, a sombra mais escura se moveu. De repente, alguma coisa explodiu em seu queixo e ele foi jogado de costas. Recuperando-se, rolou para fora da cama exatamente a tempo de ver um vulto negro sair pela porta e mergulhar no corredor. A porta se fechou com um estrondo, mas ele a reabriu poucos segundos depois e no mesmo instante colidiu com uma massa corpulenta. Ambos caíram no chão, presos nos braços um do outro. De repente, seu oponente relaxou.

— Acalme-se, inspetor — disse a voz do sargento Velie. — Sou só eu. O que houve?

— É exatamente o que eu gostaria de saber! — respondeu o inspetor,

perplexo.

Com a ajuda do sargento e esfregando muito o queixo, voltou para a cama.

— Agora — disse ele, encarando Velie —, o que você está fazendo no meu quarto?

— Eu? — surpreendeu-se Velie. — Eu dormia profundamente no quarto ao lado quando o ouvi gritar, então vim correndo e dei de encontro com o senhor. O que aconteceu?

— Eu acordei e me dei conta de que havia alguém no quarto, junto à minha escrivaninha. Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, fui atingido no queixo e derrubado. Então, quem quer que me tenha atacado saiu batendo a porta.

— Levaram alguma coisa?

— Raios me partam se eu sei — retrucou o inspetor. — Vamos dar uma olhada.

Ele desceu da cama e correu à escrivaninha.

— Agora estou entendendo — disse.

O papel-carbono e suas anotações haviam desaparecido.

Na manhã seguinte, logo cedo, Morley e Haycraft estavam no gabinete de Moran, à espera do inspetor. Moran relatou os acontecimentos da noite, conforme lhe contara Velie pelo telefone. A despeito de todas as diligências da polícia, conduzidas pelo próprio Moran, não havia pistas da identidade do invasor noturno nem qualquer sinal dos papéis desaparecidos.

— Bem — disse Haycraft —, os carbonos não nos adiantam muito, agora que

sumiram, mas pelo menos sabemos que eram importantes.

— Eu não teria tanta certeza — retrucou Morley. — Na verdade, estou inclinado a acreditar que não passam de um engodo. Vejam, eles não se enquadram no padrão.

— Uma dedução sherloquiana, sem dúvida — disse a voz vinda da porta, onde estava parado um exausto inspetor Queen. — Deixe-me apenas lhe dizer, sr. Morley, que aqueles carbonos solucionaram o caso. O ladrão, seja quem for, não chegou a tempo. Eu já havia obtido o que queria desde o final da tarde, e o que descobri nos levará ao assassino de Ellery e Ashton. Não apenas isso, como esclarece um caso há muito em aberto em Nova York.

Morley pareceu perturbado. Penteou a barba com os dedos e depois comentou, devagar:

— Pergunto-me se poderia falar com o senhor a sós, inspetor.

— Não agora — respondeu o inspetor. — Quero dar alguns telefonemas para Nova York. Não quero ser precipitado, como algumas pessoas que conheço.

Depois do que pareceram horas de telefonemas, o inspetor voltou.

— Ainda não tenho todas as respostas — informou ele —, mas tenho o suficiente para saber que estou no caminho certo. Moran, você tem um baralho?

— Não — respondeu Moran —, mas posso conseguir um.

Ele saiu, voltando poucos minutos depois com um maço de cartas intacto.

— E agora eu poderia ter um envelope, por favor? — pediu o inspetor.

Enquanto Moran o buscava, o inspetor tirou do baralho o ás de espadas.

— Lamento ainda não lhes poder explicar tudo, mas acho que encontramos quem mandou a Ellery o rei de espadas, e creio que seria um belo gesto deixá-lo saber que o ás é mais forte do que o rei.

Ele deslizou o ás para dentro de um envelope selado, rabiscou nele um endereço e foi pessoalmente despachá-lo. Quando voltou, Morley mais uma vez perguntou se poderia lhe falar a sós.

Os dois se retiraram para a sala ao lado, mas retornaram em poucos minutos, Morley ruborizado e o inspetor furioso.

— Não ouvirei mais essas idiotices a respeito de Sherlock Holmes! — gritou ele.

— Um dia — murmurou Morley, enquanto ele e Haycraft saíam —, o senhor não achará isso tão idiota.

Era o meio da tarde quando Morley e Haycraft decidiram arriscar nova visita ao gabinete de Moran. Encontraram o inspetor, Velie e Moran no meio de acalorada discussão. Pouco antes, o inspetor havia recebido um telefonema de alguém em Old Haven, telefonema que havia sido rastreado até uma farmácia na esquina. O interlocutor o convidara para se encontrar com ele à meia-noite, na porta dos fundos do laboratório de Química, que levava a um grande terreno baldio, em parte um parque, pontilhado por grupos de árvores e arbustos e cruzado por várias trilhas. A voz deixara claro que o inspetor deveria comparecer sozinho, que qualquer tentativa de levar alguém consigo resultaria em desastre.

O inspetor concordara em ir desacompanhado e estava a ponto de fazer algumas perguntas quando o misterioso interlocutor desligou.

Velie e Moran estavam agora objetando quanto à sua promessa de ir sozinho. Diziam que era por demais perigoso. Mas o inspetor não ouvia quaisquer argumentos. Insistia em poder tomar conta de si mesmo. Morley e Haycraft tentaram apresentar suas tímidas opiniões, mas o inspetor permaneceu inflexível.

Por fim, Morley e Haycraft, vendo que nada o convenceria, saíram, anunciando que voltariam ao hotel e se juntariam aos outros para o jantar. Mas não foram diretamente para o hotel. Por insistência de Morley, telefonaram primeiro para o professor Gill.

Pouco antes das 22h30, três vultos chegaram à porta dos fundos do laboratório. Um deles abriu a porta e todos entraram, cautelosos, atravessando então a sala escura até uma grande janela panorâmica na parede oposta.

— Daqui — disse o professor Gill a Morley e Haycraft — podemos ter uma boa visão da porta que leva ao pátio, sem sermos vistos.

Olharam em volta e divisaram o contorno de uma janela panorâmica similar, do outro lado da porta. Os três homens se instalaram para aguardar a chegada do inspetor. O tempo se arrastava. Todos estavam nervosos e o cheiro do lugar começou a oprimir tanto Morley quanto Haycraft. Em determinado momento, pensaram ouvir sons vindos do corredor, como se alguém estivesse se movendo na sala atrás da porta, mas aqueles tênues ruídos logo cessaram e, a partir de então, houve apenas o silêncio de um prédio vazio.

Por volta de quinze para a meia-noite, ouviram alguém caminhando ao longo de uma das trilhas que levavam à porta e perceberam o brilho de uma lanterna.

Foi o professor Gill quem reconheceu o visitante.

— Ora, é o vigia do laboratório — disse ele. — Que diabos ele está fazendo aqui?

O homem fez uma apressada busca na moita de arbustos mais próxima. Por fim, foi até a porta do laboratório, abriu-a e entrou.

Gill fez um movimento no sentido de interceptar o vigia, mas Morley objetou.

— Seria fatal, se alguém nos visse.

— Então é melhor nos escondermos — disse Gill —, porque daqui a um minuto ele estará examinando este lugar.

Mal tiveram tempo de se ocultar — Morley atrás de um banco de cilindros, Haycraft atrás de um grande tanque cheio d'água e o professor Gill em um exaustor — antes que a porta se abrisse e o vigia acendesse as luzes. Não vendo nada fora do comum, apagou-as depressa e se afastou pelo corredor. Rastejando para fora dos esconderijos, os três homens viram luzes brilhando na janela panorâmica junto à porta. Aquele brilho também se apagou rapidamente e eles ouviram o som dos passos do vigia enfraquecer à medida que ele atravessava o corredor.

Aquele pequeno incidente aumentou a tensão; os três ficavam mais impacientes a cada minuto. Haycraft, que usava um relógio com mostrador luminoso, acompanhava lentamente o passar da hora. Dois minutos para a meia-noite, Morley, olhos colados na janela, deu um silencioso alerta: alguém subia a trilha em direção à porta. Logo reconheceram o inspetor, que avançava com cuidado, perscrutando os diversos grupos de arbustos e se dirigindo para a porta.

Então ele começou a andar nervosamente de um lado para outro, subindo e descendo a trilha enquanto os três homens no laboratório aguardavam, tensos, o aparecimento do misterioso estranho. Os minutos se arrastavam de modo insuportável. De repente, houve um som, mas não vindo do pátio. Passos abafados vinham do corredor do segundo andar. Poderia o vigia estar voltando?

O som dos passos ficou mais alto. A porta se abriu e dela emergiu um vulto alto e escuro. Ao som da porta se abrindo, o inspetor havia recuado para a sombra de um grande arvoredo, mas foi avistado pelo vulto sombrio.

— O senhor, é claro, não me conhece — disse o vulto. — Permita que eu me apresente. Professor James Moriarty.

O inspetor saiu da escuridão. A voz, obviamente imitando a do professor Moriarty em um famoso programa de rádio, continuou:

— Arrisco-me a dizer que o senhor não me esperava.

— Sinceramente, não — retrucou o inspetor. — Mas, já que está aqui, aproveitarei sua presença. Você e eu temos muitas pendências a esclarecer.

— É verdade — disse o professor. — Por exemplo, vejo-me posto em tal posição durante sua incessante perseguição e corro real perigo de perder minha liberdade. A situação está se tornando impossível.

Ao ouvir tal citação de *O problema final*, Morley teve enorme dificuldade para se conter.

Moriarty continuou:

— Tenho certeza de que um homem com a sua inteligência perceberá que só

há uma solução para este caso. É necessário que o senhor recue.

— Antes disso, eu o verei na cadeira elétrica — retrucou o inspetor.

— Era o que eu receava — prosseguiu o professor. — Parece lamentável, mas fiz o que pude. Agora, o senhor deu tal rumo às coisas que me resta um único recurso.

De repente, viu-se um clarão partir da mão direita do professor. O inspetor cambaleou e caiu de joelhos. Três rápidos clarões brilharam na janela panorâmica ao lado da porta. Desta vez, foi o professor quem cambaleou e caiu.

Morley e Haycraft, esgueirando-se pelos caixilhos de sua janela, viram, perplexos, o sargento Velie surgir da mesma maneira da janela ao lado da porta.

Correram todos para o lado do inspetor. Era tarde demais. Viraram-se com fúria para o outro vulto.

— Vejam — exclamou Haycraft —, ele está usando uma peruca!

Arrancaram a peruca e dirigiram a luz para o rosto do assassino.

Era o rosto do coronel Moran.

Vários dias depois, um grupo entristecido se reunia no escritório de Morley.

— Este caso ilustra uma vez mais — dizia Morley enquanto servia as bebidas — que insensatez é desconsiderar os ensinamentos de Holmes. Chocou-me desde o princípio o modo como todo o caso se revestia da tradição holmesiana. O uso do nome de James Moriarty e a óbvia personificação do professor como descrito no cânone foram absolutamente transparentes. Quando encontrei um coronel Moran também envolvido, pareceu-me evidente demais, sobretudo quando me dei conta de que Moran possuía todas as qualificações do professor.

Haycraft há de se lembrar que eu disse ao inspetor Queen que Moriarty era um apaixonado estudioso de Holmes e tinha exagerado senso de humor, talento para o drama, gosto pelo bizarro e instintos assassinos. Moran tinha tudo isso. Uma das primeiras observações que fez ao chegarmos foi “Você conhece meus métodos, Watson!”. Além disso, nos disse que, quando estudante universitário, gostava de pregar peças nos colegas e insistiu em nos mostrar o escudo com a caneca de cerveja. Disse-nos ainda que ele e Ashton haviam atuado em produções do Departamento de Arte Dramática, o que indicava não apenas um gosto pelo drama como alguma experiência em maquiagem. Por fim, não era irracional supor que um jovem que se distinguira na guerra pela selvageria de suas táticas fosse um assassino nato. Bem, eu lhe dei o benefício da dúvida porque não fui capaz de perceber qualquer motivo plausível. Mas, quando aquela rocha foi empurrada, tudo passou dos limites. Aquilo foi obviamente plagiado da descrição de Holmes do que acontecera em Reichenbach Falls e tornou patente o envolvimento de um Moran. Antes de morrer, Moran admitiu ter encomendado o deslocamento da pedra, mas se recusou a divulgar o nome de seu cúmplice.

Quanto mais eu pensava, mais me convencia de que Moran estava envolvido, e naquela noite me decidi a expor o caso ao inspetor. Mas ele, teimoso, se recusou a me ouvir, embora seja justo dizer que tinha boas razões para fazê-lo, uma vez que também estava no caminho certo.

“O resto da história, obtive de Moran em seu leito de morte no hospital.

Parece que, por razões que talvez nunca saibamos, ele partilhava do segredo de um notório assassino que, há vários anos, deixara perplexa a polícia de Nova York. O assassino, suponho, era alguém que lhe era caro.

“Uma noite, uma discussão de bêbados na qual Ashton estava presente, ele deixou escapar algumas coisas que Ashton, muito interessado em crimes e

histórias de detetive, reconheceu como significativas. Ashton começou a fazer pequenas chantagens com Moran. Moran ficou contrariado e tentou blefar. Mais

ou menos nessa época, Ellery anunciou o Concurso de Contos, então Ashton escreveu o caso de modo que a polícia de Nova York pudesse compreender e mandou o original para Ellery. Disse então a Moran o que fez e afirmou que só

recuperaria o manuscrito se Moran lhe pagasse uma boa quantia.

“Moran não conseguiria levantar tanto dinheiro e receava também que Ellery

já pudesse ter compreendido a pista fornecida pelo conto, portanto resolveu acabar tanto com Ellery quanto com Ashton. Sabemos como assassinou Ellery com cianeto, obtido no laboratório de Ashton. Matou Ashton mais ou menos da

mesma maneira: ofereceu-lhe uma bebida envenenada, carregou o corpo e

jogou-o do penhasco. Na qualidade de oficial de polícia, conseguiu ser um dos primeiros a chegar ao quarto de Ashton, de modo a poder destruir todos os traços

do original. Infelizmente para ele, esqueceu-se do papel-carbono, que precisou depois roubar do quarto do inspetor. Mas o inspetor já chegara à verdade, como

Moran soube pelo endereço para o qual o inspetor remeteu o ás de espadas. Foi

quando telefonou ao inspetor e organizou o encontro fatal.

“Foi esperto por parte de Moran mandar o vigia noturno examinar os arbustos

e as salas do laboratório para ver se não havia ninguém por lá, mas o vigia, graças aos céus, não fez um bom trabalho. Enquanto isso, Moran se disfarçou e

apareceu mais uma vez como James Moriarty.”

Fez-se silêncio quando Morley se calou.

Então, Haycraft ergueu seu copo.

— In memoriam… aos Queen — brindou.

— In memoriam… aos Queen — ecoaram os outros.

— De qualquer forma — disse Morley, pousando o copo —, Sherlock Holmes

voltou do seu encontro com Moriarty, e eu não ficaria de todo surpreso se os Queen, *père et fils*, conseguirem fazer o mesmo.



A aventura do lobo fantasma

ANTHONY BOUCHER

É incomum que um autor alcance grande sucesso em mais de um gênero, mas William Anthony Parker White (1911–1968), pseudônimo Anthony Boucher, teve carreira notável como escritor tanto de mistério quanto de ficção científica, assim como firmou seu nome enquanto primoroso crítico, tradutor, editor e antologista. Nascido em Oakland, Califórnia, diplomou-se em Artes pela Universidade da Carolina do Sul e completou um mestrado em Língua Alemã na Universidade da Califórnia (Berkeley). Mais tarde, tornou-se suficientemente fluente em francês, espanhol e português para traduzir histórias de mistério para o inglês, tornando-se o primeiro a traduzir Jorge Luís Borges para a língua inglesa. Sob o pseudônimo de Boucher, escreveu bem recebidos e leves romances de detetive, começando com *The Case of the Seven of Calvary* (1937), seguido por *Nine Times Nine* (1940), que foi considerada a nona melhor história de crime de quarto fechado de todos os tempos por um júri composto de escritores e críticos; foi escrito sob o pseudônimo de H.H. Holmes, um infame assassino em série do século XIX. Sua produção foi intensa na década de 1940, quando escrevia pelo menos três scripts por semana para programas de rádio populares, como *Sherlock Holmes, The Adventures of Ellery Queen* e *The Casebook of Gregory Hood*. Escreveu também inúmeras séries de ficção científica e contos de fantasia e, como H. H. Holmes, resenhou livros do mesmo gênero para o *San Francisco Chronicle* e o *Chicago Sun-Times*. Produziu ainda notáveis antologias dos gêneros ficção científica, fantasia e mistério. Foi, durante muito tempo, resenhista de mistério no *The New York Times* (1951-1968) e na *Mistério Magazine de Ellery Queen* (1957-1968). Em 1946, foi um dos fundadores do Clube de Escritores de Mistério da América. Em sua homenagem, a anual Convenção Mundial de Mistério é conhecida como “Bouchercon” e o prêmio Anthony Awards também recebeu seu nome.

“A aventura do lobo fantasma” foi originalmente publicada em *The Illustrious*

Clients Second Case-Book, editado por J.N. Williamson (Indianápolis, Indiana, impressão especial para *Illustrious Clients*, 1949).

A AVENTURA DO LOBO FANTASMA

Anthony Boucher

Foi em uma tarde fria de janeiro, em 1889, que me sentei em frente à lareira, na minha casa de Paddington, absolutamente exaurido por algumas horas de atividades extenuantes do tipo que não praticava desde nossa perseguição ao nativo das ilhas Andaman, no Tâmisa. Não me mexi ao ouvir a campainha, não me lembrando, até o quinto toque, de que, entre as situações vexatórias do dia, estava o fato de ser a tarde de folga da criada. Enchendo meu cachimbo com a mistura de fumo Arcadia a fim de restaurar o ânimo desgastado, atendi com relutância ao chamado.

Foi com um misto de alegria e apreensão que avistei à soleira a figura familiar do meu amigo Sherlock Holmes. Por mais satisfeito que estivesse ao vê-lo, receei que ele pudesse me achar, no estado em que me encontrava, lamentavelmente lento para reagir ao desafio de qualquer caso que pudesse estar em andamento. Holmes, porém, parecia tão entregue à inatividade quanto eu e, após nos cumprimentarmos, não fez nada além de me seguir até a lareira, afundar na poltrona ao lado e, como bom companheiro, encher seu infame cachimbo feito de argila negra.

— Londres está ficando entediante — queixou-se Holmes, enquanto eu executava os devidos rituais com o tântalo e gasogênio, [4] seu presente de casamento para nós. — E o tédio, meu caro Watson, é a única doença insuportável. Já se passaram dois meses desde que minha fingida enfermidade,

que tanto o preocupou, permitiu ao inspetor Morton prender aquele demônio, o sr. Culverton Smith; e durante todo este tempo nem um único problema interessante cruzou o meu caminho. Ora, os jornais dedicaram algum espaço, sem dúvida, àquele caso miserável das opalas de Tagliaferro; mas até um menino de quatro anos teria visto que o ladrão só poderia ser um hindu albino.

Ele se interrompeu e me olhou com alguma preocupação.

— Meu caro amigo, você não está doente, está?

— É a friagem de janeiro — apressei-me em responder. — Tome, isto vai nos animar.

— *Ennui… [5]* — murmurou Holmes. — Os franceses, Watson, têm algumas palavras inestimáveis. Considere, também, o uso que fazem de nossa própria palavra, *spleen*… Precisamos do idioma de minha avó para descrever meu estado atual. A gratidão concretamente expressa pela família real da Holanda seria por si só suficiente para manter minhas modestas necessidades por muito tempo, mas meu cérebro precisa de um caso. Preciso afiar os dentes, Watson, em qualquer osso que puder encontrar.

Depois de uma pausa e um gole, ele continuou:

— Esta tarde, fui ao Diogenes Club, mas Mycroft estava envolvido em uma missão a tal ponto secreta que sua natureza não podia ser revelada nem mesmo a mim. Precisei de meros cinco minutos para deduzir, pela cinza ao lado da poltrona habitual de Mycroft e a mancha de tinta roxa no dedo indicador esquerdo do recepcionista, que sua missão estava relacionada a certo jovem galante, ocupante de um alto posto, cujas atividades eu faria bem em ignorar.

Então vim vê-lo, meu velho amigo, na esperança de que sua clínica, cada vez maior, acredito, pudesse ter produzido algum probleminha de algum modo desafiador, ainda que insignificante.

— Nenhum problema — respondi, cansado. E acrescentei: — Na minha clínica.

— Se eu não puder encontrar distração estimulante em algum lugar…

Sua voz em geral incisiva fraquejou, e o polegar de sua mão direita fez o significativo gesto de comprimir uma seringa hipodérmica.

— Em nome de Deus, Holmes! — exclamei. — Você não voltaria àquilo!

Ele ficou sentado em silêncio por algum tempo, fumando e sorrindo. Então perguntou, casualmente:

— Polar ou pardo?

— Polar — respondi, sem pensar. Então pulei para ficar de pé. — Holmes — exclamei —, assim é demais! Que você queira alguma diversão estimulante, como diz, posso compreender; mas que invada a privacidade de seus amigos, espionando-os em seus momentos em família, como um investigador dos mais mesquinhos…

Sua bem-vinda gargalhada e um gesto de sua mão comprida e fina interromperam minha indignação.

— Watson, Watson — lamentou ele, sacudindo a cabeça. — Você nunca vai aprender que eu não pratico nem magia negra nem espionagens furtivas?

Quando encontro um rapaz saudável em um estado de absoluta exaustão, com poeira nas mãos e no joelho de suas calças, o tapete enrugado e a mobília fora do lugar, e mais ainda quando ele estremece à minha casual alusão a um menino de quatro anos, é óbvio que ele passou a tarde brincando com uma criança, e pelo menos parte dela de quatro, imitando animais. Para alguém que o conhece como

eu, Watson, é igualmente óbvio que a criança o consideraria mais aceitável no papel de um urso. Só faltava perguntar “polar ou pardo”, embora, diante da sua predileção por narrativas de aventuras árticas, a resposta também deveria ser óbvia. Lamento parecer estar perdendo o jeito.

— Agora… — comecei.

— Eu sei — ele me interrompeu com algum azedume. — Agora tudo está absolutamente claro, uma vez explicado. Ver a questão explicada… devo salientar, é o desejado. Devo, entretanto, continuar a deduzir que a criança pertence a uma amiga da sua esposa, uma vez que não me recordo de casais com filhos no seu próprio círculo social, e que sua esposa e a mãe da criança saíram juntas. Provavelmente, considerando dia e hora, foram a uma matinê. E é bem possível, considerando-se a temporada, a uma pantomima… o que talvez indique uma criança mais velha na família, levada ao teatro enquanto a outra, jovem demais para uma aparição pública, foi deixada com o gentil marido da amiga.

— Holmes, o rei James I deveria ter conhecido você antes de escrever seus tratados de bruxaria.

— Ora, Watson — protestou meu amigo. — Isso foi mera adivinhação. Mas não há qualquer adivinhação ao concluir, pelo choro fraco que ouço vir do andar de cima, que o rapazinho em questão acordou de sua sesta e pede atenção.

— Este — anunciei a Holmes, depois de ter feito minha melhor canhestra tentativa de refrescar a criança depois de sua soneca — é o senhorzinho Elias Whitney.

— Ah? Uma homenagem, sem dúvida, ao falecido diretor da Faculdade de Teologia de St. George?

— Seu sobrinho — respondi, maravilhado como sempre com aquele homem que tinha na ponta da língua todos os fatos da vida inglesa. — Sua mãe, Kate, é uma querida amiga de Mary. Seu pai…

Mas o sigilo profissional me obrigou a não dizer mais a respeito do pobre pai, mal imaginando o quanto a perversa propensão que naquele momento me provocava, enquanto médico, tanta preocupação, me levaria mais tarde à aventura que relatei, em outro lugar, com o título de “O homem do lábio torcido”.

— Ah, olá, rapazinho — disse Holmes, bem-humorado.

O pequeno Elias contemplou, sério, os olhos penetrantes, os traços de falcão, os lábios firmes e sensíveis do meu amigo, e deu seu veredicto.

— Homem engraçado — declarou.

Não pude reprimir um sorriso, nem uma agitada ansiedade ao imaginar que espécies de animais seria Holmes obrigado a imitar para divertir o mocinho. Mas me vi desapontado em minha expectativa quando o pequeno Elias desprezou as tentações do tapete que havia sido o Círculo Ártico, instalou-se na almofada ao pé da lareira, e pediu:

— Conta história.

Os olhos de Holmes cintilaram.

— Ele encontrou seu ponto fraco, Watson, meu caro: um rematado contador de histórias, dentro e fora da escola. Bem, se ele deseja animais, conte nossas

experiências em Baskerville.

Eu estava prestes a protestar sobre aquela macabra narrativa não ser adequada a jovens ouvidos quando o próprio menino disse:

— Não. Conta história do urso fantasma.

— Ele veio ao lugar certo — observou Holmes. — Seus ancestrais escoceses, meu caro amigo, deviam se reunir para contar histórias de fantasmas.

— Ele está falando — expliquei, paciente — do urso polar, como o que tive a honra de representar. Não, Elias, sinto muito, mas não sei nenhuma história de ursos polares. Mas me lembro de que, na infância, eu sempre gostava de ouvir histórias de lobos. Será que você se interessaria por uma delas?

— Lobo fantasma? — sugeriu Elias.

— Não tenho certeza, mas desconfio seriamente de que não existe melhor que um lobo polar. Este lobo é apenas um lobo comum, daqueles que se pode encontrar, pelo menos em contos de fadas, em qualquer esquina. Ele vivia em um canto escuro da floresta…

— Esquinas na floresta? — Elias perguntou, interessado.

Holmes voltara a encher o copo no tântalo e a se acomodar na poltrona.

— Por favor, continue, Watson — insistiu. — Acho contos de fada especialmente adequados para você, considerando os toques românticos em suas narrativas de minhas próprias aventuras. Estou ansioso para vê-lo em ação.

— Não — respondi a Elias. — Não há esquinas na floresta, só uma longa trilha exposta ao vento que leva de um chalé para o outro. Então, no primeiro chalé vivia uma garotinha chamada Chapeuzinho Vermelho.

— Eu sei da Pezinho Vermelho — disse Elias.

Eu me senti um pouco rejeitado.

— Você prefere outra história, então?

— Não. Gosto de Pezinho Vermelho. Conta Pezinho Vermelho.

— O público — observou Holmes — sempre prefere uma história que já conhece.

Contei a “Pezinho Vermelho”. Como a história talvez seja conhecida do leitor desde os seus próprios dias de berçário, omitirei aqui os detalhes da narrativa, que repeti sem nada excluir, como nos foi diversas vezes contada por nossa antiga babá naqueles dias felizes e ensolarados quando Harry e eu éramos pequenos. Contei o primeiro encontro com o lobo, descrevi as práticas nefastas do lobo com a avó, o pavoroso encontro de Chapeuzinho Vermelho com o lobo disfarçado, sua gradual conscientização do grande perigo que corria, a entrada final do galante lenhador (que descrevi, confesso, com alguns dos mais marcantes traços físicos do meu amigo) e sua destruição do lobo e recuperação da avó — um detalhe, sou levado a perceber, muitas vezes omitido das versões mais modernas.

Fiquei envaidecido pela atenção extasiada do pequeno Elias, e não apenas envaidecido, mas intrigado, com a igualmente extasiada atenção de Sherlock Holmes. À medida que eu avançava na narrativa, seus olhos se iluminavam, ele acompanhava cada palavra e logo, depois de um gesto automático de busca pelos ausentes chinelos persas, apanhou a bolsa de fumo, encheu o cachimbo e se cercou daquelas venenosas nuvens que eu me acostumara a associar aos estágios finais da solução de um problema.

Quando terminei, ele se pôs de pé e deu vários passos rápidos pela sala.

— Aí está, Watson! — exclamou, e sua voz havia recuperado a vida. — Elias!

Ele apontou um longo indicador para o menino, que visivelmente se encolheu.

— Você quer saber a *verdade* a respeito de Chapeuzinho Vermelho?

— Saber idade da Pezinho Vermelho? — repetiu a criança, apática.

— Como podem os homens ser tolos! — lançou Holmes para si mesmo. —

Repetir essa história geração após geração e nunca perceber o seu significado! E

eis que nas próprias palavras desta criança havia uma pista da verdade. *Lobo fantasma*… Com certeza você percebeu, Watson.

— Percebi o quê? — gaguejei.

— Há dois pontos essenciais. Concentre-se neles, Watson. Primeiro,

Chapeuzinho Vermelho só se deu conta da aparência lupina da "avó" pouco a pouco, quase traço a traço. Segundo, depois que o lobo foi morto, lá estava a avó.

— Mas, meu caro Holmes…

— Você ainda não compreendeu? Então ouça. — Seus olhos faiscavam. —

Tratava-se, na verdade, de um lobo fantasma: era um *lobisomem*, um lobo que não passa da forma lupina de um ser humano malévolo e antropófago. E esse ser

humano era… *a avó*!

"É perfeitamente claro. Chapeuzinho Vermelho não olhou e viu na mesma

hora que o vulto na cama era um lobo. Não! Pouco a pouco, ela percebeu o surgimento de características lupinas. É óbvio que ela estava observando o lobisomem se transformar de ser humano para lobo.

"E, quando o lobo foi morto, lá estava a avó. Não pulando viva da barriga…

isso é evidentemente uma racionalização posterior, impossível até pelos padrões dos contos de fada. Mas lá estava a avó, deitada no chão, estirada pelo golpe do machado do lenhador… porque o lobisomem, quando morto, sempre volta à forma humana.”

— Holmes — arquejei —, você tem razão. Deve ser essa a verdade. Tão simples e tão surpreendente. E depois de todos esses séculos, só você…

Com um rápido movimento de seu corpo flexível, Holmes girou na direção do pequeno Elias.

— Agora, meu rapaz, você sabe. Diga à sua mãe que, enquanto ela assistia à pantomima, você, meu jovem, foi o primeiro menino do mundo a conhecer a verdade a respeito de Chapeuzinho Vermelho!

O menino ficou em silêncio por alguns instantes, olhando fixo para o homem à sua frente. Então, sua boca se abriu e seus olhos se esbugalharam. Continuou em silêncio pelo que me pareceram minutos, mas por fim um lamento angustiado saiu daquele rosto horrivelmente distorcido. Em todas as aventuras que compartilhei com meu amigo Sherlock Holmes, eu nunca ouvira um grito de tão pura e indisfarçada raiva, agonia e frustração.

Tão alto foi o grito que não ouvimos a chave na porta da frente. Nosso primeiro aviso da volta das senhoras foi a tempestuosa entrada de Kate Whitney, que correu à almofada, pegou o rebento angustiado no colo e em vão tentou acalmar seu berreiro.

Minha esposa, entrando com a jovem Isa, ainda hipnotizada pela pantomima, virou-se para mim, em fúria.

— James! — exclamou, alto o suficiente para ser ouvida acima de toda aquela choradeira. — O que você *fez* com aquela criança?

— James — observou Sherlock Holmes. — Um apelido carinhoso, sem dúvida? E pensar que eu o conheço há tanto tempo, meu caro amigo, sem me dar ao trabalho de descobrir que a inicial do seu nome do meio deve ser de Hamish.

Mary virou-se para encará-lo.

— Sr. Holmes — cumprimentou ela, com pérfida polidez.

Seus olhos absorveram o tapete enrugado, os móveis fora do lugar, o reduzido nível do tântalo.

A voz de Kate Whitney continuava a repetir:

— O que os homens fizeram com você?

Por fim, o senhorzinho Elias conseguiu controlar sua histeria o bastante para apontar um dedo delator para Sherlock Holmes.

— Homem mau! — disse ele, acusador. — Homem mau estragou Pezinho Vermelho. Estragou tudo!

E voltou a seus ruídos vociferantes.

Falei tão alto e com tanta calma quanto consegui:

— Quanto àquele pequeno problema do Escândalo da Vacinação no Vaticano, meu velho, você não acha que podemos conversar a respeito no meu consultório?

A fúria nos olhos de Mary amansou um pouco. Junto ao meu ouvido, ela

cochichou:

— Outra comissão?

E murmurei:

— O percentual de sempre.

Ela se acalmou, e chegou a me deixar levar conosco o tântalo.

— Pois então — disse mais tarde Sherlock Holmes — você presenciou o

típico exemplo da reação do público à verdade. Nunca se deve esperar uma atitude científica da mente popular, que sempre prefere a falsidade aceita à verdade ignorada. Tenho pensado em escrever uma pequena monografia a

respeito de tais ilusórias tradições; tenho certeza, por exemplo, de que, desde que seu amigo Doyle escreveu a lenda relativa ao que ele denomina *Marie Celeste* o nome correto de *Mary Celeste* caiu em total desuso. E ainda assim devemos tentar, onde pudermos, restabelecer a verdade e desdenhar a hostilidade pública.

Populus me sibilat…

— ... *at numni* — parafraseei, desanimado, recordando minha infeliz meia-promessa a Mary — *desunt in arca*[… [6]]

As joias da coroa de Marte

POUL ANDERSON

Escritor de ficção científica, mitologia nórdica e realismo mágico, imensamente

popular, bem-sucedido, e aclamado pela crítica, Poul William Anderson (1926-

2001) era famoso por sua pesquisa meticulosa, chamando sua obra de “fantasia

com rebites”; se ele se referisse a determinado tipo de armadura, descrevia com

minúcias sua produção.

Escreveu mais de cem livros, a maioria versando sobre liberdade individual e

livre-arbítrio, oriundos de sua admiração pelos Pais Fundadores e pela Constituição. Embora sua posição filosófica tenha atraído a inimizade de seus colegas mais esquerdistas, ele continuou a ser uma figura popular na comunidade literária, sendo indicado para a presidência dos Escritores de Ficção Científica e Fantasia da América, nomeado Grande Mestre e incluído no Hall da Fama de Ficção Científica e Fantasia. Ganhou inúmeros prêmios literários, incluindo sete Hugos e três Nebulas.

Anderson interessou-se a vida inteira por Sherlock Holmes, observando que "há uma considerável justaposição entre os apreciadores de ficção científica e os do grande detetive". Não podem haver dúvidas de que sua afeição pelos temas sherloquianos deve sua origem a Karen Kruse, que fundou uma sociedade de Sherlock Holmes ainda no ensino médio. Ele a conheceu em 1952, em uma convenção mundial de ficção científica em Chicago. Casaram-se em 1953 e permaneceram juntos até sua morte.

Outros contos sherloquianos de Anderson foram "The Adventure of the Misplaced Hound", escrito com Gordon R. Dickson (1953), "Eve Times Four" (1960), e o muito elogiado "The Queen of Air and Darkness" (1971).

"As joias da coroa de Marte" foi originalmente publicado na edição de fevereiro de 1958 da *Mistério Magazine de Ellery Queen* e incluído pela primeira vez em livro no volume *A Treasury of Great Science Fiction*, organizado por Anthony Boucher (Garden City, Nova York, Doubleday, 1959).

AS JOIAS DA COROA DE MARTE

Poul Anderson

O sinal foi recebido quando a nave ainda estava a um quarto de milhão de

milhas de distância, e vozes gravadas convocavam os técnicos. Não havia pressa, pois a ZX28749, também chamada *Jane Brackney*, estava no horário; mas aterrissar uma nave sem tripulação é sempre uma operação delicada. Homens e máquinas se preparavam para recebê-la quando descesse, mas era a equipe de controle quem ditava as ordens.

Yamagata, Steinmann e Ramanowitz estavam na torre de controle, com Hollyday a postos para qualquer emergência. Se os circuitos *viessem* a falhar — nunca tinha acontecido, mas uma nave a propulsão nuclear, com mil toneladas de carga, batendo no porto poderia acabar com a vida humana em Phobos. Por isso Hollyday vigiava um painel de comandos, pronto para acionar o que fosse preciso.

Os dedos finos de Yamagata dançavam sobre os mostradores do radar. Seus olhos estavam fixos na tela.

— Peguei — disse ele.

Steinmann fez uma leitura da distância e Ramanowitz calculou a velocidade pelo Dopplerscope. Uma rápida consulta a um computador mostrou que os números eram quase os previstos.

— Dá pra relaxar — disse Yamagata, pegando um cigarro. — Ela ainda vai demorar para entrar na faixa de controle.

Seus olhos percorreram a sala lotada e a janela. Da torre, ele avistava todo o espaçoporto: inexpressivo, cheio de lojas e galpões, e alojamentos no subsolo. O campo de concreto liso se interrompia devido à curvatura do pequeno satélite. Ele estava sempre de frente para Marte, e a estação ficava na outra ponta, mas

ele se lembrava de como o planeta pairava, enorme, sobre o hemisfério oposto, um disco suave e avermelhado embaçado pelo ar rarefeito, salpicado de manchas marrom-esverdeadas de terrenos aráveis. Embora Phobos fosse cercada de vácuo, não era possível ver as grandes estrelas do espaço: o sol e os holofotes eram brilhantes demais.

Ouviu-se uma batida à porta. Hollyday foi até lá, quase deslizando na gravidade espectral e abriu-a.

— Ninguém tem permissão para entrar durante um pouso — informou.

Hollyday era um homem louro atarracado de semblante agradável e aberto, e seu tom de voz soava menos peremptório do que as palavras.

— Polícia.

O recém-chegado, musculoso, rosto redondo e expressão grave, estava à paisana, de túnica e calça de pijama, o que era esperado; todos no pequeno assentamento conheciam o inspetor Gregg. Mas ele empunhava um revólver, o que não era comum.

Yamagata voltou a olhar para fora e viu os quatro guardas do porto no campo, em trajes espaciais oficiais, observando a equipe de solo. Estavam armados.

— Qual é o problema? — perguntou.

— Nenhum… espero. — Gregg entrou e tentou sorrir. — Mas a *Jane* traz uma carga bastante incomum.

Os olhos de Ramanowitz se acenderam em seu grande rosto rechonchudo.

— Ahn? Por que não fomos informados?

— Foi proposital. Segredos. As joias da coroa de Marte estão a bordo.

Gregg procurou um cigarro na túnica.

Hollyday e Steinmann se entreolharam, balançando a cabeça. Yamagata assobiou.

— Em uma nave-robô? — indagou.

— Aham. Uma nave-robô é o único meio de transporte do qual não podem ser roubadas. Houve três tentativas quando foram à Terra em um cruzeiro comum, e detesto pensar em quantas mais quando estavam no Museu Britânico. Um guarda perdeu a vida. Agora, meus rapazes vão retirá-las antes que qualquer outra criatura encoste naquela nave e escoltá-las diretamente para Sabaeus.

— Quanto será que valem? — perguntou-se Ramanowitz.

— Ah… poderiam ser avaliadas na Terra em talvez meio bilhão de dólares das Nações Unidas — disse Gregg. — Mas seria melhor para o ladrão fazer os marcianos pagarem para tê-las de volta… não, a Terra teria que pagar, imagino, já que a responsabilidade é nossa.

Ele soprou nuvens nervosas.

— As joias foram secretamente colocadas na *Jane*, última coisa antes de ela sair para sua ronda regular. Eu mesmo só soube quando um mensageiro especial, no cruzeiro desta semana, me transmitiu a informação. Nenhuma chance de que algum ladrão saiba que estão aqui, até que estejam, em segurança, de volta a Marte. E elas voltarão *em segurança*!

— Algumas pessoas sabiam, desde o começo — disse Yamagata, pensativo.

— Estou falando da tripulação de carga, lá na Terra.

— Pois é, tem isso. — Greg sorriu. — O mensageiro disse que muitos deles já deixaram o serviço, desde então, mas é claro que há sempre uma grande rotatividade entre os peões espaciais. São uma turma irrequieta.

Seu olhar passeou por Steinmann e Hollyday, que haviam, ambos, trabalhado há pouco tempo na Estação da Terra e chegado a Marte poucas naves atrás. Os cruzeiros percorriam uma rota hiperbólica e chegavam em duas semanas; as naves-robô seguiam a órbita Hohmann A, mais tranquila e econômica, e precisavam de 248 dias. Um homem que soubesse que a nave transportava as joias poderia sair da Terra, chegar a Marte muito antes da carga e conseguir um emprego — Phobos estava sempre com falta de pessoal.

— Não olhe para mim! — disse Steinmann, rindo. — Chuck e eu sabíamos disso, é claro, mas estávamos sob restrições de segurança. Não dissemos nada a ninguém.

— É. Eu saberia, se tivessem dito — concordou Gregg. — As fofocas voam, por aqui. Não se ofendam, por favor, mas estou aqui para assegurar que nenhum de vocês, rapazes, saia desta torre até que as joias estejam a bordo da nossa própria nave.

— Ah, tudo bem. Isso vai render horas extras.

— Se eu quisesse enriquecer depressa, teria continuado no garimpo — acrescentou Hollyday.

— Quando é que você vai parar de andar por aí com aquele contador Geiger, nas suas horas de folga? — perguntou Yamagata. — Phobos não tem nada além

de ferro e granito.

— Tenho ideias próprias a respeito — disse Hollyday, decidido.

— Que diabos, todo mundo precisa de um hobby neste buraco esquecido por Deus — declarou Ramanowitz. — Eu talvez tentasse a sorte com esses brilhantes só pela adrenalina… — Ele parou de repente, consciente do olhar de Gregg.

— Tudo bem — disse Yamagata. — Aqui vamos nós. Inspetor, por favor saia do caminho e, por amor à sua própria vida, não interrompa.

A *Jane* se aproximava à deriva, sua velocidade na órbita cuidadosamente pré-calculada quase idêntica à de Phobos. Quase, mas não de todo — surgiram os inevitáveis pequenos fatores subversores, que os propulsores remotamente controlados precisavam compensar, e depois havia o problema de pousá-la. A equipe se posicionou e todos passaram a trabalhar freneticamente.

Em queda livre, a *Jane* chegou a mil milhas de Phobos, um esferoide com 150 mil metros de raio, grande e maciço, mas um nada diante da incrível massa do satélite. E mesmo assim Phobos é uma insignificante bolinha sem atmosfera, medíocre mesmo ao lado de seu planeta de sétima grandeza. Dimensões astronômicas são simples e literalmente incompreensíveis.

Quando a nave estava perto o bastante, o rádio dirigiu seus giroscópios para movimentá-la, com muita delicadeza, até que sua antena de captação apontasse diretamente para o campo. Seus propulsores foram então cortados, um mero sussurro de empuxo. Ela estava quase acima do espaçoporto, seu caminho

tangenciando a curvatura da lua. Depois de um instante, Yamagata bateu com força nas teclas e os foguetes dispararam com fúria, cortando o céu em um visível clarão vermelho. Ele os desacelerou de novo, checou os dados e disparou-os com menos força.

— Ok — grunhiu ele —, vamos trazer ela.

Sua velocidade relativa à órbita e à rotação de Phobos era agora zero, e a nave estava caindo. Yamagata girou-a até que os propulsores apontassem para baixo, na vertical. Então se sentou e enxugou o rosto enquanto Ramanowitz assumia; o trabalho exigia demais dos nervos para que um único homem o realizasse do começo ao fim. Ramanowitz, com esforço, obrigou a obstinada massa a se deslocar algumas jardas para dentro da plataforma. Steinmann completou a tarefa, acomodando-a no cais como um ovo em uma xícara. Desligou os propulsores e fez-se silêncio.

— Ufa! Chuck, que tal um gole? — Yamagata estendeu os dedos trêmulos.

Hollyday sorriu e lhe entregou uma garrafa. Ela circulou alegremente. Gregg recusou. Seus olhos estavam fixos no campo, onde um técnico checava a radioatividade. O veredicto foi zero, e ele viu seus guardas correrem pelo concreto para cercar a grande nave com armas. Um deles subiu, abriu a escotilha e deslizou para dentro.

Pareceu passar muito tempo antes que ele emergisse. E então ele veio correndo. Gregg soltou um palavrão e apertou o botão do rádio da torre.

— Ei! Ybarra! Qual é o problema?

O homem estremeceu ao responder:

— Senhor… Senhor inspetor… as joias da coroa sumiram.

Sabaeus, é claro, é apenas um nome humano para a velha cidade aninhada nos trópicos marcianos, na junção dos “canais” Phison e Eufrates. Bocas terráqueas

simplesmente não conseguem formar as sílabas de High Chlannach, embora grosseiras aproximações sejam possíveis. E os humanos também jamais

construíram uma cidade exclusivamente de torres mais largas no topo do que na

base ou viveram em uma delas por vinte mil anos. Se o tivessem feito, porém, teriam encorajado um afluxo de turistas ávidos; mas os marcianos preferiam maneiras mais dignas de fazer dinheiro, mesmo que sua fama de parcimônia tenha de há muito superado a dos escoceses. O resultado é que, apesar do intenso

comércio interplanetário e de ser Phobos um porto do Tratado, humanos ainda são visões raras em Sabaeus.

Descendo apressado as avenidas entre os cogumelos de pedra, Gregg se sentia

exposto. Agradecia ao traje espacial por disfarçá-lo. Não que os sérios marcianos

o encarassem; eles ladravam, o que era pior.

A Rua Dos Que Preparam o Alimento Em Fornos é uma rua tranquila,

entregue a artesões, filósofos e apartamentos residenciais. Não se verá por lá uma dança de acasalamento ou um desfile dos Pequenos Alabardeiros: nada

mais animado do que uma contínua discussão de quatro dias sobre a natureza relativística da classe inválida ou uma ocasional troca de tiros. As últimas se devem ao detetive particular mais famoso do planeta, que ali tem seu ninho.

Gregg sempre achou estranho estar em Marte, sob o céu de azul profundo e frio e o sol emaciado, entre ruídos abafados pelo ar rarefeito e carente de oxigênio. Mas tinha muita estima por Syaloch, e quando subiu a escada e sacudiu o chocalho do lado de fora do apartamento do segundo andar, foi recebido e entrou, se sentiu como se escapasse de um pesadelo.

— Ah, Krech! — O investigador pôs de lado o instrumento de cordas que estivera tocando e sua figura magra assomou sobre o visitante. — Inesberado brazer em bê-lo. Entre, meu camarrada, bor vabor entre.

Ele se orgulhava de falar bem a língua da Terra — mas algumas simples trocas de letras não passam a ideia do carregado e sibilante sotaque marciano.

O inspetor caminhou com cuidado pela sala alta e estreita. As cobras brilhantes que a iluminavam depois que escurecia dormiam enrodilhadas no chão de pedra, em um emaranhado de papéis, espécimes e armas; areia enferrujada cobria os peitoris das janelas góticas. Syaloch só limpava o próprio corpo. Em um canto havia um pequeno laboratório de Química. O resto das paredes estava coberto de prateleiras com a literatura criminalista de três planetas; livros marcianos, microcomputadores terráqueos, pedras falantes venusianas. Em um canto, patrioticamente, glifos representando a Geratriz reinante haviam sido gravados a tiros. Um terráqueo não conseguiria se sentar no mobiliário nativo trapezoide, mas Syaloch, cortês, providenciara cadeiras e tubos: sua clientela também era triplanetária.

— Assumo que você está aqui para um assunto oficial, mas confidencial.

Syaloch apanhou um cachimbo de boca larga. Os marcianos adotaram com alegria o fumo, embora em sua atmosfera o tabaco devesse incluir permanganato de potássio.

Gregg teve um sobressalto.

— Como diabos você sabe disso?

— Elementar, meu camarada. Seus gestos estão muito agitados, e eu sei que nada além de uma crise em sua profissão causaria tal efeito.

Gregg deu uma risada irônica.

Syaloch era um bípede de mais de dois metros, cuja aparência lembrava vagamente a de uma cegonha. Mas a cabeça esguia, de bico vermelho e crista no final do pescoço sinuoso, era grande demais, os olhos amarelos fundos demais; as penas brancas eram mais como as de um pinguim do que de uma ave voadora, exceto pela emplumada cauda azul. Em vez de asas havia esqueléticos braços vermelhos terminados por mãos de quatro dedos. E toda a postura era ereta demais para um pássaro.

Gregg voltou à realidade. Deus do céu! A cidade estava cinzenta e silenciosa: o sol deslizava para oeste, sobre os campos agrícolas de Sinus Sabaeus e o deserto de Aeria: ele mal conseguia perceber o ronco de uma esteira rolante passando abaixo das janelas — e ele ali, sentado com uma história que poderia destruir o Sistema Solar!

Suas mãos, enluvadas por causa do frio, se retorciam.

— É, é confidencial, com certeza. Se conseguir resolver este caso, você poderá cobrar o quanto quiser.

O brilho nos olhos de Syaloch fez com que lamentasse ter dito aquilo, mas ele foi em frente.

— Há um porém. Qual é a sua opinião em relação aos terráqueos?

— Não tenho preconceitos. É o cérebro que conta, e não se está coberto de penas, pelos ou placas de ossos.

— Não, eu compreendo. Mas alguns marcianos não gostam de nós. Perturbamos um antigo modo de vida… não conseguimos evitar, se devemos

negociar com vocês…

— *K'teh*. O comércio, como um todo, é benéfico. Seu combustível e máquinas, e o fumo, é clarro, parra nosso *kantz* e *snull*. E também estávamos ficando muito… bolorrentos. E, é claro, as viagens espaciais adicionaram toda uma nova dimensão à criminologia. Sim, eu gosto da Terra.

— Então vai nos ajudar? E guardar silêncio a respeito de uma coisa que poderia fazer com que sua federação planetária nos chutasse para fora de Phobos?

A terceira pálpebra se fechou, transformando o rosto bicudo em uma máscara.

— Ainda não faço promessas, Gregg.

— Bem… droga, tudo bem, eu vou ter que correr o risco. — O policial engoliu em seco. — Você sabe das joias da coroa.

— Foram emprestadas à Terra para exibição e estudos científicos.

— Depois de anos de negociação. Não há relíquia mais preciosa em todo Marte… e vocês eram uma civilização antiga enquanto ainda caçávamos mamutes. Pois muito bem. Foram roubadas.

Syaloch abriu os olhos, mas seu único outro movimento foi um aceno de cabeça.

— Elas foram postas em uma nave-robô na Estação da Terra. Quando a nave chegou a Phobos, haviam desaparecido. Nós quase destruímos a nave tentando encontrá-las… examinamos toda a carga, pedaço por pedaço… e elas não estão lá.

Syaloch reacendeu o cachimbo, um elaborado processo de pedra e aço em um mundo em que os fósforos não queimavam. Só quando houve fumaça ele

sugeriu:

— É possível que a nave tenha sido abordada no caminho?

— Não, não é possível. Todas as naves espaciais no Sistema são registradas, e seu paradeiro é detectado a qualquer momento. Ademais, imagine tentar encontrar um pontinho em centenas de milhões de milhas cúbicas e emparelhar com ele…. nenhuma nave já construída poderia levar tanto combustível. E, lembre-se, nunca foi anunciado que as joias voltariam dessa maneira. Só a polícia das Nações Unidas e a equipe da Estação Terra poderiam saber até que a nave houvesse decolado… e então seria tarde demais.

— Muito interressante.

— Se uma palavra a respeito disso for divulgada — disse Gregg, infeliz —, você pode imaginar o resultado. Suponho que ainda tenhamos alguns amigos no seu Parlamento.

— Na Câmara dos Ativos, sssim… alguns. Não na Câmara dos Filósofos, que, clarro, é a câmara superior.

— Isso poderia resultar em um hiato de vinte anos no tráfego Terra-Marte… talvez em uma permanente quebra de relações. Droga, Syaloch, você *precisa* me ajudar a encontrar as pedras!

— Hm-m-m. Peço que me desculpe. Isto requer pensamento.

O marciano pegou seu instrumento curvo e ensaiou alguns acordes. Gregg suspirou.

O pôr do sol incolor terminou, a noite já caíra com a enervante rapidez marciana e as cobras luminosas emitiam uma claridade azul quando Syaloch

largou a semirrabeca.

— Temo que eu deva visitar Phobos pessoalmente — disse ele. — Há muitos desconhecimentos a analisar e nunca é bom teorizar antes que todos os dados tenham sido colhidos. — Uma mão ossuda bateu no ombro de Gregg. — Vamos, vamos, velho camarrada. Estou muito grato a você. A vida estava se tornando infernalmente insípida. Agora, como diria meu ilustre predecessor terráqueo, os dados foram lançados… e o jogo é bem grande!

Um marciano não tem muita dificuldade para se adaptar à atmosfera terrestre, precisando apenas de uma hora em uma câmara de compressão e um filtro no bico para eliminar o excesso de oxigênio e umidade. Syaloch andava livremente pela plataforma do porto, de filtro, cachimbo e chapéu, reclamando consigo mesmo do calor e do ar pesado.

Vestiu um traje espacial e saiu para inspecionar a *Jane Brackney*. A nave havia sido posta de lado para dar lugar às que ainda chegariam e estava na borda de um penhasco, no final do campo, brilhando à intensa claridade espacial. Gregg e Yamagata o acompanhavam.

— Vocês foram mesmo minuciosos — observou o detetive. — O revestimento foi quase todo arrancado.

O esferoide parecia um ovo que tivesse passado por uma forma de waffle: uma rede quadriculada de vigas e braceleiras sobre um fino invólucro de alumínio. Os propulsores, escotilhas e antena do rádio eram as únicas quebras no padrão quadriculado, cuja profundidade era de cerca de trinta centímetros e cujos quadrados ocupavam uma jarda em torno do “equador”.

Yamagata deu uma risada tensa.

— Não. Os guardas passaram cada polegada dela pelo fluoroscópio, mas esta

é a aparência normal dessas naves de carga. Elas nunca pousam na Terra, vocês sabem, ou em qualquer lugar onde haja ar, portanto um revestimento seria desnecessário. E, como não há ninguém em trânsito a bordo, não precisamos nos preocupar com isolamento ou estanquidade. Artigos perecíveis são introduzidos em compartimentos lacrados.

— Compreendo. E onde estavam guardadas as joias da coroa?

— Deveriam estar em um armário perto do giroscópio — respondeu Gregg.

— Estavam em uma caixa selada, cerca de 15 cm de altura, 15 de largura e 30 de comprimento.

Ele sacudiu a cabeça, como se fosse difícil de acreditar que uma caixa tão pequena pudesse conter tanta morte em potencial.

— Ah… mas elas *foram* postas no armário?

— Falei com a Terra pelo rádio e recebi um relatório completo — disse Gregg. — A nave foi carregada como de hábito, na estação satélite, e depois foi estacionada a uma distância de um quarto de milha até a hora de partir. Para tirá-la do caminho, você compreende. Ficou imóvel na mesma órbita, presa por um cabo de luz; procedimento absolutamente padrão. No último minuto, sem que ninguém fosse avisado de antemão, as joias da coroa foram levadas da Terra e escondidas a bordo.

— Por um guarda especial?

— Não. Só técnicos licenciados têm permissão para subir a bordo de uma nave em órbita, a não ser em emergências de vida ou morte. Um dos membros regulares da tripulação da estação, um sujeito chamado Carter, recebeu as instruções de onde colocá-las. Foi observado pela polícia enquanto se içava pelo

cabo e entrava pela escotilha. — Gregg apontou para uma pequena porta junto à antena do rádio. — Ele saiu, fechou-a e voltou pelo cabo. Por via das dúvidas, foi imediatamente revistado pela polícia, assim como seu traje espacial, e decididamente não estava com as joias. Não havia razão para suspeitar dele, um funcionário bom e diligente, embora eu deva admitir que ele desapareceu desde então. A *Jane* foi disparada poucos minutos depois e seus propulsores foram observados até serem desligados e ela seguir em queda livre. E essa foi a última vez que alguém a viu até que chegasse aqui… sem as joias.

— E na órbita correta — acrescentou Yamagata. — Se tivesse sido abordada, isso a teria afastado da órbita o suficiente para que percebêssemos quando chegou. Transferência do momentum entre ela e a outra nave.

— Compreendo.

Por trás da viseira, o bico de Syaloch traçou uma acentuada curva preta contra o céu.

— Então vejamos, Gregg, as joias estavam realmente dentro da caixa quando ela foi entregue?

— Você quer dizer na Estação da Terra? Ah, estavam sim. A operação envolveu quatro inspetores-chefes das Nações Unidas e o quartel-general diz que todos estão acima de qualquer suspeita. Quando transmiti a notícia do roubo, eles insistiram em ter seus próprios alojamentos e pertences revistados, e passaram voluntariamente pelo polígrafo.

— E seus próprios guardas em Phobos?

— Mesma coisa — disse o policial, muito sério. — Eu impus um embargo:

ninguém, além de mim, deixou este assentamento desde que a perda foi descoberta. Todos os cômodos, túneis e depósitos foram revistados.

Ele tentou coçar a cabeça, tentativa frustrada quando se está dentro de um traje espacial.

— Não posso manter essas restrições por muito tempo. Naves estão chegando e os destinatários querem suas mercadorias.

— *Hnachla*. Isso nos limita o tempo. — Syaloch balançou a cabeça. — Sabem de uma coisa? Esta é uma fascinante variação do velho crime de quarto fechado. Uma nave-robô em trânsito é um quarto fechado no sentido mais clássico.

Ele se afastou.

Gregg olhou desolado para o horizonte selvagem, para a rocha nua perpendicular a seus pés, e outra vez para o campo. É impressionante como a visão prega peças, quando não há oxigênio, mesmo sob uma claridade intensa. Aquele sujeito cruzando o campo ali, debaixo do ofuscante brilho do sol e dos holofotes, não passava de um pontilhado de sombra e luz… que diabos ele está fazendo? Amarrando os sapatos, será possível? Não, ele estava andando normalmente…

— Eu gostaria de passar todo mundo em Phobos pelo escâner — disse Gregg em tom violento —, mas a lei não permite, a não ser que os suspeitos se disponham… e só meus próprios homens se dispuseram.

— Com razão, meu caro amigo — disse Syaloch. — Devemos pelo menos ter o privilégio da privacidade em nosso próprio crânio. E isso tornaria a investigação insuportavelmente brutal.

— Estou me lixando solenemente para brutalidades! — reagiu Gregg. — Só quero aquela caixa, com as joias da coroa marciana a salvo dentro dela.

— Nã-nã! A impaciência tem sido a ruína de muitos promissores jovens policiais, como creio me lembrar de ter meu antepassado espiritual terráqueo salientado para um homem da Scotland Yard que… hmm… pode até ter sido um antepassado físico seu, Gregg. Parece que devemos tentar outro enfoque. Há alguém em Phobos que possa ter sabido que as joias estavam a bordo desta nave?

— Há, sim. Apenas dois homens. Já verifiquei que nunca burlaram a segurança nem contaram a ninguém até que o segredo foi revelado.

— E quem são?

— Técnicos, Hollyday e Steinmann. Estavam trabalhando na Estação da Terra quando a *Jane* foi carregada. Saíram pouco depois, não ao mesmo tempo; vieram para cá por cruzeiro e conseguiram emprego. Pode apostar que os alojamentos deles foram revistados!

— Talvez — murmurou Syaloch — valesse a pena interrogar os cavalheiros em questão.

Steinmann, um ruivo magro, usava a truculência como um manto. Hollyday parecia apenas preocupado. Isso não era prova de culpa — todos tinham sido muito cobrados, nos últimos tempos. Sentaram-se na delegacia de polícia, com Gregg atrás da mesa e Syaloch encostado à parede, fumando e olhando para eles com enigmáticos olhos amarelos.

— Que droga! Eu já repeti milhares de vezes, até enjoar! — Steinmann fechou os punhos e encarou o marciano com olhos injetados. — Eu nunca encostei nas

coisas e não sei quem encostou. Um homem não tem direito de mudar de emprego?

— Por favor — disse o detetive, calmo. — Quanto mais vocês ajudarem, mais cedo podemos terminar este trabalho. Presumo que conhecessem o homem que botou a caixa na nave?

— Claro. Todo mundo conhecia John Carter. Todo mundo conhece todo mundo em uma estação satélite. — O terráqueo empinou o queixo. — É por isso que nenhum de nós vai ser escaneado. Não vamos expor todos os nossos pensamentos para sujeitos que encontramos cinquenta vezes por dia. Ficaríamos loucos!

— Eu nunca fiz esse pedido — declarou Syaloch.

— Carter era um bom amigo meu — informou Hollyday.

— Sei — grunhiu Gregg. — E ele também saiu de lá, mais ou menos na mesma época em que vocês pediram demissão, foi para os lados da Terra e nunca mais foi visto. O QG me disse que você e ele andavam muito juntos. Sobre o que conversavam?

— O de sempre — disse Hollyday, dando de ombros. — Bebida, mulheres e música. Não ouvi falar dele desde que saí da Terra.

— Quem disse que Carter roubou a caixa? — perguntou Steinmann. — Ele só ficou cansado de viver no espaço e largou o emprego. Ele não poderia ter roubado as joias: ele foi revistado.

— E ele não poderia tê-las escondido em algum lugar para que um amigo as

pegasse? — indagou Syaloch.

— Escondido? Onde? Aquelas naves não têm compartimentos secretos —

disse Steinmann, em tom cansado. — E ele só esteve a bordo da *Jane* por poucos minutos, só o suficiente para pôr a caixa onde deveria. — Seus olhos fulminaram

Gregg. — Vamos admitir: as únicas pessoas que, em qualquer lugar do percurso,

tiveram chances de mexer nas joias foram os nossos queridos policiais.

O inspetor ficou vermelho e se ergueu na cadeira.

— Olhe aqui, seu…

— Nós acreditamos na *sua* palavra quando disse que é inocente — rosnou Steinmann. — Por que sua palavra deveria valer mais do que a minha?

Syaloch fez um gesto para acalmar os dois homens.

— Por favor. Brigas são antifilosóficas. — Seu bico se abriu e emitiu um ruído, o equivalente marciano de um sorriso. — Algum de vocês teria, talvez,

uma teoria? Estou aberto a todas as ideias.

Houve uma calmaria. E então Hollyday murmurou:

— É. Eu tenho uma.

Syaloch fechou os olhos e fumou em silêncio, à espera.

O sorriso de Hollyday era puro nervoso.

— Só que, se eu estiver certo, vocês nunca mais verão aquelas joias.

Gregg quase engasgou.

— Eu já andei um bocado pelo Sistema Solar — disse Hollyday. — A gente

fica solitário no espaço. Nunca temos ideia de como é grande e solitário até estarmos lá, sozinhos. E eu fiz exatamente isso. Sou um prospector amador de

urânio, até agora sem sorte. Não consigo acreditar que a gente saiba tudo a respeito do Universo, ou que só haja vácuo entre os planetas.

— Você está falando dos caroções? — bufou Gregg.

— Pode chamar de superstição. Mas se a gente passa muito tempo no

espaço… bem, a gente *sabe*. Existem seres por lá, seres de gás, seres de radiação, qualquer coisa que você imaginar… tem algo vivo no espaço.

— E que uso teria uma caixa de joias para um caroção?

Hollyday abriu as mãos.

— E eu lá sei? Talvez a gente incomode eles, atravessando seu reino escuro com os nossos foguetinhos. Roubar as joias da coroa seria um bom jeito de perturbar o comércio de Marte, não é?

Só o cachimbo de Syaloch quebrava o silêncio pesado. Mas seu borbulhar

parecia quase irreverente.

— Bem… — Gregg, impotente, revirava nas mãos um peso de papel feito de

meteorito. — Bem, sr. Syaloch, o senhor quer fazer mais perguntas?

— Só uma. — A terceira pálpebra se abriu e encarou Steinmann com frieza.

— Por gentileza, meu bom homem, qual é o seu passatempo?

— Ahn? Xadrez. Eu jogo xadrez. O que isso tem a ver? — Steinmann baixou

a cabeça e fitou-os com ar soturno.

— Nada mais?

— E o que mais se tem pra fazer?

Syaloch olhou para o inspetor, que acenou concordando.

— Compreendo. Obrigado. Talvez possamos jogar algum dia. Também tenho

alguma habilidade. É tudo por hoje, senhores.

Os dois saíram, movendo-se como objetos em um sonho enevoado através da pouca gravidade.

— E então? — Os olhos de Gregg suplicavam a Syaloch. — O que fazemos agora?

— Muito pouco. Eu acho que… sssim… enquanto estou aqui, gostaria de observar os técnicos em ação. Na minha profissão, é preciso ter um amplo conhecimento de todas as profissões.

Gregg suspirou.

Ramanowitz fez as honras da casa. A *Kim Brackney* chegou e estava sendo descarregada. Eles atravessaram um enxame de homens em trajes espaciais.

— Os guardas vão ter que levantar logo aquele embargo — disse Ramanowitz. — Ou isso ou declarar por que o instauraram. Nossos armazéns estão explodindo.

— Seria uma boa política fazer isso — concordou Syaloch. — Ah, me diga… este é o equipamento padrão para todas as estações?

— Ah, o senhor se refere às roupas dos rapazes e ao material que usam? Com certeza, mesma coisa em todos os lugares.

— Posso examiná-los mais de perto?

— Ahn?

Senhor, livrai-me da visita dos bombeiros! , pensou Ramanowitz.

E acenou para chamar um mecânico.

— O sr. Syaloch gostaria que você lhe explicasse seus trajes — disse, sem disfarçar o sarcasmo.

— Claro. Traje especial regular daqui, reforçado nas costuras. — As mãos enluvadas se moveram, apontando. — Serpentinas de aquecimento ligadas a esta

bateria de capacitância. Dez horas de abastecimento nos tanques de ar. As ferramentas são encaixadas nestes ganchos, para que não saiam por aí à deriva.

Esta latinha presa ao meu cinto contém tinta, que pulverizo por este bocal.

— Porque as naves espaciais precisam ser pintadas? — perguntou Syaloch. —

Não há nada que possa corroer o metal.

— Bem, senhor, nós só chamamos de tinta. Na verdade, é visgo, para selar quaisquer vazamentos no casco até podermos instalar uma nova placa, ou para marcar qualquer outro tipo de dano. Furos de meteoros e coisa parecida.

O mecânico apertou um gatilho e um jato fino e quase invisível foi lançado,

solidificando-se ao bater no chão.

— Mas o remendo não fica muito à vista, não é? — objetou o marciano. —

Eu, pelo menos, tenho dificuldade para ver com clareza no vácuo.

— É verdade. A luz não se difunde, então… bem, de qualquer maneira, a

coisa é radioativa. Não a ponto de ser perigosa, só o suficiente para que a equipe

de reparos possa encontrar o lugar com um contador Geiger.

— Entendo. Qual é a meia-vida?

— Ah, não tenho certeza. Seis meses, talvez? Deveria permanecer detectável

por um ano.

— Obrigado.

Syaloch se afastou. Ramanowitz precisou dar saltos para emparelhar com

aquelas pernas compridas.

— O senhor acha que Carter pode ter escondido a caixa em sua lata de tinta?

— indagou o humano.

— Não, dificilmente. A lata é muito pequena e eu parto do princípio de que ele foi revistado com rigor. — Syaloch parou e fez uma reverência. — O senhor

foi muito gentil e paciente, sr. Ramanowitz. Já terminei, e posso encontrar o inspetor sem a sua ajuda.

— Para quê?

— Para lhe dizer que suspenda o embargo, é claro. — Syaloch sibilou

duramente. — E depois preciso pegar o próximo voo para Marte. Se eu me apressar, ainda conseguirei ir ao concerto em Sabaeus, hoje à noite. — Sua voz

assumiu um tom sonhador. — Será a première de *Variações sobre um tema de Mendelssohn*, de Hanyech, transcrita para a escala da Royal Chlannach. Deve ser um tanto peculiar.

Três dias depois, chegou a carta. Syaloch se desculpou e deixou um ilustre cliente de cócoras, enquanto a lia. Depois acenou com a cabeça para o outro marciano.

— Será de seu interesse saber, senhor, que os Estimáveis Diademas chegaram

em Phobos e estão sendo devolvidos neste momento.

O cliente, um ministro de Estado da Câmara dos Ativos, piscou.

— Perdão, livre-incubado Syaloch, mas o que você tem a ver com isso?

— Ah… Sou amigo do desemplumado chefe de polícia. Ele achou que eu

gostaria de saber.

— *Hraa*. Você não esteve em Phobos há pouco tempo?

— Um caso sem importância.

O detetive dobrou com cuidado a carta, polvilhou-a com sal e comeu-a.

Marcianos adoram papel, sobretudo folhas terráqueas oficiais de baixa qualidade.

— Mas o senhor estava dizendo…?

O parlamentar respondeu, com expressão ausente. Ele não sonharia em violar a privacidade — não, jamais! —, mas, se possuísse visão de raio-X, teria lido:

Meu caro Syaloch,

Você estava absolutamente certo. Seu crime de quarto fechado está resolvido.

Recuperamos as joias, tudo está em perfeito estado e a mesma nave pela qual segue esta carta irá depositá-las nos cofres. É uma pena que o público nunca possa conhecer os fatos — dois planetas lhe deveriam ser gratos —, mas agradecerei eu mesmo por todos e insisto que qualquer conta que deseje me enviar lhe será paga na íntegra. Mesmo que a Assembleia precise fazer uma doação especial, o que receio será preciso.

Confesso que sua ideia de suspender de imediato o embargo me pareceu um tanto desmedida, mas funcionou. Botei meus rapazes em campo, é claro, revistando Phobos com contadores Geiger, mas Hollyday encontrou a caixa antes de nós. O que, sem dúvida, nos poupou muitos aborrecimentos. Eu o prendi quando voltava para seus aposentos e levava a caixa entre as amostras de minério. Ele confessou, e você estava certo o tempo todo.

Como é mesmo aquilo que você me citou, a frase daquele terráqueo que tanto admira? "Quando se eliminou o impossível, tudo o que resta, por mais improvável, deve ser verdade." Algo assim. Com certeza se aplica a este caso.

Como você concluiu, a caixa deve ter sido levada para a nave na Estação da

Terra e deixada lá — não havia outra possibilidade. Carter teve a ideia em meio minuto, quando recebeu ordens para apanhar a coisa e colocar a bordo da Jane
.

Ele entrou, tudo bem, mas, ao sair, ainda tinha a caixa em seu poder. Naquela

luz incerta, ninguém o viu "guardá-la" entre quatro vigas ao lado da escotilha.

Ora, como você observou, se as joias não estavam dentro da nave, e também

não estavam fora *da nave, só poderiam estar* na *nave. A gravidade as manteria no lugar. Quando a* Jane *decolou, a pressão da aceleração deslizou a caixa para trás, mas é claro que a rede de ferro quadriculada impediu que se perdesse; ela se prendeu à trave posterior e lá ficou. Até chegar em Marte! E então a gravidade da nave a manteve segura até mesmo em queda livre, já que ambas estavam na mesma órbita.*

Hollyday disse que Carter lhe contou tudo. Carter não podia ir pessoalmente

a Marte sem levantar suspeitas e ser observado todo o tempo depois que se descobrisse o sumiço das joias. Precisava de um cúmplice. Hollyday foi para Phobos e começou a prospectar, como cobertura para a busca das joias, que faria mais tarde.

Como você me mostrou, quando a nave estivesse a mil milhas deste hangar, a

gravidade de Phobos seria mais potente do que a dela. Todo peão de voo sabe

que as naves-robô não começam a desacelerar até estarem bem perto; que depois ficam quase em linha perpendicular à superfície e que o lado com a antena do rádio e a escotilha — o lado em que Carter tinha posto a caixa — é

girado para ficar de frente para a estação. A força centrífuga da rotação jogou a caixa para fora da nave, atirando-a na direção de Phobos, e não para longe.

Carter sabia que essa rotação é lenta e suave, portanto a força não seria suficiente para que a caixa se afastasse com velocidade e se perdesse no espaço.

Teria que cair na direção do satélite. Ficando a Estação de Phobos do lado oposto a Marte, não havia o risco de a caixa roubada continuar a cair até atingir o planeta.

Portanto, exatamente como você deduziu, as joias da coroa caíram em

Phobos. Claro que Carter havia pulverizado a caixa com um pouco de

radioatividade quando a guardou, e Hollyday se valeu disso para rastreá-la entre todas aquelas rochas e fendas. Para ser exato, sua trajetória seguiu a curva exata desta lua, portanto ela pousou a cerca de cinco milhas da estação.

Steinmann ficou atrás de mim para saber por que você o inquiriu a respeito

do seu passatempo. Você se esqueceu de me dizer, mas deduzi por mim mesmo e

expliquei. Já que ninguém mais sabia qual era a carga, ele ou Hollyday tinham

que estar envolvidos, e o culpado precisaria de alguma desculpa para sair e procurar a caixa. Jogar xadrez não fornece esse tipo de álibi. Tenho razão? Pelo menos, minha dedução prova que tenho estudado o mesmo cânone que você segue. A propósito, Steinmann pergunta se você se importaria de sair com ele na próxima vez que ele tiver licença para visitar o planeta.

Hollyday sabe onde Carter está escondido, e nós já enviamos por rádio essa

informação à Terra. O problema é que não podemos proces sar nenhum deles sem admitir os fatos. Ah, bem, existem essas tais de listas de desafetos.

Preciso terminar agora, para pegar o malote. Irei visitá-lo em breve; não profissionalmente, espero!

Com admiração,

Inspetor Gregg.

Mas o ministro de Estado não possuía visão de raio-X. Ele se recusou a fazer

especulações não proveitosas e expôs seu problema. Alguém, em algum lugar de

Sabaeus, estava *farnikand* as *kraters* e uma alarmante *zaksnautry* começava

entre os *hyukus*. Pareceu a Syaloch um caso interessante.

Sherlock entre os espíritos

ANÔNIMO

Há fortes indicações de que Gilbert Keith Chesterton (1874-1936) fosse um grande fã de Sherlock Holmes e de Arthur Conan Doyle. Além de escritor popular e bem-sucedido, sobretudo por seus cinco volumes de histórias sobre o padre Brown, Chesterton era um ilustrador cujas caricaturas foram publicadas em inúmeras revistas e livros, e, com frequência, fazia de Holmes o objeto de suas tintas coloridas.

Ainda jovem, desistiu das outras investidas artísticas para se dedicar a diversos gêneros literários, inclusive poesia, jornalismo, histórias de detetive, religião, biografia e crítica artística e literária, tornando-se uma voz profundamente influente tanto no pensamento religioso quanto em literatura e fundando a importante e epônima revista *G.K.'s Weekly* (1925-1936), depois de ter editado por sete anos sua predecessora, *The New Witness*.

Havia em suas páginas artigos teológicos e políticos assinados por autores da importância de H.G. Wells e George Bernard Shaw, mas também textos versando sobre espiritualismo, a grande preocupação dos últimos anos de vida de Conan Doyle. Chesterton também se interessou por esse campo de estudos e publicou esta paródia anônima de Holmes e seu encontro com um médium. Especulou-se que o próprio Chesterton a tivesse escrito, mas não há provas que determinem a verdade.

"Sherlock entre os espíritos" foi originalmente publicado na edição de 15 de agosto de 1925 da *G.K.'s Weekly*.

SHERLOCK ENTRE OS ESPÍRITOS

Anônimo

A sessão espírita que meu amigo Conan Doyle me induziu a realizar nos meus velhos aposentos em Baker Street acabava de terminar. Tinha sido uma tremenda revelação. O médium, dr. Magog, que eu a princípio considerei um charlatão (uma vez que minha formação havia sido estritamente científica e racional) devido a seus longos cabelos e barba brancos e seu nome lituano, surpreendeu-me com a exatidão de suas sugestões. Ele chegou a converter o outro amigo de sir Arthur, o dr. Challenger, de quem os leitores da *Strand Magazine* devem se lembrar por ter descoberto um mundo de animais pré-históricos, dos quais parece partilhar atitudes e aparência. Ele havia começado com sérias dúvidas, que expressou arremessando a mesa para o fundo da sala e desrespeitando vários dos presentes em busca da verdade; mas no meio do processo explodiu em soluços que sacudiram o prédio.

Eu compreendia seus sentimentos. O médium mencionava coisas que só poderiam ser do conhecimento dos círculos mais íntimos; como um soco dado em uma menina quando ela era criança, agora lembrado pelo espírito do irmão dela, morto na guerra. Às vezes, tal intimidade chegava a ser angustiante, como a imagem trazida até nós de uma menina chorando em um remoto castelo na França e a sombria admissão, por um dos jovens ali presentes, de que aquela lembrança lhe provocava remorsos. Talvez o caso mais notável tenha sido aquele em que o espírito de uma filha disse ao pai para não negligenciar sua aparência devido à tristeza pela sua morte, pois os Seres Resplandecentes gostariam de vê-lo de monóculo e polainas. Agora, o homem em questão estava indescritivelmente desgrenhado e maltrapilho, mas admitiu que de fato, em dias

mais felizes, usara tais adereços.

Meditava eu a respeito de tudo isso depois que os outros saíram, quando ouvi passos na escada, dizendo-me que um deles estava de volta. O próprio dr. Magog entrou na sala, dizendo:

— Esqueci meu chapéu. Reunião interessante, não é mesmo?

— O senhor realmente me surpreendeu — comentei.

— Você já me disse isso muitas vezes, meu caro Watson — retrucou ele.

Pus-me de pé em um pulo e fiquei rígido, em incrédulo assombro, pois percebera um tom de algo mais surpreendente do que quaisquer surpresas psíquicas.

Ele se sentou languidamente e tirou a peruca branca, revelando a inequívoca testa protuberante do maior detetive do mundo.

— Se você empregasse meus métodos, Watson — disse ele —, saberia que um homem nunca esquece o próprio chapéu, a não ser que esteja usando uma peruca. Foi um lapso deplorável. Bem, você viu, eu converti Challenger.

— Um feito incrível — observei. — O descobridor do mundo pré-histórico.

— Uma ocupação muito apropriada, Watson — comentou ele. — Eu deveria dizer que os poderes de observação científica do dr. Challenger equivaliam a avistar um dos maiores plesiosauros a alguns metros de distância. Com um pouco mais de atenção e detalhes, ele poderia até ver um mamute no capacho.

— Mas como você conseguiu tudo isso? — perguntei. — Como você sabia daquele incidente de infância, por exemplo?

— A moça era atraente, saudável e tinha dentes falsos. Era muito provável que os tivesse perdido devido a um soco, e quem poderia lhe ter dado um soco se não o irmão?

— E quanto ao monóculo e polainas? — indaguei.

— Eu mesmo escrevi uma pequena monografia sobre “O monóculo do crime”, e nós vimos um pouco do seu efeito devastador quando examinamos aquele probleminha do Porta-chapéus Assombrado. O homem tinha marcas diferentes nas órbitas dos olhos, que só poderiam ter sido produzidas por um monóculo. Alguma vez você viu um homem desalinhado e com a barba por fazer usando um monóculo? Sua barba era eriçada como a de todos os homens que já se barbearam. Arrisquei nas polainas, mas fui cuidadoso o bastante para dizer que era assim que as inteligências superiores gostariam de vê-lo. Gosto não se discute.

— E como você sabia — perguntei, baixando a voz — que o rapaz havia partido o coração de uma senhora em um castelo?

— Ele não partiu — esclareceu Sherlock Holmes —, mas, pela expressão dele, eu soube que seria o último dos homens a negar aquilo. Um tanto óbvio, Watson. Você poderia me passar meu violino?

O caso dos patriarcas desaparecidos

LOGAN CLENDENING

Embora eminente erudito e colecionador de Sherlock Holmes, Logan Clendening (1884–1945) caiu no esquecimento, a não ser por este único conto, que Ellery Queen descreveu como “um dos mais curtos e mais inteligentes

pastiches de Sherlock Holmes jamais concebido", e Edgar W. Smith, o diretor dos Baker Street Irregulars, chamou de texto clássico, chegando a sugerir "O tratado do umbigo" como um possível título alternativo.

Nascido em Kansas City, Missouri, Clendening tornou-se um dos maiores médicos da cidade e foi um dos seus cidadãos mais estimados, tão famoso por sua sagacidade e charme quanto por sua erudição literária e perícia médica. Sua coluna, "Dieta e Saúde", foi reproduzida em quase quatro centenas de jornais, e seu livro mais importante, *The Human Body* (1927), foi um best-seller que continuou a ser impresso por muitos anos, em sucessivas edições. Seu sucesso encorajou-o a desistir do consultório particular em prol do jornalismo e da literatura. Seu senso de humor veio a público quando lhe perguntaram por que abandonara o consultório particular. Sua resposta: "Meu filho, neste país há várias lápides registrando o meu progresso no campo cirúrgico. Posso dizer que desisti quase por aclamação universal."

Quando o grande erudito, colecionador e especialista sherloquiano Vincent Starrett foi obrigado, por dificuldades financeiras, a vender sua coleção de Holmes, Challenger lhe escreveu: "Eu soube que você acabou de se separar de sua coleção, e penso que gostaria de começar outra. Por que não começar com a minha? Ela é pequena, mas decente — contém algumas das melhores peças das quais você poderá ter problemas para encontrar duplicatas —, e vou encaixotá-la hoje à tarde e encaminhá-la para você amanhã pela manhã. Se a aceitar, você realmente me livrará de uma grande preocupação."

"A caixa", escreveu Starrett em sua autobiografia, *Born in a Bookshop* (1965), "continha cerca de vinte dos mais desejáveis itens do gênero, inclusive a desesperadamente rara primeira edição de *Um estudo em vermelho*. Foi o núcleo de uma nova coleção… Acredito que nenhum gesto mais bonito tenha jamais

sido feito de um colecionador para outro.”

“O caso dos patriarcas desaparecidos” foi impresso em uma edição especial de trinta exemplares para os amigos de Edwin B. Hill (Ysleta, Texas, 1934).

O CASO DOS PATRIARCAS DESAPARECIDOS

Logan Clendening

Sherlock Holmes está morto. Aos oitenta anos, faleceu tranquilamente durante o sono. E no mesmo instante subiu ao Céu.

A chegada de poucos novos imigrantes às ruas celestiais causou muita comoção. Dizem que só o aparecimento de Napoleão no Inferno se igualou à recepção do grande detetive. A despeito do forte nevoeiro que emanava do Jordão, Holmes foi na mesma hora embarcado em uma carruagem para a audiência com a Divina Presença. Após a costumeira troca de amenidades, Jeová disse:

— Sr. Holmes, nós também temos nossos problemas. Adão e Eva desapareceram. A bem da verdade, não são vistos há quase duas eras. Eles costumavam ser uma grande atração para os visitantes e nós gostaríamos que se encarregasse de encontrá-los.

Por alguns instantes, Holmes pareceu pensativo.

— Receamos que sua aparência, quando vistos pela última vez, não lhe fornecerá qualquer pista — continuou Jeová. — Um homem muda em duas eras.

Holmes levantou a mão comprida e fina.

— Seria possível fazer um comunicado geral de que uma competição entre um corpo inabalável e uma força irresistível será encenada? Naquele grande campo ao final da rua… do Senhor, presumo que assim se chame?

O comunicado foi feito e logo as ruas ficaram apinhadas de uma multidão que se movia devagar. Encostado ao divino pórtico, Holmes, impassível, observava. De repente, ele disparou em meio à multidão, agarrou um patriarca e sua velha companheira lamurienta e levou-os à Divina Presença.

— Muito bem! — afirmou a Deidade. — Adão, você tem nos causado grande ansiedade. Mas, sr. Holmes, diga-me como os encontrou.

— Elementar, meu caro Deus — disse Sherlock Holmes. — Eles não têm umbigos.

O diabo e Sherlock Holmes

LOREN D. ESTLEMAN

Uma profunda afeição por Sherlock Holmes resultou na publicação dos dois primeiros livros de Loren D. Estleman (1952–), *Sherlock Holmes vs. Dracula*, ou *The Adventure of the Sanguinary Count* (1978) e *Dr. Jekyll and Mr. Holmes* (1979), assim como a recente coletânea de contos *The Perils of Sherlock Holmes* (2012).

No entanto, dentre seus setenta livros publicados, Estleman é mais conhecido pelos 23 romances sobre o detetive particular Amos Walker, de Detroit.

Começando com *Motor City Blue* (1980), essa série tem sido elogiada por fãs tão heterogêneos quanto Harlan Coben, Steve Forbes, John D. MacDonald, John

Lescroart e o Amazing Kreskin. Como um dos escritores mais celebrados da América, Estleman recebeu o Eye, o prêmio honorífico dos Escritores Americanos de Histórias de Detetive, associação que também lhe concedeu quatro prêmios Shamus.

Ele foi indicado para um National Book Award e um Edgar Award e recebeu vinte outros prêmios literários, em especial o prêmio Owen Wister por Contribuições Vitalícias à Literatura de Faroeste, a maior honra concedida aos Escritores Americanos de Histórias de Faroeste.

"O diabo e Sherlock Holmes" foi originalmente publicado em *Ghosts in Baker Street*, organizado por Martin H. Greenberg, Jon Lellenberg, e Daniel Stashower (Nova York, Carroll & Graf, 2006).

O DIABO E SHERLOCK HOLMES

Loren D. Estleman

O ano de 1899 ocupa um lugar especial em minhas lembranças; não por ter sido o penúltimo do século (os numerólogos assim afirmam, mas a opinião popular discorda), mas por ter sido o único período, em minha longa e estimulante relação com Sherlock Holmes em que recorri, como cliente, a seus inestimáveis serviços.

Era o último dia de abril e, como não me havia ainda decidido a investir em ações sul-africanas, eu estava atualizando minhas recordações com a ajuda de números recentes do *Times* e do *Telegraph* referentes à evolução da ácida relação entre bôeres e britânicos em Johanesburgo. O dia era domingo e meu consultório estava vazio. Tal situação apresentava a feliz perspectiva de estudo ininterrupto

fora do ambiente melancólico dos meus solitários aposentos, na ausência de minha esposa, bem como um refúgio dos problemas pessoais de safra mais

recente.

Fiquei, então, um tanto descontente ao ser obrigado a abandonar a pilha de seções descartadas para atender à campainha.

— Ah, Watson! — saudou-me Sherlock Holmes. — Quando o encontro

desperdiçando o resto do dia em conferências com seu talão de cheques,

pergunto-me se deveria ter vindo arrastanto correntes, para assombrá-lo até desistir de seu destino de avareza.

Era sempre um prazer encontrar meu amigo mais antigo, e apertei sua mão antes de me dar conta de que, mais uma vez, ele invadia minhas reflexões pessoais. Só depois de guardar seu chapéu, sobretudo e bengala, e de estarmos confortavelmente instalados em minhas poltronas surradas com copos de

conhaque na mão para afastar o frio primaveril perguntei-lhe por que sortilégios

havia ele adivinhado minha recente ocupação.

— A tinta de impressão em suas mãos, em um dia em que nenhum jornal é entregue, é uma prova; o resto é suposição, baseada no conhecimento de causa e

na única história que despertou o interesse de todos os jornais do país nesta última semana. Tendo vivido a guerra em primeira mão, você dificilmente seria

um entusiasta de retóricas agressivas; mas é um investidor crônico, que se orgulha de sua determinação de, antes de arriscar, arrancar qualquer vestígio de

informação a respeito de um empreendimento. O resto é mera aritmética.

— Você não perdeu o jeito — afirmei, sacudindo a cabeça.

— E no entanto receio que isso possa ocorrer, se passar mais uma semana neste marasmo. Não resta na nossa ilha um único criminoso com imaginação.

Emigraram todos para a América, a fim de concorrer a cargos públicos.

Seu tom era brincalhão, mas ele parecia desanimado. Reconheci, alarmado, a expressão de desespero que, no passado, o levara a práticas nada saudáveis. Em vez disso, ele recorrera a mim, e eu estava sinceramente feliz por servir de substituto.

— Bem, não pretendo pedir-lhe que investigue os *forasteiros* da África do Sul. Ele jogou na lareira o cigarro que acabara de acender, em um gesto de irritação.

— O custo seria um desperdício. Qualquer um com olhos na cabeça pode ver que haverá guerra, e que não haverá dias de folga para as tropas de Sua Majestade. Ouça meu conselho e restrinja suas apostas ao turfe.

Holmes era uma companhia espinhosa quando estava agitado. Por sorte, não precisei ir muito longe para encontrar um assunto capaz de afastar o tédio que, no caso dele, podia ser fatal. A situação atraíra minha atenção nos últimos dias, quase tanto quanto o conflito na Costa do Marfim. Era preciso, no entanto, abordar a questão com cuidado, uma vez que as circunstâncias eram um anátema para suas enregeladas faculdades de raciocínio.

— A bem da verdade — provoquei-o —, tenho me deparado com uma questão que talvez apresente algumas características interessantes. Hesito, porém, em trazê-la à baila.

— Meu camarada, este não é o momento de vida para se tornar discreto. Não combina com você. — Ele levantou a cabeça, como faz um cão quando o vento sopra da direção de um bosque onde há uma caça.

— Meu caro Holmes, vamos fazer de conta que eu nada disse. O caso está

aquém de sua capacidade.

— Você é um livro aberto, incapaz de lançar a isca oscilante de um salafrário.

Seja você mesmo e deixe as técnicas de psicologia reversa para os colegas do dr.

Freud.

A despeito da ironia de sua fala, ele estava exatamente na pista certa.

— É só porque conheço seus pontos de vista quanto ao assunto.

— Que assunto é esse?

— O sobrenatural.

— Arre! Poupe-me das suas histórias de bicho-papão.

Ele fingiu desapontamento, mas eu o conhecia bem demais para me fiar nas aparências. Ele era capaz de disfarçar seu aspecto físico com perucas e narizes de borracha, mas não sua curiosidade latente.

— Você talvez saiba que eu dou consultoria médica à equipe do hospital St.

Porphyry, em Battersea.

— Eu conheço o St. Poor — disse ele. — Meu testemunho na Corte mandou

para lá um assassino, livrando-o do cadafalso, e há também por lá pelo menos dois ladrões de banco, tremulando diante de crédulos peritos médicos, que deveriam estar apodrecendo no cárcere.

Não fui capaz de saber se ele desejava o encarceramento dos ladrões ou dos médicos. De qualquer forma, fiquei irritado.

— O St. Porphyry é líder no moderno tratamento dos lunáticos. Não é um covil de charlatões.

— Eu não pretendi dizer que era. Por favor, continue. Essa propensão para ocultar a particularidade mais importante até o final pode agradar aos leitores dos seus contos, mas esgota minha dose de paciência.

— Em resumo — declarei —, temos lá, no momento, um paciente que está convencido de ser o diabo.

Ele balançou a cabeça, pensativo.

— Estamos no caminho do equilíbrio. Bedlam tem dois Cristos e um Moisés.

— Conseguiram convencer alguém além deles mesmos?

Ele percebeu minha intenção e acendeu outro cigarro com exagerada despreocupação. Eu soube, então, que ele estava farejando o fosso que eu havia cavado e coberto com folhas.

— Não surpreende que esse aí tenha encontrado entre os internos algumas almas atormentadas que concordam com ele. Ver um urso sendo atacado por cães é um passatempo mais emocionante.

— Não são apenas alguns pacientes, Holmes — expliquei, aumentando a armadilha. — Há pelo menos duas enfermeiras da equipe, além de um médico, que partilham da convicção inabalável de que o sujeito é satanás encarnado.

Em menos de uma hora, estávamos em uma carruagem a caminho de Battersea, os postes telegráficos marcando os quilômetros no compasso do funcionamento do cérebro de Holmes. Ele me cobriu de perguntas, com a intenção de juntar os nacos de informação que eu já lhe havia fornecido em uma narrativa cronológica. Esse era um velho truque dele, não diferente do processo de mesmerização; ele me atormentava por conta de cada detalhe, por mais mundano que fosse, e desse modo me fazia recordar incidentes que me haviam

sido relatados e que eu mesmo presenciara, mas dos quais já me esquecera.

Com minha clínica estagnada, eu afinal sucumbira aos persistentes rogos de meu amigo e colega, dr. James Menitor, alienista-chefe no St. Porphyry, para observar, duas vezes por semana, o comportamento de seus pacientes mais

desafiadores e dar minha opinião em relação ao seu tratamento. Para tanto, suspeito que ele tenha imaginado que minha maciça exposição às técnicas

detetivescas de Holmes seria útil, e, sem dúvida, fiquei bastante lisonjeado com

sua insistência e intrigado pela distração para recusar por mais tempo.

O dr. Menitor estava sobremaneira ansioso para ouvir minha opinião a

respeito de um paciente conhecido apenas como John Smith… Neste ponto da narrativa, fui interrompido por uma fungada irônica de Holmes.

— *Un nom de romance* [7] — disse ele —, que nem ao menos tem a virtude da originalidade. Se não encontro imaginação em meus criminosos, que ao menos eu a veja nos meus lunáticos.

— Foi a equipe que o batizou assim, na falta de qualquer outra identificação.

O dr. Menitor insiste em tratar os pacientes como indivíduos, e não como meros

números. Smith foi detido abordando pedestres ao longo do Tâmisa e levado pela Scotland Yard para observação. Ele parece ter dito ao guarda que estava cumprindo sua expedição anual para arrebanhar almas.

— Eu não me tinha dado conta de que há uma temporada. Quando foi isso?

— Há três dias. Foi uma sorte você ter vindo me ver agora, pois o sr. Smith

avisou que voltará para o outro mundo hoje à noite.

— *Walpurgisnacht* [8] — disse Holmes.

— Saúde! — exclamei, pois achei que tivesse espirrado.

— Obrigado, mas não estou resfriado. *Walpurgisnacht* é uma superstição, nada

digna de discussão em nossa era científica, mas talvez interessante para uma mente iludida. O seu John Smith tem sotaque estrangeiro?

— Não. A bem da verdade, sua maneira de se expressar é a da alta sociedade

britânica. Pergunto-me se ninguém registrou seu desaparecimento.

— Conheço muitas famílias no West End que com boas razões não o fariam,

nesse tipo de situação. — Ele deu de ombros. — Parece que sou, então, culpado

de um *non sequitur*. [9] A data talvez não seja importante. O que ele fez para apoiar sua alegação, além de vagar pelos corredores do hospital, apanhando mosquitos?

— Gostaria que fosse o caso. Ele já quase provocou a morte de um paciente e

pôs em causa a carreira de uma enfermeira cujo comportamento profissional era impecável antes de sua chegada.

Os olhos de Holmes se iluminaram ao reflexo do fósforo com que acendeu o

cachimbo. Violência e desgraça eram detalhes muito caros à sua alma de

detetive.

Continuei meu relato. Em seu primeiro dia de internação, Smith foi visto em

conversas particulares e sussurradas com um rapaz chamado Tom Turner, que sofria da convicção de ser Sócrates, o antigo sábio grego. O dr. Menitor estava

contente com os progressos de Turner desde que ele fora admitido, seis meses antes, usando um lençol enrolado no corpo à guisa de toga, curvado e falando em

uma voz alquebrada pela idade, quando de fato mal completara 24 anos; por vontade própria, ele retomara os trajes contemporâneos e começara até mesmo a

zombar de sua ilusão com humor autodepreciativo, sinal encorajador de que a sanidade começava a voltar.

Tudo mudou depois do seu encontro com John Smith.

Minutos depois dos dois se separarem, o jovem Turner abriu um armário de material de limpeza e só foi impedido de ingerir o conteúdo de uma garrafa de água sanitária pela enérgica intervenção de um servente que por acaso passava por ali. Amarrado à uma cama da enfermaria, o rapaz delirava, em sua voz alquebrada de idoso, dizendo que precisava da cicuta, ou como poderia Sócrates cumprir seu destino?

— Um louco que lê Plutarco. Talvez não tão estranho, afinal.

— Holmes, por favor! — exclamei, lamentando sua insensibilidade.

— *Mea culpa*, meu amigo. Continue, por gentileza, e tratarei de não ser impertinente.

Mais calmo, prossegui.

Confrontado pelo dr. Menitor depois do incidente, John Smith sorriu sem emoção.

— Bom médico — disse ele —, quando Turner era Sócrates, valia a pena estreitar relações com ele, mas, como mero almofadinha de classe média, era um tédio. Estou abarrotado de Tom Turners, mas meu inventário de grandes filósofos é perigosamente pequeno.

— Holmes, nem Menitor nem eu sabemos explicar o que exatamente terá Smith dito a Turner para fazer retroceder o trabalho de meses — admiti. — Ele se recusa a nos falar do assunto.

— E quanto à enfermeira que caiu em desgraça?

— Martha Brant trabalhou vinte anos no St. Porphyry, sem uma só mancha em sua folha de serviços. Era a sua chave do armário que estava com Turner

quando ele foi pego em flagrante.

— Roubada?

— Entregue, segundo ela mesma.

— Hum.

— Quando interrogada, ela confessou ter tirado a chave do chaveiro e entregado a Turner. Insistiu em dizer que o fez por ter sido assim instruída por Smith. Ela ficou histérica durante o interrogatório. O dr. Menitor foi obrigado a sedá-la com morfina e isolá-la em um quarto privativo, onde permanece, atendida por outra enfermeira da equipe. Antes de perder a consciência, a srta. Brant continuou a afirmar que Smith é o Príncipe das Mentiras, exatamente como se proclama.

— O que foi feito de Smith nesse meio-tempo?

— No momento, ele está trancado na ala dos criminosos. Isso, no entanto, não o impediu de exercer uma influência nociva sobre todo o hospital. Desde seu encarceramento, um enfermeiro antes confiável foi despedido por roubar comida da despensa e vender para o dono de uma taberna da vizinhança, e a agitação dos pacientes cresceu a ponto de Menitor se recusar a dar um passo para fora do próprio consultório sem antes ter no bolso um revólver carregado. Os enfermeiros estão todos de prontidão, porque há o receio de um motim.

“É com meu amigo que me preocupo. Ele foi obrigado a substituir a enfermeira responsável pela srta. Brant e encarregá-la de tarefas menores em outra ala do hospital; a pobre moça passou a concordar com a outra, considerando que Smith é o diabo. É bem verdade que ela é católica devota,

pertencente a uma ordem que acredita em obsessão demoníaca e nos efeitos purificadores do exorcismo. A própria srta. Brant, porém, é uma criatura pé no chão, de quem nunca antes se ouviu qualquer opinião que não fosse muito bem fundamentada na ciência médica. E, quando lá estive ontem, encontrei Menitor em estado de violenta agitação, e relutante em descartar as Artes Obscuras como causa de seus problemas atuais. Temo que a situação o tenha desequilibrado.

“Espero que você me considere seu cliente neste caso”, concluí.

— Hum — repetiu Holmes, fumando o cachimbo. — Sob circunstâncias ordinárias, eu descartaria esse tal de Smith como nada mais do que um hábil estudioso dos princípios ensinados pelo falecido Franz Mesmer. Duvido, entretanto, que mesmo aquele respeitável médico fosse capaz de hipnotizar toda a população de um hospital londrino.

— É mais do que isso. Eu conheci o sujeito e posso declarar com absoluta certeza que nunca encontrei alguém que me impressionasse tanto quanto ele, enquanto encarnação viva do mal. Isso aconteceu antes do incidente de Turner e não trocamos mais do que os cumprimentos de praxe; ainda assim, sua simples presença me encheu de pavor.

— A insanidade é contagiosa, Watson. Já vi acontecer antes, e nenhuma dose de persuasão me fará admitir que a exposição prolongada a ela é menos perigosa do que um surto de varíola. Reduza suas visitas ao St. Poor antes que também a contraia. Eu nunca fui estimulado pelo seu intelecto, mas aprendi a confiar em seu férreo pragmatismo. A sensatez não é comum, e sabedoria é tudo menos convencional. Você deve protegê-las como se fossem as joias da coroa.

— Então sua teoria é que essa situação pode ser explicada como histeria coletiva?

— Recuso-me a teorizar até que tenha conhecido pessoalmente o sr. John Smith.

O Hospital St. Porphyry era em estilo georgiano, mas apenas na medida em que havia sido reconstruído a partir das ruínas da Reforma. Parte dele datava de Guilherme, o Conquistador, e conheci certa vez um antiquário que insistia ter sido a construção erguida onde antes havia um templo romano. Foi sucessivamente um forte, uma prisão e uma abadia, mas o acréscimo de alguns elementos arquitetônicos modernos amenizou um pouco as trevas medievais que eu sempre sentia ao entrar em seus domínios; mas não naquele dia. O próprio ar rastejava com os horrores do sacrifício humano.

A medonha sensação se intensificou quando cruzamos o portal. Um enfermeiro nervoso nos conduziu pelo estreito corredor que levava da sala de estar — cuja pesada porta era mantida bem trancada — ao consultório do dr. Menitor, nos fundos. Um sólido cassetete de borracha pendia de uma correia presa ao redor do seu pulso, e ele o agarrava com tanta força que seus nós dos dedos estavam brancos. Enquanto andávamos, as velhas paredes pareciam murmurar um aviso indecifrável; era o som dos pacientes, resmungando sozinhos por trás das portas fechadas. Aquele confinamento geral não era, de modo algum, prática comum naquele estabelecimento. Tinha sido adotado depois da minha última visita.

Encontramos Menitor em avançado estado de agitação nervosa, pior do que quando o deixei, menos de vinte horas antes. Parecia ter perdido peso, e seu rosto abatido estava tão branco quanto seu cabelo, que eu teria jurado ainda exibir vestígios de sua original cor escura ao nos despedirmos. Apertou nossas mãos sem prestar atenção, dispensou o enfermeiro com ar distraído e se dirigiu

ao meu companheiro em um tom de lamúria que não lhe era comum.

— Estou honrado, sr. Holmes — disse ele —, mas receio que nem mesmo suas habilidades são páreo para o destino que se abateu sobre esta instituição à qual dediquei toda a minha vida profissional. O St. Porphyry está condenado.

— Aconteceu alguma coisa desde que saí daqui? — perguntei, assustado com sua resignação.

— Dois dos meus melhores enfermeiros se demitiram e eu precisei armar os outros, o que de pouco adiantou. Nenhum deles chega perto do Quarto Seis, sequer para empurrar uma bandeja com pão pela abertura da porta. “O diabo não morre de fome”, disse um deles quando tentei repreendê-lo por insubordinação. E quem sou eu para culpar alguém? Eu preferiria enfrentar um bando de leões de Rider Haggard a me aproximar daquela colônia do inferno.

— Ora, vamos. — Holmes estava impaciente. — Raciocine: se a afirmação de Smith é genuína, nenhuma porta construída pela mão do homem é capaz de detê-lo. Sua permanência no quarto é prova suficiente de que ele é louco, ou um charlatão.

— O senhor não o conhece, sr. Holmes. Nós somos apenas seus joguetes. Dá-lhe prazer, agora, continuar onde está e transformar bravos homens em covardes e boas mulheres em ajudantes do demo. Quando se cansar disso, vai deslizar pelas barras e ordenar às entranhas do submundo que se abram e nos devorem.

Sua voz esganiçou até uma gargalhada estridente — interrompida de repente, como se controlada por alguma força que por qualquer razão ele ainda retinha.

Entrei em ação sem esperar por um sinal de Holmes. Com as mãos em seus ombros, obriguei-o a se sentar em uma poltrona, fui até o armário onde ele mantinha uma garrafa de conhaque, servi uma dose generosa em um copo e

ordenei que bebesse.

Ele bebeu metade do elixir de um só gole. Aquilo pareceu fortificá-lo. Tomou

outro gole e pôs o copo no canto da escrivaninha. A cor voltou às suas faces pálidas.

— Obrigado, John. Peço desculpas, sr. Holmes. Não me importo em confessar

que questionei minha própria racionalidade diante deste caso. É mais

reconfortante acreditar que enlouqueci do que aceitar a única outra explicação que se apresenta.

O tom glacial de Holmes foi tão estimulante quanto a bebida.

— Apenas os sãos questionam a própria sanidade, doutor. No entanto, até que

este caso esteja encerrado, sugiro que deixe Haggard de lado e dirija a sua atenção para os srs. Gilbert e Sullivan. Seus shoguns e piratas são mais saudáveis, em tempos difíceis. Mais tarde, talvez, o senhor concorde em

colaborar comigo em uma monografia a respeito da natureza instável da mente

criminosa em geral. Sem sombra de dúvida, somente um indivíduo irracional pensaria em cometer um crime enquanto Sherlock Holmes estiver ativo.

— Bendito seja, cavalheiro, pela tentativa. Mas receio ter passado do ponto em que uma observação ultrajante afastará a desolação da minha alma. Smith arrebanhou o último, e esse desafortunado sou eu.

Nesse momento, o relógio sobre a lareira bateu sete horas. Menitor estremeceu.

— Restam cinco horas! — gemeu. — Ele se comprometeu a sair deste mundo

à meia-noite, e todos nós o acompanharemos.

— Eu, pelo menos, nunca embarco em uma longa viagem sem antes conhecer o capitão — disse Holmes. — Onde está a chave do Quarto Seis?

Uma grande dose de persuasão e outra ingestão de conhaque foram necessárias antes que o dr. Menitor abrisse mão da chave do quarto no qual John Smith havia sido trancafiado. Ele a trazia, como o poético albatroz, em uma corda em volta do pescoço. Holmes tomou-a de sua mão e me instruiu a ficar com Menitor.

Sacudi a cabeça.

— Eu vou com você. Já enfrentamos juntos todo tipo de demônios. Por que não o próprio Senhor das Trevas?

— Seu outro amigo precisa mais de você.

— Ele vai dormir. Derramei uma leve solução de morfina em seu segundo copo.

De fato, Menitor já estava inconsciente na poltrona, o rosto com uma expressão mais calma do que vinha apresentando há dias.

Holmes assentiu rapidamente.

— Sendo assim, vamos lidar com este mal que não vem para o bem.

A ala dos criminosos ocupava grande parte da antiga fortaleza, com o Quarto Seis no último piso. Resistentes barras nas janelas separavam o ocupante de uma queda de trinta metros até as rochas lá embaixo. Eu tinha levado meu velho revólver militar e Holmes me instruiu a ficar para trás, com a arma engatilhada e na mão, enquanto ele girava a chave na fechadura.

Tal precaução revelou-se desnecessária, pois encontramos o paciente

calmamente sentado no catre que era a única mobília do quarto. Suas roupas, limpas, mas simples, eram os trajes remendados e doados ao hospital pelas instituições de caridade locais, e os sapatos eram os que calçava quando foi levado para lá, de verniz brilhante, adequados ao terno formal do qual todas as etiquetas de alfaiataria haviam sido removidas.

Na aparência, pouco havia em John Smith que confirmasse sua demoníaca alegação. Ele era claro, com uma cabeleira revolta de cachos louros, bigodes precisando ser aparados e o rosto pontilhado por uma barba loura que atestava três dias sem uma lâmina. Estava uns cinco quilos acima do peso. Eu teria julgado sua idade em torno dos trinta anos, mas havia alguma coisa em seus olhos — grandes, e do azul mais claro que se podia imaginar — que sugeria a desolação de um quarto desabitado, como se tivessem testemunhado mais de uma vida e se mantido inalterados.

Havia, também, um ar de zombaria em seu sorriso, ilusoriamente polido e acolhedor, que parecia reduzir à insignificância tudo e todos a quem o dirigisse.

Não sei se foram tais traços ou o próprio homem que me encheram de tanto pavor e repugnância. Fechei a porta e me encostei a ela, revólver agora no bolso, mas ainda engatilhado e na minha mão.

— Sr. Sherlock Holmes — cumprimentou ele em sua voz macia e modulada, tornada ainda mais gentil pelo sotaque de West End. — As gravuras nos periódicos não lhe fazem justiça. O senhor tem a testa de um filósofo.

— É mesmo? Um conhecido cavalheiro que já faleceu observou uma vez que minha testa era menos protuberante do que ele havia imaginado.

— O caro professor Moriarty. Obrigado por esse inesperado presente. Eu não o receberia lá embaixo pela próxima década se o senhor não o tivesse

arremessado naquelas cataratas.

Holmes não se impressionou com aquela esperteza; a história de seu último encontro com aquele vilão acadêmico era bem conhecida dos leitores, pelo relato que publiquei na revista *The Strand*.

— Devo tratá-lo informalmente de Lúcifer, ou por Vossa Majestade das Trevas? — perguntou Holmes, sem se alterar. — Ignoro o protocolo.

— Smith estará bem. Eu mesmo tenho dificuldade para me lembrar de todos os meus títulos. Como o senhor se saiu naquele episódio de Milverton, aliás? O caso Dreyfus me distraiu.

Diante da pergunta, Holmes hesitou, e eu mal consegui disfarçar meu assombro. O caso do falecido chantagista Charles Augustus Milverton só fora concluído há pouco tempo, de maneira chocante, e as circunstâncias me impediam por tempo indeterminado de torná-lo público. O envolvimento de Holmes era desconhecido até mesmo da Scotland Yard.

Ele mudou de assunto, dissimulando sua própria reflexão quanto às fontes de Smith.

— Vim lhe perguntar qual foi sua motivação para tentar destruir Tom Turner — informou. — Não aceitarei aquela historinha que contou ao dr. Menitor.

Smith retrucou:

— Preciso me divertir. Preparar guerras e corromper governos requer intensa concentração por longos períodos. O senhor tem suas exóticas experiências químicas para distraí-lo do trabalho que realiza em prol dos seus clientes; eu

tenho minha busca por almas desprezíveis. Requintadas miniaturas, é como as chamo. Espero um dia lhe mostrar minha coleção.

— É uma pena que Turner tenha escapado da sua rede.

— Por sorte, o St. Porphyry me oferece inúmeras outras possibilidades. — O paciente parecia indiferente às investidas de Holmes.

— Assim me disseram. Uma carreira arruinada, outra manchada e uma terceira seriamente prejudicada. Adicionará uma violenta insurreição às suas amostras?

— Infelizmente, talvez não haja tempo. Parto à meia-noite.

— Sente tanta falta assim de casa?

— Ainda não vou para casa. Se Menitor lhe deu essa impressão, ele me compreendeu mal. Passei férias agradáveis aqui, mas há trabalho para mim em Whitehall e no resto do continente. Seu Ministro das Relações Exteriores dá sinais claros de estar sendo por demais razoável em Bloemfontein, e o kaiser está conformado demais com as fronteiras do seu país. Além disso, os americanos se convenceram da indestrutibilidade dos seus presidentes. Isso pode justificar uma viagem além-mar. Afinal, não há risco de as coisas em casa pegarem fogo na minha ausência. — Ele deu uma risadinha.

— Desgraçado! — exclamei, incapaz de me conter.

Ele voltou para mim aquele sorriso satânico e, com ele, aqueles olhos vazios e desalmados.

— Eu o parabenizo, doutor. Em termos de ciência detetivesca, o senhor continua o macaco treinado de Holmes, mas como mestre do clássico eufemismo

britânico o senhor não tem igual.

— O seu próprio talento para o óbvio é quase tão grande — observou Holmes.

— Que falta de originalidade escolher a noite de hoje, entre tantas, para planejar

sua fuga!

— Não se pode chamar de fuga. Foi agradável ter permanecido tanto tempo internado. *Walpurgisnacht*, essa rápida excursão em que os mortos andam e as bruxas se reúnem, exerce um efeito paralisante para os que ainda acreditam.

Porém, é preciso que se renove de tempos em tempos. Talvez, depois desta noite,

o senhor também venha a acreditar.

Holmes faz uma leve mesura.

— Aceito o desafio, sr. Smith. Voltaremos à meia-noite.

— Devo, então, oferecer-lhe reinos?

O detetive parou com a mão na porta.

— Como disse?

— Seria uma honra tê-lo sentado à minha direita por toda a eternidade, uma

vez que sua mente é quase tão astuta e traiçoeira quanto a minha. Pensando melhor, porém, reinos lhe ofereceriam pouca tentação, como poderia atestar qualquer monarca de opereta que tenha tentado comprar sua lealdade com

promessas de grande riqueza. Cocaína, talvez. Ou morfina: alqueires e barris intermináveis. Meus campos de papoula são incomensuráveis. O senhor nunca

mais precisaria sofrer os horrores da realidade estática.

Fora do quarto, Holmes trancou a porta, a mão trêmula e fraca ao girar a chave.

Desceu comigo o primeiro lance de escadas, um dedo nos lábios. No patamar, parou.

— Aqui não podemos ser ouvidos, Watson. Qual é a sua opinião?

— Ele é cruel o bastante para ser quem diz que é. Eu deveria tê-lo abatido com minha pistola por aquele desprezível último comentário.

— Estou falando do horário. Faltam apenas quatro horas e meia para meianoite e ele se comprometeu a deixar este lugar ainda hoje.

— Não confio nele, Holmes. Quaisquer diabruras que tenha planejado não vão demorar.

— Discordo. À sua maneira, ele se considera um camarada honrado. Charlatões nunca trapaceiam. Isso lhes roubaria o triunfo.

— Mas como ele sabia do caso Milverton?

— Aquilo foi um tanto inesperado, não? Milverton pode ter tido um comparsa, afinal… ou o próprio Smith, ou alguém com quem ele tenha conversado. Informação contrabandeada é um truque de salão. Leitores de mente e espíritas o usam há anos. Perguntaremos a ele depois das 12 badaladas. Por quanto tempo Menitor vai dormir?

— Até amanhã pela manhã, eu diria.

— Enquanto ele estiver incomunicável, você é a maior autoridade médica no St. Poor. Aconselho-o a pôr alguém de guarda à porta de Smith e outro lá fora, na base da torre. Suspeito que nosso amigo esteja por demais enamorado de suas habilidades secretas para tentar algo tão vulgar quanto uma fuga à força ou um ataque às grades de sua janela, sem falar na queda vertiginosa que o aguardaria; ainda assim, todo cuidado é pouco. Enquanto esperamos, sugiro que

aproveitemos as benesses daquela taverna que você mencionou mais cedo.

A expressão de Holmes era de impaciência. Não trazia qualquer vestígio do irritadiço *ennui* que o dominava no meu consultório. Embora relutante em admiti-lo, eu devia agradecer ao diabo por isso, pelo menos.

— Você deve pensar na questão como se tivesse tomado emprestado do nosso século e devesse pagar toda a quantia — explicava Holmes. — Você não devolveria 99 guinéus e imaginaria ter quitado uma dívida de cem. Assim, não pode considerar que o século XX tenha começado antes que o ano de 1900 tenha terminado.

Tínhamos feito uma refeição de salsichas com purê na nossa mesa de canto e relaxávamos agora com uísques e soda; saboreando-os devagar para que suas propriedades depressivas não nos roubassem os reflexos dos quais poderíamos precisar no final da noite. Holmes se recusara a falar de Smith desde que entramos na taverna.

— Compreendo, agora que você explicou — eu disse —, mas duvido que seu exemplo impedirá que toda Londres compareça ao espetáculo pirotécnico sobre o Tâmisa no próximo 1º de janeiro.

— Aparências são habilidosamente enganadoras, muito semelhantes ao nosso amigo Smith.

Vi, então, que ele estava pronto para voltar ao motivo de nossa ida a Battersea.

— Quer dizer que sua teoria é de que ele esteja se fazendo passar por louco?

— Ainda não tenho certeza. Os loucos mentem melhor do que a maioria, porque conseguem convencer a si mesmos tanto quanto a seus ouvintes. Se ele

estiver fingindo, saberemos, caso depois da meia-noite ele continue sendo hóspede do St. Poor. Um lunático, uma vez confrontado com a prova de sua alucinação, ou fica muito agitado ou coloca outra no lugar daquela que o traiu. Um mentiroso tenta explicá-la. Mentirosos clássicos são invariavelmente racionais.

— Mas qual poderia ser sua motivação?

— Isso ainda veremos. Ele pode estar agindo mancomunado com um cúmplice, distraindo-me de algum outro crime cometido em algum lugar um tanto distante deste para o qual fomos atraídos: sua posição na equipe e sua reputação como meu parceiro podem lhes ter dado essa ideia.

“Sim. Acho que esse cenário é mais provável do que Smith estar se divertindo fazendo travessuras e pondo a culpa no colo de satã. Ou assim espero. Nestes tempos de tentação, qualquer homem do clero inescrupuloso ou lascivo é capaz da última hipótese. Não sou especialista em gente normal.”

— O que você acha que ele quis dizer quando falou em África, Alemanha e América?

— Se eu fosse Belzebu, ou fingisse ser, não poderia pensar em melhores lugares para calamidades.

O taberneiro avisou que o estabelecimento fecharia em breve. Era um sujeito atarracado, com cara de rato, bem o oposto do alegre e rubicundo cervejeiro da velha lenda inglesa, e exatamente o tipo que iria comprar provisões de um enfermeiro de hospital sem fazer perguntas.

— Para que precisamos de relógios, quando temos comerciantes? —

perguntou Holmes. — Vamos observar o paciente do Quarto Seis abrir suas asas escamosas e voar ao som de mortais atormentados?

Havia outro enfermeiro à porta, com o porte físico de um lutador, segurando o cassetete como se fosse uma extensão do seu braço direito. Seu antecessor o informara do nosso retorno previsto. Ele relatou que tudo estava calmo. Depois de uma rápida visita ao consultório do dr. Menitor para confirmar que ele continuava a dormir profundamente sob a manta com que eu o cobrira, reuni-me a Holmes, que conservava consigo a chave da cela de John Smith. Agarrei o revólver enquanto ele destrancava a porta.

Smith parecia não ter se mexido durante a nossa ausência. Estava sentado, mãos descansando sobre as coxas e o sorriso zombeteiro firme no lugar.

— Que tal a comida? — perguntou.

Holmes não se abalou com aquela suposição do nosso recente paradeiro.

— Você é inconsistente. Se realmente pode ler nossas mentes, saberia a resposta a essa pergunta.

— O senhor está me confundindo com meu antigo mestre. Eu não sou onisciente.

— Sendo assim, a comida era medíocre, mas o preço acima da média, o que é surpreendente, diante do ar de *laissez-faire* [10] do proprietário em relação à fonte dos seus estoques. Nós lhe teríamos trazido uma amostra, mas isso poderia desacelerar o seu voo.

Smith deu outra risadinha, daquele jeito que me dava calafrios.

— Sentirei sua falta, Holmes. É uma pena que minhas férias não possam ser prolongadas. Eu teria apreciado capturar sua alma. Poderia fazer para ela um

novo mostruário no centro.

— E pensar que há apenas algumas horas você me ofereceu um assento à cabeceira da mesa.

— Aquela oferta expirou.

— Ainda assim, você me enaltece. O dr. Watson é uma presa melhor. Ele tem a mais bela alma de toda a Inglaterra, e o coração mais nobre.

Smith coçou o queixo, pensativo, como se esperasse encontrar nele uma barba pontuda saída de um guia infantil ilustrado das Sagradas Escrituras.

— Não me vou para sempre. Se eu voltar dentro de um ano, apostará a bela alma do seu amigo que eu não consigo vencê-lo em uma disputa de esperteza?

— Que disparate! — exclamei; e olhei para Holmes em busca de apoio.

Mas sua reação me surpreendeu e enervou. Quando ele se divertia, seu próprio risinho gelado era quase igual ao de Smith. Em vez disso, pareceu empalidecer ainda mais, e ergueu o queixo em um gesto de teimosia.

— Você me perdoará se eu declinar do convite — foi tudo o que disse.

Smith deu de ombros.

— Falta apenas um minuto para a meia-noite.

— Você não tem relógio — afirmei.

— Eu sabia as horas antes que existissem pêndulos ou cronômetros.

Apalpei o colete em busca do relógio, ansioso para provar que ele estava errado, ainda que por segundos. Holmes interrompeu meu gesto com um quase

infinitesimal aceno de cabeça. Seus olhos permaneceram fixos em Smith.

Apertei o revólver no bolso, com força suficiente para que minha mão doesse.

A primeira badalada do sino de ferro do Big Ben penetrou nos grossos muros da fortaleza.

— Um minuto, precisamente — disse Smith. — Não imagino que vá aceitar minha palavra.

O sino bateu pela segunda vez; terceira, quarta. Nós três continuávamos absolutamente inertes.

Na sétima badalada, a sombra de uma nuvem contra a lua dividiu o rosto de Smith em exatas metades de luz e escuridão, transformando-o em uma máscara de arlequim. Nenhum de nós se moveu.

Oito.

Nove. A sombra passou; todo o seu rosto voltou a se iluminar.

Dez.

Onze. Outra nuvem, maior e mais densa do que a anterior, cobriu a luz. O homem sentado no catre era um vulto mergulhado nas trevas. Quase apertei o gatilho, em minha apreensão quanto ao que ele poderia estar aprontando na penumbra. Só meu treinamento militar e minha longa exposição aos nervos de aço de Holmes detiveram meu tiro.

Chegou a badalada final. Ela pareceu reverberar por muito tempo depois de terminada. Seguiu-se o silêncio, tão profundo quanto o túmulo.

— Muito bem! — lançou Holmes. — Acorde, Smith. Santa Valburga voou e você ainda está conosco.

O luar caía agora sobre o homem sentado. Ele levantou a cabeça. O alívio me inundou. Relaxei a pressão na arma. O sangue voltou a circular na minha mão.

John Smith piscou, olhou em volta.

— Que lugar é este? — Seu olhar pousou em Holmes. — Quem diabos é você?

Até hoje, não consigo compreender de todo a mudança que se produziu no homem do Quarto Seis depois que o Big Ben terminou sua contagem atemporal. Ele ainda tinha os mesmo traços físicos; pálido, olhos azuis, mais para robusto, mas o sorriso zombeteiro havia desaparecido e os olhos se tornado expressivos, como se quem tivesse desertado dali dias antes retornasse agora. Mais inquietante do que tudo, o sotaque da alta sociedade britânica desaparecera, substituído pelos tons um pouco anasalados dos americanos.

— Parem de me encarar, seus palermas, e digam para onde me trouxeram. Por Deus, vocês se verão com lorde Penderbroke antes que o dia termine. Ele me espera para jantar.

A história do jovem não se alterou, nem mesmo quando Holmes admitiu seu fracasso e mandou buscar o inspetor Lestrade, cuja técnica brutal de obter confissões compensava bastante das suas deficiências como investigador prático. E foi posteriormente corroborada quando o próprio lorde Penderbroke foi convocado e confirmou a identidade do rapaz como Jeffrey Vestle, filho do industrial de Boston, Cornelius Vestle, que o mandara para Londres a fim de pedir em casamento a filha de Sua Excelência e mesclar sua fortuna americana com sangue nobre. O jovem Vestle deixara de comparecer ao compromisso para jantar, três dias antes, e a polícia passou em revista os hospitais e necrotérios

regulares para determinar se ele sofrera algum infortúnio; hospitais particulares e asilos de lunáticos estavam no final da lista.

Lestrade, reunido com Holmes e comigo no consultório do dr. Menitor, estava envergonhado.

— Ouso dizer que o senhor levou vantagem sobre mim desta vez, sr. Holmes.

Os guardas que trouxeram o sujeito para cá não o reconheceram pela descrição.

Holmes estava sério.

— Não serei eu a acusá-lo, inspetor. Quando a primeira pedra for atirada, o senhor dificilmente será atingido.

Lestrade agradeceu, embora estivesse claro que ele não sabia o que concluir daquela observação, ou do humor sombrio com que havia sido feita.

O mistério do diabo do Hospital St. Porphyry foi o primeiro em que eu fui o cliente, mas foi também o primeiro que escolhi para tornar público sem uma solução.

O dr. Menitor ficou satisfeito, pois, com a partida de "John Smith", extinguiu-se também a maldição que parecia haver atingido sua instituição. Ele apagou a advertência na ficha da enfermeira Brant e readmitiu o enfermeiro temporariamente larápio, atribuindo seus lapsos à tensão gerada pelo excesso de trabalho, ao que também imputou sua própria crise emocional, e agradeceu profusamente a Holmes e a mim por nossa intervenção.

O próprio Holmes nunca se refere ao caso, salvo para apresentá-lo como um exemplo de *amnesia dysplacia*, uma temporária perda de identidade por parte do jovem Vestle, complicada por demência e provocada por estresse, possivelmente devido às suas núpcias próximas.

— Eu poderia, no lugar dele, ter sido atingido pelo mesmo mal — disse ele.

— Conheci a filha de Penderbroke. — Mas seu humor caiu no vazio.

Ele considera seu papel no caso como o de um observador passivo e, portanto, não como um de seus sucessos. Vejo-me inclinado a concordar, mas por outra razão.

Não sei se aquele “John Smith” era o diabo, tendo ocupado o corpo de Jeffrey

Vestle em breves férias de sua agenda lotada; não sou capaz de dizer se a explicação científica de Holmes para o fenômeno — com a qual, sou obrigado a

acrescentar, concorda o dr. Menitor — não é a correta. Espero ardentemente que

seja. O que não explica, entretanto, como Smith/Vestle sabia do caso Milverton,

mantido em segredo como foi pelas duas únicas pessoas que o poderiam ter divulgado (e que nunca o fariam, uma vez que isso nos permitiria uma acusação

de cumplicidade no assassinato). Por ocasião do referido incidente, o jovem de

Boston estava a mil milhas de distância, em Massachusetts, e sem qualquer possibilidade de ser conectado a Milverton ou ao seu destino. Sou incapaz de estabelecer tal conexão e bastante sensível ao fato de Holmes evitar tocar nesse

assunto.

Falta de provas não é prova, e a prova que possuo é, na melhor das hipóteses,

circunstancial.

Meses depois de Smith deixar o corpo de Vestle, a Conferência de

Bloemfontein, na África do Sul, recebeu com pesar a recusa do ministro

britânico das Relações Exteriores em recuar em sua posição política, e um ultimato de Paul Krueger, o líder bôer, precipitando nossa nação em um longo e

trágico conflito armado com os bôeres.

Menos de dois anos depois, a 6 de setembro de 1901, William McKinley, o presidente americano, foi mortalmente baleado por um assassino solitário em Buffalo, Nova York.

O mundo inteiro sabe o que aconteceu em agosto de 1914, quando o kaiser Guilherme II invadiu a França, violando a neutralidade da Bélgica e levando a Alemanha à guerra com a Inglaterra e depois com o mundo. Aquela previsão de

Smith demorou para se tornar realidade, mas seus efeitos ficarão conosco por pelo menos mais um século.

Tenha ou não Sherlock Holmes se digladiado com o diabo, ou exista ou não o

diabo, sei que o mal está presente em nosso mundo. Sei, ainda, que há um grande bem, e me vi diante de ambos no Quarto Seis do St. Poor.

Por um breve instante, meu amigo deixou de lado suas convicções práticas e

se recusou, mesmo que de brincadeira, a apostar minha alma com satã. Repito uma vez mais que ele foi o melhor e mais sábio homem que conheci; e desafio

você, leitor, a apontar alguém melhor e mais sábio.



O estranho caso dos roubos no Megatério

S.C. ROBERTS

No mundo de Sherlock Holmes, sir Sydney Castle Roberts (1887-1966) foi o famoso autor de clássicos volumes holmesianos como *Doctor Watson: Prolegomena to the Study of a Biographical Problem* (1931), um folheto que foi o primeiro estudo inteiramente dedicado a Watson; *Christmas Eve* (1936), peça em um ato parodiando Holmes, que Roberts mandou imprimir para presentear seus amigos e conhecidos da comunidade sherloquiana; e *Holmes and Watson: A Miscellany* (1953), uma coletânea de ensaios acadêmicos a respeito do grande detetive e seu amanuense. Sua estima por Holmes e o tempo dedicado a escrever e ler sobre ele valeram-lhe a presidência da Sociedade Londrina de Sherlock Holmes.

As façanhas de Robert, porém, foram muito além de Holmes. Ele foi reconhecido como figura exponencial da vida editorial e educacional britânica, exercendo as funções de secretário da Cambridge University Press, de 1922 a 1948, mestre do Pembroke College, Cambridge, de 1948 a 1958, vice-chancellor da Universidade de Cambridge, de 1949 a 1951, e presidente do British Film Institute, de 1952 a 1056. Foi agraciado com o título de sir em 1958. Há três retratos de Robert nas paredes da National Portrait Gallery, em Londres.

Entre suas muitas obras há livros sobre edição e sobre Cambrige, além de biografias como *The Story of Doctor Johnson: Being an Introduction to Boswell's Life* (1919), *Doctor Johnson in Cambridge: Essays in Boswellian Imitation* (1922), *Lord Macaulay: The Pre-eminent Victorian* (1927), and *Adventures with Authors* (1966).

"O estranho caso dos roubos no Megatério" foi inicialmente publicado como um folheto impresso em uma edição particular de 125 exemplares (Cambridge, University Press, 1945). Em edição comercial, foi impresso pela primeira vez em *Holmes and Watson: A Miscellany* (London, Oxford University Press, 1953).

O ESTRANHO CASO DOS ROUBOS

NO MEGATÉRIO

S.C. Roberts

Já tive ocasião, no decorrer destas reminiscências de meu amigo Sherlock Holmes, de me referir à sua preferência pelo Diogenes Club, o clube que reunia os homens menos sociáveis de Londres e onde era proibido falar, exceto no Salão dos Estrangeiros. Até onde sei, era o único clube pelo qual Holmes se sentia atraído, e não me pareceu pouco curioso o fato de que tenha sido chamado para solucionar o extraordinário mistério dos roubos no Megatério.

Era uma tarde monótona de novembro, e Holmes, desanimado, desistindo de examinar alguns recortes de jornais velhos, puxou sua cadeira para perto da minha e tirou do bolso o relógio.

— Como o tempo tem passado devagar, meu caro Watson — observou —, desde a bem-sucedida conclusão daquele pequeno episódio em uma aldeia solitária do oeste do país. Aqui estamos de volta aos milhões de Londres, e ninguém nos quer.

Ele foi até a janela, entreabriu-a e espiou Baker Street através das brumas de novembro.

— Não, Watson, estou enganado. Acredito que receberemos uma visita.

— Há alguém à porta?

— Ainda não. Mas uma carruagem parou do outro lado da rua. O passageiro desembarcou e está havendo uma acalorada altercação relativa ao preço cobrado. Não consigo ouvir os detalhes da discussão, mas é animada.

Alguns minutos depois, a visita foi introduzida na sala de estar — um tipo alto

e curvado, com a barba branca emaranhada, pobremente vestido e um tanto desleixado. Gaguejava um pouco ao falar.

— S-sr. Sherlock Holmes? — perguntou.

— É o meu nome — respondeu Holmes. — E este é meu amigo, dr. Watson.

O visitante curvou a cabeça em um gesto brusco e Holmes continuou:

— E a quem tenho a honra de me dirigir?

— Meu n-nome é Wiskerton… Professor Wiskerton… e me atrevi a visitá-lo devido a um caso por demais notável e intrigante.

— Estamos habituados a casos intrigantes nesta sala, professor.

— Ah, mas não como este. Veja, além das minhas atividades como p-professor, eu sou um dos mais antigos membros do…

— Megatério?

— Meu caro senhor, como soube?

— Ah, não decifrei enigma algum. Por acaso ouvi uma observação sua ao cocheiro de que sua viagem havia começado em Waterloo Place. Ficou claro que o senhor partiu de um dos dois clubes lá existentes e, por alguma razão, eu não o associaria às Forças Armadas.

— O senhor tem ab-bsoluta razão, é claro. O cocheiro daquela carruagem era um patife ganancioso. É escandaloso que…

— Mas o senhor não veio me consultar a respeito da extorsão de um cocheiro.

— Não, não. Claro que não. É sobre…

— O Megatério.

— Exatamente. Veja bem, eu sou um dos m-membros mais antigos e faço parte do comitê tem alguns anos. Dificilmente pre ciso lhe dizer que posição ocupa o Megatério no mundo da aprendizagem, sr. Holmes.

— O dr. Watson, não duvido, tem veneração pela instituição. Por mim, prefiro a atmosfera relaxante do Diogenes.

— Do q-quê?

— O Diogenes Club.

— N-nunca ouvi falar.

— Exatamente. É um clube do qual as pessoas não devem ouvir falar… Mas queira me desculpar pela digressão. O que estava dizendo?

— Eu estava d-dizendo que aconteceu uma coisa muito angustiante. Em primeiro lugar, devo explicar que, além da n-nobre coleção de livros na biblioteca do Megatério, coleção que é um dos nossos bens mais valiosos, temos disponíveis, a qualquer momento, uma série de livros para empréstimo e…

— E os estão perdendo?

— Bem… sim, na verdade estamos. Mas como soube?

— Eu não soube. Apenas deduzi. De modo geral, quando um cliente começa a me descrever seus bens, é porque houve algum inconveniente relacionado a eles.

— Mas isto é m-mais do que um inconveniente, sr. Holmes. É uma desgraça, um ultraje, um…

— Mas, de fato, o que aconteceu?

— Ah, eu ia ch-chegar lá. Mas talvez seja mais simples eu lhe mostrar este documento e deixar que ele fale por si mesmo. P-pessoalmente, acho que circulá-lo foi um erro, mas o comitê não me ouviu e agora a história estará por toda Londres e nós sequer nos aproximamos de uma solução.

O professor Wiskerton revirou os bolsos e apresentou um documento impresso, com as palavras *Privado e Confidencial* datilografadas em vermelho e em negrito.

— O que acha d-disso, sr. Holmes? Não é extraordinário? Temos um clube cujos membros são selecionados entre os mais ilustres representantes das Artes e das Ciências e é esta a maneira com que tratam os b-bens do clube.

Holmes não deu atenção às divagações do professor e continuou a ler o documento.

— O senhor me trouxe um caso bastante interessante, professor — disse ele, ao terminar.

— Mas é mais do que interessante, sr. Holmes. É surpreendente. É inexplicável.

— Se fosse um caso de fácil explicação, deixaria de ser interessante e, ademais, o senhor não teria gasto dinheiro em uma carruagem para me visitar.

— Isso, suponho, é verdade. Mas qual é o seu conselho, sr. Holmes?

— O senhor precisa me dar algum tempo, professor. Poderia, talvez, me fazer primeiro a gentileza de responder a algumas perguntas?

— De bom grado.

— Este documento afirma que seu comitê considera que nenhum funcionário está implicado. O senhor concorda com tal parecer?

— Não c-concordo com coisa alguma, sr. Holmes. Como alguém que p-passou boa parte da vida entre livros e bibliotecas, tudo o que se refere a maus-tratos de livros me é repugnante. Livros são a minha vida, sr. Holmes. Mas talvez o senhor não pense do mesmo jeito.

— Pelo contrário, professor. Nutro um interesse genuíno pelo assunto. No que me diz respeito, porém, transito nos atalhos da bibliofilia associada à minha própria profissão.

Holmes andou até uma estante e tirou um volume que, há muito tempo, me era bastante familiar.

— Veja, professor — ele continuou. — Permitindo-me agora abandonar a falsa modéstia, esta é uma pequena monografia de minha autoria, *Da distinção entre as cinzas dos diversos fumos*.

— Ah, muito interessante, sr. Holmes. Não sendo fumante, não posso fingir avaliar seu trabalho do ponto de vista de um estudioso, mas, como bibliófilo e, em especial, como c-colecionador de monografias incomuns, posso perguntar se a obra ainda está disponível?

— Este é um exemplar extra, professor; fique com ele.

Os olhos do professor brilharam de prazer e voracidade.

— Mas, sr. Holmes, é m-muita generosidade sua. Posso pedir-lhe que me faça uma d-dedicatória? Sou sobremaneira apreciador dos chamados “exemplares

especiais”.

— Sem dúvida — concordou Holmes, com um sorriso, enquanto se dirigia à escrivaninha.

— Obrigado, obrigado — murmurou o professor. — Mas receio tê-lo distanciado da questão principal.

— De modo algum.

— Mas qual é o seu p-plano, sr. Holmes? Talvez lhe interesse fazer uma visita ao Megatério. Poderia, por exemplo, almoçar amanhã? Mas não, receito ter um compromisso nesse horário. Que t-tal uma xícara de chá às quatro da tarde?

— Com prazer. Acredito poder levar comigo o dr. Watson, cuja cooperação em tais casos tem se mostrado de grande valia.

— Ah… é… sim, claro.

Mas não me pareceu haver muita cordialidade naquela concessão.

Ele guardou a monografia em um bolso e nos deixou.

— Bem, Watson — disse Holmes, enchendo o cachimbo. — O que lhe ocorre a respeito deste casinho curioso?

— Muito pouco, no momento. Não tive como examinar os dados.

— Com certeza, Watson. Vou esclarecê-los para você.

Holmes apanhou a folha de papel deixada pelo professor.

— Esta é uma carta confidencial enviada aos membros do Megatério e datada de novembro de 1889. Vou ler alguns trechos: “Em relatório recente, o comitê

chamou a atenção para as sérias perdas e inconveniências provocadas pela retirada do Clube de livros da biblioteca de empréstimos. A prática continua… No final de junho, o Clube pagou por nada menos que 22 volumes faltantes. No final de setembro, 15 outros estavam desaparecidos… O comitê esteve inclinado a atribuir tais práticas ilícitas a algum membro individual não identificado, mas chegou à lamentável conclusão de que há mais de um sócio envolvido. Estão convictos do fato de que ninguém, da equipe de funcionários, esteja implicado… Se os infratores puderem ser identificados, o comitê não hesitará em aplicar a regra que autoriza sua expulsão.” Então, Watson, o que acha disso?

— Um tanto extraordinário, Holmes. E no Megatério, entre tantos clubes.

— *Corruptio optimi pessima*, [11] meu caro Watson.

— Você acha que o comitê tem razão quanto aos funcionários?

— Não estou interessado nas opiniões do comitê, Watson, mesmo que sejam opiniões de bispos, juízes e membros da Royal Society. Só estou preocupado com os fatos.

— Mas os fatos são simples, Holmes. Uma quantidade considerável de livros está sendo roubada do clube e não há pistas do ladrão, ou ladrões.

— Admiravelmente sucinto, meu caro Watson. E o motivo?

— O motivo habitual dos ladrões, suponho. A atração pelo ganho ilícito.

— Mas que ganho, Watson? Se levasse uma dezena de livros, todos com a marca de uma biblioteca, para um comerciante de livros usados, quanto esperaria conseguir por eles?

— Muito pouco, com certeza, Holmes.

— Pois é, e por isso é provável que o comitê tenha razão ao excluir os funcionários… Não que eu acredite em excluir qualquer um ou qualquer coisa *a priori*. Mas o motivo do ganho não se sustenta. Você precisa tentar de novo, Watson.

— Bem, é claro, as pessoas são descuidadas em relação a livros, sobretudo quando pertencem a terceiros. Não é possível que sócios do Clube levem consigo esses volumes, pretendendo devolvê-los, e depois os deixem no trem ou os esqueçam em casa?

— Nada mal, meu caro Watson, e uma solução inteiramente razoável se estivéssemos lidando com a perda de três ou quatro volumes. Nesse caso, seria provável que nosso professor não se tivesse dado ao trabalho de requisitar meus humildes serviços. Mas olhe para os números, Watson: 22 livros desaparecidos em junho, 15 outros em setembro. Há nisso algo mais do que esquecimentos casuais.

— É verdade, Holmes. E suponho que não conseguiremos descobrir mais antes de comparecermos amanhã ao Megatério.

— Pelo contrário, meu caro Watson. Espero realizar esta tarde uma pequena investigação independente.

— Seria um prazer acompanhá-lo, Holmes.

— Tenho certeza que sim, Watson, mas você vai me perdoar por dizê-lo, a pequena averiguação que preciso fazer é de natureza pessoal e acho que pode ser mais frutífera se eu estiver sozinho.

— Ah, está certo — respondi, um pouco agastado com a atitude superior de

Holmes. — Eu posso me ocupar de modo bem proveitoso lendo este novo trabalho sobre técnicas cirúrgicas que me acaba de chegar às mãos.

Pouco vi Holmes na manhã seguinte. Ele não fez qualquer referência ao caso do Megatério durante o café da manhã e, pouco depois, desapareceu. No almoço, estava de excelente humor. Havia em seu olhar um brilho que me revelava que ele estava alegremente no caminho certo.

— Holmes, você descobriu alguma coisa — observei.

— Meu caro Watson — ele respondeu —, sua acuidade lhe faz jus. Descobri que, depois de uma manhã ativa, fico extremamente faminto.

Mas eu não me deixaria enganar.

— Ora vamos, Holmes, eu sou um militante muito antigo para cair nesses truques. Até que ponto você penetrou no mistério do Megatério?

— O suficiente para me fazer aguardar nosso chá com vívido interesse.

Conhecendo os hábitos provocadores do meu amigo, reconheci que, no momento, não seria bom pressioná-lo com mais perguntas.

Pouco depois das quatro da tarde, Holmes e eu nos apresentamos à entrada do Megatério. O chefe da recepção nos acolheu com muita cortesia e, achei, quase pareceu reconhecer Sherlock Holmes. Levou-nos a um sofá no vestíbulo e, tão logo surgiu nosso anfitrião, subimos a nobre escadaria que levava ao grande salão do primeiro andar.

— Agora, permitam-me pedir o chá — disse o professor. — Gostaria de algo para comer, sr. Holmes?

— Só um biscoito para mim, professor, mas meu amigo Watson tem um apetite enorme.

— Ora, Holmes… — comecei.

— Não, não. Foi apenas uma brincadeira — declarou Holmes, de imediato.

Tive a impressão de constatar um ar de alívio no rosto do professor.

— Bem, agora, quanto ao nosso p-problema, sr. Holmes. Há mais alguma informação que eu possa lhe dar?

— Eu gostaria de ter uma relação dos títulos dos livros que desapareceram mais recentemente.

— Sem dúvida, sr. Holmes, posso lhe conseguir isso agora mesmo.

O professor nos deixou por alguns minutos e voltou com um papel nas mãos.

Olhei por sobre o ombro de Holmes enquanto ele lia e reconheci diversos livros famosos que haviam sido publicados há pouco tempo, como *Robbery under Arms*, *Troy Town*, *The Economic Interpretation of History*, *The Wrong Box* e *Three Men in a Boat*.

— O senhor chega a alguma conclusão especial a partir dos títulos, sr. Holmes? — perguntou o professor.

— Acho que não — respondeu Holmes. — Há, é claro, algumas obras de ficção muito populares, alguns outros livros de interesse mais geral e uns poucos títulos de menor importância. Não acredito que alguém possa chegar a qualquer conclusão quanto à esfera exata de interesse do culpado.

— O senhor acha? Bem, eu concordo, sr. Holmes. É tudo muito d-

desconcertante.

— Ah! — exclamou Holmes, de repente. — Este título me faz pensar em algo.

— Em quê, sr. Holmes?

— Vejo que um dos livros desaparecidos é *Plain Tales from the Hills*. Acontece que vi um exemplar excepcionalmente interessante desse livro há não muito tempo. Era uma impressão prévia, especialmente encadernada e autografada, para ser entregue ao afilhado do autor, que embarcaria de navio para a Índia antes da data do lançamento.

— É mesmo, sr. Holmes, é mesmo? Isso me interessa muitíssimo.

— Suspeito que sua própria coleção, professor, seja rica em itens desse tipo, não é mesmo?

— Bem, bem, não cabe a mim me v-vangloriar, sr. Holmes, mas sem dúvida tenho um ou dois volumes de inestimável valor em minhas prateleiras. Sou um homem pobre e não aspiro a primeiras edições, mas o v-valor da minha coleção é que ela não poderia ser reunida através dos canais normais de comércio… Mas, para voltar ao nosso problema, há algo mais no Clube que o senhor gostaria de investigar?

— Creio que não — disse Holmes —, mas devo confessar que a descrição de sua própria coleção despertou meu apetite bibliográfico.

O professor enrubesceu de orgulho.

— Bem, sr. Holmes, se o senhor e seu amigo realmente apreciariam ver meus poucos t-tesouros, eu ficaria honrado. Meus aposentos não ficam l-longe daqui.

— Então vamos — declarou Holmes, enfático.

Confesso que fiquei um tanto perplexo com o comportamento do meu amigo. Ele parecia ter se esquecido das desventuras do Megatério para demonstrar um interesse desproporcional pelas excentricidades da coleção de Wiskerton.

Ao chegarmos aos aposentos do professor, fiquei ainda mais surpreso. Eu não esperava luxo, claro, mas pelo menos algum grau de elegância e conforto. Em vez disso, cadeiras e mesas, tapetes e cortinas, tudo, na verdade, parecia ser da pior qualidade; até mesmo as prateleiras eram de baixo custo e estavam mal colocadas. Os próprios livros eram outro problema. Estavam classificados como em nenhuma outra biblioteca que eu já tivesse visto. Em uma seção, havia exemplares autografados pelos autores; em outra, provas encadernadas armazenadas em fichários; em uma terceira, originais revisados; em outra, folhetos, monografias e impressos de todos os tipos.

— Aqui estamos, sr. Holmes — disse o professor, com orgulho de proprietário. — O senhor pode pensar tratar-se de uma coleção de excentricidades, mas, para mim, cada um destes volumes tem uma associação p-pessoal e d-diferente, inclusive o item que chegou às minhas mãos ontem à tarde.

— É curioso — disse Holmes, pensativo —, considerando que todos têm uma característica em comum.

— Não o compreendo.

— Não? Mas estou esperando para ver o resto da sua coleção, professor.

Quando tiver visto a integralidade da sua biblioteca, talvez possa me explicar com mais clareza.

O professor enrubesceu de desagrado.

— Ora, sr. Holmes, eu fui alertado quanto a alguns de seus métodos p-peculiares, mas em absoluto consigo saber o que está p-pretendendo.

— Neste caso, professor, vou agradecer sua hospitalidade e pedir-lhe que retornemos ao Megatério para uma conversa com o secretário.

— Para lhe dizer que o senhor não consegue encontrar os livros desaparecidos?

Sherlock Holmes nada disse por alguns instantes. Depois, olhou sem rodeios para o rosto do professor e declarou, muito devagar:

— Pelo contrário, professor Wiskerton. Direi ao secretário que posso lhe indicar o endereço exato de onde os livros podem ser encontrados.

Fez-se silêncio. E então algo extraordinário aconteceu.

O professor se virou e literalmente desabou em uma cadeira; depois, levantou os olhos para Holmes, com o ar de uma criança apavorada.

— Não faça isso, sr. Holmes. Não faça isso, eu s-suplico. Vou lhe contar tudo.

— Onde estão os livros? — perguntou Holmes, sério.

— Venha comigo e eu lhe mostrarei.

O professor se arrastou e nos levou a um cômodo sombrio. Com mão trêmula, apalpou o bolso em busca das chaves e abriu um armário que ocupava toda a parede. Várias fileiras de livros foram expostas e eu logo reconheci um ou dois

títulos que vira na lista do Megatério.

— Oh, o que o senhor vai p-pensar de mim, sr. Holmes? — começou o professor, choramingando.

— Minha opinião é irrelevante — afirmou Sherlock Holmes, ríspido. — O senhor tem caixas de papelão?

— Não, mas s-suponho que meu senhorio possa encontrar algumas.

— Vá buscá-lo.

Em poucos minutos, surgiu o senhorio. E, sim, ele acreditava poder conseguir a quantidade suficiente de caixas para embalar os livros do armário.

— O professor Wiskerton — explicou Holmes — está ansioso para ter todos estes livros embalados de imediato e enviados ao Megatério, em Pall Mall. O assunto é urgente.

— Muito bem, cavalheiro. Alguma carta ou mensagem os acompanha?

— Não — respondeu Holmes, brusco. — Mas sim, espere um instante.

Tirou do bolso um lápis e um cartão de visita e, acima do nome, escreveu "Com os cumprimentos de".

— Providencie para que este cartão seja firmemente preso à primeira embalagem. Está claro?

— Perfeitamente, cavalheiro, se assim deseja o professor.

— É o mais ardente desejo do professor. Não é mesmo, professor? — disse Holmes, com muita ênfase.

— Sim, sim, suponho que sim. Mas v-venha comigo à outra sala e d-deixe-me

explicar.

Voltamos à sala de estar e o professor começou:

— Sem dúvida pareço a seus olhos ridículo ou desprezível, ou ambos. Eu tive duas p-paixões na minha vida, uma paixão por p-poupar dinheiro e uma paixão por c-comprar livros. Como resultado de uma infeliz discussão com o reitor, aposentei-me r-relativamente moço da universidade e com p-proventos muito reduzidos. Eu estava determinado a reunir uma coleção de livros; estava igualmente determinado a não gastar com eles minhas preciosas economias. Ocorreu-me a ideia de que minha biblioteca deveria ser única, no sentido de que todos os seus livros seriam adquiridos por outro meio que não o da c-compra. Tive amigos entre autores, editores e gráficos e obtive bastante sucesso, mas havia alguns livros recém-publicados que eu desejava e não via como conseguir até que… bem… até que, por distração, trouxe para casa um dos livros da seção de empréstimos do Megatério. Eu pretendia devolvê-lo, é claro. Mas não o fiz. Em vez disso, t-trouxe outro para casa…

— *Facilis descensus…* [12] — murmurou Holmes.

— Exatamente, sr. Holmes, exatamente. Então, quando o comitê começou a perceber que os livros estavam desaparecendo, enfrentei um dilema. Mas me lembrei de ter ouvido alguém dizer, em outro contexto, que a m-melhor defesa era o ataque e pensei que, se fosse o primeiro a procurá-lo, seria o último de quem suspeitariam.

— Compreendo — disse Holmes. — Obrigado, professor Wiskerton.

— E agora, o que o senhor vai fazer?

— Primeiro — respondeu Holmes — vou me certificar de que o seu senhorio tenha as caixas prontas para serem despachadas. Depois disso, o dr. Watson e eu temos um compromisso em St. James's Hall.

— Um casinho trivial, Watson, mas não de todo desinteressante — afirmou Holmes, ao voltarmos da sala de concertos para Baker Street.

— Um caso desprezível, na minha opinião. Você adivinhou, desde o primeiro instante, que o próprio Wiskerton era o ladrão?

— Não exatamente, Watson. Eu nunca adivinho. Dedico-me a observar. E a primeira coisa que observei no professor Wiskerton foi que era avarento. A discussão com o cocheiro, as roupas puídas, a relutância em nos convidar para almoçar. Que se tratava de um bibliófilo entusiasmado era, sem dúvida, óbvio. De início, não tive muita certeza de que essas duas características se encaixavam, mas depois do encontro de ontem lembrei-me de que o chefe da recepção do Megatério tinha sido um útil aliado quando começou a trabalhar como porteiro e pensei que uma conversa privada com ele poderia ser útil. O breve comentário dele me pôs no caminho certo: "Sempre lendo por aqui", disse ele, "mas nunca faz uma refeição no clube". Depois disso, e de uma apressada pesquisa, hoje pela manhã, da carreira acadêmica do professor, poucas dúvidas me restavam.

— Mas você não considera extraordinário, a despeito do que ele disse, de que ele tenha se exposto ao risco de vir consultá-lo?

— Com certeza é extraordinário, Watson. Wiskerton é um homem extraordinário. Se, como espero, ele tiver a decência de se retirar do Megatério, sugerirei a Mycroft que o convide para o Diogenes.

Uma noite com Sherlock Holmes

WILLIAM O. FULLER

Embora muito famoso durante sua vida como jornalista, narrador e amigo de luminares da literatura como Mark Twain e Henry Van Dyke, William Oliver Fuller (1856-1941) é, hoje, pouco lido.

Nascido em Rockland, Maine, lá viveu a vida inteira. Tornou-se chefe dos Correios de Rockland (1902-1914) enquanto trabalhava também como jornalista, tendo fundado o *Rockland Courier* com apenas 18 anos de idade. Em 1882, fundiu-o com a *Rockland Gazette*, criando o *The Courier-Gazette*, que editou e administrou durante décadas. Foi agraciado, em 1937, com a Placa de Prata da Associação de Imprensa do Maine, como o mais antigo editor em atividade (63 anos).

Conhecido por seu charme e inteligência, foi um bem-sucedido conferencista, orador e autor. Por volta da virada do século passado, contribuiu com caricaturas para o *New York World* abordando temas como “Maridos desconhecidos de esposas famosas”. Também escreveu livros: *What Happened to Wigglesworth* (1901), um romance humorístico no qual a vida do “homem da casa” Ellery Wigglesworth é um acidente ambulante à espera do pior, e *An Old Town by the Sea* (1908), a história do Memorial Thomas Bailey Aldrich, em Portsmouth, criada em 1908. Aldrich, seu amigo íntimo, descreveu Fuller como o mais próximo do estilo de Charles Lamb entre quaisquer escritores que já conhecera.

“Uma noite com Sherlock Holmes” foi um artigo lido por Fuller no 12-Month Club em 1º de janeiro de 1929. Ele afirmou ter recebido o original diretamente de Arthur Conan Doyle. O artigo foi originalmente impresso em uma edição limitada de duzentos exemplares (Cambridge, Massachusetts, The Riverside Press, 1929). Foi comercializado pela primeira vez, com o título “The Mary

Queen of Scots Jewel” em *The Misadventures of Sherlock Holmes*, editado por Ellery Queen (Boston, Little, Brown, 1944).

UMA NOITE COM SHERLOCK HOLMES

William O. Fuller

Era uma dessas manhãs nubladas e chuvosas do começo do verão, quando as ruas de Londres decidem se tornar especialmente desagradáveis, as calçadas gordurosas de lama e os próprios prédios apresentando suas fachadas sombrias cobertas por uma dupla melancolia. Voltando de uma consulta e estando Baker Street no meu caminho, fiz uma visita ao meu amigo Sherlock Holmes, que encontrei em meio à fascinante desordem de sua sala, a poltrona puxada para perto de uma lareira a carvão e ele esparramado em cima dela, fumando seu cachimbo favorito.

— É muito bom vê-lo, Watson — declarou ele, sincero. — Sente-se aqui, acenda um charuto e me anime. Este clima infernal acabou com meus nervos. Você é exatamente a companhia que preciso.

Peguei um charuto, pus uma cadeira do outro lado da grelha e esperei que Holmes falasse, porque compreendi que, naquele estado de espírito, ele precisava se livrar da irritação antes que um humor de natureza agradável pudesse se instalar.

— Sabe, Watson — começou ele, depois de algum tempo fumando em silêncio —, não gosto nem um pouco do modo como você tratou minha última aventura. Eu disse, na ocasião, que o papel desempenhado por aquele detetive rural expôs meus métodos a uma comparação que tende a superestimar minhas habilidades.

Eu poderia deixar passar em silêncio a alusão crítica de Holmes ao agora famoso caso do colar de âmbar, a meu ver uma de suas façanhas mais brilhantes,

e assim fiz.

— Não — acrescentou ele, com uma insinuação de desculpas na voz —, não

que, de modo geral, você deixe sua pena de hábil cronista incliná-lo demais para

os domínios do romance… mas precisa ter cuidado, Watson, para não me

atribuir o sobrenatural. Você mesmo sabe o quanto é simples a minha ciência quando os caminhos que levam à sua conclusão são explicitados *a posteriori*.

Como, por exemplo, o fato de que estou prestes a receber uma visita. Eu saber

disso pode, por um momento, lhe parecer misterioso, mas logo depois um tanto

banal.

Eis que no mesmo instante veio uma batida à porta principal e, ao meu olhar

surpreso e interrogativo, Holmes retrucou, com uma risada:

— Uma brincadeira de criança, meu caro Watson. Como estava atento à

minha triste arenga, você não ouviu há alguns segundos a buzina não muito alta

de um automóvel que, foi fácil perceber, acabava de dobrar a esquina de nossa

rua; nem observou, como pude fazer, que no adequado lapso de tempo o

inconfundível silêncio provocado pela parada de um motor produziu-se debaixo

da minha janela. Tenho certeza, Watson, de que um olhar por aquela janela revelará um carro aguardando diante dos meus degraus.

Atravessei com ele a sala e espiei por sobre seu ombro enquanto ele abria a cortina. De fato, um automóvel estacionara no meio-fio. Sob a capota,

entrevimos dois cavalheiros sentados. O motorista estava de pé, evidentemente

aguardando. Nesse momento, a governanta de Holmes, depois de uma batida à porta, entrou na sala, trazendo dois cartões em uma bandeja, que entregou a Holmes.

— Sr. William S. Richardson, sr. William O. Fuller — disse ele, lendo em voz alta os cartões. — Hmm. Com certeza nosso amigo Conquistador tem muitos admiradores na América. Pode pedir aos cavalheiros que subam, sra. Hudson.

— Como sabe que seus visitantes são americanos? — comecei a perguntar, quando se ouviu uma batida à porta e, ao enérgico “Entre!” de Holmes, dois cavalheiros a abriram, pararam à soleira e fizeram uma mesura.

Vestiam capas de chuva; um deles, estatura média, rosto escanhoado, lembrava os traços do ator Irving; o outro, mais baixo, distinguia-se pelos óculos como os do sr. Pickwick.

— Por favor, entrem, cavalheiros — disse Sherlock Holmes, com a cortesia que tão bem o caracterizava. — Tirem suas capas, aceitem um charuto, sentem-se nestas poltronas junto à lareira e, enquanto me falam das circunstâncias que me dão a honra de uma visita tão pouco tempo depois de sua chegada a Londres, estarei me ocupando do preparo de um coquetel, um dos excelentes achados apresentados pelos americanos a um grato público britânico.

Os visitantes reagiram prontamente a tais demonstrações de cordialidade; de uma bandeja sobre a mesa, escolheram, com mãos certeiras, o que eu sabia serem os melhores charutos de Holmes, e em pouco tempo as quatro cadeiras foram dispostas em semicírculo diante da grade brilhante. Apresentações foram rapidamente feitas.

— O dr. Watson, como meu biógrafo um tanto parcial — disse Holmes, acendendo o cachimbo —, estava a ponto de perguntar, quando interrompido pela sua chegada, como eu soube de antemão a nacionalidade dos meus

visitantes.

O mais alto dos cavaleiros, cujo sobrenome era Richardson, sorriu.

— Fiquei eu também impressionado com tal alusão — comentou ele —, não menos do que por sua outra surpreendente referência a termos chegado há pouco à cidade. A bem da verdade, estamos aqui há pouco menos de 24 horas.

Sherlock Holmes deu uma risada de satisfação.

— Trata-se de algo muito simples quando explicado — disse ele —, como muitas vezes salientei ao dr. Watson. Na linha de pesquisa à qual ocasionalmente dedico minha atenção, como ele inúmeras vezes deixou claro em seus relatos publicados, é preciso, como saberão os senhores, aprimorar o conhecimento a respeito de uma grande variedade de assuntos. O automóvel, por exemplo, esse onipresente invasor do reino da locomoção, insere-se naturalmente na periferia do campo da atenção; não poderia eu me dedicar por tanto tempo a suas diversas e interessantes fases sem vir a reconhecer os carros de diferentes marcas e nacionalidades. Existem, se não me falha a memória, cerca de 130 variedades de padrões, facilmente identificáveis por um conhecedor. Quando, há alguns instantes, Watson espiou pela janela por cima do meu ombro, seu interesse, voltado para setores bem diversos, não lhe revelou o que para mim ficou claro em um relance, ou seja, uma máquina americana encontrada com frequência neste país. Foi fácil adivinhar que seus ocupantes também provinham dos Estados Unidos.

“Quanto ao outro ponto… Entre as primeiras coisas que um americano, homem ou mulher, de bom gosto faz ao chegar a Londres é encomendar a um gravador um cartão com seu nome, no último estilo londrino. Nesta estação, os

cartões, como sabemos, são pequenos, e a letra uma variedade sombreada de Old English. Os cartões que me chegaram pelas mãos da sra. Hudson eram de tamanho médio, impressos com as letras cursivas do ano passado. Ficou evidente que meus visitantes americanos haviam chegado à cidade há muito pouco tempo. Uma aposta perigosa, talvez, mas em tais questões é preciso às vezes atirar às cegas, ou, para citar um dos seus navegadores americanos, ‘Mantenha-se corajosamente voltado para o Sul e confie na sorte!’. Você acha que a explicação se sustenta, Watson?”

Com uma gargalhada, confessei que me dava por satisfeito. Os cavalheiros americanos trocaram olhares de prazer. Era evidente que a exibição do método característico de dedução do meu amigo lhes proporcionava grande deleite.

— O que nos traz — observou Holmes, cujo cachimbo agora fumegava — ao real objetivo desta visita, honra a qual posso desde já dizer que muito me alegra, sendo grande apreciador do seu país e me sentindo sempre em débito com um de seus grandes escritores, cujo detetive francês tenho o prazer de considerar um personagem monumental em um terreno bastante difícil. Meu amigo Watson fez algumas ousadas tentativas nessa direção — acrescentou Holmes, abanando a cabeça em um gesto depreciativo —, mas é discutível que ele sequer tenha se aproximado do alto nível de *Os assassinatos da rua Morgue*.

Quando Sherlock Holmes parou de falar, os visitantes, cuja expressão era agora grave, trocaram olhares interrogativos.

— É sua a história — disse o que usava óculos.

O cavalheiro de nome Richardson concordou com a sugestão.

— Talvez — adiantou ele — eu deva começar pelo começo. Se eu me alongar demais, ou obscurecer os detalhes, deem-me a honra de me interromper.

— Deixe-nos conhecer toda a história — pediu Holmes. — Eu, por certo, suponho que os senhores venham solicitar meus serviços por se encontrarem em algum tipo de dificuldade. Em tais assuntos, nenhum detalhe, mesmo se aparentemente obscuro, pode ser considerado não essencial, e peço-lhe que não omita coisa alguma.

O americano bateu a cinza do charuto e começou sua história.

— Meu amigo e eu aterrissamos em Liverpool há dez dias, ou pouco mais, para um percurso automobilístico de verão em seu país. Viajamos com facilidade até Londres, parando aqui o tempo suficiente para visitar nossos banqueiros e postar duas ou três cartas de apresentação que havíamos trazido de casa.

“Então, continuamos nossa planejada turnê para o Sul da Inglaterra. Em Carterbury, chegou-nos um bilhete de lorde M***, acusando o recebimento de nossa carta de apresentação a esse nobre cavalheiro e nos rogando que aceitássemos ser seus convidados para jantar na quarta-feira desta semana, ontem, pois, a partir de então, estaria fora da cidade. Pareceu-nos melhor, diante das circunstâncias, voltar a Londres, já que Sua Excelência era alguém que desejávamos especialmente encontrar. Assim, quarta-feira nos encontramos mais uma vez na cidade, onde nos hospedamos no Langham, em Portland Place.

Dispondo de várias horas para nos vestirmos, saímos para passear sem rumo, indo parar em Wardour Street. Não preciso lhes dizer que em seus abundantes antiquários, que representam extraordinário fascínio para todos os viajantes americanos, mal sentimos o tempo passar. Em uma das pequenas lojas, onde eu era conhecido pelo proprietário devido a visitas anteriores, estávamos

debruçados sobre uma bandeja de pedras exóticas, tendo em mente possíveis alfinetes de gravata, quando o vendedor se aproximou com um embrulho que havia tirado do cofre e, removendo o papel, disse: ‘Talvez o senhor possa se interessar por isto!’

“Tratava-se de uma curiosa peça de antiga ourivesaria, uma barra de ouro representando um menino capturando um camundongo, todo o conjunto

ricamente cravejado de diamantes e rubis, tendo como pingente uma grande e dispendiosa pérola. Mesmo na penumbra da loja, seu brilho deixava claro ser uma joia de valor.

“‘Esta peça vem da coleção pessoal da condessa de Warrington’, disse o

vendedor. ‘Pertenceu originalmente à desafortunada Mary, rainha da Escócia, e vem acompanhada de um certificado de autenticação, demonstrando sua

passagem por diversas mãos durante os últimos 340 anos. Os senhores verão, gravado no verso, as armas de Mary.’”

Holmes, um perito na ciência da heráldica, a voz exibindo um grau de

interesse com o qual eu estava bastante familiarizado, interrompeu-o:

— Ouro, um leão rampante dentro de bordadura dupla florada e contraflorada,

vermelho. Mary, como rainha da Escócia e filha de James I, usava as armas da

Escócia. Eu conheço a joia que está descrevendo. Na verdade, eu a vi uma vez,

quando em visita à propriedade rural da condessa, depois de uma ousada

tentativa de roubo no local. Você conhece os detalhes, Watson. Eu soube que, desde a morte da condessa, estando a família em difícil situação financeira, algumas de suas joias foram colocadas em mãos discretas, a fim de serem negociadas.

— Assim explicou o vendedor — continuou o visitante — e acrescentou que,

como as joias eram muito conhecidas na Inglaterra, só poderiam ser vendidas

para quem as levasse para o exterior, donde a importância de um potencial cliente americano. Confesso que a joia me interessou. Pensei em uma sobrinha recém-casada para quem ainda não havia encontrado o presente de núpcias adequado, e aquilo me pareceu bastante apropriado. Perguntei o preço.

"'Consideramos mil libras muito barato, cavalheiro', disse o comerciante, naquele tom informal com que seus lojistas informam aos americanos o preço de suas mercadorias.

"Depois de conversarmos um pouco mais, nosso tempo se esgotando, meu amigo e eu voltamos a Langham e nos vestimos para o jantar. Enquanto eu me preparava, houve uma batida à porta do meu quarto. Abrindo-a, lá estava um mensageiro do antiquário que, entregando-me um pequeno embrulho, explicou ser a joia, que o negociante gostaria de me entregar para um exame mais conveniente. No embaraço do momento, esqueci-me de fazer a coisa certa e devolver o embrulho ao mensageiro, que na verdade já havia me cumprimentado e se afastado enquanto eu ainda estava parado à porta.

"Chamei meu amigo e, entrando em seu quarto, costumamos ter quartos contíguos, disse 'Veja isto, Fuller. Não é típico de um lojista inglês confiar sua mercadoria a alguém praticamente desconhecido? É um perigo ter crédito com esses comerciantes de boa-fé.'

"A resposta do meu amigo descreveu com muita clareza a situação: 'É um risco enorme', disse ele, 'ser escolhido como depositário de tesouros inestimáveis. E dificilmente seria este o tipo de coisa da qual alguém gostaria de se tornar guardião em uma cidade estranha.'

“Era verdade. A hora do jantar se aproximava, um táxi estava à espera, não havia tempo para entrar em contato com o escritório, então guardei o embrulho

no bolso interno do meu paletó. Afinal, pareceu-me ser um lugar bastante protegido. Eu podia sentir sua leve pressão de encontro ao lado do meu peito, o

que seria uma constante garantia de segurança.

“Fomos recebidos por lorde e lady M*** com a calorosa cordialidade que

sempre dedicam aos visitantes do nosso país. O grupo à mesa não era grande a

ponto de impedir que, de modo geral, todos participassem da conversa, que a princípio versou sobre tópicos basicamente americanos, com aquela encantadora

exibição da ingenuidade e ignorância inglesas, o senhor há de me desculpar, quanto a assuntos de além-mar. A partir de então, os assuntos derivaram para temas um tanto desconexos, mas sempre interessantes: a Grande Guerra, na qual

Sua Excelência teve papel relevante; o delicioso sabor dos pêssegos cultivados em sebes; a saúde do rei; a receita de água de cevada preparada por Lady M***;

a recente alienação da biblioteca e dos objetos pessoais do célebre lorde Earlbank. Sem esforço, isso levou a comentários relacionados a relíquias

familiares, o que rapidamente trouxe à baila a joia, cuja insistente pressão eu sentira durante toda a refeição e que logo passava de mão em mão, acompanhada

por expressões femininas de encantamento.

“O interesse pela joia pareceu dominar a atmosfera. Até mesmo os criados foram afetados. Percebi o segundo mordomo de olhos fixos na joia enquanto enchia o copo do capitão Pole-Carew, que por sua vez estava com o broche erguido para capturar os diversos ângulos de luz, sob os quais as pedras brilhavam incrivelmente. Por um instante, ele respirou fundo e quase se inclinou

sobre o ombro do capitão, esquecendo-se do vinho que servia e que,

transbordando do copo, escorreu para a toalha. A joia continuou seu circuito pela

mesa e voltou ao meu bolso interno.

“‘Um repositório não muito seguro, se posso externar minha opinião’, disse o capitão, com um sorriso. Mais tarde, tive oportunidade de recordar sua cínica observação.

“Voltamos ao hotel em hora tardia e, cansados do longo dia, fomos direto para a cama. Nossos quartos, como eu disse, eram contíguos e, em viagens, temos o hábito de ir de um para outro, conversando enquanto mudamos de roupa. Menciono tal fato por ser relevante para o caso. Fui o primeiro a me deitar e me lembro de ouvir o sr. Fuller abrir a janela antes de apagar a luz. Quanto a mim, adormeci no mesmo instante e devo ter dormido profundamente. Fui acordado ouvindo meu nome ser chamado em voz alta. Era a voz de Fuller e de imediato corri ao seu quarto, apressado, acendendo a luz elétrica. Fuller estava sentado à beira da cama, de pijama… E, como esta parte da história é dele, talvez ele a conte melhor.”

O visitante que usava óculos de Pickwick, assim convocado, continuou a narrativa.

— Eu também adormeci no mesmo instante — relatou ele. — Depois de algum tempo, porém, acordei de repente, assustado, sem noção do tempo, mas com uma opressiva sensação de alarme. Vislumbrei, ao lado da minha cama, um vulto que, quando me sentei de repente, reagiu com um movimento apressado. Sem muita consciência do que fazia, estendi a mão no escuro e fechei os dedos na parte da frente de um casaco. Acredito que meu puxão tenha sido forte, pois quando o homem se desvencilhou senti o tecido rasgar. Um segundo depois, o homem já havia atravessado o quarto e ouvi a janela tremer quando ele bateu na

vidraça ao passar por ela. Foi quando gritei e o sr. Richardson chegou correndo.

— Às pressas, examinamos o quarto — retomou o primeiro narrador. — Meu casaco da noite anterior estava no chão e me lembrei de, ao despi-lo, tê-lo pendurado na coluna aos pés da cama de Fuller. Seria prolongar ainda mais uma história já de certa forma comprida não dizer de uma vez que a joia havia desaparecido. Nós nos encaramos com expressão de pesar.

"'O homem fugiu pela janela com ela!', exclamou Fuller, apontando-a com o punho fechado. Então recolheu a mão, com ar determinado, e abriu-a. 'Aqui está uma lembrança dele', declarou, e me apresentou um botão. Este botão."

Sherlock Holmes apoderou-se depressa do pequeno objeto que o narrador lhe apresentava e examinou-o com atenção sob sua lente.

— Um botão de chifre, escuro — disse ele —, de manufatura alemã e importação recente. Alguns fios de linha puxados com ele. Isto pode ajudar. — Voltou-se então para seus clientes. — E o que mais?

— Bem… isto é praticamente tudo o que lhe podemos dizer. Fizemos o óbvio: chamamos o porteiro da noite e o vigia e realizamos todas as averiguações possíveis. Ficou claro que o ladrão havia percorrido uma estreita varanda de ferro que dava para um dos corredores do hotel e contornava a fileira de janelas que se abriam para um pátio interno, escapando pela mesma via. O vigia noturno só conseguiu fazer uma medíocre conjectura de como aquilo poderia ter sido feito. Na sua opinião, o ladrão poderia ter saído pelos aposentos dos criados, ou talvez fosse hóspede da casa, familiarizado com suas passagens e agora confortavelmente instalado em seu quarto, sem qualquer preocupação.

— O senhor mencionou sua perda? — perguntou Holmes.

— Não. Não me pareceu necessário. Naquele momento, tratamos o incidente como apenas uma invasão.

— Extremamente esperto — aprovou Holmes. — Vocês, americanos, são em geral confiáveis em serem discretos.

— Tomamos nosso café da manhã cedo, decidimos que o senhor era nosso único recurso e… resumindo — concluiu o visitante, com um amplo gesto das mãos —, esta é toda a história. A perda é considerável e desejamos confiar o caso às discretas mãos do sr. Sherlock Holmes.

Meu amigo recostou-se na poltrona, os olhos atentos fixos no botão preso entre seus dedos.

— O que aconteceu com aquele segundo mordomo? — perguntou ele, de chofre.

Um leve ar de surpresa transpareceu no rosto do visitante.

— Ora, agora que o senhor chama a atenção para isso — respondeu ele, depois de um instante de reflexão —, lembro-me de ter visto o mordomo-chefe colocar uma colherada de sal sobre a mancha vermelha feita pelo vinho derramado e depois tirar da sala seu desajeitado assistente. Foi feito de forma muito sutil, para não atrair atenção. Mais tarde, fumando charutos na biblioteca, recordo de Sua Excelência ter feito alguma alusão jocosa a Watkins, assim ele se referiu ao homem, ser um tanto conhecedor de joias, uma espécie de pequeno colecionador. Sua Excelência, rindo, conjecturou que a visão de uma peça tão rara o teria perturbado. Além de considerar tal alusão uma discreta desculpa pela inabilidade de um criado, não lhe dei particular atenção.

Sherlock Holmes continuava com os olhos fixos no botão.

— Sua história é interessante — afirmou ele depois de algum silêncio. — Será um prazer dedicar-lhe mais tempo. Talvez os senhores me permitam vê-los mais tarde, em seu hotel. É possível que, no decorrer do dia, eu lhes possa dar maiores notícias.

Tendo com isso os visitantes se despedido cortesmente, Holmes e eu fomos deixados a sós.

— Bem, Watson — começou ele —, o que você conclui disso?

— Há um mordomo a ser considerado — respondi.

— Você também notou o segundo mordomo, é? — disse Holmes, distraído. E, depois de uma pausa, observou: — Por acaso você sabe o endereço do alfaiate de lorde M***?

Confessei estar aquilo fora do âmbito de minhas informações a respeito da nobreza. Holmes pôs o chapéu e vestiu sua capa de chuva.

— Vou sair sozinho, Watson — informou-me — para um passeio pelas elegantes alfaiatarias de West End. Quem sabe você me dará a honra de almoçar comigo no Clube. Posso querer discutir algumas coisas com você.

Sherlock Holmes saiu e eu voltei para casa. Era um dia de poucos pacientes, o que me alegrou, e na hora do almoço me encontrava pontualmente no Athenaeum, em nossa costumeira mesa de canto, aguardando com impaciência, pois uma hora já transcorrera quando Holmes chegou.

— Uma manhã cheia, Watson — foi seu breve comentário ao se sentar.

— E bem-sucedida?

A isso, Holmes não deu resposta, tomando sua sopa com profunda abstração e aparentemente esquecido do seu convidado no outro lado da mesa. Embora acostumado àquela atitude reflexiva, irritou-me ser deixado tão inteiramente de fora de sua consideração. Dadas as circunstâncias, me parecia ser devido um resumo de suas investigações matinais.

— Vou lhe pedir — começou Holmes, quando a refeição chegou ao fim em silêncio — que consiga entradas para o Alhambra, esta noite. Quatro entradas. No meio da plateia, com um desses assentos sendo do corredor. Depois, por gentileza, vá ao hotel e combine com nossos amigos para irem conosco. Ou melhor, nós iremos com eles, de automóvel, Watson. Peça-lhes que nos apanhem em Baker Street. Você cuidará disso? Muito bem, Watson. Então… até mais tarde, em meus aposentos!

E, levantando sua xícara de café como em um brinde, Sherlock Holmes de repente se pôs de pé e me deixou, sacudindo o chapéu ao passar pela porta.

Era inútil me irritar com aquele tratamento arrogante. Fui obrigado a me contentar com a reflexão de que, quando meu amigo entrava na atmosfera da detecção criminal, ele precisava se desincumbir dos encargos menores. Pelo restante do dia, ocupei-me em executar o que ele me pedira e, no final da tarde, me encontrava em Baker Street, onde me deparei com Holmes em trajes de noite.

— Eu estive apenas especulando, Watson — começou ele, com ar aéreo —, sobre a extraordinária gama e variedade do aparentemente insignificante e modesto item de comércio conhecido como botão. É um artigo comum a todos

os países, de uma maneira ou de outra. Seria preciso traçar suas origens desde os limites mais obscuros da história registrada. Seus usos e aplicações são incalculáveis. Acaso você conhece, meu caro doutor, os números representando a importação para a Inglaterra, em um único ano, desse pequeno artigo ornamental e por vezes altamente útil? Em relação aos botões de chifre, por exemplo, foi curioso analisar o surpreendente número de substâncias que se disfarçam sob essa denominação específica. Na verdade, o verdadeiro botão de chifre, quando encontrado, se é que posso citar nosso amigo capitão Cuttle, é facilmente reconhecível.

E nessa veia loquaz continuou Holmes, sem sofrer interrupção, até a chegada dos nossos clientes matinais, em seu automóvel, que velozmente nos levou ao Alhambra, aquela belíssima casa de refinado vaudevile. O teatro, como de costume, estava lotado. Poucos momentos após nossa chegada, um dos camarotes se encheu de pessoas elegantes, entre as quais nossos amigos americanos reconheceram alguns dos presentes no jantar da véspera. Vislumbrei depois o capitão Pole-Carew, que passava os olhos pela plateia, cumprimentar nossos companheiros. Então seu olhar se voltou para Sherlock Holmes, sobre quem posso ter imaginado que se deteve por alguns instantes, deslocando-se em seguida para uma parte distante das galerias. Era impossível conjecturar por que havíamos sido levados àquela sala de espetáculos. Que, de alguma maneira, isso tinha a ver com a investigação iniciada por Holmes era fácil de acreditar, mas além de tal conclusão seria inútil especular. A certa altura da noite, Holmes, que ocupara o assento do corredor, levantou-se de repente e se retirou para o saguão, mas logo voltou e aparentemente se envolveu pelo que acontecia no palco.

No final da apresentação, visivelmente guiados por Holmes, abrimos caminho

por entre os espectadores que se moviam devagar. No saguão, encontramos por acaso o capitão Pole-Carew, que se separara do grupo do camarote. Ele cumprimentou os americanos com alguma reserva, mas continuou a se mover conosco em direção à saída, perto da qual nosso automóvel já aguardava. O capitão demonstrara certa indiferença quando apresentado a Holmes e a mim, e eu, sabendo o quanto meu amigo se ressentia dessas frias formalidades, me vi despreparado para a ênfase com que ele apoiou a sugestão de que o capitão se juntasse a nós na volta para casa.

— Sente-se aqui no banco traseiro — disse ele, gentil — e me permita ocupar o assento ao lado do motorista. Será um prazer, eu lhe asseguro.

A manifesta relutância do capitão em se juntar ao nosso grupo foi vencida pela polida insistência de Holmes. Sua natural educação foi mais forte do que qualquer desejo que pudesse ter em relação a outros compromissos, e em pouco tempo o carro chegou à sua porta em Burleigh Street.

Sherlock Holmes desembarcou com rapidez.

— Temos apenas o tempo de um charuto e um coquetel com o capitão — ele propôs.

— Sim, sem dúvida — retrucou o capitão Pole-Carew, mas sem qualquer excesso de cordialidade. — Concedam-me a honra, cavalheiros, de adentrar meu lar de solteirão. Eu… ficarei encantado.

Foi Sherlock Holmes quem se adiantou; de outro modo, acredito que todos nós teríamos sentido que o convite não passava do tipo que é feito de maneira superficial e que se espera ser recusado, com a devida demonstração de polidez

de ambas as partes. Mas Holmes avançou alegremente em direção à porta, mantendo uma animada conversa trivial enquanto Pole-Carew tirava do bolso a chave. Penetramos em um hall mal-iluminado e de lá passamos a um grande apartamento, belamente decorado, a sala de estar de um homem refinado.

— Por favor, sentem-se, cavalheiros — convidou nosso anfitrião. — Esperava que meu criado chegasse antes de mim… ele também estava no teatro esta noite… mas seu automóvel o ultrapassou. Ouso afirmar, porém, que poderemos nos sair bem sem ele.

E o capitão cuidou de nos apresentar convidativas garrafas e charutos.

Acabávamos de começar a apreciar a hospitalidade do capitão Pole-Carew quando, de repente, Sherlock Holmes levou seu lenço ao nariz, com uma leve exclamação de aborrecimento.

— Não é nada — afirmou ele. — Um mero sangramento nasal do qual sou

muitas vezes acometido depois do teatro. — Ele mantinha a cabeça inclinada para trás, o rosto coberto pelo lenço. — É muito embaraçoso — acrescentou, desculpando-se. — Água fria… ahn… eu poderia usar seus aposentos, capitão?

— Sem dúvida… sem dúvida — consentiu nosso anfitrião. — Por aquela

porta, sr. Holmes.

Holmes logo desapareceu pela porta indicada, de onde veio a seguir o som de

água correndo de uma torneira. Mal havíamos retomado a conversa interrompida

quando ele reapareceu pela mesma porta, tendo nas mãos um paletó.

— Obrigado, capitão Pole-Carew — disse ele, aproximando-se. — Meu nariz

está bem melhor. Ele me levou, creio eu, a uma descoberta singular. Posso perguntar, sem ser considerado descortês, se este paletó é seu?

Vi o capitão Pole-Carew empalidecer ao responder com ar de orgulho:

— É do meu criado, sr. Holmes. Ele deve tê-lo esquecido. Por que pergunta?

— Eu estava observando os botões — retrucou Holmes. — São exatamente

iguais a este que trago no bolso.

E apresentou o botão de chifre escuro.

— E o que tem isso de mais? — reagiu depressa nosso anfitrião. — Não

devem existir muitos iguais?

— Sim — concordou Holmes —, mas este botão foi violentamente arrancado de onde estava… e pode ter sido deste paletó.

— Sr. Holmes — retrucou o capitão Pole-Carew em tom de desprezo —, sua

brincadeira não é oportuna, nem brilhante. Não há qualquer botão faltando nessa

jaqueta.

— Não, mas já houve — devolveu Holmes, gélido. — Aqui, como verá, um botão foi costurado, não como faria um alfaiate, com a linha oculta, mas de um lado a outro do tecido, deixando-a visível. Do modo como um homem inábil, ou um tanto apressado, poderia fazer. Percebe o que digo, capitão?

Sherlock, enquanto falava, havia atravessado a sala até onde o capitão Pole-Carew, o rosto escurecido de exasperação, estava de pé no tapete em frente à lareira. Holmes fez um gesto exagerado ao lhe apresentar a jaqueta, tropeçou no capitão ao fazê-lo e caiu violentamente sobre a cornija. No esforço para se aprumar, bateu o braço em um belo vaso, que caiu no chão e se partiu em vários fragmentos. Houve um grito do capitão Pole-Carew, que se atirou sobre os pedaços quebrados do cristal. Por mais rápido que fosse, Sherlock Holmes foi mais veloz, e pegou do chão um objeto que faiscava entre os cacos.

— Acredito, sr. Richardson — disse ele, calmo, pondo-se de pé —, que, como conhecedor de joias, isto é algo pelo que terá especial interesse.

Antes que qualquer um de nós se recobrasse da surpresa, o capitão Pole-Carew havia recuperado a pose e, de pé, acendia um charuto.

— Um belo espetáculo, sr. Sherlock Holmes — disse ele. — Estou em débito para com o senhor e seus amigos itinerantes, por uma noite encantadora. Posso sugerir, entretanto, que a hora se faz tardia e Baker Street, mesmo para um automóvel, é um tanto distante?

— Sem dúvida — disse Sherlock Holmes ao chegarmos a seus aposentos e nos juntarmos a ele para um charuto de boa-noite — os senhores esperam que eu lhes revele os detalhes do processo e, assim, roube do meu desempenho seu elemento de fascínio. Watson, em suas memórias, ensinou-lhes a esperar por

isso. Minha pesquisa relativa ao botão foi, é claro, dirigida contra o segundo mordomo de Sua Excelência mas, logo no primeiro momento, voltou-se, para

minha surpresa, para o absolutamente inesperado criado de outra pessoa. Era curioso, declarou o alfaiate, o fato de ele receber no mesmo dia dois pedidos de

botões idênticos àquele e, em sua ingenuidade, mencionou o criado de Pole-Carew. Foi o bastante, para começar.

“Averiguações nos devidos aposentos não apenas determinaram a palpável

inocência do segundo mordomo, mas me forneceram pistas quanto à relação

entre o capitão e seu criado que, não duvido, voltarão a merecer minha atenção.

Era evidente que o cérebro do patrão concebera o roubo, mas a mão do criado o executara. Cheguei até mesmo a fazer uma agradável visita a nossos amigos, no

Langham, como havia prometido.

Os americanos se entreolharam.

— Não é possível — disseram eles. — Não saímos dos nossos quartos e nossa

única visita foi um empregado da loja de antiguidades com uma mensagem do antiquário. Aliás, um velho impertinente, que nos seguiu pelos quartos com uma

série de perguntas senis relativas à nossa viagem.

— Nesta profissão, preciso adotar vários disfarces — explicou Holmes,

sorrindo. — Sem dúvida, eu poderia tê-los visitado abertamente, mas foi

divertido enganá-los um pouco. Mas um disfarce não serviria ao meu propósito

de penetrar no apartamento do capitão Pole-Carew, que era, então, o que eu mais

desejava. Recordando o sucesso, congratulo-me por tê-lo planejado com tanta engenhosidade. Você sabe, Watson, da minha associação com os teatros e como

é fácil, tendo tais conexões, saber quem reservou camarotes.

“Confesso que, lá, as cartas caíram nas minhas mãos. Percebi que Pole-Carew me reconheceu, e isso é por culpa sua, Watson, e não fiquei surpreso quando vi seu olhar se dirigir para alguém na galeria, com quem ele então começou a conversar. Digo conversar, porque descobri ser Pole-Carew um perito em leitura labial, façanha à qual eu mesmo dediquei alguns meses de estudo e que descobri ser bastante útil à minha vocação. Foi tarefa fácil interceptar a mensagem que o capitão, de seu camarote e com exagerados movimentos dos lábios, enviava por sobre as cabeças da plateia.

“*Esconda o vaso!* , era a mensagem, várias vezes repetida. *Esconda o vaso!* ”

Com uma risada, Holmes continuou:

— Foi então que saí da sala para uma consulta a um amável detetive, no saguão. Suspeito muito que a razão pela qual o capitão não encontrou em casa o seu criado pode dever-se à pronta e inteligente ação daquele amigável detetive. Insinuar-nos junto ao relutante capitão não passou de um pequeno arranjo inteligente, planejado de antemão, mas o resto foi de uma simplicidade única.

“Na medida em que os senhores declaram tratar-se apenas de recuperar a propriedade e que não desejam um processo criminal, acredito que nada reste a fazer.”

— A não ser — disse o cavaleiro, caloroso, tirando a joia do bolso — pagá-lo por este extraordinário resgate.

Sherlock Holmes, feliz, soltou uma gargalhada.

— Meu caro cavalheiro americano — retrucou ele. — Ainda lhes sou muito

devedor. Não percam de vista Edgar Allan Poe.

A aventura da caixa de madeira

LESLIE S. KLINGER

Um dos principais conhecedores mundiais de Sherlock Holmes, Leslie Stuart Klinger (1946-) escreveu extensivamente sobre o tema e, mais importante, editou alguns dos mais significativos trabalhos acadêmicos sobre Holmes dos últimos anos.

Sua obra-prima é *The New Annotated Sherlock Holmes*, publicado em três grandes volumes (2004-2005), nos quais fornece informações contextuais para praticamente todas as referências, não importa quão antigas, nas sessenta aventuras de Holmes escritas por Arthur Conan Doyle, bem como inúmeros mapas, fotos e outras ilustrações. Os primeiros dois volumes, publicados juntos, receberam o Edgar Award de Melhor Obra Crítica/Biográfica do ano; o terceiro volume foi publicado no ano seguinte. Essa edição em três volumes, dirigida ao grande público, seguiu-se às suas anotações nos dez volumes da *Sherlock Holmes Reference Library* (2001-2009), destinados a sherloquianos mais acadêmicos, contendo informações ainda mais esotéricas.

Outros livros relacionados a Sherlock Holmes publicados por Klinger incluem os dois volumes de *The Grand Game* (2011–2012), coeditados com o escritor de histórias de mistério Laurie R. King, com quem também editou duas antologias de contos inspirados no cânone de Holmes: *A Study in Sherlock* (2011) e *In the Company of Sherlock Holmes* (2014).

Klinger editou ainda *The New Annotated Dracula* (2008), *The Annotated Sandman* em quatro volumes (2012–2015) e *The New Annotated H.P. Lovecraft* (2015).

“A aventura da caixa de madeira” foi originalmente publicada como folheto, por Mysterious Bookshop (Nova York, 1999).

A AVENTURA DA CAIXA DE MADEIRA

Leslie S. Klinger

Foi em outubro de 1900, com a virada do século quase sobre nós, que partilhei com Sherlock Holmes o caso mais estranho de nossos anos juntos. Naquela manhã, a neblina espiralava languidamente de encontro à vidraça quando Holmes me passou o jornal.

— Veja aqui na página 3, Watson. Acredito que ele tenha sido seu colega de faculdade.

Dei uma olhada na manchete para a qual apontava o longo dedo de Holmes: “CIRURGIÃO ASSALTADO, CARNIFICINA NAS DOCAS”.

— Smithfield e eu estudamos juntos em Netley — concordei, depois de examinar o artigo. — Coitado do Smithfield, morreu esfaqueado.

— Você o conhecia bem?

— Muito pouco. Ele era um sujeito estranho, sempre com medo que alguém levasse a melhor sobre ele. Parece que alguém acabou levando.

— Hmmm — murmurou Holmes. — A descrição dos ferimentos de faca é mais sugestiva de…

O devaneio de Holmes foi interrompido por uma batida na porta, que

reconheci como um aviso da sra. Hudson.

— Sr. Holmes, o inspetor Hopkins deseja vê-lo! — anunciou ela.

— Faça-o subir, sra. Hudson — gritou Holmes.

Ele se virou para mim, revelando aquele raro brilho que iluminava seus olhos penetrantes no começo de um caso.

— Então, Watson, talvez logo saibamos mais a respeito da morte do seu amigo. Ah, entre, inspetor Hopkins!

Holmes pulou de sua poltrona, segurando pelo braço o homem da Scotland Yard, ensopado e com ar agitado.

— Watson, um pouco de conhaque para nosso amigo enregelado!

— Sr. Holmes, eu não sei o que pensar — disse Hopkins, depois de se aquecer. — Parece ser um caso simples de assalto e morte, mas me perturba. O senhor já leu a notícia nos jornais?

— Suponho que esteja se referindo ao caso Smithfield — disse Holmes.

— Sim, isso mesmo — gaguejou o jovem detetive. — Perdoe-me.

— Assim deduzi — disse Holmes. — Seu nome é mencionado na notícia, e imaginei que aqueles ferimentos a faca pudessem trazê-lo até aqui.

— Sr. Holmes, o senhor sempre me surpreende. Como soube o que estava me incomodando?

— Ora, inspetor, até a Scotland Yard pode achar difícil rotular de assalto à mão armada um caso de assassinato em que a vítima foi encontrada deitada ao ar

livre com ferimentos de faca no peito.

— Não o compreendo, Holmes — interrompi.

— No peito, meu caro Watson! Se alguém fosse atacado em um beco escuro, tais ferimentos poderiam ser possíveis. Mas facadas no peito sugerem um ataque frontal, Watson. Se o assaltante tivesse se aproximado de frente, e inesperadamente, sinais de luta sem dúvida seriam esperados. Existem tais sinais, inspetor? Creio que não, pela matéria do jornal. Assim sendo, devemos considerar a possibilidade de ter o dr. Smithfield permitido que seu atacante se aproximasse dele. Muito pouco consistente com assalto à mão armada!

— Exatamente, sr. Holmes! Eu não havia pensado nisso, mas, mesmo que o dinheiro do médico tenha sido levado, meu relatório de latrocínio não me convenceu. O que mais me incomoda, sr. Holmes, é não saber a razão pela qual o doutor estava nas docas em uma hora tão estranha.

— Esplêndido, Hopkins! Você tirou a próxima sugestão dos meus lábios. Vamos examinar sob que circunstâncias um cavalheiro estaria passeando pelas docas à meia-noite e, ademais, permitir que um bandido armado com uma faca se aproxime a curta distância. O que me diz, Watson?

— Um mendigo, talvez? — aventurei-me.

— Ou talvez ele conhecesse o homem? — Holmes se interrompeu para reacender o cachimbo. — Não se deveria supor um encontro marcado? Bem, chega de suposições. Se devo ajudá-lo, Hopkins, preciso de fatos. Teorizar antes de conhecer os fatos não é apenas inútil; pode reduzir a percepção a ponto de se ignorarem os fatos.

— Muito bem, sr. Holmes — respondeu o jovem inspetor. — O senhor sabe que tento seguir seus métodos, e lhe transmitirei tudo que souber. Quanto ao corpo do médico, o senhor pode examiná-lo, se assim desejar. Já averiguei que os ferimentos foram causados por um homem destro de um metro e oitenta de altura, com uma faca de lâmina larga, de pé perto da vítima.

— Muito bem, Hopkins! Suponho que tenha determinado o peso e a altura pelo ângulo das facadas.

— Exatamente, sr. Holmes. O corpo não revelou mais nada de natureza incomum, exceto o fato de o braço esquerdo do médico estar enfaixado junto ao corpo, embora não houvesse nele qualquer ferimento aparente.

— É mesmo? — exclamou Holmes, os olhos faiscando. — E as bandagens eram recentes?

— Não reparei — disse Hopkins. — Examinei também o solo perto do corpo com tanto cuidado quanto me foi possível nesta manhã chuvosa. As pegadas se desfaziam depressa e não foi fácil determinar, mas não consegui ver sinais de luta. É claro, as chuvas poderiam já ter causado danos quando cheguei à cena do crime.

“Mais tarde, fui à casa do médico e falei com seu assistente, Philip Buckram, que vive com ele. O rapaz pouco pôde acrescentar. Ninguém fora chamar o doutor depois da ceia, e ele não fazia ideia do motivo que o levou tão tarde ao cais. Mas Buckram viu o médico sair ontem à noite, embrulhado em seu sobretudo. Percebeu que ele levava debaixo do braço uma caixa longa e estreita, que não vira antes. Esta manhã, não encontramos qualquer vestígio da caixa.

Quando lhe perguntei qual o comportamento do médico nos últimos dias, ele declarou que Smithfield estava extremamente agitado desde sua volta da América, há 15 dias.

— Da América, você disse? — perguntou Holmes. — Em que navio?

— O *White Star*, da Virgínia — respondeu Hopkins, parecendo satisfeito.

— Excelente, excelente, meu rapaz! Você ainda será um ótimo detetive! — cumprimentou Holmes.

— Obrigado, sr. Holmes — murmurou o rapaz. — Agora, se o senhor quiser examinar o corpo…

— Prefiro ver onde o corpo foi encontrado — disse Holmes, pondo-se de pé em um pulo e apanhando sua capa e seu chapéu. — Vamos, Watson, o sol brilha até mesmo no dia mais nublado!

Quinze minutos depois, descíamos de um táxi em uma rua suja à beira-mar. Um policial nos recebeu no cais sombrio, onde a silhueta de um armazém coberto de fuligem deixava tudo na penumbra.

— Boa tarde, policial — disse Hopkins. — Mostre ao sr. Holmes o local onde o corpo foi encontrado.

O policial nos levou para uma parte do cais junto à rua, onde havia um poste de luz.

— Você tem razão, inspetor — disse Holmes. — A chuva parece nos ter deixado muito pouco.

Holmes se inclinou e andou em círculos amplos, como um cão de caça

apurando o faro.

— Bingo! — exclamou ele, caindo de joelhos na terra sob os beirais do armazém vizinho. — Bingo! Watson, o que me diz disto? Inspetor, você não levou seu olhar longe o bastante!

Olhei para onde Holmes apontava. Um sulco largo e achatado com laterais retas era claramente visível na terra molhada.

— Uma caixa, Watson! Alguém arrastou uma caixa por aqui!

Ele espiou debaixo do prédio, onde um buraco pequeno mas cavernosamente escuro havia sido deixado aberto pelos construtores. Agarrando meu guarda-chuva, ele se jogou no chão e, esticando seu braço comprido, começou a tatear na escuridão, até que ouvimos uma sólida batida. Holmes movimentou-se um pouco mais e, pela alça, deslizou para fora uma caixa longa e estreita.

— Holmes! — gritei. — É um caixão, um caixão de criança!

Holmes concordou com a cabeça e, pondo os óculos, inclinou-se para examinar o exterior da caixa.

— Pelo amor de Deus, sr. Holmes, vamos abri-lo! — exclamou Hopkins.

Holmes, relutante, guardou os óculos no bolso.

— Vá em frente, policial — disse ele.

O robusto policial se aproximou, hesitou por um instante e ergueu a tampa. Recuou então, deixando escapar um grito de surpresa. Hopkins e eu nos adiantamos e ofegamos. Entre almofadas de veludo, havia ali um braço humano

decepado. Os olhos de Holmes brilhavam.

Lembrando-me dos inúmeros homens dos quais tratei no campo de batalha e dos cadáveres que dissequei em laboratórios, inclinei-me para a caixa e examinei o braço com olhos de profissional.

— É um braço de homem — declarei, para não ser superado por Hopkins —, adulto, provavelmente em torno dos trinta anos. Parece ter sido desmembrado por uma série de golpes irregulares.

— Decepado em um acidente industrial? — perguntou Hopkins.

— Não — afirmei, pensando em meu paciente Victor Hatherley, a quem Holmes consentira em ajudar. — Não, parece ter sido cortado por uma serra cirúrgica, mas de modo um tanto inábil.

— Ou apressado — sugeriu Holmes, inclinando-se para examinar as mãos e os dedos. — Você diria que isto… ele… está morto há quanto tempo, Watson?

— Bem, as marcas de serra parecem recentes. Mas a decomposição da carne está muito adiantada para a morte ter sido recente, Holmes.

— Você concordaria que o braço não foi decepado de um homem vivo, Watson?

— Não posso garantir, Holmes, mas por quê…?

— Pela falta de sangue, homem! Este braço, e presumivelmente o resto do seu dono, foi embalsamado. — Ele se virou para Hopkins. — Inspetor, sugiro que o senhor investigue um carpinteiro, por volta dos trinta anos de idade, cerca de um metro e oitenta de altura, fumante inveterado, ascendência semita, morto há pouco tempo de doença cardíaca. Eu gostaria de falar com seu médico.

— Mas, sr. Holmes… — deixou escapar Hopkins, indicando o caixão com ar perplexo.

— Vamos, Hopkins, achei que você estivesse estudando meus métodos. Sua altura pode ser calculada pelo comprimento do braço. O fato de que fumava muito é evidente pelas manchas de fumo em seus dedos e os calos na mão são característicos do trabalho de carpintaria. Creio lhe ter emprestado minha pequena monografia sobre o assunto. O dr. Watson confirmará que as extremidades de seus dedos apresentam deformações que sugerem recente doença cardíaca, e a cor e a textura da pele evidenciam sua ascendência. Elementar, não é, Watson?

Assenti.

— E a idade, sr. Holmes? — perguntou Hopkins.

— Ah, aí precisamos deduzir! Os calos não são tão duros a ponto de indicar longos anos de carpintaria, embora a profissão requeira um bom tempo de aprendizado. Eu avaliaria que nosso amigo tinha acabado de se estabelecer como mestre carpinteiro.

— Vamos cuidar disso agora mesmo, sr. Holmes — retrucou Hopkins.

— Não há mais nada a ser visto aqui, inspetor. Acho, porém, que eu deveria falar com o capitão do *White Star*. Ele talvez possa lançar alguma luz na ansiedade do sr. Smithfield. Watson, você pode me acompanhar, ou é hoje o dia em que sua esposa deveria voltar do campo?

Ignorei a ironia em relação à minha vida doméstica e deixamos o inspetor ir

conduzir sua busca ao carpinteiro de um braço de Holmes. Uma vez no táxi a caminho de Pall Mall, questionei Holmes quanto às suas teorias.

— Realmente, Holmes, você esperava encontrar aquela caixa macabra? — perguntei.

— Eu esperava encontrar alguma coisa, Watson — respondeu ele —, ainda que jamais pudesse prever sua natureza funérea. Ninguém espera que um cirurgião marque um encontro à meia-noite com um homem, a não ser que algo exista entre eles. Se fosse uma informação, um telegrama ou carta seriam suficientes. Por isso busquei alguma pista relacionada àquela caixa com a qual saiu de casa e que devia ter pretendido entregar a alguém. Dificilmente eu esperaria uma recompensa tão dramática. Precisamos, agora, esperar para ver se a descoberta será tão reveladora quanto medonha.

Com isso, Holmes guardou o cachimbo e se recostou no banco do carro.

Uma rápida enquete em Pall Mall nos levou aos escritórios de Jos. Brunard & Sons, Transportes Navais, onde o gerente sacudiu a cabeça, desanimado.

— Eu gostaria de ajudá-lo, sr. Holmes — disse ele, olhando cobiçoso a moeda de um guinéu na mão de Holmes —, mas o *White Star* e toda a sua tripulação partiram para Boston. Não podemos nos permitir deixar nossos navios ociosos nas docas, e ele aportou aqui há mais de uma quinzena.

— Estou interessado na última viagem — informou Holmes. — Houve algum incidente desagradável?

— Nada que tenha sido informado — disse o transportador.

— Posso ver a lista dos tripulantes e passageiros? — pediu Holmes, passando a moeda para a mão do homem.

— Com certeza! — respondeu ele, rápido, entregando-lhe um caderno aberto.

Holmes passou os olhos pela página.

— Estranho — murmurou. — O nome de Smithfield não está na lista. Pense, homem — disse ele ao gerente. — Não há alguém que possa nos dizer mais a respeito desse navio?

— Bem — respondeu o transportador, depois de pensar um pouco —, há Billy Morse. Ele era contramestre dessa viagem, mas ficou doente e não pôde zarpar. Ele estará no Hotel Royal, no final da rua.

O Hotel Royal não fazia jus ao nome. Holmes interrogou rapidamente o porteiro e depois subiu os degraus carcomidos até uma porta estreita e engordurada. Bateu com autoridade.

— Me deixa em paz, eu tô doente — gemeu uma voz.

— Preciso falar com você — disse Holmes.

A porta se entreabriu.

— Tá querendo o quê? — perguntou o marinheiro, espiando cauteloso pela abertura.

— Dr. Smithfield — informou Holmes. — Ele era passageiro do *White Star* que veio da Virgínia?

O marinheiro riu, depois tossiu, ofegante.

— Passageiro… pode ser. Mas o que vocês têm com isso?

— O doutor morreu — afirmou Holmes. — Assassinado por um marinheiro.

— Um marinheiro, é? — rosnou Morse. — Bem, não tô surpreso, um

reclamão, aquele lá. Mas num foi eu não, cara.

Holmes empurrou a porta, e o marinheiro recuou para o catre.

— Eu sei que não foi você, Morse, mas a Scotland Yard pode não acreditar em mim. Eu preciso saber como Smithfield foi parar a bordo do *White Star*. Depois de nos dizer, poderá tomar mais remédio.

E Holmes lançou um olhar significativo para a garrafa de gim vazia na mesa de cabeceira.

O marinheiro suspirou, teve um acesso de tosse e se deitou em cima das cobertas.

— Nós tava navegando pra Cuba pra fazer algum comércio na viagem de volta da Virgínia — começou ele. — Só tinha dois passageiros, dois comerciante de fumo indo pra Escócia de férias e sem dinheiro pra ir num navio melhor. Nós tava passando pelo canal da Providência quando vimos destroços flutuando a bombordo. Eram pedaços de um navio, dava pra ver, e tão quebrados que parecia que tinham sido mastigado pelo mar. Deve ter batido nas pedras… tem muito problema escondido lá, prum capitão mais bobo. Enfim, nós fez uma busca por sobreviventes na água, mas num tinha ninguém. Bem quando nós tava pronto pra levantar âncora de novo, o vigia viu uns homem dançando e sacudindo as mão numa das ilhas mais longe. Nós mandou um bote até lá, eu tava no comando, e quando chegamos na praia, encontramos quatro doidos de pedra, foi o que achei.

Eles era os únicos sobreviventes do *Virginia Dare*, lá de Savannah. O navio deles tinha se arrebentado numa tempestade e os quatro tinha conseguido de algum jeito ir parar na ilha. Eu num sei como eles viveram lá dois meses, num tem nada naquela ilha, só umas arvorezinha e um pouco d’água. Eles deve terem passado

um mau bocado por lá, aqueles quatro. Enfim, nós levou eles pra bordo e trouxe eles pra Londres com nós, passando por Cuba.

— E Smithfield era um deles, não era? — perguntou Holmes.

— Era — disse o marujo. — E não era o mais esquisito da turma!

— O que você quer dizer com isso? — perguntei.

— Os outro — respondeu o homem —, eles tudo só tinha um braço!

Na volta para Baker Street, meus pensamentos giravam. Visões de homens de um braço só e aquele maldito braço que descobrimos dançavam na minha cabeça.

— Holmes, por que você disse que Smithfield foi assassinado por um marinheiro? — eu quis saber. — E o que achou da história de Morse?

— Uma pergunta de cada vez, Watson. Ficou evidente que Smithfield havia sido assassinado por um marinheiro desde o instante em que vi as facadas. Primeiro, ferimentos com aquela largura só poderiam ter sido feitos por um facão de lâmina larga, como os que possuem os homens do mar. Segundo, o ângulo ascendente dos ferimentos também sugeria que o atacante fosse um marinheiro, pois eles tendem a empunhar seus facões de baixo para cima, enquanto um amador segurando uma faca o fará com o polegar longe da lâmina. Tais pontos, concomitantes com o próprio distrito onde o corpo foi encontrado, eram fortes indícios de que lidávamos com um marujo. Admito que não se tratava de certeza absoluta, mas a afirmativa funcionou com Morse.

— Então você suspeita dele.

— Não, não, Watson. Isso teria sido pura coincidência. Eu apenas acelerei sua colaboração. Todo marinheiro tem um medo inato da lei, e eu usei esse medo a nosso favor. Quanto ao relato de Morse, acredito que nos fornece o esquema no qual nossas peças se encaixarão.

— Não vejo como, Holmes. O braço no caixão pertence a um dos náufragos?

— Não é provável, Watson. Da Geórgia a Londres é uma longa viagem para um braço em um pequeno caixão. E não há carpinteiros na lista dos náufragos que nos foi dada por Morse. Você se lembra deles? Smithfield, John Bennett, agricultor de Savannah, Alfred Winton, comerciante londrino, e Jack Tiptree, membro da tripulação do *Virginia Dare*. Acho que devemos fazer uma visita ao estabelecimento do sr. Winton, Watson, amanhã cedo.

Na manhã de terça-feira, depois de um frugal desjejum, vi-me acompanhando Holmes a uma loja de aparência imponente.

— O sr. Winton, por favor — disse Holmes, amável, ao empregado.

— Um momento — respondeu o jovem, virando-se. Então um rapaz, mais para estudante do que para dono de loja, deu um passo à frente.

— É meu pai que procuram, cavalheiros — afirmou ele. — Receio que ele não possa recebê-los.

— É importante. Meu nome é Sherlock Holmes…

— *O* Sherlock Holmes? — rebateu o jovem. — E o senhor deve ser o dr. Watson! Ah, eu o leio todos os meses no *Strand*! Ah… — e sua expressão se ensombreceu — mas meu pai não pode ver ninguém, nem mesmo o senhor, sr. Holmes. Eles o mandaram para longe!

— Para onde? — questionei.

— Para descansar — respondeu o rapaz, obviamente segurando as lágrimas.

— Quando voltou da América, ele estava… doente. Os médicos disseram que deveria ficar em observação até que estivesse melhor. Ele não fala direito, sr. Holmes, só diz coisas sem sentido!

— Calma, calma, vamos, meu rapaz. — tranquilizei-o com tapinhas no ombro. — Você me parece um sujeito capaz. Tenho certeza de que ele ficará orgulhoso do modo como administrou o estabelecimento na sua ausência.

Ele me apertou a mão, grato, e voltou para os fundos da loja.

— É como eu receava — disse Holmes quando estávamos na rua. — Espero que não seja tarde demais para salvar Bennett.

Refleti sobre suas palavras e sobre o destino de Winton enquanto nos dirigíamos em silêncio para Baker Street. Ao chegarmos, porém, a sra. Hudson entregou a Holmes um telegrama.

— Tarde demais, Watson!

E me passou a mensagem. Era curta.

BENNETT TIROU A PRÓPRIA VIDA SÁBADO NO QUARTO DO HOTEL. HOPKINS.

— Por que, Holmes? O que levou Winton à loucura e Bennett ao suicídio? E o que houve com Tiptree?

— Tudo se esclarecerá em breve — disse Holmes. — Permita-me revelar a verdade a você do meu jeito. Antes disso, acho que uma refeição e um cachimbo

serão bem-vindos, Watson, enquanto aguardamos que germinem as sementes que plantei.

Muitas horas depois, uma leve batida à porta arrancou-me dos devaneios.

Holmes se levantou em um pulo e vi Wiggins, chefe daqueles moleques de rua que Holmes empregava, parado à soleira, boné na mão.

— E então? — quis saber Holmes.

Wiggins cochichou algo em seu ouvido.

— Excelente, Wiggins! — exclamou Holmes. — Divida isso com seus amigos!

E deu ao garoto dois guinéus.

— Uma vez mais meus rapazes brilham! — regozijou-se ele, virando-se para mim. — Vamos, Watson! O jogo chega ao fim!

Peguei depressa chapéu e sobretudo e desci correndo a escada, nos calcanhares de Holmes. Ele chamou um táxi, gritou “Old Yew Place” para o motorista e arrancamos.

— Para onde estamos indo, Holmes? — gritei, enquanto avançávamos a toda velocidade.

— Para a terra do esquecimento, Watson, para o esquecimento! — foi sua resposta enigmática.

O táxi parou em um canto mal-iluminado da cidade que eu nunca tinha visto.

O bairro parecia desagradável e, quando Holmes me levou pelo braço até uma porta sem número em um beco escuro, fiquei grato por sentir o volume do meu

revólver de serviço no bolso do sobretudo. Holmes bateu duas vezes, depois uma, e a porta se abriu devagar.

— Tiptree — sussurrou ele para o vulto sombrio lá dentro e, quando entramos, a porta bateu às nossas costas.

No mesmo instante, meu nariz identificou o ambiente: um antro de ópio!

Holmes me conduziu com familiaridade pela penumbra do salão à luz de velas até um sofá baixo no quarto dos fundos. Ali, em um colchão de palha, jazia um jovem de aparência rude, mas com o rosto agora banhado pela paz induzida pela droga. Aquele rosto angelical parecia parte de uma estátua quebrada, pois a manga esquerda do homem estava vazia. Holmes sacudiu o marinheiro e ele se mexeu.

— Tiptree!— chamou Holmes. — Tiptree!

O rapaz acordou assustado e se jogou no chão, mas Holmes, com punho de ferro, segurou-o pelo braço remanescente.

— Não estamos aqui para machucá-lo, Tiptree. Nós sabemos da ilha e da morte do doutor. Só queremos falar com você. Você está acordado?

O marinheiro nos encarou, visivelmente afastando seu estupor.

— Vocês são da polícia? — perguntou.

— Não — disse Holmes. — Eu sou Sherlock Holmes. Nós somos… ahn… investigadores não oficiais. Mas não deixe que isso o iluda. Eu quero ouvir a sua história, mesmo que ache que já sei qual é, e, se não me convencer de que está dizendo a verdade, vou pegar pesado. Um americano como você tem poucos amigos aqui em Londres.

Holmes agarrou-lhe outra vez o braço, e Tiptree estremeceu.

— Eu me sinto como se tivesse caído no fundo do inferno, e vocês podem me ajudar a sair. Meu último momento de paz foi a bordo do *Virginia Dare*. Embarquei em Savannah, onde meu pai tem uma plantação. Embarquei pela aventura, para conhecer a Inglaterra, para encontrar meu caminho. Lembro de, na última noite, estar na proa, olhando o mar calmo e as estrelas que brilhavam, quando a tempestade veio para cima de nós, furiosa. Fui arrancado de repente da proa por uma onda gigante e achei que minha vida tinha acabado quando caí no mar. Mas eu sou bom nadador e lutei para subir, e subir, o pulmão queimando, até chegar à superfície. Olhei em volta bem a tempo de ver a embarcação ser jogada em cima dos rochedos, como um brinquedo de criança, a tripulação, meus companheiros e os passageiros chorando e pulando para salvar suas vidas. Tive sorte, eu acho, porque não fiquei preso nas ferragens nem bati nas rochas afiadas, como a maioria deles. Um pedaço da quilha do navio passou por mim flutuando, eu nadei até ela e, quando a alcancei, me agarrei com todas as forças. Eu podia ouvir os gemidos e gritos dos outros enquanto eram jogados de um lado para outro pelo vendaval, e cada grito me queimava a alma, porque eu sabia que estavam perdidos.

"Acho que devo ter adormecido, embora não saiba como, e, quando veio a manhã, meu pedaço de navio, meu salva-vidas, como pensei, tinha flutuado comigo até perto de uma ilha. Dei graças ao Senhor por aquela boa sorte e nadei até a terra, deixando para trás minha pequena prancha. Com as forças que me restavam, arrastei-me pela margem, onde fiquei algum tempo.

"Achei, então, que estava sonhando, porque ouvi vozes. Abri os olhos e me deparei com três passageiros de pé à minha frente, o sr. Bennett, o sr. Winton e o

dr. Smithfield. Eles também, graças a Deus, haviam chegado à ilha. O médico me examinou e me encontrou tão bem quanto eles, portanto partimos para

explorar nosso refúgio do mar.

“Era um lugar estéril, cavalheiro, e lamento dizer que meus agradecimentos ao

Senhor morreram em meus lábios. A ilha era pequena e, salvo por algumas poças

de água salobra e arbustos ressecados, era também morta. Devemos ter dado duas voltas à ilha, procurando algo do que poderíamos viver. Não vimos nada.

“Voltamos a falar de nossa presumida sorte, diversas vezes. O sr. Winton mantinha sua fé inabalada. Equipes de resgate nos encontrariam logo, dizia ele.

Os outros não tinham tanta esperança. Na primeira noite, deitado e tremendo naquele ar pesado de neblina, sonhei que estava de volta ao mar e peixes entravam pela minha boca, como um jantar. Era apenas um dia sem comida, e eu

tinha coragem.

“No dia seguinte, o sol nos torrou e a sede era intensa. O dr. Smithfield revistou nossas roupas e encontrou um pedaço de carne-seca que eu havia

esquecido em um bolso. Comeu-o depressa, antes que pudéssemos protestar. ‘Eu

sou o médico’, disse ele quando terminou, à guisa de explicação. Resolvemos tentar a sorte nas poças, embora o doutor protestasse. Bebemos com avidez, naquele dia, embora a água cheirasse a podre e, quando à noite ficamos doentes,

os estômagos vazios revirando, o médico nos repreendeu por não o escutarmos.

“Os dias se passaram, cavalheiro. Como, não quero me lembrar. Comemos as

raízes dos arbustos quebradiços. Bebemos da água das poças para continuarmos

vivos, embora quiséssemos morrer quando passávamos mal depois. Por fim,

estávamos acabados, não aguentávamos mais. Até os arbustos tinham sido

consumidos. Deus nos havia pescado do mar para morrermos de fome.

“E então o médico nos falou de sua ideia. Eu queria que tivéssemos morrido naquela hora, sr. Holmes. Mas nós o ouvimos. O doutor nos falou de tribos da África, de terras distantes e ilhas desertas, que comiam carne humana. Falou de suas propriedades vitais, dos preciosos fluidos que continham. E nos propôs comermos nossa própria carne.

“O sr. Winton riu como louco daquela ideia. O sr. Bennett amaldiçoou o médico por blasfemar. Eu… eu o ouvi, sr. Holmes. Meu estômago ouviu.

“O médico propôs que um de nós sacrificasse um braço. Racionando, um pouco de cada vez, um braço de homem, grandes como éramos, embora não mais robustos, àquela altura, eu juro, nos alimentaria por três dias. Depois, se fosse preciso, outro, e depois… Bem, nem eu conseguia ouvir mais. O doutor se calou.

“O dia seguinte foi ainda mais quente. O suor descia da minha testa em pequenos filetes e eu o lambia dos cantos da boca. O doutor voltou ao discurso. Dessa vez, nós todos o ouvimos. O médico propôs remover o braço esquerdo de um de nós; sendo ele cirurgião, teria que ser ele a fazê-lo, e poderíamos assim viver até sermos salvos. Discutimos o assunto, sem muita ênfase. Por fim, todos concordamos e tiramos a sorte para ver quem seria o primeiro a perder um membro. Eu perdi. Naquele fim de tarde, à luz do crepúsculo, quando estava fresco o bastante para nos movermos, o doutor cortou meu braço esquerdo com meu facão de marujo. Desmaiei de dor, devo confessar. O doutor amarrou a ferida o melhor que pôde, mas eu sangrei como um porco. No meu delírio, eu sentia a vida escorrendo de mim e rezei para morrer.

“Mas não morri. E na manhã seguinte, comi. Eu comi, cavalheiro, a minha própria carne, com a ajuda do sr. Winton e do sr. Bennett. Todos nós comemos.

O médico ficou com o pedaço maior, a fim de poder nos salvar a todos, disse ele. Não o censuramos, porque ele nos salvara a vida… assim eu pensei na ocasião.” Tiptree se interrompeu, agarrando o ombro esquerdo.

— À noite, arde, sr. Holmes. Arde como se o diabo me espetasse com ferro em brasa. — Ele se recostou no sofá e continuou: — Comíamos a carne devagar, economizando-a para adiar o dia que sabíamos que iria chegar. Chupávamos seus sucos, saboreando cada mordida. Por Deus, tenho vergonha de dizer que o gosto era… bom. Mas chegou o dia em que não havia mais. Concordamos, então, em repetir a cirurgia vital. Dessa vez, porém, argumentei, dizendo que o doutor deveria tirar também a sorte junto conosco, tendo visto que ele sempre ficava com o pedaço maior. Ele protestou com violência, e os outros, relutantes, acabaram concordando com ele. Mas eu não desisti. Obriguei-o a fazer um juramento de que, se fôssemos resgatados, ele também se submeteria à remoção de um membro, para que não se aproveitasse da nossa desgraça. Ele jurou, o canalha, e cortou!

“Depois que cada um de nós perdeu um braço, nos desesperamos ao compreender que nossa maldita dor era só o começo de mais desmembramentos. Então, já sem esperanças, fomos resgatados! Quando avistamos a embarcação no horizonte, corremos, em uma explosão de energia lunática, para o mar, para nos atirarmos em direção ao navio. Eles nos mandaram um bote e, enquanto o bote vencia as ondas, me dei conta do que havíamos feito. Virei-me para os outros e balbuciei meu medo e vergonha. O médico logo concordou comigo e por fim todos nós juramos não deixar escapar uma só palavra a respeito do que

acontecera em nossa ilha. E, então, também fiz o doutor repetir seu juramento.

“Eles nos resgataram e cuidaram de nós a caminho de Londres. Nos olhavam de um jeito esquisito, porque éramos um estranho grupo de homens barbudos e loucos, mas não dissemos uma palavra a respeito do que nos tinha acontecido, a não ser do naufrágio em si. Nossa dieta de carne na ilha nos deve ter sido útil, pois quando chegamos ao porto, estávamos todos bem o bastante para sermos liberados em Londres. Antes de deixarmos o navio, chamei o doutor de lado. Percebi que ele não gostou muito, porque agora eu estava me misturando a meus superiores diante da tripulação e dos passageiros. Mas agarrei-o pelo pescoço, lembrei-o do seu juramento e combinei de encontrá-lo no cais na segunda-feira passada, duas semanas depois de termos desembarcado. Ele deveria aparecer e me provar, seria uma prova para nós três, que também se mutilara.

“Naquela quinzena, sr. Holmes, quase não pensei em outra coisa que não fosse na nossa vingança. Talvez eu devesse ter caído de joelhos e agradecido a Deus por nos ter mandado o médico que nos salvou. Em vez disso, andei de um lado para outro no quarto, xingando o doutor, esperando, esperando o nosso encontro. Fiz então trabalho de detetive, procurando seu consultório. Andei atrás dele em segredo, esperando que ele cumprisse o combinado.

“A noite finalmente chegou. Fui para o local combinado e, mais uma vez, fiquei andando de um lado para outro, esperando, esperando. Até que ele chegou, atrasado. Vestia um sobretudo e a manga esquerda estava pendurada, vazia. Minha mente envenenada começou a se alegrar. Ele trazia debaixo do braço direito uma caixa comprida e estreita. ‘Aí está’, disse ele, colocando-a no chão e se virando para ir embora. ‘Espere!’, gritei, ‘Preciso ver isto!’ Tirei a

tampa do caixão com uma exclamação de alegria ao ver o braço decepado lá dentro. Olhei então para ele, exultante. E, para meu horror, vi o sobretudo se abrir em um descuido e, debaixo dele, seu braço esquerdo amarrado ao corpo.

Meu cérebro ferveu e eu pulei em cima dele, agarrando-o pelo colarinho. Em um

instante, antes que ele pudesse gritar, eu o soltei, tirei o facão da bota e o apunhalei. Meu braço se movia descontrolado, esfaqueando sem parar, e só

quando ele desabou em cima de mim me dei conta do que havia feito. Limpei depressa o facão na terra e empurrei a caixa com o horrível braço falso para baixo de um prédio próximo, porque na minha loucura tive medo de que o braço

pudesse me ligar a ele. Em um momento de lucidez, peguei sua carteira, achando

que poderia fazer aquilo parecer um roubo. Depois corri, com os demônios me

perseguindo.

“Lembro-me de muito pouco depois disso, sr. Holmes. Perambulei por aí, e algum bom samaritano, talvez com pena de um aleijado, pôs uma moeda no meu

bolso. Com ela, cavalheiros, comprei paz, até que os senhores chegaram.”

— Não perturbaremos mais a sua paz — disse Holmes, puxando-me da

cadeira e se virando para sair. — Receio que o ópio se tenha tornado a religião

das massas, Watson — afirmou ele —, mas, para alguns, o Paraíso está muito distante.

No táxi, não consegui ficar em silêncio.

— Que pobre coitado, Holmes! E tão jovem!

— Talvez algum dia ele mate sua dor e volte aos vivos.

— Como você o encontrou, Holmes? — perguntei.

— Bastante elementar, Watson, quando se dispõe dos recursos dos meus

Irregulares de Baker Street. Encomendei a Wiggins uma busca em todas as

tabernas e antros de ópio perto do cais. Tinha certeza de que o homem estaria afundando em um desses dois mares.

— Mas por que suspeitou que fosse ele o assassino de Smithfield, Holmes?

— Ora, Watson, a conexão era clara. Devo confessar que, ao ver pela primeira

vez o conteúdo da caixa misteriosa, suspeitei de satanismo. Satanismo de

verdade, Watson, comparável a Missas Negras e que tais. Mas então Hopkins encontrou para mim o carpinteiro morto, um paciente de Smithfield, como eu suspeitava. Seu braço em uma caixa semelhante àquela com que o médico havia

sido visto. Bem, a caixa tinha que ser de Smithfield. Mas por que ele a levava?

Claro, para dar a alguém, mas com que objetivo? E por que seu próprio braço estava amarrado ao corpo?

“Foi então que eu soube que deveria rastrear o *White Star*. A agitação de Smithfield começou depois da sua volta, e ele não comentou a viagem com seu

assistente. Por quê? A história de Morse me deu a pista final. Na verdade, embora Tiptree acredite ter cometido o pecado original, seu relato de

canibalismo não é inédito. Acredito que a Corte Real já ouviu um caso

semelhante, em 1895. Mas o elemento de barganha era inédito e, até que eu o deduzisse, a conexão esteve obscura.”

Holmes, meditativo, tragou a fumaça do cachimbo.

— São estranhos os caminhos da natureza. Ela dá vida, e ela a tira. Às vezes,

interferimos em seu curso com excesso de liberdade, Watson, mas nunca a

desviamos de todo do seu objetivo final.

O bergantim abandonado

SAM BENADY

Um dos mais respeitáveis cidadãos de Gibraltar durante muitos anos, o dr.

Samuel G. Benady (1937-) nasceu na ilha, de uma família que lá vivia desde 1735 (um ancestral foi sequestrado por piratas e precisou ser resgatado). Depois

de receber o diploma de médico em Londres, praticou pediatria em Bristol e Jerusalém antes de voltar a Gibraltar, onde viveu desde então.

Benady dirigiu o Serviço de Saúde Infantil de Gibraltar e administrou sozinho

a Autoridade de Saúde de Gibraltar de 1980 até sua aposentadoria em 2002. É

um frequente conferencista no Museu de Gibraltar e contribui regularmente com

artigos para a newsletter do Fundo de Heranças de Gibraltar.

Seu único livro dedicado a Sherlock Holmes foi *Sherlock Holmes in Gibraltar*

(1990), que continha dois longos contos: este, no qual Holmes soluciona um dos

maiores mistérios do mar, o abandono do *Mary Celeste*, e "A carta de Gibraltar", que narra o envolvimento de Holmes na abdução do duque de Connaught

quando ele estava aquartelado em Gibraltar.

Mais recentemente, foi o coautor (com Mary Chiappe) de uma série de

romances de mistério cujo protagonista é Giovanni Bresciano, um detetive

amador atuando em Gibraltar no final do século XVIII e início do século XIX.

Os títulos são *The Murder in Whirligig Lane* (2010), *Fall of a Sparrow* (2010), *The Pearls of Tangier* (2011), *The Prince's Lady* (2012), *The Devil's Tongue* (2013) e *Death in Paradise Ramp* (2014).

"O bergantim abandonado" foi originalmente publicado em *Sherlock Holmes*

in Gibraltar (Gibraltar, Gibraltar Books, 1990).

O BERGANTIM ABANDONADO

Sam Benady

i

— É, Watson — disse o sr. Sherlock Holmes, levantando rapidamente a cabeça de seu volumoso livro de referência, cujo índice analítico estava organizando. — O mar é mesmo misterioso e terrível.

— Muito misterioso! — retruquei, distraído, me sobressaltei, pasmo, ao me dar conta de que, uma vez mais, Holmes havia penetrado nos meus pensamentos.

— Holmes — interpelei-o —, como é possível que você soubesse o que passava pela minha cabeça? Eu não disse uma palavra nos últimos trinta minutos.

Ele levantou outra vez os olhos, dando um risinho.

— É verdade, você não falou — observou ele —, mas ainda assim me revelou seus pensamentos com tanta clareza quanto se os tivesse gritado do telhado.

— Isto é demais, Holmes — repliquei. — Explique-se!

— Só se você prometer não dizer “Mas é absurdamente simples!” quando tiver ouvido minha explicação.

— Combinado!

— Quando você entrou na sala, tinha nas mãos um exemplar da *Strand Magazine*, que traz na capa a ilustração de um veleiro em perigo, um bergantim, se não me engano. Então você se acomodou na poltrona e começou a ler. Em alguns minutos, surgiram no seu rosto expressões de perplexidade e, a seguir, de tristeza. Você pôs a revista de lado e olhou fixo, por um minuto inteiro, para aquela imagem de um navio mercante que está pendurada na nossa parede.

Depois você se levantou, foi até a estante e retirou um dos volumes que contêm os relatos um tanto sensacionalistas que você escreve a respeito dos meu casos, em especial o que inclui os casos da barcaça *Gloria Scott* e aquele que você escolheu intitular *Black Peter*. Tendo aberto e examinado esse volume por algum tempo, você voltou à poltrona, onde se sentou com ar melancólico até que me aventurei a interromper seus pensamentos com minha observação não muito profunda, que apenas seguiu a linha do que estava implícito em seu rosto e atos.

— Mas é absurdamente sim… — comecei, e no mesmo instante me juntei à sua grande gargalhada. — Holmes — falei, passando-lhe a revista. — Você já ouviu problema mais misterioso e impenetrável do que o detalhado nestas páginas?

Ele abriu a revista e passou os olhos pelo artigo em questão.

— *Um mistério insondável*. Vejo que, como sempre, eles escreveram errado o nome do navio e sem dúvida repetiram todos os outros erros e absurdos perpetrados há alguns anos por algum escrevinhador chamado Boyle, ou Doyle.

— Então você está familiarizado com o caso?

— Tenho algumas lembranças. Vamos consultar meu livro de referências.

Ele abriu o volume do índice e examinou-o com atenção.

— Ritual de Musgrave — leu Holmes. — Foi um caso trágico e misterioso. Moriarty; inúmeras referências a ele, é claro. A pedra de Mazarin; Merton, o pugilista: mesma coisa, com esses dois. *Matilda Briggs*, outra história do mar, Watson. Margolis o estrangulador. Ah, aqui está, *Mary Celeste*.

Ele separou o livro correto, folheou-o e me entregou o pesado volume.

Acomodei-me para ler as páginas indicadas por ele. Eram, em grande parte,

resumos de julgamentos e relatórios oficiais, intercalados com recortes de jornais, sobretudo ingleses e americanos, mas incluindo o *Gibraltar Chronicle* e alguns que presumi serem espanhóis e portugueses.

— Os fatos são com certeza mais prosaicos — observei —, mas o problema

não parece de fácil resolução. Holmes — continuei, quando me assaltou um pensamento —, sem dúvida você acharia fácil resolver o caso que deixou o mundo inteiro perplexo durante anos, aplicando aqueles métodos dedutivos de raciocínio que você com tanta frequência empregou no passado.

— Você superestima meus poderes, Watson — disse Sherlock Holmes, um

pouco divertido, embora eu pudesse ver que ele estava satisfeito com o elogio às

suas habilidades. — Acho que nem mesmo eu poderia chegar à solução correta

apenas refletindo sobre os fatos contidos nestes arquivos.

Ignorando meus protestos, ele mergulhou por alguns minutos em um silêncio

meditativo. Então, um brilho de contentamento surgiu em seus olhos fundos.

— Bem, Watson — disse ele, indolente —, por que não faz você mesmo uma

tentativa de formular uma hipótese que esclareceria os fatos? Afinal de contas, você foi meu colega durante muitos anos, tempo de sobra para ter absorvido os

princípios de lógica dedutiva da qual fala com tanta apreciação.

— Mas com certeza! — exclamei com veemência, pois imaginei ter detectado

uma leve ironia em sua voz. — Veremos se amanhã não poderei lhe apresentar

uma explicação lógica para os misteriosos acontecimentos do *Mary Celeste*.

Com isso, fui para meu quarto, levando comigo o livro de referências.

— Veremos — disse Sherlock Holmes, pensativo, enquanto eu saía.

Na manhã seguinte, acordei tarde, depois de uma noite em grande parte insone. Um sol invernal de dezembro brilhava através das janelas dos nossos cômodos em Baker Street. Holmes já estava à mesa do café da manhã. Levantou os olhos quando entrei.

— Um belo dia, Watson — disse ele, alegre. — Fez algum progresso com o problema intelectual que criou para si mesmo?

— Na verdade, fiz — concordei, um tanto frio. — E lhe farei um relato completo da minha solução assim que comer alguma coisa.

Um pouco mais tarde, quando estávamos sentados em nossas poltronas, Holmes me olhou, expectante.

Arrumei meus papéis à minha frente.

— A primeira coisa a fazer — eu disse, confesso que com alguma arrogância — é reunir os fatos relevantes. O *Mary Celeste* zarpou de Nova York para Gênova no dia 7 de novembro de 1872 com uma carga de álcool metilado. Seu comandante era Benjamin S. Briggs, acompanhado pela esposa e filha. Havia uma tripulação de oito homens. Foi avistado pelo bergantim *Dei Gratia* em 5 de dezembro, à deriva e abandonado, a cerca de quatrocentas milhas a leste dos Açores, tendo sido abordado e levado para Gibraltar por um grupo de resgate da tripulação dessa última embarcação. Na subsequente audiência do Tribunal do Vice-Almirantado em Gibraltar, ficou determinado que o navio estava em perfeito estado de navegabilidade, embora apresentasse todos os sinais de ter sido abandonado às pressas. Não havia sinal de violência a bordo.

Holmes se mexeu na poltrona.

— Não foi encontrada uma espada na cabine do capitão? — ele perguntou.

— Foi, mas estava na bainha, e as manchas nela encontradas foram analisadas e declaradas não ser de sangue. Era uma espada italiana, com uma cruz de Savoia no punho, e supôs-se ser uma recordação adquirida pelo capitão Briggs em suas viagens.

— Por favor, continue sua explanação.

— A última entrada no diário de bordo foi a 25 de novembro, registrando a posição do navio a seis milhas ao norte da ilha de Santa Maria, nos Açores. O bote do navio havia desaparecido e todos os sinais indicavam que o veleiro havia sido abandonado às pressas. Não havia indicação do motivo pelo qual isso aconteceu, e nunca se encontrou vestígio algum do bote ou da tripulação.

— Creio me lembrar de que havia algumas marcas estranhas no casco.

— Não sei como explicá-las — admiti. — Dos dois lados da proa havia ranhuras quase simétricas, logo acima da linha d'água. Acredito que possam ter sido causadas pelos rochedos, durante um quase naufrágio nos Açores, mas todos os relatos atestam que as ranhuras pareciam muito regulares, como se tivessem sido produzidas por um único instrumento pontiagudo.

— Qual é, então, a sua solução para o mistério?

Reclinei-me na poltrona.

— Acho que podemos descartar teorias envolvendo uma carnificina da tripulação por piratas, pois o Atlântico já estava livre deles há quase um século. Motins da tripulação ou sua morte pelos marujos do *Dei Gratia* em busca do dinheiro do resgate, que foi a teoria apresentada pela Defensoria do Almirantado em Gibraltar, parecem ainda mais improváveis; em todos esses casos, sinais de luta teriam sido sem dúvida encontrados. Estou preparado para desprezar teorias

de monstros do mar erguendo-se das profundezas para engolir a tripulação…

— É mesmo? — perguntou Holmes, dando um sorriso.

Um pouco espicaçado, continuei:

— A única possibilidade restante, então, parece ser a de que o navio tenha sido abandonado voluntariamente devido a algum perigo para os que estavam a bordo, e de que o bote de salvamento, cheio demais, tenha afundado e todos se tenham afogado. Mas o *Mary Celeste* estava em perfeito estado de navegabilidade ao ser encontrado, embora tenha havido uma tempestade e seu cordame e velas estivessem danificados. Não acredito que um comandante experiente, como todos concordam ter sido o capitão Briggs, expusesse todos os que estavam sob sua responsabilidade aos riscos de uma tempestade no Atlântico em um pequeno bote, salvo se sua embarcação estivesse realmente afundando, ou se todos a bordo corressem perigo mortal.

— Você parece ter eliminado sua última possibilidade — observou Holmes.

— Não exatamente — retruquei, triunfante. — O mar não é a única fonte possível de ameaça para os que estão a bordo de um navio. Pode ter surgido um problema que parecesse ao capitão tão ameaçador que ele não viu outra alternativa senão expor sua esposa e filha, e sua tripulação, à fúria das ondas do Atlântico. Na verdade, foi sugerido, em função de alguns danos menores a um dos barris da carga, que se poderia recear uma explosão das emanações alcoólicas e que o capitão pode ter decidido lançar o bote de salvamento e se afastar da embarcação até que tais emanações se dissipassem, e o *Mary Celeste* teria então se afastado, deixando-os entregues à própria sorte.

— Mas essa, percebo, não é a sua solução preferida — observou Holmes.

— Realmente, não — concordei. — As provas de um sério vazamento de álcool metilado são muito frágeis e, de qualquer maneira, não consigo imaginar que homens do mar experientes como o capitão Briggs e sua tripulação não tivessem o cuidado de prender ao navio um cabo de reboque. É verdade que o cabo de reboque poderia ter se rompido, mas nenhum vestígio dele foi encontrado a bordo.

“A verdadeira solução para o mistério me foi sugerida por uma observação feita por você durante o caso de Silver Blaze, o cavalo de corrida desaparecido, salientando que às vezes não é a presença, e sim a ausência de algo que pode ser importante.”

Holmes bateu palmas, aprovando.

— Excelente, Watson, excelente! — exclamou. — Vejo que prestou atenção aos meus métodos, mesmo se os relata ao público de forma tão sensacionalista. Acredito que ainda haja esperança para você.

Assim encorajado, continuei:

— Os que foram a bordo da embarcação abandonada descreveram com muitos detalhes o que nela encontraram, mas não há em parte alguma qualquer menção a um animal a bordo. Agora, devem ser muito poucos os navios que não tenham a bordo um ou mais gatos, para acabar com os ratos, e com frequência também um cão, para proteger a embarcação de intrusos, quando atracado…

— Tais animais não podem ter sido levados pela tripulação, no bote?

— O *Mary Celeste* foi abandonado tão às pressas que todos os objetos pessoais foram deixados para trás. Com certeza não houve tempo para que

fossem em busca dos animais. Não, Holmes, a explicação para a ausência dos animais é mais sinistra: acredito que essas criaturas tenham sido infestadas com

raiva, ou hidrofobia, e que isso tenha a tal ponto aterrorizado a tripulação que, em absoluto pânico, lotou o bote, que veio a naufragar, causando a perda de todos. Com a progressão da doença, os animais raivosos pularam ou caíram no

mar, deixando o cargueiro deserto e um mistério que permaneceu insolúvel… até

hoje! — acrescentei com alguma satisfação.

— Ótimo, Watson, ótimo! — exclamou Sherlock Holmes com um sorriso

amplo. — Você se superou!

— Então concorda comigo que encontrei a solução para este até hoje insolúvel

problema? — indaguei.

— Na verdade, não! Mas sua solução é engenhosa, e não de todo desprovida de raciocínio lógico.

Um pouco cabisbaixo, insisti:

— Então como pode afirmar que a minha solução não é plausível?

— Por pelo menos quatro motivos.

— Quatro! — exclamei, magoado. — Vamos, Holmes, não acredito que você

tenha encontrado tantas falhas na minha teoria. Vamos ouvi-las!

— Muito bem — concordou Holmes, com suavidade. — *Primus*. Não posso

acreditar que uma tripulação de homens fortes, acostumados a enfrentar todos os

perigos do mar, entrasse em pânico por causa de animais raivosos e fugisse para

enfrentar o perigo maior de uma tempestade no Atlântico, em vez de se reunirem, armados de facões, ganchos e cavilhas para caçar e abater as criaturas.

Secundus. Tivessem eles realmente decidido fugir, o que pressuporia não apenas covardia, mas também estupidez, pois se teriam exposto ao ataque das criaturas enquanto trabalhavam para lançar o bote de salvamento, eles teriam se apoderado de todas as armas disponíveis, a fim de se defenderem. Mas a espada permaneceu na cabine. *Tertius*. Penso que devemos presumir a presença de diversos animais, até para justificar esse improvável pânico. Mas o *Mary Celeste* não foi encontrado em total desordem, o que teria acontecido se tais criaturas, em seu frenesi final, corressem desabaladas por toda parte, antes de tão convenientemente se jogarem ao mar.

Ele se interrompeu por um segundo, e eu voltei ao ataque:

— Seu quarto motivo, Holmes. Qual é o seu quarto motivo? Os três primeiros só tornaram minha solução improvável, não impossível.

— Você deve achar meu quarto motivo mais convincente. Eu sei que as coisas não se passaram como você conjecturou porque eu estava a bordo do *Mary Celeste* naquela viagem fatídica.

Encarei Sherlock Holmes, descrente.

— Holmes, isso é impossível! — explodi. Você era com certeza jovem demais…

— Eu era jovem — concordou ele. — Mas não jovem demais. Vou contar a você o que realmente aconteceu, mas apenas com a condição de que tudo permaneça em segredo enquanto viverem todos os envolvidos.

— Pode confiar em mim — afirmei com honestidade.

iii

O Lírio de Aosta

Holmes se levantou e encheu o cachimbo com o fumo persa no console da lareira. Voltando à poltrona, acendeu o cachimbo e passou alguns minutos fumando, pensativo. Eu ardia de impaciência para ouvir sua história, mas sabia que não deveria interromper seu devaneio.

Por fim, ele quebrou o silêncio.

— Raras vezes falei com você a respeito da minha juventude, Watson — começou ele. — E é possível que você não saiba que, depois de completar o ensino médio, passei um ano no exterior, antes de ir para Cambridge. Já estava decidido a dedicar minha vida ao estudo da criminologia e acreditava poder me beneficiar de um período de aprendizado em uma organização reconhecida como a melhor agência de detetives do mundo.

— Você quer dizer…

— Exatamente, Watson, a Agência de Detetives Prinkerton. Devo confessar, porém, que fiquei seriamente desapontado; nossos primos americanos demonstraram uma triste deficiência de imaginação, tanto enquanto criminosos quanto como detetives. Mas me adiantei na história.

Meu irmão Mycroft, que mesmo naquela época já tinha conexões por todo o mundo, foi fundamental para me conseguir uma posição júnior na agência, e zarpei para Nova York no começo de 1872.

Alguns meses na agência me convenceram de que eu nada tinha a aprender com eles sobre detecção científica e eu teria voltado para a Inglaterra não estivesse tão fascinado pela energia e vontade de viver dos cidadãos de Nova

York. Ainda assim, eu me aproximava de um estado de absoluto tédio quando, uma manhã, um jovem de pele morena entrou no escritório.

Ele parou à porta e me olhou fixo, perplexo.

— Sherlock! — exclamou ele. — É possível que seja você?

Por um segundo eu não o reconheci, porque desde que o vira pela última vez

ele adquirira um eriçado bigode negro. Era Luca D'Este, um jovem italiano de sangue nobre que fora meu companheiro dos bancos escolares.

— Luca! — foi minha vez de exclamar, cumprimentando-o calorosamente. —

O que pode tê-lo trazido aqui, tão longe do sol mediterrâneo ao qual você sempre jurava voltar para nunca mais deixar?

— É uma questão de honra, da honra da minha família e da honra de uma dama — ele respondeu, sério. — Posso falar com você a sós? Lembro-me de sua

mente arguta e de sua antiga energia e acredito ser você o único homem capaz de

me ajudar nesta estranha busca.

Levei-o até um escritório reservado, onde, deixando-se cair em uma cadeira,

ele se lançou em sua história, impaciente.

— Você deve saber, Sherlock, que sou parente próximo do rei da Itália. Há dois anos, seu filho, Amadeo de Saboia, duque de Aosta, foi escolhido pelo Parlamento Espanhol para ser o rei da Espanha. Viajei para aquele país com meu

primo, como parte de sua comitiva. Na mesma comitiva, como uma das damas

de companhia de sua rainha, Maria Victoria, havia uma bela jovem de 16 anos que, mesmo nessa tenra idade, devido à sua esplendorosa beleza, era conhecida

como o Lírio de Aosta; seu nome é Bianca Bernini.

"Se você acompanhou os acontecimentos da Espanha no último ano, saberá

que o governo do rei não tem sido fácil. Ignorado e insultado pela sociedade de Madri, seu reino ameaçado pelos carlistas e republicanos, ele se desencorajou e, abandonando suas altas esperanças de melhorar e modernizar a Espanha por meio de uma monarquia constitucional popular, retirou-se cada vez mais para a companhia dos italianos que constituem a sua corte. Seus olhos pousaram em Bianca; ele ficou obcecado por ela, até que a menina, aterrorizada por seus avanços, virtuosa e leal à sua rainha, fugiu do palácio. Gostaria que ela tivesse confiado em mim — rosnou Luca. — Ela nunca mais foi vista.

— Como, então, você tomou conhecimento de tudo isso? — perguntei.

— Tão logo foi descoberto o seu desaparecimento, o rei me chamou e me confiou o acontecido. Trocamos palavras ásperas…

— Então você está apaixonado pela dama — observei.

Seus olhos escuros faiscaram, atônitos.

— Como soube? — perguntou.

— Ninguém troca palavras ásperas com um rei, mesmo sendo seu primo, por qualquer outra razão — retruquei, com frieza. — Prossiga.

— Ele me implorou, pela honra da família, e devido a uma muito natural preocupação com Bianca, pois sente o mais profundo remorso pelo seu comportamento para com ela, para não poupar esforços para encontrá-la e trazê-la de volta em segurança.

— E como essa busca trouxe você a Nova York?

— Logo descobri, pois Madri é um ninho de espiões e disseminadores de

boatos, que Bianca havia sido sequestrada por um grupo de republicanos. Seu plano é mantê-la refém e pedir resgate, ou obrigá-la a tornar pública a conduta do rei, para desacreditar ainda mais, aos olhos dos espanhóis, tanto a pessoa do rei quanto a monarquia. Temendo que eu estivesse em seu rastro, eles a levaram para Vigo e de lá para Nova York, onde um grupo de republicanos emigrados tinham se estabelecido. Fui atrás deles, sem perdê-los de vista, e descobri que ela está sendo mantida, sob intensa vigilância, em um apartamento não muito longe daqui.

— Pois então, você já realizou toda a investigação — comentei. — Tudo o que precisamos fazer é acionar o excelente Departamento de Polícia de Nova York e eles resgatarão a sua bem-amada.

— Isso é impossível — retrucou Luca. — Primeiro, a vida de Bianca não pode correr riscos; aqueles homens estão desesperados e seriam capazes de matá-la caso receassem ser apanhados…

— E, segundo, se a história de sua captura e resgate chegasse aos ouvidos da obstinada imprensa americana, seu primo, o rei, poderia ficar constrangido. Portanto, você imaginou que seria melhor confiar na discrição de uma agência particular de investigação — interpus. — Pois muito bem, recorreremos a subterfúgios.

— Então vai me ajudar pessoalmente? Seria mais discreto se pudéssemos até mesmo deixar a agência fora disso.

— Sem dúvida.

Luca me disse que havia observado o local em que Bianca era mantida prisioneira. O apartamento ficava no segundo andar e sempre havia pelo menos

três homens de guarda. Ele os vira entrar e sair, e só com muita dificuldade, pela preocupação com a segurança da dama, conseguiu se controlar para não entrar e confrontar sozinho os rufiões.

Meu plano era simples. Naquela mesma noite fomos até o prédio e tendo, com a ajuda de um pé de cabra, entrado discretamente no saguão, rastejamos pelas escadas até estarmos em frente à porta do apartamento. Vinha lá de dentro um murmúrio de vozes.

Ajoelhei-me e, colocando junto à porta um amontoado de trapos e papéis que levara comigo, ateei fogo a ele. Esperando apenas até ver a fumaça começar a passar por baixo da porta, gritei em tom histérico, com meu melhor sotaque ianque:

— Fogo! O prédio está em chamas! Fogo!

De dentro do apartamento, vieram murmúrios confusos. Luca e eu nos postamos um de cada lado da porta, segurando bastões pesados. A porta se abriu de repente e três homens saíram apressados. O bastão de Luca desceu na cabeça do primeiro e ele desabou no chão sem qualquer ruído. Os outros dois carregavam alguma coisa embrulhada em um lençol, que só poderia ser o corpo drogado da moça. Antes que a pudessem pôr no chão e se defender, estávamos em cima deles e ambos caíram sem sentidos. Parando apenas para nos certificarmos de que se tratava realmente de Bianca, e de que ela respirava, nós a levamos para fora da casa e para dentro de um cabriolé que nos esperava e logo se afastou dali.

Nosso problema seguinte era mandar Bianca e Luca de volta à Europa sem

atrair a atenção de seus sequestradores, ou da imprensa. Luca concordou que seria melhor voltarem à Itália e devolver Bianca à sua família; uma volta à Espanha só a exporia a maiores perigos. Deixei então meu amigo, com a ajuda

da minha senhoria irlandesa, cuidar de Bianca, que se recuperava rapidamente no meu quarto. Depois, de manhã cedo, me dirigi ao cais. Lá chegando,

verifiquei que um navio cargueiro, o bergantim *Mary Celeste*, zarparia para Gênova em dois dias. Rejeitei o pequeno vapor que partiria para Lisboa naquele

mesmo dia, pois não desejava que Bianca voltasse à península ibérica, e me parecia que a gangue esperaria que tentássemos escapar de Nova York daquela

maneira e estaria preparada para nos interceptar, mas fui a bordo e entreguei ao

capitão um embrulho, com instruções para que o entregasse com urgência, assim

que chegasse a Lisboa.

Procurei então o capitão do *Mary Celeste*. Encontrei o capitão Briggs em uma hospedaria próxima, com sua esposa e filha. O capitão Winchester,

coproprietário do navio, estava com eles. Conclamando todos à mais absoluta discrição, expliquei apenas que uma dama e um cavalheiro, que estavam sendo

perseguidos por criminosos, desejavam uma passagem imediata para a Europa, pela qual pagariam generosa soma.

— Ah, Ben — disse a sra. Briggs para o marido —, precisamos ajudar este jovem casal desafortunado. Eu nunca me perdoaria se eles sofressem alguma desventura devida à nossa falha em ampará-los.

Seu marido e o sócio, que pareciam prestes a objetar, deixaram-se convencer

por aquele apelo, e a transação foi acordada.

— Diga-me — acrescentou a sra. Briggs. — Por que seus amigos não se

reúnem a nós? Estarão mais seguros acompanhados do que sozinhos.

Duvidei daquilo, pois os perseguidores de Bianca estariam com certeza

vigiando a região do cais para frustrar qualquer tentativa de fuga. Por fim, concordamos que eu levaria os passageiros até a hospedaria na noite seguinte, depois que escurecesse, para que eles pudessem estar a bordo do navio pouco antes que zarpasse com a maré alta da manhã.

A convite de Briggs, acompanhei-o ao navio, onde conheci a tripulação,

tranquilizando-me quanto a serem marujos genuínos e bem conhecidos pelo seu

capitão. Em especial, o contramestre Richardson me pareceu um belo exemplo de um honesto e destemido marinheiro americano.

Voltando ao meu apartamento, encontrei Bianca totalmente recuperada do seu

calvário. Enquanto ela tentava me agradecer em um inglês bonitinho e cheio de

erros, pude observá-la direito pela primeira vez. Sua pele leitosa era impecável e

os olhos cinzentos muito claros, como se pode facilmente encontrar no norte da

Itália, mas combinavam com os traços mais perfeitos que eu já vira e que nunca

mais vi desde então. Cabelos negros, longos e sedosos e um corpo flexível, um pouco acima da altura média, completavam o quadro. Ao se tornar consciente do

meu olhar, ela baixou as pálpebras e a cor que lhe cobriu as faces pareceu acrescentar nova dimensão à sua beleza.

Com a ajuda de Luca, ela me descreveu como havia sido capturada ao sair às

pressas do palácio e confinada no porão de uma casa em Madri, da qual fora levada a Vigo, onde ela e seus raptores embarcaram para Nova York. Não a maltrataram, pois desejavam obrigá-la a tornar pública uma declaração

desacreditando o rei. A corajosa menina recusou-se a fazê-lo, mas a constante intimidação a que foi submetida por causa disso, somada ao prolongado

encarceramento e aos frequentes soporíferos que lhe ministraram para impedir que pedisse ajuda, sem dúvida acentuaram a palidez de seus traços.

No final da tarde seguinte, depois que escureceu, um cabriolé nos levou à

hospedaria do capitão Briggs. Ao nos aproximarmos, percebi três figuras

sinistras à espreita do outro lado da estrada. Era evidente que a casa estava sendo vigiada e meu plano precisava ser alterado. Quando o cabriolé parou, eu disse depressa ao cocheiro para dirigir até os fundos do prédio depois que tivéssemos

desembarcado. Entramos na hospedaria e parei para avisar Briggs dos vigias do

lado de fora.

— Acho que consigo tomar conta de mim mesmo — retrucou ele, com uma

risada.

Não havia tempo para discutir; saímos depressa pelos fundos da casa e

pulamos para dentro do cabriolé, que lá estava à espera, na porta de trás; esta, por sorte, não parecia vigiada. Ordenei ao motorista que nos levasse ao *Mary Celeste* e embarcamos no navio. O contramestre, embora surpreso ao nos ver, deu-nos as boas-vindas e instalou Bianca na cabine do comandante que,

conforme combinado, a dividiria com a sra. Briggs e a criança.

Expliquei a Richardson o que havia acontecido e que eu receava que o capitão

e sua família pudessem estar correndo sérios riscos.

— Vamos à hospedaria e cuidaremos dos rufiões do lado de fora — disse ele.

— Darei instruções para que os homens guardem o navio e a dama. E então sairemos.

Luca ficou, espada em punho, diante da porta da cabine, e Richardson e eu nos encaminhamos rapidamente à hospedaria. Não havia sinal dos vigias.

Temendo o pior, entramos na casa. A porta do quarto ocupado pelo capitão e

sua família estava entreaberta. Ao entrarmos no quarto, nossos olhos se

depararam com uma visão medonha. À luz de um fogo que já se espalhava pelas

cortinas, pudemos ver que Briggs e a esposa haviam sido selvagemente

esfaqueados até a morte durante o sono. Ao recuarmos horrorizados, a madeira

seca da parede de madeira pegou fogo e o quarto se transformou em uma labareda. Viramo-nos para fugir, e então o contramestre avistou a criança, dormindo tranquilamente em um colchão junto à cama de seus pais assassinados.

— Sophia! — exclamou ele, pulando para frente e enfrentando o fogo.

Arrebatando a criança do berço, ele me seguiu para fora da casa incendiada.

Quando chegamos à estrada, todo o prédio já estava envolto em chamas.

Nenhum dos outros ocupantes pode ter tido qualquer chance de sobrevivência.

Sérios e pensativos, voltamos ao navio. Embora tenhamos mantido uma atenta

vigilância, não conseguimos detectar qualquer sinal de perseguição e, a mim, pareceu provável que os assassinos tivessem sido enganados pela escuridão e acreditado que haviam matado Bianca e Luca na casa, ou que ambos tivessem perecido no incêndio destinado a ocultar o crime.

Uma vez a bordo, nos reunimos em um conselho de guerra. Bianca tomou nos

braços a criança desnorteada e chorosa e tentou consolá-la. Richardson, ao ter conhecimento de toda a história, sugeriu que prosseguíssemos viagem como

planejado, e eu estava inclinado a concordar, pois qualquer tentativa de relatar os assassinatos e o incêndio criminoso teria como inevitável consequência sermos indefinidamente detidos em Nova York, o que, sem dúvida, exporia Bianca e Luca à publicidade que tanto desejavam evitar.

— Mas o que faremos com a criança? — perguntou Luca.

Bianca ergueu os olhos faiscantes.

— Por minha causa seus pais morreram — disse ela, em tom apaixonado. —

Ficarei com ela e lhe darei uma nova vida.

— Faremos isso juntos — disse Luca, segurando-lhe a mão.

Ela o olhou com um sorriso brilhante que disse mais do que poderiam quaisquer palavras.

iv

Sherlock Holmes se interrompeu neste ponto e, reflexivo, deu baforadas em seu cachimbo.

— Se, a esta altura, eu pudesse deduzir alguma coisa, Holmes — comentei, um tanto indiscreto —, sua descrição da moça, Bianca, parece indicar que você estava consideravelmente atraído por ela.

— Você precisa se lembrar de que eu era muito jovem — retrucou Holmes, áspero. — De qualquer forma, a diferença entre nós…

— Você se refere ao fato dela ser da nobreza…

— Não, Watson, ao fato dela ser, e muito, intelectualmente inferior a mim.

Mas deixe-me continuar a história.

O *Mary Celeste* zarpou com a maré alta da manhã. As duas semanas seguintes foram serenas, se é que se pode considerar serena qualquer travessia do Atlântico em uma embarcação a vela em pleno inverno. Bianca e a menina Sophia se tornaram grandes amigas e com frequência seu riso alegre ecoava pelo navio. Não havia sinal de perseguição, embora eu não estivesse de todo tranquilo. Parecia provável que nossos perseguidores não permaneceriam iludidos por muito tempo e que encontrariam uma forma de nos seguir, por isso eu passava longas horas no convés, perscrutando o horizonte com a ajuda de um

telescópio.

Quando aconteceu, porém, não fui eu a avistá-los primeiro. Ao nos aproximarmos de Santa Maria, que é a ilha mais meridional dos Açores, ouviu-se um grito do outro lado do convés. Era Bianca.

— Um monstro! Um monstro se ergue do mar!

Corri para o lado dela. Uma grande massa cinzenta emergia das ondas… o seu monstro hipotético, Watson. Estava a apenas poucos metros de distância e pude ver que não se tratava de um monstro marinho, e sim de uma construção criada por mãos humanas. Sem qualquer dúvida, tratava-se de uma nave submarina, como as que são hoje construídas por todas as frotas do mundo, mas que naquela época eram, até onde sei, apenas a fantasia de um inventor. Seria amiga ou inimiga? Não fomos deixados muito tempo na incerteza.

Com um som metálico, abriu-se uma escotilha na superfície superior da nave e por ela surgiu um rosto barbudo.

— Es o brigantino *Mary Celeste*? Señor Holmes acompanhado por dois amigos do rei da Espanha? — perguntou ele, cauteloso.

— Quem é você? — gritei.

— Eu sou don Narciso Monturiol e este é meu invento, o submarino, o Ictíneo III. Fui encarregado pelo rei para escoltá-los até onde desejarem ir.

— Como soube que estávamos neste navio? — insisti, ainda um pouco desconfiado.

— O rei recebeu uma mensagem sua, de Lisboa.

Respirei aliviado. Minha mensagem chegara em segurança.

— Agradecemos sua escolta, don Narciso — voltei a gritar.

Monturiol e eu concordamos que meus companheiros e eu deveríamos

permanecer a bordo do *Mary Celeste*, pois o submarino seria bastante desconfortável, sobretudo para uma jovem dama e uma criança. Ele patrulharia

nosso entorno e se reportaria a nós caso detectasse qualquer embarcação no nosso encalço.

Poucos dias depois de deixarmos para trás os Açores, mais uma vez o submarino veio à tona perto de nós. Àquela altura, as condições climáticas haviam piorado consideravelmente, com ondas altas e péssima visibilidade, mas

Monturiol conseguiu fazer-nos compreender que havia um bergantim nos

seguindo de perto e que propunha que transferíssemos Bianca e Luca para sua embarcação.

— Se a embarcação realmente conduz nossos inimigos — disse Luca —,

então qualquer um a bordo do *Mary Celeste* está condenado, pois, em sua fúria por termos escapado, eles com certeza matarão todos os que nos ajudaram.

— O senhor tem razão — concordou Richardson. — Não poderemos ser todos

levados para a embarcação subaquática? Poderíamos então deixá-los perseguir um veleiro vazio, dando-nos mais tempo para continuar a fugir.

Monturiol confirmou haver espaço suficiente no submarino para nós e a

tripulação, e começou a tentar encostar sua embarcação na nossa. Devido aos ventos e às altas ondas, isso provou ser extremamente difícil. Por duas vezes o

submarino encostou, e em ambas as ocasiões foi arremessado com violência de

encontro à proa, arrancando grandes tiras da madeira com suas barbatanas de aço.

Por fim, constatando que qualquer nova tentativa poderia comprometer o submarino, Richardson gritou que a nave se afastasse: baixaríamos o bote salva-vidas e remaríamos até lá. Isso foi feito com grande dificuldade. Mais de uma vez o bote quase foi engolido pelas ondas, mas finalmente chegamos ao submarino. Primeiro a criança e depois Bianca foram puxadas pela escotilha e postas em segurança; depois foi a vez de Luca ser transferido. Quando ele se virou para me dar a mão e me ajudar, uma onda gigantesca atingiu o submarino, fazendo-o bater no barco, que foi esmagado, e engolindo todos os que nele estavam. Recebi um golpe na cabeça e mal tive consciência do ocorrido. Só depois tomei conhecimento de que Luca conseguira não largar meu braço e me havia puxado para dentro em segurança. Examinamos a área por algum tempo, mas não encontramos qualquer vestígio da tripulação. Meu bom amigo Richardson e seus homens deram suas vidas por nós. Então, o vulto do bergantim perseguidor começou a se formar através da névoa, e Monturiol deu ordem de submergir.

— Qual o nome do navio que vocês avistaram? — perguntei ao inventor.

— *Dei Gratia* — respondeu ele.

À medida que nossa viagem avançava, interroguei Monturiol a respeito daquela maravilhosa embarcação, e encontrei-o disposto a explicar sua invenção.

— Trabalhei por mais de uma década — disse ele. — E comecei com um pequeno barco dirigido por pedais; depois, construí um maior, com motor a vapor, mas esse também só conseguia navegar em águas calmas, no porto, e o ministro da Marinha não se interessou. Então trabalhei durante anos neste terceiro submarino, com o qual viajo por dentro do oceano.

— E tem sido muito bem-sucedido! — exclamei.

— Infelizmente, não — respondeu o inventor, triste. — Ictíneo está com sérias infiltrações depois das ondas pesadas e da colisão com o seu navio; está fazendo muita água e será duramente pressionado para nos levar até o litoral espanhol. Mas não se preocupe — prosseguiu ele. — Chegaremos sãos e salvos. Mas Ictíneo nunca mais navegará, e a Marinha mais uma vez desprezará meus esforços. Este será meu último submarino.

— Nunca desanime — retruquei. — Se não o senhor, outra pessoa retomará o seu trabalho e o aperfeiçoará.

— E eu tinha razão, Watson — acrescentou Sherlock Holmes.

Alguns anos depois, um tal Isaac Peral, compatriota de Monturiol, construiu um submarino aperfeiçoado e desde então diversos outros países fizeram o mesmo, e o submarino é hoje parte importante das frotas de todo o mundo.

Monturiol cumpriu o prometido e nos desembarcou em segurança e em segredo em um pequeno porto perto de Cádiz, de onde, com a ajuda das cartas reais que trazia, Monturiol conseguiu que uma veloz fragata da Marinha Espanhola levasse Bianca e Luca a Gênova, enquanto eu me apressava a chegar a Madri para tudo relatar ao rei Amadeo.

— Sou-lhe profundamente grato, sr. Holmes — disse Amadeo. — E fico feliz por ter sido desfeito o mal que fiz. É justo que eu não devesse obter qualquer benefício de tudo aquilo. Dentro de um ou dois meses, abdicarei e voltarei para a

Itália. Pelo que me diz, parece que poderei assistir ao casamento do meu primo!

Ainda em Madri, eu soube que o *Mary Celeste* fora levado para Gibraltar pela tripulação do *Dei Gratia*, que obviamente decidiu tentar tirar proveito do caso.

Notícias mais inquietantes informavam que o capitão Winchester havia sido

chamado a Gibraltar para testemunhar. Eu estava seguro sobre ele pretender manter sua promessa de nada revelar a respeito da nossa transação, mas receei que os advogados pudessem extrair dele mais do que tencionava contar. Viajei de volta ao sul, a Gibraltar, e fui ao tribunal, disfarçado. Mais tarde, revelei-me a Winchester e soube por ele que as mortes do capitão Briggs e da esposa haviam

passado despercebidas, uma vez que ele era o único a saber que eles se haviam

hospedado no malfadado hotel, e que em Nova York acreditava-se que ele

zarpara com o *Mary Celeste*. Embora me tenha garantido que se manteria firme e nada diria, achei melhor falar-lhe que o tribunal pretendia prendê-lo por cumplicidade no assassinato da tripulação do *Mary Celeste*. Ele se assustou e

fugiu para a América, não tomando mais parte no caso.

O *Dei Gratia* zarpou para Gênova, para grande desagrado do juiz, ainda enquanto a Corte do Almirantado julgava o caso. Era presumível que os rufiões

republicanos, sabendo do destino a que se propunha o *Mary Celeste*, suspeitassem que Bianca e Luca, caso houvessem sobrevivido, seguiriam até

aquele porto, e estavam determinados a se vingar de ambos. Seu raciocínio estava correto, quando assim deduziram, mas o atraso em Gibraltar resultou em

que Luca e os *carabinieri* genoveses estivessem à sua espera quando chegaram, e os patifes pagaram pelos seus crimes. O navio e sua corrupta tripulação voltaram para Gibraltar, onde a corte, é claro, manifestou sérias dúvidas quanto à

bona fides da equipe de resgate, mas nada pôde ser provado e o juiz foi obrigado a se contentar com apenas a concessão de um ínfimo prêmio de salvamento.

Ah, sim, Watson, um outro ponto. Havia um gato no navio. Ele também

encontrou a salvação… nos braços da srta. Sophia Briggs que, aliás, foi adotada

por Bianca e Luca D'Este após seu casamento. Ela é agora a duquesa de ***.

A aventura do canário curioso

BARRY DAY

Famoso por sua carreira de ator e autor de inúmeros livros versando sobre teatro, figuras literárias e celebridades do mundo do entretenimento, Barry Stuart

Day foi também um dos propulsores do processo de reconstrução do

Shakespeare's Globe Playhouse em Bankside, Londres, uma experiência a

respeito da qual ele escreveu *This Wooden "O": Shakespeare's Globe Reborn: Achieving an American's Dream* (1996), que recebeu uma introdução do célebre ator John Gielgud.

Entre seus outros livros, há diversos nos quais sua erudição e perseverança produziram obras como *The Letters of Noël Coward* (2007) e várias

encantadoras coleções de citações: *Noël Coward: A Life in Quotes* (1999), *Oscar Wilde: A Life in Quotes* (2000), *P.G. Wodehouse in His Own Words* (2001) e *Sherlock Holmes: In His Own Words and in the Words of Those Who Knew Him*

(2003).

Ele é o autor de cinco romances sobre Sherlock Holmes: *Sherlock Holmes and*

the Shakespeare Globe Murders (1997), *Sherlock Holmes and the Copycat Murders* (2000), *Sherlock Holmes and the Alice in Wonderland Murders* (2001), *Sherlock Holmes and the Apocalypse Murders* (2001) e *Sherlock Holmes and the Seven Deadly Sins Murders* (2002). "A aventura do canário curioso" foi originalmente publicado em *Murder, My Dear Watson*, editado por Martin H.

Greenberg, Jon Lellenberg e Daniel Stashower (Nova York, Carroll & Graf, 2002).

A AVENTURA DO CANÁRIO CURIOSO

Barry Day

— Diga-me, Holmes, você acredita que exista o chamado crime perfeito?

Estávamos sentados em nossos aposentos no 221B, na verdade bastante entediados. Uma indicação da profundidade desse tédio era que o mais famoso detetive particular do mundo estava reduzido a transformar os restos dos jornais matinais em aviõezinhos de papel e a atirá-los na lareira que a sra. Hudson acendera naquela manhã para afastar a primeira friagem outonal. Mais de uma vez, tive razão ao recear que a pontaria um tanto duvidosa do meu amigo resultasse em uma conflagração que seria registrada nos tabloides do dia seguinte: “HOLMES E AMIGO PERECEM EM INCÊNDIO MISTERIOSO — HÁ SUSPEITAS DE CRIME.”

Quando eu já quase me esquecera da pergunta — que fora feita mais para preencher o silêncio do que por qualquer outra razão —, Holmes finalmente respondeu.

— Estou inclinado a acreditar, Watson, que os únicos crimes que permanecem insolúveis são os que não chegaram à minha atenção.

Ao olhar na direção dele, vi a pequena curva irônica se formar no canto de sua boca. Era preciso ser rápido para detectar e interpretar aquela expressão. No momento seguinte, seu rosto voltou às linhas classicamente esculpidas, lembrando algo entre um senador romano e um índio americano.

— Suponho que você esteja pensando no estilete de gelo usado como adaga e posteriormente derretido — continuou ele.

— Sim. Ou que tal o caso do apicultor Barchester que pareceu ter sido mortalmente picado até você provar que a esposa lhe tinha ministrado uma

injeção fatal antes de arrastar o corpo até perto da colmeia e incitar as abelhas a atacá-lo? Eu diria que essa foi por pouco. Se você não tivesse conseguido provar que o camarada estava morto antes que as abelhas o picassem, ela teria se safado.

— Uma dedução bastante simples para alguém versado nos beijos da agulha — retrucou Holmes, lançando-me um olhar de soslaio à espera de uma reação. Mas sou um soldado experiente demais para cair em um engodo tão óbvio.

Vendo falhar sua estratégia, ele continuou:

— E um insulto a espécies tão sofisticadas. Um dia desses realmente pretendo…

Mas então outro pensamento pareceu lhe ocorrer.

— Mas, meu caro companheiro, confesso-me surpreso por você não ter mencionado o infame Caso Anitnegra… uma história para a qual, como o Rato Gigante de Sumatra, suspeito que o mundo ainda não esteja preparado.

— O Caso Anitnegra? Mas não creio que você jamais…

— Ah, meu caro amigo, que negligência a minha! Perdão. Isso deve ter ocorrido durante uma das suas muitas licenças sabáticas matrimoniais. Declaro, agora que penso a respeito, que este caso chega muito perto da sua definição de crime perfeito.

— Por favor, me conte os detalhes — pedi, alcançando o bloco que nunca estava longe das minhas mãos, a postos para aquelas rememorações em clima de tranquilidade.

— Foi a história um tanto sórdida de um fornecedor de carnes importadas que sentiu inveja do sócio. Uma tarde, no armazém, houve uma apaixonada discussão e o infeliz atacou e matou seu parceiro com uma bisteca congelada, que depois tratou de cozinhar e comer, assim destruindo por completo as provas.

— Mas, Holmes, como ele foi levado à justiça?

— Ah, muito simples — respondeu meu amigo. — O homem literalmente assinou seu crime. Havia no cadáver uma marca lívida na qual se lia "ANITNEGRA".

— ANITNEGRA? Você está dizendo que era esse o nome do assassino?

— Ah, não. ANITNEGRA é simplesmente Argentina escrito de trás para frente. A carne havia sido carimbada em seu país de origem e, por assim dizer, deixou sua marca.

— E isso foi o bastante para condená-lo?

— Não houve necessidade de condená-lo. A carne estava estragada e o assassino morreu por envenenamento alimentar, junto com 33 outras pessoas inocentes. Esse foi um dos meus casos menos notáveis e me fez desistir de carne vermelha por pelo menos uma semana… Ah, meu caro amigo, eu gostaria que você pudesse ver sua cara!

E o miserável afundou na poltrona e se permitiu um paroxismo daquela gargalhada silenciosa que mais de uma vez me fez chegar perto de jogar alguma coisa nele.

Foi nesse exato momento que a campainha da porta fez ecoar aquele insistente

apelo às armas que fora o arauto de tantas aventuras que vivemos. Só algum tempo depois me ocorreu que era impossível a marca ter sido lida como

ANITNEGRA, porque as letras E, G e R teriam ficado invertidas — mas era então muito tarde para revisar toda a maldita história. Holmes era profissional em escolher os momentos certos e eu era apenas um amador.

Ainda assim, eu estava em pleno planejamento da melhor maneira de lhe

retribuir o gracejo quando a sra. Hudson bateu à porta e fez entrar uma mulher

magra, elegantemente vestida, de trinta e poucos anos. A meus olhos, mais atraente do que classicamente bonita. E, como Holmes muitas vezes afirma que

“o belo sexo é o seu departamento, Watson”, considero-me um juiz sensato.

Seu nervosismo era evidente, como costuma acontecer com a maioria dos

nossos clientes em sua primeira visita, mas Holmes é perito em, com sua solicitude e voz macia, deixar as mulheres à vontade quando assim deseja, e não

demorou muito para que ela estivesse confortavelmente instalada na poltrona do

outro lado da lareira. Acomodei-me em meu lugar costumeiro, ao lado e um pouco atrás da poltrona de Holmes, o bloco a postos no colo.

— Por favor não se preocupe em ser breve, minha cara senhorita. Há tempo de

sobra antes de sua volta a Lewes.

— Mas como…?

— Uma dedução bastante simples, em sã consciência. A senhorita está

segurando com força um jornal enrolado em cujo título são visíveis as letras EWE. A tipografia é a usada pelo *The Lewes Examiner* e, embora tal periódico goze de ampla circulação por sua área de Sussex, só em sua própria cidade está

disponível para venda à hora em que a senhorita deve ter pego o trem que a trouxe aqui tão cedo. Assim sendo, a senhorita veio de Lewes.

“Se fosse necessária maior corroboração, ela pode ser encontrada nos números que rabiscou no papel, à guisa de lembrete. Na verdade, 1415 poderia se referir à batalha de Agincourt, mas suspeito tratar-se do guia ferroviário com os horários dos trens… Watson, você se importaria?”

Alcancei a prateleira atrás de mim e passei a Holmes um bem manuseado livro vermelho, que ele folheou com dedos experientes.

— Ah, sim, aqui estamos. 1415, Londres-Brighton, parando em todas as estações, incluindo Lewes. Foi o primeiro trem local que a senhorita imaginou poder ter certeza de pegar depois de concluídos os seus assuntos aqui. E, a propósito, Watson, vejo que aqueles camaradas ociosos ainda estão envolvidos em seus trabalhos rodoviários em frente à Victoria Station. A jovem tem um pouco de areia no sapato.

— Sr. Holmes, tudo o que dizem a seu respeito é verdade: o senhor é um mágico.

E então, depois de se abaixar, um pouco constrangida, para sacudir a embaraçosa areia, ela o olhou com uma expressão que traduzia tanto fascínio quanto apreensão. Era algo a que eu estava bem acostumado.

— O que mais o senhor sabe a meu respeito?

— Além de que faz compras frugais na Gorringe’s, é uma excelente costureira, levemente astigmática, tem um gato persa do qual gosta muito e tem chorado nos últimos dias, não sei quase nada. Ah, a não ser que é viúva e espera casar-se de novo em futuro próximo…

O queixo da jovem caiu, literalmente. Ao que Holmes acrescentou:

— Ah, e não parece estar precisando dos serviços de um cirurgião-dentista.

A última observação fez com que ela risse alto e, como Holmes e eu nos juntássemos ao riso, o gelo social foi de todo quebrado.

Holmes se inclinou para frente e eu não tive dúvidas de que havia um brilho diferente naqueles olhos fundos. Meu departamento, com certeza!

— Meus pequenos truques de salão são bastante óbvios, depois de explicados, srta…?

— Lucas. Mary Lucas.

— Como Watson bem sabe, são baseados na observação de ninharias através das quais se pode apreender mais das luvas de uma dama ou do vinco da calça de um homem do que do volume de uma enciclopédia. Veja as suas. São obviamente novas, tanto que, na pressa de chegar aqui hoje pela manhã, a senhorita não se deteve na loja o tempo suficiente para que o vendedor tirasse direito a etiqueta. Só a metade foi removida, deixando as letras GOR… Embora claramente novas, as luvas não parecem caras e, de fato, é bem provável que fossem um item da liquidação anual da loja. Na verdade, creio me lembrar desse estilo bastante marcante em um anúncio na *Chronicle* de hoje. O mesmo pode ser dito dos seus sapatos.

A srta. Lucas olhou para os pés, como se eles tivessem acabado de traí-la, enquanto Holmes continuava:

— Deduzo que seja uma costureira de algum sucesso do fato de que, embora seu vestido siga a última moda, a ligeira desigualdade da costura em alguns lugares me diz que não se trata do trabalho do estilista original. Sendo assim, é provável que seja de sua autoria, também a partir de um modelo da Gorringe’s.

Seu astigmatismo é óbvio o bastante pelas pequenas marcas de cada lado do seu nariz, que indicam o uso de óculos de leitura. No entanto, eles não seriam considerados adequados para uma visita na qual deseja causar boa impressão à primeira vista. O gato persa? Quando uma dama abraça um animal dessa raça em especial, sobretudo com regularidade, algum item de seu traje conterá provas que mesmo escovadelas constantes nunca eliminarão de todo. A cor dos pelos é bem característica e, sendo os mesmos curtos, isso aponta para um espécime muito pequeno ou, o que é mais provável, para um filhote.

A última observação do meu amigo provocou uma reação um tanto desconcertante em nossa visitante.

— Ah, sr. Holmes, nem consigo imaginar o que eu teria feito sem a Princesa nos últimos dias…

E a srta. Mary Lucas explodiu em lágrimas, o que a fez puxar do punho de seu vestido um lenço de renda um tanto amassado e apertá-lo sobre os olhos.

Quando me aproximei para confortá-la da melhor maneira, os olhos de Holmes encontraram os meus, com uma expressão que dizia “Q.E.D.” . [13]

Então uma repentina lembrança ocorreu à moça.

— Mas como o senhor soube que sou viúva e…?

— O dedo anular de sua mão esquerda apresenta a inequívoca marca de uma aliança que ali esteve por considerável lapso de tempo. A senhorita a usa agora na mão direita e, sem perceber, a gira de vez em quando. Parece-me uma dedução razoável, então, que não está mais casada com seu primeiro marido, mas que a ideia de um novo casamento não lhe é de modo algum repugnante e,

no momento, está muito presente em seus pensamentos. Agora, srta. Lucas,

quanto antes nos disser qual é o problema que a trouxe aqui, mais cedo poderemos ajudá-la. Pode falar sem rodeios diante do meu amigo e sócio, dr.

Watson. Poucos casos eu teria solucionado sem sua inestimável assistência — e

ele, sério, fez um aceno de cabeça na minha direção, o que muito me agradou —,

e nenhum deles teria sido adequadamente registrado, não fossem suas

boswelianas [14] aptidões para a narrativa.

“Conte-nos sua história com suas próprias palavras e, peço-lhe, não omita detalhe algum, não importa o quanto lhe possa parecer insignificante. São tais detalhes que, invariavelmente, nos indicam o caminho da verdade.”

E ele se acomodou na poltrona, os dedos magros entrelaçados diante do rosto

e o olhar fixo em algum ponto indeterminado do teto.

— Bem, sr. Holmes, dr. Watson, até algumas semanas atrás, havia muito

pouco a contar. Eu vivo, como adivinhou, não longe de Lewes, onde trabalho como governanta para sir Giles Halliford, em Halliford Hall. Meu querido

marido morreu inesperadamente há alguns anos, deixando-me em uma situação

financeira muito delicada. Alguns amigos da família fizeram a gentileza de me recomendar a sir Giles, cuja antiga governanta estava prestes a se aposentar depois de muitos anos de serviço. Ofereceram-me o emprego e o acordo

funcionou para nossa mútua satisfação. Ele é o que se pode chamar de um solteirão inveterado…

— Sujeito sensato — comentou Holmes, e então, não querendo interromper o

fluxo da história, desculpou-se e pediu-lhe que continuasse.

—… mas, debaixo de uma aparente capa de aspereza que adota para manter o

mundo a distância, ele é o mais bondoso e gentil dos homens. Ao longo dos anos, descobrimos que temos muitos interesses em comum e nos sentimos à vontade na companhia um do outro. Para resumir, sr. Holmes, sir Giles me pediu em casamento… e eu aceitei.

— Mas não é essa questão, imagino.

— Ah, realmente não. Devo acrescentar, senhores, que tudo aconteceu há muito pouco tempo e sir Giles não quer anunciar nosso compromisso até que tenha concluído alguns arranjos familiares.

— Mas achei que a senhorita tivesse dito que sir Giles era um solteirão — não pude deixar de apontar.

— Não há qualquer parente próximo — continuou a srta. Lucas. — Mas há uma pupila, uma jovem chamada Emily Sommersby, não muito mais moça do que eu, que vive com ele. Ela é a filha de velhos amigos dos seus dias na Índia. Quando o casal morreu em um acidente de alpinismo por volta de dois anos atrás, ele acreditou ser seu dever trazer a menina de volta à Inglaterra e lhe dar um lar.

— E como vocês duas se dão?

— No começo, tudo correu muito bem — respondeu a srta. Lucas, enquanto sua mão começou a girar o anel no dedo —, mas ultimamente senti nela uma mudança. Seu comportamento está mais distante e, se posso invocar a intuição feminina…

— Na verdade, gostaria que o fizesse. Muitas vezes tenho dito a Watson que as percepções de uma mulher são com frequência mais valiosas do que a

conclusão de um pensador analítico.

— Pois bem, minha percepção é que ela percebeu alguma coisa nas atitudes de seu benfeitor que a levou a suspeitar do que ele pretende…

Olhando para ela, não pude deixar de pensar que uma mulher poderia, com a mesma facilidade, ter detectado aquela informação a partir do sutil, mas revelador, comportamento e tom de voz de uma outra mulher, mas guardei para mim tal reflexão.

Mary Lucas continuou:

— Não posso sequer afirmar com certeza que ela não tenha ouvido a conversa entre mim e sir Giles na outra noite, pois ela entrou na sala quase imediatamente depois. Se isso fosse tudo, porém, eu não estaria aqui hoje tomando o seu tempo. Não, o problema real começou há algumas semanas quando surgiu do nada um jovem alegando ser seu sobrinho, Robert…

— Por que diz “alegando”? — questionou Holmes.

— Sir Giles tinha um irmão mais moço que, disse-me ele, saiu de casa envolto em mistério. Os dois perderam contato e ele não fazia ideia do que havia acontecido com o irmão. Seria preciso uma longa e dispendiosa busca legal para provar a verdade da alegação desse seu “sobrinho”. Pesquisa essa que, incidentalmente, ele está prestes a empreender.

— Imagino que ele não tenha recebido o jovem com muito entusiasmo.

— Não, pelo contrário. Sua reação foi quase química. Há alguma coisa em “Robert Halliford”, pois só consigo pensar nele usando aspas, que o fez

desconfiar à primeira vista. Apesar disso, sentiu-se obrigado a lhe dar

hospedagem e alimento até que a situação se esclareça. Quanto a Robert, agiu como se esperasse ver um bezerro gordo sacrificado todos os dias em sua homenagem, o que só piora a situação, é claro.

— Presume-se que o jovem “sr. Halliford” tenha fornecido algum tipo de

credencial?

— Não de todo. Alegou que seus bens ainda estavam para chegar. Haviam

sofrido um atraso no transporte por mar, disse ele. Mas sem dúvida sabia muito a

respeito da família e de sir Giles em especial.

— E o que tinha a dizer de si mesmo?

— Não muito, agora que o senhor menciona o fato. Parecia ter estado em diversos lugares no Extremo-Oriente e, mais recentemente, na Índia, que foi onde descobriu o paradeiro de sir Giles. Perguntei-lhe uma vez qual era sua profissão e ele respondeu alguma coisa a respeito de ter trabalhado um pouco aqui, um pouco ali. Eu não quis insistir.

Holmes balançou a cabeça, pensativo. E, depois de um momento, perguntou:

— A senhorita reparou nas mãos dele?

A srta. Lucas pareceu surpresa e franziu as sobrancelhas, como se tentasse conjurar a imagem do homem em questão.

— Sim, são mãos fortes. Não são mãos de um cavalheiro. Ele ganhou a vida

com elas, agora que penso nisso. É estranho, mas isso nunca me ocorreu antes.

Mas por quê…?

— Não importa, no momento. Apenas gosto de construir uma imagem mental

de alguém antes de conhecê-lo, e o jovem sr. Halliford parece o personagem principal da peça que a senhorita está prestes a nos apresentar, seja ela qual for.

Ah, a propósito, como se entenderam ele e a srta. Sommersby?

A srta. Lucas pensou um pouco.

— No começo, tratavam-se com muita formalidade. Srta. Sommersby pra cá,

sr. Halliford pra lá. Então pareceram ficar bem amigos, rindo e brincando juntos.

— Ela fez uma pausa, como quem recorda alguma coisa. — Houve, no entanto,

um pequeno incidente, se bem me lembro…

Holmes inclinou-se para frente.

— Que foi…?

— Um dia, por engano, ela o chamou de “Tommy” e ele reagiu muito mal.

Disse que ela deveria o estar confundindo com um de seus amigos ricos dos velhos tempos. Depois mudou de assunto e fez de conta que estava apenas implicando com ela, mas ficou evidente esse outro aspecto de sua personalidade.

— Fale-nos um pouco da vida em Halifford Hall.

Obviamente aliviada por voltar a um terreno familiar, Mary Lucas continuou:

— Levamos uma vida bastante solitária, mas este é um dos aspectos que mais

apreciamos, paz e previsibilidade. Sir Giles é o que, imagino, se poderia chamar

de uma criatura sistemática. Mesmo que sejam, ou fossem, até pouco tempo atrás, apenas Emily e ele, ele insistia em se vestir para jantar. Então, quando as

senhoras, ou, neste caso, a senhora se retira — ela sorriu involuntariamente com

o erro gramatical e pude ver claramente a característica feminina que encantara o

coração do velho solteirão —, eis que Giles por sua vez se encaminha para a biblioteca, a fim de fumar seus charutos, servir-se do bom vinho do Porto e, tenho absoluta certeza, recordar os velhos tempos. É um hábito que o encorajarei

a manter quando estivermos…

Ela se interrompeu um pouco constrangida e subiu-lhe um rubor da gola do vestido. Controlando-se, ela continuou:

— Mais de uma vez ele adormeceu na poltrona junto à lareira e lá o encontrei

na manhã seguinte. É algo que nenhum de nós dois comenta e, sinceramente, sr.

Holmes, que mal há nisso? Minha única preocupação é que, como Giles é um asmático crônico, a friagem da manhã lhe possa ser prejudicial.

Não pude deixar de perceber que o “sir” havia sido esquecido.

Holmes ergueu uma sobrancelha questionadora.

— E, agora que há outro homem na casa, Robert não se junta a ele após o jantar?

— Nas primeiras duas noites ele assim fez, agora que o senhor menciona o fato. — Ela falou em tom reflexivo, como se tentasse trazer os fatos à lembrança. — Ele comentou a importância das tradições e rituais masculinos e

como o oficial superior, foi assim que ele disse, “oficial superior”, se referindo a Giles, deveria estar posicionado para comandar o campo de batalha.

— E isso queria dizer?

— Ah, ele insistiu para que a poltrona de Giles fosse movida para perto da lareira, a fim de que ele pudesse observar a sala e se manter aquecido. Parecia se

preocupar bastante com o fato de Giles não ficar exposto a correntes de ar.

— Mas parece que as batalhas no salão de fumar não duraram muito tempo.

— Não mais do que um ou dois dias, quando então Giles deixou

absolutamente claro que preferia a própria companhia. A Companhia de Um Só

Homem, creio que foi como colocou. Para deixar tal decisão ainda mais

inequívoca, podia-se ouvir a chave girar na fechadura quando ele entrava na

biblioteca.

— Então, o que houve de diferente na noite de ontem?

— No começo… nada. O jantar terminou e todos nos desejamos boa-noite. Fui para o meu quarto, brinquei com Princesa e li um pouco. Emily estava nos aposentos dela. Giles, como sempre, retirou-se para a biblioteca, e Robert… Eu realmente não sei o que Robert fazia à noite. Ele falava vagamente em alguma ideia na qual estava trabalhando e que lhe traria uma fortuna e imagino que estivesse trabalhando nisso em seu quarto.

— Que ficava…?

— Perto do meu, na ala oeste. Devo deixar claro que a casa é muitíssimo grande e a maioria dos quartos, embora parcialmente mobiliados, ficaram desocupados durante anos. Devido à própria natureza de meus deveres, sr. Holmes, sou uma madrugadora e, tendo dormido mal, estava de pé e bem desperta mesmo antes do raiar do dia. Alguma coisa, chame de instinto protetor, se desejar, me levou à biblioteca e foi então que ouvi…

— Ouviu o quê? — perguntei.

— Um som ritmado e intenso, como se alguém estivesse respirando com muita dificuldade. Eu nunca ouvi um som como aquele, a não ser nos velhos foles do ferreiro local. E então… os senhores vão achar que sou louca. Eu não teria dado crédito aos meus ouvidos se Princesa, que me segue por toda parte, também não tivesse escutado. Ela ficou quase descontrolada…

— Ouvido o quê? — insisti.

— Eu ouvi um passarinho cantando.

— Um passarinho?

— É, doutor, eu sei que parece absurdo, mas foi esse o som que ouvi.

— E o que fez, então? — quis saber Holmes, que agora se inclinava para frente como se quisesse arrebatar as palavras dos lábios da moça.

— Receio que meu instinto protetor tenha falado mais alto do que minha

discrição profissional. Temi pela vida de Giles e, como carrego um molho de chaves de todos os cômodos, ignorei suas instruções e invadi o santuário. Foi o

melhor que fiz, posso afirmar, sr. Holmes. Ele estava caído na poltrona, lutando para respirar, e mal parecia saber onde se encontrava. Foi com muita dificuldade

que consegui tirá-lo de lá e levá-lo para o corredor. Por sorte, assim que lá cheguei, encontrei Emily. Ela ouvira barulho e fora ver o que estava

acontecendo.

— E o jovem Robert?

— Ah, ele apareceu pouco depois no alto da escada, viu o que estava

acontecendo e desceu para nos ajudar a levar Giles para o quarto.

— A senhorita examinou em seguida a biblioteca?

— Com certeza, mas nada estava fora do lugar. A poltrona de Giles

continuava onde sempre esteve, junto à lareira, e nada mais parecia ter sido movido. Ah, havia uma coisa um tanto peculiar. Havia no salão um cheiro estranho, que não me lembro de ter sentido antes…

— Consegue descrevê-lo?

— Era doce, penetrante… quase como incenso, sr. Holmes. Mas se

desvaneceu tão logo abri as janelas. Sr. Holmes, dou-me conta de que talvez o esteja aborrecendo sem necessidade. Afinal, nada aconteceu, na verdade. Tudo o

que posso lhe dizer é que havia alguma coisa insuportavelmente maligna naquele cômodo hoje pela manhã e que temo pela vida de Giles. O que devo fazer?

Holmes parecia estar examinando seus dedos angulosos e dirigiu suas observações mais a mim do que a Mary Lucas.

— O caso, definitivamente, tem alguns pontos de interesse e acredito que a senhorita tem razão ao considerar que há algo muito errado em Halliford Hall. Minha sugestão é que volte para lá de imediato. Procure agir como se nada de anormal houvesse acontecido, sobretudo no que diz respeito a Robert. Deixe que a noite transcorra como sempre. Watson e eu pegaremos o trem do final da tarde e chegaremos à casa quando todos já estiverem recolhidos. Deixe, por gentileza, a porta da frente sem tranca. Montaremos guarda do lado de fora do salão e veremos se conseguimos determinar a origem desses sons e cheiros estranhos. Agora, talvez a senhorita possa nos fazer o favor de desenhar para nós um mapa do andar térreo… E traz consigo uma chave reserva da biblioteca? Excelente.

Alguns minutos mais tarde, ainda ansiosa, mas muito aliviada, Mary Lucas secou os olhos, calçou as luvas — tendo removido a etiqueta denunciadora — e partiu para a estação ferroviária.

— E o que você pensa de tudo isso, Watson? — perguntou meu amigo, recostando-se na poltrona.

— Aposto que é o sobrinho — respondi. — Ele se vê sendo eliminado da herança do velho; mas… como?

— Pois é, pois é, Watson — interrompeu Holmes, impaciente. — O sr. Robert

Halliford está evidentemente tentando garantir o que ele pensa ser seu… sempre supondo que ele seja quem diz que é. Mas, como você acertadamente perguntou, como? Neste caso, não se trata de quem… mas de como.

“Hoje à tarde, faremos nossa peregrinação a Lewes. Ah, e ponha no bolso seu revólver de serviço, está bem, Watson? Ele é boa companhia. Sempre considero o sr. Webley [15] um excelente companheiro de viagem. Ele sabe ser bem persuasivo.

Acabamos chegando a Lewes com tempo de sobra e pudemos desfrutar de um belo passeio pela cidade do Condado de Sussex antes de nos dirigirmos ao local combinado. Sempre fui parcial quanto ao ar do campo, mas para Holmes há algo quase sinistro nos grandes espaços abertos. Onde vejo ar e espaço, ele percebe isolamento e privacidade para realizar todo tipo de secretas perversidades.

— Nos lugares mais baixos de uma cidade grande, Watson, há sempre alguém para ouvir um pedido de socorro e talvez até mesmo para tomar providências, mas aqui… Se a srta. Lucas vivesse nesta cidadezinha agitada, eu temeria menos por ela do que em algum mausoléu de tijolos, mesmo a poucos quilômetros de distância.

Quando a noite começou a cair, alugamos um cabriolé e nos dirigimos ao pequeno grupo de prédios que constituía o burgo de Halliford. Como um deles era inevitavelmente o bar do povoado, pudemos nos tornar populares pagando bebidas para os clientes habituais e extraindo deles, com pouca dificuldade, as fofocas locais. A maioria dos fatos do relato da srta. Lucas foi por eles confirmada. O fidalgo, como chamavam sir Giles, era irascível, mas estimado, como declarou um dos “velhos”. Do “jovem”, não tinham muito a dizer. “Meio metido a superior”, foi o veredito geral.

— Será um dia triste para Halliford se aquele lá vier a ser o fidalgo — disse um ancião junto à chaminé.

— Você já percebeu, companheiro, que quase sempre se aprende tanto com os moradores do lugar quanto com os protagonistas de um caso? — perguntou Holmes ao voltarmos à nossa mesa de canto. — Na maioria das vezes, eles não percebem o que sabem.

Dessa maneira, passamos agradavelmente o tempo até que, consultando o relógio, Holmes terminou sua bebida.

— O que me diz de uma visita à biblioteca, Watson?

Nossa entrada em Halliford Hall transcorreu sem incidentes. A pesada porta da frente se abriu ao ser tocada e, ao atravessarmos o silencioso corredor de mármore, um vulto escuro nos abordou.

— Graças aos céus chegaram, cavalheiros — sussurrou Mary Lucas. — Todos estão em seus quartos, exceto Giles.

E ela nos indicou a porta que sabíamos agora ser da famosa biblioteca.

— Mas houve uma terrível discussão entre Giles e Robert durante o jantar. Era como se Robert já fosse o dono da casa, pelo modo como falou com Giles. Há algo no ar, eu sei que há.

— Meu melhor conselho, srta. Lucas, é que vá agora para a cama. Watson e eu montaremos guarda no salão em frente.

Um instante depois, sua presença fantasmagórica pôde ser vista flutuando pela ampla escadaria central e Holmes e eu ficamos sozinhos em nossa vigília.

Já fomos obrigados, no passado, a ficar acordados durante a madrugada em mais de uma ocasião, o que para mim, a bem da verdade, nunca foi tarefa simples. A imaginação é presa fácil de fantasias ociosas, e cada ruído traz consigo inúmeras possibilidades perturbadoras. Os estalos de uma casa velha podem ser passos de alguém se aproximando com más intenções e, é claro, as premonições da srta. Lucas não me acalmavam muito. Meu único consolo era a

tranquilizadora presença dos meus dois velhos amigos, o sr. Holmes e o sr.

Webley.

De quando em quando, um de nós dois percorria o corredor na ponta dos pés e

escutava à porta. O resultado era sempre o mesmo. Havia o crepitar do fogo na

lareira, um som que diminuía à medida que a noite avançava, e uma respiração

regular, um tanto congestionada, presumivelmente em decorrência da asma de sir

Giles.

E então, por volta das cinco da manhã, quando era a minha vez de ouvir, houve um repentino som *staccato,* como se uma última brasa estivesse se extinguindo. Durou apenas um instante. Mais ou menos meia hora depois

começou um chiado. Àquela altura, estávamos ambos à porta.

Era ritmado, mas errático. O som aumentava e de repente parava. Cerca de um

minuto depois, recomeçava. Olhei para Holmes e murmurei “Então?”, mas ele levou um dedo aos lábios, em sinal de alerta.

Agora o ruído silenciara de todo e tão de repente como começara. Olhamos um para o outro e vi a indecisão escrita no rosto de Holmes. Pouco depois, quando um novo som dentro do cômodo chegou aos nossos ouvidos, aquela

dúvida foi substituída por determinação.

Era o som do trinado de um passarinho.

— Vamos, Watson — gritou Holmes —, não há um instante a perder. Eu sou

um idiota, já pode ser tarde demais!

A chave já estava em sua mão.

Sem cerimônia, entramos na biblioteca. Antes que eu pudesse perceber qualquer detalhe, alguma coisa brilhante, amarela e em movimento me atraiu o olhar. Voando pela sala, pousando rapidamente aqui e ali e cantando com toda a alma, ali estava um pequeno canário amarelo.

Vendo que não havia qualquer possibilidade imediata de agarrar o camaradinha, voltei minha atenção para Holmes. Ele estava debruçado sobre o vulto de um homem afundado em uma poltrona junto à lareira aberta. Quando se aprumou, seu rosto me contou toda a história.

— Chegamos tarde demais, Watson. Eu me maldigo por isso.

Aproximei-me e examinei o cadáver. Como Holmes previra, não havia mais sinal de pulso. O rosto de sir Giles estava rubro e as pupilas dilatadas. Eu diria que morrera há poucos minutos.

— Parada cardíaca, imagino — sugeri. — Provavelmente provocada pela asma.

— Isso, tenho certeza, é exatamente o que o assassino gostaria que pensássemos, Watson. Na verdade, arrisco-me a dizer que uma autopsia não revelará outra causa. Tecnicamente, sim, ele morreu porque seu coração parou de bater. A questão é: o que provocou a parada?

Àquela altura, ele estava de quatro junto à grade da lareira, naquela posição de cão de caça que eu conhecia tão bem. Ocupava-se em farejar as cinzas ainda

quentes.

— Assassinato? Como pode se tratar de um assassinato? Ninguém entrou ou saiu deste cômodo, ou nós teríamos visto. E, como você pode ver, o lugar é tão selado quanto um tambor.

— Certíssimo, meu caro amigo, e era exatamente com isso que o assassino contava. Ah, srta. Lucas! Receio tenhamos falhado em ajudá-la. Aceite minhas humildes desculpas…

Mary Lucas estava de pé à porta. Atrás dela havia uma moça escura e um tanto sem graça, por dedução Emily Sommersby, cujos olhos nem por um instante se desviaram da governanta.

— Eu subestimei grosseiramente a urgência da situação. Confesso não ter levado a sério o suficiente as suas preocupações. Ou melhor, falhei ao avaliar o sentido de urgência motivando a outra parte… ou partes.

Houve uma pausa antes que o significado das palavras de Holmes ficasse claro, e então Mary se agarrou ao batente da porta para se impedir de cair. Corri até ela e, com a ajuda da srta. Sommersby, ajudei-a a se sentar. Pensei ter visto a outra mulher estremecer ao ouvir as últimas palavras de Holmes.

— Diga-me que foi uma morte rápida, sr. Holmes, e que ele não sentiu dor.

Ele gostava de brincar que, sendo um velho soldado, não esperava morrer, mas apenas apagar, de preferência em sua poltrona favorita e com um copo de alguma coisa ao lado. Pelo menos isso ele teve. Mas, ai!

E ela deu vazão à sua dor.

Enquanto Mary falava, Holmes continuava a percorrer a sala. Quando chegou

às grandes janelas francesas duplas, parou e passou os dedos pela esquadria.

— Venha dar uma olhada nisto, meu velho amigo.

Ao me juntar a ele, pude ver que, presa à esquadria original, havia uma peça adicional de madeira e metal que parecia funcionar como uma vedação extra.

— Ah, sr. Holmes — disse uma Mary Lucas aos prantos, evidentemente aliviada por ter algo que a distraísse —, isso foi ideia de Robert. Giles andou se queixando das "malditas correntes de ar", como ele dizia, e Robert disse "não se preocupe com isso, vou cuidar de tudo". E ele mesmo se encarregou do trabalho, há apenas um ou dois dias. Não creio que um profissional pudesse ter feito melhor.

Enquanto ela falava, um brilho de metal atraiu meu olhar. Algum pequeno objeto havia caído no chão e ficado oculto pelas pesadas cortinas que Holmes abrira em sua inspeção. Inclinei-me e peguei-o.

— Caramba, Holmes! — eu me ouvi exclamar. — Eu não via um desses desde os meus dias no Exército.

Na palma da minha mão havia um pequeno artefato multifuncional semelhante a uma chave de parafuso que apresentava sinais de muito uso. Parcialmente apagada, havia uma gravação que tentei decifrar.

— Propriedade dos Engenheiros Reais de Sua Majestade, é o que acho você vai encontrar, Watson — disse Holmes tão baixo que só eu pude ouvir. — Acredito que encontramos a ocupação anterior do pretenso jovem fidalgo.

— É claro, isso combinaria com a expressão "oficial superior". Velhos hábitos

custam a desaparecer. Eu mesmo sei…

— E não lhe parece estranho que em um momento como este o rapaz que se preocupa tanto com seus parentes se faça notar pela ausência?

— Você tem razão, Holmes. Por que eu não vou e…?

Nesse instante, um súbito brilho amarelo nos distraiu mais uma vez. O canário, que tinha estado empoleirado em uma prateleira alta e nos espiava com seus olhinhos redondos, levantara voo e pousara no ombro da srta. Sommersby. Ela, distraída, ergueu a mão e acariciou o animalzinho.

Holmes continuou como se nada tivesse acontecido.

— Com certeza, srta. Lucas, deixando um ambiente absolutamente hermético. Poderia nos fazer a gentileza de vir até a lareira? Watson, talvez você possa ajudá-la.

Obviamente nervosa, ela assim fez.

— Sente algum cheiro estranho?

Ela franziu o nariz e a testa.

— Bem, agora que o senhor menciona, sinto sim, como tenho sentido nos últimos dias. Uma espécie de cheiro doce e enjoativo. Preciso ter uma conversa com o nosso fornecedor de carvão.

— Não creio que seja necessário — disse Holmes, gentil. — A fonte vem de algum lugar bem ao sul de Sussex. Agora, como presumo que seja a senhorita quem limpa e abastece a lareira, o que me diz disto?

E abriu a mão para revelar o resultado de suas buscas na grelha. Havia em sua

palma uma pequena pilha do que parecia aveia.

Ela observou aquilo por um instante, depois pegou um pouco entre o indicador e o polegar.

— É estranho. Percebi esta mesma coisa ontem pela manhã e foi a primeira vez que a vi. Diria até que parece comida de passarinho. Mas como um pássaro entraria aqui?

— É o que estamos prestes a descobrir.

Holmes, com cuidado, pousou a pilha de poeira no cinzeiro que havia em uma mesa lateral.

— Você com certeza observou, Watson, que a poltrona de sir Giles está aparafusada com firmeza ao assoalho, junto à lareira. Ele não poderia mudá-la de lugar, acaso desejasse. Nosso incansável engenheiro mais uma vez em ação, imagino. Srta. Lucas, quem ocupa o cômodo imediatamente acima deste?

— Ninguém, no momento. Como eu lhe disse, grande parte da casa está desocupada. Mas, sr. Holmes, o que o senhor acha que aconteceu?

— O pior dos crimes, minha cara. O lugar, invariavelmente, fala por si, e este está alardeando a própria história. Se eu estivesse aqui para ouvi-lo há 24 horas, poderia ter evitado este trágico desenlace. Agora, os acontecimentos de ontem à noite emergem com grande clareza e só algumas peças precisam ainda ser postas no lugar. Mas, como Watson bem sabe, eu me recuso a conjecturar até ter todas as peças em meu poder. As senhoras nos acompanham?

Não nos surpreendeu que o cômodo do andar de cima fosse consideravelmente

menor do que a biblioteca, mas sua configuração era sem dúvida similar. Dominando um dos lados havia a extensão em tijolos da chaminé. Bem em frente, um conjunto de janelas verticais. O espaço era completamente desprovido de mobília e era evidente que não se beneficiava com regularidade das atenções domésticas da srta. Lucas, pois havia por toda parte uma visível camada de poeira, exceto na área do assoalho imediatamente em frente ao vão da chaminé e à janela central. Os sinais eram claros até para meus olhos um tanto exaustos.

— Como eu lhes disse, cavalheiros, este cômodo não é usado e, em geral, é mantido trancado — disse a srta. Lucas, surpresa ao olhar em volta. Holmes e eu entramos com ela, embora eu tenha percebido que a srta. Sommersby se demorava à porta.

— E ainda assim a chave girou na fechadura com surpreendente facilidade — observou Holmes, encaminhando-se com determinação para a lareira, em cujos tijolos começou a bater com as unhas. — Ah, como imaginei.

Seus dedos longos empurraram um ponto dos tijolos, expondo a abertura da chaminé. Tirando do bolso interno uma lente, Holmes examinou com muita atenção a extremidade superior dos tijolos expostos, antes de me entregar a lente para que eu conferisse seus achados.

— Creio que você vai encontrar indícios claros de que o tijolo foi arranhado por uma corrente de metal, Watson. Há minúsculas partículas de metal recentemente presas ao velho tijolo, e em vários pontos vemos as marcas dos elos pressionados. E agora…

Ao que — com os movimentos felinos que invariavelmente adotava quando

estava prestes a solucionar um caso — ele disparou até a janela.

— E sim, embora as outras janelas estejam firmemente fechadas e empenadas pela idade, esta aqui — e ele demonstrou abrindo-a e fechando-a — foi sem sombra de dúvida usada há bem pouco tempo. E aqui temos mais uma vez os arranhões metálicos… Agora, deixem-me ver, em algum lugar perto da chaminé devemos encontrar…

Sem aviso, ele caiu de quatro e examinou de perto as tábuas do assoalho junto à abertura da chaminé. Então, parecendo ter encontrado o que procurava, deu um grunhido de satisfação, tirou dois envelopes do bolso do paletó onde sempre costumavam estar e, com cuidado, empurrou para dentro deles os montes idênticos de poeira que acumulara.

— O que tem aí, sr. Holmes?

Era a srta. Lucas, perplexa como todos os que pela primeira vez observam Holmes em ação.

— As peças finais do nosso pequeno quebra-cabeças, a não ser que eu muito me engane — respondeu Holmes. — Agora, como acredito que a polícia local irá em breve requisitar a biblioteca, por que não vamos todos à sala de estar matinal? Lá, tentarei explicar a série de acontecimentos.

— Não acha que deveríamos pedir a Robert que se junte a nós? — perguntou a srta. Lucas, olhando em volta como se de repente desse por sua falta. — Não sei onde ele possa estar.

— Acho muito pouco provável que tal convite fosse aceito — respondeu Holmes, consultando o relógio. — Eu diria que o jovem Robert, percebendo que a trama foi descoberta e que em breve um passarinho nos dirá tudo o que

precisamos saber, já pegou o trem… deixe-me ver… o trem das 9:45 para a capital. Watson, você poderia apreciar dar um telefonema para o nosso velho amigo inspetor Lestrade e pedir-lhe para ir ao encontro do cavalheiro em questão quando de sua chegada. Estações ferroviárias de grandes cidades podem ser muito impessoais, sobretudo para aqueles que perambulavam debaixo do céu azul e possam estar agora pensando em voltar a fazê-lo. Ora vejam, a srta. Sommersby parece ter desmaiado.

— Era óbvio que Robert Halliford precisava encontrar uma maneira de se livrar de sir Giles que parecesse absolutamente natural.

Holmes estava sentado em uma poltrona estofada com chita colorida — bem diferente de sua surrada equivalente de Baker Street. Mary Lucas e eu estávamos à sua frente, em um sofá, e a srta. Sommersby em outro, apoiada em almofadas. Tínhamos nos mudado para a sala de música, para permitir que a polícia local, por mim chamada, pudesse trabalhar na biblioteca.

— A asma de sir Giles lhe deu a ideia. Isso e o fato de que ele sempre adormecia em sua cadeira convenientemente colocada junto ao fogo. Aliás, por insistência de Robert. Depois disso, como em todas as boas ideias, o resto foi muito simples.

“Primeiro, ele precisava ter certeza de que o cômodo estivesse completamente vedado. Não se tratava de um quarto fechado, no estrito senso do termo. Para seu objetivo, era ainda melhor, era um quarto completamente selado.

“Eu me disporia a apostar uma pequena quantia que vamos descobrir que o jovem Robert, ou “Tommy”, ou qualquer que seja o seu verdadeiro nome, foi expulso dos Engenheiros Reais por conduta imprópria, embora duvide que ele

fosse um oficial ou um cavalheiro, e deixado por conta de seus próprios e questionáveis meios.

“Temos, portanto, um engenheiro treinado que é também familiarizado com os estranhos e exóticos caminhos do Extremo Oriente, como meu amigo Watson…”

E ele me deu um sorrisinho ambíguo.

— Muitas vezes ele me brindou com histórias sobre como seus amigos mais libertinos eram inclinados a fazer experiências com a inalação de, digamos assim, substâncias um tanto exóticas. Esta poção em particular cruzou o meu caminho durante algumas pesquisas bastante extensas a respeito de perfumes e suas origens. É um derivado extremamente potente de uma espécie de coentro, conhecida por produzir um efeito alucinógeno em algumas pessoas. Seu odor é particularmente característico.

“Acho que podemos dizer que o rapaz trouxe consigo uma porção do mesmo, em pó, para seu uso pessoal. Mas depois lhe ocorreu que, aqui em Halliford Hall, poderia encontrar para ela um uso mais mortal.

“O que pode ser tolerado com moderação por alguém de constituição jovem e forte pode ter um efeito muito diferente quando ministrado em excesso a um homem na condição de sir Giles, sentado e imerso em um sono induzido pelo álcool. Literalmente um alvo imóvel. Sem dúvida, valeria a pena tentar.”

— Mas, sr. Holmes, por que eu não fui afetada pelos mesmos eflúvios quando entrei no salão na manhã seguinte? — lamentou-se a srta. Lucas.

— A senhorita testemunhou o que resultou em uma tentativa malograda, minha cara srta. Lucas. Halliford não tinha certeza absoluta de que seu mecanismo seria eficaz e, da primeira vez, não usou quantidade suficiente de pó

para obter o efeito desejado. Provou apenas que o cômodo estava lacrado.

Nenhum dos eflúvios escapou e, ao entrar, tudo o que a senhorita detectou foi um odor residual fraco, quase como um perfume.

— Mas como ele introduziu o pó quando, como você diz, não havia mais ninguém no cômodo? — indaguei.

— Simples. Ele esperou até que sir Giles estivesse de todo adormecido e o fogo reduzido a cinzas, e despejou então o pó pela chaminé do quarto do andar de cima, usando talvez um tubo de borracha. Há traços do mesmo no referido quarto, que podem ser facilmente analisados. O calor do borralho criaria os eflúvios e sir Giles, estando tão perto, seria o inocente destinatário. Na primeira noite, ele sobreviveu. Na segunda, infelizmente, não.

Holmes continuou:

— O problema principal de Robert Halliford era eliminar as provas, a fumaça mortal. E foi quando seus conhecimentos de engenharia entraram em ação. Para um homem como ele, era brincadeira de criança obter um fole e invertê-lo, a fim de que, em vez de bombear ar, o instrumento o aspirasse. Com a introdução de uma simples mangueira, ele poderia drenar o ar mais pesado e carregado de fumaça até a abertura da chaminé do andar superior.

— E para fora da janela aberta — concluí.

— Exatamente, Watson. Assim, a prova literalmente desapareceria no ar. Encontramos um velho doente morto em sua poltrona favorita em uma sala onde ele sem sombra de dúvida estava sozinho. Quem pensaria em analisar as cinzas do borralho?

— O assassinato perfeito, Holmes? — indaguei, quase ingenuamente, apenas

para ser recompensado pelo que só posso descrever como um olhar à moda antiga.

— Mas e quanto ao canário? — A pergunta foi da srta. Lucas.

Todos os olhos se voltaram para o passarinho amarelo, uma vez mais empoleirado no ombro de Emily Sommersby. Ela parecia achar sua presença tranquilizadora, já que o acariciava com ar distraído. Pelos seus olhos, parecia que também poderia ter sido drogada. Desde que a vimos pela primeira vez, não dissera uma só palavra.

— Ah, sim, nosso amiguinho emplumado. O cúmplice involuntário que o decepcionou. Quando a polícia dragar o lago que avistei no final do jardim, o que sugiro com ênfase que seja feito sem demora, encontrará com toda certeza, além do mencionado e não patenteado dispositivo de bombeamento, uma pequena gaiola de passarinhos. Na qual, a não ser que eu esteja muito enganado, por certo haverá uma inscrição com o nome de T. WILSON BERMONDSEY.

— Wilson, o famoso treinador de canários?

— O próprio, meu velho amigo. Lembre-me de lhe contar um dia toda a história de nosso primeiro encontro. Então, o camarada Halliford pensou no tradicional truque dos mineiros de carvão que desciam às minas um canário engaiolado para determinar se o ar debaixo da terra era suficientemente puro para ser respirado. Por que um canário e não qualquer outra espécie, não faço a menor ideia, mas era sempre um canário.

— Tendo comprado alguns, com certeza do desonesto Wilson, ele adaptou a prática aos seus propósitos pessoais. Uma vez que os eflúvios fossem

bombeados para fora da biblioteca, ele baixaria pela chaminé o pássaro em sua gaiola e lá deixaria o animalzinho por vários minutos, antes de recuperá-lo. A confirmação da boa saúde do canário seria um indício de que o cômodo estava limpo. Infelizmente para ele, desta vez se esqueceu de fechar direito a porta da gaiola. Aproveitando a oportunidade, seu pássaro literalmente fugiu do ninho e não havia o que Halliford pudesse fazer a respeito. Aliás, havia outro fator que ele não levou em consideração…

— Que era…?

— Os melhores planos não devem incluir canários. Quem quer que já tenha possuído um dirá que eles insistem em derramar sua comida sem qualquer preocupação. Ao abaixar a gaiola, Halliford estava na verdade nos fornecendo provas alternativas.

— Ridículo! Tudo isso é ridículo! Vocês estão criando um conto de fadas!

Emily Sommersby estava sentada muito rígida no sofá, o rosto branco como um pergaminho. Essas foram suas primeiras palavras. O pássaro adejou por um instante em volta da sua cabeça, antes de se reacomodar. Ele nunca a abandonou, desde o momento em que ela chegou à cena do crime.

— Ah, srta. Sommersby, eu estava me perguntando quando você se pronunciaria. — A voz de Holmes tinha um tom monocórdio e definitivo que provocou calafrios mesmo naquela sala ensolarada.

Enquanto todos os olhos se voltavam para ela, ele prosseguiu:

— Contos de fada estão destinados a ter finais felizes. Este, receio, não terá. Parece-me óbvio que o assim chamado Robert Halliford devia ter um cúmplice

dentro de Halliford Hall, caso pretendesse levar adiante o seu plano sem grande risco de ser descoberto, e receio que a senhorita seja a única candidata. Acredito que descobriremos que os dois se conheceram na Índia e talvez tivessem… como dizer?… algum tipo de "entendimento", que foi atrapalhado pela morte de seus pais e a perene "falta de fundos" da parte dele.

"Então as circunstâncias, e a generosidade de sir Giles, trouxeram-na de volta à Inglaterra e resolveram seus problemas, ao que tudo indicava. Sir Giles era um homem velho e evidentemente enfermo. Quem mais haveria para herdar seus bens? Mas então a senhorita soube dos planos de casamento e, em vez de ficar feliz por seu benfeitor ter encontrado uma companheira para alegrar seus últimos anos, sentiu-se traída. Assim, quando ouviu do seu antigo amante o relato de seus próprios 'infortúnios', um pequeno plano sórdido começou a tomar forma para destruir uma das pessoas que lhe foram gentis e enganar a outra."

Houve um arfar vindo de Mary Lucas, sentada muito pálida.

— Suspeito ser a senhorita quem na verdade despejava o pó. O pó, minha cara jovem, é um poderoso meio, e o sapato é uma importante demonstração disso.

No quarto do andar superior havia pegadas masculinas e também as de uma mulher mais ou menos da sua altura. Como a srta. Lucas já nos havia dito que não tem o costume de visitar aquele cômodo no cumprimento de suas obrigações profissionais, seria apenas uma questão de providenciar a necessária identificação. Talvez a senhorita tenha lido minha monografia *O rastreamento de pegadas*, um trabalho inovador? Ah, vejo que não.

Emily Sommersby afundava cada vez mais no sofá, encolhendo-se tanto

quanto podia, e por alguns instantes senti pena dela, até me lembrar do crime arquitetado. Holmes sem dúvida compartilhou dos meus sentimentos, pois sua voz estava mais calma quando continuou:

— Prefiro pensar que a senhorita teve escrúpulos quando a teoria virou realidade, mas seu amante estava decidido. Ele podia sentir que a herança lhe viria, de uma forma ou de outra. Pois, com sir Giles morto, quem gastaria mais tempo e dinheiro em uma busca legal? Ele se tornou a força motriz e a senhorita, forçosamente, foi adiante. Porque, afinal de contas, o jovem Robert lhe prometera casamento, não é mesmo? Teria sido uma união para rivalizar com a dos Bórgia. Quem viria depois, a srta. Lucas? Ou se contentariam em despedi-la sem uma carta de referência?

— Era a senhorita quem cuidava do canário. Quando entrou no salão, o passarinho no mesmo instante a reconheceu e foi até seu ombro, como foi treinado a fazer. Isso, em termos gerais, identificou-a como a assassina. Watson, acredito que a srta. Sommersby tenha desmaiado outra vez. Você faria a gentileza…?

Cerca de uma hora mais tarde, estávamos no trem de volta a Londres. A polícia local levara Emily Sommersby em custódia e nos informara de que Robert Halliford havia sido preso ao sair do trem na Victoria Station. Mary Lucas, o luto competindo com a gratidão, nos agradeceu com tanta dignidade e graça que Holmes exibiu sinais de raro constrangimento.

— Sr. Holmes, vejo agora que algum poder superior deve ter decidido que sir Giles e eu não deveríamos ter direito a uma vida juntos. Talvez, afinal, as diferenças entre nós fossem grandes demais. Tudo o que sei é que sou grata

pelos poucos meses felizes que nos foram dados e ainda mais grata ao senhor do que consigo dizer por sua morte não ter ficado impune. Ele era um homem bom e o senhor também é, sr. Sherlock Holmes, e o mundo é um lugar melhor porque o senhor está nele.

Entretanto, enquanto o trem rolava nos trilhos, não pude me impedir de perguntar ao meu amigo como ela sobreviveria.

— Algo que as classes privilegiadas compreendem, Watson, são seus deveres para com o privilégio. Tendo-se comprometido com a dama em questão e estando ciente de sua própria e frágil mortalidade, creio que descobriremos que sir Giles já havia tomado providências no sentido de fazer para ela uma provisão adequada, sem nunca lhe ter dito uma palavra. Não, meu caro amigo, o dinheiro não será a principal preocupação da srta. Lucas.

— E qual será?

— Convencer o gato e o canário a viverem juntos de maneira sensata.

E com isso ele afundou no canto oposto da carruagem e começou a meditar sobre o que considerava seu relativo fracasso. Ofereci-lhe um tostão pelos seus pensamentos.

— Pois valem mesmo isso, velho amigo. Eu estava pensando naquele maldito pássaro.

— O que tem ele?

— Eu deveria ter pedido a ela uma descrição mais detalhada do seu canto. Se

eu o tivesse identificado antes como um canário, a vitória seria nossa. Watson, lembre-me de preparar uma pequena monografia a respeito do canto dos pássaros e sua aplicação na solução de crimes. Pode vir a ser inestimável.

E então um pensamento mais agradável lhe veio à mente.

— Devemos chegar à capital bem na hora do almoço. O que você me diria de um rosbife decente no Simpson’s-in-the-Strand?

— Depende.

— De quê, ora?

— Depende se a marca ANITNEGRA estiver impressa na carne. E por falar nisso, Holmes, você percebe, não é, que…

A aventura do editor de arte assassinado

FREDERIC DORR STEELE

A bem-sucedida carreira de Frederic Dorr Steele (1873-1944) como artista e

ilustrador atingiu seu ápice quando, em 1903, ele foi convidado pela *Collier's Weekly* para ilustrar uma nova série de histórias de Sherlock Holmes, mais tarde reunidas em *The Return of Sherlock Holmes* (1905).

Alto, magro e de nariz adunco, Holmes foi definitivamente desenhado na

Inglaterra pelo artista Sidney Paget, cujas ilustrações em *The Strand Magazine* de 1891 a 1927 tornaram Holmes imediatamente identificável para milhões de leitores de Arthur Conan Doyle.

Na América, porém, Steele baseou seus retratos de Holmes no ator americano

de teatro William Gillette, que representou Holmes em mais de 1.300

espetáculos, de 1899 a 1932. Embora tenha se tornado um ícone, o cachimbo de

cabaça que Gillette inventou para suas dramáticas apresentações e que foi reproduzido em tantas ilustrações do grande detetive criadas por Steele não era

de modo algum canônico.

Nascido em Michigan, Steele mudou-se para Nova York a fim de estudar na

National Academy of Design e trabalhou no *The Illustrated American* em 1896 e 1897, antes de se tornar um ilustrador autônomo pelo resto da vida, fornecendo

peças para as grandes revistas do seu tempo, inclusive, entre outras, *The Century*

Magazine, Scribner's Magazine, McClure's, Woman's Home Companion e *The American Magazine*. Ilustrou também livros e jornais. Sua representação de Holmes foi tão admirada que ele, até o fim da vida, forneceu imagens do detetive

para vários editores.

Além do presente conto, Steele escreveu dois pastiches/paródias de Sherlock

Holmes: "Adventure of the Missing Hatrack", na edição do *The Players Bulletin*

de 15 de outubro de 1926, e "Attempted Murder of Malcolm Duncan", na edição de 1º de junho de 1932 do *The Players Bulletin*.

"A aventura do editor de arte assassinado" foi originalmente publicada em *Spoofs*, editado por Richard Butler Glaenzer (Nova York, McBride, 1933).

A AVENTURA DO EDITOR DE ARTE

ASSASSINADO

Frederic Dorr Steele

Foi em um dia sombrio e úmido de março de 1933 que Sherlock Holmes entrou

pisando forte em nossos aposentos em Baker Street, arrancou a capa de chuva ensopada e afundou em uma poltrona junto à lareira, cabeça baixa, no mais profundo desânimo.

Por fim, desabafou:

— De todos os casos com que precisamos lidar, Watson, nenhum nos afeta

mais do que este.

E me atirou um exemplar molhado do *Mail*, com uma missiva americana onde

se lia o seguinte:

ARTISTA SUSPEITO DE ASSASSINATO

Nova York, 27 de março. (AP) O corpo parcialmente desmembrado de Elias J.

Grootenheimer foi encontrado hoje em uma caixa coberta de lona deixada junto ao meio-fio na rua 10, perto do East River. O rosto havia sido horrivelmente mutilado por golpes de algum instrumento contundente. A identificação foi feita através de uma carta no bolso do casaco do morto, endereçada a ele e assinada por *Frederic Dorr Steele*. A polícia não divulgou o conteúdo da carta em questão, mas insinuou que seu tom é ameaçador. Steele é um artista bem conhecido por suas ilustrações das histórias de Sherlock Holmes e outros contos de mistério, e acredita-se que sua dedicação a tais temas possa lhe ter afetado a mente. Ficou evidente que o motivo do crime não foi roubo, pois foram encontrados intactos em seu bolso 4,80 dólares em espécie e uma valiosa entrada para o Maravilhoso Show Holandês. O último endereço conhecido de Steele é um sótão na East 10th Street. Buscas foram feitas em seus lugares favoritos, até agora infrutíferas.

— Ah, mas isso é inacreditável! Impossível! — exclamei. — O pobre Steele não faria mal a uma mosca.

Ficamos sentados em silêncio por algum tempo, unidos por nossa ansiedade em comum. De tempos em tempos, ao longo de cerca de trinta anos, começando com “A volta de Sherlock Holmes”, Steele fizera ilustrações para minhas pequenas narrativas. Embora americano, parecia ser um sujeito decente e irrepreensível que fazia conscienciosamente seu trabalho, e tínhamos aprendido a gostar dele. Sua ingênua simplicidade e os pitorescos termos americanos divertiam Holmes, que apreciava as esquisitices dos seres humanos em todas as esferas da vida.

— Não posso acreditar — continuei. — O que quer dizer tudo isso?

— Quer dizer, meu caro Watson — disse Holmes sem hesitar, tirando do armário seu velho saco de viagem —, que você e eu temos que pegar o *Berengaria* em Southampton amanhã pela manhã.

O tempo estava bom em nossa ida para o oeste. Holmes passou a maior parte do tempo de vigília andando de um lado para outro no convés, entrando de vez em quando na sala de rádio em busca de notícias — que não existiam. Seus nervos, como de hábito, eram como de aço, mas pequenos indícios de exaustão eram claros para mim que o conhecia tão bem. Como por exemplo quando ele, distraído, derramou seu copo de vinho no prato de sopa do capitão, ou quando, no convés de embarque, ele de repente agarrou o pequinês de lady Buxham e jogou-o ao mar por cima da amurada.

— Controle-se, Holmes — aconselhei, calmo. — Você precisa de descanso.

— Não posso descansar, Watson — retrucou ele —, até que tenhamos esclarecido esse horrendo mistério até o fim.

— Você tem uma teoria? — perguntei. — Com certeza não acredita que aquele pobre coitado tenha assassinado um editor a sangue-frio!

— De um jeito ou de outro, tudo é possível — disse Holmes, rispidamente. — Todo mundo sabe que os editores, sobretudo os editores de arte, são em geral patifes e, às vezes, patifes talentosos, o que os torna mais perigosos para a sociedade. É concebível que nosso pobre artista, depois de uma vida inteira lidando com eles, possa ter chegado ao limite de sua paciência. Até um verme…

— Ele se interrompeu, mal-humorado, e voltou a andar pelo convés.

Quando chegamos a Nova York e depois que Holmes aturou com mal disfarçada impaciência as formalidades do Comitê Municipal para Convidados

Ilustres, nos instalamos num hotel que viajantes ingleses nos haviam indicado.

Lá com certeza encontraríamos comida adequadamente preparada. Mas, sem

sequer esperar por um arenque e um bule de chá, Holmes desapareceu e não voltei a vê-lo senão três dias depois.

Ao reaparecer, parecia abatido e exausto.

— Estive no sótão do estúdio — declarou ele.

— Você tem alguma pista do paradeiro de Steele? — perguntei.

— Uma pequena. Na verdade, com 16 milímetros de comprimento. — Ele

tirou do bolso um pedaço de filme. — Encontrei isto no chão, Watson. O que me

diz?

Levantei-o sob a lâmpada.

— Bem, eu vejo a imagem de uma meninazinha e, atrás dela, alguma estrutura

estranha que lembra uma ratoeira gigante.

— Essas ratoeiras, Watson, são armadilhas para lagostas, e de um tipo

específico do litoral do Maine. Estamos na pista do nosso homem.

Em um dia nublado de maio, nosso barco a motor encostou na madeira coberta

de mariscos do cais de uma pequena ilha arborizada, na qual talvez houvesse umas quarenta construções cinzentas e nuas. Holmes não perdeu tempo. Para o

pescador de lagostas de pele coriácea que prendera nossa linha de proa, ele disse:

— Senhor, estamos à procura de certo artista, que dizem morar no seu litoral

tão pitoresco. O senhor conhece algum artista nesta ilha?

— Bem, a gente conhecia um, mas agora ele num é mais artista não. Agora ele passa o tempo todo correndo.

— Correndo! — exclamei. — É possível que seja o nosso homem, Holmes. Ele tem um temperamento nervoso. Pode ter desenvolvido algum tipo de ansiedade que não o deixa ficar parado.

— Esplêndido, Watson. Sua dedução é sensata, mas baseada em uma pronúncia incorreta.

— Mas eu não sei como… — comecei.

— Você nunca sabe, meu bom Watson — retrucou Holmes com um toque de aspereza.

— Ele vive naquela cabana perto da Enseada — disse o pescador. — Mas se estão pretendendo ir lá, cês precisam tomar cuidado. Ele morde.

— Morde! — repeti, perplexo.

— É. O Sid aqui teve lá ontem, com um monte de lataria, e foi logo enxotado. O homem disse que ia pôr os dente naquilo tudo. Acho que ele num tá muito bom da cabeça.

— Por acaso o nome dele é Steele? — perguntou Holmes.

— Parece que era. Mas ele agora diz que é Seymour Haden.

— Seymour Haden! — exclamei. — Esse é o nome de um grande gravurista, que fazia ilustrações em metal.

— Exatamente — disse Holmes, seco. — Ele também costumava corroer metais.

Receando um possível choque para a mente de nosso amigo, nós nos aproximamos com cautela. Ele estava sentado diante de uma mesa em sua casinha, debruçado sobre uma placa de metal imersa em algum infame ácido azul.

— Você nos reconhece, Steele? — perguntei, timidamente.

Depois de alguns instantes, ele virou a cabeça na nossa direção e vimos um brilho feroz em seus olhos injetados. Seu cabelo e barba desgrenhados e as roupas imundas tornavam sua aparência desagradável e até mesmo repulsiva.

— Não posso me levantar agora. Estou usando mordente nesta placa.

— Outro mistério desvendado — observou Holmes em voz baixa.

— Você não está nos reconhecendo? — insisti. — Viemos de Londres para encontrá-lo.

— Claro que eu reconheço vocês. Com certeza querem que eu ilustre outro crime. Já matei um homem por menos — declarou o artista, veemente.

— Com certeza. Com certeza — disse Holmes, em tom gentil. — Mas nós não estamos atrás de crimes, agora. Nós só queremos ajudá-lo.

— Mas vocês não podem me ajudar — gritou Steele. — Eu sou um homem condenado há trinta anos. Desde que comecei a criar imagens para as suas malditas histórias e esses editores me chamaram de um artista do crime. Não importa que outra coisa eu faça, eles continuam a tentar me alimentar de sangue. Mas eu acertei as contas com eles. Fizeram de mim um criminoso e agora, por tudo o que há de mais sagrado, eu peguei um deles e cometi o crime perfeito. E

haverá outros, sr. Holmes, haverá outros!

E, depois desta explosão, voltou a nos dar as costas.

— Vamos, vamos — continuou Holmes, calmo —, não precisamos nos exaltar. Pense um pouco. Foi por isso que você abandonou todos os seus amigos e veio viver aqui… escondido do mundo?

— Foi, sr. Holmes. E foi por isso que esvaziei e limpei este velho poço: vou enchê-lo com o sangue dos editores. Vou precisar de um monte de editores para enchê-lo, mas eu tenho esperanças.

Vimos que era inútil levar adiante aquela conversa e nos levantamos para ir embora.

— Muito bem, então, vão dar uma volta — disse ele. — Peguem a trilha para White Head, bem em frente à Light House Hill. Depois é melhor voltarem aqui. Posso lhes dar um crustáceo e talvez um pedaço de lagostim, se vocês não se importarem muito com as leis.

Atravessamos a ilha até os penhascos e passamos algum tempo olhando para a névoa azul.

— É estranho, não é, Watson, que o crime e a loucura possam se ocultar em um lugar tão tranquilo?… Detesto fazer isto, mas preciso interrogá-lo mais.

— Mas eu me pergunto, Holmes, se isso seria muito correto agora que somos seus convidados… — protestei.

Mas Holmes estava decidido.

Quando, ao pôr do sol, voltamos à casinha, encontramos seu dono tranquilo.

Conversamos calmamente sobre sua vida na ilha, onde, afirmou ele, pretendia terminar seus dias. Só um assunto pareceu devolvê-lo à anormalidade, a menção aos editores.

— Há uma grande caverna no alto da encosta — disse ele — que eu já enchi de dinamite. Há uma grande pedra em cima dela e, se algum editor chegar a esta ilha, eu vou soltá-la.

— Mas esses editores — argumentou Holmes, gentil — não são seres humanos?

— Não depois que se tornaram editores — foi a resposta. — Eles são máquinas. Máquinas que compram mercadorias a metro, colocam em escaninhos, rotulam…

— Olhe aqui, meu caro amigo — disse Holmes —, você é feliz aqui, não é? Você não está sedento do sangue de outras pessoas… pescadores, por exemplo.

— Ah, não.

— Pois muito bem, acho que Watson e eu vamos voltar para a Inglaterra e deixá-lo em paz. Você estará a salvo aqui. Ninguém precisa saber.

Duas semanas depois, estávamos de volta aos velhos aposentos em Baker Street.

Não houve progresso algum no caso Grootenheimer. A polícia desistira da busca pelo artista desaparecido e achava agora que o editor podia ter sido morto por algum modernista ou qualquer outro demente.

Mas o olho atento de Holmes percebera este curioso anúncio PESSOAL nos

classificados do *New York Times*: PROCURA-SE editor de arte como companhia para férias de verão no Maine. Todas as despesas pagas. Deve ser de estirpe puramente americana.

— Pobre alma — comentei, reflexivo. — Sem dúvida sua amargura o enlouqueceu. Mas por algum motivo não estou convencido de que seu crime seja real. Pode ser inteiramente imaginário.

— Pode — disse Holmes.

— Ninguém poderia culpá-lo, é claro.

— Dificilmente.

O escândalo da substituição de Darlington

DAVID STUART DAVIES

Mais conhecido na comunidade sherloquiana por seus muitos escritos ficcionais e não ficcionais relacionados ao grande detetive e a Arthur Conan Doyle, David Stuart Davies (1946-) é também o autor de fama internacional da popular série do investigador Johnny One Eye.

Nascido na Inglaterra, Davies trabalhou como professor de inglês antes de se dedicar exclusivamente à edição, à literatura e ao teatro. Ele é editor da *Red Herrings*, a revista mensal para os membros da Crime Writers' Association, editor de uma revista de crimes ficcionais intitulada *Sherlock*, um dos três componentes do grupo de atores literários Mistery Men e, em suas próprias palavras, um "pau para toda obra".

Embora Davies seja, de modo geral, mais conhecido pela série de histórias de detetive que registra as aventuras de Johnny Hawke, um investigador particular londrino que foi desligado do Exército por razões médicas depois de perder um

olho para um fuzil que explodiu seu rosto, ele escreveu também meia dúzia de aventuras de Sherlock Holmes ao longo da década de 1990 e nos primeiros anos da de 2000.

Seu amor por Holmes e Doyle começou cedo; na faculdade, ele tentou escrever sua tese sobre o famoso autor, mas a Universidade recusou seu pedido por considerar o assunto "não suficientemente importante". A paixão de Davies não arrefeceu e ele veio a publicar diversas obras de não ficção sobre o autor e sua mais famosa criação, incluindo *Holmes of the Movies: The Screen Career of Sherlock Holmes* (1976), *Bending the Willow: Jeremy Brett as Sherlock Holmes* (1996), *Starring Sherlock Holmes: A Century of the Master Detective on Screen* (2002, edição atualizada em 2007), *Clued Up on Sherlock* (2004) e *Dancing in the Moonlight: Jeremy Brett — A Celebration* (2006). Em 1999, estreou seu premiado monólogo *Sherlock Holmes*, ainda encenado no Reino Unido, França, Canadá, Estados Unidos, Hong Kong e Malta. Pastiches sherloquianos de Davies incluem *Sherlock Holmes and the Hentzau Affair* (1991), *The Tangled Skein* (1992), *The Scroll of the Dead* (1998) e *The Veiled Detective* (2004).

"O escândalo da substituição de Darlington" foi originalmente publicado em *The Mammoth Book of New Sherlock Holmes Adventures*, editado por Mike Ashley (Londres, Robinson Publishing Company, 1997).

O ESCÂNDALO DA SUBSTITUIÇÃO DE DARLINGTON

David Stuart Davies

Sherlock Holmes e eu uma noite voltamos tarde a nossos aposentos em Baker

Street, depois de passar algum tempo no reino de Wagner. Meu amigo ainda cantarolava o chamado da trompa de Siegfried quando entramos pela porta do 221B. Seu recital foi interrompido de modo um tanto abrupto pela aparição da sra. Hudson ao pé da escada. Ela usava um roupão cinzento comprido e parecia

bastante nervosa.

— O senhor tem uma visita, sr. Holmes — sussurrou ela em um tom de

urgência desesperada. — Ele se recusa a sair enquanto não falar com o senhor. É

muito insistente.

— É mesmo? — disse Holmes. — Então é melhor fazermos a vontade do

cavalheiro. A senhora volte já para a cama. O amigo Watson e eu cuidaremos disso.

Ela fez que sim com a cabeça, lançou um rápido sorriso na minha direção e desapareceu atrás da porta.

O visitante era um sujeito baixinho e corpulento, por volta dos sessenta anos.

Tinha uma testa alta e careca, rosto brilhante e orgulhosos olhos azuis. Quase correu até nós quando entramos na sala de estar.

— Finalmente! — exclamou.

Holmes o cumprimentou com um gentil aceno de cabeça enquanto pendurava

seu casaco e cachecol.

— Se Vossa Excelência tivesse tido a cortesia de marcar uma consulta, não teria precisado esperar mais de duas horas para me ver. As pontas de charuto no

meu cinzeiro indicam o período de tempo.

— O senhor sabe quem sou?

— É meu trabalho saber quem são as pessoas. Mesmo nesta pouca luz não é

difícil reconhecer o ministro real das Relações Exteriores, lorde Hector Darlington. Agora, por favor, sente-se e me fale a respeito do roubo.

Lorde Darlington, boquiaberto, deixou-se cair na poltrona de vime.

— Quem lhe contou?

Holmes deu uma risadinha.

— Um gole de conhaque para todos nós, sim, Watson? — disse ele antes de responder à pergunta de Sua Excelência. — O senhor não estaria aqui sozinho a esta hora da noite se sua vinda se relacionasse a assuntos do governo. Assim sendo, é um problema pessoal que o traz à minha porta. Um problema bastante pessoal, já que a polícia oficial não deve ser envolvida. É do conhecimento de todos que o senhor é um ávido colecionador de quadros inestimáveis e possui uma coleção muito rica. Não é preciso ser Sherlock Holmes para deduzir que o assunto a respeito do qual deseja me consultar concerne a seus quadros ou, com maior probabilidade, um quadro específico. O caso é urgente, portanto mais relacionado com perda do que com danos. Ah, obrigado, Watson. — Ele pegou um dos copos de conhaque da bandeja e deu um gole.

Lorde Darlington sacudiu a grande cabeça, custando a crer.

— Por Júpiter, o senhor tem razão. Se ao menos puder desvendar o mistério com tanta facilidade quanto adivinhou sua natureza, serei seu eterno devedor.

Holmes ergueu um dedo reprovador.

— Eu nunca adivinho. A adivinhação é um passatempo pouco prático. Agora, se o senhor me fizer a gentileza de me familiarizar com os fatos ocorridos, talvez eu possa lançar alguma luz em sua escuridão pessoal. — Assim dizendo, ele se

recostou na poltrona e fechou os olhos, o copo de conhaque aninhado nas mãos.

Lorde Darlington limpou a garganta e começou seu relato.

— Como o senhor acertadamente afirmou, minha paixão na vida é a arte e ao longo dos anos eu construí o que eu acredito ser uma coleção invejável, uma das melhores galerias privadas na Europa. Não valorizo minhas telas por seu valor financeiro, os senhores compreendem: é por sua beleza e poder, por sua vívida interpretação da vida.

— Sem dúvida — observou Holmes, seco.

— Há pouco tempo, tornei-me proprietário de uma pintura do século XVII por Louis de Granville, seu quadro “Adoração dos Magos”. É uma obra magnífica.

— Louis de Granville… ele não morreu muito jovem? — perguntei.

Sua Excelência me deu um rápido sorriso.

— É verdade. Morreu de tuberculose, aos 27 anos de idade. Existem apenas trinta telas conhecidas pintadas por ele e a “Adoração” é considerada a melhor de todas. Tive muita sorte ao adquirir esse quadro maravilhoso.

— Onde o obteve? — indagou Holmes.

— Por anos, foi considerada uma obra-prima perdida, então reapareceu em uma casa de leilões em Paris, na última primavera. O leilão foi acirrado, mas eu estava decidido a ganhar. Um licitante americano me seguiu até o fim, mas no final eu consegui arrebatá-la.

— E agora ela desapareceu.

A expressão de Lorde Darlington murchou com essa referência à sua perda.

— Eu uso minha galeria como alguns homens usam o fumo ou o álcool.

Sentado a sós com meus quadros, consigo relaxar e permitir que as pressões e tensões do dia me abandonem. Hoje, eu deveria fazer uma visita ao meu

homólogo no governo francês, mas a viagem foi cancelada no último instante, portanto, em vez de pegar o trem noturno para Paris, fui para casa. Tanto minha

esposa quanto meu filho estavam fora, em diversos compromissos sociais, e assim dirigi-me à galeria para algumas horas de paz e tranquilidade. Imaginem

meu horror quando, ao puxar a corda para revelar meu amado De Granville, descobri que ele havia desaparecido.

— Com a moldura?

— Sim. Não havia sinais de entrada forçada e nada mais estava fora do lugar.

Todos os meus outros quadros lá estavam.

— Qual é o tamanho da tela?

— Cerca de quarenta por sessenta centímetros.

— Quem tem a chave da galeria, além do senhor?

— Ninguém.

— Ninguém? — me ouvi repetindo nosso visitante, surpreso.

— Minha esposa e filho não têm qualquer interesse nos meus quadros e sou grato por isso. A galeria é meu domínio privado.

— Quem limpa o cômodo e o mantém arrumado? — perguntou Holmes,

calmamente.

Era evidente que o dilema de lorde Darlington não despertava em sua alma um grande interesse.

— Eu mesmo. É uma tarefa simples. Cuido disso uma vez por semana.

— Quando viu o quadro pela última vez?

— Na noite anterior. Seu encanto ainda é tão recente que eu raramente deixo passar um dia sem gastar algum tempo com ele. Sei que podem achar isso estranho, cavalheiros, mas na verdade eu estava detestando minha viagem à França, sabendo que passaria alguns dias privado das minhas pinturas.

— Por experiência, sei que quando a situação é tão misteriosa e sem pistas aparentes a solução deve ser bastante simples. Não perca seu sono pensando no assunto. Estou certo de que poderemos recuperar seu quadro.

Nosso visitante se animou.

— Espero que sim.

— Watson e eu lhe faremos uma visita amanhã pela manhã para examinar o local do crime e ver se poderemos apurar alguns fatos sugestivos.

— Não iriam agora, cavalheiros?

Holmes bocejou e se espreguiçou.

— É tarde, lorde Darlington. Não há perigo em esperar um novo dia antes de começar nossa investigação. Digamos às dez da manhã? Watson o acompanhará até a saída.

Quando voltei, meu amigo estava de pé junto à lareira, acendendo o cachimbo com uma brasa segura pela pinça de carvão.

— Você tratou nosso novo cliente de um modo um tanto arrogante, Holmes — opinei.

Sua cabeça foi momentaneamente envolta por uma nuvem de fumaça cinzenta. Quando ela se desvaneceu, pude ver que ele sorria.

— Eu me recuso a ser tratado como um cachorrinho de estimação que corre de um lado para outro conforme a vontade do dono. As classes privilegiadas muitas vezes se esquecem de amabilidades como por favor e obrigado. Nesta ocasião, contentei-me em exercer minha prerrogativa de agir quando considerei adequado. — Ele se deixou cair na poltrona. — Além disso, o assunto é simples e tenho certeza de que o esclareceremos nas próximas 24 horas.

Quanto a isso, Sherlock Holmes estava enganado. O desaparecimento do quadro de lorde Darlington revelou-se um caso nada simples.

Na manhã seguinte, como combinado, chegamos à mansão de lorde Darlington em Mayfair poucos minutos depois das dez. Fomos levados à sala de visitas, onde Sua Excelência nos recebeu de modo bastante jovial. Seu comportamento era bem diferente do que o da noite anterior. Apresentou-nos à esposa, Sarah, uma mulher pequena e loura, mais ou menos da idade do marido. Ela parecia nervosa com a nossa presença e logo deu uma desculpa para nos deixar com nossos “negócios”.

— Lamento tê-lo incomodado ontem à noite, sr. Holmes — disse Sua Excelência. — E foi um descuido de minha parte não lhe ter telegrafado hoje pela manhã para poupá-lo de uma visita inútil. De qualquer modo, ficarei feliz em lhe pagar qualquer soma que considerar apropriada pelo serviço prestado.

— Sem dúvida. Então, o quadro reapareceu.

— Sim. É maravilhoso. Fui hoje cedo à galeria e quase por hábito abri a cortina. O De Granville estava de volta ao lugar, como se nunca houvesse desaparecido.

— Mas ontem ele havia desaparecido — disse meu amigo, muito sério, não compartilhando do júbilo do nosso cliente.

— Claro, claro, havia desaparecido, mas isso pouco importa agora.

— Permita-me discordar — retrucou Holmes.

— Vossa Excelência tem certeza de que se trata do artigo genuíno? — perguntei.

Lorde Darlington pareceu perplexo por alguns instantes.

— Ora, tenho sim — ele respondeu devagar, vacilando em sua convicção.

— O que meu amigo está sugerindo — esclareceu Holmes — é que é possível que o ladrão que roubou o quadro, sem saber que o senhor soube do desaparecimento, pode muito bem tê-lo substituído por uma excelente cópia. Quando descobriu a perda, o senhor deveria estar na França, não é verdade?

— É, sim, mas…

— Por favor, por favor, lorde Darlington. Houve um roubo. Deve ter havido uma razão para isso. O senhor não pode ignorar o crime só porque o quadro lhe foi devolvido.

Um pouco do brilho se apagou nos olhos do nosso cliente e ele se sentou no sofá.

— Suponho que tenha razão. Embora esteja convencido de que o quadro que neste momento se encontra em minha galeria é o artigo genuíno, vou entrar em contato com meu amigo Hillary Stallybrass, o perito de arte na Royal Academy

que examinou originalmente a tela, para que ele confirme minha crença.

— Seria sensato se o senhor…

Holmes foi interrompido pela repentina entrada na sala de um rapaz alto, de cabelos louros ondulados e olhos jovens e ansiosos.

— Pai, eu preciso… — começou ele e, ao nos ver, hesitou.

— Agora não, Rupert. Tenho certeza de que a razão pela qual você deseja me ver pode esperar.

O rapaz hesitou, sem saber se deveria obedecer à ordem do pai ou prosseguir.

Seus lábios se apertaram em uma careta petulante e ele girou nos calcanhares, deixando a sala tão depressa quanto havia entrado.

— A impaciência da juventude — observou lorde Darlington, exasperado.

— Eu gostaria de ver sua galeria — disse Holmes, como se a brusca interrupção não tivesse acontecido.

Com alguma relutância, lorde Darlington nos levou ao seu santuário particular. Tratava-se de um salão comprido, cujo teto era repleto de claraboias, nenhuma das quais, fomos informados, podia ser aberta. Das duas longas paredes pendia uma série de cortinas vermelhas cobrindo inúmeros quadros. No centro do cômodo havia uma confortável poltrona giratória e uma mesa sobre a qual via-se um tântalo e uma caixa de charutos decorada.

— Posso ver o De Granville? — pediu Holmes.

Sem responder, Sua Excelência puxou a corda de uma das cortinas para revelar a obra-prima. Sou apenas um leigo apreciador de arte, mas até eu pude ver que aquela era uma peça de grande beleza e maestria.

— É magnífico! — exclamou lorde Darlington, quase acariciando a moldura.

— Sem dúvida — concordou Holmes, examinando de perto a tela com sua lente.

— Diga-me, lorde Darlington, o senhor tem um cachorro?

— Um cachorro? — O queixo de nosso cliente caiu. — Não. Por que pergunta?

Holmes deu de ombros.

— Não importa, no momento.

Lorde Darlington pareceu irritado com a resposta vaga de Holmes e consultou o relógio.

— Senhores, tenho um compromisso importante na Casa às onze e meia.

— Talvez o senhor possa nos deixar nas habilidosas mãos de sua esposa. Eu gostaria de conhecer alguns pormenores relativos aos arranjos domésticos.

— Muito bem, se acha importante.

Fomos deixados no vestíbulo enquanto nosso cliente organizava sua partida e informava a esposa do nosso pedido. Holmes examinou casualmente os cartões de visita na bandeja. Seu rosto ficou tenso de entusiasmo ao ver um deles. Ele abriu um sorriso.

— Águas turvas começam a clarear, meu caro amigo — declarou ele, animado.

Uma vez mais, nos vimos na sala de visitas. Lady Darlington nos oferecia café. Parecia ter perdido o nervosismo e estava composta e inteiramente à vontade,

sentada na beirada do sofá, mal tocando em sua xícara.

— A senhora não compartilha do amor de seu marido pelas pinturas, lady Darlington?

— É a paixão dele. Eu jamais igualaria sua devoção à arte. Ele leva uma vida pública difícil e seus quadros lhe proporcionam alívio e descanso.

— A senhora nunca visita a galeria?

— Nunca.

— E seu filho?

— Rupert? — Sua expressão se suavizou à menção do filho e um sorriso amoroso pairou em seus lábios. — Ele tem os interesses de um jovem, e velhas pinturas não se incluem entre eles. Nesse campo, Rupert e eu somos parecidos.

— Ele é sócio do Pandora Club.

Lady Darlington olhou de soslaio para Holmes.

— Ele… pode ser que sim. Não estou a par de todos os hábitos de lazer de meu filho.

— Ou de suas amizades… como lorde Arthur Beacham, por exemplo?

— Lorde Arthur, o que tem ele?

— Sua reputação não é das melhores.

— Talvez não nos círculos que o senhor frequenta, sr. Holmes. O senhor não deve dar ouvido aos mexericos de criadas e jardineiros. Lorde Arthur é um cavalheiro agradável, mas é apenas um entre os muitos amigos de Rupert.

Agora, se não tiver mais perguntas…

— Apenas uma, lady Darlington. Quem tem a chave da galeria?

— Há apenas uma e ela nunca sai das mãos do meu marido. Ele a traz pendurada à corrente do relógio.

— Obrigado. Muito obrigado.

Enquanto éramos acompanhados até a saída por um mordomo espigado e decrépito, encontramos à soleira da porta um homem corado e robusto. Ele deu a Holmes um cortês sorriso de reconhecimento e apertou-lhe a mão. Antes de sairmos, Holmes inclinou-se e sussurrou-lhe algumas palavras ao ouvido.

— Vamos voltar a pé para Baker Street — disse meu amigo, veemente. — Estou precisando de ar fresco e exercício.

— Com prazer — concordei, ajustando meu passo ao dele. — Suponho que o cavalheiro de rosto corado fosse Hillary Stallybrass chegando para examinar o De Granville.

— De fato, era o próprio. E eu lhe dei um pequeno conselho que pode beneficiar a ele e com certeza a nós. O tempo dirá se tenho razão.

— O que foi aquilo de lorde Arthur Beacham e o Pandora Club? Suas observações foram um tanto incisivas.

Holmes se iluminou.

— Foram, não é mesmo? Alguém foi bem descuidado ao deixar seu cartão de visitas à vista no vestíbulo. Ao contrário da opinião de lady Darlington, lorde Arthur tem uma reputação bastante duvidosa: ele é um sujeito dissoluto, cujas atividades às vezes beiram os domínios da criminalidade. E a Scotland Yard andou, por algum tempo, de olho no Pandora Club, escritório de operações de Beacham. Ali é o centro de uma série de negócios não muito honestos.

— Que ingenuidade de lady Darlington, considerá-lo uma companhia adequada para o filho.

— Que ingenuidade a sua, Watson, pensar assim.

Ignorei a enigmática observação do meu amigo.

— Você acha que Beacham está envolvido com o desaparecimento do quadro?

— Acho. Não tenho ainda certeza do seu papel e de quem mais esteja envolvido, mas tenho minha teoria, que porei à prova ainda hoje.

Depois de um almoço simples, providenciado pela sra. Hudson, Holmes dedicou-se a algumas experiências químicas malcheirosas, enquanto eu punha em dia a correspondência e redigia algumas observações em casos prontos para serem publicados. Ao cair da noite, ele se retirou para o quarto, emergindo de lá uns 45 minutos depois, disfarçado. Vestia trajes de noite, mas acolchoara seu corpo esbelto de tal modo que parecia bastante gordo. O rosto estava vermelho e um grande bigode enfeitava o lábio superior, enquanto um monóculo brilhava no olho esquerdo. Os toques do disfarce eram sutis, mas ao mesmo tempo transformavam a figura familiar do meu amigo, camarada e inquilino em um personagem completamente diferente.

— Estou pronto para uma noite no Pandora Club — anunciou ele, sua própria voz soando diferente ao vir daquele estranho que estava em nossos aposentos. — Depois de todas as minhas censuras quanto à inadequada e imprudente maneira com que você joga fora sua pensão militar apostando nas patas dos cavalos, tomarei muito cuidado para não perder demais.

— Não precisa dos meus serviços, então?

— Mais tarde, meu garoto, mas hoje à noite preciso agir, ou melhor, observar sozinho.

Nesse momento, Billy chegou com um telegrama. Holmes, animado, abriu-o rasgando o envelope.

— Aha! — exclamou, lendo o conteúdo e me jogando o papel.

Era de Hillary Stallybrass. Dizia: “De Granville é genuíno. Algumas das outras obras não são.”

Voltei a ver Holmes no café da manhã do dia seguinte. Ele surgiu, sem disfarces, vestindo um roupão roxo e brilhando de entusiasmo.

— Deduzo deste sorriso — comentei, batendo na casca do meu ovo cozido — que sua excursão ao Pandora Club rendeu bons frutos.

— O processo de dedução é contagioso — retrucou ele, mostrando os dentes ao se juntar a mim à mesa e se servindo de uma xícara de café. — Um dia, preciso escrever uma monografia a respeito da importância, na arte da detecção, de se desenvolver um estudo do crime e dos criminosos internacionais.

— Charadas no café da manhã? Ora vamos, Holmes, diga o que tem em mente.

— O nome Alfredo Fellini lhe diz alguma coisa?

Sacudi a cabeça.

— Pois você está comprovando a minha teoria — respondeu meu amigo, em tom presunçoso. — Acontece que sei ser ele o braço direito de Antonio Carreras,

um dos maiores chefes de gangues de Nova York. Chantagem e extorsão são seus métodos e ele tem feito fortuna com eles. Tanto que conseguiu adquirir uma coleção de arte bastante impressionante. Meu amigo Barnes, da Pinkerton, me mantém informado, em seus relatórios regulares.

— Coleção de arte? — Limpei o queixo com o guardanapo e, afastando o ovo meio comido, dediquei a Holmes toda a minha atenção.

— Pois é. E ontem à noite observei Fellini no Pandora Club, onde ele passou boa parte do tempo mergulhado em conversas com certo membro da família Darlington.

— O filho de Sua Excelência, Rupert.

— Exatamente. E a conversa foi animada, para não dizer hostil, algumas vezes. E o tempo todo o ardiloso lorde Arthur Beacham pairou por perto, como uma galinha vigiando a ninhada.

— O que tudo isso significa, Holmes?

— Para usar uma metáfora de pintura, o que no caso é bem apropriado, eu já esbocei os contornos da composição, mas ainda preciso de tempo para preencher os detalhes e trabalhar os efeitos de luz e sombra. É evidente, porém, que Rupert Darlington está implicado em alguma transação duvidosa que envolve o inescrupuloso Beacham e um dos criminosos mais perigosos da América… Uma transação que tem a ver com o roubo da tela de De Granville.

— Mas o quadro foi devolvido intacto.

— Precisou ser. E é esse o problema de Rupert Darlington.

Holmes adorava fazer declarações enigmáticas para avaliar minha reação. E eu há muito tempo já aprendera que, não importando como eu reagisse, ele não compartilharia qualquer informação obtida até que considerasse ter chegado o momento certo. Eu não fazia ideia alguma de qual pudesse ser o problema de Rupert Darlington, mas sabia que se pressionasse meu amigo para que me explicasse a situação, ele de qualquer forma negaria. Assim, tentei levar nossa conversa para uma direção mais positiva, o que apenas resultou em encontrar um novo enigma.

— Qual é o nosso próximo passo? — perguntei.

— Visitar o “homem dos cães” — respondeu ele com um sorriso.

Em menos de uma hora chacoalhávamos em um cabriolé em direção à zona leste da cidade. Eu ouvira Holmes dar ao cocheiro um endereço na Commercial Street, perto da Houndsditch Road, uma parte de Londres suja e desagradável.

Ele afundou no assento, o rosto pálido e magro imerso em pensamentos.

— Quem ou o que é o “homem dos cães” e qual é o propósito de nossa visita?

Já que você requisitou minha companhia nesta viagem, parece-me sensato que me deixe saber qual é o objetivo — falei, mal-humorado.

— Sem dúvida, meu caro amigo — respondeu meu companheiro com um risinho, dando palmadinhas no meu braço, com ar paternal. — No que eu estou pensando, deixando-o na ignorância? Pois bem, o “homem dos cães” é o apelido que dei a Joshua Jones, cuja casa está repleta desses animais. Seu amor pelos caninos afastou do lar sua esposa e filhos. Ele é pródigo em amor e atenção para com os muitos vira-latas que leva para casa, muito mais do que para com os membros da família. Acontece que ele é dotado de um grande talento artístico.

Holmes se inclinou para mais perto de mim, baixando a voz a um sussurro dramático.

— Ele é um dos maiores artistas copistas de todos os tempos. Só os peritos mais experientes poderiam distinguir a verdadeira Mona Lisa de uma cópia

criada por Jones. Eu mesmo já usei o camarada algumas vezes, quando precisei

de falsas obras de arte para resolver um caso. Você percebe como ele poderia se

encaixar no nosso mistério?

— Não exatamente.

— Suspeitei, ontem pela manhã, que Jones estivesse envolvido no caso. Você

talvez se lembre de que, ao examinar o De Granville, perguntei a Darlington se

ele tinha um cachorro.

— Sim, me lembro.

— Aquilo foi porque, com minhas lentes, observei vários pelos de cão presos

à moldura… pelos de, no mínimo, três raças diferentes. Pareceu-me bem claro que a pintura havia, há pouco tempo, sido colocada em algum lugar onde vários

cachorros pudessem ter roçado o quadro. Onde mais isso poderia ter ocorrido senão em casa de Joshua Jones?

— Porque ele estava copiando a tela…

Holmes assentiu.

— Compreendo, mas então por que foi devolvido o verdadeiro quadro, e não a

cópia?

— Ah, aí está o X da questão, e eu gostaria de testar minha teoria com meu

amigo, o sr. Joshua Jones.

A Commercial Street era de fato desagradável. As casas eram velhas e miseráveis, muitas com as janelas fechadas com tábuas. O cabriolé parou à entrada da rua e Holmes ordenou ao cocheiro que nos esperasse. Com alguma relutância, o homem concordou. Descemos, então, aquela viela deprimente. Um grupo de crianças esfarrapadas e desnutridas jogava bola na rua e corria por toda parte, dando gritos estridentes e roçando em nós os corpos esqueléticos, sem reparar na nossa presença.

— Se esse camarada Jones é um artista tão bem-sucedido — comentei —, por que não mora em uma vizinhança mais salubre?

— Acredito que ele tenha outra casa na cidade, onde residem sua esposa e os dois filhos, mas que ela o tenha proibido de levar para lá qualquer cachorro, então ele parece feliz de passar a maior parte do tempo aqui, com seu bando de sabujos. Ah, aqui estamos.

Tínhamos chegado ao número 23: uma casa tão decrépita quanto as outras, com uma porta azul-marinho e uma aldrava enferrujada. As cortinas estavam fechadas, impedindo a entrada da luz do dia e do mundo exterior. Holmes bateu com força. Quando o som ecoou pela casa, foi saudado por uma cacofonia de gemidos, latidos e uivos, como se uma matilha de cães de caça tivesse sido atiçada.

— Espero que esses cães não sejam perigosos — comentei, um pouco inquieto.

— Assim também espero — concordou Holmes, batendo outra vez com força e desencadeando outra saraivada de gritos caninos. Mesclado aos latidos veio o som de uma voz humana. Momentos depois, a trava girou e a porta, rangendo, foi aberta de alguns centímetros, um olho brilhante e um nariz adunco surgindo

na abertura.

— O que vocês querem? — perguntou o homem.

— Uma pequena informação, Joshua, por favor.

— Ora se não é o sr. Holmes — reagiu a voz, agora em um tom mais suave e caloroso. — Me dê um instante para que eu prenda meus garotos. Não quero que nenhum deles saia. Carne de cachorro é valiosa por aqui.

Assim dizendo, ele fechou a porta e o ouvimos pastoreando sua matilha para os fundos da casa.

Depois de algum tempo a porta voltou a se abrir, dessa vez o bastante para revelar seu morador, um indivíduo esquelético com cerca de setenta anos, ou assim me fizeram crer seus cabelos brancos, olhos remelentos e pele fina e ressecada. Vestia um par de calças bufantes, camisa azul sem colarinho e um amorfo casaco de lã verde manchado de tinta.

— Entrem, cavalheiros, entrem.

Só dois cães seguiram o dono quando ele nos guiou por um corredor sombrio, até uma sala igualmente escura. O cheiro dos cachorros tornava o ar sufocante. Em um cômodo contíguo, podiam-se ouvir latidos e uivos acompanhados por ocasionais arranhões frenéticos, conforme algum cão mais frenético tentava escavar uma saída. Jones soltou uma gargalhada gutural ao ouvir os sons do bando trancafiado.

— Os garotos não gostam de ser separados do papai — riu ele, revelando uma fileira irregular de dentes marrons. Com um gesto casual, indicou que deveríamos nos sentar no velho sofá esfarrapado.

— Bem, sr. Holmes, o que posso fazer pelo senhor?

— Preciso de informações.

Uma leve sombra de mal-estar cobriu o rosto de Jones.

— Ah… bem… — disse ele, devagar. — Eu sou reticente nesse

departamento, como o senhor bem sabe. Não posso ficar divulgando os segredos

dos meus clientes ou logo não terei mais clientes.

— Não tenho qualquer intenção de comprometê-lo, Jones — disse Sherlock

Holmes, sem se abalar. — Na verdade, não preciso de informações, apenas da confirmação de minhas deduções, confirmação que me permitirá avançar na

solução do meu caso.

Jones franziu a testa.

— O que o senhor está me pedindo é algo que não lhe posso dar. Eu trato todos os que entram pela minha porta, seja homem ou cão, com o mesmo

respeito e garantia de discrição.

Holmes não pareceu se preocupar com a intransigência de Jones.

— Alegra-me ouvi-lo — retrucou ele. — Não pretendo pedir-lhe que traia a confiança de quem quer que seja, nem mesmo de alguém de caráter tão vil como

lorde Arthur Beacham.

Jones empalideceu à menção daquele nome e seus olhos piscaram sem

controle.

— O que quer de mim, então? — ele indagou, a voz já desprovida da

segurança anterior.

— Eu gostaria de lhe apresentar uma série de suposições relacionadas à minha atual investigação, que diz respeito ao roubo da tela pintada por De Granville, a “Adoração dos Magos”, propriedade de lorde Darlington, obra que suponho você conheça a fundo. Tudo o que lhe peço é uma leve inclinação de cabeça caso acredite que faço a interpretação correta dos fatos e um sacudir de cabeça caso observe que faço suposições errôneas. Não há necessidade de confirmações verbais. Isso me ajudará imensamente, da mesma forma que acredito tê-lo ajudado no passado.

Jones, agora sentado à nossa frente em uma cadeira de vime com um dos cães empoleirado no colo, inclinou-se, beijou a criatura no focinho e acariciou-lhe o pelo.

— Como o senhor sabe, nunca pergunto nada aos meus clientes. Não posso, porém, impedi-lo de exprimir seus pontos de vista na minha presença, sr. Holmes — disse ele, como se suas palavras se dirigissem ao cão.

— De fato — concordou Holmes.

— E posso assentir e sacudir a cabeça quando achar que devo. O que não quer dizer que tais gestos indicarão claramente que eu concordo ou discordo de suas declarações.

— Compreendo perfeitamente. Pois então, meu caro, é do meu conhecimento que você foi recentemente convidado a copiar a “Adoração dos Magos”, de Louis de Granville, para determinado cliente.

Jones continuou inclinado sobre o cão, mas assentiu em um gesto

praticamente imperceptível.

— Acredito que seu cliente seja lorde Arthur Beacham…

Holmes fez uma pausa, mas Jones não se mexeu.

— E acredito que você tenha copiado muitos quadros para ele, mais ou menos nos últimos seis meses.

Outro leve aceno.

— O trabalho foi realizado ao longo de um dia e uma noite e ambas as telas, original e cópia, foram entregues ao seu cliente. Ele, então, devolveu o falso às instalações do proprietário e vendeu o original a um dos muitos colecionadores inescrupulosos.

— Não tenho noção do que acontece aos quadros depois que saem destes aposentos, sr. Holmes. Não tenho interesse no assunto e consideraria um tanto indiscreto fazer perguntas a respeito.

— Compreendo. Tais perguntas poderiam levá-lo a obter informações que você não gostaria de ter.

Por um instante, um sorriso pairou nos lábios finos do ancião. Ele se acomodou na cadeira, olhou Holmes nos olhos e acenou com a cabeça.

Holmes continuou:

— Presumo que você seja capaz de realizar um trabalho prévio na maioria das cópias, pois suas imagens são facilmente acessíveis em impressões litográficas.

— Está correto. Eu preparo com antecedência o que chamo de esqueleto do meu trabalho. Isso acelera o processo e reduz o tempo da permanência da obra

original na minha galeria.

— Mas no caso do De Granville isso não foi possível, não é mesmo? Sendo

uma “tela perdida”, não havia litografias disponíveis; portanto, foi necessário passar mais tempo com o original.

Outro aceno imperceptível.

— Você é um excelente ouvinte — disse Holmes, entusiasmado, pondo-se de

pé e me puxando. — Seus silêncios foram muito eloquentes. Meu caso está quase completo. Eu lhe agradeço.

— Ao expressar sua gratidão, por favor lembre-se de que eu não lhe forneci quaisquer informações, nem confirmei nenhuma das suas declarações.

— É claro. Os atores deste sórdido drama se condenarão sem qualquer

envolvimento de fontes externas. Venha, Watson, vamos ver se o cocheiro

esperou por nós.

E assim, nesse tom apressado, deixamos a casa do “homem dos cães”.

Surpreendeu-me a velocidade com que aquele caso chegou à sua conclusão; por

sinal uma conclusão muito sinistra. Eu jamais imaginaria que o que começou como um caso um tanto inconsequente de um quadro desaparecido terminaria

em assassinato e com a desgraça de uma família.

O cocheiro havia mantido a palavra e ainda estava à nossa espera na esquina

da rua. Uma expressão de alívio, porém, desenhou-se em seus traços rudes ao nos ver de retorno.

— De volta a Baker Street? — perguntou ele quando subimos a bordo.

— Não — respondeu Holmes. — Mayfair.

— É um caso triste, Watson — disse meu amigo, acendendo um cigarro ao se recostar no fundo do cabriolé. — A pessoa que mais sairá prejudicada com a sua conclusão é o único protagonista inocente do drama.

— Lady Darlington?

Ele sacudiu a cabeça.

— O marido. É provável que sua carreira desmorone, se os fatos vierem a público. Lady Darlington está longe de ser inocente.

— Você não pode estar afirmando que ela está envolvida no roubo.

— Pense, Watson, pense. Só havia uma chave da galeria. Ela ficava na corrente de relógio de lorde Darlington. Os únicos momentos em que ele não a teria consigo seriam à noite, quando estivesse dormindo. Então sua esposa, e apenas ela, dormindo no mesmo quarto, teria fácil acesso à chave. Ela é a única pessoa que pode ter permitido a entrada na galeria. Embora as circunstâncias sejam improváveis, a lógica sempre fornece certezas.

Lady Darlington ficou assustada ao nos ver e foi com um certo grau de má vontade que nos convidou a sentar à sala matinal.

— Espero que isso não demore muito, cavalheiros. Tenho uma série de compromissos urgentes hoje.

Mal nos tínhamos sentado quando Holmes deu um profundo suspiro de irritação e se pôs de pé em um pulo.

— Perdoe-me, lady Darlington, meu cérebro está um caos hoje. Acabo de me lembrar de um assunto importante do qual tinha me esquecido por completo. É muito urgente que eu remeta um telegrama a respeito de outro caso que está

prestes a ser solucionado. Se a senhora me der licença por um instante, vou providenciar para que o cocheiro do nosso cabriolé entregue a mensagem.

Antes que lady Darlington tivesse a chance de responder, Holmes já saíra correndo da sala.

— Que comportamento extraordinário — observou ela, sentada muito rígida e agarrada à bolsa.

— Estou certo de que meu amigo voltará em breve — retruquei, tão surpreso quanto ela com a súbita partida de Holmes.

— Presumo que o senhor não esteja em condições de me esclarecer qual é o objetivo da visita do sr. Holmes.

— Não de todo — respondi, sem convicção. — Mas tenho certeza de que ele não se demorará mais do que alguns minutos.

Sua Excelência suspirou pesadamente e eu mantive um silêncio constrangido, aguardando o retorno de Holmes. Felizmente, ele cumpriu a palavra e em menos de cinco minutos estava uma vez mais sentado diante da esposa do nosso cliente.

— Agora, sr. Holmes, como o senhor já desperdiçou parte do meu tempo, peço-lhe que seja breve.

— Meu trabalho aqui só tomará pouco tempo, mas pensei que poderia ser melhor consultá-la antes de contar ao seu marido a verdade por trás do desaparecimento e reaparecimento do quadro e do papel representado pela senhora e por seu filho nesse mistério.

Lady Darlington arfou, surpresa.

— Não sei o que o senhor quer dizer com isso.

— Ah, a senhora sabe muito bem — afirmou meu amigo, glacial. — Acabaram-se a farsa e a dissimulação. A senhora não pode continuar a proteger seu filho por mais tempo.

— Sr. Holmes, eu não tolerarei mais as suas tolices. Tenha a bondade de se retirar.

— Eu vou me retirar, sem dúvida, levando comigo a chave.

— A chave?

— Receio ter usado de um pequeno estratagema, agora há pouco. Ao sair da sala, não fui instruir o cocheiro que nos aguarda, como insinuei. Em vez disso, subi as escadas até o quarto do seu filho, onde não precisei de muito tempo para descobrir o esconderijo onde ele ocultou a chave. — Holmes levou a mão ao bolso do colete, como se para recuperar algum objeto pequeno. — A cópia que lhe dá acesso à galeria do seu marido.

O rosto de lady Darlington empalideceu.

— É impossível — protestou ela, agitada, abrindo a bolsinha com um estalo.

— Concordo — disse Holmes, dando um passo à frente e extraindo da bolsa de Sua Excelência uma pequena chave dourada. — Eu lhe contei uma série de mentiras a fim de fazê-la revelar o real esconderijo da chave duplicada. Um simples subterfúgio orquestrado para trazer à luz a verdade.

Diante disso, lady Darlington teve uma crise de nervos e soluçou descontroladamente. Sensibilizei-me com sua óbvia angústia e, impotente, contemplei seu corpo tremendo de desespero, mas Holmes permaneceu

impassível e aguardou até que a senhora se controlasse o suficiente para falar com ele.

— O quanto o senhor sabe? — perguntou ela afinal, secando com o lenço os

olhos lacrimejantes.

— Sei de tudo. Sei que seu filho contraiu uma série de dívidas importantes jogando no Pandora Club. Em um esforço para ocultá-las do seu marido, a senhora, no início, ajudou a pagá-las; mas quando os valores se tornaram grandes demais para suas posses, a senhora ajudou e incentivou seu filho no estratagema de substituir os quadros da galeria de lorde Darlington por

falsificações, enquanto o parceiro de seu filho, lorde Arthur Beacham, vendia os

originais.

— A situação, como o senhor a retrata, é mais condenável do que as

verdadeiras circunstâncias — declarou lady Darlington, recuperando um pouco de compostura. — Rupert é filho do meu primeiro casamento e nunca foi aceito

por Hector, que chegou a negar-lhe as cortesias usuais. Sem dúvida, Rupert nunca recebeu qualquer afeto do padrasto. Suponho que, reagindo a isso, eu tenha sido pródiga em meu amor por ele. Dei-lhe permissões e liberdades que talvez fossem inapropriadas para um jovem teimoso. Faltou-se a orientação e o

controle paternos. Quando ele se tornou amigo de lorde Arthur Beacham, fiquei,

a princípio, contente. Acreditei que a influência de um homem mais velho lhe poderia ser benéfica. Infelizmente, eu não sabia que grande salafrário era o sujeito. A verdade só veio à tona tarde demais, e Rupert já estava completamente

à mercê do seu encanto maléfico. Beacham levou meu filho a atitudes

irresponsáveis. Sim, havia dívidas de jogo que, a despeito das minhas súplicas para que Rupert abandonasse as cartas, só faziam se acumular. Eu sabia que, se

Hector descobrisse, ele o deserdaria e o expulsaria de casa. O que aconteceria com o menino? Como eu poderia deixar que isso acontecesse?

Lady Darlington se interrompeu por um instante, como se esperasse por uma resposta às suas perguntas, embora evitasse nossos olhares. Holmes continuou em silêncio.

— Quando os valores das dívidas se tornaram grandes demais para que eu as saldasse com a minha mesada, Rupert me apresentou o plano dos quadros. Sugerido por Beacham, é claro. Ele conhecia um pintor habilidoso que poderia copiar as pinturas de modo que só um perito seria capaz de identificar e tinha também contatos que poderiam fornecer ávidos compradores para as telas originais. Beacham, é óbvio, pediu uma grande soma pelos seus "serviços". Para minha eterna vergonha, concordei, acreditando que se trataria de apenas um quadro. Uma noite, enquanto meu marido dormia, tirei a chave da galeria de sua corrente e fiz um molde em cera para que uma cópia pudesse ser produzida.

"A substituição da primeira obra não poderia ter sido mais tranquila. A troca foi levada a cabo quando meu marido viajou por dois dias a serviço do governo. Rupert retirou o quadro no início da tarde e voltou na manhã seguinte com a falsificação. Meu marido jamais suspeitou. A aparente facilidade com que o plano foi levado a cabo fez com que Beacham ficasse mais ousado e mais ganancioso. Levou meu filho a maiores dívidas, para que fosse necessária a substituição de outra tela. E assim isso se tornou um processo regular, mais ou menos a cada dois meses."

— Até o fiasco do De Granville, quando a viagem de seu marido à França foi adiada e ele voltou mais cedo do que o previsto.

— Foi ideia de Beacham levar o De Granville. Ele disse que o montante de dinheiro seria ainda maior do que todos os outros, mas que o copista precisaria de mais tempo, por se tratar de uma tela desconhecida. Como o senhor sabe, meu

marido descobriu o desaparecimento do quadro…

Os olhos de lady Darlington voltaram a se encher de lágrimas e ela os secou com o lenço.

— Tanto seu filho quanto Beacham sabiam que seria uma idiotice pendurar a falsificação onde antes havia o original, agora que sua ausência havia sido descoberta. Estavam cientes de que seu marido, como era presumível, chamaria um perito para atestar tratar-se do original.

Lady Darlington assentiu, em silêncio.

— A senhora tem sido uma mulher tola, lady Darlington. Embora possa ter agido com a melhor das intenções para com seu filho, permitiu o desenrolar de uma situação que não poderia deixar de trazer dor e desgraça para os dois homens que a senhora tanto preza.

— Eu lhe imploro que não conte ao meu marido.

— Seu marido é meu cliente. Ele precisa saber. Ademais, não estamos lidando apenas com um desentendimento familiar. Este assunto diz respeito ao roubo de uma série de obras de arte. Dois dos implicados são o filho e a esposa do proprietário, que é um ministro da Coroa. O escândalo é inevitável.

— Agradeço-lhe o fato de a verdade ter sido revelada. Mas desejo contar eu mesma a Hector. É o mínimo que posso fazer para expiar meus pecados. Dê-me um dia, 24 horas, para fazê-lo e também para convencer meu filho a se entregar às autoridades.

Holmes hesitou. Estava um tanto comovido com o sofrimento da mulher.

— Por favor, tenha piedade — implorou ela.

Meu amigo consultou o relógio.

— Estamos nos aproximando das quatro horas. Mandarei um telegrama a

lorde Darlington pela manhã, anunciando que irei visitá-lo às quatro da tarde para lhe transmitir as últimas informações.

— Que Deus o abençoe, sr. Holmes.

Com o desenrolar dos acontecimentos, Holmes nunca fez aquela visita. Na

manhã seguinte, eu desci atrasado para o café da manhã e encontrei meu amigo

afundado em sua poltrona, lendo os jornais. Tinha no rosto uma expressão sombria.

— Prazeres violentos têm desfechos violentos — disse ele, mais para si

mesmo do que para mim.

— Más notícias?

Ele encolheu os ombros.

— O destino entrou em ação e fomos efetivamente dispensados, velho amigo

— foi a resposta, acenando com o papel na minha direção. — Refiro-me a uma

notícia aqui impressa. “Dois corpos foram atirados pelas águas no cascalho abaixo da ponte da Torre de Londres. Estavam amarrados e amordaçados e seus

miolos haviam sido estourados. Foram identificados como lorde Arthur

Beacham e Rupert Darlington, filho do ministro das Relações Exteriores, lorde Hector Darlington”.

— Pelos céus! Que tragédia! O que aconteceu?

— Sem dúvida, trabalho de Alfredo Fellini e seus comparsas. É óbvio que Beacham, em sua frustração quanto à tela de De Granville, tentou, tolamente, fazer passar a falsificação por original para o americano. Sua tramoia recebeu a

habitual justiça dos tribunais de gangues. Rupert Darlington foi visto como parte da conspiração… o que pode muito bem ser verdade. Ah, Watson, Scott tinha razão: “Que emaranhada teia tecemos quando nos pomos a mentir” . [16]

O problema das nódoas roxas

JAMES C. IRALDI

James C. Iraldi (1907-1989) será sempre lembrado como o sherloquiano cuja biblioteca particular serviu como uma das bases para a maior e mais diversificada coleção mundial de materiais relacionados a Sherlock Holmes. Em 1974, Iraldi vendeu à Universidade de Minnesota sua coleção de primeiras edições da Sherlockiana, incluindo cerca de 160 primeiras edições do cânone, bem como memorabilia, fotografias, recortes de jornais e revistas, entre outros.

Aos primeiros e fundamentais volumes de Iraldi se somariam mais tarde contribuições de diversos outros colecionadores, permitindo que o acervo da Universidade de Minnesota passasse de menos de duzentas e mais de sessenta mil peças referentes a Holmes e a Doyle.

Embora nascido na Inglaterra, Iraldi passou a maior parte de sua vida em Nova Jersey e foi membro proeminente dos Baker Street Irregulars, no qual sua investidura, concedida em 1952, foi a de “O soldado pálido”.

Iraldi era também colecionador de obras de Júlio Verne e contribuiu, com alguns outros colaboradores, em uma obra de referência sobre o trabalho do famoso escritor, *The Jules Verne Encyclopedia*, publicada em 1996.

“O problema das nódoas roxas” é um caso não contado anteriormente, insinuado por Watson em “The Adventure of the Missing Three-Quarter”, na qual Holmes diz “e lá estava Henry Staunton, que ajudei a enforcar”. Foi originalmente publicado como panfleto (Culver City, Califórnia, Luther Norris,

1968).

O PROBLEMA DAS NÓDOAS ROXAS

James C. Iraldi

Chegávamos ao final de novembro de 1890 quando recebi um bilhete de Sherlock Holmes, escrito em seu habitual estilo lacônico.

“Interessante problema nas mãos. Espero-o antes do meio-dia. S.H.”

Desnecessário dizer que dei uma folga a meus pacientes e, ansioso, compareci ao encontro marcado. O dia estava chuvoso quando me dirigi, depois de apressados arranjos em casa, ao endereço familiar que havia sido o ponto de partida de tantas das aventuras que eram costumeiras na vida do meu amigo.

Nem mesmo uma perna dolorida, protestando contra a umidade do clima, conseguiu refrear meu entusiasmo quando chamei um cabriolé, preparado para de alguma maneira auxiliá-lo, na medida em que permitissem minhas limitações naturais e meus métodos lentos.

Encontrei Sherlock Holmes sentado junto à lareira, o cachimbo aceso e uma pilha de jornais velhos amassados no chão a seu lado.

— Ah, entre, Watson, entre! — ele exclamou, animado. — Traga a poltrona de vime para perto do fogo e tire de suas pernas o frio sazonal!

Ao mesmo tempo, seus olhos penetrantes e sempre alertas me esquadrinhavam naquela sua característica maneira introspectiva que me era bem familiar.

— Vejo que a sra. Watson está indisposta. Nada sério, espero.

— Não. Um leve resfriado. Aconselhei-a que repousasse por alguns dias —

respondi ao me acomodar na poltrona que ele indicara com o cachimbo. Encarei-o. — Posso perguntar como soube? Você não tem interrogado minha criada, não é?

— Não, não, meu caro Watson — respondeu ele com uma saudável gargalhada que trouxe linhas mais suaves a seus traços sérios e aduncos. — Nunca! Foi uma dedução simples, baseada na mancha de farinha na parte inferior de sua manga esquerda.

Levantei o braço. Era como ele havia dito. Uma fina camada de pó branco ainda aderia ao tecido, apesar do atrito da minha capa de chuva.

— Sua explicação é igualmente obscura — retruquei um pouco irritado, enquanto tentava removê-la. — Não tenho dúvidas de que a conexão entre isto e o mal-estar da minha esposa seja autoexplicativa para uma mente analítica. Como não possuo tal dom e meu raciocínio lógico é um tanto lento…

— Lento não, Watson — interrompeu ele depressa e bastante sério —, apenas pouco desenvolvido no que se refere à dedução entre causa e efeito. Eu já tive ocasião de dizer que você possui faculdades mentais que, embora não fulgurantes, servem para iluminar as qualidades de mentes mais aguçadas. Um dom de modo algum usual, e pelo qual tenho alto grau de consideração, eu lhe garanto.

Sacudi a cabeça, descrente.

— Eu ainda não consigo…

— Você ainda não consegue encontrar o elo entre sua manga e sua esposa?

Mas a inferência é clara. Você com certeza teve uma boa razão para ir à cozinha hoje pela manhã, não teve?

Assenti.

— É verdade. Mas como…?

— É improvável que você tenha se sujado de farinha no seu consultório — disse ele, erguendo o braço em um gesto impaciente. — Por que um clínico-geral inglês adentra os domínios da culinária? Para falar com a cozinheira; para dar instruções para a refeição desta noite… ou, ainda melhor, para sugerir uma refeição adequada para alguém doente. Por que sua esposa não realizou esta típica tarefa doméstica? Porque é ela quem está acamada. Vou me aventurar mais um pouco e acrescentar que é muito provável que você se tenha despedido dela colocando apenas a cabeça para dentro do quarto.

Tinha sido aquilo mesmo. Ao receber a mensagem de Holmes, corri à cozinha para dar instruções à nossa cozinheira, subi depressa as escadas para dizer à minha esposa que estava saindo e me precipitei porta afora sem um olhar sequer para minha roupa.

— Como sempre, você fez tudo parecer absurdamente simples — confessei.

— A dedução final baseia-se no fato de que ela sem dúvida teria reparado na manga do paletó, se eu tivesse estado diante dela antes de sair.

— Com certeza.

— Como você não me mandou aquele bilhete apenas para me dizer que havia farinha em meu paletó, você tem, evidentemente, um inquérito em andamento.

À guisa de resposta, Holmes me atirou um envelope que continha a seguinte

mensagem:

Prezado sr. Holmes,

Tenho uma esplêndida oportunidade para que o senhor empregue seus métodos na identificação do corpo de um homem encontrado no rio, na manhã de ontem. Nenhum sinal de violência. Imaginei que pudesse estar interessado.

Patterson.

— Podemos ter um campo virgem no qual começar nosso inquérito. Os jornais ainda não o noticiaram. O que me diz, Watson? Disposto a unir forças?

Minha hesitação momentânea, por mais rápida que tenha sido, não escapou do seu olhar. Ele franziu a testa.

— Sua esposa?

— Não, não, Holmes, ela ficará perfeitamente bem sem mim.

— Eu posso precisar de um médico.

— Ah, você não precisa ter qualquer preocupação nesse sentido. Irei com você, e, como sabe, com prazer.

— Então por que hesitou ainda há pouco, quando eu o convidei?

— Eu não combinei nada com meu substituto… Na hipótese de o caso se estender.

As sombras desapareceram do seu rosto. Ele sorriu, contente.

— Ah, nesse caso, a solução é bem fácil. Um ou dois telegramas…

E assim foi que, naquele dia chuvoso de novembro, partimos para uma de

nossas investigações mais singulares, jamais imaginando que, antes de a solucionarmos, ela se tornaria uma *cause célèbre [17]* que abalaria toda a Inglaterra.

Fizemos um rápido desvio até a agência dos Correios da Wigmore Street, de onde mandei um telegrama para minha esposa e outro para o dr. Anstruther. De lá, seguimos para a Scotland Yard.

Ao chegarmos, o inspetor Patterson nos cumprimentou com seu jeito austero como de hábito, e sem perda de tempo nos acompanhou até o gelado e úmido necrotério no qual indigentes desconhecidos eram esquartejados antes que seus restos fossem descartados. A um sinal seu, um atendente removeu a mortalha que cobria um dos vários corpos nus deitados sobre as macas ásperas em vários setores do cômodo. Sob nossos olhos revelou-se a forma rígida de um rapaz de vinte e poucos anos, rosto escanhoado, cabelo preto e grosso emoldurando uma testa alta, olhos escuros agora um pouco salientes em suas órbitas, nariz bem proporcionado e lábios carnudos retorcidos em um pavoroso esgar que revelava fileiras regulares de dentes sadios.

Em vários pontos, a pele branca apresentava arranhões, hematomas e pequenas manchas irregulares em um tom de roxo escuro. As contusões e abrasões eram mais evidentes no peito e nos ombros, enquanto as manchas escuras cobriam diversos pontos do tronco e do rosto. A visão daquele corpo silencioso e patético, com sua fisionomia manchada e distorcida, impactou até mesmo meus nervos profissionalmente experientes, mas não afetou meu amigo.

— É provável que estas contusões — observou ele, apontando as partes machucadas — tenham sido feitas na hora da morte, ou muito pouco tempo

depois. Mas estas manchas arroxeadas são muito peculiares. Alguma teoria

quanto à sua causa, inspetor?

Patterson interrompeu o ato de acender um charuto.

— O corpo esteve na água durante grande parte da noite — respondeu,

evasivo. — Pode ter sido jogado pelas correntezas e redemoinhos. Há muitos pilares e postes ao longo de Chelsea Reach, vocês sabem. O cais de Cadogan não

fica muito longe de onde o corpo foi encontrado.

— Há quanto tempo ele está morto?

— O legista determinou cerca de dez horas antes que os ganchos o tirassem da

água. Ele foi encontrado pela polícia ribeirinha por volta das nove horas da manhã de ontem, perto da nova Chelsea Bridge.

— Hmm, isso poria a hora da morte entre onze e meia-noite de segunda-feira

— ponderou Holmes. Em voz mais alta, perguntou: — O legista explicou as descolorações?

— Disse que era provável serem simples arranhões, talvez causados pela

queda no rio.

— Alguma indicação quanto à causa da morte?

— Bem — disse Patterson, cauteloso e com um leve encolher de ombros, —,

ele não quis se pronunciar até depois do inquérito e da autópsia. Não foi encontrada água nos pulmões; mas também não descobrimos qualquer indício de

homicídio. Até agora, o veredicto parece ser morte acidental.

Holmes me lançou um olhar.

— Este é o seu território, doutor. O que me diz?

Um brilho em seus olhos, uma tensão de seu corpo quando falou, foram o bastante para me pôr em guarda. Depois de outro exame cuidadoso, declarei, com prudência:

— Uma queda súbita de boa altura em água fria, com o consequente choque e

medo, pode provocar um ataque cardíaco. Sobretudo em uma pessoa portadora de cardiopatia. — Apontei para o rosto retorcido. — Tais convulsões são por

vezes indicativas de uma morte violenta e dolorosa, que poderia facilmente ter sido causada por uma parada cardíaca.

— Em outras palavras, Watson, o homem pode ter morrido de puro pânico,

antes mesmo de ter batido na água?

— Exatamente — concordei, satisfeito por ele ter aceito minha teoria sem questionamentos. — Isso também explica — concluí com alguma precipitação

— a absoluta ausência de água nos pulmões.

— Mas não as manchas roxas — observou Holmes, em voz muito baixa.

— O legista — aparteou nesse momento o inspetor, em tom irascível — não

as considerou em absoluto sérias, ou de algum modo relacionadas com a morte

do homem. Trata-se de um caso claro de morte acidental provocada por uma queda no rio. A autópsia pode esclarecer esse aspecto. O que gostaríamos de descobrir, antes de maiores investigações, é a identidade do homem. Não há documentos ou identificação pessoal de qualquer tipo entre seus pertences.

Ninguém se apresentou para reclamar o corpo. As listas de pessoas

desaparecidas foram consultadas, mas não há nelas ninguém que corresponda à

sua descrição.

Patterson bufou, exasperado, e depois se virou para encarar meu amigo, que ouvira suas palavras com ávida atenção.

— Talvez seja aí que o senhor pode nos ajudar, sr. Holmes — acrescentou. — Seus métodos científicos podem nos dar uma pista quanto ao ofício ou profissão do homem, ou alguma ideia de sua origem. Algum tipo de indicação que possa nos permitir entrar em contato com seus parentes ou amigos.

Os olhos de Holmes faiscaram. Um leve rubor tingia agora seu rosto. O problema era um desafio: seus métodos analíticos contra o procedimento regular de investigação policial. Sua conduta, agora, era a de um mestre-artesão que encarava pragmaticamente seu trabalho e era requisitado depois que outros menos habilidosos tinham falhado em sua execução.

Ele estava de pé diante do corpo inanimado, estudando-o com rápidos olhares apreciativos. Depois de um minucioso exame das feições retorcidas e manchadas, dedicou-se às mãos firmemente fechadas e, depois, ao resto do corpo. No silêncio interrompido apenas por seus passos rápidos e nervosos, observávamos com tanta atenção seus movimentos que o som de sua voz, agudo e descontente, nos fez pular de surpresa quando ele perguntou:

— Onde estão as roupas dele? Botas?

Patterson estava preparado, e uma pilha de trajes foi rapidamente trazida e espalhada sobre uma conveniente plataforma de trabalho. Uma vez mais, mergulhamos em absoluto silêncio enquanto meu amigo, completamente alheio à nossa presença, rápida e habilmente examinava os pertences do morto. Puxou os bolsos para fora e analisou os resíduos emaranhados pela água e os fragmentos de lã que, em geral, se acumulavam no forro. Nada escapou àqueles olhos perspicazes e brilhantes enquanto ele concentrava sua atenção no casaco e

na camisa, e depois na calça e nas botas. Isso feito, ele se dirigiu ao inspetor da Scotland Yard.

— Foi encontrado um chapéu?

— Não.

— Capa de chuva ou sobretudo?

Patterson voltou a sacudir a cabeça.

— Nada.

Holmes apertou os lábios e, pensativo, balançou a cabeça.

— Compreendo — murmurou, antes de voltar a atenção para os itens encontrados nos bolsos.

Tais itens eram mais ou menos as coisas costumeiras que o homem comum carrega consigo na vida diária: um molho de chaves, algumas moedas, lápis, lixa de unhas, pente, uma carteira molhada que ainda continha algumas notas de papel-moeda encharcadas e um relógio de prata, grande e antiquado.

Holmes pegou-o e analisou-o detidamente. Olhando por cima do seu ombro, pude constatar que se tratava de um daqueles cronômetros de manufatura estrangeira e muitas inscrições, trazendo o nome do fabricante no mostrador em esmalte. Os ponteiros ornamentados haviam parado exatos três minutos depois das duas e meia. Não trazia marcas de golpes ou amassados e evidentemente não sofrera danos além dos provocados pela imersão.

— Isto pode ser interessante, Watson — murmurou ele. — Muito interessante. Observe que está quase intacto. O cristal ainda está em perfeitas condições. —

Ele levantou a cabeça. Havia sinais de entusiasmo reprimido em sua voz quando perguntou: — Este relógio foi aberto, inspetor? Ou os ponteiros movidos ou sua posição adulterada?

— Não, senhor. Está exatamente como quando o retiramos do bolso do colete do homem. Não o consideramos importante. Pode ter parado dias antes, ou o sujeito pode simplesmente ter se esquecido de dar corda.

— O senhor pode ter razão — disse Holmes, com um leve encolher de ombros. — Vejamos o que mais há… Ah! O que temos aqui?

Ele segurava uma peça circular, de uma substância parecida com vidro, de cor amarronzada e com uns 2,5 cm de espessura. Depois de observá-la com ar especulativo por alguns segundos, tirou um pequeno fragmento e reduziu-o a pó entre seus dedos magros e fortes. Levou-o então ao nariz, depois aos lábios. A experiência pareceu satisfazê-lo, porque o vi assentir consigo mesmo, com um rápido brilho no olhar. Holmes voltou depressa ao corpo e reexaminou as mãos do morto. Mais uma vez, assentiu com a cabeça, dando vazão a um grunhido de satisfação. E mais uma vez voltou à plataforma de trabalho, separou a calça e submeteu-a a nova rigorosa inspeção. Quando terminou, vi a luz do triunfo brilhar em seus olhos, quando disse:

— Isso é tudo. Não há mais o que deduzir aqui. — A Patterson, ele perguntou:

— O senhor tem uma sala onde possamos conversar e fumar?

O inspetor fez que sim.

— Por aqui, cavalheiros.

Sem falar, deixamos aquela câmara sombria e o seguimos por um lance de escadas até uma sala pequena que, em comparação, pareceu aconchegante e

alegre embora com poucos móveis e sem quaisquer enfeites.

O inspetor Patterson foi o primeiro a falar, depois de nos instalarmos nas cadeiras e acendermos nossos fumos.

— Bem, sr. Holmes — disse ele —, imagino que não tenha obtido muitos subsídios com suas sondagens.

— Admito que a imersão do corpo, obviamente, roubou-me vários dados sugestivos — respondeu meu amigo, muito calmo. — Posso, no entanto, afirmar com segurança que minhas pesquisas não foram de todo estéreis.

— Então o senhor descobriu alguma coisa a respeito do homem? — replicou Patterson, esforçando-se para ocultar sua surpresa.

— Apenas que era solteiro, com tendências à vaidade em relação à sua aparência pessoal, não fumava e ganhava precariamente a vida tocando violoncelo em algum restaurante da moda. — Holmes fez uma pausa e, devagar, acrescentou:— E foi, sem sombra de dúvida, vítima de um crime.

Patterson teve um sobressalto, visivelmente abalado por aquela inesperada declaração.

— O senhor está dizendo que o homem foi assassinado?

— Estou.

O homem da Scotland Yard tentou recuperar a compostura. Em geral impassível e não se alterando com facilidade, ressentia-se com qualquer revelação inesperada que o obrigava a abandonar sua habitual reserva. Uma nota

de irritação era bastante perceptível em sua voz, quando acrescentou:

— O que o torna tão seguro disso, sr. Holmes?

— Aquelas manchas peculiares, para começar — declarou meu amigo. — E o

estranho comportamento do relógio, meu caro Patterson.

— Não me preocupo muito com aquelas manchas — teimou Patterson. — Se

forem importantes, os médicos nos dirão. Mas o que tem o relógio a ver com isso?

— Pelos dados disponíveis — retrucou Holmes —, o homem morreu por volta

da meia-noite, presumivelmente por uma queda no Tâmisa. É provável que o relógio tenha continuado a funcionar por duas horas e meia após a imersão?

O inspetor, pensativo, tirou o charuto dos lábios, observou-o por alguns

instantes e depois assentiu com sua grande cabeça grisalha.

— Estou começando a ver o que o senhor quer dizer, sr. Holmes. O homem pode ter morrido pelo menos duas horas antes do relógio parar de funcionar.

— Exatamente.

— Isso não nos dá também o momento exato em que o corpo caiu na água? —

indaguei.

— Eu estaria mais inclinado a acreditar que ele foi jogado no rio! — observou

Holmes, ameaçador.

— E nós presumimos cegamente que a diferença entre a hora da morte e a hora registrada por aquele relógio não era importante! — rosnou Patterson, que

olhou para meu amigo e prosseguiu: — Sr. Holmes, se nossas investigações posteriores confirmarem tais deduções, eu jurarei que o senhor é um bruxo.

— E estará errado, Patterson. Minhas deduções baseiam-se em uma série de fatos, cada um deles confirmando o seguinte. O senhor está perplexo com as minhas conclusões porque não está acostumado com a linha de raciocínio que segui para chegar a elas.

— Levarei em conta sua explicação — admitiu o inspetor. — Diga-me, como concluiu que ele era um violoncelista? Pelo cabelo longo? Pelo comprimento dos dedos?

— De modo algum — respondeu Holmes, um sorriso gelado pairando em seus lábios por um instante fugaz. — Deduzi tal fato dos calos nos dedos de sua mão esquerda. Cujas unhas, aliás, estavam muito mais curtas do que as da direita. Observei também o desgaste no punho da camisa, que atrita com o instrumento quando o músico move o braço para chegar às notas mais altas. Em um primeiro momento, estive inclinado a pensar em um violinista, mas o subsequente exame das pernas da calça forneceu-me dados mais corroborativos.

— Em que sentido? — Ao fazer suas perguntas, Patterson não tirava seus olhos cinzentos como aço do rosto grave do detetive.

— O violoncelista — respondeu meu amigo, demonstrando o que dizia com gestos rápidos das mãos e das pernas — segura seu instrumento entre os joelhos, desta maneira. Em um ponto logo abaixo do joelho, na parte interna das pernas da calça, percebi no tecido um nítido desgaste abaulado. Só um violoncelista, cavaleiro, poderia ter feito tal marca!

— Maravilhoso! — exclamou o normalmente imperturbável Patterson. — Inacreditável!

— E garanto, inspetor, que tudo isso é um tanto superficial — comentou

Holmes, depreciando-se. Mas eu podia ver que o elogio de Patterson lhe agradara. — Ademais, ao encontrar a resina…

— Então era disso que se tratava! — exclamou o inspetor, indignado, dando um tapa na própria coxa. — E eu pensando que fosse cola!

— Os senhores viram com que facilidade aquilo se esfarelou entre meus dedos. Cola… admitindo a possibilidade de ter resistido à ação da água e mantido sua dureza… cola nunca se desmancharia daquela maneira. A resina só confirmou minhas primeiras suspeitas. Foi a prova conclusiva de que o homem tocava um instrumento de cordas.

— Que trabalhava em um restaurante, o senhor disse — interpôs o inspetor.

— Por que um restaurante? Por que não poderia ser em uma sala de concertos? Ou em um teatro?

— Pela cera de assoalho nas solas das botas do morto — respondeu o detetive depois de um instante de reflexão. — Não há pisos encerados em salões de música ou teatros.

— Um salão de danças, então?

— O senhor alguma vez viu um violoncelista tocando em um salão de danças, inspetor? Clarinetas e instrumentos de percussão, sim; violinos, talvez, mas violoncelos, raramente ou nunca.

— Não frequento esses lugares, então não saberia — rosnou Patterson. — Mas acreditarei em suas palavras, sr. Holmes.

— Então comece suas buscas por um músico desaparecido entre os melhores cafés elegantes, nos quais a dança não só é permitida, como incentivada. Tais

estabelecimentos não são tão numerosos quanto imagina.

Patterson terminou de fazer anotações em seu grande bloco antes de perguntar ao meu amigo como ele deduzira que o homem era solteiro.

Sherlock Holmes bateu o cachimbo em um cinzeiro.

— O senhor reparou em suas meias? — ele perguntou. — Um homem solteiro tem propensão a negligenciá-las. Mas jamais uma esposa que se preze permitiria que seu marido músico aparecesse em público com buracos nas meias ou botões faltando na camisa e no paletó. Contei nada menos do que três, nas duas peças de roupa.

— Solteiro, sim senhor! — concordou o inspetor, anotando a observação em seu bloco. — E também vaidoso — acrescentou —, se consideramos que aquele pente e o óleo capilar usado por ele servem como indícios. Não é preciso que nos diga como descobriu que o homem não fumava, sr. Holmes. Não havia vestígios de fumo em lugar algum. Nenhum cachimbo, nenhum fragmento solto para indicar que fosse um usuário habitual do tabaco.

Ele fechou o bloco antes de prosseguir.

— Agora, na minha opinião, e esta é apenas uma teoria provisória, veja bem, o pobre-diabo foi assaltado em algum beco ou rua escura, morto e jogado no rio depois que o assassino removeu qualquer identificação dos seus bolsos. Na escuridão, ele não percebeu o relógio…

— E, nesse meio-tempo, a vítima — interrompeu Sherlock Holmes, em tom seco — fez a gentileza de tirar chapéu e casaco para facilitar o trabalho do

assassino?

— Bem, admito que há algumas objeções…

— Várias, na verdade — interrompeu o outro, sacudindo a cabeça. — É muito mais provável que o homem estivesse em um ambiente fechado quando encontrou seu fim. Isso explicaria a falta de trajes de rua, bem como a ausência de documentos pessoais. Quanto ao relógio, não creio que tenha sido ignorado.

— Acha que foi deixado com ele de propósito?

— Acho. O assassino pode ter imaginado estabelecer algum tipo de álibi, caso o crime levasse até ele. Mas é ainda muito cedo para começarmos a teorizar.

— Mais uma pergunta, sr. Holmes. Do que acha que ele morreu?

Holmes interrompeu o gesto de encher o cachimbo. Suas bastas sobrancelhas se arquearam e seus lábios finos se apertaram por um segundo, antes que respondesse:

— O homem morreu pelo efeito de um alcaloide, embora ainda desconhecido, que foi injetado em sua corrente sanguínea. Eu gostaria de, mais uma vez, lhe chamar a atenção para aquelas nódoas roxas, inspetor. Elas são da maior importância.

Ao terminar de falar, ele se pôs de pé.

— Vamos, Watson — acrescentou. — De volta a Baker Street, para uma ou duas cachimbadas sobre o assunto. Há diversos campos de conjectura e especulação à nossa disposição, e valem pelo menos alguns gramas de bom fumo.

E, virando-se para o homem da Scotland Yard, pediu:

— Por favor, mantenha-me informado de novos avanços, sim, inspetor?

Enquanto sacolejávamos em um cabriolé pelas ruas alagadas, abstive-me de fazer a meu companheiro as muitas perguntas que tinha na ponta da língua. Como era de hábito, ele raramente discutia seus casos até ter reunido todos os fatos. Meditando sobre a desagradável cena que havíamos testemunhado, vi-me formulando razões e motivos para um crime como aquele. A carteira de dinheiro intocada e o relógio de prata indicavam com clareza que não poderia ter sido um roubo. Vingança era bem mais provável, mas por que uma maneira tão peculiar de provocar a morte? Não teria o assassino percebido que exatamente aquela singularidade poderia encerrar uma pista para a solução? Teria realmente acreditado que poderia encobrir seus rastros apenas com o uso de um veneno estranho e desconhecido? Um olhar para o meu amigo mudou o rumo dos meus pensamentos.

Holmes, embrulhado em sua capa de chuva no fundo do banco, cachimbo preso entre os dentes, pernas compridas esticadas, pareceu cochilar durante todo o caminho até o 221B. Mas eu, que o conhecia melhor do que qualquer outro homem, sabia que ele estava trabalhando no caso. Sabia que sua mente perspicaz e incisiva já avaliava teorias alternativas, adequando os fatos conhecidos a um padrão claro e conciso. Enfim, paramos diante da porta.

— Há um cavalheiro chamado sr. Edward Morrison à sua espera, sr. Holmes — disse o pajem ao nos fazer entrar. — Está aguardando há meia hora, senhor.

Holmes me lançou um olhar rápido e significativo. Ele não gostava de

acumular casos e percebi que, naquele momento, a ideia de outro trabalho o irritou. Subimos depressa.

Nosso visitante levantou-se ao entrarmos. Holmes, no mesmo instante, desculpou-se por estar atrasado e desapareceu em seu quarto. Tirei minha capa de chuva, tentando avaliar aquele rapaz magro enquanto procurava deixá-lo à vontade com uma ou duas frases polidas. De cabelos claros, aparentava estar no fim dos vinte anos. O terno escuro que usava parecia acentuar a palidez de sua pele. Não se tratava, porém, de uma palidez doentia, mas daqueles que passavam grande parte do tempo em ambientes fechados. Seu sorriso era agradável, embora linhas de preocupação fossem visíveis ao redor dos claros olhos azuis.

Eu estava a ponto de fazer algum comentário banal a respeito do tempo quando Holmes reapareceu, amarrando o velho robe em volta do corpo aprumado e magro, o olhar penetrante estudando o outro, que se apresentava.

— Diga-me, sr. Morrison — perguntou, depois de terem se acomodado —, o senhor não acha um instrumento de sopro um tanto desgastante para alguém que, evidentemente, não é muito robusto?

Holmes raras vezes deixava passar uma oportunidade de impressionar seus clientes com seus poderes de observação e dedução. Gostava de surpreendê-los com a exibição do seu admirável talento ao fazer rápidas e analíticas descrições de seus hábitos, características ou profissões. Naquele momento, mesmo habituado aos extraordinários dons do meu amigo, confesso ter partilhado a perplexidade do sr. Morrison. Nosso novo cliente, surpreso, só conseguiu encará-lo, antes de perguntar:

— Mas como o senhor foi capaz de adivinhar isso, sr. Holmes? Ninguém poderia…

Sherlock Holmes interrompeu-o com um gesto. O rápido sorriso de prazer que viera a seus lábios desapareceu e um vinco se formou em sua testa.

— Meu rapaz — disse ele, em tom severo —, eu nunca adivinho! Isso é destrutivo para a capacidade dedutiva e repugnante para o raciocínio analítico treinado. Baseio minhas inferências em uma cadeia de raciocínio oriunda da aparência das coisas.

Então parou para acender o cachimbo com um carvão incandescente, antes de continuar:

— Os elos da minha cadeia foram forjados, sr. Morrison, pela observação de seu lábio inferior e do seu polegar direito. Em seu lábio, observei a camada de pele adicional lá deixada pela boquilha. E, quando apertamos as mãos, senti nitidamente a calosidade na parte superior da articulação do seu polegar.

Virando-se para mim, ele continuou a explicação:

— Tais sinais são indicativos de um tocador de clarinete. A lesão no lábio nos dá a primeira pista, e o calo no polegar é causado pelo peso do instrumento que repousa sobre o dedo.

Seu bom humor voltou à medida que observava com olhos divertidos nossas expressões de surpresa e ouvia nossas exclamações elogiosas. Ele, agora, se aninhara confortavelmente no fundo de sua poltrona preferida, e fumava seu cachimbo com satisfação e abandono, pernas esticadas em direção ao fogo.

Em tom meditativo, acrescentou.

— Tenho brincado com a ideia de revisar minha monografia sobre “A

influência de um ofício” para incluir um parágrafo relativo às marcas indeléveis deixadas por instrumentos musicais nas mãos e nos dedos de seus intérpretes. Mas, é claro — acrescentou de imediato —, isso não precisa ser feito agora.

Ele encarou o rapaz.

— Sr. Morrison, este é meu amigo e colega, dr. Watson. Fique à vontade para discutir seu problema diante dele. De que maneira lhe posso ser útil?

— Investigando com discrição o atual paradeiro de um dos meus amigos — respondeu o outro, após uma leve hesitação, passando nervosamente a língua nos lábios e exibindo outros sinais de constrangimento e inquietação.

— Com discrição? — repetiu Holmes, franzindo as sobrancelhas.

— Há uma mulher envolvida, senhor. Uma mulher casada.

— Mas por que vir a mim? — Não havia como não perceber a rispidez no tom do meu amigo, uma franqueza que evidenciava sem sombra de dúvida a repugnância pelo tipo de inquérito evocado pela resposta de Morrison. — No momento, estou extremamente ocupado e não posso me sobrecarregar com o que pode ser apenas um caso de amor ilícito. Por que não vai à polícia? Eles estão muito mais equipados para se ocupar de tais assuntos.

— A polícia não é discreta, senhor.

Sherlock Holmes, zangado, se remexeu na poltrona.

— Há diversas agências de detetive na cidade que teriam muito prazer em mergulhar em assuntos tão pouco éticos. E com uma discrição digna de coisas melhores. Eu sugeriria que o senhor procurasse uma delas.

Mas Edward Morrison, demonstrando uma determinação que me surpreendeu,

recusou-se a aceitar a rejeição de Holmes. Era evidente que, por trás daquele exterior sensível, havia um núcleo de firmeza, uma vontade de ser ouvido.

— O senhor me desculpe, sr. Holmes — declarou ele —, por insistir que o senhor se ocupe deste caso. Talvez eu não o tenha apresentado com muita clareza. É um assunto delicado que, em mãos inadequadas, pode trazer à tona as revelações que temo.

Ele passou a mão pálida e de dedos longos pela testa e depois prosseguiu, obstinado:

— Entretanto, ansioso como eu estou para evitar um escândalo e receando cometer o que pode muito bem ser uma imperdoável violação da lealdade a um amigo, não posso me sentar de braços cruzados sem fazer algum esforço para descobrir o que houve com ele.

— Sua lealdade é muito louvável, meu caro sr. Morrison — observou Holmes, irônico —, mas por que o senhor está tão ansioso para proteger a honra de um homem que demonstrou tanta falta de princípios e desrespeito pelo código moral segundo o qual vivemos?

Nosso visitante não respondeu. A própria imagem do desânimo, manteve os olhos no tapete gasto, parecendo constrangido e pouco à vontade, sem levantar a cabeça.

Holmes se virou na poltrona.

— Ora, por favor, senhor! — disse ele, a voz estridente de irritação. — O senhor quer mesmo que eu acredite que sua única preocupação é o atual paradeiro do seu tolo amigo?

A voz de Morrison estava contrita quando ele voltou a falar.

— Perdoe-me, sr. Holmes, por tentar ocultar um assunto pessoal. Veja o senhor, estou comprometido com a srta. Geraldine Foote, irmã do homem desaparecido. Como o senhor corretamente deduziu, minha preocupação é menos por ele do que pela sua família. Trata-se de gente de bem e eu não os magoaria desnecessariamente por nada neste mundo.

Ele fez uma pausa, e depois um gesto de súplica.

— O senhor não compreende por que não ouso ir à polícia? Seria arrastar todo o vergonhoso caso para as páginas dos jornais.

— Hmm — murmurou Holmes, desacelerando um pouco. — Isso muda a complexidade das coisas. — Depois, mais rápido, acrescentou: — Mas não vejo o que pode ser feito para evitar o escândalo resultante, caso se descubra mais tarde que essa pessoa… qual é o nome? Foote?… tiver fugido com a esposa de outro homem. Um comportamento tão deplorável não pode ser tolerado nem mantido em segredo.

Nesse instante, Morrison estava prestes a falar, mas um gesto do detetive fez seus lábios se fecharem.

— Para o bem de sua família, contudo, investigarei o assunto e me esforçarei para rastreá-lo. Mas é preciso que fique bem claro que meus serviços terminarão aí e que não ficarei no caminho de qualquer reparação justificável que possa ser exigida por aqueles a quem ele ofendeu.

Holmes apanhou seu bloco.

— Agora, sr. Morrison — continuou, em tom ainda rápido e profissional, mas menos áspero —, forneça-me alguns dados pertinentes. Primeiro, onde mora o seu amigo?

— Na Dean Street, no Soho.

— Com a família?

— Não, senhor. Vive sozinho, em um quarto mobiliado. Seus parentes vivem em Dorsetshire. Nós os visitamos todos os anos, nas férias de verão.

— O senhor saberia o nome da proprietária do imóvel?

— Sei. Tive ocasião de visitá-lo algumas vezes. Seu nome é sra. Ferrucci, uma italiana…

— Sem dúvida. Poderia descrever o sr. Foote?

— Com facilidade. Eu o conheço há muitos anos. Ele tem agora 26 anos de idade, mede 1,75m de altura e pesa cerca de 75 quilos. Seu cabelo é castanho-escuro, grosso e ondulado e ele não tem barba ou bigode.

— Nenhuma cicatriz ou qualquer outro sinal que o identifique?

— Não que eu tenha conhecimento, sr. Holmes. — Um leve sorriso pairou em seus olhos angustiados quando nosso cliente acrescentou: — Ele é considerado bastante atraente por muitas senhoras.

— Tal descrição — comentou Holmes, seco — caberia em grande número de homens. Há quanto tempo ele está desaparecido?

— Desde a noite de segunda-feira, quando foi chamado…

— Segunda-feira à noite? — repetiu Holmes depressa, em um novo tom, uma

crescente inflexão de interesse agora evidente em sua voz. Sua atitude mudara de

repente. Até então apáticos e desinteressados, seus traços assumiram intensa concentração àquele ponto do interrogatório. Ele mudou bruscamente sua linha de questionamento e perguntou: — Seu amigo é músico como o senhor, sr.

Morrison?

— Sim, senhor, ele é. Mas não compreendo como o senhor poderia saber

disso, sr. Holmes, eu não…

— Que instrumento ele toca? — interrompeu depressa a voz macia do meu amigo.

Embora cheio de entusiasmo, o tom era bem controlado. Mas eu podia sentir o

suspense oculto nas profundezas.

— Violoncelo. Tocamos na mesma orquestra.

Sherlock Holmes se pôs de pé em um pulo, olhos faiscantes, o rosto agora rubro.

— E eu pensei que fosse coincidência, Watson — exclamou ele, a voz

estridente. — Uma coincidência o fato de serem ambos músicos! Demorei a

conectar os dois homens, fui por demais lento, mas meu lapso não provocou dano algum.

Ele se virou bruscamente para nosso perplexo visitante, que testemunhara a repentina metamorfose de um corpo abatido envolto em um roupão velho e

reclinado em uma poltrona para um verdadeiro furão em forma humana,

andando rapidamente de um lado para outro, gesticulando, falando depressa e fazendo perguntas.

— Sr. Morrison, o senhor estava dizendo que na noite de segunda-feira, que vem a ser anteontem, seu amigo foi chamado. Onde isso ocorreu? No

estabelecimento no qual ambos trabalham?

— Sim, senhor.

— Que é?

— O Café Continental Henri Dumont’s, na Shaftsbury Avenue. Tocamos concertos e música para dançar, das seis à meia-noite.

— Compreendo. O senhor consegue lembrar em que circunstâncias chegou tal chamado para o seu amigo? Por favor, tente se lembrar de tudo o que há em conexão com o fato. Tudo pode ser de extrema importância.

— Foi durante a pausa, após a ceia. Estávamos jantando, refeição que o Café nos fornece, mesmo não nos pagando um salário muito generoso, quando um dos funcionários do salão veio à nossa mesa com uma mensagem para Arnold… para o sr. Foote.

— O senhor não faz ideia do conteúdo desse bilhete?

— Nenhuma. Mas lembro que Arnold pareceu um tanto abalado depois de lê-lo.

— Ele saiu na mesma hora?

— Não, senhor. Primeiro, ele foi até nosso chefe de orquestra, sr. Orlando. Mais tarde, o sr. Orlando nos disse que Arnold lhe pedira permissão para sair, dizendo que alguns assuntos muito urgentes requeriam sua atenção imediata.

— E tal pedido foi concedido?

— Foi, mas somente após uma acalorada discussão entre os dois. Veja bem, sr. Holmes, nós somos apenas cinco e, em uma banda tão pequena, cada um de nós

é indispensável. Mas Arnold jurou que voltaria a tempo para a última dança.

Morrison se interrompeu e, com tristeza, sacudiu a cabeça.

— Promessa que nunca cumpriu. Foi a última vez que o vi.

— E a que horas tudo isso aconteceu?

— Por volta das dez e meia, senhor.

Holmes absorveu tudo aquilo em silêncio, por algum tempo. Quando voltou a falar, seu tom era casual.

— O senhor consegue lembrar se, ao sair, seu amigo estava de casaco e chapéu?

— Eu não o vi sair. Mas quando fomos para casa naquela noite, suas coisas não estavam no lugar de costume.

— Podemos então deduzir que ele os estava usando.

Holmes esfregou as mãos, um leve esgar de satisfação surgindo em seu rosto.

Para mim, tornava-se evidente que ele ainda não tinha intenção de contar ao nosso visitante os verdadeiros fatos relacionados ao desaparecimento de Arnold Foote. Confesso ter sido incapaz de, naquele momento, compreender suas razões para aquela aparente falta de sensibilidade. Holmes, ainda que frio e nada emotivo, não era insensível ou cruel. Mantive, entretanto, um silêncio discreto, sabendo que as atitudes do meu amigo, por mais incompreensíveis que fossem para alguém de fora, viriam a se revelar justificadas.

Holmes voltou a apanhar suas anotações e um lápis.

— Agora, sr. Morrison — disse ele —, o que pode nos dizer a respeito da mulher em questão?

— Receio que muito pouco. Arnold me falava dela com frequência. Sua

experiência com mulheres era bastante extensa, mas essa pessoa em especial parecia tê-lo fascinado muito mais do que qualquer outra.

— Então o caso já dura algum tempo?

— Bem mais de um ano, pelo menos, senhor.

— O senhor chegou a ter ocasião de conhecê-la?

— Não. Embora ele me pedisse para acompanhá-lo sempre que desejava

escolher para ela algum presente ou lembrança, o fato de eu ser íntimo de sua família, como era, tornava-o naturalmente reticente e reservado no que dizia respeito a ela.

— Então o senhor não pode nos dar qualquer tipo de informação relativa à sua

aparência, idade, altura… qualquer coisa que nos possa ajudar a identificá-la ou

localizá-la?

— Tudo o que lhe posso dizer, sr. Holmes, é que ela tem cabelos castanho-claros, é mais alta do que a média, tem mãos e pés muito pequenos, é

excessivamente afeiçoada a joias, possui trajes muito elegantes e é dois ou três anos mais velha do que o próprio Arnold. E, a crer em sua entusiasmada descrição, deve ser extremamente atraente.

— Perfeito, meu caro sr. Morrison! — exclamou meu amigo, sentado muito

ereto em sua poltrona, as bastas sobrancelhas erguidas em sinal de alegria e surpresa. — O senhor é um cliente modelo, dotado de uma memória excepcional

para os detalhes!

Meu rosto devia espelhar com muita clareza a perplexidade que me invadiu ao

ouvir tal descrição vinda de um homem que havia declarado nunca ter posto os

olhos naquela mulher. Mas Holmes, rindo da minha expressão, explicou com facilidade o que acontecera.

— O sr. Morrison está apenas repetindo algumas frases ditas pelo amigo. Quanto aos outros detalhes, não mencionou o nosso jovem e sagaz amigo ter acompanhado diversas vezes Arnold Foote em suas saídas destinadas a escolher presentes para a encantadora criatura? Estava, assim, habilitado a obter uma imagem bastante precisa dos gostos da mulher, sua altura, tamanho das luvas e aparência geral.

Edward Morrison concordou com a cabeça.

— Esteja certo de que isso nos pode ser útil — continuou o detetive. — O senhor sabe onde reside essa pessoa, sr. Morrison? — perguntou, voltando à seriedade.

— De diversas observações feitas por Arnold em várias ocasiões, depreendi que ela mora em algum lugar em Chelsea.

— Chelsea? — os olhos de Holmes faiscaram. — Esplêndido! Seu amigo chegou a mencionar o marido?

— Raramente, senhor, e apenas de forma indireta. Tal assunto lhe era, claro, bastante desagradável.

— Agora, sr. Morrison, quero que pense com muito cuidado antes de responder à minha próxima pergunta. Que é: Arnold Foote sabe se o marido está ciente dessa relação ilícita?

Morrison teve um visível sobressalto e então, lento e pensativo, assentiu com a cabeça.

— Tenho boas razões para acreditar que sim — respondeu em voz muito baixa.

Os ombros de Holmes se retesaram de modo quase imperceptível.

— O que o faz pensar assim, sr. Morrison? — ele perguntou.

Ao responder, os olhos do rapaz, melancólicos, estavam fixos no tapete.

— Há algum tempo, Arnold vem se mostrando deprimido e preocupado. Nenhum questionamento suscitou qualquer resposta, mas eu podia ver que alguma coisa o perturbava. Uma noite, creio que há mais ou menos uma semana, enquanto caminhávamos de volta para casa, ele murmurou algo sobre “pisar em gelo muito fino” ou coisa semelhante. Então disse estas palavras, das quais me lembro com clareza: “Teddy, eu acho que o velho está desconfiado.”

— Ele não esclareceu tal afirmação? — perguntou Holmes.

— Não. Nesse momento, tínhamos chegado à esquina de Dean Street, onde ele mora, e ali nos despedimos.

— E desde então ele não fez qualquer outra alusão ao tema?

— Nenhuma.

O detetive mergulhou em silêncio, e por vários minutos nenhuma palavra foi trocada. Ao voltar a falar, foi para perguntar:

— O senhor tem algo mais a acrescentar, que nos possa ser útil?

Morrison sacudiu a cabeça.

— Receio que não, senhor.

Algo no modo como meu amigo removeu as cinzas do seu cachimbo e começou a enchê-lo com lenta determinação me alertou para o fato de que estava a ponto de revelar a trágica notícia. Aguardei o comunicado com as sobrancelhas contraídas.

— Sr. Morrison — disse ele —, lamento profundamente a necessidade que me obrigou a ocultar as notícias até agora. Minhas próximas palavras irão chocá-lo, assim receio. Mas precisam ser ditas. Seu amigo Arnold Foote está morto.

O rosto magro do nosso visitante empalideceu terrivelmente enquanto ele, atordoado, encarava os traços graves de Holmes com franca incompreensão.

Seus olhos abatidos iam de Holmes para mim com tanta emoção e tristeza que quase me pus de pé, acreditando que ele pudesse sofrer um desmaio. Mas ele se recuperou de imediato pois, quando falou, sua voz, embora baixa, estava firme e controlada.

— O senhor tem certeza disso, sr. Holmes? Absoluta certeza?

Holmes assentiu, sério.

— Tanta quanto estou de que ele foi vítima de um crime.

— Assassinado? — Os lábios pálidos de Morrison mal se moveram quando ele pronunciou essa palavra.

— Sim, ele foi assassinado — repetiu meu amigo —, e foi para facilitar nossa investigação que o interroguei antes de lhe revelar o fato de que ele estava morto.

Morrison estremeceu, sem levantar a cabeça que havia ocultado entre as mãos,

e permaneceu em silêncio enquanto o detetive continuava, em tom gentil:

— Então o senhor compreende, meu caro sr. Morrison, que de nada adiantarão seus bem-intencionados esforços para poupar seus parentes de um sofrimento desnecessário.

O rapaz levantou o rosto devastado.

— Como ele morreu? — perguntou.

— Temos boas razões para suspeitar de que ele foi envenenado — começou o detetive.

— Então foi ela… ela deve ter feito isso! — ele exclamou, os olhos arregalados e cheios de fúria. — Eu lhes digo que foi ela!

Então parou e sacudiu a cabeça, murmurando:

— Mas por quê? Pelos céus, por quê?

— É o que estamos tentando descobrir — respondeu Holmes, sóbrio. Em tom mais firme, continuou: — Agora, meu senhor, recomponha-se. A justiça está em dívida para com a vida do seu amigo. O senhor deve fazer o possível para nos ajudar a levar seu assassino ao banco dos réus.

— Tem razão, sr. Holmes. Lamento ter agido como um tonto. Diga-me se há algo que eu possa fazer…

— Ah! Assim é bem melhor — disse Holmes. — O senhor compreende, é claro, que o caso é agora assunto policial e não pode ser mantido em segredo ou omitido por mais tempo. Aconselho-o a ir de imediato à Scotland Yard e relatar

oficialmente tudo o que nos contou. É também provável que lhe peçam para ser testemunha no inquérito e sem dúvida o chamarão para cumprir com o desagradável dever de identificar o corpo.

Edward Morrison, trêmulo, ficou de pé.

— Farei como disse, sr. Holmes.

Com um leve aceno de cabeça, ele apanhou sua capa de chuva e, triste, se despediu.

Depois da partida do nosso desolado visitante para cumprir sua penosa missão, Holmes continuou a fumar em silêncio por vários minutos. Eu ficara um tanto chocado com sua fria e deliberada falta de consideração e ensaiava algumas palavras cuidadosamente escolhidas quando ele, como de costume, invadiu sem preâmbulos os meus pensamentos.

— Concordo plenamente com você, Watson. Foi cruel, mas, acredite, necessário. Não sou assim tão desprovido de sentimentos para espezinhar a suscetibilidade de uma pessoa sensível sem um bom motivo. No entanto — continuou ele naquele tom dogmático que às vezes assumia —, o sentimentalismo não tem lugar nos recessos de um cérebro analítico. Ele interfere com as ferramentas finamente temperadas por ele usadas. Anula seus melhores esforços.

Assenti, pensativo. Recordava as palavras ditas por Stamford, alguns anos antes. “Não por crueldade, apenas por espírito investigativo.”

— Fosse qual fosse a opinião do jovem Morrison a respeito das atitudes do amigo — continuou ele, taciturno —, seria difícil esperar que fornecesse

respostas esclarecedoras às minhas perguntas caso já tivesse a mente atordoada pela notícia do fim trágico de Foote. Em tais momentos, os mortos influenciam os vivos.

E, lembrando-me da reação do jovem, fui obrigado a concordar com sua realista explicação. Até certo ponto apaziguado, e ansioso para mudar o tom da conversa, perguntei:

— Você acredita que a mulher causou a morte dele? Que ela o envenenou?

Holmes se pusera de pé e, irrequieto, andava de um lado para outro, tragando o cachimbo, as mãos entrelaçadas às costas. Em resposta à minha pergunta, sacudiu a cabeça.

— Não, não acredito. — Então parou e refletiu. — Acho que compreendo seu ponto de vista, Watson. Você está associando minha observação a respeito do alcaloide usado com o surto um tanto histérico de Morrison ao acusar a mulher.

Assenti.

— Parece bastante conclusivo, Holmes, que… por qualquer motivo, a mulher tenha resolvido se livrar do amante, e por isso o tenha envenenado.

Holmes não respondeu de imediato à minha observação, mas retomou os passos nervosos, imerso em pensamentos e, sem dúvida, repassando em sua mente os dados que recolhera do nosso recente visitante. Por fim, voltou à poltrona.

— É muitas vezes um erro — disse ele — querer descarregar antes de ter recolhido quantidade suficiente de informação. Teorizar antes da obtenção de todos os fatos pode induzir a erros. Não digo que sua teoria seja falha; venenos

são a lendária arma de mulheres assassinas, mas isso não implica que o sexo frágil tenha tal monopólio. Se tivéssemos que lidar com um tipo comum… arsênico, antimônio, estricnina… qualquer uma das cerca de meia dúzia de substâncias de uso medicinal ou comercial, eu tenderia a concordar com você. Mas aqui não se trata de um alcaloide banal.

Conhecendo o pendor do meu amigo pelo dramático em vez do prosaico, aventurei-me em um discreto protesto, sugerindo que talvez algo menos extravagante pudesse ter sido usado.

Sua retaliação foi brusca e contundente.

— Os sintomas eram inconfundíveis para o olho treinado de um toxicologista. Transmitiam com clareza todas as indicações de um agente tóxico que, quando injetado na corrente sanguínea, provoca manchas escuras na pele. Ainda não tenho todos os dados, Watson, mas vou obtê-los! Preciso deles — continuou, determinado — para poder saber com quem estamos lidando.

— De quem você suspeita? Do marido?

— Ainda é muito cedo para tirar conclusões que descobertas posteriores poderiam facilmente descartar, mas há uma grande probabilidade de que tal suspeita se sustente.

— Talvez — opinei — em um momento de raiva e ciúme cegos, ela possa ter…

— Não, Watson — interrompeu ele. — Quem quer que tenha matado Foote agiu depois de reflexão e preparação. Não foi um crime cometido em um acesso de raiva selvagem, e sim algo cuidadosamente premeditado.

— E, no entanto — insisti —, um homem ciumento, conhecedor da infidelidade de sua esposa, poderia muito bem ter cometido tal crime…

Parei. Um novo pensamento gelou meu coração.

— Holmes! — exclamei. — Se suas suspeitas tiverem fundamento e o marido for o assassino, essa mulher pode estar correndo um perigo enorme. Ele pode…

— Talvez já o tenha feito — interrompeu Holmes, o mesmo pensamento lhe ocorrendo no mesmo instante. Seria impossível alguém se enganar com o tom sinistro de sua voz.

— Então você acha que ela já está morta?

— O que mais se pode pensar, homem? A morte de Foote ocorreu provavelmente na noite da última segunda-feira. Hoje é quarta. Por que ela não apareceu? Por que escolheu o silêncio?

— Talvez não saiba que o amante está morto.

— É bem possível — respondeu ele, levantando-se e começando a tirar o robe. — Mas muito improvável.

— Você vai sair?

— Vou, Watson, mas gostaria que você ficasse aqui. Espero novidades no caso e, com você garantindo a segurança do forte, fico tranquilo me ausentando por mais ou menos uma hora.

— Onde você vai, Holmes? Ao tal Café-alguma-coisa?

— Ao Café Continental? Não. Primeiro, vou passar no Museu Britânico. Depois pretendo fazer uma visita à proprietária do apartamento de Arnold

Foote… como era mesmo o nome? Ah, sim, Ferrucci. Posso descobrir um ou dois fatos relevantes antes que os cães de caça da Scotland Yard comecem a latir em Dean Street.

Enquanto falava, ele atravessou a sala para desaparecer em seu quarto e aguardei até que voltasse, amarrando o cinto da capa de chuva, antes de perguntar:

— O que espera encontrar, Holmes?

— No Museu, informações. Em Dean Street, a mulher, ou pelo menos alguma pista de sua identidade.

Ele parou à porta e, pensativo, acrescentou:

— Em algum lugar, ao longo de minhas múltiplas leituras, tive a sorte de me deparar com uma ínfima alusão a um veneno que deixa manchas na pele de suas vítimas. Preciso tentar encontrar tal referência, Watson. Uma nódoa arroxeada…

Ele ainda repetia mecanicamente essa expressão quando a porta se fechou.

Olhei pela janela até meu amigo desaparecer dentro de um cabriolé, depois me voltei para os jornais da tarde que o fornecedor de Holmes entregara naquele meio-tempo. Pela primeira vez publicavam-se referências à identificação do corpo de Arnold Foote (“graças à perspicácia e astúcia do inspetor Patterson e seus hábeis assistentes”). Especulações estavam sendo feitas quanto à causa da morte, motivos e possíveis culpados, mas nenhum dado novo viera à tona e a qualquer momento poderiam surgir outras informações. Um artigo no *Standard*, porém, revelava que o primeiro veredicto de morte acidental teria sido alterado à luz de recentes descobertas. Baseadas na autópsia, que sem dúvida geraria uma acusação de homicídio doloso por uma ou várias pessoas desconhecidas. Que o

caso começava a interessar à imprensa ficou provado quando as edições vespertinas foram trazidas, depois das quatro da tarde. Li todas, ansioso, esperando descobrir alguns novos detalhes que pudessem ajudar meu amigo em suas investigações. Mas continham apenas novas versões das notícias anteriores, e minha busca foi infrutífera.

Passei mais uma hora consultando os volumosos anuários e casos indexados do meu amigo. Revi casos antigos visando futuras publicações — sujeitas à aprovação dele, claro. Conversei sobre os velhos tempos com a sra. Hudson que, enquanto isso, me preparou gentilmente um bule de seu excelente chá. Apenas bem depois das cinco da tarde, quando eu já começava a me preocupar e a fumar, impaciente, foi que Billy subiu, com um telegrama para mim. Era de Holmes:

“Terra à vista! Encontre-me no Goldini às seis.

S.H.”

Não era novidade para mim que Holmes empregasse termos marítimos durante um caso. Aquilo só poderia ter uma interpretação: o jogo chegava ao fim. Suas pesquisas não haviam sido infrutíferas.

Meu amigo já estava à mesa quando cheguei ao restaurante. Minhas perguntas ansiosas relacionadas às suas atividades caíram em ouvidos moucos. Indicando-me a cadeira com um gesto, ele se contentou em dizer rapidamente:

— Tomei a liberdade de pedir o seu jantar… e uma garrafa de Chianti. Aproveite-os, teremos tempo suficiente para analisar os fatos mais tarde.

Obedeci com entusiasmo, porque estava faminto e, devo confessar, aliviado por poder trocar, ainda que por apenas uma hora, aquele caso obscuro por algo

quente e estimulante.

Em diversas vezes, tive ocasião de observar uma das características mais marcantes de Holmes, que lhe permitia afastar por completo a mente do caso sob investigação e conectá-la com a inesgotável fonte de fatos e historietas armazenadas em sua invejável memória. Os tópicos espirituosos daquela noite, se bem me lembro, versaram sobre a descoloração dos antigos violinos de Cremona, o campo dos primeiros instrumentos musicais e a composição de intrincados criptogramas aos quais ele ocasionalmente dedicava parte do seu tempo de lazer no Museu Britânico.

Quando saímos, a chuva havia parado, mas uma névoa úmida cobria as ruas enquanto, devagar e em silêncio, caminhávamos de volta a Baker Street. Eram quase oito horas quando chegamos aos nossos velhos aposentos e a luz, fluindo brilhante através da neblina, nos advertiu que tínhamos visita.

Tratava-se do inspetor Patterson e a visão de sua figura robusta e familiar nos devolveu à mente, com nitidez, o trágico caso que nos assombrara durante todo aquele dia.

— Alegra-me ver que o senhor não nos espera há muito tempo, inspetor — disse Sherlock Holmes, animado, jogando a capa de chuva molhada sobre uma cadeira e colocando o chapéu em cima do console da lareira.

— Sua governanta lhe disse?

Holmes abriu um sorriso e sacudiu a cabeça.

— Deduzi pelo tamanho do seu charuto. Entretanto — continuou ele, a expressão já séria —, não percamos tempo com brincadeiras. Só assuntos

importantes poderiam tê-lo trazido até aqui em uma noite tão deprimente. Do que se trata, inspetor? O senhor encontrou a mulher? Aconteceu outro

assassinato misterioso?

Patterson, maravilhado e perplexo, sacudiu a cabeça.

— Há ocasiões, sr. Holmes — confessou ele —, que me inclino a acreditar que o senhor lê pensamentos.

— Então *houve* outro assassinato? — perguntou Holmes, erguendo o corpo da

poltrona na qual estava prestes a se sentar.

Patterson assentiu, soturno.

— Uma mulher?

— Pois é, senhor. Uma jovem e bela mulher, mas tola…

— Cujo corpo — interrompeu Sherlock Holmes — está coberto por uma série

de nódoas roxas, similares àquelas encontradas no cadáver do falecido

violoncelista Arnold Foote?

— Meu caro Holmes! — gaguejei.

— Eu disse que o senhor lia mentes — resmungou Patterson.

— Quem é essa mulher? — rebateu Holmes, rápido, imune aos nossos

comentários. — Qual é o nome dela?

— Ela era conhecida no número 134 de Oakley Crescent como a sra. Henry

Staunton… — começou o inspetor.

— E no 14 de Dean Street? — Os olhos do meu amigo faiscavam de

entusiasmo.

— Como sra. Arnold Foote — respondeu Patterson, encarando-o com ar astucioso. — Pensei que o tínhamos ultrapassado nessa, sr. Holmes!

— Uma criança poderia ter seguido esse caminho, depois do testemunho de Morrison. Imagino que a governanta de Foote a tenha identificado.

— Sem qualquer hesitação!

— Então o caso está encerrado — disse Holmes, voltando a afundar na poltrona com um suspiro de desapontamento.

No que lhe dizia respeito, seu trabalho terminara. Eu podia afirmar, pelo seu tom de voz e atitude, que todo o seu interesse no caso evaporara.

— Não, sr. Holmes, o caso não está encerrado — corrigiu o homem da Scotland Yard.

— O senhor só precisa prender o marido da mulher. Não é mais do que óbvio que seja ele o homem? — A voz de Holmes, seca e irritadiça, revelava sua impaciência com a teimosia do outro.

— Até aí, concordo com o senhor. Na verdade, ele está sendo procurado para um interrogatório. Mas, ainda assim… — Ele parou, atrapalhou-se com o charuto, examinando com olhos ansiosos o austero e grave rosto do criminologista.

— Vamos, inspetor, fale de uma vez! — pressionou meu amigo em tom incisivo. — Há algum aspecto do caso que precise ser esclarecido?

Patterson, pensativo, mastigou e mordeu o charuto antes de falar. Quando o fez, foi evasivo:

— Aquelas deduções muito claras que o senhor fez hoje pela manhã, no necrotério. Acertou na mosca. Morrison corroborou cada uma delas.

Sempre suscetível aos elogios quando se tratava do seu trabalho, Holmes se acalmou visivelmente. Encorajado, o inspetor continuou:

— O senhor insinuou também que sabia alguma coisa a respeito do veneno que provoca nódoas arroxeadas usado pelo assassino. Pelo menos, assim me levou a pensar quando me fez tomar nota das manchas na pele. Agora, francamente, admito que estamos em um impasse. Os médicos não têm ideia do que se trata. E nós também não. Como o senhor bem sabe, não se pode convencer um júri britânico…

— Inspetor — disse Holmes naquele instante, falando como se tivesse ignorado cada palavra proferida pelo bom Patterson —, o senhor já ouviu falar em matacalda?

O homem da Scotland Yard sacudiu a cabeça, sem hesitar.

— Nunca.

— Você já, Watson?

— Não posso afirmar que sim — respondi, cauteloso.

— Bem, até hoje à tarde, nem eu, portanto vocês não precisam se envergonhar. — Assumindo sua melhor postura didática, ele continuou: — Matacalda é um alcaloide vegetal, extraído por algumas tribos das selvas brasileiras de uma planta desconhecida. Muito pouco se sabe a respeito. Eu mesmo só tomei conhecimento desse nome há algumas horas, embora tenha

encontrado referências obscuras à tal planta em diversos relatos de viagens. Há, porém, um dado importante: esse alcaloide é um importante ingrediente no preparo do veneno da zarabatana. Uma vez tendo penetrado no organismo, o veneno age rapidamente, provocando a paralisia dos músculos que controlam os pulmões e a subsequente morte em questão de minutos. Agora, prestem atenção: — continuou ele, enfatizando as próximas palavras com a haste do cachimbo — vítimas de envenenamento por matacalda são invariavelmente identificadas por manchas ou nódoas em um tom de roxo-escuro.

Patterson soltou uma nuvem de fumaça quando Holmes terminou sua extraordinária declaração. E então observou:

— Parece uma história da carochinha.

Mas a expressão atenta em seu rosto contradizia tanto suas palavras quanto seu ceticismo.

— Ainda assim, foi esse o agente que destruiu ambas as vítimas. Diga-me, Patterson, já há alguma indicação do modo como o veneno foi ministrado?

O inspetor folheou seu bloco, e depois levantou os olhos.

— No caso de Foote, os médicos acreditam que tenha sido injetado, por meio de um instrumento fino e afiado que penetrou no couro cabeludo logo abaixo do osso oc… occi-alguma-coisa. — Ele se virou para mim. — O que é isso, doutor?

— O osso occipital — expliquei —, na base do crânio, onde começa a coluna vertebral…

— Certo, certo — cortou Holmes, irritado —, chega de firulas clínicas! A mulher, homem! E quanto à mulher?

Seu rosto magro não revelava qualquer justificável sentimento de orgulho que ele pudesse ter tido naquele momento, ao ver suas descobertas confirmadas pela ciência médica.

Patterson voltou a consultar suas anotações.

— Legista da polícia cauteloso quanto a se comprometer, mas suspeita de desconhecido agente tóxico com poderes virulentos, similar ao descoberto no exame *post-mortem* no corpo de Arnold Foote. — Ele parou de ler e, melancólico, sacudiu a cabeça. — Mas ainda não descobrimos como aconteceu — concluiu, lamentando.

Sherlock Holmes retesou-se em sua poltrona.

— O que o senhor quer dizer? — perguntou em tom brusco.

— Quero dizer que, embora saibamos, graças ao senhor, que algum veneno bizarro foi usado, não há qualquer corte ou perfuração em nenhuma parte do cadáver que demonstre como o veneno entrou no corpo da mulher!

Quase no mesmo instante percebi o despertar de interesse na atitude do meu colega. Seu rosto recuperara a velha expressão familiar de alerta, os ombros se empertigaram, os olhos tinham o brilho que eu conhecia tão bem. Ali estava, enfim, algo digno de sua têmpera. Até então, o caso não necessitara dos plenos poderes de seu gênio analítico. As deduções tão elogiadas pelo inspetor Patterson eram, na opinião de Holmes, meras demonstrações dos aspectos mais superficiais da detecção e identificação de crimes, que haviam aguçado seu apetite sem satisfazê-lo. Agora sim, havia uma situação ímpar, capaz de estimular seu amor pelo complexo e pelo aparentemente inexplicável.

Uma estranha luz (não direi de prazer!) brilhava em seus olhos quando ele perguntou depressa:

— O corpo já foi removido?

— Não. Achei que o senhor poderia se interessar por ver as coisas de perto, então dei ordens para deixarem tudo como estava.

— Excelente!

Holmes já estava de pé quando se voltou para mim.

— Bem, Watson, mais um passeio?

E riu com vontade ao perceber minha expressão.

Enquanto descíamos as escadas, invadiu-me uma vez mais aquele inevitável sentimento de aventura que me dominava sempre que partíamos para uma nova fase de um dos casos do meu confrade. Era a emocionante sensação de momentos como aquele que me levavam a abandonar minhas enfadonhas atividades diárias e de boa vontade representar um papel de coadjuvante nos dramas que meu amigo e colega invariavelmente protagonizava com tanto brilhantismo.

Durante nossa viagem pelas ruas nevoentas, com os lampiões de gás bruxuleando estranhamente sobre as calçadas molhadas e reluzentes, o inspetor Patterson fez um rápido resumo dos eventos transcorridos naquela tarde.

A sra. Emma Grant, criada dos Staunton em meio expediente, ao apresentar-se para trabalhar às quatro da tarde, seu horário habitual, encontrara no chão do quarto o cadáver de sua patroa. A polícia, por ela notificada de imediato, impressionada pela visão das manchas escuras que desfiguravam o corpo,

chamou sem demora a Scotland Yard. Foi bem depressa apurado pelos investigadores que as nódoas roxas eram idênticas às encontradas no corpo de Arnold Foote e que haviam, sem qualquer dúvida, sido provocadas pelo mesmo agente. Segundo o legista, a mulher estava morta há cerca de 15 horas, ou desde o início da manhã daquele dia.

Presumindo-se que o marido, Henry Staunton, havia fugido, emitiu-se contra ele um mandado de prisão por suspeita de assassinato. Soube-se depois, pela criada, que o lar dos Staunton não era feliz. O casal não tinha filhos. Suas amargas e frequentes discussões afastara os poucos amigos que tinham, e as visitas eram raras. A diferença de idade (sendo ela uns vinte anos mais moça), somada ao temperamento impulsivo e à natureza ciumenta e vingativa do marido, com certeza contribuíra bastante para a incompatibilidade que destruíra sua vida conjugal. Importador de ervas medicinais, Staunton quase sempre se ausentava de casa por semanas a fio. De acordo com a sra. Grant, ele voltara há

pouco tempo de uma viagem de dez dias ao continente. Paris, acreditava ela.

Sherlock Holmes mexeu-se pela primeira vez desde que havíamos entrado no vagaroso veículo. Ouvira atento e em silêncio o sucinto sumário de Patterson, queixo afundado no peito, mãos enfiadas nos bolsos da capa de chuva, olhos fechados. Mas, naquele momento, levantou a cabeça.

— A criada se lembrava do dia exato da sua volta?

— Sim, para dizer a verdade, ela se lembrava. Foi sábado passado, pouco antes das oito da noite. Ela lembrava com clareza devido à medonha discussão que aconteceu logo após sua chegada. Lembrava-se também de ter ouvido Staunton acusar a esposa de infidelidade, difamando-a com brutalidade e fazendo ameaças sinistras. Às quais a sra. Staunton reagira com fúria, declarando que estava tudo acabado entre os dois e que ela o estava deixando. Em seguida, depois de preparar uma mala com suas coisas mais preciosas, ela havia saído, jurando nunca mais voltar.

— E mesmo assim, estranhamente — ponderou Holmes —, ela foi encontrada morta naquela casa. Que explicação deu a criada para o retorno de sua patroa?

— Ela disse que a sra. Staunton poderia ter ido buscar algumas de suas roupas.

— Mas não tinha certeza?

— Não. Veja bem, a sra. Grant havia sido informada pelo sr. Staunton que, já que o lugar ficaria vazio por vários dias, ela não precisaria voltar lá até quarta-feira. Hoje. Ele estava, ao que parecia, partindo em mais uma viagem.

— Ou, o que é mais provável, preparando o terreno para seu próximo passo — comentou meu amigo, que depois perguntou: — Tentaram rastrear os

movimentos desse homem a partir do último sábado?

— Destaquei dois bons homens para trabalhar exatamente nisso. Os portos estão sendo vigiados e uma circular descritiva foi emitida pela Scotland Yard. Se ele ainda estiver na Inglaterra, não irá longe. Descobrimos ter a sra. Staunton visitado os aposentos de Foote ontem à tarde. Soubemos, pela governanta, que a senhora estava terrivelmente pálida, parecia doente e que, ao tomar conhecimento de que Arnold Foote não passara a noite de segunda-feira em seu quarto, deu mostras de intensa angústia e partiu no mesmo instante.

— Um caso complexo — murmurou Holmes. — A sra. Staunton estava sem dúvida levando uma vida dupla, aproveitando-se das ausências do marido para viver com o amante.

— É o que supomos — concordou Patterson.

Por alguns minutos, os únicos sons a quebrar o silêncio que se seguiu foram os rangidos das rodas no asfalto molhado e o constante golpear dos cascos do cavalo. De vez em quando, a luz de um lampião a gás da rua caía sobre os rostos graves e meditativos dos meus companheiros. Holmes, pálido e tenso, lábios firmemente apertados sobre a haste do cachimbo. Patterson, estoico e calmo, nenhum sinal de tensão ou cansaço em seus traços pesados.

— Devemos estar perto do Tâmisa! — exclamou Holmes de repente. — Tenho certeza de ter ouvido agora mesmo o apito de um navio.

Ele esquadrinhou por alguns instantes a escuridão nebulosa.

— Claro, claro, devemos chegar lá em breve — comentou. — Estamos em Flood Street e aquelas são as luzes do Embankment.

Como seu profundo conhecimento das ruas de Londres nunca falhava, poucos minutos depois viramos para Oakley Crescente.

O número 134 revelou-se um velho, mas atraente, casarão em estilo georgiano, com grades de ferro encerrando uma estreita faixa de jardim. No portão, um guarda robusto e bem-humorado lidava com um grupo de desocupados de olho na entrada. Ao ver a figura rotunda do inspetor, bateu continência e, com um gesto, afastou os vadios para que passássemos.

Subindo atrás de Patterson os degraus da escada atapetada, as hastes de metal foscas mal refletindo a luz acima de nossas cabeças, só vislumbrei de relance o vestíbulo estreito, empoeirado e forrado com painéis de madeira, iluminado por um lampião a gás. Logo estávamos no quarto, na cena da tragédia que, ao explodir na imprensa na manhã seguinte, abalaria todo o país por semanas. Ao entrarmos, um policial com rosto de menino levantou-se apressado e o saudou.

Era um quarto de boas proporções, bem decorado, paredes forradas em azul e dourado, cortinas pesadas nas grandes janelas, poltronas em brocado e seda, tapetes macios e um enorme espelho emoldurado em dourado colocado acima de uma penteadeira de madeira entalhada. Mas só mais tarde percebi tudo isso.

Foi o vulto esbelto e coberto por um lençol, caído entre a cama e a penteadeira, que atraiu no mesmo instante meu olhar e o prendeu com o fascínio que apenas as mortes rápidas e misteriosas podem evocar. A sra. Edna Staunton tinha sido uma bela criatura de olhos azuis, cabelos castanho-claros e lábios, nariz e pescoço primorosamente modelados. A despeito das horríveis manchas que agora tingiam seus traços, ainda irradiava uma leve e perfumada aura de atração feminina que comovia os corações.

Enquanto eu estava sacudindo tristemente a cabeça diante da lamentável ruína

de uma perfeita criação da natureza, Holmes, que nunca perdia tempo com sentimentos piegas, examinava o cômodo. Lente na mão, escrutinava com cuidado os diversos artigos de toalete que atulhavam a penteadeira. Depois, de joelhos, dedicou-se meticulosamente ao tapete ao redor do corpo. Como um esguio e estranho pássaro de plumagem sombria, ele pairava pelo quarto, murmurando consigo mesmo, imerso em seu trabalho com todo o poder de concentração de que dispunha; ignorava por completo nossa presença, testemunhas que éramos daquele singular espetáculo. Enquanto ele prosseguia em sua investigação, observávamos e aguardávamos em silêncio, impressionados por sua escrupulosa exatidão e pela solenidade por ele demonstrada.

Por fim, ele se aproximou do vulto coberto, dobrou um dos joelhos e avaliou as lúgubres manchas com frio e analítico desprendimento. Uma exclamação brotou de repente de seus lábios. Um movimento de sua mão me chamou a atenção e em um instante eu estava a seu lado.

Ele dividira o macio cabelo castanho e apontava para o pálido couro cabeludo.

A expressão interessada e alerta em seu rosto, os lábios muito apertados e as narinas frementes eram sintomas que eu diagnosticava com facilidade.

— O que você acha que provocou isso, Watson? — murmurou ele, a voz rouca de entusiasmo.

Inclinando a cabeça, pude ver a que ele se referia. No osso parietal, acima da orelha direita, havia uma série de finos arranhões paralelos, com menos de três centímetros de comprimento.

— O que você acha que é, Holmes? — contrapus, incapaz de, naquele momento, explicar abrasões tão leves.

— A solução do mistério — respondeu ele, pondo-se de pé e batendo a poeira dos joelhos da calça enquanto se encaminhava para a penteadeira.

— O mistério da morte? — perguntei, seguindo-o.

— Não, Watson, o mistério de como o veneno foi ministrado!

Ouvi uma exclamação do inspetor Patterson e me virei a tempo de vê-lo recuperar o charuto que havia caído de seus lábios quando as palavras proferidas por meu amigo lhe chegaram aos ouvidos.

Enquanto nos aproximávamos ansiosos da penteadeira, observando Holmes com olhos expectantes, ele, com cuidado, ergueu do tampo um objeto e o girou.

— E este — exclamou ele, dramático, exibindo um pente de tartaruga encastoado em prata —, este é o instrumento da morte!

Enquanto memória tiver, nunca me esquecerei do seu rosto naquele supremo momento de triunfo. A cor lhe subira às faces em geral pálidas e seus olhos brilharam de pura alegria com a homenagem que lhe prestávamos com nossas palavras de elogio e nossas exclamações de perplexidade. Naquele instante, o pensador frio e analítico tornou-se um ser humano, ávido de admiração e aplausos. E então o Holmes oculto dissipou-se tão depressa quanto brotara, fazendo ressurgir a incisiva máquina de raciocínio.

Depois de inspecionar o local onde encontrara o pente, ele se dedicava agora a examinar o próprio artigo envenenado, analisando os longos e finos dentes através de sua lente de bolso, revirando-o com o máximo cuidado.

— Uma concepção digna dos Bórgia! — exclamou ele por fim, com mal reprimida admiração na voz. — Este pente de aparência inocente é mais mortal do que uma cobra prestes a dar o bote! Um mínimo arranhão é suficiente para matar.

Segurando-o de modo que o víssemos, mas a uma distância segura, acrescentou:

— Não só o dente central foi lixado até a espessura de uma lâmina e besuntado com veneno, como também os outros dentes foram reduzidos a uma fração de milímetro. Com a lente, posso ver com nitidez as marcas da lixa!

— Que engenho diabólico! — exclamei, horrorizado.

— É, Watson, diabólico e ardiloso. Quem suspeitaria de uma arma tão terrível disfarçada sob a forma de um artigo tão corriqueiro e banal como este? Com a possível exceção da caixinha de marfim de Culverton Smith, não consigo me lembrar, em toda a minha experiência com armas letais, de qualquer outra que me tenha provocado tanta repulsa.

— Antes de tudo, o que o fez suspeitar de um pente? — perguntou Patterson, que mal havia pronunciado uma palavra desde que entráramos no quarto.

— Onde os outros procuram o óbvio, eu busco o incomum. Tendo encontrado arranhões na cabeça, eu não poderia deixar de reconhecer o objeto que os originara.

Patterson assentiu.

— É claro — concordou ele, os olhos perspicazes voltados para o corpo coberto. — Deve ser um veneno de ação lenta — observou depois de pensar um pouco. — Ela teve tempo de recolocar o objeto na penteadeira, antes de cair.

— Talvez o próprio assassino tenha feito isso — intervim depressa, concluindo com uma pontada de amargura que Holmes aparentemente deixara de observar esse aspecto vital. Mas Sherlock Holmes apenas balançou a cabeça.

— Não, não, cavalheiros, discordo dos senhores. O veneno age rápido demais para que a vítima possa fazer o que insinuou, Patterson. A ideia já me havia passado pela cabeça e sido logo descartada. Tenho uma explicação mais simples. Alguém pode pedir à criada, sra. Grant, para vir aqui por um momento?

O inspetor Patterson deu a ordem necessária e o policial que permanecera de plantão deixou o quarto no mesmo instante. Um ou dois minutos depois, voltou com uma mulher robusta, de rosto austero, expressão cansada e cabelos grisalhos.

Holmes recebeu-a com um sorriso encorajador.

— Não há com que se assustar, sra. Grant — disse ele. — Só desejo fazer uma

pergunta simples.

O pente, que ele mantinha na mão ao lado do corpo, foi de repente erguido ao nível dos olhos pálidos e arregalados da mulher, o suporte de prata cintilando e reluzindo à luz do lampião.

— Este pente estava no chão junto ao corpo da sra. Staunton quando a senhora entrou neste quarto mais cedo. O que fez com que o recolocasse na penteadeira?

Sem responder, ela continuou a encará-lo por vários segundos, calma e imperturbável. No silêncio que se seguiu, eu podia ouvir os sons ásperos do "ronco" de alguma serra e o zum-zum distante de vozes na rua. Prendi a respiração, aguardando que ela falasse. E então seus traços duros relaxaram e os lábios apertados se moveram.

— O senhor é um homem esperto — disse ela, a voz ainda retendo vestígios de um sotaque escocês embaciado pela falta de uso. — Um homem muito esperto, que faz um corpo se lembrar de coisas que tinha esquecido.

— O que fez com que o tirasse do chão? — insistiu Holmes.

Os ombros pesados se encolheram, impotentes.

— E quem sabe? Fiquei tão chocada ao ver a coitadinha caída no chão. Eu tinha que fazer alguma coisa. Madame sempre foi tão exigente com aquele pente, nunca ia a lugar nenhum sem ele. Então…

— Então a senhora, automaticamente, pegou-o do chão e colocou-o de volta no lugar, como faria uma criada bem treinada — concluiu Holmes por ela, um lampejo de prazer selvagem iluminando seus traços. — Obrigado, sra. Grant.

Seu testemunho nos ajudou muitíssimo.

Depois que a governanta saiu, meu amigo observou:

— O pente, sem dúvida, será apresentado no Tribunal, inspetor. Eu o confio aos seus cuidados. Lembre-se, qualquer movimento imprudente que produza a mínima escoriação ou abrasão resultará em uma morte pavorosa. Portanto, manuseie-o com cuidado e instrua seus homens para que façam o mesmo.

Patterson assentiu com ar grave.

— Tomarei as precauções necessárias, fique tranquilo, sr. Holmes, e o mesmo farão meus homens. — Então, sacudindo a cabeça grisalha em um gesto de admiração, acrescentou: — Eu gostaria de saber como o senhor chega às suas conclusões.

— Sim, Holmes — concordei —, como você descobriu que foi a criada quem recolocou o pente no lugar?

— Apenas observando a poeira na penteadeira — ele respondeu. — Como podem ver — continuou, indicando com o dedo —, um acúmulo de quatro dias de pó cobre sua superfície, delineando cada item. Ao levantar o pente, porém, pude ver com clareza que a poeira debaixo dele, embora arranhada, não revelava uma marca idêntica à dos outros objetos. Deduzi, portanto, que o pente só havia sido colocado ali há pouco tempo. Os policiais nunca o tocariam. Quem, então, os teria precedido? A única pessoa que preenchia os requisitos era a sra. Grant, a primeira pessoa a entrar no quarto e encontrar o corpo.

— Holmes — declarei, depois de um longo silêncio, a voz trêmula de emoção

—, poucas vezes você se superou a esse ponto!

— Melhor amostra de dedução que eu jamais testemunhei! — foi o único comentário do inspetor Patterson, mas bastou para levar um halo de prazer às ascéticas feições do meu amigo.

— Bem, Patterson — observou Sherlock Holmes algum tempo depois, quando deixávamos a casa dos Staunton —, eis aí o seu caso. Ainda incompleto e com alguns detalhes obscuros a serem esclarecidos, mas, essencialmente, acredito que já tenha o suficiente para submeter Henry Staunton a um interrogatório.

— O suficiente para enforcá-lo — disse o inspetor, sombrio, batendo no estojo de couro que guardava o pente de casco de tartaruga.

Retrospectiva

Três meses se passaram. Henry Staunton, o assassino de Oakley Crescent, havia sido julgado e condenado pelo envenenamento de sua esposa e do amante, Arnold Foote. O julgamento mais dramático da década terminara depois de quatro tempestuosas semanas de controvérsias e discussões. Com a execução do criminoso no início de fevereiro, todo o caso sensacionalista que abalara o país já começava a cair no esquecimento, no redemoinho e na azáfama intermináveis da vida cotidiana.

Eu não via Sherlock Holmes desde aquela memorável tarde de novembro. Um bilhete dele, escrito às pressas, me chegou às mãos no dia 25, informando-me que havia sido chamado pelo governo francês a respeito de um assunto de suma importância. Tudo o que eu podia fazer eram conjecturas, pois as lacônicas mensagens que ele de vez em quando me enviava só me informavam que suas

investigações poderiam ser longas.

Foi, portanto, uma agradável surpresa, em um fim de tarde em meados de fevereiro, saber por Mycroft Holmes que meu amigo estava de volta à cidade e gostaria de me ver. Estando meu consultório tranquilo, não perdi tempo e poucas horas depois me dirigi à Baker Street.

Ao bater à tão conhecida porta, o som de sua voz estridente fez meu coração acelerar de prazer e, ao entrar, meus olhos se sombrearam à visão do rosto magro e abatido e do roupão desbotado.

— Ah, Watson — disse ele —, é muito bom vê-lo.

Seu rosto estava mais fino e mais encovado do que me lembrava de já ter visto. As maçãs do rosto estavam mais proeminentes e as sobrancelhas grossas e negras se destacavam contra a palidez da pele. Os olhos penetrantes e sempre alertas, entretanto, conservavam o antigo fulgor e a voz todo o seu poder de comando e ressonância.

Ele estava sentado à escrivaninha, os longos dedos nervosos introduzindo com agilidade vários papéis e documentos em um grande envelope azul.

— Mas talvez eu tenha chegado em um mau momento — observei, depois de responder calorosamente à sua saudação. — Se você estiver ocupado…

— Não, Watson, apenas a urdidura preliminar da minha teia. Nada mais a ser feito, por enquanto.

Ele levantou a pasta azul-clara, na qual pude ler uma grande letra “M”.

— Meu caso está quase concluído, mas devo aguardar várias semanas antes de

entrar em ação.

Ele se levantou, guardou a pasta em um dos escaninhos da escrivaninha e depois atravessou a sala até sua poltrona favorita junto à lareira.

— Você há de me desculpar — continuou, enquanto eu andava até meu lugar costumeiro à sua frente — por não o ter avisado mais cedo da minha volta. Minha investigação atual requer o máximo sigilo. Ninguém, a não ser aqueles em quem confio implicitamente, pode saber da minha presença em Londres neste momento. Voltei disfarçado e as únicas pessoas com as quais me comuniquei foram meu irmão e o inspetor Patterson.

— Trata-se, então, de uma investigação muito importante?

— Tão importante — respondeu ele com toda sinceridade — que, se eu conseguir solucioná-lo com sucesso, este caso será a grande coroação da minha carreira.

— Não preciso dizer que estou ao seu inteiro dispor, Holmes. Para o que precisar…

— Fique tranquilo, meu caro Watson — interrompeu ele. — Quando chegar a hora, precisarei com certeza de um aliado fiel. É um jogo de paciência, que disputo com um inimigo formidável, no qual cada lance precisa ser cuidadosamente ponderado, caso eu queira prendê-lo na rede que estou tecendo.

Senti uma pontada de decepção, que tentei ocultar. Eu deveria saber que não era do seu feitio mandar me chamar apenas pelo prazer de rever um velho e confiável amigo. Sua personalidade orgulhosa e autossuficiente e seu temperamento insensível levavam-no a evitar qualquer demonstração de

sentimentos em relação a qualquer pessoa, mesmo a seu único amigo.

— Vamos, vamos, Watson — disse ele, com um brilho travesso nos olhos. — O que tenho a dizer compensará amplamente qualquer tempo que você possa precisar passar longe dos seus pacientes.

— Fico sempre feliz de vê-lo, Holmes — eu disse em voz baixa, a amargura se dissolvendo com a cordialidade em sua voz. — E ao ouvir o que quer que você tenha a me dizer. No momento, não tendo casos importantes para atender, estou livre para ajudá-lo em tudo o que puder.

— Esplêndido! — exclamou ele, cruzando as pernas finas e se acomodando mais confortavelmente na poltrona. — Imagino… — continuou, depois de uma pausa em que, pensativo, deu uma baforada no cachimbo. — Imagino que você esteja se perguntando por que lhe pedi para vir aqui hoje.

— Você tem um caso para repassar comigo?

— Correto, Watson — ele retrucou, olhando intensamente na minha direção, as pesadas sobrancelhas descendo sobre os olhos, como se esperasse minha reação. — O caso Staunton.

A surpresa me fez dar um pulo na poltrona.

— Isso não seria um raro desvio dos seus métodos habituais de trabalho? — indaguei, porque ninguém mais do que eu sabia que, em sua mente clara e organizada, cada novo caso substituía o precedente e os problemas atuais invariavelmente borravam quaisquer lembranças dos anteriores.

— E é — ele concordou —, mas há aspectos nesse caso muito incomuns que

me obrigam ao desvio das minhas regras de conduta.

— Mas que motivo poderia tê-lo induzido a voltar agora aos assassinatos de Oakley Crescent, três meses depois da conclusão da sua investigação?

— A importância do pente de casco de tartaruga — disse ele, sério — em relação à morte da sra. Edna Staunton.

— Eu não sabia da existência de qualquer aspecto importante relacionado à morte dela — observei, meus pensamentos voltando à lúgubre cena no quarto da casa Staunton. — Admito que o pente envenenado foi um método extraordinário de cometer um crime, talvez sem precedentes nos modernos anais criminais. Mas…

— Não, não, Watson — disse ele, depressa —, diga incomum, se quiser, até mesmo grotesco, se preferir, mas não totalmente sem precedentes, pois há paralelos na moderna criminologia.

— É mesmo? Eu gostaria de ouvir alguns.

— Muito bem.

Seu olhar assumiu um ar de reminiscência quando ele voltou a falar, depois de alguns instantes de reflexão.

— Eu poderia mencionar, à guisa de ilustração, o Caso Wurlitzer, em Salzburgo, 1877, em que a arma foi um brinco envenenado. O fato de que a vítima, uma mulher de posses cuja riqueza foi cobiçada pelo assassino, mandara furar as orelhas pouco tempo antes e por insistência dele foi determinante para levar à justiça o autor do crime. Outro caso, divergente apenas quanto ao método da aplicação, é o Envenenamento Selmer da Bretanha, há uns dois anos. Você

deve se lembrar que um prego afiado, enfiado na sola de uma bota e besuntado com veneno, provocou a morte de quem a calçou, Francois Selmer, um rico comerciante de gado. Seu sobrinho foi, mais tarde, condenado pelo crime, quando ficou provado que as marcas no couro só poderiam ter sido feitas pelo martelo dele. Há outros casos, talvez menos impressionantes, mas esses são suficientes para ressaltar os vários pontos de semelhança entre eles.

Holmes fez uma pausa, enquanto enchia o cachimbo, depois me jogou a bolsa de fumo, ao continuar:

— As circunstâncias singulares a que aludi há pouco relacionam-se à presença do pente afiado ao lado do corpo da sra. Staunton.

— Então as diversas teorias aventadas pelos jornais mais sensacionalistas para explicar os muitos aspectos do caso estavam todas equivocadas?

— Você está falando daquelas absurdas e excêntricas explicações criadas por jornalistas sem imaginação? — retrucou ele, impaciente. — Que Staunton sofreu um lapso de memória? Que perdeu a coragem? Que se tornou descuidado e arrogante? — Ele gesticulou, zangado. — Tolices, Watson, só tolices! Essas soluções implausíveis são ultrajantes para qualquer capacidade de raciocínio lógico que eu tenha! Leio todas e descubro que são absolutamente inconsistentes com os fatos e com o próprio temperamento do criminoso.

Ele se recostou na poltrona, enquanto seu rosto assumia uma expressão concentrada, e acrescentou:

— Porque foi a maneira ardilosa e hábil com que ele assassinou Arnold Foote e dispôs do cadáver que me deu a primeira intuição clara do funcionamento de

sua mente. O que, por sua vez, me permitiu forjar os elos da minha cadeia de raciocínio que, a seu tempo, me levou à verdadeira solução.

— E como você chegou a ela? — perguntei.

— Reportando-me às minhas anotações sobre o caso, e à leitura de uma assombrosa pilha de jornais que traziam relatos diários do processo judicial.

Uma vez terminada a colheita dos grãos, e que bela safra ela me rendeu!, cerquei-me, uma tarde, de boa variedade de fumos, almofadas e café quente e me dediquei a debulhá-los. Custou-me uma noite de sono, mas ao amanhecer eu tinha a solução do mistério.

— Que terei muito prazer em ouvir.

— E ouvirá, Watson, mas tudo a seu devido tempo. Primeiro, eu gostaria de recapitular rapidamente a sequência de acontecimentos no homicídio de Foote. Servirá para refrescar sua memória e, assim, nos permitir obter maior domínio do que é essencial.

Antes de continuar, ele afundou mais na poltrona e se assegurou de que o cachimbo estivesse devidamente abastecido.

— Os verdadeiros fatos da morte do violoncelista foram revelados, como você sabe, na confissão de Henry Staunton feita logo após sua prisão em Newhaven. Esse documento é de primordial interesse, porque não só nos descreveu como o crime foi cometido, mas também serviu para lançar uma luz reveladora sobre o que viria.

“Por meio de um estratagema simples, mas eficaz, Staunton logrou atrair o não muito brilhante músico à sua casa em Oakley Crescent e lá o matou, introduzindo na base de seu crânio um estilete de aço impregnado com um alcaloide. Dando sequência ao plano preconcebido, o assassino ocultou o corpo

e, calmamente, foi passar algumas horas com conhecidos, em um café das vizinhanças.”

— Um momento, Holmes — interrompi. — Há um aspecto que, para mim, nunca ficou claro. Onde estava a esposa, na noite em questão?

— Você se esqueceu de que, depois de uma última e amarga discussão, a sra. Staunton o abandonara?

— Por Júpiter! — exclamei. — Você tem toda razão. Isso tinha me escapado por completo!

— E, no entanto, era de suma importância — ele observou. — Mas, para voltar a Staunton: tendo assim estabelecido algum tipo de álibi, ele voltou em algum momento à casa, por volta das duas da manhã, levando consigo um cavalo e um cabriolé dos quais se tinha apropriado sem o conhecimento do proprietário, e usou-os para transportar o corpo até o rio.

— Agora que volto a pensar no assunto — comentei —, tal cocheiro nunca descobriu o medonho serviço prestado a um assassino pelo seu cabriolé.

— Nem jamais soube que um futuro assassino havia espionado seus movimentos e conhecia seu hábito de passar algum tempo dentro de casa em noites chuvosas — acrescentou meu amigo. — E se aproveitou disso mais tarde. Sem dúvida, o mau tempo ajudou, mas o fato de ter usado o chapéu e a capa de chuva do próprio cocheiro, que encontrou dentro do veículo, obtendo assim o disfarce perfeito, foi um golpe de mestre de ousadia e pensamento rápido, além de demonstrar um belo senso de oportunidade. Nem dez minutos depois de ele ter jogado o corpo de Foote por cima da balaustrada da ponte, o cabriolé estava

de volta ao lugar sem qualquer testemunha.

Assenti, recordando.

— Lembro-me de que Staunton, na verdade, vangloriou-se da façanha.

— E com alguma razão. O crime havia sido tão ardilosamente planejado e levado a cabo com tanta precisão e cuidado com os detalhes e a cronometragem que nenhum contratempo sobreveio para impedi-lo. Eu lhe digo, Watson, que a polícia poderia ter tido dificuldades para garantir sua convicção caso o homem não tivesse feito sua feroz e condenatória confissão ao ser preso.

Eu não me esquecera do incidente. Staunton, pego desprevenido ao receber voz de prisão, negara com veemência qualquer responsabilidade pela morte da esposa, ao mesmo tempo em que, ao negá-la, reconhecia sua implicação no assassinato de Arnold Foote.

— Staunton possuía as três qualidades mais perigosas de um criminoso — continuou Holmes. — Astúcia, desenvoltura e audácia. E, devo acrescentar, usou-as com eficiência.

— Então por que ele não destruiu aquele maldito pente? — perguntei. — Com certeza, a mera autopreservação deveria ter ditado um comportamento tão óbvio.

— Esta, meu caro amigo, foi exatamente uma das perguntas que me fiz ao rever o caso. Como poderia um homem do calibre de Staunton ter negligenciado uma prova tão incriminatória? O que teria levado aquele habilidoso planejador a fazer uso daquela estranha e terrível matacalda duas vezes, em rápida sucessão… em um erro óbvio e fatal?

Holmes parou para bater as cinzas frias do cachimbo. E voltou então a enchê-lo, devagar, mergulhado em pensamentos, sobrancelhas baixas, olhos semicerrados.

— Eu não conseguia conciliar os dois fatos — ele continuou — com a mente engenhosa e astuta de Staunton. Por mais que os examinasse, eles se recusavam a encaixar em um padrão ordenado.

Ele franziu a testa.

— Havia algo errado, Watson. Por instinto, eu sentia que em algum ponto da minha cadeia de raciocínio havia um elo defeituoso. Pelo processo de eliminação, consegui descobrir meu engano. Residia no fato de ter, até agora, partido do pressuposto de que, tendo matado Arnold Foote, Staunton também teria, inevitavelmente, assassinado a esposa. Mas, raciocinei, se ele de fato cometera ambos os crimes, seria concebível que cometesse erros no segundo depois de ter, com tanta astúcia, encoberto seu rastro no primeiro? Era ilógico, portanto inadmissível.

“Confrontado com tal equívoco, comecei a elaborar uma teoria alternativa que, mesmo preservando os fatos conhecidos, me permitisse chegar a uma conclusão totalmente diversa. Diante do lapso de tempo, isso não mais poderia ser obtido pelos costumeiros métodos de observação e confirmação; apenas deduções analíticas dos fatos me poderiam dar sua interpretação correta. Comecei a consultar febrilmente minhas anotações, sentindo que em algum lugar estaria a resposta que eu buscava.

— E teve êxito? — perguntei depressa.

— Além das expectativas — ele respondeu e voltou a mergulhar em profundo

silêncio, braços apoiados nos joelhos, cachimbo nas mãos, contemplando as brasas brilhantes. — Fosse eu o cérebro analítico que você tantas vezes me fez parecer — começou ele, após um longo intervalo —, eu deveria ter percebido sem demora o significado subjacente das respostas da criada dos Staunton às minhas perguntas quanto à razão de ela ter recolocado o pente no lugar.

— Mas que possível conexão poderia haver entre as respostas da criada e a explicação da morte da sra. Staunton?

— Você se lembra das palavras dela? — perguntou ele, contrapondo à minha pergunta uma das suas.

— Vagamente — respondi. — Não foi alguma coisa a respeito da "coitadinha caída morta no chão"?

— Meu bom e velho Watson! — retrucou ele, com um risinho seco. — Bem, ela também se referiu ao amor de sua patroa por aquele pente em especial, e ao fato de que, e isso é digno de nota, ela sempre o levava consigo para onde quer que fosse. Sabemos que a sra. Staunton, logo depois da última discussão com o marido, juntara algumas coisas e saíra de casa.

— Jurando nunca mais voltar — acrescentei, alguns detalhes me voltando à lembrança.

— Muito bem. Então, em tais momentos de tensão, o instinto de uma mulher é levar consigo seus objetos mais preciosos e úteis, não é mesmo?

— Você quer dizer… — comecei.

— Estou preparado para apostar minha reputação — declarou ele, antecipando minha pergunta — no fato de que, ao sair de Oakley Crescent, ela levou consigo

o pente de casco de tartaruga!

Encarei-o, perplexo.

— Mas, sendo esse o caso, como poderia Staunton tê-lo envenenado?

— Como ele não teve acesso ao pente em momento algum durante os três dias que antecederam a morte da esposa, seria absolutamente impossível que o fizesse — ele respondeu em voz baixa.

— Céus, Holmes! — exclamei, erguendo as mãos em um gesto de impotência.

— Eu agora estou mais confuso do que nunca. Não seria melhor que você revelasse os passos que deu para desvendar esse intrincado quebra-cabeças? Como chegou a solucioná-lo?

— Apenas aplicando minha fórmula tantas vezes repetida. Tendo eliminado o impossível, ou seja, a cumplicidade de Staunton na morte da esposa, eu precisava agora lidar com o que me restava, por mais improvável que fosse, a fim de chegar à verdade. Tão logo cheguei a essa conclusão, os fatos começaram a se apresentar na devida ordem. Velhos conceitos precisavam, forçosamente, dar lugar a novos. Observados, então, de um ângulo absolutamente novo, os verdadeiros elementos do caso assumiam sua legítima perspectiva. A resposta, é claro, estava no pente envenenado. Sua presença ao lado do corpo da sra. Staunton sugeriu, afinal, a solução correta, a única possível.

“Reivindico o crédito tardio pela lembrança das palavras da sra. Grant relacionadas ao instrumento envenenado. Mas a verdade é que, lamentavelmente, me faltou o misto de imaginação e conhecimento exato que você tanto gosta de descrever. Reivindico ainda circunstâncias atenuantes, pois

que homem consegue lidar com a mente distorcida de uma mulher vingativa, consumida por um ódio indescritível e um terrível sentimento de perda?”

Respirei fundo.

— Holmes — implorei —, quem envenenou o pente? Quem o levou de volta à casa?

— Não é óbvio que foi, que só poderia ter sido, a própria sra. Staunton?

— Santo Deus! — exclamei horrorizado, meus olhos febris fixos em seus traços firmes, os pensamentos em tumulto. — Você quer dizer que ela… que ela realmente cometeu suicídio daquela maneira medonha?

— Os fatos falam por si mesmos, Watson. Nenhuma outra interpretação é possível.

— Mas por que raios ela não foi à polícia? — perguntei, mais calmo, depois de passado o primeiro choque. — Se ela suspeitava, ou sabia, que o marido havia assassinado o amante, por que não chamaria atenção para o assunto de uma maneira menos intrincada? Por que não uma acusação direta?

— E ter os fatos do seu relacionamento adúltero expostos em audiência pública, para serem depois apregoados por todos os jornais do reino? — questionou ele, sardônico. — Realmente, Watson — continuou, sacudindo a cabeça em um gesto de espanto —, nunca consigo entender suas limitações. Você ainda não atinou para o fato de que o suicídio, como você o chama, que o auto-homicídio dela, melhor dizendo, não passou de um acessório do seu esquema de vingança? Que, ao utilizar o mesmo veneno, chamando assim a atenção da polícia, ela mandou para a forca o homem que destruíra seu amante?

— Eram então justificadas as reiteradas negações de Staunton quanto à participação na morte dela? — refleti.

— Com certeza — afirmou meu amigo. — Mas quem acreditaria nele? Não salientou o promotor o fato de que Staunton, ao insistir que a esposa havia cometido suicídio, esperava escapar à pena máxima? Um esforço inútil, pois sem dúvida sua morte violenta influenciou o júri na apresentação de seu veredicto.

— Eu me pergunto como ela soube do veneno e de suas assustadoras propriedades — declarei, depois de um tempo em silêncio. — Alguma teoria, Holmes?

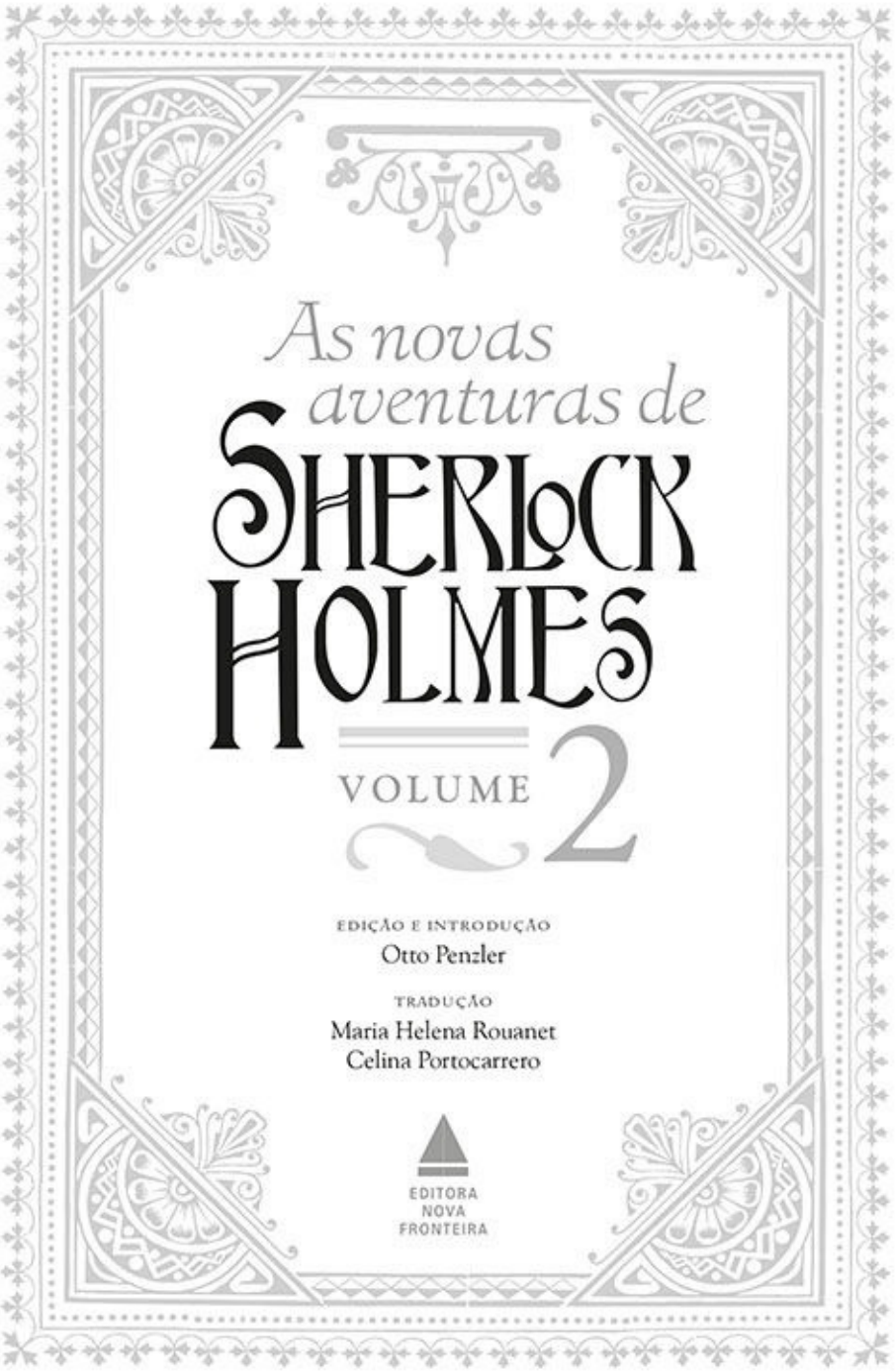
Ele moveu a cabeça em um gesto de dúvida.

— Aí, meu caro Watson, penetramos no terreno da suposição e das conjecturas. Uma esposa tem seus próprios métodos para descobrir os segredos do marido. Uma palavra deixada escapar, uma ameaça por parte dele, talvez até uma vanglória quanto à maneira como se livrara do jovem rival, qualquer dessas hipóteses pode tê-la feito suspeitar da verdade. O fato de ela ter feito uso do veneno com tanta propriedade é prova suficiente de que tinha pleno conhecimento do seu efeito. Devemos nos contentar com isso.

— Foi uma vingança terrível, Holmes — comentei, quebrando o longo silêncio que se seguiu às suas últimas palavras. — De algum modo, porém, não consigo encontrar no meu íntimo razões para condená-la com muita severidade.

— E eu — disse meu amigo, estendendo a mão para a bolsa de fumo — descubro que, pela terceira vez na minha carreira, fui derrotado por uma mulher.

Embora não possa afirmar que algum dia invejarei o triunfo da sra. Staunton!





A aventura da segunda bolsa

ROBERT BARR

(escrevendo como Luke Sharp)

Nascido na Escócia, Robert Barr (1850-1912) mudou-se com a família para o

Canadá aos quatro anos de idade. Como professor e, mais tarde, diretor da Central School of Windsor, em Ontário, escreveu contos que enviou para o *Detroit Free Press.* Aos 26 anos, decidiu dedicar todo seu tempo a escrever e se mudou para Detroit a fim de se tornar um escritor de peso no jornal citado, chegando, depois, a ocupar o posto de editor.

Suas colaborações para o periódico foram publicadas sob o pseudônimo Luke

Sharp, um nome curioso, mas não inventado por Barr. Quando estudava no

Canadá, ele com frequência passava por um local cuja placa anunciava “Luke Sharpe, agente funerário”, e não conseguiu resistir ao apelo memorável do nome.

A paródia de estreia de Barr sobre Sherlock Holmes, “Histórias que deram errado: as aventuras de Sherlaw Kombs”, publicada em maio de 1892, costuma

ser considerada a primeira paródia de Holmes (é antiga, sim, mas não é a primeira) e consta em diversas antologias, inclusive neste livro. No entanto, a história a seguir, publicada mais de uma década depois e bem mais obscura, é uma caricatura ainda mais engraçada do grande detetive.

“A aventura da segunda bolsa” teve sua primeira publicação no exemplar de

dezembro de 1904 da *Idler Magazine*. A primeira aparição em formato de livro foi como um livreto popular com tiragem limitada a duzentos exemplares: *The Adventure of the Second Swag* (London, Ferret Fantasy, 1990).

A AVENTURA DA SEGUNDA BOLSA

Robert Barr

Era a véspera de Natal de 1904. O lugar, uma antiga e erma casa senhorial,

construída no século anterior, nos idos de 1896. Situava-se na parte mais alta de

um vale profundo, acolchoado por samambaias que chegavam à cintura de

qualquer indivíduo que passasse por ali e vigiado por árvores muito antigas, resquícios de uma floresta primitiva. Da mansão, não era possível ver qualquer

outra habitação humana. O caminho que dali descia e se conectava com a estrada

real e seu castelo era tão sinuoso e íngreme que, mais de uma vez, o soturno baronete a quem a residência pertencia danificara seu carro na tentativa de lidar

com as curvas perigosas. A situação de isolamento e a arquitetura sinistra da veneranda moradia talvez causassem no observador mais desatento a impressão

de ser aquela a construção ideal para se cometerem atos espúrios, não fosse a presença de uma iluminação brilhante provida pela eletricidade, embora o

silêncio fosse enfatizado, e não perturbado, pelo ruído monótono e regular de um

acumulador hidráulico bombeando o fluido sutil para um dínamo situado em um

armazém a leste da propriedade.

A noite caía lúgubre e prematura após um dia de chuva, mas era esse cenário

sombrio que fazia com que as janelas de vidro feericamente brilhantes se destacassem como a capa cintilante de um suplemento natalino. Tal era a

aparência exibida por “Undershaw”, assim chamado o lar de sir Arthur Conan Doyle, situado na campestre Hindhead, a cerca de sessenta ou setenta

quilômetros de Londres. Acaso causaria espanto que, em local tão distante da civilização, a lei pudesse ser desafiada e que o único policial solitário a perambular nas cercanias estremecesse ao passar pelos sinistros portões da casa?

Em um vasto aposento dessa mansão, mobiliado com uma elegância

esplendorosa, algo inesperado em uma região tão alheia às influências humanizadoras, sentavam-se dois homens. Um deles, de estatura gigantesca,

tinha uma testa ampla e um queixo primorosamente barbeado que davam à sua

aparência uma profunda determinação, acentuada por um pesado bigode negro

que cobria seu lábio superior. Sua postura ereta e confiante lembrava a de um Dragão da infantaria britânica. Na verdade, ele fizera parte de mais de uma acirrada batalha e era membro de diversos clubes militares; ficava, no entanto, evidente que seus ancestrais não raro usavam clavas e haviam lhe legado o físico

de um Hércules. Não era preciso lançar o olhar para o exemplar natalino da *Strand*, que o homem tinha em mãos, nem ler o nome ali impresso em letras garrafais para que se soubesse estar cara a cara com sir Arthur Conan Doyle.

Seu convidado, um sujeito mais velho, embora no ápice da vida, em cuja

barba já se viam alguns fios brancos, exibia uma aparência menos belicosa que o

renomado romancista, pertencendo, como era óbvio, ao segmento civil e não ao

militar da sociedade. Esbanjava a sensação de prosperidade, afabilidade e

conciliação, e é a esses dois tipos tão fortemente contrastantes que a Inglaterra deve sua grandeza. O leitor do suplemento natalino talvez se decepcione ao descobrir, como supõe, que se trata apenas de dois velhos amigos conversando amistosamente em uma mansão campestre após o jantar. Não há sinais, para sua

visão cética, da presença de qualquer elemento de tragédia em tal situação. Os homens aparentam estar à vontade e serem respeitáveis o bastante. É verdade que há uísque e soda à mão, e que a caixa de charutos se encontra aberta, mas

existem possibilidades latentes de paixão até nas naturezas mais plácidas, reveladas tão somente a escritores de ficção em nossa imprensa mequetrefe.

Deixe, portanto, que o leitor aguarde até ver os dois homens passarem por uma

prova de fogo sob enorme tentação e, então, dizer se até mesmo a probidade de

sir George Newnes sobreviveu intacta à provação.

— Trouxe a bolsa, sir George? — indaga o romancista com um toque de

ansiedade na voz.

— Sim — responde o grande editor. — Contudo, antes de procedermos à

contagem, não seria recomendável dar ordens para que não sejamos perturbados?

— Tem toda razão — concorda Doyle, apertando um botão elétrico.

Quando o criado surgiu, ele disse:

— Não estou em casa para ninguém. Não importa quem apareça nem a desculpa que ofereça, não permita que nenhuma pessoa se aproxime desta sala.

Após a saída do criado, Doyle tomou a precaução extra de ajustar um dos enormes ferrolhos que ornamentavam a porta maciça guarnecida de maçanetas de ferro. Sir George retirou do bolso traseiro da casaca duas bolsas de lona, e, abrindo-as, despejou o rico ouro vermelho sobre a mesa lustrosa.

— Acredito que vá encontrar o valor apropriado — disse. — Seis mil libras ao todo.

O escritor arrastou sua pesada cadeira para mais perto da mesa, começando a contar as moedas, duas a duas, removendo cada par da pilha com os polegares estendidos, como se estivesse habituado a lidar com grandes tesouros. Durante um tempo, reinou o silêncio absoluto, quebrado apenas pelo tilintar do metal. De repente, porém, uma voz esganiçada vinda do lado de fora penetrou até mesmo o carvalho robusto da porta enorme. A exclamação estridente deu a impressão de reacender uma lembrança na mente de sir George Newnes. Nervoso, ele apertou os braços da cadeira, sentando-se retesado com o susto e murmurando:

— Seria ele, entre tantos indivíduos, justamente agora?

Doyle ergueu os olhos com uma expressão aborrecida no rosto, murmurando,

a fim de manter a memória fresca:

— Cento e dez, cento e dez, cento e dez.

— Não está em casa? — gritou a voz estridente. — Balela! Todos estão em casa na véspera de Natal.

— O senhor, aparentemente, não está — ouviu-se o criado responder.

— Eu? Ora, não tenho casa, apenas alguns cômodos na Baker Street. Preciso

falar imediatamente com seu patrão.

— Ele saiu com o automóvel há meia hora para comparecer a um baile do condado, que está acontecendo agora no hotel Royal Huts, a dez quilômetros daqui — disse o criado, com aquela loquaz maestria da ficção que

inconscientemente ocorre aos membros, ainda que encarregados de funções

modestas, de uma casa dedicada à produção de arte criativa.

— Balela — repetiu a voz estridente. — É verdade que há rastros de um automóvel na terra diante da porta. Porém, se reparar nas marcas dos pneus, verá

que o carro estava chegando, e não partindo. O veículo foi à estação antes da última chuva para buscar um visitante e, desde sua chegada, não choveu mais.

Aquela roupa de guerra no corredor, salpicada de lama, sem dúvida era a proteção usada pelo visitante. O brasão que se vê ali, de uma tesoura sobre um

livro aberto em cima de um prelo, indica que o usuário é, em primeiro lugar, um

editor, em segundo, um editor de livros e, terceiro, um impressor. O único baronete da Inglaterra cuja ocupação corresponde a essa peça de heráldica é sir

George Newnes.

— O senhor se esquece de sir Alfred Harmsworth — retorquiu o criado, que

segurava um exemplar do jornal *Answers*.

Se o insistente visitante ficou ou não desconcertado por essa réplica imprevista, suas maneiras não demonstraram qualquer traço de constrangimento, e ele prosseguiu, inabalável.

— Como a última chuva começou às dez para as seis da noite, sir George deve ter chegado à estação Haslemere no trem das 18h19 de Waterloo. Jantou e, neste instante, está sentado confortavelmente com sir Arthur Conan Doyle, decerto no salão da frente, que percebo estar com a luz acesa. Agora, faça a gentileza de levar a eles meu cartão…

— Estou dizendo — persistiu o criado, perplexo — que o patrão saiu de automóvel para o baile do condado no hotel…

— Sim, eu sei, eu sei. Lá também está a sua roupa de guerra, recém-tingida de cinza, cujo brasão é uma máquina de escrever sobre um automóvel em alta velocidade.

— Minha nossa! — exclamou sir George, os olhos reluzindo com o brilho do desejo profano. — Isso te dá bastante material para um conto em nosso número de janeiro, Doyle. O que me diz?

Uma ruga profunda maculou a maciez da testa do romancista.

— Digo — respondeu gravemente Doyle — que esse homem tem me enviado cartas ameaçadoras. Já estou farto de suas ameaças.

— Então, aferrolhe os outros trincos da porta — aconselhou Newnes, com um suspiro de decepção, recostando-se na cadeira.

— Você acha que sou homem de me esconder quando o inimigo aparece? —

perguntou o dono da casa com veemência, botando-se de pé. — Não, farei o contrário. Isso será resolvido na entrada.

— Melhor seria recebê-lo na sala de estar, que está mais quente — sugeriu sir George, com um sorriso, diplomaticamente desejoso de acalmar a situação.

O romancista, sem retorquir, abriu um exemplar da edição vespertina do *Westminster Gazette* e cobriu a pilha de ouro, dirigiu-se em largas passadas até a porta, escancarou-a e disse, com frieza:

— Faça o cavalheiro entrar, por favor.

Dessa forma, um homem alto, confiante e calmo, com o rosto barbeado, olhar de águia e nariz inquisitivo adentrou o cômodo.

Embora a visita fosse um verdadeiro embaraço naquele momento específico, a cortesia natural do romancista o impedia de dar vazão ao ressentimento, o que o levou a apresentar o convidado indesejável ao seu amigo como se ambos fossem igualmente bem-vindos.

— Sr. Sherlock Holmes, permita-me apresentar-lhe sir George…

— Isso é desnecessário — rebateu o recém-chegado, na voz firme de um tenor exasperado —, pois é possível deduzir de imediato que um indivíduo que usa um colete verde só pode ser um liberal com opiniões férreas sobre governo autônomo ou o editor de várias publicações que trazem capas em tom esmeralda. A gravata com trevos, além do colete, indica que o cavalheiro diante de mim é ambas as coisas, motivo pelo qual não tenho dúvidas de que é sir George Newnes. Como anda a tiragem de suas publicações, sir George?

— Subindo em velocidade estonteante — respondeu o editor.

— Fico feliz — admitiu o intruso, com afabilidade —, e posso lhe garantir que a temperatura lá fora está caindo em velocidade estonteante.

O grande detetive espalmou as mãos diante da incandescente lareira elétrica e as esfregou uma na outra.

— Posso ver através do jornal vespertino a soma de seis mil libras em ouro.

Doyle interrompeu o intruso com certa impaciência.

— Você não viu através do jornal, mas no jornal. Deus sabe que isso foi mencionado em vários lugares.

— Como eu estava prestes a observar — prosseguiu Sherlock Holmes, imperturbável —, fico pasmo que um homem cujo tempo é tão valioso possa perdê-lo contando dinheiro. Sem dúvida, o senhor está ciente de que um soberano de ouro pesa 7,99 gramas. Logo, se estivesse em seu lugar, mandaria buscar a balança da cozinha, poria nela o metal e chegaria ao total com um lápis de chumbo. O senhor trouxe o ouro em duas bolsas de lona, não foi, sir George?

— Em nome de tudo que é mais sagrado, como sabe? — indagou o atônito editor.

Sherlock Holmes, com indiferença e um sorriso superior, indicou com a mão as duas bolsas que continuavam sobre a mesa lustrosa.

— Ah, estou farto desse tipo de coisa — falou Doyle, exausto, sentando-se na primeira cadeira que encontrou. — Não consegue ser honesto nem mesmo na véspera de Natal? Sabe muito bem que os oráculos da Antiguidade não se portavam mal uns com os outros.

— Verdade — concordou Sherlock Holmes. — O fato é que segui sir George Newnes até o banco Capital & Counties essa tarde, onde ele solicitou seis mil libras em ouro. No entanto, quando lhe informaram que essa quantia pesaria 44 quilos, e que não faria diferença se o valor lhe fosse dado em barras em vez de moedas, sua decisão foi optar por duas pequenas sacolas de ouro e o restante em cédulas do Banco da Inglaterra. Viemos de Londres no mesmo trem, mas ele estava no automóvel antes mesmo que eu pudesse me apresentar, obrigando-me a fazer o caminho a pé. Atrasei-me mais ainda ao pegar a curva errada no topo da estrada e me descobrir naquele local encantador nas cercanias onde um marinheiro foi morto por rufiões cerca de um século atrás.

Ouviu-se um quê de alerta na voz de Doyle quando ele indagou:

— E esse incidente não lhe ensinou nada? Não o fez perceber estar em um local perigoso?

— Correndo o risco de esbarrar em dois rufiões? — emendou Holmes, erguendo de leve as sobrancelhas, enquanto mantinha o mesmo sorriso doce nos lábios finos. — Não, a lembrança do incidente até me encorajou. O homem assassinado estava com dinheiro. Eu não tinha um centavo comigo, embora acalentasse a esperança de arrebatar uns tantos.

— Acaso nos faria a gentileza de esclarecer, sem mais delongas, o que o traz aqui tão tarde da noite?

Sherlock Holmes deixou escapar um suspiro e balançou devagar a cabeça com pesar.

— Depois de tudo que lhe ensinei, Doyle, será que não consegue deduzir uma

coisa tão simples? Por que estou aqui? Porque sir George cometeu um equívoco quanto a essas sacolas. Teve plena razão em trazer uma delas a “Undershaw”, mas deveria ter deixado a outra no número 221B da Baker Street. Chamo essa pequena jornada de “A aventura da segunda bolsa”. Eis aqui a segunda bolsa, sobre a mesa. A primeira você recebeu faz muito tempo, e tudo que me coube foram algumas palavras melosas de elogio às histórias que escreveu. Ora, infelizmente é acertado dizer que palavras melosas não enchem a barriga, e, neste caso, nem mesmo impedem a ira. No que tange à segunda bolsa, estou aqui para exigir a metade de seu conteúdo.

— Não sou tão obtuso quanto a deduções, como, pelo visto, imagina — disse Doyle, aparentemente espicaçado pela ligeira referência do outro às suas capacidades. — Ficou evidente para mim, no momento em que chegou, qual era sua pretensão. Deduzi, ainda, que, tendo visto sir George sacar o ouro no banco, o seguiria até a estação de Waterloo.

— Correto.

— Quando ele comprou a passagem para Haslemere, o senhor fez o mesmo.

— Sim.

— Chegando a Haslemere, enviou um telegrama ao seu amigo, o dr. Watson, informando-o de seu paradeiro.

— Errado. Corri atrás do automóvel.

— Decerto enviou um telegrama de algum lugar para alguém ou ao menos pôs um bilhete em uma caixa de correio. Existem indícios, que não carecem ser mencionados agora, que apontam sem sombra de dúvida para tal conclusão.

O infeliz, derrotado pela própria autocomplacência, abriu seu sorriso superior,

sem perceber o olhar ávido com que Doyle aguardava a resposta dele.

— O senhor está completamente enganado. Não enviei telegrama algum nem enderecei qualquer mensagem desde que saí de Londres.

— Ah! — exclamou Doyle. — Vejo agora onde me equivoquei. Você apenas indagou como chegar à minha casa.

— Não foi preciso. Segui as luzes traseiras do automóvel durante parte da subida e, quando o carro desapareceu, virei à direita, em vez de virar à esquerda, já que não havia ninguém na rua em uma noite como a de hoje a quem pudesse pedir informações para achar o caminho.

— Minhas deduções, então, estão equivocadas — observou Doyle com a voz rouca, em tom que provocou calafrios nas costas do convidado bem-vindo, mas não proveram qualquer pista do próprio destino ao atrevido visitante indesejado.

— É óbvio que sim — concordou Holmes, com segurança exasperadora.

— Estarei também errado ao deduzir que não comeu nada desde que saiu de Londres?

— Não. Nesse ponto, tem toda razão.

— Então, por gentileza, aperte esse botão elétrico.

Holmes atendeu ao pedido com disposição. Contudo, embora o trio tenha esperado alguns minutos em silêncio, não houve resposta.

— Deduzo daí — disse Doyle — que os criados já se recolheram. Depois de providenciar para que todas as suas necessidades de comida e ouro sejam

atendidas, eu o levarei de volta em meu carro. A menos que prefira passar a noite

aqui.

— É muita gentileza sua — atalhou Sherlock Holmes.

— De forma alguma — emendou o autor. — Por favor, pegue aquela cadeira e

a traga para junto da mesa, para que possamos dividir o conteúdo da segunda bolsa.

A cadeira indicada era diferente de todas as outras. Tinha o encosto reto e seus

braços de carvalho eram cobertos por duas placas, aparentemente de alpaca.

Quando a pegou pelos braços para puxá-la, Holmes soltou um suspiro

entrecortado, caindo estatelado no chão, o corpo tomado por tremores. Sir George Newnes pôs-se de pé num salto com um grito de alarme. Sir Arthur Conan Doyle permaneceu sentado, com um sorriso seráfico de infinita satisfação

brincando nos lábios.

— Ele desmaiou? — perguntou sir George.

— Não. Foi apenas eletrocutado. Um artefato simples que o xerife de Nova York me ensinou da última vez em que estive lá.

— Deus do céu! Podemos ressuscitá-lo?

— Meu caro Newnes — respondeu Doyle, com a expressão de alguém que

acabou de tirar um grande peso dos ombros —, um homem pode cair dentro da

fenda ao pé da catarata de Reichenbach e sobreviver para registrar suas

aventuras depois. Porém, quando dois mil volts passam pelo arcabouço humano,

o dono do arcabouço em questão está morto.

— Você não está dizendo que acabou de assassiná-lo, está? — perguntou sir George em um sussurro apavorado.

— Ora, o termo que você usou é duro, embora bastante acurado para definir a situação. Para falar com toda a honestidade, sir George, não acho que possamos ser acusados de nada além de homicídio involuntário. Veja bem, essa é uma pequena invenção para receber ladrões. Toda noite, antes de irem dormir, os criados ligam a corrente elétrica dessa cadeira. Foi por isso que pedi a Holmes para apertar o botão. Costumo pôr uma mesinha ao lado dela, com uma garrafa de vinho, uma de uísque e outra de soda, além de alguns charutos. Assim, se um ladrão entrar, ele sem dúvida se sentará nesta cadeira a fim de se entreter. Como vê, essa peça de mobília é um método eficaz para a redução de crimes. O número de criminosos que já despachei para a cova provará que o fim de Holmes não foi premeditado. Esse incidente, estritamente falando, não é assassinato, mas homicídio involuntário. Não devemos pegar mais de 14 anos cada um, e é provável que a sentença será reduzida para sete devido ao fato de termos cometido um ato em benefício público.

— Cada um! — exclamou sir George. — O que eu tive a ver com isso?

— Tudo, meu caro, tudo. Enquanto o tolo tagarelava, vi em seus olhos o brilho da cobiça das altas tiragens. De fato, acho que chegou até a mencionar o número de janeiro. Isso o transforma em cúmplice. Só precisei dar cabo do pobre infeliz.

Sir George afundou na cadeira, sufocado de terror. Editores são seres humanos que quase nunca cometem crimes; autores, por outro lado, são calejados, pois costumam cometer uma transgressão toda vez que publicam um livro. Doyle riu,

despreocupado.

— Estou habituado a esse tipo de coisa — falou. — Lembre-se de como eu matava em *A Companhia Branca*. Agora, se me ajudar a nos livrarmos do corpo, tudo há de dar certo. Veja bem, descobrimos através deste equivocado simplório que ninguém faz ideia de onde ele está. É comum o detetive sumir durante várias semanas, motivo pelo qual, na verdade, corremos pouco perigo de sermos presos. Você pode me dar uma mãozinha?

— Acho que não me resta outra opção — disse o homem, corroído pela própria consciência.

Na mesma hora, Doyle deixou de lado a lassidão causada pela chegada de Sherlock Holmes e passou a agir com a energia que lhe era característica. Indo até o armazém fora da casa, trouxe até a porta da frente o automóvel, e, então, levantando o corpo do chão e sendo seguido por seu convidado trêmulo, saiu e atirou o cadáver no compartimento de carga traseiro. Em seguida, jogou dentro do veículo uma pá e uma picareta, cobrindo tudo com uma lona. Acendendo os faróis, instruiu o convidado a entrar no carro, a fim de começarem a malfadada jornada. Pegou a estrada que passava pelo local onde o marinheiro fora morto e desceu o morro íngreme em uma velocidade temerosa até Londres.

— Por que escolheu este caminho? — indagou sir George. — Não seria aconselhável optar por se embrenhar no campo?

Doyle soltou uma sonora gargalhada.

— Você não tem uma casa em Wimbledon Common? Por que não enterrá-lo

em seu jardim?

— Ora essa! — exclamou o homem, horrorizado. — Como é capaz de propor

algo assim? Por falar em jardins, por que não o enterrou no seu, o que seria muito mais seguro que dirigir nessa velocidade?

— Não tenha medo — disse Doyle, em um tom tranquilizador. —

Encontraremos para ele um sepulcro conveniente sem remexer em nossos

jardins. Estaremos no centro de Londres em duas horas.

Sir George olhou, aterrorizado, para o diabólico motorista. O homem sem

dúvida estava louco. Encaminhava-se logo para Londres, de todos os lugares!

Com certeza aquele era o local na terra que mais deveriam evitar.

— Pare o carro e me deixe descer — exigiu. — Vou acordar o juiz mais próximo e confessar o crime.

— Não fará nada disso — respondeu Doyle. — Será que não vê que pessoa alguma há de desconfiar que dois criminosos escolheriam Londres quando

tinham todo o campo ao seu dispor? Não leu minhas histórias? No instante em

que um homem comete um crime, ele tenta se afastar de Londres o máximo possível. Todo policial sabe disso. Portanto, segundo a Scotland Yard, dois indivíduos chegando a Londres são apenas inocentes desconhecidos.

— Por outro lado, podemos ser presos por excesso de velocidade. E não se esqueça do fardo terrível que estamos levando.

— Estaremos seguros nas estradas do interior, e reduzirei a velocidade quando

chegarmos aos subúrbios.

Eram quase três horas da manhã quando um enorme automóvel saiu de

Trafalgar Square e seguiu pela Strand. O lado norte da Strand encontrava-se em

obras, como era usual, e o carro, sendo guiado com habilidade, desviou das pilhas de placas de calçamento, dos enormes baldes escuros contendo piche e dos detritos compatíveis com uma repavimentação. Do outro lado da

Southampton Street, exatamente no local tão bem ilustrado por George C. Haite

na capa da *Strand Magazine*, sir Arthur Conan Doyle desligou o motor. A rua estava deserta. Atirando a picareta e a pá na escavação, ordenou ao companheiro

que escolhesse a arma de sua predileção. Sir George optou pela picareta, e Doyle, com vigor, empunhou a pá. Em quase menos tempo que o necessário para

contar, um buraco bastante vasto fora escavado e nele foi colocado o corpo do popular detetive. No momento em que a última pá de terra cobriu o túmulo, a voz severa de um policial quebrou o silêncio, levando sir George a deixar cair a

picareta das mãos sem forças.

— O que os dois estão fazendo aí?

— Está tudo bem, seu guarda — respondeu Doyle, desenvolto como alguém

que previra toda e qualquer emergência. — Meu amigo aqui é supervisor da Strand. Quando a rua está em obras, a responsabilidade é dele, e ele tem a maior

tiragem na… Isto é, ela passa por obras com mais frequência que qualquer outra

rua do mundo. Não podemos inspecionar o trabalho quando há tráfego; assim, precisamos fazer isso à noite. Sou o secretário dele; faço as anotações, veja bem.

— Ah, compreendo — respondeu o guarda. — Muito bem, cavalheiros, bom

dia aos dois e feliz Natal.

— Igualmente, seu guarda. Porém, precisamos de uma mãozinha, pode ser?

O agente da lei ajudou cada um dos homens a sair do buraco para o nível da

rua.

Enquanto se afastava do malfadado local, Doyle comentou:

— E é dessa forma que nos livramos do pobre Holmes no lugar mais movimentado da terra, onde ninguém jamais haverá de pensar em procurá-lo, e o enterramos sem sequer um presente de Natal como lembrança. Nós o sepultamos para sempre na Strand.

Pura sorte de novo

STANLEY RUBINSTEIN

Como advogado de renome, especializado em questões literárias e editoriais, Stanley Jack Rubinstein (1890-1975) foi presidente da editora Burke e indivíduo essencial na criação da Andre Deutsch, uma respeitada casa editorial inglesa.

Historiador bastante conhecido, sua obra mais famosa é *Historians of London*, de 1968, cujo subtítulo é "Um relato de vários levantamentos, histórias, perambulações, mapas e inscrições feitos na cidade e seus arredores, e dos dedicados londrinos responsáveis por tais", cobrindo o período até 1900. Sua outra contribuição de peso para a história da cidade é o escrito histórico *The Street Trader's Lot London: 1851. Being an Account of Lives, Miseries, Joys & Chequered Activities of the London Street Sellers as Recorded by Henry Mayhew*, de 1947, ilustrada com 25 desenhos contemporâneos que retratam vários comerciantes cujos pequenos estandes em ruas movimentadas vendiam de tudo, desde ostras a textos sacros hindus e ninhos de passarinho.

A comprovação de que a presente paródia não foi a única incursão de Chapman no mundo da literatura de mistério é seu romance *Merry Murder*, de 1949, que tem como protagonistas o inspetor Rogers e Thomas Willmott.

"Pura sorte de novo" foi originalmente publicado no exemplar de abril de 1923 da *Detective Magazine.*

PURA SORTE DE NOVO

Stanley Rubinstein

Devido à oposição empedernida de minha esposa a Sheerluck Combs, fazia algum tempo que eu não o via, e confesso que foi com certa apreensão que mais uma vez bati à famosa porta em Baker Street.

— Entre! — gritou a voz de meu reverenciado mestre. E, antes mesmo que eu pudesse girar a maçaneta: — Bem-vindo de volta, pródigo Whatson!

— Ora essa! Como soube que era eu? — exclamei, estupefato, esquecendo as boas maneiras ante a admiração por meu amigo.

Combs contemplou uma nuvem de fumaça subir até a chaminé.

— Muito simples. Sua loção capilar, meu caro, o precedeu. Desde nosso último encontro, escrevi uma pequena monografia sobre o odor e o sabor peculiares de mais de 150 variedades de loção capilar. Posso identificar sua marca preferida a um quilômetro de distância.

Comecei a despejar termos elogiosos sobre meu ilustre amigo, que, fiquei encantado em saber, não perdera nenhum de seus poderes de percepção, mas Combs me calou com um gesto imperativo.

— Basta — disse. — Pai, filho… Isto é, Whatson, não consigo mentir nem para você. Na verdade, estava de pé junto à janela quando o vi subindo a rua.

A simplicidade com que ele me contou a verdade, mesmo correndo o risco de perder o fio da meada, era maravilhosa. Encarei-o com um respeito que beirava a adoração.

— Vim a negócios — esclareci.

— Sei disso — disse Combs.

— Como? — perguntei, atônito.

— Você acabou de me dizer — respondeu. — É uma questão importante — acrescentou.

— Maravilha! — Não consegui deixar de bradar. — Como sabe?

A resposta de Combs foi brilhantemente característica de seu formidável raciocínio.

— Em geral, quando um homem vaidoso como você sai sem gravata, isso demonstra pressa; pressa em um sujeito com sua conhecida preguiça demonstra excitação; excitação em alguém de seu temperamento demonstra importância. Uma dedução simples, meu caro Whatson. Você deveria voltar ao estudo da matemática elementar, ele refresca o cérebro. Estou inclinado a crer que perdeu alguma coisa — disse.

Fiquei demasiado surpreso para falar durante um instante.

— E como, pode me dizer, você adivinhou a razão que me trouxe aqui hoje? — perguntei, afinal.

Combs demonstrou surpresa durante uma fração de segundo.

— Quando um cavalheiro educado funga em vez de assoar o nariz, trata-se de um forte sinal de que ele perdeu o lenço.

A percepção do homem e seu conhecimento de vida eram de fato notáveis.

— Eu poderia lhe dizer mais a seu próprio respeito — falou.

— Faça isso — insisti, sempre ansioso por obter comprovação dos métodos de meu amigo.

— Desde quando você passou a fazer a barba com um barbeador de lâminas?

Era verdade. Minha esposa me dera um de presente em nosso aniversário de casamento e, há alguns meses, me convencera de usá-lo.

— Não sei explicar como foi capaz de chegar a tal conclusão.

— Meu caro Whatson, nos velhos tempos de sua solteirice, você costumava se cortar com uma regularidade infalível toda vez que se barbeava. Agora, porém, nem o queixo nem as bochechas mostram qualquer sinal daquelas cicatrizes que sempre me pareceram ferimentos honrosos causados em suas batalhas diárias com a navalha. Seu rosto bem barbeado é sinal suficiente de que você não parou de fazer a barba, e sua mão está, no mínimo, menos firme que costumava ser. Para falar a verdade, se não temesse magoá-lo, diria que começou a beber.

Cobri o rosto afogueado com as mãos.

— Juro que não foi por culpa minha — gemi.

— Suas desculpas podem esperar — retrucou Combs, com frieza. — Deixe-me ouvir o que o trouxe até aqui. Relate os fatos de forma mais resumida possível. Não disponho de muito tempo. O caso da pianola perdida do rei do açúcar me tomou mais tempo que me apraz admitir, e estou atrasado com relação a dois ou três outros casos importantes.

Uma sombra sinistra perpassou o olhar dele e, não fosse pelo movimento irregular das pontas dos dedos se tocando, poder-se-ia supor que estivesse morto.

Pigarreei e dei início ao relato.

— Depois do jantar de ontem à noite, subi para meu escritório e tranquei a porta.

— Ah! — exclamou Combs. — Estava com medo de alguma coisa. Do quê? O que foi? Você está corando, homem! Qual é o problema?

— Bem, veja… — gaguejei.

— Não estou vendo nada — disse Combs, impaciente. — Sou um detetive. *O* detetive! — acrescentou. — Não um simples espiritualista.

— Devo confessar que minha esposa se tornou vegetariana e…

— E que, como o jantar que ela preparou não se provou satisfatório, você se refugiou no escritório para suprir tal deficiência consumindo os sanduíches que levara para lá, sabiamente, durante o dia. Estou certo?

— Sim. Como sempre — respondi. — E, para variar, desta vez quase posso acompanhar seu raciocínio. Depois de consumir os sanduíches e… e o conteúdo de meu cantil de prata, destranquei a escrivaninha com a intenção de fazer o que tantas vezes pensara em fazer, mas jamais tivera tempo até então.

— Prossiga — insistiu Combs. — Estou interessado.

— Pretendia examinar minhas anotações nos casos em que o acompanhei, e apresentar outra seleção ao nosso público ansioso e sempre disposto a ler sobre os crimes.

Combs franziu as sobrancelhas.

— Sob os mesmos termos de antes, presumo — indagou de forma casual —,

trinta por cento dos direitos para você e… bem, o restante para mim?

— Decerto que sim — confirmei, tentando manter a voz calma —, mas não será possível.

— E por que não? — indagou Combs de repente.

— Porque os papéis foram roubados — respondi.

— Pelos poderes divinos! — gritou ele, levantando-se de um salto da cadeira, os braços estendidos enquanto investia em minha direção.

De fato acreditei que o derradeiro momento tinha chegado. No entanto, interpretei cruelmente a ação de meu amigo, pois ele apenas pegou o violoncelo pendurado na parede acima de minha cabeça e começou a ziguezaguear pela sala, acelerando e serrando. Para cima e para baixo, de um lado para o outro, a música extravagante que extraía do notável instrumento, presente do rajá do xampu, a quem Combs certa vez prestara um pequeno serviço, ecoava pelo cômodo. De início, ele produziu uma melodia frenética nas cordas, mas, conforme ficava mais cansado, a violência musical foi reduzindo até que, em meio a uma lacrimonsa canção de ninar, Crombs atirou o instrumento valioso, o presente do… — ah, já mencionei esse fato — na lata de lixo. Em seguida, atirou a si próprio, uma massa trêmula, na poltrona.

Mal lhe sobravam forças para soluçar, mas foi exatamente isso que ele fez, soluços como eu jamais ouvira antes, salvo uma única vez, ocasião em que, disfarçados de sultanas, entramos no harém do sultão de Badladd para resgatar de suas garras uma dama de linhagem real.

Por fim, Combs superou a comoção.

— Whatson — disse —, posso, com o tempo, aprender a esquecer, mas jamais

a perdoar. Confiei em você, em você, meu Boswell. Ainda assim, de nada me servem as lágrimas. Fui fraco. Serei forte. Quero ouvir os detalhes. Pode ainda haver tempo para resgatar os papéis.

E ele voltou a ser o detetive, preparado para ouvir com aquela atenção passiva que dedicava aos casos mais impessoais.

— Tendo trancado a porta de meu escritório — prossegui —, peguei todas as anotações, examinei-as com cuidado e as arrumei em duas pilhas sobre a mesa. Na pilha da esquerda, estavam aquelas em que nossos esforços foram… menos exitosos que poderiam ter sido. Você se lembra, por exemplo, daquele desaparecimento misterioso da senhora dos sete queixos?

— Encontrei a senhora, mas jamais recuperei seus queixos — comentou Combs. — Lembro muito bem! O proprietário do circo se recusou a recebê-la de volta sem eles! Continue!

— E na pilha da direita — falei —, coloquei todos os dados de uma dúzia de casos que achei que pudessem ser apresentados com segurança ao público.

— E então?

— Peguei dois envelopes grandes, um dos quais enderecei a você e o outro aos editores. Botei ambos sobre a mesa, com o destinatário para baixo.

— Sou todo ouvidos — disse Combs.

— Misturei os dois como se fossem peças de dominó. Veja bem, não tinha certeza se deveria enviar os papéis diretamente aos editores ou a você, para que os examinasse e, se necessário, os revisasse. Sei, é claro, que se não estivesse ocupado, você os enviaria de novo a mim, mas temi que, na correria dos

negócios, eles acabassem lhe passando despercebidos.

— Você estava certo — concordou Combs. — Era bem provável que isso acontecesse.

— Assim, optei por esse método para escolher o que fazer. Estava prestes a desvirar o envelope que determinaria o destino dos papéis quando, por acaso, olhei para o relógio sobre a lareira.

— E que horas eram? Isso é importante.

— Eram 22h23 — respondi. — Eu era, como você sabe, um abstêmio, mas uma longa dieta vegetariana reduziu minha energia. Para resumir, peguei meu chapéu, meu sobretudo e meu guarda-chuva e dei uma corridinha até a esquina, ao *pub* Duke of Edimburgh para… reabastecer meu cantil.

— Ah! — exclamou Combs, e um longo suspiro escapou de seus lábios. — Trancou a porta ao sair?

— A porta da frente, sim. A do escritório, não — respondi. — Porém, juro que não me ausentei por dez minutos sequer, porque, como bem sabe, eles nos põem para fora… quer dizer, eles fecham as portas às 10h30, e voltei direto para casa. E como não há ruas para atravessar nem meios-fios em que tropeçar… — acrescentei sem necessidade.

— Encontrou a porta da frente aberta ao retornar?

— Não. Aparentemente estava tudo como eu deixara. Entrei com minha chave e subi para o escritório. *Os papé is e os envelopes tinham sumido!*

— Valham-me os céus! — exclamou Combs, e enormes gotas de suor

brotaram em sua testa. — Você entregou uma arma bastante poderosa nas mãos de meus inimigos!

— Ah, sei disso! — concordei —, mas não tripudie.

— Venha — comandou Combs, pondo-se de pé —, não há tempo a perder.

Trata-se, é claro, do trabalho de uma gangue de oposição. Há tempos estou de olho neles. São um bando de inescrupulosos e nada os deterá. Voltemos à cena da tragédia.

Para Combs, pensar equivalia a agir, e em menos tempo que me é necessário para escrever a respeito, estávamos na rua e havíamos chamado um automóvel.

— Para onde? — perguntou o motorista.

Disse a ele o endereço.

— Não tenho combustível suficiente — disse ele, preparando-se para seguir em frente.

— Isso é mentira, George Blarnie, e você sabe disso — afirmou Combs, com calma.

— Ei, quem está me chamando de mentiroso? Pelas barbas do profeta, se não é o sr. Sheerluck Combs! Entre, excelência! Peço desculpas por não ter reconhecido o senhor antes.

Enquanto o veículo seguia em disparada, Combs permaneceu acomodado em seu canto, a testa franzida em profunda reflexão.

— Tem alguma teoria? — indaguei.

— Ainda não — respondeu Combs. — É um crime capital elaborar teorias

antes de conhecer todos os fatos. Além disso, é perda de tempo. Você entrou em contato com a Scotland Yard? — perguntou.

— Como pode me perguntar uma coisa dessas? — falei. — Um movimento desses de minha parte sugeriria uma falta de confiança em seus poderes.

— Não estava pensando no departamento de investigação, mas no de objetos perdidos — prosseguiu Combs, casualmente. — No entanto, cá estamos. Tem algum trocado, meu caro Whatson? Deixei a carteira em casa.

Paguei o motorita, que agradeceu levando a mão ao boné e me dando uma piscadela.

— O senhor bem que tentou acabar com minhas vilanias — disse ele —, mas não adiantou. Esta forma de roubo à luz do dia é permitida, por isso não tem como me pegar. *Bom dia*, sr. Combs! — E lá se foi ele.

— Um grande patife, esse aí — explicou Combs. — Um dos maiores especialistas em arrombamento de casas de campo do país. Ele foi, você deve se lembrar, o principal vilão no estranho caso do fogão do caixeiro-viajante.

— Lembro muito bem — respondi.

Minha casa é do tipo comum, geminada e de três andares. Onze degraus levam à porta dos fundos, no porão, que se abre para uma área estreita, pela qual também se tem acesso ao depósito de carvão, situado sob a calçada. Não existe saída que dê direto na rua pelos fundos, e as janelas traseiras têm vista para o canal Regents, apartado do muro da casa apenas por uma trilha estreita.

Quando subi os quatro degraus de pedra que levam à porta da frente e enfiei a

chave na fechadura, o temor me assaltou pela primeira vez, pois Combs não colocava os pés na casa desde que minha esposa descobrira seu papel na captura dos envolvidos no assalto a um banco em Sião. Como consequência desse assalto, um primo de segundo grau de sua cunhada ainda não retornara à Inglaterra.

Ficou óbvio que Combs nutria os mesmos temores, pois, quando abri a porta, ouvi dele:

— Sou o encanador.

Minha esposa cruzava o corredor no momento em que entramos na casa.

— O encanador, meu bem — expliquei. — Ele veio… falar comigo sobre um problema nas vias respiratórias.

Dito isso, levei o estranho direto para meu escritório, que fica no segundo andar e na parte da frente da casa.

Devo confessar que esperava que Combs elogiasse meu improviso brilhante.

Porém, tão logo fechei a porta, ele esbravejou:

— Tolo, idiota, mentecapto! Vim aqui para consertar uma coisa, não ser consertado. Talvez seja necessário fazer um exame detalhado tanto do interior quanto do exterior do prédio. Acaso seus pacientes têm o hábito de andar pela casa de gatinhas?

E, dirigindo-se até a porta, trancou-a.

— Agora — comandou —, daremos início à investigação. Vou começar inquirindo seus empregados.

— Ora! Não temos empregados. Todos foram embora para fabricar munição e

agora não querem mais saber de trabalho doméstico.

Combs franziu o cenho.

— Odeio ter de suspeitar de sua esposa logo no início do processo, mas essa declaração me deixa sem alternativas — disse Combs.

— Posso responder por ela — falei. — Passou a noite no cinema. Nada sabe sobre isso e, para falar a verdade, não deverá saber. Lembre-se de que, se ela sequer desconfiar de que você é você, em dois minutos há de voltar para a casa da mãe.

— E não propõe que a informemos sobre minha identidade?

— Ainda não, meu amigo — respondi.

Combs deu de ombros.

— *Comme vous voulez* — disse ele, com um sotaque impecável. — Vocês, homens casados, são dignos de admiração.

Então, se colocando de joelhos, tirou do bolso a fita métrica e uma grande lente de aumento quadrada.

— A *mise-em-scène* não foi tocada desde ontem à noite — falei. — Aí está a escrivaninha, e aquela é a mesa — expliquei, apontando para o mobiliário mencionado.

— É o que estava imaginando! — interveio Combs, falando consigo mesmo e interrompendo, por um instante, seu percurso de gatinhas, a fim de desenhar um grande ponto de interrogação no caderno de notas. — Ah! — exclamou de repente, os olhos quase grudados ao carpete. — Lama fresca.

— Não sei como pode isso ter vindo parar aqui! — exclamei, culpado. —

Tirei as botas antes do jantar ontem à noite e não retornei a este cômodo até depois da refeição.

— Você pode ter trazido a lama quando voltou do Duke of Edinburgh — disse Combs, com um olhar penetrante.

Baixei a cabeça em silêncio.

Concluídas as investigações, Combs desabou em uma poltrona e, acendendo o cachimbo, foi logo envolvido por uma cortina de fumaça.

Então, ele deu um salto súbito, atravessou o cômodo até o telefone e fez um ruído como o de uma campainha.

— Vá dizer à sua esposa que uma amiga cujo nome você não conseguiu registrar ligou e quer vê-la agora mesmo sobre um assunto urgente e particular.

Atendi ao pedido e encontrei minha esposa, para quem repeti a mensagem.

— Ela já foi? — indagou Combs, ansioso, quando voltei. — Quero inspecionar a casa.

— Infelizmente, não — respondi. — Ela me perguntou como iria saber para onde ir se não entendi o nome da pessoa que ligou.

— Arre! — sibilou Combs. — Você sempre estraga tudo! Preciso dar início ao meu plano habitual de inspeção. Se esbarrar em sua esposa, vou repetir a absurda ladainha de que sou o encanador e acrescentar que você me chamou para ver as vias respiratórias da casa, que parecem estar com vazamento. Não se esqueça de me apoiar em qualquer pergunta que ela lhe faça.

E antes que eu tivesse tempo para anuir, Combs já se retirara do aposento.

Peguei um livro e tentei ler, mas a mente insistia em voltar ao meu trágico descuido de permitir que os documentos preciosos de meu amigo fossem

roubados. Amaldiçoei o dia em que nasci, o dia em que fui apresentado a Combs, o dia em que minha esposa se tornou vegetariana e, pois o fato se dera

no mesmo dia, o dia em que provei bebida alcoólica pela primeira vez.

Acredito que tenha adormecido, pois acordei e vi Combs de pé ao meu lado.

De imediato, concluí que ele nada descobrira em sua ronda.

— Eu diria, em vista da poeira, que nenhuma das janelas ou a porta dos fundos foi aberta no último ano — disse ele, desanimado.

— Foi por volta dessa época que os criados partiram — admiti.

Combs, de pé à minha frente, estava perdido em reflexões, o queixo enfiado no peito.

— Não serei vencido! — exclamou, de repente. — Seria muita falta de sorte

se, depois de anos de sucesso encontrando soluções para terceiros, eu venha a fracassar no caso mais importante e complicado com o qual jamais lidei,

sobretudo quando este me afeta pessoalmente.

Nesse momento, minha esposa bateu à porta.

— O carteiro acabou de deixar um cartão para você — informou ela.

— Merceeiros e açougueiros eu até entendo — disse Combs —, mas não vejo

vantagem em ter um relacionamento amistoso com o carteiro.

— Passe por baixo da porta, por favor — pedi. E me abaixei para pegar um

cartão-postal endereçado a mim, o qual li em voz alta para Combs. Nele estava

escrito:

Os srs. Emess e Script oferecem seus cumprimentos ao sr. Whatson e desejam

informá-lo que um envelope vazio e sem selo, endereçado com sua caligrafia, foi recolhido por um de seus funcionários esta manhã e a referente postagem devidamente paga. Os signatários agradecerão se o sr. Whatson lhes remeter a

quantia de três pences para cobrir tal despesa ou, caso o sr. Whatson assim deseje, concordam em debitá-la de sua conta.

— Você acha que o cartão é verdadeiro? — indaguei, entregando-o a Combs, que o pegou e estudou com atenção através da lente.

— Sem dúvida — respondeu ele.

— Então, qual seria sua conclusão? — perguntei.

Combs levou um minuto para responder:

— Imagino que o ladrão quis se livrar da parte sem valor de seu butim na primeira oportunidade que encontrou e, como não sabia o que fazer com o envelope, atravessou a rua e o jogou na caixa de correio.

— Parece admissível — concordei.

Combs me lançou um olhar zangado.

— Se conhece um detetive melhor que eu, recomendo que o procure — falou.

— Contudo, você sabe que eu sei que sabe que isso é impossível, pois melhor detetive não existe.

Comecei a me desculpar, mas Combs me calou com outro de seus gestos

imperativos e se pôs de pé.

— Já passa do meio-dia — disse ele. — Você virou à direita ou à esquerda para chegar ao Duke of Edinburgh? Gostaria de medir a distância —

acrescentou.

Dei a ele as informações necessárias e me arrisquei a acrescentar um alerta quanto a certas bebidas vendidas naquele estabelecimento, bebidas que a experiência me ensinou a evitar.

— Muito obrigado — disse Combs. — Vá à minha casa às sete da noite. Espero ter solucionado o caso.

Dito isso, Combs se foi.

Sentei-me e tentei pensar. Eu tinha todos os fatos, mas não conseguia extrair sentido deles, enquanto Combs, com as mesmas informações, iria, não me restava dúvida, recuperar os papéis perdidos.

Cerca de vinte minutos depois, desisti de queimar os miolos e, enfiando o revólver no bolso e dizendo à minha esposa que talvez não voltasse para casa naquela noite, fui atender um paciente, moribundo já fazia três dias, que talvez estivesse se sentindo negligenciado.

Descobri, satisfeito, que ele não piorara durante minha ausência, mas, devido à sua insistência para que eu ouvisse a leitura de seu testamento, bem como testemunhasse a assinatura do documento, já eram quase 19h15, e não 19 horas em ponto, quando bati à porta de Combs.

Uma dama jovem e vestida no rigor da moda, cuja fisionomia me pareceu estranhamente familiar, estava sentada na poltrona de Combs, fumando um cachimbo. Eu estava prestes a apresentar uma desculpa quando um repentino erguer de sobrancelha me levou a reconhecer seu semblante.

— Boa noite, srta. Combs! — saudei. — Imagino que seu irmão ainda não tenha chegado em casa. Posso esperar por ele aqui?

— Meu nome é Kammerad — informou a dama. — Por *Herr* Combs, estou a

esperrar.

Concluí pelo sotaque que a mulher fosse da Alemanha, nação da qual nunca gostei. Resolvi que o melhor a fazer era *esperrar* — isto é, esperar — meu amigo na rua.

Já ia descendo a escada quando uma voz vinda de cima me chamou:

— *Herr* Vatson! *Herr* Vatson!

Tornei a entrar.

— Pois não? — disse, irritado.

— Não reconhece a mim? — indagou a dama, com um sorriso que se

pretendia sedutor.

— Não tive o prazer — respondi, secamente.

— Pois deveria — disse Combs com a voz habitual, pois a dama era ele, afinal.

Expressei minha admiração e não consegui evitar refletir, como tantas vezes fizera no passado, a respeito da genialidade de meu amigo. Ele não apenas era um mestre na arte da maquiagem, mas também capaz de assumir o personagem

interpretado com tamanho sucesso que até mesmo eu, que o conhecia talvez melhor que qualquer outra alma viva, me vi incapaz de perceber seu disfarce. O

público amante de cinema perdeu uma joia rara quando Combs decidiu que não

seria ator.

Combs estalou a língua.

— Fico feliz em perceber que não deixei todos os meus velhos poderes no passado — disse ele.

— Encontrou os papéis? — indaguei, ansioso.

— Não — respondeu —, mas você há de ficar satisfeito de saber que sua esposa não os pegou.

— Como sabe disso? — perguntei, atônito.

— Eu a visitei disfarçado esta tarde — explicou Combs — e, dizendo que havia sido enviada por uma agência de empregos, me candidatei ao cargo de cozinheira e arrumadeira. Felizmente, ela partilha de seu desafeto por alemães e

se recusou a me empregar.

Suponho que demonstrei de forma bem clara minha decepção ante seu

fracasso na recuperação dos papéis.

— Anime-se — disse Combs, embora o tom com que falou nada tivesse de

animador. — Estou aguardando os papéis aqui a qualquer momento.

Confesso que, a essa altura, achei que tais palavras não tinham outro objetivo senão combater meu desânimo.

— Como, quando e onde? — gritei, excitado.

— Ah-ha! — respondeu Combs, de forma misteriosa.

Naquele instante, ouviu-se uma batida na porta da frente.

— Uma visita na hora do jantar! — exclamou Combs, surpreso. — Deve ser

algo importante.

— Você acabou de me dizer que está esperando os papéis!

— Ora, que tolice a minha! Claro que sim — admitiu ele. — Acabei me

esquecendo disso por um instante.

A batida se repetiu na porta do cômodo.

— Entre! — comandou Combs.

Um carteiro abriu a porta e indagou:

— O sr. Combs está?

— Sim — respondeu o próprio.

— Peço desculpas, senhorita, mas é o sr. Combs que procuro.

— Tudo bem, senhor carteiro — disse ele, rindo enquanto tirava a peruca.

— Ah, peço desculpas — disse o carteiro. — Não o reconheci nessas roupas. Um *shilling*, por favor — acrescentou, estendendo um gordo envelope.

— Nunca distribuo esmolas na porta — disse Combs, dispensando a encomenda.

— É uma recusa formal? — indagou o homem.

— O que é que você tem aí? — retorquiu Combs.

— Ora, veja o senhor mesmo! Uma carta selada à mão. O senhor não estava em casa nas outras duas vezes em que estive aqui hoje. Assim, não pude fazer a entrega — respondeu o carteiro, o verniz de educação se dissolvendo ante a excitação.

Combs pegou a encomenda e, ao vê-la, uma expressão de espanto se instalou em seu rosto.

— Vale o risco — murmurou, entregando ao carteiro um *shilling*.

Abrindo o envelope, examinou rapidamente o conteúdo.

— Ah! — exclamou com um suspiro de alívio, jogando o envelope para mim.

— Aí estão seus valiosos papéis. Lembre-se de tomar mais cuidado com eles no

futuro.

Era verdade. Não faltava nem mesmo uma página, e o envelope era idêntico ao que eu mesmo endereçara a Combs na noite anterior.

Caí de joelhos aos pés dele e beijei suas mãos em gratidão.

— Como conseguiu? — perguntei, com voz entrecortada. Combs, porém, ignorou a pergunta com um aceno de mão.

— Deixe-me sozinho agora. Estou muito cansado e acho que vou me deitar. Apareça amanhã de manhã e terei uma explica… e explicarei tudo a você — disse, com um bocejo.

Enfiei o precioso envelope no forro de meu colete, em segurança, e com redobrados agradecimentos, fui para casa dormir pela primeira vez em duas noites.

Na manhã seguinte, encontrei Combs tomando café vestido com um robe de diversas cores e aparência peculiar. Tinha olheiras profundas, que me sugeriam, como médico, uma noite insone, sem dúvida passada refletindo sobre a complexidade de algum caso recente.

— Você quer saber como encontrei os papéis — disse ele. — Vou lhe contar. Passei a noite inteira pensando nisso. Foi, na verdade, muito simples, desde que me convenci de que ninguém poderia ter entrado na casa durante sua ausência. Você se lembrará de que confirmou minhas suspeitas de que nenhuma das janelas, bem como a porta dos fundos, fora aberta nos últimos meses. E, é claro,

qualquer pessoa que pulasse da janela de seu escritório inevitavelmente quebraria o pescoço ao cair. Não havia ninguém lá ontem pela manhã, pois verifiquei, e soube através de perguntas no distrito policial que nenhum indivíduo foi removido de lá durante a noite.

“Estabelecidos esses fatos, me convenci de que nenhum assalto fora cometido, e como você não tem criados e eu mesmo concluí que sua esposa era inocente, fui levado a crer que *você mesmo tirou os papéis do escritório*.”

— Eu? — gritei, esquecendo de novo os modos, tamanha a agitação.

— Você. Está claro para mim que, antes de sair do cômodo para ir ao Duke of Edinburgh, você enfiou os papéis em um dos envelopes, pensou em guardá-los por medida de segurança, mas se deu conta de que não teria tempo para guardá-los e trancar a escrivaninha. Portanto, saiu porta afora com os envelopes em uma das mãos, embora eu não saiba ao certo em qual.

“Ao trancar a porta da frente, você se viu na entrada com os envelopes na mão e, subconscientemente, supôs que estava ali para postá-los, motivo pelo qual atravessou a rua e os colocou na caixa de correio. Então, quando se viu mais uma vez na entrada de casa e procurou a chave no bolso, encontrou seu cantil e, nessa agitação, esqueceu tudo a respeito da ida até a caixa de correio e correu para o Duke of Edinburgh.

“Para ser honesto e, dessa forma, impedi-lo de ficar com a ideia de que solucionei o problema apenas por dedução e sem a ajuda de pistas, devo mencionar que a lama no carpete me fez refletir. Não há lama entre sua casa e o Duke of Edinburgh, e você se lembrava de *ter voltado direto para casa*. Não houve menção, contudo, a ter *ido direto ao Duke of Edinburgh*. Quando vi o

estado da rua entre sua casa e a caixa de correio, percebi estar na pista certa. E a carta dos editores me deu uma ajuda adicional.

“Acho que isso é tudo. Devo dizer que precisei ir ao correio local e indagar o

horário da entrega seguinte, o que não levou mais de cinco minutos, ou assim seria, se não tivesse sido obrigado a esperar cinquenta minutos para que respondessem à minha pergunta.”

— Combs — falei, entusiasmado, segurando as mãos dele entre as minhas —,

você é realmente maravilhoso! Como posso demonstrar minha gratidão?

— Deixando-me sozinho, meu caro — respondeu Combs. — Estou esperando

uma senhora… hã, uma cliente importante… a qualquer momento, e o caso dela

é confidencial demais até mesmo para seus ouvidos.

Enquanto descia a escada, ouvi Combs afinando seu amado violoncelo, um

presente… sim…

Um enigma pragmático

JOHN KENDRICK BANGS

(escrevendo como dr. A. Conan Watson)

Das muitas boas ideias do grande humorista americano John Kendricks Bangs

(1862-1922), nenhuma igualou sua noção de “romances condensados”.

Kendricks publicou *Potted Fiction*, em 1908, com o subtítulo: *Being a series of extracts from the world’s best-sellers put up in thin slices for hurried consumers.*

No prefácio do livro, ele observa que “esta biblioteca de best-sellers

condensados se destina a satisfazer as necessidades daqueles que têm tantos problemas pessoais que não lhes sobra tempo livre para dedicar às dificuldades e

tribulações dos heróis e heroínas do momento. O propósito da United States Literary Canning Company, da Pensilvânia, é apresentar, em pequenos pacotes dos quais esta obra é uma amostra, os mais comentados produtos literários de nossos melhores, se não mais famosos, autores".

E assim nasceu a *Reader's Digest*. Bem, não exatamente, mas a caricatura produzida por Bangs é apenas um pouco diferente daquele empreendimento

editorial muito bem-sucedido. O conceito era com certeza popular, como

ilustram os testemunhos a seguir:

Do prefeito de Squantumville, S.D.: "A partir do uso de seis latas de sua *Potted Fiction*, nosso conselho municipal fechou a biblioteca Carnegie por ter se tornado supérflua." E de uma vítima da insônia por vinte anos: "Suas cápsulas literárias acabaram de surgir e já são uma epifania. Tomei duas antes de me deitar ontem à noite e, desde então, não acordei. Muito obrigado".

"Um enigma pragmático" foi publicado pela primeira vez na seção de

entretenimento da edição de 19 de abril de 1908 do jornal *The New York Herald*

e pela primeira vez em formato de livro como *Potted Fiction* (Nova York,

Doubleday, Page & Co., 1908).

UM ENIGMA PRAGMÁTICO

John Kendrick Bangs

Era uma manhã chuvosa de novembro. Holmes e eu tínhamos acabado de

chegar a Boston, onde ele faria uma palestra naquela noite sobre "a relação das

guimbas de charutos com o crime", no Browning Club de Back Bay, e ele se divertia com alguns joguinhos de dedução às minhas custas.

—Você é médico por profissão, com uma leve queda pela literatura —

observou o detetive, enrolando com os dedos uma bolinha para seu cachimbo de

ópio e colocando-a no fornilho. — Acabou de fazer uma longa jornada marítima, arrematada por uma viagem de cinco horas de trem, passando por Nova York, New Haven e Hartford. Teve a roupa escovada por um camareiro negro e o recompensou com uma moeda de seis pences que tirou do bolso direito do colete antes de descer do trem. Veio da estação em um cabriolé, acompanhado de um inglês famoso e de ótima aparência; almoçou feijão e pão preto, precedidos por um martíni. Agora está se perguntando qual dos jornais bostonianos paga mais por notícias.

— Formidável! Formidável! — exclamei. — Como sabe de tudo isso? — perguntei, pois cada fato era verídico.

— O que se percebe mais rápido é aquilo que se vê mais claramente, meu caro Watson — respondeu Holmes, com um gesto depreciativo. — Para começo de conversa, sei que é médico porque sou seu paciente há anos. Que você tem uma queda pela literatura fica evidente pelo fato de que as unhas dos dedos de sua mão direita são curtíssimas devido ao persistente martelar no teclado de uma máquina de escrever, artefato que carrega para toda parte e que me mantém acordado à noite, seja quando estamos em um hotel ou viajando em um vagão-leito. Se isso não bastasse para prová-lo, posso comprovar o fato chamando sua atenção para outro fato, o de que lhe pago um salário para escrever sobre mim e posso mostrar os recibos assinados, se necessário.

— Incrível — falei —, mas como sabe que fiz uma longa viagem, em parte de navio e em parte de trem na estrada que acabou de citar?

— Nada mais simples — retrucou ele, entediado. — Cruzei o oceano com você. Quanto ao trem, a fuligem que restou em suas orelhas e que mancha seu nariz é idêntica à que decora meus próprios traços. Tendo obtido a minha no dito

percurso, deduzo que você obteve a sua nele também. Em relação ao camareiro negro, nesses trens trabalham apenas camareiros negros, pois neles os efeitos da poeira e da fuligem ficam menos visíveis que em camareiros brancos. Que ele escovou sua roupa fica demonstrado pelos riscos cinzentos em seu colete branco, onde a escova deixou rastros. Sobre o bolso do colete, vejo a marca de um polegar, indicando que você mexeu aí em busca de uma moeda que lá estava, uma moeda de seis pences.

— Você é um assombro — murmurei. — E o cabriolé?

— O topo de seu chapéu de pele de castor está fora do lugar no ponto em que você esbarrou no puxador da cortina quando entrou no cabriolé — disse Holmes.

— O inglês famoso e bem-apessoado que o acompanhou é bastante óbvio. Sou eu, motivo pelo qual tenho absoluta certeza de minha dedução.

— E o almoço, Holmes, e o almoço? O feijão e o martíni?

— Pode negá-los? — indagou ele.

— Não, não posso — respondi, pois, para falar a verdade, tudo estava absolutamente correto. — Porém, como, como, meu caro amigo, pode ter deduzido a presença do feijão? É isso que me intriga.

Holmes riu.

— Você não é observador, meu caro Watson. Como deixar de reparar nisso quando fui eu quem pagou a conta?

Como prova, ele me entregou o recibo, onde se achavam listados os itens consumidos.

— Ah! — exclamei — Mas como sabe que estou me perguntando qual dos

jornais bostonianos pagam mais pelas notícias?

— Isso é apenas uma adivinhação, meu caro Watson. Não sabia disso com certeza, mas conheço você.

E era esse o homem sobre quem o povo dizia estar perdendo seus poderes!

Neste momento, ouviu-se uma fraca batida à porta.

— Um futuro cliente — disse Holmes. — A timidez da batida mostra que não se trata de um repórter. Se fosse a camareira, sabendo da existência de cavalheiros no cômodo, teria entrado sem bater. É um homem distinto, que quer manter sua visita a nós em segredo, pois, do contrário, teria se feito anunciar pelo telefone da recepção. Um professor de Harvard, creio eu, pois nenhum outro tipo de criatura viva em Boston admitiria a existência de algo que desconhecesse, logo nenhum outro tipo de bostoniano buscaria minha ajuda.

Entre!

A porta se abriu e um cavalheiro idoso de aparência bastante distinta segurando uma pasta e um guarda-chuva surgiu.

— Bom dia, professor — saudou Holmes, pondo-se de pé e estendendo a mão direita de maneira cordial, enquanto pegava o chapéu da visita com a esquerda.

— Como estavam as coisas em Cambridge esta manhã?

— Fantástico! Fantástico! — exclamou, eufórico, o cavalheiro, de certa forma violando meus direitos autorais, já que tirava as palavras de minha boca. — Como sabe que sou professor de Harvard?

— Pela marca da matrícula em seu indicador direito — respondeu Holmes —,

bem como pela forma que carrega seu guarda-chuva, não como uma bengala, mas como uma vara, como se estivesse pronto para apontar algo em um quadro diante de um grupo de jogadores de futebol que cursa quatro anos em uma instituição de ensino. Ademais, seu endereço está colado no chapéu, que acabei de receber do senhor e pousar na mesa. Veio aqui me pedir ajuda, e seu problema é puramente intelectual, não espiritual. Não cometeu crime ou foi vítima de um. Posso dizer isso apenas observando seus olhos, que estão vermelhos, não por causa de choro, mas de tanto ler e escrever. Seus dutos lacrimais não são usados há anos. Calculo, portanto, que o senhor escreveu um livro e, após publicá-lo, descobriu que não sabe o significado dele. Como os críticos de todo o país estão começando a lhe pedir para explicá-lo, sua posição é das mais constrangedoras. Resta-lhe ficar calado, um enorme esforço para um professor universitário, sobretudo de Harvard, ou admitir que não é capaz de explicá-lo, uma alternativa tenebrosa. Na pasta que traz consigo, está o manuscrito original do livro, que pretende deixar comigo a fim de que eu o leia e, se possível, detecte a essência e lhe diga qual ela é, libertando-o assim de seu dilema.

— O senhor é um homem maravilhoso, sr. Holmes — disse o visitante —, mas se me permite…

— Um instante, por favor — pediu o detetive, observando o interlocutor mais de perto. — Deduzamos agora, se possível, quem é o senhor. Primeiro, suponhamos que seja o autor de um livro publicado há pouco tempo que ninguém consegue compreender. Que livro seria esse? Não pode ser *Seis meses*, de Helinor Quinn, visto que o senhor é um cavalheiro, e nenhum cavalheiro escreveria um livro de tal natureza. Ademais, todos sabem o significado daquela

obra. O livro que buscamos não pode ser compreendido sem a ajuda de um mestre como eu. Quem escreveria algo assim? Podemos admitir com

tranquilidade que os únicos livros que ninguém consegue entender hoje em dia são escritos por um tal de James, Henry James. Até aí não há problema algum.

Contudo, o senhor não é Henry James, pois ele se encontra no momento em Londres traduzindo suas obras para o esperanto. Ora, um homem não pode estar

em Londres e em Boston ao mesmo tempo. Qual é a conclusão inevitável? O

senhor deve ser outro James!

A mão do visitante tremeu de leve à medida que os formidáveis poderes

dedutivos do grande detetive se evidenciavam.

— Mas é maravilhoso! — balbuciou ele.

— Agora, que James poderia ser o senhor, já que não é Henry? — prosseguiu

Holmes —, e que livro pode ter escrito que impõe um desafio tão grande à interpretação da mente comum até agora alimentada pela produção clássica de Hall Caine, Laura Jean Libbey e Gertrude Atherton? Uma pesquisa dos seis livros mais vendidos fracassa em nos dar resposta. Assim, a obra é de não ficção.

Não me lembro de vê-la sobre a mesa da sala de leitura no andar de baixo, então

é improvável que seja de cunho estatístico. O livro não me foi oferecido no barbeiro enquanto cortavam meu cabelo e faziam minha barba, de onde deduzo

que não seja humorístico. Dessa forma, é provável que se trate de um volume sobre história ou filosofia. Ora, as pessoas se encontram por demais ocupadas se

inteirando dos relevantes fatos históricos em andamento que chegam de

Washington todos os dias em forma de notícias jornalísticas. Assim, elas não têm

tempo para se dedicar à história que foi feita no passado, motivo pelo qual não

parece provável que o senhor tenha se dado ao trabalho de publicar um livro com

tal tema. O que, então, somos levados a concluir? Para mim fica claro que o senhor é um homem chamado James que escreveu um livro sobre filosofia que

ninguém compreende, com exceção de si próprio, e mesmo o senhor…

— Não diga mais nada! — gritou o visitante, se pondo de pé e andando, espantado, pelo cômodo. — O senhor é a criatura mais incrivelmente

assustadora em que já pus os olhos!

— Resumindo — disse Holmes, apontando o dedo de maneira severa para o

outro —, o senhor é o homem que escreveu aquela tolice frívola chamada

Pragmatismo!

Fez-se um silêncio momentâneo e, depois, o professor falou:

— Não consigo entender.

— O quê? O pragmatismo? — indagou Holmes, estalando a língua.

— Não. O senhor — respondeu ele com frieza na voz.

— Ora, é bastante simples — disse Holmes. — O *maître* no restaurante me disse quem o senhor era durante o almoço. Além disso, seu nome está gravado

em sua pasta. Como sua identidade poderia me escapar?

— Ainda assim — prosseguiu o homem, com uma expressão intrigada —, já que lhe foi possível deduzir meu nome, minha vocação e tudo o mais, o que poderia ter lhe dado a ideia de que eu mesmo não sabia o que queria dizer quando escrevi meu livro? Poderia me explicar, por gentileza?

— Essa, meu caro professor, é a mais simples de minhas deduções — disse Holmes. — Eu li seu livro.

Nesse ponto, o cavalheiro voltou a desabar na cadeira e fechou os olhos, enquanto eu, percebendo estar prestes a testemunhar uma aventura memorável, me retirei para uma escrivaninha junto à janela a fim de registrar em estenografia

o que Holmes dissera. O professor, por sua vez, andava para lá e para cá no aposento.

— Bom — disse ele —, mesmo que o tenha lido, o que isso prova?

— Vou lhe dizer — respondeu Holmes, entrando em um de seus transes. — Eu o li primeiro como um homem deve ler um livro, da primeira à última página. Quando terminei, não consegui detectar seu teor de forma alguma. Uma segunda leitura no mesmo estilo me deixou ainda mais pasmo que antes, motivo pelo qual resolvi lê-lo de trás para a frente. Invertido, ele ficava um pouco mais claro, mas ainda não tinha me convencido. Por isso, tentei lê-lo de ponta-cabeça, pulando páginas alternadas enquanto lia para a frente e lendo as páginas omitidas na volta. O único resultado foi uma imensa dor de cabeça. Contudo, estava decidido, determinado a detectar o significado da obra, nem que isso me custasse a vida. Removendo as capas do livro, cortei as páginas em pedaços, cada um do tamanho de uma carta de baralho, colei-os em quatro baralhos, embaralhei-os três vezes, voltei a cortá-lo duas vezes mais, distribuí a três amigos imaginários sentados à volta de uma mesa redonda e comecei um jogo de dominós também imaginário. No fim, pus os quatro baralhos um sobre o outro, embaralhei-os mais duas vezes e me sentei para ler as páginas da sequência resultante. Ainda assim, o significado do pragmatismo me escapava.

Fez-se uma pausa longa, interrompida apenas pela respiração pesada do professor.

— Prossiga — disse ele, com a voz rouca.

— Bem — disse Holmes —, como último recurso, enviei o livro a um jovem amigo que tem uma gráfica e lhe pedi que compusesse caracteres tipográficos,

que depois atirei para cima, recolhendo-os em um barril. Em seguida, extraindo

de forma aleatória letra por letra, arrumei-as na ordem da extração. Desse resultado fiz copiões e, acredite ou não, professor, quando me pus a ler suas palavras de novo, a coisa significou menos ainda que antes. De tudo isso, deduzi

que o senhor não sabia o que era o pragmatismo, pois, se soubesse,

provavelmente teria nos contado, não?

Aguardei a resposta, olhando pela janela, pois a demolição de um homem não é algo agradável de se assistir, ainda que envolva um triunfo para um de nossos

mais respeitados e frutíferos heróis. É estranho dizer que a resposta não veio e,

ao me virar para descobrir o motivo, observei, atônito, que Holmes e eu estávamos sozinhos, e, o que era pior, o visitante desaparecera junto com nossas

malas, bem como com meu sobretudo.

Holmes, abrindo os olhos no mesmo instante, entendeu a situação tão rápido

quanto eu e se dirigiu ao telefone, mas quando já ia pegá-lo, o aparelho tocou por conta própria.

— Alô? — atendeu Holmes, impaciente.

— É o sr. Holmes? — indagou alguém.

— Sim — respondeu o detetive com irritação. — Fale logo e desligue. Quero

chamar a polícia. Fui roubado.

— Sim, eu sei — disse a voz. — Sou o ladrão, sr. Holmes. Queria lhe pedir

para não se preocupar. Suas coisas serão devolvidas tão logo as tenhamos fotografado para ilustrar um artigo no *Boston Gazoozle* desta noite. Ele estará nas bancas daqui a uma hora, mais ou menos. Acho melhor lê-lo; é uma pérola; e

lhe agradeço muito pelo material.

— Ora, me passaram a perna! — exclamou Holmes, deixando cair o fone dos dedos dormentes. — Temo, meu caro Watson, que, falando na língua deste abominável país, fui engambelado!

Duas horas depois, as ruas de Boston ecoavam os gritos de jornaleiros vendendo exemplares vespertinos extras do *Evening Gazoozle* contendo um artigo bastante ofensivo com a seguinte manchete:

DETETIVES DETECTAM?

UM REPÓRTER DO GAZOOLZLE DISFARÇADO DE PROFESSOR DE HARVARD VISITA SHERLOCK HOLMES E VAI EMBORA COM DUAS MALETAS CHEIAS DE PERTENCES PESSOAIS DO DETETIVE, ENQUANTO O HERÓI DO DR. WATSON RELATA O QUE DESCONHECE SOBRE PRAGMATISMO.

Herlock Shomes de novo em ação

ANÔNIMO

Algumas paródias são melhores que outras. Em geral, somos capazes de distinguir uma boa de uma ruim. No entanto, na série de seis episódios “Herlock Shomes de novo em ação” é quase impossível ter certeza absoluta se todo o humor é intencional ou se as inconsistências são apenas fruto de desleixo, e não tentativas deliberadas de fazer humor.

Fica claro que o autor anônimo termina de propósito um capítulo com o aviso: “Na próxima semana: um conjunto novo de personagens e mais um episódio emocionante”, e inicia o capítulo seguinte com o aviso: “Personagens: os

mesmos da semana passada.”

Da mesma forma, podemos imaginar ter sido perspicaz da parte dele incluir o dr. Hotsam no elenco de personagens apenas para que o assistente de Shomes aparecesse na narrativa como dr. Plotsam, dr. Fltotsam e dr. Hotsam em ocasiões variadas. Estou menos convicto de que um dos personagens, Harold Fitz Gibbons, que jamais aparece na história, tenha sido uma omissão deliberada.

Como acontece com muitas paródias de Sherlock Holmes, esta é uma história deveras tola — e, ainda por cima, incompreensível. É válido perguntar por que republicá-la. Não se trata de pergunta injusta. Esta é a história rara de uma publicação obscura, razão pela qual é possível que seja sua única oportunidade de lê-la. Só você poderá decidir se isso é bom ou ruim.

“Herlock Shomes de novo em ação” foi publicada pela primeira vez em seis números do jornal *The Wipers Times* (Londres, Herbert Jenkins, 12 de fevereiro-1º de maio de 1916); sua primeira publicação em formato de livro se deu em *The Wipers Times*, editado por F.J. Roberts e J.H. Pearson (Londres, Herbert Jenkins, 1918).

HERLOCK SHOMES

DE NOVO EM AÇÃO

Anônimo

Personagens:

Bill Banks — um cadáver.

Lizzie Jones — uma pessoa de caráter questionável, moradora de Hooge.

Harold Fitz Gibbons — castelão do White Chateau (apaixonado por Honoria).

Intha Pink — um sapador (apaixonado por si mesmo).

Honoria Clarenceaux — a heroína (apaixonada por Pink).

Herlock Shomes.

Dr. Hotsam, membro do corpo médico do Exército Britânico.

Capítulo 1

Caído na sarjeta

O vento uivava em volta dos torreões de Cloth Hall, e a lua brilhava sobre a carruagem que conduzia a elite da velha cidade para as festividades organizadas

a fim de celebrar o 73º Mandato de Jacques Hallaert, o venerando prefeito de Typers. A mesma lua brilhava sobre a resistente figura de Intha Pink, o sapador.

Ele suspirou ao caminhar pela cena feericamente iluminada da festa, pensando em dias passados e em tudo que havia perdido. Conforme seguia adiante,

calçando botas de borracha que lhe chegavam à coxa, ruminava em voz alta:

— Maldição! Eles me dão um maldito prego, um maldito martelo e me

mandam construir um maldito abrigo.

Nesse momento, Intha caiu em uma cratera aberta por uma bomba e prosseguiu em suas ruminações:

(Continua no próximo capítulo.)

Capítulo 2

Shomes e seus métodos

Personagens — os mesmos da semana passada.

Sinopse: Intha Pink, um sapador, enquanto passava pelo Cloth Hall, em

Typers, cenário de um jantar para comemorar o 73º ano de mandato do prefeito da cidade, cai em uma cratera aberta por uma bomba. Ali o deixamos.

Deixamos a cargo da imaginação de nosso gentil leitor a natureza das ruminações de Intha na cratera, enquanto nos voltamos para uma série de acontecimentos trágicos que ocorriam na Denin Road. Tendo em vista ser uma noite festiva na cidade, a rua fervilhava com uma multidão alegre que se acotovelava para abrir espaço e passar, ansiosa para provar as delícias que o local tinha a oferecer. Havia, porém, em meio àquela disparatada turba, duas pessoas destinadas a desemprenhar papéis cruciais no mais profundo e lúgubre mistério que o senil e trôpego chefe de polícia de Typers já encontrara. Uma dessas pessoas era Honoria, a encantadora ainda que anêmica filha do comerciante de crustáceos Hooge, e a outra era… Shomes!

Naquela noite, o comerciante de crustáceos, descobrindo que lhe faltava vinagre, mandara sua encantadora filha a Typers para providenciar a compra do produto. Tudo correu bem com a moça até ela chegar a Culvert, onde se deparou com o corpo sem vida de Bill Banks, contemplando placidamente o céu. A cena a fez soltar três berros de gelar o sangue e cair nas águas escuras e silentes do Bellerwarde Bec — as águas continuaram a correr —, contudo, tal fato não haveria de passar despercebido. Shomes se encontrava por perto e, manipulando seu pulverizador vermorel com a mão direita, despejou três doses rápidas no antebraço, enquanto usava a esquerda para continuar a afinar o violino. O dr. Plotsam, que caminhava à sombra dele, ouvindo os gemidos perturbadores do instrumento, correu para alcançar Shomes, exclamando:

— O que houve, Shomes?

Com aquele grandiloquente gesto que lhe dera fama, o detetive respondeu:

— Você conhece meus métodos, Flotsam!

E caiu no córrego também. As águas do Bec continuaram a correr.

(Continua no próximo capítulo.)

P.S. Na semana que vem: um novo leque de personagens e mais um excitante fascículo.

Capítulo 3

O mistério do portão fechado

Personagens — os mesmos da semana passada.

Sinopse: Intha Pink, um sapador, ao passar pelo Cloth Hall, em Typers, cenário de um jantar em comemoração ao 73º ano de mandato do prefeito da cidade, cai em uma cratera, onde é deixado a ruminar. Nesse ínterim, enquanto uma multidão alegre abre caminho pela Denin Road em direção a Typers, Honoria, a encantadora ainda que anêmica filha do comerciante de crustáceos Hooge, ao passar por Culvert, esbarra no corpo sem vida de Bill Banks e, por causa disso, cai no Bellewarde Bec, cujas águas continuam a correr. Tal incidente é percebido por Shomes e pelo dr. Flotsam, que estavam no local no mesmo momento. Ambos, então, se jogam no Bec, cujas águas continuam a correr.

Voltemos agora a nosso amigo Intha Pink, que, tendo se entregado a solilóquios durante exatos 13 minutos sem nem sequer uma pausa para respirar ou repetir algo, decide sair da cratera na qual tão inadvertidamente caíra. Encontrava-se no processo de içar a si mesmo quando as badaladas cristalinas do relógio da torre da Catedral se fizeram ouvir, anunciando a hora mágica da meia-noite.

— Arre! — exclamou Pink ao mais puro estilo sapador. — Prometi me

encontrar com Lizzie à meia-noite e 15 em Fell Hire Corner. Preciso me apressar ou ela ficará contrariada.

Com isso, passou a mão no martelo e no prego, alçou-se da cratera e se pôs a caminhar a passo acelerado em direção à esquina da praça, onde, depois de ter as botas engraxadas e parte da lama escovada da roupa por Bertie, o engraxate vesgo, seguiu apressado pela rua que levava ao portão de Denin.

Não progredira muito e ainda precisou reduzir o passo por conta do volume da multidão alegre que avançava na direção oposta em grandes grupos, todos determinados a passar uma animada noite em Cloth Hall. A missão de Pink, no entanto, não era festiva, e seu humor também não; um plano intrincado tomava forma na mente fértil do sapador, um no qual, podemos nos permitir sussurrar, a linda Lizzie teria papel decisivo.

Ao alcançar o Trueside Corner, o sapador entrou em uma lojinha, cujo proprietário era Sandy Sam, suposto espião e vendedor de sacos de areia.

— Boa noite, Sam — saudou Pink.

— É você, Intha? — falou o velho. — O que há de novo?

— Algazarra e confusão — respondeu o outro. — Mas estou com pressa. Quero um bom saco de areia.

Depois de analisar a mercadoria e aprová-la, Intha pagou a conta com um cheque sem fundos e, enfiando o martelo e o prego no saco de areia, pendurou o dito-cujo no ombro e pegou a estrada. Tamanha era sua pressa que, embora em geral fosse bom observador, não reparou na figura sombria do velho Sam

seguindo seus passos. A cerca de cinquenta metros do portão de Denin, o suposto espião tirou seu sinalizador S.O.S. do bolso, desembrulhou-o e deu um

tiro no ar, gerando quase na mesma hora a resposta de três uivos lastimáveis oriundos da direção da trincheira do guardião do portão, onde Tim Squealer, o filho adotivo do vendedor de sacos de areia, residia. Intha, ainda concentrado em

sua tarefa noturna, correu até alcançar o portão, onde tropeçou em um arame escondido e caiu. No mesmo instante, ouviu-se um ruído suave, sibilante, cujo volume aumentou e se transformou em um barulhão! O sapador fora vítima de uma armadilha! O portão de Denin se fechara!

(Continua no próximo capítulo.)

Na semana que vem: um leque completamente novo de personagens e mais

um fascículo empolgante.

Capítulo 4

Personagens — os mesmos da semana passada.

Voltemos a nosso amigo Shomes, que, por algum tempo, esfriou seu ardor no Bec, período durante o qual conseguira travar conhecimento de Honoria, sua encantadora companheira de infortúnio. Prometendo amor eterno e jurando

salvá-la, ele a ergue em um dos ombros, enquanto o outro continua sustentando o

pulverizador vermorel, e dá início ao itinerário que o levará ao armazém circular

dos srs. Crump, Hole & companhia, adjacente à fazenda de Hordon Goose. Com

o corpo curvado sob o peso de sua preciosa carga, a mente de Shomes começa a

vagar, assim como seus pés, e ele tropeça em uma tábua solta. Buzzing Bill, o simpático açougueiro de Bellewarde, testemunhando o desastre e sendo muito

solícito quanto à segurança de seus fregueses, grita a plenos pulmões:

— Que se danem as tábuas de madeira!

Enquanto isso, Intha Pink, após escapar do desastre que se abatera sobre ele no portão de Denin, reaparece em segurança, portando seu saco de areia, martelo e prego, decidido a alcançar o arriscado local onde Lizzie o aguarda.

— Como está indo a noite? — Esta é a delicada observação que ele faz a Vera, uma das moças do “Cinema”, que, de maneira rastejante, hesitante e furtiva, driblou a vigilância do gerente e saiu para tomar um pouco de ar.

— Que susto me deu, Intha! — exclamou a moça. — Você marcou encontro com *aquela* mulher de novo?

— Ah, Vera, a que ponto chegará com seu ciúme? — retrucou Intha em tom de censura.

Nesse momento, um tiro distante surge sem aviso.

— Pobre Vera — diz Intha, quando sai de gatinhas da vala e mais uma vez se apossa do martelo e do prego —, ela nunca teria sido feliz, de qualquer maneira.

Enquanto essa cena tocante tinha lugar, Chumley Marchbanks, o ricaço boa-vida da Bond Street, tendo atravessado a Grafton Street para fazer uma visita ao novo cabaré “des Ramparts”, que adquirira fama recente e de forma inadvertida graças à iluminação inadequada, pegou o ônibus amarelo no Fell Hire Corner e se viu em Bellewarde. Tudo poderia ter corrido bem para ele se não tivesse esbarrado em Crook, o larápio de Cambridge, que, após lhe esvaziar os bolsos, atirou-o no Bec, cujas águas continuam a correr.

(Continua no próximo capítulo.)

Na semana que vem: um leque completamente novo de personagens e mais

um fascículo eletrizante.

Capítulo 5

Personagens — os mesmos de antes.

Flocos de neve caem pesadamente em volta da fazenda de Hordon Goose, onde deixamos Herlock com a encantadora Honoria. Breezy Bill, o simpático açougueiro de Bellewarde, acaba de ser atingido no pescoço por um projétil enquanto o ruído da descarga de uma motocicleta se faz ouvir.

— Será que é Intha? — grita Honoria, enquanto Shomes continua a afinar o violino.

— Não — rosna ele. Um mensageiro motorizado surge na esquina. — Enfim, notícias de meu Esquadrão na Baker Street.

Rapidamente abrindo a mensagem e lendo seu conteúdo, o verdadeiro Shomes se revela em toda força e método. Pegando o pulverizador vermorel, despeja uma enorme dose no antebraço. Justamente então, a voz do fiel Hotsam é ouvida:

— Onde você está, Shomes?

— Aqui — respondeu o grande detetive, na mesma hora descarregando o revólver na figura que se aproximava.

— Graças a Deus o encontrei, afinal. Você quase me acertou desta vez — disse Hotsam com admiração.

— Tudo bem, terei mais sorte na próxima — sussurrou Shomes para Honoria.

E falou em voz alta: — Mãos à obra, pois há encrenca à vista! Ainda bem que fiz

aquele curso de dois dias na escola técnica. Agora, estarei à altura de todos os subterfúgios deles.

Tirando do bolso uma lanterna, o homem leu a malfadada mensagem:

A divisão sairá amanhã ao raiar do dia AAA. Você deve reunir todos os personagens à meia-noite e quinze do lado de fora do Cloth Hall, em Typers, P

*13 D 1-1 a tempo de pegar o metrô para *---- às vinte AAA. Ao chegar, roube*

todos os mantimentos que encontrar e prossiga com a série AAA — Editor.

*(*Censurado — ED)*

— Finalmente! — gritou o grande detetive.

— Finalmente! — gritaram os outros, enquanto se ocupavam em recolher a parafernália habitual do grande homem.

— Hotsam — chamou Shomes —, mande o ordenança alertar todos os personagens agora mesmo. Depois, encontre-me no portão.

Com essas palavras, ele desapareceu nas sombras da cratera. Tendo sido feitos todos os arranjos, Hotsam e Honoria continuaram seu caminho pela Denin Road, chegando em Typers a tempo de encontrar Intha Pink antes que ele partisse para seu trabalho noturno. Após lhe colocarem rapidamente a par dos acontecimentos, dirigiram-se a um bar nas imediações para esperar a fatídica zero hora.

(Mais um longo e excitante capítulo na próxima semana.)

Capítulo 6

Caído na sarjeta

Personagens — os mesmos da semana passada.

Tendo chegado a sua nova esfera de ação, Shomes e companhia aceleraram novamente. Intha Pink pegou o martelo e o prego e caiu do ônibus próximo à Hyde Park Corner. Nesse ínterim, Hotsam desapareceu na escuridão, para uma missão misteriosa, levando consigo a encantadora Honoria. Lizzie, quando percebeu que sua figura sólida sumira de vista, gritou:

— Não me deixe, Herbert!

Contudo, recebeu apenas uma imprecação como resposta. Desesperada, a mulher se atirou na frente de um projétil que passava zumbindo e sumiu de nossa história. Intha se esgueirou rapidamente na direção de seu objetivo e, bem próximo de realizar seu intento, foi atingido pela saraivada de uma metralhadora. Totalmente perfurado, ele ainda assim sorriu, feliz, e murmurou:

— Pelo menos, é uma arma inglesa.

Aqui o deixamos e nos voltamos para uma série de acontecimentos relevantes nas margens do Douve. Hotsam, ainda arrastando atrás de si Honoria e transpirando bastante, conseguira alcançar o corpo sem vida de Bill Banks, quando uma granada foi detonada no meio deles.

— Fomos descobertos — sibilou ele, rapidamente agarrando Honoria e tomando seu rumo. Mas não foi longe. Ai! Escorregou e, com seu fardo, caiu nas águas turvas logo abaixo, que continuaram a correr. Shomes, surgindo na cena algumas horas depois, logo se pôs a procurar pistas. Tendo encontrado algumas, o grande detetive começou a trabalhar, mas já era tarde, sentia sono e tinha deixado seu vaporizador vermorel no ônibus.

E assim se encerra essa notável história de persistência e sagacidade. O grande inimigo do crime não passa agora de um nome, mas seus métodos precisam

continuar a ser uma das maravilhas da história criminal de nossa nação.

Fim

[P.S. Caso haja algum personagem que não tenha sido incluído nesse capítulo,

o leitor deve entender que todos encontraram a morte no ataque de fogo líquido.

— O autor]

O assassinato da Reigate Road

ANTHONY ARMSTRONG

(escrevendo como A. Bonan Oil)

George Anthony Armstrong Willis (1897-1976) foi um prolífico autor britânico

(embora tenha nascido no Canadá) de romances históricos e criminais, contos humorísticos e peças, bem como roteiros de rádio e cinema em vários gêneros diferentes. Em 1924, começou a escrever textos de humor para a *Punch*, e a usar o pseudônimo Anthony Armstrong. Produziu inúmeros romances policiais,

contos e peças de humor, alguns dos quais foram adaptados para o rádio das décadas de 1930 até 1960. Seus artigos e contos apareceram nas revistas *The New Yorker*, *County Fair, The Strand Magazine, Gaiety* e nos jornais *The Dayly Mail* e *The Evening News.*

Entre a dúzia de romances de mistério de sua autoria consta *The Strange Case*

of Mr. Pelham, de 1957, que inspirou o filme *O homem que n*ão *era*, de 1970, estrelado por Roger Moore, e cinco romances sobre Jimmie Rezaire, um bandido

durão de Londres que se torna detetive particular com uma noção de ética um tanto subdesenvolvida.

Armstrong talvez seja mais conhecido por *Ten-Minute Alibi*, peça de mistério muito bem-sucedida sobre um assassinato aparentemente perfeito, escrita em

parceria com Herbert Shaw, que estreou na Broadway em 17 de outubro de 1933.

Armstrong a transformou em romance, publicado no ano seguinte, e um filme de orçamento limitado e pouco apreciado foi lançado em 1935.

“O assassinato da Reigate Road” foi publicado pela primeira vez em Londres no exemplar de dezembro de 1926 da *Gaiety;* sua primeira publicação em formato de livro se deu em *How to Do It,* de Anthony Armstrong (Londres, Methuen, 1928).

O ASSASSINATO DA REIGATE ROAD

Anthony Armstrong

Não peço desculpas por apresentar ao público o texto a seguir, pela simples razão de que os incidentes narrados encerram a única ocasião em que meu famoso amigo Holmlock Shears incorreu em erro ao trabalhar em um caso.

Lembro-me de que estávamos sentados em nossa sala na Baker Street em uma tarde chuvosa, ocupados como de hábito — eu, com um lápis, tentando escrever algumas memórias, e Shears tocando o violino por trás de uma impenetrável nuvem de fumaça azulada —, quando uma senhora foi trazida ao aposento.

Era alta e de altura mediana, tinha escuros cabelos claros, uma única boca e dois olhos. Usava capa de chuva, pó facial e um olhar preocupado, tendo se dirigido diretamente a mim assim que passou pela porta.

Eu me esquivei — não sem dificuldade, por causa de meu ferimento da batalha de Maiwand — e, de uma posição protegida, perguntei-lhe o que queria.

— Um homicídio foi cometido — disse ela, quase sem fôlego. — Onde está o sr. Holmlock Shears? Não o vejo.

Apontei em silêncio para a fumaça azulada, da qual saíam os acordes da “Lieder”, de Mendelssohn. Cada acorde, é claro, estava disfarçado, de modo a

impedir que Mendelssohn reconhecesse a própria obra.

— Ele está ali — respondi, orgulhoso.

— Falará comigo?

Atravessei o aposento e bati na beirada da nuvem de fumaça.

— Uma dama quer vê-lo, Shears.

A “Lieder”, de Mendelssohn — ou o que restava dela —, transformou-se de repente em “I Don’t Love Nobody”, tocada com as costas do arco e uma

abotoadura; três cordas se arrebentaram; a barragem de fumaça se dissipou e

Holmlock Shears se revelou diante de nossos olhos.

É totalmente desnecessário para mim descrever, seja de que forma for, meu tão conhecido amigo; sua altura avantajada, sua esbelteza, seus dedos longos e olhar penetrante. Não preciso cansar o leitor ao mencionar seu nariz aquilino que

o fazia parecer tão alerta e dispensarei qualquer referência ao queixo e às mãos,

manchadas por produtos químicos e pela nicotina e marcadas por picadas da seringa hipodérmica. Não é necessário descrevê-lo, mas agora já o fiz.

— Você é casada — falou meu colega de repente, observando a mão esquerda

da mulher. — E usou pó facial esta tarde.

— Como conseguiu concluir tais coisas? — indagou a mulher, atônita,

recuando espantada ante essas observações repentinas. Embora eu já tivesse tido

ampla comprovação prévia dos poderes sobre-humanos de observação e dedução

de Shears, ainda assim fiquei pasmo.

— O que, afinal, a senhora quer comigo? — prosseguiu ele. — Terá que ser

breve, pois só me permitem usar duas páginas desta publicação.

— Houve um homicídio em minha casa, na zona sul de Londres. Não é nada sério, apenas meu marido, mas eu gostaria, apenas por uma questão de interesse, que o senhor entendesse…

— Um minuto. Suponho que a Scotland Yard esteja lá e não tenha pista alguma, encontrando-se totalmente atordoada, certo?

— Ah, sim, passamos por todos os procedimentos de sempre no início e agora eles se foram. No entanto, a charada se complica ainda mais, pois não apenas não conseguimos encontrar o criminoso, como também nem sequer temos pista do cadáver. Lamento incomodá-lo com tamanha trivialidade.

— Para uma grande mente, nada é pequeno. Irei até lá agora mesmo — disse ele, os olhos registrando-a rapidamente. — Está chovendo — falou baixinho, como se essa fosse a observação mais banal do mundo.

— Formidável! — exclamei, enquanto nossa visita encarava Shears espantada, incidente irrelevante este que apenas incluí para mostrar o poder analítico anormal dominado pelo grande detetive. Em uma fração de segundo, ele deduzira o clima a partir da capa encharcada e do guarda-chuva úmido da moça, enquanto gente comum teria apenas olhado pela janela.

Meia hora depois, estávamos na casa onde o covarde crime fora cometido.

Shears enfrentava a tarefa estupenda de não apenas descobrir o assassino, mas também de descobrir o cadáver. Contudo, Holmlock se ocupou de ambas imediatamente. Examinou com uma lente de bolso a rua lá fora, o interior da casa, a aspidistra na sala de estar e todos que por acaso passavam perto dele — eu mesmo fui incluído na lista duas vezes —, falando o tempo todo sobre violinos Cremona e soltando gritinhos de encorajamento a si próprio.

Esbarrando em um montículo de pó cinzento no corredor, examinou-o com

muita atenção.

— Existem 114 tipos diferentes de cinzas de charuto e cigarro, meu caro Watnot — disse. — Escrevi uma monografia sobre o tema. Estas cinzas são as

cinzas de um charuto Trichinopoly… Não, não sei. — Ele interrompeu seu

discurso bruscamente. — Não é nada disso, afinal. Nem sei o que é. Por que não

podem fumar sempre charutos Trichinopoly? — falou, com petulância. —

Sempre fizeram isso até agora e, cá entre nós, são as únicas cinzas que de fato

conheço.

A despeito desse sério tropeço, porém, tamanha era a incrível sagacidade do detetive que, em dez minutos, já tinha formulado uma teoria a respeito do crime.

Chamando nossa anfitriã à sala, começou:

— Este é um crime muito simples. O homicídio foi cometido por três homens;

um com estrabismo para a direita, outro com estrabismo para a esquerda e um terceiro sem estrabismo. Um dos três fumava um Trichin… ou melhor, apenas fumava. Pouco antes comprara algo por um *shilling*, 11 *pence* e três *farthings*. O

trio estava de bicicleta e levou o corpo embora na direção da Reigate Road.

— Céus, Shears, isso é formidável! — exclamei.

— De forma alguma, meu caro Watnot; é elementar. Por favor, me passe a seringa hipodérmica.

— Mas você me deixa espantado. O quê…

— Intrinsecamente, um simples caso de mera dedução com um ou dois pontos

instrutivos. Dessa forma raciocinei: nossa anfitriã aqui nos diz que houve um assassinato. Logo, um assassinato foi cometido. Não há corpo. Logo, ele foi levado embora. Até então, tudo bem. Mas por quem e como? Pelos assassinos,

que eram três e levaram o cadáver em suas bicicletas; sim, porque há rastros de três bicicletas na Reigate Road lá fora, e, além disso — disse ele, enfatizando as palavras com o indicador —, além disso, todos estão exatamente paralelos, de uma forma que só poderiam ter sido feitos por homens levando um corpo rígido estendido entre os guidões. Já mandei meu bando de moleques da Baker Street seguir os rastros e dizer aos homens por telefone que estão sendo procurados. Esse pequeno subterfúgio os trará de volta e, em meia hora, podemos esperar tê-los atrás das grades.

— Incrível! — murmurei de forma débil. — Mas e o estrabismo…

— Elementar, Watnot, elementar. Os dois homens, de modo a carregar um corpo entre eles, precisavam ter um estrabismo oposto a fim de serem capazes de fazê-lo. Se não o tivessem, a esta altura já o teriam. Quanto ao artigo adquirido por um *shilling*, 11 *pence* e três *farthings*, simplesmente indica o achado das cinzas do charuto. O charuto que o homem fumava só poderia lhe ter sido dado

em lugar do troco…

Shears parou de falar quando uma voz se fez ouvir lá fora, e nossa anfitriã correu até a porta.

Shears pôs-se de pé em um salto.

— O que foi? — perguntou.

— Graças a Deus, o mistério está resolvido — gritou a dama em triunfo. — É

meu marido, são e salvo. Ele não foi assassinado, afinal. Estava apenas dando uma volta em seu triciclo!

Shears acendeu o cachimbo, perplexo e furioso, e desapareceu dentro de uma

nuvem de fumaça azulada, levando o violino, seu último arco e a seringa hipodérmica com ele.

A beldade resgatada

WILLIAM B. KAHN

William B. Kahn aparentemente fez uma única contribuição para a literatura

de Sherlock Holmes, que foi publicada em 1905 na *Smart Set Magazine*, uma revista literária fundada em 1900 e editada em seus anos mais bem-sucedidos por H.L. Mencken e George Jean Nathan. Eles encomendavam obras de vários

dos melhores escritores da época, inclusive F. Scott Fitzgerald, Dashiel

Hammett, Dorothy Parker e James Joyce.

A paródia era bem-vinda em suas páginas, e como os personagens e as

histórias de Sherlock Holmes estavam no auge da popularidade, estes

constituíam alvos óbvios. Como esta foi a primeira e única paródia produzida por Kahn, não causaria surpresa o fato de ter sido publicada com o título “Mais

aventuras de Oilock Combs: A beldade resgatada", e uma das primeiras a registrar quantas histórias do detetive giram em torno de problemas maritais.

Nada foi possível descobrir sobre o autor, embora tenha existido um William Bonn Kahn (1882-1971), que escreveu *The Avoidance of War, a Suggestion Offered by William B. Kahn, Written for the Society for Peace* em 1914. Existe a possibilidade de que se trate da mesma pessoa, embora pareça improvável que isso possa interessar a alguém.

"A beldade resgatada" foi publicado pela primeira vez no exemplar de outubro de 1905 do *Smart Set Magazine*. Posteriormente, foi publicado em um livreto popular limitado a 222 exemplares e intitulado *An Adventure of Oilock Combs* (São Francisco, Beaune Press, 1964).

A BELDADE RESGATADA

William B. Kahn

Certa noite, quando eu voltava de um caso de indigestão aguda — foi logo após meu divórcio e me vi obrigado a retornar à prática de minha profissão a fim de me sustentar —, quis o destino que meu caminho passasse pela Fakir Street. Quando cheguei à casa na qual Combs e eu havíamos passado tantas horas juntos, onde compus inúmeras de suas aventuras, uma saudade irresistível me assaltou e me impeliu a mais uma vez subir e segurar a mão de meu amigo, pois, verdade seja dita, havíamos tido uma rusga. Eu definitivamente não gostara da forma como ele produzira provas para minha esposa quando ela quis a separação, e tomei a liberdade de revelar a ele esse meu desagrado, ao que meu amigo apenas me respondeu:

— Meu caro, esse é meu trabalho, não é mesmo?

Embora eu soubesse que ele não estava agindo de maneira adequada, fui obrigado a me acalmar. No entanto, o incidente causou um pequeno afastamento entre nós, afastamento que decidi dar por encerrado naquela noite.

Quando entrei na sala, vi Combs agitado, tomando um copo de água com gás.

Desde que eu conseguira livrá-lo do vício de morfina, ele procurava outro estimulante, e enfim o encontrara. Dei um suspiro ao vê-lo ocupado daquela maneira.

— Boa noite, Combs — falei, estendendo a mão.

— Como vai, Spotson? — disse ele, ignorando meus dedos estendidos. — Posso ver que está bem. É de fato uma pena, porém, que esteja mais uma vez sem uma criada. Ao que parece, você costuma ter problemas com seus empregados. — E riu enquanto sorvia a água com gás.

Por mais familiarizado que eu esteja com os poderes de meu amigo, essa extraordinária exibição dos mesmos me deixou deveras perplexo.

— Nossa, Oilock — retorqui, chamando-o, em minha excitação, pelo prenome —, como sabe disso?

— É perfeitamente óbvio, Spotson, perfeitamente óbvio. Uma mera observação — respondeu Combs, tirando do bolso sua gaita e começando a extrair dela uma melodia.

— Mas como? — insisti.

— Bem, se é de fato seu desejo saber — disse ele, parando de tocar —, suponho que seja obrigado a lhe contar. Vejo que você tem um curativo no dedo indicador da mão esquerda. Com certeza, um corte. Porém, o curativo é tão

pequeno que o corte deve ser minúsculo. “O que pode tê-lo produzido?”, perguntei-me. A resposta óbvia: uma tachinha, um alfinete ou uma agulha.

Impulsivamente, eliminei a hipótese da tachinha. Outro impulso e eliminei o alfinete. Assim, só pode ter sido uma agulha. “Por que uma agulha?”, indaguei-me. E, observando seu sobretudo, descobri a resposta. Nele há cinco botões, quatro dos quais estão quase soltos, enquanto o quinto se encontra firmemente preso ao tecido. Foi costurado há pouco tempo. A conexão ficou clara. Você furou o dedo com a agulha enquanto costurava o botão. No entanto — continuou divagando e falando, ao que parecia mais para si mesmo que para mim —, jamais ouvi falar de um homem que costurasse, salvo se fosse obrigado a isso. Spotson sempre teve uma criada; por que ela não costurou o botão? A resposta é fácil: a criada foi embora.

Acompanhei a explicação com atenção redobrada. Os poderes de meu amigo continuavam, constatei com felicidade, como eram quando convivíamos.

— Formidável, Combs, formidável! — exclamei.

— Uma mera observação — repetiu ele. — Algum dia acho que hei de escrever uma monografia sobre botões. É um assunto por demais interessante, e o livro decerto venderá bem. Mas, ouça! O que será isso?

O som de um cabriolé parando diante da porta provocou a observação de Combs. Na mesma hora, alguém apertou a campainha; em seguida, ouvimos passos na escada. Depois, veio uma batida seca na porta. Combs desabou em sua poltrona, estendeu as pernas como era de hábito e, então, disse:

— Entre.

A porta se abriu e, bastante perturbada, entrou na sala uma jovem, de 23 anos,

usando um terno azul bem-cortado, sapatos de couro e um chapéu enfeitado com um pom-pom preto. Ela usava algumas outras coisas, mas foram essas que me chamaram a atenção. O mesmo não se deu com Combs. Pude ver pelo olhar penetrante que ele lhe lançou que o segredo da jovem já se revelara à mente aguda de meu amigo.

— Graças aos céus — gritou ela, virando-se para mim —, encontro o senhor aqui!

— Está doente, madame? — comecei, antes de me dar conta, repentinamente, de não me encontrar em meu consultório, mas no escritório de Combs.

Empertiguei-me e disse: — O sr. Combs é ele.

A jovem se virou para meu amigo. Então, levando o lenço até os lindos olhos, explodiu em lágrimas enquanto dizia:

— Por favor, me ajude, me ajude, sr. Combs.

O grande homem não respondeu. Uma resposta a tal observação seria encarada como algo trivial demais. A moça baixou o lenço e, após me lançar um olhar dúbio, disse ao sr. Combs:

— Podemos conversar em particular?

Uma única vez, apenas uma única vez, eu vira antes, ou veria depois, aquela expressão de fúria no rosto de meu amigo. Isso acontecera durante uma altercação entre ele e o professor O'Flaherty, ocorrida na Suíça (veja *As memórias de Oilock Combs*, Arper & Co. $1.50).

— Minha senhora — disse ele, em tom gelado —, seja o que for que queira me dizer, pode fazê-lo diante do dr. Spotson. De que outra forma, mulher —

gritou ele, perdendo o autocontrole por um instante —, o público conheceria minhas aventuras se ele não estivesse aqui para registrá-las?

Lancei um olhar agradecido a Combs enquanto ele pegava o copo de água com gás. A visita ficou momentaneamente abalada. Por fim, contudo, recuperou seu equilíbrio.

— Muito bem, então — disse ela. — Vou lhe contar minha história.

— Por favor, comece — instruiu Combs, bastante irritado.

— Meu nome é Ysabelle, duquesa de Swabia — falou a moça.

— Um instante, por favor — interrompeu Combs. — Spotson, por gentileza, procure esse nome em meu guia.

Peguei o referido livro, no qual Combs fizera milhares de anotações sobre pessoas e acontecimentos relevantes, e encontrei, entre "Yponomeutidae" e "yttrium", o seguinte, que li em voz alta:

— Ysabelle, duquesa de Swabia; condessa de Steinheimbach; condessa de Riesendorf, etc. etc. Nascida em Schloss Ochsenfuss, em 29 de fevereiro de 1876. A mãe era a duquesa Olga, de Zwiefelfeld, e o pai, Hugo, duque de Kaffeekuchen. Aos três anos de idade, ela conseguia falar "ha, ha!" em alemão, francês, inglês, italiano e espanhol. Entre os cinco e os 15 anos, foi educada pelo professor Grosskopf, o eminente filósofo da Universidade de Kleinplatz. Aos 16, todos os seus dentes do siso já haviam nascido. Uma mulher de fato notável!

Quando li a última frase, a duquesa voltou a explodir em lágrimas.

— Por favor, componha-se, duquesa — disse Combs, pegando da mesa o cachimbo e o enchendo com um pouco de tabaco que, distraidamente, retirou do bolso de meu sobretudo.

A mulher conseguiu se acalmar. Então, levantando-se e encarando Combs com aqueles olhos maravilhosos que já haviam destruído tantos corações da realeza, disse, em tom solene:

— Estou perdida!

A maneira como fez aquela declaração, bem como a declaração em si, causaram uma impressão profunda em Combs. Sem dizer palavra, ficou ali sentado por quatro minutos inteiros. A forma como extraía baforadas nervosas do cachimbo me deu a entender que estava pensando. De repente, com uma exclamação de deleite, saiu em disparada do aposento e desceu a escada, deixando a atônita duquesa e a mim no apartamento. Mas não por muito tempo. Em 43 segundos, já estava de volta ao cômodo e, desabando na cadeira, totalmente exausto, gritou em triunfo:

— Resolvido!

Eu jamais vira meu amigo com tal expressão de vitória. A conquista que levara essa expressão a se instalar em seu semblante devia ser notável. Aos poucos, ele se livrou da fadiga. Então, falou:

— Minha senhora, tenho a resposta.

A duquesa soluçou em êxtase.

Combs prosseguiu:

— No momento em que disse estar perdida — falou —, uma ideia me ocorreu. Deve ter notado, Spotson, como eu parecia preocupado. Bem, tratava-se de um indício de que uma ideia estava me ocorrendo. Antes que houvesse tempo para que ela desaparecesse, desci correndo a escada, fui até o vestíbulo, verifiquei o número desta casa e o anotei, madame — gritou ele, pegando um livro e olhando uma das páginas. — A senhora está salva! Já não está perdida! Estamos no número 62 da Fakir Street. A senhora se encontrou.

Durante toda essa explicação, a duquesa não dissera nada. Quando Combs terminou, ela se pôs de pé por um instante como se não entendesse, e depois, dando-se conta do fato de ter sido resgatada, chorou mais uma vez.

— Meu salvador — disse, aos prantos, já pronta para sair —, como posso lhe agradecer?

Dito isso, pôs na mão estendida de Combs uma bolsa grande folheada a ouro e cravejada de diamantes.

A porta se fechou, o cabriolé partiu e a duquesa de Swabia se foi.

— Spotson — disse Combs, dirigindo-se a mim —, não se esqueça de colocar essa no papel. Há uma duquesa nessa história e vai vender bastante para cozinheiras e arrumadeiras. A propósito, o que terá ela me dado?

Abrindo a bolsa, nela encontrou, dobradas com muito cuidado, duzentas libras em notas.

— Arre! — exclamou Combs com desdém. — Como são ingratos esses personagens da nobreza.

O casamento de Sherlock Holmes

GREGORY BREITMAN

(Traduzido do russo por Benjamin Block)

Pode ser verdade que os russos tenham um senso de humor magnífico, mas também é verdade que este traço dos mais preciosos nem sempre fica evidente em sua literatura traduzida. É bastante incomum que mesmo os indivíduos mais bem-humorados se sintam ansiosos para partilhar a hilaridade que encontram em um romance de Dostoiévski ou em um diálogo de Tolstói.

Gregory Breitman produziu uma história muito mais engraçada que se poderia esperar. Isso é fato. Quando as expectativas são zero, *qualquer* indício de humor é uma surpresa bem-vinda. Na verdade, a premissa da história já é bastante espirituosa, e, embora a execução dificilmente possa ser confundida com o melhor de Mark Twain ou Dave Barry, é mais que tolerável.

Breitman nasceu na Rússia em 20 de junho de 1873 e imigrou para os Estados Unidos em 1923, tendo morrido no dia 11 de junho de 1943.

“O casamento de Sherlock Holmes” foi publicado pela primeira vez no exemplar de dezembro de 1926 de uma revista masculina, *The Beau Book* e publicado pela primeira vez em formato de livro em *The Beau Book*, um volume único que continha os exemplares de dezembro de 1926 a outubro de 1927, editado por Samuel Roth e limitado a quinhentos exemplares destinados a assinantes (Nova York, Beau Publishing, 1927).

O CASAMENTO DE

SHERLOCK HOLMES

Gregory Breitman

— É você, Watson?

O dr. Watson entrou de repente no escritório de Holmes e apertou

calorosamente a mão estendida do anfitrião.

Sherlock alternou o cachimbo de um lado para o outro da boca e indicou a poltrona para o amigo se sentar.

O dr. Watson sentou-se de frente para o anfitrião e disse:

— Sherlock, você não mudou nada! Veja só! Não nos encontramos há três

meses, e, no entanto, assim que pus os pés em seu apartamento, você me reconheceu na mesma hora!

O famoso detetive não sorriu, mas um esforço para tanto ficou evidente.

Talvez tenha apenas mexido o cachimbo, e o movimento de seus lábios acabou

sugerindo um sorriso.

— Quem mais, além de você, meu caro amigo — começou Holmes —,

entraria em meu apartamento e, sem preocupação alguma, pentearia o cabelo diante daquele espelho grandalhão sem sequer perguntar por mim à criada? Toda

pessoa tem nuances subjetivas de comportamento que a acompanham aonde quer

que ela vá e as expõe sem que ela perceba. Você não é capaz de reconhecer os

indivíduos por sua forma de caminhar?

Watson ficou em silêncio, sem dúvida encantado com a explicação do amigo.

Acendeu seu charuto com calma e quando, afinal, se viu circundado por nuvens

de fumaça cinzenta, indagou, de maneira casual:

— Meu amigo, você se casou?

Holmes ergueu os olhos para Watson, em cujo rosto encontrou uma expressão cínica; nenhum dos dois fingia parecer menos surpreso que o outro, como se

alguma brincadeira pairasse entre ambos. Holmes respondeu:

— Você tirou suas conclusões por causa da nova ordem que reina em minha casa, do cheiro de perfume e dos itens femininos pendurados no corredor?

— De forma alguma, Sherlock. Não reparei em nada disso — retorquiu Watson, com calma. — Concluí apenas pela presença da inconfundível e brilhante aliança de casamento em seu dedo anular da mão esquerda. Sem dúvida, meu amigo, você nunca deu bola para badulaques!

Holmes levou a palma da mão esquerda ao rosto e, durante vários minutos, examinou com cuidado a aliança de ouro no dedo.

— Tem razão, meu caro — murmurou. — Esta é a prova, a prova cabal para qualquer detetive. Sim, eu me casei.

— Que diabos deu em você, Sherlock? — indagou o médico, de certa forma solidário, contemplando, pensativo, o amigo.

Sherlock Holmes tirou o cachimbo da boca e, após se certificar de que o fumo tinha acabado, observou:

— Uma aventura bem-sucedida, Watson!

— Pobre Sherlock! — suspirou o médico, penalizado. Um silêncio breve mas solene se seguiu. Holmes meditava e Watson aguardava.

— Watson — disse, afinal, o famoso detetive. — Como sabe, sempre foi meu hábito relatar a você todas as aventuras que tive; o tempo todo senti necessidade de partilhar com alguém minhas observações e impressões. Meu pensamento

funciona bem mais rápido assim e, durante uma conversa, posso chegar a uma decisão pragmática com muito mais facilidade que durante o processo de raciocínio.

— Se esse é o caso, meu amigo — rebateu o médico —, lamento bastante que não tenhamos nos encontrado por tanto tempo, mas suponho que, se houvesse alguém com quem quisesse conversar de forma franca, sua situação não teria tão desditosamente se complicado.

— Por que supõe que sou infeliz em meu casamento, Watson? — indagou, curioso, Holmes, enquanto um brilho perpassava seu olhar.

— Apenas devido à minha convicção de que uma pessoa tão séria e autossuficiente como você jamais se satisfaria com a vida de casado, por mais sobrenaturais que sejam as qualidades que sua animada esposa possa possuir. Tem a ver, basicamente, com você, e não com ela. A vida a dois, sobretudo com uma mulher, é algo artificial, tão artificial quanto o amor sem uma mulher. O matrimônio, em sua forma atual, é uma selvageria, sobrevivente da barbárie e da ignorância, uma violação da natureza do ser humano moderno, uma espécie de impudicícia.

— E, acima de tudo, uma grande inconveniência — concluiu Sherlock Holmes. — A vida começa a lembrar um piano, nas cordas do qual uma bengala com castão de ouro ficou entalada. Incompatibilidade absoluta!

— Que infortúnio para a humanidade que seja negado à mulher a liberdade ideal com um homem — observou o médico, com amargura.

Sherlock disse, então, devagar:

— De bom grado, eu adotaria o nome dela, desempenharia as funções domésticas, faria dela a chefe da família, apenas para conseguir os meios de contar com algo definitivo, apenas para saber com quem estou lidando!

— Tem razão, Sherlock. A vida psíquica feminina é totalmente inconcebível para o homem, e a mulher em si é sempre um quebra-cabeça para ele. Nisso reside a natureza da relação da mulher com o homem. Desde a Criação não houve, nem haverá, homem algum capaz de entender uma mulher. Não devido à inexistência de homens eruditos e perspicazes, mas porque seria quase sobrenatural a existência de um homem capaz de entender a linguagem dos cães, pássaros e chacais.

— Por que será então que elas entendem tão bem de nós? — indagou, chocado, Sherlock.

— Porque essa é uma das peculiaridades da natureza feminina. A mulher foi criada assim por Deus — garantiu imediata e convictamente Watson. — É uma das qualidades inatas delas, sem a qual ficariam fragilizadas, defeituosas, como um gato sem bigodes e pupilas especiais, um cão sem faro, um porco-espinho sem espinhos. Essa é a arma empregada pela mulher na luta pela própria existência e contra o homem.

Watson começava a feder de suor; pegou o lenço do bolso e enxugou a testa.

Sherlock acendeu o cachimbo e tirou dele baforadas suficientes para que uma fumaça densa e cinzenta o envelopasse por completo. Então, falando como que para si mesmo, disse:

— É extraordinário! Durante a vida inteira enfrentei todos os criminosos possíveis, bandidos com os quais as forças policiais de todo o mundo se

recusaram a lidar; peguei os mais engenhosos impostores, os mais espertos ladrões, assaltantes corajosos e assassinos selvagens; rastreei os crimes mais incríveis, vislumbrei os segredos das aventuras mais complicadas e os

desvendei; lidei com prisioneiros, brutamontes, idiotas e psicopatas.

O rosto de Watson mostrava espanto, e se esticando para adotar uma posição

mais confortável, o médico interrompeu o amigo:

— Você só não consegue pegar sua esposa! — gritou.

O cachimbo na boca de Sherlock começou a tremer, como se alguém tivesse

esbarrado nele. Um minuto depois, o famoso detetive formulou a seguinte resposta:

— Meu caro amigo, tão grande é minha estima por você que não sei o que responder!

Uma censura reprimida se fez ouvir na voz do detetive. Watson segurou a mão

dele e se inflamou em uma exaltação ardorosa:

— Meu mestre, o que há com você? Aparentemente se esqueceu do primeiro e

principal princípio: considerar tudo de forma subjetiva e séria! Não consigo reconhecê-lo, Sherlock!

— Não estou absolutamente certo de que ela tenha cometido algum crime.

— Está com ciúmes!

— Não, não é ciúme, mas desconfiança. Tenho provas suficientes para

embasar minha alegação. Apenas estou ciente disso. Para qualquer outro

homem, ela pareceria a esposa ideal, sincera e amorosa. Não dá a impressão de

ter muitos conhecidos do sexo masculino. Não vive se enfeitando ou recebendo

cartas, bem como não diz quaisquer nomes quando dorme. Em resumo, ela se porta de maneira irrepreensível.

— O que deseja dela, então?

— Saber com quem ela me trai!

— Tem certeza disso?

— Você, Watson, de todas as pessoas, deveria me conhecer ao menos um

pouco!

— Perdoe-me, Sherlock! Contudo, o que exatamente o faz sofrer?

— Não estou sofrendo, Watson, em absoluto. Estou apenas interessado. Dois

corações se chocam: o meu e o dela. A minha natureza, no entanto, não tolera um segredo concreto.

— Claro! Porém, em que baseia sua suposição, Sherlock?

— Tenho certeza, por exemplo, de que ela traz alguém para casa quando volta.

O indivíduo em questão é um homem e não mora longe. A julgar por suas sobrancelhas arqueadas, você está bastante interessado no caso. Muito bem, então. Observei-a pela janela várias vezes na volta de um compromisso. Jamais a

vi sentada no meio do banco, sempre está do lado direito. Concluo, portanto, que

a seu lado esquerdo sentava-se o acompanhante, que, sem dúvida, descera do carro antes. Que se trata de um homem fica evidente por dois incidentes excepcionais: primeiro, ele se sentar no lado esquerdo; segundo, minha esposa jamais pagar o cocheiro. Isso deixa claro que o pagamento foi efetuado antes, por um homem, é claro.

— A observação tem toda a probabilidade de estar correta!

— Após o compromisso, minha esposa em geral volta com o odor do perfume

e do charuto dele. Uma coisa, Watson, você deve admitir: fui abençoado com um

faro muito aguçado, quase como o de um cão, e posso discernir com facilidade o cheiro de um charuto e de um cachimbo. Ademais, você mesmo sabe que a fumaça do tabaco assalta as narinas do vizinho não fumante mais prontamente que as do próprio fumante.

O detetive encheu o cachimbo com fumo fresco. Acendendo-o, tirou dele baforadas por um breve momento. Então, esticou as pernas e empertigou as costas, prosseguindo:

— Como vê, tenho um arsenal suficiente de vigilância e observação; e ambos estamos envolvidos em uma luta definitiva, silenciosa mas persistente. Minha esposa, por exemplo, sabe muito bem que apenas depois que eu testemunhe suas ações direi uma única sílaba que a incrimine; sou um homem demasiado sério para tanto. Seu comportamento comigo é irrepreensível; nem suspeito ou sinto que ela tenha se tornado fria em relação a mim; a mulher finge não se entediar em minha companhia, sendo, ao contrário, muito gentil, doce e amistosa. Ainda assim, tenho em mãos material bem fundamentado que me prova que não se trata senão de fingimento da parte dela, que está empenhada em um jogo muito sutil, que precisa acabar cedo ou tarde.

— De todo modo, acredito que ela acabará saindo disso sem mácula — observou o médico, com certa tristeza —, a menos que você a pegue em flagrante. Somente aí será impossível para ela provar o contrário ou enganá-lo por mais tempo, quando todos os caminhos que levam até esse momento se fecharem. De outro jeito, é muito difícil testar uma mulher; não é possível submeter seu amor a uma investigação. Ela é capaz de inventar e simular tanto quanto quiser. Não é o que acontece com os homens; somos meros mecanismos

no processo do amor.

— Você tem toda razão, meu amigo, mas minha profissão me forçou a ignorar tanto as noções de amor quanto as da natureza feminina que acabou de propor, e que coincidem à perfeição com minhas próprias convicções. Dessa forma, será que me permite tomar a liberdade de lhe perguntar quem o está enganando?

Watson decerto se viu confuso, mas conseguiu manter a frieza de raciocínio. Enfrentou o olhar sagaz de Sherlock com firmeza e, exalando densas nuvens de fumaça, rebateu, lenta, mas enfaticamente:

— Essa é uma acusação sem fundamento, Sherlock. Apenas expressei minha visão e minhas convicções. Elas não me prendem a coisa alguma.

— Talvez! Ainda assim, creio que elas ocorram a alguém através da experiência pessoal, e sua origem é, devo dizer, a mesma que a minha. No entanto, como você é um admirador de fatos, permitirei que tenha acesso a meu material no que concerne ao caso.

O rosto de Watson corou bastante. Ele ficou calado, segurando com firmeza o charuto na boca.

— A questão, meu caro, é que há mais de três meses você anda escondido. Embora não tenha saído de Londres, cortou todo o contato comigo. É a primeira vez que isso acontece desde o início de nossa ininterrupta amizade. Suponho que não esteja doente, bem como que não tenhamos tido alguma desavença.

— Isso, se assim deseja, é uma ideia, mas não um motivo. Posso andar deveras ocupado.

— Precisamente o que achei. Você estava demasiado ocupado com sua companhia. Diga-me, Watson, desde quando começou a se enfeitar, a usar essas gravatas, a ondular o cabelo e a empregar métodos de rejuvenescimento? O odor de seu perfume me faz lembrar apenas o que sinto em *cafés-chantants*. Além disso, onde foram parar os fios grisalhos de seu cabelo? E qual o motivo da presença dessa flor branca em sua lapela? Que bem me lembre, você nunca deu bola para esse tipo de coisa. E esse dente de ouro em sua boca que não existia antes? Tudo isso, meu amigo, me obriga a pressupor com firmeza que existe alguma mulher na raiz da questão.

— Admito que sua pressuposição tem certa lógica substancial, mas não há prova alguma, Sherlock.

Watson superou a própria confusão, mas se recusou a ceder.

— Revelarei agora minhas últimas reservas, Watson — disse o detetive, imperturbável. — Cerca de um mês atrás, enquanto rastreava minha esposa, me vi, para minha grande surpresa, próximo a sua casa. Pensando em você, resolvi entrar e partilhar alguns de meus casos. Ora, meu amigo, você não pôde me receber, porque havia uma mulher em seu apartamento. Confesso, porém, nunca antes ter encontrado uma companheira feminina em sua casa, com exceção da criada, que, nessa ocasião, revelou-me o segredo: estava levando bombons, frutas e flores comprados há pouco para seu quarto. Ah, Watson, como eu gostaria de poder dividir com você meu então estado de espírito. Talvez não estivesse casado agora!

— Mas isso aconteceu há apenas três semanas, Sherlock! — observou Watson, surpreso.

— Sim, e me casei faz só uma semana. Até então, estava ocupado com a busca infrutífera de meu concorrente. De repente, uma forte depressão mental tomou conta de mim e comecei a duvidar de minhas suspeitas e… pus este anel no dedo.

Um silêncio concentrado se seguiu. Enfim, altamente pressionado e emudecido, o médico espanou para longe as cinzas do charuto e confessou, com ingenuidade:

— Tem razão, Sherlock, estou apaixonado!

— O que aconteceu, então? Você se afastou de sua amada?

O rosto de Watson empalideceu subitamente.

— O que o leva a pensar isso, Sherlock?

— Tiro essa conclusão pela tristeza e decepção expressadas enquanto falava sobre as mulheres e, sobretudo, pelo fato de que veio me ver. Suponho que estivesse dominado pelo desejo de ter uma conversa sincera com alguém; sentia-se solitário, e a primeira pessoa que lhe veio à mente, sem dúvida, fui eu, seu velho e confiável amigo. Ora, sua aparência está péssima, Watson! Vejo que não se barbeia há dias. Parabenizo-o, de todo o coração, pela perda de sua amada!

— Você é terrível, Sherlock — declarou Watson, prosseguindo, mal-humorado: — Estou passando agora por uma tragédia amorosa. Eu a estou procurando nos últimos dez dias, mas, ai de mim, é como se a própria terra a tivesse engolido! Utilizei todos os métodos de espionagem que me ensinou, mas sem sucesso. Os rastros dela se perdem em algum lugar desta vizinhança. Tendo vindo parar aqui por acaso, entrei para ter uma conversa com você e me esquecer de minha má sorte por um tempinho.

Sherlock tirava baforadas do cachimbo com grande esforço, como que envergonhado por isso. Após uma breve pausa, começou a falar com uma expressão de ansiedade no rosto:

— Quanto mais buscas conduzo, mais me convenço de como pode ser perigosa e ladina a arte da investigação. Que estranhas, terríveis e incompreensíveis conjunções de circunstâncias existem em nossas vidas, conjunções que criam um quadro completo, uma ilusão da verdade, que, no final, acabam se revelando nada além de falsidades e mitos. Quantas pessoas já foram para a cadeia, para prisões de trabalhos forçados, para a forca, devido a tais equívocos dos tribunais de justiça!

— Por que diz isso, Sherlock? — indagou Watson, surpreso com a repentina mudança de assunto por parte do detetive. Tirou o charuto da boca e permaneceu boquiaberto por algum tempo. Prosseguiu assim, em total estupor, incapaz de concluir se o amigo estava brincando ou falando sério.

— Não fique surpreso, Watson — disse Sherlock Holmes, sem sequer olhar para o convidado, concentrando, em vez disso, a atenção na extremidade do próprio cachimbo fumegante —, embora minha fala possa soar desagradável para você. Não é fato que concordamos e concluímos há muito que tudo neste mundo é possível, natural e possui razões orgânicas? Bem, faz apenas uma hora que você tentou me convencer de que eu devia encarar o caso de minha esposa de forma objetiva e abstrata. Portanto, meu caro, estou seguindo seu generoso conselho. No entanto, acaso considerou, ainda que por um breve momento, a estranha coincidência de que, quando eu estava procurando por minha esposa, indícios me tenham levado a sua casa e, quando você andava em busca da sua

amada, indícios o tenham trazido a mim? É claro que se trata de mera coincidência, uma dessas coincidências que, em geral, dão origem aos equívocos dos tribunais. Por outro lado, a precisa circunstância que nos uniu no dia de hoje está nos confundindo. Agora, supondo que eu não o conhecesse, mesmo assim, sem dúvida, eu teria entrado em sua casa, não de forma amistosa, mas devido a uma intuição detetivesca. No momento, você veio aqui também devido a uma indicação investigativa, e, se eu não fosse seu amigo, estaria aqui ainda assim. E durante nossa conversa, senti o odor de seu lenço, quando você enxugou a testa, e na mesma hora me recordei da fragrância daquele desconhecido perfume masculino que minha mulher traz consigo na volta de seus encontros. Ademais, já lhe disse que ela também traz consigo o cheiro de charutos. Com efeito, você está fumando um…

Watson se aproveitou da oportunidade que Holmes lhe deu ao parar de falar para ajeitar as cinzas no cachimbo e se dirigiu ao detetive:

— Você tem razão, Sherlock, e logo há de se convencer do quanto às vezes são curiosas e imprevisíveis as peças da investigação. A fim de lhe provar que meu caso nada tem a ver com o seu, vou relatar rapidamente a história de meu romance, o começo do qual você conhece.

O detetive fez um movimento, sentou-se mais confortavelmente na poltrona e, com expressão imperturbável, preparou-se para ouvir a história de amor do amigo.

— Você decerto lembra, Sherlock —, começou Watson, depois de acender outro charuto —, de nossa última aventura, há cerca de três meses, após a qual

somente tornamos a nos encontrar hoje. Talvez já tenha se esquecido daquela encantadora moça de tranças douradas e olhos celestiais, que beijou nossas mãos e nos implorou para salvar seu pai, prestes a ser capturado e preso pelos agentes da polícia real. Sua genialidade na ocasião se manifestou em toda a glória; em menos de uma hora, você fez a polícia passar vergonha e confessar o erro primário que cometera. Os agentes suspeitavam que o pobre cavalheiro, caixa do Trade Bank of England, havia se apossado de duas mil libras, enquanto, como você apontou, a soma fora roubada pelo assistente do suspeito, que a perdeu na bolsa de valores.

— Lembro-me disso, Watson — confirmou Sherlock, sem tirar o cachimbo da boca. — A investigação foi curta, mas linda. Sim, eu me recordo dela muito bem.

— Contudo, duvido que se lembre da declaração feita pela moça encantadora sobre ir para o trabalho todo dia às dez da manhã. Confesso, Sherlock, que ela causou em mim uma profunda impressão. Concordo plenamente agora com os indivíduos que dizem que o amor é uma doença infecciosa, às vezes mais obstinada que a malária. Precisamente às dez da manhã do dia seguinte, estava na casa dela e a acompanhei até seu local de trabalho. A distância era grande e tive tempo de sobra para me enamorar, cada vez mais, de seu charme incomparável. Desde então, eu a acompanho até o trabalho todos os dias.

“Sherlock, eu estava infinitamente feliz. Todo esse tempo, a moça encheu minha vida de amor, carinho e doçura, respeitando meu princípio de jamais me casar, jamais unir meu destino ao de outrem ou abrir mão de minha liberdade e meu conforto. De repente, há cerca de dez dias, ela desapareceu. Não a encontrei

ainda e, enquanto a procurava, falsas pistas me trouxeram até aqui, meu caro. Acredito, porém, que foi o instinto, e não um conjunto de indícios, que aqui me trouxe; devo ter apenas sentido a necessidade de ouvir conselhos de um homem como você.”

Sherlock Holmes permaneceu sentado e de olhos fechados durante vários minutos. Então, tirou o cachimbo da boca, pousou-o nos joelhos e só então encarou o convidado.

— Eu me lembro — falou — de não conseguir esquecer a moça de tranças douradas e olhos celestiais. Também não tirei da cabeça sua observação sobre sair para o trabalho às dez da manhã, o exato momento em que tomo meu café. No entanto, você aparentemente se esqueceu de que essa mesma moça encantadora acrescentou que largava o trabalho às quatro da tarde, hora em que você tem o costume de jantar. E se você, meu caro, adotou o hábito de acompanhá-la todo dia ao escritório, era eu quem a acompanhava na volta para casa. Também sucumbi à febre do amor. Em meu caso, meu amigo, o final foi catastrófico: casei-me com ela, poupando-o de tal destino.

Watson ficou pálido e muito abalado pela fleumática confissão do amigo, cuja indisposição estava demonstrada pelo cachimbo trêmulo que agora segurava na mão e com o qual batia no joelho a fim de disfarçar as emoções. No momento, nada lhe interessava mais que seu concorrente, sobre o qual ele lançou um olhar obstinado. Ambos não falaram nada. Não é tarefa fácil adivinhar o que resultaria daquele silêncio incomum, tenso, mas, afinal, os dois ouviram um ruído que lhes provocou um tremor, e uma sombra inesperada de constrangimento perpassou

seus semblantes. O breve momento foi de horror puro. Tanto o anfitrião quanto o convidado ficaram atônitos. Eles estavam prontos para correr. Porém, quis o destino que os dois se olhassem nos olhos, e aquele olhar trouxe luz a seus corações, e a ausência de rotas de fuga da situação criada levou-os a um acordo silencioso. Quando a porta se abriu, e no aposento entrou bruscamente a sra. Holmes, os homens permaneceram sentados como estátuas, seguros de si mesmos e de volta às próprias convicções.

A sra. Holmes era de fato encantadora. Além das tranças douradas e dos olhos celestiais, seu rosto redondo de tez macia e cor delicada parecia quase esmaltado; cintilava com castidade moral e indolência radiante; uma espécie de ingenuidade elegante, que mesclava o infantil e o feminino em um mesmo sorriso e olhar.

Muito bem-vestida e animada com inocência, ela parou de repente, como se enraizada naquele ponto da sala. Depois de um segundo de exame meticuloso de ambos os amigos, sorridente, estendeu a mão a Watson, exclamando em sua voz doce e elástica:

— Ah, sr. Watson! Eu o conheço! Meu marido já me falou um bocado de você. Além disso, na verdade, não consegui esquecê-lo desde o instante em que o conheci. Tenho sonhado desde que me casei com Sherlock com a oportunidade de vir a conhecê-lo melhor. Meu marido me contou muitas coisas interessantes a seu respeito.

— O pobre Watson está em apuros — explicou Sherlock com calma. — Ele

foi esnobado por uma mulher por quem estava apaixonado e por conta da qual esqueceu todos neste mundo, inclusive a mim, seu melhor amigo. Ele devia ser consolado, não acha, Mary? Penso que tomaria para si tal missão.

— Pobre sr. Watson! — exclamou com sinceridade a sra. Holmes, enquanto lançava um olhar ardiloso ao médico triste e calado, que permanecia sentado na poltrona de olhos baixos.

A essa altura, Sherlock Holmes já recuperara a compostura e observava, com certo prazer, a cena que se desenrolava. Aparentemente pretendia seguir em frente com sua maquinação contra a esposa, mas logo a mulher percebeu a estranha mudança nos dois homens e um laivo de suspeita cobriu seus olhos e seu rosto.

A centelha de animação que a acompanhara ao entrar na sala se apagou e de imediato um silêncio estranho, que ninguém parecia disposto a romper, encheu o ambiente. A sra. Holmes começou a sentir a proximidade do perigo, mas ainda não era capaz de medir sua proporção. Enfim, Watson não conseguiu mais se conter. A determinação cintilava em seu olhar; o instinto de autopreservação instigou seu desejo de pôr fim àquela tormentosa situação para a qual tudo indicava não haver saída. Sua voz soou monocórdia, e seu olhar era vago:

— Pare com isso, Mary, Sherlock já sabe de tudo…

A sra. Holmes ficou pálida na mesma hora, e lágrimas surgiram em seus olhos.

— O senhor não agiu de maneira justa, sr. Watson, nem se portou como um cavalheiro! — declarou ela, e foi tudo que conseguiu dizer.

Na mesma hora, Watson se pôs de pé em um salto, como se alguém o tivesse atingido. Sua voz titubeava agora, e a agitação do homem era indizível.

— Ah, minha cara sra. Holmes! — exclamou, de maneira queixosa. — Por favor, não me condene. Acaso é culpa minha seu marido ser um grande detetive?

Durante o breve elogio de Watson ao amigo, este se concentrou em extrair baforadas do cachimbo, e, tendo engolido uma grande porção de fumaça, falou no tom de voz habitual:

— O mais importante de tudo é que este mistério chegou a uma conclusão satisfatória e o caso foi esclarecido nos mínimos detalhes. Não posso fazê-la exultar, minha querida Mary, senão com um fato: durante minha longa carreira, jamais deslindei um enigma como esse.

A sra. Holmes, sabe-se lá como, recuperou a segurança. Ouvindo as palavras do marido, sentou-se devagar na ponta do sofá e começou:

— Faça como quiser, Sherlock, mas não o enganei. Quando você e o sr. Watson demonstraram tamanho interesse por mim ao salvar meu pai, todo meu ser se encheu de afeição por ambos; os dois se tornaram tão queridos que comecei a sentir forte atração pela dupla que formavam. Isso foi no início. Eu me encontrava confusa então, sem saber qual preferia. Se ambos tivessem me procurado juntos, teria sido bem mais fácil decidir por um ou por outro. Porém, justo naquele momento, os dois se separaram, e cada um me causou uma impressão diferente. No início, quando nos conhecemos, eu nem sequer imaginei, Sherlock, que pretendia se casar comigo. Só me propôs casamento três dias antes do enlace. E, por causa disso, sou culpada pelo fato de o sr. Watson ter provado ser mais ardoroso e disposto que você, Sherlock? Os dois tinham um mesmo e único objetivo, mas usaram caminhos diferentes. Ainda assim, meu marido, não o enganei, da mesma forma que não enganei o sr. Watson, mas ambos me fizeram sofrer. Vocês são homens, logo não conseguem imaginar o coração de uma mulher quando ele se enche de gratidão; isso gera todo tipo de

emoção e sofrimento. Quando me propôs casamento, deixei o sr. Watson no mesmo instante porque, para você, meu querido, eu já entregara a mim mesma, a minha liberdade e o direito a meus sentimentos. Faça como quiser, Sherlock, mas teria sido muito mais correto de sua parte me fazer saber de suas intenções antes, em vez de se ocupar com investigações que maculam nosso relacionamento com conflito e inimizade. Algum dia no futuro, hei de lhe contar como lutei contra sua arte, e espero que você exalte meu espírito inventivo, minha destreza e minha engenhosidade.

A jovem se calou, encorajada pelo discurso que fizera, e lançou um olhar para os homens, corando sem querer; uma corrente de deleite e calma lhe encheu o coração. Os dois amigos trocaram olhares furtivos e, um segundo depois, começaram a sorrir.

— É uma tarefa muito diferente compreender o coração e a alma de uma mulher — disse Watson, enfim, com um dar de ombros distraído.

— E impossível! — concluiu Sherlock Holmes, apertando calorosamente a mão do médico.

O retorno de Sherlock Holmes

E.F. BENSON E EUSTACE H. MILES

Como seus dois irmãos, Edward Frederic Benson (1867-1940) foi um mestre em contos de fantasmas e de terror. Porém, seu primeiro grande sucesso foi um romance de crítica social, *Dodo*, de 1893, que continuou a ser publicado durante mais de oitenta anos. A venda ininterrupta dessa obra lhe permitiu dedicar todo seu tempo à escrita, e ele produziu uma quantidade prodigiosa de livros no

gênero da sátira social, em especial a série sobre Emmeline “Lucia” Lucas e Elizabeth Mapp, que foi adaptada para televisão pela London Weekend

Television com o título de *Mapp and Lucia*, em 1985-1986.

Benson também escreveu biografias muito elogiadas — incluindo a de

Charlotte Bronte, que se tornou padrão na época —, somando mais de setenta livros no total. Enquanto a maioria de seus romances de costumes e crítica social

está agora datada, suas frequentes investidas no terreno da ficção sobrenatural e

de terror permanecem como pontos altos na literatura: *The Room in the Tower*, de 1912; *Visible and Invisible*, 1923; *Spook Stories*, de 1928; e *More Spook Stories*, de 1934; com um volume mais recente, *The Flint Knife*, de 1988, que contém obras anteriormente não reunidas.

O colaborador de Benson nesta excelente paródia, Eustace H. Miles (1868-

1948), foi campeão de tênis amador e também escreveu um livro sobre como aperfeiçoar a memória, *How to Remember*, de 1901, e um livro de exercícios físicos, *Daily Training*, de 1902, com certa ênfase na alimentação vegetariana, em parceria com Benson, entre outras obras.

“O retorno de Sherlock Holmes” foi publicado pela primeira vez em *The Mad*

Annual (Londres, Grant Richards, 1903).

O RETORNO DE SHERLOCK HOLMES

E.F. Benson e Eustace H. Miles

Meu amigo, o sr. Sherlock Holmes, foi morto, como meus milhões de leitores

vão lembrar, em algum lugar na Suíça, pelo sr. Moriarty. Desde então, porém, ele

aparentemente vem exercendo seus poderes dedutivos em algum lugar em

Devonshire, algo a ver com um enorme cão pintado com fósforo. Dessa forma,

como os meus milhões de leitores já terão concluído, ele não foi, de fato, morto

na Suíça, e posso muito bem lhes contar, em meu estilo de sempre, o que de fato aconteceu entre sua suposta morte e sua reencarnação bastante débil na úmida mansão dos Baskervilles.

Estava eu sentado na sala de estar do apartamento que compartilhávamos na Baker Street, cerca de dois anos após seu desaparecimento, muito bem-vestido, como é meu costume, usando um chapéu-coco e uma casaca matutina. Nesse ínterim, eu lera e relera as anotações dos estranhos casos que ele tivera a consideração de se esquecer de levar em sua viagem à Suíça, e cheguei à conclusão de que seu desaparecimento — conforme revelado por mim ao mundo — fora um equívoco de minha parte. Eu detinha conhecimento razoável de seus métodos e aprendera a distinguir 57 tipos de papel mata-borrão, 43 tipos de cinzas de charuto e, com a ajuda de sua lente de aumento, que ele também deixara para trás, era capaz, a partir das marcas no carpete, de determinar, com razoável certeza, se um indivíduo usando botas bastante enlameadas havia estado recentemente no cômodo. Por consequência, caso não tivesse levado ao conhecimento do público a história de seu desaparecimento, poderia continuar escrevendo quase a quantidade que desejasse dessas reminiscências que tamanho furor causaram no mundo. Então, para meu alívio inexprimível, surgiu a história de seu maravilhoso poder de intuição na questão do cão fosforescente, e como o público a engoliu, talvez lhe agradasse engolir mais ou, com efeito, engolir qualquer coisa. A história, como todo leitor há de se lembrar, era para ter sido contada por mim, mas, na verdade, outra pessoa a inventou. Assim que a vi, pensei em um processo por quebra de direitos autorais, mas a sra. (agora lady) Watson me impediu. Desde aquele momento, contudo, comecei e planejar uma nova série de contos, e, se algum dia eles vierem à luz, não me parece que alguém deixará de se empolgar com “A esposa-mendiga do rei Cophetua”, “O

mistério do Hampstead Heath", "A jiboia comedora de traças", "O tinteiro roxo do rei da Espanha" e breves monografias sobre os rabos dos cavalos que puxam os cabriolés.

Como afirmei, estava sentado na sala de estar da Baker Street — o que acontecera à minha esposa não consigo lembrar. Como todo leitor há de ter reparado, ela, vez por outra, desaparece dessas histórias. Algum dia, vou vigiá-la seguindo os métodos de meu reverenciado mestre, Sherlock Holmes. De todo modo, estava sentado na sala de estar da Baker Street quando tocaram a campainha. Eu já aprendera a distinguir vários tipos de toques de campainha — o de rotina, por exemplo, do padeiro; o toque wagneriano dos conhecidos do sr. Sherlock Holmes, que acham ter algum direito sobre mim; o toque desesperançado dos pedintes; o toque ansioso dos bons amigos e o toque *enragé* do maníaco irrecuperável. Porém, tive dificuldade para classificar o toque da campainha quando meu visitante foi anunciado, e uma mulher de meia-idade e estatura abaixo de média foi trazida até a sala. Seu casaco tinha uma mancha de gema de ovo, o que me levou a concluir que não se tratava de uma pobre sem um tostão, pois, se fosse este o caso, ela não teria tomado café da manhã, e que era descuidada, enquanto, observando o cadarço enlameado da bota que deixou um rastro no tapete, inferi com a rapidez de um raio que estava apressada e provavelmente chegara ali a pé. No pescoço, usava um diamante, que percebi na mesma hora valer os olhos da cara e, por estar fumando um cachimbo curto de argila, deduzi não ser inglesa, ou, de todo modo, não pertencer ao chamado círculo mundano londrino. Portanto, adotando minha habitual postura

profissional, falei:

— Minha boa senhora, em que posso ajudá-la?

A velha respondeu com uma voz um pouco áspera:

— O senhor é Sherlock Holmes?

A tentação — se é que de fato foi uma tentação — se impôs. Teria sido tedioso explicar a ela que eu era seu maior cronista, propor o paralelo óbvio de Johnson e Boswell, e, com efeito, tive dúvidas sobre se a mulher já ouvira falar de um ou de outro.

— A senhora pode falar comigo com toda franqueza — disse. — Só é uma pena que meu amigo, o lorde… isto é, o sr. Watson, não esteja aqui, já que me aconselho com ele quando um caso requer uma perspicácia maior.

Enquanto falava, baixei os olhos para ajustar o estetoscópio que se projetava de meu bolso. É meu costume — se é certo ou errado, não sei — carregá-lo onde possa ser visto com facilidade, já que isso costuma angariar pacientes. Nesse instante, ouvi um leve estalar de língua, e me lembrei do personagem que estava representando.

Por isso, acendi um punhado de tabaco e, fechando um pouco os olhos, improvisei nas cordas do violino de meu finado amigo.

— Regurgitação mitral — esclareci, me referindo ao estalar de língua. — Noto também que a senhora percorreu certa distância a pé e que tem uma natureza desleixada. Isso acontece com frequência nas mulheres de mais idade.

Por sua altura, devo inferir que teve raquitismo na infância, mas seu pai era um

homem de recursos.

— O senhor está falando do diamante — disse ela. — Foi presente de meu marido.

Que trabalho cansativo era aquele.

— Então onde está a aliança? — indaguei, olhando para as mãos magras de dedos afilados e dedilhando o violino.

Minha visitante fez um movimento de impaciência.

— A corda “mi” está desafinada — observou ela.

Entreguei-lhe o violino. A corda “mi” não estava lá.

— A senhora esquece com quem está falando — retorqui. — Mas, por favor,

diga logo o que quer! Dois reis e três marqueses aguardam por uma ligação minha, e não posso lhe conceder muito tempo. Além disso, o imperador real do

Paraguai vem me consultando sobre uma questão da maior urgência.

Eu aprendera esse truque, devo confessar, com Sherlock. Nos velhos tempos,

toda vez que eu desafiava suas deduções, ele costumava me recordar do caso do

pardal verde de Pesth ou da aurora de Candaar. Ao mesmo tempo em que eu falava, levantei-me e fingi fazer uma ligação em um telefone falso, com o qual

tinha o hábito de impressionar pacientes. Certa vez, a sra., quero dizer, lady…

Porém, justo ao me virar, ouvi uma voz bastante conhecida.

— Você ganhou peso, Watson. Diria que está com uns cem quilos.

No mesmo instante, soube quem era.

— Holmes, isso é indigno de você! — gritei. — Ademais, estou com 83

quilos — falei, subindo na balança, que registrou 89 e imediatamente emitiu um

sonoro relatório.

— Isso nos prova sua falibilidade — comentou ele. — Apreciaria muitíssimo, Watson, se você se sentasse e não fingisse telefonar para pessoas imaginárias. Fui eu quem inventou o imperador real do Paraguai, mas foi você quem arrebentou minha corda “mi”.

Mesmo nesse curto espaço de tempo, ele se despojara por completo dos paramentos da velha desleixada, e lá estava, sentada na cadeira, a figura de Sherlock Holmes, vestido em seu habitual robe de chambre, o rosto fino, aquilino, iluminado por um tipo doloroso de sorriso.

— Você tentou se passar por mim — disse ele.

— Você andou perambulando por Devonshire muito depois de eu tê-lo matado — rebati.

Seu rosto se encheu daquele egocentrismo que com frequência tenho deplorado nestas páginas e em outras.

— Não nego — disse ele — que você teve certa utilidade para mim em algumas situações, mas as vezes em que sua infernal casaca e seu chapéu-coco me irritaram além do suportável são inúmeras.

Aquilo me atiçou.

— Não fosse por mim — retorqui —, jamais teriam ouvido falar de você.

— Estamos quites — respondeu Holmes. — Não fosse por mim, você jamais teria achado algo para escrever. Eu agradeceria se me desse um pouco de tabaco.

Entreguei-lhe a tabaqueira roxa e o observei com extremo interesse, pois vi que

estava em seu humor mais intuitivo. Lembrei-me de registrar isso.

— Percebo — disse ele — que, durante minha ausência, você não se manteve ocioso. Uma dama da nobreza esteve aqui hoje mesmo; você se ocupou bastante antes do jantar; plantou uma prímula em Uxbridge há alguns dias e tem um criado preguiçoso; além disso, leu um livro de autoria do sr. Alfred Austin; tem um cãozinho que precisou ser repreendido porque desenterrou a prímula; fumou um cigarro pouco antes de eu entrar na sala e respondeu esta tarde a uma carta de sua sogra, que se propunha a vir se hospedar com você; tem um irmão que costumava beber, mas que foi enterrado na quinta-feira. A mãe de sir Richard Calmady casou-se de novo, e você foi ao casamento.

Eu andava de um lado para o outro na sala em uma agitação incontrolável.

— Holmes, isso não é justo! — gritei. — Você está me espionando!

Uma expressão de surpresa sofrida cobriu-lhe o rosto.

— Ainda não conhece meus métodos? — indagou. — Tudo é, ou assim deveria ser para alguém com acesso a meu caderno de notas, muito simples. Para começar, vejo o diadema de uma condessa no chão. Infiro, então, que uma condessa esteve aqui para falar com você. Uma grande mancha de tinta em seu dedo indicador, meu caro Watson, sugere que você tem andado escrevendo, e, para um homem tão escrupuloso com a própria higiene, isso leva a crer que escreveu antes do almoço, pois teria lavado a mancha antes do jantar. No dorso de seu pé, há uma folha seca de prímula, grudada em uma pequena crosta de argila do Pliocênico, o que só é possível encontrar em Uxbridge, e sei que você tem uma casa de campo lá. A argila está seca, de onde sou levado a supor a existência de um criado preguiçoso, que não limpou suas botas da maneira adequada. O livro do sr. Alfred Austin que você leu resta indicado pelos fragmentos na grelha da lareira, onde, mesmo daqui, consigo detectar *Veron.*…

Gar…, sem dúvida *In Veronica's Garden.* De seu bolso está saindo um chicotinho para cachorro com uma folha de prímula grudada, de onde posso inferir que você bateu no cão que arrancou a prímula em Uxbridge. O cigarro anterior ao jantar foi pura adivinhação, mas não vejo guimba no cinzeiro, motivo pelo qual deduzo que fumou um cigarro antes do jantar e de eu entrar na sala. A carta de sua sogra propondo vir se hospedar inferi a partir de uma resposta sua, endereçada à sra. Smith, contendo no alto dela a palavra "Raios", em lugar de "A ser postada". Seu irmão bêbado foi mencionado por você mesmo várias vezes; o fato de ter sido enterrado na quinta-feira foi uma dedução fácil baseada no cartão de pêsames sobre a lareira. A questão da mãe de sir Richard Calmady é um tiro no escuro maior, mas vejo pegadas de um homem pesado no carpete, milímetros apenas distantes umas das outras. Ninguém salvo sir Richard, com sua deplorável ausência de tíbia, poderia tê-las feito. A flor-de-laranjeira sobre a mesa em conjunto com o pedaço de bolo de casamento indica o restante. Além disso — falou —, li a notícia no jornal vespertino.

Na mesma hora, seu fascínio e brilhantismo extraordinários exerceram sobre mim o antigo efeito. Lá estava Holmes, o implacável perseguidor de pistas; Holmes, o mestre do violino; Holmes, o herói da banda malhada; Holmes, a autoridade em cinzas de charutos; Holmes, meu amigo. A sala era um monumento a ele. Nas paredes, o padrão elaborado de balas de revólver no lugar de papel, balas que ele costumava plantar ali distraído, enquanto refletia sobre algum crime que deixara a Scotland Yard sem pistas; as estantes carregadas de suas monografias, e atrás da porta, pendurados, vários de seus disfarces mais notáveis. Até mesmo a casaca e o chapéu-coco usados por mim eram frutos indiretos de sua mente incomparável.

— Holmes! — gritei, com devoção sem paralelo, esquecendo-me de todo o egocentrismo, esquecendo-me até do estoque de aventuras emocionantes que eu poderia ter produzido a partir de seus cadernos. — Holmes, seja bem-vindo!

Pude ver, observando seu olho semifechado, que meu amigo se sentiu agradecido.

— E me diga — falei — o que de fato aconteceu com você.

Ele se remexeu na cadeira.

— Você não vai gostar nada disso, Watson, mas é justo que saiba. Meu sumiço foi planejado com imenso cuidado para fazê-lo pensar que eu estava morto. Fiz você acreditar que Moriarty andava atrás de mim, determinado a me matar. Não era o caso. O suposto Moriarty não era outro senão meu irmão, que foi se encontrar comigo na Suíça. Desde então estamos investigando crimes no Turquistão.

— Mas por que esse elaborado estratagema? — indaguei.

Holmes fez uma pausa.

— Ora, meu caro Watson, o motivo não é dos mais elogiosos para você, mas a verdade é que eu não o aguentava mais. Você me dava nos nervos de forma indescritível, e era necessário, para minha paz de espírito, que eu me livrasse de você. Conheço sua natureza quase excessivamente leal. Sei que largaria sua profissão se eu demonstrasse o mínimo desejo de sua companhia, e a única coisa a fazer era levá-lo a pensar que eu estava morto. Com efeito, meu caro, achei que cometeria suicídio tão logo se convencesse de que eu não vivia mais. Porém, você não fez isso. Devo confessar que minhas deduções falharam um pouco

neste ponto. Bom, culpe-me se quiser, mas nem eu nem meu irmão o aguentávamos. Por isso, concebemos essa conspiraçãozinha bem simples para confundi-lo. E agora voltei porque descobri que não posso mais passar sem você.

Fiquei bastante emocionado com tanta franqueza; contudo, ao mesmo tempo, ela me causou certa mágoa.

— O que em mim lhe dava nos nervos? — perguntei.

Holmes balançou a cabeça com impaciência.

— Seu chapéu, sua casaca, sua obtusidade, sua personalidade completa — esclareceu ele.

— Então por que voltou? — indaguei. — Meu chapéu, minha casaca, ou outras exatamente iguais, minha… minha obtusidade e personalidade continuam aqui.

— Sei disso, meu caro amigo, mas você tem algo que supera tudo isso, agora eu sei. Trata-se de sua incomparável mediocridade mental e seu estilo literário que são o único e conveniente meio para contar minhas histórias, já que isso deixa a mente do leitor livre para acompanhar o que faço. Você é minha pena, minha mão direita. Sou sua mente. Sozinhos, somos inúteis. Juntos, dominamos o público leitor inglês. Por isso, Watson, voltei.

Enquanto ele falava, ouvimos um prodigioso tinido da campainha da porta, seguido de uma sucessão de gritos estridentes.

— E a aventura me aguarda à porta — disse Holmes. — Um bom prenúncio para nosso trabalho futuro.

Logo, ele encheu o cachimbo de novo, com as pálpebras parcialmente cerradas, e o cômodo foi tomado por uma fumaça densa.

— Minha senhoria saiu — gritei, a fim de me fazer ouvir acima da gritaria —, e ninguém vai atender à campainha. Nesse meio-tempo, alguém está sendo assassinado diante da porta.

Holmes soltou um suspiro cansado.

— Você jamais conseguirá distinguir o essencial do incidental, Watson. Esses gritos, cujo timbre me parece ser da rainha da Boêmia, não são de dor, mas de paixão. Aguardaremos até que cessem. Então, você fará sua majestade entrar.

— Você os tem visto com frequência nos últimos tempos? — indaguei.

— Sim. Prestei um pequeno serviço ao rei — respondeu Holmes —, com o qual evitei uma guerra na Europa. Foi um problema bem simples. Ele recompensou meus serviços de forma bastante generosa, me presenteando com um notável diamante, que você talvez tenha notado que estou usando.

A campainha há muito deixara de funcionar, mas nossa visita continuava a esmurrar a porta. Os gritos haviam cessado e, a um sinal de Holmes, peguei meu chapéu-coco e saí da sala para fazer sua majestade entrar.

Uma mulher de beleza estonteante estava de pé diante da porta. Era alta e tinha uma aparência dominadora, mas o rosto se achava distorcido de paixão.

— Leve-me até o sr. Sherlock Holmes — disse.

Precedi-a escada acima e escancarei a porta da sala. O cômodo estava vazio, mas um ruído de móveis sendo arrastados para formar uma barricada do lado de

dentro da porta do quarto me avisou que meu amigo usava sua habitual cautela para lidar com esse problema.

— Ele está lá dentro! — gritou a mulher. — Saia daí, sr. Holmes! Não vou machucá-lo! Só quero meu diamante! Do contrário, darei um tiro neste homem, que reconheço ser o dr. Watson, vou embarricar a porta do quarto do lado de cá e atearei fogo na casa. O senhor conhece meu temperamento impulsivo.

Alguma emoção incomumente forte deve ter brotado em Sherlock Holmes ao ouvir tal discurso, pois ele tremeu tanto no aposento contíguo que a casa toda balançou.

— Vossa majestade jura não cometer nenhum ataque a minha pessoa? — indagou.

— Eu não tocaria no senhor com uma vara de vinte metros — respondeu a mulher. — Saia!

Ouvimos os móveis serem afastados e, um instante depois, Sherlock Holmes saiu do quarto. Com um gesto imponente do braço, depositou o diamante na mão da rainha.

— Devolvo a pedra a vossa majestade com prazer — falou. — Ela é falsa e vale cerca de dez libras.

A mulher olhou para ele, curiosa, durante um momento.

— Que idiotice do rei — disse, então. — Ele me telegrafou para Londres dizendo que você havia roubado a Gema Azul e partido para a Inglaterra. Porém, vejo que se apossou apenas da imitação, que costumo usar em ocasiões de segunda classe. Não se deixam joias valiosas dando sopa, sr. Holmes, quando há

gente de caráter duvidoso no palácio. Adeus! Da próxima vez que for à Boêmia,

sairá no lombo de um burro, de frente para o rabo.

A mulher saiu de súbito do aposento e, durante alguns instantes, imperou o silêncio. Então, o olhar sonhador que conheço tão bem se instalou no semblante

de meu amigo.

— Existem algumas *lacunae* a serem preenchidas — disse ele —, no que, afinal das contas, não passa de um caso muito banal. O roubo, veja bem, não poderia ter sido descoberto até que eu deixasse a Boêmia, nação que, como você

sabe, não tem tratado de extradição com nenhuma outra. Portanto, eu estava seguro nesse aspecto. No entanto, um exame superficial da pedra por um

joalheiro em Paris me convenceu da falsidade dela. Assim, eu não roubara a gema verdadeira. Não lhe disse que era falsa, meu caro Watson, porque suas declarações de que eu andara envolvido em investigações para as famílias reais

do continente ajudam em muito meu prestígio, e fazê-lo saber que minha

recompensa fora apenas um falso diamante de dez libras não o convenceria de que eu prestara aos monarcas um grande serviço. E agora que está a par de tudo,

tenho certeza de que meu segredo está a salvo com você, pois, do contrário, estragaria o mercado para nós. A rainha é uma mulher de muito poder.

Holmes estendeu a mão para pegar o violino.

— Deixe-me tocar para você uma coisinha de minha autoria que ainda não

publiquei. Amanhã começaremos a escrever mais aventuras.

O desmascaramento de Sherlock Holmes

ARTHUR CHAPMAN

Arthur Chapman (1873-1935) é mais conhecido como escritor de poesia caubói

— versos que retratam a gente e a terra da fronteira do Meio-Oeste dos Estados

Unidos no início do século XX, sendo sua obra mais famosa “Out Where the West Begins”, que, uma década após sua criação, em 1910, foi consagrada como

“os versos mais conhecidos da América”.

Frequentemente reeditada, citada e parodiada, ele decidiu publicar a poesia em

formato de livro em 1916. *Out Where the West Begins, and Other Small Songs of*

a Big Country (Lá onde começa o Oeste, e outras pequenas canções de um grande país) era um modesto volume de 15 páginas lançado pela Carson-Harper

em Denver, mas fez tanto sucesso que a Houghton Mifflin logo publicou uma coleção maior com 58 poemas, *Out Where the West Begins, and Other Western*

Verses, em 1917. Além disso, o poema ganhou uma música composta por Estelle Philleo no mesmo ano.

Chapman também fez longa carreira no ramo jornalístico, trabalhando como

repórter para o *Chicago Daily News*, como editor literário e colunista para o *Denver Republican* e como editor administrativo para o *Denver Times.* Em 1919, trocou o Meio-Oeste pela cidade de Nova York, onde se tornou um escritor-celebridade da edição dominical do *New York Tribune* (mais tarde, *New York Herald Tribune*). Também foi escritor de ficção e não ficção ao longo de toda a vida e publicou quatro livros no período de 12 anos: *Mystery Ranch* (1921), uma aventura de faroeste e mistério criminal; *The Story of Colorado, Out Where the*

West Begins (1924), uma história do estado; *John Crews* (1926), um faroeste combinando aventura e romance, e *The Pony Express: The Record of a Romantic*

Adventure in Business (1932), um relato de não ficção.

“O desmascaramento de Sherlock Holmes” foi publicado no exemplar de fevereiro de 1905 do *Critic and Literary Wold*.

O DESMASCARAMENTO

DE SHERLOCK HOLMES

Arthur Chapman

Em toda minha carreira como Boswell para o Johnson de Sherlock Holmes, apenas em uma ocasião vi o grande detetive agitado. Estávamos fumando tranquilamente e discutindo a teoria das impressões digitais quando a senhoria trouxe até nós um pequeno quadrado de papel para o qual Holmes lançou um olhar indiferente, deixando-o cair logo depois. Peguei o cartão e, ao fazê-lo, percebi que meu amigo tremia, agitado demais para instruir a senhoria a mandar entrar o visitante ou pedir que ele fosse embora. No cartão, li o nome:

Monsieur C. Auguste Dupin,

Paris.

Enquanto me perguntava o que poderia haver em tal nome para fazer brotar tamanho terror no coração de Sherlock Holmes, o próprio M. Dupin entrou na sala. Era um jovem de estrutura leve e, pela aparência, sem dúvida alguma francês. Fez uma pequena reverência junto à porta, mas observei que Sherlock Holmes se encontrava por demais atônito ou amedrontado para retribuir o cumprimento. Meu ídolo permaneceu no meio da sala olhando o pequeno francês na entrada, como se M. Dupin fosse um fantasma. Por fim, recompondo-se com esforço, Sherlock Holmes fez sinal para que a visita se sentasse e, quando Dupin afundou na cadeira, meu amigo fez o mesmo em outra e enxugou a testa com vigor.

— Perdoe minha entrada abrupta, sr. Holmes — disse o visitante, que tirou do bolso o cachimbo de espuma do mar, enchendo-o e depois extraindo dele longas e deliberadas baforadas. — Temi, porém, que não quisesse me receber, razão pela qual entrei antes de lhe dar a oportunidade de dizer à sua senhoria para me mandar embora.

Para minha surpresa, Sherlock Holmes não aniquilou o homem com um

daqueles seus olhares penetrantes, inquisidores, que lhe deram fama na literatura

e nos palcos. Em vez disso, continuou a enxugar a testa e enfim balbuciou, debilmente:

— Mas… Mas… Eu achei que estivesse morto, sr. Dupin.

— E muitos achavam que o senhor também estivesse morto, sr. Sherlock

Holmes — respondeu o visitante, em sua voz sonora e decidida. — Contudo, se

lhe foi possível voltar à vida após ser atirado de um penhasco nos Alpes, por que

eu não poderia sair de uma respeitável sepultura apenas para termos uma

conversa? É de seu conhecimento que meu criador, o sr. Edgar Allan Poe, apreciava bastante desenterrar mortos de suas sepulturas.

— Sim, sim, admito que já li esse tal de Poe — concordou, com irritação, Sherlock Holmes. — Um escritor inteligente em certos aspectos. Algumas de suas histórias de detetive sobre o senhor também não são de todo ruins.

— Ah, mas não são mesmo — disse Dupin, com bastante sarcasmo, pensei.

— O senhor se lembra daquele conto, “A carta roubada”, por exemplo? Que joia! Quando o releio, me esqueço de tudo sobre o senhor e suas fracas imitações. Não há nada forçado ali. Tudo é tão concreto quanto o próprio destino. Não existe um único tom falso, não há delongas. E a solução é tão simples que faz com que a maioria dos artifícios que o senhor usa pareça rude em comparação.

— Ora, se Poe tinha o senhor em tão alta conta, por que não o aproveitou mais? — retrucou Sherlock Holmes.

— Ah! Foi aí que o sr. Poe se revelou um verdadeiro artista literário — disse

M. Dupin, continuando a fumar seu eterno cachimbo de espuma do mar. —

Quando ele tinha algo bom, era esperto o bastante para não arruinar sua reputação esgotando o tema. Suponha que, após escrever “Os assassinatos da rua

Morgue”, que girava a meu redor como personagem central, ele tivesse escrito dois ou três livros de contos nos quais eu figurasse. Então, suponha que permitisse que eu fosse levado ao palco e, como resultado, ficasse ainda mais exposto ao público. Da mesma forma, suponha que, após me matar de forma decente e anunciar que jamais voltaria a escrever histórias de detetive, ele cedesse aos apelos de seus editores e produzisse outra interminável série de histórias sobre mim. Ora, é claro que a maior parte seria mais que medíocre, e todos já teriam esquecido a obra-prima “Os assassinatos da rua Morgue”, bem

como “A carta roubada”, de tão soterradas que estariam tais joias sob uma montanha de lixo.

— Ah, admito que minha corda tenha sido tocada à exaustão — disse, com um suspiro, Sherlock Holmes, de mau humor, estendendo a mão para a seringa

hipodérmica que eu tirara de seu alcance. — Mas talvez Poe tivesse feito o mesmo com o senhor se pudesse arrancar um dólar por palavra de tudo que escrevesse a seu respeito.

— Ah, pobre Edgar, pobre e incompreendido Edgar! Talvez sim — admitiu

Dupin, pensativo. — Ele dispôs de poucos dólares em sua tempestuosa vida. Ao

mesmo tempo, porém, independentemente das recompensas, acho que ele foi um

gênio versátil o bastante para descobrir algo novo na época certa. De todo jeito,

não teria afanado o produto da mente de outrem e o apresentado como seu.

— Por Deus, homem! — gritou Sherlock Holmes. — Está dizendo que

ninguém mais além de Poe tem o direito de utilizar a teoria da análise em uma

história de detetive?

— Não, mas veja como o senhor me acompanha de perto em todos os outros

detalhes. Não costumo ser bafejado pela sorte, assim como o senhor. Estou sempre fumando quando formulo meus planos de ataque, assim como o senhor.

Tenho um amigo admirador para registrar tudo que digo e faço, assim como o senhor. Estou sempre maravilhando o chefe da polícia com teorias bem melhores que as dele, assim como o senhor.

— Eu sei, eu sei — disse Sherlock Holmes, voltando a enxugar a testa. — Parece que os argumentos estão contra mim. Nutri-me livremente do senhor, M. Dupin, e as aspas nem sempre foram usadas como deviam onde o crédito lhe era devido. Contudo, afinal, não sou a imitação mais banal que meu autor produziu. Acaso já leu o livro *A companhia branca* e o comparou com *The Cloister and the Hearth*? Não? Então faça, se quiser entender o que poderíamos chamar de "atmosfera transplantada"…

— Ora, aparentemente estamos em uma grande era para a apropriação das ideias de outrem — comentou, resignado, M. Dupin. — Quanto a mim, não dou a mínima sobre o roubo de meus méritos, Sherlock Holmes. Com efeito, você é um sujeito bastante decente, embora esteja testando minha paciência com sua contínua recusa em se aposentar. Além disso, só consegue me fazer brilhar mais na comparação. Eu nem sequer culpo você por aquele conto "Os dançarinos", no qual usa um criptograma que na mesma hora faz lembrar "O escaravelho de ouro".

— Mas você não estava em "O escaravelho de ouro" — observou Sherlock Holmes com o ar de quem marcou um ponto.

— Não, e isso apenas enfatiza o que venho lhe dizendo: que as pessoas admiram Poe como um artista literário devido ao fato de que ele não abusa de nenhuma de suas criações. Não se esqueça disso, meu garoto, e lembre-se, quando disser seu próximo adeus, de que ele não seja do tipo que deixa margem

a uma volta. A paciência até mesmo dos leitores americanos tem limites, e você não pode sempre estar entre os “seis livros mais vendidos do dia”.

E com essas palavras, M. Dupin, cachimbo e tudo o mais, sumiu na atmosfera impregnada de tabaco da sala, deixando o grande detetive Sherlock Holmes a me olhar tão envergonhado quanto um colegial flagrado com maçãs roubadas escondidas no uniforme.

A aventura do colar de brilhante

GEORGE F. FORREST

Como aventura editorial, um fino volume de paródias da autoria de um autor praticamente desconhecido parece um negócio arriscado. Contudo, isso não impediu Frank Harvey da 21 & 22 Broad Street, uma pequena editora em Oxford, de se comprometer a publicar *Misfits*: *A Book of Parodies*, de George Forrest (como seu nome aparece na capa, ou G.F. Forrest, como é identificado na página de rosto); o lançamento se deu em 1905.

Como acontece com todas as coletâneas, alguns contos são melhores que outros; no caso das paródias, algumas são mais engraçadas que outras, e esse livro não é exceção. Contém burlescos de autores tão disparatados como Rudyard Kipling, Francis Bacon, William Shakespeare, vários poetas e o escritor de aventuras muito popular H. Ridder Haggard. “The Deathless Queen”, narrado por um covarde Allan Quarterslain, se passa no coração da África e é protagonizado por uma rainha idolatrada conhecida como “Ela-que-precisa-apodrecer”. Para parodiar Arthur Conan Doyle, Forrest subintitulou o conto:

“Apresentado como um estudo da criminologia grotesca”.

Além de uma edição regular comercial em brochura, *Misfits* também foi lançado em uma bela edição grande de capa dura, limitada a 150 exemplares.

Edições limitadas, na época (assim como hoje), costumam ser reservadas para os

grandes nomes da literatura; por isso tudo indica que o editor nutria grandes expectativas em relação a um livro de autoria do quase conhecido Forrest, ou, como parece mais provável, o próprio autor tenha tido um papel na publicação.

Publicações subsidiadas, também conhecidas como publicações por vaidade, não

eram coisa rara na era eduardiana.

A AVENTURA DO COLAR

DE BRILHANTE

George F. Forrest

Quando abri a porta, fui saudado pelo som de uma melodia arrebatadora.

Warlock Bones tocava, sonhador, seu acordeão, e o rosto sagaz e marcante dele

se achava quase escondido pelos densos anéis de fumaça que descreviam

círculos acima, oriundos de um cachimbo de madeira bastante imundo. Assim que me viu, tirou um derradeiro soluço do instrumento e ficou de pé com um sorriso de boas-vindas.

— Bom dia, Goswell — falou, animado. — Por que você estica suas calças debaixo da cama?

Era verdade, a mais pura verdade. Esse extraordinário observador, o terror de

todo criminoso acovardado, o maior pensador que o mundo já conheceu, havia,

sem dó nem piedade, desvendado o segredo de minha vida. Ah, era verdade.

— Como sabe disso? — indaguei, estupefato.

Ele sorriu ante meu mal-estar.

— Fiz um estudo especial sobre calças — respondeu ele — e sobre camas.

Quase nunca me engano. Contudo, deixando esse conhecimento de lado por um momento, você se esqueceu daquele punhado de dias que passamos juntos três meses atrás? Vi-o fazendo isso.

Ele jamais deixava de me causar espanto, esse espião do crime com olhos de lince. Nunca consegui dominar a maravilhosa simplicidade de seus métodos.

Podia apenas me encher de fascínio e admiração — privilégio pelo qual nunca serei grato o suficiente. Sentei-me no chão e, abraçando seu joelho esquerdo com ambos os braços em um êxtase de adoração apaixonada, ergui os olhos para sua aparência intelectual.

Ele enrolou a manga e, expondo o braço fino, injetou uma dose de ácido cianídrico com uma rapidez incrível. Finda tal operação, consultou o relógio de parede.

— Em 23 ou 24 minutos — observou —, um homem deverá aparecer para falar comigo. Ele tem esposa, dois filhos e três dentes falsos, um dos quais precisará ser substituído em breve. É um corretor de ações bem-sucedido de cerca de 47 anos, usa roupas da Jaegers e é um fã entusiasta do jogo “Encontre a palavra que falta”.

— Como sabe de tudo isso? — interrompi-o, quase sem fôlego, com uma palmadinha de impaciência em sua tíbia.

Bones me deu seu sorriso inescrutável.

— Ele virá — disse — a fim de pedir meu conselho sobre algumas joias que

foram roubadas de sua casa em Richmond na quinta-feira passada. Entre elas está um colar de brilhantes de valor excepcional.

— Explique! — gritei, com uma admiração jubilosa. — Por favor, explique!

— Meu caro Goswell — falou Bones, rindo —, você é de fato lerdo demais.

Será que nunca aprenderá meus métodos? O homem é meu amigo pessoal.

Encontrei-o ontem no Centro e ele pediu para vir aqui conversar comigo sobre essa perda hoje de manhã. *Voilà tout*. Dedução, meu caro Goswell, uma mera dedução.

— Mas as joias? A polícia está atrás delas?

— E como! Na verdade, nossa polícia é das mais trapalhonas. Já prendeu 27

pessoas perfeitamente inofensivas e inocentes, inclusive uma duquesa abastada,

que ainda tenta se recuperar do choque, e, a menos que eu esteja muito enganado, vão prender a esposa de meu amigo esta tarde. Ela estava em Moscou

na ocasião do roubo, mas isso, é claro, pouco importa para aqueles amáveis jumentos.

— E você tem alguma pista do paradeiro das joias?

— Uma pista muito boa — respondeu ele. — Tão boa que, neste exato

momento, posso pôr as mãos nelas. É um caso bem simples, dos mais simples com que já tive de lidar, e, no entanto, a seu jeito, um caso estranho, que apresenta várias dificuldades para o observador mediano. O motivo do roubo é

um pouco enigmático. O ladrão parece ter sido levado ao crime não tanto pela ganância comum quanto por um intenso amor pela autopromoção.

— Mal posso imaginar — falei, com certa surpresa. — Um ladrão, *qua* ladrão,

desejoso de anunciar suas aventuras ao mundo.

— Verdade, Goswell. Você mostra seu habitual bom senso. Porém, não tem a

imaginação sem a qual um detetive nada pode fazer. Sua posição é a mesma

daquele pessoal cheio de energia, ainda que um tanto obtuso, da polícia. Eles estão francamente confusos com o caso todo. Para mim, o caso é claro como o

dia.

— Isso eu posso entender — murmurei com um tapinha reverente em sua

canela.

— O verdadeiro ladrão — prosseguiu Bones —, por diversas razões, não me

apetece produzir. Contudo, quanto às joias, como acabei de dizer, posso pôr as mãos nelas a qualquer momento. Olhe aqui!

Desvencilhando-se de meu abraço, ele se dirigiu a um cofre em um canto do

cômodo. Dele, extraiu uma grande caixa de joias e, abrindo-a, revelou um conjunto dos mais soberbos diamantes. No meio, um magnífico colar piscava e

faiscava sob os raios do sol invernal. A visão me tirou o fôlego, e durante um tempo, fiquei boquiaberto de admiração muda diante do mestre.

— Mas… Mas como… — gaguejei enfim, e parei, pois Bones observava

minha confusão com evidente satisfação.

— *Eu* as roubei — declarou Warlock Bones.

A aventura do empate de Ascot

ROBERT L. FISH

Robert Lloyd Fish (1912-1981) era um engenheiro civil de grande sucesso

trabalhando no Brasil quando se viu diante de um dia tedioso sem qualquer obrigação imediata. Por ser fã de Sherlock Holmes, resolveu preencher o tempo

escrevendo uma paródia do grande detetive para seu próprio entretenimento, sem

ter jamais escrito qualquer texto de natureza criativa.

Tinha uma frase na cabeça quando começou a escrever, referente aos momentos bastante registrados em que Holmes fazia uma série de deduções a respeito de um cliente, o que sempre deixava Watson e o cliente em questão estupefatos ante o brilhantismo inspirador. Na paródia de Fish, Holmes está errado e, quando corrigido em suas afirmações absurdas, retruca: “Ah, sim. Ora, com certeza era uma coisa ou outra”.

“A aventura do empate de Ascot” foi vendido para a *Mistério Magazine de Ellery Queen*, marcando o início de uma carreira que levou a mais de trinta romances, dois prêmios Edgar (por “The Fugitive”, o melhor romance de estreia de 1961, e por “The Moonlight Gardner”, o melhor conto de 1970), ao cargo de presidente da Mystery Writers of America e ao legado do Robert L. Fish Memorial Award, patrocinado pelo espólio do autor, prêmio que vem sendo concedido todo ano desde 1984 pela MWA ao melhor conto de estreia de um autor americano.

Além de Sherlock Holmes, seus personagens mais conhecidos são José da Silva, um detetive policial do Rio de Janeiro, e Kek Huuygens, um brilhante contrabandista. *Kek Huuygens, Contrabandista* (1976) foi o primeiro livro publicado pela Mysterious Press. Fish também escreveu sob o pseudônimo de Robert L. Pike, com o qual assinou *Mute Witness* (1963), o romance que serviu de base para o famoso filme *Bullitt* (1968), com Steve McQueen, Robert Vaughn e Jacqueline Bisset. O filme continua memorável pela cena emocionante de perseguição automobilística nas ruas de São Francisco e abiscoitou o prêmio Edgar.

“A aventura do empate de Ascot” foi publicado pela primeira vez no exemplar de fevereiro de 1960 da *Mistério Magazine de Ellery Queen* e incluído pela

primeira vez em uma coletânea em *The Incredible Schlock Homes* (Nova York, Simon & Schuster, 1966).

A AVENTURA DO EMPATE DE ASCOT

Robert L. Fish

Relendo minhas anotações do ano de ‘59, encontro vários casos em que os talentos peculiares de meu amigo, o sr. Schlock Homes, reduziram significativamente o trabalho da Scotland Yard ou eliminaram por completo a necessidade da agência. Houve, por exemplo, o caso do músico desmantelador, que, antes que Homes o levasse à justiça, conseguiu desmontar metade dos instrumentos da Orquestra Sinfônica de Londres e escondê-los em várias caixas de correio por toda a cidade, onde os mesmos permaneceram sem serem descobertos até o desfecho do caso. Outro exemplo que logo me vem à mente é o famoso homicídio da tromba de Mayfair, em que Homes incriminou o sr. Claude Mayfair, um cuidador do zoológico, que incitara um de seus elefantes a estrangular o pretendente ao afeto da sra. Mayfair. Não podemos esquecer, é claro, da questão bastante divulgada envolvendo a srta. Millicent Unica, a quem Homes se refere até hoje como “Mulher Única”. Porém, de todos os casos que encontrei registrados naquele ano específico, nenhum demonstra melhor a natureza sinuosa dos poderes analíticos de raciocínio de meu amigo que o caso que listei sob o nome de “A aventura do empate de Ascot” .

Era uma manhã bastante quente do mês de junho de ‘59, quando apareci para tomar café da manhã na sala de jantar de nossa residência no número 221B da Bagel Street. O sr. Schlock Homes já terminara sua refeição e tinha em mãos um

telegrama, que me entregou quando me sentei à mesa.

— Nosso tédio está prestes a acabar, Watney — disse ele, a animação ante a ideia de um novo caso transparecendo no tom em geral calmo de sua voz.

— Fico muito feliz em ouvir isso, Homes — respondi com toda sinceridade, pois a verdade é que eu já começava a temer os longos períodos de inatividade que, com frequência, levavam meu amigo a importunar a si mesmo e a mim.

Pegando o mencionado telegrama de sua mão estendida, li-o com cuidado. — Esta moça parece extremamente nervosa — comentei, observando Homes o tempo todo a fim de captar sua reação.

— Você também percebeu, Watney? — disse ele, sorrindo de leve.

— Mas é óbvio — respondi. — A mensagem diz: “Caro sr. Homes, solicito com urgência uma reunião com o senhor esta manhã às nove horas. Estou extremamente nervosa”. E está assinado: srta. E. Wimpole.

Homes pegou o telegrama de minha mão e o examinou com o maior cuidado.

— Datilografado em um formulário padrão do correio — observou ele, pensativo — com uma máquina de escrever padrão do correio. Muito provavelmente por um funcionário do correio. Interessantíssimo. No entanto, creio haver um pouco mais a descobrir até que nossa cliente apareça.

Naquele momento, um barulho alto na rua sob a janela aberta chamou minha atenção e, quando olhei para fora, gritei, muito alarmado:

— Homes! Uma charrete!

— Eu diria que mais parece uma carruagem — respondeu meu amigo, languidamente. — Esses diferentes veículos são identificados pela afinação tonal do guincho do eixo. Uma charrete, por exemplo, soa como fá; as carruagens, em geral, soam como si bemol. Um cabriolé, é claro, está sempre afinado em sol. Ainda assim, acho que devemos deixar por aqui esta discussão, já que, se não me engano, nossa cliente chegou.

Naquele momento, a criada fez entrar em nossos aposentos uma jovem de beleza normal e com cerca de 25 anos de idade. Vestia-se com esmero, seguindo a moda e parecia bastante agitada.

— Ora, srta. Wimpole — disse Homes depois que ela se sentou confortavelmente, tendo recusado com educação um arenque. — Estou ansioso para ouvir sua história. Além do fato de ser adepta de usar selas de amazona, de ter escrito uma carta de amor havia pouco tempo e ter feito uma parada no caminho até aqui para visitar uma mina de carvão, temo conhecer pouco a essência de seu problema.

A srta. Wimpole ficou boquiaberta ao ouvir tais informações. Até mesmo eu, que estou mais ou menos familiarizado com os métodos de Homes, fiquei atônito.

— Por Deus, Homes! — exclamei. — Isso é demais! Por favor, explique.

— Muito simples, Watney — respondeu ele, sorrindo. — Há um ponto lustroso na lateral da saia da srta. Wimpole um pouco acima da parte externa central da coxa, o qual tem o formato de uma fatia de torta com lados curvos.

Esse é exatamente o formato do novo tipo de sela africana, hoje em dia tão popular entre os entusiastas da equitação. O terceiro dedo da mão direita da dama tem uma mancha de tinta cor de morango, que decerto não é o tipo de tinta que se usaria em uma correspondência formal ou comercial. Por último, há um resíduo sob seu olho esquerdo que não pode ser outra coisa senão pó de carvão. Como estamos em junho, podemos eliminar o manuseio de carvão para propósitos sazonais, tais como armazenamento ou aquecimento, e, assim, deduzir sua visita a um local onde o carvão fique exposto durante todo o ano, como uma mina de carvão.

A srta. Wimpole se mostrou bastante confusa com a conversa.

— Fui obrigada a sair de casa com muita pressa — explicou — e, infelizmente, não fui cuidadosa o bastante ao usar o rímel. Quanto à mancha em meu dedo, é mesmo de morango — disse ela, removendo-a logo depois com uma lambida antes que pudéssemos censurá-la por seus modos. Então examinou com atenção a saia. — Essas criadas de hoje… — comentou balançando com tristeza a cabeça. — São tão distraídas! A que temos agora sempre esquece o ferro em cima das roupas quando vai abrir a porta!

— Ah, sim — disse Homes, após um momento de instrospecção. — Ora, com certeza era uma coisa ou outra. E agora, minha jovem, poderia fazer a gentileza de nos revelar a natureza de seu problema? — Ele notou o olhar que a moça lançou em minha direção e acrescentou em tom tranquilizador: — A senhorita pode falar com toda franqueza na presença do dr. Watney. Ele é praticamente surdo.

— Muito bem, então, sr. Homes — prosseguiu ela, inclinando-se, ansiosa,

para a frente. — Como sem dúvida o senhor deduziu a partir de meu telegrama, me chamo Elizabeth Wimpole e moro com meu tio, John Wimpole, em um pequeno apartamento na Barrett Street. Meu tio é um egiptólogo itinerante, e, durante um bom tempo, desfrutamos de uma vida confortável graças às viagens que ele planejava para quem desejasse visitar o Egito. No entanto, desde os recentes problemas que vêm ocorrendo naquele país, seu negócio anda um tanto parado e, em consequência, ele se tornou muito mal-humorado, passando o dia sozinho e se juntando a um grupo mal encarado todas as noites em casa.

“A fim de entender a completa mudança no homem, é preciso compreender o tipo de vida que levávamos quando os egiptólogos itinerantes gozavam de uma demanda maior. Nossa casa, embora sempre modesta, ainda assim era local de reunião de intelectuais. Não menos que três curadores, um ou dois políticos e diversos escritores de cunho sério se achavam entre os amigos de meu tio, e o chefe dos desembaladores de múmias no Museu Britânico com frequência aparecia para tomar chá e ter uma conversa amistosa sobre assuntos triviais.

“Hoje, tudo isso mudou. O tipo de pessoa com quem meu tio agora convive é extremamente rude, tanto em aparência quanto em linguagem. Embora hesite em fazer acusações que podem se basear apenas em minha imaginação, temo que vários desses rufiões estejam pensando em fazer avanços sobre mim, algo que estou certa de que meu tio jamais teria permitido no passado.

“Embora evidentemente tal situação me preocupe um pouco, eu a teria superado sem grandes problemas, caso ontem não tivesse ocorrido uma coisa muito estranha. Enquanto arrumava o quarto de meu tio, encontrei um telegrama em um envelope lacrado costurado no forro de uma de suas camisas dentro de uma gaveta trancada. A natureza da mensagem era tão perturbadora que senti que precisava de ajuda externa, e, portanto, me atrevi a recorrer ao senhor.”

Dito isso, a moça entregou a Homes um telegrama que tirara da bolsa

enquanto falava.

Meu amigo o pousou sobre a mesa e me pus de pé a seu lado enquanto ambos

o examinávamos. Li: “QUERO ROUBAR UM MONTANTE EXCEPCIONAL PELA MANHÃ.

VAMOS EFETUAR PLANO MÁXIMO: PEDRAS PRECIOSAS JAPONESAS RARAS. TRABALHO

INTERNO: NÃO MANDAR EQUIPAMENTO ESPECIAL. AVISO IMPORTANTE: FAREMOS

REPARTE TARDE AMANHÃ. JOE.”

Uma curiosa mudança se operara no rosto de Homes enquanto ele lia essa

mensagem cifrada. Sem dizer nada, virou-se para uma prateleira a seu lado e pegou um livro pesado, encadernado em couro. Abrindo-o, estudou em silêncio

vários cabeçalhos no índice e depois, fechando-o, falou com calma a nossa visitante:

— Agradeço-lhe por ter me trazido o que promete ser um problema dos mais

interessantes — disse, inclinando, com educação, a cabeça para a frente. —

Dedicarei todo meu tempo à solução. Creio, contudo, que pouco possa lhe dizer

sem antes fazer uma reflexão mais profunda. Peço-lhe a gentileza de deixar seu

endereço com o dr. Watney. Tenho certeza de que logo entraremos em contato para lhe dar boas notícias.

Depois que a jovem se foi, Homes se virou para mim, cheio de excitação.

— Um código bastante engenhoso, Watney — disse, estalando a língua e

esfregando as mãos, animado. — Como sabe, escrevi cerca de 16 monografias

sobre o tema da criptografia, cobrindo todas as fases da escrita oculta e secreta, da pedra de Roseta a um último texto sobre a interpretação das instruções para a montagem de brinquedos. Acho que posso afirmar, sem falsa modéstia, que há pouca gente no mundo capaz de me confundir com uma cifra ou um código.

Ficarei muito surpreso, portanto, se não chegar rapidamente à solução desta mensagem. A dificuldade, é claro, reside no fato de que pouquíssimas palavras são empregadas, mas como sabe, os únicos problemas que me interessam são os difíceis. Imagino que isso demandará o uso de cinco cachimbos. Portanto, se não se importa, Watney, por favor, me passe meus apetrechos de fumo antes de sair. Vou pôr mãos à obra agora mesmo!

Estendi o braço e peguei atrás de mim o conjunto de cinco cachimbos de açafrão que lhe havia sido presenteado por um famoso comerciante de tabaco a quem Homes prestara serviços: um caso que relatei em “A aventura dos cinco cachimbos laranja”. Quando saí da sala para buscar minha maleta de médico, Homes já enchera um deles e expelia nuvens de fumaça para o teto, enquanto se debruçava sobre o telegrama em feroz concentração.

Tive um dia movimentado e não voltei para casa até o final da tarde. Homes andava de um lado para o outro da sala, satisfeito. Os cinco cachimbos continuavam acesos em vários cinzeiros por todo o cômodo, mas a ruga de concentração fora substituída por uma expressão de paz que ele, em geral, ostentava quando via luz no fim do túnel de um problema especialmente complexo.

— Você desvendou o código — observei, pousando a maleta sobre a bancada.

— Está se transformando em um grande detetive, Watney — disse Schlock Homes com um sorriso. — Sim, ele é diabolicamente engenhoso, mas, no final,

eu o desvendei, como tinha certeza de que o faria.

— Nunca duvidei disso, Homes — garanti, caloroso.

— Watney, você é muito bom para mim — respondeu ele, apertando minha

mão, agradecido. — Pois bem, a solução está aqui. Repare na mensagem. Ela diz: “QUERO ROUBAR UM MONTANTE EXCEPCIONAL PELA MANHÃ. VAMOS EFETUAR

PLANO MÁXIMO: PEDRAS PRECIOSAS JAPONESAS RARAS. TRABALHO INTERNO: NÃO

MANDAR EQUIPAMENTO ESPECIAL. AVISO IMPORTANTE: FAREMOS REPARTE TARDE

AMANHÃ. JOE.” Agora, desprezando a pontuação que separa essa baboseira,

apliquei as várias fórmulas matemáticas que são padrão na codificação, bem como várias que não têm sido usadas há anos, até onde sei. Nada deu certo.

“Durante algumas horas, confesso ter ficado perdido. Cheguei mesmo a testar

o telegrama para ver se havia algum texto escondido, aplicando uma solução de

benzedrina e hipoclorito de sódio em ambos os lados do papel, mas, afora uma

velha lista de compras que algum funcionário do correio aparentemente redigira

e depois apagara, nada havia a ser descoberto.

“Foi então que me lembrei de que o sr. John Wimpole conhecia um

desembalador de múmias, e me ocorreu a possibilidade de que, no curso de suas

muitas conversas, talvez o enigma da antiga escrita egípcia secreta tivesse sido veiculado. Recomeçando com base em tal premissa, apliquei o sistema

originalmente desenvolvido por Tutancâmon para marcar a roupa suja do palácio

e, na mesma hora, a coisa toda começou a fazer sentido. Veja, Watney!

Inclinando-se sobre a mensagem, com expressão de triunfo, ele sublinhou a letra Q na palavra QUERO, e depois passou a sublinhar a primeira letra de cada palavra alternada, observando, satisfeito, meu rosto atônito durante o processo. A

mensagem agora dizia: “QUEM EM PRIMEIRA”.

— Notável, Homes! — exclamei, reticente. — Mas, se me permite, continuo

tão perdido quanto antes.

— Ora, Watney! — disse meu amigo, agora rindo alto. — Quando li a

mensagem da primeira vez, também fiquei perdido. Contudo, isso faz algumas horas, e não fiquei ocioso durante esse tempo. Estou agora de posse do esboço

do plano, e embora ele não envolva nenhum crime sério, ainda assim é um tanto

engenhoso e inteligente. Porém, não há mais nada a ser feito esta noite. Por favor, envie um telegrama a nossa cliente avisando que passaremos na casa dela

e a apanharemos amanhã às dez e que, então, nos dirigiremos ao lugar onde todo

o mistério será esclarecido.

— Mas Homes! — protestei. — Não estou entendendo nada!

— Você entenderá, Watney, amanhã de manhã — retrucou, com um amplo

sorriso. — Já chega por ora. Hoje a ópera *The Wreckers* será apresentada no Albert Hall, acho eu, e estamos em cima da hora para nos aprontarmos e chegar

lá a tempo de assistir ao espetáculo.

Na dia seguinte, às dez em ponto, nosso cabriolé parou defronte a um pequeno

prédio na Barrett Street, e a srta. Wimpole se juntou a nós. Tanto a jovem quanto

eu lançamos um olhar de soslaio para Homes, mas ele se inclinou,

imperturbável, e disse ao condutor:

— Ascot Park, por favor. — Depois, ele se recostou com um sorriso no rosto.

— Ascot Park? — indaguei, atônito. — A solução de nosso problema está em um hipódromo?

— De fato, está, Watney — falou Homes, obviamente adorando meu espanto. Então, me dando palmadinhas no ombro, acrescentou: — Por favor, perdoe meu pobre senso de humor, Watney, e você também, srta. Wimpole. O problema está quase todo solucionado, e a solução reside em Ascot Park. Watney sabe como eu gosto de causar surpresas, mas vou satisfazer a curiosidade de ambos agora.

Inclinando-se para a frente, ele refletiu sobre as palavras a usar.

— Quando decodifiquei o texto e me vi com outra mensagem quase tão curiosa quanto a primeira, a saber, QUEM EM PRIMEIRA, refleti bastante a respeito durante algum tempo. Podia ser, é claro, alguma referência a uma pessoa que deveria ficar situada em uma Primeira avenida ou Primeira rua. Embora não acreditasse nisso, é de minha natureza ser meticuloso, e como Nova York é a única cidade, até onde sei, com uma Primeira avenida, telegrafei a meu velho amigo, o inspetor LeStride, pedindo-lhe esclarecimentos. Sua resposta negativa eliminou essa possibilidade, e voltei à minha tese original.

“Reparem na última palavra, “PRIMEIRA”. Isso poderia, é claro, ser uma referência à Bíblia, na qual se promete que os últimos serão os primeiros, mas ao examinar com cuidado a mensagem original, não percebi aura religiosa alguma, e sou bastante sensível a tais sutilezas. Não. Em vez disso, permiti-me considerar aqueles casos em que o primeiro lugar pode ser importante. É claro que não me

refiro a filas ou obstáculos. A resposta lógica, evidentemente, foi uma aposta. Os diversos meios disponíveis aos ingleses da atualidade para fazer apostas são muito restritos, e depois de checar a situação dos times e descobrir que o Nottingham ainda continua em vantagem, voltei-me para a seara das corridas de cavalo.

"E ali descobri, como esperava, que, na segunda corrida em Ascot no dia de hoje, a competidora do haras Abbot-Castle é uma potranca de três anos chamada *Quem em Primeira*."

Homes se virou para a jovem a seu lado:

— Minha cara, temo que seu tio esteja envolvido em um esquema de manipulação de apostas, e que o grupo com quem ele tem se encontrado nos últimos tempos esteja usando o sistema telegráfico para enviar dicas sobre possíveis vencedores. Isso, claro, é considerado questionável na maioria dos círculos turfísticos, mas, como afirmo com frequência, não faço parte da polícia oficial e, portanto, não me sinto responsável por levar à assim chamada justiça alguém que cometa infrações leves. Espero, contudo, encontrar a prova de meu raciocínio na pista de corrida em poucos momentos.

— Ah, sr. Schlock Homes! — exclamou a srta. Wimpole, agarrando-lhe a mão com gratidão —, o senhor me proporcionou um grande alívio. Ando tão preocupada, sobretudo depois de ter encontrado grandes somas de dinheiro escondidas em locais obscuros da casa. Tive medo de que meu tio estivesse envolvido com sujeitos metidos em práticas nefastas. Agora que estou a par da natureza da empreitada, posso me tranquilizar e quem sabe até repor ao menos parte desse dinheiro com a consciência tranquila, sabendo que ele não foi obtido por meios escusos. No entanto, o senhor deve me permitir pagar por seu trabalho

nesse caso, sr. Homes. Por favor, diga-me o valor de seus honorários.

— Não, srta. Wimpole — retorquiu Homes com modesta dignidade. — Se minha teoria for tão boa quanto imagino, não haverá necessidade de pagamento. Encararei como pagamento o benefício da informação que a senhorita tão gentilmente trouxe à minha atenção.

Em poucos minutos, nosso cabriolé estacionou no portão ornamentado do famoso hipódromo e, enquanto Homes foi examinar o painel de apostas e falar com alguns corretores de apostas conhecidos dele, comprei o jornal mais recente e me dirigi às tribunas para aguardar seu retorno. Em poucos minutos, ele estava a meu lado, sorrindo profusamente.

— É ainda melhor que eu imaginava, Watney! — exclamou. — A verdadeira genialidade dessas pessoas desperta minha mais profunda admiração. Repare que, além de *Quem em Primeira* na segunda corrida, o haras Abbott-Castle também inscreveu um cavalo chamado *Qual em Segundo* na primeira corrida. E quando falei com um dos fiscais de pista ainda agora, fui informado de que, devido aos boatos que invadiram a administração do hipódromo, aparentemente espalhados por um condutor de cabriolé no portão, decidiram juntar as duas corridas. Agora, afinal, a verdadeira natureza desse plano engenhoso vem à tona!

— Como assim, Homes? — indaguei, espantado. — Será que os fiscais estão a par do esquema de informações e decidiram unir as corridas para combatê-lo?

— Sua fé em fiscais de pista é tocante, Watney — retrucou Homes, seco. — Estou convencido de que, sem a ajuda de um deles, de nome Joseph, o esquema não poderia ser levado a cabo. Não, não, Watney! O plano é ainda mais

sofisticado. Essa gente sabe que, se procurarem um corretor com uma aposta em qualquer cavalo como vencedor, o máximo de retorno que se pode esperar fica na casa de cinco ou, no máximo, dez para um. Mas pense, Watney, pense! Reflita! Qual seria o retorno para uma aposta em caso de *empate*?

Na mesma hora, a diabólica esperteza de todo o negócio explodiu em minha mente.

— O que propõe fazer, Homes? — indaguei, buscando em seu semblante alguma pista.

— Já fiz, Watney — respondeu meu amigo com calma, tirando do bolso do colete cinco pules de aposta separadas, cada uma de vinte libras, e cada uma fazendo jus a duzentas libras para uma, caso a corrida unificada terminasse em empate.

— Ora, Watney — disse Homes, depois de estarmos de novo confortavelmente sentados em nossos aposentos na Bagel Street —, posso declarar que, em minha opinião, este foi um de meus casos mais bem-sucedidos. Sobretudo do ponto de vista financeiro. Sinto que a ingenuidade ao codificar a dica sobre a aposta, embora deixando de fora certos fatores óbvios, situa nosso sr. Wimpole e seus associados em uma categoria especial de brilhantismo. Devemos ser gratos por eles terem escolhido esse meio inofensivo de infringir a lei, e não algo mais nefasto. Decerto não invejo os ganhos dele, embora deva dizer que, ao destrinchar um esquema tão inteligente, sinto-me à vontade para aproveitar os meus.

Homes acendeu seu cachimbo, e quando ele começou a queimar a seu gosto, tornou a falar:

— Agora, Watney, precisamos correr atrás de outro caso para afastar o tédio. Há alguma notícia criminal nesse jornal que está lendo que possa ser de nosso interesse?

— Apenas uma — respondi, dobrando o jornal ao meio e o entregando a Homes com a matéria em questão no topo. — Cerca de três milhões de libras em diamantes foram roubados ontem à noite da casa do embaixador japonês. As pedras eram conhecidas como diamantes Ogima e consideradas a coleção mais valiosa do tipo no mundo. O artigo diz que a polícia acredita ter sido trabalho de uma gangue, mas que, afora isso, não tem pista alguma.

— É mesmo? — murmurou Homes, as narinas infladas de um jeito que havia muito eu reconhecia como indicativo de interesse. — Posso ver a notícia, Watney? Ah, sim! Ogima… Ogima… Algo me soa familiar nessa palavra.

Estendendo o braço, alcançou a prateleira às costas, onde guardava os livros de referência, tirando do lugar um deles, que abriu na letra *O*.

— Ogima em suaíli básico significa apontador de lápis — disse, em parte para si mesmo —, enquanto a mesma palavra em mandarim antigo se referia ao tipo de palheta usada em um violão de uma única corda. Não, duvido que isso seja de grande ajuda. Seria sutil demais.

Devolveu o livro de referência à prateleira e mais uma vez examinou a matéria do jornal. De repente, o semblante se desanuviou e ele se inclinou para a frente, excitado.

— Claro! Veja, Watney, que Ogima escrito de trás para a frente vira *amigo*. Ficarei bastante surpreso se a resposta a esse problema não residir em algum

lugar ao sul da fronteira inglesa. Sua agenda, Watney, por gentileza.



Um caso de identidade equivocada

COLIN DEXTER

Criador do irascível mas amado inspetor Morse, Norman Colin Dexter (1930-2017) partilha muitas qualidades com seu detetive (embora não a irascibilidade). Ambos adoram literatura inglesa, cerveja de tonel, a música de Richard Wagner e quebra-cabeças extremamente difíceis. Em novembro de 2008, Dexter apareceu em um programa da BBC, *How to Solve a Cryptic Crossword*, em que falou sobre a destreza de Morse com dicas para palavras cruzadas.

O primeiro romance protagonizado por Morse foi *Last Bus to Woodstock* (1975), e ele foi o personagem central em todos os 13 romances de Dexter e em seis dos contos em *Morse's Greatest Mystery* (1993). Já amplamente lida, a série sobre o detetive de polícia de Oxford alcançou sucesso maior ainda quando foi ao ar na TV em 33 episódios com o título *Inspetor Morse*, produzida entre 1987 e 2000. Bem ao estilo dos breves momentos de Alfred Hitchcock diante da câmera nos filmes que ele dirigia, Dexter gostava de fazer uma breve aparição em quase todos os episódios. Um personagem menor na série de Morse, o sargento (agora inspetor) Lewis, tornou-se o astro de uma nova série televisiva *Lewis*; Dexter também fazia participações especiais nessa série.

A Associação (Britânica) de Escritores de Crime premiou dois de seus romances com Adagas de Ouro — *The Wench is Dead* (1989) e *The Way Through the Woods* (1992) — e lhe concedeu uma Adaga de Diamante Cartier pelo conjunto da obra em 1997. Na tradição de outros escritores britânicos de mistério, como Dorothy L. Sayers, Nicholas Blake, Edmund Crispin e Michael Innes, os mistérios de Dexter combinam erudição acadêmica, enredos bem construídos e humor.

“Um caso de identidade equivocada” foi originalmente publicado em *Winter’s Crimes*, editado por Hilary Hale (Londres, Macmillan, 1989) e fez parte da coletânea *Morse’s Greatest Mystery* (Londres, Macmillan, 1993).

UM CASO DE IDENTIDADE EQUIVOCADA

Colin Dexter

Por mais longa que fosse minha convivência com Sherlock Holmes, poucas vezes o ouvi referindo-se a sua juventude, e as únicas coisas que eu já tive notícia sobre sua história familiar resultou das raras visitas de seu famoso irmão, Mycroft. Naquelas ocasiões, nosso visitante quase sempre se dirigia a mim com cortesia, mas também (serei honesto!) com certa condescendência. Ele era — desse tanto eu sei — uns sete anos mais velho que meu grande amigo e membro fundador do Diogenes Club, uma instituição peculiar cujos membros são proibidos de conversar uns com os outros. Fisicamente, Mycroft era mais robusto que o irmão (estou colocando a questão da forma mais generosa possível); porém, o que mais chamava a atenção nele era a inteligência penetrante dos olhos — olhos acinzentados que pareciam ver além do escopo dos meros mortais. O próprio Holmes tecera comentários a esse respeito:

— Meu caro Watson, você já registrou, e fico lisonjeado por isso, parte de meus poderes de observação e dedução. Saiba, porém, que Mycroft tem um grau de observação equivalente ao meu. Quanto à dedução, seu cérebro não tem rival, *de maneira alguma*, no hemisfério norte. Pode lhe servir de alívio, contudo, saber que ele é um tanto preguiçoso e sonolento e que sua habilidade como violinista é muito inferior à minha.

(Vez por outra me indaguei se haveria algum resquício de inveja competitiva entre esses dois intelectos sem precedentes.)

Eu acabava de chegar ao número 221B da Baker Street em uma tarde brumosa de novembro de 188-, depois de participar de uma pesquisa no hospital St. Thomas sobre amigdalite (eu pusera Holmes a par dos detalhes mais cedo). Mycroft estava hospedado com Holmes há alguns dias, e, quando entrei naquela sala bem conhecida, escutei o finzinho da conversa dos irmãos.

— É possível, Sherlock, é possível. Mas é o *detalhe*, certo? Dê a mim todas as provas e talvez eu possa fazer as mesmas análises que você, aqui mesmo em minha poltrona. No entanto, exigir que eu corra de lá para cá a fim de encontrar e inquirir testemunhas, deitar em um tapete com uma lente de aumento presa a meu olho, cuja visão já não é das melhores… Não! Este não é meu *métier*!

Durante esse tempo, o próprio Holmes se manteve diante da janela, contemplando a rua cinzenta de Londres abaixo. Olhando por sobre o ombro, pude ver que na calçada oposta havia uma jovem atraente envolta em um pesado casaco de pele. Estava claro que ela acabara de chegar e, com segundos de intervalo, erguia os olhos para a janela de Holmes de forma hesitante, os dedos brincando com os botões das luvas. De repente, atravessou a rua, e a sra. Hudson logo fez entrar nossa mais recente cliente.

Após entregar o casaco a Holmes, a jovem se sentou, nervosa, na ponta da poltrona mais próxima e se anunciou como a srta. Charlotte van Allen. Mycroft assentiu brevemente na direção da recém-chegada, mas logo depois voltou sua atenção para uma monografia sobre canto gregoriano, enquanto Holmes, por sua vez, observava a moça daquele jeito distante mas intenso que lhe era tão

peculiar.

— Você não acha — disse ele — que, com sua miopia, é um pouco difícil se ocupar com tanta datilografia?

Surpresa, apreensão e admiração passaram, cada qual a seu turno, pelo rosto da jovem, seguidas por um sorriso encantador enquanto ela, aparentemente, registrava os poderes extraordinários de Holmes.

— Talvez também possa me dizer — prosseguiu ele — por que saiu de casa com tanta pressa?

Durante poucos segundos, a sra. Van Allen permaneceu sentada, balançando a cabeça com incredulidade; então, enquanto meu amigo contemplava o teto sentado em sua poltrona, ela deu início à sua notável narrativa.

— Sim, saí correndo de casa, porque fiquei com muita raiva ao ver o jeito como meu pai, o sr. Wyndham, encarou a coisa toda, recusando-se, inclusive, a cogitar procurar a polícia e, com certeza, proibindo que se recorresse ao senhor, sr. Holmes! Ele só fazia repetir, e eu *consigo* entender o ponto de vista dele, de que não houve prejuízo algum… embora meu pai não faça ideia do sofrimento que tive de enfrentar.

— Seu pai? — indagou o detetive, baixinho. — Imagino que esteja se referindo a seu padrasto, já que os nomes são diferentes.

— Sim — confessou ela. — Meu padrasto. Não sei por que cismo de me referir a ele como “pai”, sobretudo por ele ser apenas cinco anos mais velho que eu.

— Sua mãe ainda é viva?

— Ah, sim! Embora eu não vá fingir que morri de contentamento quando ela se casou de novo tão pouco tempo depois da morte de meu pai. E ainda por cima com um homem quase 17 anos mais moço. Meu pai, meu verdadeiro pai, quero dizer, tinha uma oficina de hidráulica na Tottenham Court Road, e mamãe assumiu o negócio quando ele morreu, até se casar com o sr. Wyndham. Acho que ele considerava tal ocupação um pouco abaixo da nova esposa, em especial por ele ter uma posição tão superior como representante de vendas de vinhos franceses. Seja como for, ele obrigou minha mãe a vender a oficina.

— A senhorita obteve algum rendimento oriundo da venda do negócio?

— Não, mas tenho uma renda de cem libras anuais em meu nome, além do extra que ganho com meu trabalho de datilógrafa. Se me permite dizer, sr. Holmes, o senhor ficaria surpreso com o número de empresas locais, inclusive a *Cook and Marchant*, que me pedem que trabalhe para elas algumas horas por semana. Vejam bem — ela olhou para nós com uma tímida e cativante desconfiança —, sou bastante boa *nisso*, ao menos.

— Nesse caso, a senhorita deve ter ações lucrativas do governo… — disse Holmes.

Ela sorriu de novo:

— Nova Zelândia, a quatro e meio por cento.

— Perdoe-me, srta. Van Allen, mas não seria possível uma moça solteira viver muitíssimo bem hoje em dia com, digamos, cinquenta libras anuais?

— Ah, sem dúvida! Eu mesma vivo com bastante conforto com dez *shillings*

por semana, o que corresponde a apenas metade dessa soma. Veja, não toquei em um único centavo de minha herança. Como moro em casa, não suporto a ideia de ser um encargo para meus pais, e chegamos a um acordo segundo o qual o próprio sr. Wyndham tem poderes para sacar meus rendimentos a cada trimestre enquanto eu permanecer morando com eles.

Holmes assentiu.

— Por que a senhorita me procurou? — indagou sem mais delongas.

Um rubor perpassou o rosto da srta. Van Allen e ela torcia, nervosa, um lencinho retirado da bolsa enquanto relatava seus motivos com sincera simplicidade.

— Eu daria tudo que tenho para saber o que aconteceu com o sr. Horatio Darvill. Pronto! É isso.

— Por favor, poderia começar pelo início? — encorajou Holmes com delicadeza.

— Enquanto meu pai era vivo, sr. Holmes, sempre recebíamos ingressos para o baile dos instaladores de gás. Depois que ele morreu, os ingressos eram enviados à minha mãe. Porém, nem ela nem eu jamais pensávamos em comparecer, porque nos foi deixado claro que o sr. Wyndham não aprovava. Para ele, o tipo de gente convidada para tais eventos era inferior. Ademais, sempre declarava que nenhuma de nós, sem gastar uma considerável despesa extra, teríamos o figurino adequado para a ocasião. No entanto, acredite, sr. Holmes, eu tinha uma estola roxa que jamais saíra da gaveta!

Foi depois de um intervalo decente que Holmes observou com calma:

— Então a senhorita *foi* ao baile?

— Sim. No final, fomos nós duas, minha mãe e eu, quando meu padrasto estava na França a trabalho.

— E foi lá que a senhorita conheceu o sr. Horatio Darvill?

— Exatamente! E ele me telefonou logo na manhã seguinte. E várias vezes depois, enquanto meu padrasto ainda estava na França, caminhamos juntos.

— O sr. Wyndham deve ter ficado aborrecido quando descobriu o ocorrido, não?

A srta. Van Allen baixou a cabeça encantadora.

— Muitíssimo, penso, pois na mesma hora ficou claro que ele desaprovava o sr. Darvill.

— Por que teve essa impressão?

— Estou certa de que ele achou que o sr. Darvill só estava interessado em minha herança.

— O sr. Darvill tentou continuar a vê-la, apesar das dificuldades?

— Ah, sim! Achei, entretanto, que seria recomendável pararmos de nos ver durante algum tempo. Porém, ele me escrevia todos os dias. E sempre, pela manhã, eu mesma recebia a correspondência, de modo que ninguém mais soubesse.

— A senhorita ficou noiva desse cavalheiro?

— Sim! Pois não havia dúvidas de que ele poderia me sustentar. Trabalhava como caixa em uma firma na Leadenhall Street…

— Ah! Que firma era essa? — interrompi, pois essa área específica me é muito familiar, e eu esperava talvez poder ajudar na investigação. No entanto, a

expressão no rosto de Holmes foi de aborrecimento, e me afundei mais na poltrona enquanto a conversa prosseguia.

— Nunca soube exatamente que firma era — admitiu a srta. Van Allen.

— Mas onde ele morava? — insistiu Holmes.

— Ele me disse que, em geral, dormia em um apartamento no próprio imóvel da firma.

— A senhorita deve ter escrito para esse homem do qual aceitou ficar noiva, não?

Ela assentiu.

— Eu endereçava as cartas ao correio da Leadenhall Street, onde as deixava na posta-restante. Horatio, isto é, o sr. Darvill, me disse que se eu escrevesse para o endereço de trabalho, ele jamais veria meus envelopes primeiro, e que os jovens funcionários de lá com certeza zombariam dele.

Foi nesse ponto que, de repente, me conscientizei de certos ruídos estertorosos vindos do canto onde estava Mycroft. Aquilo me pareceu um lapso totalmente censurável em termos de boas maneiras.

— O que mais pode me dizer a respeito do sr. Darvill? — perguntou Holmes.

— Ele era muito tímido. Sempre preferia caminhar comigo à noite, em vez de durante o dia. “Retraído” talvez seja a melhor palavra para descrevê-lo. Até sua voz era assim. Teve amigdalite na juventude e ainda se tratava disso. Contudo, a deficiência o deixou com uma laringe fraca e uma espécie de fala sussurrada. Sua visão também era bastante prejudicada, assim como a minha, e ele sempre usava óculos escuros para proteger os olhos da claridade de qualquer luz

brilhante.

Holmes anuiu, demonstrando entender, e comecei a perceber um tom de excitação reprimida em sua voz.

— E depois?

— Ele telefonou para minha casa na mesma noite em que o sr. Wyndham tornou a viajar para a França e me propôs casamento antes da volta de meu padrasto. Estava convencido de que aquela seria nossa única chance, e foi tão sincero e solene que me fez jurar com a mão sobre ambos os Testamentos que, independentemente do que acontecesse, eu sempre lhe seria fiel e leal.

— Sua mãe estava ciente do que ocorria?

— Ah, *sim*! E aprovava totalmente. De uma forma estranha, parecia até gostar mais de meu noivo que eu, e concordou que nossa única chance seria fazer um casamento secreto.

— O casamento seria feito em uma igreja?

— Na sexta-feira passada, em St. Saviour, perto da King's Cross. Iríamos de lá para um café da manhã de casamento no hotel St. Pancras. Horatio chamou um cabriolé para nós e fez com que minha mãe e eu entrássemos antes de ele embarcar em uma carruagem que por acaso estava na rua. Mamãe e eu chegamos antes à igreja. A distância era de apenas alguns minutos, mas quando a carruagem apareceu e esperamos Horatio saltar… nada, sr. Holmes! E quando o condutor desceu de seu compartimento e olhou para a parte traseira… a carruagem *estava vazia*.

— Desde então a senhorita não viu nem ouviu falar do sr. Darvill?

— Não — sussurrou ela.

— Vocês planejaram uma lua de mel, suponho.

— Tínhamos planejado — disse a srta. Van Allen, mordendo o lábio e mal conseguindo responder — uma estadia de 15 dias no Royal Gleneagles em Inverness. Pegaríamos o expresso da hora do almoço na King's Cross.

— Parece-me — falou Holmes, com certa simpatia — que a senhorita foi tratada da maneira mais vergonhosa.

A srta. Van Allen, porém, não admitiria ouvir coisa alguma contra seu amado e protestou com veemência:

— Ah, não, sr. Holmes! Ele era bom e atencioso demais para me tratar assim.

— Em sua opinião, então — disse Holmes —, algum acidente ou catástrofe imprevisível ocorreu?

Ela anuiu.

— E acho que ele deve ter tido alguma premonição de um perigo iminente naquela mesma manhã, porque me implorou mais uma vez para permanecer fiel a ele, independentemente do que acontecesse.

— A senhorita faz ideia de que perigo seria esse?

— Não.

— Como sua mãe encarou esse súbito desaparecimento?

— Ela ficou terrivelmente preocupada no início, mas depois cada vez mais enraivecida, e me fez prometer jamais voltar a comentar o assunto com ela.

— E seu padrasto?

— Ele deu a impressão… foi uma coisa estranha, na verdade… de ser mais solidário que minha mãe. Ao menos, ele se dispôs a falar sobre o assunto.

— E qual foi a opinião dele?

— Concordou comigo que algum acidente deve ter ocorrido. Conforme ele

disse, o sr. Darvill não podia ter qualquer interesse em me levar até a porta da igreja de St. Saviour e depois me abandonar. Se tivesse pedido dinheiro

emprestado ou se parte de minha herança já estivesse no nome dele, talvez houvesse algum motivo por trás de uma ação tão cruel. Porém, o sr. Darvill não

dependia de ninguém em relação a dinheiro e jamais sequer olhou uma moeda minha quando saímos juntos. Ah, sr. Holmes! Fico louca de pensar…

No entanto, o restante da frase se perdeu enquanto a jovem soluçava em

silêncio, com o rosto no lenço.

Quando ela recuperou a compostura, Holmes se levantou da cadeira,

prometendo que refletiria sobre os fatos desconcertantes que lhe foram

apresentados.

— Entretanto, se me permite dar-lhe um conselho — falou, enquanto entregava à moça o casaco —, providencie para que o sr. Horatio Darvill desapareça completamente de sua lembrança da mesma forma que desapareceu

do veículo nupcial.

— Então o senhor acha que não o verei de novo?

— Temo que não. Mas, por favor, deixe tudo em minhas mãos. Agora,

gostaria que a senhorita me enviasse a descrição física mais precisa do sr.

Darvill, bem como quaisquer cartas das quais sinta que pode abrir mão.

— Podemos ao menos apressar um pouco as coisas nesses dois aspectos —

retorquiu ela em um tom quase profissional —, já que pus um anúncio para ele no *Chronicle* da última segunda-feira.

Prontamente, então, abrindo a bolsa, retirou de lá um recorte de jornal que entregou a Holmes, junto com algumas outras folhas.

— Eis aqui, também, quatro de suas cartas, que por acaso estão comigo. Serão suficientes?

Holmes deu uma olhada rápida nas cartas e assentiu.

— A senhorita disse que jamais teve o endereço do sr. Darvill?

— Nunca.

— Qual o endereço do local de trabalho de seu padrasto, por favor?

— Ele viaja a serviço da *Cook and Marchant*, os maiores importadores de vinhos da Borgonha, na Fenchurch Street.

— Obrigado.

Depois que ela saiu, Holmes se sentou refletindo durante vários minutos, os dedos fortemente entrelaçados.

— Um caso interessante — observou enfim. — Não achou, Watson?

— Ao que parece, muito do que você leu ficou invisível para mim — confessei.

— Não invisível, Watson. Vamos chamar de despercebido. E isso apesar de minhas reiteradas tentativas de chamar sua atenção para a importância de mangas, unhas de polegares, cadarços de botas e todo o restante. Agora me diga, o que você registrou de imediato a respeito da aparência da mulher? Descreva para mim.

Consciente da presença de Mycroft, procurei recordar as impressões mais próximas de nossa recente visita.

— Bem, ela usava, debaixo do casaco de pele, um vestido marrom forte, um pouco mais escuro que café, com um pequeno arremate de felpo negro na gola e nas mangas. Você mencionou mangas, não é, Holmes? As luvas eram cinzentas e estavam gastas no dedo indicador direito. De onde estava sentado, não fui capaz de observar em detalhe suas botas pretas, mas eu diria serem de tamanho 35 ou 36. Ela tinha pequenos brincos pendentes, quase com certeza imitações de ouro, e o lencinho com que a pobrezinha com tanto charme enxugava as lágrimas tinha um remendo bem feito no canto do monograma. No geral, me passou a impressão de ser uma jovem razoavelmente bem de vida que não escapou de todo da herança um pouco vulgar de um pai que era, sejamos honestos, um bombeiro hidráulico.

O grunhido vindo da cadeira ao lado da qual Holmes havia largado o casaco de pele da srta. Van Allen serviu para nos recordar que Mycroft, ali reclinado, despertara e que talvez minha descrição, sob algum aspecto, tivesse causado sua desaprovação. Contudo, ele não verbalizou qualquer comentário e logo voltou à sua postura anterior.

— Acredite, Watson — disse Holmes —, você está se saindo muito bem. Não é mesmo, Mycroft? É verdade que sua descrição deixa escapar quase tudo que é de fato importante. Mas o método! Você entendeu o *método*, Watson. Tomemos, por exemplo, o felpo que citou nas mangas. Este é um dos materiais mais úteis para mostrar indícios; e a linha dupla no pulso, onde a datilógrafa pressiona a

mão contra a mesa, estava definida. Quanto à visão deficiente, isso foi brincadeira de criança. As marcas de óculos na lateral de cada narina… você não observou? Elementar, meu caro Watson! E as botas. Você *precisa* praticar a arte de se posicionar onde todas as provas possam ser visíveis com clareza. Se não deseja observar absolutamente nada, como meu irmão Mycroft, então escolha o canto mais afastado do cômodo, onde até mesmo o exame mais vago do cliente será impedido pela mobília, por um casaco de pele ou por qualquer coisa. Porém, voltando às botas da moça: observei que embora fossem muito parecidas uma com a outra em cor e estilo, na verdade, eram botas *diferentes*; a do pé direito tinha uma biqueira decorada, e a do esquerdo um acabamento mais simples.

Ademais, a direita estava presa apenas pelos três botões inferiores, de cinco; a esquerda, apenas pelo primeiro, terceiro e quinto. Ora, a dedução que se pode tirar de tal indício é que a moça saiu de casa com muita pressa. Não concorda?

— Fantástico, Holmes!

— Quanto à luva gasta no indicador…

— Seria melhor — interveio de repente a voz profunda de Mycroft — concentrar-se na pessoa desaparecida!

Terá sido um quê de irritação que se revelou nos olhos de Holmes? Em caso afirmativo, o sumiço deste foi instantâneo.

— Tem toda razão, Mycroft! Vamos, Watson, leia para nós o parágrafo do *Chronicle*.

Segurei o recorte sob a luz e comecei:

— “Desaparecido no dia 14 de novembro de 188-. Um cavalheiro de nome Horatio Darvill: com cerca de 1,73 metro de altura; razoavelmente robusto; com

tez pálida; cabelos pretos, um pouco calvo no centro da cabeça; costeletas e bigode vastos e pretos; óculos escuros; ligeira deficiência na fala. Na última vez em que foi visto, vestia…

— Creio — interrompeu Holmes — que ele possa ter trocado a roupa de casamento a esta altura. Não acha, Watson?

— Ah, com certeza, Holmes.

Nada havendo, aparentemente, de mais valioso na descrição do jornal, Holmes voltou sua atenção para as cartas, passando-as a mim depois de estudá-las com minuciosa atenção.

— E então? — indagou.

Afora o fato de que as cartas eram datilografadas, não encontrei nada de interessante e as pousei na mesinha de centro diante do sonolento Mycroft.

— E então? — persistiu Holmes.

— Suponho que esteja se referindo ao fato de as cartas serem datilografadas.

— Vejo que já está negligenciando seu conhecimento recém-adquirido do método, Watson. Além desse fato que mencionou, existem três pontos de interesse e importância imediatos. Primeiro, as cartas são curtíssimas; segundo, afora o vago “Leadenhall Street” sobrescrito, não há endereço preciso declarado em momento algum; terceiro, não é apenas o corpo da carta que está datilografado, mas também a assinatura. Veja aqui, Watson! E aqui! Este “Horatio Darvill” datilografado no final de cada uma das quatro provas. E não deve ter lhe escapado, presumo, como esse último ponto pode ser conclusivo.

— Conclusivo, Holmes? Mas de que forma?

— Meu caro, como é possível que não veja o quanto isso é importante para nossas investigações?

— *Homo circumbendibus*! É isso que você é, Sherlock! — Era Mycroft de novo. — Não lhe passa pela cabeça que sua cliente deve preferir alguma ação positiva a mais provas de sua superioridade intelectual?

Sinto prazer de registrar aqui que essa tentativa da parte de Mycroft de provocar o criminologista mais distinto do século se revelou ineficaz, e Holmes

se permitiu um sorriso fraternal enquanto o irmão se remexia devagar.

— Tem razão, Mycroft — concordou Holmes, com jovialidade. — E vou

agora mesmo redigir duas cartas: uma para os srs. *Cook and Marchant*; a outra para o sr. Wyndham, pedindo ao cavalheiro para encontrar-se conosco aqui

amanhã, às seis da tarde.

Eu já estava ciente da postura à vontade e confiante com que Holmes

enfrentava o mistério singular que nos desafiava a todos. Contudo, naquele

momento, minha atenção foi distraída por um pequeno, mas curiosíssimo incidente.

— Ainda bem, Sherlock — disse Mycroft, que agora parecia desperto —, que

não se propôs a redigir três cartas.

Devo admitir que raramente vi meu amigo tão perplexo:

— Uma *terceira* carta?

— Com certeza. No entanto, tal carta não poderia ter destinação certa, já que,

aparentemente, lhe escapou à memória perguntar à jovem o endereço atual em que reside. Além disso, as cartas que a mesma lhe entregou parecem, até onde as

examinei, carecer de envelope.

Por um momento, Holmes pareceu não se divertir com essa intervenção jocosa.

— Você está mais observador hoje do que imaginei, Mycroft, já que minha observação ocular e auditiva me levou a nutrir a suspeita de que dormia a sono profundo durante minha conversa com a srta. Van Allen. No entanto, quanto ao endereço da jovem, tem razão. — E ao mesmo tempo em que falava, notei um brilho de inteligência maldosa em seus olhos. — Ainda assim, não seria, talvez, fácil *deduzir* o endereço da jovem, Mycroft? Em um dia tão pouco ameno quanto este seria perigoso e pouco recomendável para uma dama andar pelas ruas caso tivesse a seu dispor uma alternativa aceitável e confortável como o metrô, e como eram precisamente 15h14 quando a srta. Van Allen surgiu sob minha janela, eu apostaria que ela pegou o trem que passa pela Baker Street às 15h12 a caminho de Hammersmith. Podemos pensar em mais duas pistas. As botas da moça, apesar de descasadas, apresentavam poucos sinais da lama e do lodo das ruas londrinas, de onde podemos inferir que sua residência seja tão próxima de uma estação do metrô quanto é a nossa. Mais relevante, porém, é o fato, como todos observamos, de que a srta. Van Allen usava um vestido de linho, tecido que, embora seja duradouro e agradável de usar, tem a desvantagem de amarrotar com facilidade. Agora, a saia do vestido fora passada bem recentemente e as poucas rugas existentes devem ter sido resultado da viagem até aqui. E, sugiro isso apenas como conjectura, Mycroft; provavelmente não foram mais que três ou quatro paradas de metrô. Se recordarmos também os “poucos minutos” que seu veículo nupcial levou para ir de sua casa à igreja de St. Saviour’s, acho que talvez… talvez…

Holmes puxou para si um mapa urbano e inspecionou a área escolhida com sua lente de aumento.

— Eu apostaria — falou, sem rodeios — na Cowcross Street, aquela pequena via decadente e elitista que liga a Farringdon Road à St. John Street.

— Impressionante! — exclamou Mycroft, antecipando minha própria admiração. — E você a situaria no lado norte ou no lado sul dessa via, Sherlock?

Antes, porém que meu amigo pudesse responder a essa pequena brincadeira, a sra. Hudson entrou com um pedaço de papel, que entregou a Holmes.

— A jovem disse que se esqueceu de lhe dar o endereço dela, senhor, e o anotou aqui.

Sherlock deu uma rápida olhada no endereço e uma fagulha de orgulho brilhou em seus olhos.

— A resposta à sua pergunta, Mycroft, é no lado sul, pois se trata de uma casa com número par, e, se não me engano, a numeração das casas naquela zona de Londres invariavelmente começa na ponta leste com os números ímpares no lado direito de quem vai para oeste.

— E o número talvez se encontre no final da casa dos trinta, estou certo? — sugeriu Mycroft. — Trinta e seis, quem sabe? Ou seria 38?

O próprio Holmes nos entregou o papel, e Mycroft e eu lemos:

Miss Charlotte van Allen

Cowcross Street, 38

Eu me habituara a exibições diárias da lógica mais dedutiva empregada por Sherlock Holmes, mas, àquela altura, comecei a suspeitar de que seu irmão Mycroft tivesse capacidades paranormais em seus pensamentos. Foi apenas

cerca de meia hora depois, quando Holmes saíra para comprar tabaco, que

Mycroft, observando meu espanto ainda presente, falou baixinho em meu

ouvido:

— Se mantiver a boca calada, dr. Watson, eu lhe contarei um segredinho. Na

verdade, um segredinho muito simples. O casaco da jovem foi jogado sem

cuidado, como você mesmo notou, sobre o encosto de uma poltrona. No forro havia costurada uma etiqueta com o nome e o endereço da dona. Infelizmente, minha visão não é mais tão aguçada quanto na juventude, e os números seis e oito, como bem sabe, são de fato suscetíveis a confusão.

Nunca fui acusado, acredito, de frivolidade indevida, mas não consegui conter

uma boa gargalhada ante a jogada de Mycroft, a quem garanti que o irmão jamais ouviria a verdade de minha boca.

— Sherlock? — comentou Mycroft, erguendo as bastas sobrancelhas. — Ora,

ele percebeu na mesma hora a minha brincadeira.

Não foi senão depois das seis da tarde do dia seguinte que voltei à Baker Street,

após (não se trata de uma questão irrelevante) um dia profundamente

interessante no hospital St. Thomas.

— Então, já solucionou o mistério? — indaguei ao entrar na sala.

Holmes se encontrava acomodado em sua poltrona fumando o cachimbo de

argila e discutindo madrigais medievais com Mycroft.

— Sim, Watson, creio…

Porém, as palavras mal chegaram a sair de sua boca quando ouvimos passadas pesadas no corredor e uma forte batida à porta.

— É o padrasto da moça — avisou Holmes. — Ele escreveu dizendo que estaria aqui às 18h15. Entre!

O homem que entrou era um sujeito robusto, de estatura mediana, com cerca de trinta anos, barbeado, pálido, com um par de olhos dos mais penetrantes. Pousou um chapéu-coco lustroso na bancada da lareira e, com um cumprimento de cabeça, sentou-se na cadeira mais próxima.

— Suponho — disse Holmes — que o senhor seja James Wyndham e — falou, segurando uma folha datilografada — que esta seja a carta que me escreveu.

— Sou ele mesmo, meu senhor, e a carta é minha. Foi contra meu desejo, como deve ser de seu conhecimento, que a srta. Van Allen o contatou a respeito dessa questão. No entanto, ela é uma moça impetuosa, e minha esposa e eu nos contentaremos em perdoá-la por uma ação tão impulsiva. Ainda assim, quero lhe pedir para não se envolver mais no que é, infelizmente, um infortúnio comum. Está claro o que aconteceu, e acho muito improvável que mesmo o senhor consiga encontrar um único sinal do sr. Darvill.

— Pelo contrário — retorquiu Holmes com calma. — Tenho motivos para crer que já descobri o paradeiro do cavalheiro.

O sr. Wyndham deu um salto na cadeira e deixou cair as luvas:

— Ora, fico encantado de saber — falou com voz tensa.

— É um fato dos mais curiosos — prosseguiu Holmes — que uma máquina de escrever tenha quase tanta individualidade quanto a caligrafia. Mesmo quando novas em folha, não existem duas máquinas exatamente iguais; conforme envelhecem, certos caracteres se gastam em um dos lados e alguns no outro. Ora, nessa sua carta, sr. Wyndham, o senhor vai notar que sempre há um leve borrão no olho do *E* e um defeito muito fácil de detectar no traço do *T*.

— Toda a correspondência de nosso escritório — interrompeu o visitante — é datilografada na mesma máquina, e posso entender por que ela ficou meio gasta.

— Mas tenho comigo quatro outras cartas — insistiu Holmes, em um tom lento e ameaçador —, que em teoria vieram do sr. Horatio Darvill. E em cada uma delas, também, as letras *E* estão borradas e as *T* sem traço.

Na mesma hora, o sr. Wyndham se levantou da cadeira e pegou seu chapéu:

— Não posso desperdiçar meu tempo com essas trivialidades, sr. Holmes. Se o senhor conseguir pegar o homem que tratou a srta. Van Allen de forma tão vergonhosa, faça isso! Desejo-lhe sorte… E, por favor, me informe o resultado. Porém, não tenho interesse algum em suas noções fantasiosas.

Holmes, contudo, já atravessara o cômodo e girara a chave da porta.

— Com certeza lhe direi como peguei o sr. Darvill, se o senhor fizer a gentileza de tornar a se sentar.

— O quê? — gritou Wyndham, pálido, o olhar varrendo a sala como o de um rato em uma ratoeira. Ainda assim, por fim, sentou-se e lançou um olhar agressivo ao redor, enquanto Holmes prosseguia em sua análise.

— Foi um dos ardis mais egoístas e cruéis que já vi na vida. O sujeito se casa

com uma mulher mais velha, em grande parte por causa do dinheiro. Além disso, se aproveita dos juros sobre a nada desprezível herança da enteada, sob a condição de que essa enteada morasse com o casal. A perda dessas receitas extras faria uma grande diferença no estilo de vida adotado pelos recém-casados. A enteada era uma moça agradável, de bom coração e um tanto atraente, com a vantagem adicional de contar com proventos pessoais. Era óbvio que, em circunstâncias normais, ela não permaneceria solteira por muito tempo. Assim, ele, esse homem de quem falo, resolveu lhe negar a companhia e a amizade de seus contemporâneos mantendo-a em casa. Porém, ela, e quem poderia culpá-la?, se tornou inquieta sob um regime tão pouco natural e anunciou a intenção de comparecer a um baile. O que fez seu padrasto, então? Com a conivência da esposa, concebeu um plano covarde. Disfarçou-se com esperteza: cobriu os olhos com óculos de lentes escuras; mascarou o rosto barbeado com costeletas bastas; estrangulou a voz cristalina para transformá-la no sussurro de alguém que sofre de amigdalite. Assim, sentindo-se duplamente seguro devido à visão prejudicada da moça, apareceu *ele próprio* no baile, disfarçado de um tal de Horatio Darvill, e lá cativou a encantadora srta. Van Allen, tomando a precaução extra de sempre providenciar para que os encontros seguintes se dessem à luz de velas.

Ouvi um profundo rosnado que na hora supus ter vindo de nosso visitante, mas que, após um momento de reflexão, estou inclinado a crer que se originou no canto onde Mycroft se encontrava.

— A srta. Van Allen se apaixonou por seu novo namorado e nenhuma suspeita de estar sendo enganada jamais surgiu em sua linda cabecinha. Ficou lisonjeada

pela atenção que recebia e o efeito foi realçado pela admiração da mãe pelo sujeito. Um “noivado” foi combinado e um engodo perpetrado. Porém, as falsas viagens ao exterior começavam a ficar cada vez mais difíceis de sustentar, e as coisas precisaram ser apressadas, embora de uma forma que fosse *dramática* o suficiente a ponto de causar uma impressão eterna na mente da jovem. Daí as juras de fidelidade feitas sobre os Testamentos; daí as sugestões sombrias repetidas na própria manhã do matrimônio de que algo sinistro podia estar a caminho. James Wyndham, vejam, queria que sua enteada estivesse tão unida a seu pretendente fictício que permaneceria quietinha na Cowcross Street por mais uma década, no mínimo, continuando a pôr seus juros regulares diretamente na conta de seu guardião: o mesmo canalha que a levara até as portas de St. Saviour e depois desaparecera usando o velhíssimo truque de entrar por uma porta de uma carruagem e sair pela outra.

Pondo-se de pé, Wyndham lutou bravamente para controlar a fúria.

— Quero que saiba que é o senhor quem está violando a lei deste país, não eu! Enquanto mantiver esta porta trancada, me obrigando a permanecer contra minha vontade nesta sala, o senhor se expõe…

— A lei — interrompeu Holmes, de repente destrancando e escancarando a porta — pode não me dar o direito de tocá-lo no momento. No entanto, nunca houve homem mais merecedor de punição. Na verdade… já que meu chicote está bem à mão…

Holmes deu duas passadas largas até o outro lado do cômodo, mas era tarde demais. Ouvimos o ruído de passos frenéticos descendo a escada, anunciando a partida de Wyndham. Depois, tivemos a satisfação de vê-lo fugir pela Baker Street.

— Aquele patife sem coração acabará atrás das grades, anotem minhas palavras! — falou Holmes.

— Mesmo agora, porém, não consigo acompanhar todas as etapas de seu raciocínio, Holmes — comentei.

— É o seguinte — respondeu Holmes. — A única pessoa que lucrou financeiramente com o truque do sumiço foi o padrasto. Então, o fato de os dois homens, Wyndham e Darvill nunca terem sido vistos *juntos* era bastante sugestivo. Assim como os óculos escuros, a voz rouca, as costeletas bastas: tudo isso, Watson, indicava a existência de um disfarce. Mais uma vez, a assinatura datilografada apontava para uma só coisa: a assinatura do homem era tão familiar à srta. Van Allen que ela poderia reconhecer com facilidade até uma pequena amostra dela. Fatos isolados? Sim! Mas todos levando à mesma e inevitável conclusão, como até meu dorminhoco irmão poderá concordar, não?

Entretanto, não se ouviu som algum vindo do canto de Mycroft.

— Você conseguiu checar sua conclusão? — indaguei.

Holmes assentiu.

— Sabemos para qual firma Wyndham trabalhava e tínhamos uma descrição completa de Darvill. Assim, eliminei dessa descrição tudo que pudesse resultar de um disfarce deliberado…

— O que significa que *não* checou sua conclusão! — A intervenção súbita de Mycroft fez com que ambos nos virássemos na direção dele.

— Sempre haverá — contestou Holmes — necessidade e hora para conjectura

embasada…

— Conjectura *inspirada*, Holmes — intervim.

— Balela! — grunhiu Mycroft. — Você está falando de *adivinhação*, Sherlock. E, em minha opinião, neste caso, sua adivinhação está muito equivocada.

Só me cabe relatar que eu nunca vira Holmes tão desconcertado. Ele se sentou em silêncio enquanto Mycroft ergueu seu corpanzil da cadeira e se pôs de pé ao lado da lareira.

— Sua lógica dedutiva não necessita de aplausos de minha parte, Sherlock, e, como o dr. Watson, admiro sua hipótese desesperada, mas a menos que exista alguma prova concreta que até agora tenha escondido de nós…

Holmes continuou em silêncio.

— Bem — declarou Mycroft —, vou me dar ao luxo de propor minha adivinhação e dizer que o cavalheiro que acabou de sair a toda desta sala é tão inocente quanto Watson!

— Com certeza ele não *agiu* como um homem inocente — protestei, olhando em vão para Holmes em busca de apoio, enquanto Mycroft prosseguia.

— Os motivos a que você alude para embasar suas suspeitas são sólidos sob vários aspectos, mas, mesmo assim, devo ser sincero, Sherlock! Estou bastante decepcionado com sua leitura, na verdade, má leitura, do caso. Você tem, creio eu, toda a razão em afirmar a inexistência desse tal Horatio Darvill — disse Mycroft, e como latejava o sangue em minhas veias enquanto ele proferia tais palavras! — Contudo, quando o desafortunado sr. Wyndham, que acabou de subir afobado a Baker Street, voltar a descê-la trazendo consigo um mandado de intimação por difamação de caráter, como temo que fará, você será levado a pensar, analisar e agir com um pouco mais de cuidado e circunspecção.

Holmes inclinou-se para a frente, as narinas sensíveis daquele nariz aquilino um pouco dilatadas. Porém, continuou sem tecer qualquer comentário.

— Por exemplo, Sherlock, duas informações específicas fornecidas pela própria e atraente srta. Van Allen foram desconsideradas, se não totalmente ignoradas, em sua análise. — Observei as sobrancelhas de Holmes se erguerem, indagadoras. — Em primeiro lugar, o fato de que o sr. Wyndham era mais velho

que ela *apenas cerca de cinco anos*. Segundo, o fato de a srta. Van Allen ser tão competente e rápida como datilógrafa que trabalha para várias firmas nas

imediações de sua residência, inclusive a *Cook and Marchant*. Ademais, é

espantosa a suposição de que a srta. Van Allen tenha sido completamente enganada pelo disfarce do sr. Darvill. Com efeito, ela precisaria não apenas ser

cega, mas também quase senil! Ora, é verdade que a visão da moça está longe de

ser perfeita. *Glaucopia Athenica* seria o diagnóstico, não concorda, dr. Watson?

Contudo, é absurdo crer que ela não reconheceria a pessoa com quem mora e desonesto de sua parte afirmar que todos os encontros eram sempre à luz de velas, já que ao menos em duas ocasiões, a manhã seguinte ao primeiro

encontro, *manhã, Sherlock!* , e a manhã da planejada cerimônia de casamento, a srta. Van Allen teve ampla oportunidade de examinar os traços físicos de Darvill

em plena luz do dia.

— Ao que me parece, você está levando um tempo longo demais para

apresentar a própria hipótese — retrucou Holmes, com certa rispidez.

— Tem razão — admitiu o outro. — Deixemos de delongas! Você nunca

sentiu uma emoção parecida com amor por qualquer mulher, Sherlock, nem

mesmo por aquela tal de Adler. Por isso, não desfruta das vantagens daqueles que, como eu, são capazes de entender o funcionamento tanto da mente

masculina quanto da feminina. Cinco anos mais velho, *apenas cinco anos mais*

velho, era o padrasto. Ora, uma das tristezas da natureza feminina é a tendência a envelhecer mais rápido e de forma menos graciosa que os homens, e uma das verdades a respeito da humanidade, em geral, é que se dois indivíduos de sexos

opostos e mais ou menos da mesma idade se veem em relativa proximidade… e

se um desses indivíduos for a bela srta. Van Allen… você estará comprando um

problema. E foi isso que aconteceu no lar dos Wyndham. A sra. Wyndham é 17 anos mais velha que o jovem esposo, e talvez, com o passar do tempo, alguns sinais ou provas dessa diferença desproporcional de idade tenham começado a se manifestar. Ao mesmo tempo, podemos supor que o próprio Wyndham não conseguiu evitar se sentir atraído, por mais que no início tentasse resistir à tentação, pela jovem cativante e vivaz que era sua enteada. Decerto deve ter sido ele quem recomendou a srta. Van Allen para o trabalho de meio expediente na *Cook and Marchant*, onde os dois com frequência se esbarravam, longe das restrições da esposa e do lar, com um resultado que não chega a ser tão difícil de perceber. Em minha opinião, não há dúvida de que Wyndham procurou transferir seu afeto da mãe para a filha, e, no devido tempo, foi a filha quem decidiu que, fossem quais fossem seus próprios sentimentos, era preciso, em nome da honra, que ela se afastasse da casa da mãe e do padrasto. Daí a grande ansiedade da parte dela para ir a festas, bailes e congêneres, atividades contra as quais Wyndham objetava pela óbvia razão de querer ter a srta. Van Allen junto a si durante o maior tempo possível. Você, Sherlock, parte do princípio de que essa objeção derivava dos juros que se acumulavam dos títulos da Nova Zelândia, mas isso foi *adivinhação*, certo? Não é possível que Wyndham tenha uma fonte de renda própria? Descubra, meu irmão! Talvez o que ele deseje de verdade não seja um modesto acréscimo à sua abastança, mas o amor de uma jovem por quem se apaixonou. Veja, ela *o* engambelou, da mesma forma que engambelou *você*, Sherlock. Porque você engoliu tudo que aquela criaturinha calculista relatou.

— Mas isso é ultrajante! — objetei, mas Holmes ergueu a mão e me indicou que ouvisse o irmão até o fim.

— O que fica claro é que, em dado momento, enquanto Wyndham estava na

França… aliás, por que não checou as datas em que ele esteve no exterior?

Garanto que a *Cook and Marchant* as forneceria tão rápido quanto forneceu a descrição do homem infeliz. Como eu dizia, com Wyndham na França, mãe e filha se viram em um *tête-à-tête* certa noite, durante o qual toda uma cesta de roupa suja foi lavada, com a filha desiludida quanto ao comportamento do padrasto, e a mãe magoada e furiosa quanto à infidelidade do marido. Assim, juntas, as duas arquitetaram um plano. Agora, Sherlock, ambos concordamos no

mínimo em uma coisa! Parece não haver prova alguma da existência de Horatio

Darvill, salvo o que ouvimos dos lábios da srta. Van Allen. Você acertou quando

chamou nossa atenção para o fato de que os dois homens jamais foram vistos juntos. Porém, infelizmente, mesmo reconhecendo a *importância* da pista, se equivocou por completo quanto a seu *significado*. *Você* decidiu que não há Darvill, porque ele é Wyndham. *Eu* preciso lhe dizer que não há Darvill *porque ele é uma invenção das mentes da sra. Wyndham e da filha*.

Holmes contemplava, com certa consternação, um desenho no carpete,

enquanto Mycroft arrematava suas conjecturas extravagantes e totalmente

carentes de embasamento.

— Cartas foram escritas, sim. E, aliás, eu seria muito mais cauteloso a respeito daqueles *E* e *T*; defeitos idênticos, na verdade, são encontrados em minha própria máquina de escrever! No entanto, como eu dizia, cartas foram escritas, *mas pela própria srta. Van Allen*. Um casamento foi planejado, uma história foi inventada sobre um veículo inexistente no qual entrou um noivo que

nunca existiu: fim do enigma. Ora, meu irmão, foi você quem corretamente fez a

pergunta-chave: *cui bono*? E concluiu que o verdadeiro beneficiário era Wyndham. Contudo, é precisamente o contrário! A mãe e a filha é que

pretendiam ser as beneficiárias, obter um bom acordo pecuniário para ambas, sobretudo talvez para a jovem que, como apontou o dr. Watson, poderia muito bem ganhar brincos decentes e um novo lenço. E a pressão *social* que menciono, Sherlock, foi calculada, clara e sabiamente calculada, para vir de *você*. Uma

história absurda lhe é contada por uma mocinha assustada, uma história tão

banal, com pistas plantadas em quase toda esquina, que levariam até mesmo Lestrade, após uma ou duas semanas, a chegar, é bem provável, a um

diagnóstico idêntico ao seu. E por que acha que ela recorreu a você e não a Lestrade? Por quê? Porque “o senhor Sherlock Holmes é o maior investigador que o mundo já conheceu”, e seus julgamentos só ficam atrás dos do Todo-Poderoso em infalibilidade. Porque se você, Sherlock, acreditou que Wyndham fosse culpado, então Wyndham *seria* culpado aos olhos do mundo inteiro, quer dizer, o mundo inteiro menos uma pessoa.

— Duas — acrescentei, baixinho.

Mycroft Holmes dirigiu sua atenção integral para mim pela primeira vez,

como se eu tivesse sido excluído de sua plateia. Porém, não lhe dei a

oportunidade de buscar o significado de minhas palavras, pois me dirigi a ele sem rodeios:

— Fiz a Holmes uma pergunta quando ele apresentou sua própria análise.

Farei a mesma pergunta ao senhor agora: de alguma forma, o senhor checou sua

hipótese? Em caso afirmativo, de que maneira?

— A resposta, dr. Watson, à sua primeira pergunta é, em grande parte, “sim”.

O sr. Wyndham, na verdade, tem dinheiro suficiente para não se sentir

prejudicado com a retirada da contribuição comparativamente menor da srta.

Van Allen. Quanto à segunda parte… — Microft hesitou por algum tempo. —

Não sei ao certo se meu irmão lhe contou quantos cargos exerço sob a Coroa Britânica…

Foi Holmes quem interveio, e de forma impaciente.

— Sim, sim, Mycroft! Vamos admitir que fontes, digamos, “não oficiais” às

quais você tem acesso invalidaram por completo minha reconstrução do caso.

Que seja! No entanto, se me permite, gostaria de fazer uma ou duas observações

sobre sua fiel interpretação dos acontecimentos. É, com certeza, com plena justiça que me acusa de não ter conhecimento em primeira mão daquilo que é denominado “questões do coração”. Além disso, você também acertou ao

chamar a atenção para as dificuldades que o sr. Wyndham teria para enganar a enteada. Ainda assim, como subestima o poder do disfarce! E como *superestima*

a inteligência de Lestrade! Até mesmo o dr. Watson tem um cérebro muito superior…

Não pude mais me conter nem por um segundo:

— Cavalheiros! — gritei. — Vocês estão os dois, *os dois*, tragicamente equivocados.

Ambos me encararam como se eu tivesse perdido o juízo.

— Acho que você deveria tentar se explicar, Watson — disse Holmes, em um

tom afiado.

— Um homem recém-casado — comecei — planejara passar 15 dias na Escócia com sua esposa e sacou cem libras em dinheiro, não menos que isso, da

filial da Oxford Street do Royal National Bank na véspera do casamento. Ele, porém, foi sequestrado após subir na carruagem na manhã da cerimônia,

brutalmente agredido e depois roubado de todo o dinheiro e pertences. Em seguida, foi jogado, talvez considerado morto, em um beco deserto em Stepney.

Por mero acaso, foi descoberto depois, na mesma noite, e levado ao hospital Whitechapel. No entanto, somente após vários dias, o paciente começou a

recuperar os sentidos e algumas porções de memória, bem como, senhores, a *voz*. Porque, vejam, foi em parte por sofrer tanto daquilo que nós médicos chamamos de amigdalite supurativa, que o transferiram para St. Thomas, onde,

como você sabe, Holmes, estou no momento participando de uma pesquisa sobre o tema. Lá, solicitaram meu parecer profissional esta manhã. Enquanto lia o prontuário do homem, pude ver que a única pista para sua identidade era uma peça de roupa de baixo que continha as iniciais “H.D.”. Podem imaginar minha agitação…

— Humphry Davy, talvez — resmungou Mycroft, petulante.

— Ah, não! — retorqui com um sorriso. — Insisti bastante com o coitado, e, por fim, ele conseguiu me informar o nome de seu banco. Depois disso, se me permite dizer, Holmes, foi quase brincadeira de criança checar *minha* hipótese. Fiz uma visita ao banco, onde descobri o saque do dinheiro para a lua de mel, e o próprio gerente me acompanhou de volta ao St. Thomas, onde pôde ver o paciente e fornecer prova inequívoca de sua identidade. Preciso informar aos dois cavalheiros, portanto, que não só existe um sr. Horatio Darvill, como também ele se encontra neste exato momento em um leito da ala particular no segundo andar do hospital St. Thomas!

Durante um breve espaço de tempo fez-se silêncio na sala. Então vi Holmes, que nos últimos minutos estivera de pé junto à janela, levando um pequeno susto:

— Ah, não! — gemeu.

Olhando por cima de ombro dele, vi, um tanto mal delineado sob a luz do poste de iluminação embaçada pelas brumas, um sr. Wyndham agitado, falando com um cavalheiro com aparência de advogado a seu lado.

Pegando de repente a capa, Holmes se dirigiu apressado para a porta.

— Por favor, Watson, diga ao sr. Wyndham que já lhe escrevi uma carta com

uma retratação completa de minhas acusações e lhe pedindo as mais sinceras desculpas. No momento, estou de saída. Pela porta dos fundos.

E se foi. Quando, um minuto depois, a sra. Hudson anunciou que dois cavalheiros um tanto furiosos haviam pedido para falar com o sr. Holmes, percebi que Mycroft parecia mais uma vez adormecido em sua poltrona no canto, com uma monografia sobre canto gregoriano aberta em cima dos joelhos e um sorriso de vago prazer iluminando seu rosto grande e inteligente.

— Mande entrar os cavalheiros, por gentileza, sra. Hudson! — falei de forma tão peremptória que, por um momento ou dois, a boa mulher me encarou estupefata, quase como se tivesse confundido minha voz com a do próprio Sherlock Holmes.

Acontecimentos estarrecedores na cidade eletrificada

THOMAS PERRY

Thomas Perry (1947-), famoso por seus romances de suspense sofisticados e humorísticos, escreveu mais de vinte livros, inclusive oito protagonizados por Jane Whitefield e três pelo Filho do Açougueiro, que surgiu em *The Butcher's Boy* (1982), que recebeu o prêmio Edgar de Melhor romance de estreia.

Frequentador assíduo da lista dos mais vendidos do *New York Times*, a personagem mais querida de Perry é Jane Whitefield, uma poderosa índia seneca, cuja maior habilidade é ajudar indivíduos a desaparecer e criar novas identidades quando escapam de situações violentas. O primeiro romance da saga Whitefield, *Vanishing Act* (1995), foi indicado como um dos cem Mistérios favoritos do século pela Independent Mystery Booksellers Association.

Os três romances do Filho do Açougueiro apresentam um assassino de aluguel

anônimo (ou, mais precisamente, que usa um pseudônimo) que, ainda assim,

captura a simpatia do leitor por conta de seu próprio código de honra, que costuma pôr o personagem em confronto com vilões e gângsteres.

Perry tem sido elogiado por inúmeros escritores de peso, inclusive Stephen King, que escreveu: “O fato é que existe provavelmente apenas meia dúzia de escritores de suspense vivos que podemos garantir serem capazes de criar

impactos de alta voltagem, personagens vívidos e simpáticos e narrativas

convincentes toda vez que publicam uma obra. Thomas Perry é um deles.”

Antes de se tornar romancista em tempo integral, Perry foi roteirista e

produtor de vários episódios de séries de TV, como *Simon & Simon*, *Anjos da lei* e *Jornada nas estrelas: A nova geração*.

“Acontecimentos estarrecedores na cidade eletrificada” foi originalmente

publicado em *A Study in Sherlock*, editado por Laurie R. King e Leslie S.

Klinger (Nova York, Bantam Books, 2011).

ACONTECIMENTOS

ESTARRECEDORES

NA CIDADE ELETRIFICADA

Thomas Perry

(Um manuscrito assinado por “John Watson” na coletânea de Thomas

Perry)

Durante os muitos anos em que tive o privilégio de conhecer o detetive

consultor Sherlock Holmes e, me agrada crer, servi-lo como seu confidente mais

íntimo, com frequência ele me permitia elaborar um registro dos acontecimentos

dos quais, em alguma medida, participávamos e publicá-los nos periódicos da época. Seria falsa modéstia negar que a publicação de tais casos, a partir de 1887, acrescentou algo à sua já ampla reputação.

Houve diversos casos a ele entregues por gente atraída pela nova e maior reputação que meus escritos amadorísticos lhe conferiram. No entanto, houve outros em que o acompanhei sem ter a menor intenção de publicar qualquer relato ao longo da vida dele ou da minha. O acontecimento em Buffalo combina, de certa forma, ambas as situações. Trata-se de um caso que lhe chegou vindo do outro lado do Atlântico, já que sua reputação extrapolara as fronteiras do reino devido ao conteúdo da *Strand Magazine*. Ainda assim, é um caso merecedor de tanta discrição e confidencialidade que, quando encerrar esta narrativa, guardarei o manuscrito em uma caixa trancada na companhia de um bom número de outros relatos que não pretendo que sejam vistos pelo público até que o tempo e a mortalidade lhes tenham neutralizado o poder de causar danos.

Era o dia 25 de agosto de 1901, ano da morte da rainha Vitória. Eu estava com Holmes naquela tarde nos aposentos que nós dois partilhávamos no número 221B da Baker Street desde que ele voltara a Londres em 1894. Fiquei satisfeito por ter fechado meu consultório médico cedo naquele dia, porque Holmes parecia perdido, vítima de um surto de melancolia, que, em silêncio, diagnostiquei como resultado da inatividade. Era um dia de temperatura incomumente amena para o final do verão, após uma semana de temporais avassaladores, e, enfim, consegui persuadi-lo a apagar o cachimbo e dar uma caminhada comigo para pegar ar. Já estávamos de posse de nossos chapéus e nossas bengalas e começávamos a descer a escada quando ouvimos o toque estridente da campainha.

Holmes falou:

— Pode deixar, sra. Hudson. Estou em meu turno de sentinela. Vou ver quem está à porta.

Ele desceu rapidamente os 17 degraus que levavam à entrada e a abriu. Ouvi um homem dizer:

— Meu nome é Frederick Allen. Estou falando com o sr. Holmes?

— Entre, por favor — disse Holmes. — O senhor veio de longe.

— Obrigado — agradeceu ele e seguiu Holmes escada acima até a sala. Olhou em torno, e pude perceber que seu olhar avaliava a desordem estudada da vida do detetive, demorando-se sobretudo nos papéis espalhados de maneira insana sobre a mesa, bem como nos pouquíssimos documentos mais importantes espetados por uma adaga na parede acima da lareira.

— Este é meu bom amigo, o dr. John Watson.

O estranho apertou calorosamente minha mão.

— Já ouvi falar do senhor, doutor, e li alguns escritos seus.

— Perdoe-me, sr. Allen — interveio Holmes nesse instante —, mas gostaria de usar este momento para um experimento. Watson, que profissão você diria que nosso convidado exerce?

— Diria que ele é militar — respondi. — Tem a aparência e a postura, e o cabelo e o bigode aparados, comuns a essa classe. E vi a forma como ele observou a arrumação de seus aposentos. É um oficial graduado, habituado a inspeções.

— Excelente, meu amigo. Alguma outra conjectura?

— É óbvio que ele é americano. Provavelmente participou do final do conflito com a Espanha. Então, é do Exército americano e, a julgar pela idade e pelas maneiras impecáveis, sua patente é de comandante ou superior.

O sr. Allen falou, então:

— Notável, dr. Watson. O senhor se equivocou apenas em uma informação.

— Sim — disse Holmes. — A força militar a que ele pertence. O sr. Allen é oficial de Marinha. Quando ouvi seu sotaque, também vi que era americano, e disse que viera de longe, sugerindo que acabara de chegar de uma viagem transatlântica. Ele não negou. E todos sabemos que o tempo ao longo da última

semana foi abominável. No entanto, não lhe pareceu algo digno de ser

mencionado, já que ele passou metade da vida no mar — complementou

Holmes, assentindo para Allen. — Lamento desperdiçar seu tempo, sr. Allen, mas Watson e eu praticamos esses joguinhos vez ou outra. Contudo, o que o trouxe aqui, comandante Allen?

— Infelizmente, uma questão da maior urgência e confidencialidade,

cavalheiros.

Holmes caminhou até a janela e observou a rua.

— Garanto-lhe que estive envolvido em questões confidenciais várias vezes.

E o dr. Watson me acompanhou em todos os estágios na maioria desses casos.

Ele não é só um competentíssimo oficial médico do exército real, que enfrentou

as campanhas afegãs, mas também um homem da mais absoluta discrição.

— Acredito em você, sr. Holmes. Tenho permissão dos mais altos escalões

para incluir o dr. Watson no que vou compartilhar.

— Excelente.

— Sem dúvida, o senhor sabe que, em meu país, na cidade de Buffalo, Nova

York, a Exposição Pan-Americana foi inaugurada no dia 1º de maio. Foi um evento bastante divulgado.

— Sim, é claro — disse Holmes. — Uma celebração do futuro, na verdade, não acha? Reunir o mundo para testemunhar as maravilhas da eletricidade.

— Com certeza este foi um dos aspectos que nos deixou mais orgulhosos.

Esperava-se que o presidente McKinley a visitasse em junho, mas ele precisou adiar o compromisso devido a problemas de saúde da sra. McKinley. Ao menos

essa foi a justificativa oficial.

— Se há uma justificativa oficial, deve haver uma justificativa confidencial —

falou meu amigo.

— Sim. Existem indícios da existência de um complô contra a vida do

presidente.

— Bom Deus! — exclamei.

— Sei como isso pode parecer chocante para vocês. Sua nação é famosa pela

estabilidade. Nunca houve, desde Carlos I, em 1649, a morte violenta de um chefe de Estado, e quando o reinado de sua amada rainha Vitória chegou ao fim

alguns meses atrás, foi após quase 64 anos. Em meu país, apenas durante os últimos quarenta anos, como sabem, houve uma guerra civil que matou

seiscentos mil homens, e dois presidentes foram assassinados.

— Não se trata de algo que cause vaidade — admiti, mas Holmes parecia perdido em reflexões.

Ele perguntou:

— Quem é suspeito de conspirar para assassinar o presidente McKinley?

— Lamento ter chegado ao limite do que estou autorizado a dizer a respeito do tópico em questão — respondeu o comandante Allen.

Senti a mesma frustração que costumava me assaltar diante da ofuscação

oficial do Exército, na qual um médico não faz parte da cadeia de comando.

— Se seu assunto é um segredo que não pode ser contado a Holmes, como espera que ele o ajude?

— Falei tão livremente quanto as ordens que recebi me permitem. Minha missão é solicitar que os dois cavalheiros tenham um encontro pessoal e privado com o presidente dos Estados Unidos, que lhes contará o restante. — Metendo a mão no bolso do casaco, Allen tirou de lá um envelope. — Comprei duas passagens no *SS Deutschland* da linha Hamburgo-América. O transatlântico tem menos de um ano de idade e é capaz de alcançar 22 nós de velocidade, já tendo estabelecido um recorde ao cruzar o oceano em pouco mais de cinco dias.

— Muito rápido, realmente — admiti.

Holmes acendeu o cachimbo e deu um par de baforadas, produzindo anéis de fumaça azulada.

— Como o presidente dos Estados Unidos chegou a pensar em mim, quando pode contar com tantos homens competentes sob seu comando em questão de minutos?

— O presidente McKinley é um ávido leitor. Imagino que tenha conhecido seus feitos na *Strand Magazine.*

Confesso que, ao ouvir essas palavras, descobri que minhas orelhas ardiam e meu colarinho pareceu ter se apertado em torno do pescoço. A vaidade é uma droga poderosa, capaz de acelerar de forma extraordinária os batimentos cardíacos e a circulação.

Holmes disse:

— Posso responder por *mim* mesmo, porque só preciso responder a *mim* mesmo. Ficarei feliz de encontrar o presidente. Quando o *Deutschland* zarpa *?*

— A maré alta é amanhã às 19 horas.

Holmes se virou para mim:

— E quanto a você, Watson?

Não era a primeira vez que supus detectar em Holmes um leve ressentimento

por conta de meu relacionamento com a encantadora criatura que dentro de um

ano eu esperava que se tornasse minha segunda esposa. Pareceu-me uma

provocação, quase um desafio, uma sugestão de que eu não era mais dono de mim mesmo e capaz de ter as próprias aventuras.

Não engoli a isca e disse algo tolo na tentativa de manter as aparências.

— Preciso falar com um grande amigo antes de responder, mas tenho quase certeza de que vou com você.

Allen sorriu e assentiu.

— Agradeço a ambos, cavalheiros. Deixarei as passagens com vocês. Mais

uma vez, tenho que abordar a constrangedora questão da confidencialidade.

Preciso que jurem silêncio absoluto a respeito da natureza da viagem.

— É claro — falei, já que o pedido havia sido claramente endereçado a mim.

Holmes jamais foi exposto à presunção de ser forçado a revelar o que não desejasse. Eu, por outro lado, estava prestes a ir até a Queen Anne Street para falar como uma mulher linda e amorosa e convencê-la a aceitar minha viagem a

outro continente sem poder lhe dizer que continente era esse nem o porquê da jornada.

O que foi dito durante as conversas daquela noite e que incentivos me foram oferecidos para que quebrasse meu juramento de silêncio deixo a cargo da experiência pessoal do leitor. Contudo, apresentei-me no porto de Londres às 19 horas da noite seguinte com meu baú de viagens marítimas. Holmes, ao me ver chegar de carruagem, apenas ergueu os olhos e disse:

— Ah, Watson. Pontual como sempre.

Partimos assim que a maré permitiu. O navio a vapor *Deutschland* era uma maravilha do design moderno, mas também da impaciência moderna. As potentes máquinas situadas abaixo da popa podiam ser ouvidas e sentidas em qualquer lugar do navio, a qualquer hora do dia ou da noite, a despeito do fato de a proa estar a quase de duzentos metros de distância. Eu fora habituado, após várias jornadas na Índia, a longas viagens em embarcações a vela. O embalo antigo, gracioso e acalentador do vento, onde o único som é o ranger da madeira e das cordas em seu enfrentamento contra as ondas, está desaparecendo rapidamente. Até mesmo o HMT *Orontes*, que me trouxe de volta a Portsmouth depois de minha última missão em serviço, suplementava a ação de seus três mastros de vela com a potência da máquina a vapor sob o convés. Um dia, sem dúvida, as viagens a vela serão um prazer reservado aos ricos ociosos, os únicos que terão tempo suficiente para tal ventura.

Nosso imenso navio a vapor seguia a toda, independentemente das intempéries. Holmes e eu palmilhávamos o convés e especulávamos acerca da real natureza de nosso enigmático convite. Ou melhor, eu especulava, pois Holmes mantinha o silêncio irritante ao qual às vezes se recolhe no início de um caso, algo entre a meditação silenciosa de um boxeador antes da luta — dentre as muitas habilidades de meu amigo se inclui o domínio da arte do pugilismo —

e a reflexão de um cientista sobre um fenômeno natural. Muito antes de o navio atracar no porto de Nova York, me vi grato pelo fato de sua velocidade me livrar da necessidade de estar na presença de um homem que não falava nem escutava. A tarde já chegava ao fim quando a tripulação amarrou proa e popa aos pilares do ancoradouro, e os estivadores retiraram nossos baús da cabine. Estávamos no convés principal, prontos para descer a rampa e pisar no Novo Mundo. O comandante Allen se juntou a nós e alugou uma carruagem fechada para nos levar a um cais diferente.

— Algum dos senhores já esteve nos Estados Unidos antes? — indagou Allen.

— Eu estive — respondeu Holmes. — Em 1879, viajei para cá com uma companhia shakespeariana como Hamlet. Espero desempenhar um papel menos trágico nesta visita.

Ao chegar ao novo cais, vimos que todos os marinheiros usavam fardas militares. Eles logo acomodaram nossos baús em uma embarcação menor, da Guarda Costeira, com cerca de 15 metros de comprimento e motor a vapor. Uma vez a bordo, a embarcação foi empurrada para fora do cais, orientou-se na direção norte e começou a se mover ao longo do porto. O ar estava quente e úmido naquela tarde, e fiquei agradecido quando o barco começou a ganhar velocidade. Entendi, pelas palavras de um dos membros da tripulação, que o objetivo da embarcação era ultrapassar os barcos de contrabandistas e outros patifes e fazê-los parar; por isso a velocidade considerável. Não muito tempo depois, saímos das águas congestionadas do porto e tomamos a direção do majestoso rio Hudson.

Boa parte das margens do rio era repleta de vegetação, mas, aqui e acolá, era

possível vislumbrar cidadezinhas charmosas, a maioria aparentemente sustentada por uma combinação de agricultura e indústria leve. Pude ver grandes campos de milho e outras plantações crescendo nos morros distantes, porém, mais próximo à água, havia chaminés e trilhos de trem.

Enquanto eu explorava o barco da Guarda Costeira, esbarrei em Allen e Holmes na proa.

— Que meio excelente para viajar — disse Holmes, ao que Allen respondeu:

— Não é o habitual, mas chegamos à conclusão de que uma embarcação do governo não levantaria suspeitas de estar contrabandeando dois ingleses para Buffalo.

— A confidencialidade está garantida? — indagou o detetive.

Allen disse:

— Se tudo correr bem, talvez jamais saibamos.

— De fato.

Desembarcamos em uma cidade chamada Albany. De certa forma, sempre achei perturbadora a presença de todos aqueles nomes de lugares britânicos nos Estados Unidos: York, Albany, Rochester. Era como sair de uma trilha silvestre e descobrir ter chegado a Charing Cross. Porém, não teci comentário algum. Em Albany, fomos transferidos para um trem, cuja velocidade era ainda maior que a da embarcação. Seguimos, mais ou menos, ao longo de um estreito e reto curso d’água chamado canal Erie, que, durante os últimos setenta anos ou mais, tem levado os recursos naturais e as matérias-primas da parte Oeste do país —

madeira, produtos agrícolas e coisas assim — para portos como o de Nova York. Achei a vastidão do lugar um tanto aflitiva. Quando chegamos a Buffalo, havíamos coberto uma distância maior que a que separa Londres de Edimburgo sem sair do estado de Nova York, um dos 45 daquela nação, e nem de longe o maior.

No dia seguinte, às quatro da tarde, chegamos à estação ferroviária em Buffalo. Era uma obra de arquitetura imponente para um lugar tão distante e provinciano, com piso de mármore trabalhado e galerias altas em pedra, como aquelas que são vistas em uma igreja. Ali, fui apresentado à peculiaridade da mente americana. No centro do grande salão de mármore impunha-se a estátua de um bisão revestido do que me pareceu ser bronze polido. Embora o animal seja costumeiramente chamado de "búfalo", ele nada tem em comum com essa espécie, ao menos não com o búfalo da Ásia ou da África. Os americanos apenas o chamam de búfalo, assim como gostam de atribuir o nome "tordo" a um nativo pássaro migratório que nem sequer é parente próximo dos tordos da Inglaterra. Ademais, embora o bisão que se passava por búfalo seja o mascote da cidade, o nome do lugar nada tem a ver com o animal. Pelo que parece, Buffalo é uma corruptela do nome francês que o local tinha no século XVII, *Beau Fleuve*, rio bonito, uma descrição precisa do Niágara, em cujas margens se situa a cidade. A lógica era absolutamente incompreensível, mas mesmo o visitante mais obtuso veria que os habitantes locais construíram um bezerro dourado próprio e o colocaram na estação. Como em breve eu viria a descobrir, essa era uma cidade que venerava a indústria, o progresso tecnológico e a prosperidade com o mesmo fervor que os pecadores bíblicos veneravam seus falsos deuses. Holmes e eu estávamos prestes a testemunhar uma de suas maiores celebrações pagãs: a

Exposição Pan-Americana era um festival de potência elétrica.

Fomos levados às pressas da estação para uma carruagem que tomou a direção do hotel Genesee na interseção da avenida principal com a Genesee Street. O Genesee era um dos vários hotéis grandes e bem-sucedidos na parte central da cidade, onde outros estavam sendo construídos. Ele serviu para reforçar minha impressão de Buffalo — que estava cheia de gente vinda de todos os lugares, a fim de vender, ou comprar, ou apenas se maravilhar — como um lugar que crescia e mudava tão rapidamente que seus cidadãos fariam bem em anotar o próprio endereço, pois, na próxima vez que vissem suas casas, elas poderiam estar diferentes.

O comandante Allen aguardou enquanto nos registrávamos no balcão e os carregadores levavam nossos baús até a suíte. Encerrados tais trâmites, ele partiu.

— Passarei aqui, cavalheiros, às 22 horas, para dar prosseguimento à questão sobre a qual conversamos — disse ele, dando meia-volta e saindo porta afora. A carruagem o levou embora.

Holmes e eu subimos para nossos aposentos.

— Devemos ficar nesta cidade ao menos uma semana — disse ele. — Portanto, vamos desfazer as malas.

Segui o conselho dele e vi, pelo canto do olho, Holmes desfazer sua mala. Levara na bagagem um leque de objetos inesperados que eu não notara durante os seis dias no mar ou nos dois dias de viagem para o interior. Além das roupas e dos acessórios que usava em Londres, vi vestimentas e sapatos semelhantes aos usados por operários, algumas armas de fogo e munição, um conjunto de

maquiagem de palco e uma caixa de madeira comum sem qualquer rótulo, que permaneceu fechada dentro do baú.

Aproveitamos a oportunidade para tomar banho e nos vestirmos de forma

apropriada para o compromisso noturno. Holmes era um homem alto e esbelto que ficava bastante elegante quando lhe aprazia, e uma visita ao presidente dos

Estados Unidos lhe pareceu uma ocasião merecedora de certo esforço. Com toda

a modéstia, devo declarar que meu corpo, um tanto mais amplo, também estava

vestido de maneira adequada. A dama elegante e de bom gosto que eu vinha cortejando muito antes da viagem insistira em ir comigo a um ótimo alfaiate em

Savile Row, onde me fizeram vários ternos sob medida que eu mal consegui pagar.

Exatamente às 22 horas, bateram à porta de nossa suíte. Era o comandante Frederick Allen, para nos acompanhar. Ele nos conduziu até um cabriolé que nos

aguardava e descemos uma rua larga e muito bem pavimentada chamada

Delaware Avenue. Em ambos os lados, havia casas imponentes e impecáveis de

três andares, feitas de madeira, tijolos ou ambos os materiais e cercadas por gramados e jardins admiráveis. Paramos no número 1.168. Quando o cabriolé se

afastou para estacionar, Allen disse:

— Esta é a casa de um advogado local, o dr. John Milburn, que está ocupando

o cargo de presidente da Exposição.

Subimos as escadas, e uma dupla de soldados americanos usando fardas azuis abriu as portas para nós, ficando alguns instantes do lado de fora para se assegurarem de que não havíamos sido seguidos. Depois, tornaram a entrar e retornaram a seus postos. O sr. Allen nos guiou por um amplo vestíbulo até um

conjunto de portas de carvalho. Ele bateu em uma delas, e o homem que abriu

me causou surpresa.

Eu vira fotos de William McKinley durante a eleição de 1900, e seria

impossível não reconhecê-lo. Era alto, na casa dos sessenta anos, e seu cabelo ainda não tinha ficado grisalho. A testa franzida criava uma expressão de vigilância que o fazia parecer mais severo que viria a se revelar mais tarde. Na

mesma hora, seu rosto foi iluminado por um sorriso, e ele disse:

— Ah, cavalheiros. Entrem, por favor. Devo agradecer a ambos por viajarem

para o outro lado do mundo a fim de falar comigo.

— É um prazer, senhor — disse Holmes, apertando a mão dele.

— Estou honrado em conhecê-lo — falei.

Logo fomos para a biblioteca, e então alguém, talvez Allen, fechou a porta.

Holmes disse:

— Não me incomoda que nosso amigo, o comandante Allen, ouça o conteúdo

de nossa conversa.

O presidente balançou a cabeça:

— Ele está a par do que vou lhes dizer. O fato de estar presente nesta sala talvez o sujeite a um interrogatório indesejável no futuro.

O presidente foi até o extremo oposto da biblioteca e se sentou em uma poltrona de couro. Reparei que havia um copo na mesinha a seu lado cujo conteúdo parecia ser algum tipo de bebida alcoólica, como uísque misturado com água.

— Por acaso, os senhores desejam me acompanhar em um drinque?

Vi que havia uma garrafa com o líquido âmbar e uma jarra de água sobre um

aparador, bem como alguns copos. Por uma questão de educação, me servi de três dedos do destilado.

Holmes disse:

— Apenas água para mim, Watson, ao menos até eu ter certeza de que não preciso estar com a mente desanuviada.

Entreguei-lhe um copo d'água e ambos nos sentamos defronte ao presidente.

Holmes se recostou, cruzou as pernas e falou, confiante:

— O senhor é um presidente que descobriu a existência de um complô recente

contra sua vida. Está prestes a aparecer em público em uma exposição

internacional. Presumo que o que deseja é que eu assuma o encargo de sua segurança pessoal para garantir que não seja assassinado.

— Ora, não, sr. Holmes — respondeu o presidente McKinley. — Eu lhe pedi para vir de tão longe porque quero que o senhor garanta que eu *seja* assassinado.

— O quê? — falei, atônito. — Talvez eu…

— Sua surpresa comprova que você ouviu corretamente o que o presidente

disse — interveio Holmes. Olhando, então, com atenção para o homem, o

detetive prosseguiu: — O dr. Watson há de concordar comigo que o senhor parece gozar de saúde perfeita. Assim, não está evitando o sofrimento de uma doença fatal. Posso ver pela ausência de vasos rompidos na pele de seu rosto que

o álcool que está tomando não é sua bebida habitual, mas uma amabilidade para

com os convidados. O senhor foi reeleito há pouco tempo por uma nação

agradecida por seus serviços. A menos que haja nos Estados Unidos alguma demora curiosa na veiculação de más notícias, não creio que se trate de um escândalo. E se o senhor quisesse cometer suicídio, seria plenamente capaz de obter e disparar uma arma, já que lutou na Guerra de Secessão. Por que um líder

no ápice da carreira teria o desejo de ser assassinado?

— Não quero ser assassinado. Quero parecer ter sido assassinado.

— Mas por quê? Sua vida dá a impressão de ser uma sucessão de vitórias.

— Tornei-me escravo dessas vitórias — respondeu o presidente.

— Como assim?

— Cinco anos atrás, com a ajuda de meu amigo, Mark Hanna, o líder do partido, montei uma coalizão de empresários e comerciantes e concorri à presidência com a plataforma de promover prosperidade, concedendo todos os benefícios ao empresariado. Lançando mão de impostos protecionistas e apoiando uma moeda baseada no padrão-ouro, ajudei a tirar o país da depressão que começara em 1893 e o transformei em uma potência industrial.

— Então, qual é o problema?

— Sou um homem que conseguiu tudo o que queria e só agora descobriu que seus desejos não eram o melhor para o país.

— Por que não?

— Consequências involuntárias. Mark Hanna fez com que eu fosse eleito, mas, nesse processo, gastou 3,5 milhões de dólares. Meu temor é havermos irrevogavelmente amarrado o sucesso político ao dinheiro, e essa conexão, uma vez estabelecida, será desastrosa para a nação. Os homens mais ricos vão comprar o governo que desejarem. Consegui que saíssemos da depressão beneficiando os negócios. Acreditei que os homens com dinheiro e poder seriam justos com seus trabalhadores, porque essa era a coisa certa a fazer. Em vez disso, as empresas gigantes que ajudei agem como criminosos vorazes. Empregam crianças em condições desumanas em fábricas e minas, assassinam líderes sindicais, mantêm tão baixos os salários que seus operários vivem como

escravos. Os próprios empregados não conseguem comprar os produtos que fabricam, e os fazendeiros vivem endividados e na pobreza. Desde minha reeleição, venho tentando regular os negócios de forma saudável e moderada, mas sem sucesso. Meus aliados, liderados por meu amigo, o senador Hanna, não querem ouvir falar disso. Meus opositores não confiam em mim porque eu era partidário de seus opressores. Eu queria um segundo mandato para consertar os erros do primeiro, mas descubro agora que não posso consertar nada. É claro que não sou o homem para este cargo.

— Seu povo o reelegeu.

— Eu não deveria nem ter me candidatado. Sou um homem do século XIX. Entendia os desafios da época: pôr fim à escravidão, construir ferrovias, pacificar o Oeste. Porém, minha época chegou ao fim. Entramos no século XX, e já exauri as boas-vindas da História.

— Sr. presidente, se fosse assassinado, o que aconteceria com seu país? — indaguei.

Ele sorriu:

— Essa é uma das poucas coisas que não me preocupam. Escolhi um homem especial para ser candidato à vice-presidência. O nome dele é Theodore Roosevelt. Ele é o que eu jamais poderei ser: um homem do século XX.

— Lamento saber pouco a respeito dele — falou Holmes. — Lembro-me de ter lido que ele liderou um ataque da cavalaria em San Juan Hill.

McKinley assentiu.

— Ele comandava a Marinha americana quando a guerra foi declarada.

Renunciou ao cargo em Washington e depois reuniu a própria tropa de cavalaria, lutou ao lado de seus homens e foi reconhecido pela bravura. É um verdadeiro herói. E isso será de grande ajuda quando os Estados Unidos tiverem de aceitá-lo como presidente. É um homem tão instruído quanto pode ser um indivíduo deste país, um historiador respeitado, mas também passou anos criando gado no território de Dakota. Tem apenas 42 anos. É corajoso, inteligente e incorruptível, um indivíduo que vê nossos tempos com tamanha clareza que, para alguém do século XIX como eu, parece um vidente. É um homem para os tempos difíceis que vêm por aí.

— A que dificuldades o senhor se refere? — perguntei.

— Os grupos étnicos e linguísticos da Europa estão se organizando em nações e se aliando há décadas. A Alemanha e a Itália cresceram, e a Alemanha derrotou a França em 1870. O pan-eslavismo uniu a Rússia aos Bálcãs. A força da Rússia coloca o país em confronto com os turcos e os japoneses. Agora, todas essas nações, e dezenas mais, estão no processo de se armarem. Galopam em direção a uma conflagração.

— E o que o sr. Roosevelt pode fazer?

— Em poucos dias, ele pode começar mostrando ao mundo que, uma vez mais, haverá uma sucessão ordeira aqui. Quando um líder americano morre, outro líder, melhor e mais forte, assume seu lugar na mesma hora. E então o sr. Roosevelt mostrará ao globo que os Estados Unidos têm poder. Conhecendo-o,

acredito que começará com a Marinha, que ele domina melhor. Também sugeriu enviar uma Grande Frota Branca para dar a volta ao mundo, mostrando a bandeira. A Alemanha tem trabalhado bastante para construir uma frota mais forte que a nossa. Talvez se o kaiser se der conta de que terá de derrotar duas poderosas marinhas, ele pense duas vezes antes de atacar alguém durante um tempo.

— Então, o senhor vê Roosevelt como uma solução protelatória?

— Sim. Acredito que, se ele fizer seu trabalho direito, conseguirá evitar uma guerra mundial por dez anos. Se for melhor que isso, por 15. Os Estados Unidos estão em ascensão. Cada dia que a paz é mantida por nossos líderes leva o país a enriquecer, a se fortalecer e a se tornar menos vulnerável. Manter a paz também dará a Roosevelt tempo para começar a conservar para o futuro as florestas do país e começar a restringir e desmontar os cartéis que brotaram na indústria para sufocar a concorrência e empobrecer fazendeiros e operários. Não sei o que mais ele fará. Ele é um homem do futuro, e eu, um homem do passado. Só sei que chegou a hora de sair de seu caminho.

— E o que será do senhor?

— Isso ficará a seu cargo. Gostaria que o senhor organizasse meu assassinato nos próximos dias. Depois, quero que me ajude com o pós-vida. Minha esposa, Ida, e eu gostaríamos de partir para algum lugar a fim de viver os anos que nos restam de forma anônima e privada. Amo meu país e fiz o melhor que pude por ele a vida toda, mas agora ficaria contente de assistir aos acontecimentos a certa distância.

Ao olhar para Holmes, as sobrancelhas do presidente se uniram naquele jeito severo que lhe era peculiar.

O detetive permaneceu sentado em silêncio por um momento:

— Meu senhor, aceito o trabalho. Hoje, se não me engano, é dia 3 de setembro. Precisamos agir rápido e manter o número de conspiradores reduzido. Acredito que estaremos prontos para agir no dia 6.

Dito isso, ficou de pé.

McKinley sorriu e se levantou também, o que me deixou pouca alternativa além de fazer o mesmo, embora eu me sentisse um tanto confuso diante da pressa dos dois. Nós nos despedimos, e Holmes e eu saímos para nos depararmos com o comandante Allen nos aguardando junto ao cabriolé.

Entramos no veículo, e Allen disse ao motorista:

— Para o hotel Genesee.

Afastou-se, então, e viu o cabriolé partir.

Durante o percurso pela Delaware Avenue, Holmes pediu ao motorista para parar no escritório dos telégrafos. Havia um na rua principal, não muito longe do hotel. Ele entrou e escreveu uma mensagem que tapou com a mão, de modo que não me foi possível lê-la, entregando-a depois ao funcionário e lhe pagando a quantia de três dólares.

Quando voltamos ao cabriolé, ele disse:

— Leve-nos até o local da exposição, por favor.

— Os prédios vão estar fechados, meu senhor — respondeu o condutor. — Já

é quase meia-noite.

— Exatamente — concordou Holmes.

O cabriolé nos conduziu pela Delaware Avenue, agora deserta. O ruído dos cascos dos cavalos no pavimento de paralelepípedo era o único som audível.

Todas as mansões se encontravam fechadas e escuras.

Após não mais que dez minutos, chegamos a uma parte da avenida que fazia

uma curva e, no final dela, a Exposição Pan-Americana surgiu diante de nós.

Àquela distância, era uma visão estranha e fantasmagórica: 120 hectares de prédios construídos no maior parque da cidade. Pelo fato de a exposição ser, acima de tudo, uma celebração do progresso exemplificado pela potência

elétrica, todos os prédios principais estavam decorados e delineados com

lâmpadas, todas acesas, fazendo o local parecer a capital de um mundo de fantasia.

As incontáveis lâmpadas cintilavam em um tom cor-de-rosa quente que jamais

ofuscava ou cansava os olhos, levando a atenção do espectador a ser atraída para

cada detalhe, cada cor. Fiquei boquiaberto com a visão. O local da exposição era

cortado por uma grande alameda ligando a ponte Triunfal, no extremo sul, à torre Elétrica, no extremo norte. Havia canais, lagos e fontes circundando todos

os prédios, de modo que essas grandes, complexas e belas construções com muros bastante ornamentados não apenas ficassem iluminadas e delineadas pela

iluminação mágica, mas também criando reflexos dela nos lagos e canais.

Quando nos aproximamos, a impressão foi de uma cidade com cúpulas, torres e

pináculos por todo lado.

A arquitetura era indescritível — uma elaborada mistura dos estilos

neoclássico, renascentista espanhol, barroco, além de pura fantasia, tudo lado a lado ao longo da alameda central, em todas as direções. Algumas construções me lembraram dos templos hindus mais ornamentados que eu já tinha visto, pintados de vermelho e amarelo e com painéis verdes.

Toda vez que pensava ter entendido o princípio organizador da exposição, via que minha conclusão fora inadequada e parcial. As cores dos prédios no extremo sul eram brilhantes e vivas. O templo da Música era de um vermelho espalhafatoso, com painéis verdes em sua cúpula e um emprego generoso de dourado e azul-esverdeado. Mais próximo ao extremo norte, junto à torre Elétrica, as cores ficavam mais sutis, suaves e conservadoras, como se representassem uma mudança do esplendor agressivo para a sofisticação moderna. Também vi esculturas monumentais, como encenações congeladas, que em teoria retratavam a Ascensão do Homem, a Subjugação da Natureza, as Conquistas Humanas. Outras séries levavam títulos como Era da Selvageria, Era do Despotismo, Era do Iluminismo. Talvez, caso existisse um princípio organizador, esse fosse o de mostrar que aquelas eram pessoas que veneravam o progresso e o apontavam onde quer que o detectassem.

Vez por outra, Holmes descia do cabriolé e olhava de perto algum prédio ou encostava o rosto nas janelas para tentar enxergar o interior. Ou ficava em pé junto à borda elevada de uma fonte e examinava o que o circundava como se apontasse um rifle para um alvo distante. Espichava o pescoço para olhar ao longo dos parapeitos, como se procurasse atiradores imaginários.

Em dado momento, desci do veículo para caminhar com ele.

— O que está fazendo? — perguntei.

— A exposição passou o verão todo aberta e agora está sendo divulgada boca

a boca. As estimativas atuais indicam que quando fechar, no mês que vem, terá

sido visitada por oito milhões de pessoas. Se viéssemos fazer nosso exame amanhã de manhã, não só chamaríamos atenção, como também seríamos

atropelados pela multidão.

— Mas por que estamos fazendo esse exame?

— Para detectar vulnerabilidades e oportunidades, meu caro. Precisamos

achar os melhores meios, o melhor horário e o melhor lugar para providenciar nosso assassinato fictício do presidente, assim como nos assegurar de que detemos o monopólio de assassinatos presidenciais no momento.

— O quê?

— Você com certeza se lembra de que o presidente McKinley conseguiu uma

vitória acachapante sobre a Espanha em 1898. Isso deve fazê-lo parecer um presunçoso perigoso na visão de muitas potências europeias. Além disso, ele também deu a entender aos proprietários e operadores inescrupulosos de grandes

empresas americanas e seus lacaios políticos que pretende retirar muitos dos privilégios e poderes deles. Para mim é difícil imaginar alguém com inimigos piores.

— Você está dizendo que precisamos manter o sr. McKinley vivo para poder

assassiná-lo?

— Exato. Nosso teatro poderá prosperar apenas na ausência de uma tragédia

genuína. — Holmes caminhou mais um pouco. — Por isso disse a ele que

agiríamos no dia 6. Esperar até o dia 10 ou 12 talvez o expusesse a um risco inaceitável.

Permaneci calado, pois enfim me dera conta do que Holmes procurava. Eu o vi demonstrar um interesse especial pelo prédio Acetileno, examinando-o por todos os lados e balançando a cabeça.

— O perigo de explosão é óbvio demais — explicou. — Podemos evitar o risco mantendo o presidente longe daqui.

Descemos do cabriolé de novo no estádio, na ala norte da Exposição. Era um local fantástico, considerando-se que fora construído apenas para aquele verão, e, como os demais prédios, seria derrubado no final do evento. A construção podia acomodar 12 mil espectadores.

— Um local tentador — disse Holmes. — A vantagem de grandes espaços abertos é que podemos pô-lo de pé em um pódio no centro e reunir 12 mil testemunhas nos assentos. Mais tarde, todas vão jurar que viram o presidente ser morto, sem que nenhuma delas estivesse perto o suficiente para ver, de fato, alguma coisa, exceto um homem cair.

— É algo para manter em mente — falei. — Podemos fabricar um tiro de rifle vindo do alto, talvez da torre Elétrica, e fingir que ele foi alvejado.

— Vejamos o que mais temos à disposição — disse Holmes. Voltamos ao cabriolé, e ele instruiu o motorista a prosseguir pela alameda principal.

Passamos pelo ornamentado templo da Música, que tinha uns 45 metros de lateral, com os cantos truncados fazendo com que sua forma quadrada desse a impressão de ser redonda. Encimado por uma cúpula, todas as superfícies expostas eram decoradas com ornamentos rebuscados e pintadas em cores vivas, sobretudo vermelho, e circundado por estátuas representando algum tipo de alegoria que homem algum seria capaz de decifrar — estilos musicais, suponho.

Holmes pareceu se interessar especialmente por esse prédio. Circulou-o, olhou pelas janelas e, por fim, arrombou a tranca na porta e entrou. Era um auditório com um palco no fundo e assentos removíveis no centro.

— Creio que encontramos o que procurávamos — falou.

Quando saímos, ele parou um instante para trancar a porta de novo.

Pegamos o cabriolé de volta ao hotel Genesee e pagamos com generosidade o condutor, cansado após uma longa noite de trabalho.

Na manhã seguinte, enquanto Holmes e eu tomávamos café em nosso quarto, ouvimos uma batida suave à porta. Levantei-me para abrir, esperando ver o comandante Allen, mas ali, de pé diante de mim, estava um indivíduo mais velho. A julgar pelo cabelo branco, pelas roupas, surradas e meio desbotadas após muitas lavagens, bem como pelos sapatos velhos que usava, pensei tratar-se de um comerciante que envelhecera demais para continuar praticando seu ofício.

Com a maior delicadeza, falei:

— Posso ajudá-lo, senhor?

— Sim, meu amigo — respondeu o velho em uma voz alquebrada. — Esta é a suíte do sr. Holmes?

— Ora, é esta mesma. O senhor gostaria de entrar?

No momento em que ele entrou na sala, Holmes vinha saindo do quarto e sorriu:

— Ah, sr. Booth. Fico feliz que tenha vindo tão rápido. E obrigado por esconder sua identidade de maneira tão eficaz.

Na mesma hora, o idoso se empertigou, aproximando-se de Holmes com uma energia atlética e apertando-lhe a mão com um sorriso:

— Fiz a viagem durante a noite e ela foi muito rápida — explicou. — Vim tão logo minha última apresentação terminou. Estamos programados para começar os ensaios da próxima peça em Nova York daqui a um mês, e se eu não estiver de volta, meu substituto tomará meu lugar — disse ele, antes de olhar para cada um de nós. — Ficarão incomodados se eu ficar à vontade?

Ao dizer isso isso, tirou a peruca branca e com cuidado removeu o bigode, guardando ambos no bolso do enorme casaco. Tornara-se um jovem, um homem de 21 a 25 anos, tão alto e saudável quanto parecera antes curvado e frágil.

— Este é meu amigo Watson — disse Holmes. — Ele goza de minha mais absoluta confiança. Watson, este é o sr. Sydney Barton Booth, membro da principal família de atores deste país.

Puxei Holmes de lado e sussurrei:

— Booth? Mas Holmes…

— Sim — respondeu ele, em tom alto, todo satisfeito. — É o próprio.

O jovem falou:

— Tenho 23 anos. O feito tenebroso de meu tio John Wilkes Booth aconteceu 12 anos antes de meu nascimento. Ele era o único da família, entre meu pai, avô e nove tios e tias, que simpatizava com os confederados. Os outros eram totalmente a favor da União e apoiavam o presidente Lincoln.

— A família Booth há muito superou qualquer suspeita — disse Holmes. —

Nesse ínterim, prosseguiu em sua tradição de atuar primorosamente nos palcos, sobretudo retratando a emoção humana de forma realista. O sr. Sydney Booth é considerado o melhor de sua geração. Deduzi pelo convite que recebemos que precisaria dos serviços de um excelente ator americano. Um amigo meu que atua nos palcos ingleses me informou que os Booth sempre buscaram uma forma de compensar as ações insanas do tio do sr. Booth. Ele também me deu sua opinião profissional de que o atual sr. Booth provavelmente seria nosso homem. Precisamos mais dele que previ, embora em um desempenho com um final bem diferente.

— Mas você avisou ao sr. Booth do quanto é delicado e perigoso o papel que vai desempenhar?

Holmes se virou para Booth:

— Sr. Booth, nosso esquema é perigoso ao extremo e lhe granjeará poucos agradecimentos se o senhor for bem-sucedido. A única recompensa é que se trata de uma missão patriótica que, estou convencido, fortalecerá seu país e, por consequência, também o nosso, ao menos por algum tempo.

— Não consigo pensar em nada que me faria mais feliz — retorquiu o jovem.

— Apenas um grupo pequeno será convidado a se unir à nossa conspiração. Além de nós, dela faz parte o presidente, é claro; seu fiel secretário, o sr. Cortelyou; o chefe de polícia de Buffalo, o sr. William Bull; o comandante do contingente militar, que espero ser nosso amigo, o sr. Allen; e o dr. Roswell Park, o médico mais respeitado da cidade. Cada um deles deve ter um ou dois aliados de confiança a quem precisará contar parte do plano, mas não todo — explicou meu amigo.

— Isso me faz lembrar — falei — de que preciso ir andando. Vou me encontrar com o dr. Park agora de manhã.

Pegando meu chapéu e minha bengala, saí da suíte.

Descobri que meu colega americano, o dr. Roswell Park, era um homem bastante instruído e um cidadão de certo destaque na comunidade médica. Ele e eu fizemos um passeio pelas dependências da faculdade de medicina da Universidade de Buffalo, pelo instituto médico-legal e por três dos hospitais locais, bem como no hospital de campanha que fora montado na periferia do terreno da Exposição Pan-Americana. Em todos esses lugares, as portas se abriam para nós, e o dr. Park foi recebido como uma espécie de estadista visitante e benfeitor paternal.

Ele e eu examinamos a máquina de raios X que estava sendo exibida na exposição, que tornava possível ver dentro do corpo para detectar uma fratura em um osso ou identificar lesões perigosas. Também vimos uma incubadora para bebês, que me pareceu especialmente promissora.

Em vários desses momentos estivemos em lugares onde os únicos bisbilhoteiros possíveis eram os mortos — os cadáveres usados para dissecação por estudantes de medicina ou os corpos ainda frescos de indigentes encontrados próximos às docas da Canal Street. Durante nosso encontro, discutimos as dificuldades da missão que nos fora confiada pelo presidente e por Holmes, mas encontramos várias soluções em protocolos médicos reconhecidos e no simples fato de estarmos preparados de antemão para garantir que os acontecimentos se desenrolassem da maneira devida. O dr. Park era um homem tão meticuloso que

pensou em coisas que não tinham me ocorrido — garantir que determinados internos e enfermeiras fossem os responsáveis pelo plantão na tarde e na noite de 6 de setembro, porque estes seguiriam sem hesitar cada ordem sua e providenciariam para que houvesse ambulâncias puxadas a cavalo a postos a fim de fazer determinadas entregas clandestinas nas noites seguintes. No final do dia, eu estava pronto a entregar minha vida nas mãos do dr. Park, sentimento esse que não foi expressado, pois isso era precisamente o que eu estava fazendo, assim como ele entregava a dele a mim.

Voltei ao hotel Genesee à tarde e encontrei Holmes e Booth ainda imersos em intensa conversa. Holmes levara com ele o conjunto de maquiagem que, às vezes, eu o vira usar em Londres. Tratava-se de um conjunto de substâncias que ele tomara emprestado da arte teatral, mas, de forma ainda mais liberal, nele figuravam as tinturas e os pós empregados pelas mulheres elegantes em prol da beleza. Holmes com frequência obtivera no passado informações disfarçado de estivador, ou de cigano, ou de vendedor de livros, e esse conjunto ajudava a transformar sua aparência. Pelo que percebi na mudança da aparência, o jovem ator, o sr. Booth, era tão experiente quanto Holmes. Ele se transformara mais uma vez. Era, agora, um sujeito meio bronco de trinta anos que fazia trabalho braçal ao ar livre. A pele e o cabelo haviam escurecido um pouco, fazendo-o parecer oriundo de algum lugar na Europa continental.

Os dois também tinham aberto uma série de mapas da Exposição Pan-Americana que, até onde me parecia, Holmes desenhara de memória. Booth examinava um deles.

— Você terá de esperar o suficiente para que a primeira centena de espectadores passe pelas portas e encontre o presidente — disse. — A essa

altura, a fila estará andando de forma ordenada, e os guardas se mostrarão cheios de confiança e entediados. Lembre-se de que o primeiro movimento é meu. Você agirá apenas depois de mim.

— Entendi — disse o sr. Booth. — E depois farei uma tentativa apressada de sumir dali.

— Claro, mas se assegure de que não vai conseguir. Você precisa permanecer embolado com os vigilantes e os guardas. Se sair para o espaço aberto, sem dúvida um deles dará um tiro em você.

— Farei de tudo para ser dominado logo — garantiu Booth.

E por aí eles continuaram. Como minha presença não era necessária, retirei-me para meu quarto e acalmei minha cabeça com um cochilo, que me ajudou a digerir os diversos detalhes que teria de recordar dois dias depois. Poucas horas depois, o sr. Booth se levantou e apertou a mão de Holmes. A essa altura, notei, ele já voltara a ser um velho de cabelos brancos.

— Não o verei de novo até a tarde do dia 6, sr. Holmes. Tenho certeza de que concordamos quanto à essência do desempenho. Se houver alguma mudança, por favor, me avise. Estou na pensão que fica na esquina da rua principal com a Chippewa Street.

— Deixe comigo, sr. Booth. Nesse ínterim, saiba que temos a maior confiança no senhor e o parabenizamos por seu patriotismo.

— Até logo. E até logo para o senhor também, dr. Watson. Nós nos veremos dentro de dois dias.

— Até logo, sr. Booth.

E ele se foi. Holmes rapidamente guardou seu conjunto de disfarce e alguns outros objetos que ele e o sr. Booth haviam examinado, dizendo:

— Estou com fome, Watson. Já está mais que na hora de jantarmos.

Saímos do hotel e demos a volta no quarteirão para chegar a um pequeno estabelecimento que desfrutava de muitas das qualidades de seus congêneres londrinos. Sentado a uma mesa nos fundos estava um homem grandalhão

vestindo um uniforme azul da polícia. O chapéu estava na mesa junto a uma caneca de cerveja vazia, e quando entramos, vi que ele o colocou na cadeira a seu lado.

— Sr. Bull — disse Holmes.

— Sentem-se — convidou o policial.

Holmes e eu nos sentamos de frente para ele e o homem ergueu a mão para chamar o garçom.

— Já jantaram? — perguntou Bull.

— Não — respondi.

— Esses dois cavalheiros vão jantar, por favor. E traga uma jarra de cerveja.

Ponha tudo em minha conta.

— Obrigado — agradeceu Holmes. — Por acaso o senhor sabe qual é o prato

do dia?

— Rosbife com pão *kummelweck*, ovos cozidos, cerveja, chucrute e picles —

recitou o garçom. — Tudo que quiserem.

— Excelente — aprovou Holmes, em um tom que me pareceu sincero.

Fiquei surpreso com a avidez com que Holmes e o chefe de polícia atacaram

aquela estranha comida, mas eu os acompanhei com pouca hesitação. Descobri

que a refeição daquele estabelecimento era precisamente o que eu necessitava após um longo dia com meu colega médico. Apreciei sobremaneira alguns

detalhes que não foram considerados dignos de menção — pequenas porções de linguiça e pedaços de galinha: coxas e asas. Com frequência me dou conta de que, em países exóticos, a dieta nativa é exatamente a necessária para a manutenção da saúde e do vigor.

Holmes ficou de pé e examinou o corredor atrás do bar para se certificar de que não havia ali indivíduos que pudessem ouvir nossa conversa e foi direto ao

ponto:

— Chefe Bull, o senhor sabe por que pedi este encontro entre nós?

— Sei — respondeu o policial. — Quando o comandante Allen me procurou a

seu pedido, busquei informações junto ao secretário do presidente, o sr.

Cortelyou. Confesso que estava ofendido por terem contratado um civil de outro

país para fazer meu trabalho de proteger convidados importantes em minha

cidade natal.

— E o sr. Cortelyou o tranquilizou a esse respeito?

— Sim — disse Bull, inclinando-se para ficar mais perto de nós e baixando o

tom de voz. — Não estou mais ofendido. Estou com medo por todos os

envolvidos. Se isso der errado, será difícil alguém acreditar que não nos juntamos em uma conspiração assassina. Basta o nome “Booth” ser

mencionado… — Ele estremeceu.

— Precisamos ter certeza de que nenhum erro seja cometido — disse Holmes.

— O fato de o senhor estar de nosso lado me tranquilizou um bocado.

— E o que o senhor quer que eu faça?

— Em primeiro lugar — começou Holmes —, precisamos de sua mais

absoluta discrição. Este não é um embuste que pode ser revelado mais tarde.

Nossa intenção é criar um acontecimento histórico que permanecerá registrado no conhecimento público durante séculos. Os homens que têm conhecimento

dele são os seguintes: nós três, o presidente, o sr. Cortelyou, o dr. Roswell Park, o sr. Booth e o comandante Allen. Acredito que possamos restringi-lo a um pequeno círculo de homens honrados, apenas aqueles que precisam ter ciência do plano.

O chefe Bull tomou um gole de cerveja com expressão séria.

— De acordo. Meus subordinados farão o que eu mandar, pois eu darei a

ordem. Eles não precisam saber por que dei uma ordem.

— Exatamente — disse Holmes. — Os estágios para os quais mais

necessitamos de sua ajuda são a organização e o posicionamento da plateia, os efeitos imediatos da encenação e, depois, tão importante quanto, os

acontecimentos que terão lugar nas duas semanas seguintes.

— Vou cooperar com o senhor — disse Bull. — Precisaremos repassar aquilo

que deseja que aconteça e o que não deseja que aconteça.

— Proponho nos dedicarmos a isso tão logo terminemos este lauto banquete

— disse Holmes.

E assim foi feito. Não levou mais que uma hora agradável passada naquele *pub* americano para que Holmes coreografasse com precisão o que queria —

onde cada guarda teria de ficar, como os cidadãos seriam postos em fila para encontrar o presidente, o que aconteceria tão logo o sr. Booth cumprisse a parte

dele e daí por diante. O chefe Bull, devo dizer, mostrou ser um estrategista sagaz e inteligente, registrando cada detalhe e antecipando um punhado de outros devido à sua experiência profissional quanto ao comportamento de multidões.

No final de uma hora, quando se levantou e pegou seu quepe, ele e Holmes tinham um sólido acordo.

Holmes era bastante meticuloso por força do hábito e por temperamento, e no período que se seguiu, assegurou-se de que cada membro do grupo conhecesse algo sobre o papel de cada um dos outros, de modo que ninguém pudesse impedir sem querer o desempenho de um colega. Por insistência sua, cada qual foi à exposição sozinho a fim de estudar as áreas que precisaria conhecer no dia em questão, como um ator ensaiando sua parte em uma peça.

Então, antes que eu sequer estivesse preparado para isso, chegou o dia 6 de setembro. No instante em que acordei, soube que o dia seria quente. O sol mal nascera naquela manhã um pouco nublada e já começava a exercer seu poder sobre a cidade. A umidade me fazia lembrar dos dias em Deli que antecediam, todo ano, a mudança do governo para Simla, mais alta e com clima mais fresco.

Às 7h15 da manhã, o presidente acordou no número 1.168 da Delaware Avenue, o lar do dr. Milburn. Deu uma caminhada ao longo da avenida, onde encontrou outra figura solitária, um cavalheiro alto e asseado equipado com itens do ofício de um mascate a caminho da exposição com um tabuleiro de lembrancinhas para vender. Fui informado de que os dois andaram juntos por apenas dois quarteirões, mas, durante esse tempo, um bocado de informações foi fornecido por um e por outro. Então, o misterioso ambulante se afastou do presidente e os dois seguiram caminhos diferentes.

Mais tarde naquela manhã, Holmes e eu estávamos na estação ferroviária para

embarcar em um trem que nos levaria às cataratas do Niágara. Percebi que havia um grande número de cavalheiros bem-vestidos e com aparência próspera aguardando na plataforma, mesmo depois que Holmes e eu entramos no trem, que foi retido no último instante, para acolher um passageiro específico. O presidente e seu grupo chegaram em uma carruagem e foram levados a um vagão especial. Os dignitários locais estavam em número grande demais para serem admitidos nesse vagão, mas ocuparam os vagões alternativos mais próximos da melhor maneira que encontraram, com pouco atropelo.

Sussurrei para Holmes:

— Onde está a sra. McKinley?

— Ainda na mansão de Milburn. O marido teme que o calor seja excessivo para ela — respondeu Holmes, fazendo uma pausa significativa. — E ela tem muitos preparativos a fazer. Desempenhará um papel de peso nas próximas semanas.

O trem nos levou ao longo do rio Niágara, que calculei ter oitocentos metros de largura com uma corrente de três a cinco nós na maior parte de seu comprimento. Foi agradável viajar a uma velocidade considerável naquele calor.

Holmes, porém, insistiu em ficar de pé e andar pelo corredor do trem.

Perguntei:

— O que estamos fazendo?

— Procurando — respondeu ele. — Procurando por rostos que sejam familiares, rostos que não se encaixem, rostos que não queiram nos encarar, rostos que nos observam com muito interesse.

Fomos de um vagão ao outro, com andar despreocupado, olhando para os

numerosos passageiros. Às vezes, Holmes parava e falava com alguém que estava sentado:

— Lindo dia para uma visita às cataratas, não?

Ou:

— O senhor faz ideia de quando este trem vai chegar à estação?

Ou até mesmo:

— Este lugar está ocupado?

A pessoa respondia, ele assentia e levava a mão à aba do chapéu, antes de seguir em frente. Tenho certeza de que nenhum indivíduo nos vagões públicos do trem escapou de seu escrutínio. No final, quando estávamos de pé junto ao gradil nos fundos do primeiro carro, contemplando o vagão de carvão e a locomotiva, eu falei:

— Bom, já olhamos tudo. O que vimos?

— Não o suficiente — respondeu ele. — Mas veremos mais quando voltarmos.

— O que esperamos ver?

— Você e eu temos um plano. Porém, e se outra pessoa também tiver um plano? Hoje é um ótimo dia para isso. E a exposição é o lugar perfeito para isso. Contudo, as cataratas também são um lugar muito bom.

— Quer dizer que…

— Não quero dizer nada além do que falei. Observe os rostos, Watson.

Abrindo a porta, ele entrou no corredor. Dessa vez estávamos de frente para os passageiros e tínhamos uma oportunidade melhor de encarar cada um.

No final do vagão anterior ao do presidente, ele sussurrou:

— Temos que ser vigilantes. Há três indivíduos neste trem que não são o que parecem ser.

— Quais?

— Um homem vestindo um terno preto no terceiro vagão. É magro, com dedos longos e elegantes que acariciam ociosamente sua bengala. Entre os pés, no chão, está um estojo rígido. Chamou minha atenção o fato de ele não tê-lo colocado no compartimento de bagagem.

— Você desconfia de que o homem tenha uma arma lá dentro? — indaguei. — Talvez algo silencioso como a carabina de ar comprimido que o mecânico cego Von Herder produziu e o coronel Moran usou para cometer seu crime anos atrás?

— A mesma ideia me ocorreu quando vi o estojo, mas depois reparei que o fecho tem o emblema da Bergmann-Bayer, um fabricante de armas de fogo militares para o exército espanhol — disse Holmes. — A arma não precisaria ser silenciosa, se ele pretende dispará-la depois que chegarmos às cataratas. Dizem que o ruído da água é tão alto que alguém poderia disparar um canhão e o tiro soaria como um pequeno estouro. Não, acho que ainda temos tempo com ele.

— Um espanhol enfurecido tentando se vingar por causa da guerra. Quem são os outros dois?

— Uma senhora baixinha de meia-idade, usando um vestido marrom debruado de verde no primeiro vagão.

— Uma mulher? Não pode estar falando sério!

— É uma mulher incomum. Tem um corte superficial e recente de 1,5

centímetro e quase vertical perto do queixo, no lado esquerdo do rosto. Notei, por seus movimentos, que ela é destra. Por isso se cortou no lado esquerdo quando fazia a barba. É mais difícil alcançá-lo com a navalha.

— Então é um homem.

— Um homem que se barbeou com bastante zelo hoje de manhã. O pó de

arroz que deve ter aplicado depois do acontecido escorreu no calor.

— Incrível! — exclamei. — Ela… Ele pode estar levando qualquer coisa

debaixo daquelas saias. Um par de pistolas. Um sabre. Até mesmo um rifle. —

Pensei por um instante. — Se ao menos tivéssemos tempo, podíamos descobrir

um jeito de garantir a segurança.

— É mesmo? — reagiu Holmes.

— Um artefato de algum tipo, talvez um arco pelo qual cada passageiro

precisasse passar, equipado com ímãs poderosos pendurados por cordas. Eles detectariam o ferro e o aço de uma arma, seriam atraídos por eles e se grudariam

no objeto.

— Podemos pensar na ideia em outro momento, talvez — disse ele. — Acho

que precisamos nos aproximar do terceiro homem antes que o trem chegue a seu destino. Ele é o que me parece ser nosso concorrente mais imediato.

— Quem é ele?

— Pense nisso. Compramos uma passagem. Entramos no trem. Viemos

andando de trás para a frente, depois da frente para trás. Paramos para conversar.

Acabei de ver uma placa dizendo que estamos entrando em La Salle, que é o

último lugar antes das cataratas. O condutor do trem perfurou seu bilhete?

— Ora, não.

— Ele também não checou o de mais ninguém. Quando o encarei, o homem evitou meu olhar e continuou olhando adiante, como se estivesse dirigindo o trem. Os condutores que já observei conseguem praticamente sentir sua posição nos trilhos sem olhar para lugar algum. Eles têm um sentido quase miraculoso da exata duração da viagem. Eu diria que logo ele haverá de se dirigir até o fim do trem com uma aparência bastante condutoral, se me permite a cunhagem do termo. Porém, o que pretende na verdade é, por causa do uniforme, ser admitido no vagão em que o presidente está.

E em pouquíssimos minutos, o sujeito apareceu. Quando já estávamos quase alcançando a periferia de uma cidade maior, que só podia ser Niagara Falls, o falso condutor de repente desceu pelo corredor pedindo as passagens para perfurá-las. Perfurava-as sem olhá-las com atenção, o que o fazia parecer muito experiente, mas sua verdadeira intenção era calcular a distância até seu destino: a porta do último vagão.

Holmes ocupava o assento no corredor no lado direito do vagão, e eu, o que ficava em frente, enquanto observávamos o progresso do homem. Imaginei que Holmes fosse fazer algum movimento, mas ele permitiu que o condutor continuasse andando. Olhei várias vezes para meu amigo, mas não vi sinal em sua expressão de que ele sequer tivesse notado o homem. Com efeito, olhava pela janela, apreciando vislumbres do rio entre os prédios pitorescos da cidade de Niagara Falls. O condutor prosseguiu em seu avanço. Chegou a três metros da porta, depois a 1,5 metro, mas Holmes continuou sem fazer nada. Finalmente,

não consegui mais me conter. Minha bengala estava em meu colo, e quando o condutor alcançou a porta do vagão presidencial, enfiei-a entre os calcanhares dele, fazendo-o tropeçar e se estatelar no chão. Bati, então, na parte de trás de sua nuca com o pesado castão de marfim e me atirei em cima dele. Vi que o sujeito ficou atordoado, semiconsciente e sem ar. Holmes, de forma bastante casual, meteu a mão no bolso do colete e me entregou um par de algemas sem

sequer ficar de pé. A visão das algemas me irritou, mas percebi que tinha apenas

uma escolha a fazer: podia aceitá-las ou rejeitá-las, sem tecer qualquer

comentário. Optei por aceitá-las, já que o condutor era um homem de certa envergadura e parecia forte, e puxei seus braços para trás das costas fechando as

algemas em seus pulsos antes que ele recobrasse a consciência.

Holmes me ajudou a virar o homem de lado e apalpou a túnica do uniforme

azul. Puxou de dentro dela um revólver Colt calibre 45, uma arma bastante avantajada para manter escondida. Holmes enfiou-a sob o paletó e ergueu os olhos para os passageiros próximos, todos membros do grupo de dignatários locais sem relevância suficiente para viajarem com o presidente. Abanou o patife

caído no chão com o quepe de condutor e disse aos passageiros:

— Este calor pode levar uma pessoa a desmaiar com o mais leve esforço.

O homem planejara seu crime muito bem. O trem já estava entrando na

plataforma em Niagara Falls. Estava claro que ele pretendia entrar no vagão, atirar no presidente e depois pular do último vagão quando o trem reduzisse a velocidade ao se aproximar da plataforma. Poderia jogar fora o quepe e o paletó

de condutor em um segundo e se parecer com qualquer outra pessoa na multidão

reunida na estação para assistir à chegada do presidente.

O trem parou e aguardamos que os demais passageiros saíssem. Então Holmes

bateu à porta do vagão do presidente e um jovem soldado a abriu. Era possível

ver outros quatros soldados atrás dele.

— Este homem tentou entrar e atirar no presidente — disse o detetive. — Trancafiem-no na delegacia de Niagara Falls agora mesmo. Não corram riscos. Estamos lidando com um assassino.

Entregou, então, a arma ao soldado, ajudou o matador fracassado a ficar de pé e atravessou o corredor até a saída na dianteira do vagão.

Vendo que estávamos sozinhos, falei:

— Por que não fez nada enquanto eu lutava com um assassino armado?

— Isso não é verdade, Watson. Incentivei você. Em silêncio, por motivos de segurança.

Ajeitei minha roupa enquanto descíamos do trem para a plataforma e logo emparelhamos com o presidente e seu séquito. Eles seguiram o caminho por uma rua larga, margeada de árvores, até uma escadaria que levava diretamente à beira das cataratas. O rio azul e largo se estreita nesse ponto à beira de um penhasco semicircular e depois deságua de uma altura de 52 metros em um caldeirão branco agitado. O volume de água despejado era impressionante, levantando uma bruma branca de dezenas de metros em direção ao firmamento, visível a quilômetros de distância. O troar da água era constante, imutável, hipnótico. Não fazia diferença esse som tão estrondoso, porque a beleza e a imensidão deixavam qualquer homem mudo e tornava qualquer comentário inadequado. O que quer que fosse dito soaria irrelevante.

Quando nos aproximamos das cataratas gigantescas e a vista e o som

sobrepujaram tudo o mais, percebi que o semblante de Holmes pareceu se nublar e depois congelar em uma expressão estoica. Ele seguiu em frente e, por um instante, seus olhos perderam o foco.

— Acalme-se, Holmes — falei. — Sei do que está se lembrando, mas, neste momento, preciso de você aqui e alerta.

Ele deu um tapinha em meu braço.

— Tem razão, meu amigo. As cataratas de Reichenbach estão há uns bons dez anos no passado. É incrível como sons e odores são capazes de trazer de volta momentos do passado. Contudo, assumimos um risco quando nos detemos em tais lembranças.

Continuamos andando a uns trinta metros de distância da comitiva presidencial, e pude ver que Holmes não os observava, mas estudava os rostos das pessoas na multidão. Ver tantos homens e mulheres bem-vestidos em um único grupo na passarela ao longo do gradil que os separava do abismo causava uma potente impressão em todos os estranhos que estavam ali de férias. Era difícil para mim saber se o americano médio era capaz de reconhecer William McKinley, mas também era difícil saber quais indivíduos ali eram americanos e quais não eram. Ouvi gente falando francês, alemão, espanhol e vários tipos de línguas eslávicas da Europa Central. Da mesma forma, havia vozes asiáticas, inclusive falando híndi ou punjabi. Estávamos, afinal, em uma das sete maravilhas do mundo moderno, e gente de todos os continentes vinha para admirá-la. Pouquíssimas pessoas afastavam o olhar da água, salvo para prestar atenção nos próprios pés a fim de evitar cair lá embaixo. Presidentes, reis ou imperadores eram visões minúsculas e insignificantes comparadas ao espetáculo titânico da natureza.

De repente, porém, Holmes apressou o passo. Afastou-se do grupo que caminhava ao longo do gradil e subiu correndo a escada que levava ao nível da rua. Segui-o ao longe, não querendo chamar atenção para mim mesmo nem para ele.

Assim que cheguei ao nível da rua, eu o vi observando um homem de terno escuro. Ele o seguiu ao longo do rio acima das cataratas por dois quarteirões. Eu não conseguia imaginar que dano o homem pudesse vir a causar afastando-se da comitiva presidencial à beira das cataratas, mas, então, vi o que Holmes deve ter percebido em um instante: o homem se dirigia à ponte de pedestres que levava à maior das ilhas acima das cataratas, que, mais tarde, fiquei sabendo chamar-se Goat Island. Sua aproximação era quase imperceptível, obliterada pelas numerosas árvores que cresciam na ilha, sombreando as trilhas. Dali, ele prosseguiu, pela margem da Goat Island até uma segunda ponte de pedestres que ia dar em uma ilha bem menor, chamada Luna Island, um minúsculo trecho de terra bem na beira das cataratas.

Holmes caminhava agora com enorme velocidade. Corria, na verdade, levando na mão o chapéu e a bengala, pulando arbustos baixos, sempre longe da visão do homem por um caminho mais longo e circular. Concluí que, já que ele estava cercando o homem, eu deveria caminhar de forma mais casual e direta na trilha bem marcada, para poder capturá-lo de surpresa, se fosse necessário.

Quando cheguei a uma trilha reta, temi que o homem se virasse e me visse, motivo pelo qual também optei por uma rota com mais vegetação, caminhando ao longo de um corredor de árvores bem grandes. Por acaso, o homem estava

claramente visível para mim quando Holmes reapareceu. Era o sujeito alto e magro usando o terno preto que viajara conosco no trem, e vi que ainda carregava seu estojo rígido. Ele ficou parado à beira das cataratas observando.

Então, olhou para a direita ao longo da beirada irregular da queda d'água na direção do mirante. De onde estava, podia ver o presidente McKinley e sua comitiva com nitidez.

O homem do terno escuro foi até um local nos arbustos vizinhos, a cerca de

um metro da beirada, onde milhões de litros d'água se derramavam a mais ou menos sessenta quilômetros por hora de um penhasco. Ajoelhou-se, abriu a

caixa, tirou o que parecia o tripé de um instrumento de topógrafo, abriu-o e fixou

os suportes. Colocou um pequeno telescópio de metal no topo e olhou através dele, fazendo alguns ajustes. Era óbvio que mirava o presidente e seus anfitriões.

Então, tornou a se ajoelhar e se pôs a juntar vários pedaços de metal cintilante.

Quando ficou em pé de novo, vi que o que o homem tinha em mãos era um tubo

de metal um pouco mais grosso que o cano de um rifle, e na coronha, um mecanismo semelhante ao receptor de uma pistola. A distância, dava a impressão

de ser um telescópio. Prendeu-o no alto do tripé, ajustando um conjunto de parafusos, e Holmes começou a correr.

Corri também e, enquanto o fazia, me dei conta de que o assassino tinha um

rifle especialmente projetado com um visor telescópico menor montado de forma

independente no tripé. Havia encontrado sua presa e focou a mira da arma antes

de prender o rifle. Holmes e eu chegamos perto e então paramos e começamos a

nos aproximar em silêncio de duas direções diferentes. Caminhamos até onde ele

estava e observamos enquanto ele olhava pelo visor para o presidente. Então, pondo-se de joelhos, o homem enfiou a mão na maleta, da qual tirou uma caixa

de metal destacável e a inseriu no rifle agora montado.

Quando o olho do assassino encostou no visor do telescópio, Holmes e eu nos precipitamos como dois jogadores de rúgbi atacando em formação. Bati com força de encontro ao ombro do homem, atirando-o no gradil, enquanto Holmes atingia o tripé, que foi parar no rio, rolando várias vezes em direção ao turbilhão de água abaixo.

— Ah, me desculpem, cavalheiros — disse Holmes a nós dois. — Tropecei em uma pedra solta na trilha. Espero que nenhum dos dois esteja machucado.

Ajudou-me a ficar de pé primeiro e depois pegou o braço do homem de terno preto e começou a espanar a poeira da roupa do sujeito, com força.

— Lamento muito por seu telescópio — falou. — Ou era uma câmera? De todo jeito, insisto em arcar com o prejuízo total.

— Você… — O homem conteve a fúria, como alguém que fecha uma torneira.

— O senhor não me machucou, de forma alguma. — Percebi, então, o sotaque espanhol que estava esperando. — E o telescópio era só uma bugiganga, um brinquedo que comprei em Nova York.

— Eu insisto — disse Holmes, tirando do bolso a carteira e pegando um maço de dinheiro americano. Parecia ser uma quantia vultosa, mas como o dinheiro americano consiste em notas da mesma cor e de tamanho e formato idênticos, não dava para saber à primeira vista. Quando o homem não fez menção de pegar o montante, Holmes enfiou o maço no bolso do paletó do terno escuro. — Por favor, senhor. Já estraguei seu dia. É o mínimo que posso fazer.

Então, ele se virou e partiu, deixando-me ali com o assassino frustrado.

Ocorreu-me que tendo perdido sua arma, que agora jazia sob a água lá embaixo,

o homem era relativamente inofensivo. Anda assim, levei a mão à aba de meu chapéu como pretexto para recuar, dei meia-volta e fui atrás de meu amigo.

Pouco antes de chegar à curva da trilha que levava à ponte de pedestres de Luna

Island, olhei para trás e vi o indivíduo jogar o estojo por cima do gradil para dentro do precipício.

Quando alcancei a trilha principal acima das cataratas, vi que a comitiva do presidente, após admirar a catarata de todos os ângulos possíveis e conhecer a usina elétrica inventada pelo sr. Tesla na orla lá embaixo, agora caminhava em direção à rua mais próxima. Holmes deixou o grupo e se juntou a mim.

— Eles estão indo almoçar, Watson.

Eu estava faminto, pois não havia comido nada desde o apressado café da manhã de chá com torradas no hotel.

— Vamos com eles?

— De certa forma, sim, mas creio que teremos que encher nossos olhos e nossas narinas hoje, e não nossas barrigas.

Ele passou a andar rápido, e reparei que em vez de se dirigir à entrada de um

dos muitos restaurantes, Holmes seguiu para um beco estreito e parou diante de

uma porta aberta.

Ouvindo os ruídos que vinham lá de dentro, perguntei:

— A cozinha?

Ele assentiu.

— Seu treinamento médico e sua experiência o tornam o homem ideal para

garantir que nenhum veneno derivado de drogas medicinais, como ópio, por

exemplo, seja acrescentado à comida, nem toxina biológica alguma, como a que causa botulismo. Já eu tenho certa familiaridade com a maioria das substâncias comuns, como arsênico e estricnina, assim como com um punhado de outras das quais quase nunca se ouve falar fora da tenda de um xamã. Venha, meu caro. Tudo que não tenha a aparência ou o odor correto terá de ser descartado.

Entramos na cozinha. Do lado de fora estava quente e úmido, mas o lado de dentro mais parecia a sala de máquinas de um navio fervendo em direção ao inferno. Os *sous-chefs* trabalhavam de peito nu, os corpos brilhando sob o suor enquanto cuidavam de suas sopas e molhos ferventes, cozinhavam suas carnes e assavam seu peixe. Holmes e eu despimos nossos paletós e coletes e nos juntamos à equipe. Examinamos cada prato que saía pelas portas vaivém para o salão, cheirando cada carcaça crua, provando um tantinho de cada especiaria e indagando sobre o frescor e a proveniência de cada alimento. Não encontramos venenos, apenas um prato de ostras que estavam passadas, mas o trabalho levou quase duas horas, e quando saímos para nos juntarmos à comitiva do presidente no caminho a pé até o trem, senti como se tivesse sido catapultado do Hades para o paraíso.

Às 13 horas, o trem lotado partiu para Buffalo e fiquei em pé do lado de fora do vagão, na pequena área acima da junção de vagões traseira, onde havia um gradil, aproveitando o vento e observando os passageiros pelo vidro. Holmes se juntou a mim depois de um tempo.

— Quando chegarmos a Buffalo, o presidente descansará uma hora em seu quarto na mansão do dr. Milburn na Delaware Avenue. Às 16 horas, vão levá-lo

à exposição, e ele cumprimentará seus eleitores no templo da Música. Esta é nossa hora e preciso me preparar para ela. Depois disso, não nos veremos durante um ou dois dias, Watson. Suponho que você e o dr. Park fizeram todos os preparativos necessários, certo?

— Tenho certeza de que sim — garanti. — Ele é um médico brilhante, tem a mente de um cientista e se engajou logo na conspiração.

— Ótimo — disse Holmes. — Assim sendo, desejo a todos nós o benefício da sorte.

Ele se virou, então, entrou no vagão seguinte em direção ao final do trem e desapareceu de vista.

O trem chegou à estação em Buffalo às 13h30, e o presidente e seu séquito partiram de carruagens, mas não vi Holmes entre eles. Nem o vi em qualquer outro lugar, para falar a verdade. Era como se tivesse virado pó e sido levado pela brisa.

Tomei uma carruagem para o local da exposição. Caminhei até o hospital que havia sido montado ali, apresentei-me como o dr. Mann e informei que seria o médico encarregado do plantão que começaria às 17 horas. Como previ ramos, a enfermeira administrativa, uma mulher formidável na casa dos cinquenta anos, enviou uma mensagem ao dr. Park para checar minhas credenciais, embora o tivesse visto me conduzir em um passeio pelas instalações apenas dois dias antes. A demora me deu a oportunidade de sair, e foi o que fiz, com a desculpa de inspecionar as ambulâncias estacionadas na área central para o caso de uma emergência. Na verdade, tomei o rumo do templo da Música e me apresentei ao policial na entrada como o dr. Mann. Ele pediu que o chefe Bull viesse até a porta, e Bull me cumprimentou calorosamente e autorizou minha entrada. Pelas janelas, pude ver que já havia uma grande multidão organizada em fila, à espera

do presidente, do lado de fora. Senti pena de todos e imaginei que não demoraria para que eu estivesse cuidando de casos de intermação.

Durante os minutos seguintes, permaneci no prédio, inspecionando os preparativos para a visita do presidente. Muitas cadeiras haviam sido removidas a fim de abrir espaço para acomodar a fila de cumprimentos ao presidente. Ele ficaria de pé mais ou menos no centro do auditório com parte de sua comitiva e os soldados. As pessoas seriam admitidas, e cada indivíduo trocaria um aperto de mãos com ele e depois daria meia-volta e iria embora.

Ouvi um murmúrio lá fora, que logo se transformou em uma comoção. As portas se abriram e o presidente McKinley entrou. Assumiu seu lugar, ladeado pelo dr. John Milburn e o sr. Cortelyou. Havia 11 soldados e quatro policiais no prédio, incluído o chefe Bull. O presidente deu a ordem às 16 horas e os soldados abriram as portas.

A fila comportada de cidadãos avançou prédio adentro. Havia homens, mulheres e um bom número de crianças. Quando vi as crianças, estremeci, mas logo verifiquei que os pais as mantinham sob controle, e minha preocupação diminuiu. O presidente cumprimentava cada pessoa com um sorriso e depois os policiais a tiravam do caminho para que outros indivíduos tivessem sua vez.

Conjeturei que os soldados e os policiais tivessem concordado em fazer a fila andar rápido para que mais gente pudesse entrar e sair do sol.

Então, um problema surgiu. Pude antecipá-lo quando a multidão avançou. Um homem alto, magro e soturno com um bigode de guidão de bicicleta e cabelo ondulado preto apareceu. Falava furiosamente consigo mesmo enquanto

aguardava na fila, em uma língua que, após um instante, me dei conta de ser italiano.

Ele começou a atrair olhares dos demais e, depois, dos guardas. Três dos policiais se deslocaram junto às pessoas, aparentemente endireitando a fila e estreitando-a para que um indivíduo ficasse após o outro, conforme os grupos de pessoas se aproximavam do presidente. Quando alcançaram o italiano, um deles falou com o sujeito em voz baixa e lhe tomou o braço para fazê-lo dar um passo para a esquerda. Ele reagiu como um louco. Socou o policial e se virou para atacar os outros dois, que foram pegos de surpresa e atirados pelo insano homem na direção de uma dupla de senhoras que acabaram se estatelando de costas no carpete.

Esse setor da fila se transformou em uma balbúrdia, com oito ou nove soldados e todos os policiais entrando na briga e desferindo golpes com menos sensatez que fervor. Quando a repentina comoção congelou em uma disputa de empurra-empurra, percebi que o soturno italiano tinha um perfil que me era muito familiar. Também notei que ele enlaçava uma das mulheres em um abraço inquebrantável. Passado um segundo, me dei conta de que a ofensora era o homem disfarçado que Holmes reconhecera no trem.

Justo então, quando a multidão à frente do italiano se moveu adiante, parte para ir ao encontro do presidente e parte para se afastar da briga, um indivíduo, com aparência de nativo da Europa Central — talvez sérvio ou croata, com pele, cabelo e bigode escuros — assumiu a vanguarda. Tinha em uma das mãos um lenço branco, como acontecia com vários outros indivíduos, para enxugar o suor antes de apertar a mão do presidente. Vi que quase todos os policiais e soldados estavam ocupados com o italiano desordeiro e os que ainda continuavam

próximos ao presidente observavam a confusão, hipnotizados. Assim, quando o homem apontou um revólver que escondera debaixo do lenço para o presidente, não apareceu ninguém a tempo de impedir o gesto.

Ele atirou uma vez, e um botão de cobre no paletó do presidente emitiu fagulhas. O segundo tiro não foi desviado. O presidente segurou o estômago e caiu. Quando isso aconteceu, os soldados e os policiais deixaram de lado o italiano intratável. Alguns correram na direção do presidente e outros cercaram o assassino. Felizmente, um sujeito alto de ascendência africana vinha logo atrás do atirador na fila. Ele arrancou a arma da mão do agressor e o impediu de escapar. Caso não tivesse agido assim, é quase certo que os soldados alvejariam o culpado. Em vez disso, derrubaram-no no chão e lhe desferiram uma série de chutes e socos.

O presidente, deitado no tapete nos braços de seu secretário e do dr. Milburn, gritou:

— Não o machuquem, rapazes!

Aquelas palavras calmas e sábias aparentemente infundiram algum juízo nos homens, que imobilizaram o agressor e o levaram até um veículo da polícia estacionado próximo ao prédio.

Enquanto isso, abri caminho até onde estava o presidente.

— Sou médico — gritei, e os guardas abriram caminho. Abri o paletó do ferido enquanto me inclinava para mais perto a fim de ouvir sua respiração. Ao fazê-lo, disfarçadamente tirei um pequeno frasco de sangue fresco de galinha que se encontrava no bolso de meu colete e joguei um pouco na camisa branca logo acima do cinto. — Ele está ferido, mas vivo — declarei. — Levem o presidente até a carruagem. Nós o conduziremos ao hospital de campanha no

terreno da exposição.

Os jovens e fortes soldados que estavam próximos ergueram nos braços o

presidente e o colocaram na carruagem. Entrei também, e o comandante Allen pulou no assento do condutor e chicoteou os cavalos, que irromperam em

tamanho galope que temi que o presidente fosse morrer em um acidente de carruagem e me levar junto. Consegui falar com ele em um tom bem baixinho:

— Como o senhor está?

— Ótimo, dr. Watson — respondeu o presidente. — Poucas vezes me senti

melhor.

— Perfeito. Vamos tentar mantê-lo assim. Agora, ponha este paletó e este chapéu.

Tratava-se de um paletó marrom bastante comum, bem diferente do preto

elegante que ele vestira no evento. O chapéu-coco era semelhante aos que muitos homens estavam usando naquele dia. Quando estávamos próximos do

Congresso Indígena, o comandante Allen entrou com a carruagem em um

estábulo. Ele e eu passamos para uma segunda carruagem que nos aguardava ali.

A velocidade de nossos cavalos superara em muito a da notícia do atentado ao presidente e, quando nos afastamos, pude ver que nenhum dos visitantes que passeavam pela exposição reparou no sr. McKinley em seu novo figurino

entrando na instalação.

O comandante Allen chicoteou a nova parelha de cavalos e comecei meu

trabalho no paciente substituto, que já me aguardava no banco da carruagem, um

cadáver que o dr. Park e eu escolhêramos na faculdade de Medicina na véspera.

Cobri seu torso com o paletó preto do sr. McKinley, e o rosto com meu lenço,

como se pretendesse proteger os olhos dele do sol. Quando chegamos ao hospital de campanha, pulei da carruagem, e eu e o comandante Allen pusemos o corpo em uma maca. Dois maqueiros de prontidão do lado de fora correram para nos ajudar.

— Para a sala de operações agora mesmo! — gritei. Levamos a maca para dentro e trancamos a porta.

Passados alguns minutos, o dr. Roswell Park surgiu à porta com vários de seus assistentes e suas enfermeiras e fez com que o pequeno hospital desse a impressão de ser administrado com grande eficiência profissional. Com ele de assistente, dei início à operação. Eu removera balas de vários soldados enquanto servia na Índia, razão pela qual estava bastante familiarizado com o procedimento e as muitas maneiras que podem levá-lo a ser bem-sucedido ou fracassar. Conforme trabalhava no cadáver para parecer que o estava abrindo em busca da bala, o dr. Park elogiou minha técnica várias vezes.

À vista havia apenas a parte aberta do abdômen fora dos lençóis, e o falecido que supostamente era o presidente estava de bruços com uma máscara tapando-lhe a boca e o nariz e uma touca cirúrgica na cabeça. Ainda assim, ocorreu-me que felizmente, embora milhões de lâmpadas estivessem em exibição por todo lado na exposição, ninguém pensara em instalar uma única no hospital.

Por intermédio das enfermeiras e dos assistentes do dr. Park, aos poucos vendemos nossa ficção ao mundo exterior. Dissemos que o presidente era um homem saudável e que tivera sorte. A primeira bala acertara um botão de bronze e ricocheteara, deixando um rasgo ao longo de sua costela. A segunda entrara no abdômen à queima-roupa, mas a pistola era de calibre baixo, e muito

provavelmente o dr. Mann encontraria e removeria a bala na cirurgia que estava em curso. Uma vez feito isso, era de esperar que McKinley se recuperasse. No entanto, com mais de quatro horas de cirurgia, alteramos um pouco as notícias. O dr. Mann não encontrara a bala, que deve ter se fragmentado dentro do corpo. Essa foi a história veiculada durante toda aquela noite. E continuava sendo a mesma, quando levamos o cadáver para a casa do dr. Milburn para que se recuperasse. Várias vezes ao longo dos dias seguintes, emitimos relatórios declarando que o presidente estava se recuperando bem, que seu ânimo era bom e que esperávamos um retorno rápido de sua boa forma.

Enquanto isso, conforme Holmes me contou mais tarde, o restante do engodo corria razoavelmente bem. O assassino capturado no templo da Música foi levado para a delegacia. É claro que se tratava do sr. Booth, que se identificou como Leon Czolgosz, filho de imigrantes poloneses, que se dera conta da desigualdade com que era tratado o presidente em comparação ao cidadão comum. Devido ao temor do chefe Bull de uma comoção pública provocada pelo crime, Czolgosz foi mantido longe dos demais prisioneiros.

O presidente seguira para o Congresso Indígena, onde se encontrou com Holmes, já despido de seu disfarce de italiano louco. Holmes o aguardava com três índios iroqueses que conhecera quando os três estudavam na Universidade de Londres anos antes — dois senecas e um moicano. Com a ajuda da maquiagem que levara com ele, em poucos minutos, o detetive e o presidente se transformaram no quarto e no quinto iroqueses. Após o cair da noite, os cinco deixaram a exposição em meio à multidão e atravessaram remando o rio Niágara

para chegar ao Canadá.

Auxiliado por seus amigos indígenas, Holmes levou o sr. McKinley até Montreal, onde o embarcou no navio a vapor *Arcturus*, que partiu para Londres no dia 9 de setembro. Contaram-me que sua figura era imponente, registrado na lista de passageiros como Selim Bey, primo da terceira esposa do sultão da Turquia. Usava um pouco de maquiagem, um volumoso turbante e uma faixa na cintura que prendia uma adaga curva. Ao chegar a Londres, tomou outro navio para Tanger, dessa vez como o reverendo dr. Oliver McEachern, um missionário metodista.

Cinco dias depois da partida do *Arcturus*, em 14 de setembro, fui obrigado a declarar a morte do presidente William McKinley. Havia sido declarado que ele vinha se recuperando, mas, alguns dias depois, uma infecção acabou por matá-lo. Não faltaram especulações, sobretudo nos jornais de Nova York e Washington, sobre se o dr. Mann teria cometido um erro na cirurgia. Chegou-se mesmo a lamentar que na exposição houvesse uma máquina de raios X experimental que poderia ter sido usada para encontrar os fragmentos da bala, mas não o foi. Precisamente por isso, eu, ou o dr. Mann, proibira a utilização dela.

Nove dias depois, com o depoimento de testemunhas oculares, Leon Czolgosz, o jovem que atirara no presidente, foi condenado por homicídio. Levaram-no do tribunal para a penitenciária Auburn, onde o executaram em uma cadeira elétrica — mais uma utilidade para as maravilhas da eletricidade celebrada pela Exposição Pan-Americana em Buffalo. A única falha do moderno

método em comparação ao enforcamento era que, quando um único fio se soltava, uma cadeira elétrica se tornava apenas uma cadeira. Um ator competente pode fingir uma série de estertores capazes de levar um coveiro a desmaiar. Holmes e o dr. Mann estavam entre os convidados que compareceram ao discreto funeral do assassino na penitenciária. O caixão fora fechado com pregos porque o rosto do homicida Czolgosz ficara desfigurado pelo ácido sulfúrico derramado sobre o cadáver por indivíduos desconhecidos. O funeral foi conduzido por um jovem clérigo que fez um discurso fúnebre impressionante, inspirando todos os ouvintes com a noção de que mesmo o pior pecador pode ser perdoado e admitido no reino do céu. Depois da cerimônia, nós o levamos até a estação ferroviária mais próxima e lhe compramos uma passagem, não para o céu, mas para Nova York, onde ele chegou a tempo de dar início aos ensaios de uma peça na Broadway chamada *Life*, que estreou no mês de março seguinte e mereceu diversos elogios.

Após o funeral de estado do presidente em Washington, o povo assumiu que a sra. Ida McKinley retornou a Ohio, onde passou a morar com a irmã. Com frequência pensei nela nos sete anos seguintes, sabendo que vivia satisfeita, ora como a esposa de Selim Bey, ora como a esposa do reverendo dr. McEachern — uma muçulmana de véu para os cristãos e uma cristã para os muçulmanos, uma pessoa que fingia não falar a língua dos que a rodeavam e jamais precisou se justificar. Quando morreu, passados sete anos, seu corpo foi secretamente enviado de navio para Ohio e então enterrado pela irmã, como se ela tivesse vivido como viúva reclusa o tempo todo.

No dia 14 de setembro de 1901, quando foi anunciado pela primeira vez que o

presidente McKinley estava morrendo, vários indivíduos notáveis acorreram a Buffalo. Um deles era seu velho amigo, o senador Mark Hanna, e outro, o jovem vice-presidente, Theodore Roosevelt, que ficou na mansão Ansley Wilcox, no número 641 da Delaware Avenue, onde prestou juramento já tarde naquela noite como o 26º presidente dos Estados Unidos. Se, nos anos posteriores, Roosevelt satisfez as esperanças de seu predecessor, não sei dizer. Como Selim Bey ou como o dr. McEachern, o ex-presidente se declarava feliz em sua aposentadoria e jamais emitiu opinião política alguma. Porém, a Grande Guerra que temera não teve início até 1914, não envolveu os Estados Unidos até 1917 e terminou um ano depois como ele torcera para acontecer, com seu país vitorioso e cada vez mais forte.

Nota do curador: Embora os registros do dr. Watson não possam ser verificados, as circunstâncias da descoberta do manuscrito em uma caixa de metal trancada e escondida na casa de seu bisneto em Londres com diversos outros manuscritos, igualmente estarrecedores, talvez acrescente credibilidade à história, na opinião de alguns leitores. Muitas personalidades no relato do dr. Watson eram indivíduos reais, como, por exemplo, Mark Hanna, Ida e William McKinley, o dr. Roswell Park, o dr. John Milburn, George Cortelyou, o chefe William Bull, o "dr. Mann", Leon Czolgosz, Theodore Roosevelt, Ansley Wilcox e Sherlock Holmes. A descrição do assassinato feita por Watson parece compatível com as descrições de testemunhas oculares, mesmo no detalhe da distração dos guardas provocada pelo italiano não identificado. O corpo de Czolgosz ficou, de fato, inidentificável devido ao ácido sulfúrico sobre ele derramado por pessoas desconhecidas após sua execução. O ator Sydney Barton Booth era, com efeito, um descendente de Edwin Booth, um membro que apoiava Lincoln da família de

atores, e fez uma bela carreira, duradoura o bastante para que ele aparecesse em vários filmes de sucesso. Quanto à cronologia, sabemos que o paradeiro de Holmes e Watson é desconhecido entre a terça-feira, 16 de maio de 1901, quando os acontecimentos de “A escola do priorado” tiveram lugar, e a quinta-feira, 19 de novembro de 1901, quando os dois foram vistos durante o caso “O vampiro de Sussex”.

O caso da loucura do coronel Warburton

LYNDSAY FAYE

Depois de dez anos como atriz profissional na costa Oeste, Lyndsay Faye (1980-) se mudou para Nova York em 2005 para abrilhantar sua carreira, mas logo concluiu que a concorrência e o estilo de vida eram desalentadores, voltando-se, então, para a literatura.

Fã de longa data de Sherlock Holmes, o primeiro livro de Faye, *Dust and Shadow: An Account of the Ripper Killings by dr. John H. Watson* (2009), recebeu elogios vindos de diversas fontes, incluído Caleb Carr, que escreveu seu próprio pastiche, *The Italian Secretary*, em 2005. Tendo recebido loas do Arthur Conan Doyle Estate, o livro de Faye põe em confronto Holmes e Jack, o Estripador.

Faye escreveu em seguida *The Gods of Gotham* (Os deuses de Gotham), em 2012, um ambicioso romance de estreia de uma série sobre Timothy Wilde, um barman que se torna policial na época em que Nova York estava criando seu departamento de polícia em 1846, coincidentemente o ano da Grande Fome de 1845-1849 na Irlanda; o romance foi indicado a um prêmio Edgar. A extensa pesquisa histórica novamente teve destaque no segundo romance protagonizado por Wilde, *Seven for a Secret* (2013), o qual lida com facínoras do submundo que sequestravam negros do Norte para vendê-los como escravos no Sul.

“O caso da loucura do coronel Warburton” foi escolhido para ocupar o

primeiro lugar pela renomada *Best American Mystery Stories 2010*, editada por Lee Child; é um dos dez contos que Faye escreveu sobre Holmes, sendo o mais

recente e longo “The Gospel of Sheba” (2014). “O caso da loucura do coronel Warburton” foi publicado pela primeira vez em *Sherlock Holmes in America*, editado por Martin H. Greenberg, Jon L. Lellenberg e Daniel Stashower (Nova

York, Skyhorse, 2009).

O CASO DA LOUCURA DO CORONEL WARBURTON

Lyndsay Faye

Meu amigo, o sr. Sherlock Holmes, embora dono de uma das mentes mais

vigorosas de nossa geração e capaz de fazer tremendas exibições de atividade física quando a situação exige, podia, ainda assim, permanecer em sua poltrona

totalmente imóvel por mais tempo que qualquer ser humano que já conheci. Essa

habilidade passava por completo despercebida de seu dono. Não acredito que fosse sua intenção me impressionar nem acho que tal exercício fosse, para ele, estressante. Mesmo assim, continuo a crer que, quando um homem mantém a

mesma postura por um período superior a três horas, ele realizou um feito sobrenatural.

Deixei de lado a tarefa de organizar um conjunto de velhos diários naquela tarde cinzenta para observar Holmes empoleirado com uma perna dobrada sob o

corpo, a claridade iluminando a barra de seu camisolão e a cabeça apoiada na mão, tendo junto aos seus pés no carpete um livro há muito abandonado. A visão

familiar se tornara cada vez mais irritante com o passar das horas. Foi com a intenção de me certificar de que meu amigo ainda estava vivo que me afastei por

completo de meus hábitos e interrompi seu devaneio.

— Meu caro, gostaria de dar uma volta comigo? Preciso dar um pulo no fabricante de botas no final da rua e o tempo clareou um pouco.

Não sei se foi o céu ainda carregado que o deteve ou seu humor reflexivo, mas Holmes apenas respondeu:

— Necessito de uma distração melhor neste exato momento que uma obrigação que não é minha e os desígnios caprichosos de um temporal de março.

— Que tipo de distração específica estaria mais a seu gosto? — inquiri, um tanto irritado diante de sua indiferença.

Ele fez um gesto langoroso com a mão, enfim erguendo a cabeça de cabelos escuros do encosto estofado onde ficara tanto tempo reclinada.

— Nada que você possa prover. É aquela velha história. Nesses últimos dois dias, não recebi uma única correspondência que valesse a pena nem ouvi uma única alma viva apertar com violência nossa campainha com o intuito de contratar meus serviços. O mundo está cansado, eu estou cansado, e já me canso de estar cansado disso. Assim, Watson, como estou me sentindo um inútil no momento, meu estado não pode ser amenizado por ocupações frívolas.

— Suponho que me agradaria saber que ninguém está tão perturbado a ponto de buscar sua ajuda, caso eu não soubesse o quanto seu trabalho significa para você — falei, mais solidário.

— Ora, ora, não adianta chorar mágoas sobre isso.

— Não, mas sem dúvida eu ajudaria se pudesse.

— E o que poderia fazer? — disse ele, fungando. — Espero que não esteja prestes a me dizer que seu relógio de bolso foi roubado ou que sua tia-avó desapareceu sem deixar rastros.

— Estou a salvo nessas áreas, obrigado. Contudo, talvez possa lhe apresentar um problema para importunar seu cérebro durante meia hora.

— Um problema? Ah, lamento muito. Acabei esquecendo. Se quer saber onde foi parar a outra chave da escrivaninha, recentemente tive motivos para testar a flexibilidade de tais objetos. Vou mandar fazer outra.

— Eu não havia reparado na chave — interrompi, com um sorriso —, mas poderia, caso queira, relatar uma série de acontecimentos que certa vez se abateu sobre mim quando eu praticava minha profissão em São Francisco, acontecimentos cujos detalhes curiosos me deixaram perplexo durante anos. Meu trabalho nesses velhos diários me fez relembrar deles, e as circunstâncias dizem respeito à sua especialidade.

— Suponho que eu deveria ficar grato ao menos por você não ter lançado olhares furiosos para meus arquivos desorganizados — observou Holmes.

— Viu? Existem inúmeras vantagens. Seria preferível a se aventurar lá fora, pois está chovendo de novo. E se você recusar, ficarei tão desocupado quanto você, o que também prefiro evitar.

Não mencionei que se ele permanecesse imóvel como uma estátua um segundo a mais, só a lugubridade do cômodo já me obrigaria a sair de casa.

— Você está querendo me contar uma história de seu passado e eu devo solucioná-la? — indagou ele friamente, mas o ângulo sutil de uma de suas sobrancelhas me disse que estava intrigado.

— Sim, se conseguir.

— E se você não tiver os dados?

— Então passaremos direto para o conhaque e os charutos.

— É um desafio formidável. — Para meu grande alívio, com a ajuda das mãos, ele se ergueu no ar e cruzou as pernas sob o corpo. Depois, estendeu a mão, para o cachimbo que se achava apagado na mesinha ao lado. — Não posso dizer que estou confiante de que possa ser feito, mas como experimento, exerce certa atração.

— Nesse caso, contarei a história, e você poderá fazer qualquer pergunta que lhe ocorrer.

— Do início, por favor, Watson — admoestou-me Holmes, assumindo um ar confortável de atenção resignada. — E com o máximo de detalhes que puder recordar.

— A história está bem fresca em minha mente, porque a registrei nos volumes que estava organizando há pouco. Como sabe, minha residência nos Estados Unidos foi curta, mas São Francisco permanece em minha lembrança de forma tão viva quanto Sydney ou Bombaim: uma cidade impetuosa, próspera, aninhada entre as grandes montanhas, onde as neblinas se originam no ar marinho e a luz do sol é refretada pelas inúmeras janelas de vidro da Montgomery Street. É como se todos os homens e todas as mulheres empreendedores do planeta decidissem ter uma cidade própria, pois a Corrida do Ouro a forjou e a descoberta de depósitos de prata a reconstruiu, e agora que ela está ligada por trilhos aos estados do Leste, o populacho crê que nada é impossível sob o sol. Você iria adorar o lugar, Holmes. Vê-se por lá quase tantas nacionalidades e atividades representadas quanto em Londres, todo mundo mergulhando em

milhares de coincidências bizarras, não causando surpresa alguma encontrar um farmacêutico chinês espremido entre um chapeleiro francês e um comerciante de vinhos italiano.

“Meu consultório ficava na Front Street em um pequeno prédio de tijolos próximo a vários estabelecimentos farmacêuticos, e eu recebia na mesma hora qualquer paciente que me procurasse. Pobre ou abastado, refinado ou boçal, não havia diferença para um rapaz em início da carreira. Como não gozava de referências sedimentadas, não dispunha de uma grande clientela, mas era impossível sentir-se pequeno naquela cidade, pois o trabalho duro e o otimismo eram tão valorizados que eu sentia que sucessos repentinos me aguardavam a qualquer instante na próxima esquina.

“Em certa tarde brumosa, como não tinha consultas e podia ver o sol iluminando os mastros dos navios na baía, resolvi que já estava sentado ocioso há tempo demais e saí para dar uma caminhada. Uma das características peculiares de São Francisco é que, não importa a direção que se tome, sempre se há de encontrar um morro íngreme, já que existem sete deles, e depois de meia hora andando sem rumo para longe da água, me vi subindo Nob Hill, contemplando boquiaberto o conjunto de casas.

“Casas, na verdade, não é o termo apropriado; o lugar se chama Nob Hill por ser habitado por nababos da mineração ou das estradas de ferro, e os residentes parecem ter saído do reinado de Luís II ou de Maria Antonieta. Muitas dessas casas são maiores que nossos latifúndios, porém todas foram construídas nos dez anos após minha chegada. Passei por uma casa que mais lembrava um castelo gótico e uma mansão neoclássica e me pus a espionar uma *villa* italiana do outro

lado da rua, todas elas se esforçando para superar umas às outras em termos de vitrais, colunas e torres. A vizinhança…”

— Era abastada — interrompeu Holmes com um suspiro, levantando-se da cadeira para servir dois cálices de clarete.

— Você sem dúvida teria achado aquela zona da cidade chocante — falei, sorrindo ao pensar em meu amigo boêmio contemplando aqueles marcos do prazer com seu desagrado gélido, quando ele me entregou meu cálice. — Existem outros lugares por lá mais a seu gosto, penso eu. Ainda assim, era uma maravilha de arquitetura, e quando me aproximei do topo do morro, parei para apreciar a vista do Pacífico.

“De pé ali, vendo o sol lançar sua luz alaranjada sobre as ondas, ouvi uma porta ser escancarada e me virei a tempo de flagrar um velho claudicando freneticamente por um gramado bem-cuidado em direção à rua. A mansão de onde ele saíra era uma construção mais discreta que a maioria das outras, em estilo que lembrava o grego e pintada de branco. O homem era muito alto, quase tanto quando você, meu caro, mas com a envergadura de um touro. Vestia um uniforme militar com décadas de uso, composto de um surrado paletó azul e calças cinzentas, além de uma larga gravata vermelha e uma faixa na cintura. O cabelo grisalho estava desalinhado, como se ele tivesse acabado de sair do meio de uma batalha.

“Embora sua figura fosse extraordinária, eu não teria lhe prestado muita atenção naquela metrópole ensandecida se uma um moça não viesse correndo em seu encalço gritando: ‘Tio! Pare, por favor! O senhor não pode ir, eu imploro!’

“O homem que ela chamara de tio chegou ao meio-fio a menos de três metros de onde eu me encontrava e então, de repente, desabou na calçada, o peito não mais arquejando e a perna manca dobrada sob o corpo.

“Corri até ele, que respirava, mas com muito esforço. Assim, de perto, pude ver que uma das pernas era artificial e se soltara das amarras de couro, causando a queda do homem. A moça nos alcançou menos de dez segundos depois, quase sem fôlego enquanto fazia um esforço visível para impedir que seus olhos ficassem marejados.

“‘Ele está bem?’, perguntou-me ela.

“‘Creio que sim’, respondi, ‘mas prefiro ter certeza. Sou médico, e gostaria de examiná-lo com mais cuidado dentro de casa’.

“‘Não sei como lhe agradecer por isso. Jefferson!’, gritou ela para um criado negro alto que vinha correndo em nossa direção. ‘Por favor, nos ajude a levar o coronel para dentro de casa.’

“Juntos, nós três logo acomodamos meu paciente em um sofá, em uma sala de refeições alegre, de paredes de vidro, onde consegui fazer um diagnóstico mais meticuloso. Afora a perna de madeira, de excelente fabricação, que recoloquei no devido lugar, o homem parecia gozar de perfeita saúde e, se não fosse um sujeito tão grande e robusto, eu diria que havia sofrido apenas um desmaio.

“‘Ele se machucou, doutor?’, indagou a jovem, ainda sem fôlego.

“Apesar do nervosismo evidente, vi de imediato que se tratava de uma bela mulher, uma figura pequena, feminina, mas, ainda assim, dona daquele tipo de graça compatível com estaturas maiores. O cabelo era castanho-avermelhado, penteado para trás em ondas grandes e preso em um coque elegante, deixando à

mostra o rosto de pele alva em que olhos castanhos-dourados brilhavam, mesmo estando marejados. Ela vestia um vestido azul-claro debruado de prateado e as mãos sem luvas se agarravam ao tecido devido à apreensão. Ela… Meu caro, você está bem?”

— Estou ótimo — respondeu Holmes, pigarreando de leve. Se meu humor não estivesse em um bom dia, eu quase diria que ele estalara a língua. — Por favor, continue.

— “Este homem ficará bom após um pouco de repouso” — disse a ela. — “Meu nome é John Watson.”

“‘Perdoe-me, eu me chamo Molly Warburton, e o homem que o senhor acabou de atender é meu tio, o coronel Patrick Warburton. Nossa, que susto levei. Não sei como agradecer ao senhor.’

“‘Srta. Warburton’, falei, ‘seria possível conversarmos a sós em outro cômodo, de modo a não perturbar seu tio enquanto ele se recupera?’

“Ela me conduziu pelo corredor até outra sala também de bom gosto e desabou, exausta, em uma cadeira. Hesitei em perturbá-la ainda mais; porém, me senti obrigado a fazê-la saber de minha preocupação.

“‘Srta. Warburton, acho que seu tio não teria sofrido uma queda tão dramática se não se encontrasse sob um grave estresse mental. Acaso houve algum acontecimento recente que possa tê-lo abalado?’

“‘Dr. Watson, o senhor esbarrou em um constrangimento familiar’, disse ela, baixinho. “‘O estado mental de meu tio está precário já faz algum tempo e acho que infelizmente ele… piorou.’

“‘Lamento ouvir isso.’

“‘A história é um pouco longa’, explicou ela, com um suspiro, ‘mas vou pedir

para nos servirem um chá, e o senhor saberá de tudo. Para começar, dr. Watson,

moro aqui com meu irmão, Charles, e meu tio, o coronel. Afora o tio Patrick, Charles e eu não temos parentes vivos, e somos muito gratos a ele por sua generosidade, pois titio fez imensa fortuna na atividade naval logo que a Califórnia se tornou um estado. Meu irmão está começando no negócio de

fotografia, e eu sou solteira. Por esse motivo, morar com o coronel é, neste momento, uma situação bastante confortável.’

“‘O senhor precisa entender que meu tio foi um agitador na juventude e viu muitas lutas na condição de colonizador no Texas, antes que essa região fosse considerada parte dos Estados Unidos. A luta encaniçada entre os texianos, ou seja, os anglocolonizadores, e os *tejanos* tocou-o de tal forma que ele se alistou no exército do Texas sob o comando de Sam Houston e foi condecorado várias

vezes por sua bravura no campo de batalha, em especial na batalha de San Jacinto. Mais tarde, quando a Guerra de Secessão começou, meu tio foi

comandante da União e perdeu a perna durante o cerco de Petersburg. Perdoe-me

se o entedio. Pelo sotaque, me parece que o senhor não é americano nativo’, acrescentou ela com um sorriso.

“‘Sua história muito me interessa. O uniforme que ele está vestindo é do exército do Texas?’, indaguei.

“‘Sim, esse mesmo’, respondeu a moça, enquanto uma fagulha de tristeza

contraía seu belo rosto. ‘Ele tem se fantasiado desta forma com frequência cada

vez maior. Essa aflição, pois não sei como lhe dar outro nome, começou há várias semanas. Na verdade, acho que o primeiro sintoma se deu quando ele alterou seu testamento.’

“‘Como assim? Foi uma alteração significativa?’, indaguei.

“‘Charles e eu éramos os únicos beneficiários’, respondeu ela, apertando um lenço na mão. ‘Toda a fortuna dele agora será distribuída a várias instituições de caridade militares. Instituições filantrópicas que lutam pela independência do Texas e outras, da Guerra de Secessão, por exemplo. Meu tio está obcecado por guerra’, completou, engasgada, antes de esconder o rosto nas mãos.

“Eu já estava comovido com a história dela, Holmes, mas a estranheza do estado de saúde do coronel me deixou ainda mais intrigado. ‘Que outros sintomas ele apresenta?’, perguntei quando ela se recuperou.

“‘Após alterar seu testamento, meu tio começou a ter as visões mais tenebrosas no escuro. Ele afirma, dr. Watson, da forma mais veemente possível, que está sendo assombrado. Jura que viu um *tejano* assustador ameaçar um mulher com uma pistola e um chicote, e, de outra feita, testemunhou a mesma aparição massacrando um dos homens de Hudson com uma baioneta. Isso é o que o perturba tanto, pois esta manhã mesmo, ele insistiu comigo que vira um bando assassino brandindo espadas e tochas, com o mesmo *tejano* no comando.

Meu irmão acredita que, como parentes, temos o dever de ficar aqui e cuidar dele, mas confesso que, às vezes, sinto medo de meu tio. Se o abandonássemos, ele não teria mais ninguém, com exceção de seu velho criado, Sam Jefferson, que serve o coronel há muitos anos, desde a época do Texas, creio eu. Quando meu tio construiu esta casa, Jefferson se tornou mordomo-chefe.’

“A narrativa da moça foi interrompida quando a porta se abriu e o homem que vi de imediato ser seu irmão entrou. Ele tinha os mesmos olhos claros e as feições delicadas da irmã, feições que estamparam uma indagação quanto à minha presença ali.

“‘Olá, Molly. Quem é esse cavalheiro?’

“‘Ah, Charlie, foi horrível’, disse ela, chorando e correndo ao encontro do irmão.

‘O tio Patrick fugiu de casa e levou um tombo. Este é o dr. John Watson.

Foi tão prestativo e solidário que eu estava lhe contando tudo a respeito do estado de nosso tio.’

“Charles Warburton apertou de pronto minha mão.

“‘Sinto muito ter lhe criado problemas, doutor’, disse ele. ‘No entanto, como o senhor pode ver, estamos em uma enrascada. Se o tio Patrick piorar, nem quero pensar no quê…’

“Justo nesse momento um enorme barulho chegou até nós vindo da sala de refeições, seguido do som de algo se estilhaçando. Nós três corremos para o corredor e encontramos o coronel Warburton olhando em torno assustado, com os fragmentos de um vaso aos pés.

“‘Eu já deixei esta casa uma vez’, gritou ele, ‘e, com os diabos, farei isso de novo! Ela está cheia de espíritos vingativos, e vou ver vocês no inferno por me manterem preso aqui!’

“Sobrinha e sobrinho fizeram o possível para acalmar o coronel, mas ele ficou ainda mais enraivecido ao vê-los. Com efeito, estava tão agitado e violento que apenas Sam Jefferson conseguiu persuadi-lo a se deixar levar, com minha ajuda, até o quarto. Quando chegamos lá, o coronel bateu a porta na cara dos parentes.

“Por pura sorte, eu o convenci a tomar um sedativo, e quando ele desabou na cama atordoado, fiquei de pé e olhei em volta. O quarto era espartano, com as paredes praticamente nuas, no estilo simples que supus ser uma relíquia de seus dias no Texas. Já disse a você que o restante da casa também refletia seu desprezo por frivolidades. A cama ficava sob uma agradável janela aberta, e

como o quarto se situava no térreo, era possível observar o jardim. Virei as costas para ir ao encontro de meus anfitriões e, então, Sam Jefferson pigarreou atrás de mim.

"'O senhor acha que ele vai ficar bom?'

"A voz dele tinha o tom profundo e lento de um homem nascido do outro lado do Mississippi. Eu não notara antes, mas uma cicatriz espessa lhe atravessava a têmpora, o que me fez crer que ele lutara na juventude tanto quanto seu patrão.

"'Espero que sim', respondi, 'mas a família faria bem ao consultar um especialista. O coronel está à beira de um colapso nervoso. Ele era tão fantasioso assim na juventude?'

"'Não entendo direito essa coisa de fantasioso, meu senhor. Mas ele é bem supersticioso e tem mais medo de espíritos que a maioria das pessoas. Sempre teve. Mas acho que devo lhe dizer uma coisa sobre esses transes que o coronel vem tendo.'

"'Pode falar', instruí.

"'Apenas uma coisa, doutor', começou, e a voz se transformou em um sussurro. 'Na primeira vez que ele teve uma visão, achei que fosse um sonho. O sr. Patrick sempre foi mais chegado a essas coisas que eu, e não dei importância. Só que, depois do segundo transe, aquele em que viu o *tejano* esfaqueando o soldado, ele me mostrou uma coisa que não mostrou aos outros.'

"'E o que era?', perguntei.

"Jefferson foi até onde o coronel agora dormia e apontou para um rasgo no peito do velho uniforme, onde a roupa fora remendada com esmero.

“‘Quando o sr. Patrick me contou do sonho, nesse mesmo dia remendei o buraco na camisa dele. Ele achou que estava ficando maluco, e não posso dizer que podia culpá-lo. Porque o buraco está exatamente no lugar onde ele sonhou que o *tejano* esfaqueou o texiano na noite anterior. O que o senhor acha disso?’

“‘Não faço ideia do que achar’, respondi. ‘Parece-me algo muito estranho.’

“‘Então, ele teve a terceira visão’, prosseguiu Jefferson, com paciência. ‘A de ontem à noite. Diz que viu um bando de *tejanos* com tochas, vindo na direção dele como uma legião de demônios. Eu sei lá, mas tenho certeza de que, ontem de manhã, quando fui acender a lareira na biblioteca, metade de nossa lenha tinha sumido, como se em um passe de mágica. Não fiz muito caso na hora, mas isso muda tudo de figura.’”

Sherlock Holmes, que mudara de posição um número gratificante de vezes durante meu relato, esfregou as mãos avidamente antes de bater palmas uma única vez.

— Esplêndido, meu caro. Com certeza, de primeira classe. O quarto era muito espartano, você disse?

— Sim. Mesmo com tanta abastança, ele vivia como um soldado.

— Suponho que não possa me dizer o que viu do lado de fora da janela.

Hesitei e refleti da melhor forma possível.

— Não havia nada do lado de fora da janela, porque fiz questão de olhar.

Jefferson me garantiu que examinou o terreno junto à casa depois de descobrir que a lenha tinha desaparecido e não achou sinal da nenhuma presença incomum. Quando indaguei sobre um buraco estranho, ele falou que era de um

pé de lilás alto que fora derrubado nas semanas anteriores, pois estava bloqueando a luz; no entanto, isso não pode ter nenhuma ligação com o caso. Como falei, a cama ficava de frente para a parede, não para a janela.

Holmes jogou a cabeça para trás e deu uma risada curta:

— Sim, você falou, e lhe garanto que minha admiração por seu talento como investigador está crescendo. O que aconteceu depois?

— Saí da casa em seguida. Os Warburton mais jovens me pareciam ansiosos para saber o que acontecera no quarto, e eu os tranquilizei dizendo que o tio havia adormecido e que era pouco provável que tivesse outro surto naquele dia. Porém, assegurei a todos, inclusive Jefferson, que voltaria na tarde seguinte para checar o paciente.

"Ao sair, não pude deixar de reparar que outro homem vinha caminhando em direção à porta dos fundos. Muito bronzeado, tinha um bigode basto, além de cabelo preto desalinhado, e usava uma calça simples e uma camisa de linho rústico, do tipo que costumamos ver em operários mexicanos. Esse sujeito moreno não me deu atenção, mas seguiu em frente, e aproveitei a oportunidade para guardar na memória sua aparência para o caso de ele ter algo a ver com aquela situação. Não sabia o que pensar sobre o problema com assombrações do coronel nem sobre o relato bizarro feito por Jefferson da manifestação física do mesmo, mas concluí se tratar de uma coincidência suficientemente bizarra para ser registrada.

"No dia seguinte, atendi um ou dois pacientes à tarde e depois fechei o consultório e tomei um cabriolé para me levar de novo a Nob Hill. Jefferson me

recebeu à porta e me conduziu a uma espécie de biblioteca, com prateleiras repletas de volumes militares e obras históricas com títulos em letras douradas.

O coronel Warburton estava no aposento vestido com roupas civis: um terno de verão cinzento. Deu a impressão de estar confuso diante do próprio comportamento na véspera.

"'Isso é uma maldição verdadeira, não posso deixar de crer, e estou sofrendo para pôr um fim a ela', falou-me ele. 'Há momentos em que sei que não estou em meu juízo perfeito e há outros em que posso testemunhar essas visões pavorosas de forma tão clara quanto vejo seu rosto agora.'

"'Existe algo que o senhor possa me dizer para ajudar no diagnóstico?', indaguei.

"'Nada que não vá parecer que estou perdendo o juízo, dr. Watson. Depois de cada um dos vívidos pesadelos, acordei com a mesma dor de cabeça, e não posso, por mais que queira, concluir se imaginei a coisa toda ou se estou, de fato, sendo assombrado por um dos homens que matei durante a guerra no Texas. As coisas eram um bocado confusas então. Sem dúvida alguma me enganei quanto a um ou mais *tejanos*. O massacre era tão grande naquela época que nenhum homem podia se dar ao luxo de saber se estava sempre agindo da forma correta.'

"'Não sou especialista em distúrbios mentais', avisei, 'embora esteja disposto a fazer tudo que me for possível pelo senhor. Contudo, acho melhor consultar um especialista se os sintomas persistirem ou piorarem. O senhor me permite, no entanto, fazer uma pergunta aparentemente sem relação com os acontecimentos?'

“‘Claro que sim.’

“‘O senhor tem como empregado algum mexicano ou acaso algum de seus criados ou jardineiros contrata operários mexicanos vez ou outra?’

“O coronel se mostrou confuso ante a pergunta.

“‘Não tenho hispânico algum em minha folha de pagamento. E quando meus funcionários precisam de mão de obra adicional, quase sempre contratam chineses, que são rápidos e honestos, além de baratos. Por que o senhor pergunta?’

“Eu o convenci de que a pergunta havia sido puramente clínica, parabenizei-o pela recuperação e me dirigi ao corredor que levava à entrada da casa, remoendo várias novas ideias na cabeça. Jefferson apareceu para abrir a porta para mim, me entregando o chapéu e a bengala.

“‘Onde estão os outros membros da família hoje?’, perguntei.

“‘A srta. Molly saiu para fazer visitas, e o sr. Charles está trabalhando em seu quarto escuro’, respondeu o criado.

“‘Jefferson, vi um sujeito muito misterioso ontem, quando estava saindo daqui. Você sabe se algum homem de origem mexicana ou chilena já foi contratado pelo jardineiro?’

“Posso jurar a você, Holmes, que um brilho estranho perpassou os olhos do homem quando ouviu a pergunta, mas a resposta dele foi uma mera negativa com a cabeça.

“‘Dr. Watson, ninguém aqui contrata outra pessoa sem meu conhecimento. E ninguém assim andou por aqui pedindo emprego nos últimos seis meses ou

mais.’

“‘Fiquei apenas curioso para saber se a visão de um homem do tipo poderia ter perturbado o coronel’, expliquei. ‘Entretanto, como sabe, ele está bem melhor

hoje. Não me sinto perto de encontrar a causa do problema, mas espero que, se

algo novo ocorrer ou se você tiver qualquer dúvida, não hesite em entrar em contato comigo’, falei.

“‘Esses surtos vêm e vão, dr. Watson’, disse Jefferson, ‘mas se eu descobrir alguma coisa, com certeza falarei com o senhor.’

“Quando saí da casa, apertei o passo, porque achei que seria bom descer o morro ao cair da noite. No entanto, assim que comecei minha descida e o vento

do oeste começou a soprar mais forte, vi, a menos de vinte metros de distância, o

operário de pele bronzeada que passara por mim na véspera, vestido da mesma

forma, nitidamente tendo saído de algum lugar da residência dos Warburton momentos antes. A mera visão do sujeito acelerou meu pulso. Eu ainda não conhecia você, Holmes, razão pela qual nada sabia a respeito do ofício de detetive, mas o instinto me disse para segui-lo, a fim de descobrir se o coronel

estava sendo vítima de alguma conspiração maligna.”

— Você o seguiu? — interveio Holmes, com uma expressão de espanto. —

Com que finalidade?

— Senti que não me restava alternativa. O paralelo entre a presença daquele

homem e os pesadelos do coronel Warburton precisava ser explicado.

— Sempre um homem de ação — comentou meu amigo, assentindo com a

cabeça. — Até onde o seguiu?

— Quando ele chegou à Broadway, onde o terreno fica plano e as mansões dão lugar a mercearias, açougues e tabacarias, ele parou para pegar um bonde.

Por pura sorte, chamei um cabriolé que passava e mandei o condutor seguir o bonde até eu lhe mandar parar.

“Minha perseguição durou até o cais, onde ele desceu do bonde. Rapidamente paguei o condutor e saí atrás do sujeito em direção ao Telegraph Hill. Na época da Corrida do Ouro, esse morro, que faceia o Pacífico, foi um acampamento de chilenos e peruanos. Essa colônia se misturava com a mais vil escória do leste: Sydney-Town, onde os presos australianos fugitivos e condenados sob condicional administravam os piores estabelecimentos imagináveis. Consta nos registros históricos que o bar Fierce Grizzly tinha um urso vivo acorrentado do lado de fora da porta.”

— Já ouvi falar dessas cercanias — declarou Holmes com entusiasmo. — O local ficou conhecido como Barbary Coast, não é? Confesso que me agradaria tê-lo visto em seu apogeu, embora aqui em Londres existam várias ruas que posso visitar caso queira colocar minha vida em risco. Você não encontrou nenhuma fera selvagem, encontrou?

— Não no sentido estrito, mas em apenas dez minutos, me vi passando por botequins capazes de se rivalizar com St. Giles no quesito depravação. A iluminação a gás era parca, e baderneiros saíam cambaleando de um covil de ladrões para o outro, perdendo o dinheiro que tinham em apostas ou bebendo do copo errado para acabar inconscientes na sarjeta na manhã seguinte sem um tostão no bolso.

“A certa altura, achei que perdera o sujeito de vista, pois uma carroça se intrometeu entre nós, e, na mesma hora, ele se esgueirou para dentro de uma dessas espeluncas. Logo me dei conta, porém, do lugar onde ele estava e, após uma breve hesitação, também entrei.

“A iluminação vinha de velas de sebo baratas e de velhos lampiões de

querosene com quebra-luzes roxos. Sem perder tempo, abordei o homem e pedi para falar com ele

“O sujeito me olhou calado, os olhos entrefechados. Por fim, fez sinal ao atendente no balcão e pediu um segundo drinque, entregando-me um pequeno copo de uma bebida transparente. Agradeci, mas o homem continuou mudo.

“‘Você fala inglês?’, indaguei, afinal.

“Ele riu e, com um movimento ágil do punho, bebeu de um gole só sua bebida e pousou o copo vazio no bar.

“‘Falo inglês tão bem quanto o *señor*. Meu nome é Juan Portillo. O que quer comigo?’

“‘Quero saber por que visitou a mansão Warburton ontem e hoje de tarde’, respondi.

“O sorriso dele se ampliou ainda mais.

“‘Ah, agora entendi. O senhor me seguiu?’

“‘Acontecimentos suspeitos ocorreram naquela casa, coisas que tenho motivos para crer que podem lhe dizer respeito’, esclareci.

“‘Não estou a par de nada suspeito. Fui contratado para fazer um trabalho e ficar calado. Por isso estou calado.’

“‘Preciso avisar ao senhor que, se tentar prejudicar o coronel de alguma maneira, terá de prestar satisfações a mim’, alertei-o.

“Ele assentiu friamente, ainda sorrindo.

“‘Termine sua bebida, *señor*. Depois, vou lhe mostrar uma coisa.’

“Eu vira o dono do estabelecimento me servir da mesma garrafa de onde viera

a bebida do homem, logo não podia me recusar a beber. A bebida era forte como gim, porém mais quente, e causava uma queimação na garganta. Eu mal tinha terminado quando Portillo tirou de um bolso escondido uma faca muito comprida com o cabo de madrepérola.

"'Nunca fiz mal ao coronel. Aliás, nem mesmo vi o sujeito. Mas vou lhe contar uma coisa, de qualquer forma. Os homens que me seguem têm de dar satisfações a isto aqui', falou, erguendo a faca.

"Então, ele grunhiu alguma coisa em espanhol. Três homens que estavam sentados em torno de uma mesa redonda a uma boa distância de nós se levantaram e vieram em nossa direção. Dois tinham pistolas no cinto e um carregava um porrete. Eu avaliava se seria preferível dar conta da situação com a faca que carregava comigo ou tentar uma fuga, quando um dos sujeitos parou de repente.

"' *Es el Doctor!* Dr. Watson, não?', indagou animado.

"Passado um momento de espanto, reconheci um paciente de que tratara há menos de duas semanas, mesmo sabendo que ele não tinha como me pagar, um homem que sofrera um rasgão enorme na perna durante uma briga no cais e que fora carregado pelos amigos até o médico mais próximo. Ele ficou felicíssimo ao me ver e de seus lábios saiu uma torrente de palavras em espanhol. Em menos de dois minutos, o sujeito gesticulou com orgulho mostrando o ferimento e apontando para mim, totalmente esquecido da disputa de Portillo. Não abusei da sorte, mas partilhei outro copo daquela substância abominável com o grupo e me

despedi. O olhar fixo de Portillo me seguiu até eu sair do bar e partir a toda em direção à Front Street.

“No dia seguinte, decidi relatar a presença de Portillo ao coronel, já que, embora sem entender muito bem, eu agora o via como um personagem ainda mais sinistro. Para minha decepção, porém, encontrei a casa no maior alvoroço.”

— Não estou surpreso — disse Holmes, assentindo. — O que tinha acontecido?

— Sam Jefferson fora acusado de arrombar o quarto escuro de Charles Warburton com a intenção de roubar seu aparato fotográfico. A criada que me abriu a porta mal conseguia raciocinar em meio às lágrimas, e ouvi cruéis vituperações mesmo antes de entrar na casa. Aparentemente, ou assim ouvi da criada em seu estado de quase histeria, Charles já despedira Jefferson, mas o coronel se enfurecera porque o sobrinho agira sem a aprovação dele, com ou sem roubo, e no exato momento em que bati à porta, os dois travavam uma violenta briga. De onde eu estava, era possível ouvir o coronel Warburton gritando para que Jefferson fosse chamado de volta e Charles retrucando aos berros que já sofrera indignidades suficientes para uma vida inteira naquela casa. Vamos lá, Holmes, admita que esta é uma história ímpar — acrescentei, incapaz de me conter, pois o rubor no rosto de meu amigo me dizia precisamente o quanto ele estava interessado.

— Essa não é a palavra ideal — disse Holmes. — Ainda não ouvi tudo, mas houve casos em Lisboa e Salisburgo ao longo dos últimos cinquenta anos que talvez tenham algumas semelhanças. Por favor, termine sua história. Você foi embora, é claro, pois que cavalheiro não iria em tais circunstâncias, e voltou no dia seguinte para falar com o coronel.

— Na verdade, não falei com o coronel.

— Não? Sua curiosidade natural não o obrigou a isso?

— Quando cheguei à casa na manhã seguinte, tanto o coronel Warburton quanto Sam Jefferson haviam desaparecido.

Eu esperava que essa revelação fosse cair como um raio, mas sofri uma grande decepção.

— Ah — disse Holmes, com uma sugestão de sorriso. — Tinham desaparecido?

— Molly e Charles Warburton pareciam desesperados de preocupação. O cofre fora aberto, e vários títulos e ações, sem falar em dinheiro, sumiram. Como não se via sinal de arrombamento, ambos concluíram que o tio havia sido obrigado ou convencido a fornecer o segredo.

“Um grupo de busca foi montado na mesma hora, é claro, e as descrições de Warburton e Jefferson distribuídas, mas em vão. O coronel louco e seu criado, quer juntos, quer separados, de forma voluntária ou não, saíram da cidade sem deixar uma única pista. Mediante meu testemunho, a polícia levou Portillo para um interrogatório, mas o suspeito forneceu um álibi conclusivo e não pôde ser denunciado. Assim, a obsessão do coronel Warburton com a guerra, bem como as misteriosas intenções de seu criado, permanece até hoje sem explicação.

Então, percebendo que Holmes estava agora sentado na beira da poltrona, completamente envolvido no caso, perguntei triunfante:

— O que acha disso tudo?

— Acho que Sam Jefferson, independentemente de suas nobres intenções,

meu amigo, é o herói da história.

— Como assim? — indaguei, incrédulo. — Sem dúvida, o incidente do quarto escuro o põe em uma posição suspeita. Tudo que sabemos é que ele desapareceu, provavelmente com o coronel, e o boato em São Francisco era de que os dois haviam sido sequestrados pelo fantasma *tejano* que se apossara da casa. Isso é tolice, claro, mas mesmo agora, não consigo imaginar para onde os dois foram nem por quê.

— É impossível saber para onde os dois foram — retrucou Holmes, os olhos cinzentos brilhando —, mas com certeza posso lhe dizer por quê.

— Santo Deus, você solucionou o caso? — indaguei, eufórico. — Não pode estar falando sério. Queimei meus miolos tentando todos esses anos e não cheguei a conclusão alguma. Que diabos aconteceu?

— Antes de mais nada, Watson, acho que preciso poupá-lo de cometer um equívoco. Creio que Molly e Charles Warburton foram os autores de uma conspiração nefasta e sutil, que, se não fosse por você e Sam Jefferson, poderia ter sido bem-sucedida.

— Como sabe disso?

— Porque você mesmo me contou, meu caro, e fez um excelente trabalho ao me manter informado. Pergunte a si mesmo quando a doença mental do coronel teve início. Quais foram os primeiros sintomas?

— Ele alterou o testamento.

— Esse é, você há de concordar, um ponto de partida bastante revelador. Tão revelador que precisamos lhe dar a mais profunda atenção. — Holmes ficou de

pé em um salto e começou a andar para lá e para cá como um matemático explicando um teorema. — Ora, existe um punhado de decisões, criminosas ou não, que podem ser tomadas quando se é deserdado. Falsificação é uma opção viável, e a mais comum. Homicídio está fora de questão, a menos que a vítima ainda não tenha assinado o novo testamento. Os Warburton optaram por um esquema tão engenhoso quanto raro: decidiram provar que um homem são estava louco.

— Mas, Holmes, isso seria quase impossível!

— Admito que a sorte sem dúvida estava do lado dos sobrinhos. O coronel já sofria com uma preocupação ilógica com o sobrenatural. Além disso, não havia nenhum tipo de ornamento em seu quarto, e o jovem Charles Warburton era especialista em técnica fotográfica.

— Meu amigo, você sabe que tenho o maior respeito por seus talentos notáveis, mas não consegui entender uma só palavra do que acabou de dizer — confessei.

— Serei mais claro, então — disse Holmes, rindo. — Temos algum motivo para achar que Jefferson mentiu quando contou a você sobre as manifestações terrenas do fantasma?

— Ele podia estar falando sobre qualquer coisa. Pode ter, ele próprio, feito o rasgo na roupa e roubado a lenha.

— Concordo. Contudo, foi apenas depois que você o informou da presença de Portillo que ele arrombou o estúdio fotográfico.

— Você vê alguma ligação entre Portillo e as fotografias de Charles

Warburton?

— Sem dúvida, bem como uma ligação entre as fotografias, a parede nua e o pé de lilás arrancado.

— Holmes, isso nem mesmo…

Parei de repente, quando uma ideia tomou forma em minha cabeça. Enfim, após tantos anos, eu começava a entender.

— Você está falando de uma lanterna mágica — disse, devagar. — Minha nossa, como fui cego.

— Você foi incrivelmente astuto, meu bom homem, pois registrou todos os detalhes essenciais. Na verdade, acredito que possa assumir a partir deste ponto — acrescentou Holmes, com uma delicadeza maior que a habitual.

— O coronel deserdou os sobrinhos, possivelmente porque abominava a natureza mercenária de ambos, para favorecer instituições filantrópicas militares — sugeri, hesitante. — Em um laivo de brilhantismo, os dois resolveram fazer parecer que guerra se tornara uma obsessão para o homem e que não se podia permitir que ele menosprezasse a própria família. Charles contratou Juan Portillo para aparecer em uma série de fotografias como se fosse um soldado *tejano* e prometeu recompensá-lo se ele mantivesse isso em segredo. O sobrinho revelou as imagens em forma de slides de vidro, que projetava por meio de uma lanterna mágica do lado de fora da janela tarde da noite. A vítima ficava tão aterrorizada pela aparição na parede que jamais pensou em procurar a fonte da luz às costas.

A primeira foto, ameaçando a mulher branca, provavelmente contou com Molly Warburton como protagonista. Quanto à segunda…

— Aquela da faca cravada no peito do texiano. Os sobrinhos provavelmente pegaram uma velha farda do coronel e a colocaram em um manequim. A lenha despareceu quando um grupo de homens se juntou no gramado, para se fingir de rebeldes com tochas. O lilás, é claro…

— Atrapalhava o aparato necessário para a lanterna mágica funcionar — falei.

— O que poderia ser mais simples?

— E as dores de cabeça que o coronel sentia depois? — perguntou meu amigo, provocando-me.

— Era bem capaz de ser um efeito colateral de um derivado de ópio ou narcótico que a família botava na comida a fim de amplificar a experiência das visões que ele teria no quarto.

— E Sam Jefferson?

— Um oponente bastante menosprezado que via como eram os jovens Warburton de verdade e mantinha uma vigilância cerrada. A única coisa que ele fez de errado foi flagrar as chapas no estúdio de Charles Warburton para usar como prova derradeira. Quando o despediram, ele contou ao coronel tudo o que sabia e eles…

— Jamais foram vistos de novo — concluiu Holmes com um floreio poético.

— Com efeito, foi a vingança perfeita — comentei, rindo. — O coronel

Warburton não tinha o menor interesse pela própria fortuna e retirou do cofre mais que o necessário para sua sobrevivência. E afinal, quando foi enfim declarado morto, seu patrimônio foi distribuído conforme seu desejo.

— Sim, vários acontecimentos afortunados ocorreram. Fico grato, como confesso ter ficado em outras ocasiões, por você ser um sujeito acima de tudo correto, meu caro doutor.

— Não entendi — retruquei, confuso.

— Eu vejo o mundo em termos de causa e efeito. Se você não fosse o tipo de homem disposto a tratar de um patife ferido em uma briga de faca, é possível que hoje não tivesse a oportunidade de me contar essa história.

— Não foi tão simples assim — murmurei, bastante desconcertado —, mas obrigado…

— E que história admirável é essa! Sabe, Watson — disse Holmes, apagando o cachimbo —, de tudo que já ouvi falar dos Estados Unidos, deduzo que o país deva ser terreno bastante fértil para homens de fibra. O lugar ocupa um espaço quase mítico na imaginação da maioria dos ingleses. Eu mesmo quase nunca encontrei um americano, com ou sem noção ética, que não tivesse certa audácia mental.

— É a natureza pioneira deles, suponho. Ainda assim, não consigo deixar de achar que você é mais que páreo para qualquer indivíduo, seja americano ou não — garanti a ele.

— Eu sequer pensaria em contradizê-lo, mas aquele território enorme ostenta mais que um quinhão razoável de crimes, bem como de imaginação, e, por esse motivo, merece algum respeito. Não desconheço totalmente o criminoso

americano — disse Holmes com um sorriso.

— Eu adoraria ouvi-lo discorrer sobre o assunto — falei, com um olhar melancólico para meu caderno de notas e minha caneta.

— Em outra hora, talvez. — Meu amigo fez uma pausa, os dedos longos acompanhando o movimento descendente das gotas de chuva, enquanto contemplava a rua pela janela da sala, os olhos brilhando mais que a calçada ensopada lá embaixo. — Talvez um dia nós dois encontremos uma oportunidade para nos testar em solo americano — disse ele, erguendo de forma abrupta o olhar para mim. — Gostaria de ter conhecido Sam Jefferson, por exemplo. Sem dúvida, ele tinha talento.

— Talentoso ou não, ele estava lá para testemunhar os acontecimentos; você solucionou o caso com base em um relato de segunda mão feito por um homem que, na época, sequer ouvira falar da ciência da dedução.

— Existem pouquíssimos crimes neste mundo, Watson. Apenas cerca de cem milhões de variações — disse ele, dando de ombros. — Foi um probleminha cativante, no entanto, ainda que de forma alguma inédito. O uso da lanterna mágica, embora eu jamais possa prová-lo, foi alguma fonte de inspiração. Agora — falou, indo em direção ao violino e tomando-o nas mãos —, se fizer a gentileza de providenciar o conhaque e os charutos que mencionou mais cedo, mostrarei minha gratidão entretendo-o com minha música. Você mudou de opinião quanto a meu apreço por Kreutzer, não? Ótimo. Agradeço por ter trazido à minha atenção um caso tão interessante; não perderei meu tempo informando a meu irmão que o solucionei sem mexer nem sequer um músculo. E agora, amigo

Watson, continuemos a tentar animar esta tarde pavorosa.

O espectro da abadia de Tullyfane

PETER TREMAYNE

Ao combinar seus temas literários prediletos — mistério, terror e história —,

Peter Berresford Ellis (1943-) desfrutou de grande sucesso no mundo todo

seguindo essa fórmula. Nascido em Coventry, Warwickshire, em uma família

que reside neste lugar desde os idos de 1288, Ellis, que publicou a maior parte de

sua obra sob o pseudônimo de Peter Tremayne, seguiu os passos do pai e se tornou jornalista. Seu primeiro livro foi *Wales — A Nation Again: The Nationaist Struggle for*, de 1968, uma história da luta galesa pela independência, seguido por títulos populares em estudos celtas; na condição de autoridade em história celta, tem 34 livros de não ficção publicados. Serviu como Presidente

Internacional da Liga Celta (1988-1990) e é Presidente Vitalício honorário da Sociedade Escocesa 1820 e Membro Vitalício honorário da Sociedade Literária

Irlandesa.

É autor de quase cem livros, um número similar de contos e vários folhetos acadêmicos. Sob o pseudônimo Tremayne, publicou 23 romances que figuraram

internacionalmente nas listas de mais vendidos sobre a freira-detetive irlandesa do século VII, a irmã Fidelma, com mais de três milhões de exemplares

impressos. Como Peter MacAlan, escreveu oito thrillers (1983-1993). No campo

do terror, foram mais de 24 romances, a maioria inspirada em mitos e lendas celtas, incluídos aí *Dracula Unborn* (1977), *The Revenge of Dracula* (1978) e *Dracula, My Love* (1980).

“O espectro da abadia de Tullyfane” foi publicado pela primeira vez em

Villains Victorious, editado por Martin H. Greenberg e John Helfers (Nova York, DAW, 2001).

O ESPECTRO DA ABADIA

DE TULLYFANE

Peter Tremayne

Em algum lugar nos cofres do banco Cox & Co, em Charing Cross, está uma mala diplomática de metal desgastada pelo uso em viagens com meu nome, John H. Watson, médico do Exército da Índia Britânica, pintado na tampa. Ela está cheia de papéis, quase todos contendo registros de casos para ilustrar os problemas curiosos que o sr. Sherlock Holmes precisou enfrentar em diversas ocasiões.

— "A ponte Thor", Arthur Conan Doyle

Este é um desses documentos. Preciso confessar que em poucas ocasiões vi

meu estimado amigo, Sherlock Holmes, o famoso detetive, em um estado de

tamanha agitação. Ele costuma ser tão desligado que a palavra *calma* não parece apropriada para descrever sua atitude geral. Ainda assim, eu o visitei certa noite

para pedir sua opinião quanto ao esboço de um relato que eu fizera de um de seus casos, ao qual dei o título de "A ponte Thor".

Para minha surpresa, encontrei-o sentado na poltrona com a expressão tensa, o

cachimbo apagado, seus dedos longos e pálidos apertando com força as páginas

de meu manuscrito e as sobrancelhas franzidas em desaprovação.

— Francamente, Watson! — saudou-me ele de forma ríspida assim que entrei.

— Acaso precisa me expor ao ridículo dessa maneira?

Fiquei, admito, um tanto atordoado diante dessa acolhida atípica.

— Na verdade, acho que sua imagem saiu preservada da história, Holmes —

retruquei, defendendo-me. — Afinal, ajudou uma mulher notável, como você

mesmo observou, enquanto, no que tange ao sr. Gibson, creio que tenha

aprendido uma lição…

Ele me interrompeu:

— Cale-se! Não estou falando do caso de Grace Dunbar, que, já que o

mencionou, não foi tão glamoroso quanto sua pena imaginativa faz crer. Não, Watson, não! Aqui está — falou, brandindo as páginas diante de mim —, aqui em seu desajeitado preâmbulo. Você fala de meus casos não resolvidos como se

fossem fracassos. Eu apenas os dividi de passagem, e agora você declara a mim

e aos leitores da *Strand Magazine* que os anotou e os depositou naquela abominável maleta de metal guardada no banco Cox.

— Não achei que você teria motivos para objeção, meu caro — retorqui com

certa vergonha.

Ele acenou com uma de suas mãos como se fosse indiferente a meus

sentimentos

— Minha objeção é contra a forma como você revela esses casos! — disse ele, cravando os olhos míopes em meu manuscrito. — Leio aqui e recito:

“Alguns casos, e não os menos interessantes, foram fracassos absolutos, e, como

tal, não merecem ser narrados, já que não haverá uma explicação definitiva para

eles. Um problema sem solução pode interessar a um estudante, mas facilmente

deixará o leitor comum entediado. Entre esses relatos inacabados figura o do sr.

James Philimore, que, voltando à própria casa para pegar seu guarda-chuva, nunca mais foi visto.” Aí está! — concluiu ele, me lançando um olhar furioso.

— Mas Holmes, essa é precisamente a questão, conforme você me disse.

Onde foi que cometi um erro?

— O erro é fazer a declaração. Ela é incompleta. Não foi contextualizada. O caso de James Phillimore, que era coronel, por sinal, aconteceu quando eu era jovem. Tinha acabado de completar meu segundo semestre em Oxford. Foi a primeira vez que cruzei meu caminho, por assim dizer, com o homem que viria a me causar tanto tormento mais tarde em minha carreira… o professor Moriarty.

Fiquei surpreso com a informação, pois Holmes sempre era demasiado reticente com relação a seus embates com James Moriarty, aquela sinistra figura a quem meu amigo parecia ao mesmo tempo desprezar como criminoso e considerar um intelectual.

— Eu não sabia disso, Holmes.

— E também não ouviria mais nada sobre o assunto, mas acho que você poupou uma referência a esse acontecimento singular em que Moriarty levou a melhor sobre mim.

— Você foi superado por Moriarty? — Naquele momento, fiquei intrigado.

— Não pareça tão surpreso, Watson — retrucou Holmes —, até os vilões podem se sair vitoriosos vez ou outra. — Dito isso, ele fez uma pausa antes de acrescentar baixinho: — Sobretudo quando vilões como Moriarty usam o poder das trevas em seus desígnios nefastos.

Comecei a rir, sabendo que Holmes abominava o sobrenatural. Recordo-me de sua catarse quando recebemos a carta de Morrison, Morrison & Dodd que nos levou a “O vampiro de Sussex”. Porém, meu riso morreu na garganta quando

notei a expressão macabra que perpassou o semblante de Holmes. Ele olhava fixo para as labaredas dançantes do fogo como se recordasse da ocasião.

— Não estou gracejando, Watson. Naquelas circunstâncias, Moriarty empregou as forças das trevas para alcançar seu fim maléfico. Sobre isso não há dúvida. Foi a única vez que fracassei, total e deploravelmente. Fracassei em impedir uma tragédia terrível, cuja lembrança há de me acompanhar até o túmulo.

Holmes deu um suspiro profundo e depois pareceu notar pela primeira vez que o cachimbo estava apagado e estendeu a mão para pegar os fósforos.

— Sirva dois copos daquele decantador com um Hennessy excelente ali na mesa e sente-se também. Tendo chegado a este ponto em minha confissão, o melhor é terminar a história para o caso de sua imaginação resolver embelezar o pouco que já sabe.

— Ora, Holmes… — falei em protesto, mas ele prosseguiu, ignorando minhas palavras.

— Eu lhe peço que apenas prometa jamais revelar esta história até que a argila da qual fui feito tenha se misturado à terra da qual brotei.

Se existe um preâmbulo para esta história, trata-se de um que eu já conhecia e sobre o qual fiz um breve relato nas memórias que intitulei “O tumulto no clube da Kildare Street”. Holmes é da família Holmes de Galway. Como o irmão, Mycroft, frequentara o Trinity College, em Dublin, onde ganhara, no mesmo ano em que seu amigo Oscar Wilde, uma bolsa parcial para continuar os estudos em Oxford. Creio que o nome Sherlock tenha origem materna, já que a mãe

pertencia a outra abastada família anglo-irlandesa. Holmes sempre foi reticente quanto a seu passado, embora as pistas que indicam sua origem irlandesa sejam óbvias para a maioria das pessoas esclarecidas. Um de seus disfarces frequentes era assumir o nome Altamont quando fingia ser irlandês-americano. Altamont era o berço de sua família, próximo a Ballysherlock.

De posse desse conhecimento, sentei-me com um cálice do conhaque e o ouvi contar uma história das mais peculiares e assustadoras. Incluo-a aqui precisamente da forma que ele a narrou para mim.

“Tendo completado meu primeiro semestre em Oxford, voltei a Dublin para me hospedar com meu irmão Mycroft na casa dele, na Merrion Square. Porém, me vi um tanto desocupado. Havia certo pânico no setor fiscal da secretaria em que Mycroft trabalhava. Isso o impediu de encontrar tempo para me acompanhar em uma pescaria, conforme havíamos planejado. Assim, fui convencido a acompanhar Abraham Stoker, que frequentou o Trinity College no mesmo ano que Mycroft, ao Royal Theatre. Abraham, ou Bram, como preferia ser chamado, também era amigo íntimo de sir William e lady Wilde, que moravam do outro lado da praça, e com cujo filho mais moço, Oscar, eu estudava na época em Oxford.

“Bram era um sujeito ambicioso que não apenas trabalhava com Mycroft no castelo de Dublin, como também escrevia críticas teatrais nas horas vagas e, à noite, editava o *Dublin Halfpenny Press*, um jornal que tinha acabado de lançar. Vinha tentando me persuadir a escrever sobre os famosos assassinatos de Dublin para esse periódico, mas, como não me ofereceu remuneração alguma, recusei de maneira delicada.

“Estávamos no salão do teatro quando Bram, um gigante ruivo amistoso e animado, acenou para alguém por sobre as cabeças da multidão. Um jovem magro e pálido surgiu para ter a mão calorosamente apertada. Era um rapaz da mesma idade que eu e bem conhecido por mim: chamava-se Jack Phillimore. Ele também havia estudado no Trinity College. Meu coração disparou e busquei na multidão um rosto feminino familiar, que, confesso, me era extremamente caro. Porém, Phillimore estava sozinho. Sua irmã Agnes não o acompanhara ao teatro.

“Na presença de Bram, passamos a trocar amenidades sobre nossa *alma mater*. Percebi que a atenção de Phillimore não se dirigia à conversa, assim como, para ser honesto, nem a minha. Eu estava impaciente para indagar sobre a irmã dele. Ah, deixe que a verdade seja conhecida, Watson, mas somente depois que eu partir deste mundo.

“Era amor, meu caro. Amor! Creio que você já percebeu que todas as emoções, e essa em especial, são terríveis para minha mente. Isso é verdade, e desde que amadureci o bastante para entender esse fato, passei a considerar o amor como o oposto da razão nua e crua que ponho acima de todas as coisas. Nunca me casei para não influenciar meu julgamento. Ainda assim, essa não foi sempre minha intenção, e justo esse fato foi o que levou a meu deslize, provocando a tragédia que estou prestes a relatar. Ah, Watson, se ao menos… Mas com conjecturas poderíamos fazer qualquer coisa impossível.

“Quando jovem, fui profundamente apaixonado por Agnes Phillimore, que era apenas um ano mais velha que eu. Quando Jack Phillimore e eu cursávamos nosso primeiro ano no Trinity College, era meu costume frequentar a casa da família, próxima a Stephen’s Green. Confesso que não era a companhia de Jack

que me aprazia então, mas a de Agnes.

“Na maturidade, consegui passar a admirar *a* mulher, como você insiste em chamar Irene Adler, mas admiração não é a mesma coisa que o poder emocional profundo e destrutivo que denominamos amor.

“Foi no momento em que Bram notou alguém do outro lado do salão com quem precisava falar que Phillimore aproveitou a oportunidade para indagar de repente o que eu andava fazendo em termos de lazer. Ouvindo que eu não tinha compromissos importantes, ele me sugeriu acompanhá-lo à propriedade do pai, em Kerry, para passar alguns dias lá. O coronel James Phillimore era dono de uma enorme casa naquele remoto condado. Phillimore disse que iria para lá a fim de comemorar o cinquentenário do pai. Achei, no momento, que ele dera uma ênfase especial ao fato.

“Então, consegui perguntar, de forma casual, se Agnes estaria em Dublin ou em Kerry. Phillimore, é claro, como a maioria dos irmãos, não percebia que a irmã exercia atração sobre o sexo masculino, quanto menos sobre um de seus amigos. Ele comentou com indiferença:

“— Certamente, ela está em Tullyfane, Holmes, preparando-se para seu casamento no mês que vem.

“Seu olhar foi desviado para um homem que abria caminho no salão, o que o impediu de registrar o efeito que tal informação causou em mim.

“— Casamento? — perguntei, quase sufocado. — Com quem?

“— Um professor, veja só! Um homem arrogante chamado Moriarty.

“— Moriarty? — repeti, pois o nome pouco significava para mim naquele contexto. Era apenas conhecido por mim como um nome comum no condado de

Kerry, uma anglicização do nome irlandês Ó Muircheartaigh, que significa “navegador experiente”.

“— Ele é nosso vizinho, está encantado por minha irmã e parece que já está tudo acertado para se casarem no mês que vem. É um sujeitinho inteligente. Tem boa instrução e uma cátedra de matemática na Queen’s University, em Belfast.

“— Professor James Moriarty — murmurei com selvageria. A notícia das intenções de Agnes ouvida de Phillimore destruíra minhas ilusões.

“— Você o conhece? — indagou Jack, notando meu desprazer. — Ele é um bom homem, não? Quero dizer… não é um salafrário, certo?

“— Eu o vi apenas uma vez, e mesmo assim de longe, no Kildare Street Club — confessei. Nada tinha contra Moriarty na época. — Meu irmão Mycroft me mostrou quem era. Não fomos apresentados. Contudo, estou a par de sua reputação. Sua obra, *A dinâmica de um asteroide,* alcançou tal altura na esfera da matemática pura que nenhum homem na imprensa científica foi capaz de criticá-la.

“Phillimore estalou a língua:

“— Isso está além de meus conhecimentos. Graças a Deus sou um mero estudante de teologia. Contudo, percebo que você o admira.

“— Admiro o intelecto dele, Phillimore — retruquei, com simplicidade. Moriarty, pelo que me constava, devia ser dez anos mais velho que Agnes. O que são dez anos em nossa idade? Porém, para mim, um jovem imaturo, a diferença de idade existente entre Agnes e James Moriarty pareceu obscena. Explico isso

tão somente porque minha atitude tem relação com a postura que assumi depois.

“— Então venha comigo para a abadia Tullyfane — insistiu Phillimore, alheio ao turbilhão emocional que criara em mim.

“Eu estava prestes a declinar do convite quando ele, notando minha expressão negativa, ficou, de repente, muito sério. Aproximou-se mais e disse baixinho:

“— Veja, Holmes, meu velho companheiro, estamos tendo cada vez mais problemas com o fantasma da família, e, se bem me lembro, você tem um jeito astuto para solucionar problemas bizarros.

“Eu conhecia o suficiente da natureza de Phillimore para saber que gracejar daquela maneira estava além de sua capacidade.

“— O fantasma da família?

“— Um maldito espectro infernal que está abalando o juízo de meu pai. Sem falar no de Agnes.

“— Seu pai e sua irmã estão com medo de um fantasma?

“— Agnes está assustada com a deterioração do comportamento de meu pai. Para ser sincero, Holmes, eu realmente não sei o que fazer. As cartas de minha irmã mencionam um leque tão bizarro de circunstâncias que sou levado a acreditar que ela esteja alucinando ou que meu pai já tenha enlouquecido.

“Minha tendência era evitar abrir velhas feridas agora me encontrando de novo com Agnes. Eu podia passar o restante das férias na biblioteca Marsh, onde há um excelente acervo de criptogramas medievais manuscritos. Porém, hesitei

— hesitei e sucumbi. Tive de admitir que estava curioso para ouvir mais sobre o assunto, a despeito de minha inquietação emocional, pois qualquer mistério ativa a adrenalina em meu corpo.

"Na manhã seguinte, acompanhei Jack Phillimore até a estação ferroviária de Kingsbridge e embarcamos no trem para Killarney. No caminho, ele me explicou alguns dos problemas.

"— Em teoria, a abadia Tullyfane é amaldiçoada. Fica no extremo da península de Iveragh em um local inóspito e deserto. A abadia Tullyfane nunca foi, claro, uma abadia. Era uma altiva casa de campo georgiana. A elite anglo-irlandesa no século XVIII tinha apreço pelo que fosse grandioso e chamava suas casas de *abadias* ou *castelos*, mesmo quando não passavam de residências modestas habitadas por famílias de parca fortuna.

"Phillimore me disse que o primogênito de todas as gerações dos senhores de Tullyfane estava fadado a encontrar uma morte terrível ao completar cinquenta anos, até a sétima geração. Aparentemente, o primeiro senhor de Tullyfane enforcara um garoto por ter roubado cabras. Entretanto, a criança era inocente, e a mãe, uma viúva que fizera tudo pelo filho, a fim de ter alguma segurança na velhice, lançara a maldição. Desde então, todos os senhores de Tullyfane, nas últimas seis gerações, haviam tido morte prematura.

"O rapaz me garantiu que o primeiro senhor de Tullyfane nem sequer era seu ancestral direto, mas que o bisavô comprara a abadia Tullyfane quando o proprietário, preocupado com a expectativa iminente de partir desta vida em seu quinquagésimo aniversário, resolvera vendê-la e se mudar para climas mais

amenos na Inglaterra. Essa artimanha do proprietário não impediu que o bisavô

de Jack, o general Phillimore, caísse de seu cavalo e quebrasse o pescoço no quinquagésimo aniversário. O pai de Jack, um temível juiz, levou um tiro em seu

aniversário de cinquenta anos. O inspetor de polícia local atribuíra essa morte prematura mais à profissão da vítima do que a causas paranormais. Juízes e policiais com frequência ficavam sujeitos a términos repentinos de suas carreiras

em um país onde eram considerados pelos cidadãos comuns como parte da

ocupação colonial.

“— Presumo que seu pai, o coronel James Phillimore, esteja próximo do

cinquentenário, daí o alarme dele, certo? — perguntei a Phillimore enquanto o trem atravessava a zona de Tipperary em direção à fronteira de Kerry.

“Phillimore assentiu devagar:

“— Minha irmã escreveu que já ouviu o espectro chorar à noite. Disse que meu pai chegou até a ver a aparição, a silhueta de um garoto, chorando na torre

da abadia.

“Ergui as sobrancelhas involuntariamente.

“— Viram e ouviram? — indaguei. — Duas testemunhas? Bom, posso lhe

garantir que nada existe neste mundo que não se deva a uma razão explicável pela ciência.

“— Nada neste mundo — resmungou Phillimore. — Mas e no outro?

“— Se sua família acredita nessa maldição, por que continua morando em

Tullyfane? — perguntei. — Não seria melhor sair da casa e da propriedade se vocês têm tanta certeza de que a maldição é tão potente?

“— Meu pai é um homem teimoso, Holmes. Ele não vai sair daquele lugar, pois enterrou todo o dinheiro que tinha ali, e só lhe restou nossa casa em Dublin.

Se fosse comigo, eu venderia a abadia para Moriarty e sairia do local amaldiçoado.

“— Vender para Moriarty? Por que para ele?

“— Ele se ofereceu para comprá-la a fim de ajudar a resolver a situação.

“— Muito magnânimo da parte dele — observei. — Presumo que não tenha medo da maldição, então?

“— Ele acha que a maldição só afeta famílias anglo-irlandesas, como a nossa, enquanto ele, por ser um puro milesiano, um galês autêntico, por assim dizer, seria imune à maldição.

“O coronel Phillimore mandara uma caleche nos apanhar na estação de Killarney para nos levar até a abadia Tullyfane. O velho coronel não estava no melhor dos humores quando nos recebeu na biblioteca. Percebi que sua mão tremia um pouco quando ele a ergueu para me cumprimentar.

“— Amigo de Jack, hein? Sim, eu me lembro de você. Um dos Holmes de Galway. Seu irmão é Mycroft Holmes? O que trabalha para lorde Hartington, hein? O secretário do tesouro, hein?

“O coronel tinha um jeito irritante de acrescentar um “hein” indagativo no final de cada frase telegráfica à guisa de pontuação.

“Foi então que Agnes Phillimore entrou para nos cumprimentar. Deus, Watson, eu era jovem e ardente naquela época. Mesmo agora, quando olho para trás com uma perspectiva mais crítica e com sangue-frio, reconheço que ela era ímpar e maravilhosa em sua beleza. Estendeu a mão para mim com um sorriso, mas logo vi que nele faltavam o calor e a amizade que ali um dia se destinavam

apenas a mim. Suas palavras eram calculadas, e ela me tratou como um amigo distante. Quem sabe não se tornara mulher enquanto eu me apegava à sua

imagem com uma paixão de menino? Foi impossível para mim perceber isso

então, mas a paixão era só minha. Ah, juventude imatura! O que mais posso dizer?

“Jantamos sob um clima pesado naquela noite. Pesado para mim porque eu

travava um embate contra as cruéis realidades da vida; pesado para os Phillimore

porque a maldição pairava sobre a casa. Estávamos terminando de comer a

sobremesa, quando Agnes de repente congelou, o garfo a meio caminho da boca.

Então, o coronel Phillimore deixou cair sua colher com estrondo no prato e emitiu um gemido de dar pena.

“No silêncio que se seguiu, eu ouvi com muita clareza. Era o som de uma criança soluçando. Dava a impressão de ecoar pelo cômodo inteiro. Até Jack Phillimore pareceu perturbado.

“Empurrei minha cadeira e fiquei de pé, tentando discernir de que direção os

sons vinham.

“— Que cômodo fica diretamente embaixo deste? — perguntei ao coronel.

Ele estava pálido, demasiado abalado pelo choque para me responder.

“Virei-me para Jack Phillimore, que respondeu com certo nervosismo.

“— A adega, Holmes.

“— Venha comigo, então — falei, agarrando um dos candelabros da mesa e me encaminhando para a adega.

“Quando cheguei à porta, Agnes bateu o pé duas vezes, agitada.

“— Sr. Holmes! — disse. — O senhor não pode lutar contra um ser etéreo!

“Parei para sorrir brevemente para ela.

“— Duvido que vá encontrar um ser etéreo, srta. Phillimore.

“Jack Phillimore me mostrou o caminho até a adega, e procuramos por todo lado, sem nada encontrar.

“— O que esperava achar lá? — indagou Phillimore, vendo meu

desapontamento quando voltamos à sala de jantar.

“— Um garotinho corpóreo, e não um espírito — respondi com firmeza.

“— Quem dera — disse Agnes, que nos recebeu de volta sem disfarçar sua satisfação por eu não ser capaz de produzir qualquer entidade física como explicação. — Você acha que não mandei revistar a casa várias vezes? Meu pai

está à beira da loucura. Acredito que ele chegou ao limite da razão. Tenho medo

do que ele pode fazer a si mesmo.

“— E depois de amanhã é o quinquagésimo aniversário dele — acrescentou

Phillimore, circunspecto.

“Estávamos na entrada da sala de jantar quando Malone, o mordomo idoso,

atendeu ao som do sino que anunciava alguém à porta da casa.

“— É o professor Moriarty — entoou.

“Moriarty era alto e magro, com uma testa abaulada e olhos fundos. O rosto se

projetava para a frente e o homem tinha o curioso hábito de oscilar devagar de

um lado para o outro no que, com a crueldade própria dos jovens, achei um traço

curiosamente reptiliano. Suponho, olhando em retrospecto, que ele, de certa forma, era bonito e distinto. Para o cargo que exercia, era jovem, e não havia como negar a acuidade de seu raciocínio nem sua inteligência.

“Agnes o recebeu calorosamente, enquanto Phillimore pareceu indiferente. Quanto a mim, achei melhor reprimir meu mau humor. Ele viera para o café e o conhaque e fez comentários solidários ao coronel a respeito de sua aparente má saúde.

“— Minha oferta continua de pé, meu senhor — disse ele. — É melhor se livrar da abadia e da maldição de uma só tacada. O senhor não há de perdê-la por completo, pois, quando Agnes e eu nos casarmos, será sempre um convidado bem-vindo aqui.

“O coronel Phillimore deu um rosnado como resposta. Um som grave ribombante no fundo da garganta, como um animal encurralado faria.

“— Pretendo superar isso. Recuso-me a ser expulso de minha própria casa por um espectro quando nem Akbar Khan e seus afegãos aos gritos foram capazes de me fazer sair do forte em Peiwar Pass. Não, senhor. Aqui pretendo ficar e passar meu quinquagésimo aniversário.

“— Acho que o senhor deveria ao menos considerar a oferta de James, papai — retorquiu Agnes. — Essa coisa toda está afetando seus nervos. O melhor é se livrar desta casa e se mudar para Dublin.

“— Tolice! — respondeu o pai. — Vou superar tudo isso. Não quero ouvir mais nada sobre o assunto.

“Fomos dormir cedo naquela noite, e, confesso, passei algum tempo analisando meus sentimentos por Agnes antes de mergulhar em um sono profundo.

“O choro me acordou. Vesti às pressas um robe e corri para a janela pela qual

uma alva lua cheia projetava sua luz suave. O choro era como o uivo de um demônio da morte. Dava a impressão de vir de um lugar acima de mim. Saí correndo do quarto e, no corredor, esbarrei em Jack Phillimore, também vestido

em um robe de chambre, com uma expressão horrível no rosto.

“— Diga que não estou sonhando, Holmes — falou ele.

“— Não está, a menos que partilhemos o mesmo sonho — retruquei

concisamente. — Você tem um revólver?

“Ele me encarou atônito.

“— O que pretende fazer com um revólver?

“— Acho que ele pode ser eficaz para lidar com fantasmas, almas penadas e

aparições — respondi com um leve sorriso.

“Phillimore balançou a cabeça.

“— As armas estão trancadas lá embaixo, na sala de armas. Meu pai tem a chave.

“— Ah, bom — falei, resignado. — Provavelmente podemos prosseguir sem

elas. Esse choro vem de cima. O que tem lá?

“— A sala da torre. É onde meu pai disse que viu a aparição antes.

“— Leve-me, então, à sala da torre.

“Impelido pela urgência em meu tom de voz, Phillimore se virou para me

guiar até o local. Subimos rapidamente a escada de uma torre circular e chegamos a um telhado plano. No extremo do prédio se erguia uma torre

parecida, embora maior, ou, para ser mais exato, um torreão circular.

Contornando-o, três metros acima do nível do telhado, havia um pequeno balcão.

“— Meu Deus! — gritou Phillimore, parando de forma tão abrupta que eu o

abalroei.

“Levei um instante para me recuperar antes de ver o que causara seu espanto.

No balcão, de pé, vi a figura de um garotinho. Estava iluminado pelo luar brilhante, mas, mesmo assim, não vou mentir, Watson, seu corpo e suas roupas

reluziam com uma estranha luminescência. Era o menino que emitia aqueles sons sobrenaturais, gemendo.

“— Está vendo isso, Holmes? — gritou Phillimore.

“— Estou vendo um jovem biltre, seja ele quem for! — gritei, correndo em direção à torre acima do telhado plano.

“Então, a aparição sumiu. Como ou para onde, não sei.

“Alcancei a base da torre e procurei um caminho para subir até o balcão.

Havia apenas um jeito de sair do telhado: uma pequena porta que parecia embarricada pelo lado de dentro.

“— Venha, Phillimore, a criança vai fugir! — gritei, frustrado.

“— Fugir, hein?

“Era o coronel, que saiu da escuridão atrás de nós com o rosto pálido e vestindo um pijama.

“— Espectros não precisam fugir, hein? Não, senhor! Agora que vocês

também o viram, posso afirmar que não estou louco. Ao menos isso, hein?

“— Como se chega à torre? — indaguei, ignorando a arenga do coronel.

“— Está embarricada há anos, Holmes — explicou Phillimore, se adiantando

para sustentar o pai frágil, temeroso de que o velho desabasse no chão. — Não

há como entrar ou sair de lá.

“— Alguém conseguiu — afirmei. — Não há espectro algum. Acho que isso tudo é uma armação. E acho que deveriam chamar a polícia.

“O coronel se recusou a continuar falando sobre o assunto e se recolheu a seus aposentos. Eu passei a maior parte da noite checando os acessos à sala da torre e fui obrigado a admitir que todos os meios de entrada e saída pareciam inexpugnáveis. Contudo, tinha certeza de que, quando comecei a correr pelo telhado em direção à torre, o menino havia se escafedido com uma expressão tão atônita que nenhum fantasma de respeito exibiria enquanto estivesse assombrando alguém.

“Na manhã seguinte, durante o café, fui veemente com o coronel em minha sugestão de que ele pusesse a questão nas mãos da polícia local. Eu lhe disse que não tinha dúvidas de que algum jogo bizarro estava em ação. O homem recuperara parte do equilíbrio e ouviu meus argumentos com atenção.

“Para minha surpresa, a oposição veio de Agnes, que continuava a defender que o pai deveria sair da casa e pôr fim à maldição.

“Estávamos terminando o café quando Malone anunciou a chegada do professor Moriarty.

“Agnes foi se juntar a ele na biblioteca enquanto nós três acabávamos de comer nossa refeição, no fim da qual o coronel Phillimore decidiu seguir meu conselho. Ficou resolvido que acompanharíamos o coronel logo após o café para conversar sobre o assunto com o inspetor de polícia local. Agnes e Moriarty se juntaram a nós na sala de jantar, e, depois de ouvir a história contada pela jovem, Moriarty chegou a dizer que era o melhor a fazer, embora a noiva ainda mantivesse suas dúvidas. Com efeito, ele se ofereceu para nos acompanhar.

Agnes se desculpou de maneira meio indelicada, achei, porque combinara de fazer um inventário dos vinhos na adega.

“Assim, o coronel, Phillimore, Moriarty e eu concordamos em seguir a pé os

quase quatro quilômetros até a cidade. Devo esclarecer que uma caminhada de alguns quilômetros não era nada para quem vivia no campo naquela época. Hoje

em dia, em Londres, todo mundo vive chamando cabriolés, mesmo que o

objetivo seja chegar ao final da mesma rua.

“Saímos da casa e começamos a andar. Mal havíamos caminhado vinte

metros, quando o coronel, depois de olhar para o céu, desculpou-se para ir buscar seu guarda-chuva, garantindo que não demoraria. Virou as costas e, apressado, voltou até a porta da frente, por onde entrou. Foi então que ele desapareceu deste mundo para sempre.

“Nós três aguardamos com paciência durante alguns minutos. Moriarty então

disse que, se continuássemos caminhando a passos curtos, o coronel nos

alcançaria. No entanto, quando chegamos ao portão da propriedade, comecei a ficar preocupado, pois ainda não havia sinal do coronel. Fiz com que o grupo esperasse no portão. Dez minutos se passaram, e então decidi voltar para descobrir o que atrasava tanto o coronel.

“O guarda-chuva continuava no mesmo lugar no corredor. Não havia sinal do

homem. Toquei a campainha chamando o velho Malone, que jurou que, para ele,

o coronel saíra conosco e não retornara. Não houve como fazê-lo voltar atrás nesse ponto. Resmungando, ele se dirigiu ao quarto do coronel; já eu fui até o escritório. Em pouco tempo a busca se estendeu à casa toda, tão logo Jack Phillimore e Moriarty voltaram, a fim de saber o motivo da demora.

“Foi quando Agnes saiu da adega, parecendo um pouco desalinhada,

segurando um inventário nas mãos. Quando soube que o pai desaparecera sem

mais nem menos, perdeu o controle, e Malone precisou providenciar um

conhaque.

“Na adega de vinhos, ela nos falou, não ouvira nem vira coisa alguma.

Moriarty se ofereceu para procurar por lá, apenas para dar por concluída a busca

na casa. Mandei Phillimore cuidar da irmã e acompanhei o professor. Embora não simpatizasse com o sujeito, não havia dúvida de que ele dificilmente teria conseguido engendrar o sumiço do coronel, já que saíra da casa e ficara do lado

de fora conosco o tempo todo. É claro que nossa busca se revelou infrutífera. A

adega era grande e provavelmente serviria de esconderijo para um exército se

alguém assim desejasse. Porém, a entrada que se originava no corredor levava à área destinada ao armazenamento de vinhos, e ninguém poderia ter passado por

ali sem ser visto por Agnes. Nenhuma explicação para o sumiço de coronel James Phillimore me ocorreu.

“Passei uma semana em Tullyfane, tentando chegar a alguma conclusão. A

polícia local acabou desistindo da busca. Eu precisava voltar a Oxford, e ficou óbvio para mim que nem Agnes nem Moriarty ansiavam por minha companhia.

Depois disso, recebi apenas uma carta de Jack Phillimore, e isso vários meses depois do ocorrido e com selo de Marselha.

“Aparentemente, após duas semanas, um bilhete suicida foi encontrado na

escrivaninha do coronel, declarando que ele não conseguia mais suportar as estranhas aparições na abadia Tullyfane, preferindo pôr fim à própria vida em vez de aguardar a morte terrível em seu quinquagésimo aniversário. Em anexo,

havia um testamento, legando a abadia Tullyfane a Agnes, em razão de seu casamento próximo, e a casa em Stephen’s Green a Jack. Phillimore me escreveu

dizendo que, embora o testamento fosse bizarro e não houvesse provas da morte

do pai, ele se recusara a contestá-lo. Soube mais tarde que isso foi de encontro aos conselhos de seu advogado, mas aparentemente Jack não queria ter nada a ver com a maldição ou com a propriedade. Desejava a felicidade da irmã, e partiu para a África como missionário, acabando por ser morto, dois anos depois, em uma rebelião nativa na parte oriental daquele continente. A morte nem mesmo ocorreu em seu quinquagésimo aniversário. Era o fim das maldições.

“Agnes Phillimore se casou com James Moriarty, e a propriedade passou para o nome dele. Seis meses depois, ela morreu afogada em um acidente de barco quando o marido a levava até a ilha de Beginish, na costa de Kerry, para lhe mostrar as formações balsáticas similares às da Calçada dos Gigantes. O professor foi o único sobrevivente da tragédia.

“Ele vendeu a abadia Tullyfane para um americano e se mudou para Londres a fim de se tornar um diletante, embora seu dinheiro logo tenha acabado devido à vida que levava. Moriarty recorreu, então, a atividades ostensivamente ilegais para recuperar sua fortuna. Não é sem motivo que o denomino “Napoleão do crime”.

“Quanto a Tullyfane, o americano tentou administrar a propriedade, mas foi vítima das guerras agrárias de alguns anos atrás, quando os membros da Liga da Terra forçaram mudanças radicais na maneira como as grandes propriedades na Irlanda eram geridas. Foi então que uma nova palavra foi acrescentada ao dicionário — boicote — quando os membros da Liga relegaram ao ostracismo Charles Boycott, o administrador da propriedade de lorde Erne em Lough Mask. O americano abandonou a abadia Tullyfane, que logo ficou em ruínas e se tornou terra devoluta.

“Sem conseguir descobrir o que acontecera a James Phillimore quando ele voltou para casa a fim de pegar o guarda-chuva, fui incapaz de encontrar o

culpado, que acredito, com cada fibra de meu corpo, ser James Moriarty. Acredito que foi ele quem planejou todo o esquema covarde para se apoderar da propriedade que ele achou que o sustentaria até o fim da vida. Ele não estava apaixonado pela pobre Agnes e via a mulher como um meio rápido de ficar rico e, não satisfeito em esperar pela porção dela que lhe cabia por casamento, acredito que falsificou o bilhete de suicídio e o testamento, encontrando depois uma forma engenhosa de despachar o coronel, uma vez que fracassara na missão de enlouquecê-lo com a encenação da maldição. Uma vez de posse da propriedade, a pobre Agnes se tornou dispensável.

"No entanto, a forma como ele engendrou a encenação era algo de que eu não tinha certeza — até que um acontecimento peculiar me foi relatado anos depois.

"Foi em Londres, poucos anos atrás, quando por acaso encontrei o irmão mais novo de Bram Stoker, George. Como a maioria dos irmãos Stoker, com exceção de Bram, George fizera medicina e fazia parte do Colégio Real de Cirurgiões em Dublin. George acabara de se casar com uma moça do condado de Kerry, na verdade, irmã dos McGillycuddy de Reeks, membros da antiga nobreza gaélica.

"Foi George quem me forneceu uma peça importante do quebra-cabeça. De fato, quem lhe deu a informação sobre o ocorrido foi o próprio cunhado, Dennis McGillycuddy, que testemunhara o acontecimento.

"Cerca de um ano após as ocorrências na abadia Tullyfane, o corpo de um menino foi encontrado no terreno de uma velha mina nas Reeks. Devo explicar que as Reeks são montanhas na península Iveragh, os picos mais altos da Irlanda, e, lógico, Tullyfane fica sob suas sombras. O corpo do garoto não estava

muito decomposto, pois ficara exposto às temperaturas gélidas dos pequenos lagos da área. Ocorreu que um famoso médico de Dublin, o dr. John MacDonnel,

a primeira pessoa a realizar uma operação sob anestesia na Irlanda, se

encontrava em Killarney. Ele concordou em fazer a autópsia porque o legista local percebera algo peculiar no corpo: o homem observou que, no escuro, o cadáver do garoto brilhava.

“MacDonnell descobriu que todo o corpo do menino havia sido coberto por

uma substância cerosa amarela; com efeito, essa foi a causa da morte, pois fechara de tal modo os poros de sua pele que a pobre criança morrera asfixiada.

Depois da análise, descobriu-se que a substância era uma espécie de fósforo natural, encontrada nas cavernas da região. Na mesma hora, me dei conta do significado disso.

“A criança, assim presumi, era um dos infelizes miseráveis condenados a

vagar pelas estradas secundárias da Irlanda, tendo talvez ficado órfã durante o fracasso das colheitas de batata em 1871, que disseminou a fome e o tifo entre os

camponeses do país. Moriarty a obrigara ou a convencera a fazer o papel da criança chorosa que havíamos visto. Aquele garoto era nosso espectro,

aparecendo sob o comando de Moriarty para gritar e chorar em determinados lugares. O fósforo emitia o brilho sobrenatural.

“Tendo servido a seus propósitos, o professor, conhecendo muito bem as

propriedades da substância cerosa com a qual cobrira o corpo da criança, deixou-

a sufocar e jogou seu corpo nas montanhas.”

Aguardei algum tempo após Holmes terminar a história, e então me aventurei a

fazer a pergunta para a qual ele não fornecera, até então, uma resposta. Para tanto, fiz o seguinte preâmbulo:

— Admitindo-se que Moriarty tenha posto em execução um esquema

diabólico para enriquecer e que apenas em retrospecto você percebeu como ele usara a criança para se fingir de fantasma…

Holmes soltou a respiração com força e me interrompeu:

— É o fracasso de minha habilidade dedutiva que não tenho desejo de anunciar, Watson.

— No entanto, ainda existe uma questão em aberto. Como Moriarty conseguiu sumir com o corpo de James Phillimore depois de o homem voltar à casa para pegar o guarda-chuva? De acordo com seu próprio depoimento, o professor, Jack Phillimore e você estavam todos juntos, esperando o coronel do lado de fora. O empregado da família, o velho Malone, jurou que seu patrão não tornara a entrar na casa. Como foi feito isso? Malone foi pago por Moriarty?

— Essa ideia já me ocorreu. O inspetor de polícia também interrogou Malone meticulosamente, chegando à conclusão de que ele não participara de complô algum. Na verdade, o mordomo não pôde dizer se o coronel havia ou não retornado, pois estava na cozinha com duas criadas como testemunhas na ocasião.

— E Agnes?

— Agnes estava na adega. Nada viu. Quando tudo é dito e feito, não há resposta lógica. James Phillimore sumiu no momento em que entrou pela porta da frente. Tenho pensado em todas as explicações concebíveis durante os últimos vinte anos, sem chegar a uma conclusão adequada, exceto uma…

— Que é?

— Os poderes das trevas foram exaltados naquele dia, e Moriarty fez um pacto com o diabo, vendendo a alma por ambição.

Fixei o olhar em Holmes por um instante. Eu jamais o vira admitir uma explicação para acontecimentos que não estivesse conforme a lógica científica. Estaria ele correto ao dizer que a resposta residia no sobrenatural, ou apenas acobertando sua falta de conhecimento, ou, uma opção ainda mais pavorosa para minha suscetibilidade, residiria a verdade em algum lugar na mente de meu velho amigo, uma verdade que ele se recusava a admitir até mesmo para si?

Preso ao manuscrito de John H. Watson havia um pequeno recorte amarelado do *Kerry Evening News*; infelizmente, a data não fora registrada.

"Durante a recente construção de um acampamento da polícia irlandesa nas ruínas da abadia Tullyfane, um esqueleto masculino bastante preservado foi descoberto. O subinspetor Dalton disse a nosso repórter que era impossível calcular há quanto tempo o esqueleto estava ali. A localização precisa era uma área embarreirada da antiga adega da abadia.

"O dr. Simms-Taafe declarou que deduzia, com base nas condições do esqueleto, que ele pertencera a um homem de meia-idade que encontrara a morte nos últimos vinte ou trinta anos. A parte de trás do crânio fora esmagada por um golpe violento, o que teria causado a morte.

"O subinspetor Dalton opinou que essa descoberta pode muito bem estar ligada ao desaparecimento do coronel Phillimore, na época proprietário da abadia Tullyfane. Como o proprietário seguinte, o professor James Moriarty, morreu na Suíça, e o último proprietário, um americano, voltara à sua terra natal, e os Phillimores não mais residiam no país, a polícia decidiu arquivar o caso na

pasta das mortes suspeitas não solucionadas.”

Um punhado de linhas foram manuscritas no recorte, na caligrafia do dr. Watson: “Acho que ficou óbvio que o coronel Phillimore foi assassinado assim que voltou a entrar na casa. Passei a acreditar que a verdade de fato residia em um canto remoto da mente de meu velho amigo, que se recusava a admitir a grotesca e terrível realidade do caso. Patricídio, mesmo quando feito por uma enamorada, é o crime mais hediondo de todos. Será que Holmes teria acabado por considerar que a jovem em si representava o poder das trevas?” Esta última frase estava fortemente sublinhada.

A aventura do estalajadeiro da Dorset Street

MICHAEL MOORCOCK

Um dos mais prolíficos escritores do mundo da ficção científica e da fantasia, Michael Moorcock (1939-) é também um de seus autores mais reverenciados. Recebeu prêmios pelo conjunto da obra de todas as organizações importantes desses gêneros. Foi entronizado no Hall da Fama da Ficção Científica e da Fantasia em 2002, e o prêmio decisivo pelo conjunto da obra lhe foi concedido na Convenção Mundial da Fantasia em 2000 (Prêmio da Fantasia Mundial), no Festival Internacional Utopiales em 2004 (Prix Utopia), pela Associação de Escritores de Terror em 2004 (Prêmio Bram Stocker) e pelos Escritores de Ficção Científica e Fantasia dos Estados Unidos em 2008 — seu 25º Grand Master. Foi Coconvidado de Honra na Convenção Mundial da Fantasia na cidade de Nova York em 1976 e também Convidado de Honra na Convenção Mundial de Ficção Científica de 1997 em San Antonio, no Texas.

Ainda produziu obras de outros gêneros, sobretudo ficção literária, e o *Times* de Londres o indicou para sua lista dos “Maiores escritores britânicos desde

1945”.

Suas obras mais populares tinham como protagonista o anti-herói Elric de Melniboné, uma série de romances de fantasia em que Moorcock reverte os clichês usados pelos autores do tipo “capa e espada”, como Robert E. Howard e Fritz Leiber (os quais, mesmo assim, ele admira).

“A aventura do estalajadeiro da Dorset Street” foi originalmente impressa como um livro de literatura popular por David Shapiro e Joe Piggott (1993) e pela primeira vez incluída em uma coletânea no livro *The Improbable Adventures of Sherlock Holmes*, editado por John Adams (São Francisco, Night Shade Books, 2009).

A AVENTURA DO ESTALAJADEIRO DA DORSET STREET

Michael Moorcock

Foi um setembro especialmente quente aquele em que toda Londres parecia murchar devido à excessiva exposição ao sol, como uma grande besta marinha do Ártico encalhada em uma praia tropical fadada à morte. Enquanto Roma ou Paris teriam reluzido e relaxado, Londres apenas sufocava.

Com nossas janelas escancaradas para o barulhento abafamento do ar e as persianas baixadas contra a claridade intensa, jazíamos em uma espécie de torpor, Holmes estirado no sofá enquanto eu cochilava em minha cadeira de balanço, recordando meus tempos na Índia, quando todo aquele calor era normal e nossas acomodações muito menos equipadas para lidar com ele. Eu andava ansioso para pescar nos Yorkshire Dales, mas, infelizmente, uma paciente minha começou a vivenciar um confinamento difícil e perigoso, o que me impedia de

me afastar muito de Londres. No entanto, Sherlock e eu tínhamos planejado estar alhures nessa época e deixamos confusa a pobre sra. Hudson, que não esperava encontrar Holmes em casa.

Languidamente, Holmes largou no chão o bilhete que estava lendo. Ouvi um quê de irritação em sua voz quando ele falou:

— Parece, Watson, que estamos prestes a ser despejados de nossos cômodos. Eu esperava que isso não acontecesse enquanto você estivesse hospedado aqui.

O gosto de meu amigo por declarações dramáticas me era familiar, motivo pelo qual mal pisquei ao indagar:

— Despejados, Holmes?

Eu sabia que o aluguel anual, como de hábito, era pago adiantado.

— Apenas por um tempo, meu caro. Você há de lembrar que ambos tínhamos a intenção de estar ausentes de Londres por volta desta época, até que as circunstâncias ditassem o contrário. Em nosso acordo inicial, a sra. Hudson contratou a firma Peach, Peach, Peach & Praisegod para remobiliar e decorar o 221B. Esta é a notificação. As obras começam na próxima semana e seria recomendável desocuparmos o imóvel, já que pequenas alterações estruturais devem ser feitas. Ficaremos sem teto durante uma quinzena, meu amigo.

Precisamos encontrar novas acomodações, Watson, mas o endereço não pode ser muito longe daqui. Você tem sua paciente que se encontra em complicações, e eu tenho meu trabalho. Preciso ter acesso a meus arquivos e meu microscópio.

Não sou homem de me adaptar de pronto a mudanças. Eu já sofrera vários reveses em meus planos, e aquela notícia, combinada ao calor, azedou um pouco

meu ânimo.

— Todos os criminosos em Londres vão querer se aproveitar dessa situação

— falei. — E se um Peach ou Praisegod estiver a serviço de algum novo Moriarty?

— Meu fiel Watson! Aquele caso em Reichenbach lhe causou uma impressão

profunda. É o único engodo pelo qual sinto imenso remorso. Fique tranquilo, amigo. Moriarty já não está entre nós e não é provável que haja outra mente criminosa como a dele. Concordo, porém, que deveríamos ficar de olho nas coisas por aqui. Não existem hotéis nesta região adequados à habitação humana

ou amigos ou parentes por perto para nos acolher.

Era quase tocante ver o mestre da dedução se perder em profunda reflexão e

começar a pensar em nosso problema doméstico com a mesma atenção que daria

a um de seus casos mais difíceis. Foi esse poder de concentração voltado para qualquer assunto em questão que primeiro me fez admirar seus talentos ímpares.

Por fim, com um estalar de dedos, rindo como um macaco-de-gibraltar e com os

olhos fundos cintilando com inteligência e autozombaria, ele disse:

— Já sei, Watson! Devemos, é claro, perguntar à sra. Hudson se ela tem algum

vizinho que alugue cômodos!

— Excelente ideia, Holmes! — Fiquei encantado com o prazer inocente de

meu amigo em descobrir, se não uma solução para nosso dilema, a melhor

pessoa para encontrar a solução.

Recuperado de meu mau humor, botei-me de pé e puxei a corda de sino.

Em poucos instantes, a senhoria, a sra. Hudson, veio ao nosso encontro.

— Devo dizer que sinto muito pelo mal-entendido, senhor — disse ela a mim.

— Mas pacientes são pacientes, suponho, e sua truta escocesa terá de esperar um pouquinho mais até que tenha oportunidade de pescá-la. Quanto ao senhor, sr. Holmes, me parece que, com ou sem assassinatos, ainda poderia desfrutar de umas boas férias à beira-mar. Minha irmã em Hove cuidaria de você com tanto zelo quanto eu aqui em Londres.

— Não duvido, sra. Hudson. No entanto, o assassinato do anfitrião de alguém desencoraja a pessoa a tirar férias, e embora o príncipe Ulrich não passasse de um conhecido e as circunstâncias da sua morte estejam todas bem claras, eu me sinto forçado a refletir um pouco sobre o assunto. É útil para mim ter meus vários instrumentos analíticos à mão. O que nos cria um problema que sou incapaz de solucionar. Se não em Hove, sra. Hudson, onde? Watson e eu precisamos de casa e comida, e isso precisa ser perto.

Estava claro que aquela boa mulher desaprovava os hábitos pouco saudáveis de Holmes, mas desistira de convertê-lo à sua causa.

Franzindo a testa para expressar sua falta de satisfação com a resposta de meu amigo, ela falou, com certa relutância:

— Há a casa de minha cunhada na Dorset Street. No número 2. Devo dizer que a cozinha dela é um tanto afrancesada para meu gosto, mas é uma casa boa, limpa e confortável com um bonito jardim nos fundos, e ela já se ofereceu para recebê-los antes.

— E ela é discreta, sra. Hudson, como a senhora?

— Silenciosa como uma igreja. Meu finado marido costumava dizer que a

irmã podia guardar um segredo melhor que o confessor do papa.

— Muito bem, sra. Hudson. Está decidido! Partiremos para Dorset Street na próxima sexta-feira, permitindo que seus operários venham trabalhar na

segunda. Vou providenciar para que alguns documentos e pertences sejam

levados, e o restante ficará protegido sob alguma coberta. Bom, Watson, o que acha? Você terá suas férias, só que um pouco mais perto de casa que o planejado

e com uma pescaria bem menos atraente!

Meu amigo estava tão animado que ficou impossível para mim manter meu

mau humor e, com efeito, as coisas começaram a acontecer tão rápido a partir daquele ponto, que qualquer inconveniência menor foi logo esquecida.

Nossa remoção para o número 2 da Dorset Street correu de forma tão tranquila

quanto se podia esperar e logo estávamos acomodados. A desorganização de

Holmes, um aspecto tão natural do homem, logo deu a impressão de que

ocupávamos nossos novos aposentos no mínimo há um século. Nossos quartos

davam para um jardim que bem poderia ter sido trazido de Sussex, e, da sala, víamos a rua, onde, na esquina, era possível observar clientes entrando e saindo

de opulentas lojas de penhores, em geral a caminho da Wheatsheaf Tavern, cujas

“camas bem arejadas” havíamos rejeitado em prol do alojamento mais luxuoso da sra. Ackroyd. Outro aspecto agradável da casa era a vicejante trepadeira de

glicínia de certa idade que subia pela fachada do prédio e acrescentava um quê à aparência campesina da construção. Desconfio de que alguns de nossos

confortos não representassem o padrão de todos os estalajadeiros. A boa senhora,

de sólida linhagem de Lancashire, ficou encantada com o que chamou de

“honra” de cuidar de nós, e ambos concordamos que jamais recebemos tamanha atenção. Ela tinha feições agradáveis, amplas e um jeito prático, profissional, que nos convinha. Embora eu jamais vá dizer a nenhuma das mulheres, sua culinária foi uma mudança bem-vinda em relação à da sra. Hudson, que era boa, mas que contava com pouca variação.

E assim nos acomodamos. Como minha paciente vinha tendo um progresso difícil na gravidez, era importante que eu estivesse disponível, mas optei por passar o restante de meu tempo como se em férias. De fato, o próprio Holmes também partilhou um pouco de minha determinação, e tivemos várias noitadas agradáveis juntos, indo aos teatros e salões de música aos quais Londres deve sua fama. Enquanto eu desenvolvera um interesse pelas densas peças modernas de Ibsen e Pinero, Holmes ainda preferia a atmosfera do Empire e do Hippodrome, e Gilbert e Sullivan no Savoy eram seu ideal de perfeição. Muitas noites me sentei a seu lado, quase sempre no camarote predileto dele, observando sua expressão fascinada e me perguntando como um tamanho intelecto podia sentir tanto prazer assistindo a uma ópera bufa acompanhada de canções interpretadas em sotaque *cockney*.

A atmosfera ensolarada do número 2 da Dorset Street aparentemente melhorou o ânimo de meu amigo e lhe conferiu um ar tão juvenil que, certo dia, observei que ele devia ter descoberto a “fonte da juventude” para ter rejuvenescido tanto. Quando teci o comentário, ele me olhou de forma um tanto estranha e me pediu que o lembrasse das descobertas feitas por ele no Tibete, onde passara um tempo depois de “morrer” durante sua luta com o professor Moriarty. Concordou, porém, que a mudança estava lhe fazendo bem. Permitia-se continuar suas pesquisas quando assim quisesse, mas não se sentia forçado a

ficar em casa. Chegou mesmo a insistir que fôssemos ao cinema juntos, mas o calor do prédio que abrigava o telão, aliado aos odores naturais que emanavam de nossos vizinhos de assento, expulsou-nos para o ar fresco antes do final do filme. Holmes não demonstrou um interesse genuíno pela invenção. O homem tendia a reconhecer o progresso apenas quando ele afetava sua profissão. Ele me disse que acreditava que o cinema não tinha relevância alguma para a criminologia, a menos que pudesse ser usado na reconstituição de um crime e, assim, ajudar a capturar o criminoso.

Quando voltamos, no início da noite, para nossas acomodações temporárias, depois de assistirmos à exibição cinematográfica no museu Madame Tussaud na Marylebone Road, Holmes ficou alerta de repente, apontando com a bengala um ponto adiante e dizendo naquele murmúrio urgente que conheço tão bem:

— O que acha daquele sujeito, Watson? Aquele com o chapéu-coco novo em folha, as costeletas ruivas, um fraque matutino emprestado e que chegou recentemente dos Estados Unidos, mas que acabou de voltar dos subúrbios da zona oeste, onde desempenhou alguma tarefa da qual pode agora estar arrependido?

Ri ante a pergunta.

— Ora, deixe disso, Holmes! — exclamei. — Vejo um sujeito de chapéu arrastando uma mala pesada, mas como sabe que ele veio dos Estados Unidos e todo o resto, não faço ideia. Creio que está inventando essa história, meu velho.

— De forma alguma, meu caro! Sem dúvida você percebeu que o fraque está começando a rasgar na costura de trás, o que indica que é pequeno demais para o

homem em questão. A explicação mais provável é que ele pediu o traje emprestado com a finalidade de fazer uma visita específica. O chapéu foi comprado há pouco pela mesma razão, enquanto as botas têm o salto “gaucho” característico do sudeste dos Estados Unidos, um estilo encontrado apenas nessa região e adaptado, é claro, de uma bota de montaria espanhola. Fiz um estudo sobre saltos humanos, Watson, bem como de almas humanas!

Mantivemos uma distância constante do objeto de nossa conversa. O tráfego ao longo da Baker Street estava em seu auge, com condutores gritando e toda a humanidade diversificada londrina tentando voltar para casa, desesperada para descobrir alguma forma de esfriar seu corpo coletivo. Nosso “alvo” vez por outra precisava parar e pôr no chão a mala, eventualmente mudando-a de mão antes de prosseguir.

— Mas por que diz que ele chegou há pouco tempo? E que andou visitando a zona oeste de Londres? — indaguei.

— Isso, Watson, é elementar. Se pensar por um instante, verá claramente que nosso amigo é abastado o suficiente para encomendar o que há de melhor em chapéus e malas Gladstone, mas está usando um paletó pequeno demais, o que sugere que veio com pouca bagagem ou talvez sua bagagem tenha sido roubada e lhe faltou tempo para ir a um alfaiate. Ou então ele foi a uma daquelas lojas de roupas prontas e pegou a primeira coisa que viu. Daí, a mala nova, que, sem dúvida, foi comprada para levar o objeto que acabara de comprar. Está claro também que ele não se deu conta do quanto era pesado, e tenho certeza de que, se não estivesse hospedado por perto, teria tomado um cabriolé. Pode muito bem estar arrependido da compra. Talvez seja algo muito caro, mas não exatamente o que ele esperava comprar… Com certeza não percebeu o quanto seria difícil de

carregar, sobretudo nesse calor. Isso sugere que ele acreditava ser capaz de andar quando saísse da estação de metrô de Baker Street, o que, por sua vez, sugere que andou visitando a zona oeste de Londres, a principal a ser servida pela linha que para na Baker Street.

Poucas vezes eu questionava as conclusões de meu amigo, mas essa me parecia fantasiosa demais. Fiquei um pouco surpreso, portanto, quando vi o cavalheiro de chapéu-coco virar à esquerda na Dorset Street e sumir. Na mesma hora, Holmes apertou o passo:

— Rápido, Watson! Acho que sei para onde ele está indo.

Dobrando a esquina, chegamos a tempo de ver o americano parado defronte ao número 2 da Dorset Street, enfiando a chave do portão na fechadura!

— Bem, Watson — disse Holmes, com certo triunfo na voz. — Devemos tentar verificar minha análise?

Então, ele começou a caminhar em direção a nosso companheiro inquilino, levantou seu chapéu e oferceu-lhe ajuda para carregar a bagagem.

O homem reagiu de forma tremendamente dramática, desabando de costas sobre as barras de ferro do portão e quase deixando o próprio chapéu cair sobre os olhos. Ele observou Holmes, ofegante, e então, resmungando, entrou no salão frontal da casa, levando a pesada mala atrás dele e batendo a porta na cara de meu amigo. Holmes levantou as sobrancelhas, com uma expressão perplexa.

— Não há dúvida de que o esforço o deixou de mau humor, Watson.

Depois de entrar, chegamos a tempo de ver o homem, com o chapéu ainda na

cabeça, arrastando a mala escada acima. A coisa se abriu, e tive um vislumbre do brilho da prata e do ouro na forma, achei, de uma minúscula mão humana.

Quando nos reconheceu, o sujeito parou, um tanto confuso, e murmurou em tom exagerado:

— Cuidado, cavalheiros. Tenho um revólver e sei como usá-lo.

Holmes ouviu aquela notícia com expressão solene e informou ao homem que, embora tivesse ciência de que uma troca de tiros era uma espécie de apresentação cortês no Texas, na Inglaterra ainda se considerava desnecessário defender uma posição disparando armas dentro de casa, o que me pareceu um tanto hipócrita vindo de alguém que costumava praticar tiro ao alvo na própria sala!

Nosso colega hóspede, porém, deu a impressão de estar envergonhado e começou a se recuperar:

— Desculpem-me, senhores — disse ele. — Sou estrangeiro e devo admitir que me sinto um bocado confuso quanto a quem é amigo ou inimigo. Aconselharam-me a ser cuidadoso. Como os senhores entraram?

— Com uma chave, exatamente como o senhor. O dr. Watson e eu estamos hospedados aqui por algumas semanas.

— Dr. Watson! — A voz do homem o identificou na mesma hora como americano. Seu sotaque era arrastado como de um sulista, e confiei o suficiente no ouvido de Holmes para crer que ele fosse do Texas.

— Eu mesmo. — Fiquei pasmo com o entusiasmo dele, mas encantado

quando ele voltou a atenção para meu colega.

— Então, o senhor deve ser Sherlock Holmes! Ah, meu caro, perdoe minha falta de maneiras! Sou um grande admirador de ambos, cavalheiros. Segui todos os seus casos. Vocês são, em parte, o motivo pelo qual aluguei acomodações perto da Baker Street. Infelizmente, quando liguei para a casa de vocês ontem, descobri que estava ocupada por empreiteiros que não sabiam me informar de seus paradeiros. Tendo pouco tempo, fui obrigado a agir por conta própria. E sinto não ter sido muito bem-sucedido! Não fazia ideia de que estavam hospedados aqui!

— Nossa senhoria — disse Holmes, seco — é famosa por sua discrição. Duvido que até mesmo o gato dela tenha escutado nossos nomes nesta casa.

O americano tinha cerca de 35 anos, a pele bronzeada pelo sol e uma basta cabeleira ruiva, um bigode igualmente ruivo e um maxilar firme. Não fossem os olhos verdes inteligentes e as mãos delicadas, eu poderia tê-lo confundido com um boxeador irlandês.

— Meu nome é James Macklesworth, senhor, de Galveston, Texas. Trabalho com importações e exportações em minha terra. Enviamos por navio mercadorias até Austin, a capital de nosso estado, e temos a reputação de sermos negociantes honestos. Meu avô lutou para instaurar nossa república e foi o primeiro a pegar um barco a vapor para subir o rio Colorado para comerciar com Porto Sabatine e outras cidades ribeirinhas.

À maneira típica dos americanos, ele nos fazia um resumo de sua história, vida e época, até no momento em que apertávamos as mãos. É um costume necessário naquela zona selvagem e nas regiões ainda tumultuosas dos Estados

Holmes foi cordial, como se farejasse um mistério atraente, e convidou o homem a se juntar a nós dali a uma hora, para podermos tomar um uísque com

soda e conversar de maneira mais confortável.

O sr. Macklesworth aceitou com alacridade e prometeu que levaria junto o conteúdo da mala e uma explicação completa sobre seu comportamento recente.

Antes da chegada de James Macklesworth, perguntei a Holmes qual era a

impressão dele sobre o homem. Para mim, o sujeito parecia honesto, talvez um

empresário que se metera em alguma grande enrascada e quisesse a ajuda de

Sherlock Holmes para sair dela. Se essa fosse a única demanda a ser feita a Holmes, eu tinha certeza de que ele recusaria o caso. Por outro lado, havia uma

chance de este ser um caso incomum.

Holmes respondeu que achara o homem interessante e acreditava que fosse

honesto. Porém, não tinha certeza ainda se ele era um tolo a mando de algum vilão inteligente ou se estava agindo em desacordo com a própria natureza.

— Penso que um crime foi cometido, Watson, e diria que um crime bastante

diabólico. Sem dúvida você já ouviu falar do *Perseu*, de Fellini.

— Quem não ouviu? Dizem ser a melhor obra dele. Feita de prata maciça e banhada a ouro, representa Perseu com a cabeça de Medusa, que é feita de safiras, esmeraldas, rubis e pérolas.

— Sua memória é sempre excelente, Watson. Durante muitos anos, foi a joia

da coroa da coleção de Sir Geoffrey Macklesworth, filho do famoso mestre ferreiro que diziam ser o homem mais rico da Inglaterra. Sir Geoffrey, se não me

engano, morreu na miséria. Gostava de arte, mas não entendia de dinheiro. Isso o

tornou, até onde sei, uma presa para vários tipos de vampiros sociais! Na juventude, se envolveu com o movimento estético, foi amigo de Whistler e de Wilde. De fato, Wilde foi, por um tempo, um grande amigo seu, tentando

dissuadi-lo de seus mais rematados excessos!

— Macklesworth! — exclamei.

— Isso mesmo, Watson. — Holmes fez uma pausa para acender o cachimbo,

olhando para a rua, onde o movimento diário de Londres prosseguia em sua rotina familiar e banal. — A coisa foi roubada há dez anos. Um roubo ousado,

que eu, na época, atribuí a Moriarty. Tudo indicava que a obra tinha sido levada

do país e vendida no exterior. No entanto, eu a reconheci, ou, ao menos, reconheci uma boa cópia, na mala que James Macklesworth carregava escada

acima. Garanto que ele leu sobre o caso, sobretudo levando-se em conta seu sobrenome. Por isso, deve saber que a estátua de Fellini foi roubada. Ainda assim, com certeza foi a algum lugar hoje e voltou para cá com ela. Por quê? O

homem não é um ladrão, Watson. Aposto minha vida nisso.

— Espero que ele pretenda nos esclarecer — falei no momento em que

ouvimos uma batida à porta.

O sr. James Mackelsworth mudara um bocado. De banho tomado e vestindo as

próprias roupas, parecia muito mais confiante e à vontade. Seu terno era do tipo

apreciado em sua terra natal, com um nítido corte espanhol, e ele usava uma gravata por baixo do amplo colarinho de uma camisa macia, um colete vermelho

e botas pontudas de couro de vaca. Tinha a aparência típica do romântico pioneiro.

Começou se desculpando pelo figurino. Não se dera conta, até chegar a Londres na véspera, que suas roupas eram incomuns e chamativas na Inglaterra.

Garantimos a ele que seu figurino de forma alguma nos ofendia. De fato, até o achávamos atraente.

— Contudo, meus trajes me fazem sobressair na multidão, não é mesmo, cavalheiros?

Concordamos que não haveria muita gente vestida daquela maneira em Oxford Street.

— Foi por isso que comprei roupas inglesas — disse ele. — Queria passar despercebido. O chapéu-coco era grande demais e o fraque, demasiado pequeno. A calça era a única coisa do tamanho certo. A mala foi a maior que encontrei naquele formato.

— Então, vestido de maneira mais conveniente, como imaginou, o senhor pegou o metrô esta manhã para…?

— Para Willesden, sr. Holmes. Ora! Como sabia disso? Andou me seguindo o dia todo?

— Claro que não, sr. Macklesworth. E em Willesden, o senhor tomou posse do *Perseu* de Fellini, estou certo?

— O senhor sabe de tudo antes que eu revele, sr. Holmes! Não preciso falar mais nada. Sua reputação é de fato merecida. Se eu não fosse um homem racional, acreditaria que tem poderes paranormais!

— São simples deduções, sr. Macklesworth. É possível desenvolver essa habilidade. Porém, talvez leve um pouco mais de tempo para que eu deduza como foi que atravessou quase dez mil quilômetros de terra e mar para chegar a Londres, ir direto a Willesden e de lá sair com uma das mais belas obras de prata

da Renascença que o mundo já viu. E tudo isso em um único dia.

— Posso lhe garantir, sr. Holmes, que tal aventura não me é familiar. Até poucos meses atrás, eu era o proprietário de um negócio bem-sucedido de

transporte e comércio atacadista. Minha esposa faleceu há vários anos e não voltei a me casar. Meus filhos estão todos crescidos e casados, morando longe do

Texas. Eu estava um pouco solitário, suponho, mas razoavelmente feliz. Tudo isso mudou, como o senhor adivinhou, quando o *Perseu* de Fellini entrou em minha vida.

— O senhor soube dele no Texas, sr. Macklesworth?

— Ora, trata-se de uma coisa estranha. E um pouco constrangedora também.

No entanto, acho que terei de ser franco e contar tudo. O cavalheiro do qual o *Perseu* foi roubado era meu primo. Nós trocávamos correspondências vez ou outra. Em uma dessas cartas, ele me revelou um segredo que agora se tornou um

fardo para mim. Sou seu único parente vivo do sexo masculino, vejam bem, e ele

tinha negócios de família para tratar. Havia outro primo, que ele achava morar em Nova Orleans, mas seu paradeiro era desconhecido. Bem, cavalheiros, para resumir, jurei por minha honra seguir as instruções de sir Geoffrey caso algo acontecesse com ele ou com o *Perseu*. Suas instruções me levaram a pegar um

trem para Nova York e embarcar no *Arcadia* para Londres. Cheguei ontem à tarde.

— Então o senhor veio de tão longe por uma questão de honra? — Eu estava

deveras impressionado.

— Pode-se dizer que sim, senhor. Prezamos muito a lealdade familiar em

minha terra. O patrimônio de sir Geoffrey, como sabe, foi usado para pagar suas

dívidas. Porém, essa parte de minha viagem tem a ver com uma questão

particular. Meu motivo para procurar o senhor está ligado a ela. Acredito que sir

Geoffrey foi assassinado, sr. Holmes. Alguém o vinha chantageando, e ele falava bastante de “compromissos financeiros”. Suas cartas demonstravam mais e mais ansiedade e muitas vezes não passavam de relatos desconexos sobre seus temores de que nada sobrasse para seus herdeiros. Eu lhe disse que ele não tinha herdeiros diretos e, portanto, podia ficar tranquilo. Ele não deu a impressão de registrar o que falei. Implorou-me para ajudá-lo. E me implorou também para ser discreto. Então, eu prometi. Em uma de suas últimas cartas, ele me disse que, se eu viesse a saber de sua morte, deveria partir para a Inglaterra de pronto e, ao chegar aqui, levar uma mala de bom tamanho até o número 18 de Dahlia Gardens, em Willesden Green, a noroeste de Londres, e lá fornecer prova de minha identidade, assumindo então a responsabilidade pelo objeto mais precioso para os Mackelsworth. Logo depois, eu deveria voltar a Galveston com a maior rapidez possível e jurar manter o objeto em questão dentro da família.

“Fiz o juramento e, passados poucos meses, li no jornal de Galveston a notícia do roubo. Pouco depois, seguiu-se a notícia do suicídio de sir Geoffrey. Não me restava outra coisa a fazer, sr. Holmes, senão seguir as instruções que jurara seguir. No entanto, fiquei convencido de que sir Geoffrey não estava em seu juízo perfeito no fim da vida. Desconfiei que ele temia ser morto. Falava de gente que chegaria a qualquer extremo para possuir a obra de Fellini. Não lhe importava que o restante do patrimônio fosse hipotecado em sua totalidade nem tinha medo de morrer na miséria. O *Perseu* era de tamanha importância. Por isso suspeito que o roubo e o assassinato estejam conectados.”

— Mas o veredicto foi suicídio — intervim. — Encontraram um bilhete. O legista se deu por satisfeito.

— O bilhete estava coberto de sangue, não é mesmo? — murmurou Holmes

de sua cadeira, tocando o queixo com a ponta do dedo.

— Acredito que sim, sr. Holmes. Mas como não houve suspeita de crime, não abriram uma investigação.

— Entendi. Por favor, continue, sr. Mackelsworth.

— Bem, cavalheiros, na verdade, tenho pouco a acrescentar, afora essa suspeita incômoda de que há algo errado. Não quero ser cúmplice de um crime nem reter informações úteis à polícia, mas me sinto obrigado, por uma questão de honra, a satisfazer o juramento que fiz a meu primo. Procurei o senhor não necessariamente para solucionar um crime, mas para me deixar tranquilo de que nenhum crime foi cometido.

— Um crime foi cometido, já que sir Geoffrey reportou um roubo que não ocorreu. No entanto, não chega a ser algo tão grave. O que o senhor deseja de nós, sr. Mackelsworth?

— Eu esperava que o senhor ou o dr. Watson me acompanhassem ao endereço em questão, por uma série de motivos óbvios. Procuro sempre cumprir as leis, sr. Holmes. Por outro lado, era uma questão de honra…

— É verdade — interrompeu Holmes. — Agora, sr. Mackelsworth, nos diga o que encontrou no número 18 de Dahlia Gardens, em Willesden.

— Bom, era uma casa um bocado miserável, de um tipo com que não tenho a menor familiaridade. Várias moradias grudadas em uma ruazinha a menos de meio quilômetro da estação. De forma alguma era o que eu esperava. A de número 18 era a mais miserável de todas, uma lástima, com a pintura descascando, um jardim que era só mato, muitas latas de lixo e todo o tipo de

coisa que se espera encontrar no East Side de Nova York, e não em um subúrbio londrino.

“A despeito de tudo isso, encontrei a aldrava suja e bati até que a porta fosse aberta por uma mulher muito atraente, que eu descreveria como mestiça. Era uma moça avantajada, de unhas longas, mas surpreendentemente bem-feitas. Na verdade, sua aparência era impecável, em distinto contraste com o ambiente. Ela me aguardava. Chamava-se sra. Gallibasta. Soube seu nome de imediato. Com frequência sir Geoffrey falava dela, em um tom de considerável afeto e confiança. Ela havia sido, me disse, governanta de sir Geoffrey. Ele a incumbira, antes de morrer, de desempenhar esse derradeiro feito de lealdade para o patrão. Entregou-me um bilhete que sir Geoffrey tinha escrito com tal finalidade. Aqui está ele, sr. Holmes.”

Estendendo a mão, entregou o papel ao meu amigo, que o examinou com atenção.

— O senhor reconhece a caligrafia, não?

O americano não tinha dúvidas.

— É a caligrafia fluida, um pouco errática e masculina de meu primo. Como o senhor pode ver, o bilhete diz que devo aceitar o legado de família das mãos da sra. Gallibasta e, em segredo, transportá-lo para os Estados Unidos, onde ficaria sob minha responsabilidade até o outro primo Mackelsworth “perdido” ser encontrado. Se ele tiver herdeiros do sexo masculino, o legado deverá ser passado a esses, a meu critério. Se não existir herdeiro varão, o legado caberá a uma de minhas filhas, já que não tenho filho vivo, com a condição de que ela

acrescente o sobrenome Mackelsworth ao dela. Entendo, sr. Holmes, que até certo ponto, estou traindo a confiança depositada em mim, mas conheço tão pouco da sociedade e dos costumes ingleses… Tenho uma profunda noção de

família e não sabia que pertencia a uma linhagem tão ilustre até sir Geoffrey me

escrever. Embora só nos correspondêssemos, me sinto obrigado a realizar seus últimos desejos. No entanto, não sou tolo o bastante para achar que sei exatamente o que estou fazendo e preciso de orientação. Quero me assegurar de

que não há crime aqui e sei que, de todos os homens na Inglaterra, posso confiar

no senhor para não trair meu segredo.

— Fico lisonjeado com isso, sr. Macklesworth. Por favor, me diga a data da última carta que recebeu de sir Geoffrey.

— A carta em si não estava datada, mas me recordo do carimbo do correio.

Dia 15 de junho deste ano.

— Entendi. E a data da morte de sir Geoffrey?

— Dia 13. Suponho que ele tenha postado a carta antes de morrer, mas que ela

só tenha sido recolhida depois.

— Uma suposição razoável. E o senhor está familiarizado, como afirmou,

com a caligrafia de sir Geoffrey.

— Nós nos correspondemos durante vários anos, sr. Holmes. A caligrafia é idêntica. Nenhuma falsificação, por mais perfeita, daria conta das

particularidades, dos surtos imprevisíveis em que sua escrita mal podia ser lida.

Porém, em geral, sua caligrafia é bonita, clara e idiossincrática. Não é uma falsificação, sr. Holmes. Nem é falsificado o bilhete que ele deixou com a governanta.

— Contudo, o senhor nunca encontrou sir Geoffrey pessoalmente, certo?

— Infelizmente, não. Ele falou algumas vezes de ir ao Texas, mas creio que outras preocupações exigiam sua atenção.

— De fato, eu o conheci de passagem alguns anos atrás, quando pertencíamos ao mesmo clube. Um tipo artístico, amante de ilustrações japonesas e móveis escoceses. Um sujeito afável, distraído e bastante reservado, com uma natureza muito gentil. Bom demais para este mundo, como se dizia antigamente.

— Quando foi isso, sr. Holmes? — indagou nosso visitante, inclinando-se para a frente e demonstrando uma curiosidade considerável.

— Ah, faz uns vinte anos, acho, quando eu estava começando minha carreira. Consegui fornecer provas em um caso que dizia respeito a um jovem amigo dele que se metera em apuros. Ele foi delicado o bastante para crer que fui capaz de repor um bom sujeito no bom caminho. Lembro-me de que, com frequência, ele se mostrava genuinamente preocupado com o destino do próximo. Permaneceu um solteirão convicto, pelo que sei. Lastimei quando soube do roubo. E depois o coitado se matou. Fiquei um pouco surpreso, mas não se suspeitou de crime e, na época, eu andava envolvido com um problema difícil. Um cavalheiro gentil, meio antiquado. Patrono de muitos jovens artistas sem um tostão. Foi a arte, me parece, que em grande parte reduziu sua fortuna.

— Ele não falava de arte comigo, sr. Holmes. Imagino que tenha mudado um bocado nesse ínterim. O homem que conheci foi ficando cada vez mais nervoso e dado a ansiedades irracionais. Foi para apaziguar essas ansiedades que concordei em fazer o que ele me pediu. Eu era, afinal, o último dos Mackelsworth e me cabia aceitar certas responsabilidades. Fiquei honrado, sr.

Holmes, com a responsabilidade, mas perturbado com o que se esperava de mim.

— O senhor é nitidamente um homem de grande bom senso, sr.

Mackelsworth, bem como um sujeito honrado. Solidarizo-me com seu dilema.

Agiu muito bem em vir nos procurar e faremos o possível para ajudá-lo!

O alívio do americano ficou claro em seu rosto.

— Obrigado, sr. Holmes, obrigado, dr. Watson. Sinto que agora posso agir com alguma coerência.

— Sir Geoffrey já havia mencionado a governanta para você, suponho.

— Sim, em termos mais que elogiosos. Ela começara a trabalhar para ele há

cerca de cinco anos e se esforçou muito para organizar as coisas. Se não fosse por ela, segundo meu próprio primo, sua falência teria sido decretada antes. Com

efeito, ele falava dela com tanto carinho que eu admito que pensei… bem, que

eles fossem…

— Entendo o que o senhor quer dizer, sr. Mackelsworth. Isso também pode explicar por que ele nunca se casou. Sem dúvida, a diferença de classe era insuperável, se é que nossas suspeitas têm fundamento.

— Não desejo macular o nome de meu parente, sr. Holmes.

— No entanto, precisamos olhar o problema de forma realista, creio. —

Holmes gesticulou com sua grande mão. — Fico pensando se poderíamos ter

permissão para ver a estátua que o senhor pegou hoje.

— Com certeza, meu senhor. Acho que o jornal em que estava embrulhada se

soltou e…

— Foi assim que reconheci a obra de Fellini — disse Holmes, o rosto

adquirindo uma expressão beirando o êxtase quando a extraordinária figura foi revelada. Ele estendeu a mão para passar os dedos sobre a musculatura que bem

podia se passar por carne viva em miniatura de tão perfeita que era. A prata em si vibrava com uma espécie de energia interior e o revestimento em ouro, as pedras preciosas, tudo contribuía para criar a mais maravilhosa impressão de Perseu, que trazia na mão uma espada ensanguentada e no braço, o escudo, segurando a cabeça coroada de serpentes que fixava seus olhos de safira em nós

e ameaçava nos transformar em pedra!

— É óbvio por que sir Geoffrey, cujo gosto era tão refinado, queria que isso

permanecesse na família — falei. — Agora entendo por que o homem se tornou

tão obcecado perto do fim. Mesmo assim, imaginaria que ele pudesse doá-la a um museu, em vez de se dar ao trabalho de preservá-la. Esta obra é algo que o

público merece ver.

— Estou de total acordo. Por isso pretendo mandar construir uma sala especial

para exibi-la em Galveston. Porém, até lá, fui alertado, tanto por sir Geoffrey quanto pela sra. Gallibasta, de que a notícia de sua existência criaria inúmeros problemas, nem tanto com a polícia, mas com outros ladrões que cobiçam o que

talvez seja o exemplo mais formidável da arte em prata da Renascença

Florentina. Deve valer milhares de dólares! Pretendo segurá-la por um milhão de

dólares, quando chegar em casa — disse o homem do Texas.

— O senhor poderia confiá-la a nós de hoje à noite até amanhã de tarde? —

perguntou Holmes.

— Bem, como o senhor sabe, devo embarcar no *Arcadia* de volta a Nova York. Ele zarpa amanhã de noite de Tilbury. É um dos poucos vapores de tal naipe partindo de Londres. Se eu me atrasar, precisarei voltar via Liverpool.

— Está preparado para fazer isso, se for necessário?

— Não posso partir sem a obra, sr. Holmes. Assim sendo, enquanto ela estiver com o senhor, terei de ficar. — John Mackelsworth nos deu um breve sorriso e a sugestão de uma piscadela. — Ademais, preciso dizer que o mistério da morte de meu primo me preocupa mais que o mistério de seus últimos desejos.

— Excelente, sr. Mackelsworth. Vejo que pensamos da mesma maneira. Será um prazer pôr a seu dispor quaisquer talentos que eu possua. Sir Geoffrey, se bem me lembro, morava em Oxfordshire.

— A uns vinte quilômetros de Oxford, dizia ele. Próximo a uma cidadezinha agradável chamada Witney. A casa é conhecida como Cogges Old Manor e já foi o centro de uma propriedade de bom tamanho, que incluía uma fazenda. Entretanto, boa parte da terra acabou sendo vendida e agora só restam a casa e o terreno em volta, que também estão à venda pelos credores de meu primo. A sra. Gallibasta acredita que demore muito para que alguém compre o lugar. O vilarejo mais próximo é High Cogges. A estação ferroviária mais próxima é South Leigh, a 1,5 quilômetro de distância. Conheço o lugar como se morasse lá, sr. Holmes. As descrições de sir Geoffrey eram tão vívidas!

— Realmente! Por acaso foi o senhor quem o contatou primeiro?

— Não. Sir Geoffrey era interessado em heráldica e linhagem. Na tentativa de rastrear os descendentes de sir Robert Mackelsworth, nosso bisavô mútuo, ele esbarrou em meu nome e me escreveu. Até então, eu não fazia ideia de que era tão próximo da aristocracia inglesa! Durante algum tempo, sir Geoffrey mencionou que eu poderia herdar o título, mas sou um republicano convicto.

Não damos muita importância a títulos e coisas do gênero no Texas. A menos que sejam conquistados!

— Você lhe informou que não tinha interesse em herdar o titulo?

— Eu não tinha desejo de herdar coisa alguma, senhor. — John Mackelsworth se levantou para partir. — Eu apenas gostava de trocar correspondências com ele. Comecei a me preocupar quando suas cartas foram ficando cada vez mais ansiosas e ele passou a falar de suicídio.

— Ainda assim, o senhor suspeita de assassinato?

— Sim. Atribua isso a um instinto pela verdade. Ou a uma imaginação pródiga. O senhor decide!

— Suspeito do primeiro, sr. Mackelsworth. Voltaremos a nos ver amanhã à noite. Até lá, boa noite.

Apertamos as mãos.

— Boa noite, cavalheiros. Dormirei mais tranquilo hoje, pela primeira vez em meses. — Dito isso, nosso homem do Texas partiu.

— O que acha disso, Watson? — indagou Holmes enquanto estendia a mão para pegar o cachimbo e enchê-lo com o tabaco tirado da bolsa que trouxera com ele.

— Você acha que o nosso sr. Mackelsworth é o “artigo genuíno”, como diriam os compatriotas dele?

— Fiquei bem impressionado, Holmes, mas acredito que ele tenha sido enganado para se envolver em uma aventura que, caso obedecesse aos próprios instintos, jamais teria pensado em se envolver. Não creio que sir Geoffrey fosse

tudo que dizia ser. Talvez fosse quando você o conheceu, Holmes, mas, desde então, ele claramente degenerou. Mantém uma mestiça como amante, se afunda em dívidas e depois planeja roubar o próprio tesouro a fim de preservá-lo dos credores. Envolve o decente amigo do Texas, invocando laços familiares, sabendo como essas coisas são importantes para os sulistas. Então, imagino, conspira com a governanta para fingir a própria morte.

— E dá seu tesouro ao primo? Por que ele faria isso, Watson?

— Ele está usando Mackelsworth para transportá-lo para os Estados Unidos, onde pretende vendê-lo.

— Porque não quer ser identificado com a obra ou ser pego com ela. E o sr. Mackelsworth é tão inocente que se torna a pessoa perfeita para levar a obra para Galveston. Ora, Watson, não é uma teoria ruim. Desconfio até de que parte dela seja relevante.

— Você sabe de mais alguma coisa?

— Não passa de uma sensação, na verdade. Acredito que sir Geoffrey esteja morto. Li o relatório do legista. Ele estourou os próprios miolos, Watson. Por isso havia tanto sangue no bilhete suicida. Se planejou um crime, não viveu para executá-lo.

— Então, a governanta resolveu ir em frente com o plano?

— Só há uma falha aí, Watson. Sir Geoffrey aparentemente antecipou seu suicídio e deixou instruções com ela. O sr. Mackelsworth identificou a caligrafia do primo. Eu mesmo li o bilhete. Nosso amigo americano se correspondeu com sir Geoffrey durante anos e confirmou que o bilhete era de sir Geoffrey.

— Então a governanta também é inocente. Devemos procurar um terceiro homem.

— Vamos fazer uma expedição no campo, Watson. — Holmes já estava consultando seu guia de informações turísticas. — Há um trem saindo de Paddigton de manhã, o que exigirá uma baldeação em Oxford e nos deixará em South Leigh antes do almoço. Sua paciente resistirá à sedução da maternidade por mais um ou dois dias, Watson?

— Felizmente, tudo indica que ela esteja decidida a aproveitar um confinamento elefantino.

— Ótimo! Então, amanhã, satisfaremos os desejos da sra. Hudson experimentando ar fresco e a comida simples do campo inglês.

E com isso meu amigo, que estava de ótimo humor ante a perspectiva de usar aquela mente privilegiada em algo merecedor do esforço, voltou a se sentar na cadeira, tirou uma longa baforada do cachimbo e fechou os olhos.

Não podíamos ter escolhido um dia melhor para nossa expedição. Embora ainda quente, o ar era fragrante, e mesmo antes de chegarmos a Oxford, pudemos sentir a deliciosa opulência do início do outono inglês. Por todo lado, o milho tinha sido colhido e os cercas vivas abundavam em cores. Víamos palha e ardósia de nossa janela, cuja vista dava para o que há de melhor em uma Inglaterra em que as pessoas haviam construído de acordo com as inclinações naturais da terra e plantado com um olhar instintivo tanto para a beleza quanto para o pragmatismo. Era disso que eu sentia falta no Afeganistão e do que Holmes sentira falta no Tibete, quando aprendera tantas coisas com o Dalai Lama em pessoa. Nada jamais compensava, em minha opinião, a abastança e a variedade da paisagem típica do campo inglês.

Em pouquíssimo tempo estávamos na estação South Leigh e alugamos uma carroça puxada por um pônei para nos dirigirmos até High Cogges. Abrimos caminho por entre trilhas sinuosas, arbustos altos, aproveitando a tranquilidade abafada de um dia cujo silêncio era quebrado apenas pelo som do canto dos pássaros e o eventual mugido de uma vaca.

Atravessamos o povoado, atendido por uma igreja do estilo normando e uma mercearia que também funcionava como o correio local. High Cogges em si era acessada por uma trilha tosca, pouco mais que um caminho de fazenda que passava por algumas casinhas pitorescas de fazenda com telhados de sapê, que pareciam estar lá desde o começo dos tempos, espessamente cobertas por rosas e madressilvas, e por uma casa moderna vulgar, em que o proprietário fizera acréscimos horrorosos ao gosto popular do momento, além de uma fazenda com prédios externos construídos com a pedra local, que parecia ter brotado da paisagem de forma tão natural quanto o bosque e o pomar nos fundos. Quando chegamos ao portão trancado de Cogges Old Manor, vimos que o lugar transpirava negligência. Tive a impressão de que havia muitos anos que a propriedade não era cuidada.

Como era natural, meu amigo começou a explorar e logo descobriu uma fenda no muro através da qual podíamos nos espremer e entrar no terreno, pouco mais que um gramado de bom tamanho, algumas moitas e estufas dilapidadas, estábulos abandonados e outros barracões, bem como uma oficina surpreendentemente organizada. Fora ali, falou Holmes, que sir Geoffrey morrera. O local fora limpo com muito cuidado. O homem colocara o revólver em um torno e atirara na própria boca. No inquérito, sua governanta, que nitidamente era dedicada ao patrão, falara das preocupações financeiras do velho, do medo dele de ter desonrado o nome da família. O bilhete garatujado

ficara empapado de sangue e era legível apenas em parte, mas sem dúvida era dele.

— Não houve qualquer indício de trapaça, Watson. Todos sabiam que sir

Geoffrey levava uma vida boêmia até se estabelecer aqui. Havia dilapidado a fortuna da família, em maior parte com artistas e suas obras. Sem dúvida, algumas de suas muitas telas modernas se tornariam valiosas, ao menos para alguém, mas naquele momento os artistas patrocinados por ele ainda não haviam

capitalizado qualquer valor material. Tenho a impressão de que metade dos frequentadores do Café Royal dependia dos milhões de Mackelsworth até que a

fonte secou, afinal. Também acredito que sir Geoffrey ficou, nos últimos anos, desatento ou deprimido. Talvez ambos. Acho que precisamos fazer um esforço para entrevistar a sra. Gallibasta. Antes de qualquer coisa, porém, vamos visitar

o correio, a fonte de todo o conhecimento nestas pequenas comunidades.

A mercearia que servia como correio era uma cabana com telhado de sapê

adaptada, com uma cerca branca e uma variedade de flores do início de setembro

que não pareceriam deslocadas em um quadro. No interior da loja sombreada e

fresca, com todos os itens que um residente local poderia desejar, desde livros até doces, fomos cumprimentados pela proprietária, cujo nome acima da porta já

havíamos anotado.

A sra. Beck era uma mulher gorducha e rosada. Ela usava um vestido de

algodão estampado e um avental engomado, com olhos alegres e um leve

arquear de boca que sugeria um conflito entre uma natureza calorosa e um temperamento um pouco crítico. Com efeito, foi precisamente isso que

descobrimos. Ela conhecia tanto sir Geoffrey quanto a sra. Gallibasta. Tivera bom relacionamento com vários criados, segundo disse, embora eles tenham

partido um por um sem deixar substituto.

— Correram boatos de que o pobre cavalheiro estava à beira da miséria e não tinha recursos para manter a criadagem. No entanto, jamais atrasou os pagamentos, e aqueles que o serviram foram leais o bastante. Sobretudo a governanta, que tinha uma atitude estranha, distante, mas que com certeza cuidava bem do patrão e, como a situação dele já era conhecida, aparentemente ela não estava à espera de seu dinheiro.

— Ainda assim, a senhora não gostava da mulher, não é? — murmurou Holmes, os olhos estudando um anúncio de caramelo.

— Admito que eu a achava um pouco estranha, senhor. Ela era estrangeira. Espanhola, acho. Não era a aparência cigana que me incomodava, mas nunca consegui me dar bem com ela. Sempre foi muito educada e agradável nas conversas. Eu a via quase todo dia, também, embora nunca na igreja. Ela vinha aqui comprar todas as pequenas coisas de que necessitavam. Ela sempre pagava em dinheiro e jamais pediu para ter crédito. Embora eu não lhe tivesse muito afeto, parece que era ela que sustentava sir Geoffrey, e não o contrário. Alguns diziam que a mulher tinha gênio forte e que, certa vez, dera com o ancinho em um mordomo, mas nunca vi prova alguma disso. Ficava algum tempo conversando comigo, às vezes comprava um jornal, pegava a correspondência que houvesse e voltava a pé para a mansão. Chovesse ou fizesse sol, meu senhor, ela sempre vinha. Que mulher grande e saudável ela era! Fazia piada dizendo como dava duro, cuidando do patrão e da propriedade, mas não parecia se importar. Eu só tenho conhecimento de uma coisa estranha a respeito dela. Quando ela adoecia, não importa o quão mal ficava, ela sempre se recusava a ver o médico. A mulher tinha um terror cego pela profissão médica, senhor. Bastava

sugerir chamar o dr. Shapiro que começava a gritar e insistir que não precisava de nenhum “serrador de ossos”. No mais, ela era tudo de que sir Geoffrey precisava, aquele homem tão gentil e estranho que vivia com a cabeça nas nuvens. Foi assim desde menino.

— Mas o homem era dado a medos e noções irracionais, pelo que sei, não?

— Jamais ouvi falar disso, meu senhor. Ele nunca me pareceu diferente. Ela era a estranha. Apesar de ele ficar bastante em casa nos últimos vários anos e eu

só o ver raramente, quando o via, sir Geoffrey estava sempre de seu jeito otimista.

— Isso é muito interessante, sra. Beck. Fico muito grato à senhora. Acho que

vou levar cem gramas de sua melhor bala de menta, por gentileza. Ah, quase me

esqueci de perguntar. A senhora se lembra de sir Geoffrey receber cartas dos Estados Unidos?

— Ah, sim, o tempo todo. Ele as esperava com ansiedade. Lembro-me dos

envelopes e dos selos. Era praticamente a única correspondência regular que recebia.

— E ele enviava suas respostas daqui?

— Isso eu não sei dizer. As cartas são recolhidas de uma caixa postal próxima

à estação. O senhor poderá vê-la se voltar por aquele lado.

— A sra. Gallibasta, creio, mudou-se daqui.

— Não faz nem duas semanas. Meu filho levou as coisas dela até a estação. A

mulher levou tudo. Ele comentou como a bagagem era pesada. Disse que, se não

tivesse ido ao funeral de sir Geoffrey em St. James, chegaria a acreditar que ela

estava levando o corpo dele em seu baú. Ora, me perdoem pela brincadeira.

— Agradeço muitíssimo, sra. Beck. — O detetive ergueu o chapéu e fez um cumprimento. Reconheci o ânimo ativo e excitado de Holmes. Estava em uma pista agora e farejara algum tipo de alvo. Quando saímos, murmurou: — Preciso ir até o 221B assim que voltarmos e dar uma olhada em meus arquivos antigos.

Enquanto eu dirigia a carroça de volta à estação, Holmes mal abriu a boca, perdido em reflexões durante todo o caminho até Londres. Eu estava acostumado aos humores e hábitos de meu amigo e me satisfiz em deixar aquela mente brilhante se exercitar enquanto eu me dedicava aos problemas mundiais na edição matutina do *Telegraph*.

***

O sr. Macklesworth nos encontrou para tomar chá naquela tarde. A sra. Ackroyd se esmerara preparando salmão defumado e sanduíches de pepino, pequenos salgadinhos, broinhas e bolos. O chá era Darjeeling, meu favorito, cujo delicado sabor é melhor apreciado àquela hora da tarde, e até mesmo Holmes observou que bem podíamos ser clientes do Sinclair’s ou do Grosvenor.

Nosso ritual foi testemunhado pela esplêndida obra de Fellini, que, talvez para aproveitar o melhor da luz, Holmes colocara na janela de nossa sala, de frente para a rua. Era como se tomássemos chá na presença de um anjo. O sr. Mackelsworth balançava seu prato sobre o joelho, estampando no rosto uma expressão de deleite.

— Ouvi falar desta cerimônia, cavalheiros, mas nunca imaginei que faria parte de um *high tea* com o sr. Sherlock Holmes e o dr. Watson!

— Na verdade, o senhor não está fazendo isso — contestou Holmes com

delicadeza. — É um equívoco comum, suponho, entre nossos primos americanos achar que o *high tea* e chá da tarde são a mesma coisa. Trata-se de duas refeições bem diferentes, feitas em horários distintos. *High tea*, em meu tempo, só tinha lugar em determinadas instituições acadêmicas, e era um jantar quente consumido cedo. O mesmo tipo de jantar, servido em uma enfermaria, ultimamente passou a ser chamado de *high tea*. O chá da tarde, que consiste em uma variedade de sanduíches frios, às vezes acompanhados de bolinhos, creme azedo e geleia de morango, é consumido por adultos, geralmente às 16 horas. O *high tea*, quase sempre é consumido por crianças às seis da tarde. A linguiça sempre teve lugar de destaque em tais refeições quando eu era jovem. — Holmes pareceu estremecer um pouco.

— Sinto-me corrigido e informado, senhor — falou o homem do Texas, de forma jovial, acenando com um sanduíche para enfatizar, levando-nos a cair na gargalhada, Holmes por conta do próprio pedantismo e o sr. Macklesworth quase por alívio de poder se distrair dos assuntos pesados que lhe enchiam a cabeça.

— O senhor descobriu alguma pista para o mistério em High Cogges? — perguntou nosso convidado.

— Ah, sim, sr. Macklesworth — respondeu Holmes —, tenho uma ou duas coisas para verificar, mas creio que o caso esteja solucionado. — Estalou de novo a língua, dessa vez diante da expressão de espanto encantado no rosto do americano.

— Solucionado, sr. Holmes?

— Solucionado, sr. Macklesworth, mas não provado. O dr. Watson, como de

hábito, contribuiu bastante com minhas deduções. Foi você, Watson, que sugeriu o motivo para envolver esse cavalheiro no que, acredito, foi um crime tenebroso cometido com absoluto sangue-frio.

— Então eu estava certo, sr. Holmes! Sir Geoffrey foi assassinado!

— Assassinado ou levado ao suicídio, sr. Macklesworth, o que não chega a fazer muita diferença.

— O senhor sabe quem é o culpado?

— Acredito que sim. Por favor, sr. Macklesworth — disse Holmes, puxando um pedaço de papel amarelo do bolso interno do paletó —, poderia dar uma olhada nisto? Tirei de meus arquivos a caminho daqui e me desculpo por estar tão empoeirado.

Franzindo um pouco a testa, o homem do Texas pegou o papel dobrado e depois coçou a cabeça, meio confuso, lendo em voz alta:

— "Meu caro Holmes, muito obrigado por sua generosa ajuda na questão recente envolvendo meu amigo pintor… Desnecessário dizer que ficarei para sempre lhe devendo. Muito sinceramente…"

Erguendo os olhos e parecendo um tanto perdido, ele falou:

— Não conheço o papel de carta, sr. Holmes. Sem dúvida o Athenaeum é um de seus clubes. Porém, a assinatura é falsa.

— Eu imaginava que o senhor pudesse confirmar isso — falou Holmes pegando de volta o papel da mão de nosso convidado. Longe de se sentir incomodado pela informação, ela pareceu deixá-lo satisfeito. Fico pensando quão distante no tempo podem se encontrar as raízes desse crime. — Agora,

antes que eu dê mais detalhes, sinto necessidade de demonstrar uma coisa. Pergunto-me se o senhor faria a gentileza de escrever um bilhete para a sra. Gallibasta em Willesden. Gostaria que o senhor lhe dissesse que mudou de ideia a respeito de voltar aos Estados Unidos e decidiu morar na Inglaterra durante um período. Nesse ínterim, sua intenção é guardar a escultura de Fellini no cofre de um banco até seu retorno à terra natal, quando, então, consultará um advogado para resolver o que fazer com a estátua.

— Se eu fizesse isso, sr. Holmes, não estaria honrando o compromisso com meu primo. E estaria contando uma mentira a essa senhora.

— Acredite, sr. Mackelsworth, eu lhe garanto que o senhor não estará quebrando sua promessa nem contando uma mentira a uma senhora. Na verdade, estará prestando a sir Geoffrey Mackelsworth e, espero, às duas grandes nações a que pertencemos, um serviço importante, se seguir minhas instruções.

— Muito bem, sr. Holmes — disse Macklesworth, retesando o queixo e assumindo expressão séria —, se essa é sua palavra, estou pronto para fazer o que me pedir.

— Perfeito, Mackelsworth! — Os lábios de Sherlock Holmes deixaram entrever parcialmente seus dentes, como um lobo que vê a presa se tornar, enfim, vulnerável. — Aliás, o senhor já ouviu falar em seu país de uma criatura conhecida como “Little Peter” ou, às vezes, “French Peter”?

— Decerto que sim. Ele foi popular na imprensa sensacionalista e continua sendo até hoje. Operava em Nova Orleans há uma década. Jean “Petit Pierre” Fromental. Um artista de variedades. Era em parte arcadiano e, diziam alguns, em parte algonquino. Um homem bonito e poderoso, famoso por uma série de

assassinatos especialmente vis de dignitários ilustres nas salas privativas daqueles estabelecimentos pelos quais Picayune é famosa. Uma cúmplice participava dos crimes. Diziam que ela atraía os homens para suas mortes. Fromental acabou sendo capturado, mas a mulher jamais foi presa. Há quem acredite que foi ela quem o ajudou a fugir da prisão. Se bem me lembro, sr. Holmes, Fromental nunca foi pego novamente. Não surgiu alguma prova de que ele, por sua vez, foi assassinado por uma mulher? O senhor acha que Fromental e sir Geoffrey foram ambos vítimas da mesma assassina?

— Em certo sentido, sr. Mackelsworth. Como falei, reluto em lhe passar minha teoria antes de testá-la. Contudo, nada disso foi obra de uma mulher, eu lhe garanto. O senhor fará o que lhe pedi?

— Conte comigo, sr. Holmes. Vou redigir o telegrama agora mesmo.

Quando o sr. Macklesworth foi embora, eu me virei para Holmes, com a expectativa de que ele me esclarecesse o caso um pouco mais, mas ele embalava sua solução como se fosse um filho predileto. A expressão em seu rosto me irritou bastante.

— Vamos lá, Holmes, assim não vale! Você diz que eu ajudei a solucionar o problema, mas não me dá pista alguma da solução. A sra. Gallibasta não é a assassina; ainda assim, você diz que um assassinato provavelmente está na pauta. Minha teoria, a de que sir Geoffrey mandou sumir com a estátua e depois se matou para evitar que cometesse um crime, como aconteceria se tivesse a falência decretada, parece confirmar isso. Sua caligrafia o identificou como autor das cartas que diziam que o sr. Macklesworth era um parente, sendo que ele nada tem a ver com isso, e depois, de repente, você começa a falar de um bandido da

Louisiana conhecido como “Little Pierre”, que pareceu ser seu principal suspeito até o sr. Macklesworth revelar que ele morreu.

— Concordo com você, Watson, que tudo é muito confuso. Espero esclarecimentos esta noite. Você está com seu revólver, meu amigo?

— Não tenho o hábito de andar armado, Holmes.

Nesse momento, Sherlock Holmes atravessou a sala e pegou uma grande caixa de sapatos que também trouxera do 221B naquela tarde. Abrindo-a, tirou dela dois modernos revólveres Webley e uma caixa de munição.

— Talvez eles sejam necessários para defender nossas vidas, Watson. Estamos lidando com uma inteligência criminosa magistral. Uma inteligência ao mesmo tempo paciente e calculista, que planejou este crime durante anos e agora acredita que existe alguma chance de ser frustrado.

— Você acha que a sra. Gallibasta está em conluio com ele e vai alertá-lo quando receber o telegrama?

— Digamos apenas, Watson, que devemos esperar uma visita esta noite. Por isso a obra de Fellini está em nossa janela, a fim de ser reconhecida por qualquer um que tenha familiaridade com ela.

Falei a meu amigo que, em minha idade e posição, já estava perdendo a paciência para esse tipo de charada, mas com relutância concordei em me posicionar onde ele indicou. Apertando com força meu revólver, me acomodei para passar a noite.

A noite foi quase tão abafada quanto o dia, e eu começava a desejar ter vestido

algo mais leve e providenciado um copo d’água quando ouvi um barulho estranho, rascante, em algum lugar na rua. Arrisquei-me a dar uma olhada do lugar onde estava em pé atrás da cortina e fiquei pasmo de ver uma figura, indiferente a qualquer observador, mas mesmo assim visível à luz amarelada dos lampiões, subindo pela trepadeira de glicínia!

Em segundos, o homem — pois era um homem, e gigantesco por sinal — tirara do cinto uma faca e estava abrindo a tranca da janela onde se encontrava a escultura de Fellini. Não sei como consegui manter minha posição. Temi que o sujeito se apossasse da estátua e a levasse com ele, mas o bom senso me disse que, a menos que ele planejasse baixá-la pela janela, precisaria entrar e tentar sair pela escada.

O audacioso ladrão continuou desatento a qualquer curioso, como se seu objetivo de tal forma lhe enchesse tanto a mente que qualquer outra coisa lhe era insignificante. Tive um vislumbre de suas feições à luz dos lampiões. Seu cabelo era grosso, ondulado e estava preso por uma faixa. O queixo não estava barbeado, e a pele escura, quase negra, me revelou na mesma hora que se tratava de um parente da sra. Gallibasta.

Então, ele arrebentou a tranca da janela e ouvi sua respiração sibilar em seus lábios quando ergueu o vidro e pulou para dentro do quarto.

No momento seguinte, Holmes saiu de seu esconderijo e apontou o revólver para o homem, que se virou com os olhos chamejantes de uma besta encurralada, com a faca na mão, buscando uma forma de escapar.

— Tenho um revólver carregado apontado para sua cabeça, homem — disse

Holmes com frieza —, e você faria bem se largasse a faca e se entregasse.

Com um rosnado mudo, o intruso se atirou sobre a estátua, colocando-a entre si e nossas armas.

— Atire se tiver coragem! — gritou. — Você estará destruindo mais que minha vida sem valor! Estará destruindo tudo que conspirou para preservar!

Subestimei você, Macklesworth. Achei que fosse um idiota deslumbrado pela noção de ser parente de um cavaleiro do reino, com quem mantinha correspondência íntima. Trabalhei diversos anos para descobrir o que fosse possível a seu respeito. Você parecia perfeito. Disposto a fazer qualquer coisa, desde que achasse que se tratava de uma questão de honra familiar. Ah, como planejei! Como me controlei! Como fui paciente. Como fui nobre em todos os atos! Tudo para que um dia eu não apenas possuísse o dinheiro do tolo sir Geoffrey, mas também seu tesouro mais precioso! Eu tinha o amor dele, mas queria o restante também.

Foi quando me dei conta do que Holmes vinha me dizendo. Quase engasguei quando entendi a verdade da situação!

Naquele momento, vi um brilho prateado e ouvi o som doentio de aço entrando na pele. Holmes caiu para trás, a pistola escapando de sua mão e, com um grito de raiva, descarreguei toda a munição de meu revólver, indiferente quanto ao destino do Fellini e de sua arte, acreditando que, mais uma vez, meu amigo havia sido tirado de mim, desta vez debaixo de meus próprios olhos.

Vi Jean-Pierre Fromental, aliás Linda Gallibasta, desabar para trás, de braços erguidos e se chocar com a janela pela qual entrara. Com um grito terrível, ele titubeou, se agitou no ar e depois mergulhou em um silêncio chocante.

Nesse momento, a porta se escancarou, e por ela entrou John Mackelsworth,

seguido de perto por nosso velho amigo, o inspetor Lestrade, a sra. Beck e um ou dois outros inquilinos do número 2 da Dorset Street.

— Tudo bem, Watson — ouvi Holmes dizer, um pouco débil. — Foi apenas um ferimento superficial. Foi estupidez de minha parte achar que ele não poderia atirar a faca! Venha cá, Lestrade, e veja o que pode fazer. Espero que o leve daqui vivo. Pode ser a única maneira de sermos capazes de localizar o dinheiro que ele vem roubando de seu patrono todos esses anos. Boa noite, sr. Mackelsworth. Tive a esperança de convencê-lo de minha solução, mas não esperava sofrer ferimentos durante o desempenho. — Seu sorriso era fraco e os olhos mostravam dor.

Felizmente consegui alcançar meu amigo antes que ele desabasse em meus braços e me permitisse guiá-lo até uma cadeira, onde dei uma olhada no ferimento. A faca atingira o ombro dele e, como Holmes sabia, não causara nenhum dano permanente, mas não invejei o desconforto que ele devia estar sentindo.

O pobre Macklesworth estava atônito. Toda sua noção das coisas virara de cabeça para baixo e ele estava tendo dificuldade para registrar tudo. Depois de tratar do ferimento de Holmes, falei ao americano para se sentar enquanto servia a todos um cálice de conhaque. Tanto o homem do Texas como eu estávamos nos coçando para descobrir tudo que Holmes deduzira, mas nos contivemos até ele melhorar. Agora que o choque inicial passara, porém, seu ânimo parecia ótimo e ele se divertia com nossas expressões.

— Sua explicação foi engenhosa, Watson, e passou perto da verdade, mas infelizmente não era a resposta. Se fizer o favor de olhar no bolso interno de meu

paletó, há de achar dois pedaços de papel. Poderia fazer a gentileza de tirá-los daqui para que todos os vejam?

Fiz o que meu amigo pediu. Um pedaço continha a última carta que sir

Geoffrey escrevera para John Macklesworth e, ostensivamente, deixara com a sra. Gallibasta. O outro, bem mais velho, continha a carta que John

Macklesworth lera em voz alta mais cedo naquele mesmo dia. Embora houvesse

uma ligeira semelhança na caligrafia, os autores com certeza eram diferentes.

— Você disse que essa era a falsificação — falou Holmes, segurando a carta

na mão esquerda — mas, infelizmente, estava errado. Talvez seja essa a única amostra da caligrafia de sir Geoffrey que o senhor já viu, sr. Mackelsworth.

— Está dizendo que ele ditava tudo para a… para o diabo?

— Duvido, sr. Mackelsworth, que seu primo um dia tenha sabido de sua

existência.

— Ele não poderia escrever para um homem de quem nunca ouvira falar, sr.

Holmes!

— Sua correspondência, meu caro, não era com sir Geoffrey, mas com o

homem estendido na calçada lá embaixo. Seu nome, como o dr. Watson já

deduziu, é Jean-Pierre Fromental. Não há dúvida de que fugiu para a Inglaterra

depois dos assassinatos Picayune e se juntou a uma turma boêmia que cercava o

lorde Alfred Douglas e outros, acabando por encontrar precisamente o tipo de homem que procurava. É possível que tenha conservado seu disfarce de Linda Gallibasta esse tempo todo. Decerto isso explicaria por que sentia tanto medo de

ser examinado por um médico. Foram essas as palavras da dona da mercearia que serve como correio. É difícil saber se ele andava sempre vestido de mulher.

Era dessa forma, afinal, que ele atraía suas vítimas na Louisiana para a morte.

Difícil também saber se sir Geoffrey conhecia muito a seu respeito, mas sem dúvida ele se tornou indispensável para o patrão e foi capaz, pouco a pouco, de esconder o que sobrara da fortuna Mackelsworth. Seu mais ardente desejo, contudo, era obter a escultura de Fellini e foi então que planejou as ações que levaram a calculadamente enganá-lo, sr. Mackelsworth. Ele precisava de alguém com o mesmo sobrenome que morasse não muito longe de Nova Orleans. Como garantia extra, inventou um terceiro primo. Com a simples artimanha de escrever para o senhor no papel de carta de sir Geoffrey, ele criou uma série de mentiras, cada uma delas parecendo validar a outra. Como ele sempre pegava a correspondência vestido de Linda Gallibasta, sir Geoffrey jamais teve ciência do engodo.

Foi a vez de John Macklesworth sentar-se de repente quando registrou o que ouvira.

— Santo Cristo, sr. Holmes. Agora entendo!

— Fromental queria a escultura. Tornou-se obcecado com a ideia de possuí-la, mas sabia que, se a roubasse, dificilmente conseguiria tirá-la do país. Precisava de alguém para fazer isso por ele. E esta pessoa era o senhor. Sinto informar que provavelmente não é primo do assassinado. Nem sir Geoffrey temia pelo próprio tesouro. Parecia bastante conformado com sua pobreza e há muito se assegurara de que a estátua permaneceria a salvo para sempre para sua família ou para o público. A escultura ficou isenta de responder por qualquer dívida graças a um acordo especial feito com o Parlamento. A obra jamais correu perigo de ir parar

nas mãos dos credores. Não havia, é claro, nessas circunstâncias, meio algum pelo qual Fromental pudesse obtê-la. Ele precisou engendrar primeiro um assalto e, então, um homicídio, que deu a impressão de ser consequência do assalto. O bilhete suicida foi uma falsificação, mas difícil de decifrar. O plano de Fromental era usar sua honestidade e decência, sr. Macklesworth, para transportar a estátua para os Estados Unidos. Então, ele planejou arrancá-la do senhor por quaisquer meios que fossem necessários.

Mackelsworth estremeceu.

— Fico feliz por tê-lo encontrado, sr. Holmes. Se não tivesse, por uma simples coincidência, escolhido aposentos na Dorset Street, eu poderia ter conspirado para realizar os intentos daquele vilão!

— Como fez, ao que tudo indica, sir Geoffrey. Durante anos ele confiou em Fromental. Chegou mesmo a admirá-lo. Estava cego quanto ao fato do pouco que sobrava de seu patrimônio estar sendo dilapidado. Atribuiu tudo à própria incompetência e agradeceu Fromental por ajudá-lo! O homem não teve dificuldade, claro, para matar sir Geoffrey quando chegou a hora. Deve ter sido bem simples. Aquele bilhete suicida foi a única falsificação no caso, cavalheiros. A menos, é lógico, que considerem o assassino em si.

E mais uma vez o mundo se tornara um lugar mais seguro e sadio graças aos incríveis poderes dedutivos de meu amigo Sherlock Holmes.

Pós-escrito

E foi esse o fim do caso Dorset Street. A escultura de Fellini foi levada para o Museu Victoria and Albert, que, durante alguns anos, a manteve em uma ala especial, a Ala “Macklesworth”, antes de transferi-la, por acordo, para o Museu

Sir John Soane. Lá, o nome Macklesworth continua vivo. John Macklesworth voltou aos Estados Unidos mais pobre, porém mais sábio. Fromental morreu no hospital, sem revelar o paradeiro da fortuna roubada, mas felizmente a caderneta bancária foi encontrada em Willesden, e o dinheiro, distribuído entre os credores de sir Geoffrey, motivo pelo qual a casa não precisou ser vendida. Ela está agora nas mãos de um primo verdadeiro de Macklesworth. A vida logo voltou ao normal e foi com certa tristeza que saímos da Dorset Street para voltar a fixar residência no número 221B. Vez por outra, até hoje, tenho a oportunidade de passar por aquela casa agradável e recordar com certa nostalgia os poucos dias em que ela se tornou o foco de uma extraordinária aventura.

A aventura do lagarto venenoso

BILL CRIDER

Nascido e criado no Texas, Bill Crider (1941-) é um prolífico autor de romances de mistério (bem como de vários *westerns*, romances de terror e livros infantojuvenis) há trinta anos. Afora *Blood Marks* (1991), um livro centrado em um violento serial killer, sua obra costuma ser tradicional e sentimental.

A série do xerife Dan Rhodes apresenta as aventuras de um xerife em um pequeno condado do Texas, onde, como escreveu Crider, “não existem serial killers onde um homem nu escondido em um contêiner de lixo é notícia de destaque e onde o xerife ainda tem tempo para investigar o roubo de uma dentadura”. O primeiro livro da série, *Too Late to Die* (1986), ganhou o Prêmio Anthony.

O passado de Crider como professor de inglês pode ter lhe servido de pano de fundo para a série sobre Carl Burns, um professor em um pequeno colégio religioso, que é um relutante investigador diletante, bem como os livros sobre Sally Good, a diretora do Departamento de Inglês em uma universidade

comunitária próxima à costa do golfo do Texas, que também é uma relutante investigadora diletante. O primeiro romance com o personagem Burns foi *One Dead Dean* (1988), e o primeiro com Good, *Murder is an Art* (1999). Crider também escreve uma série sobre um detetive particular de Galveston, Truman Smith, cuja primeira aventura foi *Dead on the Island* (1991), indicado para o prêmio Shamus pelo grupo Private Eye Writers of America.

"A aventura do lagarto venenoso" foi publicado pela primeira vez em *The New Adventures of Sherlock Holmes*, editado por Martin H. Greenberg, Jon L.

Lellenberg e Carol-Lynn Rössel Waugh (Nova York, Carroll & Graf, 1999).

A AVENTURA DO

LAGARTO VENENOSO

Bill Crider

Atualmente, sou um velho, mas em dias como o de hoje, no úmido finalzinho

da primavera, quando a chuva gélida já está caindo por dias a fio, ainda sinto a

dor da bala Jezail que me feriu na batalha de Maiwand, há tanto tempo que já nem me recordo onde fui atingido. Às vezes, a dor é na perna, em outras, no ombro, razão pela qual em mais de uma ocasião me perguntei se fui mesmo atingido ou se minha lembrança do acontecimento não passa de um sonho.

Contudo, não foi um sonho. Não. Estive mesmo em Maiwand, bem como em

outros lugares, lugares que ajudei a tornar conhecidos para aqueles que foram gentis o bastante para ler meus relatos sobre meu grande amigo Sherlock

Holmes. Assim, em dias como hoje, quando sair é uma ideia pouco atraente, embora ficar em casa esteja ficando cada vez mais insuportável, que me vejo sentado e mudo em uma cadeira, rememorando os casos registrados de Sherlock

Holmes nos quais tive um papel relevante. Faço isso tanto para me assegurar de

que aquilo que realizei não foi um sonho quanto, de certa forma, para reviver esses dias e vivenciar de novo um pouco da trepidação que sentia naquela época

havia muito deixada para trás.

E vez por outra, conforme leio esses manuscritos amarelados, recordo outras aventuras, ainda não registradas, e me pego desamassando uma folha de papel e usando pena e tinta para anotar os fatos antes que eles sumam para sempre de minha memória. Como eu gostaria, nessas horas, de estar de posse do volume cuidadosamente indexado dos casos de Holmes, vez ou outra folheado por ele!

Se assim fosse, eu teria ao alcance das mãos um genuíno tesouro de informações. Porém, concluo que não necessito dele. Conforme escrevo, esses dias me voltam à mente com a clareza de uma visão, me dando, se não a oportunidade de reviver minha vida de fato, uma chance de, ao menos, relembrar o que ela foi, na época em que Holmes e eu embarcamos na peculiar aventura do lagarto venenoso.

Foi em um dia muito parecido com o de hoje. O inverno parecia relutante em ceder seu domínio e pairou sobre a cidade durante várias semanas mais que o devido, enchendo o ar de bruma e chuva gélidas. A bala Jezail me incomodava.

O calçamento estava escorregadio e brilhava à luz dos lampiões à noite. Gotas de chuva escorriam pelas vidraças do número 221B da Baker Street, enquanto Sherlock Holmes as contemplava sombriamente e fumava seu cachimbo, cuja fumaça subia em círculos, formando um nimbo em torno de sua cabeça.

Ultimamente não vínhamos recebendo visitas de pessoas necessitadas dos serviços do único detetive consultor do mundo, e Holmes começava a ficar inquieto. Eu conhecia os sinais.

Porém, de repente, ele foi despertado de sua apatia. Apontando com o cabo do cachimbo para a rua, disse:

— Venha cá, Watson. Venha observar um homem desesperado.

Levantei-me da cadeira e fui até a janela. Lá fora, na chuva fina, um homem descia apressado a rua em direção à nossa casa.

— Como sabe que ele está desesperado, Holmes? — indaguei.

— Teste seus próprios poderes, meu caro — respondeu ele. — Trata-se de simples observação. Repare que não usei o verbo *ver*, pois a diferença entre *ver* e *observar* é vasta como a terra.

Com frequência, ele batia na mesma tecla; portanto, eu estava preparado, embora minha modesta habilidade de observação jamais tivesse chegado aos pés da dele.

— Para começar — falei —, ele está curvado para a frente e anda com rapidez. Com grande determinação, e… veja só! Escorregou porque posicionou mal o pé. Com certeza sua mente está ocupada com alguma coisa que não é a própria segurança.

— Muito bom, Watson — disse Holmes. — Tudo que disse é fato. Mas escapou-lhe o detalhe mais revelador. Às vezes, é o mais óbvio que nos escapa.

— E qual seria esse detalhe?

— Ele não está usando guarda-chuva — respondeu Holmes. — Quem se aventuraria a sair com um tempo desses sem guarda-chuva? Para um inglês, então, isso seria impensável, mas lá está ele, decerto um homem que saiu de casa com uma enorme pressa, sem pensar em qualquer outra coisa que não sua missão, seja ela qual for. Desconfio de que vá bater à nossa porta em poucos segundos, pois não há dúvida de que está necessitado de nossos serviços.

Quase em seguida, o palpite de meu amigo se revelou correto, pois ouvimos batidas na porta, e a sra. Hudson se anunciou. Abri a porta para deixar entrar nossa senhoria e o visitante ensopado, um de uma longa lista de personagens incomuns e, às vezes, infames que buscavam a ajuda de Sherlock Holmes.

— Peço humildes desculpas por qualquer dano — disse o homem, enquanto a água escorria de sua roupa para o chão. — Na pressa, devo dizer, no desespero para vir vê-lo, me esqueci de pegar um guarda-chuva. Espero que me perdoem.

— É claro — disse Holmes, mais que disposto a perdoar o que, na verdade, não passava de um ligeiro incômodo em vista da ansiedade de ouvir o que nosso visitante logo começaria a nos contar, já que era claro que o jovem, pois era um jovem, se mostrava não só desesperado, como também transtornado.

Seus olhos estavam esbugalhados e o olhar era incapaz de se fixar em uma pessoa ou um objeto na sala, vagando de um lado para o outro, de nossa bancada abarrotada para o patriótico R.V., de Rainha Vitória, que Holmes gravara à bala em nossa parede, do rosto de Holmes para o meu, das janelas para o tapete.

Por fim, o sujeito respirou fundo e perguntou:

— Qual dos dois é Sherlock Holmes?

— Sou eu — respondeu Holmes. — Watson, providencie uma manta para nosso visitante. Sra. Hudson, traga uma toalha seca, por favor.

Em segundos, aquela prestativa mulher voltou com uma toalha, que nossa visita usou para enxugar parte da água que ensopava tanto sua roupa quanto o chão, após o que ela pegou a toalha da mão dele e saiu do aposento. O jovem se enrolou na manta que eu trouxera e se sentou, tremendo de frio, em nosso sofá,

começando a nos contar uma história das mais estranhas que eu já tivera o prazer de ouvir naquela sala da Baker Street.

— Meu nome — disse ele — é William Randolph e acredito que eu tenha matado minha irmã.

Pode-se facilmente imaginar o horror que senti ao pensar que um assassino confesso estava ali, sentado em nosso sofá, enrolado em uma manta de meu próprio quarto. Holmes, no entanto, permaneceu impassível. Muitas vezes ele me dissera que a capacidade de manter a própria objetividade era da maior importância no processo do raciocínio. Holmes não formulava teorias de antemão. Ouvia, em vez disso, e abordava cada caso com uma mente semelhante, na medida do possível, a uma tábula rasa.

— Quando isso aconteceu? — indagou o detetive.

— Acabei de fazer a descoberta — respondeu o infeliz. — E na mesma hora vim procurá-lo, porque o senhor estava próximo e porque já li a respeito de seus feitos.

Holmes assentiu ante o elogio implícito, embora, vez por outra, se queixasse de que minhas modestas tentativas para tornar públicas suas aventuras fossem exageradas.

— O senhor disse que “fez a descoberta”. Isso não parece indicar qualquer ação de sua parte que possa ser interpretada como homicídio.

Randolph balançou uma das mãos.

— Acho que minha mente não está funcionando muito bem. Deixe-me organizar os pensamentos e recomeçar.

Emudeceu por um instante, enquanto Holmes fumava seu cachimbo. Observei

os dois, ansioso e espantado.

Passados vários minutos, Randolph recomeçou a narrativa:

— Até um ano atrás, morei nos Estados Unidos, na Califórnia e na parte do país habitada pelos mórmons.

Holmes me lançou um olhar significativo, como se dissesse que sabia muito bem no que eu estava pensando: em um caso seu em que a palavra homicídio em

letras vermelhas se destacava com nitidez.

— Morei lá por razões profissionais, não religiosas — prosseguiu Randolph,

indiferente ao olhar trocado entre mim e Holmes. — A atividade não vem ao caso, mas enquanto estive naquele país, fui atraído pela fauna peculiar da região

ao sul de onde eu vivia, em especial por um tipo de lagarto conhecido como monstro-de-gila.

— Ah! — disse Holmes. — O lagarto venenoso, *Heloderma suspectum*.

Randolph lançou um olhar estupefato para Holmes. Não estava tão

familiarizado quanto eu com a amplitude dos conhecimentos de meu amigo

quanto a tudo relacionado a veneno, ou, na verdade, a qualquer coisa letal ou perigosa, assuntos sobre os quais Holmes sabia tanto, ou mais, que qualquer outra pessoa.

— O senhor está certo — confirmou Randolph. — Quer dizer que conhece o

monstro-de-gila.

Ele assentiu de forma quase imperceptível.

— Sei que o animal pode chegar a um tamanho bem grande, que é quase todo

preto com áreas alaranjadas e rosadas na pele, e é capaz de armazenar comida no

corpo durante longos períodos de tempo. Também sei, entre outras coisas, que

sua mordida é considerada mortal. Contudo, jamais vi um em pessoa.

— Temo que logo verá — emendou Randolph, embora sem se explicar. —

Quanto a mim, vi vários deles em uma coleção na casa de um homem que se tornou um amigo, e fiquei fascinado. Cheguei a escrever para minha irmã e o

marido dela falando sobre essas criaturas ímpares, o que levou à cena pavorosa que descobri há pouco.

— O senhor ainda não descreveu tal cena para nós — disse Holmes — nem

nos disse por que veio nos ver.

— Chegarei lá. Prometo. Mas antes preciso lhes contar o que minha

fascinação com estas criaturas me levou a fazer: trouxe uma de presente para a

minha irmã e meu cunhado.

— E isso, presumo, levou à situação que o trouxe aqui — atalhou Holmes.

— Sim — respondeu Randolph, pondo a cabeça entre as mãos.

Holmes fumava e aguardava, enquanto eu continuava a esperar a revelação

que se avizinhava.

Por fim, Randolph ergueu os olhos:

— Hoje mais cedo, poucos momentos antes de bater à porta dos senhores, fui

visitar minha irmã. Foi lá que a encontrei morta, envenenada pelo mesmo lagarto

que lhe dei de presente.

— Santo Deus! — exclamei. — Está dizendo que neste exato momento ela se

encontra estirada no chão da casa?

— Sim — falou Randolph. — E vim procurar Sherlock Holmes para que ele

descubra a coisa que a matou, pois não consigo.

— O lagarto está solto na casa? — indaguei, meu sangue gelando só de imaginar.

— Deve estar, porque a gaiola de vidro em que vivia se quebrou e ele não estava no cômodo onde minha irmã jaz morta.

Quando Randolph disse tais palavras, toda a cor que restara em seu rosto sumiu, enquanto os ombros estremeciam com seus soluços silenciosos.

A expressão de Holmes continuava impassível.

— Watson — disse ele —, acho melhor você pegar seu revólver e sua maleta de médico. É possível que tenhamos necessidade de ambos. Existem feitos escusos aqui, meu caro.

A chuva dera lugar a uma bruma espessa que criava anéis brilhosos e glaciais em volta dos lampiões da rua quando saímos do apartamento, e já não era mais necessário o uso de guarda-chuvas. Ansiosos, seguimos Randolph até a casa da irmã, um prédio georgiano localizado na Blandford Street, não muito distante de nossa residência.

Entramos por uma porta destrancada e atravessamos um corredor onde havia um pé de elefante que servia para colocar os guarda-chuvas. Holmes fez uma pausa breve quando passamos por ele e examinou os guarda-chuvas que ali estavam, um deles, reparei, ainda molhado. Então passamos por uma sala de estar escura na qual as brasas do fogo já extinto reluziam debilmente na lareira e por uma espécie de solário, onde uma das paredes era basicamente tomada por janelas, embora toda a claridade agora viesse de dois lampiões reticentes. Havia plantas de vários tipos em vasos, mas não lhes prestei atenção, pois meus olhos

foram atraídos pelo que estava no chão.

Era o corpo de uma jovem, cuja semelhança com o irmão era evidente, mesmo sob a luz mortiça do cômodo. O cabelo escuro se espalhava sobre o assoalho e a pele parecia ter adquirido um tom azulado, sem dúvida devido ao veneno do monstro-de-gila. Pousando a maleta de médico a meu lado, tentei sentir algum sinal de pulsação, mas era tarde demais para falsas esperanças. Ela estava morta.

Holmes se ajoelhou perto do corpo a fim de examinar a pele do braço da moça, no qual havia furos profundos em vários pontos, onde o lagarto a mordera.

O monstro-de-gila, contudo, desaparecera. Havia uma gaiola grande, o chão forrado de areia, iluminada e aquecida por um dos lampiões. No entanto, uma de suas laterais estava estilhaçada, como se tivesse sido quebrada em meio a alguma luta. A areia escorrera para o chão.

Holmes e eu nos pusemos de pé. Randolph permaneceu onde parara, na entrada do aposento, como se fosse incapaz de entrar. O rosto era uma máscara de apreensão sofrida.

— Onde aquela coisa pode ter se metido? — indagou. — E pensar que eu a trouxe para esta casa, que sou a causa da morte de minha irmã! Assassino! Assassino!

— Um acidente não é homicídio — interveio Holmes. — O senhor sabe se sua irmã manuseava o lagarto com frequência?

— O nome dela era Sofia — disse Randolph, entristecido. — Sofia Randolph Bingham. Eu diria que poucas vezes, ou nunca, ela tocava naquela coisa. O animal não precisava ser alimentado com frequência e com certeza não era

afetuoso. O senhor precisa achá-lo!

Holmes assentiu, preocupado.

— Não creio que vá ser difícil. Surpreende que o senhor mesmo não o tenha encontrado.

Randolph deixou a cabeça pender:

— Confesso que fiquei com medo. E nem saberia por onde começar.

— Eu começaria por um lugar quente — disse Holmes. — Um lar inglês no inverno dificilmente é o tipo de local que o monstro-de-gila considere uma moradia agradável. Estou surpreso que tenha sobrevivido por tanto tempo.

— Eu o trouxe para cá há apenas um mês — esclareceu Randolph. — No entanto, a viagem até aqui foi longa.

— O monstro-de-gila pode sobreviver bastante tempo sem comida, mas precisa de água de vez em quando e de calor com ainda mais frequência.

— Minha cabine no navio era bem quente — disse Randolph. — O senhor acha que a falta de um ambiente ameno pode ter levado aquela coisa a matar minha irmã?

— Parece improvável — respondeu Holmes. — Diga-me uma coisa: por onde anda seu cunhado?

— Foi ele que me encorajou a trazer o monstro-de-gila comigo — respondeu o jovem. — Ele parecia tão interessado na besta quanto eu. Contudo, assim que viu o animal, sentiu repulsa por sua aparência. Minha irmã, de natureza mais bondosa, teve pena do bicho e, por isso, ele ficou aqui.

Holmes olhou em volta:

— Seu cunhado deve ser um homem abastado para ter uma casa como esta.

Randolph esboçou um sorriso.

— Ele é médico, como seu amigo, o dr. Watson. Embora faça muito bem aos outros, não acho que ganhe muito com isso.

— A casa, então, é de sua irmã.

— Sim. Nossa família é muito bem-sucedida na atividade que mencionei antes.

— Não creio que o senhor tenha mencionado que atividade era essa — falei.

— Ela teve início com meu pai, que era um aventureiro e tanto. Envolve a mineração de bórax, e fui enviado aos Estados Unidos após a morte dele para aprender como gerir o negócio. — Baixando os olhos para o corpo no chão, o rapaz prosseguiu: — Agora, como resultado, Sofia se foi como meu pai, e a culpa é minha.

— Talvez não — disse Holmes.

— Claro que não — acrescentei. — O senhor não pode se culpar pelas ações de um animal que considerava inofensivo.

— Ah, mas eu sabia que ele era venenoso — protestou Randolph. — Enquanto morei no Oeste americano, ouvi vários relatos de sua potente mordida. Eles aumentaram meu fascínio com o lagarto e cheguei a apresentar vários casos em cartas para minha irmã. Os relatos eram muito vívidos e, segundo um deles, quando o monstro-de-gila se gruda a uma vítima, ele se recusa a soltá-la e precisa ser removido à faca — disse ele, estremecendo. — Ao menos minha irmã foi poupada desse horror.

— Sim — concordou Holmes. — Mas não outros.

Randolph aprumou os ombros.

— Não — concordou. — Porém, não podemos permitir que isso aconteça com mais ninguém. O senhor pode me ajudar a encontrar o monstro-de-gila?

Holmes assentiu:

— Como afirmei, não deve ser difícil localizá-lo. Venha.

— Espere, Holmes — falei. — Não deveríamos fazer alguma coisa com… com a srta. Sofia?

— É um infortúnio, mas acho que seria melhor deixá-la quieta no momento. Pode cobrir o rosto dela, se quiser.

Fiz o que Holmes sugeriu, usando meu lenço de linho limpo para esconder do resto do mundo aquele triste rosto.

Holmes, então, nos levou até a sala de estar penumbrosa e disse:

— Há alguma luz aqui?

— Claro — respondeu Randolph, e justo quando a luz avermelhou sua face, ouvimos o barulho de uma porta se abrindo e de alguém entrando no corredor.

— Sofia? — disse uma voz. — É você?

— Santo Deus! — exclamou Randolph. — É Bertie. Quero dizer, o dr. Bingham. O marido dela. O que vou dizer?

— Diga que estamos na sala — sugeriu Holmes.

Randolph assim fez, e o dr. Bingham entrou após tirar o casaco e deixar a maleta

no corredor. Era um homem ainda jovem, não muito mais velho que o próprio Randolph e tinha um rosto redondo e sorridente, que devia prover grande

consolo aos necessitados de sua ajuda.

— Ah, William — saudou o médico. — Que bom encontrá-lo. E quem são os

cavalheiros que o acompanham?

Randolph me indicou com um gesto de mão:

— Esse é o dr. John Watson. E aquele — prosseguiu, virando-se para Holmes

— é o sr. Sherlock Holmes.

O rosto agradável de Bingham se iluminou ante a menção de nossos nomes.

— Ora, já ouvi falar de ambos. Morando tão próximos, esperava ter o prazer

de encontrá-los, e esse dia enfim chegou. Onde está Sofia? Ela já lhes ofereceu

um xerez?

Randolph parecia não fazer ideia de como responder e se virou, impotente, para Holmes.

— Lamento informá-lo — disse Holmes — que sua esposa está morta.

Aquela me pareceu uma forma um bocado rude de fornecer a informação, mas

suponho que não houvesse, na verdade, outra maneira. O sorriso de Bingham vacilou.

— Sem dúvida, isso deve ser algum tipo de piada — disse ele. — O senhor não pode estar dizendo…

O rosto de Holmes ficou sombrio.

— Lamento dizer que é isso mesmo que o senhor ouviu. Sua esposa está

morta no outro aposento.

Com um grito estrangulado, Bingham saiu correndo até o solário. Randolph, após lançar um olhar em nossa direção, o seguiu.

— E agora, Holmes? — indaguei, totalmente perdido.

— Agora vamos achar o monstro-de-gila — respondeu ele. — Acredito que esteja por perto.

Pegou a lamparina que Randolph acendera e caminhou em direção à lareira.

As brasas que antes ardiam incandescentes haviam quase virado cinzas. Holmes ergueu a lamparina na mão esquerda.

— Ali — falou, apontando com o indicador direito para um ponto na parte inferior da lareira.

E ali, de fato, estava ele.

Dava a impressão de ser uma criatura de outrora, compacta, entorpecida e negra, com manchas coloridas pouco visíveis à luz da lamparina. As patas com garras se agarravam aos tijolos da lareira onde o animal chegara atraído, sem dúvida, pelo calor do fogo moribundo. Os olhos semicerrados não estampavam expressão alguma.

— Não parece ser tão agressivo quanto imaginei — falei, segurando o cabo de meu revólver para o caso de a criatura tentar dar um bote em nós. Devagar, tirei a arma do bolso do casaco. — Acha que devo matá-la? — perguntei.

Holmes, sempre observador, sorriu diante de meu nervosismo.

— Não acho que tenhamos nada a temer quanto ao monstro-de-gila, que mal parece notar nossa presença.

E, de fato, assim era. O animal estava tão imóvel quanto a imagem gravada de

um deus pagão. Não parecia sequer respirar.

— Mas como vamos colocá-lo de novo na gaiola? O vidro se quebrou.

— Veremos — disse Holmes. — Por enquanto, vamos nos juntar ao dr. Bingham e tentar amenizar seu sofrimento.

Não achei que seria possível. Perder uma jovem e linda esposa no auge da própria existência… Aquela era uma melancolia de cortar o coração, e eu a conhecia muito bem. Porém, guardei o revólver e segui Holmes até o solário, onde Bingham estava sentado em um sofá de vime, soluçando com o rosto escondido nas mãos, enquanto Randolph se mantinha, impotente, a seu lado.

Bingham ergueu o olhar quando entramos, os olhos vermelhos e fundos.

— Não culpo meu cunhado por isso — falou. — Embora ele tenha tentado assumir a culpa, ela é apenas minha, pois fui eu que permiti que minha esposa mantivesse um monstro daqueles em casa.

— Acredito que o senhor esteja certo — concordou Holmes. — A culpa é só sua, pois foi o senhor quem matou sua esposa.

O rosto de Randolph refletiu meu espanto, embora nenhum de nós se mostrasse tão surpreso quanto Bingham.

— O que está dizendo? — indagou ele. — Como pode me acusar de homicídio nessas circunstâncias?

Sua dor me pareceu tão genuína que me impeliu a falar em sua defesa:

— Holmes, não me parece adequado invadir o luto de um homem com tal acusação.

— É mais que uma acusação, meu caro Watson — disse ele. — Trata-se de um fato.

Bingham se pôs de pé.

— Ouvi dizer que poucas vezes erra, sr. Holmes, mas desta vez está

cometendo um erro grave.

— Não, não estou. Os erros, e foram muitos, são todos seus. Acho melhor o

senhor procurar a polícia agora, sr. Randolph. Haveremos de querer que ela esteja aqui quando eu confirmar o que acabo de dizer.

Randolph se virou com uma expressão de apelo mudo para o cunhado, que

grunhiu, empurrou-o para o lado e passou por nós correndo, em direção à sala.

— Pare! — gritei, sacando o revólver que levava no casaco e atirando na viga

da parede.

O som do tiro ecoou pelo aposento, e Bingham congelou.

Holmes deu um sorriso sombrio.

— Essa foi uma reação rápida, Watson. Ainda bem que estava preparado.

— Conheço você há mais tempo que o dr. Bingham — falei. — E nunca vi você errar.

— Mesmo assim, duvidou por um instante.

— Por um instante — admiti, mantendo uma vigilância cerrada sobre o

médico, que, no entanto, dava a impressão de ter perdido a vontade de fugir. —

Mas apenas por um instante.

— Não tem problema — disse Holmes.

Os olhos de Randolph alternavam entre mim e Holmes e depois se fixavam em Bingham, de pé, atento, as mãos pendendo ao lado do corpo.

— Não entendo — começou Randolph. — Se o lagarto venenoso matou minha irmã, como a culpa pode ser de meu cunhado? Parece impossível o senhor saber disso.

— Eu soube enquanto ainda estávamos na Baker Street que havia algo de errado em sua história. Bastou chegarmos aqui para que eu confirmasse minhas suspeitas.

Aquelas palavras me confundiram:

— Sempre achei que você não teorizasse até ter todos os fatos.

— Eu tinha os fatos, e eles apontavam para homicídio — disse Holmes. —

Para começar, nunca se ouviu falar que o monstro-de-gila atacasse seres humanos, salvo em casos de extrema provocação. Não me pareceu provável que

uma mulher sozinha em casa fosse tão obtusa a ponto de provocar a criatura a atacá-la. Além disso, embora a mordida do lagarto seja de fato venenosa, não existe, pelo que sei, um único caso em que essa mordida tenha matado alguém.

— E as histórias que ouvi? — protestou Randolph.

— Não passam de histórias. Os mineiros costumam exagerar, embora possa

muito bem ser verdade que um deles tenha provocado um monstro-de-gila a

ponto de ser mordido. Pode até ser verdade que a mordida da criatura seja tão tenaz que precise ser removida à faca do corpo da vítima. Contudo, ela não mata.

— E quanto à mordida em minha irmã?

— Esse é um dos motivos por que não podemos nos dar ao luxo de matar o

animal e nos arriscarmos a destruir sua estrutura dentária ímpar. Tentaram fazer

as marcas no braço de sua irmã se assemelharem à mordida de um réptil, uma cobra, talvez, mas os dentes do monstro-de-gila não são nada parecidos com presas, como um simples exame demonstrará. Eles chupam a pele da vítima e abrem um orifício para introduzir o veneno em lugar de injetá-lo.

Randolph ainda estava confuso:

— Porém, Sofia está morta, e aparentemente o que a matou foi veneno.

— Sim, mas a cor da pele dela indica que é mais provável que o veneno foi

curare e não o do monstro-de-gila. E *curare* é um veneno que um médico pode

obter com facilidade. Observei uma mancha no braço de sua irmã, sem dúvida causada por uma injeção, uma injeção que o dr. Bingham aplicou nela depois de deixá-la inconsciente por outros meios. Então, ele quebrou a gaiola e libertou o monstro para fazer parecer que a morte da esposa tenha sido resultado de um acidente.

Randolph, agora quase convencido, encarou o cunhado:

— Por quê?

— Dinheiro — respondeu Holmes — quase sempre é a resposta. Sua irmã tinha a fortuna, não ele. Talvez seu cunhado estivesse pensando em trocá-la por outra, mas não podia fazer isso sem deixar para trás o dinheiro da esposa. Ou talvez apenas tivesse cansado de Sofia. Vamos ouvi-lo.

Bingham permaneceu calado.

— Se a polícia examinar sua maleta e encontrar o *curare*, você poderá provar que o está usando neste momento em algum paciente? — indagou Holmes.

Mais uma vez, Bingham saiu correndo para o outro aposento. Só que eu me aproximara sutilmente dele e consegui agarrar seu braço com firmeza com uma das mãos e lhe mostrar o revólver com a outra. Foi o suficiente para freá-lo. Sob o comando de Holmes, Randolph foi chamar a polícia e encerrar nossa aventura.

Ainda assim, tais aventuras jamais se encerram por completo. Enquanto estou aqui sentado escrevendo sobre os acontecimentos daquele dia tão distante e os lampiões da rua se acendem, lá fora, sob a chuva, posso ver o monstro-de-gila agachado na lareira quente quase com a mesma clareza como se ele estivesse presente nesta sala. A dor surda da bala Jezail esmorece. E eu me sinto vivo e jovem de novo, de um jeito que não me sentia desde que vi o rosto de Sherlock Holmes pela última vez.

Refém do destino

ANNE PERRY

Uma autora reconhecida internacionalmente por produzir ficção histórica de mistério, com mais de 26 milhões de exemplares vendidos, Juliet Marion Hulme (1938-), sob o pseudônimo Anne Perry, escreveu mais de setenta livros, a maioria centrada em Thomas e Charlotte Pitt ou William Monk. Além desses romances de detetive no estilo vitoriano clássico, é dela também uma novela de sucesso com tema natalino veiculada desde 2003, cinco romances ambientados durante a Primeira Guerra Mundial, dois romances de fantasia, quatro livros YA e vários romances autônomos. Além disso, ela já editou cinco antologias.

O primeiro livro de Hulme como Perry foi *The Cater Street Hangman* (1979), protagonizado por Thomas Pitt, um policial vitoriano e sua esposa nascida em berço de ouro, Charlotte, que ajuda o marido a solucionar mistérios para driblar o tédio. Ela é de imensa ajuda, pois consegue abordar pessoas da elite, o que seria bastante difícil para um policial comum fazer. A série tem trinta livros, ambientados na década de 1880 e 1890.

A série sobre Monk, com vinte romances, se passa nas décadas de 1850 e 1860. Monk, um detetive particular, é auxiliado em seus casos pela agitada enfermeira Hester Latterly. Os acontecimentos no primeiro livro do detetive particular (precedendo Sherlock Holmes, com frequência descrito como o primeiro detetive-consultor do mundo, em um quarto de século) foi *The Face of a Stranger* (1990).

Após ganhar o Edgar em 2000 pelo conto “Heroes”, ambientado durante a Primeira Guerra Mundial, Perry deu início a uma série de cinco romances centrados no protagonista, o capelão do Exército Britânico Joseph Reavely, cujas proezas e temperamento foram sugeridos pelo avô da autora; o primeiro deles foi

No Graves as Yet (2003).

“Refém do destino” foi publicado pela primeira vez em *The New Adventures of Sherlock Holmes*, editado por Martin H. Greenberg, Jon L. Lellenberg e Carol-Lynn Rössel Waugh (Nova York, Carroll & Graf, 1999).

REFÉM DO DESTINO

Anne Perry

Holmes e eu tínhamos acabado de voltar ao número 221B da Baker Street após uma caminhada acelerada no mais ameno clima de primavera. Eu pegara o jornal para ler, e ele andava para lá e para cá no aposento tão conhecido, tocando uma coisa ou outra de um jeito insatisfeito, quando a sra. Hudson bateu à porta.

— Pois não? — perguntou Holmes, a esperança lhe iluminando o rosto de que a interrupção viesse a lhe trazer algum interesse em um momento em que seu tédio só fazia crescer.

— Um cavalheiro deseja vê-lo — respondeu a senhoria, franzindo a testa para indicar que havia na visita ao menos um traço que desaprovava. — Disse que é um caso de vida ou morte.

Seu tom deixou clara sua incredulidade, já que deplorava exageros, salvo quando vinham dela mesma. A sra. Hudson também não apreciava quem aumentava os próprios infortúnios, e confesso que havíamos tido uma boa cota disso nos últimos tempos. Como me falou Holmes, de forma levemente malcriada, tais infortúnios não passavam de questões domésticas, triviais, coisas que a polícia comum teria resolvido de forma mais que adequada, nada que

merecesse o emprego dos talentos de Sherlock Holmes.

— Ora, mande-o entrar! — ordenou. — Traga-o logo!

A sra. Hudson se retirou com um farfalhar da saia.

— Estou otimista, Watson — disse Holmes animado. — Nosso visitante pode ao menos nos trazer um desafio mental, uma missão que mereça ser cumprida. Tudo que vimos no último mês se adequa apenas a Lestrade! Roubos e falsificações tão óbvias que não enganariam nem mesmo uma criança. Ah!

Essa última exclamação coincidiu com a entrada no cômodo de um sujeito grandalhão, forte, cujos olhos se fixaram em Holmes na mesma hora. Tinha uma vasta barba e uma basta cabeleira escura, mas, mesmo assim, a expressão de ansiedade aguda era clara, e tudo nos movimentos e na postura de seu corpo denunciava o fato de se encontrar sob grande emoção.

— Sr. Holmes! — saudou, estendendo a mão, que recolheu logo depois, como se não tivesse tempo para cortesias. — Estou à beira de um colapso nervoso, meu senhor. Caso contrário, não irromperia aqui desta forma, sem sequer pedir licença.

Comecei a examiná-lo com mais atenção, como havia aprendido com meu amigo. As roupas eram de ótima qualidade, tanto em relação ao tecido quanto ao corte, mas não estavam no auge da moda. Seus pés eram grandes, mas as botas pareciam confortáveis. Atrevo-me a dizer que ele as mandara fazer sob medida. Em vista de tudo isso, duvidei de que seu problema fosse financeiro.

— A sra. Hudson disse que seu problema era caso de vida ou morte — falou Holmes. A impaciência já se fazia notar em seu rosto e na brusquidão de seu

tom. — Sente-se e me diga o que posso fazer pelo senhor.

Nosso visitante se sentou na beirada da cadeira, como se restrições a seus movimentos fossem uma agonia para ele.

— Meu nome é Robert Harris — disse ele, se apresentando. — Não sei se começo minha história pelo início ou pelo fim.

— Preciso saber o início? — indagou Holmes, uma leve ruga se insinuando entre as sobrancelhas. Ele odiava ser indulgente com irrelevâncias.

— Acredito que sim.

— Então conte-me do início. Não omita qualquer detalhe que tenha a ver com a catástrofe que o ameaça.

— Catástrofe, com efeito, é a palavra certa, sr. Holmes. Trata-se do sequestro de minha única filha, Naomi, a jovem mais encantadora e boa que já pisou nesta terra. — Sua voz era tensa devido ao estresse de reprimir o próprio terror.

Holmes se inclinou um pouco para a frente. Pude ver nas linhas acentuadas de seu rosto que o sr. Harris tinha sua total atenção. A sra. Hudson poderia desabar escada abaixo com toda a louça da casa e meu amigo sequer perceberia.

— Conte-me tudo, não omita nada. Não sabemos ainda o que poderá se revelar crucial — disse ele, olhando para mim. — Pode confiar por completo no dr. Watson, um homem da maior discrição e lealdade.

Pela primeira vez, Harris se virou para mim. Seu sorriso era charmoso.

— Peço desculpas, meu senhor. Meus modos são abomináveis. A única justificativa que posso lhe oferecer é meu desespero. Ouvi falar do senhor, é claro, e estou ciente de que é tudo isso que o sr. Holmes acabou de dizer. Jamais

me passou pela cabeça não considerá-lo parte da ajuda que ele possa me dar.

Assim, Harris voltou o olhar para Holmes e começou a relatar sua história.

— Naomi tem 23 anos e é casada com um excelente rapaz que tem toda a minha aprovação. Ele a tem feito muito feliz. No entanto, sou viúvo há muitos

anos, e Naomi e eu somos bastante próximos. Ela vem me visitar, com o

consentimento do marido, várias vezes por ano. Tinha acabado de chegar

ontem…

A voz do homem falhou, tamanho seu nervosismo. Foi necessário um

momento para que ele se recompusesse.

Percebi pela expressão de Holmes que ele se esforçava para não demonstrar impaciência.

— Fomos juntos a um concerto, já que ela adora música, sobretudo quando executada por um bom quarteto de câmara, no Prince’s Hall, na Trafalgar Road.

Uma maravilha. Jamais vi minha filha tão animada. — Harris inspirou e expirou

devagar antes de prosseguir: — O concerto terminou pouco antes das 22 horas.

Saímos do teatro juntos, mas, a poucos passos da escadaria, fui parado por amigos que Naomi não conhecia. Falei com eles o mais rápido que pude,

tentando me desculpar, mas, quando me virei para falar com ela, minha filha tinha sumido. Supus que também tivesse encontrado velhos amigos, e aguardei

no local por uns cinco minutos. Quando ela não apareceu, perguntei às poucas pessoas que ainda se encontravam por perto se a tinham visto. Todos

responderam que não. Então, imaginei que ela tivesse voltado para casa.

— Isso seria provável? — indagou Holmes.

— Não, porém nada me ocorreu além disso — respondeu Harris, a voz se

tornando mais aguda ante a lembrança do pânico. — Moramos em Groom’s Hill, bem próximo ao teatro, o que torna a caminhada a pé um exercício ameno. Eu ansiara por aquele momento. As ruas são agradáveis e tranquilas. Seria uma boa oportunidade para conversarmos.

— Contudo, ela não voltara para casa sozinha — concluiu Holmes. — O senhor a viu de novo, sr. Harris?

— Não! Não, não vi, sr. Holmes. Caminhei cada vez mais apressado, esperando a cada esquina vê-la andando à frente. Mas nada. Menos de vinte minutos depois de chegar em casa, ouvi batidas à porta. Eu mesmo fui atender, convencido de que era ela, pronto para repreendê-la pelo susto que me dera, mas, acima de tudo, aliviado por ver seu rosto.

Mais uma vez, o sr. Harris precisou de um instante para se acalmar, mas o fez de forma admirável. Admito que senti o coração doer por ele.

— Quem era? — perguntou Holmes, inclinando-se para a frente, o olhar fixo no de Harris.

— Um garoto, sr. Holmes, um garoto, com um bilhete para mim — respondeu o visitante, metendo a mão no bolso interno do paletó e dele tirando um papel, que entregou a meu amigo.

Holmes leu o bilhete em voz alta, para me pôr a par do conteúdo:

— “Estamos com sua filha. No momento, ela está ilesa. O senhor pode tê-la de volta por dez mil libras. Se não pagar, nós a manteremos para nosso divertimento até nos cansarmos dela. Então, os ratos de esgoto poderão ficar com ela. Eles comem qualquer coisa. Leve o dinheiro na quarta-feira ao pátio

atrás do Duck and Dragon na viela de paralelepípedos na saída da Tench Street, junto ao rio, à meia-noite em ponto. Qualquer problema e ela some. Entendido? Prefiro o dinheiro, mas a escolha é sua."

"Que coisa pavorosa", disse Holmes baixinho, manuseando o papel entre seus dedos longos, examinando a textura e a qualidade. De onde eu estava sentado, pude ver que as palavras não haviam sido escritas, mas recortadas de um jornal e coladas.

Harris observava Holmes com crescente desespero.

— Que coisa curiosa — falou meu amigo com expressão pensativa. — Ele se deu ao trabalho de tornar este bilhete o mais anônimo possível, como se achasse que o senhor fosse reconhecer a caligrafia ou mesmo que talvez o levasse à polícia…

— Não! — exclamou Harris com veemência. — Qualquer problema e ele a machucará! Pelo amor de Deus, o sujeito deixou isso bem claro! Tenho de pagar pelo resgate! A questão é que não posso! Não tenho como levantar essa quantia.

— O senhor faz ideia de quem lhe mandou esse bilhete? — indagou Holmes.

— Pense com cuidado. Você é um homem próspero, que conhece seu negócio muito bem. Teve sucesso em um mercado competitivo. Deve haver muita gente que o inveje, talvez até acredite que o senhor enriqueceu às custas delas.

Harris assumiu uma expressão de espanto:

— O senhor conhece minha reputação?

O fantasma de um sorriso curvou os lábios finos de Holmes.

— Não. Porém, observei suas roupas e sua educação. A soma que lhe exigem é a que outros supõem que tenha. Já me disse em que lugar vive. Está habituado a comandar e a ser obedecido. Mora em Londres, mas não parece se expor muito ao sol e ao vento. Existem velhas cicatrizes em suas mãos e o que aparentemente é a sombra de uma tatuagem que foi removida do pulso. Eu diria que, na juventude, o senhor foi um homem do mar. Agora é um importador de certa envergadura.

— Eu sabia que tinha vindo ao homem certo! — disse Harris, com aquele notável sorriso lhe iluminando de novo o rosto. — Com efeito, tudo isso é fato!

— Então, a alegria sumiu e seu semblante ficou sombrio. — Mas não posso levantar dez mil libras, sr. Holmes! Passei o dia todo, desde que os bancos abriram, fazendo o possível, tudo que me foi humanamente possível! Não posso levantar mais de 6.400 libras e alguns trocados. Eles exigem o dinheiro amanhã à noite. É aqui que necessito de sua ajuda.

Sua voz ficou mais firme e sua determinação, absoluta.

— Preciso que alguém com reputação ilibada, alguém que não possa e não venha a ser enganado ou usado, a persuadir esses homens, sejam eles quem forem, que esse é todo o dinheiro que tenho. Eu o darei a eles se me devolverem Naomi ilesa. Caso se recusem, não posso dar o que não possuo, e se a machucarem, ainda que minimamente, passarei o restante da vida caçando-os. Nada mais há de me interessar até que eu me sinta vingado… E minha vingança será tão terrível quanto a ameaça que fizeram a ela. E creia, sr. Holmes, aprendi na época em que vivia no mar e no Oriente como fazer isso!

Olhando para aqueles ombros avantajados, bem como observando a

intensidade do brilho em seus olhos negros, acreditei nas palavras dele. Vi que Holmes também não duvidou delas.

— Investigue meus negócios, sr. Holmes! — pediu Harris. — Meu negócio é

um livro aberto para o senhor. Convença a si mesmo de que estou dizendo a verdade quando afirmo que não posso levantar mais que a soma que lhe

informei. Depois, imploro: vá em meu lugar à meia-noite e convença esses patifes a me devolverem Naomi em troca do dinheiro que posso lhes dar,

descontado o valor que lhe devo por seu tempo e serviço. Peço desculpas, mas

isso é tudo que possuo… E, então, nunca mais vou persegui-los.

— O senhor vai deixar que se safem? — perguntei. Fiquei horrorizado com aquilo. Tanta perversidade era uma afronta à decência. — Eles farão isso de novo com alguma outra jovem!

Harris se virou para mim:

— Talvez, dr. Watson, mas se eu lhes der minha palavra de que esse é todo o

dinheiro que tenho, o que é fato, e usar a honra do sr. Sherlock Holmes como penhor da veracidade de tal afirmação, serei obrigado a cumprir o compromisso

de não persegui-los. Estarei comprometido. O senhor entende?

Eu entendia. E encarava como peculiar o fato de Harris levar tão a sério a reputação de meu amigo a ponto de acreditar que ela salvaria a vida de sua filha.

Confesso que senti orgulho por sua estima me incluir também.

— Claro — admiti. — No entanto, a perversidade de tudo isso me causa

indignação.

— A mim também — disse ele com amargura. — Mas Naomi é tudo que me

preocupa. Quando alguém nos é caro, dr. Watson, somos reféns do destino mais que em qualquer outra situação, e às vezes é preciso pagar o resgate. — Voltando a olhar para Holmes, Harris acrescentou: — O senhor vai me ajudar?

Meu amigo não hesitou. Creio que tanto por pena de Harris quanto por conta do desafio que recebera, embora jamais fosse dizê-lo. Decerto a recompensa financeira era o que menos lhe importava. Houve ocasiões em que temi que essa indiferença por tais necessidades lhe fosse fazer passar por dificuldades. O público em geral sequer imaginava a frequência com que Holmes assume casos sem aceitar qualquer recompensa que não a satisfação de ajudar alguém necessitado, e sempre, claro, o exercício de seu intelecto e sua ousadia.

Não me restava dúvida de que ele entenderia com clareza a situação difícil de um homem como Harris, visto por outros como muito mais abastado que em realidade era.

— Vou ajudá-lo — respondeu Holmes. — Começaremos esta tarde. Aceito o convite para me familiarizar com seus negócios e suas circunstâncias, para poder defender sua posição em detalhes e provar a eles, sem sombra de dúvida, que o senhor está oferecendo tudo que tem. Fique tranquilo, sr. Harris. Tudo será feito para lhe devolver sua filha ilesa, salvo pelo medo que ela com certeza está sentindo.

— Muito obrigado! — O alívio e a gratidão de Harris eram evidentes. — Para sempre estarei em débito com o senhor!

Não fui capaz de ver então quão proféticas viriam a se revelar aquelas

palavras.

Harris nos deu toda a assistência, e Holmes e eu passamos aquela tarde e todo o dia seguinte examinando o negócio que o homem montara depois de se aposentar da vida no mar. Era de fato muito bem-sucedido. Seu sucesso fora alcançado de maneira honesta, e Harris angariara um respeito considerável. Porém, sem dúvida fizera inimigos e, com o passar das horas, tornou-se cada vez mais fácil ver que a inveja poderia muito bem ser a fonte de seu problema atual. Ele era um homem inteligente e criativo, com frequência derrotando seus concorrentes na obtenção de um bom negócio.

No entanto, dera à filha o melhor que seus recursos lhe permitiram, a melhor educação, inclusive viagens e o aprendizado de artes e línguas estrangeiras. Boa parte do dinheiro que ganhara, Harris também gastara, mas não podia censurá-lo pela maneira como fizera. Não enchera a filha de joias ou coisas mundanas sem valor. Comecei a imaginá-la em minha mente e me perguntei que tipo de jovem ela era, já que todos falavam tão bem de sua honra e bondade. Desejei com ainda mais fervor que conseguíssemos lograr êxito na tarefa de resgatá-la.

Refizemos também os passos de Harris até o teatro e verificamos tanto quanto possível o que ele nos contara. Claro que não pudemos encontrar pessoa alguma que tivesse estado no local na noite do sumiço de Naomi, mas quando Holmes confrontou Harris com tal fato, ele nos forneceu de boa vontade os nomes e os endereços de dois dos amigos que o haviam abordado. Nós os visitamos e ambos confirmaram o relato. Naturalmente, demos a mais inofensiva das desculpas para

esse interrogatório. Que me lembre, falei algo no sentido de ter conhecido Harris quando estive no Oriente e de ter ido ao teatro, onde pensei tê-lo visto. Seria possível confirmarem se de fato se tratava da mesma pessoa?

Acho que, na busca da verdade quando auxilio Holmes em um de seus casos, me tornei bastante bom em inventar mentiras. É um hábito que preciso observar com muito cuidado.

Foi assim que, pouco após as onze horas, Holmes e eu partimos para o local do encontro no pátio atrás do Duck and Dragon. Holmes levava a quantia de 6.400 libras pertencentes a Harris. Sherlock havia se recusado a descontar um centavo para si, embora nada tivesse dito ao homem. Eu o admirei por isso, embora não me surpreendesse nem um pouco. Já havia antecipado essa recusa. Sua única preocupação era levar Naomi para casa. Depois disso, ele haveria de querer, de alguma maneira, ir atrás do vilão que a sequestrara. Seu objetivo seria alcançado apenas por isso. Holmes nunca valorizou o dinheiro. Dinheiro não podia comprar o desafio intelectual que ele adorava, a música, o aprendizado ou a excitação da caça ao bandido. Nem podia comprar a amizade.

Aquele era um lugar extremamente insalubre. Apesar da noite amena de primavera, uma bruma espessa enchia o ar e os odores de esgoto a céu aberto, lixo não recolhido e moradias apinhadas pairavam à nossa volta, sufocantes.

A escuridão longe das vias públicas era amenizada apenas por vislumbres de velas por trás das janelas imundas e, vez por outra, pelo reflexo de lampiões de gás a distância em muros úmidos. Achei ter ouvido o ruído de patas de ratazanas e, de vez em quando, uma pilha de lixo desabava quando alguma criatura em seu

interior se movia.

— Que lugar abominável! — murmurei. — Quanto mais rápido concluirmos nossa a missão, melhor.

— Isso seria igualmente verdadeiro se estivéssemos caminhando pelas margens verdejantes do rio — retorquiu Holmes. — Sequestro é uma coisa terrível, Watson, vender a vida humana e fazer negócio com o amor de uma pessoa por outra. Supera o roubo de qualquer objeto, mesmo o de joias da Coroa.

Concordei piamente com ele, mas vi que não precisava pôr meu pensamento em palavras.

Andávamos com cuidado. As pedras estavam escorregadias sob nossos pés, e embora portássemos lampiões, não desejávamos chamar atenção usando-os. E admito que não me aprazia ver o que havia à volta.

O Duck and Dragon ficava trinta metros à frente, sua placa pouco iluminada por um lampião pendurado acima dela, porém de forma sombria o bastante para servir seu objetivo nefasto. Até então eu não vira alma alguma nas sombras abaixo.

— Será que chegamos cedo? — indaguei, pondo a mão no revólver que insistira em levar. Afinal, Holmes carregava um bocado de dinheiro e não era minha intenção vê-lo ser roubado antes de podermos resgatar Naomi.

— Eles decerto vão verificar quem somos antes de se deixarem ver — respondeu. — Estarão esperando Harris. É minha missão convencê-los de que eu o represento.

Eu tinha dúvidas consideráveis quanto à capacidade de meu amigo de fazê-lo, agora que estávamos ali. Olhei em volta. As sombras pareceram se mover. Tive uma visão apavorante de que estivessem todas vivas, os párias e os marginais da sociedade agachados em soleiras de portas, com frio e com fome, talvez vítimas de febre ou de tuberculose, aguardando que a morte os levasse.

Ouvi uma tosse rouca e levei um susto.

Em algum lugar, um copo ou garrafa caiu e se espatifou nas pedras. Como esse inferno na terra poderia existir tão perto do calor dos lares com lareiras, comida e risadas?

Holmes estava vários metros à minha frente. Apressei o passo para alcançá-lo.

Não era hora de me permitir ter pensamentos mórbidos e deixá-lo desprotegido quando encontrasse o tipo de homem capaz de sequestrar uma jovem.

“Queira Deus que eles não a estejam mantendo prisioneira em um lugar como este”, pensei. A jovem estaria enlouquecendo de medo a esta hora!

Agucei o olhar para ver através na escuridão e discernir uma figura humana adiante, o tempo todo mantendo a mão firme sobre meu revólver.

Holmes caminhou calado até estar diretamente sob a luz mortiça acima da placa do Duck and Dragon, parando então e fazendo sinal para que eu ficasse alguns metros distante, quase escondido.

A umidade condensada pingava dos beirais. Eu conseguia ouvir o som constante em meio aos estalos de madeira podre e aos ruídos das patas de roedores. Nada no mundo me induziria a ficar ali além da consciência de que a vida de uma jovem dependia de nós.

Porém, nada se movia, salvo as sombras ondulantes quando o vento balançava o lampião.

Então eu o vi, uma figura avantajada nas sombras, surgindo do nada, o chapéu puxado para a frente a fim de esconder seu rosto, o casaco puído na barra, mas com a gola alta. O homem fez sinal para que Holmes se aproximasse, como se o conhecesse. Meu amigo caminhou em sua direção e eu também andei, sacando o revólver para me permitir atirar a qualquer momento, caso aquele homem decrépito se mostrasse violento.

Holmes o alcançou e os dois falaram tão baixo que não consegui ouvir o que diziam. Então, o sujeito assentiu, como se concordasse com alguma coisa, e ambos se dirigiram a um beco.

Fiquei apreensivo. Qualquer um poderia surgir na escuridão sob aqueles beirais gotejantes, mas não me restava alternativa senão seguir em frente, o tempo todo fazendo o possível para marcar o caminho trilhado, a fim de ser capaz de refazê-lo na volta.

Saímos do beco em uma rua transversal. Diante de mim, Holmes continuava falando baixinho com o grandalhão, inclinando-se na direção dele como se o escutasse.

A escuridão aumentou. Eu tateava, mantendo uma das mãos à frente. Desejei que Holmes obrigasse o homem a ficar parado até chegarem a um acordo, mas não interrompi a conversa por medo de romper a confiança que talvez tenha sido construída entre eles.

Mais uma vez, me vi sob alguma iluminação. Porém, não havia ninguém à

frente. Olhei para a esquerda e para a direita, mas não vi sinal de Holmes nem de qualquer outra pessoa.

Dei meia-volta para olhar para o local de onde viera, mas vislumbrei apenas a entrada do beco. Decerto eu não os ultrapassara. Tornei a olhar para ver se existiam outras entradas que pudesse ter perdido, mas nada! O que acontecera a Holmes?

O pânico tomou conta de mim. Meu revólver era inútil contra uma pessoa que eu não podia ver! Será que deveria gritar por ajuda? Contudo, não havia ninguém ali que poderia me socorrer. No pequeno espaço à vista, aparentemente eu era a única alma viva.

Então, consegui enxergar as formas estiradas, imóveis, de homens adormecidos, amontoados junto às portas, tentando aproveitar alguns minutos de repouso, homens famintos e sem-teto que viviam dos restos que nem mesmo aquela vizinhança miserável queria. Não havia por que perturbá-los. Já sabia que, se estivesse suficientemente perto de Holmes, eu o teria visto, se ele ali estivesse. Ele e seu guia deviam ter entrado por alguma porta escondida na escuridão do beco.

Virei-me, acendendo meu lampião, agora sem me preocupar em ser visto, e comecei a fazer o caminho de volta.

Porém, não encontrei nem meu amigo nem seu companheiro. Havia portas, sem dúvida, e janelas quebradas e fechadas por tábuas, mas nenhum sinal que indicasse por qual delas eles poderiam ter entrado. Nada de pegadas nas pedras reluzentes, nenhuma trilha óbvia em meio ao lixo espalhado nem pessoa alguma a quem perguntar.

Teria ele se perdido de mim de propósito? Estaria agora mesmo dentro de um desses prédios úmidos e rangentes enquanto negociava a libertação e a segurança da filha de Harris?

Eu não tinha como saber.

O que deveria fazer? Esperar que Holmes reaparecesse? Sair à procura dele?

Mas onde?

O tempo se arrastava, cinco minutos, dez, quinze. Apenas o pinga-pinga incessante quebrava o silêncio e, vez por outra, o ranger de madeira podre, como se as casas alternassem o próprio peso de um lado para o outro. Comecei a tremer com violência. O frio penetrou meus ossos e, confesso, senti um medo crescente de que algo terrível tivesse acontecido com meu amigo.

Eu o decepcionara. O que fazer agora? Não fazia sentido esperar mais ali, e eu não sabia onde poderia começar a procurá-lo naquele lugar fétido. Ao menos eu sabia o caminho de volta e podia retornar a Baker Street.

Apressei o passo, na esperança de encontrá-lo em casa, em que riríamos um bocado juntos daquela aventura, e eu encararia, em retrospecto, meu medo atual como ridículo. Quando faltavam menos de cem metros para meu destino, eu estava correndo.

Porém, a casa estava em completa escuridão e não fui recebido por qualquer figura familiar. Acendi o aquecedor e me servi de uísque, que me aqueceu a garganta, mas em nada contribuiu para amenizar meus temores.

Andei de um lado para o outro sem rumo, refletindo sobre todas as possibilidades de ação, tanto as plausíveis quanto as absurdas, até me dar conta

de serem todas ineficazes a menos que eu soubesse o que havia acontecido. Não adiantava entrar em contato com Harris. Isso apenas levaria o pobre coitado ao desespero e, talvez, fosse inútil. Nada havia que eu pudesse dizer a Lestrade, e a vida de Naomi poderia correr ainda mais perigo caso o sequestrador ficasse sabendo que procurei a polícia.

Eram 3h15 da manhã. Eu já não sentia mais frio, mas sob todos os outros aspectos, jamais me sentira pior. Tentei me recordar de todas as aventuras partilhadas com meu amigo, quantas haviam tido momentos em que tudo parecia perdido e, no entanto, ele sempre conseguira extrair a vitória da derrota. Holmes era brilhante, extraordinariamente perspicaz, criativo e possuía a maior das inteligências aliada à coragem que jamais vi em homem algum. Mesmo seu irmão, Mycroft, não lhe chegava aos pés em termos de vigor mental.

Assim que amanhecesse, ele retornaria com Naomi e me censuraria por minha falta de fé nele.

***

Com a manhã, porém, chegou um mensageiro trazendo um bilhete manuscrito endereçado a mim, que abri em um rompante:

Caro dr. Watson,

Lamento por tê-lo enganado. Não houve sequestro na segunda-feira. Naomi está segura e bem de saúde.

No entanto, houve um sequestro hoje. Se quiser voltar a ver Sherlock Holmes, o senhor terá de pagar dez mil libras por tal privilégio. Depois de ter conhecido a desagradável vizinhança do Duck and Dragon, não lhe restarão dúvidas de que um homem pode desaparecer ali para nunca ser visto de novo.

Darei dois dias para levantar o montante e trazê-lo a mim. Creio que, desta vez, poderemos nos encontrar na frente do Duck and Dragon. Novamente, não procure a polícia. Decerto não é necessário discorrer sobre as consequências de tal ato.

Incluo aqui uma autorização do punho do próprio sr. Holmes para que o senhor levante os recursos necessários.

O bilhete não estava assinado.

Dentro dele, dobrado, havia um pedaço de papel rasgado onde estava escrito, na caligrafia de Holmes:

Venho, por meio desta, autorizar o dr. John Watson a resgatar em meu nome os títulos e as ações de minha propriedade, perfazendo o total de dez mil libras a serem pagas a ele em moeda corrente, mediante sua solicitação.

Sherlock Holmes

A data era a daquele dia.

Percebi que estava tremendo quase sem controle. Quis sair correndo e encontrar aquele patife indizível do Harris e socá-lo com meus próprios punhos até que ele se arrependesse de ter nascido. Porém, percebi que isso só iria aumentar o risco que Holmes corria, talvez até mesmo causar sua morte.

Era preciso calma, uma mente fria e inteligente e raciocínio lógico, dedutivo.

Que canalha era Harris! Aproveitara-se da boa natureza de Holmes para lhe extorquir dinheiro! Suas palavras sobre o afeto por alguém nos fazer de reféns do destino me voltaram à mente com amarga ironia. Ele me havia posto na posição exata em que falsamente declarara estar.

Jamais me senti tão perdido ou impotente. E a vida de Holmes dependia de

minhas habilidades!

Andei de um lado para o outro a fim de desanuviar a cabeça. Era cedo demais para entrar em contato com bancos e instituições financeiras com o propósito de levantar a soma exigida. Pensei por um instante em procurar Mycroft e pedir ajuda. Ele era o único homem esperto o suficiente para encontrar uma solução sem pôr em risco a vida de Holmes. Já ia me dirigindo à porta quando me lembrei de que Holmes me dissera que Mycroft estava na Itália, sem contudo especificar o lugar, e que não voltaria antes de, no mínimo, três semanas.

Dei-me conta, horrorizado, de que tudo dependia de mim.

Subi de volta a escada com uma sensação de tamanha desolação que mal sabia o que fazer comigo mesmo. O preço de meu fracasso era bem mais alto que a vergonha, a inadequação ou mesmo a censura e o desprezo do mundo: era a vida de meu melhor amigo e do homem mais formidável que já conheci.

Sentei-me em minha poltrona favorita e me obriguei a pensar de forma clara e racional. O que Holmes faria se nossas posições fossem contrárias?

Eu estava bastante familiarizado com seus negócios para saber que ele não possuía dez mil libras, ainda que estivesse disposto a pagar essa quantia como resgate a um vilão como Harris. Provavelmente assinara o bilhete com uma arma apontada para a cabeça.

Ele também sabia que Mycroft estava na Itália e não haveria ninguém a quem eu pudesse recorrer. Não consegui imaginar que mesmo o temor pela própria vida o faria perder o controle do intelecto a ponto de esquecer esses fatos.

Então, por que escrevera o bilhete?

Fiquei de pé e fui até onde colocara o bilhete para relê-lo. Então, virei o papel e olhei o verso. A folha havia, obviamente, sido arrancada de uma carta, da qual

apenas algumas porções eram visíveis. Não havia data nem endereço do remetente. Tratava-se do canto superior esquerdo do papel. Decerto a missivista era a própria mulher que acreditávamos estar resgatando e sobre quem tínhamos concluído tanta coisa, independentemente do que Harris nos contara.

Querido papai,

Muito obrigada por seu

Estou tão feliz por você estar

Claro que a primavera aqui não é tão

no extremo sul onde você está. Mesmo assim

tulipas estão bonitas. Ontem, Ros

Donald disse que toda a ilha

eles vão alargar a estrada, mas

Por acaso lhe contei que nós

vimos os mais lindos golfinhos! Que

maior felicidade! Adoraria que você estivesse

Olhei com atenção, relendo várias vezes. Era tudo que eu tinha! Será que Holmes me enviara aquilo pretendendo que eu descobrisse ali algum fato que o ajudasse?

A expressão “refém do destino” não me saía da cabeça. Harris a usara em alusão ao amor que nutria pela filha. Eu pensara então ter ouvido angústia em sua voz. E também sinceridade.

Fui pego na mesmíssima armadilha em que ele nos fizera crer estar. Só que eu

não dispunha de um Sherlock Holmes a quem recorrer!

Contudo, não era verdade. Sem dúvida, eu, mais que qualquer outro indivíduo, poderia recorrer aos anos de amizade e às experiências partilhadas no passado, não? O que diria Holmes, se estivesse comigo? Use o que tiver à mão. Veja as pistas e interprete-as!

Tornei a virar o pedaço de papel. Aquela só podia ser uma carta de Naomi! Eu não sabia em que data fora escrita, mas era seguro supor ser recente, ou Harris não estaria com ela. Se fosse antiga, mas valiosa do ponto de vista sentimental, ele não se disporia a rasgá-la para que Holmes a usasse.

Será que ele amava Naomi como nos dissera? Talvez ela fosse sua única vulnerabilidade. Nesse caso, eu precisaria fazer uso disso. Não senti remorso.

Acaso Harris se importava com o que a filha pensava a seu respeito? Com certeza. Todas as ações dele em relação a ela o comprovavam.

Onde estaria a moça? Se eu me concentrasse, sem dúvida teria informações a meu dispor. Ela sugerira estar no norte, mas isso podia incluir a maior parte da Inglaterra e toda a Escócia. As tulipas estavam florindo e ela mencionara algo como “ros”. Seriam rosas? Porém, ela usara letra maiúscula. Possivelmente, então, era uma pessoa chamada Rose.

As tulipas há muito haviam florido em Londres. Talvez o clima do lugar onde Naomi estivesse fosse mais frio, e a primavera chegasse mais tarde.

E deveria ser no campo ou em uma vila, pois ela dissera que uma estrada seria alargada, coisa impossível em uma cidade, pois as casas impossibilitariam tal ação.

Ainda assim, restava metade do país. Comecei a perceber a inutilidade de minha proposta.

Porém, Holmes enviara essa mensagem sem sentido. Ele devia ter querido que eu lesse o verso e deduzisse alguma coisa! Só podia ser o lugar onde estava Naomi. Talvez, em sua arrogância, Harris tivesse permitido a meu amigo ver ainda mais claramente o quanto prezava a filha, supondo que Holmes nada pudesse fazer para tirar vantagem dessa informação.

Golfinhos. Criaturas lindas e alegres. Eu admirara sua graça e seu humor em águas estrangeiras várias vezes. Contudo, era raro vê-los perto das costas britânicas.

No entanto, Naomi contara tê-los visto. Fui até a estante e peguei uma enciclopédia de história natural. Meus dedos tremiam enquanto eu virava as páginas à procura de referências a golfinhos. Folheei a história desses animais e seus atributos e li com atenção sobre onde podiam ser vistos. Havia dois lugares na Grã-Bretanha: a baía Cardigan, no País de Gales, e Moray Firth, situado entre o condado de Inverness e a ilha Negra.

Ilha Negra! Seria essa a “ilha” na carta de Naomi?

Então, peguei um detalhado atlas da estante. Examinei a ilha Negra com muita atenção, sem saber exatamente o que esperava encontrar, exceto um lugar onde alguém podia observar golfinhos. Aquilo era absurdo! Uma ilha não tinha nada além de água por todos os lados.

Entretanto, não se tratava de uma ilha de verdade. Na verdade, era um longo istmo com água ao norte, ao sul e ao leste. A costa norte ficava defronte ao quase

fechado Cromarty Firth, lugar improvável para essas criaturas marinhas. A costa sul era mais aberta, e, circulando-a, vi a pequena cidade de Rosemarkie. Ali estava minha “Ros”.

Fiquei zonzo de esperança. Agora enfim tinha algo a fazer! Um plano já começava a se formar em minha cabeça. Era fruto do desespero, mas não me restava alternativa. O próprio Harris indicara a arma. Se ele falara a verdade sobre Naomi, e agora eu acreditava que sim, porque convidara Holmes a comprová-la, todas as provas demonstraram sua dedicação à filha.

Peguei pena e papel e escrevi para Harris:

Recebi sua carta e a autorização de Holmes para levantar os recursos necessários. No entanto, terei de acrescentar parte de meus próprios recursos a fim de alcançar a soma da forma como é seu desejo. Assim, preciso de mais tempo. Será necessário no mínimo mais um dia, talvez dois.

Entrarei em contato quando tiver conseguido chegar a essa soma. Se algum dano sobrevier a Holmes enquanto estiver sob seus cuidados, você não receberá dinheiro algum e terá minha eterna inimizade. Imagino que há de entender as consequências disso muito bem.

John Watson

Senti certa satisfação. A carta continha uma ironia que me agradou. Eu a enderecei e postei sem demora, arrumando em seguida uma maleta para três dias de viagem, que era tudo que eu tinha, e parti para a estação ferroviária de Euston para pegar o primeiro trem para Inverness.

Era uma longa viagem, que levava cerca de onze horas e meia. Observei impaciente o campo, sentado dentro do trem. Paramos em York, Durham e Edimburgo. Estava impaciente para seguir em frente, mas o tempo me fez tentar

definir com mais clareza o que eu faria ao chegar a Rosemarkie.

Fomos em direção ao norte e, depois de Stirling, entramos nas Terras Altas escocesas, atravessando a região campestre mais bela que já vi na vida. Porém,

mesmo a grandiosidade das montanhas e a luz refletida nos rios e lagos não conseguiram animar meu coração nem prender minha atenção.

Assim que chegamos a Inverness, saltei correndo do trem. Eram agora 21h30

e estava bem escuro, mesmo tão ao norte, onde o sol no meio do inverno mal brilha até a metade do dia, mas, no verão, se põe em toda sua glória no céu, deixando um rastro de fogo acima das montanhas que permanece ali até altas horas.

Foi com dificuldade que me contive, encontrando pouso para a noite, onde pude indagar sobre uma barca ao nascer do sol e algum meio de transporte quando chegasse a North Kessock na ilha Negra. Eu já me decidira quanto à história que contaria. Eu estava à procura da filha de um amigo que passava pelas maiores dificuldades, o que tornava urgente minha necessidade de

encontrá-la. Se algum mal se abatesse sobre Holmes, pretendia tornar aquela história verdadeira.

Recebi toda a ajuda de gente muito hospitaleira. Não digo que tenha dormido

bem, mas não foi por falta de conforto ou calor, foi apenas devido a meus crescentes temores quanto à segurança de Holmes e à minha própria capacidade

para resgatá-lo.

Acordei cedo, tomei um excelente café da manhã de arenque fresco empanado

em aveia, uma especialidade local, e torradas com geleia. Depois, agradecendo a

meu hospedeiro, me pus a caminho conforme suas instruções.

Já estávamos no meio da manhã quando entrei com minha carroça alugada na

pitoresca cidadezinha de Rosemarkie. Fazia um dia bonito, claro e agradável,

com a luminosidade peculiarmente brilhante do norte tornando os contornos dos telhados de duas águas e das árvores em floração muito nítidos de encontro ao céu azul. Não me sobrava tempo para sutilezas, porém, pois precisava encontrar Naomi o quanto antes. Minha grande dificuldade era não saber seu nome de casada, mas não havia como dar jeito nisso. Ative-me à minha história. Eu procurava uma jovem inglesa chamada Naomi, cujo pai enfrentava sérios problemas que ela desconhecia.

Indaguei na mercearia local, onde encontrei uma reticência cortês. Não tive mais sorte na farmácia ou na loja de ferragens. Decidi, então, em um momento de desespero, me aproveitar de minha profissão. Perguntei pelo consultório do médico da cidade, e, após repetir minha história, fui bem-sucedido. Corei por usar um colega dessa maneira, mas a vida de Holmes estava em risco e nada me impediria de usar qualquer artifício.

Ela morava com o marido um pouco distante da costa, em Upper Eathie, e seu endereço me foi dado de boa vontade. Agradeci e tomei meu rumo.

A manhã já estava no fim quando enfim conheci Naomi MacAllister, uma mulher encantadora, sensível, dona de uma linda cabeleira e apenas levemente parecida com o pai no tom de pele e no jeito de falar.

Eu já resolvera continuar usando a história que tão bem me servira.

— Bom dia, sra. MacAllister. Meu nome é John Watson, dr. Watson — falei, apresentando-me. — Vim o mais rápido que pude de Londres.

Notei sua preocupação instantânea, e admito que senti uma punhalada de culpa. Contudo, não havia alternativa, nenhum jeito mais delicado de usá-la conforme eu pretendia.

— Meu pai está doente? — indagou ela em uma voz já cheia de ansiedade.

— Ele não está doente — respondi. — Mas passando por dificuldades sérias… Que, se a senhora me ajudar, podem não resultar no pior.

— Farei qualquer coisa! — exclamou ela, me interrompendo, angustiada. Havia carinho em seu rosto e doçura em seus lábios, características que somente poderia ter herdado da mãe. Perguntei-me por um momento como seria essa senhora, e se Robert Harris teria afundado tanto caso ela ainda estivesse viva. Mas o instante passou. Não havia tempo para especulações.

— Creio que devemos retornar a Londres — respondi, preparado para oferecer todo tipo de salvaguardas à sua reputação e mesmo admitir que o marido nos acompanhasse como último recurso, embora a presença dele pudesse atrapalhar meu plano de resolver a questão sem prejuízos à moça. Então, outra ideia me ocorreu. — O sr. Sherlock Holmes está envolvido no caso, e ele e eu estamos nos esforçando para evitar que seu pai se torne vítima de um crime terrível que devastaria a vida dele e talvez pudesse até colocar um fim a ela.

Aquela era a verdade, embora não exatamente do jeito que eu sugeria. Se Holmes viesse a morrer nas mãos de Harris, eu mesmo me asseguraria de que o vilão terminaria seus dias na forca.

Ela ficou muito pálida e se apoiou na porta, mas decerto não lhe faltava coragem.

— Eu o acompanharei, dr. Watson. A reputação do sr. Holmes é inquestionável. Mesmo aqui no norte já ouvimos falar dele. E é claro que costumo ir a Londres visitar meu pai com frequência. Temos de pegar o trem em Inverness. Por favor, entre. Devemos tomar todas as providências. Diga o que quer que eu faça.

— Basta ir até lá, sra. MacAllister. Se nosso plano for bem-sucedido, sua

presença já será suficiente — respondi.

Ela não fez mais perguntas, dedicando-se a encher uma pequena valise com itens de toalete e roupas de baixo a fim de me acompanhar. Avisou à vizinha sobre a necessidade de partir e escreveu uma carta para o marido, que só chegaria em casa no dia seguinte da viagem a trabalho para a Ullapool na costa

Oeste.

Saímos à tardinha, com a esperança de conseguir assentos no trem noturno para Euston e tivemos sorte com isso.

Diversas vezes, ela expressou preocupação e me pediu para revelar mais sobre

a natureza das mazelas do pai e do perigo que ele corria, o que me obrigou a pensar muito rapidamente. Confesso que odiei ter de mentir para ela. Quanto mais ficava em sua companhia, maior se tornava minha consideração pela moça,

que era inteligente, generosa de espírito e, creio eu, dona de um afiado senso de

humor em circunstâncias que não aquela. De vez em quando, esquecida da

situação, esse humor transparecia em comentários jocosos sobre as pessoas na estação enquanto embarcávamos no trem. Em um momento constrangedor, ela

parou para ajudar uma mulher idosa com bagagem demais e uma criança

chorosa, um ato muito simples de bondade, feito por ela com a maior

naturalidade.

Foi, porém, minha crescente convicção de sua integridade o que mais me

comoveu. Era esse o atributo do qual meu plano dependia, mas me magoava saber que me aproveitaria dela daquela forma.

Felizmente para meus sentimentos, e talvez para meu sistema nervoso, o trem

era noturno, e a maioria dos passageiros se esforçava para dormir. Achei difícil,

mas mantive os olhos fechados como se dormisse profundamente para evitar a

necessidade de voltar a falar com ela. Acho que foi covardia de minha parte. Minha desculpa é que também precisava de tempo para pensar.

Chegamos à estação de Euston por volta das oito horas e imediatamente desembarcamos e fomos procurar um cabriolé para nos levar até Baker Street.

Os aposentos ficavam estranhos quando vazios. Encarei o silêncio e o ar inodoro sem o cheiro do fumo de Holmes como pura desolação.

Eu não podia mais adiar meu plano. Olhei-a com franqueza:

— Sra. MacAllister, seu pai está prestes a praticar um ato que o levará, muito possivelmente, a um prejuízo físico, quase com certeza à destruição moral. Os motivos dele podem ser válidos… — uma mentira que eu estava disposto a dizer em benefício dela — mas o ato em si não é. Acredito que o amor que ele sente pela senhora é grande o suficiente para impedi-lo, bastando para isso que a senhora lhe escreva implorando que não siga adiante. Eu redigirei uma carta e colocarei-a com a sua no envelope e a entregarei onde for preciso. É perigoso e desagradável, e não posso pedir que a senhora me acompanhe.

Na verdade, eu achava que, com a coragem que tinha e dedicada como era ao pai, ela não hesitaria em fazê-lo.

E não me enganei.

— Certamente vou acompanhá-lo, dr. Watson.

Honesta até o fim, ela não disse que não estava com medo.

— Obrigado — agradeci com total sinceridade.

Enviei uma mensagem para Harris, dizendo que já tinha toda a quantia e que o

encontraria em frente ao Duck and Dragon, mas que somente lhe entregaria o dinheiro se Holmes estivesse junto, vivo e ileso. Então, aguardei sua resposta.

Ela veio pelo mesmo mensageiro. Harris estava de acordo. Quase dava para sentir sua ansiedade nos rabiscos do papel.

Foi assim que Naomi e eu partimos antes da meia-noite sob aquele clima úmido e borrascoso, ambos mantendo um silêncio tenso. Não havia qualquer outro som senão o do chacoalhar das rodas sobre as pedras da rua e o barulho dos cascos dos cavalos enquanto passávamos de um débil anel de luz de um lampião para o outro, por ruelas cada vez mais estreitas e soturnas.

Naomi estava preocupada. Eu via o medo em seu rosto e os lábios comprimidos sempre que atravessávamos algum trecho iluminado. Mas como poderia ser diferente? Ela estava no mais assustador dos lugares com um homem que conhecia apenas de reputação, e o pai corria perigo iminente. Como admirei sua coragem e como quase perdi o controle sobre minha raiva por saber que todo seu amor era dedicado a alguém tão indigno quanto Harris. Peguei a mim mesmo profundamente decidido a não apenas resgatar Holmes são e salvo, mas talvez ser capaz de forçar Harris a adotar um caminho mais honroso.

Finalmente chegamos ao Duck and Dragon e, confesso, meu coração veio à boca quando ajudei Naomi a saltar do cabriolé e paguei o condutor. Pedi-lhe que esperasse por nós, mas não tive esperanças de que ele atendesse meu pedido.

Tratava-se de um lugar soturno e sinistro, ainda que a chuva tivesse parado e o vento não fosse frio. Tudo à nossa volta parecia pingar e ranger, como se a rua estivesse desmoronando. O fedor de madeira podre e cerveja choca permeava o

ar, e o grito ou gemido ocasional que se fazia ouvir sequer parecia humano.

Peguei a jovem pelo braço.

— Venha — falei, com uma animação que não sentia. — São apenas alguns passos, e temos o tempo necessário.

Segurei-a com firmeza para o caso de, ao ver o pai, ela correr a seu encontro. Eu pretendia usá-la como moeda de troca, se assim fosse preciso.

Os segundos passaram devagar. Procurei entre as sombras um sinal da presença de Harris ou de Holmes. De repente, fiquei com medo de que Harris me achasse um homem demasiado honrado ou bondoso para usar a filha dele daquela forma. E se ele tivesse certeza de que eu jamais a machucaria e faltasse ao encontro?

Então, me acalmei. Machucá-la jamais fora meu intento. Minha arma contra o patife era permitir que a filha soubesse exatamente o tipo de homem que era seu pai. E eu ainda tinha comigo o bilhete do resgate, escrito com a letra dele. Eu o mostraria a Naomi e explicaria tudo, se precisasse.

Eu a conduzi para mais perto da luz mortiça do lampião acima da porta da taverna, de modo a permitir que Harris a visse, caso estivesse em algum lugar nas sombras.

Funcionou. Uma figura grandalhona se adiantou. Senti Naomi retesar o corpo, apavorada, mas depois relaxar quando reconheceu algo familiar no indivíduo.

Eu a segurava com tanta firmeza que ela piscou com a dor.

— Onde está Holmes? — indaguei em tom duro.

Harris parou. Pareceu estar me avaliando, talvez julgando até que ponto eu seria capaz de chegar, até onde estaria disposto a ir, ou mesmo se eu já não arruinara a reputação dele para a filha de forma irreversível.

Então, me ocorreu precisamente o que dizer.

— Conseguiu salvar Holmes? — perguntei, minha voz tão segura e clara

quanto possível.

Ele hesitou apenas por um instante antes de ceder.

— Sim. — Aquela única palavra soou rascante com toda a raiva e frustração

que o homem não ousou revelar.

— Mostre-me — exigi.

Ele fez um gesto com um dos braços.

Holmes deu um passo à frente. Fiquei horrorizado com a aparência dele: a roupa estava suja de lama e havia hematomas e sangue coagulado em seu rosto.

Sem dúvida ele obrigara seu algoz a lutar, mas fora pego de surpresa por um oponente mais forte.

Meu coração ficou apertado ao vê-lo. Também senti vontade de gargalhar de

alívio. Porém, Holmes ainda não estava totalmente livre.

— Ótimo! — falei, quase sem fôlego. — Então podemos ir embora, nossa

missão foi cumprida. Como o senhor disse, sr. Harris, sua filha é uma mulher tão

corajosa quando honrada, e é compreensível que se orgulhe dela. Foi um prazer

conhecê-la.

Quis que ele soubesse que eu não dissera nada de ruim a seu respeito, que ainda havia tudo a ganhar por nos deixar partir em paz.

Ele me entendeu. Vi à luz mortiça o ódio em seu rosto, bem como uma espécie de alívio, como se a derrota não fosse tão amarga.

Então Holmes veio em minha direção e soltei o braço de Naomi, que se dirigiu ao pai.

— Bom trabalho, Watson — disse Holmes baixinho ao meu lado. — Nunca senti tanta vontade de ir para casa.

— Não foi nada — falei, de forma casual. — Apenas um pequeno exercício de dedução lógica e uma compreensão de valores. Quando gostamos de alguém, somos reféns do destino, não importa quem sejamos.

— De fato — murmurou meu amigo. — Mas você se saiu muito bem.

A aventura de Zolnay, o trapezista

RICK BOYER

O primeiro romance de Richard Lewis Boyer (1943-) foi *The Giant Rat of Sumatra* (1976), um pastiche de Sherlock Holmes, porque, como afirmou o autor, era seu desejo aprender com o melhor. Ele partiu, então, para escrever uma série sobre Charlie “Doc” Admans, um cirurgião-dentista com consultório na Nova Inglaterra.

Boyer nasceu em Evanston, Ilinois. Formou-se em Língua Inglesa na Universidade de Denison e obteve um mestrado em Escrita Criativa na Universidade de Iowa, estudando com o renomado autor de ficção científica Kurt Vonnegut. Trabalhou como representante de vendas para a editora Little, Brown, foi professor do ensino médio e ensinou inglês na Western Caroline University.

O primeiro mistério centrado em “Doc” Adams foi *Billingsgate Shoal* (1982),

com o qual ganhou o Edgar pelo melhor romance do ano. Adams é uma figura insípida, um sujeito comum a quem as pessoas levam seus problemas para que ele tente ajudá-las. Em uma entrevista, Boyer declarou: “Adams sou eu mesmo em circunstâncias mais extraordinárias (…) Eu estava fingindo ser outra pessoa (…) Tentei colocar um sujeito sem nada de excepcional, basicamente um suburbano, enfrentando circunstâncias extraordinárias.”

Além dos nove romances “Doc” Adams, Boyer escreveu o bizarro *Mzungu Mjina: Swahili for Crazy White Man* (2004), e *Buck Gentry* (2005). *The Giant Rat of Sumatra* foi relançado em *A Sherlockian Quartet* (1998), ao qual ele acrescentou três novos contos.

“A aventura de Zolnay, o trapezista” foi originalmente publicado em *A Sherlockian Quartet* (Alexander, Carolina do Norte, Alexander Books, 1998).

A AVENTURA DE ZOLNAY,

O TRAPEZISTA

Rick Boyer

— Seja quem for nosso misterioso visitante, o sujeito é sem dúvida um espécime de físico impressionante — observou Sherlock Holmes enquanto tirava o sobretudo.

— Que diabos está querendo dizer? — perguntei. Era uma tarde primaveril de ventos fortes em meados de maio. Holmes e eu tínhamos acabado de voltar de uma caminhada acelerada no Regent’s Park; nossas bochechas estavam coradas da exposição ao ar fresco. Seu comentário me pegou de surpresa.

— Ora, Watson, não está vendo o par de luvas novas que ele esqueceu na almofada do sofá? Cá estão, mas deixe-me mostrar a você outra coisa…

Assim dizendo, ele pegou a direita e enfiou nela a mão em um abrir e fechar de olhos. Em seguida, dobrou e desdobrou os dedos dentro da luva, girando seus dedos finos de um lado para o outro.

— Grande, certo? *Bem grande*, eu diria. Mas minhas mãos são muito finas. Vamos tentar em uma das suas. Experimente para testar o tamanho.

Fiz o que ele mandou e fiquei pasmo com a facilidade com que minha mão entrou. Uma vez dentro da luva, ainda sobrava uns dois centímetros de dedo vazio.

— Humm! Incrível, Watson. Você é um perfeito mesomorfo no auge da vida e, ainda assim, parece uma criança experimentando a luva do pai, não é mesmo?

— Sim, sem dúvida é grande. O homem deve ser um gigante.

— Vejamos o que mais ele é. Pegue a outra luva, por favor, e leve o par até a janela. Vamos ver o que estes itens esquecidos revelarão sobre o homem que nos procurou em nossa ausência.

Holmes examinou o par de luvas durante algum tempo, verificando a etiqueta no interior e, por fim, virando cada uma do avesso. Ao ver manchas vermelhas desbotadas ao longo da extremidade superior da palma da luva direita, um grito de satisfação lhe escapou dos lábios.

— Ah! Viu isso, Watson? Sem dúvida essas manchas nos dizem um bocado sobre nosso amigo ausente.

— Isso é sangue? Não vejo como…

— Vamos começar do princípio. Primeiro, como pode ver, as luvas são novas,

não têm mais que alguns dias de uso. Posso afirmar pelo odor e pela textura da flanela que não foram limpas, uma vez que a numeração do tamanho ainda está aqui. Porém, não mostram sinais de sujeira, logo são bem novas. Existe, porém, um resquício de cera ao longo do indicador da luva esquerda, o que nos leva a crer que nosso homem usa um bigode. Observe também a etiqueta: E.J. Stanhope, Ltd., uma das lojas mais exclusivas da Bond Street, chique demais para tipos como nós, certo? Assim, o homem é rico ou leva uma vida boa, ao menos. É aqui que uma anomalia curiosa se apresenta…

— Que anomalia? Até agora, todas as observações fizeram sentido. Parece que você está montando um bom retrato do sujeito.

— A questão é a seguinte: ele é bem-sucedido financeiramente e anda com roupas boas, mas *não* é um cavalheiro. Na verdade, pelo que posso ver, ganha a vida realizando feitos físicos do tipo mais incrível…

— Um operário?

— Não. Lembre-se de que ele é, no mínimo, um tanto abastado. Chamo sua atenção mais uma vez para as manchas de sangue no avesso da luva direita. É óbvio que são resultado de um trauma extremo à palma da mão logo abaixo dos dedos. Você sabe que esse é o lugar da mão mais sujeito a abrasões e calosidades…

— O que, de novo, sugere que o homem seja um operário que lida com um martelo ou maneja uma pá.

— Não sejamos tão apressados. Por acaso um operário ganharia dinheiro suficiente para comprar luvas como essas? Decerto que não. Ademais, como demonstrei no caso do aprendiz Smythe, a mão de um operário logo fica toda

cheia de calos grossos e lustrosos, além de muito duros. No entanto, essas manchas de sangue mostram que a pele foi rasgada por um trauma extremo, uma força grande o suficiente para ser capaz de destruir até mesmo calos endurecidos. Que tipo de atividade causaria esse tipo de tensão tenebrosa na mão? E enquanto reflete sobre essa pergunta, consideremos outra possibilidade: a de que o homem normalmente não use luvas, ao menos não luvas elegantes de camurça cinzenta como essas.

— Como sabe disso?

— Não sei. Posso *inferir* como probabilidade. Primeiro, ele esqueceu as luvas. Ora, podia muito bem estar agitado, mas um cavalheiro que tem o hábito de usar luvas elegantes o tempo todo não as esqueceria, e ele esqueceu. Ao mesmo tempo, o fato de serem novas também é sugestivo. Talvez ele as tenha comprado para uma ocasião especial ou devido a…

Holmes ponderou os fatos e as possibilidades que se apresentavam a ele durante alguns minutos, antes de pegar o jornal vespertino e se acomodar no sofá com um cachimbo. Eu me sentara confortavelmente com um charuto e o número mais recente da *Lancet*, quando ouvimos uma série de passadas pesadas subindo as escadas, seguidas de uma robusta batida à porta. Holmes, deixando de lado o jornal com um brilho no olhar, levantou-se e foi até a porta. Antes de abri-la, porém, virou-se para mim e anunciou bem alto:

— Ah, Watson, vejo o que o *sr. Gregor Zolnay* voltou. Entre, sr. Zolnay, e seja bem-vindo!

Com isso, escancarou a porta, revelando um personagem com o físico mais extraordinário que eu já vira. Uma cabeça mais alto que nós, espadaúdo, com um

rosto perspicaz em que brilhavam olhos verdes e um gigantesco bigode castanho. No todo, sua aparência era bastante chamativa e ele transpirava força e vitalidade. Quando falou, foi com uma voz trovejante de barítono, modulada, de certa forma, por uma fala hesitante e um sotaque acentuado.

— Sr. Holmes, não? — indagou, adentrando a sala e estendendo uma das mãos enormes envolta em bandagens.

— Sim, sr. Zolnay, e esse é meu amigo, o dr. John Watson. Diga, o que o traz de volta do circo tão rápido?

Nosso visitante ficou tão impressionado que quase tropeçou em minha poltrona. Devo confessar que, mesmo habituado como estava aos feitos de observação e dedução de meu amigo, minha surpresa quase igualou a dele.

— Sr. Holmes, o senhor é um *bruzô*…

— Um bruxo, o senhor quer dizer?

— Sim! Um mago, sr. Holmes! Já esteve no Chipperfield’s? Não? Então como me conhece? Não deixei cartão, não falei com ninguém! Gregory Zolnay entra, sai e, *pluft!* , Sherlock Holmes sabe quem eu sou mesmo antes de me ver! *Bruzô!*

— Ora, meu caro, na verdade não foi tão difícil assim. Certo, Watson? — explicou meu amigo, enchendo o cachimbo.

Anuí, mas juro que estava perdido quanto aos processos de raciocínio de Holmes.

— Veja, sr. Zolnay, o senhor esqueceu as luvas aqui mais cedo, e elas

funcionaram muito bem como seu cartão de visita.

— Sim, deixei elas. Esqueço. Zolnay não usa luvas a não ser no inverno…

— Ou para esconder a mão ferida — prosseguiu Holmes, com uma piscadela para mim.

O gigante recuou, pondo a mão debaixo do paletó.

— Zolnay não está ferido! — exclamou, acrescentando depois, pensativo: — É apenas para *mim mesmo* que estou ferido, não para outros.

— Acho que entendemos, não é mesmo, Watson? O senhor tem uma reputação a zelar. Contudo, adivinhar sua identidade não foi difícil. Watson e eu estávamos falando das possíveis ocupações do dono das luvas. Concluímos que o homem era bem pago, mas é claro que também tinha muita força, força que ele *usava*, como provam essas manchas de sangue. Agora, que tipo de emprego pagaria um bom salário por exercícios físicos? Só existe um: o de artista de algum tipo. Concentrando meu esforço nessa linha de pensamento, lembrei-me de um anúncio do circo no *Telegram* desta manhã. Ao encontrá-lo, procurei uma pista. Sem dúvida, o artista era um atleta ou acrobata, mas apostei no acrobata, sobretudo um trapezista que sujeitaria as mãos a uma abrasão intensa. Sabe, sr. Zolnay, pratico boxe em meu tempo livre no ginásio Sullivan’s, e estou familiarizado com as mãos laceradas dos ginastas que ali treinam…

O homenzarrão olhou boquiaberto para Holmes, transbordando admiração e espanto.

— Com destaque no anúncio havia uma referência a “Gregor, o grande, o trapezista supremo”, ou seja, Gregor Zolnay.

— Mas como soube que era ele atrás da porta fechada? — perguntei.

— É mesmo, *herr* doutor — interviu Zolnay, apontando um dedo enorme na direção de Holmes. — O senhor tem olhos mágicos também?

— São dezessete degraus que conduzem a nosso apartamento — retorquiu Holmes. — O senhor os galgou em quatro passadas. Um homem comum conseguiria subir quatro degraus de uma vez? Não. Um acrobata conseguiria? Com facilidade, como você mesmo provou. Agora, em que posso lhe ajudar?

Recordando-se do motivo para buscar assistência, o rosto forte de Gregor Zolnay adquiriu uma expressão desamparada. Ele afundou cansado em minha poltrona e deu um suspiro profundo.

— Sr. Holmes, *herr* doutor… Tenho muita tristeza no coração. Minha querida Anna está aleijada, ela…

Nisso, aquele homem tão forte escondeu a cabeça nas mãos e se balançou para a frente e para trás, desolado. Holmes, depois de aguardar por algum tempo para que ele prosseguisse, começou a lhe fazer perguntas.

— A situação dela resultou de doença ou ferimento?

— Ela caiu. Anteontem à noite, durante nosso ensaio. Fazíamos a pirueta tripla, muito difícil e perigosa, além de exigir bastante atenção. E também, sr. Holmes, a rede estava baixada, como tem que estar durante o espetáculo.

— Entendo que o número falhou e, em consequência, ela caiu no chão.

— Sim, de uma altura de doze metros. Quando vi a queda, agarrei um cabo e

desci até ela. Foi a razão *disso* — completou, erguendo a mão enfaixada.

— Entendi. Uma reação natural. Anna é sua esposa?

— Não, estamos para nos casar, quer dizer, tínhamos planos de nos casar. Talvez ela nunca mais consiga andar. Mal consegue falar. É muito triste.

— Ela está inconsciente? — indaguei.

— Às vezes, acorda; às vezes, dorme. A maior parte do tempo, dorme…

— Ela está hospitalizada?

— Sim, *herr* doutor, no London Hospital. Quando acorda, fala bobagens. Sempre a mesma coisa. Segura minha cabeça e cochicha no ouvido: “Gregor, o homem-elefante, *é o homem-elefante*!”

Holmes e eu trocamos olhares, aturdidos. Supus que a expressão bastante enigmática de Zolnay se devesse ao pesado sotaque e ao pouco domínio do inglês.

— Certamente — disse Holmes — Anna está se referindo ao homem que cuida dos elefantes; o treinador, não é isso?

O gigante balançou a cabeça, perplexo.

— Não, sr. Holmes. Perguntei: “O Panelli, que alimenta os animais?” Ela diz que não. Não sei o que está tentando dizer, cavalheiros. Até hoje de manhã, eu achava que ela estava delirando de febre e falando bobagens, mas hoje de manhã me lembrei de uma coisa estranha e vim procurá-los.

Holmes se inclinou, ansioso, para a frente.

— Lembrei que, pouco antes da queda, ela também falou “o *homem-elefante*”.

E que soltou um grito pouco antes…

— Pouco antes do acidente?

— Sim, *herr* doutor. Deixe explicar, por favor. Sou o apanhador que fica na barra central…

— No trapézio?

— Isso, fico de cabeça para baixo, pendurado pelas pernas, balançando. Anna

salta da plataforma segurando a barra dela. Larga a barra, faz três piruetas rápidas e estende as mãos para eu pegá-la pelos pulsos.

— E você a segura.

— Sim, e depois de uma ou duas balançadas, ela me solta para pegar de novo

a barra que Vayenko está segurando. Então, ela vai para a outra plataforma.

— Quem é Vayenko?

— O terceiro homem da equipe. Um russo, de Kiev. Está há muito tempo no

Chipperfield’s. Velho demais para se apresentar em números difíceis. Por isso segura a barra para Anna. Quando estamos no ponto correto do balanço, ele a solta lá da plataforma mais distante para Anna pegar. Não somos amigos. Ele amava Anna antes de eu entrar no Chipperfield’s, em Budapeste, há três anos.

Holmes lançou um olhar penetrante em minha direção.

— Naturalmente, o homem ficou decepcionado e com raiva por ter sido

trocado por você — sugeri.

Zolnay permaneceu calado por alguns instantes antes de responder. Baixou os

olhos para as mãos, adotando um olhar quase culpado.

— Ele não fala de sentimentos, *herr* doutor. Mas acho que é assim como o senhor falou. Ele propôs casamento a Anna depois que nos conhecemos, e ela recusou.

— O senhor pode relatar os detalhes do acidente? — pediu Holmes, mudando de assunto.

— Foi como falei: Anna na plataforma, eu no centro, pendurado pelas pernas na barra, Vayenko na plataforma mais distante segurando a outra barra…

— Sim — falei —, e Anna salta da plataforma, largando a barra no auge do balanço…

— Isso, e depois faz uma pirueta assim…

Nesse momento, o grandalhão se levantou de um pulo da cadeira e girou três vezes com uma rapidez e uma delicadeza incríveis.

— Então ela deveria estender os braços para mim, e eu devia agarrá-la pelos pulsos, mas ela não fez isso. Enroscou-se como uma bola e caiu.

— E o senhor se lembra de ela ter gritado?

— Sim, gritou alguma coisa sobre o homem-elefante… acho que disse "horrível" ou "terrível"… mas não tenho certeza, porque já estou vendo a queda dela, se afastando rapidamente de mim, e não consigo pensar…

Aqui o trapezista fez uma expressão de dor ao relembrar a tragédia.

— E Vayenko jamais saiu do lugar na outra plataforma?

— Não, sr. Holmes. Ele não se mexeu desde a hora em que começamos o ensaio até Anna cair… E depois surgiu a meu lado quando me abaixei junto dela.

Holmes refletiu sobre o que ouvira durante algum tempo antes de reagir.

— E o senhor veio me procurar somente por causa da conversa estranha de Anna sobre o homem-elefante.

— Talvez não seja muito, sr. Holmes, mas Anna era uma grande trapezista.

Não iria falhar em um salto triplo. Se enroscar, como um bebê, que nem uma bolinha… Foi alguma coisa… alguma coisa horrível que a assustou tanto que ela

não pensou no salto.

— E não havia nada de incomum no picadeiro ou na tenda? Nada estranho lá

embaixo?

Zolnay balançou a cabeça.

— Não. Na verdade, Vayenko fechou a tenda para não deixar ninguém entrar

durante o ensaio, para não haver interferência.

— E suponho que esse seja o procedimento habitual.

— Não. Só aconteceu naquele dia.

— Interessante… muito interessante. Que tal darmos uma olhada no circo,

Watson? Que tal deixarmos de lado nossa pose de meia-idade e voltarmos a ser

crianças?

Holmes pegou o paletó e jogou o meu para mim, na poltrona.

— Vamos lá, homem! Não está ouvindo o som do apito a vapor? O circo está

armado no terreno das feiras em Wimbledon, não é, sr. Zolnay? Ótimo. Vamos dar uma olhada no terreno antes de visitarmos Anna no London Hospital.

Uma hora depois, estávamos de pé na periferia da *tober* (como Zolnay chamava), ou terreiro, em Wimbledon. No centro se erguia uma imensa tenda,

uma montanha elíptica de tecido com mais de cem metros de comprimento. Bandeirolas tremulavam alegres no topo, enquanto, como previsto por Holmes, os tons robustos do calíope podiam ser ouvidos de longe. Compridas filas de gente ansiosa se dirigiam para a tenda central, e multidões de transeuntes curiosos se apinhavam diante de atrações paralelas que circundavam o terreno do circo. Em volta do espetáculo, como que a formar uma cerca natural em torno dele, havia um monte de carroças e trailers, tudo pintado de vermelho com o nome “CHIPPERFIELD’S” em enormes letras prateadas nas laterais. Quando nos aproximamos mais, o odor dos animais e o cheiro de feno nos atingiu, e uma onda de nostalgia me assaltou.

Logo estávamos no interior do círculo de carroças e nosso famoso companheiro foi cercado por inúmeros admiradores. Zolnay nos informou que essa área era o “quintal”, onde os artistas se reuniam entre os números e onde ficavam os apetrechos e guarda-roupas. Muita gente apareceu para lamentar o acidente e desejar que Anna se recuperasse depressa. Entre as figuras interessantes que encontramos estava Bruno Baldi, o artista capaz de levantar um cavalo e “Black Jack” Houlihan, que podia engolir uma cimitarra, curvando seu tronco para acomodar a lâmina curva. Vários palhaços se aproximaram e também desejaram melhoras para a trapezista. Foi estranho ouvir vozes normais e sóbrias saírem daqueles rostos grotescos. Zolnay chamou um sujeito, um homenzinho franzino com o corpo atrofiado que mancava sobre o chão de serragem como um ouriço.

— Sidney, Sidney Larkin! — chamou o trapezista, e a figura atrofiada parou, se virou e veio em nossa direção. Zolnay que precisava se preparar para o espetáculo vespertino, pediu-lhe que nos levasse até a diligência de Panelli. O

homem obedeceu na mesma hora, em uma demonstração óbvia de seu afeto pelo acrobata. Levou-nos, caminhando com seu andar coxeante, até uma diligência que lembrava a de ciganos e funileiros itinerantes. Ficou claro que alguém estava lá dentro; vimos um rolo de fumaça cinzenta subindo da chaminé de lata que se projetava do teto da diligência. Quando chegamos mais perto, o delicioso aroma de cebola e alho sendo fritos em azeite nos assaltou, vindo da janela aberta.

Larkin subiu vacilante a escada e bateu à porta.

— Ei, Panelli, uma dupla de forões quer falar com você…

— Que diabo é um “forão”? — perguntei a Holmes.

— Acho que é o jargão circense para “forasteiro”.

— Está tirando uma soneca? Tudo bem, amigo, a gente espera.

Pouco depois, o dono da diligência apareceu na minúscula porta dos fundos e fez sinal para entrarmos. Panelli era um sujeito baixo e forte, com um enorme bigode e expressão soturna. Usava um chapéu surrado e o mais estranho e inédito de tudo era que trazia um pequeno mico empoleirado no ombro. O mico também usava um chapéu em miniatura e um paletó vistoso, o que lhe dava uma aparência quase humanoide. Senti-me satisfeito por ter acompanhado Holmes nesta missão, já que sempre tivera muita curiosidade para ver o interior de uma diligência de circo. Entramos, baixando a cabeça, e fomos surpreendidos ao encontrar não só Panelli, mas também sua esposa e os cinco filhos! Como conseguiam sobreviver em espaço tão exíguo era inexplicável, porém o lugar, abarrotado como seria de esperar, decerto passava a impressão de aconchego. A sra. Panelli mexia algo na panela de ferro no fogão e nos ofereceu chá.

Panelli, esparramado em um catre alimentando o mico (cujo nome era Jocko),

se mostrou muito prestativo e respondeu a nossas perguntas. Foi uma experiência curiosa sentar em um baú de navio na casinha móvel minúscula, ouvindo o alarido da multidão lá fora entrar pelas janelas alegremente decoradas com cortinas de tecido azul.

— Por favor, venham comigo, cavalheiros — disse Panelli, que se despediu da família e desceu a escada diante de nós, tomando a direção de uma tenda grande. Erguendo a aba para nos deixar entrar, o homem nos fez circundar a arena coberta de feno. Deparei-me com algo que quase me deixou sem fôlego e me obrigou a recuar vários passos.

— Não tenham medo, cavalheiros, eles não vão lhes fazer mal — disse o italiano, caminhando devagar entre um pequeno grupo de elefantes que comia a menos de três metros de nós. Um deles, enorme, chamou minha atenção ao balançar com a tromba a corrente pesada que o prendia, como se ela fosse um pedaço de corda. Os animais abanavam as orelhas e se balançavam ritmicamente enquanto comiam. Dava para ouvir o ruído de seus molares mastigando.

— Sr. Panelli, pelo que entendi, quando o acidente ocorreu, o senhor estava aqui mesmo nesta tenda com os animais, certo?

— Sim, o ensaio aconteceu tarde. Lembro que já estava escuro. Os elefantes estavam do jeito que estão agora. Sidney me viu aqui, e Rocco, o palhaço. Panelli estava aqui o tempo todo.

— E todos os elefantes também? Sem exceção?

— Todos aqui, os doze, como podem contar.

Nesse instante, o maior dos animais, balançando a cabeça, recuou três passos

e teria pisado em Holmes, caso este não tivesse saído do caminho.

— Hannibal! — gritou Panelli, e o animal voltou ao lugar em que estava. — Eles são dóceis, como podem ver. Posso ir almoçar, cavalheiros?

— Claro. Agradecemos sua ajuda — respondeu Holmes.

Observamos os animais durante mais uns dez minutos talvez, mas então o grandalhão mostrou sinais de inquietação de novo e saímos da tenda, voltando a caminhar pelo terreno do circo.

Holmes, como de hábito, andava um pouco curvado, de cabeça baixa, pensando, as mãos entrelaçadas às costas.

— Muito bem. Você viu algo digno de nota em Panelli ou nos elefantes?

— Acho que não, Holmes. Tudo me pareceu em ordem. Além disso, o cuidador tem várias testemunhas capazes de atestar sua presença na tenda.

— De acordo. Acho que podemos deixá-lo de fora… E os animais também.

— Mas então por que a constante referência de Anna ao homem-elefante?

— Não sei. Por isso precisamos vê-la pessoalmente. Ainda bem que você é médico, Watson, já que assim será mais fácil visitá-la no London Hospital. Claro que isso significa que vamos perder o espetáculo. Vamos procurar Zolnay e… Santo Deus, o que foi isso?

Ouvimos um grito lancinante que se sobrepôs ao barulho da multidão. Quando o som se repetiu, reconheci nele o grito de um elefante. Voltamos até a tenda de Panelli a tempo de vê-lo sair correndo da diligência, com um gancho de

adestramento na mão. Jocko continuava empoleirado em seu ombro.

— É Hannibal mais uma vez — falou ele enquanto corria para a abertura da tenda dos animais. — Está perto do cio e inquieto, como viram. Preciso acorrentar ele longe dos outros.

Depois de dispersar a multidão que começava a se formar, seguimos o treinador de volta à tenda. Os animais pareciam nervosos. O movimento de balanço que faziam aumentara, e suas trombas em movimento criavam ruídos surdos e sibilantes. Hannibal, o grandalhão, ergueu a cabeça e a tromba e caminhou até o jovem elefante preso perto dele. O animal, por sua vez, trombeteou e se preparou para revidar. Foi quando me dei conta de como era frágil a tenda que abrigava os animais. Panelli corria entre as bestas enormes, com o gancho erguido. Admirei a coragem dele. O mico soltava gritinhos de raiva e satisfação. Os elefantes se afastaram uns dos outros e as correntes maciças se esticaram, se alçaram do chão, vibrando como cordas de violão.

Holmes e eu contemplamos, fascinados, a força e a energia incríveis em exibição. Falando baixinho com os animais — cujo comportamento melhorara bastante desde sua chegada —, Panelli contornou Hannibal pelas costas e, em um piscar de olhos, prendeu outra corrente à pata direita traseira dele. Atou-a, então, a uma enorme estaca de ferro (cuja cabeça lembrava um cogumelo após incontáveis golpes de martelo) nos fundos da tenda. Passados vários minutos de manobras arriscadas, o treinador conseguiu isolar o brutamontes entre duas estacas — bem longe dos outros elefantes.

Tudo parecia em ordem, mas então, no instante seguinte, ocorreu o mais violento e horripilante espetáculo que eu já vira. Embora este não envolvesse vida humana, o incidente ficou gravado para sempre em minha memória.

Panelli terminara de apertar a corrente traseira e passava pelos animais em

direção a nós, quando Jocko, vendo o rabo do elefante balançar a poucos metros de distância, foi assaltado pela tentação. Se foi porque o rabo imenso se assemelhava a uma corda ou trepadeira, não posso dizer, mas o mico pulou do ombro do treinador e se agarrou ao rabo, subindo depois pelas costas do animal. Ali ele brincou, deliciado, dando cambalhotas e espalhando a palha que cobria o lombo do elefante. Em um segundo, porém, os gritinhos de satisfação foram substituídos por um gemido sufocado quando a tromba do animal encontrou o intruso e se enroscou em seu corpo. Ouvi Panelli gritar uma ordem para Hannibal, mas era tarde demais. A tromba baixou de repente como um gigantesco mata-mosquitos e o mico foi jogado no chão. Ele ainda tentou fugir e se ergueu por um instante, mas então foi esmagado pela pata cinzenta da fera.

Antes que o treinador pudesse impedir, o elefante já levantara de novo o corpinho inerte com a tromba e o atirara pela abertura da tenda.

Todos nós observamos boquiabertos durante alguns segundos, tamanho foi o choque e a violência do ocorrido. Então, recuperando o juízo, corremos para o lado de fora da tenda e encontramos uma multidão formando um círculo em torno da pequena carcaça peluda estirada sobre a serragem. O mico morto jazia de costas, com a boca cheia de sangue aberta em um sorriso zombeteiro que deixava à mostra suas grandes presas.

— *Hoodoo!* — gritou Rocco, o palhaço.

— *Hoodoo!* — ecoou Black Jack Houlihan.

— Minha nossa! É *hoodoo* mesmo! — gritou Sidney Larkin, olhando horrorizado para o pequeno animal morto.

— Holmes! *Hoodoo?* O que é *hoodoo*?

— Imagino que seja um mau presságio, uma maldição — respondeu ele.

— Isso mesmo, senhor, uma maldição! E do pior tipo — esclareceu Larkin, recuando apavorado. — O pior tipo de sinal que existe, pois um macaco ser morto significa que *três pessoas vão morrer*!

— Arre! — exclamei, descrente, enquanto víamos o treinador de elefantes pegar no colo o amigo que partira e voltar cabisbaixo para a carroça. A despeito de minha incredulidade, porém, reparei no olhar de medo e incerteza nos rostos do pessoal do circo, bem como ouvi um comentário que seria repetido algumas vezes: “Espero que não seja eu!”

Paramos no pátio das tendas tempo suficiente para um cachimbo. Ao final, Holmes admitiu que o caso parecia confuso. Como chegáramos a um beco sem saída ali, ele achou melhor irmos visitar Anna e nos encontrarmos com Zolnay no final do espetáculo.

— Talvez acabemos por descobrir mais coisas no hospital, Watson, embora me caiba dizer que este não é um começo auspicioso.

O trajeto até o London Hospital não era longo, e antes de meia hora já havíamos chegado. Eu conhecia sir Frederick Treves, o brilhante médico e cirurgião que era um dos diretores do hospital. Por isso, abordei a enfermeira-chefe e a informei de meu relacionamento com Treves, dizendo que desejávamos visitar alguém no hospital.

— Lamento, doutor, ele não pode receber visitas, salvo se levadas em pessoa pelo dr. Treves. Já estamos fartos dos curiosos…

— Peço desculpas, senhorita — insisti —, mas a pessoa que desejamos visitar é do sexo feminino: a srta. Anna Tontriva…

— Ah, sinto muito. Achei que fosse… Fosse algo totalmente diferente. Por aqui, por favor.

Entrei no quarto sozinho enquanto Holmes aguardava do lado de fora.

Havíamos combinado que, se ela estivesse suficientemente bem, ele entraria para fazer as perguntas comigo. Porém, depois de examinar a moça por alguns segundos, dei um suspiro de desânimo, porque vi que ela não sobreviveria.

Chequei seus sinais vitais uma segunda vez para ter certeza, mas não me enganara: a mulher estava em coma profundo e com febre alta. Além disso, depois de examinar sua ficha e apalpar-lhe o abdome, pude ver que a peritonite se instalara. Nada havia a fazer…

— E então, meu amigo? — perguntou Holmes quando saí do quarto, abalado.

— Vamos lá, homem, ânimo…

Balancei a cabeça com tristeza.

— Mande chamar Zolnay. Creio que muita tristeza nos espera. Vou procurar o médico encarregado ou seu assistente. Porém, acredite em mim, Holmes: ela não tem nenhuma chance.

Holmes nada disse, mas sua expressão deu a entender que ele também estava pensando no macaco.

— *Hoodoo*, não é, Holmes?

— Tolice! Bobagem! — exclamou ele, dando meia-volta para ir buscar o acrobata.

Não preciso relatar a você, caro leitor, os dolorosos acontecimentos que se seguiram. Vimos o gigantesco húngaro, Gregor, o grande, reduzido a um

arcabouço choroso quando o corpo de sua amada Anna foi transportado em uma maca. Chamamos vários artistas do Chipperfield's para consolá-lo e providenciar o enterro. Ao deixarmos o hospital para dar prosseguimento à investigação, passamos por Treves no corredor. Ele falava com um atendente quando nos aproximamos, e ouvi um trecho da conversa:

— … tanta sorte de ter aposentos *aqui*, porque não precisará tolerar o olhar de gente boquiaberta o tempo todo. Sim, já soube de mulheres que desmaiaram…

Ora, Watson, o que o traz aqui?

Fiz um resumo de nossa triste missão para Treves que ofereceu suas sinceras condolências, e Holmes e eu voltamos ao circo. Não tivemos dificuldade para encontrar Sidney Larkin e Rocco, pois ambos estavam na diligência do palhaço, as cabeças baixas, desgostosos. O consenso era de que o *hoodoo* estava em ação, e todos estremeceram ao pensar nas duas mortes que viriam a seguir. Panelli, sentindo que de certa forma a culpa era sua, não queria ver ninguém. O espetáculo terminara havia várias horas e pudemos examinar a tenda principal. Entramos e, na mesma hora, ficamos pasmos com sua enormidade. Com a ajuda de Larkin e Rocco, Holmes acendeu várias das lâmpadas de carbono que funcionavam como holofotes e dirigiu seus focos para cima, para as barras e plataformas dos trapezistas. Então, para espanto dos presentes, aproximou-se da escada de corda que descia até o picadeiro central e começou a subir por ela.

— Pare! — gritou alguém. — O que está fazendo?

Olhamos para trás e vimos um homem de aparência poderosa surgir no centro do picadeiro e olhar para Holmes, que já estava quase no topo.

— Vayenko, este homem é Sherlock Holmes, um detetive que está ajudando

Gregor a descobrir a causa da queda de Anna… — disse Rocco, mas foi interrompido.

— Desça agora! — gritou o russo, agitando o punho.

— Sr. Vayenko, estou aqui a pedido do sr. Gregor Zolnay. Eu apreciaria muitíssimo sua ajuda nesta questão — disse Holmes, com frieza. — No entanto, se não quiser cooperar, peço que não interfira.

Holmes continuou subindo em direção à plataforma do trapezista. Já quase a alcançara quando Vayenko, soltando um palavrão, começou a subir com uma velocidade inacreditável. Em pouquíssimo tempo, alcançara meu amigo e lhe segurava o tornozelo.

— Ora essa! — gritei e corri para a escada, com Larkin e o palhaço atrás de mim.

Holmes enfrentou com calma a situação e pediu ao acrobata para soltar seu tornozelo. Fiquei espantado com a atitude de Vayenko, que, de todos nós, devia ser o mais consciente do perigo a que estava sujeitando Holmes. Ainda assim, observei, apavorado, o russo começar a puxar a perna de meu amigo e remover seu outro pé do patamar em que se apoiava. Meu amigo ficou pendurado ali, a doze metros de altura, não apenas sustentando o próprio peso como também o do outro sujeito. No entanto, justo quando achei que ele não aguentaria mais, vi o pé livre fazer um movimento e a bota se chocar de encontro à mão do russo. O homem deixou escapar um uivo de dor e permitiu que Holmes alcançasse a plataforma.

— O que está acontecendo aqui? — gritou uma voz grave. Vimos um homem elegante se aproximar do picadeiro e olhar para cima. — É você, Vladimir? Quem diabos está aí com você?

O homem se apresentou como Lamar Chipperfield, proprietário e administrador do circo. Ao se inteirar da natureza de nossa missão, o sr. Chipperfield consentiu com ela de boa vontade e instruiu Vayenko a descer naquele instante. Ao receber tal ordem, a postura do acrobata mudou radicalmente. Ele assumiu um jeito humilde e obediente e se esforçou para garantir ao sr. Chipperfield que só agira por preocupação com o circo, para impedir que um invasor estranho danificasse os aparelhos.

— O senhor sabe, sr. Chipperfield, que nossas vidas dependem dos aparelhos. Se eles forem danificados…

— Entendo perfeitamente, Vladimir. Você cometeu um erro honesto. Por favor, aguarde em sua caravana até que esses cavalheiros terminem, pois eles podem querer lhe fazer perguntas. Boa noite.

O russo saiu humildemente, chegando a me cumprimentar de cabeça. No entanto, minha intolerância por ele permaneceu, e senti que sua atitude servil era falsa, pois o vi lançar um olhar de fúria para Holmes pouco antes de deixar a tenda.

Posicionei-me direto sob a plataforma e passei vários minutos ali, apontando os holofotes nas direções indicadas por Holmes.

— Um pouco para a esquerda e para cima — dizia ele, examinando o entorno de seu poleiro elevado. — Não, não tão longe… Aí, mantenha firme neste lugar

um instante.

Aparentemente cansado disso, ele nos espantou ao puxar a barra central para a plataforma por meio de uma corda leve. Em poucos segundos, vimos Holmes descrever um arco aberto acima de nossas cabeças. Todos ficamos assustados, mas meu amigo mostrou aquela frieza notável que era sua marca registrada; sentou-se na barra como se aquilo fosse uma grande diversão, observando tudo e gritando instruções para nós.

— Não seja idiota, Holmes! — avisei. — Vai quebrar o pescoço! Trate de descer daí agora mesmo!

Contudo, ele ficou lá em cima mais uns dez minutos antes de voltar, os olhos brilhando, ao picadeiro cheio de serragem.

— Diga-me, Larkin, o que é aquilo? — indagou, apontando para uma capota de lona que podia ser vista entre as fileiras de bancos de madeira.

— Aquilo, meu senhor, é o *corredor*.

— O *corredor*?

— Sim, senhor. Os animais fazem a entrada por ali. É um túnel de lona que dá no quintal e nas carroças com jaulas. É mantido trancado até a hora do espetáculo, porque as crianças gostam de passar por ele para evitar pagar o ingresso.

Nós três examinamos a entrada coberta de tecido. Tinha cerca de 1,2 metro de diâmetro. Entramos no túnel, quase agachados ao andar, até chegarmos a uma parede de lona fortemente amarrada. Larkin desfez o nó e saímos para o ar noturno. Como previsto, estávamos no meio do aglomerado de carroças. Leves rosnados e o fedor acre indicavam a presença de leões.

— E isso fica sempre fechado?

— Sim, senhor. Até a metade do espetáculo. Como pode ver, não há ninguém

por aqui na maior parte do tempo, já que os artistas se reúnem na tenda lá da frente para tomar chá e conversar…

— Entendo. E não só esta área fica deserta, como também muito perto da cerca externa — observou Holmes enquanto andava devagar pelo local, os olhos

grudados no chão. — Talvez lhe interesse saber, Watson, que a entrada do corredor é visível da plataforma, mas não da barra central.

— Não diga — retorqui, incapaz de seguir sua linha de raciocínio.

— Larkin, as abas do corredor também ficam fechadas?

— As internas? Sim, senhor. Isso permite que os treinadores levem seus

animais para o corredor sem serem vistos.

— E como as abas são erguidas?

— Por meio de cordas grossas, seguras pelo mestre do picadeiro, ou seja, o sr.

Chipperfield, o cavalheiro que conheceram. Depois de anunciar o número, ele puxa com força as cordas que erguem as abas, sinalizando para que os animais

entrem. É bonito de ver, não é, Rocco?

— Entendo — resmungou meu amigo, antes de retornar pelo túnel de lona ao

pátio.

Lá, ele pediu uma lanterna, trazida de pronto por Rocco. Passou a meia hora

seguinte, de lanterna na mão, fazendo semicírculos abertos sobre o terreno.

Sentei-me em um enorme rolo de corda e fumei três cigarros durante esse processo. Por fim, ouvi um grito de satisfação que anunciava uma descoberta.

— Como um cão de caça, não? — comentei com meus companheiros. — Seus gritos nos dizem que ele farejou alguma coisa.

Holmes, a trinta metros de distância, estava ajoelhado na terra, os olhos e o rosto brilhando de excitação.

— Está vendo aqui, Watson? Está *vendo*? — gritou, tenso, apontando para o chão.

Não vi coisa alguma, salvo um rastro desigual na terra que parecia se repetir a intervalos regulares. Sem dúvida não se assemelhava a pegadas de tipo algum que eu conhecesse. No entanto, a repetição regular do estranho padrão indicava um movimento de locomoção, embora fosse esquisito.

— Ah, veja isso também — disse Holmes, apontando para uma pequena depressão circular na terra, que também se repetia.

— Uma bengala?

— Ou uma muleta. Então é um ser humano… Ou será que não? Sem dúvida deixa pegadas incomuns. Vamos segui-las.

A trilha nos levou até a cerca externa e ali, amarrado a uma ripa de madeira que formava a cerca, estava um objeto de tecido que Holmes removeu e examinou com grande interesse.

— O que é, Holmes?

— Ainda não sei ao certo, mas me parece algum tipo de vestimenta…

Segurando o objeto esdrúxulo sob a luz da lanterna, resmungou para si mesmo. Então, fez mais um esforço para retomar a estranha trilha do outro lado

da cerca, mas, devido à escuridão, foi obrigado a desistir da caçada.

— A trilha era clara o suficiente na terra e na serragem do interior da cerca, mas será demasiado difícil segui-la na campina que a circunda. É um espanto que sequer a tenhamos encontrado, considerando-se o enorme tráfego de pessoas no terreno. No entanto, como viu, eu a descobri apenas descrevendo círculos em direção à cerca. Quem, ou *o que*, era se dirigia para a cerca e para o outro lado. Não, Watson, perderíamos nosso tempo se continuássemos procurando agora à noite. Melhor voltar amanhã à luz do dia. Por enquanto, acho que descobrimos tudo que podíamos com nossas inspeções. Diga, Larkin, é verdade que os trapezistas estavam sozinhos na tenda principal na noite do acidente?

O homem atrofiado caminhou mancando a nosso lado na escuridão durante vários minutos antes de responder.

— Sim, senhor. Até onde sei, estavam, sim. Acho que todos nós ficamos na tenda lateral ou cuidando de nossas vidas nas caravanas. Como o senhor sabe, eu estava com Panelli e Rocco.

Holmes passou mais meia hora inquirindo o restante do pessoal do circo. Teria algum deles estado na tenda principal durante o malfadado ensaio? As abas do túnel estavam de fato lacradas de modo que ninguém pudesse entrar? Acaso alguém vira um animal estranho entre as jaulas ou espreitando próximo à tenda grande? A resposta a todas essas perguntas foi negativa. Por isso embarcamos em um cabriolé e, uma hora depois, nos vimos de novo em casa. Entristecidos com a morte de Anna, ficamos algum tempo sentados em silêncio diante da lareira. Então Holmes pegou o estranho pedaço de vestimenta que encontrara na cerca do circo. Dava a impressão de ser uma luva enorme, mas um extremo estava remendado com uma lona pesada, enegrecida de sujeira e macadame. Ele

a pôs sobre o braço. A mão foi então circundada pela extremidade de lona, que Holmes inspecionou com cuidado, auxiliado por sua lente de aumento e a claridade da lamparina. Passados vinte minutos de exame, interrompido apenas por eventuais suspiros e grunhidos, ele jogou a coisa em meu colo.

— O que acha que é?

— Para mim, parece algum tipo de pantufa — respondi, finalmente —, já que dá para ver pelas condições da lona que teve repetidos, para não dizer constantes, contatos com a terra.

Ele assentiu enquanto extraía baforadas do cachimbo, expelindo nuvens de fumaça em direção à luz da lamparina.

— O estranho é que não tem o formato de algo que se ajuste a uma perna e um pé — prossegui. — Na verdade, com tais dimensões, eu diria que foi feito mais para uma nadadeira que para um membro humano.

“Se tivesse sido feito para um pé humano normal, mesmo descontando o tamanho descomunal e o formato grotesco, eu poderia supor que a *pegada* na lona, ou seja, a mancha escura produzida pelo membro que estava aqui dentro fazendo pressão sobre o chão, teria mais ou menos o formato alongado comparável ao de um pé. Haveria uma série de borrões em um dos extremos correspondentes às plantas dos pés e talvez os dedões…”

— Sim! — interrompeu Holmes —, e um borrão um pouco menor no outro extremo, que corresponderia ao calcanhar…

— É claro. Mas, no caso em questão, vemos que a mancha é um borrão

irregular. Em vez de delinear um pé, ainda que de forma tosca, não delineia coisa alguma.

— Ou algo que não seja um pé — corrigiu Holmes.

— Então, o *que* é? — indaguei, sentindo o pavor crescer dentro de mim.

— Não sei, Watson, salvo que talvez seja humano ou semi-humano, conforme o caso. Posso dizer pelos vestígios de serragem grudados no breu que estava no membro inferior, ou melhor, em um dos membros, que desenhou aquela trilha estranha próximo à tenda.

— O homem-elefante… — murmurei.

— Exatamente. Será possível? Que tipo de homem, se é que pode ser chamado assim, precisaria de uma bota como esta? Ele teria de ser bastante…

— Deformado?

— *Sim!* Só que… Espere um instante! Acho que me lembro de ter lido algo no jornal há cerca de um mês… Vejamos…

Ficando de joelhos, Holmes começou a remexer como um rato de esgoto nas pilhas de jornais espalhados pelo chão de nossa sala.

— Diabo, Watson! Vejo que você andou fazendo faxina de novo. Que vergonha! Como vou solucionar esse quebra-cabeça se insiste em invadir meus estoques de informações? Organização é um traço abominável, Watson. Jamais se esqueça disso!

Levei quase uma hora para convencê-lo de que, se não fosse por minhas "faxinas", nosso apartamento logo se transformaria em um ninho de ratos. Como

consolo adicional para seu desespero, me ofereci para pagar nosso jantar, e, pouco tempo depois, saímos para o Morley’s Chop House. Ao longo de toda a refeição, ele me encheu de perguntas. Como médico, estaria eu a par de alguma doença ou mazela que resultasse em deformidades pavorosas? Respondi que havia algumas, como a *elefantíase*, capaz de causar um inacreditável inchaço do corpo e das glândulas linfáticas com a correspondente ulceração e escamação da pele.

— Ora essa! E o nome certo também! Sem dúvida essa é a resposta, mas ainda assim…

Holmes se calou de novo, e concluímos o jantar falando de outros assuntos.

— Diga-me, Watson — prosseguiu, quando saímos do restaurante —, a elefantíase, por mais danosa que seja para os tecidos e as glândulas, afeta os ossos?

Quando respondi negativamente, Holmes comentou que seria melhor descartarmos a doença.

— Como você mesmo declarou depois de examinar a estranha pantufa que encontramos, os *membros* estão deformados, não apenas o tecido, certo?

Assenti.

— Devo dizer que estou perdido, Holmes. Se, de fato, trata-se de um ser humano vitimado por uma doença, tal mazela me escapa por completo. Não vejo como você possa esperar descobrir a resposta para esse quebra-cabeça, a menos que planeje continuar a seguir aquela trilha estranha à luz do dia amanhã.

— Talvez haja um jeito mais fácil, Watson. Amanhã de manhã, vou ao

escritório do *Times*. Tenho quase certeza de que li nesse jornal a notícia há um mês. Bem, quer voltar para Baker Street ou fazer uma parada no Drury Lane?

Eu mal me vestira na manhã seguinte, quando Holmes irrompeu em meu quarto esbanjando excitação.

— Seu amigo cirurgião no London Hospital, Watson… O nome dele é *Treves*, não?

— Isso. Sir Frederick Treves. Você o viu ontem no corredor do hospital, lembra?

— Claro que sim — retrucou ele —, mas, embora o nome me fosse familiar, não cheguei a juntar as peças…

— Como? Que peças?

— Suponho que antes do dia de ontem, você não falava com Treves há algum tempo, não? Isso é plausível, já que vocês trabalham em hospitais diferentes. Por isso seria improvável que soubesse do recente paciente dele.

— É verdade.

— Um paciente ímpar, para dizer o mínimo. Venha comigo, um cabriolé nos espera lá na rua. Não! Não haverá tempo para o chá, caro amigo, essa é sua punição por ser dorminhoco!

Ele praticamente me arrastou escada abaixo e me jogou dentro do cabriolé que nos aguardava. Saímos a toda em direção ao London Hospital.

— Watson — disse ele, tamborilando os dedos no joelho com impaciência —, você se lembra de que ontem, quando se apresentou como amigo de Treves, a enfermeira-chefe achou que queríamos visitar outro paciente…

— Sim, acho que sim… Ela disse que já estava farta de curiosos…

— Isso! — exclamou ele, agitado. — E talvez lembre também que o próprio Treves, enquanto conversava com um colega no corredor, mencionou *mulheres que desmaiaram*!

— Ora, isso ocorre desde tempos imemoriais!

— Francamente, Watson, como você às vezes é lerdo!

— Como assim?

— Primeiro, achei que fosse coincidência o fato de Anna Tontriva estar internada na mesma instalação que contém a solução de nosso problema. Porém, após refletir um pouco, concluí que faz sentido, já que o London é o hospital mais próximo de onde o circo está montado…

— De que diabos está falando, Holmes? — perguntei com um bocejo, pois não ficava em minha melhor forma quando privado de meu chá matutino.

— Não importa, Watson, veremos pessoalmente a resposta em pouco tempo. Chegamos. Encontro você lá dentro assim que pagar o condutor.

Pouco depois, Holmes se encontrou comigo no posto de enfermagem principal, onde perguntamos por Treves.

— Sr. Holmes? O dr. Treves está esperando por você. Sim, ele recebeu seu telegrama. Por aqui, por favor.

Ela nos conduziu à ala dos fundos do hospital, onde, separada por dois conjuntos de portas do restante do hospital, ficava uma suíte que dava vista para um pátio gramado e cercado. Por estar vagamente familiarizado com o hospital,

eu sabia que chamavam aquele lugar de Praça do Estrado. Era uma ala isolada, em geral usada para abrigar lunáticos antes que fossem transferidos para hospícios. A enfermeira fez sinal para que nos sentássemos no primeiro dos quartos e, após vários minutos de espera, Treves entrou e puxou uma cadeira para se sentar de frente para nós.

— Olá, Watson. Sr. Holmes, recebi seu telegrama urgente hoje de manhã. Sem dúvida seu poder de perspicácia é precisamente conforme diz Watson, pois fizemos o possível para manter em segredo a internação de Merrick aqui.

— Não duvido, dr. Treves. E me permita expressar minha sincera admiração pelo senhor e pelo sr. Carr Gomm. O anúncio publicado no *Times*, suponho, surtiu efeito.

— Sim. Merrick agora dispõe de recursos para se sustentar confortavelmente aqui pelo resto da vida, graças à generosidade do público britânico. Ele não tinha ciência da própria sorte até ontem, pois não queríamos que ficasse decepcionado caso as coisas não saíssem da forma esperada. Contudo, agora, ele sabe que pode permanecer aqui para sempre e está contentíssimo. E você, Watson, ouviu falar de John Merrick?

— Não até este exato minuto.

Treves fez uma pausa antes de prosseguir:

— Está familiarizado com a *neurofibromatose*?

— O mal de Recklinghausen?

— Exato! É conhecida por ambos os nomes. Como sem dúvida você sabe, ela

causa uma proliferação de células em torno do delicado tecido conectivo que circunda as terminações nervosas. Em geral, afeta apenas os nervos e a pele.

Assenti. Era, de fato, uma doença rara; durante meus doze ou mais anos de prática da medicina, não vi mais que meia dúzia de casos, se tanto.

— Porém, no estranho e trágico caso de John Merrick, a doença atacou com

violência o corpo todo, com consequências alarmantes. Não apenas isso, mas afetou também os *ossos*, com resultados monstruosamente deformantes…

— Dr. Treves, Merrick tem liberdade para ir e vir como lhe aprouver? —

indagou Holmes.

— Em que sentido? Sem dúvida, no sentido jurídico ou médico, ele é livre para ir aonde quiser a qualquer hora. Não está preso aqui. No entanto, levando-se

em conta sua aparência assustadora, ele se comporta como um recluso voluntário

nesses aposentos, já que um mero vislumbre de sua figura causa choque nas pessoas.

— Merrick estava aqui há três noites? — insistiu Holmes.

— Agora que mencionou, sr. Holmes, naquela noite, ele deu uma de suas raras

saídas. Ele sai depois que escurece, usando as roupas mais esdrúxulas que já vi.

— Esta peça faria parte de seu guarda-roupa? — indagou meu amigo,

mostrando a estranha pantufa que encontrara na noite da véspera.

— Minha nossa, sim! Onde o senhor a encontrou? Merrick ficará muito

agradecido, tenho certeza. Venham comigo, os senhores poderão vê-lo agora, se

é que têm nervos e estômagos fortes para tal.

Ele nos levou até uma porta fechada e girou a maçaneta. Estava prestes a abri-

la quando hesitou, virou-se para nós e disse:

— Sei que os dois cavalheiros, levando-se em conta as muitas aventuras perigosas que partilharam, têm nervos mais fortes que a maioria das pessoas. Ainda assim, preciso alertá-los, mesmo a você, Watson, que já viu tantas esquisitices médicas e mazelas lastimáveis, que decerto nem um nem outro jamais pôs os olhos em um ser humano tão terrivelmente desfigurado quanto o homem que está atrás desta porta. Da mesma forma, sr. Holmes, ainda que consideremos a miríade de cadáveres destroçados que já examinou, os incontáveis indivíduos aleijados e feridos de ambos os lados da lei, a pessoa que o senhor está prestes a conhecer é ainda mais horrenda e patética porque está *viva*, presa em seu próprio corpo monstruoso.

Ele, então, abriu a porta e entrou conosco. No centro do quarto, havia uma cama com um biombo hospitalar em volta. Chegamos perto e Treves puxou parte do biombo, revelando um pé tão apavorante que, apesar de meu controle e das palavras de alerta de Treves, me deixou incapaz de suprimir uma breve exclamação de susto.

O pé não se parecia nem um pouco com um pé humano, como Holmes e eu havíamos inferido a partir do exame da pantufa que o cobrira. Era um pedaço plano de carne granulosa. A pele tinha uma textura verrugosa, lembrando uma couve-flor.

— Os senhores podem ver, cavalheiros, a extensão do drama do pobre Merrick. Quando o internamos aqui, a enfermeira encarregada, que não havia sido avisada sobre sua aparência, desmaiou ao vê-lo.

Com isso, Treves afastou devagar o biombo, revelando o pobre infeliz deitado na cama. A pele toda tinha a mesma aparência fibrosa, encaroçada, que

observáramos no pé. No entanto, além disso, os membros em si eram grotescamente retorcidos.

As costas se curvavam como uma corcunda, e do peito, do pescoço e das costas pendiam grandes massas de carne grumosa. A cabeça era o pior de tudo, pois tinha o dobro do tamanho normal e dela se projetavam — no lugar onde deveria estar o rosto — várias massas ósseas com formato de broas e cobertas com a mesma pele repulsiva, como que atacada por fungos. A protuberância junto à boca era enorme e se projetava como um coto cor-de-rosa, que revirava o lábio superior, fazendo da boca uma fissura cavernosa. A deformidade singular criava a aparência de uma tromba rudimentar. Combinada à pele semelhante a uma couve-flor, aquela tromba deveria ser responsável pelo epíteto "homem-elefante".

— Santo Deus… — murmurei sem querer, e, também sem querer, me peguei desviando o olhar. No momento seguinte, contudo, observei Sherlock Holmes e senti vergonha de mim mesmo. Meu amigo, embora obviamente tomado de repugnância ante um espécime humano tão repulsivo, não exibia qualquer expressão de repulsa no rosto, nada além de pena. Sem dúvida, qualquer reação pessoal à aparência de Merrick fora superada pela pena em relação ao pobre infeliz. Mais uma vez, fiquei pasmo com a compaixão e a solidariedade tão pertinentes à natureza dele e que residiam tão próximo à superfície de seu exterior glacial.

Treves nos pediu para trocarmos apertos de mão com Merrick, que, ele nos garantiu, a despeito da aparência estranha, apreciava encontrar pessoas de fora, sobretudo quando estas não demonstravam medo ao vê-lo. Holmes, calmo, avançou e estendeu a mão em cumprimento. Para meu espanto, percebi que uma

parte, ao menos, do corpo de Merrick, estava a salvo do flagelo que o transfigurara. Era o braço esquerdo, que ele, na mesma hora, estendeu na direção de meu amigo.

O braço não era apenas normal, mas bonito. Muito bem torneado e coberto por uma pele de textura delicada e sedosa, o membro despertaria inveja em qualquer mulher. O outro braço, em contraste, se assemelhava ao restante do corpo. Na verdade, não havia como distinguir a palma das costas da mão. O polegar lembrava um nabo atrofiado, enquanto os dedos pareciam cenouras retorcidas.

Holmes segurou o braço normal e apertou com efusão a mão de Merrick. O doente balbuciou algumas palavras ininteligíveis, mas ficou claro pelo tom da resposta e o movimento animado do corpo prostrado, que ficara encantado de conhecer o detetive. Fiz o mesmo que Holmes, descobrindo que, uma vez habituado à aparência tenebrosa do sujeito, estar em sua companhia não era, de forma alguma, insuportável.

— Como sem dúvida os senhores imaginam, as deformidades faciais o impossibilitam de falar. Sua fala é arrastada e parece saída de uma caverna profunda, e não de uma boca. Sendo assim, traduzirei suas respostas para o senhor, sr. Holmes, pois já estou habituado e posso entender o que ele diz.

Durante a hora seguinte, Holmes encheu o homem de perguntas. Merrick respondeu de boa vontade, com um entusiasmo infantil e um desejo de agradar (na verdade, ele era um homem bem jovem, embora isso fosse impossível, é claro, de definir visualmente).

— John, quero que você se lembre de tudo que puder a respeito dos últimos dias — começou Holmes. — Primeiramente, onde esteve na segunda-feira à

noite e por que foi até lá?

O infeliz balbuciou uma resposta ininteligível que Treves logo traduziu.

— Ele foi ao local onde o circo está montado à procura de emprego. Ah, sr. Holmes, isso faria sentido. Veja, até bem recentemente, John era obrigado a ganhar seu "sustento", se é que podemos chamar assim, exibindo-se como bizarrice em feiras e circos locais, não é, John?

O homem assentiu de forma lenta e triste.

— Mas agora, graças à preocupação e à generosidade do público, ele não precisa mais suportar ser alvo de espanto e zombarias. É claro que ele esteve no circo ainda sem saber das doações, e não queria ter ido, mas achava que era isso ou morrer de fome. Ora, meu amigo, não precisa mais se preocupar…

Nesse ponto, Holmes e eu observamos, boquiabertos, o sujeito baixar a cabeça sobre o peito deformado e chorar de alegria e alívio, enquanto as lágrimas cobriam seu rosto monstruoso. Eu mesmo quase chorei, tão patética era a visão da infeliz criatura que tanto sofrimento suportara sem um amigo no mundo. Ainda assim, se meus olhos tivessem marejado, essas lágrimas seriam de alegria e uma renovada fé no coração humano, pois agora estava claro que John Merrick *tinha* amigos, e sua vida como abominação pública chegara ao fim.

— Ele foi até o circo naquela noite — disse Treves — sozinho e em segredo, conforme foi instruído pelo representante do circo.

Holmes e eu trocamos olhares. Pouca dúvida nos restava quanto à identidade do "representante".

— E você se encontrou com esse homem nas cercanias do circo? — indagou Holmes.

— Sim — falou Treves. — Foi ajudado a escalar a cerca e levado até um túnel estreito na tenda. Ali, foi instruído a permanecer, agachado e protegido pelo imenso casacão que o esconde do olhar do público, até receber um sinal.

— E qual era o sinal?

— Quando as abas fossem abertas, Merrick arrancaria o casaco, ficaria de pé e agitaria os braços e as pernas. Em seguida, segundo lhe disseram, as abas se fechariam de novo, e ele voltaria a vestir o casacão e sair correndo no mesmo instante, retornando ao hospital em segredo sem contar a pessoa alguma sobre o seu “teste”.

— Ele foi pago ou lhe ofereceram algum emprego? — indaguei.

— Pagaram-lhe duas libras pelo desempenho, o que, como sabemos, é um salário muito bom. Se os proprietários decidissem contratá-lo, ele seria notificado dentro de uma semana. Do contrário, deveria manter silêncio sobre o ocorrido, aceitando o pagamento e esquecendo o assunto.

Merrick respondeu todas as perguntas de forma objetiva. Sem dúvida ele desconhecia o propósito nefasto a que servira sua “apresentação”.

— Por fim, John, pode descrever esse representante que o procurou?

Quando ouvimos a descrição, que correspondia à de Vladimir Vayenko em todos os detalhes, vimos que a última peça do quebra-cabeça se encaixara. No entanto, a fim de não perturbar Merrick, Holmes e eu partimos sem mais perguntas.

— Ora, de fato conhecemos um *monstro* nesse caso, Watson — observou meu amigo, enquanto chamava um cabriolé —, embora não seja o pobre homem deitado naquele quarto.

— Que covarde! Em lugar de enfrentar o rival diretamente, optou por se vingar matando a mulher amada!

— Sim, mas tenho certeza de que a vingança foi *direta* também. O amor pode se tornar ódio em pouco tempo, como você sabe. Ele jamais perdoou Anna por trocá-lo por Zolnay.

— E usar o pobre Merrick como instrumento… depois de tudo que o infeliz sofreu…

— É horrível sob todos os aspectos, Watson. Da mesma forma, considerando suas recentes ações contra mim, estou convencido de que, como a maioria dos covardes, Vayenko é um agressor.

— Sorte a dele você não ter decidido enfrentá-lo no chão!

— Pensei o mesmo. Como a maioria dos homens musculosos, ele seria lento com socos e golpes. Contudo, estamos nos desviando do assunto. A questão é: o que fazer agora?

— Ora, chamar a polícia, é claro! Está evidente que Vayenko causou a morte de Anna: de alguma forma, ele adaptou as abas para que pudessem ser abertas da plataforma onde estava. Então, justo quando Anna começou seu difícil número, ele as abriu rapidamente, revelando uma visão tão tenebrosa que a fez perder o controle…

— Sim, é claro. *Nós* sabemos o que aconteceu. Mas quem mais acreditaria? Zolnay, de sua posição lá no alto na barra central, nada viu. Anna está morta. Temos o pobre Merrick que mal consegue falar. Dá para imaginá-lo em um tribunal depondo contra Vayenko? Com quem ficaria a simpatia do júri? Ademais, quem acreditaria em uma história tão bizarra? A única prova da ligação direta de Vayenko a um ato *planejado* foi ter fechado a tenda antes do ensaio. Não, Watson, não vai funcionar. Vayenko é um covarde e um facínora, mas um facínora esperto. De alguma forma, talvez devido à própria carreira, ele tomou ciência do paradeiro de Merrick, o *homem-elefante*, e usou esse sujeito desafortunado em um homicídio muito inteligente.

— Não há nada que possamos fazer, então? — indaguei, soltando um palavrão.

— Há — respondeu Holmes, depois de refletir durante vários minutos. — Por isso estamos a caminho do Chipperfield's.

Mais uma vez encontramos o pessoal do circo, em geral alegre e sociável, abatido e envolto em nuvens de temor e pessimismo. Para piorar tudo, o tempo ficara frio e chuvoso e ventava bastante. Esse é o pior tempo para um circo, e a plateia minguara. Assim, ninguém pareceu surpreso — na verdade, a sensação foi de alívio — quando Lamar Chipperfield anunciou que o espetáculo vespertino seria suspenso. Holmes e eu saímos caminhando pelo terreno dos fundos, patinando em poças d'água e vendo os artistas vagarem ociosos. A maioria se fechara em suas diligências, e pelo ruído que emanava de várias, dava para saber que bebidas alcoólicas estavam sendo consumidas livremente.

Passando perto de algumas delas, ouvimos mais conversas sobre o *hoodoo* e como o mau tempo seria uma manifestação da maldição do mico morto.

Encontramos Zolnay em sua diligência, dedicado a uma garrafa de aguardente. Ele nos recebeu calorosamente e conseguiu manter a compostura durante vários minutos até cair em um choro convulsivo. Nós o consolamos como pudemos. Então meu amigo, fixando o olhar no gigante húngaro, disse em um sussurro:

— Sr. Zolnay, o dr. Watson e eu estamos próximos de descobrir por que sua amada Anna morreu. Entretanto, resta um assunto de que precisamos cuidar. Poderia nos ajudar?

Como esperávamos, Zolnay concordou plena e ansiosamente.

— Ótimo — prosseguiu Holmes. — Hoje à noite, o doutor e eu voltaremos a nos encontrar aqui com você. Chegaremos tarde, quando todos já estarão dormindo. Não conte a ninguém sobre essa visita, nem mesmo a Larkin. Entendido?

— Sim, sr. Holmes. Mas não há mais nada que o senhor possa me dizer sobre minha pobre Anna?

— No momento, não, lamento. Esteja aqui à uma hora, pronto para sair. *Adieu*.

Para minha surpresa, voltamos ao London Hospital. Lá, Holmes desceu a toda do cabriolé me dizendo para aguardá-lo. Em menos de dez minutos, com uma saca de roupa suja do hospital pendurada no ombro, ele reapareceu.

— Sujeito formidável esse Treves. Muito prestativo também — disse, antes de dar ao condutor o endereço da Baker Street.

— Para que a sacola, Holmes?

— Calado! Você há de descobrir logo, caro amigo. Acho que encontrei um

jeito inteligente para fazer Vayenko confessar a própria culpa, como verá esta noite. Agora, que tal jantarmos? Dessa vez, é por minha conta.

Pouco depois da meia-noite, Holmes me despertou de meu cochilo pesado em

frente à lareira.

— Devo dizer que, às vezes, invejo sua natureza letárgica, Watson — disse ele, vestindo o paletó. — Você parece capaz de dormir em qualquer lugar a qualquer hora, independentemente do que o aguarda. Bom, trate de se levantar,

pois precisamos ir. Mas primeiro: poderia me emprestar sua moedeira de couro?

Chegamos ao circo pouco antes da hora marcada. Fiquei pasmo ao ver que

Holmes levara com ele a sacola do hospital, bem como uma bengala. Isso

decerto aguçou minha curiosidade. Estávamos prestes a escalar a cerca quando o

som de passos calculados chegou a nossos ouvidos.

— O vigia! — exclamou Holmes em um sussurro rouco. — Acabei me

esquecendo dele!

Contudo, nos escondemos atrás de uma carroça até o homem passar, e depois

escalamos a cerca sem dificuldade. Indo de uma sombra para a outra, alcançamos a diligência de Zolnay. Tomamos cuidado para evitar as jaulas dos animais, pois, se fossem acordados, os leões decerto trairiam nossa presença.

Entramos na diligência de Zolnay, e Holmes o instruiu a acender uma única vela, mantendo as cortinas fechadas. Então, ficou de pé diante do catre do trapezista e esvaziou a sacola em cima dele. Lá estava uma pilha de farrapos, inclusive o boné mais estranho e volumoso que eu já vira.

— Santo Deus, Holmes, que diabos…

— O figurino de John Merrick para suas saídas, Watson. Treves tem razão, é a mais incrível, para não dizer *esdrúxula*, coleção de miudezas, não? Vê quanta esperteza? Nem um pedaço da pessoa pode ser visto. Repare no boné. Está vendo esse visor de tecido que cai como uma cortina pelas laterais? O rasgo nos olhos é a única abertura. Agora, a capa, como pode ver, parece mais uma tenda. As mangas compridas escondem os braços. Essas luvas lembram a "pantufa" que examinamos lá em casa…

Zolnay contemplou, em silêncio e pasmo, Holmes erguer cada artigo esquisito.

— Finalmente — prosseguiu o detetive —, temos essa calça folgada, que agora vou vestir em cima da minha…

Comecei a entender o esquema de Holmes e a fazer ideia da finalidade que ele daria à minha moedeira de couro.

— Os dois precisam me ajudar. Por mais perito em disfarces que eu seja, encarnar o "homem-elefante" será, sem dúvida, meu número mais ambicioso até então. Watson, me alcance aqueles dois rolos de esparadrapo, por favor. Zolnay, por gentileza, amasse esse jornal e encha com ele o chapéu, uma tarefa indigna da sua força, eu sei… Ah, muito bem.

Em seguida, ele tirou do paletó uma latinha de rapé. Percebi que o fundo havia sido removido, de modo que, sem a tampa, o que víamos era um tubo de metal com cerca de dez centímetros de comprimento. Para minha surpresa, Holmes colocou o tubo de encontro à boca e, com minha ajuda, prendeu-o com o

esparadrapo. Quando voltou a falar, foi com uma voz oca, distorcida, bastante semelhante à de Merrick!

— Este megafone em miniatura é um bom truque, não? E a viseira do boné o

esconderá direitinho.

Então, pegando as grotescas pantufas e luvas, enfim arrematou o disfarce com

o enorme boné com viseira, do qual pendia, de todos os lados, a cortina de tecido. E quando ele andou pelo trailer com a bengala, curvado e com aquela vestimenta estranha e balbuciando incoerentemente por trás do visor, a

transformação em Merrick, o "homem-elefante", ficou completa. Zolnay

continuou boquiaberto até que Holmes, incapaz de mantê-lo mais tempo na ignorância, explicou nossa missão: Holmes, encarnando Merrick, iria até a

diligência de Vayenko — no meio da noite, como Merrick seria obrigado a fazer

— e pediria mais dinheiro por ter feito sua "apresentação". Esperava-se que a reação de Vayenko o incriminasse. Como previsto, o húngaro estremeceu de

fúria e quase saiu correndo ensandecido em busca do russo. Holmes e eu o refreamos com dificuldade.

— Calma, calma, meu amigo! Tive muito trabalho para organizar esta visita noturna. Se for bem-sucedida, Vayenko será enforcado. Busque vingança agora,

e *você* pode acabar recebendo a pena capital, e o assassino de Anna sair impune.

O homem entendeu nosso raciocínio e se refreou, mas pude perceber que a respiração dele era pesada e acelerada e ouvi quando ele jurou qualquer coisa entredentes quando saímos da diligência.

Vagamos no escuro com Holmes como guia. Fiquei surpreso quando o vi se

dirigir à cerca, e não à diligência de Vayenko. Porém, suas intenções ficaram claras quando uma figura que esperava próximo à cerca se aproximou. Em um instante, Lestrade estava conosco.

Tomamos o rumo da diligência de Vayenko. Lá, Holmes nos fez entrar de gatinhas sob ela e nos sentarmos atrás do eixo traseiro. Dali podíamos ver nitidamente Holmes de pé diante da escada. Senti minha excitação crescer e notei que a agitação de Zolnay aumentara mais ainda: ele abria e fechava os punhos enormes e rangia os dentes de raiva. Não precisamos esperar muito. O "homem-elefante" subiu claudicante a escada e bateu com a bengala na porta. Seguiu-se um longo silêncio, e Holmes bateu de novo. Então ouvimos movimentos pesados acima de nós e a porta foi aberta com um palavrão.

— Quem está aí? — gritou uma voz, ainda pesada sob o efeito do álcool. — O que quer?

Holmes desceu a escada de costas e ergueu minha moedeira. Pudemos ouvir os grunhidos ocos e ininteligíveis que saíam de sua máscara.

— Ah, é *você*? — indagou Vayenko em um tom ameaçador. — Voltou por quê? Eu lhe disse para não voltar!

Holmes, contudo, não se abalou, segurando a moedeira e grunhindo.

— Seu monstro! Você é muito ousado, besta horrível! O que está tentando me dizer, hein? O quê?

Holmes estava ocupado gesticulando com os braços, balbuciando. Dava para ver que ele tentava mostrar uma queda de um lugar alto.

— Ah, então sabe o *que* aconteceu? — disse Vayenko em um tom baixo. — Então você a viu cair. Descobriu meu esquema, não foi? E agora quer mais dinheiro para ficar calado…

Houve um período de silêncio. Holmes permaneceu parado, como a indicar que era isso mesmo que queria. Quando Vayenko voltou a falar, a voz veio carregada

de deslealdade.

— Olhe aqui, homem. As pessoas vão nos ouvir conversando. Por que não entra? Podemos tomar uma bebida e discutir o pagamento…

Holmes recuou, ainda segurando a moedeira na direção de Vayenko, que começou a descer a escada a seu encontro.

— Não precisa ter medo, Merrick. Vou lhe dar cinco libras para não contar a ninguém sobre a morte de Anna…

Nesse instante, o russo se atirou sobre Holmes, que teria erguido a bengala para se defender não fosse pelo tecido que lhe cobria o rosto e, assim, lhe comprometia a visão. A noite estava escura e o pequeno rasgo nos olhos o deixava quase cego. Da mesma forma, as roupas folgadas atrapalhavam suas pernas em geral ágeis, e Holmes caiu sob o impacto do pesado homem.

Vayenko sem dúvida ficou surpreso ao ver que o homem que supunha atrofiado e desajeitado era, na verdade, um boxeador experiente com uma tremenda força. Depois de se recuperar de sua desvantagem momentânea, Holmes desferiu no adversário dois golpes rápidos no rosto. Os golpes desestabilizaram o acrobata, que agarrou a bengala que meu amigo deixara cair.

Embora nós três já tivéssemos saído do esconderijo e estivéssemos correndo em direção aos dois lutadores, chegamos tarde demais para impedir Vayenko de golpear Holmes na lateral da cabeça e atirá-lo ao chão. O homem se virou a tempo de nos ver e ficou pálido de terror quando Zolnay caiu em cima dele.

Ajoelhei-me ao lado de Holmes, que não fora ferido com seriedade, embora exibisse um feio vergão na maçã do rosto. Ouvimos o ruído de passos apressados e gritamos enquanto Holmes tirava o estranho disfarce e se juntava a mim na

perseguição. Antes que déssemos dez passos, porém, ouviu-se um grito que congelou o sangue em minhas veias. O grito era cheio de terror e agonia e terminou em um som sufocado e rouco.

Devido à escuridão, vários minutos se passaram até encontrarmos o corpo. A essa altura várias pessoas já se encontravam no local em que jazia uma figura retorcida inclinada para trás sobre o engate de uma diligência. Os olhos de Vayenko estavam abertos e mostravam a fantasmagórica alvura da morte. A cabeça encontrava-se jogada para trás em um ângulo grotesco, a parte de trás do pescoço sobre o barrote de madeira. Uma rápida inspeção revelou o que supus desde o início: o pescoço se quebrara. Pedimos o lampião, e à luz dele, Holmes apontou quatro hematomas na testa do morto. Cada um tinha o tamanho de uma moeda. Holmes tentou pôr os dedos sobre eles, mas estavam por demais afastados. Mentalmente, me recordei das luvas grandes que eu experimentara e tive certeza de como Vladimir Vayenko encontrara a morte. Holmes me lançou um olhar que disse tudo.

— Sabe, Watson — sussurrou baixinho —, usando esse engate da diligência como apoio e espalmando a mão na testa de Vayenko, ele empurrou a cabeça do russo para trás…

— Sim, eu sei — falei. Sem dúvida, apenas um homem com força sobre-humana poderia ter quebrado o volumoso pescoço de Vayenko. Mesmo assim, não senti remorso pelo canalha que jazia a nossos pés. Ademais, minha preocupação era com o gigante húngaro, que naquele instante devia estar fugindo pelos campos de Wimbledon.

Percebi um movimento a meu lado e vi Lestrade chegando e contemplando o cadáver.

— Como foi que este sujeito morreu? — perguntou. — Ele caiu no escuro e quebrou o pescoço?

Holmes e eu nos entreolhamos.

— Isso certamente parece possível — admitiu Holmes, sem se comprometer.

— E o outro, onde está?

— Não faço ideia — respondi. — Veja, Lestrade, não devíamos chamar uma ambulância? Farei isso agora mesmo, enquanto você e Holmes cuidam das coisas aqui.

Quando a ambulância chegou, Lestrade, ainda supondo que a morte de Vayenko tivesse sido um acidente, perdera todo o interesse em Zolnay. Holmes e eu imaginamos que ele estivesse escondido em uma das muitas diligências pertencentes a seus amigos ou então que tivesse fugido de Londres e dos acontecimentos terríveis de que fizera parte, a bordo de um trem expresso.

— Onde quer que ele esteja — murmurou Holmes enquanto voltávamos para o apartamento com o raiar da aurora —, eu lhe desejo sucesso.

Epílogo

No final, porém, o *hoodoo* reivindicou sua derradeira vítima.

Pouco mais de dois meses após nossa aventura com Zolnay, o trapezista, Holmes interrompeu nosso café da manhã com o anúncio de que Merrick

morrera. A matéria no *Telegraph* era curta e obviamente desprovida da dor e da compaixão que marcara a trágica vida do jovem John Merrick:

“HOMEM-ELEFANTE” MORRE DORMINDO

Londres, 24 de agosto

John Merrick, a monstruosidade humana também conhecida como o “homem-

elefante”, morreu dormindo na noite de ontem em seu quarto particular no London Hospital. Segundo o dr. Frederick Treves, o médico que o atendia, o passamento ocorreu por volta das três da madrugada, causado por um

deslocamento do pescoço. O dr. Treves explicou que Merrick estava habituado a

dormir sentado, mas, talvez para realizar o sonho de uma vida inteira de “ser igual aos outros”, tentou dormir deitado na noite em questão, o que fez com que

sua cabeça enorme — com mais de três vezes o tamanho e o peso normais —

caísse para trás no travesseiro macio, o que acabou deslocando as vértebras e rompendo vários nervos importantes. Todas as provas parecem apontar para uma

morte tranquila, embora prematura, já que a coberta não mostrava sinais de inquietação. Segundo um acordo voluntário feito com o hospital, o corpo será doado para a Faculdade de Medicina da Universidade de Londres. Merrick tinha

27 anos de idade.

— Pobre coitado — comentei. — Ao menos a morte foi rápida e indolor.

— Suponho que isso aumente a ironia. O infeliz parece ter tido sorte apenas

na morte. Quanto mais penso nisso, Watson, mais me convenço de que o

verdadeiro herói dessa aventura foi Merrick. Ele suportou a dor e o sofrimento estoicamente, com força e coragem tremendas. Pense nisso! Pense na infância dele, Watson! Abandonado como um monstro pela mãe, vendido a uma feira

local aos quatro anos. Tratado como um monstro vivo pela raça humana, gozado

e desprezado pelas crianças de sua idade, trancado dias a fio nos piores armários e compartimentos gelados! E depois desse inferno em vida, ele surge não apenas incólume, mas *grato* pelos últimos meses na Praça do Estrado! Será que há na história humana relato de tamanha coragem?

Olhei pela janela e soltei um suspiro:

— Graças a Deus há pessoas como Treves e o público britânico — falei, enfim.

— Amém, Watson. E agora, para aliviar o clima, tenho uma surpresa para você que sei lhe agradará. Recebi este pacote ontem. Repare no selo postal…

— Salzberg.

— Abra, Watson — disse Holmes, esfregando as mãos satisfeito.

Rasguei o papel pardo e descobri no interior uma caixa de papelão contendo dois estojos de couro, cada qual do tamanho de uma broa de pão.

— Um é para você, o outro para mim — disse ele. — Você prefere o de cabo totalmente curvo ou o *bulldog*?

Sua pergunta chegou a meus ouvidos enquanto eu abria um dos estojos de couro, revelando o mais belo cachimbo de espuma do mar que eu já vira na vida. Seu fornilho cintilava com um lustre cor de creme, e a piteira âmbar tinha um radiante tom dourado.

— Holmes, um cachimbo desses vale uma fortuna! Quem nos daria presentes assim?

— Não faço ideia, Watson — respondeu ele com um brilho maroto no olhar

—, mas a pessoa pôs seu cartão de visitas aí dentro. Olhe…

Ele atirou uma luva cinzenta de camurça em minha direção.

— Agora vamos ver se conseguimos identificá-lo: ele é rico, mas não um

cavalheiro, e parece ganhar a vida realizando feitos físicos do tipo mais prodigioso…

Notas do autor sobre o conto “A aventura de Zolnay,

o trapezista”

John Merrick, “o homem-elefante”, de fato existiu. Sua doença e suas

consequentes deformidades eram como descritas neste conto. Além disso, a

história de sua vida foi, em sua maior parte, conforme relatada aqui. Frederick Treves era o grande médico londrino da época — com exceção, é claro, de John

H. Watson. Foi Treves quem se tornou amigo de Merrick e, com a ajuda de Carr

Gomm (o diretor do London Hospital), conseguiu aposentos particulares no

hospital e subsídios para sustentar Merrick pelo resto de seus dias, que foram bem menos numerosos. Afora essa demonstração de filantropia, Treves talvez seja mais conhecido por remover o apêndice inflamado de Eduardo VII na

véspera de sua coroação.

Para um relato detalhado da vida de Merrick, vale a pena ler o livro de Treves,

The Elephant Man and Other Reminiscences, ou a excelente resenha do livro (e um resumo da desafortunada vida de Merrick), de autoria de Ashley Montagu, publicada no exemplar de março de 1971 da revista *Natural History.*

Escrevi este conto pensando em meu amigo Tom Zolnay. Ele conhece

“Vayenko” bem até demais, tendo escapado da Hungria em 1956.

rlb



Terá Sherlock Holmes conhecido Hercule…?

JULIAN SYMONS

Além de escrever quase trinta romances policiais e meia dúzia de coletâneas de contos, Julian Gustave Symons (1912-1994) foi um importante estudioso da ficção policial, assim como um dos mais destacados autores do gênero. Além das biografias de Edgar Allan Poe, Arthur Conan Doyle e de um estudo crítico de Dashiell Hammett, ele escreveu uma excelente história do gênero, *Bloody Murder* (1972; intitulada *Mortal Consequences* nos Estados Unidos), em que também definiu a literatura policial, insistindo que devia se afastar da pura solução de enigmas para se concentrar mais nos elementos psicológicos do crime. Essa obra ganhou o prêmio Edgar. Symons foi honrado com prêmios da Mystery Writers of America, da Crime's Writers' Association (britânica) e da Swedish Crime Writers' Academy pelo conjunto da obra.

Symons, um grande admirador de Sherlock Holmes, tinha ainda maior estima por Arthur Conan Doyle e repreendia os sherlockianos pela brincadeira de tratá-lo como mero agente literário do dr. Watson. Além da presente história, ele escreveu dois contos-pastiche, "How a Hermit was Disturbed in His Retirement", publicado em *The Great Detectives* (1981), e "The Affair of the Vanishing Diamonds" (1987). Também escreveu dois romances sherlockianos ambientados nos dias de hoje: *A Three Pipe Problem* (1975), em que um ator de televisão, Sheridan Hayes, usa a máscara de Sherlock Holmes e assume sua personalidade. E, mais de uma década depois, o menos bem-sucedido *The Kentish Manor Murders* (1988), protagonizado pelo mesmo personagem.

"Terá Sherlock Holmes conhecido Hercule…?", originalmente publicado no número de abril de 1987 de *The Illustrated London News*, foi incluído na coletânea *The Man Who Hated Television and Other Stories* (Londres, Macmillan, 1995).

TERÁ SHERLOCK HOLMES

CONHECIDO HERCULE...?

Julian Symons

Terá Sherlock Holmes algum dia conhecido Hercule Poirot? Essa não é uma suposição tão improvável quanto poderia parecer. O último caso de Sherlock Holmes de que se tem registro ocorre em 1914, nas vésperas da Primeira Guerra Mundial, após o qual ele se aposentou para criar abelhas em Sussex Downs. Nessa época, Poirot, segundo as melhores informações que temos, tinha cinquenta anos e ainda estava ativo, o relato de sua aposentadoria em 1904 (em *O misterioso caso de Styles*) sendo sem dúvida um erro de impressão.

É esta possibilidade que confere peculiar interesse à história que se segue, particularmente na medida em que não provém da maltratada caixa de

documentos de folha de flandres do dr. Watson, que continha detalhes de vários

casos importantes e que ele guardou “em algum lugar nas casas-fortes do banco

de Cox & Co., em Charing Cross”, onde presumivelmente permanece. Em vez disso, foi encontrada entre os papéis do amigo de Poirot, capitão Arthur Hastings,

que registrou vários casos do grande detetive belga. Por que um caso narrado pelo dr. Watson, envolvendo Sherlock Holmes, estaria entre os papéis de

Hastings? Talvez a própria narrativa responda à pergunta. Infelizmente, ela não está completa, mas não pode haver mais do que algumas linhas faltando no fim.

É claro que não há qualquer garantia absoluta de sua autenticidade ou de sua relevância para os dois grandes detetives.

Sherlock Holmes balançava a cabeça quando eu mencionava o nome de

Mulready e dizia que o mundo ainda não estava preparado para ouvir falar de um

caso que envolvia um importante ministro da Coroa, documentos secretos e a ameaça de guerra. Mesmo assim, não pode haver mal algum em registrar por escrito a extraordinária série de acontecimentos envolvendo os moradores de Mulready House enquanto eles permanecem frescos na minha mente.

Era uma manhã de outono uns dois anos antes da aposentadoria de Holmes, e eu tinha passado a noite com meu velho amigo em Baker Street. O desjejum terminara, ele acabara de ler os jornais e estava vagando pela sala, falando discursivamente como era seu costume, quando parou à janela.

— Ei, Watson. Nossa humilde morada está prestes a ser extraordinariamente

honrada.

— Holmes, se você vai me oferecer alguma daquelas deduções inverossímeis

sobre…

Holmes riu.

— Não, não, meu caro amigo. É verdade que quando vejo um homem num automóvel Rolls-Royce do último modelo e esse veículo tem um brasão no painel da porta, sei que uma pessoa de alguma distinção provavelmente descerá dele. Mas de fato reconheci o homem. É lorde Rivington.

No momento seguinte, nosso secretário da Guerra estava na sala. Seus traços me eram familiares através de muitas fotografias e cartuns, mas nenhum fizera plena justiça à força presente em suas rugas, à intensidade dos olhos fundos atrás das bastas sobrancelhas. Ele nos olhava, de um para o outro.

— Sr. Holmes, vim pedir sua ajuda num assunto de grande importância e de natureza absolutamente confidencial.

Levantei-me, mas Holmes me deteve.

— Pode falar na presença do dr. Watson tão livremente quanto o faria se eu estivesse sozinho.

— Ainda assim…

Sherlock Holmes estava enchendo seu cachimbo. Não disse nada. Lorde Rivington fitou-o intensamente, depois deu de ombros.

— Muito bem, não há tempo para discussão. O senhor tem conhecimento de que estão ocorrendo negociações entre este país e a França envolvendo um plano para ação conjunta caso as ameaças do Kaiser se transformem num conflito?

— Sei o que é dito nos jornais, nada mais.

— As negociações chegaram a um estágio extremamente delicado. Pode imaginar meus sentimentos quando descobri, através de nosso Serviço de Inteligência, que tudo que discutimos era conhecido em Berlim, até o último detalhe. E me foi incontestavelmente demonstrado que a informação deve ter chegado à Alemanha através do gabinete do homem encarregado das negociações, sir Charles Mulready. Ele é um de meus mais velhos amigos, frequentamos a escola e a universidade juntos. Eu poderia jurar que é um homem honrado. No entanto, esses papéis não passaram pelas mãos de mais ninguém senão as suas. O senhor pode perguntar como posso ter tanta certeza, sr. Holmes. A resposta é simples. Ouvi isso ontem dos lábios do próprio sir Charles.

— Ninguém no gabinete dele teve acesso a eles?

— Ninguém. Eles estavam guardados num cofre e permaneceram trancados quando ele os levou para casa. E não houve nenhuma traição do lado francês. — Lorde Rivington tossiu. — Os aliados devem ter seus próprios segredos. Certos assuntos mencionados nos memorandos que acompanham os documentos não foram discutidos com os franceses e, no entanto, também são do conhecimento de Berlim. Eles não foram roubados. Portanto devem ter sido copiados ou fotografados.

Holmes estivera ouvindo com a mais aguçada atenção.

— Acaso sir Charles tem alguma relação de parentesco com a Alemanha?

— Acertou na mosca, sr. Holmes. Ele se casou com uma senhora alemã que havia sido deixada viúva com um filho pequeno quando seu marido, conde von

Brankel, foi morto num acidente de caça. O menino, Hans, foi criado como se fosse filho do próprio Charles. Ele é inteligente, mas receio que não seja viril.

Foi expulso da escola privada, tenho certeza de que não preciso entrar em detalhes. Depois estudou medicina durante um ano, mas desistiu e expressou o

desejo de se tornar ator de teatro, algo que evidentemente não podia ser consentido. Assim, não tem profissão, mora com a mãe e vive à custa da família.

Eles têm uma filha dos dois, Lilian, que alimenta a ideia absurda de que as mulheres deveriam ter o direito de votar e de que as armas de assassinato, como

ela chama, deveriam ser abolidas. Meus amigos não tiveram sorte com os filhos.

— Mais uma pergunta. Estou certo ao pensar que nossos aliados franceses

teriam interesse nos memorandos que não viram?

Por um instante o secretário da Guerra pareceu surpreso.

— Possivelmente, mas as relações entre nossos países são inteiramente

amistosas. Monsieur Calamy, que conduz as negociações, está em Londres,

hospedado na Mulready House.

Holmes assentiu com a cabeça.

— E agora chego ao clímax trágico. Foi preparado o rascunho de algo

conhecido como Plano X, expondo em detalhes nossos compromissos militares e navais com a França na eventualidade de uma guerra. Junto com ele estava um memorando sobre a defesa da Grã-Bretanha que m. Calamy não deveria ver. Sir Charles estava de posse desses dois documentos. Ontem, quando as suspeitas se tornaram certezas, pedi-lhe que fosse falar comigo. Ele passara uns dias afastado dos corredores de Whitehall com um ataque de gota, mas foi ao meu encontro

mancando, e contei-lhe o que ficara sabendo. Ele se comportou como eu esperava, incrédulo a princípio e depois horrorizado. Protestou sua inocência, e acreditei nele.

A grande cabeça baixou por um momento, depois ele nos olhou de um para o outro, em desespero.

— No entanto, ontem à noite ele fez uma confissão de culpa, não com palavras, mas com ações. Tomou uma dose excessiva de um dos medicamentos que usava para aliviar as dores da gota. E, para piorar, tanto o Plano X quanto o memorando estavam com ele, que os levara para casa para estudá-los. Ambos desapareceram.

Alguns minutos depois estávamos sentados no Rolls-Royce, a caminho da casa de Mulready em Mayfair.

As persianas estavam fechadas sobre as longas janelas e dentro da casa sentimos a atmosfera sombria de uma morte repentina. Lorde Rivington nos conduziu até a suíte de sir Charles, separada da de sua mulher por um quarto de vestir.

— Lady Mulready o encontrou sentindo dores em algum momento durante a noite e imediatamente chamou seu médico, dr. Cardew. Ele disse que sir Charles deve ter sofrido um ataque agudo de gota e tomado uma dose excessiva de seu medicamento, mas temo que tenha sido algo deliberado.

— Conheço o dr. Cardew — eu disse. — Um médico muito confiável. —

Aproximei-me da cama onde o corpo jazia, decentemente coberto com um lençol, e olhei para as feições distorcidas. Havia um copo vazio na mesa de cabeceira, com um frasco ao lado, talvez um terço cheio, rotulado *Colantium*. — Este é um medicamento usado com frequência para tratar gota. Contém *Colchicum*, que alivia a dor. Não vejo nenhuma circunstância incomum aqui.

— Não vê, Watson?

Holmes estivera andando a esmo entre o quarto e o quarto de vestir, examinando quadros, enfeites, um porta-cachimbos, usando sua lente de aumento para observar atentamente uma escrivaninha no quarto de vestir. Em seguida também levantou o lençol, depois olhou cuidadosamente para o copo e o frasco, inclinando este último e segurando-o contra a luz.

— *Colchicum* é um veneno, como muitas das plantas e flores que aliviam a dor. Jasmim-amarelo, cicuta-manchada, dedaleira, fava-de-calabar e ervilha-dorosário podem ser são mortais quanto a papoula ou as sementes de laburno.

Estou preparando um pequeno folheto chamado *O jardim venenoso*, que será útil para todo médico. E *Colchicum* pode atenuar a dor em pequena quantidade, mas, em doses maiores, pode matar. Observou a quantidade de precipitação neste frasco, Watson? Isso não deveria estar aqui. E há marcas de sedimentação no copo. Alguém acrescentou mais *Colchicum* ao frasco e transformou esse remédio para gota em veneno.

Olhei de novo para o frasco.

— Holmes, você está certo. Mas como…

— Isso é o que devemos descobrir. E *Colchicum* é amargo, o primeiro gole deveria ter alertado sir Charles. — Ele se voltou para lorde Rivington. — Deduzo que o Plano X e o memorando estavam guardados na escrivaninha do quarto de vestir. A fechadura foi habilmente forçada, mas posso ver arranhões

sob a lente de aumento. Talvez possamos conversar com lady Mulready agora.

A viúva era uma senhora grisalha alta e imponente. Lorde Rivington a chamava de Ilse e ela o tratava por Gerald. Ela cumprimentou Holmes calorosamente.

— Sr. Holmes, sei o que lorde Rivington acredita, mas posso lhe assegurar que ele está errado. Sou alemã, tenho orgulho de minha ancestralidade e conheço o igual orgulho de meu marido por ser britânico. Houve algum erro terrível.

— Acredito que encontraremos uma explicação inteiramente honrosa para o nome dele. Se a senhora puder me contar o que aconteceu ontem depois que ele voltou de Whitehall, eu ficaria agradecido.

— Meu marido praticamente não falava de questões políticas comigo. Quando ele voltou para casa, pude ver que estava aborrecido, mas ele não disse nada sobre a causa e eu sabia que era inútil perguntar. Ele permaneceu em seus aposentos privados até a hora do jantar. Éramos cinco à mesa, nossos filhos, Hans e Lilian, e m. Calamy completando o grupo. Não foi uma refeição alegre. A gota de meu marido o incomodava e ele mal falou, exceto quando Lilian o provocou falando de uma reunião de *sufragettes* a que tinha comparecido. Hans parecia preocupado e m. Calamy estava interessado na própria comida, como sempre. — Um sorriso fugaz cruzou seu rosto. — Vivemos com simplicidade aqui. Meu marido não se importava com o que comia e os anos me reconciliaram com a culinária inglesa, mas m. Calamy não consegue suportá-la. Ele trouxe seu cozinheiro e seu camareiro, mas, embora suas refeições sejam preparadas especialmente, ele ainda resmunga. Foi o que fez ontem à noite. Depois do jantar, meu marido me chamou de lado e disse: “Tenho decisões dolorosas a tomar, Ilse, e temo que os resultados a façam sofrer.” Essas foram as últimas palavras que me dirigiu.

— Quando a tragédia foi descoberta?

— Às três horas da manhã. Ouvi gritos vindo do quarto do meu marido. Entrei e o encontrei com dores terríveis. O dr. Cardew foi chamado imediatamente, mas, quando chegou, Charles já estava em coma e não havia nada que ele pudesse fazer. O fim chegou logo depois das sete.

— Seu filho e sua filha estavam presentes?

— Lilian, sim. Hans… — Ela hesitou. — Provou-se quase impossível acordá-lo e, quando a criada finalmente conseguiu, ele estava cambaleando como se estivesse sob a influência de bebidas. Indo de seu quarto para o de seu pai, escorregou, caiu da escada e, como se verificou, quebrou o tornozelo. Teve de ser carregado de volta para a cama. O dr. Cardew diz que ele deve permanecer em seu quarto.

— Uma última pergunta e terei terminado. A senhora disse que seu marido não se importava com o que comia. Havia alguma razão especial para isso?

— Sim. Uma operação nasal alguns anos atrás quase o deixou sem paladar nem olfato, de modo que ele mal podia distinguir frango de carne ou clarete de conhaque. Certamente isso não pode ter importância.

— É uma peça no quebra-cabeça, nada mais.

Na porta da sala de visitas, uma jovem foi ao nosso encontro. Era fácil ver que se tratava da filha de Ilse Mulready, embora houvesse uma luz em seus olhos e uma elasticidade em seus passos que a mãe não possuía. Ela estendeu um envelope.

— Qual dos cavalheiros é o sr. Sherlock Holmes? Aqui está uma carta para o senhor.

Holmes olhou o envelope, abriu-o, leu a carta e a passou para mim. Havia algumas palavras escritas em letras maiúsculas numa única folha de papel:

SENHOR HOLMES VÁ EMBORA

SUA PRESENSA AQUI É DESNECESSÁRIA

— Escrito com uma pena Waverley num papel Ranelagh-weave padrão — disse Holmes. — Isto foi entregue em mãos, srta. Mulready?

— Não, um dos lacaios o encontrou na mesa do saguão. O que diz? — Holmes mostrou-lhe o papel, e ela corou. — Acho que ele tem razão. Claro que lamento a morte de meu pai, mas deveríamos permitir que descanse em paz. Sei que morreu porque era um homem da guerra, como o senhor, lorde Rivington. Ele odiava o pobre Hans porque ele não tinha qualquer interesse em lutar e matar pessoas. Eu os ouvi discutindo ontem à noite no quarto de meu pai.

— E qual era o motivo?

— Não sei. E se soubesse, não lhe diria — disse ela, antes de nos dar as costas e correr para o andar superior.

Lorde Rivington tossiu, murmurou algo baixinho e não disse mais nada.

— Com certeza este bilhete é importante, Holmes — falei. — Obviamente foi escrito por alguém que mal sabe ler.

— Ou alguém que quer que pensemos isso. Ou…

Ele foi interrompido pelo surgimento de um cavalheiro vestido com uma elegância um tanto óbvia demais, o cabelo lustroso, a barba maravilhosamente bem aparada. Minha impressão de que há algo pouco viril nos franceses é reforçada por seu uso de pomadas e perfumes. Esse, é claro, era m. Calamy, que agora expressava suas desculpas a lorde Rivington, sorrindo enquanto o fazia.

— Talvez depois desta tragédia nossas negociações devam ser suspensas, adiadas, como dizem os senhores.

— De maneira alguma — disse lorde Rivington rispidamente. — Elas são mais urgentes que nunca e vou me encarregar delas em pessoa.

— Isso me agrada. Devemos, é claro, conduzi-las de ambos os lados com completa franqueza. — O sorriso do francês talvez tenha se alargado um pouco.

— Hoje mesmo, mais tarde, me mudarei desta casa triste para a nossa embaixada.

— Com sua equipe? — perguntou lorde Rivington com ironia.

— Meu camareiro e meu chef. O que eu faria sem eles?

Ele se curvou ligeiramente e se afastou. O secretário da Guerra murmurou algumas palavras, entre as quais pensei ter ouvido algo como “almofadinha convencido”.

Holmes observou-o com uma expressão intrigada, depois mergulhou em profunda reflexão. Lorde Rivington disse com impaciência:

— Sr. Holmes, não é hora para ruminação.

— Perdão. Concordo que o Plano X deve ser devolvido ao senhor de uma vez por todas.

— Sabe onde ele está? — perguntou o secretário da Guerra com perplexidade.

— Era um problema elementar.

Holmes pediu a uma criada para nos levar ao quarto do sr. Hans. Enquanto subíamos a grande escadaria e percorríamos um longo corredor, Holmes

murmurou para mim:

— No entanto, Watson, há algo que não entendo.

Encontramos o filho da casa num sofá, um pé todo enfaixado. Era um rapaz de boa aparência, com feições delicadas, quase bonitas, mas naquele momento elas estavam retesadas pela inquietação. Um jarro de flores se encontrava no peitoril de uma janela ao lado dele e Holmes o pegou.

— Açafrão-de-outono — disse ele, pensativo. — Uma flor encantadora, mas perigosa.

O rapaz ficou sobressaltado, depois disse:

— Por Deus, sr. Holmes, nunca tive a intenção de…

— Estou disposto a acreditar em você, mas não sou seu juiz. Deixe-me lhe dizer o que penso que aconteceu e você pode dizer o quanto se aproxima da verdade. — Ele se virou para nós. — Hans aqui é uma dessas pessoas infelizes com um forte traço feminino que as leva a associações suspeitas, até criminosas. Esses desvios atingiram nossa própria família real… vocês devem se lembrar da necessidade de abafar o escândalo das visitas de nobres ao bordel masculino em Cleveland Street. O departamento de Inteligência alemão deve ter tomado conhecimento das inclinações de Hans e começou a chantageá-lo. Ele retirou documentos da escrivaninha do pai, copiou-os e depois os devolveu. Quando o senhor, lorde Rivington, disse a sir Charles o que havia acontecido, ele sabia quem devia ser o culpado.

O rapaz torceu as mãos.

— Eles ameaçaram me desmascarar. Eu teria ido para a prisão. O que mais podia fazer?

— Devia ter contado ao seu padrasto — disse Holmes severamente. — Chego aos acontecimentos da noite passada. Sir Charles o chamou ao quarto dele. Não sei o que disse, talvez que você deveria deixar o país, mas isso o desesperou. Você tinha suficiente conhecimento médico para saber que havia *Colchicum* no remédio do seu pai e que ele pode ser facilmente destilado do açafrão-de-outono. Talvez o tenha preparado nesse momento, talvez já tivesse um pouco para uma emergência desse tipo. Você o acrescentou ao medicamento.

— Era para assegurar que ele dormisse profundamente. Juro que nunca quis que ele morresse.

— Não suponho que quisesse. Um pequeno conhecimento médico pode ser não apenas perigoso, mas fatal. Sob os demais aspectos, seu plano funcionou muito bem. Você pegou os documentos, suponho que pretendendo copiá-los e devolvê-los. Por que não o fez?

— Porque eu fui drogado. Tudo que o senhor diz é verdade, sr. Holmes, mas é capaz de explicar o que aconteceu comigo? Quando sabia que meu padrasto estaria dormindo, fui a seu quarto de vestir e peguei o plano e o memorando. Foi fácil abrir a gaveta da escrivaninha. Já tinha feito isso antes. Trouxe-os para cá para copiá-los e devolvê-los. Depois iria enviar a cópia pelo correio imediatamente. Mas estava muito sonolento, meus dedos se recusavam a se mover sobre o papel. Pus os documentos de lado e adormeci. Quando me acordaram, eu me sentia tão tonto que mal consegui me levantar. Foi por causa da tonteira que caí e quebrei o tornozelo. — Ele fez um gesto em direção às ataduras. — Depois o dr. Cardew me deu um narcótico e dormi até as dez horas

da manhã de hoje. Agora tenho ordens de não me mexer.

— Os documentos ainda estão aqui!? — exclamou lorde Rivington. — Se você quer uma chance de salvar sua maldita pele, diga-me onde eles estão.

— Naquela estante — disse o jovem, taciturno. — Atrás da fileira superior de livros, à direita.

Lorde Rivington foi até a estante, retirou alguns livros da fileira de cima, enfiou a mão no espaço, retirou mais livros e se virou com uma expressão furiosa:

— Não há nada aqui! Você está tentando nos pregar uma peça?

— Nada? — Nunca vi uma expressão mais horrível de medo e apreensão no rosto de um homem. — Impossível.

Ele se encolheu quando lorde Rivington se aproximou dele de forma ameaçadora.

— Esperem — disse Sherlock Holmes num tom imperativo. — Alguma coisa está errada aqui, há algo que não compreendi. — Ele andava de um lado para outro no quarto enquanto o observávamos. — Você escreveu um cartão dizendo que minha presença aqui era desnecessária? Achei que não, no entanto ele veio de dentro da casa. Ontem à noite todos vocês comeram a mesma comida no jantar?

— Exceto m. Calamy. A comida dele é especialmente preparada por seu chef.

— E depois?

— Meu padrasto nos deixou. Foi servido café, mas tenho má digestão. Sempre

tomo uma xícara de chocolate.

— Uma xícara de chocolate, sim. E m. Calamy estava muito satisfeito. Fui estúpido, Watson.

— Holmes, não sei do que você está falando.

Era possível ver pela expressão de lorde Rivington que ele estava igualmente perplexo.

— O cartão, Watson, o cartão. Eram erros de ortografia de um francês. Mas, rápido, não há um momento a perder, ele está indo embora.

— M. Calamy?

— O homem que pôs a droga na xícara de chocolate… o tal chef.

Nós o encontramos num quarto de dormir de criados, sob os beirais, arrumando sua mala para partir. Não pareceu surpreso ao nos ver.

— Ah, monsieur Holmes. Aqui está o que procura. — Havia um grande envelope sobre a cama. — O excelente Plano X e o outro documento.

— Que você copiou.

— Precisamente, *mon cher*. Agora a Grã-Bretanha e a França não têm mais segredos uma com a outra, podemos ser completamente francos nas discussões.

— Foi você que me mandou o cartão-postal.

— Minha ortografia não é das melhores, mas foi.

— Você pôs a droga no chocolate e depois pegou os documentos.

— Em nome de *la belle France*. Sou chamado de chef do bom m. Calamy, mas ele tem indigestão com minha comida. — Deu uma risadinha. — Faço

minha investigação e logo compreendo que o jovem Hans é… como seu Oscar Wilde, podemos dizer?… E é responsável pelo que aconteceu. E vejo que as coisas estão, como vocês dizem, chegando a um ponto crítico, assim providencio

para que o jovem Hans durma um soninho inofensivo enquanto me aposso do Plano X e do memorando. Nenhum mal é feito, exceto pelo nosso amigo sir Charles. Uma grande tragédia.

Ele era um homenzinho de aspecto estranho, muito baixo, a cabeça com o

formato perfeito de um ovo. Seu cabelo era muito preto e repartido no meio, o

bigode longo e pontudo. Usava sapatos de verniz. Parecia um perfeito francês de

comédia musical.

— Você é um agente do governo francês? — perguntou Holmes um tanto

severamente.

— No momento, sim, mas sou, como o senhor, um detetive particular. É

verdadeiramente uma honra conhecer o maior detetive da Grã-Bretanha.

Holmes raramente sorria, mas o fez naquele momento, embora seu sorriso

tenha desaparecido com as palavras seguintes do homenzinho.

— Eu mesmo sou o maior detetive da Europa. Meu nome é…

A narrativa termina aqui, de modo que a identidade do pseudochef permanece

incerta. O escândalo da morte de sir Charles foi evidentemente abafado. Mais tarde, Hans Mulready teve uma bem-sucedida carreira como travesti no teatro.

Um caso insignificante

H.R.F. KEATING

Um prolífico romancista, com mais de cinquenta livros na carreira, bem como

autor de grande número de contos, Henry Reymond Fitzwalter Keating (1926-2011) também trabalhou como jornalista até 1960, quando se tornou escritor de ficção e crítico em tempo integral, alcançando o sucesso com *O assassinato perfeito* (1964). Introduzindo seu personagem mais famoso, o inspetor Ganesh Ghote (pronuncia-se GO-tei), do Departamento de Investigação Criminal de Mumbai, o livro ganhou a Adaga de Ouro da Crime Writers' Association (CWA) como o melhor romance do ano; foi também indicado para um prêmio Edgar pela Mystery Writers of America. Considerado um dos grandes escritores da chamada "*fair-play detective fiction*", [18] Keating ocupou o cargo de presidente do prestigioso Detection Club (1985-2000) e foi agraciado com uma Adaga de Diamante Cartier pelo conjunto de sua obra pela CWA, em 1996.

Além de ter sido crítico de ficção policial para o *Times* de Londres durante 15 anos, escreveu muitos livros de não ficção dedicados a histórias policiais, *Murder Must Appetize* (1975), *Great Crimes* (1982), *Writing Crime Fiction* (1986; 2ª ed. revista 1994), *Crime and Mystery: the 100 Best Books* (1987) e *The Bedside Companion to Crime* (1989). Como um dedicado aficionado de Sherlock Holmes, produziu *Sherlock Holmes, The Man and His World* (1979) e vários pastiches do grande detetive.

"Um caso insignificante" foi publicado pela primeira vez em *John Creasey's Crime Collection*, organizado por Herbert Harris (Londres, Gollancz, 1980).

UM CASO INSIGNIFICANTE

H.R.F. Keating

Ninharias, Sherlock Holmes costumava observar, podem ter uma importância completamente contrária a seu valor aparente, e arrisco-me a pensar que não pode ter havido caso mais insignificante em todas as aventuras de Holmes que o

do incidente do poeta da infância e o volume de versos manchados de tinta. No entanto, por mais sem importância que fosse, ele encerrou para mim uma lição que espero não esquecer.

Era um dia de primavera em 1898, quando, entre a correspondência matinal, Holmes selecionou uma carta específica, ainda em seu envelope, e jogou-a para mim sobre a mesa do café da manhã.

— Bem, Watson — disse ele —, diga-me o que acha disto. Uma missiva um tanto incomum para um detetive consultor receber, penso.

Peguei o envelope e virei-o uma ou duas vezes nas mãos. Não pareceu ter nada de especial. O papel não era barato nem muito caro. Vi que o carimbo do correio era o de Brighton e Hove para a tarde anterior. A caligrafia do endereço, "Sr. Sherlock Holmes, 221B Baker Street, Londres", era claramente a de um cavalheiro, embora as letras talvez não tivessem sido formadas de maneira tão confiante quanto poderiam. A única peculiaridade que pude observar era que o nome do remetente havia sido colocado no verso do envelope, "Sr. Phillip Hughes".

— Possivelmente um americano que escreve — arrisquei por fim, quando me dei conta da impaciência de Holmes pelo tamborilar de seus dedos magros sobre a toalha de mesa. — Acredito que o costume de pôr o nome do remetente no lado de fora de uma carta é mais praticado do outro lado do Atlântico. E certamente a letra não é a de um continental.

— Bom, Watson. Excelente! Claramente meu correspondente não vem do continente europeu. Mas não há mais nada que você possa me dizer a partir dos abundantes sinais que qualquer pessoa endereçando um envelope certamente

deixa para trás?

Olhei mais uma vez para a carta, um pouco mortificado por Holmes ter acrescentado um adendo depreciativo ao seu elogio à minha primeira dedução.

— Talvez o remetente estivesse num estado de certa perturbação — sugeri. — A formação de algumas letras é certamente um tanto irregular, embora a caligrafia em si mesmo não seja de maneira alguma inculta. É exatamente do tipo que aprendi a duras penas na escola.

Holmes bateu palmas, encantado.

— Sim, sem dúvida, Watson. Você foi ao cerne da questão com sua perspicácia de sempre.

Ocupei-me em me servir de um pouco de geleia de laranja. A verdade é que eu era absolutamente incapaz de perceber o que havia de tão perspicaz no que dissera, embora não lamentasse ter ganhado o irrestrito louvor de Holmes.

Houve um silêncio. Lançando um olhar ao meu companheiro enquanto passava manteiga na minha torrada quente, talvez com excessiva diligência, constatei que ele estava reclinado para trás em sua cadeira, uma xícara de café abandonada pela metade, olhando-me com incansável interesse.

Fui obrigado a olhar de volta para ele.

— Não tem nenhum comentário adicional a fazer? — perguntou-me ele por fim.

Peguei o envelope novamente.

— Não, não, meu caro, não o envelope. Devo supor que você extraiu há muito tempo toda a informação que provavelmente obterá daí. Perguntei se não tem

nenhum comentário a fazer sobre minha observação acerca de sua perspicácia ao ressaltar o estilo da caligrafia de meu correspondente.

— Ora, não, Holmes. Não. Acho que não. Não, não há nada mais a ser dito sobre isso. Eu acho.

— Nem mesmo que o autor da carta é sem dúvida um colegial?

— Um colegial? Mas como…

— Essa caligrafia tão culta e, no entanto, com muitas das letras curiosamente disformes. Ora, basta você comparar o H maiúsculo de Holmes com o de Hughes para observar as diferenças significativas. Não, indubitavelmente meu correspondente ainda está no colégio e, de fato, não em qualquer uma de nossas grandes escolas privadas, sendo um mero garoto de não mais de 12 anos. E, como você deve saber, o litoral sul é enormemente favorecido por estabelecimentos educacionais privados. Abra a carta, Watson, e vamos ouvir por que um colegial deseja consultar Sherlock Holmes.

Obedientemente, peguei uma espátula e abri o envelope, esperando, devo confessar, que apenas uma vez as confiantes deduções de Holmes se provassem falsas. Mas um único olhar para o cabeçalho na carta confirmou exatamente sua suspeita. “St. George’s School, Hove”, dizia.

— Leia, Watson.

“Caro sr. Holmes”, li. “Todos nós meninos da St. George’s somos muito interessados em seus casos, só que o dr. Smyllie, nosso diretor, nos proíbe de ler sobre o senhor. Mas, sr. Holmes, uma terrível injustiça foi cometida. Ele disse que nosso feriado no Dia de São Jorge, que é nosso direito desde a criação do

mundo, será cancelado a menos que alguém se acuse. Mas, sr. Holmes, não foi ninguém. Todo mundo na escola tem certeza disso. Ninguém fez isso de maneira alguma, e ainda assim ele diz que nosso feriado será cancelado. Com o maior respeito, Phillip Hughes. P.S. Foi derramar tinta em seu precioso livro. E por que algum camarada faria isso?"

Pousei a carta do senhor Hughes na mesa com lágrimas nos olhos, de tanto rir.

— Por Deus, Holmes — eu disse. — Eis um caso que vai colocar seus métodos a toda prova.

— Sim, realmente, Watson. Há algo nele de considerável interesse, não é mesmo? Penso que uma viagem ao litoral de Sussex poderia se provar sem dúvida estimulante.

Meu riso sumiu.

— Você não pode estar falando sério, não é?

No entanto eu já sabia pelo olhar de profunda preocupação de meu amigo que ele de fato tinha toda a intenção de ir a Hove investigar a queixa indignada de nosso jovem correspondente.

— Meu caro Watson — respondeu ele com alguma aspereza. — Se um conselho de garotos colegiais declara sob juramento numa comunicação puramente privada que certo evento não ocorreu entre eles, você pode tomar como praticamente um fato que esse evento não ocorreu. Eles sabem demais uns sobre os outros. Há apenas uma circunstância que a meu ver poderia se provar uma exceção.

— E qual é?

Ele me olhou com o cenho franzido por um instante.

— Ora, se o ato em questão tivesse sido cometido pelo próprio autor da carta, é claro. E só podemos nos certificar disso conversando com o rapaz face a face.

— Sim, suponho que sim — respondi. — Mas, de todo modo, uma visita a Hove nos tomará a maior parte de um dia, se não mais, e você tem a questão do jantar de ostras do Banco da Inglaterra ainda em mãos.

— Meu caro Watson, uma injustiça foi cometida. Ou quase certamente foi. Espero não ser homem de permitir que qualquer mera consideração pecuniária se interponha em meu caminho sob tais circunstâncias. O Dia de São Jorge será daqui a dois dias. Tenha a bondade de procurar um trem para Brighton. Iremos esta manhã.

Fui de imediato procurar o guia Bradshaw em seu lugar conhecido em nossas estantes.

Mas eu ainda não diria a Holmes quando poderíamos partir nessa extraordinária missão. Antes que eu tivesse tempo para correr meu dedo pela coluna de partidas para Brighton, entrou nosso moço de recados, Billy, trazendo sobre a salva que carregava um único grande cartão de visita.

Holmes pegou-o e leu em voz alta.

— Dr. A. Smyllie, M. A., ph.D., St. George’s School para Educação Preliminar de Jovens Cavalheiros, Hove, perto de Brighton, Sussex. Ora, Watson, aqui está o próprio clérigo sob cujo severo édito nosso jovem amigo está sofrendo. Faça-o subir, Billy. Faça-o subir.

Em alguns instantes o diretor do senhor Hughes estava diante de nós. Não era o tipo de homem que eu imaginava que um diretor seria, mesmo o de um estabelecimento para meninos de 12 anos. Longe de ser uma figura imponente capaz de exercer autoridade com um olhar, era esbelto e sinuoso em certa medida. Corretamente vestido, com sobrecasaca e calças listradas, usava contudo uma gravata frouxamente atada ao pescoço. Seu rosto era muito pálido, e ele parecia bastante agitado.

— Sr. Sherlock Holmes? — perguntou com uma voz aguda, quase estridente, virando-se não para Holmes, mas para mim.

Corrigi seu erro, o que pareceu desconcertá-lo excessivamente, e apresentei o meu amigo.

O dr. Smyllie estendeu a mão um tanto flácida na extremidade de um braço extraordinariamente longo, e se encolheu um pouco quando Holmes a tomou em seu firme aperto.

— E o que posso ter a honra de fazer para o poeta da infância? — perguntou Holmes.

Sobre o pálido semblante do dr. Smyllie apareceu um débil rubor de prazer.

— Conhece minha obra, sr. Holmes? Eu mal ousaria esperar que uma pessoa da sua,... da sua... da sua direção na vida teria conhecimento de meus poucos, humildes esforços.

— Faz uma injustiça a si mesmo, dr. Smyllie — respondeu Holmes. — Quem não conhece aqueles versos do senhor, que se encerram de maneira tão tocante “Apanha a teia de palavras coberta de lantejoulas…”.

— “E pousa-a suavemente sobre meu túmulo” — completei o poema, surpreso apenas pelo fato de Holmes, tão desdenhoso das coisas mais delicadas

da vida, ser capaz de citar aqueles versos “Para meu filho infante”, por mais que

eles tivessem sido reproduzidos.

Agora eu compreendia por que Holmes tinha se dirigido ao dr. Smyllie como

“o poeta da infância”. Pois assim Algernon Smyllie fora apelidado cerca de trinta anos antes, quando seu volume de versos muito bem-sucedido fora

publicado pela primeira vez, poemas que tratavam de todos os ternos aspectos da

vida de uma criança, dos quais os versos “Para meu filho infante” eram o ponto

alto.

Mas agora, ao que parecia, o jovem poeta Algernon Smyllie tornara-se o

maduro diretor dr. A. Smyllie, M.A., ph.D. No entanto, pensei comigo mesmo,

ainda parecia mais o poeta sensível que um impressionante diretor.

De fato, devendo contar a Holmes a razão de sua visita, ele positivamente deixou a cabeça pender e esfregou o lado de dentro de seu pé direito em nosso

tapete turco, dando-me a oportunidade de ver que os botões da bota estavam descasados no alto.

— Então, senhor — disse Holmes encorajando-o.

O dr. Smyllie corou de novo.

— É um assunto insignificante, sr. Holmes.

Os lábios de Holmes estremeceram na mais leve insinuação de um sorriso.

— Mas assuntos insignificantes, como expliquei mais de uma vez ao meu

amigo dr. Watson, podem por vezes ser da máxima importância — disse ele.

O dr. Smyllie recuou um passo e até olhou para a porta como se estivesse cogitando uma fuga imediata. Mas finalmente conseguiu manter sua posição.

— Não, não, sr. Holmes — disse ele, as palavras saindo com dificuldade. —

Não, de fato, eu lhe asseguro, meu caro senhor, exatamente o contrário.

Totalmente o oposto. Eu não o teria perturbado de maneira alguma, meu caro senhor, só que por acaso estava passando por aqui e pensei… pensei…

Holmes permaneceu em silêncio, sugando um cachimbo vazio que tinha

pegado no consolo da lareira.

O dr. Smyllie engoliu fortemente em seco, o pomo de adão em seu comprido

pescoço acima daquela gravata frouxamente atada subindo e descendo.

— Não, meu caro senhor — ele recomeçou — eu teria dispensado o assunto

escrevendo um simples bilhete, talvez nem mesmo isso, só que aconteceu de meu compromisso me fazer passar… hum… por sua porta e… hum… me

ocorreu visitá-lo e resolver tudo com algumas palavras.

— E o assunto é? — perguntou Holmes, seco.

— Oh, nada, senhor. Uma mera insig… Nada de qualquer importância,

senhor.

— Mas, ainda assim, já que veio nos ver, o melhor seria se livrar do peso de

seu conteúdo.

O magro diretor-poeta corou novamente diante da repreensão de Holmes. Mas

desta vez encontrou uma maneira de expor o que o levara a nos visitar.

— Sr. Holmes — disse ele —, tenho motivos para acreditar que um de meus

alunos… eu lhe asseguro, senhor, que eles em geral não se comportam tão vergonhosamente… que um de meus alunos pode ter tido a temeridade de enviar uma carta à sua boa pessoa. Uma carta a respeito de um caso insignificante… isto é, apenas uma questão disciplinar. E acontecendo, como disse, de estar passando, eu… hum… pensei que viria apenas visitá-lo para… para lhe assegurar, senhor, que não precisa fazer nada sobre o assunto. Absolutamente nada, senhor. Eu apenas desejei lhe oferecer um pedido de desculpas, por assim dizer. Um pedido de desculpas em nome da… hum… St. George's School.

Holmes recolocou o cachimbo sobre o consolo da lareira e fez um frio gesto de assentimento com a cabeça para nosso visitante.

— Se me der licença um momento, dr. Smyllie — disse ele. — Tenho um pequeno assunto doméstico para resolver. Uma palavra com nossa senhoria sobre meus planos para o dia. Ela precisa saber a tempo para fazer suas compras.

Ele saiu da sala, fechando a porta silenciosamente atrás de si. Dr. Smyllie e eu ficamos olhando um para o outro num silêncio um tanto embaraçoso. Fiquei um pouco aborrecido com meu amigo. Ele não costumava me deixar com um cliente dessa maneira, nem era seu hábito se preocupar tanto com a conveniência da sra. Hudson. Entretanto, ele voltou antes que eu tivesse tempo de oferecer ao nosso visitante mais do que alguns comentários sobre o tempo e recomeçou a consulta de imediato.

— Entendo então, senhor — disse ele ao dr. Smyllie —, que esta visita improvisada teve a intenção de simplesmente me reassegurar de que não preciso

dar importância a qualquer comunicação que possa receber de qualquer um de seus pupilos?

— Exatamente isso, senhor. Exatamente isso.

Holmes olhou para o poeta-diretor com uma expressão da máxima seriedade.

— Então, senhor, pode considerar que o objetivo de sua visita foi plenamente alcançado — disse ele.

O dr. Smyllie se curvou e agradeceu a Holmes, mais efusivo do que o necessário, pensei, e dentro de alguns minutos tinha nos deixado.

— Bem, Watson — disse Holmes, quando os passos de nosso visitante podiam ser ouvidos descendo a escada —, tem alguma observação a fazer?

Refleti.

— Acho que não — respondi. — A não ser que o dr. Smyllie certamente não teria precisado nem se dar ao trabalho de parar seu cabriolé em frente à porta para nos dizer que a carta do jovem Hughes é, afinal de contas, insignificante… que não é um assunto de grande importância.

— É o que pensa? Mas, diga-me, notou mais alguma coisa sobre nosso poeta da infância?

— Bem, não. A não ser talvez que sua bota direita estava mal abotoada.

— Bom, Watson. Eu sabia que podia contar com você para tirar proveito do detalhe significativo.

— Significativo, Holmes?

— Ora, certamente. Quando uma pessoa faz todo o caminho desde o litoral de

Sussex até aqui enquanto tomamos o café da manhã e, embora corretamente

vestido, aparece com uma bota mal abotoada e com um pequeno corte na face direita feito ao se barbear, algo que receio que tenha lhe escapado, só há uma conclusão a ser extraída.

— E qual é?

— Que ele saiu de casa com muita pressa precisamente para me encontrar o

mais cedo que pudesse.

— Mas, não, Holmes — não pude deixar de protestar. — Ele nos disse que tinha um compromisso na cidade. Sem dúvida era cedo, e ele já está a caminho

de lá novamente.

— Acha isso? Bem, vamos ver em breve.

Nesse momento Billy voltou à sala, um olhar de intenso triunfo em seu rosto

sempre ávido.

— Victoria Station, sr. Holmes — anunciou ele sem preliminares.

— Aí está, Watson.

— Mas não entendo. O que tem a estação de trem?

— Foi para lá que o dr. Smyllie mandou seu cabriolé seguir — respondeu Holmes. — Criei uma oportunidade de deixar a sala e instruí Billy a esperar nos

degraus para ouvir o endereço que nosso visitante iria indicar. Você com certeza

não pensou que eu estivesse tão preocupado com nosso jantar hoje à noite que saí com esse objetivo, não é?

— Não, não. Claro que não. Então o dr. Smyllie está voltando direto para Hove. Qual lhe parece ser o significado disso?

— Simplesmente que ele estava excessivamente temeroso de que eu tomasse

alguma atitude em decorrência daquela carta. Ora, se o que pode parecer uma mera ninharia o levou a ter tanto trabalho, penso que deveríamos ter a máxima pressa em seguir seus passos. Você estava consultando o Bradshaw, creio eu.

Embora Sherlock Holmes seja um mestre do disfarce e com frequência eu o tenha visto transformado a ponto de levar um tempo razoável para reconhecê-lo mesmo de perto, era raro no curso de nossas aventuras que ele me pedisse para assumir uma aparência diferente da minha própria. Em Hove, contudo, depois de encontrarmos a St. George's School e examinarmos o bairro à sua volta, ele me pediu para adotar um disfarce. Foi assim que me vi na tarde daquele dia esperando na rua onde ficava a escola, envergando um casaco de cheiro não muito agradável pertencente ao dono de um carro de aluguel a quem Holmes persuadira mediante pagamento a nos emprestar tanto o veículo quanto a peça de roupa. De onde estava, no alto do assento do cocheiro, eu podia ver no jardim da casa vizinha à escola, uma residência que por um feliz acaso estava desocupada, a figura curvada de um jardineiro escavando um canteiro de flores perto da cerca que dividia os dois terrenos. Se não soubesse com certeza que esse homem era o próprio Holmes, não o teria reconhecido, mesmo com a distância relativamente pequena que nos separava.

Eu não estava posicionado havia muito tempo quando ouvi o toque estridente de um sino vindo de dentro da escola e, alguns momentos depois, vi um grande número de meninos ocupando o terreno para brincar. Acho que nenhum deles prestou qualquer atenção ao velho jardineiro que trabalhava do outro lado da cerca. Mas quando, após algum tempo, um dos meninos por acaso se aproximou, Holmes disse algo em voz baixa. Logo pude ver outro dos felizes meninos que

corriam e brincavam por ali, um bonito rapaz ruivo, se aproximar e se apoiar na cerca exatamente no ponto em que o jardineiro trabalhava. Mas ninguém que não estivesse a um ou dois metros do garoto poderia ter visto que ele conversava com o homem do outro lado. A conversa durou um quarto de hora e, quando ela terminou, o jardineiro limpou cuidadosamente sua pá e foi embora, caminhando com dificuldade como se bastante cansado depois de um bom dia de trabalho.

Puxei as rédeas em meu colo e o velho cavalo do carro de aluguel partiu numa marcha tranquila. Ao virar a esquina seguinte, vi à minha espera uma figura alta, empertigada e vivaz que não se parecia em nada com o jardineiro ancião no jardim vazio, muito embora suas roupas não fossem diferentes.

Num instante Holmes estava sentado no carro atrás de mim e me contava o resultado de sua reunião nada convencional com o senhor Phillip Hughes.

— É bem como eu pensava, Watson. Parece que no saguão da escola, num lugar de honra, é mantido, numa caixa de vidro trancada, um exemplar do livro de Algernon Smyllie, *Poemas da infância*, junto com uma carta de Sua Majestade para o poeta. É costume que o primeiro aluno da escola, o Dux, como o chamam, vire uma página do livro todos os dias. Ora, apenas uma semana atrás, nosso amigo, o jovem Hughes, que deveria ter aprendido na noite anterior uma passagem de Horácio, mas não o fizera, desceu muito cedo para, como ele disse, “meter na cachola aquela coisa horrível”. Olhando para a vitrine para ver quais em particular (novamente uso suas próprias palavras) “dos versos cruéis” estavam em exposição, já que se não conseguisse apresentar sua passagem de Horácio corretamente seu castigo seria, por tradição, aprender esse poema, ele viu, para sua consternação, que alguém havia derramado tinta com evidente liberalidade sobre a página toda, que calhava de ser aquela em que aparecem os

quartetos que você mesmo tanto admira, aqueles intitulados “Para meu filho infante”.

— Ah, sim: “Apanha a teia de palavras coberta de lantejoulas e pousa-a suavemente sobre meu túmulo.”

— Exatamente. Embora eu receie que o jovem Hughes não compartilhe do seu entusiasmo. Contudo, esse não é o fim de seu relato. Mal havia assimilado o fato da profanação, contou-me, ouviu atrás de si a voz do diretor, que, um momento depois, quando este também percebeu o que acontecera, elevou-se na mais terrível ira. Uma raiva que persistiu quando nenhum culpado se apresentou e logo resultou no cancelamento do tradicional feriado do Dia de São Jorge.

— E você está convencido, Holmes, de que o jovem Hughes não cometeu ele mesmo o próprio ato que o convocou para investigar?

— Sim, tenho a presunção de acreditar que nenhum rapaz de 12 anos poderia me enganar por tanto tempo. Além disso, ele não teria qualquer vantagem em cometer esse crime.

— Suponho que não. No entanto, eu lhe peço, considere. Garotos são notoriamente audaciosos. Eles se divertem com toda espécie de travessuras. Ora, lembro-me de meus próprios dias de escola…

— Não duvido, Watson. E estou muito ciente da natureza dos meninos colegiais. Não teria sido inconcebível que um deles tivesse descido sorrateiramente no meio da noite e realizado essa proeza, não fosse por duas circunstâncias.

— Sim?

— Primeiro, como lhe expliquei no início do caso, o incidente teria certamente chegado ao conhecimento de pelo menos um de seus colegas, conhecedores dos hábitos e inclinações uns dos outros como invariavelmente são. E, em segundo lugar, a caixa em que o livro é mantido permanece sempre trancada e há somente duas chaves: uma guardada pelo próprio dr. Smyllie e a outra por seu filho, Arthur, um rapaz de 22 ou 23 anos que auxilia na administração do estabelecimento.

— Nesse caso me parece que devemos encontrar alguma maneira de conversar com o jovem Arthur Smyllie, se você está de fato convencido de que a vitrine não pode ser aberta de nenhuma outra maneira senão com as chaves.

— Watson, eu mesmo poderia ainda não estar convencido disso. Mas Phillip Hughes e seus colegas certamente estão, e estou disposto a acreditar no que dizem, já que são os mais interessados no caso.

Holmes tinha se certificado através do jovem Hughes de que o sr. Arthur Smyllie tinha o hábito de dar um passeio noturno.

— O garoto sugeriu, Watson, que o Lion Hotel poderia ser seu destino, sugestão que me senti no dever de verificar.

Mas foi do lado de fora do Lion Hotel que esperamos naquela noite na expectativa de abordar o filho do diretor da St. George’s School. Eu mesmo estava um pouco apreensivo com a recepção que ele poderia nos dar quando revelássemos nosso motivo para procurar sua companhia. Mas eu não tinha o que temer. Assim que Holmes cumprimentou o rapaz, um belo e honrado espécime de virilidade britânica de rosto corado, e pronunciou seu próprio nome, a face dele se iluminou numa expressão de profundo prazer.

— Sr. Sherlock Holmes! — exclamou ele. — Ora, eu não desejaria mais

sinceramente conhecer nenhuma outra alma na face da terra. E este é o dr.

Watson? Senhor, li seus relatos dos casos do sr. Holmes com o mais ávido interesse. Devo lhe dizer, sr. Holmes, que eu mesmo tenho uma inclinação científica. Na realidade, espero partir para Londres no início do próximo ano universitário, para estudar, com intuito de obter um diploma nas ciências físicas.

— Uma ambição extremamente louvável — disse Holmes. — Mas não sentirá

falta dos benefícios de dirigir uma escola?

O jovem abriu um sorriso forçado.

— De manter todos aqueles jovens demônios insolentes em ordem para meu

pai? Bem, em geral não vou sentir falta disso, eu lhe garanto. No entanto, tem razão, sr. Holmes, é claro. Há recompensas para um diretor de escola. E ouso dizer que sentirei falta dos sujeitinhos no final das contas.

Holmes convidou o rapaz para tomar alguma coisa e nós três nos dirigimos para o hotel para compartilhar uma garrafa de vinho. Passou-se algum tempo antes que Holmes fosse capaz de conduzir a conversa para o caso da St. George’s

School, tão ávido estava Arthur Smyllie para aprender tudo que pudesse sobre os

métodos científicos de detecção. Mas finalmente Holmes conseguiu fazer uma pergunta habilmente formulada acerca da vida atual de nosso convidado entre os

“sujeitinhos” de seu pai.

— Bem, sim, sr. Holmes, eles podem ser mesmo umas pestes às vezes,

admito, muito embora outras vezes estejam deliciosamente ávidos por aprender

toda bendita coisa que eu possa lhes ensinar.

— Toda espécie de travessura, não tenho dúvida — disse Holmes.

Arthur Smyllie riu.

— Oh, sim, realmente. Pode adivinhar qual foi a última traquinagem deles?

— Com certeza não.

— Bem, um dos pestinhas derramou tinta sobre o precioso exemplar do livro de meu pai, *Poemas da infância*. Sabe que sou o único herdeiro do homem que escreveu “Para meu filho infante”?

— É mesmo, sr. Smyllie? E o senhor diz que um dos alunos do seu pai derramou tinta num exemplar desse livro?

— Um exemplar, senhor? Mais do que um mero exemplar, eu lhe asseguro. Um volume muito precioso, assinado por nada menos que Sua Majestade e encerrado numa caixa de vidro junto a uma carta da rainha para meu pai. Foi realmente lamentável da parte do pestinha que o estragou. No entanto… Bem, para lhe dizer a verdade, aquele poema tem sido um fardo durante toda a minha vida, e não estou completamente pesaroso por ter sido aquela página particular a receber o dilúvio de tinta.

— Estou surpreso ao saber que a vitrine foi deixada aberta, com tantos garotos colegiais em volta, sempre propensos a descuidos e travessuras.

— Oh, não, sr. Holmes, a caixa nunca foi deixada aberta. Uma vez por dia, é verdade, ela é destrancada pelo Dux da escola e a página é virada. Mas ele sempre precisa obter a chave de meu pai ou de mim e devolvê-la imediatamente.

— Mas talvez a vitrine possa ser aberta sem a chave?

— Não, novamente, sr. Holmes. Ela é fortemente trancada, posso lhe assegurar.

Holmes sorriu.

— Ora, nesse caso — disse ele — parece que o senhor produziu para mim um mistério digno de minhas melhores capacidades. Quem cometeu o crime dentro da caixa fechada? E como foi feito?

Arthur Smyllie riu alto, encantado.

— No entanto, o senhor sabe — interpôs Holmes um pouco mordaz —, se houvesse um problema de maior importância, mas com circunstâncias idênticas, eu não levaria muito tempo para desvendar seu ponto crucial. Se não fosse possível para uma sala ou caixa ser aberta a não ser com suas chaves, eu olharia de maneira bastante distinta para quem quer que as possuísse à procura do criminoso.

O jovem Smyllie perdeu sua aparência alegre num instante.

— Senhor Holmes — disse ele —, não está sugerindo que desfigurei o livro de meu pai, não é?

— Meu caro senhor, estou apenas perguntando se somente os detentores das chaves, e ninguém mais, podiam ter acesso ao volume.

O rosto de Arthur Smyllie, antes tão corado e alegre, estava agora branco com um lençol.

— Sr. Holmes — disse ele, levantando-se abruptamente da mesa —, desejo-lhe boa noite.

Saiu antes que qualquer um de nós tivesse tempo de protestar.

— Holmes — perguntei —, será que há alguma maneira de abrir aquela

vitrine sem as chaves?

— Meu caro Watson, você mesmo ouviu Arthur Smyllie nos dizer que não.

— Será que não há outra chave, então? Uma que algum dos meninos pudesse ter obtido de outra maneira?

— Se houvesse tal coisa — Holmes me respondeu —, Hughes nos teria falado. Nada poderia manter sua existência em segredo dentro de uma escola, acredite.

— Mas então o próprio Arthur Smyllie deve ter desfigurado o livro, como de fato sua conduta agora há pouco só pode nos levar a crer. Mas por que haveria ele de fazer tal coisa? Isso me escapa.

— Ora, vamos — respondeu Holmes. — Você não ouviu Arthur contar que vai para a Universidade de Londres estudar para obter um diploma em ciências? Não ouviu como aquele poema do pai, com seu apelo público para que ele "apanhe a teia de palavras coberta de lantejoulas" para se tornar um poeta por sua vez, pesa como um fardo sobre ele?

Suspirei. As palavras de Holmes eram demasiado convincentes.

— Então suponho que amanhã devemos procurar o dr. Smyllie e lhe dizer que nenhum menino em sua escola cometeu o crime — falei.

— Sim, certamente devemos fazer isso.

Nossas aventuras em Hove, entretanto, ainda não estavam terminadas. Ficamos com o único quarto que o Lion tinha disponível para a noite, e sei que passei muito tempo inquieto, pensando na mensagem que tínhamos que entregar no dia

seguinte, embora tivesse a impressão de que Holmes, na outra cama, dormia bastante profundamente. Assim fui eu que ouvi, bem depois da meia-noite, o insistente som de um rangido junto à janela, do lado de fora. A princípio tomei-o

pela ação do vento nos galhos da árvore que crescia perto do edifício bem naquele ponto. Mas não demorei a me dar conta de que a noite, de fato, estava

singularmente calma. No entanto, o rangido persistia.

Sem despertar Holmes, esgueirei-me da cama, calcei os chinelos, vesti um

robe e olhei ao redor no quarto escuro à procura de alguma arma. Por fim me lembrei de que havia um bom conjunto de utensílios de ferro na lareira.

Atravessei o quarto sorrateiramente e empunhei o atiçador de brasas.

Armado com isso, avancei para a janela, parei por um momento, ouvi o

rangido continuar e escancarei a janela. Houve um rápido movimento entre os galhos da árvore. Dei um pulo para a frente, agarrando com a mão livre uma forma pálida que podia discernir vagamente. Ouviu-se um alto ganido. A forma

se contorceu abominavelmente em minha mão. Levantei o atiçador para desferir

um forte golpe.

— Ora, vamos, Watson, poupe a vara — disse a voz de Sherlock Holmes atrás

de mim.

— Poupar a vara? — perguntei, deixando de desferir o golpe, mas

continuando a segurar com força a roupa de meu oponente. — Holmes, temos um ladrão aqui. Por favor, ajude-me.

— Um ladrão, sim — respondeu Holmes. — Mas um bem pequeno, arrisco-

me a pensar.

Ouvi o som dele acendendo um fósforo atrás de mim. A luz da vela que

acendeu brilhou na noite. A essa altura vi que estava segurando ninguém menos que o jovem ruivo Phillip Hughes.

Puxei-o da árvore para o quarto.

— E agora, meu jovem — eu disse —, qual é o sentido desta sua nova travessura?

Mas Sherlock Holmes respondeu por ele:

— Nenhuma nova travessura, Watson, penso eu, já que acredito ter lhe dito que, na minha opinião, o rapaz não cometeu nenhuma velha travessura.

— Mas, Holmes, ele provou neste instante ser um gatuno noturno muito determinado. Não pode mais restar qualquer dúvida sobre quem manchou aquele livro.

— Não, Watson, nunca houve dúvida quanto a isso. Mas vamos ouvir o que levou nosso determinado pequeno aliado a vagar sorrateiramente até aqui.

O menino olhou para Holmes, seus olhos iluminados com admiração.

— Sabia então que vim para lhe contar alguma coisa, senhor?

Os lábios de Holmes se curvaram num leve sorriso.

— Não penso que você teria arriscado uma viagem tão perigosa para qualquer outro fim — disse ele. — Suponho que ficou sabendo pelo sr. Arthur Smyllie onde estávamos hospedados?

— Sim, senhor.

— Então conte-nos o que tem para nos contar.

— Senhor, acho que sei como aquele livro acabou coberto de tinta.

Os olhos de Holmes brilharam por um momento.

— Eu me pergunto se você sabe mesmo — disse ele. — Conte-nos.

— Bem, senhor, não é fácil de acreditar.

— A verdade muitas vezes não é. O ser humano é uma peça de maquinaria muito complicada, meu rapaz.

— Sim, senhor. Bem, senhor, eu estava deitado acordado hoje à noite,

pensando sobre sua vinda de Londres até aqui e tudo, e pensando se o senhor solucionaria o mistério, senhor. Bem, não exatamente. Eu sabia que o senhor iria

resolvê-lo, mas eu me perguntava qual poderia ser a solução. E então, senhor, eu

me lembrei de Thompson Minor. Ele saiu no ano passado, senhor.

— Thompson Minor! — exclamei. — Então um menino voltou à escola e…

— Watson, deixe o jovem Hughes nos contar à sua própria maneira.

— É claro, é claro. Fale, meu caro rapaz.

— Sim, senhor. Bem, pensei em Thompson Minor e na maneira como ele

costumava ter grandes acessos de fúria. E então, sr. Holmes, bem, ele fazia coisas que só machucavam a ele mesmo. Uma vez, quando estava especialmente

irritado, jogou seu canivete suíço no fogo, senhor. Jogou mesmo.

Os olhos de Holmes brilhavam de um jeito sombrio agora.

— Então, jovem Hughes — disse ele —, tire a sua conclusão. Conduza seu relato a um fim apropriado e meu amigo Watson aqui haverá de registrá-lo para

você.

O rapaz fitou-o de volta, pálido e decidido à luz da vela.

— Senhor, foi o próprio dr. Smyllie que fez isso, não foi, senhor? Só pode ter

sido ele. O sr. Arthur é correto demais para jamais fazer uma coisa dessa, e a única outra chave era a do dr. Smyllie. Senhor, ele fez isso para fazer mal a si mesmo porque o sr. Arthur não quer ser um poeta, mas um cientista, senhor. Não é isso? Não é?

— Sim — disse Sherlock Holmes. — É isso, meu garoto. — Ele se virou para mim: — E como você sugeriu, Watson, de manhã deveremos procurar o dr. Smyllie e lhe contar o que seu filho descobriu hoje à noite, que nenhum menino cometeu nosso crime. E é "Hurra para St. George's" e um dia inteiro de feriado.

Raffles: o enigma do chapéu do almirante

e

Raffles na pista do cão de caça

BARRY PEROWNE

Com a possível exceção do professor Moriarty, que aparece muito raramente no cânone, o maior personagem criminoso na literatura é, evidentemente, A.J. Raffles, o cavalheiro ladrão de joias criado por E.W. Hornung no fim da era vitoriana, cuja primeira aparição em livro ocorreu em *The Amateur Cracksman* (1899). Alguns anos após a morte do autor em 1921, a popularidade do personagem permanecia tão grande que a revista britânica *The Thriller* pediu a Philip Atkey (1908-1985), um colaborador regular para suas páginas, que continuasse a escrever as aventuras do trapaceiro. Após um acordo com o espólio de Hornung, Atkey, usando o pseudônimo Barry Perowne, produziu muito mais contos e romances sobre Raffles do que seu criador original.

Atkey escreveu centenas de contos e mais de vinte romances, muitos

protagonizados pelo afável arrombador de cofres e seu parceiro, Bunny Manders, incluindo *Raffles After Dark* (1933; título americano: *The Return of Raffles*), *Raffles in Pursuit* (1934), *Raffles Under Sentence* (1936), *Raffles and the Key Man* (1940) e as coletâneas de contos *Raffles Revisited* (1974), *Raffles of the Albany* (1976) e *Raffles of the M.C.C.* (1979).

Era inevitável, é claro, que o grande criminoso e o grande detetive se encontrassem, e o melhor exemplo da confrontação entre os dois está no conto de Perowne "Raffles: O enigma do chapéu do almirante", publicado pela primeira vez na edição de março de 1975 da *Mistério Magazine de Ellery Queen* e sua continuação, "Raffles na pista do cão de caça", publicada pela primeira vez no número de julho de 1975 da mesma revista. Esses contos fizeram parte da coletânea *Raffles of the Albany: Footprints of a Famous Gentleman Crook in the Times of a Great Detective* (Londres, Hamish Hamilton, 1976).

RAFFLES: O ENIGMA DO CHAPÉU DO ALMIRANTE

Barry Perowne

— Moral ou não, Bunny — disse Raffles —, é um fato da vida que o direito é quase inteiramente uma questão de posse.

Impecável num terno cinza, uma pérola na gravata, o cabelo escuro ondulado, o rosto forte bronzeado, ele jogou de lado o *Times* de Londres, em que uma correspondência vinha se prolongando havia meses sobre alguns baixos-relevos antigos, os Mármores Trácios, desenterrados por um arqueólogo numa expedição de campo e presenteados por ele ao Museu Britânico.

— Esse erudito — Raffles acrescentou, oferecendo-me um Sullivan de sua

cigarreira — provavelmente espera ser recompensado com o título de cavaleiro pela rainha. Por falar nela, Bunny, esse evento real a que estamos indo deverá ser uma ótima semana, com sorte.

O trem em que viajávamos velozmente pela ensolarada zona rural dirigia-se para a cidade naval de Portsmouth, que Sua Majestade, fazendo uma de suas raras aparições públicas, estava visitando com a finalidade de declarar aberta a Semana Naval.

Entre as cerimônias oficiais e os eventos esportivos programados para a semana, havia uma partida de críquete de três dias entre a Marinha Real e o time dos Cavalheiros da Inglaterra capitaneado por A.J. Raffles.

Na estação de Portsmouth encontramos nosso anfitrião, o capitão do time da Marinha, tenente-comandante Braithwaite, num deslumbrante uniforme naval branco, esperando para nos receber junto ao trem.

— Você é o primeiro dos Cavalheiros a chegar, Raffles — disse ele, enquanto seguíamos um carregador que levava nossas malas e a bolsa de críquete de Raffles para o carro de aluguel aberto que Braithwaite deixara à espera. — A cerimônia de abertura da Semana Naval transcorreu muito bem hoje pela manhã. Venho direto de lá. A rainha parecia régia como sempre, embora ainda trajando luto. Você terá uma oportunidade de vê-la depois do almoço. Ela deve embarcar no iate real às duas horas, em Portsmouth Hard, e rumar para sua residência de verão, Osborne House, na ilha de Wight, bem do outro lado do canal. Para que possam vê-la passar, eu gostaria de colocá-los a bordo no *H.M.S. Victory*…

— O antigo navio capitânia de Horatio Nelson na Batalha de Trafalgar? —

perguntei.

— Sim, de fato — disse Braithwaite enquanto nosso carro de aluguel retinia pelas ruas coloridas com bandeiras e retratos da rainha. — O *Victory* encontra-se, perfeitamente preservado, numa ancoragem permanente aqui em nosso porto, mas só figurões convidados têm permissão para embarcar nele hoje… inclusive um bando de milionários.

— Milionários? — perguntou Raffles.

— A alta sociedade internacional — explicou Braithwaite. — O comodoro Vanderbilt, o duque de Westminster, um dos Rothschilds, o príncipe de Mônaco, o sr. Leonard Jerome de Nova York com sua linda filha Jennie e o marido dela, lorde Randolph Churchill. Verdadeiros grã-finos! Eles chegaram em grupos em seus resplandecentes iates a vapor privados reunidos em Cowes, na ilha de Wight, para a regata.

Meus olhos cruzaram com os olhos acinzentados de Raffles. A regata de Cowes! Ele me lançou um olhar pesaroso. Havíamos esquecido completamente do evento mais magnífico da temporada social de verão. Em Cowes poderíamos ter encontrado alguma maneira lucrativa de aproveitar o tempo. Em vez disso, ele se comprometera com uma partida de críquete de três dias de duração exatamente do lado errado do canal.

— Tão perto, Bunny — ele murmurou para mim —, e, no entanto, tão longe!

— Por cortesia — dizia nosso anfitrião — do Museu Naval Real em Greenwich, um tesouro nacional foi emprestado a Portsmouth, em honra da visita da rainha: o uniforme, o chapéu e os calções manchados de sangue, o

colete e o fraque azul com dragonas que Nelson usava quando caiu, mortalmente ferido, no tombadilho superior do *Victory* na hora exata de seu triunfo decisivo em Trafalgar. A partir de amanhã o *Victory* estará aberto para que o público veja o uniforme de Nelson, mas apenas figurões convidados estarão a bordo dele hoje. Ainda assim, posso colocá-los a bordo de um rebocador da Marinha, o *Gosport Jezebel*, para verem a rainha passar daqui a pouco no iate real.

Depois do almoço na antiga e excelente estalagem à beira-mar, The Lord Nelson, onde nossos anfitriões da Marinha tinham hospedado o time de críquete dos Cavalheiros comigo como supranumerário, embarcamos num rebocador que desfraldava a bandeira branca. Quando o *Jezebel* se afastou de seu ancoradouro, o grande porto, apoiado pelos fortes de Portsdown Hill construídos para repelir o Grande Exército de Napoleão, estava lotado de embarcações de todo tipo, repletas de turistas.

Além de Raffles e de mim, havia alguns outros civis privilegiados a bordo do *Jezebel*, e quando me apoiei com Raffles e Braithwaite contra o trepidante parapeito do rebocador, contemplando a cena espetacular sob o sol abrasador, pairou em minha direção uma nuvem de fumaça forte de tabaco picado do cachimbo de algum homem que surgira atrás de nós.

— Lá está ele, Watson — ouvi uma voz dizer —, o velho *Victory*, tão firme e em forma quanto no dia em que Nelson o levou, à frente de sua frota, rumo ao sangue e aos estrondos de Trafalgar.

— Um estudo em vermelho, aquele dia — disse uma segunda voz. — O sr. Sherlock Holmes é um homem patriótico?

— Inquestionavelmente. Veja, Watson, há um espaço vazio ali no parapeito. Vamos ocupá-lo.

Braithwaite, vendo-me voltar os olhos para os dois homens de sobrecasaca e cartola perambulando pelo convés, o mais alto lançando fumaça de charuto sobre seu ombro, disse-me quem eram:

— O sujeito mais baixo é o sr. James Watson, secretário da Sociedade Literária e Científica de Portsmouth e Southsea. O homem grande, corpulento, é o dr. A. Conan Doyle, médico em Southsea, a parte residencial de Portsmouth. Quanto ao sr. Sherlock Holmes — Braithwaite soltou uma risadinha —, vou lhe emprestar algo hoje à noite que o apresentará a ele, se vocês ainda não se conheceram. Mas veja! Por Deus, olhe para aqueles grã-finos no velho *Victory*!

Nosso rebocador tinha se aproximado o máximo que era permitido do navio capitânia de Nelson, em torno do qual baleeiros tripulados por remadores da Marinha usando fitas nos bonés com a inscrição *H.M.S. Victory* circulavam, preservando um espaço de água livre da aglomeração das embarcações de turistas.

As correntes do gurupés do velho navio de linha de 74 canhões brilhavam como prata. Seus mastros e vergas se elevavam acima de nós em direção ao céu azul. O casco de carvalho havia sido alcatroado recentemente. Através de suas canhoneiras abertas, emolduradas em tinta branca fresca, os canhões dos flancos pareciam prontos para ribombar com um rugido de leão à menor provocação.

Em seus conveses, os distintos visitantes formavam grupos, conversando. Outros se reuniam na galeria entalhada da popa do velho navio. Belas mulheres giravam suas sombrinhas languidamente. Joias cintilavam. Cartolas e correntes de relógio de ouro reluziam.

— Todos milionários — murmurou Raffles para mim. — Tão perto… e, no

entanto, tão longe!

Braithwaite nos explicou que alguns dos uniformes navais desconhecidos a bordo do *Victory* eram de capitães de navios de guerra americanos, gregos, alemães, italianos e de outras nacionalidades, que, em visitas de cortesia pela Semana da Marinha em Portsmouth, estavam ancorados ao largo da ilha de Wight.

O estrondo de um canhão ressoou através do porto.

— O primeiro tiro da saudação real — disse Braithwaite. — O *Victoria-and-Albert*, o iate real, está zarpando de Portsmouth Hard.

Os canhões da bateria de saudação em Haslar Point continuaram a disparar a intervalos de um minuto em meio à tempestade de aplausos à medida que o iate da rainha, desfraldando o Estandarte Real escarlate e dourado, avançava por entre a multidão de pequenas embarcações que abriam caminho para seu majestoso avanço.

Por cima do cordame do *Victory*, à medida que o iate real se aproximava, corriam marinheiros descalços com o uniforme do tempo de Nelson, os dois mais altos correndo para as duas pontas da verga do mastro principal, para se postar rigidamente, lá em cima, enquanto toda a turma formava um gigantesco V — tanto de *Victory* quanto do nome da viúva real cuja pequenina figura, de xale preto e toucado com contas de azeviche, permanecia em régia solidão, afastada de seus auxiliares, no convés de seu iate que passava lentamente.

Enquanto a rainha passava e, em meio à contínua detonação dos canhões que atiravam de minuto em minuto, o iate real começava a recuar em direção à boca do porto, ouvi um grito desvairado e olhei bem a tempo de ver o homem que estava de pé na ponta de bombordo da verga do mastro principal do *Victory*

oscilar em seu vertiginoso poleiro… e cair, girando descontroladamente no ar, para bater na água, que esguichou brilhando.

Eu mal ouvi os aplausos que continuavam, mais ao longe, e as detonações compassadas dos canhões da bateria de saudação, quando o sino do telégrafo do passadiço de nosso rebocador *Jezebel* soou e o barco trepidou, voltando à vida.

Com uma dezena de outras embarcações variadas e baleeiros da Marinha, avançou para o socorro.

Um dos baleeiros da Marinha chegou mais depressa que nós. À medida que as hélices de nosso rebocador viravam ao contrário, diminuindo nossa velocidade a seu lado, vi marinheiros no baleeiro suspendendo o homem encharcado, inconsciente ou morto, por sobre sua amurada. Eles o deitaram sobre as tábuas do assoalho e, a uma ordem berrada por seu timoneiro guarda-marinha, curvaram-se sobre seus remos, avançaram sob as correntes do grande gurupés do *Victory* e, deixando uma dezena de coletes salva-vidas e uma confusão de outras embarcações que haviam saído para o resgate balançando na água, desapareceram da minha vista.

Não houve perda de tempo. Antes mesmo que o último disparo dos canhões de saudação marcasse a passagem do iate da rainha pela boca do porto, o incidente já estava encerrado.

Entretanto, se os rumores estivessem corretos, outra coisa havia acontecido a bordo do *H.S.M. Victory*. Não faço ideia de que fonte o boato surgiu, mas, quando desembarcamos do rebocador *Jezebel* em Portsmouth Hard, a multidão estava alvoroçada com a história de que o fuzileiro naval que vigiava sozinho o salão dos oficiais, onde o uniforme de Nelson estava em exposição, tinha sido encontrado dopado com clorofórmio pouco depois da passagem da rainha, e que,

com exceção do chapéu, o uniforme de Horatio Nelson manchado em Trafalgar com seu sangue tinha desaparecido.

— Impossível! — disse Braithwaite, enquanto ele, Raffles e eu abríamos caminho às cotoveladas através da multidão que cercava alguns carros de aluguel à espera. — O uniforme de Nelson roubado? Isso simplesmente *não pode* ser verdade!

Um sopro da fumaça do cachimbo do dr. Conan Doyle, que, com o sr. Watson, estava logo à nossa frente, dirigindo-se para os carros de aluguel, flutuou até mim.

— Isso pode ser *verdade*? — ouvi o sr. Watson perguntar.

— A menção do chapéu, Watson, tem algo de circunstancial. Sim, temo que esse rumor possa, *sim*, ter alguma base factual.

— Nesse caso, doutor, ocorre-lhe algum ponto a que nosso amigo Holmes estaria propenso a dedicar particular atenção?

— O chapéu, Watson… o enigma do chapéu do almirante.

— Mas as pessoas estão dizendo que o chapéu *não* foi levado!

— Esse é o enigma, Watson.

Pessoas se acotovelaram entre nós nesse momento e perdi os dois homens de vista.

Raffles e eu jantamos no Quartel Naval Real. O resto do time dos Cavalheiros da Inglaterra tinha chegado ao longo do dia e todos nós éramos convidados do time da Marinha numa vasta sala com paredes das quais nos fitavam retratos com molduras douradas de antigos almirantes, do sr. Samuel Pepys, outrora secretário

da Marinha, e do próprio Horatio Nelson, usando o que provavelmente era o próprio uniforme que agora havia sido roubado de seu velho navio capitânia.

No jantar, não se falou em outra coisa senão no crime cometido no *Victory*, que era realmente um fato. O marinheiro que caíra do lais de verga era um recruta chamado John S. Hayter. Dizia-se que sua queda se devera a insolação; ele estava agora no Haslar Naval Hospital com um ombro deslocado.

Aparentemente, o vigia dos fuzileiros navais tinha sido atacado por trás e só era capaz de dizer que seu agressor era um homem de grande força.

— E quanto aos distintos convidados, Braithwaite? — perguntou Raffles.

— Eles tiveram de ser considerados acima de qualquer suspeita, é claro.

Todos eles se dispersaram agora.

— Os milionários voltaram a seus iates a vapor em Cowes, não é? — disse Raffles. — Hum. Por acaso a Marinha chamou a Polícia do condado?

— É claro. Estão chegando reforços policiais em abundância de todos os lados.

— Inclusive da ilha de Wight?

— Naturalmente, com exceção dos guardas da rainha, que a protegem em Osborne House, haverá poucos policiais sobrando lá na ilha.

— Comissário — disse Raffles —, vou querer mais um gole desse vinho.

Enquanto deixávamos o quartel, Braithwaite entregou a Raffles um exemplar obviamente muito lido do *Beeton's Christmas Annual*.

— O que eu lhe disse que lhe emprestaria — disse Braithwaite. — É um

volume policial publicado muito recentemente. O dr. Conan Doyle escreveu a história principal. Chama-se *Um estudo em vermelho*. Acho que ele não tem muitos pacientes.

— Ou não teria tempo para escrever histórias policiais — disse Raffles, pondo

a revista sob sua capa forrada de vermelho. — Vou passar os olhos hoje à noite e

vejo-o amanhã de manhã, às dez e meia no campo de críquete.

Por curiosidade, peguei *Um estudo em vermelho* emprestado de Raffles na manhã seguinte. Ele me contou que dera uma olhada antes de dormir. Quando chegamos ao campo de críquete, encontrei para mim uma cadeira ao sol na varanda e fiquei lendo a história enquanto o jogo prosseguia.

O sr. Sherlock Holmes que eu ouvira ser mencionado vinha a ser o

personagem principal do livro. Investigador particular de crimes, que afirmava ter métodos próprios, ele prendeu meu interesse. Mesmo na vez de Raffles rebater, eu lia, cada vez mais absorto, até que um rumor coletivo dos

espectadores, em sua maioria de uniforme naval branco, me fez levantar os olhos.

Lá fora junto à meta, na verde extensão de gramado impecável, Raffles tinha

jogado longe seu taco e estava arrancando a luva de bater da mão direita.

Pingava sangue de seus dedos.

— Má sorte, Raffles — ouvi Braithwaite gritar, enquanto Raffles enrolava seu

lenço em volta da mão. — Isso vai deixá-lo fora da partida?

— Receio que sim, Braithwaite — disse Raffles. Ele foi até o pavilhão. —

Uma bola arremessada com força, Bunny, cortou meu dedo indicador. Pelo jeito,

vou precisar de um ou dois pontos. Vou me trocar e virei ao seu encontro.

Tive uma incômoda desconfiança sobre o acidente. Quando ele se juntou a

mim, acusei-o de planejar o dano.

— Não inteiramente, Bunny — disse ele, enquanto deixávamos o campo. — Eu queria sair da partida, mas a bola estava muito rápida e calculei mal o tempo, foi pior do que tinha planejado. Mas não faz mal, estou fora do jogo. É só um amistoso, e você e eu temos uns peixes para fisgar na regata de Cowes, peixes grandes!

Ele fez sinal para um fiacre que passava e, quando o cavalo parou com um tinido, perguntou ao cocheiro:

— Sabe o endereço de um certo dr. Doyle?

— Sim, senhor. Bush Villas, número um, Elm Grove, Southsea.

— Não, Raffles — eu disse. — Não *esse* médico!

— Por que não? — perguntou Raffles, surpreso.

— Não posso dizer exatamente. Essa história dele… Eu apenas sinto, de algum modo…

— Tolice! Não há nada de errado com a história. É só um pequeno conto interessante. Além disso, Braithwaite disse que esse dr. Doyle não tem muitos pacientes. Provavelmente ficará contente por receber um pagamento. Vamos, suba, Bunny!

Bush Villas, na residencial e arborizada Elm Grove, vinha a ser um conjunto de quatro casas geminadas, altas e dignas, com cortinas de rendas nas janelas e degraus da frente de tijolos crus. Raffles deu um puxão na corda da campainha na casa número um com sua mão boa. A placa de latão polido na porta tinha aspecto de nova, como se o médico estivesse em atividade havia pouco tempo; e,

de fato, quando ele mesmo abriu a porta, embora alto e digno, com um basto bigode castanho, pareceu não ter mais de trinta anos, sendo uns cinco anos mais velho que Raffles.

De constituição robusta, sobrecasaca e uma corrente de relógio de prata cruzando seu colete, o médico pareceu nos avaliar de uma só vez com seus olhos azuis argutos, diretos.

— Ah — disse ele —, um dos jogadores de críquete do time dos Cavalheiros levou uma pancada na mão, hein? Entrem.

— Esse foi um diagnóstico rápido — disse Raffles ao entrarmos.

— Marinha versus Cavalheiros é a partida da semana — disse o dr. Doyle, conduzindo-nos para um pequeno consultório. — O senhor não está de uniforme, logo não é da Marinha, e está usando uma gravata do Zingari Club, portanto é um jogador de críquete…

— Logo — disse Raffles com uma risada —, sou um dos Cavalheiros.

Entendo. Doutor, meu nome é Raffles. Este é meu amigo Manders.

— Bem, vamos dar uma olhada nessa mão, sr. Raffles.

— Um estudo em vermelho — disse Raffles, desenrolando o lenço ensanguentado.

— Por essa observação — disse o dr. Doyle —, deduzo que é uma das dezenas de pessoas que leram meu pequeno romance policial. Humm! Quem fez isto com seu dedo? O lançador rápido da Marinha? Aquele sujeito sempre deixa um rastro de feridos ambulantes. A propósito — ele se pôs a trabalhar no dedo

de Raffles —, não vi os senhores no rebocador *Jezebel* ontem?

— Estávamos lá — disse Raffles. — O que o sr. Sherlock Holmes diria sobre esse roubo do *H.M.S. Victory*?

— Ele ficaria interessado, imagino, nos canhões que disparavam a cada minuto.

— Nos canhões?

— Tudo indica que o crime foi um trabalho cuidadosamente planejado e coordenado de vários homens. Eles podem ter se organizado para cronometrar suas respectivas ações de acordo com os disparos de canhão da saudação real.

— Que uso original da saudação real! — exclamou Raffles.

— O crime tem várias características que despertariam o interesse de Holmes.

— O médico enfaixou o dedo de Raffles, depois deslizou uma dedeira preta de pelica sobre ele. — Pronto, sr. Raffles.

— Muito obrigado, dr. Doyle. Quanto lhe devo?

— O senhor não poderá jogar — disse o médico —, mas creio que estará no campo de críquete, não? Muito bem. Falaremos sobre honorários quando eu retirar os pontos desse dedo. Passe aqui no fim da semana.

A porta da casa número um de Bush Villas, com o nome *Dr. A. Conan Doyle* na placa polida de latão, se fechou atrás de nós.

O final daquela tarde nos encontrou não no campo de críquete, mas na ilha próxima de Wight, observando os iates a vapor dos milionários ancorados ao largo de Cowes — entre eles o do comodoro Vanderbilt; o do duque de

Westminster, com o sr. Leonard Jerome e lorde e lady Randolph Churchill em seu grupo; o veleiro *Achilleion*, propriedade do magnata grego da marinha mercante, sr. Aristotle Andiakis; e o luxuoso iate que desfraldava a vívida bandeira listrada do rico regatista oceânico e ictiologista, o príncipe Alberto de Mônaco.

— Ótimo, Bunny — disse Raffles, enquanto o trem a vapor nos levava de volta estrepitosamente através dos prados de botão-de-ouro até Ryde, para embarcarmos na barca a vapor com rodas de pás que nos levaria ao Clarence Pier, Southsea. — Amanhã, como capitão do time dos Cavalheiros, preciso aparecer na partida de críquete por algumas horas. Enquanto eu estiver lá, você pode pegar algumas coisas de que vamos precisar e à noite voltaremos, adequadamente vestidos, para Cowes. Faremos nossa jogada quando a oportunidade se oferecer. Há uma pequena fortuna em diamantes na cabine das damas de qualquer um daqueles iates.

Na manhã seguinte, enquanto Raffles estava no campo de críquete, vasculhei Old Portsmouth à procura de um bazar de roupas de segunda mão para marinheiros e encontrei um em Landport Terrace, onde Charles Dickens morou na infância quando seu pai, imagem e semelhança do sr. Micawber, era um funcionário civil empregado pela Marinha. Comprei um par de camisas de malha azuis e bonés surrados com viseira do tipo usado por estivadores.

Quando estava prestes a deixar a loja, avistei o dr. Doyle e o sr. Watson. Eles estavam do outro lado da rua, olhando a vitrine de um pequeno restaurante de aparência estrangeira — The Corfu Restaurant, segundo o letreiro — onde lagostas agitavam lânguidas antenas entre barriletes de ostras e folhas de parreira

em conserva sobre um leito de algas marinhas. Os dois homens entraram.

— O senhor pode conseguir bons mariscos do outro lado da rua — disse o homem do bazar, vendo a direção de meu olhar. — Pertence à sra. Miranda Hayter, viúva de um artilheiro da Marinha Real.

— Está muito cedo para almoçar — eu disse, o que de fato era tão verdadeiro

que, ao sair furtivamente com meu pacote, me perguntei o que o dr. Doyle e o sr.

Watson estavam fazendo no restaurante em frente.

De repente lembrei-me de uma coisa. Chamei um carro de aluguel, fui à

estalagem The Lord Nelson, tranquei o pacote na mala em meu quarto e em seguida me dirigi ao campo de críquete. Encontrei Raffles assistindo à partida de

uma espreguiçadeira no terraço do pavilhão. Disse-lhe que acabara de ver o dr.

Doyle e o sr. Watson.

— O nome da dona do restaurante onde entraram é Hayter — falei. —

Raffles, o nome do marinheiro que caiu do lais de verga do *Victory* é marujo John S. Hayter!

— Esplêndido, Bunny! — disse Raffles. — O dr. Doyle obviamente topou com algo relacionado ao crime do *Victory* e o está investigando. O jogo começou para ele. E, com a maior parte da Polícia de Hampshire inteiramente preocupada

com o mesmo crime, nada poderia ser mais conveniente para nós! Como

oportunistas, você e eu nunca tivemos uma chance como esta. Hoje à noite, na

ilha de Wight, vai ser moleza. Você verá… alguma coisa vai surgir para nós.

— Isso — eu disse, pensando com apreensão na casa de Dickens em Landport

Terrace — é o que o sr. Micawber costumava dizer.

Eu ainda estava apreensivo quando, vestindo camisas de malha como

estivadores, descemos do trenzinho a vapor da ilha na Cowes Station naquela noite. A cidadezinha, cheia de estaleiros de construção de iates, galerias de velas, galpões de fabricação de cordas e lojas de suprimentos para embarcações, estava

en fête para a regata.

Demos uma volta pelo porto. Os lindos iates de corrida, uma floresta de mastros nus, estavam atracados contra o muro do porto. Os iates a vapor dos milionários, ancorados ao largo, estavam iluminados, brilhando. Em vestidos de

noite, mulheres cheias de joias e homens elegantes jantavam sob os toldos dos conveses. A música dos trios e quintetos particulares dos milionários flutuava até

nós. Muito mais longe, no canal, piscavam as luzes de navios de guerra, couraçados britânicos e estrangeiros ancorados.

Bandos de marinheiros, muitos deles de folga dos navios de guerra

estrangeiros, entravam e saíam ruidosamente das tabernas à beira-mar.

— Não estamos com sorte, Raffles — eu disse. — Há gente demais nos iates a

vapor daqueles milionários.

Ele pôs uma das mãos no meu braço.

— Bunny, há um bote do *Achilleion* chegando ao píer e há uma carruagem parando no cais ali, com um grupo de marinheiros reunido em torno dela. Vamos

ver o que está acontecendo.

Caminhamos pelo cais calçado com pedras, nos juntamos ao bando em volta

da carruagem e vimos imediatamente por que ela tinha atraído tanto interesse. O

cocheiro de cartola e o cavalariço na boleia usavam a libré real; na porta da carruagem estavam as iniciais V.R. encimadas por uma coroa.

— A rainha mandando uma carruagem para levar alguém a Osborne House?

— murmurou Raffles. — Bunny, é extremamente inusitado que Sua Majestade

receba um visitante em sua residência de verão.

O bote do veleiro *Achilleion* se aproximou dos degraus cheios de algas, lambidos pela água do muro do porto. Os remos foram fixados e o barco foi mantido firme para que um homem alto de aparência notável desembarcasse. De

rosto escuro como couro, aquilino, com uma barba quadrada cor de ferro, e um monóculo, ele usava traje de noite completo, a fita de alguma Ordem de

Cavalaria estrangeira enviesada sobre o peito da camisa; em sua capa forrada de

vermelho brilhava uma estrela cravejada de joias.

Era o milionário grego da marinha mercante, sr. Aristotle Andiakis.

Com o porte de um rei, ele subiu os degraus e, com o cavalariço segurando a

porta aberta para ele, subiu na carruagem. O cavalariço subiu de novo na boleia,

para se sentar rigidamente de braços cruzados, enquanto o cocheiro tocava os dois magníficos cavalos pretos com seu chicote e a carruagem real partia com estrépito pelo cais.

A tripulação do barco do *Achilleion* amarrou sua embarcação e, como os marinheiros que tinham se juntado ali em volta, se dirigiu para a taberna mais próxima.

— Bunny — disse Raffles —, eu lhe disse que algo iria surgir. Olhe o

Achilleion. Poucas luzes a bordo. O sr. Andiakis evidentemente não está recebendo convidados. O dono e metade da tripulação estão em terra. No iate haverá apenas um pequeno grupo em vigilância no convés. Agora é a nossa chance! Vamos pegar um bote emprestado. Há dezenas deles atracados em torno

do muro do porto.

Confiscamos um bote numa parte pouco iluminada do porto. Peguei os remos

e, com Raffles me instruindo de modo a evitar o reflexo das luzes que vinham dos iates a vapor dos outros milionários, parti em direção ao veleiro *Achilleion*.

Quando nos aproximamos do iate grego, ouvi risos — e um súbito e nítido estouro.

— Rolha de champanhe — Raffles sussurrou para mim. — Há uns dois homens no passadiço do iate. Estão animados com alguma coisa, parecem estar fazendo brindes. Puxe seu remo direito um pouco. Agora, os dois juntos, suavemente, para nos pôr debaixo do painel de popa.

Quando a saliência do painel de popa assomou sombria sobre nós, Raffles saiu. Balançando o bote ao saltar, agarrou a borda do embornal e se içou silenciosamente para dentro da embarcação. Deixando meus remos pender nos escálamos, encostei o bote contra a popa do iate. E na profunda sombra projetada pelo painel de popa do veleiro *Achilleion*, as batidas abafadas de meu coração marcaram minha vigília.

Ela pareceu interminável. Fitas de luz refletida tremiam na água do porto. Música, risos, vozes chegavam debilmente até mim dos outros iates a vapor dos milionários. O suor fazia meus olhos arderem, salgava meus lábios. Minha garganta ficou seca. O que, em nome de Deus, Raffles estava fazendo? Apurei meus ouvidos. Nenhum som no *Achilleion.* Amaldiçoei Raffles. Ele estava demorando demais. Amaldiçoei-o de novo. Desejei nunca tê-lo conhecido. Mandei-o para o quinto dos infernos.

E, de repente, lá estava ele — não no inferno, mas uma figura de camisa de malha escura com um boné de viseira, balançando pendurado pelas mãos diante de meus olhos. Levei o bote para debaixo dele. Caiu quase sem qualquer ruído.

— Vamos logo, Bunny! — sussurrou ele. — Quanto mais depressa sairmos

desta ilha, melhor!

Não fiz perguntas. Tudo parecia tranquilo no veleiro *Achilleion*, mas, pelo tom de Raffles, eu sabia que algo dera errado.

Amarramos o bote onde o tínhamos encontrado. A distância, um trem apitou,

intrometido.

— O trem a vapor de Ryde — disse Raffles. — Vai partir dentro de alguns minutos. E estaremos nele!

Estávamos na plataforma de madeira da estação quando o pequenino trem se

aproximou, fumegando e retinindo. Arrisquei-me a perguntar:

— O que aconteceu?

— A maioria das cabines parecia desocupada, Bunny. Mas encontrei o

camarote do dia do sr. Andiakis… mobiliado como um gabinete, luxuoso. Havia

um pequeno cofre ali… fechadura de combinação… muito simples. Eu o abri…

— Ele se calou abruptamente, agarrou meu braço e me empurrou para dentro da

minúscula sala de espera. — Olhe ali!

O trem havia parado. Saindo dele estavam o dr. Doyle, cachimbo na boca, e o

sr. Watson. Eles se dirigiam para fora da estação a passos largos, com uma expressão decidida, determinada.

— Que diabos *esses dois* estão fazendo em Cowes? — sussurrei.

— Só pode ser uma coisa, Bunny: o conteúdo do cofre do sr. Aristotle

Andiakis. Aquele médico de Southsea encontrou alguma pista.

— Alguma pista do quê?

— Do uniforme ensanguentado de Horatio Nelson, Bunny, no cofre do veleiro *Achilleion*.

Eu estava atordoado quando embarcamos no trem. Tínhamos uma cabine só para nós. Raffles acendeu um Sullivan enquanto o trem avançava com estrépito para Ryde e as barcas a vapor. Eu nunca o vira tão tenso.

— O que você fez? — perguntei.

— Fechei o cofre — disse Raffles —, refiz a combinação, limpei tudo em que havia tocado e saí daquele iate. Não sei o que está acontecendo, Bunny, mas você e eu não queremos ter nada a ver com o crime do *Victory*. Como capitão do time visitante de críquete, devo estar no campo quando a partida terminar, depois vamos embora de Portsmouth, acompanhar os desdobramentos do crime do *Victory* pelos jornais.

Na manhã seguinte, não havia uma palavra nos jornais sobre o crime do *Victory*. O súbito e completo silêncio sobre o assunto era sinistro, não parecia natural.

A partida de críquete terminou logo depois das cinco horas naquela tarde, a Marinha ganhando por seis metas. Raffles desculpou-se por não comparecermos à usual farra posterior à partida. Fomos direto para a estalagem The Lord Nelson e fizemos nossas malas.

Levei a minha para o quarto de Raffles, que juntei à dele e à bolsa de críquete sobre a cama de quatro colunas onde muitos antigos comandantes tinham dormido. De terno cinza impecável, uma pérola na gravata, Raffles estava parado na sacada da janela com seus batentes de vidro escancarados. Fumava um

cigarro e contemplava o porto de Portsmouth lá fora.

— Olhe o velho *Victory*, Bunny — disse quando me juntei a ele à janela —,

tranquilamente ancorado lá fora… guardando seu segredo.

Cascos de cavalo estalaram em pedras, arreios retiniram, rodas rangeram. Um

fiacre parou embaixo. Dois homens de sobrecasaca e cartola desceram — o dr.

Conan Doyle e o sr. Watson. Eles entraram na estalagem. Raffles e eu nos entreolhamos.

— Não pode ser nada relacionado a nós — disse Raffles.

Mas esperamos tensos. Uma batida firme soou na porta. Tive a sensação de que havia algo errado. Raffles exclamou:

— Entrem.

E a porta se abriu. Com a cartola — que ele não tirou — quase tocando as vigas do teto baixo, o médico de Elm Grove entrou, seguido pelo sr. Watson.

— Estão de partida? — perguntou o dr. Doyle, notando imediatamente nossa

bagagem sobre a cama. — Sr. Raffles, há uma conta a ser paga.

— Doutor — disse Raffles, e senti e compartilhei seu alívio quando ele olhou

para sua mão com a dedeira. — Eu tinha me esquecido inteiramente disso.

Quanto lhe devo?

— Isso depende. Watson, verifique se a porta está bem fechada. — O médico

corpulento, seus olhos azuis, diretos, fixos em Raffles, tirou o cachimbo e a bolsa de fumo do bolso. — Sr. Raffles, vamos discutir o crime do *Victory*.

Primeiro, o enigma do chapéu do almirante. Por que ele não foi levado? A reflexão me sugeriu que o grande e rígido chapéu não era passível, como as

roupas ensanguentadas, de ser firmemente enrolado para ser escondido em algum receptáculo, um receptáculo que teria que ser subtraído muito depressa do

Victory, já que uma busca minuciosa do navio estaria em curso antes que os distintos convidados o deixassem. Forçosamente, esses convidados tinham que ser considerados acima de suspeita. Eles não foram interrogados nem revistados.

No entanto, mesmo que um deles fosse culpado, em que receptáculo o uniforme

poderia ter sido escondido?

— Na bolsa de uma das distintas damas? — sugeriu Raffles.

— Não seria grande o suficiente. No entanto, sr. Raffles, recorde a cena do salvamento do marinheiro caído. Quando nós o vimos ser puxado para o

baleeiro, vários objetos balançavam na água por ali, objetos jogados do *Victory* e de várias embarcações de turistas, inclusive do rebocador *Jezebel*. Refiro-me aos coletes salva-vidas.

O médico acendeu seu cachimbo, exalando fumaça sob seu basto bigode, seus

olhos firmes sempre em Raffles.

— Cheguei à conclusão de que o uniforme ensanguentado de Nelson deixou

seu velho navio capitânia dentro de um de seus próprios salva-vidas, que fora preparado de antemão extraindo-se parte da cortiça, tornando assim o colete oco,

depois tapando-se o orifício com parte da cortiça retirada e costurando

grosseiramente a cobertura de lona de volta. O salva-vidas preparado foi então escondido no salão dos oficiais no *Victory*. A única coisa que o homem que dopou o fuzileiro naval que estava de vigia teve que fazer foi cortar os pontos da

lona, puxar a tampa de cortiça, enfiar o uniforme firmemente enrolado no orifício e recolocar a tampa de cortiça. Nesse meio-tempo, todos os olhos a bordo do *Victory*, exceto os seus próprios, estariam observando a rainha passar.

Mas, para que o salva-vidas fosse jogado pela borda do navio pelo homem,

quase certamente algum membro da tripulação do *Victory*, era preciso que alguém caísse na água.

— Marujo John S. Hayter — disse o companheiro do dr. Doyle.

— Exatamente, Watson. O intrépido homem que ficou na gávea do traquete e seu cúmplice da tripulação coordenaram suas respectivas ações com os canhões da saudação real, que disparavam de minuto em minuto, enquanto outros cúmplices, numa das pequenas embarcações de turistas, aguardavam que seu companheiro conspirador, aquele que aplicara o clorofórmio, jogasse o salva-vidas pertinente na água, de modo que eles pudessem resgatá-lo e fugir com ele na confusão do salvamento.

— Muito simples, realmente — disse o companheiro do dr. Doyle.

— Quando analisado e explicado, Watson.

— Com minha observação inadvertida, eu não tinha a intenção de…

— De modo nenhum, Watson. — Mas os olhos argutos do médico de Elm Grove permaneceram fixos em Raffles. — A investigação no Departamento de Registros da Marinha forneceu-me o endereço residencial do marinheiro Hayter, um homem nascido em Portsmouth, como muitos marinheiros. O sr. Watson e eu visitamos o endereço, um pequeno restaurante pertencente à mãe dele, uma mulher da ilha grega de Corfu. De 1815 a 1863, Corfu ficou sob jurisdição britânica, e a mãe de Hayter, uma moça de lá, se casou com um marinheiro britânico, seu falecido pai. Nascido em Portsmouth, o marujo Hayter foi criado com lealdades divididas entre a Grã-Bretanha, a terra de seu pai, e a Grécia, a terra de sua mãe. Mas são gente simples.

O médico soprou baforadas de seu cachimbo, pensativo.

— O marinheiro Hayter ainda está no Hospital Naval de Haslar com um ombro deslocado. Poderia um homem que fica na gávea do traquete, certamente um tipo rude, ter concebido e coordenado o crime do *Victory*? Improvável. Poderia seu cúmplice na tripulação, sem dúvida um homem do mesmo tipo e, como o evidencia o marinheiro dopado com clorofórmio, notavelmente forte, ter concebido o crime? Improvável. Não, sr. Raffles, esses homens foram *pagos* por alguém. De quem era a *mente* por trás do crime do *Victory*?

Tanto Raffles quanto eu sabíamos. Mas nenhum de nós se moveu nem disse nada.

— Nosso jornal local, o *Portsmouth and Southsea Chronicle* — disse o dr. Doyle —, publicou uma lista das distintas pessoas convidadas para estarem presentes a bordo do *Victory* no Dia da Marinha. O jornal também publicou uma segunda lista, dos convidados que realmente estiveram a bordo do *Victory* naquele dia. Comparando as listas, notei que, dos donos de iate em visita a Cowes que tinham sido convidados para o *Victory*, somente um não se beneficiara do convite.

— O sr. Aristotle Andiakis — disse o sr. Watson —, do veleiro *Achilleion*.

— Precisamente, Watson. O sr. Andiakis. Uma mente poderosa, uma mente grega. Além disso, um homem com marinheiros à sua disposição, a tripulação do *Achilleion*, para se passarem por turistas e, em algum barco alugado, manobrar para uma posição conveniente para recolher o salva-vidas jogado do *Victory* para eles.

O dr. Doyle calcou o fumo em seu cachimbo.

— Por que o sr. Andiakis não estava a bordo do *Victory*? Teria sido por temer qualquer envolvimento pessoal no crime que ele possivelmente tinha planejado?

Eu me perguntei. Notei a ausência de violência no crime. O ombro deslocado do

marujo Hayter era imprevisível. O fuzileiro naval que estava de vigia não foi brutalmente derrubado com um golpe, como teria sido mais rápido e mais fácil.

Foi inofensivamente dopado com clorofórmio. Seria então o sr. Andiakis, se era de fato a sua mente por trás do crime, um homem de alguma delicadeza de escrúpulos, delicadeza suficiente, talvez, para se recusar a ser um convidado a bordo de um navio que planejava roubar? Na sua opinião, sr. Raffles, tal delicadeza seria compreensível?

Não gostei da pergunta. Podia sentir problemas se aproximando. Mas Raffles

respondeu com calma:

— Sim, dr. Doyle, seria.

— Mas se o sr. Aristotle Andiakis — disse o médico de Elm Grove — fosse

um homem escrupuloso, que motivo poderia ter para cometer um ato tão drástico

quanto a aquisição ilícita de um tesouro nacional da nação britânica?

— Não posso imaginar — disse Raffles. — A menos… — E se calou.

— Algo lhe ocorre? — perguntou o dr. Doyle.

— Os Mármores Trácios — disse Raffles.

— Ah! — disse o dr. Doyle. — O senhor lê o *Times* de Londres. Eu também.

E quando me lembrei da prolongada discussão em suas colunas de

correspondência sobre o direito moral do Museu Britânico sobre esses antigos baixos-relevos que comemoram uma batalha tão importante na história da Grécia

quanto é a batalha de Trafalgar na história britânica, senti que estava no caminho

certo.

— Então o dr. Doyle — disse o sr. Watson — me convidou imediatamente

para acompanhá-lo à ilha de Wight.

— A Cowes, Watson, para ser mais preciso. Milionários! Há milionários por toda a parte lá. Mas há algumas coisas — disse o dr. Conan Doyle — que o dinheiro não compra. Encontramos o sr. Andiakis ausente de seu iate, pois estava gozando do privilégio extremamente incomum de ser recebido em audiência por nossa rainha em sua residência de verão, Osborne House. O sr. Watson e eu fomos convidados a embarcar no iate para esperar seu retorno. À sua chegada, acusei-o imediatamente de estar de posse do uniforme em que Horatio Nelson morreu em Trafalgar.

No quarto, na antiga estalagem à beira-mar, por um momento não houve nenhum som.

— Compreendendo — continuou o dr. Conan Doyle em seguida — que eu o descobrira, o sr. Andiakis imediatamente, sob sigilo, confidenciou-me o resultado da audiência com Sua Majestade. Sr. Raffles, o uniforme de Nelson deverá, a seu devido tempo, ser devolvido ao Museu da Marinha Real em Greenwich. Em troca, a seu devido tempo, os Mármores Trácios serão devolvidos à Grécia, a antiga terra de sua origem. Por ordem de sua Sua Majestade, nenhuma explicação jamais será oferecida. Mas, quanto a isso… bem, existe um perigo.

Meu coração bateu devagar, opressivo. Eu não conseguia respirar.

— Sr. Raffles — disse o médico de Southsea —, a posse do uniforme de Nelson pelo sr. Andiakis tornou-se conhecida, ontem à noite, por um intruso. O cofre do veleiro *Achilleion* foi aberto.

Olhei para o chão. Raffles estava imóvel como uma estátua.

— Perguntei ao sr. Andiakis — prosseguiu o dr. Doyle — se o sr. Watson e eu

podíamos ver o uniforme. Como me contou, o senhor leu minha história, *Um estudo em vermelho*. O sangue de Nelson não é mais vermelho. O tempo enegreceu aquelas honradas nódoas. Mas notei uma débil mancha vermelha no fraque com dragonas de Nelson. Sangue, sr. Raffles. O sr. Andiakis me assegurou que, quando ajustara a combinação do cofre pouco antes de partir para sua audiência com a rainha, essa mancha de sangue fresco não estava no fraque.

— Em seguida — disse o companheiro do grande médico —, o dr. Doyle fez um atento exame do exterior do cofre…

— E encontrei no tapete debaixo dele algo que me levou à conclusão de que o intruso estivera usando uma dedeira. — Friamente azuis como um iceberg ártico, os olhos do dr. Doyle estavam fixos em Raffles. — Para ter maior sensibilidade tátil na manipulação daquela fechadura de combinação relativamente simples, o invasor tirou sua dedeira. Para ter ainda mais sensibilidade, também removeu de seu dedo, provavelmente com os dentes, dois pontos cirúrgicos e cuspiu-os no chão. Eu os tenho, junto com minha conta, sr. Raffles, neste envelope.

Então havia acontecido. Raffles tinha sido desmascarado. Estávamos liquidados. Não consegui engolir, com um bolo preso na garganta.

— O marinheiro Hayter — disse Doyle — e o contramestre que foi seu cúmplice na tripulação do *Victory* não serão acusados perante um Tribunal do Almirantado. Eles não estão mais na Marinha Naval. Foram contratados pelo sr. Andiakis e serão empregados em sua frota mercante. Além disso, como uma condenação de silêncio foi imposta sobre todas as facetas do crime do *Victory*, o intruso de ontem à noite no veleiro *Achilleion* não pode ser acusado no Tribunal do Condado de Winchester. Não sei por que o senhor deixou o uniforme de Nelson onde o encontrou, sr. Raffles. Talvez o diabo zele pelos seus. O senhor

continua livre para pegar o seu trem. Mas eu, pessoalmente, tenho uma conta a apresentar. Vou mantê-la pendente. Se algum dia chegar aos meus ouvidos qualquer menção atribuível ao senhor ou ao seu amigo Manders sobre o que sabe acerca do sr. Andiakis, hei de procurá-lo, sr. A.J. Raffles, e infalivelmente lhe apresentar minha conta… a um preço muito maior do que o senhor estará disposto a pagar.

O médico de Bush Villas, Elm Grove, bateu seu cachimbo num cinzeiro sobre a penteadeira.

— A cada um — disse sua forte voz — o que lhe é devido. A cada nação, o mistério de sua própria alma, que nasceu de seu passado. Nossa rainha está envelhecendo. Seu coração conheceu a dor, mas naquele coração está o orgulho de reis. E o homem que se apresentou diante dela em Osborne House ontem à noite é um rei entre os homens: um aristocrata que venceu por seu próprio esforço, um Odisseu de seu próprio século. Ele estava confiante na dama com quem falou e soube como lhe apresentar seus argumentos. Ele citou quatro versos de um dos poetas favoritos dela, lorde Macaulay:

Pois como pode o homem

morrer melhor

Que enfrentando terríveis

percalços

Pelas cinzas de seus pais

E os templos de seus

deuses?

“E aquele excelente cavalheiro grego, sr. Aristotle Andiakis, contou-me que a

pequena, idosa e indômita rainha olhou longamente para ele. Depois se voltou para seu secretário particular e disse: “Neste assunto dos Mármores Trácios, transmita isto ao número 10 de Downing Street, Nossa Ordem Real: *Que a justiça seja feita*.

Encarando cegamente o chão, ouvi a porta se abrir.

— Venha, Watson.

O trinco da porta estalou, fechando-se.

Nem Raffles nem eu nos movemos.

Pelos caixilhos abertos da janela, a brisa do mar soprava fresca e salgada sobre nós. Debilmente sobre o porto de Portsmouth flutuavam as notas de clarim

do toque final do dia, “Recolher”. O disparo do canhão do pôr do sol estrondeou

sobre a água. Do topo do mastro do *H.M.S. Victory*, assim como em todos os navios da rainha ancorados, a bandeira de seu Reino desceu tremulando.

Ouvi Raffles suspirar profundamente.

— De agora em diante, Bunny — disse ele —, uma conta a pagar paira sobre

nós.

— Com o dr. A. Conan Doyle — murmurei.

— Ou com o outro nome que ele adota… nas páginas daquela história —

disse Raffles, num tom estranho.

Na cama de quatro colunas, com nossas malas e a bolsa de críquete de Raffles,

jazia o exemplar de *Um estudo em vermelho*.

Nota histórica

A narrativa precedente, agora finalmente disponível ao público, parece não apenas explicar o silêncio oficial que por tanto tempo envolveu as circunstâncias

do crime do *Victory*, como também corroborar uma arguta observação feita pelo sr. John Dickson Carr na página 194 de seu *Life of Sir Arthur Conan Doyle* (Harper & Row, 1949).

“Quando consideramos”, observa o sr. Carr, “o trabalho de investigação de Conan Doyle no caso de George Edalji, podemos fazer a nós mesmos uma

pergunta cuja resposta será evidente: quem *era* Sherlock Holmes?”

No livro de Carr aparece uma fotografia do dr. Conan Doyle feita

aproximadamente na época do crime do *Victory*, junto com uma fotografia da letra e assinatura do sr. James Watson, secretário da Sociedade Literária & Científica de Portsmouth & Southsea.

O *H.M.S. Victory*, hoje preservado em doca seca, ainda pode ser visitado no porto de Portsmouth, e o uniforme manchado com o sangue do almirante Horatio

Nelson pode ser visto atualmente no Museu da Marinha Real em Greenwich.

Em razão, presumivelmente, do sequestro oficial de documentos relacionados

ao crime do *Victory*, nenhuma menção a ele aparece no livro do sr. Carr, mas pode ser de interesse notar que os Mármores Trácios foram silenciosamente devolvidos à Grécia não muito depois dos acontecimentos descritos pelo sr.

Manders em seus escritos privados sobre a carreira de seu amigo, A.J. Raffles.

RAFFLES NA PISTA DO CÃO DE CAÇA

Barry Perowne

— Eu me pergunto: por acaso, o senhor seria uma dessas pessoas

perspicazes que podem ser descritas, talvez, como sherlockianas?

A pergunta foi lançada subitamente para A.J. Raffles pelo sr. Greenhough

Smith, eminente editor do mais importante periódico mensal da Inglaterra, *The Strand Magazine*.

Era uma manhã de duvidosa primavera e um sol intermitente entrava pelas janelas do escritório do sr. Smith em Southampton Street, bem próxima à agitada Strand de Londres.

O sr. Smith tinha convidado Raffles, o mais renomado jogador de críquete da Inglaterra, para escrever um artigo sobre o jogo. Dando uma passada pelo escritório do sr. Smith para discutir o assunto, Raffles me levara consigo.

Sabendo o que eu sabia sobre o lado menos suspeitado da vida de Raffles, o lado criminoso, fiquei incomodado quando o sr. Smith, tendo chegado a um acordo com Raffles para o artigo sobre críquete, fez sua inesperada pergunta.

— Ora, sim, sr. Smith — respondeu Raffles, à vontade numa poltrona, de terno impecável, uma pérola na gravata, o cabelo escuro ondulado, o rosto forte bronzeado. — Penso que Bunny Manders e eu podemos dizer que somos, digamos, sherlockianos amadores. Não é, Bunny?

— Certamente, Raffles — murmurei constrangido, tomando sua deixa e aceitando um Sullivan da cigarreira que me oferecia.

— Devem estar interessados, então — disse o sr. Greenhough Smith —, em observar este grande cesto repleto de cartas em minha escrivaninha. Elas são apenas uma pequena parte da correspondência que vem chegando em grande quantidade, enviada pelos leitores da última história do dr. Conan Doyle, *O cão dos Baskerville*. É a 26ª aventura de Sherlock Holmes publicada. Seu primeiro fascículo apareceu ano passado, no número de agosto de 1901 da *Strand Magazine*. O oitavo e último está no número atual, que praticamente já desapareceu das bancas. Talvez estejam lendo a história?

— Bunny Manders e eu a consideramos — disse Raffles — a mais fascinante

aventura de Holmes publicada até agora.

— Uma opinião, a julgar por estas cartas — disse o sr. Smith —, com que a maioria dos leitores concorda. Com uma curiosa exceção.

O tilintar de fiacres que passavam na Southampton Street era debilmente audível quando o sr. Smith, polindo seus óculos de homem culto, franziu a testa para uma carta aberta diante de si sobre seu mata-borrão.

— Sabe, sr. Raffles — ele continuou —, perguntaram recentemente ao dr. Doyle se ele baseou o personagem de Sherlock Holmes em alguém da vida real.

Ele respondeu que tinha em mente um professor de seus dias de graduação na Universidade de Edimburgo, um certo dr. Joseph Bell. Quando lhe contaram isso, o sr. Bell sorriu. Disse que a gentil recordação da parte do dr. Doyle de seu velho professor era exagerada e que o Sherlock Holmes da vida real é, de fato, o próprio Conan Doyle.

Minhas palmas ficaram úmidas de embaraço porque Raffles e eu sabíamos, por experiência própria, que o comentário do dr. Joseph Bell era demasiado verdadeiro. Na época em que o dr. Conan Doyle era um médico obscuro na cidade naval de Portsmouth e publicara, sem muito sucesso, *Um estudo em vermelho*, a primeira de suas histórias de Sherlock Holmes, Raffles e eu tivéramos um encontro com ele e quase fomos para a prisão como resultado.

Agora no escritório do sr. Greenhough Smith 25 histórias de Sherlock Holmes depois, com o grande detetive e seu criador conhecido no mundo todo, a conversa tomara um rumo que eu achava claramente inquietante.

Mas Raffles apenas bateu a cinza de seu cigarro com indiferença e disse:

— Para sherlockianos amadores, o comentário do dr. Joseph Bell dá o que

pensar, sr. Smith.

— Ultimamente — disse o sr. Smith —, a grande capacidade investigativa do próprio dr. Doyle esteve concentrada num desafio do tempo em que vivemos.

Como talvez saibam, com o sucesso das histórias de Holmes, ele abandonou a medicina pela literatura. No entanto, quando a recente e lamentável guerra com os bôeres eclodiu, ele abandonou a literatura pela medicina, para servir na África do Sul, no Langman Field Hospital. Aquela fotografia dele foi tirada nessa época.

Entre os desenhos e fotografias assinadas nas paredes do santuário do sr. Smith estava o original, eu via agora, de uma ilustração para *O cão dos Baskerville*, mostrando Sherlock Holmes com chapéu de caçador e capa Inverness, disparando seu revólver à aparição de um gigantesco cão de caça, que atacava com olhos cintilantes e mandíbulas gotejantes de baba, saindo do nevoeiro de uma noite de Dartmoor.

Ao lado dessa ilustração do Holmes ficcional pendia uma fotografia de seu criador, o Sherlock Holmes da vida real. Grande, corpulento, basto bigode, usando roupa militar cáqui e um capacete, fumando um cachimbo curvo bôer, ele era mostrado de pé, uma figura firme, inflexível, contra um pano de fundo de barracas da Cruz Vermelha na ressecada savana sul-africana.

— Talvez tenham conhecido o dr. Doyle lá? — perguntou o sr. Smith.

— Como subalternos do corpo de cavalaria na época, Manders e eu servimos num setor diferente — disse Raffles, naturalmente deixando de fazer qualquer menção a nosso encontro com o dr. Doyle em Portsmouth, ocorrido anos antes da Guerra dos Bôeres.

— Agora que a paz foi restaurada — disse o sr. Smith —, o dr. Doyle sentiu

que era seu dever investigar alegações estrangeiras, feitas não pelos próprios bôeres, de que os britânicos usaram balas dundum e cometeram outras

transgressões. Como um médico que viu muitos prisioneiros bôeres, feridos e doentes, passarem por suas mãos, ele não viu nenhum indício que apoiasse essas

alegações. Considera que elas emanam de fontes contaminadas, pessoalmente

interessadas em manter a discórdia entre as nações.

— Os traficantes de armas — disse Raffles.

— Exatamente! E como nosso governo — prosseguiu o sr. Smith —

aparentemente considera indigno de sua posição dar ouvidos a essas alegações, o

dr. Doyle empreendeu a tarefa de investigá-las ele próprio, com grande

dispêndio pessoal de tempo e dinheiro. Ele tem, hoje em dia, um público mundial. Ele sente que tem um dever para com esse público e a causa da paz, porque sabe que, quando fala, é com uma voz conhecida pelo mundo: a voz de

Sherlock Holmes.

— Exatamente — comentou Raffles.

— O dr. Doyle reuniu suas evidências documentadas em refutação — disse o

sr. Smith — num livro que ele intitulou *A guerra sul-africana: sua causa e conduta*, escrito sem remuneração e publicado muito abaixo do custo por um editor simpatizante. Com o objetivo de financiar a tradução do livro para muitas

línguas e sua impressão e distribuição gratuita no mundo todo, foi criado um fundo para receber contribuições…

— Um fundo? — perguntou Raffles, seus olhos acinzentados alertas.

— Um “Fundo do Livro da Guerra” — respondeu o sr. Smith —,

administrado pelo banco do próprio dr. Doyle e também, como os senhores

sherlockianos talvez se lembrem, de Holmes: o Capital and Counties, agência de Oxford Street. É claro que essa grande tarefa que o dr. Doyle tomou sobre seus próprios largos ombros não lhe deixa nenhum tempo para a ficção. De fato, ele me contou que *O cão dos Baskerville* será sua última história de Holmes, o que é uma má notícia, é claro, para os autores de todas essas cartas. Por estranho que possa parecer, não ouso incomodá-lo com elas em sua presente disposição de ânimo, o que é uma pena, porque há uma aqui em particular que…

Ele se interrompeu e exclamou:

— Entre!

A porta se abriu para deixar entrar um rapaz alto, meticulosamente vestido numa sobrecasaca, com um colarinho alto e traços bem definidos, intelectuais.

— Meu editor assistente — disse o sr. Smith, apresentando o recém-chegado e entregando-lhe um maço de provas de página. — Você está precisando enviar isso para o sr. W.W. Jacobs? Muito bem, pode enviar agora. Não devemos deixar humoristas esperando. A propósito, eu estava pensando em ver qual é a impressão do sr. Raffles sobre aquela carta vinda de Dartmoor.

— É um embuste, sr. Smith — afirmou o editor assistente com firmeza. — É mais um humorista em ação, um humorista não licenciado. Seria um erro incomodar o dr. Doyle com isso, especialmente neste momento. Um embuste descarado iria não apenas irritar o dr. Doyle, mas reforçar sua determinação de não escrever novas histórias de Holmes. Cavalheiros, se me dão licença…

Com um enérgico aceno de cabeça para Raffles e eu, o editor assistente, obviamente ocupado, nos deixou.

— Ele provavelmente está certo sobre esta carta — disse o sr. Smith quando a

porta se fechou. — Ela chegou hoje de manhã num envelope com o carimbo de

Bovey Tracey. É uma cidadezinha, a “Coombe Tracey” de *O cão dos*

Baskerville, na periferia de Dartmoor. Lançar um olhar novo sobre esta carta não fará nenhum mal. Como um homem do mundo, sr. Raffles, como o senhor

interpretaria isto?

Li a carta — amadoristicamente datilografada numa máquina com fita azul

desbotada — sobre o ombro de Raffles.

Dartmoor,

Devonshire.

27 de março de 1902

O Editor,

The Strand Magazine,

Londres

Senhor,

Como residente da área de Dartmoor, cenário de O cão dos Baskerville *, agora concluída no número atual de sua revista, li a narrativa com particular interesse.*

Seu autor, A. Conan Doyle, baseou sua história no caso, bem conhecido nesta

área desde 1677, de sir Richard Cabell, senhor do Solar de Brooke na paróquia

de Buckfastleigh. Esse baronete de vida calamitosa, no ato de estuprar uma virgem, teve sua garganta rasgada por um cão vingador que, depois, segundo a

lenda, assumiu a forma de um fantasma, para vagar eternamente por Dartmoor.

Seu autor adaptou a lenda a seu próprio modo, transformando o Cão

Fantasma na “maldição dos Baskerville” e usando habilmente a topografia e certos fenômenos de Dartmoor para dar verossimilhança à sua história. Entre tais fenômenos mencionados por ele estão estranhos uivos noturnos ouvidos por

vezes, como fossem de fato de algum enorme cão latindo para a lua. Céticos atribuem esses sons a causas naturais — o vento nas pedras dos picos rochosos

da charneca ou a lenta ascensão e escapamento de gases vegetais das

profundezas dos traiçoeiros brejos de Dartmoor, como o pântano do Pico Rochoso da Raposa que seu autor escolheu chamar de “grande charco de Grimpen”.

Esses sons, e outros fenômenos mencionados em sua história, nunca foram de

fato satisfatoriamente explicados. Eu esperava que seu autor pudesse propor alguma teoria para explicá-los. Vejo agora, contudo, que ele se contenta em encerrar sua história com o sr. Sherlock Holmes matando o “cão fantasma”

com cinco tiros de revólver, provando que a besta era mortal e estava besuntada com pasta fosforescente para que um malfeitor obtivesse uma herança por meio

de trapaça.

Senhor, devo confessar uma ligeira decepção e sinto-me obrigado a lhe descrever uma recente experiência que tive.

Como uma espécie de folclorista, cultivei a familiaridade, devido a seu conhecimento único da charneca, com certo caçador de veados, ladrão de ovelhas, um completo vagabundo. Sinto-me francamente envergonhado por

minha associação oculta com o homem. Entretanto, ele se aproximou

furtivamente de minha porta dos fundos uma noite, não muito tempo atrás. Sua

espingarda de caça de cano curto tinha sido confiscada.

Ele suplicou que lhe emprestasse minha espingarda calibre 12 e um punhado

de cartuchos. Havia algum tempo, entendi, uma cadela mestiça que ele tinha,

um animal esguio, acinzentado, que ele chamava de Skaur, estava solta na charneca. Agora estavam surgindo problemas por causa de ovelhas cruelmente

estropiadas e outras depredações. A polícia procurava o culpado — Skaur, meu

conhecido tinha certeza, embora tivesse se convencido havia muito tempo de que

a cadela estava morta e enterrada. Se a polícia a capturasse e provasse quem era o seu dono, isso significaria cadeia para ele, pois não poderia pagar as multas e indenizações.

Ele estava em tal pânico, querendo localizar Skaur antes que a polícia o fizesse, que lhe emprestei minha arma. Cerca de uma semana depois, ele apareceu à minha porta, um homem profundamente abalado. Ele tinha avistado

Skaur e atirara nela, aleijando-a. Seguindo seu rastro de sangue, ele a encontrou, entocada entre as rochas. Ela arquejava, sangrando, com três filhotinhos acinzentados sugando tão selvagemente suas tetas que parecia que seria devorada enquanto ainda estava viva.

Enquanto ele estava agachado, olhando para a toca na claridade do fim do dia, sob um vento uivante, algum instinto o fez olhar em volta. Ele jura que, movendo-se furtivamente em direção a ele, havia um animal, grande como um cavalo, espectral — alguma espécie de enorme cão de caça. Ele atirou nele, freneticamente — e a aparição sumiu.

O sujeito estava em tal estado quando foi me procurar que o máximo que pude fazer foi conseguir, no dia seguinte, que ele me conduzisse na longa e árdua caminhada através de algumas das piores partes de Dartmoor até a suposta toca.

Ela existe. Skaur jazia lá, morta, rasgada e despedaçada por seus próprios filhotes. Senhor, nunca vi em pele de animal marcas tão curiosas quanto aquelas nessas criaturas selvagens. Eu as encurralei dentro da toca e, com considerável dificuldade, mantive-as vivas. Curioso em relação a seu pai, fiz longas vigílias na toca durante dia e noite, mas não tive nenhum vislumbre do animal descrito

por meu conhecido vagabundo, embora tenha ouvido, em duas ocasiões, um uivo distante, doloroso, como o de um cão de caça — mas nenhuma conclusão, é

claro, pode ser extraída desse fenômeno noturno.

Não posso dedicar mais tempo a este assunto. Pretendo atirar nos filhotes.

Não tenho nenhum desejo, como haverá de compreender, de que minha

associação com esse repulsivo conhecido venha à luz. Devo zelar por minha boa

reputação local — e, por isso, manter meu anonimato neste assunto. Farei, entretanto, esta concessão: Se seu autor desejar ver os estranhos filhotes, ele deve publicar imediatamente, na coluna Pessoal do diário Devon & Cornwall Gazette *, um anúncio nos seguintes termos: "Sirius — aguardam-se instruções."*

Será então enviado para seu escritório um mapa de Dartmoor em que estará

claramente marcada a localização precisa da toca dos estranhos filhotes. O que seu autor poderá então escolher fazer a respeito deles, caso investigue a questão, será de responsabilidade dele, não minha.

Caso nenhum anúncio apareça, como especificado acima, até o dia 7 de abril,

colocarei em prática a intenção que expressei nesta notificação.

Nesse ínterim, com meus cumprimentos,

Sirius

— Então, sr. Raffles? — perguntou o sr. Greenhough Smith quando Raffles

lhe devolveu a carta.

— Um embuste, obviamente — disse Raffles. — Não é, Bunny?

— Sem dúvida, Raffles — respondi.

— Quão bem, sr. Smith — perguntou Raffles, dando uma olhadela na

ilustração do Sherlock Holmes ficcional e na fotografia do Sherlock Holmes da

vida real na parede —, o dr. Doyle conhece Dartmoor?

— Ele passou alguns dias lá, pesquisando para *O cão dos Baskerville* —

retrucou o sr. Smith —, exatamente nesta época ano passado. Estava com seu amigo, sr. Fletcher Robinson, de Ipplepen, Devonshire, que conhece bem

Dartmoor e falou ao dr. Doyle sobre a lenda do Cão Fantasma que inspirou sua

história dos *Baskerville*. Sabe, lamento, em certo sentido, que o senhor considere esta carta um embuste. Tinha uma leve esperança de que, se eu deixasse o dr.

Doyle vê-la, ela pudesse acender uma centelha em sua mente criativa e resultar

talvez numa continuação de *O cão dos Baskerville*.

— Receio — disse Raffles com um sorriso — que mais provavelmente fosse

irritá-lo, como observou seu editor assistente.

— O bom senso me diz que o senhor está certo, é claro. Ah, bem! — o sr.

Smith pôs a carta, com certa relutância, numa gaveta de sua escrivaninha e adotou um tom de negócios. — Agora, sr. Raffles, sobre a data de entrega para

seu artigo sobre críquete…

Com uma data prontamente aceita por Raffles, despedimo-nos.

— Suponho que, como é costume quando você recebe um convite para

escrever sobre críquete, Raffles — falei, enquanto flanávamos por Southampton

Street —, você espera que eu, como ex-jornalista, escreva esse artigo para você.

— Por que outra razão, exceto para que ouvisse as instruções do sr. Smith sobre o artigo, eu teria levado você comigo esta manhã, Bunny? Aparições inocentes na imprensa são um útil disfarce para minhas, digamos, atividades menos inocentes. Mas o ofício literário é mais da sua seara que da minha, embora não fosse prudente mencionar sua função espectral para o sr. Smith.

— Entendo — respondi. — Não estou me queixando. Sinto apenas, vendo que

as dores do parto da composição caem sobre mim, que você poderia ter insistido numa data de entrega mais tardia.

— Você se arranjará, Bunny — disse Raffles, distraído. — O ar de Dartmoor vai estimular sua musa.

— Ar de Dartmoor? — parei de súbito. — Por que iríamos para Dartmoor?

Raffles lançou-me um estranho olhar.

— Para falar com um homem sobre um cachorro, Bunny… se conseguirmos encontrá-lo!

No compartimento de primeira classe para fumantes em que viajávamos no trem que seguiu para o Devonshire no dia seguinte, Raffles me explicou seu raciocínio:

— O dr. Doyle provavelmente já se esqueceu há muito tempo de nosso encontro com ele em Portsmouth, Bunny, mas eu nunca. Cometi um erro humilhante naquela ocasião. Ele o detectou. Respeito aquele homem. A imagem que ele fez de mim daquela vez em Portsmouth é algo que não posso esquecer até ter acertado as contas com ele. Se eu pudesse lhe prestar um serviço, ainda que ele possa nunca ficar sabendo, eu sentiria, em minha própria mente, que saldei uma dívida pendente há muito tempo com meu amor-próprio. E poderia virar a página e esquecer.

Uma forte pancada de chuva açoitava as janelas do trem.

— Raffles — eu disse, incomodado —, certamente não deveríamos mexer com isso e deixar esse cão dormir em paz.

— A intuição me diz, Bunny, que o cão naquela carta de “Sirius” já está completamente acordado. Penso que a carta é uma tentativa de montar uma armadilha. Que “Sirius” é um homem com uma missão. Acho que ele é um lacaio daquelas “fontes contaminadas” que gostariam de impedir a tradução e a distribuição gratuita no mundo inteiro do livro do dr. Doyle refutando suas alegações nocivas. Ele carrega todo o projeto em seus próprios ombros. Remova o dr. Doyle da equação de alguma maneira que parecesse um mero acidente, e seu projeto de alcance mundial fracassaria prematuramente, levando com ele a carreira do Sherlock Holmes ficcional, que terminaria junto com a carreira daquele da vida real.

— Sendo ele quem nós sabemos que é, o dr. Doyle não seria tão rápido quanto você para suspeitar uma armadilha naquela carta?

— Claro que seria, Bunny. E, sendo o homem que é, ao ver a carta poderia decidir rastrear “Sirius” ele mesmo. Foi por isso que eu disse ao sr. Greenhough Smith que achava que a carta era um embuste. “Sirius” pensou, é claro, que ela seria imediatamente encaminhada ao dr. Doyle, mas não podia saber o que nós sabemos: que o sr. Smith estava indeciso com relação a ela, num dilema editorial. Nós não queremos que o dr. Doyle veja aquela carta, Bunny, porque queremos *nós mesmos* recolher “Sirius” ao canil!

— Como?

— Ele tem um ponto fraco, Bunny. Toda a sua carta deixa evidente. Ele é um sherlockiano!

Olhei bem para ele. O trem seguia com estrépito, vibrando, através da chuva e do vento. Raffles ofereceu-me um Sullivan de sua cigarreira.

— Considere o que provavelmente aconteceu, Bunny. Suponha que “Sirius”

tenha sido instruído a frustrar os planos do dr. Doyle. Procurando uma maneira de se aproximar dele, “Sirius” lê *O cão dos Baskerville*, com suas vívidas descrições dos riscos naturais de Dartmoor. Onde seria mais provável que o dr. Doyle se deparasse com um acidente fatal, pensou “Sirius”, do que entre os cenários de sua própria história… se fosse possível atraí-lo para lá de alguma maneira?

Meu coração começou a bater com força.

— Se eu estiver certo — continuou Raffles —, a ideia de uma armadilha provavelmente começou a ganhar forma na mente de “Sirius” quando ele terminou sua leitura de *O cão dos Baskerville*, cujo final, ele diz, o “decepcionou”. É extremamente improvável que o homem seja, de fato, um residente de Dartmoor. Então o que ele poderia fazer?

— Um reconhecimento da área — respondi — para decidir exatamente onde e como poderia melhor planejar uma armadilha.

— Além disso, Bunny, ele quereria descobrir exatamente quão familiarizado com a região o dr. Doyle realmente é. “Sirius” provavelmente faria uma pergunta aqui e outra ali para descobrir se ele tinha explorado Dartmoor pessoalmente e, se for o caso, quão extensamente. Sendo assim, o que você e eu devemos procurar?

— Um estranho questionador!

— Fazendo perguntas, Bunny, provavelmente nas duas últimas semanas, porque o número atual de *The Strand Magazine*, contendo o fim da história dos *Baskerville*, só foi lançado recentemente. Não deverá ser difícil encontrar

“Sirius”. Ele é como você e eu: um sherlockiano desviante.

— Desviante?

— Sherlockianos reconhecidos, Bunny, estão interessados no Sherlock Holmes *ficcional*. Você e eu estamos interessados em seguir os passos do Sherlock Holmes da vida real: dr. Doyle. Assim também está “Sirius”, suspeito.

Ora, como o sr. Greenhough Smith nos contou, o dr. Doyle *de fato* visitou Dartmoor quase exatamente um ano atrás. Se pudermos descobrir quem andou farejando, mais recentemente, para descobrir uma pista de Doyle em Dartmoor, teremos descoberto o cão de caça vira-lata, o sherlockiano desviante: “Sirius”. E aqui, ao que parece — ainda acrescentou Raffles —, eis que surge nosso primeiro vislumbre da charneca.

A tarde estava chegando ao fim. Colinas áridas varridas pelo vento e a chuva assomavam a distância — os bastiões remotos de Dartmoor com seus sombrios picos rochosos e pântanos trêmulos, seus círculos neolíticos de pedras e sua famigerada prisão. Quando olhei pela janela do trem para aquelas melancólicas colinas de sentinela, minha própria leitura de *O cão dos Baskerville* me trouxe uma sensação perturbadora de já ter estado ali — na companhia de Sherlock Holmes, dr. Watson e o ameaçado sir Henry Baskerville.

Depois de fazer baldeação para um trem local, Raffles e eu chegamos a Lydford Station à noite e nos hospedamos numa estalagem abaixo de Black Down na periferia da charneca.

— Dr. Conan Doyle? — perguntou a proprietária em resposta à indagação de Raffles. — Por aqui nesta época ano passado? Não, senhor, não me lembro de nenhum dr. Doyle.

— Teve algum visitante durante as duas últimas semanas?

— Não, os senhores são os primeiros em muitos meses. Dartmoor recebe mais visitantes no verão. Em geral eles gostam de ver o Sepulcro, que é o túmulo de sir Richard Cabell, aquele que era Senhor do Solar, que na flor da idade frequentava prostitutas e criava baderna por toda Buckfasleigh. Terminou com a garganta rasgada pelo cão que virou fantasma, como é bem sabido nestas partes.

Raffles e eu trocamos um olhar.

— Há um buraco de fechadura na porta do túmulo de sir Richard — disse a estalajadeira — e, até hoje, se você enfiar o dedo ali, o esqueleto se levanta e vem dar uma mordida nele.

— Há mistérios em Dartmoor, senhora — concordou Raffles. — Vai nos acompanhar num drinque para relaxar? O que vai tomar?

— Apenas um pequeno porto com hortelã — disse a estalajadeira com elegância.

Durante todo o dia seguinte Raffles esteve pela charneca num cavalo de caça alugado, procurando alguma notícia da visita do dr. Doyle à região no ano anterior. O tempo estava horrível, e não lamentei que meu dever como “ghost-writer” de Raffles me mantivesse dentro de casa junto à aconchegante lareira, trabalhando em seu artigo sobre críquete, enquanto o vento uivava nos beirais de colmo gotejantes.

Quando a pálida luz do dia desapareceu e a estalajadeira trouxe o lampião, o acendeu e puxou as acolhedoras cortinas contra a escuridão uivante, ainda não havia sinal de Raffles. Era uma noite em que se podia acreditar no Cão Fantasma, uma noite para ele estar à espreita na desolada charneca. Comecei a ficar ansioso. Mas, finalmente, Raffles voltou, ensopado até os ossos. Depois

que trocou de roupa e a senhora pôs na aconchegante mesa, diante de nós, uma grande carne assada e uma jarra espumante de cerveja de barril castanho-clara, fui deixado sozinho com ele e lhe perguntei como se saíra.

— Nada mal, Bunny — disse ele. — Comecei em Bovey Tracey, do outro lado da charneca. É a "Coombe Tracey" de *O cão dos Baskerville*, e topei com o que estamos procurando: a pista por trás da história. — Obviamente faminto, ele começou a trinchar o suculento filé, perfeitamente assado. — Dr. Conan Doyle é lembrado em Bovey Tracey, tanto ele quanto seu amigo sr. Fletcher Robinson. Dois grandes e afáveis cavalheiros, de bigode, se divertindo em suas explorações em Dartmoor para a história do dr. Doyle sobre o Cão de Caça.

— E quanto a Sirius?

— Por enquanto, nem sinal desse sherlockiano intrometido. Com sorte, vou encontrar a pista dele amanhã. Por favor me passe o rabanete, Bunny.

Mas foi somente em nossa quarta noite na estalagem Black Down que Raffles voltou de suas próprias explorações com um brilho nos olhos que eu conhecia bem.

— Peguei-o, Bunny! Encontrei sua pista em Widecombe-in-the-Moor. Tive a sorte de entabular conversa com o vigário de lá, um homem idoso, ele mesmo um devotado sherlockiano. Ele me contou sobre um homem que visitou a casa paroquial há cerca de dez dias, um indivíduo alto, magro, de olhar malicioso, um estranho para o vigário, que disse haver algo no sujeito que o fez pensar em alguns versos que o poeta Shelley escreveu certa vez. O velho vigário recitou-os para mim:

Encontrei o Assassinato

no caminho.

Ele usava uma máscara

como Castlereagh.

Parecia muito encanecido

e soturno.

Sete cães de caça o

seguiam.

— Meu Deus, Raffles! — sussurrei.

— Aparentemente — disse Raffles — ele disse ao vigário que era um livreiro

que visitava casas de campo e daria uma boa quantia por qualquer primeira edição de que estivessem dispostos a se desfazer, como primeiras edições de livros do dr. Conan Doyle, por exemplo. Um bom estratagema, Bunny, para

começar a perguntar se o dr. Doyle tinha visitado a área.

— É "Sirius", certamente!

— Não tenha dúvida. Mas há somente *dois* cães de caça seguindo-o: você e eu, Bunny. E a pista está quente e fétida agora, porque o velho vigário me disse

que reconheceu o cavalo que o sujeito montava, um animal alugado de uma estalagem chamada Rowe's Duchy Hotel, em Princetown.

— É onde fica aquela odiosa prisão, Raffles.

— O ponto mais alto de Dartmoor, Bunny: Princetown. Vamos transferir

nossa base para lá amanhã de manhã.

À noite o vento diminuiu. O tempo mudou. Alugamos uma charrete da

estalajadeira. Raffles tomou as rédeas. Sob um céu carregado, avançamos estrepitosamente pela estrada esburacada para Princetown. Uma estranha calma pairava sobre a charneca, sua desolação aliviada aqui e ali por grandes e lisas manchas de verde em meio às pedras e a urze — o verde enganoso, convidativo, dos charcos mortíferos. Os distantes picos rochosos assomavam, estranhos e irregulares na distância, emergindo de uma neblina cada vez mais densa.

De repente, naquela estrada solitária, topamos com uma assustadora procissão — uma fileira de presidiários que se arrastavam vestindo calções e túnicas estampadas com largas pontas de flecha, como tudo que era propriedade do governo britânico. Sob uma forte escolta de guardas civis uniformizados de azul e armados com carabinas e baionetas, os perdedores nascidos na Grã-Bretanha se arrastavam penosamente com picaretas e pás nos ombros, suas cabeças sombrias, raspadas, afundadas no peito.

— Olhe ali, Bunny — Raffles murmurou —, pela graça de Deus…

Bati na madeira enquanto nossa charrete passava chacoalhando. E, por volta da hora do almoço, surgiu à nossa frente a casa de mil ódios, a mais famigerada das penitenciárias, seu grande e lúgubre complexo de edifícios elevando-se duramente sobre o pequeno e atarracado aglomerado de habitações, Princetown, isolada sob o céu cor de chumbo.

— Cautela é nosso lema, Bunny — disse Raffles ao frear nosso cavalo diante da comprida estalagem de pedra que dava frente para a prisão do outro lado de uma profunda depressão na charneca. — Vamos sondar o terreno.

Encontramos o estalajadeiro atrás de seu balcão no salão do bar. Um homem robusto em mangas de camisa com um topete ensebado, ele estava polindo o

tabuleiro de *shove ha'penny*. [19] Ele nos deu bom dia e Raffles pediu um uísque com soda para cada um de nós.

— Viram algum detento na estrada? — perguntou uma voz.

Demos as costas ao balcão. Havia outro freguês presente, sentado num banco de madeira junto à janela. Esguio, alto, forte, rosto macilento com uma boca maliciosa, apertada, sob um bigode pequeno, de pontas enceradas, do tipo sargento-mor, ele usava uma sobrecasaca abotoada até em cima e um chapéu-coco.

— Sim — disse Raffles —, vimos um grupo.

— Saindo das pedreiras, hum? A esta hora? Isso significa que o nevoeiro está avançando.

O homem esvaziou sua caneca, enxugou o bigode com uma bandana vermelha, levantou-se e, com um seco aceno de cabeça para o estalajadeiro, retirou-se.

— Tome alguma coisa o senhor também — disse Raffles ao estalajadeiro.

— Obrigado, senhor. Apenas um pequeno trago de gim, para me abrir o apetite. Os senhores estão de férias?

— Furtando alguns dias da rotina de trabalho — disse Raffles. — Talvez como aquele cavalheiro, que acabou de sair?

— Bem, não, senhor, esse é… Mas é melhor não mencionar seu nome, ele gosta de mantê-lo em segredo. — O estalajadeiro lançou um olhar à sua volta e baixou a voz. — Cá entre nós, cavalheiros, ele é o Homem do Gato.

Olhei para ele. Tínhamos vindo a Dartmoor para procurar um homem a propósito de um cão.

— O Homem do Gato? — perguntou Raffles.

O estalajadeiro assentiu com a cabeça.

— Não é como nos maus tempos de antigamente, senhor, quando isso era feito de qualquer maneira. Estamos num novo século agora. Hoje em dia, quando um detento é condenado a levar açoites, isso tem que ser feito de forma civilizada. Por isso o Homem do Gato é enviado pela Comissão Penitenciária de Londres para aplicar a punição. Ele traz um açoite, o chamado "gato de nove caudas", embalado com a devida higiene. Tem que fazer seu serviço dentro de um tempo prescrito depois de o detento ter sido sentenciado, para evitar angústia mental, e aplicar os golpes da maneira mais eficiente, científica. Ele fica hospedado comigo por uma ou duas noites quando vem a trabalho. Quando se hospeda na prisão, os detentos parecem farejar sua chegada. Eles fazem barulho a noite toda, uivando *miau* como um milhar de gatos lascivos no telhado, para não deixá-lo dormir. Eles armam uma algazarra infernal para solapar suas forças. O homem é apaixonado demais pelo trabalho para o meu gosto. Recebo uma diária da Comissão por lhe fornecer alojamento, mas não posso dizer que gosto dele.

— Tenho certeza disso — concordou Raffles. — Senhor, acho que tomaremos outro drinque. Esse cavalheiro é seu único hóspede no momento?

— Não, senhor, temos outro na casa. Um cavalheiro livreiro. Percorre as casas de campo para comprar livros antigos, não que pareça ter muita sorte. Perguntou-me, quando chegou, mais ou menos há uma semana, se por acaso eu

tinha lido a história sobre o Cão Fantasma numa revista. Bem, não tenho tempo para ler, mas o autor dela ficou hospedado aqui cerca de um ano atrás, um tal de dr. Doyle, que tinha um sr. Robinson e um sr. Baskerville com ele.

— Sr. *Baskerville*? — exclamou Raffles.

O estalajadeiro deu uma risadinha.

— Mostrei nosso Livro de Hóspedes ao livreiro para prová-lo. — Ele tirou um volume com capa de couro de baixo do balcão, consultou as páginas, depois virou o livro para Raffles e para mim. — Vejam por si mesmos, senhores.

Sob a data 2 de abril de 1901 estavam duas assinaturas, uma firme e clara, a

outra em grossos garranchos:

A. Conan Doyle, M.D., Norwood, Londres.

Fletcher Robinson, Ipplepen, Devon (e cocheiro, Harry M. Baskerville).

— O sr. Robinson trouxe sua própria carruagem e um cocheiro, vejam — disse o estalajadeiro. — O sr. Baskerville conduzia os dois cavalheiros para cá e para lá na charneca, depois esperava na carruagem enquanto os dois cavalheiros caminhavam para pontos onde só podiam chegar a pé. O sr. Baskerville fazia suas refeições na cozinha, comigo, minha família e o pessoal. Ele estava muito satisfeito porque o dr. Doyle lhe perguntara se se importaria de ser tornado cavaleiro e posto numa história como sir Henry Baskerville. Rimos muito.

— Ora, ora! — disse Raffles. — Há mais do que parece por trás dessas histórias. O seu hóspede livreiro ainda está aqui?

— Sim, senhor. Apenas está fora agora. Passa o dia todo fora, a maior parte dos dias, num cavalo que lhe alugo. Se não voltar bem antes do anoitecer, ao que parece, vai ser apanhado pelo nevoeiro e obrigado a se abrigar num casebre de pastor. Dartmoor é perigosa no nevoeiro.

— Então talvez seja prudente passarmos a noite aqui, nós mesmos — disse Raffles. — Tem dois quartos vagos?

— Certamente, senhor.

Assim que fomos levados a nossos quartos, juntei-me a Raffles no seu.

— O tal livreiro é o nosso homem, Bunny. Ele é “Sirius”, com certeza. Quero encontrar o quarto dele e dar uma olhada enquanto está fora. — Raffles abriu

uma porta, escutou na fresta, depois se virou. — Sons de refeição vindos de baixo, Bunny. O pessoal da estalagem está na cozinha, comendo. Agora é a minha chance. Vigie daquela janela. Se um homem de rosto acinzentado num cavalo chegar, abra esta porta e comece a assobiar *Bebe, cãozinho, bebe*.

Ele desapareceu. Olhei pela janela. Pensei na carta de "Sirius" que sugeria a existência de "filhotes de Baskerville", e a velha cantiga de caça de Whyte-Melville passou sinistramente pela minha cabeça:

Bebe, cãozinho, bebe, e deixa beberem todos

que têm idade bastante para lamber e engolir,

Pois cão de caça vão virar, então, de boca em boca,

vamos a garrafa passar,

E alegremente ulular e gritar!

Lá fora, uma névoa sorrateira começava a escurecer ligeiramente os lúgubres edifícios da prisão do outro lado da funda depressão na charneca. Nossa charrete continuava parada em frente à estalagem, o cavalo mascando em seu embornal. Nenhum homem a cavalo surgiu misteriosamente da névoa. E de repente, silenciosamente, Raffles estava de volta ao quarto.

— Peguei-o, Bunny! Identifiquei seu quarto porque é o único em que há alguns livros. Havia uma mala trancada. Abri-a com o pequeno instrumento que carrego. Há uma pequena máquina de escrever Blick com uma fita desbotada lá dentro.

— Isso resolve a questão — eu disse.

— Não completamente, Bunny. Há também um envelope contendo cinco maços de notas de dinheiro, cada maço com cem libras. Não ousei pegá-las, é claro. Há um mapa Ordinance Survey, a agência cartográfica nacional da Grã-Bretanha, de Dartmoor na mala. Dei uma olhada no mapa. Pude discernir as marcas de pressão quase indistintas deixadas por um lápis quando uma cópia do mapa foi feita, com um pequeno *x* marcado nela.

— A suposta "toca dos filhotes", Raffles!

— Não só isso, Bunny. Havia também uma cópia do diário *Devon & Cornwall Gazette* na mala, com um pequeno anúncio na coluna Pessoal circulado a lápis: "Sirius — aguardam-se instruções."

Meu coração parou.

— A coisa que menos queríamos deve ter acontecido, Bunny — disse Raffles, seus olhos acinzentados duros. — O sr. Greenhough Smith *mostrou* a carta de "Sirius" para o dr. Doyle, e esse Sherlock Holmes da vida real farejou a armadilha nela. Maldição! Ele certamente fez isso, sabendo o que *nós* sabemos sobre ele! Se ele inseriu esse anúncio no jornal é porque decidiu pegar "Sirius" ele mesmo, conhecendo as "fontes contaminadas" para as quais o sujeito provavelmente está trabalhando. Mas, Bunny, esse exemplar da *Devon & Cornwall Gazette* é de quatro dias atrás! Verifiquei a data. — Enquanto falava, Raffles vasculhava as coisas em sua própria maleta. — Entende o que isso significa, Bunny? Se a cópia do mapa mostrando a suposta toca dos filhotes foi enviada a *The Strand Magazine* no dia em que o anúncio apareceu na *Gazette*, ela pode ter chegado ao dr. Doyle anteontem, supondo que o correio tenha funcionado normalmente. Ele pode estar na charneca agora, o Holmes da vida real! Pode já ter apanhado "Sirius" numa contra-armadilha.

— Ou — eu mal ousava dizê-lo — “Sirius” o apanhou.

— Minha aposta, lembrando de Portsmouth, vai para o Holmes da vida real — disse Raffles sombriamente. Ele estava estudando seu próprio mapa Ordinance, desencavado de sua maleta. Fez um pequeno *x* no mapa com um lápis. — Aqui estamos, Bunny. Aqui está ela, lá na charneca, a suposta “toca dos filhotes”, nas fileiras de pedra, perto do pico rochoso Higher White. Foi ali que “Sirius” armou sua armadilha e onde tem ficado de vigília todos os dias, até que Doyle caminhe cegamente para ela… Isso é o que “Sirius” *espera*!

— Por tudo que sabemos — eu disse — ele pode estar lá neste momento.

— Bunny — disse Raffles sombriamente —, *os dois* podem estar lá neste momento, um seguindo o outro neste nevoeiro que se aproxima. Pode haver *apenas* uma chance para intervir e acertar uma antiga conta. A charrete está lá fora. O mapa mostra que o pico rochoso Higher White e as fileiras de pedras estão situados mais ou menos ao norte a partir daqui de Princetown. Vamos!

Raffles segurando as rédeas, o cavalo seguia tilintando, ora num trote, ora num meio galope, por uma trilha difícil através da charneca, as rodas da charrete sacolejando e rangendo. A névoa, adensando-se lentamente sobre a charneca, começava a ganhar a cor cinzenta que pressagiava a ameaça do denso nevoeiro de Dartmoor.

Logo depois, a trilha tornou-se impossível para a charrete. Saltamos e seguimos a pé. Urze, esparsa e rija, crescia entre sílices espalhados, soltos, que se tornavam mais abundantes à medida que avançávamos.

— Lascas de sílex pré-históricas, Bunny — disse Raffles —, obras de nossos

ancestrais vestidos com peles, os Primeiros Homens. Devemos estar chegando perto de seu povoamento, as fileiras de pedras.

Subitamente, ouviu-se um grito, fino e desumano, vindo de algum lugar à

frente. Detivemo-nos, ouvindo. Novamente veio o grito, elevando-se num

guincho relinchado, desesperado, e cessou abruptamente.

— Lá se vai um cavalo de Dartmoor — disse Raffles — atolado em algum

pântano, não longe daqui.

Senti o vapor insidioso, como suor desagradavelmente frio em meu rosto à

medida que caminhávamos — cegamente, da minha parte — por uma encosta acima que agora era praticamente uma ladeira de lascas de sílex, vestígios dos Primeiros Homens.

— Abaixe-se! — sussurrou Raffles. — Ouça!

Deitado de bruços ao lado dele, discerni um espessamento na névoa à frente.

Um pouco acima do nosso nível, era provavelmente um dos círculos da Idade da

Pedra, lá em cima sobre um pequeno platô. Ouvi um ligeiro som de alguém pisando em folhas secas. Alguém andava por ali entre as ruínas.

Raffles ergueu-se ligeiramente, mantendo-se deitado. Acompanhei-o. A borda

rochosa do platô avultava agora logo acima de nós. Distingui a forma vaga de um homem lá em cima. De nosso ponto de vista, de um ângulo inferior, ele parecia um mudo de funeral [20] muito magro e alto, de cartola e luto fechado.

— O livreiro — sussurrou Raffles em meu ouvido. — “Sirius”.

As longas pernas do homem moviam-se como tesouras enquanto ele andava

lentamente para cá e para lá entre a borda do platô e a parede arruinada de um

círculo de pedra vagamente perceptível na névoa. Uma estranha figura, esse

macilento assassino que tinha estado cavalgando por Dartmoor num cavalo alugado, farejando a pista do ano anterior do autor de *O cão dos Baskerville*.

O homem desapareceu de vista ao dobrar o ângulo da parede do círculo de pedra. Aproveitamos nossa chance para subir um pouco mais, depois nos imobilizamos quando ele reapareceu. Ele retomou sua marcha. Continuamos abaixados. Eu podia sentir as batidas do meu coração contra o chão. Pareceu que horas se passaram. Um homem de extrema paciência, esse “Sirius”, que já devia ter passado dois, talvez três dias assim, vigiando sua armadilha, usando como isca filhotes que nunca existiram.

No mesmo momento que esse pensamento cruzou minha mente, enquanto eu estava lá agachado ao lado de Raffles na encosta íngreme, nessa solidão silenciosa, abafada pela névoa, o homem interrompeu seus passos e ficou parado, como se ouvisse atentamente. Em seguida fez algo que eriçou meus cabelos.

Uivou como um cão choroso.

O lamento se perdeu aos poucos na névoa. Tudo estava quieto, o homem uma longa sombra, ouvindo. Escutei debilmente, como se da ladeira mais distante do platô, o tinido das patas de um cavalo ferrado, que andava. Os sons pararam.

Um ganido soou, um súbito gemido como que de dor, um latido agudo, rosnados e resmungos. Se a fonte humana desses sons caninos não estivesse vagamente visível ali em cima, eu teria jurado que eles emanavam de uma ninhada de filhotes numa toca em meio às ruínas.

— É a isca — sussurrou Raffles. — Ele está com um revólver na mão agora.

Segura-o como um porrete. Está atraindo seu homem à procura da toca. Quando ele se aproximar da parede do círculo, levará um golpe que o fará desmaiar e será arrastado para ser jogado no charco onde ouvimos o cavalo gritando ao ser sugado para baixo.

— Quem está vindo? — sussurrei. — O dr. Doyle?

Não obtive nenhuma resposta de Raffles, porque exatamente naquele momento, das ruínas obscurecidas pela névoa das moradias dos Primeiros Homens, uma voz ressoou, chamando:

— Há alguém aí?

Silêncio. Depois súbitos e agudos latidos, num tom de desafio e interrogação, com se viessem da toca oculta dos “Filhotes de Baskerville”. E, antes que eu percebesse sua intenção, Raffles investiu para cima, agarrou pelos tornozelos o homem que ladrava e puxou seus pés de baixo dele.

Ele caiu de costas contra a parede do círculo de pedra, libertou seus tornozelos com um puxão, mirou um chute na cabeça de Raffles, depois deu um enorme salto por cima de nós dois com as abas do paletó esvoaçando. Pousou na ladeira, escorregou por ela numa cascata de lascas soltas de sílex e desapareceu na névoa.

— Quem está aí? — novamente a voz peremptória, acima de nós.

Levantamos os olhos. De nosso ângulo, o homem que estava parado agora acima de nós avultava na névoa — não uma figura corpulenta como o dr. Conan Doyle, mas um homem magro, um homem que usava chapéu de caçador e capa Inverness, uma figura conhecida no mundo todo, uma figura saída de *O cão dos*

Baskerville.

Tive a impressão de ouvir o fino gelo da razão humana estalar.

Nem Raffles nem eu nos mexemos, olhando para cima.

— Quem são vocês? — perguntou o homem na borda, firmemente autoritário, muito visível em sua eminência. — Exijo uma resposta. Estão reconhecendo com quem estão tratando?

Ouvi Raffles inspirar lentamente ao meu lado, como se libertado de um cativeiro. Subindo com dificuldade até a borda, postou-se ereto ali.

— Sim, já nos conhecemos — disse ele cortesmente ao recém-chegado. — O senhor é o editor assistente da *The Strand Magazine*. Como vai?

Meu próprio transe encantado se dissolveu. Com a razão recobrada, apesar das reservas em relação às roupas do recém-chegado, subi até a borda.

Com desenvoltura, Raffles explicou que, como sherlockianos amadores, ele e eu tínhamos sido estimulados por nossa leitura de *O cão dos Baskerville* a passar alguns dias em Dartmoor enquanto ele trabalhava em seu artigo sobre críquete.

Ao visitar esse sítio pré-histórico, as fileiras de pedra, ele notara um homem ali, comportando-se de maneira estranha. Enquanto o observávamos, ele tinha começado de repente a soltar espuma pela boca e emitir sons caninos.

Acreditando que ele fora acometido por um ataque de alguma espécie, tínhamos tentado socorrê-lo, mas ele eludira nossas prestimosas atenções e escapara.

—Tive a impressão de ouvir um cavalo se afastar galopando — disse Raffles.

— Ele devia ter um amarrado em algum lugar ali embaixo, na névoa.

— Mas por Deus! — exclamou o editor assistente. — Não compreende, sr. Raffles? Aquele devia ser o próprio homem, “Sirius”, o farsante dos *Baskerville*!

— Será verdade? — disse Raffles, assombrado. — Bunny, que pena que o perdemos!

O editor assistente, parecendo bastante irritado com nossa incompetência, explicou que havia se convencido desde o início de que a carta de “Sirius” era uma farsa. Para provar isso para o sr. Greenhough Smith, que ainda estava um pouco inclinado a deixar o dr. Doyle ver a carta, persuadira o sr. Smith a deixá-lo inserir a resposta — “Aguardam-se instruções” — no *Devon & Cornwall Gazette*.

Ao receber pelo correio o desenho de um mapa em que estava assinalada a toca dos supostos filhotes, ele viera de Londres de trem, passara a noite em Coryton, depois alugara um cavalo e partira através da charneca para encontrar o local marcado, as fileiras de pedras.

— Foi uma sorte encontrar o local, com essa névoa avançando — continuou ele, não sabendo a sorte que tivera por não ter tido o crânio fraturado, confundido com o dr. Doyle, e acabado no charco que engolira o cavalo. — Tomei emprestado este chapéu de caçador e a capa do estúdio do nosso artista, Sidney Paget, que ilustra as histórias de Holmes. Minha ideia era, caso o farsante se mostrasse, dar ao sujeito o maior choque de sua vida ao aparecer subitamente diante dele como Sherlock Holmes!

— O senhor *nos* deu um choque — disse Raffles pesarosamente. — Hein, Bunny?

— Sem dúvida, Raffles — respondi.

— Ouçam! — exclamou o editor assistente. — Que som é esse?

De algum lugar à distância na névoa vinha, debilmente, um prolongado e sinistro uivo. O editor assistente estremeceu, ouvindo, uma suposição insana em seus olhos.

— Está tudo certo — disse Raffles. — Isso, eu penso, vem da Prisão de Dartmoor. Os presidiários devem ter ficado sabendo que têm um certo visitante na vizinhança.

De tempos em tempos, naquela noite, ouvíamos urros e miados da prisão próxima.

Raffles mencionou isso quando partimos, muito cedo na manhã seguinte, para devolver a charrete à estalajadeira e pegar nosso trem em Lydford. O editor assistente, que também se hospedara no Rowe's Duchy Hotel e que iria para Londres no mesmo trem que nós, estava montado em seu cavalo alugado, trotando uma centena de metros à nossa frente na cinzenta e enevoada manhã.

— Os urros da prisão não mantiveram o Homem do Gato acordado, Bunny — disse Raffles. — Ele estava roncando quando fiz uma visita a seu quarto durante a noite. Dê uma olhada na minha maleta.

Perplexo, abri a correia de sua maleta e retirei, do embrulho higiênico que ostentava o selo da Comissão Penitenciária, o gato de nove caudas.

— Se a sentença deve ser executada dentro de um determinado tempo depois de sua emissão — disse Raffles —, há uma chance de que tenhamos livrado algum pobre-diabo de ser esfolado hoje. Há um lindo charco logo à frente à esquerda.

Ele freou o cavalo, olhou para os dois lados ao longo da estrada, tomou-me o

açoite e, ficando de pé na charrete, arremessou-o para longe, por cima da cabeça.

O objeto traçou um alto arco no ar, caiu na espuma verde, permaneceu algum tempo de pé como um sórdido Excalibur, depois foi dragado para o fundo pelo seu pesado cabo.

— A outra visita que fiz à noite, Bunny — disse Raffles, enquanto o cavalo voltava a tilintar —, foi ao quarto de “Sirius”. Nós lhe demos um choque nas fileiras de pedra. Ele não tinha voltado à estalagem. Não estava em seu quarto. Acho que deve ter partido de Dartmoor. Por isso agora tenho em meu bolso as quinhentas libras de sua mala.

Mas Raffles estava enganado. “Sirius” não tinha partido de Dartmoor, como fiquei sabendo dois dias mais tarde, ao concluir o artigo sobre críquete a ser assinado “por A.J. Raffles” e levá-lo a seus aposentos no Albany, bem ao lado de Piccadilly.

Ele me mostrou uma curta notícia de jornal. O texto dizia que um cavalo sem cavaleiro fora encontrado e havia levado à descoberta, em Dartmoor, de um homem, um hóspede do Rowe’s Duchy Hotel, cuja identidade não tinha sido satisfatoriamente estabelecida. O cavalo evidentemente sofrera uma queda. O pescoço do homem estava quebrado.

— É nisso que dá — disse Raffles — cavalgar a galope no nevoeiro de Dartmoor. Não era realmente um homem esperto, Bunny, certamente não o suficiente para apanhar o Sherlock Holmes da vida real numa armadilha, mesmo que a carta de “Sirius” tivesse sido mostrada ao dr. Doyle. Agora, sobre este dinheiro. Contaminada como é a sua fonte, vamos guardar cem libras para cobrir nossas despesas. Quanto ao resto, temos uma conta a acertar. Ela está pendente

há 25 histórias de Sherlock Holmes, portanto está mais do que na hora de saldá-

la, por amor à nossa autoestima.

Dirigimo-nos tilintando num fiacre, ao sol da primavera, ao banco que nos fora mencionado pelo sr. Greenhough Smith — o banco do próprio dr. Conan Doyle, a agência de Oxford Street do Capital & Counties, que ele citara em suas histórias como sendo também o banco de seu alter ego ficcional, sr. Sherlock Holmes.

— Aqui está — disse Raffles ao caixa no balcão — a soma de quatrocentas libras, uma contribuição para o fundo para a tradução para muitas línguas e a distribuição gratuita no mundo todo do livro do dr. Doyle expondo o mal da calúnia entre nações.

— Muito bem, senhor — disse o caixa, contando as notas de dinheiro com dedos hábeis. — A quem deseja que esta generosa contribuição seja atribuída?

— Como sherlockianos amadores, aguardando ansiosos a publicação, algum

dia, de uma continuação de *O cão dos Baskerville*, meu amigo aqui e eu gostaríamos de homenagear o cavalheiro que inspirou a história do dr. Doyle do

Cão Fantasma. Por isso atribua esta contribuição, por favor, a sir Richard Cabell,

e enderece o agradecimento formal — disse A.J. Raffles — à sua vivenda rural:

O Sepulcro, Paróquia de Buckfastleigh, Dartmoor, Devon.

A aventura da mensagem cifrada na areia

EDWARD D. HOCH

Embora a maioria dos autores de ficção policial tenha produzido contos, era

praticamente impossível para eles ganhar a vida escrevendo exclusivamente

nesse formato, mas Edward D. Hoch (1930-2008) foi uma rara exceção. Ele

produziu mais de novecentas histórias em sua carreira, aproximadamente a

metade delas publicada em *Mistério Magazine de Ellery Queen*, a partir de 1962.

Em maio de 1973, Hoch iniciou uma notável série, publicando pelo menos um conto em cada número da *EQMM* até sua morte — e além, porque já tinha entregado contos adicionais.

Os leitores nunca foram capazes de decidir que personagem de Hoch era seu

favorito, pois ele criou numerosos protagonistas — do bizarro Simon Ark, que afirma ter dois mil anos e foi o personagem central de sua primeira história publicada, "Village of the Dead" (1955), a Nick Velvet, o ladrão que só rouba objetos sem valor por natureza (cujo primeiro conto foi "The Theft of the Clouded Tiger", 1966), e ao dr. Sam Hawthorne, especializado em resolver

crimes do quarto trancado e outros casos impossíveis, que fez sua primeira aparição em 1974 em "The Problem of the Covered Bridge".

Hoch também escreveu numerosos contos protagonizados por Sherlock

Holmes e foi capaz de capturar o colorido do século XIX e os padrões de fala ingleses (em contraposição aos americanos), embora tenha nascido e vivido

quase toda a vida na cidade muito americana de Rochester, Nova York. As histórias de Holmes foram reunidas em *The Sherlock Holmes Stories of Edward*

D. Hoch (2013).

"A aventura da mensagem cifrada na areia" foi publicado pela primeira vez como um folheto limitado a 221 exemplares (Nova York, Mysterious Bookshop,

1999).

A AVENTURA DA MENSAGEM

CIFRADA NA AREIA

Edward D. Hoch

Era uma bela manhã de outono, no fim de setembro de 1899, quando Sherlock

Holmes e eu recebemos um visitante inesperado em nossos aposentos de Baker

Street. Holmes estava acostumado a receber clientes pagantes, mas era realmente raro receber visitas do inspetor Lestrade.

— Trata-se de um assunto oficial? — perguntou Holmes, interrompendo o ato de encher seu cachimbo para estudar o semblante magro, de doninha, do inspetor da Scotland Yard.

— De fato é, sr. Holmes.

— Suponho que tenha a ver com o corpo descoberto à margem do rio Tâmisa, perto de Wapping, nas últimas três horas.

Lestrade pareceu surpreso com suas palavras:

— Meu Deus, Holmes! Um dos seus moleques da Baker Street já lhe trouxe essa notícia?

— Mal preciso disso — respondeu ele, com o ar de superioridade que eu vira tantas vezes. — Você conhece meus métodos, Watson. Explique ao inspetor como eu soube da localização do assassinato.

Estudei-o da cabeça aos pés por um momento.

— Bem, posso ver areia úmida presa aos joelhos de suas calças — sugeri com alguma incerteza.

Holmes terminou de acender seu cachimbo.

— É claro! Areia úmida na cidade, numa ensolarada manhã de setembro, muito provavelmente vem das margens do Tâmisa na maré baixa. Essa qualidade particular de areia é encontrada sobretudo perto de Wapping. Um homem da sua

posição, inspetor, só teria sido chamado para o mais grave dos crimes. O fato de você ter se ajoelhado na areia úmida me diz que esteve examinando um corpo.

— Você nunca deixa de me surpreender, Holmes — disse o inspetor, espanando a areia de seus joelhos. — O corpo de um homem foi de fato encontrado perto de Wapping hoje de manhã. Uma espécie de mensagem foi deixada na areia perto do corpo. Parece ser uma mensagem cifrada, e ouvi falar do seu sucesso ano passado com o caso dos dançarinos. Espero que possa vir comigo para ver a mensagem antes que ela seja lavada pela maré que está subindo.

Holmes olhou na minha direção:

— O que você diz, Watson? Sua agenda está livre para as próximas horas?

— Certamente, Holmes.

A área de Wapping, perto das docas de Liverpool, era composta principalmente por prédios de quatro andares com lojas no térreo e moradias em cima. Olhando para o oeste, podia-se ver a Torre de Londres avultando à distância. Holmes e eu seguimos Lestrade até o trecho de areia úmida perto da margem do rio onde dois policiais estavam de guarda. Pude ver que a maré já tinha virado.

— O corpo foi removido — disse-nos Lestrade. — Ele foi avistado logo após o alvorecer pela Polícia Especial Metropolitana, a polícia do rio, e alguns agentes foram enviados para o local.

— Qual foi a causa da morte? — perguntou Holmes.

— Apunhalado uma vez nas costas. A faca ainda estava no ferimento. A

vítima estava vestida como um marinheiro, com cabelo preto e barba curta.

Talvez tenha saído de um dos navios mercantes nas docas de Liverpool. Não tinha dinheiro nem identificação nos bolsos, o que sugere roubo como o motivo.

No entanto, o assassino perdeu isto.

Ele estendeu um disco branco aparentemente feito de marfim, sobre o qual estava impresso o número 5 em letra dourada.

Sherlock Holmes resmungou, sua atenção atraída por três fileiras de letras de

imprensa no úmido solo arenoso a nossos pés.

Y V I Y A H

T O M I T

W A H T Y H

— É alguma espécie de mensagem cifrada — concordei —, mas em quase

nada parecida com o caso dos dançarinos. Talvez numerais romanos misturados

com outras letras.

— As letras são regulares demais para terem sido feitas pelo dedo de uma pessoa — disse Holmes, pensativo —, certamente não pelo dedo de um

moribundo. Mais parecem ter sido impressas. Onde o corpo foi encontrado,

inspetor?

— Bem aqui junto da mensagem. Havia algumas pegadas, mas, quando o

corpo foi descoberto e a polícia chegou, acho que as marcas originais não puderam mais ser determinadas com nenhum grau de precisão.

Homes balançou a cabeça, desesperançado, porém ainda se deu ao trabalho de

se agachar e examinar as pegadas mais próximas com sua lente de aumento.

Pediu aos dois policiais para levantarem os pés e examinou as solas de seus sapatos também.

— Posso encontrar muito pouco — admitiu. — A área está muito

desordenada.

Holmes anotou a aparente mensagem cifrada em sua caderneta e deixamos a

cena quando a maré já começava a cobrir algumas letras de água.

— Viu alguma coisa que me tenha escapado? — perguntou Lestrade.

— Muitas coisas, inspetor, mas nada que aponte diretamente para o assassino.

Por favor, deixe-me examinar aquele disco que nos mostrou antes.

Lestrade entregou-lhe o objeto de marfim com o número 5 pintado.

— Poderia ser um tíquete de chapelaria? — sugeri.

Holmes balançou a cabeça:

— Tíquetes de chapelaria geralmente são furados. E não são feitos de marfim.

Eu diria que isto é uma ficha de roleta de um cassino elegante, no valor de cinco

libras.

— Foi exatamente o que pensei — disse o inspetor.

— Os cassinos para os ricos são encontrados no West End. Há algum lugar aqui perto, no East End, que poderia usar fichas assim?

Lestrade considerou a questão:

— Certamente não nesta área, com sua gente miseravelmente pobre.

— Ainda assim, uma bela fila de casas do século XVIII pode ser vista em Wapping High Street. Eu poderia facilmente imaginar uma delas como um

estabelecimento de jogo ilegal.

— Ouvimos rumores — admitiu o inspetor.

Holmes assentiu com a cabeça:

— Vou examinar o assunto.

— Mas e quanto à mensagem cifrada?

— Tudo a seu tempo, inspetor.

Holmes falou muito pouco sobre o caso quando retornamos a nossos aposentos em Baker Street, mas notei-o mais de uma vez tentando decifrar a mensagem deixada na areia que copiara em sua caderneta. Depois do jantar, quando eu pensava em me recolher cedo, ele se levantou de repente de sua poltrona favorita

e anunciou:

— Vamos, Watson, é hora de visitarmos Wapping High Street.

— Agora, Holmes? Já passa das nove horas!

— Esta é exatamente a hora em que a vida noturna de Londres começa a

despertar.

Holmes ordenou ao carro de aluguel que seguisse para o quarteirão que estava procurando em Wapping High Street e, quando chegamos, fingiu ter esquecido o número que buscávamos.

— O que é que os senhores estão procurando, cavalheiros? — perguntou o

cocheiro lá de cima.

— O cassino.

— O Parkleigh’s?

— Esse mesmo.

O fiacre avançou algumas residências e parou diante de uma casa de tijolos de três pavimentos no estilo do século XVIII, onde dois cavalheiros acabavam de entrar à nossa frente. Holmes pagou ao homem e disse, enquanto descíamos:

— Lestrade deveria pedir informações aos cocheiros de fiacre.

Uma vez dentro do estabelecimento, Holmes e eu passamos por um cortinado de veludo vermelho para um corredor onde um porteiro nos aguardava.

— Bem-vindos ao Parkleigh's — disse ele, e nos introduziu num grande salão de baile que devia ocupar uma grande parte do térreo.

Uma loura atraente tocava piano numa extremidade e havia um bar na outra, com mesinhas e cadeiras ao longo das paredes. Cerca de uma dezena de pares dançava uma valsa, e expressei minha surpresa diante da presença de mulheres.

— Elas são acompanhantes fornecidas pelo estabelecimento — explicou Holmes.

Seguimos para a sala de jogo no andar de cima, que estava muito mais cheia. Talvez cinquenta homens jovens e de meia-idade estavam agrupados em volta das mesas de roleta, dados e *chemin-de-fer*. [21] Todos estavam bem-vestidos, alguns em traje de noite formal. Vi imediatamente que Holmes tinha razão. O disco de marfim no bolso do homem morto era realmente uma ficha de roleta. De fato, a ficha de cinco libras parecia ser o valor mais alto em jogo. Do outro lado da sala havia uma máquina de teletipo coberta com um vidro que fornecia resultados de corridas. Aparentemente o estabelecimento ficava aberto durante as tardes para apostas em corridas de cavalos.

O murmúrio de conversa era baixo, quebrado apenas pelo grito ou xingamento ocasional de um jogador emotivo. Fumaça de tabaco pairava pesadamente no ar, embora não fossem servidas bebidas no segundo andar. Estávamos observando a cena havia algum tempo quando um homem baixo, atarracado, que poderia ter sido um ex-boxeador profissional, se aproximou para se apresentar:

— Sou Jerry Helmsphere, o gerente aqui. Posso ajudá-los com alguma coisa, cavalheiros?

Sherlock Holmes sorriu:

— Achei que eu pudesse ajudá-lo. Entendo que os senhores tiveram alguma atividade criminosa aqui ultimamente.

O homem pareceu abalado com suas palavras:

— Poderiam vir ao meu escritório, por favor?

Nós o acompanhamos até um pequeno escritório onde Holmes nos apresentou. Ficou óbvio de imediato que o homem reconheceu o nome:

— Sherlock Holmes, o detetive consultor?

— O próprio.

— Como soube do roubo de nosso teletipo?

— Talvez eu tenha uma pista de seu paradeiro — disse Holmes, ignorando explicitamente a pergunta. — Gostaria de me contratar em caráter oficial?

O homem baixinho estava hesitante:

— Quanto está cobrando? — Holmes mencionou uma cifra e o homem suspirou. — Sou apenas o gerente aqui. Não possuo tanto dinheiro.

— Mas o senhor não pode solicitar a ajuda da polícia, já que toda a sua operação é ilegal — observou Holmes. — E o senhor não se atreve a comunicar

o fato ao proprietário.

— O proprietário reside em Paris. É melhor não perturbá-lo. — Helmsphere

fez uma contraproposta. — Isso é o máximo a que posso chegar.

— Muito bem — concordou Holmes. — Agora, diga-me exatamente o que

aconteceu com seu teletipo desaparecido.

— Talvez tenham notado uma máquina perto da parede oposta quando

entraram. O teletipo registra os resultados de Epsom, Ascot e as outras pistas.

Tínhamos duas dessas máquinas para acomodar um número maior de clientes

que desejavam ler os resultados antes de serem oficialmente anunciados. Uma foi roubada durante a noite. Não preciso lhes dizer que os teletipos são caros e a

posse ilegal de um deles poderia levar a toda espécie de chicanice.

Observei que gotas de suor tinham se formado no lábio superior de Jerry Helmsphere enquanto ele falava. Claramente o desaparecimento da máquina era

uma questão de grave importância para ele. Holmes percebeu isso também, e perguntou:

— Que tipo de chicanice?

Ele enxugou os lábios com a mão.

— Muitas das casas de apostas menores não têm teletipos como esses. Quem

quer que o tenha roubado poderia usá-lo para fazer apostas em cavalos

vencedores antes que os resultados oficiais chegassem. Os outros agentes de apostas ilegais poderiam me considerar responsável por seu prejuízo.

O que ele queria dizer estava muito claro. O homem temia por sua vida, a menos que pudesse recuperar a máquina roubada.

— Quanto ela pesa? — perguntou Holmes. — Um homem poderia tê-la carregado sozinho?

— Não com facilidade. Dois o teriam feito de modo muito mais seguro.

— A que horas aproximadamente o roubo deve ter ocorrido?

— Fechamos às duas da manhã. Fico por aqui em geral até as três assegurando que o lugar seja limpo. Abrimos à uma da tarde em dias de corrida, de modo que isso deixa longas horas. — Ele fez uma pausa, depois acrescentou:

— O roubo teria ocorrido entre três da manhã e meio-dia, quando o descobrimos.

— O corpo de um homem foi encontrado hoje de manhã perto do rio. Ele estava vestido como marinheiro e tinha uma das suas fichas de roleta no bolso. Lembra-se da presença de alguém assim aqui na noite passada?

Helmsphere balançou a cabeça:

— Geralmente atraímos uma clientela melhor. Um homem com traje de marinheiro não teria sido admitido no segundo andar. No entanto, ele poderia ter permanecido no térreo para socializar com as garotas. Deixe-me perguntar a Frances.

Ele mandou alguém descer para chamá-la e após um momento a pianista loura se juntou a nós. Seu nome era Frances Poole e ela parecia ter quase trinta anos. Olhou para Sherlock Holmes e para mim com certa apreensão. Meu amigo

sorriu, tentando deixá-la à vontade:

— Não há nada a temer, srta. Poole. Estamos apenas investigando sobre um dos clientes da noite passada. Seria um homem com cabelo preto e barba, vestido como um marinheiro.

De imediato ela assentiu com a cabeça.

— Ele dançou com algumas das garotas, depois queria subir, mas Tim lhe

disse que não estava vestido para isso.

— Tim?

— Deve ser Tim Thaw, um de nossos crupiês. Com frequência eles descem

em seus intervalos — informou o gerente.

— Eu poderia falar com ele?

— Frances, arrume alguém para substituir Tim e diga-lhe para vir aqui.

Ela assentiu e saiu para cumprir a missão. Pela porta aberta vi-a aproximar-se

de um jovem de cabelo claro à mesa da roleta. Logo ele veio ao nosso encontro,

com outra pessoa tomando seu lugar à mesa.

— Como posso ajudá-lo, sr. Helmsphere? — perguntou ele.

— Convidei este homem para investigar o roubo de nosso teletipo.

Holmes apertou a mão de Tim e disse:

— A srta. Poole me diz que um marinheiro barbudo estava no térreo ontem à

noite e falou com o senhor querendo subir para jogar.

— Eu lhe informei que era necessário estar com um traje apropriado para a sala de jogo e ele continuou lá embaixo com as moças.

— Ele mencionou seu nome ou seu navio?

— Seu nome era Drexel, acredito, de um dos navios de Liverpool. Não voltei a vê-lo depois que meu intervalo terminou.

— Ele partiu um pouco depois — confirmou Frances Poole.

— Sozinho?

— Acredito que sim.

Parecia que tínhamos nos inteirado de tudo o que havia para saber. Saímos do escritório com o jovem Thaw.

— Trabalha aqui há muito tempo? — perguntei-lhe.

Ele deu de ombros:

— Há alguns meses. Eu tinha um *pub* no campo, perto de Henley, mas não consegui fazê-lo dar certo. Acho que meu destino sempre foi morar em Londres. Este é um belo lugar para começar a vida.

Holmes e eu o observamos durante algum tempo à mesa da roleta, depois voltamos para o térreo. Frances Poole estava em seu piano. Algumas das moças tinham desaparecido da pista de dança e perguntei a mim mesmo, em voz alta, onde poderiam estar.

— Meu bom e velho Watson — disse Holmes —, isso não precisa nos dizer respeito. Já temos mais do que o suficiente, com o assassinato junto ao rio e o teletipo roubado.

— Acha que as duas coisas estão ligadas, Holmes?

— Quase certamente. O ladrão precisava de ajuda para levar a máquina

roubada daqui e contratou o marinheiro. Eles tiveram uma discussão, sem dúvida por causa de dinheiro, e o ladrão o apunhalou.

— Mas se isso é verdade, Holmes, o que aconteceu com o assassino e a máquina roubada? E qual era o significado daquela mensagem cifrada?

— Creio que já sei, mas devemos esperar até a manhã.

Era muito incomum a sra. Hudson interromper nosso desjejum para anunciar um visitante matinal, mas ela o fez no dia seguinte, anunciando que o inspetor Lestrade viera nos visitar mais uma vez.

— Faça-o subir, naturalmente! — exclamou Holmes. — Ele pode ter novidades para nós, Watson.

O inspetor se desculpou por chegar tão cedo.

— Pensei que gostaria de saber, sr. Holmes, que o homem morto foi identificado. Ele estava desaparecido do cargueiro irlandês *Antrim*, e o capitão o identificou como um oficial de convés chamado Sean Drexel.

— Eu suspeitava disso — disse Holmes. — Watson e eu visitamos o *Parkleigh's* ontem à noite e seu nome foi mencionado. Ele esteve lá pouco antes de sua morte.

— O *Parkleigh's*! — repetiu Lestrade. — Como vocês conseguiram encontrar esse lugar?

— Não importa. Será que a Polícia Especial Metropolitana poderia nos fornecer um barco esta manhã?

— Isso pode ser providenciado, mas com que finalidade?

— Dê-me o barco e entregarei o assassino antes do meio-dia.

Dentro de uma hora terminamos o desjejum e Holmes vestiu o paletó de marinheiro e o cachecol vermelho que usara antes quando nos aventuramos no Tâmisa.

— Está com o seu revólver, Watson?

— Acredita que eu vá precisar dele?

— Talvez.

Lestrade insistiu em ir conosco na lancha e nos encontramos no cais de Westminster. Suas luzes verdes de navegação tinham sido removidas das laterais para que não fosse facilmente identificável como um barco da polícia e partimos rio abaixo em direção a Wapping. Uma névoa matinal ainda pairava sobre a água, mas o sol a dissipava pouco a pouco. Passamos por rebocadores que puxavam fileiras de barcaças carregadas, mas Holmes não estava prestando atenção ao tráfego no rio. Parecia sozinho com seus pensamentos até que chegamos abaixo da Tower Bridge. Então instantaneamente voltou à vida.

— Conduza-nos para a margem sul — ele instruiu o policial que estava no leme. Havia outro homem cuidando dos motores a vapor sob o convés. À medida que a lancha se aproximava da margem, Holmes examinava o solo úmido com seus binóculos. A maré ainda estava baixa, embora estivesse começando a subir como na manhã anterior.

— O que estamos procurando? — perguntou Lestrade. — E por que aqui? O assassinato ocorreu na margem oposta.

Sem baixar os binóculos dos olhos, Holmes começou a falar:

— Os fatos do caso parecem bastante simples. A ficha do cassino no bolso da

vítima levou Watson e eu ao *Parkleigh's* em Wapping. Ali ficamos sabendo que uma valiosa máquina de teletipo, usada para receber resultados de corridas, tinha sido roubada durante a madrugada, depois das três horas. Trata-se de uma máquina relativamente pesada e, como algum tipo de caixa deve ter sido necessária para proteger o domo de vidro, o ladrão teria precisado de alguém para ajudá-lo a transportá-la para fora do cassino. O marinheiro Sean Dexter foi recrutado e recebeu uma ficha de cassino de cinco libras como adiantamento.

— Como você poderia saber disso, Holmes?

— Drexel foi barrado no andar de cima do cassino por causa de seu traje de marinheiro. Ele só poderia ter adquirido aquela ficha se alguém no térreo do cassino a tivesse dado para ele.

— Ora, vamos — contestou Lestrade. — Posso pensar em outra explicação. Um colega marinheiro, tendo visitado o cassino, podia tê-la levado para o navio e a dado para ele.

Mas Holmes balançou a cabeça.

— Não, inspetor. Se fosse o caso, o colega marinheiro certamente teria comentado a necessidade de traje apropriado para entrar no *Parkleigh's*.

A lancha da polícia estava chegando mais perto da margem. Estávamos exatamente em frente ao local da margem norte em que o corpo fora encontrado.

— Logo… — disse Holmes, quase para si mesmo.

— Acredita que o assassino atravessou o rio até esta área? — perguntou Lestrade. — Por que não na outra direção? Por que não o lado norte?

— Você está cheio de perguntas hoje — respondeu meu amigo, um ligeiro

sorriso em seus lábios. — Ele obviamente deixou a cena do crime de barco.

Trabalhando sozinho, teria sido necessário arrastar sua pesada caixa de volta para a rua se um veículo o esperasse e não há marcas no chão. O uso de um barco sugere um destino do outro lado do rio numa direção leste. Se ele estivesse

indo para oeste, teria feito mais sentido alugar um veículo e voltar para atravessar a Tower Bridge. Em vez de arriscar uma longa viagem de carruagem e

a desconfiança do cocheiro em relação à sua carga, ele adquiriu um pequeno barco, sem dúvida a remo, para transportar a si e a seu despojo através do rio.

Seu destino era um lugar nesta área onde a máquina de teletipo pudesse ser instalada para fornecer resultados antecipados de corridas.

De repente ele agarrou o meu ombro.

— Rápido, Watson, olhe por estes binóculos e diga-me o que vê!

Fiz como ele pediu:

— Parece uma espécie de pequeno armazém, provavelmente abandonado.

— Não, não. Na areia que leva até ele!

— Marcas de que algo foi arrastado acima da linha de maré — confirmei. —

Podem ser de um barco.

— Sem dúvida. E de mais alguma coisa.

Quando nos aproximamos pude ver que uma das portas estava aberta alguns

centímetros para ventilação. Parecia provável que nossa presa estivesse lá dentro. Lestrade mandou o policial que estava no leme atracar a lancha num píer

cerca de trinta metros rio abaixo. Quando Holmes e eu desembarcamos, o

inspetor e os dois homens da tripulação estavam bem atrás de nós.

Quando nos aproximamos de nosso destino, puxei meu revólver.

— Não vai precisar disso — disse-me Lestrade.

— O homem é um assassino.

— Isso ainda está por ser provado.

Holmes escancarou a porta do armazém, revelando uma figura debruçada sobre uma máquina de teletipo idêntica àquela que tínhamos visto no *Parkleigh's*.

— Devo interromper seu trabalho — disse Holmes, com uma voz de julgamento. — A polícia está aqui para prendê-lo por assassinato, sr. Tim Thaw.

Quando viu o revólver em minha mão e os policiais atrás de nós, Thaw não ofereceu resistência. Em vez disso, tentou argumentar:

— Não sei nada sobre assassinato nenhum.

Enquanto os policiais o prendiam, Holmes se aproximou para examinar um barco a remo e um caixote de madeira. Este último fora obviamente pregado por Thaw a partir de tábuas usadas.

— Nesta investigação, suspeitei que sabia o nome do assassino antes mesmo de encontrá-lo. Thaw contou-nos que tinha sido dono de um *pub* perto de Henley e essa era a pista final de que eu precisava.

Ele nos mostrou de novo a aparente mensagem cifrada que tínhamos encontrado na areia molhada, só que ele a reescrevera, movendo a segunda linha para cima:

T O M I T

W A H T Y H

Y V I Y A H

— Estão vendo agora? — perguntou Holmes. — As letras estavam gravadas

no fundo deste caixote improvisado com tábuas usadas. Na areia úmida, sua impressão ficou marcada ao contrário, como uma matriz de metal. Essas peças

vieram da tabuleta do antigo *pub* de Thaw.

Ele virou o caixote de cabeça para baixo para que pudéssemos ver o fundo gravado em relevo:

T I M O T

H Y T H A W

H A Y I V Y

— *Timothy Thaw, Hay & Ivy*. Os senhores observarão o espaçamento entre o nome e o sobrenome e o símbolo "&" entre Hay e Ivy. Ambos estão pintados em

vez de gravados, por isso não deixaram marcas no solo. Ele cortou a tabuleta, usando a madeira para o fundo do caixote onde não poderia ser vista. Por uma

curiosa coincidência, todas essas letras são simétricas, sendo iguais mesmo de trás para a frente.

— Por que ele não percebeu a impressão na areia? — quis saber Lestrade.

— Estava escuro quando Drexel foi morto. Lembre-se de que a polícia avistou

o corpo logo depois do alvorecer.

— E Thaw remou até aqui sozinho?

— Não é uma grande proeza para um jovem, especialmente de Henley, onde o

remo é um esporte popular, pelo menos na época de regatas. Mas ele teve que arrastar o caixote até aqui e eu estava certo de que teria deixado marcas acima da

linha da água.

Lestrade se virou para o cativo:

— Tem algo a dizer em sua defesa?

O homem sorriu com desdém:

— Ele queria mais dinheiro. Fez ameaças. Eu o apunhalei. Não há mais nada a dizer.

— Você devia ter continuado no ramo dos *pubs* — disse Holmes.

Fábrica de Sopa South Sea

KENNETH MILLAR

Muito mais conhecido sob o pseudônimo de Ross Macdonald, Kenneth Millar (1915-1983) há muito é reconhecido como um grande romancista americano, não apenas um escritor de ficção policial. Suas séries de romances detetivescos sobre Lew Archer são classificadas, ao lado de Raymond Chandler e Dashiell Hammet, como o ponto alto dos romances americanos de detetive particular mais fundamentais do século XX.

Millar teve problemas com os créditos de seus textos por algum tempo. Ele tinha se casado com Margaret Sturm, que adotou seu sobrenome e publicou obras notáveis de ficção policial como Margaret Millar, começando com *The Invisible Worm* (1941); ela finalmente ganhou o prêmio Grand Master pelo conjunto de sua obra da Mystery Writers of America, assim como seu marido. O sucesso dela no gênero reacendeu seu próprio interesse (ele havia sido um devotado leitor de policiais quando mais jovem), assim ele publicou seus quatro primeiros romances com seu próprio nome, a começar por *The Dark Tunnel* (1944). Mas quando alguns leitores confundiram os nomes do casal, ele adotou o pseudônimo John Macdonald, somente para, dessa vez, ser confundido com John

D. MacDonald. Seu único livro sob esse *nom de plume* é *The Moving Target* (1949), que apresentou Archer, um investigador particular introspectivo na

cidade californiana de Santa Teresa (uma ficcionalização de Santa Barbara, onde

os Millars moravam). O romance serviu de base para o filme *Harper* (1966, lançado no Brasil como *O caçador de aventuras*), estrelado por Paul Newman como o renomeado detetive. Newman voltou a viver o personagem

Archer/Harper em 1975, em *The Drowning Pool* (*A piscina mortal*). Millar rapidamente passou a assinar suas obras como John Ross Macdonald,

publicando cinco romances e uma coletânea de contos. Acabou adotando em caráter permanente o nome Ross Macdonald em 1956, com a publicação de *The*

Barbarous Coast.

“Fábrica de Sopa South Sea” é a primeira obra ficcional de Millar, produzida

em 1931 para *The Grumble*, a revista de sua escola do ensino médio em Kitchener, Ontário. Curiosamente, sua namorada da época, Margaret Sturm,

também publicou sua primeira história no mesmo número. Ela foi publicada pela

primeira vez comercialmente num folheto, *Early Millar: The First Stories of Ross Macdonald & Margaret Millar* (Santa Barbara, Califórnia, Cordelia Editions, 1982), que se limitou a 150 exemplares em brochura e quinze

exemplares de capa dura.

FÁBRICA DE SOPA SOUTH SEA

Kenneth Millar

O jovem e ambicioso investigador, Herlock Sholmes, bocejou atrás de seu

bigode falso e serviu-se de cocaína com soda. Em seguida bateu de leve com os

nós dos dedos num *wacky-wara* birmanês, que ele conseguira num Templo dos

Odd Fellows na Indochina Francesa. Era assim que chamava seu obtuso

assistente, Sotwun. Sotwun se arrastou para dentro da sala, uma expressão idiota no rosto.

— Bem, Sotwun, lamento perturbar sua leitura do “Ju-Ju Journal” de 1º de março de 1927.

Sotwun ficou boquiaberto com a assombrosa perspicuidade e perspicácia de Herlock.

— Como soube que eu estava lendo isso, hum?

Sholmes sorriu e explicou.

— Bem, há uma pequenina mancha de gesso fresco em seu nariz. O único lugar em que há gesso fresco nestes aposentos é o nariz no busto de Júlio César no cômodo ao lado, que consertei hoje de manhã. Portanto seu nariz deve ter tocado o nariz do busto. Como notei muitas vezes sua semelhança física e mental com um macaco, Sotwun, pensei que você deve ter imitado alguma fotografia que viu. A única fotografia nesta casa de pessoas encostando os narizes está no Ju-Ju Journal de 1º de março de 1927, no qual passei os olhos vários anos atrás.

Quando Sotwun tinha superado seu espanto, Sholmes explicou a razão de seu chamado.

— Sotwun, a Fábrica de Sopa South Sea já aceitou minha candidatura para a chefia de seu contingente de detetives, cuja missão é descobrir ostras na sopa de ostras? Não? Que estranho!

Exatamente nesse momento Herlock espirrou.

— Arrá! — disse ele. — O telefone!

Em vez de tocar, seu telefone havia sido feito para soltar uma quantidade de gás sempre que havia uma ligação. Esse gás tinha a peculiar propriedade de provocar espirros. Assim Sholmes podia ser informado da ligação sem qualquer ruído indesejável.

Ele levantou o fone. Imediatamente reconheceu a voz de um homem, 63 anos de idade, usando um terno marrom e outras roupas, que tinha sido casado dezoito vezes.

A voz cansada disse:

— Sr. Sholmes? Oh! Venha depressa ao escritório da Fábrica de Sopa South Sea. O sr. Ox-Tailby foi assassinado!

Limpando despreocupadamente um grão de poeira imaginário em sua sobrancelha, Sholmes rapidamente se despiu e voltou a se vestir, mudando assim sua aparência de um jovem bonito e pensativo para a de um rapaz bem-apessoado e meditativo. Em seguida saiu pulando do quarto e escada abaixo, oito degraus de cada vez, amarrando o cadarço do sapato e acendendo seu cachimbo de ópio no caminho.

Então fez sinal a um carro de aluguel que passava e pedalou sua bicicleta, com Sotwun correndo atrás, até o escritório da Fábrica de Sopa South Sea.

Com um estouro de velocidade, ele estourou sala adentro, estourando os botões de seu colete.

Ali no assoalho jazia o cadáver de Oswald Ox-Tailby, o comissário de cascalho no departamento de cevada da companhia, um ferimento a bala em seu

peito. O corpo, para o olho experiente de Herlock Sholmes, estava evidentemente bem morto.

Sholmes pensou incessantemente por um segundo inteiro. Em seguida:

— Arrá! Sotwun, vá e peça a Raring Riley, meu homem em Limehouse, para consultar Jamaica Jo.

Durante dezessete minutos e 45 segundos os ocupantes da sala, amigos e colegas do homem assassinado, fitaram o semblante pensativo de Herlock. Então Sotwun entrou na sala com alguém atrás de si.

Limpando despreocupadamente um grão de poeira imaginário em seu colarinho, Sholmes disse:

— Permitam-me, cavalheiros, apresentar-lhes a srta. Josephine Bartley, comumente chamada de Jamaica Jo!

Era uma mulher!

— Srta. Bartley — disse Sholmes —, alguém já lhe disse que é muito bonita?

A mulher corou:

— Ora, sim, senhor. Meu namorado disse isso muitas vezes.

Com um grito de triunfo, nosso herói agarrou-a pelo braço:

— Diga-me onde ele mora — bradou.

A mulher lhe deu a rua e o número e ele pedalou sua bicicleta loucamente até a residência designada. Correu até a porta, golpeou-a violentamente e habilmente algemou o homem que atendeu.

Antes de lhe dar tempo para falar, Sholmes jogou-o sobre o guidom de sua bicicleta e, recorrendo a seus vastos recursos de força hercúlea, pedalou de volta para o escritório.

— Aqui está o seu homem! — disse ele, limpando despreocupadamente um grão de poeira dos mocassins que ele conseguira quando caçava coleópteros na Antártida.

Todos gritaram:

— O quê?

— Suponho que desejam que eu explique — disse o detetive, enquanto pegava sua gramática para continuar seu estudo da língua lituana.

O consentimento foi evidenciado.

Sholmes começou:

— A primeira coisa que notei ao entrar nesta sala (além daquele dicionário acolá) foi que havia um ferimento a bala no cadáver. Isso me fez lembrar o famoso caso Ugga-Wulla de que todos os senhores devem se lembrar. Naquele caso o homem assassinado também apresentava um ferimento a bala. A similaridade desses dois crimes é assombrosa, como acabo de lhes mostrar, e consequentemente deduzi que o mesmo criminoso cometeu ambos. Eu já tinha solucionado esse mistério de Ugga-Wulla, embora tenha me esquecido de denunciar o assassino à polícia. O assassino era Black Bleerstone.

“Meu homem de Limehouse, Raring Riley, tinha me contado no mês anterior que Black Bleerstone era o amante desta mulher, Jamaica Jo. Black Bleerstone, tendo uma vez usado um par de óculos da Woolworth’s, enxerga muito mal. Para

confirmar a mensagem de que Bleerstone era seu amante, perguntei a Jo se alguém lhe dissera algum dia que ela era muito bonita. Ela respondeu que seu amante o fizera e, como só um homem que enxerga mal a chamaria de bonita, seu amante era um homem que enxergava mal. Aquele homem ali era seu

amante e ele, como os senhores percebem por seus óculos poderosos, enxerga mal. E Bleerstone enxerga mal! A coincidência é grande demais, e o homem que

matou Oswald Ox-Tailby encontra-se diante dos senhores na pessoa de Black Bleerstone, amante de Jamaica Jo."

Nesse momento, do círculo dos circunstantes, avançou Peter P. Soup, o

superintendente do corte de carne de cavalo no departamento de canja de

galinha, que disse:

— Herlock Sholmes, não posso deixar um homem inocente ir para o

cadafalso. Eu sou o homem que matou Oswald Ox-Tailby, porque ele fez a vil insinuação de que eu não pus carne de vitela na produção de canja de galinha da

semana passada. Mas eu pus! Muita carne de vitela! Não pus, meus amigos? —

E ele virou um rosto suplicante para seus ex-colegas de trabalho.

— Não, você não pôs. Somente carne de cavalo — disseram eles.

A estas fatídicas palavras, Sholmes, limpando despreocupadamente um grão

de poeira imaginário nas luvas de boxe que ele conseguira no Hindustão durante

a Rebelião dos Boxeadores, lançou-se sobre Peter P. Soup, assassino confesso.

Mas Soup, com um golpe de seu poderoso punho, fortalecido por anos

socando carne de cavalo para torná-la tão dura quanto a de frango novo, arremessou Herlock pela janela aberta.

Sholmes pousava ileso no gramado lá embaixo.

Limpando despreocupadamente os vários milhares de grãos de poeira reais em seu rosto, Sholmes correu de volta para o escritório, bem a tempo de ver Peter P. Soup pôr uma balinha branca na boca. Sholmes tentou tirá-la dele, mas chegou tarde demais, pois a bala de hortelã de máquina caça-níqueis tinha sido engolida.

Em poucos segundos, começou a fazer seu trabalho mortífero. Soup caiu no chão, seus braços se enrijecendo lentamente. Com seu último suspiro, ele cantou aquela bela e antiga canção que tanto lembra balas de hortelã de máquinas caça-níqueis em geral, “Rock of Ages”.

Depois dessas provas de suas habilidades como detetive, Sholmes foi aceito como chefe do contingente de detetives da Fábrica de Sopa South Sea.

Mas ele nunca conseguiu encontrar uma ostra na sopa de ostras, embora tenha encontrado vários botões de concha de ostra.

A aventura do varal

CAROLYN WELLS

Como é possível que uma pessoa tão imensamente popular e proeminente durante a vida esteja tão esquecida e seja tão pouco lida hoje? A bibliófila Carolyn Wells (1862-1942) escreveu e editou 170 livros, dos quais 82 são policiais, muitos dos quais tinham tramas excepcionalmente engenhosas e a maioria dos quais é terrivelmente enfadonha — razão suficiente para esquecê-los. Por mais famosa que fosse por seus romances policiais, 61 dos quais tiveram como protagonista o erudito e amante dos livros Fleming Stone, ela foi igualmente notada durante sua vida por antologias como *Nonsense Anthology* (1902), considerada um clássico do gênero, e sua *Parody Anthology* (1904), que continuou a ser editada por mais de meio século. Wells também escreveu o

primeiro manual de instruções no gênero da ficção policial, *The Technique of the Mystery Story* (1913). Seu primeiro romance policial, *The Clue* (1909), foi escolhido para a “Haycraft-Queen Definitive Library of Detective-Crime-Mistery Fiction”.

Sua afeição por sátiras e paródias levou-a a escrever muitas histórias do tipo,

inclusive *Ptomaine Street* (1921), uma paródia completa de Sinclair Lewis, e várias envolvendo Sherlock Holmes, entre as quais “The Adventure of ‘Mona Lisa’” (1912) e “Sure Way to Catch Every Criminal. Ha! Ha!” (1912).

“A aventura do varal” foi publicada pela primeira vez no número de maio de

1915 de *The Century Magazine*; sua primeira aparição em livro foi em *The Misadventures of Sherlock Holmes*, editado por Ellery Queen (Boston, Little Brown, 1944).

A AVENTURA DO VARAL

Carolyn Wells

Os membros da Sociedade dos Detetives Infalíveis apenas estavam por ali,

sendo socialmente infalíveis em seus aposentos na Fakir Street, quando o

presidente Holmes entrou. Estava muito mais sorumbático que de costume, e os

outros deduziram de imediato que algo estava por vir.

— E é isto — disse Holmes, percebendo que eles tinham percebido. — Uma

recompensa foi oferecida para a solução de um grande mistério, tão grande, meus colegas, que temo que nenhum dos senhores vá ser capaz de resolvê-lo ou

mesmo de me ajudar no maravilhoso trabalho que farei ao averiguá-lo.

— Humpf! — resmungou o Máquina Pensante, cravando seus olhos cinza

azulados no homem que falava.

— Ele expressa todos os nossos sentimentos — disse Raffles, com seu sorriso

cativante. — Fale, Holmes. Qual é o problema?

— Explicar alguns acontecimentos extremamente misteriosos lá em East Side.

Embora fosse um homem exagerado, Holmes falou brevemente, pois estava aborrecido com a atitude desatenta de seu grupo de colegas. Mas evidentemente ele ainda tinha seu Watson, por isso suportava a indiferença do resto do mundo frio.

— Os acontecimentos em East Side não são todos misteriosos? — perguntou Arsène Lupin com um ar aristocrático.

Holmes passou a mão na testa com cansaço.

— O inspetor Spyer — disse ele — viajava de trem pela Elevated Road, por alguma das avenidas de numeração baixa, quando, ao passar por um bairro de cortiços, viu um varal esticado de uma janela alta a outra através de um pátio.

— Era segunda-feira? — perguntou o Máquina Pensante, que naquele momento pensava ser uma máquina de lavar.

— Isso não importa. Mais ou menos na metade do varal estava pendurada…

— Com pregadores de roupa? — perguntaram dois ou três dos Infalíveis ao mesmo tempo.

— Estava pendurada uma bela mulher.

— Enforcada?

— Não. *Escutem!* Ela estava pendurada pelas mãos e evidentemente tentava passar de um prédio para o outro. Por seu rosto exausto e angustiado, o inspetor temeu que ela não conseguisse se segurar por muito mais tempo. Ele saltou de seu assento para correr em sua ajuda, mas o trem já se movera e ele estava atrasado demais para sair.

— O que ela fazia lá?

— Ela caiu?

— Que aparência ela tinha? — E várias perguntas sem sentido semelhantes saíram dos lábios dos grandes detetives.

— Façam silêncio, e lhes contarei todos os fatos conhecidos. Ela era uma mulher da alta sociedade, está claro, pois usava um vestido de noite de chiffon, um desses de ombros caídos. Usava joias valiosas e delicadas sapatilhas com fivelas cravejadas de pedras. Seu cabelo, liberto de suas amarras, caía em massas pesadas até embaixo nas suas costas.

— Que extraordinário! O que significa tudo isso? — perguntou m. Dupin, sempre direto ao falar.

— Ainda não sei — respondeu Holmes, sinceramente. — Passei apenas alguns meses estudando a questão. Mas vou descobrir, ainda que tenha de arrasar todo o quarteirão. Deve haver uma pista *em algum lugar*.

— Maravilhoso! Holmes, maravilhoso! — disse no canto um fonógrafo que Watson tinha providenciado, pois tivera de sair.

— A polícia nos pediu para assumir o caso e ofereceu uma recompensa para sua solução. Descubram quem era a dama, o que fazia e por quê.

— Há alguma pista? — perguntou m. Vidocq, enquanto m. Lecoq dizia ao mesmo tempo:

— Alguma pegada?

— Há uma pegada; nenhuma outra pista.

— Onde está a pegada?

— No chão, bem embaixo do lugar onde a dama estava pendurada.

— Mas você disse que a corda estava muito acima do chão.

— Mais de trinta metros.

— E ela desceu e deixou uma única pegada. Estranho! Muito estranho! — E o Máquina Pensante balançou sua velha cabeça amarela.

— Ela não fez nada parecido — disse Holmes com petulância. — Se vocês escutassem, poderiam ouvir alguma coisa. Os moradores do quarteirão foram interrogados. O fato, porém, é que por acaso nenhum deles estava em casa no momento da ocorrência. Havia uma parada numa rua próxima e todos tinham ido vê-la.

— Caíra uma neve leve na noite anterior? — perguntou Lecoq, ansioso.

— Sim, é claro — respondeu Holmes. — Do contrário, como poderíamos saber de alguma coisa? Bem, a dama tinha deixado sua sapatilha cair e, embora a sapatilha não tenha sido encontrada, tendo sido anexada pelos moradores do cortiço que chegaram em casa primeiro, tive uma oportunidade de estudar a pegada. A sapatilha era tamanho 33. Pequena demais para ela.

— Como sabe?

— As mulheres sempre usam sapatilhas pequenas demais para elas.

— Então como veio a deixá-la cair? — Isso foi dito por Raffles, triunfante.

Holmes olhou para ele com pena.

— Ela a chutou porque estava apertada demais. As mulheres sempre chutam

suas sapatilhas fora quando estão jogando bridge ou num camarote na ópera ou num jantar.

— E sempre quando estão atravessando um varal?

Essa foi a veia mais sarcástica de Lupin.

— Naturalmente — disse Holmes, com uma carranca taciturna. — A pegada denota claramente uma dama abastada e elegante, de estatura um tanto baixa e pesando cerca de 72 quilos. Ela era de temperamento animado…

— Animação suspensa — interveio Luther Trant, espirituosamente. Cientista Sprague acrescentou:

— Como o Caixão de Dâmocles, ou quem quer que seja.

Mas Holmes desaprovou a frivolidade deles.

— Temos de descobrir o que tudo isso significa — disse ele à sua maneira mais melancólica. — Tenho um desenho da pegada.

— Eu me pergunto se meu sismoespiógrafo trabalharia com ela — refletiu Trant.

— Sou o Príncipe das Pegadas — declarou Lecoq pomposamente. — *Eu* solucionarei o mistério.

— Façam o melhor que puderem, todos vocês — disse seu ilustre presidente.

— Temo que possam fazer pouco; essas coisas são ininteligíveis para os ininteligentes. Mas pensem nelas e vamos nos encontrar aqui novamente dentro de uma semana, com suas respostas esmeradamente datilografadas em um lado da folha de papel.

Os Detetives Infalíveis começaram, cada um afetando uma conduta de sanguíneo otimismo, o que não impressionou em nada seu presidente, acostumado que estava a impressões sanguinárias.

Eles passaram os sete dias designados mergulhados no estudo do problema; e muitas das sete noites também, pois queriam se aprofundar no desconcertante segredo à luz do sol ou das velas, como a cara sra. Browning expressa tão poeticamente.

E quando a semana se esgotou, os Infalíveis se reuniram de novo no santuário de Fakir Street, cada rosto exibindo o presunçoso sorriso de quem havia empreendido uma busca bem-sucedida e estava prestes a aceitar sua justa recompensa.

— E agora — disse o presidente Holmes — como nada pode ser ocultado dos Detetives Infalíveis, suponho que todos nós descobrimos *por que* a dama se pendurou no varal sobre o profundo e perigoso abismo de um pátio de cortiço.

— Nós o fizemos — responderam seus colegas, em diferentes tons de orgulho, convencimento e falsa modéstia.

— Não posso pensar — disse a voz de falcão — que vocês, qualquer um de vocês, tenham topado com a real solução do mistério, mas ouvirei suas tentativas amadorísticas.

— Como o membro mais velho de nossa organização, direi minha solução primeiro — disse Vidocq, calmamente. — Não fui capaz de encontrar a dama, mas estou convencido de que ela era meramente uma exímia trapezista ou uma equilibrista, praticando um novo truque para assombrar suas plateias de Coney Island.

— Absurdo! — exclamou Holmes. — Nesse caso a dama estaria usando uma malha ou um collant. Fomos informados de que ela estava em traje de noite completo dos mais elegantes.

Arsène Lupin falou em seguida:

— É muito fácil — disse ele com enfado. — Ela era uma datilógrafa ou estenógrafa que se irritara com as atenções do patrão e estava tentando escapar do bruto.

— Mais uma vez chamo a atenção de vocês para os trajes dela — disse Holmes com uma expressão de intolerância em seu rosto finamente cinzelado.

— Não tem problema — retrucou Lupin, rapidamente. — Essas moças se vestem de todas as formas! Eu as vi. Não veem nada de mais em usar roupas de noite no trabalho.

— Humpf! — disse o Máquina Pensante, e todos os outros concordaram com ele.

— O próximo — disse Holmes severamente.

— Eu sou o próximo — disse Lecoq. — Sugiro que a dama fugiu de um sanatório de lunáticos ali perto. Ela tinha a ilusão de ser um velho sobretudo que as traças tinham atacado. Assim, é claro, pendurou-se no varal. Esta teoria de sua loucura também explica o fato de que o cabelo da dama estava solto, como o de *Ofélia*, vocês sabem.

— Teria sido mais fácil para ela engolir umas boas bolas de naftalina — disse

Holmes, olhando para Lecoq em tempestuoso silêncio. — Sr. Gryce, você é experiente na arte da dedução; o que *você* conclui?

O sr. Gryce colou seus olhos na ponta de sua bota direita, de acordo com seu célebre hábito:

— Deduzo que ela estava visitando o cortiço. Você sabe, todas as melhores damas são ávidas por isso. E sinto que ela pertencia à Seita para o Melhoramento dos Varais. Estava fazendo o papel de testadora. Ela tinha de atravessá-los, uma mão após a outra, e se eles sustentassem seu peso, seriam aprovados pelo censor.

— E se não fossem?

— Ao que parece essa difícil situação não aconteceu no momento de nosso problema e por isso não pode ser considerada.

— Penso que Gryce está certo sobre a visita ao cortiço — observou Luther Trant —, mas a razão para que a dama se pendurasse no varal foi a necessidade imperativa que ela sentiu de um completo arejamento após suas visitas aos cortiços. Há um certo cheiro de cortiços, se posso dizê-lo, que requer ozônio em abundância.

— Você é materialista demais — disse o Máquina Pensante, com um olhar distante em seus débeis olhos azuis. — Essa dama era uma discípula do Novo Pensamento. Ela tinha de mergulhar no silêncio, se concentrar ou seja lá como chamem isso. E eles sempre escolhem lugares estranhos para esses períodos de reflexão. Eles precisam de solidão e, pelo que entendo, o varal não estava cheio, não é?

Rouletabille riu com franqueza:

— Você está completamente enganado, Pensante — disse ele. — O que

incomodava aquela dama era exatamente que ela queria emagrecer. Li sobre isso nas revistas femininas. Todas elas querem emagrecer. Fazem toda espécie de exercícios malucos, e essa travessia de varais, uma mão depois da outra, é o mais recente. Aposto que ela perdeu aqueles dez quilos de excesso que o velho Sherly lhe atribuiu.

— Argh e alguns oras — observou Raffles em seu elegante jargão da alta sociedade. — Vocês não me enganam. Aquela esperta solitária estava inventando uma nova dança para arrebatar a sociedade no próximo inverno. Vocês verão.

Manchetes dos jornais de domingo: ASSOMBROSA NOVA DANÇA! O SEGURA

NO VARAL! ESPALHOU-SE RAPIDAMENTE! É apenas *disso* que se trata. O que vocês sabem, hein?

— Vá dar uma volta, Raffles — disse Holmes, sem indelicadeza —, ainda está com sono. Cientista Sprague, você às vezes propõe uma teoria abstrusa, o que diz?

— Não precisei da ciência — disse Sprague negligentemente. — Assim que soube que ela estava com o cabelo solto, cheguei de imediato à conclusão correta. Ela estivera lavando o cabelo e estava secando-o. Minha irmã sempre enfia a cabeça pela claraboia; mas o plano dessa dama é, eu diria, um sucesso mais completo.

Quando todos tinham expressado suas teorias, o presidente Holmes se levantou para lhes dar o inestimável benefício de suas próprias opiniões.

— Suas ideias não deixam de ter algum mérito — admitiu —, mas vocês deixaram de fora o eterno elemento feminino do problema. Assim que eu lhes disser a verdadeira solução, cada um de vocês se perguntará por que ela escapou

à sua atenção. A dama pensou ter ouvido um camundongo, por isso saiu correndo pela janela, preferindo pôr a vida em risco no perigoso varal a permanecer na moradia onde o camundongo estava também. É tudo muito simples. Ela estava arrumando o cabelo, jogou a cabeça para a frente para torcê-lo, como elas sempre fazem, e assim avistou o camundongo parado no canto.

— Maravilhoso! Homes, maravilhoso! — exclamou Watson, que tinha acabado de voltar de sua diligência.

No mesmo momento em que todos ponderavam sobre a sabedoria superior de Holmes, a campainha do telefone tocou.

— Está aí? — perguntou o presidente Holmes, pois falava sempre à maneira inglesa.

— Sim, sim — respondeu a voz impaciente do chefe de polícia. — Chame seus detetives. Descobrimos quem era a dama que atravessou o varal e por que ela o fez.

— Não posso imaginar que realmente saibam — disse Holmes ao fone —, mas diga-me o que pensa.

— Arre! É claro que sim. Era apenas uma daquelas malditas cenas arriscadas de cinema!

— Realmente! E por que a dama chutou a sua sapatilha?

— Arre! Era parte do idiota do enredo. Ela é a srta. Flossy Flicker da Companhia Cinematográfica Flim-Flam, fazendo o thriller de seis rolos “No fim de sua corda”.

— Ah — disse Holmes amavelmente —, meus cumprimentos à srta. Flicker por seu bom trabalho.

— Maravilhoso, Holmes, maravilhoso! — disse Watson.

Sherlock Holmes e o muffin

DOROTHY B. HUGHES

A subestimada Dorothy Belle Hughes (1904-1993) é historicamente importante

por ser a primeira escritora a se inserir plenamente na chamada *hard-boiled school*, que é um tipo de ficção policial que se distingue por apresentar personagens emocionalmente endurecidos em um cenário de valores reversos.

Ela escreveu onze romances nos anos 1940, começando com *The So Blue*

Marble (1940) e incluindo *The Cross-Eyed Bear* (1940), *The Bamboo Blonde* (1941), *The Fallen Sparrow* (1942), *Ride the Pink Horse* (1946) e *In a Lonely Place*, os três últimos transformados em filmes *noir* de sucesso. *The Fallen Sparrow* (lançado no Brasil com o título *Beijo da traição*) foi distribuído pela RKO em 1943 e estrelado por John Garfield e Maureen O'Hara; *Ride the Pink*

Horse (*Do lodo brotou uma flor*, 1947) foi estrelado por Robert Montgomery e Thomas Gomez; *In a Lonely Place* (*No silêncio da noite*, 1950) teve como protagonistas Humphrey Bogart, Gloria Grahame e Martha Stewart e foi dirigido

por Nicholas Ray. Este último, um filme *noir* clássico, retrata um roteirista alcoólatra, propenso a explosões de violência, que é acusado de assassinar uma

empregada de chapelaria. Sua vizinha, uma loura atraente, lhe fornece um álibi,

mas logo começa a temer que ele tenha realmente cometido o crime e que ela possa ser a próxima vítima. No livro, o escritor é, de fato, um assassino psicopata, mas o diretor achou isso sombrio demais e suavizou o enredo.

No auge do sucesso, Hughes abandonou a escrita em grande parte por causa de responsabilidades domésticas. Ela fez críticas de romances policiais durante muitos anos, ganhando um Edgar por sua perspicácia crítica em 1951; em 1978,

a Mystery Writers of America nomeou-a Grã-Mestra pelo conjunto da obra.

“Sherlock Holmes e o muffin” foi publicado pela primeira vez em *The New Adventures of Sherlock Holmes*, organizado por Martin Harry Greenberg e Carol-Lynn Rössel Waugh (Nova York, Carroll & Graf, 1987).

SHERLOCK HOLMES E O MUFFIN

Dorothy B. Hughes

i

Pingentes de gelo de fato podiam ser vistos junto à parede bem cedo naquela manhã de dezembro, conforme Sherlock Holmes cantarolava quando ia de seu quarto para nossa sala de estar:

Quando gelo pende junto à parede,

E Dick, o pastor, espera com paciência,

E Tom carrega troncos…

Uma batida no corredor o interrompeu. Eram seis e meia e nosso chá matinal tinha chegado. Como estava perto, Holmes abriu a porta. Vigorosamente retomou sua canção:

E a gordurenta Joan emborca a panela…

A pequena criada entrou, equilibrando a pesada bandeja de prata, com seus dois bules de porcelana marrom da melhor mistura para o Desjejum Inglês da Jackson’s, um grande recipiente de água fumegante, duas xícaras e pires de porcelana Wedgewood, um açucareiro e uma jarra de leite, também de Wedgewood, e duas colheres de prata. Ela conseguiu pousar a bandeja com cuidado, sem derramar nada. Em seguida, levantou os olhos para Holmes:

— Meu nome não é Joan — declarou — e não sou gordurenta. Eu me lavo todas as manhãs e todas as noites, e no sábado tomo um banho completo na banheira da minha mãe. — E enfatizou: — Todo sábado.

Era uma criaturinha que não aparentava mais de dez ou onze anos. Sobre o vestido, usava um avental, evidentemente um dos da sra. Hudson, pelo modo como pendia quase até seus tornozelos. Seu cabelo castanho-claro estava cortado como o de um menino, uma franja lisa até as sobrancelhas e quadrado sob as orelhas. Os olhos eram tão acinzentados quanto aquela gélida manhã.

Várias criadas auxiliares passavam pela casa da sra. Hudson. Nossa exemplar anfitriã não era tão bondosa com seus subordinados quanto era para seus inquilinos. Eu frequentemente a ouvia repreendendo uma ou outra criança chorosa. Criadas auxiliares estavam no degrau mais baixo das domésticas e por isso eram as mais mal remuneradas. Nenhuma trabalhava por muito tempo para a sra. Hudson.

Mas esta tinha brio. E o próprio Sherlock estava de bom humor, pelo que supus que um novo caso lhe aparecera. Como ele dizia tantas vezes, “Dê-me problemas, dê-me trabalho. Abomino a estagnação”. Sem um problema, ele se apegava a seu plangente violino Stradivarius e seu cachimbo de solução a 7½ por cento.

Embora seus olhos estivessem sorrindo agora, seu rosto permanecia grave, assim como sua voz:

— Se você não é a gordurenta Joan — disse —, qual é o seu nome?

— Meu nome é Muffin.

— Muffin?

— Muffin — ela repetiu com firmeza, desafiando-o a desdenhá-lo.

— Bem, senhora Muffin — ele se curvou ligeiramente —, você pode me servir uma xícara de seu excelente chá. Primeiro um pouquinho de leite, depois o chá e finalmente dois torrões de açúcar.

Ela hesitou, como se não fosse serviço seu, como de fato não era, servir o chá.

Eu já tinha enchido a minha xícara com uma generosa porção de leite e um torrão de açúcar, e mexido e mexido, como nos ensinavam no internato. Mas ela seguiu as instruções dele, quase como se estivesse acostumada a esse trabalho extra. Sabia fazê-lo, devo dizer. Provavelmente fazia o papel de mãe para sua mãe à noite.

— E onde você ganhou esse lindo nome, senhora Muffin? — indagou-lhe polidamente Sherlock, quando se aventurou a tomar um gole de seu chá escaldante.

— Mamãe me chamou assim — respondeu ela. — Antes de eu nascer, ela uma vez economizou meio *penny* de seu salário e comprou para si um muffin do Homem dos Muffins. Ela diz que foi a melhor coisa que comeu na vida. E quando eu nasci, me chamou de Muffin. — Ao concluir, ela se encaminhou para a porta. — Com sua licença, senhores, mas ela vai me acusar de ficar tagarelando se eu não pegar logo a escada de serviço. Volto para buscar a bandeja mais tarde.

E com isso ela desapareceu como um raio.

Quando ela já estava bem longe, Sherlock caiu na risada:

— Muffin. Porque foi a melhor coisa que ela já tinha comido. — Depois seu rosto ficou sério. — Pobre mulher. Esperando, por quanto tempo, até poder

dispor de meio *penny* para sua iguaria especial? Aposto que esta criança nunca provou um.

— Não com um salário de criada auxiliar — concordei. Servi-me de mais chá.

— Você se levantou cedo. Um novo caso?

— É o que parece. Um baú de joias enviado da Índia no navio *The Prince of Poona* desapareceu. Esta manhã vou me encontrar com o comandante do navio e representantes do vice-rei. Depois que eu souber mais detalhes, decidirei se desejo ou não me incumbir desse caso.

— Não podem ser as gemas do gaicovar de Baroda! — Eu tinha lido sobre seu valor na semana anterior nos jornais.

— De fato, sim. Pelo seu serviço na Índia, Watson, aposto que você sabe que o gaicovar recebe de seus súditos todos os anos seu peso em ouro e pedras preciosas. Sem dúvida é por isso que ele imita um ganso de Estrasburgo à mesa.

— Pudemos trocar um sorriso, tendo visto novas fotografias do gaicovar atual.

Holmes continuou: — Parece que ele decidiu ter parte de seu tesouro montada em peças, couraças, diademas, anéis e outras coisas, possivelmente como presentes para suas esposas e seus cortesãos favoritos.

— Mas por que Londres?

Os indianos orientais eram famosos por suas habilidades como lapidários.

— Realmente por quê? Porque os melhores cortadores de pedras estão agora em Londres, ao que parece. Ao menos o gaicovar considera que é assim. E não quer que ninguém mais corte essas gemas.

Debaixo de seu robe, Holmes estava vestido, exceto pelo sobretudo. Por um

instante ele voltou ao seu quarto, somente para emergir com suas botas

resistentes, sua capa Inverness, vários cachecóis de lã enrolados no pescoço, carregando suas luvas de inverno forradas de pele. Na cabeça usava uma pele que comprara na Rússia. Tinha abaixado as orelheiras.

Por causa do tempo, sugeri que tomasse um cabriolé de aluguel até seu local

de encontro. Ele zombou disso:

— É de ar fresco e frio que meus pulmões estão precisando. — E saiu.

Invejei-o. Eu ainda estava mais ou menos confinado em casa, tratando dos

ferimentos de meus serviços no Afeganistão. Encolhi-me junto ao fogo, instalando-me numa espreguiçadeira com meu cachimbo de urze e o *London Times* da manhã. Sherlock afirmava que o *Times* só era lido por intelectuais, classe a que não alego pertencer. Mas, para mim, o *Times* era o único jornal que dava notícias apropriadas.

Eu tinha me esquecido de Muffin até que ela bateu na porta mais tarde e reapareceu. Disse num só fôlego:

— A sra. Hudson diz que seu desjejum estará pronto em uma hora isso é tarde

demais e o senhor vai descer?

Holmes e eu em geral tomávamos o desjejum na sala de jantar do térreo, sendo difícil, se não impossível, manter torrada, ovos e bacon adequadamente aquecidos quando uma bandeja tem de ser preparada e carregada por dois

andares da cozinha ao primeiro andar, onde ficavam os nossos aposentos.

— Sim, vou descer — eu lhe disse. — E oito horas será conveniente para mim. E por favor informe à sra. Hudson que o sr. Holmes não descerá para o desjejum, pois já saiu.

Isso não era incomum quando ele estava trabalhando num caso. Houve vezes

em que ele saiu realmente antes do chá matinal!

— Sim, senhor — disse Muffin.

Ela tinha estado enchendo a bandeja com os restos do chá daquela manhã. Fez menção de apanhá-la agora, mas eu a detive:

— Quero que saiba — disse —, que o sr. Holmes não estava falando de você quando disse gordurenta Joan. Estava apenas cantando uma das canções do sr. Will Shakespeare.

O rosto dela se iluminou:

— Oh, já ouvi algumas delas. Quando eu era pequena, mamãe me levou para ver algumas de suas peças na sala de espetáculos. Havia uma em que o fantasma do pai aparece para um príncipe chamado Hamlet. Muito assustador. E outra chamada *Noite de reis*, em que uma garota finge que é um rapaz e em que há dois velhos cavalheiros que cantam e dançam. Muito cômicas, essas peças.

— A sua mãe trabalha no teatro? — perguntei.

— Oh, não, dr. Watson, senhor. Isso foi quando ela era faxineira da sala de espetáculos. Não fica longe do cais, logo ao largo da Strand. O porteiro a deixava entrar comigo se eu ficasse sentada quieta nos degraus. — Ela balançou a cabeça. — Posso lhe dizer, apesar de ser muito nova, eu ficava muito mais quieta que as pessoas nas poltronas e no balcão. — Ela levantou a bandeja, que não estava tão pesada com os bules vazios. — É melhor eu me apressar antes que a sra. Hudson fique rabugenta de novo. — E saiu.

Naquela noite junto à lareira, regalei Holmes com as novas revelações sobre Muffin. Ele ficou tão impressionado quanto eu por ela ter conhecimento de Shakespeare.

— Eu me pergunto se ela saber ler e escrever — refletiu ele.

A educação para mulheres ainda era de escassa a inexistente, embora a Lei da

Educação Nacional tivesse sido introduzida pelo Parlamento alguns anos antes. Em considerável medida, o Parlamento o fizera por causa do movimento de John Stuart Mill pela melhoria das escolas para mulheres, a que a srta. Florence Nightingale havia somado sua influência. Tanto Holmes quanto eu éramos firmes partidários da educação para todos.

Naquela noite Holmes não falou de seu novo caso, exceto para dizer que o aceitara e iria sair cedo de manhã rumo ao cais. Possivelmente os cais estão um pouco melhorados agora, no fim do século XIX, mas eles ainda eram repugnantes na melhor das hipóteses e perigosos além disso. Não que Holmes jamais tivesse medo de andar mesmo pelos mais sórdidos becos. Sua constituição esbelta não dava nenhum indício do poder muscular por trás dela. Holmes era um boxeador tão bom quanto qualquer profissional, e com exercício e dieta apropriada, mantinha-se em forma. Apesar disso, não se fiava apenas na força bruta. Ele preenchia a bengala que carregava com pesos, como mais de um malfeitor pôde atestar.

— Devemos esperar que o tesouro não esteja nas mãos de um dragador.

Poderia ser bastante difícil recuperá-lo.

Na maioria das vezes, os dragadores eram homens perseverantes, trabalhadores da classe mais inferior, que procuravam objetos de possível valor em meio a destroços de naufrágios. Eles tinham também o dever de recuperar corpos afogados do rio. Por esta última atividade, recebiam “dinheiro de investigação”. Lamentavelmente, contrabandistas se introduziam entre os dragadores honestos e eram mais ativos quando navios das Índias Orientais

estavam ancorados no rio.

Holmes fumava placidamente seu tabaco forte de depois do jantar:

— Certamente, estando em jogo diamantes, o tempo é essencial.

— Diamantes!? — não pude deixar de exclamar.

— O tesouro contém diamantes, pesando mais de três toneladas.

— E você deve recuperá-los?

— Pretendo tentar. — Seus lábios não sorriam. — Não pretendo fracassar.

ii

Na manhã seguinte, Muffin não se demorou após levar nosso chá matinal.

Aposto que a sra. Hudson a repreendera por seus lapsos da véspera. Holmes tomou seu chá com seu costumeiro cachimbo de antes do desjejum, cheio, como sempre, com os restos de tabaco semifumados da véspera, que ele secava em sua escrivaninha durante a noite. Enquanto fumava, bebeu suas duas xícaras habituais com dois torrões de açúcar, mas não se demorou com elas. Logo foi para o seu quarto se vestir, ansioso para ir ao cais.

Acendi meu cachimbo de urze e me servi de uma terceira xícara. Sem avisar, sem mesmo sua costumeira batida, Muffin irrompeu na sala. Em cada mão segurava uma bota de homem.

— O sr. Holmes não está aqui? — perguntou.

— Está. Em seu quarto, se vestindo.

Ela ofegou:

— Alguém jogou as botas dele na lata de lixo. Fui esvaziar as cestas da cozinha

na lata e as vi sobre os restos. A carroça do lixo vai passar esta tarde, e elas teriam sido levadas para o depósito de lixo. — Ela balançou a cabeça. — Se o lixeiro não as guardasse para vendê-las.

Do vão de sua porta, Holmes bradou:

— O que vocês estão dizendo?

Muffin deu meia-volta e as botas caíram de seus dedos. Um instante depois ela arquejou:

— Ai, sr. Holmes. O senhor me deu um susto. — Expirou profundamente. — Eu o tomei por um lascar.

Agora Holmes estava disfarçado sob a aparência de um desses marinheiros durões das Índias Orientais. Uma cicatriz atravessava toda a sua face esquerda. Seu rosto estava tão marrom quanto café. Mesmo para mim, um médico, e vista tão de perto, parecia ser uma cicatriz verdadeira.

— Você conhece os lascars? — perguntou Holmes.

— Oh, sim, mamãe e eu moramos perto do cais. Meu pai era um homem do mar até seu navio se perder no oceano Índico, com todos os marinheiros a bordo. Eu nunca o conheci; eu era apenas um bebê. — Ela se livrou das lembranças e retornou ao presente: — Os lascars são malvados. Preferem lhe cortar com uma faca a lhe dizer que horas são.

Holmes se virou para mim:

— E estou aprovado na sua inspeção, doutor Watson?

— Você já foi aprovado num teste mais difícil — informei-o. — É mais difícil

enganar crianças que os mais velhos. — Em seguida lhe expliquei: — Muffin resgatou suas botas da lata de lixo.

Depois de pegá-las do chão, ela as estendeu para ele.

— Que bondade a sua cuidar de mim, senhora Muffin. No entanto, estas são

as botas que joguei fora.

— Mas, sr. Holmes — ela protestou. — O couro não está quebrado. Olhe. E as

solas! Ainda fortes…

— Não preciso mais delas — disse-lhe ele. — Meu sapateiro de Jermyn Street

entregou-me as novas esta semana. Estas você pode jogar novamente no lixo.

— Se o senhor quer assim. — Ela se virou com relutância para sair, ainda esfregando o polegar no couro macio. E então se virou para ele novamente, perguntando em voz baixa: — O senhor se importaria se em vez de lata de lixo

eu ficasse com elas para mim?

Ele ficou surpreso por um momento:

— De maneira alguma. Mas receio que elas seriam grandes demais para você,

senhora Muffin.

— Oh, não são para mim, senhor. Para a mamãe. Ela tem os pés tão frios quando chega em casa tarde da noite de suas faxinas, parecem pedras de gelo.

Quando está chovendo, os sapatos dela ficam molhados até a pele. As solas dela

são de papelão.

— Não serão grandes demais para ela? — intervim, duvidando. — O pé de

uma mulher é diferente do de um homem.

— Não com novas meias velhas. Talvez dois pares para preencher os vãos.

— Novas meias velhas? — Era uma expressão que eu nunca ouvira.

— Todas as mães as fazem. Elas cortam fora o pé gasto e emendam o que sobrou. Depois elas cortam um pedaço de cima de outra meia velha e costuram

isso ao topo para deixá-las compridas o bastante. E você tem uma nova meia velha.

Uma peremptória batida na porta silenciou-a. Era a batida da sra. Hudson.

Notei apenas que Sherlock saíra discretamente enquanto Muffin e eu

conversávamos.

Abri a porta para nossa senhoria. Ela me deu bom-dia, em seguida dirigiu seu

olhar para Muffin:

— Precisam de você lá embaixo.

— Sim, senhora — disse a criança docilmente e escapuliu.

— Lamento tê-la segurado até agora. Estava me ajudando. — Assumi a culpa,

esperando que isso fosse ser de alguma ajuda para Muffin. Notei que ela tinha conseguido esconder as botas sob seu avental antes de sair às pressas.

— Sempre que precisar de ajuda, dr. Watson — disse a sra. Hudson

gentilmente —, basta me informar. Eu lhe cederei uma das criadas.

Com isso, ela saiu com um farfalhar de saias. Pela maneira como suas saias

eram cheias, ela devia usar sempre várias anáguas, pelo menos uma de tafetá. Eu não tinha nenhuma dúvida de que, a essa altura, Muffin devia estar com as botas

bem escondidas lá embaixo até a hora de ir embora naquela noite.

Escureceu antes que Holmes voltasse. Pelo seu semblante taciturno, o dia não

correra bem e não fiz nenhuma pergunta. Só depois que tinha limpado todos os

vestígios do lascar e estava confortavelmente instalado junto ao fogo, envolto em seu robe púrpura, ele discutiu a aventura.

— O cais estava repleto de lascars, Watson. Embora eu fale vários de seus dialetos, nenhum deles se dispôs a falar comigo. Quanto ao mais, a área estava quase deserta de seus residentes. Não pude apurar se era por medo deles ou por ordem de um tal Jick Tar.

— Jick Tar? — repeti. O nome não significava nada para mim.

— Ou Jicky Tar. Ele tem uma loja de suprimentos para navio lá e parece governar a vizinhança de maneira tão absoluta quanto um potentado oriental.

— Não Jack Tar? Jick Tar. — Continuei intrigado.

— Talvez antigamente ele fosse Jack Tar e mudou de nome quando deixou a Marinha Real. Por razões boas e suficientes, não duvido. Descobri que ele era dragador ou usava esse disfarce para suas operações. Pelo que sei, perdeu uma perna numa delas e não pôde mais trabalhar na água, por isso abriu a loja. Tentei entrar lá, mas fui rudemente colocado para fora por um dos valentões na sua porta.

— Não vai precisar voltar? — perguntei.

— Preciso voltar se quiser descobrir as joias. Mas mudarei de disfarce.

Nosso jantar chegou nesse momento. Eu pedira que fosse trazido para cima quando percebi que ele não chegaria a tempo de se vestir para a sala de jantar.

Fiquei satisfeito ao ver que, longe de mergulhar na depressão, ele estava com bom apetite. Depois do doce, ele abriu uma garrafa de clarete e eu trouxe os havanas. Os contratempos do dia obviamente apenas aumentaram o desafio de solucionar o caso.

No dia seguinte, ele estava junto ao fogo em nossa sala de estar antes de eu me levantar. Até onde eu sabia, talvez tenha passado a noite toda sentado ali.

Mas estava longe de parecer desanimado, o que tomei como um indício de que tinha pensado em um ou mais planos de ação.

Às seis e meia em ponto, Muffin chegou com sua bandeja do chá matinal. Ela parecia preocupada. Depois de pousá-la, aproximou-se de Holmes:

— Acho que lhe fiz um mal — disse ela, trêmula. — Foram as botas. Quando eu as estava levando para casa ontem à noite, encontrei com Jacky e Little Jemmy e eles disseram que eu as tinha roubado. Eu disse que realmente não tinha e que o sr. Sherlock Holmes as dera para mim.

Holmes estava fazendo força para não rir diante de sua agitação infantil:

— Não fale tão depressa — pediu ele.

Ela tomou fôlego:

— Eles disseram que iriam contar para Jicky Tar, mas quando eu disse o seu nome, fugiram como coelhos. Só que — ela tomou fôlego de novo — eles me seguiram hoje de manhã. Estou com medo de que queiram lhe fazer mal. E minha mãe ficou tão agradecida pelas botas, ela até chorou.

— Onde estão esses meninos — perguntou Holmes.

— Do outro lado da rua. — Ela nos levou às amplas janelas da frente e apontou para o outro lado. — Ali, junto da segunda casa parda. — Na escuridão da manhã, mal podíamos divisar as formas de duas figurinhas juntas no frio meio-fio.

— Eles são os meninos de Jicky Tar? — perguntou Holmes.

— Oh, não, eles são Cotovias da Lama. — Esse era o nome dado às crianças miseráveis que revolviam as margens lamacentas nas ribanceiras do rio à procura

de garrafas, pedaços de carvão ou quaisquer artigos perdidos que pudessem vender por algumas moedas. Apesar das reformas modernas, ainda havia muitas

crianças de rua em Londres, cujos pais, incapazes de cuidar delas, as haviam colocado para mendigar ou se virar por conta própria de outras maneiras. — Mas

Jicky Tar compra alguns de seus achados — disse ela. — E eles têm medo de aborrecê-lo.

— Vou falar com eles — afirmou Holmes. — Vá dizer à sra. Hudson para

mandar subir o rapaz da lareira para fazer um serviço para mim.

O rapaz da lareira vinha a ser um velho macambúzio que eu nunca vira antes,

pois ele subia para acender nosso fogo antes de eu acordar. Ele subiu a escada com passos pesados e Holmes foi a seu encontro na porta:

— Há dois meninos do outro lado da rua. Quero que você os traga aqui para

mim. Quero falar com eles.

Sem dizer uma palavra, o homem se afastou, descendo a escada com os

mesmos passos pesados.

Holmes deixou a porta aberta e veio até a mesa:

— Hoje a gordurenta Joan de fato emborcou a panela.

— Vou tocar para pedir mais água.

— Esta será suficiente. Não é hora de ser exigente.

Enquanto ele ainda falava, pudemos ouvir vozes lá embaixo, e logo a porta se

abriu mais e um moleque, enrolado em cachecóis e luvas de toda espécie deu uma olhada na sala. Era mais ou menos do tamanho de Muffin, mas mais bem alimentado, com um nariz redondo e redondos olhos azuis numa cara redonda.

Suas bochechas estavam vermelhas de frio.

— Entre, garoto — disse Holmes. — Você é…

— Jacky, senhor. — Sua voz estava rouca com o frio.

— E onde está Jemmy?

— Meu irmão está lá embaixo — ele apontou. — Tomando conta da caixa.

Holmes conteve seu alvoroço:

— A caixa…

— É pesada demais para carregar para longe.

— O que há na caixa? — indagou Holmes.

— Pedras — disse o menino. — Nada além de pedras.

— Então por que a trouxeram até aqui? — O garoto percorreu a sala com os olhos, desconfiado, fixando-se particularmente em mim. — Por quê? — repetiu Holmes.

— Quero que o senhor a veja. Quero que veja que são somente pedras. Não quero que Jicky Tar fique dizendo que roubei alguma coisa da caixa.

— Vá buscá-la — ordenou Holmes. — Conseguem subir a escada com ela?

— Eu e Little Jemmy juntos conseguimos. Do jeito que a trouxemos até Baker Street.

Holmes esperou no topo da escada, para o caso de a sra. Hudson não deixar Jacky voltar com Jemmy. Não que ela não estivesse acostumada aos visitantes esquisitos que Holmes muitas vezes recebia. Fui até a porta e vi quando os dois meninos apareceram, içando uma caixa de madeira degrau por degrau até que Holmes a pegou no alto da escada. Little Jemmy mal chegava ao ombro de

Jacky. Não podia ter mais de sete ou oito anos. Como Jacky, estava todo embrulhado, mas seu rosto magro parecia embranquecido e ressecado pelo tempo implacável. Todos nós entramos na sala de estar e Holmes mandou que os meninos fossem para junto da lareira. Ele pôs a caixa diante deles no chão.

— Querem abri-la?

A caixa ou arca parecia feita de ótima teca, embora muito estragada por ter ficado imersa na água do rio. Tinha talvez a metade do tamanho de um baú de viagem de criança. Jacky abriu o fecho e levantou a tampa.

Ela continha pedras. Nada além de pedras sujas. Algumas pequenas como cerejas, mas em sua maioria grandes como ameixas.

— Que querem que eu faça com isto? — perguntou Holmes aos meninos.

— Faça o que quiser — disse-lhe Jacky. — Mas não conte a Jicky Tar que nós as trouxemos para o senhor.

Little Jimmy advertiu, temeroso:

— Ele lhe dá um golpe com aquela bengala dele para derrubá-lo no chão e depois o esmaga como a um inseto.

— Não quero saber dele — assegurou Holmes.

Depois que os meninos tinham ido embora, cada um segurando uma moeda dentro da luva, Holmes se virou para mim:

— Vamos, Watson. Devemos nos vestir e sair imediatamente. Se estas pedras forem o que suponho, preciso de você como testemunha.

— E nosso desjejum? — lembrei-lhe.

— Nós o tomaremos mais tarde.

Não discuti com ele. Em tempo recorde ambos estávamos prontos para partir.

Fui na frente, carregando sua bengala, enquanto ele desceu com a arca. Tive a sorte de conseguir um cabriolé de aluguel para nós quase imediatamente.

Holmes instruiu o cocheiro:

— Para Ironmonger Lane.

Depois de estarmos a caminho, ele explicou:

— Estou levando a arca a um certo signor Antonelli, que é, como fui informado, o melhor lapidário em Londres. Durante séculos os indianos orientais foram os únicos lapidários no mundo civilizado. Como você certamente soube em seus anos na Índia, aquele país era a única fonte conhecida de diamantes até o início do século XVIII e a descoberta deles no Brasil.

— Sim, de fato — lembrei-me. — As melhores e mais famosas pedras vieram da área de Golconda, perto de Hyderabad. O Kuh-a-Nur, que foi um presente da Índia para a nossa Coroa real, é o maior diamante conhecido. O Darya-i-Nur, outra das pedras notáveis, está na Pérsia. Foi levado para lá junto com todas aquelas pedras conhecidos agora como Joias da Coroa Persa, pelo Nadir Xá quando ele saqueou Déli em 1739. Dizem que as joias persas superam todas as outras em vastidão de número, tamanho e qualidade, embora nossas próprias joias da Coroa contenham algumas das gemas mais preciosas, particularmente em diamantes. — A ponta de minha bota cutucou a arca. — Você acredita que estas pedras são diamantes?

— Acredito — respondeu Holmes. — Tanto na Índia quanto no Brasil, diamantes eram encontrados apenas em depósitos de cascalho. Como rochas sedimentares vêm de algum depósito mais profundo, obviamente essa não era a

fonte original. Mas somente com a descoberta de diamantes na África do Sul, menos de vinte anos atrás, ficamos sabendo que eles ficam dentro de profundos veios cilíndricos de rochas ígneas. Em sua forma não lapidada, os diamantes não podem ser distinguidos de nenhuma rocha de bom tamanho.

Quando Holmes investigava um assunto, ele o fazia de maneira exaustiva.

— Diamantes são puro carbono. É verdade, algumas pedras mais pobres têm cristais de outros minerais incrustados, mas estes não são usados como pedras preciosas, somente para pó de diamante e outros propósitos inferiores. — Ele refletiu. — A história dos diamantes é fascinante, Watson. Sabe-se que já eram usados como pedras preciosas desde 300 a.C. Em documentos antigos está registrado que Alexandre, o grego macedônio que conquistou a Pérsia e acrescentou "o Grande" a seu título adornava-se com diamantes enquanto avançava para se apoderar de todo o Oriente Médio. O próprio nome provém do grego, *adamas* ou "invencível".

Holmes havia evidentemente encontrado tempo, entre todas as outras coisas com que estava envolvido, para visitar a sala de leitura do Museu Britânico. Ele continuou:

— O diamante é a pedra preciosa mais dura, por isso a mais difícil de cortar. Somente ele alcança o grau dez, o ponto mais elevado, na recente escala de Mohs. De especial interesse para mim são as diferenças na avaliação da beleza de um diamante. No Oriente, a beleza está principalmente no peso, ao passo que no Ocidente está na cor e na forma. Os lapidários indianos inventaram o corte da

rosa, que melhor preservava o peso. Mas consideravam quase impossível polir esse corte para fazer aparecer seu fogo.

“Foi o lapidário veneziano Vincente Peruzzi que, no fim do século XVII,

começou a fazer experiências com o acréscimo de facetas ao corte da mesa. O

resultado foi o primeiro corte brilhante. Cortar é uma ciência. Peruzzi tinha estudado com lapidários das Índias Orientais. Como também signor Antonelli. E

é por isso que estamos aqui”, concluiu ele quando o carro de aluguel parou diante de uma oficina muito velha na Ironmonger’s Lane.

Holmes saltou. Enquanto ele pagava o cocheiro, empurrei a arca para uma

posição em que ele podia levantá-la mais facilmente. Em seguida saltei para a calçada e me dirigi à porta da oficina. Nesse instante vi um homem que se aproximava num passo rápido, apesar de sua perna de pau.

— Holmes! — adverti rapidamente.

Diante do alarme em minha voz, ele se virou e também reconheceu quem

devia ser essa pessoa. Nada mais nada menos que Jicky Tar. Ele era grande, embora não fosse alto, e seu blusão de malha de marinheiro não podia esconder

seus músculos salientes. O rosto era uma máscara malévola. Ele brandia um porrete, encaroçado como são aqueles cassetetes pesados que vêm da aldeia de

Shillelagh.

Um olhar e Holmes me entregou a caixa. Ele puxou sua bengala de debaixo do meu braço, em seguida avançou alguns passos e ficou à espera. Só então vi os

dois brutamontes que tinham dobrado a esquina na esteira de Jicky Tar. Um tinha

Jacky imobilizado numa chave de braço, o outro tinha um punho como um torno

apertado em volta do bracinho de Jemmy.

Holmes também os viu e gritou:

— Soltem esses meninos! Já!

— Só depois que você devolver minha propriedade — rosnou Jicky.

Ele tinha avançado até ficar a vários metros de Holmes antes de tomar posição. Era óbvio que estava acostumado a brigas de rua, em que é necessário manter a distância adequada para brandir um porrete com o máximo de impacto.

— Que propriedade sua afirma que tenho? — perguntou Holmes.

— A caixa. — Jicky lançou um rápido olhar para o lugar onde eu estava. — A caixa que essas pestes roubaram de mim e deram a você.

O menino Jacky gritou por sobre suas palavras:

— Ele está mentindo, sr. Holmes. Está mentindo! Não era dele, era nossa. Quem a encontrou fomos nós. Não ele.

Jacky estava se debatendo e se esforçando para se livrar de seu captor, dirigindo seus chutes para onde seriam eficazes. Um acertou o alvo. O brutamontes uivou e por um momento afrouxou o braço que segurava o garoto.

Jacky se desvencilhou e saiu correndo a toda pela travessa.

— Jicky, ele escapou! O maldito desgraçadinho escapou. Vou atrás dele! — gritou o valentão.

— Não — ordenou Jicky. — Fique aqui! Eu o pego mais tarde. Ele não irá longe. Não sem seu irmãozinho chorão. — Em seguida ele voltou sua atenção para Holmes. — Você vai me dar a caixa ou terei de tomá-la?

— A propriedade pertence ao gaicovar de Baroda e eu a devolverei a ele — afirmou Holmes, com autoridade.

Sem aviso de “em guarda”, Jicky Tar brandiu seu porrete, enquanto o valentão desocupado veio por baixo dele em direção a Holmes. A finta bem direcionada de Holmes para Jicky tornou-se um golpe na cabeça do valentão, derrubando-o. Ficaram então apenas os dois homens, ambos especialistas, nesse olho por olho, manobrando como espadachins, um para desarmar o outro. O valentão conseguiu se levantar cedo demais e avançou para se juntar à briga. Temi por Holmes, com dois contra um, mas não teria sido necessário. Com invejável destreza, a bengala de Holmes o atingiu e derrubou de novo. Holmes então a levantou para desarmar Jicky Tar quando o apito da polícia soou.

— É o Jacky — exclamou Jemmy. — Ele trouxe os tiras.

Era realmente Jacky, correndo à frente de um policial enquanto outro vinha atrás, soprando o apito. A polícia rapidamente se encarregou de Tar e de seu capanga. Aquele que agarrara Jemmy tinha desaparecido durante o tumulto,

soltando o menino, que correu para o lado do irmão.

— Levem esses homens para o inspetor Lestrade. Estarei lá daqui a pouco para informá-lo de seus crimes. E levem os meninos com vocês — disse Holmes

aos policiais.

— Cruz-credo! — exclamou Jacky, enquanto Jemmy se agarrava a ele. — Ele

nos dedurou!

— De maneira nenhuma — disse-lhes Holmes. — Não é seguro para vocês

voltar a seus antigos refúgios. Apenas fiquem com a polícia até eu chegar, e depois encontrarei um lugar melhor para vocês morarem.

Enquanto ele falava, o carro da polícia, chamado pelos apitos, desceu pela viela.

Os bandidos foram rapidamente trancados dentro dele. Com grande

relutância, os meninos foram alçados para o lado do cocheiro e os cavalos voltaram batendo os cascos pela rua. Holmes espanou sua capa e endireitou o chapéu. Em seguida pegou a caixa comigo e avançou para entrar na oficina do

signor Antonelli.

Estava escuro e sombrio lá dentro. Havia apenas um cômodo; um balcão

separava a frente do fundo mais amplo. Ali, as prateleiras estavam carregadas com toda espécie de pedras e, sobre uma mesa comprida, havia mais, em vários

estágios de lapidação. A poeira de diamante recuperada nesse processo é a única

substância dura o suficiente para produzir o alto polimento necessário a belas pedras.

À mesa, curvado sobre seu trabalho, estava um velho encarquilhado, seu rosto

com cicatrizes sem dúvida causadas por fragmentos desgarrados de pedras

preciosas. Seu escasso cabelo branco amarelado caía abaixo das orelhas e ele usava óculos com lentes de alta magnificação. Se estava ciente da recente comoção do lado de fora de sua oficina, não dava nenhuma indicação. Ignorou

nossa entrada.

Após um momento, Holmes falou:

— É o signor Antonelli? — A pergunta foi ignorada. Holmes continuou: —

Sou Sherlock Holmes e este é meu amigo, dr. Watson.

O velho não respondeu.

Quando o silêncio incômodo persistiu, Holmes levantou a caixa até o balcão e

abriu-a. Pegou uma das pedras e estendeu-a para o signor Antonelli:

— Pode me dizer o que é isto?

Antonelli parou de trabalhar e caminhou devagar até nós. Tomou a pedra de Holmes.

— Vou ver — murmurou.

Observamos enquanto ele carregava a pedra de volta para sua mesa de trabalho. Com instrumentos que não tinham nenhum significado para Holmes ou para mim, começou a lapidar um pedacinho na borda. Logo levou-a de volta para o balcão.

— É um diamante — declarou.

— Do cargueiro *Prince of Poona* — disse-lhe Holmes.

— Eu vinha esperando por isto. Disseram-me que o senhor poderia trazê-las aqui — murmurou o signor.

— Então posso deixar a arca com o senhor? — Novamente não houve resposta. Mas Holmes continuou como se tivesse havido: — Consultarei o vice-rei nesse sentido. Ele o informará do que é desejado pelo gaicovar.

O ancião assentiu com a cabeça uma vez. Sem uma palavra de despedida para nós, ele levantou a arca como se ela não pesasse mais que um osso de cachorro e a carregou para sua área de trabalho. Holmes e eu, trocando olhares divertidos, nos retiramos.

Foi preciso andar até uma rua mais movimentada para encontrar um cabriolé de aluguel.

— Vou deixá-lo em casa — disse-me Holmes. — É possível que a sra. Hudson lhe sirva um desjejum tardio. Pelo menos ela arranjará alguma coisa

para você comer até a hora do almoço.

— E você comerá…?

— Mais tarde — disse ele. — Primeiro tenho que ir à Scotland Yard para conferenciar com Lestrade. De agora em diante estou certo de que ele ficará de

olho em Jicky Tar. Preciso também arranjar um lugar onde os meninos possam

ficar em segurança. Graças a Muffin eles vieram a mim com seu achado. Se tivessem ido àquele bandido, aposto que a esta altura as “pedras” teriam sido todas jogadas no rio.

iii

A hora do jantar já se aproximava quando Holmes voltou.

— E você vai querer seu desjejum agora? — gracejei, imitando o sotaque

escocês da cozinheira. — Ou vai esperar o jantar?

— Lestrade e eu almoçamos depois de prestar contas ao vice-rei — respondeu

Holmes. — Talvez eu simplesmente dispense nosso jantar esta noite. Após a culinária preparada pelo chef do Savoy, a cozinheira da sra. Hudson não estimula

meu apetite.

— Embora ela prepare um copioso desjejum escocês.

— É verdade — ele concordou enquanto tirava a capa e o chapéu.

— E quanto aos meninos? — indaguei.

— Entreguei-os a um par de meus Irregulares. Jovens camaradas leais que vão

não só arranjar um lugar para Jacky e Jemmy morarem, mas iniciá-los nos costumes dos Irregulares. Vamos vê-los novamente, não tenho dúvida —

respondeu ele com entusiasmo.

— Nem eu — concordei.

— Caso esteja intrigado querendo saber como Jicky Tar tinha conhecimento da oficina do signor Antonelli; ele tinha um informante no *Poona* que lhe avisou que a caixa acabaria indo parar lá. Depois que ele soube que eu estava no caso, Jicky me manteve sob vigilância. Por isso fomos seguidos. Tudo está bem quando termina bem — citou ele, antes de sugerir: — Talvez um copinho de *amontillado* viesse a calhar.

Ele andou até nosso aparador, pegou dois copos de vinho e a garrafa. Depois que serviu, ergui meu copo:

— A mais um sucesso.

Ele rejeitou o elogio:

— Pura casualidade desta vez.

— Mas baseada em conhecimento acumulado — corrigi.

— E numa pequena criada. — Agora ele ergueu seu copo. — A nossa senhora Muffin — brindou ele. — Sabe, John — disse ele se sentando —, não estou acostumado a receber remuneração pela ajuda que dou àqueles que precisam de soluções para seus problemas. De vez em quando, porém, faço um acordo. O que fiz nesta ocasião. O gaicovar tem meios para isso. — Ele tomou um gole de seu xerez. — Tenho a intenção de enviar Muffin para a escola, um bom colégio para meninas. Mas como providenciar isso? Está bastante óbvio que tanto ela quanto sua mãe são pessoas independentes que não aceitariam caridade ou nada que se parecesse com isso. — Ele balançou a cabeça. — No entanto, para

sobreviverem, elas consideram necessário que ambas saiam para trabalhar.

— Com o custo de vida de hoje em dia, isso parece ser essencial — comentei.

— Estive refletindo sobre esse problema. — Ele voltou a encher nossos copos.

— Pensei em algum tipo de bolsa de estudo. Não para cobrir apenas as mensalidades, mas com o suficiente para pagar ao menos o aluguel delas também. Dessa maneira a mãe dela poderia ter condições de permitir que Muffin se beneficiasse da educação. A criança com uma mente brilhante e um espírito incomum, seria um desperdício não permitir que ela se aperfeiçoe. Talvez para se tornar uma professora.

— Ou talvez uma cientista — sugeri.

— Uma doutora em medicina — contrapôs ele.

— Esse dia chegará para as mulheres — concordei. — E não vai demorar muito.

— Mas como criar uma bolsa de estudo? E como assegurar que Muffin fará uso dela? Este é o problema mais complicado que já encontrei.

— Você o solucionará — falei com segurança.

— Eu preciso — respondeu ele. — É, se posso inventar uma expressão, uma "remuneração para o descobridor".

A primeira campainha soou lá embaixo. Começamos a nos arrumar para estarmos prontos a descer antes da segunda. Holmes sorriu ao pousar seu copo de vinho:

— Estou com vontade de fazer o papel de Papai Noel para nossos jovens

amigos. Um casaco quente e um chapéu de inverno para Muffin e o mesmo para os meninos. Talvez até um novo par de botas resistentes para cada um deles. — A segunda campainha soou. — Você não acha que eu seria capaz de convencer essas crianças sagazes com uma longa barba branca, um longo casaco vermelho e um gorro vermelho na cabeça?

Não respondi. Os meninos, sim, eu acreditava que ele poderia. Mas não nossa Muffin.

O homem da Cidade do Cabo

STUART M. KAMINSKY

A prolífica e variada carreira de Stuart Melvin Kaminsky (1934-2009) produziu várias longas séries policiais, roteiros de cinema, livros sobre escrita e trabalhos sobre a indústria cinematográfica.

Como professor de cinema na Universidade Northwestern por dezesseis anos e na Florida State por seis, Kaminsky estava bem qualificado para escrever sobre gêneros cinematográficos e para produzir biografias de figuras significativas como Don Siegel, Clinton Eastwood, Gary Cooper e John Huston. Ele também foi coautor do roteiro para *Era uma vez na América* (1984).

Kaminsky gozou de grande sucesso com sua série em 24 volumes sobre Toby Peters, um detetive particular ligeiramente desqualificado durante a idade de ouro de Hollywood que se envolveu com os grandes astros da época, inclusive Humphrey Bogart (*Bullet for a Star*, 1977), os Irmãos Marx (*You Bet Your Life*, 1978), Bela Lugosi (*Never Cross a Vampire*, 1980) e Mae West (*He Done Her Wrong*, 1983).

Igualmente bem recebida foi a série sobre Porfiry Rostnikos, um respeitável detetive da polícia russa em Moscou, que começou com *Death of a Dissident* (1981) e se alongou por dezesseis livros; *A Cold Red Sunrise* (1988) ganhou o prêmio Edgar de melhor romance.

Kaminsky produziu mais de sessenta livros durante a carreira, recebeu oito indicações para o Edgar e foi nomeado Grão-Mestre pelo conjunto de sua obra

pela Mistery Writers of America em 2006.

"O homem da Cidade do Cabo" foi publicado originalmente em *Murder in Baker Street*, organizado por Martin H. Greenberg, Jon L. Lellenberg e Daniel

Stashower (Nova York, Carroll & Graf, 2001).

O HOMEM DA CIDADE DO CABO

Stuart M. Kaminsky

Chovia. Não era a chuva habitual de Londres, lenta e fria, que respingava sobre

guarda-chuvas e chapéus de abas largas, mas o pesado e implacável aguaceiro que vinha várias vezes por ano martelar os tetos dos carros de aluguel

lembrando-me das monções mais brandas que eu tinha testemunhado em meus

anos na Índia.

O tempo na Índia sempre se movia lentamente. O tempo no apartamento que

eu compartilhava com Sherlock Holmes se movia no ritmo de um letárgico gato

de Bombaim nas últimas duas semanas.

Mantive-me ocupado tentando escrever um artigo para *The Lancet* baseado nos achados de Holmes sobre as diferenças que ele havia descoberto entre o sangue de pessoas nativas de diferentes climas. A princípio ele dedicara a esse esforço com vigor e interesse, andando de um lado para outro, fumando seu cachimbo, parando para me lembrar de diferenças sutis e das implicações de sua

descoberta tanto para a criminologia quanto para a medicina.

Vários dias depois de iniciar o empreendimento, contudo, Holmes passara a ficar à janela por horas a fio, contemplando a rua varrida pela chuva, com pensamentos que preferia não compartilhar comigo.

Duas vezes ele pegou o violino. A primeira acordou-me às cinco da manhã com algo que talvez fosse Liszt. A segunda foi à uma da tarde, quando tocou repetidamente uma música particularmente triste que não reconheci.

Nessa manhã específica, Holmes estava sentado em sua poltrona, cachimbo na

mão, fitando o balde de carvão.

— Um item bastante interessante no *Times* desta manhã — aventurei-me ao me sentar à mesa de nossa sala de estar com o que restava de meu chá da manhã

e torrada diante de mim.

Holmes emitiu um som a meio caminho entre um grunhido e um suspiro.

— Um tal sr. Morgan Fitchmore de Leeds — disse ele. — Foi encontrado num

cemitério caído de barriga para cima com um cravo de ferrovia enfiado em seu

coração. Ele estava segurando o cravo, aparentemente numa tentativa de

removê-lo. A noite fora úmida e a polícia não encontrou nenhuma pegada na lama além das do falecido. A cerca de seis metros do corpo foi encontrado um

martelo. A polícia está desconcertada.

Holmes grunhiu novamente e olhou para a janela onde a chuva batia com

força no vidro.

— Sim — eu disse. — Essa é a história. Pensei que poderia lhe interessar.

— Minimamente — disse Holmes. — Leia o resto da matéria, Watson, como

fiz. Fitchmore era um ladrão insignificante. Foi encontrado deitado de barriga para cima. O morto parece não ter deixado nenhum sinal de que tenha tentado se

defender.

— Sim, estou vendo — falei, continuando a ler.

— Que fazia um ladrão insignificante num cemitério numa noite de chuva? — perguntou Holmes sugando o seu cachimbo. — Por que alguém iria atacá-lo com um cravo de ferrovia? Por que não havia nenhuma outra pegada? Por que ele não lutou?

— Eu não saberia dizer — respondi.

— Cravos de ferrovia dão formões razoáveis, Watson. Um ladrão poderia certamente entrar num cemitério à noite com um cravo e um martelo na mão para arrancar algum camafeu, pequeno crucifixo ou outro item que poderia vender por uma pequena soma. Esses assaltos no lugar de descanso dos mortos não são incomuns. Uma noite chuvosa asseguraria que ninguém iria se intrometer.

— Não consigo entender…

— Não é uma questão de entender, Watson. É uma questão de juntar as peças do que foi visto com lógica simples. Fitchmore foi ao cemitério roubar os mortos. Ele escorregou na lama arremessando seu martelo longe quando caiu para a frente sobre o cravo que segurava nas mãos. Ele se virou de barriga para cima, provavelmente em grande agonia, e tentou puxar o cravo do peito, mas já estava morrendo. Não há nenhum mistério, Watson. Foi um fim acidental e, talvez, ironicamente oportuno para um homem que iria roubar dos mortos.

— Talvez devêssemos informar a polícia em Leeds — eu disse.

— Se você desejar — disse Holmes com indiferença.

— Posso lhe servir uma xícara de chá? Você não tocou no seu desjejum.

— Não estou com fome — disse ele, seus olhos agora voltados para a lareira onde chamas crepitavam e formavam padrões caleidoscópicos que pareciam hipnotizar Holmes, que não se dera ao trabalho de se vestir completamente.

Ele usava calça cinza, uma camisa sem gravata e um robe de seda que lhe fora dado vários anos antes por um cliente agradecido.

No mês anterior, três casos tinham sido oferecidos a Holmes. Um envolvia um colar de pérolas furtado. O segundo concentrava-se numa aparente tentativa de enganar um comerciante de peles russas e o terceiro num leopardo que desaparecera do zoológico de Londres. Holmes havia recusado bruscamente todos os três apelos por sua ajuda e encaminhara os clientes potenciais para a polícia.

— Se a imaginação não está envolvida — dissera ele quando o diretor do zoológico saíra —, e não há nenhum adversário digno, não vejo sentido em despender energia e desperdiçar tempo num trabalho que poderia ser feito por um inspetor iniciante razoavelmente treinado da Scotland Yard.

De repente Holmes olhou para mim:

— Você está com aquela carta à mão?

Eu sabia de que carta ele estava falando e, na esperança de despertar seu interesse, eu a tirara das malas próximas ao fogo, que estalava com chamas que projetavam perturbadoras sombras matinais na sala de estar.

A carta chegara várias semanas antes e, afora o fato de que trazia um carimbo da Cidade do Cabo, não me pareceu de maneira alguma singular ou mais interessante que qualquer uma da dezena de missivas a que Holmes não lançara

mais que um olhar nas semanas anteriores.

— Poderia lê-la em voz alta mais uma vez, Watson, por favor?

“Sr. Sherlock Holmes”, ela dizia:

Tenho um assunto da máxima importância para lhe expor.

Tenho alguns negócios a que me dedicar aqui na Cidade do

Cabo. Isso não deverá tomar mais que alguns dias. Partirei

em seguida para a Inglaterra na esperança de vê-lo

imediatamente após minha chegada. Preciso me apressar

agora para enviar esta carta no próximo navio com destino

a Portsmouth. É uma questão de dinheiro, amor e uma

ameaça palpável à minha vida. Peço-lhe que me conceda

uma consulta. O custo não é impedimento.

A carta estava assinada *Alfred Donaberry*.

Dobrei a carta e olhei para Holmes, perguntando-me por que esta correspondência em particular, em meio às muitas similares que ele tinha recebido ao longo dos anos, deveria atrair seu interesse e por que ele escolhera esse momento para voltar a ela.

Como tantas vezes antes, Holmes respondeu às perguntas que eu não fizera:

— Observe a ordem em que nosso sr. Donaberry arrola suas preocupações — disse Holmes olhando na minha direção e apontando seu cachimbo para a carta em minha mão. — Dinheiro, amor e vida. O sr. Donaberry menciona a ameaça à

sua vida em último lugar. Curioso. Quanto ao fato de por que estou interessado nessa carta agora, faço uma pergunta: você ouviu uma carruagem parar na rua um momento atrás?

Eu ouvira, e disse que sim.

— Se verificar a chegada dos navios no jornal que você acabou de ler, notará que o *Principia*, um navio cargueiro, chegou ontem a Portsmouth vindo da Cidade do Cabo. Se nosso sr. Donaberry está preocupado como sua carta indica, é bem possível que ele estivesse nesse navio e tenha enfrentado o tempo horrível para chegar até aqui.

— Poderia ser qualquer um.

— O veículo, a julgar pelo som de suas rodas nas pedras do calçamento, é grande, não um carro de aluguel comum, e é puxado não por um, mas por dois cavalos. Não ouvi nenhuma outra atividade na rua, exceto por esse carro. O momento é oportuno, e devo confessar certa curiosidade com relação a um homem que se aventuraria a vir da Cidade do Cabo para nos fazer uma visita. Não, Watson, se esse homem está tão ansioso para me encontrar quanto sua carta indica, ele deve ter desembarcado do navio e se posto a caminho no trem das sete horas da manhã.

Uma batida na porta e um sorrisinho de Holmes acompanhado por um levantar de sobrancelha de satisfação foi dirigido a mim.

— Entre, sra. Hudson — gritou Holmes.

Nossa senhoria entrou, olhou para o prato de comida intocado em frente a Holmes e balançou a cabeça:

— Uma senhora quer vê-lo.

— Uma senhora? — perguntou Holmes.

— Sem sombra de dúvida — respondeu a sra. Hudson.

— Por favor, diga à senhora que estou esperando um visitante e que ela terá de marcar uma hora e voltar num momento futuro.

A sra. Hudson estava à porta com a bandeja na mão. Sobre seu ombro, ela disse:

— A senhora pediu para eu lhe dizer que ela sabe que o senhor está à espera de um visitante da África do Sul. É por isso que ela precisa vê-lo imediatamente.

Holmes olhou para mim com as sobrancelhas arqueadas. Dei de ombros.

— Por favor, faça-a entrar, sra. Hudson, e tenha bondade, por favor, de nos preparar mais um bule de chá — disse Holmes.

— Não comeu nada, sr. Holmes — disse ela. — Talvez eu possa lhe trazer alguns biscoitos frescos e geleia?

— Chá e biscoitos será perfeito — disse Holmes enquanto ela fechava a porta atrás de si, a bandeja cuidadosamente equilibrada em apenas uma das mãos.

— Então nosso sr. Donaberry não é o único que estaria disposto a se aventurar a sair numa tempestade com esta — falei, fingindo retornar ao jornal.

— É o que parece, Watson.

A batida na porta foi suave. Uma única batida.

— Entre — gritou Holmes, e a sra. Hudson introduziu uma bela e enigmática criatura, com a pele alva e cabelo muito negro puxado para trás num coque apertado.

Ela usava um decoroso vestido preto abotoado até o pescoço. A mulher entrou, olhou de mim para Holmes e permaneceu em silêncio por um momento até que a sra. Hudson fechasse a porta.

— Sr. Holmes — disse ela numa voz baixa sugerindo um leve sotaque.

— Sou eu — disse Holmes.

— Meu nome é Elspeth Belknapp, sra. Elspeth Belknapp — disse ela. — Posso me sentar?

— Mas é claro, sra. Belknapp — disse Holmes, apontando uma cadeira perto daquela em que eu estava sentado.

— Eu vim… isto é muito delicado e embaraçoso — disse ela enquanto se sentava. — Eu vim para…

— Primeiro algumas perguntas — disse Holmes cruzando as mãos no colo. — Como sabia que o sr. Donaberry estava vindo me ver?

— Eu… uma amiga na Cidade do Cabo enviou-me uma carta, a mulher de um funcionário no escritório de Alfred — disse ela. — Posso tomar um pouco d’água?

Levantei-me rapidamente e fui até a jarra que a sra. Hudson deixara na mesa. Servi um copo d’água e entreguei-o a ela. Ela bebeu enquanto eu voltava a me sentar e olhou para Holmes, que parecia estudá-la cuidadosamente.

— Sr. Holmes — disse ela. — Eu era, até cinco meses atrás, a sra. Alfred Donaberry. Alfred é um homem decente. Ele me acolheu quando meus pais morreram num incêndio em Johannesburgo. Alfred é consideravelmente mais

velho que eu. Eu lhe era extremamente grata e ele foi muito generoso comigo. E então, menos de um ano atrás, John Belknapp chegou à África do Sul para fazer negócio com meu marido.

— E que negócio era esse? — perguntou Holmes.

— O comércio de diamantes — disse ela. — Alfred acumulou uma fortuna negociando diamantes. Embora tentasse resistir, apaixonei-me por John Belknapp e ele por mim. Comportei-me como uma covarde, sr. Holmes. John queria confrontar Alfred, mas eu não queria nenhuma cena. Convenci-o de que devíamos simplesmente fugir e de que eu procuraria obter um divórcio alegando a violência e a infidelidade de Alfred.

— E ele era violento e infiel? — perguntou Holmes.

Ela balançou a cabeça:

— Não me orgulho do que fiz. Alfred não era violento nem infiel. Ele me amava, mas eu pensava nele menos como um marido do que como um tio querido.

— E, assim — disse Holmes —, a senhora conseguiu o divórcio.

— Sim, vim para Londres com John e consegui o divórcio, me casando com ele um dia depois que o divórcio foi aprovado pelo Tribunal. Pensei que Alfred iria ler o bilhete que eu tinha deixado para ele quando fugi com John e se resignar à realidade. Mas agora descubro…

— Entendo — disse Holmes. — E o que quer que eu faça?

— Que convença Alfred a não causar problemas, deixar a Inglaterra, voltar para a África do Sul, levar a vida adiante. Se ele confrontar John… John é um

homem bom, mas é de certa forma, ocasionalmente e quando provocado, propenso a uma reação precipitada.

A mulher puxou um lenço da manga e deu batidinhas nos olhos.

— Ele pode ser violento? — perguntou Holmes.

— Só quando provocado, sr. Holmes. Alfred Donaberry é um homem decente, mas se ele confrontasse John…

Nesse momento a sra. Hudson bateu e entrou antes de ser solicitada a fazê-lo. Pôs biscoitos e geleia na mesa com três pratos, facas e um novo bule de chá. Olhou para a chorosa Elspeth Belknapp com comiseração e saiu.

— Próxima pergunta — disse Holmes, pegando uma faca e usando-a para cobrir um biscoito com que parecia ser geleia de groselha. — A senhora disse que seu ex-marido é um homem de considerável fortuna?

— Considerável — disse ela, aceitando a xícara de chá que lhe estendi.

— Descreva-o.

— Alfred? Ele tem 55 anos, aparência bastante agradável, embora eu tenha ouvido pessoas o descreverem como rústico. É avantajado, um pouco, mas como devo dizer isto… Alfred é um homem inculto, que venceu por si mesmo, talvez de maneiras um pouco rudes, mas um homem bom, gentil.

— Entendo — disse Holmes, um grande pedaço de biscoito com geleia na boca. — E ele tem parentes, mãe, irmã, irmão, filhos?

— Nenhum — disse ela.

— Nesse caso, se ele viesse a morrer, quem receberia sua herança?

— Herança?

— Em sua carta para mim, ele menciona que sua visita é em parte uma questão de dinheiro.

— Suponho que seria eu, a menos que ele tenha me retirado de seu testamento.

— E seu novo marido? É um homem de posses?

— John é um comerciante de pedras preciosas. Ele tem um cargo seguro e financeiramente confortável na London Prembroke Gems Limited. Se o senhor está sugerindo que John se casou comigo na esperança de obter o patrimônio de Alfred, eu lhe asseguro que está completamente enganado, sr. Holmes.

— Estou apenas tentando prever em que direção as preocupações do sr. Donaberry vão levá-lo quando nos encontrarmos. Posso lhe perguntar quanto está disposta a pagar por meus serviços de dissuadir o sr. Donaberry de levar a questão adiante?

— Eu pensei… Pagar-lhe? John e eu não somos ricos — disse ela —, mas pagarei o que desejar caso tenha sucesso em persuadir Alfred a voltar para a África do Sul. Não quero vê-lo humilhado ou ferido.

— Ferido? — perguntou Holmes.

— Emocionalmente — acrescentou ela rápido.

— Entendo — disse Holmes. — Submeterei seu caso a cuidadosa consideração. Caso decida aceitá-lo, como a encontrarei?

Elspeth Belknapp se levantou e tirou um cartão da pequena bolsa. Entregou-o a Holmes.

— O cartão comercial de seu marido — disse Holmes.

— Meu endereço residencial está no verso.

Ela me estendeu a mão. Apertei-a. Ela estava tremendo.

— Holmes não me apresentou — falei, lançando um olhar de censura ao meu amigo.

— O senhor é o dr. Watson — disse ela. — Li seus relatos das proezas de sr. Holmes e observei sua humildade e lealdade.

Foi minha vez de sorrir. Ela se virou para Holmes, que se levantara de sua cadeira. Ele lhe tomou a mão e segurou-a, os olhos em sua aliança de casamento.

— Um lindo diamante e engaste — disse ele.

— Sim — respondeu ela olhando para o anel. — É valioso demais para ser usado o tempo todo. Uma aliança simples teria me agradado igualmente, mas John insiste, e quando John toma uma decisão… Por favor, sr. Holmes, ajude-nos, ao John e a mim, e ao Alfred.

A chuva continuava caindo com força e o vento soprava com mais intensidade ainda quando ela partiu, fechando a porta suavemente ao sair.

— Mulher encantadora — falei.

— Sim — disse Holmes.

— O amor nem sempre é gentil ou razoável — observei.

— Você é um romântico inveterado, Watson — disse ele, aproximando-se da janela e abrindo as cortinas.

— Este não é um grande desafio — comentei.

— Veremos, Watson. Veremos. Ah, ela usa uma capa e carrega um guarda-chuva. Sensata.

Pude ouvir a porta da carruagem se fechar e escutei quando ela partiu, os cavalos se afastando lentamente, pisando forte.

Holmes permaneceu à janela sem falar. Verificava seu relógio ocasionalmente, mas manteve-se firme em sua vigília até que o som de outra carruagem ecoou em Baker Street.

— E este deve ser nosso ex-marido abandonado — disse Holmes voltando os olhos para mim. — Ah sim, a carruagem parou. Ele desceu. Nenhum guarda-chuva. Um homem grande. Vamos aproximar uma cadeira do fogo. Ele vai estar encharcado.

E de fato, quando a sra. Hudson anunciou e conduziu Alfred Donaberry até a sala, ele estava molhado, o cabelo fino colado ao couro cabeludo. Sua ex-mulher fora gentil ao descrevê-lo como rústico. Ele tinha a pele queimada de sol, uma fisionomia taciturna e era muito parecido com um *bull terrier*. Na mão esquerda carregava uma mala grande e um tanto surrada. Suas roupas, calças, camisa e paletó eram de boa qualidade, embora decididamente amarrotados. O próprio homem parecia muito desgrenhado, com a barba por fazer. Seu terno vincado era escuro, um pouco folgado.

— Por favor perdoe minha aparência. Vim direto da estação de trem para cá — disse ele pousando sua mala e estendendo a mão. — Donaberry. Alfred Donaberry.

Holmes apertou-a. Fiz o mesmo. Aperto firme. Rosto atormentado.

— Sou Sherlock Holmes e este é meu amigo e colega dr. Watson. Não quer se sentar perto do fogo?

— Obrigado, senhor — disse Donaberry dirigindo-se para a cadeira que eu movera para junto do calor da lareira.

— Acho que é melhor ir direto ao assunto — disse o homem estendendo as mãos para o fogo.

— Sua mulher o deixou — disse Holmes. — Uns três meses atrás. O senhor descobriu recentemente que ela está em Londres e veio ao encalço dela.

— Como o senhor…?

— O senhor não a encontrou aqui por poucos minutos.

— Como ela sabia que eu…? — perguntou Donaberry, perplexo.

— Deixemos isso de lado por enquanto — disse Holmes — e, por favor, vá ao coração de seu problema.

— Coração do problema. Irônica escolha de palavras, sr. Holmes — disse ele.

— Não, não estou perseguindo Elspeth. Se ela não quer mais saber de um velho, posso compreender, embora meu coração esteja partido. Assim que li o bilhete que ela me deixou meses atrás, aceitei a realidade e tirei minha aliança de casamento.

Ele levantou a mão esquerda para mostrar uma clara faixa branca onde estivera uma aliança.

— Não tem a intenção de encontrá-la ou ao seu novo marido?

— Não, senhor — respondeu ele. — Não quero ter nada a ver com ele, o canalha que a roubou de mim e poluiu sua mente. Quero que os encontre e os detenha antes que eles consigam me assassinar até o mês que vem.

Olhei para Holmes, chocado, mas ele simplesmente colocou outro pedaço de biscoito com geleia na boca.

— Por que eles quereriam assassiná-lo, sr. Donaberry? — perguntei.

Ele olhou para mim:

— Levei meu testamento para ser alterado nos tribunais. Dentro de um mês, Elspeth não será mais minha herdeira.

— Por que um mês? — perguntei.

Donaberry se remexeu desconfortavelmente em sua cadeira e olhou para baixo antes de responder.

— Quando nos casamos, por causa de minha idade e da saúde por vezes frágil, temi pelo futuro de Elspeth caso eu morresse. Embora por lei ela devesse ser a herdeira, tenho parentes distantes na Cornualha que poderiam certamente reivindicar meu patrimônio ou alguma parte dele. Por isso, registrei especificamente em meu testamento que Elspeth deveria herdar tudo e que não deveria haver nenhuma revogação nem contestação de meu testamento e do meu desejo. Meu advogado agora me informa, e Elspeth bem sabe e certamente

informou a seu novo marido, que será necessário mais um mês para executar a alteração do testamento, tal foi o cuidado com que ele foi formulado. Para os senhores verem, a palavra “esposa” nunca aparece no documento, somente o nome Elspeth Donaberry.

— Mas que o faz pensar — perguntei — que eles planejam matá-lo?

— Os dois atentados à minha vida que já foram cometidos na África do Sul — respondeu ele com um suspiro profundo. — Uma vez, quando eu estava em campo uns quinze dias atrás. Quando as condições meteorológicas permitem e o calor do sol é tolerável, passo grande parte do tempo nas planícies e montanhas, procurando depósitos de pedras preciosas. Foi num dia particularmente escaldante que atiraram em mim. Três tiros vindos das copas das árvores. Um tiro acertou uma pedra a poucos centímetros da minha cabeça. Tive sorte bastante para escapar com vida. Na segunda vez, foi uma tentativa de me empurrar de um píer sobre uma trinca de estacas afiadas. Somente pela graça de Deus caí entre as estacas.

— Tem outros inimigos além de Belknapp e sua mulher?

— Nenhum e, sr. Holmes, não culpe Elspeth necessariamente, mas aquele John Belknapp é osso duro de roer, com amigos de inclinação repulsiva e, embora possa tê-la convencido do contrário, sei por minhas fontes mais confiáveis que John Belknapp está passando por sérios problemas financeiros. Ele é um esbanjador, um especulador e um jogador. Penso que quer não apenas minha mulher, mas minha fortuna.

— E o senhor quer que eu o proteja?

— Quero que faça o que for necessário para impedir que Belknapp me mate ou mande me matarem. Ele é um verdadeiro demônio.

Aquilo me soou o tipo de caso que Holmes teria enviado direto para Lestrade e a Yard.

— O preço será duzentas libras, pagamento adiantado — disse Holmes.

Donaberry não hesitou. Levantou-se, pegou a carteira e começou a pôr as notas sobre a mesa, contando em voz alta enquanto o fazia.

— Obrigado — agradeceu Holmes. — O dr. Watson e eu faremos o possível para assegurar que não ocorra nenhum assassinato. Onde o senhor estará hospedado em Londres?

— Tenho um quarto reservado no hotel The Cadogan, na Sloane Street — disse ele.

The Cadogan era um pequeno hotel conhecido por ser a residência londrina de Lilly Langtree e, segundo se dizia, era o esconderijo ocasional do notável dramaturgo Oscar Wilde.

— O senhor não contou a ninguém? — indagou Holmes.

— Somente ao senhor e ao dr. Watson — respondeu Donaberry.

— Muito bem — disse Holmes. — Permaneça no seu quarto. Coma no hotel. Entraremos em contato com o senhor quando tivermos novidades. E, sr. Donaberry, não saia pela porta da frente nem tome o carro de aluguel que o espera. Pode estar sendo vigiado. O dr. Watson lhe mostrará como sair pela porta dos fundos. Há uma cerca baixa. Sugiro que a pule e se dirija para a rua mais

adiante. A sra. Hudson vai lhe providenciar um guarda-chuva.

— Minha mala — disse ele.

— O dr. Watson e eu a devolveremos ao senhor no momento em que for seguro fazê-lo. Não consigo imaginar um homem do seu tamanho e idade pulando cercas com o peso dessa bagagem.

Donaberry pareceu pensar profundamente antes de decidir assentir com a cabeça numa relutante concordância.

— Então vá — disse Holmes. — Lembre-se: permaneça no hotel. No seu quarto tanto quanto possível, com a porta trancada. Faça todas as suas refeições no restaurante do hotel. A comida não é a melhor, mas é tolerável.

Donaberry concordou. Saí com ele da sala e o acompanhei até a porta dos fundos depois de ele recuperar seu casaco e a sra. Hudson lhe fornecer um guarda-chuva.

Quando voltei aos nossos aposentos, Holmes estava andando de um lado para outro, as mãos atrás das costas.

— Holmes, embora eu me compadeça da situação do sr. Donaberry, não vejo nada nela que possa prender a sua atenção ou precisar das suas habilidades.

— Desculpe, Watson, o que você disse? Eu estava perdido em pensamentos sobre essa curiosa situação. Há tantas perguntas.

— Não vejo nada de curioso nela — falei.

— Estamos lidando com um potencial assassinato aqui e uma mente criminosa que vale a pena enfrentar — respondeu ele. — E não temos tempo a

perder. Vamos pegar o carro que está à espera do sr. Donaberry e fazer uma visita.

— A quem? — perguntei.

Em resposta, Holmes mostrou o cartão que Elspeth Belknapp lhe dera.

— A John Belknapp — disse. — É claro.

Na carruagem, ao som das batidas da chuva no teto e dos solavancos das rodas pelas pedras do calçamento, Holmes contou que examinara o conteúdo da bagagem de Alfred Donaberry quando eu saíra para levá-lo à porta dos fundos.

— A mala estava bem-arrumada, camisas e calças, artigos de toalete, roupas de baixo e meias, mais um par de sapatos duráveis.

— E o que descobriu a partir disso? — perguntei quando um relâmpago estourava no oeste.

— Que Alfred Donaberry arruma sua mala com cuidado e mantém suas roupas e calçados limpos — disse Holmes.

— Muito significativo — falei, procurando esconder meu tom de sarcasmo diante dessa descoberta.

— Talvez — disse Holmes, olhando pela janela.

Chegamos a uma rua lateral próxima a Portobello Road em vinte minutos. A chuva diminuíra consideravelmente e negociei com o cocheiro para que esperasse nossa volta. Considerando que iríamos agora pagar pela viagem de Donaberry e mais a nossa, o cocheiro, embrulhado numa capa impermeável, concordou prontamente. Holmes e eu andamos depressa até a entrada do prédio

de escritórios de quatro andares que ostentava uma placa de bronze com a inscrição Pembroke Gems, Ltd., por Designação de Sua Majestade, 1721.

Apesar de sua história, o prédio era menos que medíocre. Estava

definitivamente caindo aos pedaços. Batemos na pesada porta de madeira que carecia muito de uma pintura e fomos recebidos por um homem muito velho num terno que parecia justo demais mesmo para sua frágil constituição.

— Estamos aqui para falar com o sr. John Belknapp — disse Holmes.

— O sr. Belknapp está — disse o velho frágil —, mas… os senhores têm hora

marcada?

— Diga-lhe que é o sr. Sherlock Holmes e que vim a propósito de um assunto

referente a Alfred Donaberry.

— Sherlock Holmes, sobre Alfred Donaberry — repetiu o velho. — Por favor,

esperem aqui.

O homem subiu lentamente a escura escada de madeira no pequeno e úmido

saguão.

— Por que a urgência, Holmes?

— Talvez não haja nenhuma, Watson, mas prefiro errar por excesso de cautela

numa situação como esta.

O frágil velho reapareceu em apenas poucos minutos e se virou para nos

conduzir escada acima, após dizer:

— O sr. Belknapp pode vê-los agora.

No estreito patamar do segundo andar, com tábuas rangentes, fomos

conduzidos a uma porta em que estava escrito *John Belknapp* com uma tinta preta que descascava.

O velho frágil bateu e uma voz gritou:

— Entrem.

Entramos e o velho fechou a porta atrás de nós ao sair.

Nossa primeira olhada em Belknapp provocou imediatamente em mim uma sensação de cautela. Ele era, como nos fora dito, um homem bonito de não mais de quarenta anos, razoavelmente bem-vestido num terno escuro e colete. Seu cabelo, que começava a mostrar sinais de distinto grisalho nas têmporas, estava escovado para trás. Ele estava de pé atrás de sua mesa num escritório que não mostrava grande distinção nem estilo. Mobília simples de madeira escura, várias cadeiras, armários e uma fotografia da rainha na parede. A vista de sua janela não era realmente uma vista, simplesmente uma parede de tijolos a não mais de dois metros de distância. O ambiente não exalava prosperidade.

Talvez percebendo minha reação, Belknapp disse, numa resposta impaciente:

— Meu escritório é modesto. Foi projetado para trabalho, não para entreter clientes. Para isso há um espaço de conferências no andar térreo.

Assenti com a cabeça.

— Espero que isto seja breve — disse ele.

— O dr. Watson e eu tomaremos apenas alguns minutos de seu tempo — retrucou Holmes. — Não temos necessidade de sentar.

— Bom — disse Belknapp. — Tenho de me encontrar com um cliente se conseguir encontrar um carro de aluguel nesta maldita chuva. Os senhores

disseram que isto é a propósito de Alfred Donaberry?

— Sim — disse Holmes. — Talvez o senhor saiba por que viemos.

— Alfred Donaberry é um tolo, por isso suponho que os senhores estão numa missão tola. Ele não conseguiu segurar uma bela mulher, não lhe dava valor. Eu a salvei de uma vida potencialmente desperdiçada num país pouco civilizado e dilacerado por uma guerra iminente. Se ele estiver na Inglaterra ou os tiver encarregado de alguma maneira de convencer ou ameaçar a mim e à minha mulher, eu…

— O sr. Donaberry está de fato na Inglaterra.

— Dinheiro — disse Belknapp, como se chegando a uma súbita compreensão.

— É uma questão de dinheiro.

— Em parte — disse Holmes. — Se o senhor responder apenas a uma pergunta, nós o deixaremos para ir encontrar seu cliente.

— Pergunte — disse Belknapp com clara irritação.

— Quanto diria que vale o seu negócio?

— Isso não é da sua conta — respondeu Belknapp, furioso.

— Errado — disse Holmes. — É precisamente da minha conta. O senhor deseja que o deixemos para poder ir atender seu cliente, responda simplesmente à pergunta.

— Meu negócio vale muito menos do que eu gostaria. A inevitável guerra com os bôeres já afetou a mineração e minhas fontes estão ameaçadas. Minhas economias e títulos pessoais minguaram. O que tem isso a ver com…?

— Vamos deixá-lo agora — disse Holmes. — Tenho uma sugestão antes.

— E qual poderia ser? — perguntou Belknapp com um sorriso de escárnio que deixava claro que era muito improvável que ele aceitasse qualquer sugestão feita por um representante de Alfred Donaberry.

— Fique longe do sr. Donaberry — disse Holmes. — Fique bem longe.

— Uma ameaça? O senhor me faz uma ameaça — disse Belknapp, começando a contornar sua mesa, punhos cerrados.

— Digamos que seja um aviso — disse Holmes, sem sair do lugar.

Belknapp estava agora diante de Holmes, o rosto vermelho de raiva. Dei um passo à frente para me pôr ao lado de meu amigo. Holmes estendeu uma das mãos para manter a distância.

— O senhor deveria aprender a controlar seu temperamento — disse Holmes.

— De fato, eu diria que é imperativo que o faça.

Pensei que Belknapp estivesse certamente prestes a golpear Holmes, mas, antes que ele pudesse fazê-lo, Holmes ergueu sua mão direita em frente ao rosto do comerciante de pedras preciosas.

— Caso perdesse o controle — disse Holmes —, provavelmente o ferido seria o senhor. Gostaria de explicar um olho ou um lábio inchado e uma aparência desgrenhada para o cliente que espera?

Os punhos de Belknapp ainda estavam cerrados, mas ele hesitou.

— Bom dia para o senhor — disse Holmes, virando-se para a porta —, e lembre-se de meu aviso. Fique longe de Donaberry.

Segui Holmes porta afora e escada abaixo. A chuva parara e as ruas estavam molhadas sob um céu nublado que não mostrava nenhuma promessa de sol. Quando nos pusemos novamente em movimento, olhei para Holmes, que estava sentado com a testa franzida.

— Não entendo como seu aviso vai dissuadir Belknapp de seu plano de liquidar Donaberry. Embora sua reputação o preceda, ele não parece do tipo que ficaria preocupado com as consequências de qualquer violência que sobreviesse a Donaberry.

— Receio que você esteja certo, Watson — disse Holmes com um suspiro. — Receio que você esteja certo.

Estávamos a não mais de cinco minutos de Baker Street quando Holmes disse de repente:

— Precisamos parar a carruagem.

— Por quê? — perguntei.

— Não há tempo para explicar — disse ele, dando uma batida na portinhola no teto. — Devemos ir ver Alfred Donaberry imediatamente. É uma questão de vida ou morte.

O cocheiro abriu a aba. Embora a chuva tivesse parado agora, um borrifo atingiu-me pela portinhola aberta. Holmes se levantou e falou com o cocheiro. Não ouvi claramente o que dizia, além da ordem e da declaração de que pagaria mais uma libra inteira se ele corresse como o vento.

Ele o fez. Holmes e eu fomos empurrados para trás e para a frente, segurando com força as correias da carruagem. O ruído do cavalo ofegante e das rodas contra as pedras irregulares do calçamento tornavam difícil entender Holmes, que parecia irritado consigo mesmo. Ouvi-o dizer:

— A audácia, Watson. Nem sequer esperar um dia. E me fazer de bobo.

— Pensa que Belknapp está a caminho do hotel The Cadogan? — perguntei.

— Estou convencido disso — respondeu Holmes. — Espero que não seja tarde demais.

Chegamos em tempo recorde sem dúvida. Holmes saltou da carruagem antes que o cavalo tivesse parado por completo.

— Espere — gritei para o cocheiro, seguindo Holmes, que passou pelo porteiro e entrou no saguão do hotel.

Como viemos a saber, tínhamos chegado tarde demais.

O saguão estava cheio de gente e dois policiais uniformizados tentavam manter as pessoas calmas. Holmes passou através da multidão sem se importar com quem poderia estar acotovelando para abrir caminho.

— O que aconteceu aqui? — perguntou ele a um policial de basto bigode.

— Nada com que precise se preocupar, senhor — disse o policial sem nos dar atenção.

— Este — eu disse — é Sherlock Holmes.

O policial se virou para nós e disse:

— Sim, realmente. Como chegaram aqui tão depressa? Sei que têm reputação de… mas isso aconteceu apenas cinco minutos atrás.

— Isso? — perguntou Holmes. — “Isso” o quê?

— Um homem levou um tiro num quarto no andar de cima. Quarto 116, acho. Temos um homem lá em cima com o atirador e estamos esperando alguém da Yard aparecer. Assim…

Holmes não esperou mais. Passou pelo policial que estava vigiando a escada comigo logo atrás. Subiu os degraus mais depressa que eu. Meu velho ferimento de guerra só permitia uma velocidade limitada, mas eu estava bem atrás dele quando fez a curva no primeiro patamar e se encaminhou para um jovem policial parado diante de uma porta, uma pistola na mão. A visão de um policial de Londres segurando uma arma foi algo inteiramente novo para mim.

— Onde está ele? — perguntou Holmes.

O policial olhou para ele, aturdido.

— O senhor é da Yard? — perguntou o jovem, esperançoso.

— Somos muito conhecidos na Yard — respondi. — Sou médico. Espero que um inspetor chegue logo depois de nós.

— Esta é a arma do crime? — perguntou Holmes.

— Sim, senhor — respondeu o jovem, passando-a para mim. — Ele a entregou sem uma palavra. Está simplesmente sentado lá agora, como pode ver.

Olhei através do vão da porta. Havia um homem deitado de barriga para cima no meio do assoalho, olhos abertos, uma mancha de sangue na camisa branca. Outro estava sentado na beirada de uma robusta poltrona, a cabeça entre as

mãos.

O homem morto era John Belknapp. O homem na poltrona era Alfred

Donaberry.

— Chegamos tarde demais — disse Holmes.

Ao som da voz de Holmes, Donaberry levantou o rosto. Seus olhos estavam vermelhos e lacrimosos. Sua boca estava aberta. Um ar de pálida confusão lhe cobria a face.

— Sr. Holmes — disse ele. — Ele chegou há alguns minutos. Tinha uma

arma. Eu não… Ele não deu nenhum aviso. Atirou.

Donaberry apontou para a janela. Pude ver que ela estava quebrada.

— Agarrei-o e consegui pegar parcialmente a arma — continuou Donaberry.

— Ele lutou. Pensei que tivesse atirado em mim, mas ele recuou e… e caiu como o senhor o vê agora. Meu Deus, sr. Holmes, eu matei um homem.

Holmes não disse nada enquanto eu me aproximava de Donaberry e pedia ao

policial à porta que trouxesse um copo d'água. Se eu estivesse com minha maleta médica, onde havia vários sedativos, poderia ter lhe administrado algum,

mas, sem isso, podia apenas socorrê-lo em sua dor, seu horror e confusão, o que

fiz tão bem quanto o permitiu minha limitada capacidade.

Holmes agora se aproximara e se sentara numa cadeira de madeira perto de uma mesinha onde estavam pousados uma bacia e um jarro. Ele tinha feito uma

ponte com seus dedos e apoiado as mãos em seus lábios franzidos.

Não sei quantos minutos se passaram enquanto eu tentava acalmar Donaberry,

mas não pode ter sido muito tempo antes que Elspeth Belknapp entrasse

correndo no quarto. Seus olhos abarcaram o horror da cena e ela caiu chorando ao lado do marido morto.

— Eu… Elspeth, acredite em mim, foi um acidente — disse Donaberry. Ele chegou para…

— Nós sabemos por que ele veio — a voz do inspetor Lestrade veio da porta aberta.

Lestrade passou os olhos pelo quarto. Tirei a arma do bolso e entreguei-a para ele.

— A sra. Belknapp foi à Scotland Yard — disse Lestrade, olhando para Holmes, que não mostrou nenhum interesse pela chegada da viúva consternada.

— Parece que o sr. Belknapp deixou um bilhete que a sra. Belknapp encontrou há não mais de uma hora. Ele lhe disse que iria procurar Alfred Donaberry e pôr fim à sua intromissão para sempre. O inspetor Owens me informou sobre o que aconteceu. Vamos precisar de uma declaração do sr. Donaberry.

— Posso ver o bilhete, inspetor? — perguntou Holmes.

Lestrade tirou a carta do bolso e entregou-a a Holmes, que a leu lentamente e a devolveu ao inspetor.

— A senhora diz que seu marido tinha um temperamento muito violento — disse Lestrade. — Ele tinha várias armas, proteção contra ladrões de pedras preciosas.

— Sim — disse a viúva ajoelhada. — Pedi-lhe muitas vezes para manter as armas fora de nossa casa, mas ele insistia que elas eram essenciais.

— Temperamento violento, arma, bilhete, luta — disse Lestrade. — Eu diria que o sr. Donaberry tem muita sorte por estar vivo.

— Realmente — disse Holmes. — Mas esse perigo ainda não passou.

Elspeth Belknapp se virou para Holmes.

— Não alimento nenhum desejo de morte para Alfred — disse ela. — Já perdi o suficiente, sr. Holmes.

— Bem — disse Lestrade com um suspiro. — Isso praticamente resolve esta lamentável situação. Vamos precisar que nos dê um depoimento detalhado, sr. Donaberry, quando for capaz.

Donaberry assentiu com a cabeça.

— Um depoimento muito detalhado, de fato — disse Holmes. — Sr. Donaberry, concordaria que minha parte em nosso acordo foi cumprida, embora não da maneira como a discutimos?

— Quê? — perguntou o homem, desnorteado.

— O senhor me pagou duzentas libras para impedir que John Belknapp o matasse. O senhor não está morto. Ele está.

— O dinheiro é seu — disse Donaberry com um aceno de mão.

— Obrigado — disse Holmes. — Agora, com isso resolvido, vamos tratar do assassinato de John Belknapp, um assassinato que previ, mas sobre o qual não consegui agir com suficiente presteza para salvar sua vida. A audácia do assassino me pegou de surpresa, admito. Não deixarei uma coisa assim acontecer novamente.

— De que diabo você está falando, Holmes? — perguntou Lestrade.

Holmes se levantou de sua cadeira e, olhando de Elspeth Belknapp para Alfred Donaberry, disse:

— Estes dois conspiraram para cometer assassinato, o que é suficientemente ruim, mas o que me parece singularmente ultrajante é que eles quiseram me usar para ter sucesso em seus propósitos.

— Usá-lo? — perguntou Donaberry. — Sr. Holmes, ficou louco? Eu o procurei em busca de ajuda. Belknapp tentou me matar.

Holmes estava balançando a cabeça, negando, antes mesmo que Alfred Donaberry tivesse terminado.

— Você pode provar isso, Holmes? — perguntou Lestrade.

— Alguma vez no passado deixei de fazê-lo de modo a deixá-lo satisfeito?

— Não que eu me lembre — respondeu Lestrade.

— Bom, então me ouça — disse Holmes andando de um lado para outro. — Primeiro, achei uma estranha coincidência que a sra. Belknapp me visitasse apenas minutos antes de seu ex-marido. É notório que navios costumam estar atrasados e às vezes se adiantam. No entanto as duas visitas foram muito próximas.

— O que isso prova? — disse Lestrade.

— Nada — respondeu Holmes. — Aceitei isso como mera coincidência. Assim como aceitei as declarações da sra. Belknapp sobre a bondade básica de seu ex-esposo. Acredito agora que ela foi me ver com o único propósito de descrever seu ex-marido como um homem bondoso e decente, incapaz de

machucar alguém, e seu marido, agora morto, como um homem de paixões potencialmente incontroláveis.

— Mas isso… — começou Lestrade.

Holmes levantou a mão e continuou:

— E depois o sr. Donaberry aqui chegou, desgrenhado, mala na mão, mostrando-nos o dedo de que supostamente removera a aliança de casamento três meses atrás.

— Supostamente? — perguntou Lestrade.

— O sr. Donaberry contou a Watson e a mim que trabalhava quase diariamente com as mãos no calor e no sol subtropical. Sua pele está, de fato, profundamente bronzeada. Em três meses seria de esperar que a marca da aliança, embora pudesse ter persistido um pouco, tivesse sido coberta pelos efeitos do sol. A faixa de pele onde sua aliança estivera está completamente branca. O anel foi removido há não mais que alguns dias.

— Isso é verdade — eu disse, olhando para a mão esquerda de Donaberry.

— Então, por que mentir? Perguntei a mim mesmo, e assim permiti a meu cliente em potencial continuar enquanto observava que suas roupas estavam extremamente amarrotadas e que ele estava num estado lamentável.

— Eu tinha vindo correndo do trem, não tinha trocado de roupa desde que chegara ao porto ontem — disse Donaberry.

— Mesmo assim — retrucou Holmes —, ao examinar o conteúdo de sua mala quando o dr. Watson o levou à porta dos fundos da casa da sra. Hudson, encontrei tudo bem passado e completamente limpo. O senhor poderia ter ao menos trocado de camisa e vestido calças limpas em sua viagem para um

compromisso que significava vida ou morte para o senhor.

— Eu estava aflito — disse Donaberry.

— Sem dúvida — concordou Holmes. — Mas penso que queria dar a impressão de que ainda não tivera tempo de se registrar neste hotel.

— Não tive — disse Donaberry olhando para mim em busca de apoio.

— Eu sei — disse Holmes —, mas tampouco tinha saído correndo da estação de trem para me ver. Perguntei ao cocheiro onde ele o apanhara. O senhor o chamara em frente ao Strathmore Hotel, que fica a quase cinco quilômetros da estação.

— Tomei um carro de aluguel lá e discuti com o cocheiro, que estava se aproveitando de minha falta de familiaridade com Londres — afirmou Donaberry. — Saltei no Strathmore e fiz sinal para outro carro.

— É possível — disse Holmes —, mas não plausível. Minha suposição é que o senhor estava hospedado no Strathmore, provavelmente sob um nome falso.

— Mas por que diabos eu iria querer matar Belknapp? — perguntou Donaberry. — Eu não estava com ciúme.

— Com isso eu concordo — disse Holmes. — O senhor não estava. Não foi o ciúme que o levou ao assassinato. Foi simples cobiça.

— Cobiça? — perguntou Elspeth Belknapp se levantando.

— Sim — disse Holmes. — Embora os escritórios de John Belknapp estejam em mau estado, trata-se de uma firma antiga e respeitável, e ele declarou, para minha satisfação, que estava não apenas solvente, mas tinha um patrimônio de algum valor. Não será difícil determinar quão valioso esse patrimônio poderia ser.

— Não haverá nenhuma dificuldade — disse Lestrade.

— E, sr. Donaberry, não seria difícil determinar sua situação financeira —

continuou Holmes. — O senhor nos diz que possui uma pequena fortuna que Belknapp cobiçava. Duvido que esse seja o caso.

— Podemos verificar isso também — disse Lestrade.

— Portanto, o senhor contava com algo que à primeira vista parecia remover a

suspeita da sua pessoa e da sua ex-mulher. A sra. Belknapp, mesmo com os olhos rasos d'água, é uma jovem encantadora, ao passo que o senhor é, digamos,

um homem de semblante não propriamente bonito. Belknapp, por outro lado, era

sem dúvida mais jovem que o senhor e, mesmo enquanto jaz aí, morto, é um bonito cadáver.

— Isto é um absurdo — disse Elspeth Belknapp.

— Realmente é — disse Holmes —, mas será fácil para o inspetor Lestrade verificar. Um último ponto: como John Belknapp sabia que o senhor estava hospedado em The Cadogan?

— Ele deve ter me seguido do seu apartamento — disse Donaberry.

— Mas o senhor saiu pelos fundos — rebateu Holmes. — No entanto, mesmo

se lhe dermos o benefício da dúvida, Watson e eu fomos imediatamente ao escritório de Belknapp depois que o senhor saiu. Provavelmente estávamos a caminho antes mesmo que o senhor encontrasse um carro de aluguel na chuva. E

ele estava em seu escritório quando chegamos.

— Ele poderia ter mandado alguém… — disse Elspeth Belknapp, parando

bruscamente ao se dar conta de que agora estava ativamente tentando proteger o

homem que atirara em seu marido.

— Não — disse Holmes. — O sr. Donaberry marcou um encontro com seu falecido marido, provavelmente sem dizer seu verdadeiro nome. John Belknapp foi, supondo que encontraria um cliente em potencial. Quando ele entrou neste quarto, foi assassinado. Temos somente a palavra da sra. Belknapp de que seu marido tinha muitas armas e, mesmo que tivesse, não temos nenhuma prova de que trouxe uma arma consigo. E depois há o bilhete.

Holmes levantou o bilhete.

— Tive um momento ou dois para lançar os olhos nos papéis de Belknapp em sua mesa. Há sem dúvida uma semelhança. No entanto, creio que um exame cuidadoso mostrará que isto é, no máximo, uma falsificação razoável. Suspeito que a sra. Belknapp escreveu o bilhete ela própria. Isso é suficiente, inspetor?

— Creio que sim, sr. Holmes. É bastante fácil verificar tudo isso.

— Mas, Holmes — eu intervim, olhando para o incompatível acusado —, está nos dizendo que Donaberry e a sra. Belknapp ainda são amantes, que ele permitiu que sua mulher não apenas se casasse, mas mantivesse relações conjugais com outro homem?

— Eu sugeriria, Watson, que a faixa branca no dedo anular do sr. Donaberry resultou da remoção da aliança de seu casamento com a mãe de Elspeth Belknapp. Eu diria que ela nunca foi sua mulher, mas era e continua a ser sua filha.

Com isso, a mulher correu para os braços do pai que a abraçou numa clara admissão da derrota de ambos.

— Eles cometeram erros demais — disse Lestrade, fazendo um gesto para que o policial prendesse o par.

— Sim — disse Holmes. — Mas o maior deles foi pensar que podiam fazer Sherlock Holmes de bobo. Posso até perdoar um assassinato. É a arrogância dos assassinos que me parece intolerável.

Mas nosso herói não estava morto

MANLY WADE WELLMAN

Nascido em Kamundongo, na África Ocidental Portuguesa (hoje Angola), Manly Wade Wellman (1903-1986) e sua família se mudaram para Washington D.C. quando ele ainda era criança. Wellman trabalhou como repórter para dois jornais de Wichita, o *Beacon* e o *Eagle*, depois se mudou para o leste em 1934 para se tornar diretor assistente do Folklore Project da Works Progress Administration. Mudou-se para a Carolina do Norte em 1955 e lá permaneceu pelo resto da vida, tornando-se um especialista em *mountain music*, Guerra Civil e regiões e pessoas históricas do Velho Sul.

Escrevendo principalmente contos de terror nos anos 1920, nos anos 1930 Wellman começou a vender suas histórias para as principais revistas *pulp* do gênero: *Weird Tales*, *Wonder Stories* e *Astounding Stories*. Ele publicou três séries simultaneamente em *Weird Tales*: Silver John, também conhecido como John the Balladeer, o menestrel do interior com um violão de cordas de prata; John Thunstone, o playboy e aventureiro de Nova York que era também um detetive paranormal; e o juiz Keith Hilary Persuivant, um idoso detetive místico cujas histórias eram escritas sob o pseudônimo Gans T. Fields.

Wellman também escreveu muitos livros de não ficção, entre os quais *Dead and Gone: Classic Crimes of North Carolina* (1954), que ganhou o prêmio Edgar de

melhor livro de crime factual. Ele também produziu catorze livros para crianças e escreveu para revistas em quadrinhos, produzindo o primeiro número do Captain Marvel para a Fawcett Publishers.

O conto da autoria de Wellman, “A Star for a Warrior”, ganhou o prêmio de melhor história do ano da *Mistério Magazine de Ellery Queen* em 1946, derrotando William Faulkner, que escreveu uma furiosa carta de protesto. Outras honras importantes incluem prêmios pelo conjunto da obra da World Fantasy Writers (1980) e o prêmio de melhor coletânea pela World Fantasy por *Worse Things Waiting* (1975).

“Mas nosso herói não estava morto” foi publicado pela primeira vez no número de 9 de agosto de 1941 de *Argosy*. Em livro, foi publicado pela primeira vez em *The Misadventures of Sherlock Holmes*, organizado por Ellery Queen (Boston, Little, Brown, 1944) sob o título “The Man Who Was Not Dead”.

MAS NOSSO HERÓI NÃO ESTAVA MORTO

Manly Wade Wellman

Do céu negro caía Boling rumo à terra negra. Não sabia nada da região em que estava caindo, exceto que ficava a oito quilômetros da costa de Sussex em direção ao interior e, segundo as melhores informações do dr. Goebbels, era esparsamente povoada.

O ar da noite zumbia nas cordas de seu paraquedas e ele parecia estar caindo a mais de três metros por segundo, mas pensar nisso era indigno de um leal agente da Inteligência Alemã. Embora o piloto acima não tivesse arriscado lançar-lhe uma luz, Boling poderia pousar sem muitos percalços… Ao mesmo tempo que se dizia isso, ele pousou. Bateu com força no chão, de quatro, e as dobras

murchas do paraquedas se assentaram à sua volta.

Imediatamente ele se desvencilhou dos arneses, enrolou o velame e escondeu-o entre uma rocha e um arbusto. Levantando, avaliou o próprio estado. A perna esquerda de sua calça estava rasgada e o joelho esfolado — isso era tudo.

Lembrou-se de que Guilherme, o Conquistador, também se estatelara ao pousar em Hastings, não longe dali. O presságio era bom. Boling inclinou-se e, como o duque Guilherme, agarrou um punhado de seixos.

— "Assim me apodero da terra!" — citou em voz alta, pois no fundo era teatral.

Seu nome não era realmente Boling, embora tivesse prosperado sob essa e outras alcunhas. E, ainda que usasse o uniforme de um soldado raso britânico, tampouco era britânico. Nascido em Chicago no fim de 1917, de pais desagradáveis, ele amadurecera para uma notável carreira de impostura e roubo.

Havia se colocado a serviço do Terceiro Reich não por amor à causa ou sede de aventura, mas pelo alto valor do pagamento. Boling era prático, assim como talentoso. Havia aceitado de bom grado a presente difícil e perigosa missão, que muito bem poderia ser o início de sua fortuna.

Agora o alvorecer cinzento chegava e espiava sobre seu ombro. Boling viu que estava numa encosta forrada de capim, com uma maltratada estrada de cascalho abaixo dela. Logo do outro lado da estrada havia janelas iluminadas — uma casa com madrugadores. Ele caminhou em direção a essas luzes.

Em que direção ficava Eastbourne, era seu primeiro problema. Ele nunca vira a cidade; tinha somente o nome e o número de telefone de um certo Philip Davis, que, se fosse tratado por "tio", saberia que havia chegado a hora de reunir outros

quinze.

Eles, por sua vez, iriam congregar camaradas da comunidade ao redor que estavam à espera, homens selecionados, duros, que anos atrás tinham se alojado e guardado armas nas imediações. Esses iriam se organizar e operar como um batalhão de infantaria de primeira ordem. Depois disso, a sequência já muito testada que havia ajudado a conquistar Noruega, Holanda, Bélgica, França: controle das comunicações, explosão de ferrovias e estradas, captura de aeródromos.

Reforços cairiam do céu de paraquedas, como ele, Boling, fizera. Ao cair da tarde isso estaria feito. À noite, Eastbourne estaria firmemente ocupada, com um corpo de invasão escolhido desembarcando de barcaças.

Ao atravessar a estrada em direção à casa, Boling considerava o assunto praticamente liquidado. Precisava apenas de uma palavra dos moradores para orientá-lo.

Ele encontrou a abertura na sebe de sarças e arbustos floridos que lhe chegava ao queixo e, na luz encorajadora, avançou cautelosamente pelo caminho demarcado. A casa, agora visível, era um chalé térreo de estuque branco, com um teto de telhas escuras. Chegando à soleira, Boling bateu a embaçada aldrava contra o sólido painel de carvalho.

Silêncio. Depois passos pesados e uma voz balbuciante. A porta foi aberta.

Uma mulher de xale e touca, gorda e muito velha — mais de noventa, pareceu a Boling — enfiou a cabeça alegre e encarquilhada para fora.

— Bom dia — disse ela. — Sim, quem é? — Seus velhos olhos piscavam por

trás de lentes pequenas e grossas como fundos de garrafa. — É um soldado, não é?

— Certa a senhora está — respondeu ele à sua maneira mais inglesa, sorrindo para seduzi-la. A velha tinha um sotaque londrino e parecia simples e bem-humorada. — Estou indo a pé para Eastbourne visitar meu tio — prosseguiu ele — e me perdi nas colinas no escuro. Pode me orientar?

Antes que a idosa pudesse responder, uma voz seca falou atrás dela:

— Peça ao rapaz para entrar, sra. Hudson.

A velha abriu mais a porta. Boling entrou numa daquelas salas de estar que tinham sobrevivido à própria era. À luz de uma lâmpada a óleo pendurada, pôde ver paredes forradas de papel azul com flores amarelas, acima de lambris pintados de cinza. Numa mesa de centro viam-se alguns livros velhos, guardados por um rechonchudo cão de louça. No fundo, perto do vão escuro de uma porta interior, ardia um fogo pequeno, mas animado, e de uma cadeira a seu lado ergueu-se o homem que havia falado.

— Se caminhou a noite toda, deve estar cansado — disse ele a Boling. — Pare e descanse. Vamos tomar chá. Não quer se juntar a nós?

— Obrigado, senhor — aceitou Boling cordialmente.

Este era mais um londrino, muito alto e magro como um mosquete. Não podia ser muitos anos mais moço que a mulher chamada sra. Hudson, mas ainda tinha vigor e presença.

Ele se mantinha muito ereto no mais surrado dos robes azuis. A luz da

lâmpada revelava um longo nariz adunco e um queixo comprido e magro, com brilhantes olhos azuis sob uma cabeleira de lanugem de cardo. Boling pensou em um dr. Punch [22] envelhecido, digno e cortês. A mão direita parecia frouxamente cerrada dentro de um bolso do robe. A esquerda, magra e fina, segurava um velho e enegrecido cachimbo de urze de cabo curvo.

— Vejo — disse esse velho senhor, seus olhos estudando as insígnias de Boling — que o senhor é um fuzileiro, Northumberland.

— Sim, senhor, Quinto Regimento de Fuzileiros de Northumberland — respondeu Boling, que havia naturalmente escolhido para seu disfarce as insígnias de um regimento sediado longe de Sussex. — Como eu disse à sua boa governanta, estou indo para Eastbourne. Se puder me orientar ou permitir que eu use seu telefone.

— Lamento, não temos telefone — informou-lhe o outro.

A sra. Hudson arquejou e arregalou os olhos ao ouvir isso, mas os velhos olhos azuis apenas estremeceram numa mensagem para ela. Novamente o homem macilento falou:

— Há um telefone, porém, na casa logo atrás da nossa, a casa do policial Timmons.

Boling estava muito pouco inclinado a visitar um policial, especialmente um intrometido policial rural, então evitou comentar esta última sugestão. Em vez disso, agradeceu ao seu anfitrião pelo convite para tomar alguma coisa. A velha trouxe uma bandeja com pratos e uma chaleira fumegante e, um momento depois, outro homem idoso se juntou a eles.

Esse era gordo, com um bigode grisalho caído, olhos grandes cheios de inocência infantil e um paletó de *tweed*. Boling supôs que fosse um médico e sentiu muito orgulho de sua própria perspicácia quando ele foi apresentado como tal. Boling estava tão satisfeito consigo mesmo, de fato, que não prestou atenção no nome do médico.

— Este jovem é do seu antigo regimento, creio — o homem magro informou ao gordo. — O Quinto Regimento de Fuzileiros de Northumberland.

— Oh, realmente? Certamente, certamente — ciciou o médico como um gafanhoto, o que levou Boling a classificá-lo como um simplório. — Certamente. Eu estive no velho Quinto, mas isso deve ter sido muito antes de seu tempo, meu rapaz. Eu servi na Guerra Afegã. — Deu esta última informação arregalando os grandes olhos orgulhosamente. Por um momento Boling temeu uma torrente de reminiscências, mas o homem com cara de Punch tinha acabado de reacender seu cachimbo de urze e agora chamava atenção para o chá que a sra. Hudson estava servindo.

Os três homens beberam com prazer. Boling permitiu-se um momento de irônica meditação sobre como tudo estava agradável, antes que, dali a pouco, bombas e baionetas engolissem esta e todas as outras casas na vizinhança de Eastbourne.

A sra. Hudson se aproximou de seu cotovelo com muffins torrados.

— Pobre rapaz — disse ela maternalmente —, rasgou as lindas calças.

Do outro lado do fogo astutos olhos azuis contemplavam através da fumaça de fumo forte.

— Oh, sim — disse a voz seca —, o senhor andou pelas colinas à noite, penso que o ouvi dizer quando chegou. E caiu?

— Sim, senhor — respondeu Boling, e mostrou seu joelho esfolado através do rasgo. — Nenhum grande ferimento, porém, a não ser para meu uniforme. O rei me dará um novo, não é?

— Eu diria que sim — concordou o médico, levantando seu bigode da xícara de chá. — Nada é bom demais para o velho regimento.

Isso levou à discussão do glorioso passado do Quinto Regimento de Fuzileiros de Northumberland e provável futuro triunfante. Boling fez as declarações mais cautelosas, temendo que o gorducho veterano encontrasse algo de que desconfiar; mas, para apoiar seu disfarce, passou a mão num rolo de documentos cuidadosamente falsificados — cadernetas de pagamento, designação de alojamento, passes através de linhas, e assim por diante. O homem magro de azul estudou-os com polido interesse.

— E agora — perguntou o médico —, como vai meu velho amigo major Amidon?

— Major Amidon? — repetiu Boling para ganhar tempo, lançando um olhar tão penetrante quanto ousou para seu interlocutor.

Uma pergunta como essa certamente poderia ser uma armadilha, simples e perigosa, mais ainda porque sua pesquisa sobre o Quinto Regimento de Fuzileiros de Northumberland não incluía esse nome entre os oficiais.

Mas então ele avaliou mais uma vez o rosto gordo, suave, ingênuo. Boling, astuto e criminoso, sabia reconhecer um homem incapaz de mentir ou enganar quando via um. O médico não estava armando absolutamente nenhuma armadilha; de fato, suas palavras seguintes lhe ofereceram uma valiosa deixa.

— Sim, é claro — ele deve estar servindo como chefe de brigada agora. Alto, rosto vermelho, monóculo…

— Oh, major Amidon! — exclamou Boling, como se estivesse se lembrando.

— Conheço-o somente de vista, naturalmente. Como diz, ele está servindo como chefe de batalhão; provavelmente ganhará uma promoção em breve. Ele está muito bem e é muito apreciado pelos homens.

O velho magro devolveu os documentos de Boling e perguntou cortesmente pelo seu tio em Eastbourne. Boling prontamente citou Philip Davis, que deveria estar se esforçando para granjear uma boa reputação para si mesmo. Ocorreu que ambos os interlocutores de Boling conheciam o sr. Davis ligeiramente — proprietário da Royal Oak, uma excelente taberna antiga. As tabernas, explicou o médico, não eram mais o que tinham sido nos anos 1880, mas a Royal Oak era um feliz remanescente daquela idade de ouro. E assim por diante.

Com alívio, Boling tomou sua última gota de chá, comeu sua última migalha de muffin. Seus olhos percorreram a sala, que ele já via como um quartel-general ideal. Até seu nervosismo momentâneo por causa do policial na casa de trás o abandonara. Ele refletiu que a proximidade de um oficial eliminaria mesmo qualquer intrometimento ou procura da parte do inimigo. Ele iria até Eastbourne, faria Davis colocar o plano em ação e voltaria para cá para esperar

confortavelmente pelo momento propício em que, depois de transpostos os principais perigos da conquista, ele poderia dar um passo à frente…

Levantou-se lamentando realmente ter de cuidar de seus negócios.

— Eu agradeço muito a todos os senhores — disse ele. — E agora já está muito claro, eu realmente devo me pôr a caminho.

— Soldado Boling — disse o velho com o robe azul —, antes que o senhor se vá, tenho uma confissão a fazer.

— Confissão? — gaguejou o médico. A sra. Hudson arregalou os olhos de espanto.

— Exatamente. — Duas mãos finas e magras se ergueram e as pontas dos dedos se uniram. — Assim que o senhor chegou eu não podia saber ao certo quem era, o jeito que andam as coisas ultimamente…

— Certamente, certamente — interrompeu o médico. — Inimigos estrangeiros e tudo isso. O senhor compreende, rapaz.

— É claro — Boling abriu um sorriso cativante.

— E, assim — continuou seu anfitrião —, sou culpado de uma mentira. Mas agora que dei uma olhada no senhor, estou seguro de quem é. E deixe-me dizer-lhe que tenho um telefone, afinal de contas. O senhor está inteiramente livre para usá-lo. Passando por aquela porta.

Boling sentiu seu coração aquecer-se, tal era sua satisfação consigo mesmo.

Ele sempre se considerara um príncipe dos impostores; essa admissão da parte do velho esquelético era extremamente agradável. Agradecendo muito, entrou

num pequeno corredor escuro de cuja parede brotava o telefone. Levantou o fone e pediu o número que havia memorizado.

— Alô — disse, cumprimentando o homem que atendeu discretamente. — É o sr. Philip Davis?… Aqui é seu sobrinho, Amos Boling. Chegarei à cidade em breve. Irei encontrá-lo e aos outros onde quer que diga… Qual é o nome de sua taberna?… The Royal Oak? Muito bem, nós nos encontraremos lá às nove horas.

— Já chega — disse a voz seca de seu anfitrião logo atrás de seu ombro. — Desligue, sr. Boling. Imediatamente.

Boling deu meia-volta, seu coração aos pulos com súbito horror. A figura macilenta recuou de maneira muito ágil e rápida para um homem tão idoso. A mão direita enfiou-se novamente no bolso do velho robe azul e tirou de lá uma pequena pistola de boca larga, que o homem segurava na altura da barriga de Boling.

— Eu lhe pedi para telefonar, sr. Boling, na esperança de que o senhor fosse de algum modo revelar seus cúmplices. Nós sabemos que eles estarão no Royal Oak às nove. Um grupo de policiais vai aparecer para se encarregar deles. Quanto ao senhor… Sra. Hudson, por favor atravesse o quintal dos fundos e peça ao policial Timmons para vir aqui imediatamente.

Boling fitou-o ferozmente. Sua mão direita moveu-se, furtivamente como uma serpente, em direção ao quadril.

— Nada disso — ladrou o médico do outro lado da sala de estar. Ele, também, estava de pé, abrindo uma gaveta na mesa de centro. Dela tirou um grande revólver de serviço, de modelo antiquado, mas excepcionalmente bem conservado. A mão gorducha empunhou a arma habilmente. — Levante os

braços, senhor, e já.

Furioso, Boling obedeceu. O robe azul deslizou em direção a ele, a mão esquerda arrancou a automática do seu bolso de trás.

— Observei essa protuberância em seu uniforme, que sob outros aspectos está bem-arrumado — comentou o velho magro — e ponderei que pistolas de bolso não são regulamentares para soldados de infantaria. Foi uma das várias incoerências que o denunciaram como um agente inimigo. Quer se sentar na poltrona, sr. Boling? Vou explicar.

Não havia nada a fazer, sob a ameaça daquelas armas, a não ser sentar e ouvir.

— O aparecimento de um soldado britânico fazendo um grande esforço para disfarçar um sotaque americano me intrigou, mas não o condenou a princípio. No entanto, o joelho da sua calça (sempre olho primeiro para o joelho da calça de um estranho) estava tão violentamente rasgado que sugeria uma queda forte de algum lugar. O resto de seu equipamento estava desarrumado também. Mas suas botas (sempre olho para as botas em segundo lugar) estavam inocentes de desgaste ou mesmo de muito uso. Soube de imediato que sua história de caminhada a pé durante uma longa noite, com tropeções e tombos, era mentira.

Boling reuniu toda a sua segurança:

— Vejam bem — gritou asperamente. — Não me importo com um pouco de brincadeira ou coisa parecida, mas isto já foi longe demais. Sou um soldado e como tal um defensor do reino. Se me oferecem violência…

— Não haverá violência a menos que o senhor a atraia sobre si mesmo. Permita-me continuar. O senhor me inspirou ainda mais desconfiança quando,

dizendo-se um soldado do Quinto Regimento dos Fuzileiros de Northumberland, ainda assim evidentemente incapaz de reconhecer o nome de meu velho amigo aqui. Ele também foi do Quinto e, na vida civil conquistou uma fama de que poucos fuzileiros podem se gabar. O mundo inteiro lê seus escritos…

— Por favor, por favor — murmurou o médico gentilmente.

— Não quero constrangê-lo, meu caro amigo — assegurou o magro anfitrião —, somente escarnecer desse triste impostor com sua própria incompetência. Depois disso, sr. Boling, sua ansiedade em mostrar suas credenciais a mim, que não pedira para vê-las nem tinha qualquer autoridade para examiná-las, sua conversa sobre serviço, claramente memorizada a partir de um livro e finalmente sua tagarelice sobre um major Amidon que não existe… Essas foram provas suficientes.

— Não existe? — quase gritou o médico. — O que quer dizer? Claro que o major Amidon existe. Ele e eu servimos juntos…

Então ele se interrompeu abruptamente e seus olhos se arregalaram absurdamente. Tossiu e abafou uma risadinha num embaraçado pedido de desculpa.

— Meu Deus, agora sei que estou senil — disse mais gentilmente. — Está certo, meu caro amigo, o major Amidon não existe mais. Ele se aposentou em 1910 e você mesmo me apontou a notícia de sua morte cinco anos atrás. É estranho como velhas lembranças persistem e nos enganam. Há uma boa questão psicológica aí em algum lugar

Sua voz foi se apagando e seu camarada retomou triunfantemente a acusação

de Boling.

— Minha mente retornou ao problema de seu equipamento em desordem e

suas botas bem cuidadas. Por raciocínio dedutivo considerei e eliminei uma possibilidade após outra. Foi ficando cada vez mais claro que o senhor tinha caído de certa altura, mas não tinha andado muito para chegar até lá. Teria viajado num automóvel? Mas esta é a única estrada por estas bandas, e uma estrada ruim, que vai terminar sem saída, três quilômetros adiante nas colinas.

Estamos acordados há horas e teríamos ouvido um motor. Um cavalo, então? É

possível, mesmo nestes tempos mecanizados, mas sua calça não mostra o menor

sinal de que esteve montado numa sela. Bicicleta? Mas o senhor teria usado uma

presilha no tornozelo perto da coroa dos pedais, e essa presilha teria marcado a

bainha da sua calça. O que isso nos deixa?

— O quê? — perguntou o médico gordo, ansioso como uma criança ouvindo

uma história.

— O que, de fato, senão um avião e um paraquedas? E o que significa um paraquedas nestes dias senão invasão alemã, que chegou à nossa humilde porta

na pessoa do sr. Boling? — A cabeça branca se curvou, como um ator ao receber

aplausos, depois virou-se para a porta da frente. — Ah, a sra. Hudson está de volta com o policial Timmons. Policial, temos um espião alemão para entregar aos seus cuidados.

Boling se levantou, quase disposto a desafiar as duas pistolas que o

ameaçavam.

— O senhor é um demônio! — disse furioso a seu descobridor.

Os olhos azuis piscaram.

— De maneira alguma. Sou um velho que conservou o uso de seu cérebro, mesmo após longa e repousada ociosidade.

O robusto policial se aproximou de Boling, um par de algemas brilhantes nas mãos.

— Virá comigo tranquilamente? — perguntou de maneira formal, e Boling estendeu os punhos. Estava derrotado.

O velho médico deixou o revólver cair de volta na gaveta e caminhou pesadamente até seu amigo.

— Assombroso! — ele quase berrou. — Pensei que não iria mais me surpreender com você, mas… assombroso, é tudo que posso dizer!

Um braço numa manga azul se ergueu, a fina mão magra deu batidinhas afetuosas no ombro vestido de *tweed*. E antes mesmo que as palavras fossem pronunciadas, como tinham sido tantas vezes em anos passados, Boling soube de repente quem eram eles:

— Elementar, meu caro Watson — disse o velho sr. Sherlock Holmes.

A aventura do homem marcado

STUART PALMER

Após uma bem-sucedida carreira como romancista, Stuart Hunter Palmer (1905-1968) tornou-se um prolífico roteirista, escrevendo 37 roteiros, em sua maioria histórias sobre as aventuras de personagens famosos da ficção policial como o Lobo Solitário, Bulldog Drummond e o Falcão. Enquanto trabalhava numa ampla variedade de empregos, Palmer começou a escrever para revistas *pulp* sob seu próprio nome e como Theodore Orchards. Quando tinha apenas 26

anos, seu primeiro romance, *The Penguin Pool Murder* (1931), foi publicado.

Ele apresentou a famosa personagem da série, Hildegarde Withers, uma

solteirona que desvendava crimes frequentemente referida como a Miss Maple americana, embora seja muito mais engraçada que a heroína de Agatha Christie.

Uma versão para o cinema de *The Penguin Pool Murder* foi lançada no ano seguinte, estrelada por Edna May Oliver, com James Gleason como um rude

policial da cidade de Nova York. O sucesso do livro levou Palmer a escrever treze outras aventuras da mordaz investigadora amadora, inclusive *Murder on the Blackboard* (1932), adaptado para o cinema em 1934 e lançado no Brasil com o título *Sherlock de saias*, com o mesmo elenco de protagonistas; *The Puzzle of the Pepper Tree*, filmado como *Murder on a Honeymoon* (1935, lançado no Brasil como *Crime na lua de mel*), novamente com Oliver e Gleason; *The Puzzle of the Silver Persian* (1934); *The Puzzle of the Red Stallion* (1936, publicado na Inglaterra como *The Puzzle of the Briar Pipe*), adaptado para o cinema como *Murder on a Bride Path* (1936, lançado no Brasil como *O mistério da ferradura*), com Helen Broderick substituindo Olive, mas com Gleason ainda presente; e *The Puzzle of the Blue Banderilla* (1937), entre outros.

Palmer escreveu duas paródias de Sherlock Holmes enquanto trabalhava como

instrutor de filmes educacionais e oficial de ligação entre o Exército e o esforço de guerra de Hollywood, numa posição avançada em Oklahoma durante a

Segunda Guerra Mundial. Além da presente história, ele escreveu “The

Adventure of the Remarkable Worm” (1944).

“A aventura de um homem marcado” foi publicado pela primeira vez no

número de julho de 1944 da *Mistério Magazine de Ellery Queen*; foi compilada pela primeira vez num folheto intitulado *The Adventure of the Marked Man and*

One Other (Boulder, Colorado, Aspen Press, 1973).

A AVENTURA DO HOMEM MARCADO

Stuart Palmer

Era uma tarde de vento forte no fim de abril de 1895 e eu acabara de retornar a nossos aposentos em Baker Street para encontrar Sherlock Holmes tal como o deixara ao meio-dia, estendido no sofá com os olhos semicerrados, a fumaça de fumo preto picado elevando-se até o teto.

Ocupado com meus próprios pensamentos, removi a desordem de instrumentos de laboratório químico que havia transbordado para a espreguiçadeira e me acomodei com um suspiro perturbado. Sem me dar conta, devo ter caído num devaneio melancólico. De repente a voz de Sherlock Holmes me trouxe de volta com um sobressalto.

— Então você decidiu, Watson — disse ele —, que nem mesmo essa diferença deveria ser um obstáculo real à sua felicidade futura?

— Exatamente — respondi. — Afinal, não podemos… — interrompi-me de repente. — Meu caro amigo! — exclamei. — Isso não condiz em nada com você!

— Vamos, vamos, Watson. Você conhece meus métodos.

— Eu não sabia — respondi friamente — que eles incluíam mandar seus espiões e bisbilhoteiros seguir as pegadas de um velho amigo simplesmente porque ele escolheu uma revigorante tarde de primavera para uma caminhada com certa dama.

— Mil desculpas! Eu não tinha me dado conta de que minha pequena demonstração de um exercício mental poderia lhe causar sofrimento —

murmurou Holmes num tom depreciativo. Ele se sentou, sorrindo. — É claro, meu caro amigo, que eu deveria ter levado em conta a aberração mental

temporária conhecida como estar apaixonado.

— Francamente, Holmes! — repliquei bruscamente. — Você deveria ser a última pessoa a falar de psicopatologia, um homem que é praticamente um caso

ambulante de tendências maníaco-depressivas…

Ele inclinou a cabeça.

— *Touché*! Mas, Watson, sob um aspecto você me faz uma injustiça. Eu só tive conhecimento de seus planos de se encontrar com uma dama por causa dos

cuidados excessivos de sua toalete antes de sair. A encantadora Emily, não era?

Sempre me lembrarei da coragem dela no caso do assassinato de Gorgiano na pensão sob outros aspectos respeitável da sra. Warren. E, de fato, por que não um romance? Houve um intervalo bastante razoável desde o falecimento de sua

esposa e a viúva Lucca é uma pessoa extremamente cativante.

— Isso ainda é irrelevante. Não vejo…

— Ninguém é tão cego, Watson, ninguém é tão cego — respondeu Holmes,

enchendo seu cachimbo de madeira de cerejeira com fumo *navy-cut*, um sinal seguro de que estava num de seus estados de ânimo mais beligerantes. — É

realmente muito simples, meu caro amigo. Não me foi difícil deduzir que seu encontro, numa tarde de ventania tão agradável como esta, foi no parque. Os resquícios de casca de amendoim em seu melhor colete falam muito claramente

do fato de que você esteve se divertindo alimentando os macacos. E seu retorno

tão prematuro, obviamente tendo deixado de convidar a dama para jantar, indica

muito claramente que vocês tiveram algum tipo de desentendimento enquanto

observavam as palhaçadas dos peludos primatas.

— Está certo até aí, Holmes, por enquanto. Mas por favor continue.

— Com prazer. Como um bom médico, você não pode deixar de ter certas convicções profundas com relação à verdade contida nas recentes e controversas publicações do sr. Charles Darwin. É extremamente provável que, no calor do romance, você tenha sido imprudente o bastante para iniciar uma discussão sobre as teorias de Darwin com a signora Lucca, que, como a maioria de suas conterrâneas, é sem dúvida profundamente religiosa. É claro que ela prefere a explicação do Jardim do Éden para o início da humanidade. Por isso sua primeira briga e sua volta apressada para casa, onde você se jogou numa poltrona e deixou seu cachimbo apagar enquanto esmiuçava toda a situação na sua mente.

— Isso é bastante simples, agora que você o explica — admiti a contragosto.

— Mas como pôde conhecer a conclusão a que eu acabara de chegar?

— Elementar, Watson, extremamente elementar. Você retornou com seu normalmente plácido semblante contorcido num bico, o lábio inferior projetando-se de maneira muita irritada. Seu olhar se voltou para o consolo da lareira, onde se encontra um exemplar de *A origem das espécies*, e você pareceu ainda mais beligerante que antes. Mas depois, passado um momento, as chamas bruxuleantes da lareira capturaram seu olhar e não pude deixar de notar como esse símbolo doméstico o fez se lembrar da felicidade matrimonial de que você gozou outrora. Você imaginou a si mesmo e à encantadora italiana sentados diante de um fogo assim e sua expressão se suavizou. Um sorriso claramente tolo cruzou sua face, e eu soube que você tinha concluído que não seria permitido a nenhuma teoria se interpor entre você e a dama que planeja transformar na segunda sra. Watson. — Ele bateu o cachimbo de madeira de cerejeira na grade. — Pode negar que minhas deduções estão substancialmente

corretas?

— É claro que não — respondi, um tanto encabulado. — Mas Holmes, num reino menos esclarecido que neste de nossa Vitória, você correria grave perigo de ser queimado como um bruxo.

— Um mago, por favor — corrigiu ele. — Mas chega de exercícios mentais. A menos que eu esteja enganado, o toque persistente da campainha pressagia um cliente. Nesse caso, trata-se de um caso sério, que pode absorver todas as minhas capacidades. Nada trivial levaria um inglês a sair durante a hora sagrada do chá da tarde.

Mal houve tempo para que Holmes girasse a lâmpada de leitura de modo que a luz incidisse sobre a cadeira vazia, ouviram-se passos rápidos na escada e uma batida impaciente na porta.

— Entre! — gritou Holmes.

O homem que entrou ainda era jovem, tendo aparentemente uns 38 anos, bem-arrumado e vestido com esmero, se não com elegância, com uma espécie de dignidade profissional em suas maneiras. Ele pôs seu chapéu-coco e sua robusta bengala de ratã sobre a mesa e em seguida se virou para nós, olhando indagativamente de um para outro. Pude ver que sua pele normalmente corada estava de uma palidez pouco saudável. Obviamente nosso visitante estava perto de um colapso.

— Meu nome é Allen Pendarvis — disse ele abruptamente, aceitando a cadeira que Holmes apontava. — Devo me desculpar por irromper aqui desta maneira.

— De maneira alguma — disse Holmes. — Por favor, sirva-se de fumo, que está ali no chinelo persa. Acaba de chegar da Cornualha, vejo.

— Sim, de Mousehole, perto de Penzance. Mas como…?

— Afora seu nome… "Pelo prefixo Tre-, Pol-, Pen- deves conhecer a gente da Cornualha", [23] o senhor está usando uma capa de chuva, e nuvens zangadas de tempestade encheram o céu do sudoeste na maior parte do dia. Vejo também que está com muita pressa, pois o Royal Cornishman parou em Paddington apenas alguns momentos atrás, e o senhor não perdeu tempo em chegar aqui.

— Então Sherlock Holmes é o *senhor*! — concluiu Pendarvis. — Eu apelo ao senhor. Nenhum outro homem pode me oferecer a ajuda de que preciso.

— Não é fácil recusar ajuda e nem sempre fácil dá-la — respondeu Holmes.

— Mas, por favor, continue. Este é o dr. Watson. Pode falar francamente em sua presença, pois ele foi meu colaborador em alguns de meus casos mais difíceis.

— Nenhum dos seus casos pode ser mais difícil que o meu! — exclamou Pendarvis. — Estou prestes a ser assassinado, sr. Holmes. E, no entanto, no entanto, não tenho nenhum inimigo no mundo! Nenhuma pessoa, viva ou morta, poderia ter uma razão para desejar me ver no caixão. Apesar disso, minha vida foi três vezes ameaçada e uma vez atacada nas duas últimas semanas!

— Muito interessante — disse Holmes calmamente. — E tem alguma ideia da identidade de seu inimigo?

— Absolutamente nenhuma. Vou começar pelo começo, sem esconder nada. Vejam, senhores, minha casa fica numa pequena aldeia de pescadores que não

mudou nada em centenas de anos. De fato, o cais do porto de Mousehole, que fica logo em frente à minha janela, foi construído pelos fenícios no tempo de Uther Pendragon, o pai do rei Artur, quando eles vieram comerciar estanho da Cornualha…

— Penso que neste assunto devemos procurar alguém mais próximo de casa

que os fenícios — disse Holmes, seco.

— É claro. Entenda, sr. Holmes, levo uma vida muito pacata. Uma pequena renda que me foi deixada por uma tia falecida me permite dedicar meu tempo ao

passatempo da fotografia de aves. — Pendarvis sorriu com modesto orgulho. —

Algumas das minhas fotografias de andorinhas-do-mar no ninho foram

impressas em revistas de ornitologia. Outro dia mesmo…

— Tampouco suspeito das andorinhas-do-mar — interrompeu Holmes. — No

entanto, alguém busca a sua vida… ou sua morte. A propósito, sr. Pendarvis, acaso sua esposa herda seu patrimônio na infeliz eventualidade de seu

falecimento?

Pendarvis pareceu perplexo.

— Senhor? Mas nunca me casei. Vivo só com meu irmão Donal. Ele faz

sucesso com as mulheres. Todas as missivas perfumadas no correio da manhã são endereçadas a ele.

— Ah — disse Holmes. — Nesse caso não precisamos aplicar a velha regra

de *cherchez la femme*? Isso elimina muitas coisas. O senhor diz que seu irmão é seu herdeiro?

— Suponho que sim. Não há muito para herdar, de fato. A renda cessa com a

minha morte, e quem quereria ficar com meus espécimes ornitológicos?

— Isso lança uma luz diferente sobre o caso, certamente. Mas deixemos de lado a questão de *cui bono*, pelo menos por enquanto. Qual foi o primeiro sinal de que alguém tramava contra a sua vida?

— A primeira ameaça foi na forma de um bilhete, grosseiramente escrito em

papel pardo de açougue e enfiado debaixo da porta na quinta-feira da semana passada. Ele dizia: “Sr. Allen Pendarvis, você tem pouco tempo de vida.”

— Está com o bilhete?

— Infelizmente, não. Eu o destruí, achando que era a obra de alguém que queria me pregar uma peça — suspirou Pendarvis. — Três dias depois veio o segundo.

— Que o senhor guardou e trouxe consigo?

Pendarvis sorriu com ironia.

— Isso teria sido impossível. Estava escrito a giz no muro do jardim,

repetindo o primeiro aviso. E o terceiro foi marcado na lama do porto junto à janela de meu quarto de dormir, visível na manhã de sábado passado na maré baixa, mas rapidamente apagado. Ele dizia: “Pronto para morrer, sr. Allen Pendarvis?”

— Esses avisos foram, é claro, comunicados à polícia?

— É claro. Mas eles não os levaram a sério.

Holmes lançou-me um olhar, e assentiu com a cabeça.

— Compreendemos essa atitude oficial, não é, Watson?

— Então podem compreender também, sr. Sherlock Holmes, por que vim

procurá-lo. Não estou acostumado a ser desdenhado por um subinspetor local! E

assim, quando isso finalmente aconteceu ontem à noite… — Pendarvis

estremeceu.

— Agora — interrompeu Holmes, enquanto aplicava a chama de um fósforo de cera a seu cachimbo de barro — estamos avançando. Que aconteceu exatamente?

— Era tarde — começou o ornitologista. — Quase meia-noite, de fato, quando fui acordado pelo toque insistente da campainha da porta. Minha governanta, pobre criatura, é um pouco surda, assim me levantei e atendi à porta eu mesmo. Imagine minha surpresa ao não encontrar ninguém ali. Lá fora tudo estava de uma escuridão infernal, a intensa e lúgubre quietude de uma aldeia da Cornualha numa hora daquelas. Fiquei ali por um momento, tiritando, segurando a minha vela e perscrutando a escuridão. E então uma bala passou silvando por mim, não acertando meu coração por uma estreita margem e apagando a vela em minha mão!

Holmes juntou suas mãos magras, sorrindo.

— Realmente! Um belo problema, hein, Watson? O que você acha disso?

— O sr. Pendarvis teve sorte por seu agressor ter má pontaria — respondi. — Ele deve ter oferecido um alvo muito claro, segurando uma luz no vão da porta.

— Realmente um alvo claro — concordou Holmes. — E por que, sr. Pendarvis, seu irmão não atendeu à porta?

— Donal estava em Penzance — respondeu Pendarvis. — Durante anos é seu invariável costume assistir às partidas de boxe da sexta-feira lá. Depois ele em geral se junta a alguns de seus camaradas no Capstan and Anchor.

— Retornando de madrugadinha? É claro, é claro. E agora, sr. Pendarvis,

acredito que tenho tudo de que preciso. Volte para sua casa. O senhor terá notícias nossas em breve. — Holmes acenou uma mão lânguida em direção à porta. — Muito boa-noite para o senhor.

Pendarvis pegou seu chapéu e sua bengala, e parou à porta, indeciso.

— Devo confessar, sr. Holmes, que fui levado a esperar mais do senhor.

— Mais? — disse Holmes. — Oh, sim. Minha continha. Ela lhe será enviada

pelo correio no primeiro dia do mês. Boa noite, senhor.

A porta se fechou sobre nosso cliente insatisfeito, e Holmes, que estivera reclinado no sofá no que parecera ser o auge do abatimento, levantou-se

abruptamente e virou-se para mim:

— Bem, Watson, a solução parece decepcionantemente fácil, não é mesmo?

— Talvez seja — falei contrafeito. — Mas você está correndo sérios riscos, não está? Pode ter mandado aquele pobre homem para a sua morte.

— Para sua morte? Não, meu caro Watson. Dou-lhe minha palavra de que

não. Com licença, preciso escrever um bilhete para nosso amigo Gregson da Yard. É extremamente importante que uma prisão seja feita de imediato.

— Uma prisão? Mas de quem?

— Quem mais se não o sr. Donal Pendarvis? Um telegrama para as

autoridades de Penzance deve ser suficiente.

— O irmão? — exclamei. — Então você acredita que ele não estava realmente

assistindo às lutas de boxe na hora da tentativa de assassinato de nosso cliente?

— Tenho certeza — disse Sherlock Holmes — de que ele estava envolvido em

atividades completamente diferentes. — Esperei, mas ele preferiu não me fazer mais confidências. Pegou pena e papel, e não levantou os olhos novamente até que terminara seu bilhete e o enviara por mensageiro. — Isto — disse ele — deve resolver a situação por enquanto. — Depois do que tocou para chamar a sra. Hudson, solicitando um copioso jantar.

Meu amigo manteve seu silêncio incomunicativo durante a refeição e dedicou o resto da noite a seu violino. Foi só quando estávamos à mesa do desjejum na manhã seguinte que houve alguma referência ao caso do ornitologista da Cornualha.

A campainha da porta soou com força e Holmes se alegrou.

— Ah, finalmente! — exclamou. — Uma resposta de Gregson. Não, é o homem em pessoa, e apressado, também.

Os passos na escada chegaram à nossa porta, e num instante Tobias Gregson, alto, pálido, de cabelos louros como sempre, entrou.

Holmes sempre se referira a ele como o mais inteligente e esperto dos inspetores da Scotland Yard, mas Gregson estava num mau estado de ânimo no momento.

— Enganou-nos direitinho, sr. Holmes — começou ele. — Eu senti em meus ossos que não devia ter obedecido ao seu pedido incomum, mas lembrando a ajuda que nos deu no passado, segui sua sugestão. Mau negócio, sr. Holmes, mau negócio.

— É mesmo? — perguntou Holmes.

— Realmente. É esse homem, Donal Pendarvis, que o senhor queria preso.

— Nenhuma confissão?

— Certamente não. E além disso o sujeito está sem dúvida instaurando um processo agora mesmo, por detenção indevida.

Holmes quase deixou a xícara cair.

— Está querendo dizer que ele não está mais sob custódia?

— Quero dizer exatamente isso. Ele foi preso ontem à noite e mantido na cadeia de Penzance, mas fez um estardalhaço tal por causa disso que Owens, o subinspetor, foi obrigado a libertá-lo.

Sherlock Holmes ficou inteiramente de pé, jogando de lado seu guardanapo.

— Concordo, senhor. Foi um mau negócio. — Refletiu profundamente por um momento. — E o outro pedido que fiz? Eles localizaram um homem com aquelas características?

— Não, sr. Holmes. O subinspetor Owens morou em Penzance a vida inteira e jura que não existe por lá nenhuma pessoa assim.

— Impossível. Inteiramente impossível — disse Holmes. — Ele deve estar enganado!

Gregson se levantou.

— Todos nós temos nossos êxitos e nossos fracassos — disse ele em tom consolador. — Bom dia, sr. Holmes, bom dia, doutor.

Quando a porta se fechou atrás dele, Holmes se virou subitamente para mim:

— E por que, Watson, você ainda não está fazendo a mala? Prefere não me

acompanhar à Cornualha?

— À Cornualha? Mas eu entendi…

— Você ouviu tudo e não entendeu nada. Eu terei de demonstrar para você e para o subinspetor no local. Mas chega disto. O jogo começou. É melhor você levar seu revólver de serviço e sua bengala resistente de freixo, pois pode haver alguma agitação antes que este probleminha seja resolvido. — Ele consultou seu relógio. — Temos apenas meia hora para pegar o trem das dez horas em Paddington.

Nós embarcamos nele com apenas um ou dois momentos de antecedência e, quando já estávamos indo na direção sudoeste pelos arredores de Londres, meu amigo iniciou uma dissertação sobre tendências hereditárias em grupos de impressões digitais, um assunto sobre o qual pretendia escrever uma monografia. Guardei minha impaciência para mim mesmo o quanto pude e finalmente o interrompi:

— Tenho apenas uma única pergunta, Holmes. Por que estamos indo para a Cornualha?

— As flores da primavera, Watson, estão no auge de sua estação. O perfume será agradável depois dos nevoeiros de Londres. Enquanto isso pretendo tirar um cochilo. Você poderia se ocupar considerando a natureza inusitada dos bilhetes de advertência recebidos pelo sr. Allen Pendarvis.

— Inusitada? Mas eles me pareceram bastante claros. Pretendiam claramente fazer o sr. Pendarvis saber que era um homem marcado.

— Brilhantemente formulado, Watson! — disse Sherlock Holmes,

acomodando-se placidamente para dormir.

Só acordou depois que tínhamos deixado Plymouth para trás e a vastidão de Mount's Bay podia ser vista de nossas janelas. Ondas de rebentação vinham do

mar, encapelando-se, e um vento tempestuoso soprava.

— Acredito que haverá mais chuva ao cair da noite — disse Holmes,

satisfeito. — Uma excelente noite para o tipo de caçada em que esperamos nos

envolver.

Mal tínhamos desembarcado em Penzance quando um homem corpulento

num pesado sobretudo de *tweed* se aproximou. Ele devia ter uns 95 quilos de sólidos músculos e seu semblante era grave. Um jovem guarda com bochechas

de maçã o seguia.

— Sr. Holmes? — disse o homem mais velho. — Sou o subinspetor Owens.

Fomos avisados de que o senhor poderia estar chegando. E já não era sem tempo. Uma lamentável confusão, essa em que o senhor nos meteu.

— É mesmo? — disse Holmes friamente. — Aconteceu, então?

— Aconteceu — respondeu o subinspetor Owens seriamente. — Às duas

horas da tarde. — O guarda inclinou a cabeça, confirmando, muito grave.

— Espero que não tenham removido o corpo — disse Holmes.

— O corpo? — Os dois policiais locais se entreolharam e o guarda deu uma gargalhada. — Eu estava me referindo — continuou Owens — ao processo por

detenção indevida. Uma intimação foi entregue em meu escritório.

Meu companheiro hesitou por um momento.

— Se eu fosse o senhor, não perderia meu sono por causa do julgamento do caso. E agora, antes de irmos mais longe, o dr. Watson e eu acabamos de fazer uma longa viagem de trem e estamos precisando comer. Pode nos dizer onde fica o Capstan and Anchor, inspetor?

Owens franziu o cenho, depois se virou para seu assistente:

— Tredennis, você teria a bondade de mostrar o lugar a estes cavalheiros? — Voltou-se de novo para Holmes: — Vou esperá-lo na delegacia dentro de uma hora, senhor. Este assunto ainda não está resolvido de maneira satisfatória para mim.

— Nem para mim — disse Holmes, e partimos atrás do guarda.

Esse jovem robusto nos levou num passo rápido até a tabuleta do Capstan and Anchor.

— Me juntarei a você no bar, Watson — disse-me meu companheiro em voz baixa. Ele se demorou algum tempo à porta, depois se virou e foi ao meu encontro. — Exatamente como pensei. O guarda Tredennis assumiu seu posto num vão de porta do outro lado da rua. Não gozamos da confiança das autoridades locais.

Ele pediu um prato de rins com bacon, mas deixou-o esfriar enquanto tagarelava com a garçonete, uma jovem singularmente comum por tudo que me era dado ver. Mas Holmes voltou para a mesa sorrindo.

— Ela confessa conhecer o sr. Donal Pendarvis, chegando mesmo a dar uma risadinha quando seu nome foi mencionado. Mas diz que ele não tem

frequentado a taberna nas últimas semanas. A propósito, Watson, suponha que eu

lhe pedisse uma descrição de nosso antagonista. Que tipo de animal estamos caçando, a seu ver?

— O sr. Donal Pendarvis?

Holmes fechou a cara.

— Esse cavalheiro se parece com seu extraordinariamente insípido irmão,

segundo os melhores relatos. Não, Watson, cave mais fundo que isso. Rememore

a história do caso, as mensagens de advertência…

— Muito bem — falei. — O suposto assassino é um mau atirador com uma

espingarda. É alguém que guarda rancor por muito tempo, mesmo um rancor

imaginário, pois o sr. Allen Pendarvis não tem a menor ideia da identidade de seu agressor. É um homem de mentalidade primitiva, do contrário não teria se rebaixado à selvageria de torturar sua vítima com mensagens de advertência. É

um recém-chegado à cidade, um estranho…

— Pare, Watson! — interrompeu Holmes, com um estranho sorriso. — Você

raciocinou de maneira admirável. No entanto ouço o ruído da chuva novamente

contra as vidraças e não devemos deixar nosso guarda esperando no vão da porta.

Uma enérgica caminhada colina acima, com a chuva em nosso rosto, levou-

nos finalmente aos degraus da delegacia, mas lá descobri que o caminho estava

bloqueado, pelo menos para mim. O subinspetor Owens, ao que parecia,

desejava falar a sós com Holmes.

— E assim será — respondeu Holmes amavelmente para o troncudo guarda à porta. Ele se virou para mim: — Watson, preciso de sua ajuda. Você teria a bondade de ocupar a próxima hora, aproximadamente, com uma visita a um ou dois de seus colegas locais? Você poderia se apresentar como alguém em busca de um paciente casual cujo nome lhe escapou. Mas você tem, é claro, alguma razão importante para localizá-lo. Uma prescrição errada, imagino…

— Francamente, Holmes!

— Seja o mais vago que puder com relação à idade e aparência, Watson, mas especifique que o homem que você procura é um exímio atirador, conhece muito bem a localidade, é impecavelmente respeitável e, o mais importante de tudo, tem uma jovem e bela esposa.

— Mas Holmes! Você sugere que esta seja a descrição de nosso assassino? É o exato oposto do que imaginei.

— O reverso da moeda, Watson. Mas você deve me dar licença. Tenha a bondade de me encontrar aqui em, digamos, duas horas? Vá logo, não devo manter o subinspetor esperando.

Ele entrou e me virei para a rua varrida pela chuva, balançando a cabeça, incrédulo. Naquele momento, como eu desejava o calor e o conforto que gozaria junto de minha lareira, de qualquer lareira! Com dificuldade consegui pegar um fiacre e por um longo tempo chocalhei pelas ruas íngremes da antiga cidade de Penzance à procura da lâmpada vermelha junto à porta que indicaria a residência de um médico.

Meu coração não estava dedicado àquela tarefa e não foi surpresa para mim que, apesar da cortesia com que fui recebido por meus colegas médicos, eles tenham

sido absolutamente incapazes de me ajudar. Owens, apesar de sua

pomposidade, estava certo ao relatar que, entre todos os cidadãos de Penzance,

nenhuma pessoa como a que Holmes procurava jamais existira. Ou se existia, não estava entre seus pacientes.

Voltei à delegacia para encontrar Holmes à minha espera.

— Arrá, Watson! — exclamou ele cordialmente. — Teve sorte? Muito pouca,

suponho, do contrário não estaria com essa expressão abatida de cão que não encontrou a ave caída. Não tem importância. Se não pudermos ir até o nosso homem, ele virá a nós. Até certo ponto reconquistei a confiança do subinspetor,

Watson. Veja, dei minha palavra de que amanhã, antes do meio-dia, o sr. Donal

Pendarvis terá retirado sua ação por detenção indevida. Em troca teremos o apoio de um vigoroso policial para o trabalho desta noite.

Em alguns minutos apareceu na rua a figura de um homem uniformizado

montado numa bicicleta. Vinha a ser nosso amigo Tredennis, que se desculpou pela demora. Essa deveria ter sido sua noite de folga e ele tivera de correr até sua casa e explicar a situação à sua cara metade.

— Maudie fica preocupada se não me apresento até as nove horas — disse ele, suas bochechas mais rosadas que nunca com o exercício da viagem. — Mas

eu lhe disse que qualquer homem ficaria contente de se apresentar como

voluntário para uma missão com o senhor Holmes, o célebre detetive vindo da Inglaterra.

— Vindo da *Inglaterra*? — perguntei admirado. — E onde estamos agora?

— Na Cornualha — disse Holmes, dando-me uma leve cotovelada. — Ah,

Watson, vejo que manteve seu fiacre à espera. Dentro em breve estaremos

montando nossa armadilha em algum lugar perto da casa do sr. Pendarvis.

— Fica a uns bons cinco quilômetros, senhor — disse o guarda Tredennis. — Isto é, pela estrada. Pela costa é bem menos, mas está chegando a maré cheia e não é um caminho fácil em qualquer estação.

— Iremos pela estrada — decidiu Holmes.

Logo estávamos avançando com estrépito por uma rua pavimentada com pedras que serpenteou pelo vale, passando por fileiras de casas de pescadores que assomavam, com o vento soprando sempre úmido e fresco contra nossas faces.

— Uma terra para fazer um homem valorizar sua lareira, hein, Watson?

Viajamos em silêncio por algum tempo, e então o guarda deteve o carro no alto de uma íngreme rua em declive que serpenteava em direção à costa. Havia um forte cheiro de arenque no lugar, misturado com o de alcatrão e algas marinhas. Observei que, enquanto descíamos a ladeira, Holmes lançava olhares penetrantes à direita e à esquerda e que em cada esquina subsequente fazia o maior esforço para se assegurar de que não estávamos sendo seguidos.

Francamente, eu não sabia qual presa esperávamos apanhar numa armadilha nesse canto castigado pela chuva de uma cidade litorânea esquecida, mas tinha certeza, pela maneira como Holmes se comportava, de que aquela era uma aventura grave e se aproximava de seu clímax. Sentia o peso tranquilizador do meu revólver no bolso do casaco e então, subitamente, o guarda agarrou meu braço.

— Aqui — sussurrou ele.

Entramos numa passagem estreita ao pé da rua, passamos pelo que pareceu ser

na escuridão uma rede de cavalariças e estábulos e chegamos por fim a uma estreita porta na parede, que Holmes abriu com uma chave pendurada num bloco de madeira. Entramos juntos e fechamos a porta atrás de nós.

O lugar estava escuro como breu, mas senti que era uma casa vazia. As tábuas sob meus pés eram velhas e nuas, e minha mão estendida tocou uma parede de pedra úmida com limo. Então chegamos a uma janela vazia com uma veneziana quebrada, através da qual entrava, frio, o ar úmido da noite.

— Estamos no que era a Estalagem Grey Mouse — sussurrou o jovem guarda.

— Ali adiante, sr. Holmes, fica a casa.

Olhamos para o outro lado de uma rua estreita e através das janelas abertas, sem cortinas, de uma biblioteca brilhantemente iluminada por duas lâmpadas a óleo. Pude ver uma linha de estantes, uma mesa e um consolo de lareira no fundo. Por muito tempo não houve mais nada para ver exceto a rua escura, a entrada mais escura ainda da casa e aquela única janela iluminada.

— Não há nenhuma outra entrada? — perguntou Holmes num sussurro.

— Nenhuma — disse o guarda. — A outra janela dá para o porto e, a esta hora, a maré está subindo.

— Bom — disse Holmes. — Se nosso homem vier, deve vir por aqui. E estaremos prontos para ele.

— Mais do que prontos — disse o jovem Tredennis com decisão. Ele hesitou.

— Sr. Holmes, gostaria de saber se estaria disposto a dar um conselho a um jovem. Quais são, a seu ver, as oportunidades para um policial ambicioso em Londres? Pensei muitas vezes em tentar melhorar…

— Ouçam! — exclamou Holmes bruscamente. Havia um som agudo rangente, como o guincho de um portão enferrujado. Ele se repetiu e eu o reconheci como

o grito de uma gaivota.

O silêncio insinuou-se novamente. De longe veio o latido de um cachorro, subitamente silenciado. Depois, no quarto do outro lado da rua, apareceu de repente um homem num robe cor de vinho que entrou na biblioteca, baixou as lâmpadas e apagou-as. Não podia ser ninguém senão nosso cliente, sr. Allen Pendarvis.

— Como de costume ele vai se deitar cedo — disse Holmes secamente.

Esperamos até que fosse possível contar até cem e depois uma luz apareceu no

aposento. O homem voltou, carregando uma lâmpada — mas misteriosamente,

nos poucos minutos que haviam transcorrido, ele mudara de roupa. O sr.

Pendarvis agora usava um smoking com o colarinho e a gravata retorcidos. Ele foi até a estante, removeu um volume e do recesso tirou um frasquinho, que enfiou no bolso. Depois pôs o livro de volta e saiu do quarto.

— Um artista da troca instantânea de roupa! — exclamei.

Holmes, segurando meu braço, disse:

— Não, Watson. Esse é o irmão. Eles são muito parecidos a esta distância.

Esperamos em silêncio pelo que pareceu um tempo interminável. Mas

nenhuma luz reapareceu. Finalmente Holmes se voltou para mim:

— Watson — disse ele — demos um tiro n’água mais uma vez. Eu teria

jurado que o assassino iria atacar esta noite. Desagrada-me voltar…

— Minhas ordens, senhor, são de permanecer aqui até o nascer do sol —

interveio o guarda. — Se quiser retornar à cidade, fique certo de que manterei meus olhos abertos.

— Tenho certeza disso — disse Holmes. — Vamos, Watson. A caça está muito

desconfiada. Não temos mais nada a fazer aqui.

Ele me conduziu de volta pelo assoalho instável, através da porta, rumo às cavalariças e finalmente para a rua de novo. Mas, uma vez lá, em vez de se dirigir para o alto da ladeira onde nosso fiacre esperava, ele subitamente me puxou para a sombra de um beco. Eu teria falado, mas senti seus dedos ossudos sobre meus lábios.

— Shhh, Watson. Espere aqui e não tire os olhos daquela porta.

Esperamos pelo que pareceu uma eternidade. Olhei com toda a minha atenção para a porta da casa de Pendarvis. Mas não vi nada, nem mesmo quando Holmes agarrou o meu braço.

— Agora, Watson! — sussurrou ele, partindo naquela direção, comigo atrás, no seu encalço.

Quando chegamos mais perto, vi que um homem estava parado com o dedo na campainha de Pendarvis. Holmes e eu nos lançamos sobre ele, mas era um sujeito ágil e nós, apesar de toda a superioridade em força e número, fomos jogados de um lado para outro como cães atacando um urso. E então a porta se abriu de repente por dentro e todos nós caímos num saguão iluminado apenas por uma vela na mão do surpreso dono da casa.

Nosso prisioneiro parou de lutar de repente e Holmes e eu recuamos para ver que tínhamos conseguido dominar nada mais nada menos que o próprio oficial Tredennis. Ele segurava na mão direita um revólver extremamente profissional, que caiu no tapete com um baque surdo.

— Sr. Pendarvis — disse Holmes —, sr. Donal Pendarvis, permita-me

apresentá-lo a seu assassino.

Ninguém falou nada. Mas o guarda de bochechas rosadas agora tinha um rosto da cor do lado de baixo de um linguado. Toda ideia de resistência desaparecera.

— É assombroso, sr. Holmes — murmurou o jovem. — Como pôde saber?

— Como eu podia não saber? — retrucou Holmes, arrumando as próprias roupas em desordem. — Estava bastante evidente que, como não havia nenhum cidadão em Penzance que possuísse habilidade como atirador, um conhecimento das marés e uma jovem esposa atraente, nosso homem devia ser um membro da profissão em que a pontaria certeira é encorajada. — Ele se virou para o homem que ainda segurava a vela, embora com dedos trêmulos. — Era também evidente que seu irmão, que ainda dorme profundamente no andar de cima, nunca foi o alvo de maneira alguma. De outro modo, o assassino dificilmente teria se dado ao trabalho de lhe enviar mensagens de advertência. Era a sua pessoa, sr. Donal Pendarvis, o alvo.

— Eu… eu não entendo — disse o homem com a vela, recuando.

Eu continuava agarrando com força o prisioneiro, que não resistia e observava Holmes enquanto ele tirava calmamente seu cachimbo de madeira de cerejeira do bolso e o acendia.

— Havia um excelente motivo para o guarda Tredennis assassiná-lo, senhor — disse Holmes para nosso ressabiado anfitrião. — Nenhum homem gosta de ter as flores de seu jardim arrancadas por um estranho. Sua morte teria iniciado uma investigação que levaria diretamente ao marido da dama que o senhor visita

nas noites de sexta-feira…

— Isto é uma mentira maldosa! — gritou Tredennis, depois se rendeu.

— A menos — continuou Holmes tranquilamente — que ficasse óbvio para

todo o mundo que Donal Pendarvis fora morto por acidente, que ele encontrara a

morte nas mãos de um louco que tinha algum rancor inexplicável contra seu irmão Allen. É por isso que as mensagens de advertência enfatizavam tão

desnecessariamente o nome de *Allen* Pendarvis. Foi por isso que o candidato a assassino tão cuidadosamente deixou de acertar sua suposta vítima e apagou a vela. Fiz o melhor que podia, sr. Pendarvis, para garantir a sua segurança mandando prendê-lo. Como esse subterfúgio fracassou, fui obrigado a lançar mão deste recurso extremo.

Tredennis se desvencilhou do meu domínio.

— Muito bem, acabe com isso! — exclamou ele. — Admito tudo isso, sr.

Holmes, e deixarei a questão de bom grado a um júri de meus pares…

— Seria melhor o senhor deixá-la comigo, no momento — aconselhou

Holmes. — Sr. Pendarvis, você não me conhece, mas eu salvei a sua vida. Posso

lhe pedir um favor em troca?

Donal Pendarvis hesitou.

— Estou ouvindo — disse ele. — O senhor entende, eu não admito nada…

— É claro. Ouso sugerir que, em vez de permanecer aqui na casa de seu irmão e divertindo-se com casos perigosos, o senhor se dedique a áreas que oferecem

maior oportunidade para o uso de seu tempo e de sua energia. Os campos de trigo do Canadá, talvez, ou a savana da África do Sul.

— E se eu recusar?

— A alternativa — disse Holmes — é um escândalo extremamente

desagradável, envolvendo o nome de uma senhora. Seu processo por detenção indevida fornecerá oportunidades raras à imprensa sensacionalista, quando eles ficarem sabendo que tudo resultou de uma sincera tentativa de minha parte de salvar o seu pescoço de uma justa punição, não é?

O sr. Donal Pendarvis abaixou a vela e um lento sorriso se espalhou por seu

bonito rosto.

— Dou-lhe a minha palavra, sr. Holmes, partirei no primeiro paquete.

Ele estendeu a mão e Holmes apertou-a. Em seguida mergulhamos de novo na

noite, nosso prisioneiro entre nós. Subimos a rua calçada com pedras em

silêncio, o jovem policial avançando como se estivesse indo para a forca.

Encontramos o fiacre ainda à nossa espera e partimos imediatamente para

Penzance. Mas foi Holmes que pediu ao cocheiro que parasse quando chegamos

aos arredores da cidade.

— Podemos deixá-lo em sua residência, guarda? — perguntou.

O jovem levantou o rosto, seus olhos assombrados.

— Não zombe de mim, sr. Holmes. O senhor me apanhou completamente e

estou realmente pronto a…

Holmes quase o empurrou para fora do fiacre.

— Caia fora e não me amole, meu jovem amigo. Deve deixar a meu cargo

contentar seu subinspetor com uma história que o doutor Watson e eu vamos inventar. De sua parte, deve tomar uma decisão quanto à sua tática para lidar com sua Maudie. Afinal, o problema imediato foi removido, mas, se deseja se transferir para algum posto com menos trabalho noturno, aqui está o meu cartão.

Terei prazer em dizer uma palavra em seu favor aos poderes na Scotland Yard.

A um sinal de Holmes, o fiacre voltou a avançar, pondo fim aos incoerentes agradecimentos do jovem policial castigado.

— Sei muito bem o que está em sua mente — disse-me Holmes quando nos

aproximávamos de nosso destino. — Mas você está errado. As finalidades da justiça serão mais bem servidas enviando seu jovem culpado de volta para sua Maudie do que à desgraça pública.

— Não adianta, Holmes — falei com firmeza. — Nada que você possa dizer

mudará minha decisão. Assim que retornarmos a Londres, vou pedir a Emilia que se torne minha esposa.

Sherlock Holmes deixou sua mão cair em meu ombro, num gesto de camaradagem.

— Que seja. Case-se e fique com ela. Qualquer dia desses vou voltar para o

campo e para a criação de abelhas. Veremos quem vai sofrer as ferroadas mais

dolorosas.

AGRADECIMENTOS POR

PERMISSÕES

Kingsley Amis: “The Darkwater Hall Mystery” de Kingsley Amis, copyright ©

1978 por Kingsley Amis. Publicado originalmente em *Playboy* (maio de 1978), copyright © 2014 pelo Kingsley Amis Estate. Reproduzido com

permissão de The Wyllie Agency LLC, em nome do Estate of Sir Kingsley

Amis.

Poul Anderson: “The Martian Crown Jewels” de Poul Anderson, copyright ©

1958 pelo Trigonier Trust. Publicado originalmente em *Ellery Queen’s*

Mystery Magazine (fevereiro de 1958). Reproduzido com permissão de Karen K. Anderson.

Sam Benady: “The Abandoned Brigantine” de Sam Benady, copyright © por Sam Benady. Publicado originalmente em *Sherlock Holmes in Gibraltar* (Gibraltar Books, 1990). Reproduzido com permissão do autor.

Anthony Boucher: “The Adventure of the Bogle-Wolf” de Anthony Boucher, copyright © 1949 por Anthony Boucher. Publicado originalmente em *Illustrious Client’s Second Case-Book*, organizado por J. N. Williamson, publicado privadamente, 1949. Reproduzido com permissão de Curtis Brown, Ltd.

Anthony Burgess: “Murder to Music” de Anthony Burgess, copyright © 1989 por Anthony Burgess. Publicado originalmente em *The Devil’s Mode*, de Anthony Burgess (Random House, 1989). Reproduzido com permissão de David Higham Associates Limited, Londres.

A. B. Cox: “Holmes and the Dasher” de A. B. Cox, copyright © 1925 por A. B. Cox. Publicado originalmente em *Jugged Journalism* (Herbert Jenkins, 1925). Reproduzido com permissão de The Society of Authors, Londres.

Bill Crider: “The Adventure of the Venonous Lizard” de Bill Crider, copyright © 1999 por Bill Crider. Publicado originalmente em *The New Adventures of Sherlock Holmes* (edição brochura revista), organizado por Martin H. Greenberg, Carol-Lynn Rössel Waugh e Jon L. Lellenberg (Carroll & Graf, 1999). Reproduzido com permissão do autor.

David Stuart Davies: “The Darlington Substitution Scandal” de David Stuart

Davies, copyright © 1997 por David Stuart Davies. Publicado originalmente em *The Mammoth Book of New Sherlock Holmes Adventures*, organizado por Mike Ashley (Robinson, 1997). Reproduzido com permissão do autor.

Barry Day: “The Adventure of the Curious Canary” de Barry Day, copyright © 2002 por Barry Day. Publicado originalmente em *Murder, My Dear Watson*, organizado por Martin H. Greenberg, Jon Lellenberg e Daniel Stashower (Carroll & Graf, 2002). Reproduzido com permissão de Peters, Fraser & Dunlop (www.petersfraserdunlop.com) em nome de Barry Day.

August Derleth: “The Adventures of the Remarkable Worm” de August Derleth, copyright © 1952 por August Derleth. Publicado originalmente em *Three Problems for Solar Pons*, de August Derleth, publicado por Mycroft & Moran, 1952. Reproduzido com permissão de Arkham House Publishers.

Colin Dexter: “A Case of Mis-Identity” de Colin Dexter, copyright © 1989 por Colin Dexter. Publicado originalmente em *Winter’s Crimes*, organizado por Hilary Hale (Macmillan, 1989). Reproduzido com permissão do autor.

Loren D. Estleman: “The Devil and Sherlock Holmes” de Loren D. Estleman, copyright © 2006 por Loren D. Estleman. Publicado originalmente em *Ghosts of Baker Street*, organizado por Martin H. Greenberg, Jon Lellenberg e Daniel Stashower (Carroll & Graf, 2006). Reproduzido com permissão do autor.

Lyndsay Faye: “The Case of Colonel Warburton’s Madness” de Lyndsay Faye, copyright © 2009 por Lindsay Faye. Publicado originalmente em *Sherlock Holmes in America*, organizado por Martin H. Greenberg, Jon Lellenberg e Daniel Stashower (Skyhorse Publishing, 2009). Reproduzido com permissão

da autora.

Robert L. Fish: “The Adventure of the Ascot Tie” de Robert L. Fish, copyright © 1960 pelo Mamie K. Fish Revocable Trust. Publicado originalmente em *Ellery Queen’s Mystery Magazine* (fevereiro de 1960). Reproduzido com permissão de Cathy Burns, administradora do Mamie K. Fish Revocable Trust.

Neil Gaiman: “The Case of Death and Honey” de Neil Gaiman, copyright © 2011 por Neil Gaiman. Publicado originalmente em *A Study in Sherlock: Stories Inspired by the Holmes Canon Anthology*, organizado por Laurie R. King e Leslie S. Klinger (Bantam Books, 2011). Reproduzido com permissão de Writers House Inc.

Edward D. Hoch: “The Adventures of the Cipher in the Sand” de Edward D. Hoch, copyright © 1999 por Edward D. Hoch. Publicado originalmente pelo Mysterious Bookshop, 1999. Reproduzido com permissão de Patricia M. Hoch.

Dorothy B. Hughes: “Sherlock Holmes and the Muffin” de Dorothy B. Hughes, copyright © 1987 por Dorothy B. Hughes. Publicado originalmente em *The New Adventures of Sherlock Holmes*, organizado por Martin Harry Greenberg e Carol-Lynn Rossel Waugh (Carroll & Graf, 1987). Permissão concedida por Blanche C. Gregory Inc. em nome do Dorothy B. Hughes Trust.

Stuart M. Kaminsky: “The Man from Capetown” de Stuart M. Kaminsky,

copyright © 2001 por Double Tiger Productions, Inc. Publicado

originalmente em *Murder in Baker Street: New Tales of Sherlock Holmes*, organizado por Martin H. Greenberg, Jon L. Lellenberg e Daniel Stashower

(Carrol & Graf, 2001). Reproduzido com permissão de Double Tiger

Productions, Inc.

H. R. F. Keating: “A Trifling Affair” de H. R. F. Keating, copyright © 1980 por

H. R. F. Keating. Publicado originalmente em *John Creasey’s Crime*

Collections, organizado por Herbert Harris (Gollancz, 1980). Reproduzido com permissão de Sheila Keating.

Laurie R. King: “Mrs. Hudson’s Case” de Laurie R. King, copyright © 1997 por

Laurie R. King. Publicado originalmente em *Crime Through Time*,

organizado por Miriam Grace Monfredo e Sharan Newman (Berkley, 1997).

Reproduzido com permissão da autora.

Stephen King: “The Doctor’s Case” de Stephen King, copyright © 1987 por

Stephen King. Publicado originalmente em *The New Adventures of Sherlock*

Holmes, organizado por Martin Harry Greenberg e Carol-Lynn Rössel Waugh

(Carroll & Graf, 1987) e compilado em *Nightmares & Dreamscapes*, de Stephen King (Pocket Books, 2009). Usado com permissão. Todos os direitos

reservados. Reproduzido com permissão de Hodder and Stoughton Limited.

Hugh Kingsmill: “The Ruby of Khitmandu” de Arth_r C_n_n D_yle e E. W.

H_rn_ng, copyright © 1932 por Hugh Kingsmill. Publicado originalmente

em *The Bookman*, abril de 1932. Reproduzido em *The Table of Truth*, publicado por Jarrolds, 1933. Reproduzido com permissão do Executor of the

Estate of Hugh Kingsmill.

Leslie S. Klinger: “The Adventure of the Wooden Box” de Leslie S. Klinger, copyright © 1999 por Leslie S Klinger. Publicado originalmente pela

Myterious Bookshop, 1999.

J. C. Masterman: “The Case of the Gifted Amateur” de J. C. Masterman,

copyright © 1952 por J. C. Masterman. Publicado originalmente em

MacKill’s Mystery Magazine (dezembro de 1952). Reproduzido com

permissão de Peters, Fraser & Dunlop (www.petersfraserdunlop.com) em nome do Estate of J. C. Masterman.

Kenneth Millar: “The South Sea Soup Co.” de Kenneth Millar, copyright © 1931

por Kenneth Millar. Originalmente publicado em *The Grumbler*, 1931.

Reproduzido com permisão de Harold Ober Associates, em nome de

Margaret Millar Charitable Remainder Trust.

Michael Moorcock: “The Adventure of the Dorset Street Lodger” de Michael

Moorcock, copyright © 1993 por Michael e Linda Moorcock. Publicado

originalmente em *The Adventure of the Dorset Street Lodger*, de Michael Moorcock, impresso privadamente para David Shapiro e Joe Piggott, 1993.

Reproduzido com permissão da Howard Morhaim Literary Agency, Inc.

Christopher Morley: “Codeine (7 Per Cent)” de Christopher Morley, copyright ©

1945 por Christopher Morley, copyright renovado © 1973 por John

Christopher Woodruff. Publicado originalmente em *Ellery Queen’s Mytery*

Magazine (novembro de 1945). Reproduzido com permissão de John

Christopher Woodruff, Executor of the Estate of Chrisopher Morley.

Stuart Palmer: “The Adventure of the Marked Man” de Stuart Palmer. Publicado originalmente em *Ellery Queen’s Mystery Magazine* (julho de 1944).

Copyright © 1944 por The American Mercury, Inc. para *Ellery Queen’s Magazine*, copyright renovado. Reproduzido com permissão do Estate of Stuart Palmer e JABberwocky Literary Agency, Inc.

Anne Perry: “Hostage to Fortune” de Anne Perry, copyright © 1999 por Anne Perry. Publicado originalmente em *The New Adventures of Sherlock Holmes* (edição brochura revista), organizado por Martin H. Greenberg, Carol-Lynn Rössel Waugh e Joh L. Lellenberg (Carroll & Graf, 1999). Reproduzido com permissão de Donald Maass Literary Agency, em nome da autora.

Thomas Perry: “Startling Events in the Electrified City” de Thomas Perry, copyright © 2011 por Thomas Perry. Publicado originalmente em *A Study in Sherlock Holmes*, organizado por Laurie R. King e Leslie S. Klinger (Bantam Books, 2011). Reproduzido com permissão do autor.

Frederich Dorr Steele: “The Adventure of the Murdered Art Editor” de Frederic Dorr Steele, copyright © 1933 por Frederic Dorr Steele. Publicado originalmente em *Spoofs*, organizado por Richard Butler Glaenzer (Robert M. McBride, 1933). Reproduzido com permissão de Peter R. Marsh, Sr.

Julian Symons: “Did Sherlock Holmes Meet Hercule…?” de Julian Symons, copyright © 1987 pelo Estate of Julian Symons. Pulicado originalmente em *The Illustrated London News*, abril de 1987. Reproduzido com permissão do Curtis Brown Group Ltd, Londres, em nome do Estate of Julian Symons.

Peter Tremayne: “The Specter of the Tullyfane Abbey” de Peter Tremayne, copyright © 2001 por Peter Tremayne. Originalmente publicado em *Villains Victorious*, organizado por Martin H. Greenberg e John Helfers (DAW Books, 2001). Usado com permissão de Brandt & Holchman Literary Agents, Inc. Todos os direitos reservados.

Manly Wade Wellman: “But Our Hero Was Not Dead” de Manly Wade Wellman, copyright © 1941 por Manly Wade Wellman. Publicado originalmente em *Argosy* (9 de agosto de 1941). Reproduzido com permissão de David Drake.

P. G. Wodehouse: “From a Dectetive’s Notebook” de P. G. Wodehouse, copyright © 1959 por P. G. Wodehouse. Publicado originalmente em *Punch* (maio de 1959). Reproduzido com permissão do Estate of P. G. Wodehouse.

DIREÇÃO EDITORIAL

Daniele Cajueiro

EDITOR RESPONSÁVEL

Hugo Langone

PRODUÇÃO EDITORIAL

Adriana Torres

André Marinho

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Ulisses Teixeira

Rafaella Lemos

REVISÃO

Rita Godoy

Raquel Correa

CAPA

Victor Burton

PROJETO GRÁFICO DE MIOLO E DIAGRAMAÇÃO

Larissa Fernandez Carvalho

PRODUÇÃO DE EBOOK

S2 Books

[1] Nota do editor da *Cosmopolitan*: Sabemos que existem várias inconsistências nesta história. Não tentamos corrigi-las. O texto foi publicado exatamente como o encontraram, a não ser por algumas pequenas alterações em ortografia e pontuação.

[2] As duas frases citadas são versos de uma cantiga de roda inglesa, e se poderiam traduzir por “O rei estava na tesouraria” e “A rainha estava no salão”. Com a tradução, se perderia o intencional trocadinho com o nome do personagem, Ellery Queen, visto que *queen*, em português, é rainha. (N.T.)

[3] Continuando com o trocadilho, aqui a referência é a uma jogada de xadrez, em que a rainha (Queen) é derrubada pelo rei (King). (N.T.)

[4] Era chamado “tântalo” um suporte para garrafas de cristal com bebidas destiladas (uísque, conhaque etc.) cujas tampas ficavam bloqueadas por uma barra de metal, a fim de que o consumo das bebidas fosse controlado. O “gasogênio” era o equivalente vitoriano de uma garrafa gaseificadora. (N.T.)

[5] Tédio — em francês no original. (N.T.)

[6] Em latim no original. Em uma tradução livre: *O povo me vaia… em casa…*

ao contemplar o cofre…

Paráfrase de uma citação de Horácio por A.C. Doyle no conto “Um estudo em vermelho”: *“O povo me vaia nas ruas, mas em casa me aplaudo ao contemplar meu dinheiro no cofre.”* (N.T.)

[7] Um nome de romance (em francês no original). O comentário de Holmes deve-se à banalidade do nome fictício de John Smith, equivalente em português a João da Silva. (N.T.)

[8] Noite da Walpurgia, ou de Santa Valburga, festa cristã originária do paganismo, celebrada na noite de 30

de abril para 1º de maio, quando se acendem fogueiras para afugentar espíritos malignos e almas penadas que estejam vagando por entre os vivos. Em alemão no original. (N.T.)

[9] Afirmação sem qualquer referência lógica ao que foi dito anteriormente. Em latim no original. (N.T.)

[10] Indiferença — em francês no original. (N.T.)

[11] A corrupção dos melhores é a pior que existe — em latim no original. (N.T.)

[12] Expressão equivalente a “É fácil a descida ao inferno” — em latim no original. (N.T.)

[13] Da expressão latina *Quod erat demonstrandum* (Como se queria demonstrar) . (N. T.)

[14] De James Boswell (1740-1795), advogado escocês, considerado um dos maiores biógrafos do século XVIII. (N. T.)

[15] Produzido pela empresa Webley&Scott, o revólver Webley, apresentado em vários modelos numerados, foi a arma auxiliar padrão das Forças Armadas do Reino Unido de 1887 a 1963. (N.T.)

[16] Verso do poema “Marmion: A Tale of Flodden Field”, de sir Walter Scott. (N.T.)

[17] Em geral empregado em relação a casos legais, a expressão cause célèbre designa um tema ou incidente que suscita controvérsias e acalorado debate público. Em francês no original. (N.T.)

[18] Ficção policial que, obedecendo a uma série de regras, dá ao leitor uma razoável oportunidade de solucionar o crime. (N.T.)

[19] Jogo tradicional dos *pubs*. (N.T.)

[20] O "*funeral mute*", que existiu na Europa de 1600 a 1914, era uma pessoa contratada para ficar por

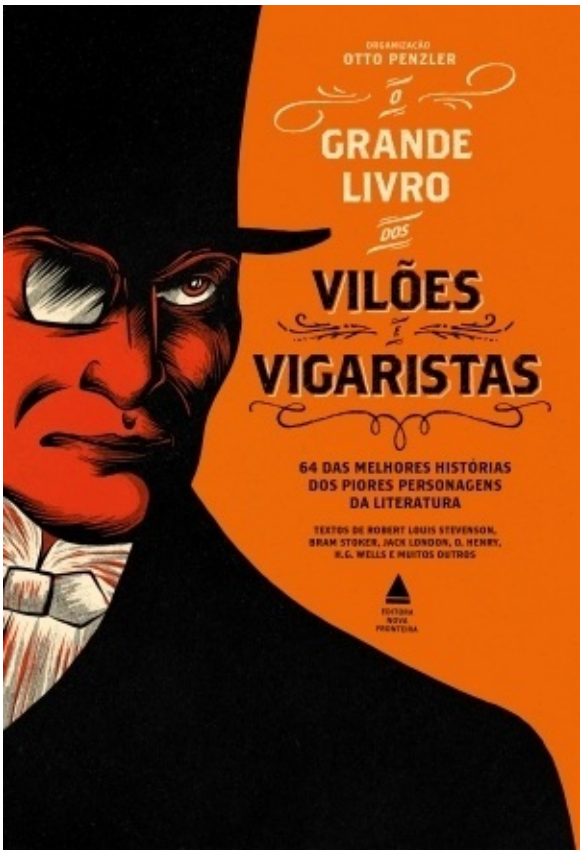
perto do caixão com semblante triste, consternado. (N.T.)

[21] Versão inicial do bacará. (N.T.)

[22] Alusão ao fantoche de nariz adunco Punch, da dupla Punch e Judy, de um espetáculo teatral com bonecos tradicional na Grã-Bretanha desde o século XVII. (N.T.)

[23] Alusão a um antigo dístico popular registrado pela primeira vez em 1602: *"By the Tre, Pol and Pen /*

Shall ye know all Cornishmen. " (N.T.)



O grande livro dos vilões e vigaristas - Box

Penzler, Otto

9788520943328

1176 páginas

Compre agora e leia

Os melhores mistérios têm uma coisa em comum: um criminoso memorável.

Para cada grande herói, há sempre um grande vilão ou um grande vigarista. E, aqui, as estrelas são precisamente esses mestres da maldade. Trazendo autores como Robert Louis Stevenson, Bram Stoker, Jack London, O. Henry e H.G.

Wells, entre muitos outros, esta coletânea. organizadas por Otto Penzler é entretenimento — ou medo! — garantido.

Compre agora e leia



A pátria de chuteiras

Rodrigues, Nelson

9788520938188

136 páginas

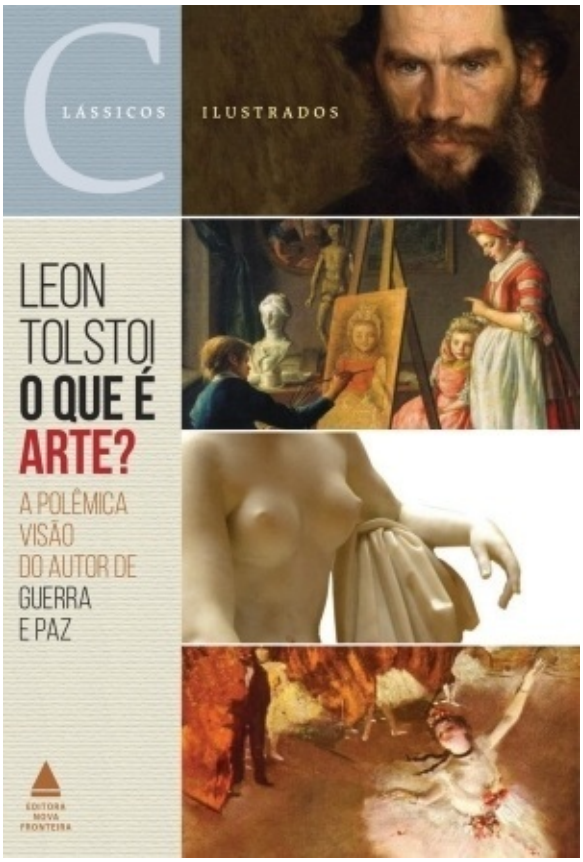
Compre agora e leia

"Já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil. Ainda há muito Brasil para descobrir. Não há de ser num relance, num vago e distraído olhar, que vamos sentir todo o Brasil. Este país é uma descoberta contínua e deslumbrante."Nelson RodriguesNelson Rodrigues marcou um lugar indiscutível, revolucionário no

teatro. No entanto, o Nelson cronista, o comentarista de futebol, não é menos importante. Nelson Rodrigues foi o escritor brasileiro que "leu", "releu" nosso país pelo campo, pela bola, pelos craques. Ele viu e compreendeu, antes de todos, a grandiosidade da nossa pátria. Defendeu a nação com uma paixão pura.

"Anunciou", "promoveu", "profetizou" a força do Brasil.

Compre agora e leia



O que é arte?

Tolstói, Leon

9788520941188

248 páginas

Compre agora e leia

Sucesso nos anos 2000, a Coleção Clássicos Ilustrados está ganhando nova vida

pelas mãos da Nova Fronteira. Marcando esse retorno, chega às livrarias a versão repaginada de O que é arte?, que traz a polêmica visão de Leon Tolstoi.

Durante as décadas em que ficou famoso pelos clássicos Guerra e paz e Anna

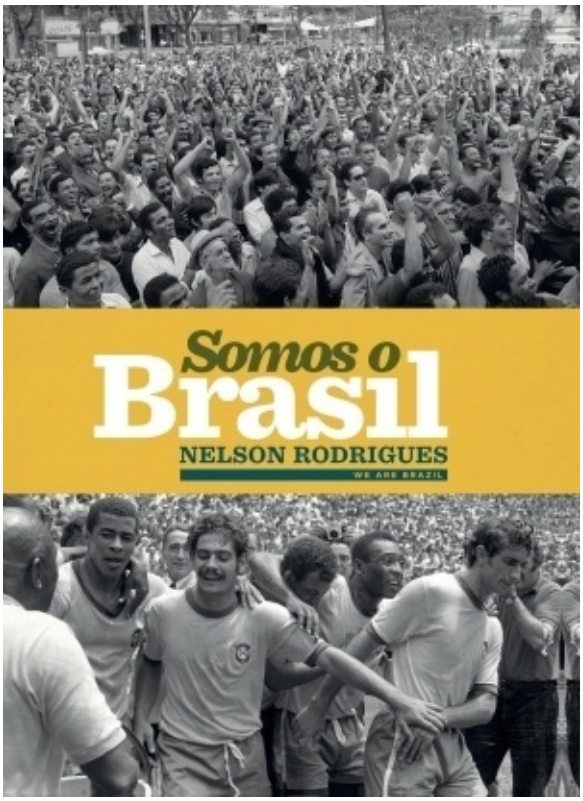
Karenina, Tolstoi também desfrutou de notoriedade como sábio e pregador.

Escreveu vários ensaios sobre temas ligados à justiça social, à religião e à moralidade, que culminaram no livro O que é arte?. As obras de diversos artistas

e mesmo seus próprios livros são duramente questionados no curso de sua

apaixonada redefinição da arte como força propulsora do bem, da fraternidade, da ética e do progresso do homem. O texto é entremeado por imagens que ajudam na compreensão do que é abordado. Um clássico imperdível.

Compre agora e leia



Somos o Brasil

Rodrigues, Nelson

9788520938218

128 páginas

Compre agora e leia

Graças à seleção, descobrimos o Brasil. Tenho um amigo que é um dos tais brasileiros rubros de vergonha. Dizia-me: — "Junto da europeia, a nossa paisagem faz vergonha." Mas ele dizia isso porque jamais olhara a nossa paisagem. O escrete, porém, derrotou o seu esnobismo hediondo. Depois da

vitória sobre a Bulgária, ele viu, pela primeira vez, o Cristo do Corcovado. E

veio me dizer, de olho rútilo: — "Parece que temos aí um morro que promete, um tal de Pão de Açúcar!"Thanks to the soccer national team, we discovered Brazil. I have a friend who is one of such Brazilians who are crimson with shame. He told me: — "In comparison with the European landscape, ours is a shame." But he said that because he had never looked at our landscape. The team, however, defeated its heinous snobbishness. After the victory over

Bulgaria, he saw, for the first time, the Christ of Corcovado. And he came to tell

me, with bright eyes: — "It seems that we have here a promising hill, the Sugarloaf Mountain!"EDIÇÃO BILÍNGUE /BILINGUAL EDITION

Compre agora e leia



Calibre 22

Fonseca, Rubem

9788520941355

208 páginas

Compre agora e leia

Neste novo livro de contos, Rubem Fonseca traz de volta um personagem

marcante de sua trajetória literária, o detetive Mandrake, contratado para desvendar quem está por trás de uma série de assassinatos envolvendo o editor

de uma famosa revista feminina. Além dessa, a coletânea reúne outras narrativas

mais curtas, em que temas caros ao autor voltam à cena, entre eles a

desigualdade social e suas consequências muitas vezes trágicas; a violência motivada por racismo, misoginia, homofobia e outros preconceitos; a crítica velada ou escancarada a dogmas religiosos; as atitudes imprevisíveis de mentes psicopatas. Tiros certeiros de um autor do mais alto calibre.

Compre agora e leia

Table of Contents

Folha de rosto

Ficha catalográfica

Sumário

Introdução, por Otto Penzler

Tão familiar quanto uma rosa na primavera

O “Hamlet” único – Vincent Starrett

O estojo de charutos roubado – Bret Harte

O caso do homem procurado – Arthur Whitaker

A aventura dos dois colaboradores – James M. Barrie

Os investigadores – O. Henry

Holmes e a mulher incrivelmente sedutora – A.B. Cox

Uma história policial irredutível – Stephen Leacock

A maleta do doutor – Stephen King

A literatura do crime

O mistério de Darkwater Hall – Kingsley Amis

O caso do amador bem-dotado – J.C. Masterman

O falecido Sherlock Holmes – James M. Barrie

Sherlock Holmes e o mistério Drood – Edmund Pearson

Penetrando em Sherlock – A.A. Milne

Extraído da caderneta de um detetive – P.G. Wodehouse

O rubi de Khitmandu – Hugh Kingsmill

A aventura do inseto notável – August Derleth

Um estudo de caligrafia – Ring W. Lardner

O caso de morte e mel – Neil Gaiman

Assassinato em ré maior – Anthony Burgess

No princípio

Uma noite com Sherlock Holmes – James M. Barrie

Histórias que deram errado: as aventuras de Sherlaw Kombs

– Robert Barr

Sherlock Holmes vs. Conan Doyle – Anônimo

A pluma do duque – R.C. Lehmann

O signo dos “400” – Roy L. Mccardell

Sem Holmes

Codeína (7%) – Christopher Morley

O caso da Sra. Hudson – Laurie R. King

O problema final – Bliss Austin

De outro lugar

A aventura do lobo fantasma – Anthony Boucher

As joias da coroa de Marte – Poul Anderson

Sherlock entre os espíritos – Anônimo

O caso dos patriarcas desaparecidos – Logan Clendening

O diabo e Sherlock Holmes – Loren D. Estleman

Mantendo a lembrança viva

O estranho caso dos roubos no Megatério – S.C. Roberts

Uma noite com Sherlock Holmes – William O. Fuller

A aventura da caixa de madeira – Leslie S. Klinger

O bergantim abandonado – Sam Benady

A aventura do canário curioso – Barry Day

A aventura do editor de arte assassinado – Frederic Dorr Steele

O escândalo da substituição de Darlington – David Stuart Davies

O problema das nódoas roxas – James C. Iraldi

Folha de rosto

Você acha isso engraçado?

A aventura da segunda bolsa – Robert Barr

Pura sorte de novo – Stanley Rubinstein

Um enigma pragmático – John Kendrick Bangs

Herlock Shomes de novo em ação – Anônimo

O assassinato da Reigate Road – Anthony Armstrong

A beldade resgatada – William B. Kahn

O casamento de Sherlock Holmes – Gregory Breitman

O retorno de Sherlock Holmes – E.F. Benson e Eustace H. Miles

O desmascaramento de Sherlock Holmes – Arthur Chapman

A aventura do colar de brilhante – George F. Forrest

A aventura do empate de Ascot – Robert L. Fish

Vitorianos contemporâneos

Um caso de identidade equivocada – Colin Dexter

Acontecimentos estarrecedores na cidade eletrificada – Thomas Perry

O caso da loucura do coronel Warburton – Lyndsay Faye

O espectro da abadia de Tullyfane – Peter Tremayne

A aventura do estalajadeiro da Dorset Street – Michael Moorcock

A aventura do lagarto venenoso – Bill Crider

Refém do destino – Anne Perry

A aventura de Zolnay, o trapezista – Rick Boyer

As pegadas de um escritor gigantesco

Terá Sherlock Holmes conhecido Hercule…? – Julian Symons

Um caso insignificante – H.R.F. Keating

Raffles: o enigma do chapéu do almirante e Raffles na pista do cão de caça – Barry Perowne

Raffles na pista do cão de caça – Barry Perowne

A aventura da mensagem cifrada na areia – Edward D. Hoch

Fábrica de Sopa South Sea – Kenneth Millar

A aventura do varal – Carolyn Wells

Sherlock Holmes e o muffin – Dorothy B. Hughes

O homem da Cidade do Cabo – Stuart M. Kaminsky

Mas nosso herói não estava morto – Manly Wade Wellman

A aventura do homem marcado – Stuart Palmer

Agradecimentos por permissões

Colofão

Table of Contents

Folha de rosto

Ficha catalográfica

Sumário

Introdução, por Otto Penzler

Tão familiar quanto uma rosa na primavera

O “Hamlet” único – Vincent Starrett

O estojo de charutos roubado – Bret Harte

O caso do homem procurado – Arthur Whitaker

A aventura dos dois colaboradores – James M. Barrie

Os investigadores – O. Henry

Holmes e a mulher incrivelmente sedutora – A.B. Cox

Uma história policial irredutível – Stephen Leacock

A maleta do doutor – Stephen King

A literatura do crime

O mistério de Darkwater Hall – Kingsley Amis

O caso do amador bem-dotado – J.C. Masterman

O falecido Sherlock Holmes – James M. Barrie

Sherlock Holmes e o mistério Drood – Edmund Pearson

Penetrando em Sherlock – A.A. Milne

Extraído da caderneta de um detetive – P.G. Wodehouse

O rubi de Khitmandu – Hugh Kingsmill

A aventura do inseto notável – August Derleth

Um estudo de caligrafia – Ring W. Lardner

O caso de morte e mel – Neil Gaiman

Assassinato em ré maior – Anthony Burgess

No princípio

Uma noite com Sherlock Holmes – James M. Barrie

Histórias que deram errado: as aventuras de Sherlaw Kombs – Robert Barr

Sherlock Holmes vs. Conan Doyle – Anônimo

A pluma do duque – R.C. Lehmann

O signo dos “400” – Roy L. Mccardell

Sem Holmes

Codeína (7%) – Christopher Morley

O caso da Sra. Hudson – Laurie R. King

O problema final – Bliss Austin

De outro lugar

A aventura do lobo fantasma – Anthony Boucher

As joias da coroa de Marte – Poul Anderson

Sherlock entre os espíritos – Anônimo

O caso dos patriarcas desaparecidos – Logan Clendening

O diabo e Sherlock Holmes – Loren D. Estleman

Mantendo a lembrança viva

O estranho caso dos roubos no Megatério – S.C. Roberts

Uma noite com Sherlock Holmes – William O. Fuller

A aventura da caixa de madeira – Leslie S. Klinger

O bergantim abandonado – Sam Benady

A aventura do canário curioso – Barry Day

A aventura do editor de arte assassinado – Frederic Dorr Steele

O escândalo da substituição de Darlington – David Stuart Davies

O problema das nódoas roxas – James C. Iraldi

Folha de rosto

Você acha isso engraçado?

A aventura da segunda bolsa – Robert Barr

Pura sorte de novo – Stanley Rubinstein

Um enigma pragmático – John Kendrick Bangs

Herlock Shomes de novo em ação – Anônimo

O assassinato da Reigate Road – Anthony Armstrong

A beldade resgatada – William B. Kahn

O casamento de Sherlock Holmes – Gregory Breitman

O retorno de Sherlock Holmes – E.F. Benson e Eustace H. Miles

O desmascaramento de Sherlock Holmes – Arthur Chapman

A aventura do colar de brilhante – George F. Forrest

A aventura do empate de Ascot – Robert L. Fish

Vitorianos contemporâneos

Um caso de identidade equivocada – Colin Dexter

Acontecimentos estarrecedores na cidade eletrificada – Thomas Perry

O caso da loucura do coronel Warburton – Lyndsay Faye

O espectro da abadia de Tullyfane – Peter Tremayne

A aventura do estalajadeiro da Dorset Street – Michael Moorcock

A aventura do lagarto venenoso – Bill Crider

Refém do destino – Anne Perry

A aventura de Zolnay, o trapezista – Rick Boyer

As pegadas de um escritor gigantesco

Terá Sherlock Holmes conhecido Hercule…? – Julian Symons

Um caso insignificante – H.R.F. Keating

Raffles: o enigma do chapéu do almirante e Raffles na pista do cão de caça – Barry Perowne

Raffles na pista do cão de caça – Barry Perowne

A aventura da mensagem cifrada na areia – Edward D. Hoch

Fábrica de Sopa South Sea – Kenneth Millar

A aventura do varal – Carolyn Wells

Sherlock Holmes e o muffin – Dorothy B. Hughes

O homem da Cidade do Cabo – Stuart M. Kaminsky

Mas nosso herói não estava morto – Manly Wade Wellman

A aventura do homem marcado – Stuart Palmer

Agradecimentos por permissões

Colofão

Document Outline

- Folha de rosto
- Ficha catalográfica
- Sumário
- Introdução, por Otto Penzler
- Tão familiar quanto uma rosa na primavera
  - O “Hamlet” único – Vincent Starrett
  - O estojo de charutos roubado – Bret Harte
  - O caso do homem procurado – Arthur Whitaker
  - A aventura dos dois colaboradores – James M. Barrie
  - Os investigadores – O. Henry
  - Holmes e a mulher incrivelmente sedutora – A.B. Cox
  - Uma história policial irredutível – Stephen Leacock
  - A maleta do doutor – Stephen King
- A literatura do crime
  - O mistério de Darkwater Hall – Kingsley Amis
  - O caso do amador bem-dotado – J.C. Masterman
  - O falecido Sherlock Holmes – James M. Barrie
  - Sherlock Holmes e o mistério Drood – Edmund Pearson
  - Penetrando em Sherlock – A.A. Milne
  - Extraído da caderneta de um detetive – P.G. Wodehouse
  - O rubi de Khitmandu – Hugh Kingsmill
  - A aventura do inseto notável – August Derleth
  - Um estudo de caligrafia – Ring W. Lardner
  - O caso de morte e mel – Neil Gaiman
  - Assassinato em ré maior – Anthony Burgess
- No princípio
  - Uma noite com Sherlock Holmes – James M. Barrie
  - Histórias que deram errado: as aventuras de Sherlaw Kombs – Robert Barr
  - Sherlock Holmes vs. Conan Doyle – Anônimo
  - A pluma do duque – R.C. Lehmann
  - O signo dos “400” – Roy L. Mccardell
- Sem Holmes
  - Codeína (7%) – Christopher Morley

    - O caso da Sra. Hudson – Laurie R. King
    - O problema final – Bliss Austin
- De outro lugar
    - A aventura do lobo fantasma – Anthony Boucher
    - As joias da coroa de Marte – Poul Anderson
    - Sherlock entre os espíritos – Anônimo
    - O caso dos patriarcas desaparecidos – Logan Clendening
    - O diabo e Sherlock Holmes – Loren D. Estleman
- Mantendo a lembrança viva
    - O estranho caso dos roubos no Megatério – S.C. Roberts
    - Uma noite com Sherlock Holmes – William O. Fuller
    - A aventura da caixa de madeira – Leslie S. Klinger
    - O bergantim abandonado – Sam Benady
    - A aventura do canário curioso – Barry Day
    - A aventura do editor de arte assassinado – Frederic Dorr Steele
    - O escândalo da substituição de Darlington – David Stuart Davies
    - O problema das nódoas roxas – James C. Iraldi
- Folha de rosto
- Você acha isso engraçado?
    - A aventura da segunda bolsa – Robert Barr
    - Pura sorte de novo – Stanley Rubinstein
    - Um enigma pragmático – John Kendrick Bangs
    - Herlock Shomes de novo em ação – Anônimo
    - O assassinato da Reigate Road – Anthony Armstrong
    - A beldade resgatada – William B. Kahn
    - O casamento de Sherlock Holmes – Gregory Breitman
    - O retorno de Sherlock Holmes – E.F. Benson e Eustace H. Miles
    - O desmascaramento de Sherlock Holmes – Arthur Chapman
    - A aventura do colar de brilhante – George F. Forrest
    - A aventura do empate de Ascot – Robert L. Fish
- Vitorianos contemporâneos
    - Um caso de identidade equivocada – Colin Dexter
    - Acontecimentos estarrecedores na cidade eletrificada – Thomas Perry
    - O caso da loucura do coronel Warburton – Lyndsay Faye
    - O espectro da abadia de Tullyfane – Peter Tremayne
    - A aventura do estalajadeiro da Dorset Street – Michael Moorcock
    - A aventura do lagarto venenoso – Bill Crider
    - Refém do destino – Anne Perry
    - A aventura de Zolnay, o trapezista – Rick Boyer

- As pegadas de um escritor gigantesco
  - Terá Sherlock Holmes conhecido Hercule…? – Julian Symons
  - Um caso insignificante – H.R.F. Keating
  - Raffles: o enigma do chapéu do almirante e Raffles na pista do cão de caça – Barry Perowne
  - Raffles na pista do cão de caça – Barry Perowne
  - A aventura da mensagem cifrada na areia – Edward D. Hoch
  - Fábrica de Sopa South Sea – Kenneth Millar
  - A aventura do varal – Carolyn Wells
  - Sherlock Holmes e o muffin – Dorothy B. Hughes
  - O homem da Cidade do Cabo – Stuart M. Kaminsky
  - Mas nosso herói não estava morto – Manly Wade Wellman
  - A aventura do homem marcado – Stuart Palmer
- Agradecimentos por permissões
- Colofão